Edições Colibri

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO — ULISBOA

HISTÓRIAS COM VIDA & VIDAS COM HISTÓRIA

Ana Isabel Madeira
e Helena Cabeleira

HISTÓRIAS COM VIDA

&

VIDAS COM HISTÓRIA

Ana Isabel Madeira & Helena Cabeleira

HISTÓRIAS COM VIDA
&
VIDAS COM HISTÓRIA

Edições Colibri

Imagem da capa: Leite escolar da Cáritas – 1959, Vales" (Cardigos, Mação). Espólio particular de Teresa de Jesus Martins. Digitalização por Helena Cabeleira (2019)

Título: Histórias com Vida & Vidas com História.

Autoras: Ana Isabel Madeira e Helena Cabeleira

Editção: Edições Colibri / Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Capa: Raquel Ferreira

ISBN 978-989-566-226-5

Lisboa, Setembro de 2022

Índice

Notas introdutórias sobre os processos de construção do Banco de Memórias da Educação do PIS (Out. 2018 – Set. 2021) 7

1. Sinopse do trabalho de campo realizado no âmbito do Eixo Memória 12

1.1. A fase de sensibilização da comunidade sénior local 12

1.2. Processo de amostragem: a bola de neve 13

1.3. Guião e protocolo da entrevista 15

1.4. O contexto de desenvolvimento das actividades de investigação no terreno 16

2. Das histórias com vida às vidas com história: o que foi feito e o que fica por fazer 18

2.1. Histórias com Vida ou as gramáticas da escola na região do PIS 20

Bibliografia 22

Entrevistas orais do Projecto MRIR 25

Anexo – Guião Entrevistas Orais MRIR 611

Histórias com Vida & Vidas com História

Ana Isabel Madeira & Helena Cabeleira

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Notas introdutórias sobre os processos de construção do Banco de Memórias da Educação do PIS (Out. 2018 – Set. 2021)

A ideia central que deu corpo ao projecto *Memórias Resgatadas Identidades (Re)construídas* foi, desde o início, a possibilidade de pensar a educação a partir das experiências dos próprios sujeitos. Para tal, o projecto propôs-se desenvolver um trabalho de investigação sustentado nas 'aprendizagens em rede' (universidades, órgãos locais de governo, associações, estabelecimentos de ensino, cidadãos) tornando possível criar dinâmicas educativas e culturais inovadoras, capazes de potenciar a cidadania activa e a coesão da comunidade através da partilha de experiências e memórias. Por outro lado, o desencadear destas dinâmicas assentou na convicção de que as aprendizagens intergeracionais e a partilha pública de memórias e histórias de vida 'educacionais' permitiriam (re)construir um espaço de participação cívica e identitária, no interior da qual se articularia o desenvolvimento do potencial humano ao nível regional e o investimento em conhecimento transferível para a melhoria das condições de vida das populações. Este objectivo geral desencadeou, entre outros dispositivos já referidos noutro lugar[1], um processo de resgate da memória através da utilização de metodologias da história oral, no sentido de estudar os processos de relacionamento com a *cultura escolar* no contexto de processos de escolarização formais e informais, em contextos de socialização predominantemente rurais (Viñao, 2008, p. 22).

A força da história oral consiste – como sabemos – no próprio facto de esta metodologia constituir, em si mesma, um desafio. Isto porque investigar o passado por intermédio da história oral implica, em primeira instância, estabelecer os termos de um diálogo e de um compromisso activo entre quem fala e quem escuta. O que, por sua vez, obriga muitas vezes *quem escuta* a respeitar três fidelidades: "ouvir a voz dos excluídos, trazer à luz realidades 'indescritíveis' e testemunhar situações de extremo abandono" (Joutard, 2000, p. 33).

A história da escola e da escolarização em meio rural, bem como a da participação (e exclusão) dos indivíduos desses processos de socialização é, certamente, um dos temas mais negligenciados da historiografia da educação portuguesa. Por outro lado, resgatar memórias sobre a escola e os processos de escolarização em meio rural é acercarmo-nos

[1] Cf. A monografia do Projecto MRIR "Memórias Resgatadas, Identidades (Re)construídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais", Ana Isabel Madeira, Helena Cabeleira & Justino Magalhães (eds.), Lisboa: Colibri (2022).

de um objecto de estudo praticamente insondável. Trata-se de uma "realidade indescritível", no sentido em que os arquivos escritos são sempre raros ou insuficientes para descrever – e, sobretudo, para se compreenderem – "as verdadeiras razões de uma decisão, o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis" (Joutard, 2000, p. 34).

A história oral é uma via de acesso privilegiada a uma história antropológica, mas é também uma área de investigação onde é grande o perigo de confundir ideologia e epistemologia, militância e distância, oralidade e veracidade. Por essa razão, o trabalho de arquivo, a análise de imagens e a observação – tão atenta quanto crítica – articulam-se como estratégias de triangulação face aos testemunhos da oralidade, num jogo de vigílias indispensáveis. Trazer à luz o património imaterial da educação por intermédio de metodologias da história oral – como a entrevista –, implica estabelecer um pacto de confiança e a criação de uma dinâmica relacional entre entrevistadores e entrevistados, processo através do qual se produz a (re)construção da memória com uma fortíssima projecção da identidade. Esta equação tem duas partes, e é na relação das partes que a história se inscreve e se fixa como fonte. E este é talvez o momento mais crítico de todo o processo da história oral com recurso à entrevista (Rubin & Rubin, 2005). Por essa razão o protocolo da entrevista, as condições que rodeiam a sua realização, bem como a experiência e a maturidade do entrevistador, são aspectos fulcrais do processo de resgate da memória que transformam o momento do registo da oralidade num *documento-monumento* para memória futura (Ferreira, 1994; Alberti & Pereira, 2008).

No âmbito de desenvolvimento do Projecto MRIR, estas preocupações encontraram a sua tradução em problematizações e procedimentos metodológicos que deram origem ao *Eixo Memória*. Este eixo centrou-se na questão das memórias sobre as experiências de escolarização, isto é, memórias referidas a uma actividade empreendida num tempo e num espaço concretos: o espaço-tempo escolar (Meda & Viñao, 2017). Este procedimento tornou possível alcançar, por intermédio da voz dos próprios sujeitos, um conjunto de manifestações que a historiografia educacional designa como *cultura escolar* (Julia, 1995; Chervel, 1998), ou seja, o conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, costumes, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e de pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas no decurso do tempo sob a forma de "tradições, regularidades e regras partilhadas no interior das instituições educativas" (Viñao, 2008, p. 22). Considerando que o processo educativo não decorre unicamente da socialização escolar, mas muito intensamente da interacção entre gerações heterogéneas pertencentes a épocas diferentes, pareceu-nos igualmente importante considerar as biografias educativas informais (Vieira, 2011).

Assim, num primeiro momento, o foco do nosso estudo concentrou-se na possibilidade de captar e documentar – a partir de registos áudio – relatos, testemunhos, memórias, recordações ou representações com forte carga valorativa, simbólica e experiencial, associada às vivências escolares, aos percursos de escolarização e à relação dos indivíduos (e das próprias comunidades locais) com a escola e a cultura escolar. Por outro lado, o nosso estudo pretendia igualmente identificar casos de indivíduos (ou comunidades específicas) cuja biografia estivesse marcada por algum percurso de alfabetização por vias alternativas à escola formal ou que, de algum modo, pudessem relatar (ainda que na segunda ou terceira pessoas) algum tipo de experiência de formação extra-escolar, incluindo formas de aquisição de competências e conhecimentos sedimentados em práticas comunitárias relacionadas com dinâmicas próprias da sociedade camponesa.

Em suma, por via da história oral e, designadamente, por intermédio de entrevistas orais (semi-estruturadas) tratou-se de produzir uma memória sobre a escola em meio rural

que pudesse, sobretudo, contemplar a voz dos próprios indivíduos na produção de conhecimento histórico acerca de percursos educacionais até agora desconhecidos, ou simplesmente esquecidos, pela historiografia educacional: a resiliência (ou resistência) no envio das crianças à escola, os obstáculos nos caminhos para a escola, os percalços na aquisição da escrita, a proximidade (ou distanciamento) da comunidade face à cultura escolar, a relação entre os ritmos e rituais da sociedade rural com as rotinas e as práticas escolares, as dificuldades inerentes à obtenção de formação profissional e ao exercício da profissão docente, o lugar das professoras e regentes escolares na profissão docente, a gestão quotidiana das práticas da sala de aula, os materiais didácticos e curriculares, as metodologias e inovações pedagógicas, os métodos de avaliação, castigo ou recompensa que eram dirigidos aos alunos e, por vezes, aos próprios professores, etc.

A utilização da metodologia das *histórias de vida* foi particularmente importante para trabalhar a memória da escola encarada não apenas 'a partir de dentro', isto é, como é que a escola era representada pela subjectividade individual, mas também 'a partir do exterior', ou seja, como é que ela era percepcionada pelas elites, pela comunidade, pela sociedade local (Dominicé, 1990; Nóvoa, 1992; Dubar, 1997). De salientar que, enquanto as memórias individuais podem ser compreendidas individualmente ou comparadas como fontes, a memória colectiva só pode ser estudada como um *processo*, uma vez que consiste numa reconstrução social do passado, originada pela fusão entre a memória das experiências de escolarização (reportadas directamente pelos sujeitos) e as narrativas sobre a história da escola (subordinadas às políticas da memória). Ou seja, a história oral permite não apenas compreender de que modo o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como é que essas memórias se constituíram (Alberti, 2005, p. 9).

Os pressupostos teóricos e conceptuais que iluminaram as práticas de investigação associadas a este *trabalho de enquadramento da memória* (Rousso, 1985, p. 73) foram amplamente discutidos no texto de abertura da monografia do projecto MRIR.[2] O presente e-book destina-se, mais precisamente, a explicitar os procedimentos metodológicos, as técnicas de recolha da informação e os resultados do trabalho mobilizado para o seu resgate. Deste modo, a transformação dos *testemunhos* em *fontes* passou, como referido, pelo recurso às metodologias da história oral, tendo em conta a profundidade da informação a obter e as características do nosso *arquivo vivo*, registando-se em suporte áudio o discurso directo dos indivíduos cujas memórias estávamos a resgatar (Joutard, 1998; Quivy & Campenhoudt, 1998). Em complementaridade, utilizámos outros procedimentos para trabalhar a matéria-prima "testemunhos" quer através do recurso a materiais auto-biográficos (livros publicados, ou outros documentos escritos ou manuscritos guardados em espólios particulares ou familiares), quer ainda utilizando a iconografia como *lugar de memória* para a rememoração (Pineau & Michèle, 1983; Bourdieu, 1986; Wieviorka, 1998; Josso, 2002).

O conjunto de entrevistas (a 39 indivíduos) aqui disponibilizadas, foram seleccionadas entre um universo de 83 indivíduos que responderam ao Guião (por via oral, manuscrita ou informática), correspondendo esse total a entrevistas que foram colhidas presencialmente pelos investigadores do Projecto MRIR no território do PIS (desde Agosto de 2019 até Fevereiro de 2020), ou que nos foram sendo enviadas pelos próprios entrevistados por intermédio de correio postal ou electrónico.[3] Até à data da declaração do Estado de Emer-

[2] Cf. Ana I. Madeira & Helena Cabeleira, "Apresentação do projecto MRIR". In *Memórias Resgatadas, Identidades (Re)construídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais*. Lisboa: Colibri, 2022.

[3] A divulgação do Projecto MRIR junto das comunidades seniores do PIS (desde Outubro de 2018 a

gência pandémica (meados de Março de 2020), o projecto tinha recolhido e/ou registado em formato audiovisual 45 entrevistas orais e 38 entrevistas ou outros testemunhos escritos, concedidos por indivíduos com idades compreendidas entre os 50 e os 100 anos de idade, residentes nos Concelhos de Mação (33), Proença-a-Nova (25), Vila de Rei (12), Sertã (10) e Oleiros (4). Entres estes, 47 indivíduos (17 homens e 30 mulheres) frequentavam as Universidades ou Academias Seniores da sua localidade no ano lectivo de 2019--20. Refira-se, no entanto, que embora o grosso volume de entrevistas tenha sido recolhido ou gravado no período de 6 meses que antecedeu a chegada do Coronavírus a solo nacional, desde Março de 2020 até Setembro de 2021 mantivemos contacto (por via telefónica, correio postal ou electrónico) com a maioria dos nossos entrevistados, e recolhemos inclusivamente novos testemunhos orais e escritos (e outros tipos de documentação) que pudessem complementar a informação já anteriormente recolhida, sobretudo, naquilo que dizia respeito a aspectos que não foram inicialmente previstos – nem contemplados no Guião das Entrevistas que foi aplicado –, nomeadamente, assuntos relacionados com as memórias de pandemias passadas (ou outros surtos epidemiológicos) na região do Pinhal Interior Sul, no período de 1918 a 2020.[4]

As entrevistas transcritas que constam nesta publicação são reflexo de todo um trabalho de resgate e contextualização da memória num território específico – o Pinhal Interior Sul –, e são também o resultado mais visível de um 'trabalho de campo' exaustivamente realizado durante três anos por parte de dois investigadores do Projecto MRIR, e do qual se podem contabilizar milhares de quilómetros em deslocações no terreno e mais de 90 horas de registos gravados em suporte áudio ou audiovisual (incluindo nesta contagem apenas aqueles registos que foram efectivamente transcritos na integra). Esta colheita permitiu constituir um Banco de Memórias sobre experiências de escolarização nos vários concelhos e freguesias de Mação, Proença-a-Nova, Vila de Rei, Sertã e Oleiros, composto pelas 45 entrevistas orais (registadas em formato áudio e/ou audiovisual) documentando memórias individuais sobre percursos escolares e processos de alfabetização (formais ou informais), e integrando também um conjunto de materiais iconográficos (sobretudo, fotográficos) relativos a auto-biografias, álbuns de família e *memorabilia* escolar dos

Maio de 2019), e o inicio dos trabalhos de procura e identificação sistemática de voluntários para a concessão de entrevistas orais ou escritas (desde Abril de 2019) acabou por gerar um grande impacto junto dos alunos das Universidades Seniores de Proença-a-Nova, Mação e Vila de Rei, pelo que desde o inicio dos trabalhos de realização das entrevistas, foram muitas as pessoas que se foram disponibilizando para nos dar informações, ou nos foram contactando para solicitar a oportunidade de participar no projecto, havendo inclusivamente várias pessoas que, embora não tendo contactado directamente com os investigadores do Projecto MRIR, acabaram por nos fazer chegar (por intermédio de algum amigo ou familiar, ou até por interpelação directa através de e-mail) algum tipo de contributo narrativo ou iconográfico.

[4] As conversas e entrevistas (informais) que tiveram lugar entre Março de 2020 e Setembro de 2021 com muitas das pessoas que tinham já sido entrevistadas até Março de 2020, permitiu-me recolher um conjunto de informações acerca de memórias da Gripe Espanhola, Gripe Asiática e Gripe de Hong Kong, e do seu impacto na região (e nas escolas) do PIS. Esse trabalho de recolha, embora não estivesse inicialmente previsto no calendário e no plano de trabalhos agendado para o Projecto MRIR, acabou por se verificar imprescindível para o cumprimento de índices de realização como a publicação de artigos científicos (Cabeleira, H. & Madeira, A., 2022), e também se verificou relevante na produção de novos resultados e produtos como a entrevista à Rádio TSF: "Memórias do Pinhal Interior resgatadas para devolver identidade e orgulho às comunidades locais" (6 de Abril de 2021), e a Reportagem SIC Notícias: "Memórias resgatadas: Gripe Espanhola e Covid-19. Investigadores comparam efeitos das pandemias em Portugal" (25 de Abril 2021), que deram uma visibilidade nacional ao Projecto MRIR e às próprias Comunidades Inter-Municipais do PIS.

entrevistados.[5] O registo destes testemunhos orais em formato áudio foi, em muitos casos, acompanhado de filmagens em formato audiovisual destinados a documentar conteúdos de natureza visual ou iconográfica. Posteriormente, revelou-se pertinente a edição e montagem de uma parte destes registos audiovisuais para a criação de uma série de pequenos videos (de curta diração) destinados a publicação e divulgação *online* – as Fotos Faladas.[6]

As actividades e tarefas realizadas no âmbito do Projecto MRIR – em particular, aquelas que se desenvolveram no âmbito do *Eixo Memória* – envolveram um conjunto muito amplo de participantes seniores residentes na região do PIS, mas também as próprias autarquias e respectivas instituições locais. Este processo foi objecto de acompanhamento por parte da Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa que confirmou os padrões de referência das actividades investigativas desenvolvidas pela equipa do projecto MRIR, segundo os princípios da Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.[7] Os participantes foram informados acerca dos objectivos do projecto, sendo-lhes garantida protecção e confidencialidade (sempre que solicitado), para além da obtenção do consentimento informado relacionado com a publicação e divulgação dos resultados da entrevista em profundidade. Embora a Carta Ética preveja que este consentimento possa revestir a forma oral ou escrita, a coordenação do projecto adoptou pela forma escrita como mandatória, remetendo ao anonimato as entrevistas em relação às quais tal consentimento, por mudança de residência ou outro motivo de força maior, não pôde ser obtido.

Na presente publicação encontram-se maioritariamente representadas as entrevistas orais (registadas em suporte áudio ou audiovisual) que foram realizadas no terreno do PIS entre Agosto de 2019 e Fevereiro de 2020, e respectivamente transcritas entre Fevereiro e Dezembro de 2020. A nossa opção pela selecção de um número mais restrito de entrevistas para efeitos de publicação neste e-book (e, consequentemente, pela não inclusão da totalidade dos contributos orais ou escritos que nos foram concedidos, ou que nos chegaram por diversas vias) prende-se, essencialmente, com duas ordens de questões ou problemas, designadamente: a) questões propriamente metodológicas (a natureza dos próprios conteúdos narrativos constantes de cada entrevista, e a sua maior proximidade ou afastamento em relação aos temas e aos tópicos que pretendíamos ver esclarecidos inicialmente

[5] Nestas 45 entrevistas orais (correspondentes a 45 pessoas entrevistadas segundo os moldes previamente definidos no Guião da Entrevista semi-estruturada), incluem-se várias entrevistas que foram realizadas a duas ou mais pessoas em simultâneo (num dos casos foram entrevistadas 5 pessoas ao mesmo tempo), e há também situações em que a mesma pessoa contribuiu com mais de uma entrevista, como por exemplo: Ana Cristóvão Afonso (cuja entrevista oral em resposta ao guião suscitou necessidade de prolongar contactos que se estenderam no tempo e foram objecto de várias gravações áudio e audiovisuais), Isilda Ribeiro Martins (cuja entrevista se multiplicou em várias sessões e gerou várias ligações com outros entrevistados) e Albertina Castanheira (que numa fase inicial do projecto respondeu por escrito ao guião da entrevista, mas cujo contributo ficou bastante limitado por esse guião, verificando-se a necessidade de estender no tempo e nos espaços os encontros e as conversas que, inclusivamente, foram gravadas em registo audiovisual e posteriormente transformadas na série *Fotos Faladas*).

[6] A série Fotos Faladas resultou de gravações audiovisuais realizadas por Helena Cabeleira (investigadora contratada) em simultâneo com as entrevistas orais. Posteriormente, alguns destes registos foram seleccionados e entregues a um técnico audiovisual para corte, edição e montagem dos mesmos. Alguns destes conteúdos multimédia estão disponíveis no Canal Youtube MRIR: https://www.youtube.com/channel/UC_hMyAip45VyFP2BfPX9AeA/videos

[7] Deliberação n.º 453/2016 do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa: Carta Ética para a Investigação em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (2016). Diário da República, n.º 52, série II de 15-03-201 – Orientações para a investigação em Educação e Formação, alínea, 1, 2, 3 e 4, p. 9153.

– ou seja, a maior proximidade desses contributos em relação a questões que se relacionam directamente com a história da educação no PIS); b) problemas diversos relacionados com o (in)cumprimento do protocolo ético estabelecido para a realização das entrevistas (termos de autorização escritos, etc.), ou outros critérios que nos permitissem assegurar a qualidade e/ou legitimidade da publicação destes conteúdos.[8]

1. Sinopse do trabalho de campo realizado no âmbito do Eixo Memória

1.1. A fase de sensibilização da comunidade sénior local

A divulgação do projecto MRIR entre os habitantes locais do Pinhal Interior Sul (PIS) constituiu uma das prioridades iniciais da investigação. A nossa abordagem ao terreno contou com o apoio de diversos parceiros locais (municípios, associações, instituições de ensino, imprensa local) como interlocutores fundamentais do projecto e como veículos para a sua dinamização junto das populações (Maykut & Morehouse, 1994). No âmbito dessas actividades iniciais de "sensibilização" a equipa do projecto MRIR realizou, entre Outubro de 2018 e Março de 2019, diversas reuniões com responsáveis autárquicos e com os parceiros institucionais locais e tornou pública a sua voz na imprensa local através da publicação de dois artigos de enquadramento do projecto.[9] Do ponto de vista da divulga-

[8] A este respeito, refira-se o facto de todos os nossos entrevistados (sem excepção) se terem voluntariado para esse efeito, e terem manifestado desde o inicio a sua inteira disponibilidade, concordância e autorização para que o Projecto MRIR pudesse recolher e fazer uso dos seus testemunhos (e outros materiais fornecidos no âmbito das entrevistas) para o cumprimento de finalidades de publicação e/ou divulgação 'científica' e 'pedagógica'. Uma grande maioria desses entrevistados deixou registado em formato oral (gravado) ou em formato escrito (termos de autorização) a sua vontade de participar no Projecto MRIR e a sua concordância com os fins a que o Projecto MRIR se propunha, e com os produtos que iriam decorrer da utilização do seu testemunho oral e escrito. No entanto, houve também casos em que os entrevistados recuaram nessa primeira autorização e concordância que nos deram 'verbalmente' aquando da realização da entrevista oral, ou que por motivos relacionados com a sua frágil literacia ou incompreensão das formalidades académicas e protocolos éticos envolvidos neste processo, não se disponibilizaram para assinar o termo de autorização (escrito), preferindo apenas manter a sua 'palavra dada' em detrimento da validação escrita. Outros casos houve ainda em que as entrevistas foram enviadas por e-mail (ou entregues em mãos aos investigadores, por interposta pessoa), sem se fazerem acompanhar do respectivo termo de autorização (devidamente assinado pelo entrevistado). Outras vezes, aconteceu que as entrevistas orais foram realizadas em ambientes 'públicos' – como as instalações das Universidades Seniores – cujas condições para a realização de entrevistas orais nem sempre eram as melhores, obrigando a que algumas entrevistas fossem interrompidas (ou posteriormente retomadas), e nem sempre se tenha verificado ocasião para assinatura imediata do termo de autorização (o que obrigou, mais tarde, à marcação de encontros para essa finalidade). A emergência pandémica dificultou em muito este processo, ao inviabilizar as condições para que alguns entrevistados pudessem ser contactados presencialmente para efeitos de assinatura dos termos de autorização. Em outros casos – sobretudo, nas entrevistas respondidas por via escrita – os respondentes não forneceram os seus dados pessoais, nem os seus contactos, ou não preencheram correctamente o Guião de entrevistas, o que inviabilizou a tarefa de validar esses contributos para efeitos de processamento de conteúdos e publicação de dados. Ainda assim, o Projecto MRIR contabilizou todos esses contributos, e procurou integrá-los (tanto quanto possível) nos seus produtos finais.

[9] A título de exemplo, destacamos a reunião com a equipa do Instituto Terra e Memória (Mação) e a participação na sessão da abertura da "Feira-Mostra" de Mação (27 Jun.-1 Jul., 2018) onde foi possível estabelecer um relacionamento com os responsáveis locais pelos pelouros da cultura e da educação da autarquia de Mação (Jun./Jul. 2018) e o encontro com os responsáveis pelos mesmos pelouros na CM de Proença-a-Nova (Out. 2018); assim como a publicação de dois artigos de divulgação na imprensa regional, o primeiro no jornal "Voz da Minha Terra" (25 Jul. 2018), e o segundo na revista "Zahara"

ção científica, o projecto MRIR foi objecto de apresentação na sessão de abertura da Cátedra UNESCO-IPT, realizada no auditório Elvino Pereira em Mação (8 de Março 2019); no 5.º seminário internacional da Associação de Humanidades e Gestão Cultural Integrada do Território (APHELEIA), em Mação (15 de Março de 2019); e no Seminário Interdisciplinar do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, realizado nas instalações do IEUL (15 de Novembro de 2019).

Entretanto, entre Outubro de 2018 e Abril de 2019 decorreram uma série de reuniões com o reitor e com os alunos das Universidades Seniores de Mação e Proença-a-Nova – a principal 'porta de entrada' na comunidade. A operacionalização do projecto MRIR através do recurso às Universidades, Academias e Clubes Seniores locais pareceu-nos, desde o início, a estratégia metodológica mais acertada para iniciar o processo de recolha e sistematização dos testemunhos orais (e escritos) no sentido de produzir conhecimento sobre experiências de vida e percursos de escolarização em meio rural (Wellington, 2000). Em primeiro lugar porque aí conseguimos encontrar uma concentração de indivíduos pertencentes a localidades muito dispersas na paisagem, revelando a existência de padrões (e excepções), relativamente aos processos de escolarização. Segundo, porque nas Universidades Seniores confluem pessoas com motivações e percursos de vida muito variados tornando possível reconstituir um universo de experiências muito rico relativamente às relações da família e das comunidades de pertença com a escolarização, a educação e o ensino em meio rural. Terceiro, porque pelo seu dinamismo e motivação, o contacto com estes indivíduos permitiu-nos constituir uma bolsa de 'informantes privilegiados', capaz de viabilizar um processo de amostragem o mais representativo possível dos diferentes percursos de formação, quer formais, quer informais no contexto do Pinhal Interior Sul (Romney, Batchelder & Weller, 1986). No seu conjunto, as Universidades Seniores com quem trabalhámos mobilizavam, à data de início do processo de colheita sistemática de entrevistas (ano lectivo de 2019-20), cerca de 364 alunos e mais de 50 de professores que asseguravam a oferta formativa em regime de voluntariado.[10]

1.2. Processo de amostragem: a *bola de neve*

A partir do testemunho de alunos da Universidade Sénior de Proença-a-Nova que se voluntariaram para colaborar no projecto MRIR, a equipa começou por elaborar um Guião de Entrevista exploratório. Estas primeiras respostas permitiram-nos corrigir e ajustar o alinhamento das questões no protocolo da entrevista e ajudaram a colmatar situações omissas ou formulações ambíguas (Minichiello, Aroni, Timewell & Alexander, 1990). Num segundo momento, ampliámos a base de extracção da amostra que passou a incluir os alunos que frequentavam a Universidade Sénior de Proença-a-Nova (com um pólo na Sobreira Formosa) e a Universidade Sénior de Mação e, posteriormente, o universo ampliou-se até à Universidade Sénior de Vila de Rei e à Academia Sénior da Sertã. Nesta fase de aproximação ao terreno, o potencial universo da amostra para colheita de entre-

(Jun. 2020). Cf. Referências completas na Bibliografia.

[10] Para um total de 354 Universidades ou Academias Seniores registadas na RUTIS-CASES em 31 de Dezembro de 2019, encontravam-se inscritos: 90 alunos na Academia Sénior da Sertã (registada em 2010 e gerida pelo Centro Cultural e Desporto do Pessoal daquele Município, com o n.º de referência: 166); 94 alunos na Universidade Sénior de Proença-a-Nova (2011, CM, ref. 175); 80 alunos na Universidade Sénior de Mação (2015, CM, ref. 259); 60 alunos na Universidade Sénior de Vila de Rei (2016, CM, ref. 288); e 40 alunos na Universidade Sénior de Oleiros (2019, CM, ref. 353) (RUTIS-CASES, 31-12-2019).

vistas e/ou testemunhos compôs-se por mais de 100 indivíduos (com idades superiores a 60 anos de idade), residentes na área geográfica de incidência do projecto MRIR.

Por norma, a população que frequenta as Universidades Seniores da região do PIS possui características sócio-culturais diferenciadas (e, de certo modo, menos representativas) daquelas que, poderíamos atribuir à generalidade da população mais idosa (e, tradicionalmente, menos escolarizada e mais directamente vinculada ao trabalho agrícola) que habita as freguesias mais remotas da sede de concelho. Por esse motivo decidimos ampliar a representatividade da amostra territorial inicialmente delimitada, de modo a abranger o máximo de testemunhos possíveis pelas diferentes zonas geográficas do PIS. Assim, foram sendo sucessivamente incluídos, através de técnicas de amostragem intencionais, os indivíduos que foram sendo identificadas e/ou sugeridas pelos próprios entrevistados e parceiros institucionais como contributos relevantes, quer para colmatar informações, quer para esclarecer situações não contempladas pelos testemunhos dos alunos das Universidades Seniores (Alberti, 2005, p. 31-32).

Chegámos assim a uma amostra em *bola de neve* ajustada aos problemas definidos na investigação, destinada a ilustrar percursos de educação, formação e de exercício da profissão docente desenvolvidos no âmbito territorial coberto pelas actividades do projecto (Ritchie, Lewis & Elam, 2003). Como é sabido este tipo de amostragem decorre da impossibilidade de obter uma listagem completa dos elementos da população a inquirir, o que implica que um conjunto de elementos já conhecidos da população sejam capazes de identificar outros elementos, segundo um processo em que os primeiros indicam os seguintes e assim sucessivamente.[11] Com o intuito de introduzir alguma proporcionalidade na amostra, definiu-se *à posteriori* um conjunto de categorias, estratificadas segundo as características sociográficas da população a inquirir (género, escalão de idade, localização no território, nível de instrução), assim como a inclusão de quotas relativamente à situação do indivíduo perante o processo de incorporação escolar (Cohen, Manion & Morrison, 2006; Fusch & Ness, 2015). De modo a construir uma amostra o mais aproximada possível dos objectivos da investigação, optou-se pela inclusão de vários sub-grupos que deveriam estar representados na amostra final: professores do ensino primário e secundário; indivíduos que tivessem completado a instrução básica e/ou secundária; indivíduos que tivessem frequentado a escola sem concluir a escolaridade básica; indivíduos que não tendo frequentado a escola, tivessem adquirido competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal (Guest, Bunce & Johnson, 2006).

Segundo os dados colhidos pelo Projecto MRIR entre Agosto de 2019 e Setembro de 2021 – tendo como amostra uma parte dessa população sénior que frequentava, presencialmente, as US de Proença-a-Nova, Mação, Vila de Rei e Sertã nesse ano lectivo –, estes inscritos eram, na sua grande maioria, mulheres com níveis de instrução que variavam entre os mais elementares do ensino primário (3.ª e 4.ª classe) e o ensino superior (sobretudo, professoras do ensino primário aposentadas). No caso dos homens, muitos deles apresentaram níveis de instrução mais próximos do equivalente ao ensino secundário e superior (técnico ou comercial), ou até mesmo universitário. Não foram detectados casos de alunos ou alunas que frequentassem alguma destas US sem terem algum tipo de escolaridade ou alfabetização prévia. No seio destas instituições vocacionadas para a educação e formação da terceira idade, não se encontraram representados quaisquer indivíduos não alfabetizados e/ou alfabetizados por vias informais ou autodidactas.

[11] A amostra vai crescendo como uma "bola de neve", designação que é normalmente utilizada para descrever este procedimento de amostragem.

1.3. Guião e protocolo da entrevista

O objecto central da entrevista semi-estruturada consistiu em recuperar, por intermédio da reactivação da memória dos informantes, uma narrativa referida à experiência escolar de cada sujeito, com especial incidência nas memórias acerca da instrução primária (Foddy, 2002). A organização desta narrativa subordinou-se à obtenção de informação em quatro campos de problemáticas:

a) ***O tempo-espaço da escola*:** O quotidiano da escola (entrada nas aulas, decorrer das lições, idas ao quadro, ditados e cópias, intervalos e recreios, pausas para alimentação); as temporalidades do calendário escolar (períodos escolares, calendários laico e calendário religioso, efemérides locais, tradições e festividades, rituais de passagem, férias escolares); temporalidades do modelo escolar e temporalidades sociais/ comunitárias; relações rural/urbano, tradição/modernidade); o espaço físico da escola (inserção da escola na paisagem, edifício, equipamentos, materiais escolares, imagens, etc.);

b) ***O percurso de escolarização:*** Percurso escolar (enquanto aluno, professor(a), mestra, regente, director(a), auxiliar, etc.); representações sobre os(as) professores(as), isto é, a imagem do professor, modos de relacionamento, etc.; representações acerca da educação, do ensino e da Escola (sentido atribuído à educação escolarizada no seio da família, expectativas em relação à escola e ao desempenho escolar; processos de ensino-aprendizagem); currículo; estratégias de ensino dos professores; dificuldades de aprendizagem experimentadas; castigos, punições e recompensas; prémios, concursos e distinções;

c) ***As relações entre os modelos de socialização e as aprendizagens escolarizadas*:** Relação da comunidade com a instituição escolar; concepções sobre educação e instrução; interacção da comunidade com a escola e os professores, participação da Escola na vida da comunidade; concepções sobre género e idade no contexto das aprendizagens formais e na comunidade; relação entre pares em contexto escolar; coeducação; Acção Social Escolar (modalidades, apoios, práticas comunitárias); relações da cultura letrada com a oralidade (lendas, contos, tradições locais); aprendizagens inter-geracionais;

d) ***Os sistemas de transmissão de saberes extra-escolares*:** Percursos de formação experiencial alternativos (trajetórias de formação de adultos e sistemas de transmissão de saberes extra-escolares; ensino doméstico; ensino particular; ensino missionário)[12].

Para além das entrevistas (cujos campos de problemáticas acabámos de sintetizar), recorremos à metodologia das *histórias de vida*, solicitando um relato livre sobre a temática das experiências escolares e, sempre que possível, a organização (pelos próprios indivíduos entrevistados) de arquivos pessoais (provas de exame, exercícios escolares, redações, ditados, fotografias, cadernos escolares, correspondência, diplomas, etc.), bem como a realização de autobiografias em suporte escrito (Hammersley & Atkinson, 1994). Parte destes materiais está a ser disponibilizada em formato digital no Website do Projecto MRIR.[13] Refira-se, a este propósito, que a recolha de entrevistas segundo o Guião semi-

[12] O Guião e protocolo da entrevista realizada encontra-se em anexo, no final deste livro.

[13] Veja-se: "E1 – Memória": http://memorias.resgatadas.ie.ulisboa.pt/e1-memoria/

-estruturado inicialmente previsto, revelou-se particularmente desafiante, dada a pouca familiaridade da maioria dos entrevistados com a prática da escrita e, sobretudo, da escrita por meios informáticos ou digitais. Com efeito, só um número muito restrito dos nossos entrevistados (cerca de 19) manifestou algum nível de capacidade para aceder a ferramentas como o *e-mail* ou programas de processamento de texto por via informática. Daí que a grande maioria dos participantes tenha optado, logo no início, por modalidades de entrevista oral (ou outras modalidades de conversação menos estruturadas), ou ainda pela entrega (em mãos) de testemunhos manuscritos e outros tipos de documentação avulsa como fotografias, álbuns de família, cartas, etc.

1.4. O contexto de desenvolvimento das actividades de investigação no terreno

O desenvolvimento, no terreno, do projecto MRIR deparou-se com inúmeros constrangimentos. No verão de 2019, os incêndios florestais que assolaram o Pinhal Interior Sul interromperam as actividades de investigação que estavam previstas, em particular nos concelhos de Mação e de Vila de Rei, uma vez que, para além da falta de meios de comunicação (móveis ou fixos), do corte de abastecimento de energia, da quebra das rotinas quotidianas (nomeadamente face à evacuação das aldeias) e, principalmente, pelo estado geral de perturbação dos mais idosos, foi impossível realizar entrevistas orais extensas e em profundidade, processos em que a rememoração exige um ambiente de calma e tranquilidade. Esta circunstância levou ao cancelamento e adiamento de dezenas de encontros agendados com as populações seniores locais, obrigando à re-calendarização das entrevistas orais (e respectiva colheita de registos áudio e vídeo), uma tarefa que se prolongou por meses além do previsto e que acabou por se sobrepor a outras actividades de recolha de informação (em arquivos locais, bibliotecas, espólios privados, registo de imagens relacionados com o património escolar edificado, etc.).

Na sequência da declaração do estado de emergência devido à pandemia COVID-19 (e decorrentes períodos de confinamento decretados pelo governo entre Março e Maio de 2020 e entre Janeiro e Março de 2021), o normal desenvolvimento das actividades previstas no plano de trabalhos do projecto MRIR ficou, novamente, comprometido. Referimo-nos às restrições relacionadas com a circulação entre concelhos, ao encerramento das universidades seniores, ao isolamento imposto às populações do PIS (quer por motivos naturais e geográficos, quer por precaução sanitária), ao encerramento dos arquivos, escolas e instituições culturais municipais, etc. Tudo isto contribuiu para que os trabalhos de campo em curso fossem duramente penalizados, sobretudo ao longo do primeiro ano da pandemia e, em particular, até ao Verão de 2021, altura em que a população idosa estava já, na sua maioria, vacinada. Por isso, contrariando todos os pressupostos estruturantes do projecto MRIR – intervenção, participação, práticas colaborativas –, a pandemia criou enormes dificuldades à operacionalização de um trabalho de equipa que se pretendia, à partida, feito de proximidades e interações constantes.

A dilação do processo de recolha dos testemunhos ao longo de dois anos (ao qual se acrescentaram largos meses dedicados à transcrição dos ficheiros áudio) culminou em sucessivos adiamentos (e acúmulo) de tarefas que se foram sobrepondo no tempo. Assim, a coordenação do projecto MRIR optou por considerar que, mesmo não existindo tempo útil para uma interpretação em profundidade dos dados produzidos pelas entrevistas, esta massa documental deveria ser objecto de publicação. Esta decisão assentou em dois critérios fundamentais: a) a importância da divulgação à comunidade científica de um manancial de dados sobre processos de formação e escolarização em meio rural ao longo do século XX; b) a devolução dos testemunhos às populações, um desígnio que o projecto se

propôs desde o início quando se comprometeu em fixar, para memória futura, as experiências de escolarização e os percursos de formação das pessoas inquiridas.

Estes dois aspectos merecem-nos um último comentário. No plano científico, e no campo da história da educação, o Projecto MRIR constitui-se como um projecto pioneiro ao construir através do resgate de memórias um documento único sobre experiências de escolarização e percursos de socialização informal nas regiões rurais do interior de Portugal ao longo de todo o século XX. Como tivemos já ocasião de salientar noutra publicação, uma revisão da literatura na área da história da educação demonstrou que, nas últimas décadas, foram raras as investigações que se debruçaram sobre a temática da escola em meio rural optando pelas metodologias da história oral.[14] Por outro lado, a amplitude (em número e extensão) das entrevistas realizadas (mais de 80, algumas delas estendidas no tempo, e correspondendo a mais de 5 horas de informações coligidas através da técnica de entrevistas em profundidade), representa um Banco de Memórias de riqueza substancial, disponibilizando um conjunto muito amplo de informações, dados e descrições sobre processos educativos (pouco estudados, ou até mesmo desconhecidos, até ao presente), mas também contemplando outros tipos de informação, porventura mais periféricos ao nosso objecto de estudo central, mas nem por isso menos significativos do ponto de vista antropológico ou etnográfico (designadamente, assuntos e questões relacionadas com a história local, costumes tradicionais, tradições socioculturais, etc.).

O volume de dados obtidos, ao contemplar informações sobre níveis de escolaridade, percursos de vida associados a processos de mobilidade social e mecanismos de aquisição de competências de literacia alternativos à escolarização formal, permitiram reconstituir uma prosoprografia histórica das comunidades rurais referida a várias gerações, nomeadamente informações sobre estratégias de relacionamento com a cultura letrada até agora pouco conhecidos (Stone, 2001). Com base nestas entrevistas será doravante possível trabalhar sobre objectos específicos ou aprofundar problemas de pesquisa até aqui pouco explorados, o que nos parece constituir um legado relevante para a comunidade científica.[15]

Um segundo aspecto que justifica a devolução do nosso trabalho à comunidade decorre dos objectivos a que o Projecto MRIR se propôs desde o início, nomeadamente da relação estabelecida com as comunidades rurais em que desenvolvemos o trabalho de campo, com os alunos das universidades seniores e, muito especialmente, com as pessoas que entenderam consagrar o seu testemunho para memória futura, confiando-nos o seu passado em nome do conhecimento futuro. Correndo o risco de repetirmos o que já dissemos em outros lugares, não deixa de ser importante reforçar um conjunto de pontos importantes a respeito dos compromissos públicos assumidos pelo Projecto MRIR ao longo destes quatro anos muito conturbados – e, a vários níveis, absolutamente extraordinários e imprevisíveis – da nossa vida académica e social.[16]

---

[14] Ver a este propósito o texto de A. I. Madeira, "A Investigação sobre Escola e Mundo Rural: Perspectivas nacionais e internacionais", in *Memórias Resgatadas, Identidades (Re)construídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais* (A. I. Madeira, H. Cabeleira & J. Magalhães, 2022).

[15] Refira-se, a título de exemplo, os relatos sobre a influência dos castigos e das recompensas escolares no percurso educativo das crianças e jovens; a importância do papel das mestras e das professoras na qualificação das mulheres adultas em meio rural; a utilização do currículo como veículo de formação cívica em locais onde raramente chegavam ecos da transformação das mentalidades; as actividades de eduação para a saúde desenvolvidas junto das comunidades, em particular junto das jovens mulheres, etc.

[16] Vejam-se os capítulos da Monografia do Projecto MRIR: *Memórias Resgatadas, Identidades (Re)construídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais* (A. I.

Em primeiro lugar, a nossa intervenção recusou pensar a educação, as escolas e as comunidades rurais como relíquias de um tempo passado, preferindo imaginar o património educativo (i)material da educação como um recurso partilhado no tempo presente, assente no diálogo passado-futuro. Em segundo lugar, a coreografia do processo de investigação assentou na convicção de que as aprendizagens intergeracionais e a partilha pública de memórias e histórias de vida 'educacionais' permitem construir um espaço de participação cívica e reconstrução identitária. Nesse trajecto, as *pessoas* estiveram sempre incluídas no nosso empreendimento, participando intensamente no processo de produção de conhecimento, na partilha de resultados, e transformaram-se, efectivamente, em vozes para a história. Em terceiro lugar, o envolvimento de diversos actores com responsabilidades educativas (escolas, professores, autarquias, associações e comunidade) no projecto permitiu criar dinâmicas capazes de contribuir para o exercício de uma cidadania activa através da promoção de processos de aprendizagem ao longo da vida, enraizados na memória e no património histórico local referidos à educação, ao ensino e à escola em meio rural.

Na continuidade do *Eixo Memória* – e através do Website MRIR –, o projecto adquiriu uma dimensão virtual, pensada e construída como uma plataforma aberta, orientada por uma lógica de partilha de conhecimento, permitindo a sua apropriação para os mais diversos fins educativos. Visando a promoção de aprendizagens intergeracionais, o desenvolvimento de organizações escolares centradas na aprendizagem e a constituição de redes colaborativas entre escolas, as possibilidades de utilização da plataforma virtual são inúmeras. Este desígnio, que percorreu toda a nossa intervenção, permitiu construir um conjunto de conhecimentos, dispositivos e dinâmicas locais assentes no conceito de *espaço público da educação* e na *proximidade* entre escolas e comunidades, no sentido de responder às mudanças culturais (económicas, sociais, tecnológicas) que caracterizam as sociedades do século XXI.

Esta dimensão partilhada e colaborada do conhecimento e dos processos de produção do conhecimento – indo ao encontro de uma *história pública da educação* – procurou romper com a separação entre 'conhecimento científico' e 'senso-comum', sublinhando o que há de *comum* no conhecimento. Da mesma forma procurámos contribuir para o reforço da *educação* – e para o seu entendimento *público* – enquanto *bem comum* (Nóvoa, 2002; Cauvin, 2018).

2. Das *histórias com vida* às *vidas com história*: o que foi feito e o que fica por fazer...

Ao longo do trabalho realizado pelo Projecto MRIR – e do qual resulta o presente e-book – procurámos trazer para dentro do quadro histórico da educação contemporânea as pessoas e os arquivos vivos deixados de fora dela, nos últimos cem anos. Com base em entrevistas orais e outros testemunhos escritos, procurámos escrever uma história (e fazer

---

Madeira, H. Cabeleira & J. Magalhães, 2022), e também um conjunto de publicações (e produtos) disponíveis online: Madeira A. & Cabeleira, H. (Orgs.), Conferência Internacional do Projecto MRIR / Acção de Formação de Professores (21-22 Abril, IEUL, Lisboa): https://www.youtube.com/watch?v=o5rgrnM_pS0; Reportagem televisiva "Memórias resgatadas: Gripe Espanhola e Covid-19. Investigadores comparam efeitos das pandemias em Portugal", emitida no Primeiro Jornal, Canal SIC (25 Abril 2021): https://sicnoticias.pt/pais/2021-04-25-Memorias-resgatadas-e4fc5476; Entrevista à Rádio TSF: "Memórias do Pinhal Interior resgatadas para devolver identidade e orgulho às comunidades locais" (6 Abril 2021): https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/memorias-do-pinhal-interior-resgatadas-para-devolver-identidade-e-orgulho-as-comunidades-locais-13537419.html; Evento "Proença-ON-Festa", Município de Proença-a-Nova (13 Junho 2021): https://www.youtube.com/watch?v=dAL1OKx8LYE

uma historiografia) da educação *para* as pessoas, *sobre* as pessoas, e *pelas* próprias pessoas da região do Pinhal Interior Sul (PIS). Procurámos, em suma, produzir um Banco de Memórias e uma história pública da educação em meio rural, tendo em vista confrontar o *presente imediato* com um *passado quase-recente*, o *ruído dos vivos* com o *silêncio dos mortos* (Soulet, 1995, p. 4; Bloch, 1993, p. 97; Farge, 1999, p. 7; Certeau, 1975, p. 119).[17]

Durante três anos – embora marcados por sucessivos acidentes e intermitências que decorreram dos impactos da pandemia COVID-19 nos nossos processos e agenda de trabalhos – o Projecto MRIR resgatou testemunhos e autobiografias educacionais (*Eixo 1: Memória*), e documentou através de registos audiovisuais as materialidades da escola na região do PIS (*Eixo 2: Património*), de modo a disponibilizar este *stock* de conhecimento às gerações futuras (*Eixo 3: Educação*). Neste e-book mostramos os materiais empíricos produzidos em colaboração com os parceiros institucionais e as comunidades locais do PIS, em particular, serão aqui focados os materiais decorrentes das entrevistas orais (realizadas entre Agosto de 2019 e Fevereiro de 2020). Antes de avançarmos na explicitação dos conteúdos de texto e imagem que integram a presente publicação, impõe-se, no entanto, uma explicação prévia quanto aos critérios e procedimentos metodológicos adoptados na selecção e tratamento destes conteúdos, bem como um esclarecimento quanto às opções de organização e edição deste volume de documentação que aqui apresentamos.

Inicialmente – e como se pode ler no próprio título deste e-book – tínhamos planeado dividir a presente publicação em duas partes: a primeira parte, intitulada *Histórias com Vida*, seria dedicada à apresentação das pessoas e à discussão dos respectivos materiais empíricos recolhidos e sistematizados pelo Projecto MRIR relativamente ao Banco de Memórias e, designadamente, às entrevistas (orais, escritas, informáticas) realizadas sob o *Eixo Memória*; a segunda parte, intitulada *Vidas com História*, reuniria um volume de documentação oriunda de várias actividades e tarefas relacionadas com o *Eixo Memória* e o *Eixo Património* e, mais concretamente, seria dedicada aos materiais empíricos que suportam o *Dicionário de Biografias* de personalidades notáveis do PIS.[18]

Se, na primeira parte, estava previsto apresentarmos o nosso *arquivo vivo*, na segunda parte apresentaríamos o nosso *arquivo morto*. Contudo (e por motivos vários que não iremos aqui detalhar com a precisão e exaustão que, talvez, fosse desejável), não nos foi possível concluir, em tempo útil, a tarefa de processamento e sistematização de todos os dados e fontes secundárias recolhidas para efeitos de produção das respectivas biografias de cada uma das personalidades já identificadas no nosso *Dicionário* e que, de alguma forma, são hoje apontadas pelas comunidades locais como figuras de relevo histórico (e patrimonial) na sua região, isto é, imagens de marca da sua identidade local.[19] Dado o

[17] Veja-se o capítulo da monografia MRIR: "Histórias de vida, arquivos vivos & história pública: Contributos para a criação de um Banco de Memórias da Educação em meio rural" Helena Cabeleira, 2022.

[18] O conjunto de documentação inventariada e sistematizada no âmbito da produção do *Dicionário de Biografias* de pessoas notáveis da região do PIS, permitiu-nos criar uma lista com cerca de 36 nomes identificados até ao momento (homens e mulheres de cultura, eclesiásticos, missionários, militares, exploradores, cientistas, investigadores, juristas, professores, médicos, empresários, etc.). As respectivas biografias dos indivíduos identificados estão já a ser disponibilizadas no Website do Projecto MRIR em: http://memorias.resgatadas.ie.ulisboa.pt/personalidades/

[19] Encontram-se já concluídas uma série de 12 biografias: ALVES, Sebastião (1920-2012), ANDRADE, António de (1580/81 – 1634), ANTUNES, Manuel (1918-1985), CASQUILHO, João de Oliveira (1834-1934), CASTANHEIRA, Acúrcio (1895-1979), FERNANDES, Alfredo (1888-1966), FREIRE, Casimiro (1843-1918), PIMENTEL, João M.ª Pereira de Amaral e (1815-1889), RODA, Assis (1890-

imenso volume de documentação reunida para criação destas biografias (e a dificuldade e demora na gestão e tratamento sistemático de toda esta documentação oriunda de diversas proveniências), optámos por deixar de fora desta publicação a parte que se refere às *Vidas com História*, dedicando todo o e-book às *Histórias com Vida* e às entrevistas orais (e respectivas fontes primárias) que constituem o nosso arquivo vivo. Ainda assim, por questões de natureza prática e simbólica, entendemos manter o título do presente e-book tal como inicialmente tínhamos previsto: *Histórias com Vida & Vidas com História* esperando, com isto, homenagear tanto 'os vivos' quanto 'os mortos' em reconhecimento e memória dos quais, de resto, dedicamos todo este nosso trabalho – o que foi feito e o que fica por fazer.

2.1. Histórias com Vida ou as *gramáticas da escola* na região do PIS

Um dos principais propósitos da criação do nosso Banco de Memórias do PIS (e respectivo arquivo audiovisual) consistiu em documentar as biografias de pessoas e instituições do PIS, de modo a fazer sobressair – das narrativas-mestras nacionais – as *micro* histórias locais que foram disseminadas desde o tempo da República até ao período de expansão da escola pública (da ditadura ao regime democrático). Assim, por intermédio de entrevistas semi-estruturadas, procurámos inquirir sobre aquelas práticas do quotidiano que, de alguma forma, pudessem confirmar e/ou contestar a disseminação da *gramática da escola* nesta região (Tyack & Tobin, 1994). Fazer o inventário destes conhecimentos 'resistentes' ou 'dissidentes' e destas subjectividades e materialidades 'locais', constituiu uma tarefa central do Projecto MRIR. O que aqui propomos, portanto, não é tanto uma história da educação na região do PIS, mas uma história do nosso encontro com estas comunidades, territórios e paisagens 'rurais', e do processo de construção do arquivo audiovisual que agora apresentamos e disponibilizamos ao público.

Esta é, por conseguinte, uma história que considera cada uma das pessoas que connosco co-laborou ao longo destes três anos no projecto MRIR como um *arquivo vivo* (Dudman, 2020), isto é, as pessoas são aqui entendidas e (re)tratadas não apenas como meros repositórios de um conhecimento singular e insubstituível mas, sobretudo, como os principais autores e narradores das suas histórias e memórias de vida. Esta é, portanto, uma *história pública* que se faz (e se escreve) com base em "práticas colaborativas" (Popple, Prescott & Mutibwa, 2020) e "autoridades partilhadas" (Frisch, 1990). Nunca esquecendo que – como diria Michel de Certeau (1975, p. 28) – aqueles que falam *da* história estão sempre *na* história.

Na região geográfica do PIS – que é hoje a mais envelhecida do país, e uma das mais envelhecidas da Europa (PORDATA, 26-07-2022; Kotzeva, 2013, p. 43) – existe um património natural e humano de uma quantidade e qualidade incríveis, muito dele depositado em reservatórios de memória oral que agora correm o risco de se perderem para

-1959), SANTOS, Joaquim Pires dos (1864-1946?), SERRA, Libânio Vaz (1891-1971), TAVARES, Joaquim da Silva (1866-1931). Refira-se, ainda a este propósito, que o trabalho de identificação e elaboração destas biografias esteve dependente da colheita e sistematização de um conjunto de fontes primárias e secundárias, muitas delas de carácter inédito, e em grande medida dispersas um pouco por todo o lado. Uma das fontes essenciais para a identificação e produção destas biografias foi o *Dicionário de Educadores* (Nóvoa, 2003), e também as fontes documentais que colhemos na Imprensa Regional, e em outras obras monográficas produzidas e publicadas no contexto da história local do PIS. Para a identificação dos 36 nomes constantes na lista do *Dicionário de Biografias*, foi ainda essencial o contributo do historiador local do Projecto MRIR António Manuel Martins Silva, e também as informações e referências que nos foram concedidas por diversos entrevistados.

sempre (à medida que os seus respectivos depositários e portadores vão escasseando ou desaparecendo). Essas histórias e memórias que resultam do acumulado de vidas individuais e colectivas, morrerão com os poucos anciãos que ainda se lembram desses tempos em que não ir à escola era mais do que uma opção: era o destino de toda a criança camponesa. Resgatar essas memórias que moldaram a vida de sucessivas gerações habitantes no Portugal 'rural' é, portanto, contribuir para a construção de ferramentas empíricas (e críticas) que nos permitam questionar (e/ou contrariar) a avassaladora torrente de narrativas presentistas – repletas de evidências de senso-comum, e amnésia histórica – que hoje inundam a nossa vida pública (intelectual, política, educacional, informativa). Registar e relembrar estas histórias e memórias das pessoas do PIS torna-se ainda mais imperativo à medida que estas populações rurais envelhecem e tendem a desaparecer.

Como referido anteriormente, por motivos que se prendem com as limitações (de tempo e de espaço) impostas ao trabalho de produção e edição do presente e-book, bem como com as dificuldades inerentes à selecção e tratamento de todo o vasto conjunto de documentação reunida pelo Projecto MRIR, serão aqui disponibilizadas apenas as entrevistas orais concedidas por uma amostra de 39 indivíduos (entre um total de 83 entrevistas orais, manuscritas ou informáticas), gravadas em registo áudio e/ou audiovisual entre Agosto de 2019 e Fevereiro de 2020 no território do PIS, e posteriormente transcritas. Estamos cientes de que esta nossa opção deixa de fora desta narrativa muitas pessoas que foram absolutamente imprescindíveis ao sucesso do nosso trabalho, e cujo contributo (fosse qual fosse a sua forma) se revelou crucial para a efectiva realização de vários produtos e indicadores de resultado. Mais do que uma opção metodológica, a selecção de entrevistas para efeitos de publicação no presente livro impôs-se como uma necessidade e uma obrigação, dada a extensão, volume e diversidade do *corpus documental* constituído pelo Projecto MRIR. Resta-nos agradecer a todas as pessoas que connosco colaboraram – sabendo nós que elas sabem quem são –, assegurando-lhes de que o seu testemunho não foi em vão nem será esquecido, e que a sua voz se fará ouvir em outras instâncias e em outros momentos da nossa futura escrita.

Não podíamos concluir esta nossa nota introdutória às *Histórias com Vida* sem deixar aqui um profundo e sincero agradecimento às incontáveis pessoas (e instituições autárquicas) a quem tanto devemos pela sua colaboração e participação voluntária, ao longo de mais de três anos. Para além das pessoas entrevistadas, que gentilmente nos cederam o seu tempo, acolhendo-nos muitas vezes no seu espaço doméstico, uma lista interminável de instituições públicas – e representantes autárquicos – foram nossos parceiros e facilitadores em todo o processo de colheita de dados e realização de actividades de investigação. Sem queremos aqui omitir, ou negligenciar, o contributo de tantas pessoas, deixamos um agradecimento especial às universidades seniores de Mação, Proença-a-Nova e Vila de Rei, e a todos os seus representantes e responsáveis autárquicos que sempre nos abriram as portas, colocando os seus serviços à nossa disposição. Agradecemos, também aos recursos humanos da Biblioteca de Mação, Museu de Mação e aos técnicos responsáveis pelo arquivo desta Câmara Municipal; aos técnicos da Biblioteca Municipal de Vila de Rei (e respectivo arquivo), Biblioteca Municipal da Sertã, e da Casa da Cultura de Oleiros. Um especial agradecimento é devido à Câmara Municipal de Proença-a-Nova que, na pessoa do seu presidente João Lobo, ou nas pessoas responsáveis pelos vários núcleos de educação, comunicação e cultura, sempre nos concederam uma atenção e um apoio extraordinários. O nosso bem-haja a todos!

Bibliografia

Alberti, V. (2005). Manual de História Oral. Editora FGV, 3.ª ed., pp. 31-32.

Alberti, V. e Pereira, A. (2008). Possibilidades das Fontes Orais: Um exemplo de pesquisa. Revista Anos 90, v. 15 (28), pp. 73-98.

Bloch, M. (1993), *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Paris: Armand Colin.

Bourdieu, P. (1986). L'illusion biographique. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n.º 62-63, pp. 69-72.

Cabeleira, H. & Madeira, A. (2022). The noise of the living and the silence of the dead: Public histories of education in-between pandemics in the 'rural' Portugal (1918-2021). *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education* [Special Issue: Pandemics and History of Education, Ian Grosvenor & Karin Priem eds.]: 1-19. https://doi.org/10.1080/00309230.2022.2066980

Cauvin, T. (2018). The rise of Public History: an international perspective. *Historia Crítica*, 68, 3-26. https://revistas.uniandes.edu.co/doi/10.7440/histcrit68.2018.01

Certeau, M. de (1975). *L'Écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard.

Chervel, A. (1998) La culture scolaire. Une approche historique. Bélin.

Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2006). Research methods in education. Routledge.

Dominicé, P. (1990). L'histoire de vie comme processus de formation. Edition L'Harmattan.

Dubar, C. (1997). A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Porto Editora.

Dudman, P. (2020). Living archives built with communities. *Displaced Voices: A Journal of Archives, Migration and Cultural Heritage*, 1 (2), 59-60. https://doi.org/10.15123/uel.89683

Farge, A. (1999). *Lugares para a história*. Telma Costa (Trad.). Lisboa: Editorial Teorema.

Ferreira, M. M. (1994). História oral: um inventário das diferenças. In Marieta M. Ferreira (Org.), Entre-vistas: abordagens e usos da história oral. Editora da Fundação Getúlio Vargas, p. 1-13.

Foddy, W. (2002). Como perguntar: Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários. Celta.

Frisch, M. (1990). *A shared authority: essays on the craft and meaning of oral and public history*. Albany: State University of New York Press.

Fusch, P. I. & Ness, L. R. (2015). Are we there yet? Data saturation in qualitative research. The Qualitative Report, 20 (9), p. 1408-1416.

Guest, G.; Bunce, A. & Johnson, L. (2006). How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. Field Methods, 18 (1), p. 59-82.

Hammersley, M., & Atkinson, P. (1994). Etnografía: Métodos de investigación. Paidós.

Josso, M-C. (2002). Experiências de vida e formação. Educa.

Joutard, P. (1998). História Oral: Balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In M. Ferreira & J. Amado (Org.), Usos e abusos da história oral. Fundação Getúlio Vargas.

Joutard, P. (2000). Desafios à História Oral do Século XXI. In Alberti, V., Fernandes, T. M. e Ferreira, M. M. (Orgs.). História oral: desafios para o século XXI. Editora Fiocruz, pp. 31-45.

Julia, D. (1995). La culture scolaire comme objet historique, Paedagogica Historica, Supplementary Series, I, pp. 353-382.

Kotzeva, M. (Ed.) (2013). *Eurostat Regional Yearbook 2013*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Madeira, A. I. (2018). "Memórias Resgatadas, Identidades Reconstruídas: A escola em meio rural". *Jornal Voz da Minha Terra*, Ano XLVI, n.º 528, 25 de Julho.

Madeira, A. I., Silva, A. M. & Cabeleira, H. (2020). "Memórias Resgatadas, Identidades Reconstruídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais". Zahara: Revista de História Local (Centro de Estudos de História Local de Abrantes – CEHLA), n.º 35, pp. 114-124.

Madeira, A. I., Cabeleira, H. & Magalhães, J. (Orgs.) (2022). *Memórias Resgatadas, Identidades Reconstruídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais*. Lisboa: Colibri.

Maykut, P., & Morehouse, R. (1994). Beginning qualitative research. The Falmer Press.

Meda, J. & Vinão, A. (2017). School Memory: Historiographical Balance and Heuristics Perspectives. In School Memories. New Trends in the History of Education. Yanes-Cabrera C.; Meda J. & Viñao A. (Eds). Cham: Springer, pp. 1-9.

Minayo, M. C. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. Revista Pesquisa Qualitativa, v. 5 (7), pp. 1-12.

Minichiello, V., Aroni, R., Timewell, E., & Alexander, L. (1990). In-depth Interviewing: Researching people. Longman Cheshire Pty Limited.

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. D. Quixote.

Nóvoa, A. (2002). O espaço público da educação: imagens, narrativas, dilemas. In *Espaços de Educação, Tempos de formação* (pp. 237-263). Lisboa: FKG

Nóvoa, A. (Dir.). (2003). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições Asa.

Pineau, Gaston & Michèle, Marie (1984). Produire sa vie: autoformation et autobiographie. Édilig: Montréal – Sciences de la Culture.

Popple, S.; Prescott, A., & Mutibwa, D. (2020). *Communities, archives and new collaborative practices*. Bristol: Policy Press.

PORDATA (26-07-2022). Censos 2021: Conheça o seu município: Oleiros. https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Oleiros-255945

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.

Ritchie, J.; Lewis, J. & Elam, G. (2003). Designing and selecting samples. In: Ritchie, J.; Lewis, J. (Eds.). Qualitative research practice. A guide for social science students and researchers. Sage, p. 77-108.

Romney, A. K., Batchelder, W. & Weller, S. C. (1986). Culture as consensus: A theory of culture and informant accuracy. American Anthropologist, Arlington, 88 (3), p. 13-38.

Rousso, Henry (1985). Vichy, le grand fossé. Vingtième Siècle, 5, pp. 55-80.

Rubin, H. J., & Rubin, I. (2005). Qualitative interviewing: The art of hearing data. Sage.

Soulet, J.-F. (1995). Marc Bloch, Lucien Febvre et l'histoire immediate. *Cahiers d'histoire immediate*, 7, 1-8.

Stone, Lawrence (2011). Prosoprografia. Revista de Sociologia e Política, v. 19 (39), pp. 115-137.

Tyack, D. & Tobin, W. (1994). The "Grammar" of Schooling: Why has it been so hard to change? *American Educational Research Journal*, 31 (3), 453-479.

Vieira, Ricardo (2011). Educação e diversidade cultural: Notas de Antropologia da Educação. Porto: Edições Afrontamento e CIID/IPL.

Viñao, A. (2008). La escuela y la escolaridad como objectos históricos. Facetas y problemas de la história de la educación. História da Educação, 12 (25), 9-54.

Wellington, J. (2000). Educational research: Contemporary issues and practical approaches. Continuum.

Wieviorka, Anette (1998). L'Ère du témoin. Hachette.

– Histórias com Vida –

Entrevistas orais do Projecto MRIR

Alfredo Rodrigues Costa
Américo Martins Delgado
Ana Cristóvão Afonso
António Cardoso Lopes
António Silva Garcia
César Marques
Darlinda Martins Lourenço Saragoça
Elisa Alves Mateus
Elisa da Conceição
Elvira Tavares
Ilda Cardoso da Silva Veríssimo
Isilda Lopes Dias Cardoso
Isilda Ribeiro Martins
João Alves Catarino
Joaquim Jerónimo
José de Jesus Lopes
José Leitão
Luís Farinha Cardoso
Manuel Lopes Dias dos Santos
Maria Albertina Antunes Castanheira Batista
Maria Almerinda Ribeiro Pires Rodrigues
Maria Alves Mateus Pereira
Maria Celestina Dias da Mata
Maria da Nazaré Tavares Manso
Maria da Soledade Silva Delgado
Maria de Lurdes da Silva Cardoso Luís Morgado
Maria do Carmo Lopes Cardoso da Silva Martins
Maria do Carmo Marques Delgado
Maria Fernanda da Silva Cardoso Luís
Maria Fernanda Lopes Dias Cardoso Oliveira
Maria Manuela Dias Martins Alves
Natália de Jesus Gaspar Roldão
Olga Maria Martins dos Santos
Palmira da Conceição
Palmira Dias Nunes Ramos Pessoa
Rosa Maria Antunes Coelho Gonçalves
Rosalina Neves Martins
Sofia de Jesus Martins
Teresa de Jesus Martins

– Alfredo Rodrigues Costa –

Naturalidade: Aboboreira (Mação)
Data de nascimento: 03-07-1942
Residência actual: Chão de Lopes, Mação
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe, Colégio de Mação

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravada em registo áudio e audiovisual), Universidade Sénior de Mação (21-01-2020)

– Senhor Alfredo diga-me, os anos de escola que tem?
– A 4.ª classe feita em Mação. Na época era Colégio de Mação. As outras classes foram feitas na Escola de Aboboreira, que é sede de freguesia. As passagens de classe foram feitas em Aboboreira.
– Veio a Mação fazer o exame. Mas fez o ano da 4.ª classe ou foi só o exame?
– Aqui só o exame. A 4.ª classe foi feita na Aboboreira.
– Os seus pais que escolaridade tinham?
– O meu pai tinha a 4.ª classe. A minha mãe não tenho a certeza, mas se calhar não devia ter... mas sabia ler e escrever.
– Mas não tem a certeza se tinha a 4.ª classe. Teria a 3.ª? Não sabe se foi à escola?
– Foi à escola. Foi, à escola foi. Porque eram sete irmãos e ela tinha de ficar com a mãe. A minha avó ficou viúva muito nova. E, portanto, de sete irmãos eram quatro raparigas e três rapazes, os irmãos da minha mãe. Portanto, sete. E ficaram órfãos muito novos. E logo a partir daí começaram a trabalhar como era da época e, pronto, chegaram onde puderam. Felizmente toda a gente sobreviveu, à excepção de um que nem sequer conheci. E, pronto, da parte dos meus pais é o que sei dizer. A vida não era fácil. A vida era... se calhar mais vivida em família. Nós éramos quatro irmãos. Ainda estamos vivos dois irmãos e duas irmãs. A vivência na nossa casa era uma maravilha... por influência dos pais.
– Quantos irmãos tem o senhor Alfredo?

– Somos quatro.
– E todos os seus irmãos andaram na escola?
– Sim, sim, toda a gente andou na escola.
– Têm a 4.ª classe todos?
– Só a 4.ª classe, sim.
– Se os seus pais fossem vivos que idade teriam agora?
– O meu pai nasceu, salvo erro... 1907. A minha mãe em 1910. Portanto agora teria 108 ou 109.
– E o senhor Alfredo tem filhos?
– Tenho um filho e uma filha.
– E eles têm estudos?
– Chegaram ao 9.º ano e depois não quiseram mais. Quiseram ir trabalhar. Depois a minha filha mais tarde ainda voltou, depois de casada e já com um filho, ainda foi tirar o secretariado da direção. A minha vida foi assim um bocadinho... os meus filhos, no bom sentido da palavra, foram feitos em França e já cá nasceram. Porque, fui para França. Eu vim da Guiné, passei lá anos e tenho uma história muito grande, muito rica. Estive lá até 77. Depois em 77 casei e fui para França com um contrato da Renault. A minha esposa já para lá tinha ido. Solteiros, já namorávamos, já tinha para lá ido com uma carta da chamada dos padrinhos dela para trabalhar, em França. Eu vim em Maio e conhecemo-nos, e ela já andava a aprender para costureira, ali ao pé da minha casa, na minha terra. As raparigas... era assim: costureira. Eu vim em Maio e ela foi em Agosto para França. Eu, derivado à situação que existia na minha casa, o meu pai estava muito doente e era resineiro, eu tive de ir fazer resina, porque sabia. Enquanto ela foi para França eu fiquei por cá, portanto, ligado aos pinheiros, e a dar apoio à minha mãe, uma vez que o meu pai estava muito mal, e eu tinha uma irmã mais novita e os outros dois irmãos... a minha irmã já estava casada no Castelo e o meu irmão foi logo aos dez anos para Lisboa para os talhos. Os talhos de uns senhores lá da Aboboreira. Portanto, o meu irmão só esteve connosco, comigo, três anos, porque ele tem mais sete anos do que eu.
– Teve dar uma ajuda à família?
– Fiquei resineiro, porque andava lá o resineiro, mas mandei o resineiro embora (no bom sentido) e ia eu tomar conta daquilo. E assim foi. As pessoas da família e amigas do meu pai diziam "Oh Alfredo, tu tens de tomar conta disto senão... ", era um prejuízo enorme da resina. E eu, como tinha aprendido mais cedo...
– Então a subsistência da sua família, até mesmo dos seus pais, vinha das resinas?
– Para a época. O que hoje é eucalipto era pinheiro... era uma forma de estar ocupado quase o ano inteiro... porque o pinheiro...
– Havia sempre que fazer, não era?
– Era nove meses por ano. Depois o meu pai no resto do tempo negociava uns cabritinhos, uns leitões, umas coisitas... e mandava para Lisboa para o meu irmão, para os patrões do meu irmão à época, para vender lá nos talhos, era assim. Conclusão, e eu neste verão de 66 escrevi para a Carris, a inscrever-me, escrevi para a Embaixada da França, da Suíça, da Alemanha, de Inglaterra, do Canadá, de todo o lado, porque eu não queria ficar na minha terra. Porque tive lá até ir para a tropa e eu sabia que a vida era dura...
pronto. E eu continuei a resinar. Quanto às respostas, tive resposta de França, que era para onde eu queria ir! A resposta da Carris, fui fazer exames à Carris, ainda estive na Carris umas três semanas, naquele ano de 66 em Novembro por aí assim que foi quando o meu pai faleceu. O meu pai faleceu a 3 de Dezembro de 66. Fiz exames, ficou tudo por ali. Durante a resina e aquilo tudo... fiz exames para França, porque aquilo era muito rigor na época, fui para uma fábrica de automóveis da Renault.

– E eram coisas escritas ou eram coisas práticas esses exames para a Carris?

– Aquilo era tudo... como é que hei-de dizer... à base de escrita e de problemas, mas era tudo manual, não havia outra coisa, tudo manual. Havia os ditados, tudo à antiga, mas sobretudo a parte física de cada pessoa. Uma pessoa que tivesse qualquer coisinha era logo posto de lado.

– A robustez física, como se diz, não é?

– Exatamente. Tinha de ser assim. Aliás, eu tive um colega que concorreu para França, e desejoso também para ir, e não foi precisamente porque tinha levado uma golpada na zona do rim. E, pronto... era isso a nível da Carris. A nível de França era mais a parte física, realmente. Eles queriam pessoas para trabalhar. E assim foi. Fui com um contrato de trabalho.

– Para França em 66?

– Por um ano, por um ano com alojamento, com transporte dentro do alojamento, que era um bloco de prédios do tamanho de Mação inteiro, que metia muitos emigrantes espanhóis, italianos, por aí fora. A nossa fábrica tinha onze mil empregados, só naquela fábrica Renault.

– Qual era a zona de França em que estava?

– Era no 78, a norte de Paris. Chamava-se os *Invalides* em caminho para Calais.

– Já estava aí em contacto com a sua futura mulher, não é?

– Estava a oitenta quilómetros de Paris, portanto aos fins-de-semana ia lá, de comboio. (...) E, portanto, o que custou foi quando o meu pai morre em dezembro e logo a seguir aparece-me o contrato para França. Então e agora a minha mãe e a minha irmã? Os meus irmãos estavam fora. Tem de ser, tem de ser e teve de ser e ponto final. Não havia volta a dar. Estivemos em França, então, quase seis anos. Nasce a minha filha. Eu fui em 67 e a minha filha nasce em agosto de 69, mas a minha mulher veio cá ter a minha filha, esteve cá uns cinco ou seis meses para recuperar, depois foi, e estivemos lá mais não sei quanto tempo. Entretanto começa a aparecer o meu filho e, entretanto, comecei a ter problemas lá, de saúde. (...) Então comecei a meter isto na cabeça à minha mulher. Mas a ela custou-lhe imenso a sair, ainda hoje custa, ainda hoje se lembra dessas coisas, porque ela gostava muito daquilo (...). Mas viemos então para cá, e nasceu o segundo filho. E pronto, dali fui para Lisboa... as coisas estavam mais ou menos bem encaminhadas. Fui para Lisboa para a Sagres e para a TAP. Eram os dois empregos que eu tinha cá praticamente seguros, garantidos. Quando vim de lá para cá.

– Foi para a Sagres trabalhar?

– Sagres. De 70 até 95. Foi sempre a vida de Lisboa. A maioria do tempo foi vivido em São João da Talha. Um dos meus filhos depois andou lá na escola, onde começou a crescer, e ainda lá tem amigos. A minha filha ainda lá reside na zona, tem lá uma agência de viagens... tem a vida estabilizada. O meu filho vive em Braga. (...)

– Que estudos têm os dois?

– A minha filha nasceu em 69, cinquenta anos. E o meu filho tem menos dois, fez, portanto, quarenta e oito, nasceu em 71. Portanto, o meu filho foi para Braga, aliás, foi à tropa. A minha filha entretanto casou e as vidas foram caminhando. O meu filho foi para a tropa... era *chofeur* (...). A minha filha tem dois filhos, um tem dezasseis anos que é o Tiago e o outro já vinte e quatro para vinte e cinco é o André já está a trabalhar na especialidade... a estudar a parte de tipologia de investigação de análise e essas coisas todas, tanto que ele trabalha num laboratório. Em Braga, portanto, também já tenho um com vinte anos que está a acabar os estudos e o outro que é mais novo.

– Todos estudaram? Os netos, estão todos a seguir estudos, não é?

– Quatro moços. O meu filho tem venda de automóveis. A minha nora é técnica e fotografia, tem lá um laboratório, pronto. A vida está boa.
– Senhor Alfredo, desse ponto em que me contou a história desde os anos 66 para cá, eu quero saber para trás, da sua vida antes de ir para França. Já agora a sua esposa que escola tem? Tem a 4.ª classe?
– Tem a 4.ª classe. Ela tem menos seis anos do que eu. Ela é de Chão de Lopes.
– Chão de Lopes. Então, o senhor Alfredo veio da Aboboreira e agora vive em Chão de Lopes?
– É. Quando viemos de Lisboa viemos para ali, isso é verdade. (...)
– Tem memórias do primeiro dia de escola? Do primeiro dia em que foi à escola?
– Do primeiro dia não tenho.
– O que é que se lembra quando pensa na escola primária?
– A escola, a escola primária... eu tive uma professora que era uma pessoa muito temperamental, vamos lá.
– Foi sempre a mesma professora na escola primária ou teve várias?
– Sempre, sempre.
– Sempre a mesma?
– Sim, mas ela tinha... hoje, e já há muito tempo, noto que ela tinha razão. Porque nós éramos sessenta alunos na escola, sessenta, aquilo andavam lá sempre cinquenta, sessenta e um, cinquenta, sessenta ou por aí assim... da 1.ª à 4.ª classe. E ela era sozinha, não tinha auxiliares. Tratar ali miúdos uns mais evoluídos do que outros... não era fácil. E depois ela não tinha marido. Tinha uns cinquenta anos, vivia só.
– Mas vivia lá também na Aboboreira?
– Era, acho que era de Ponte Sôr por aí assim.
– Lembra-se do nome da senhora?
– Celeste Rodrigues.
– E essa senhora era professora ou era regente escolar?
– Era senhora professora.
– Quantas aldeias ali à volta iam a essa escola? Era só a Aboboreira ou eram mais?
– A freguesia da Aboboreira tinha esta escola e tinha a de Chão Codes. Aí ia outra professora. Era outra professora, porque ela não tinha tempo. A escola era efetiva, também sempre aberta o ano inteiro, portanto as aulas eram todas em Cão Codes. De resto as outras povoações nenhuma mais tinha escola.
– Então, mas quais eram as localidades em que os meninos dessas localidades iam à Aboboreira à escola?
– Iam de três lados... Casalinho, Louriceira e o Cerro.
– Portanto eram as sessenta crianças.
– Sessenta, sessenta.
– E a escola, como é que era o edifício? Era uma sala, eram duas?
– O edifício era uma casa normal de rés-de-chão. Um salão normal de rés-de-chão, praticamente quadrado. Só uma sala. Tinha uma porta de entrada pequena, um retiro lateral, uma casinha de banho mas era só para ela.
– Só para a professora.
– Eu já vou contar uma história. Portanto, o dia-a-dia... todos nós éramos iguais, no fundo. Todos, assim, descalços. Toda a gente vivia com dificuldade...
– Ia descalço à escola?
– Eu, quando vim fazer a 4.ª classe, vim com umas botas emprestadas de um primo meu... para Mação. Mas isto é mais para o fim da história. Eu vou voltar atrás ainda antes desse exame da 4.ª que fui fazer. Portanto, era difícil... era tudo uns rotos e descalcitos. Na

época, fazia muito frio, muita chuva, muita coisa... mas pronto na nossa casinha, felizmente, nós tínhamos umas hortazitas, tínhamos uns pinhais e não faltava comida, não faltava. Simplesmente, a pior coisa que nós podíamos ter era só haver pão de milho. Não havia outra coisa. Era cozido de semana a semana. Pronto, o tempo foi passando e eu recordo-me lá da escola de dois episódios. Um deles... a professora... a minha mãe era uma pessoa muito, muito, muito, muito atinada e nós tínhamos umas galinhitas, umas cabritinhas, umas ovelhas e aquilo tudo, e a minha mãe de vez em quando ia levar à professora uns ovitos e coisas assim... até para ela, pronto. Hortaliça para ela comer, porque lá não havia praça, não havia nada, era assim. E havia alguma atenção por mim, por parte da professora. E, então, a professora um dia lá entendeu que eu devia alimentar-me melhor. Não sei porquê... a memória... ”Diz lá à tua mãe que agora vais começar a trazer todos os dias um ovo cru, uma tigelinha, um bocadinho de açúcar, a colher, um guardanapo, que é para tu depois comeres à tarde”. Só que eu não gramava nada aquilo!

– Gemada? Não gostava?

– Não. Nunca mais. Nem antes gostava... nem leite. Foi coisa que nunca bebi. Bom, eu não percebia nada de fazer a gemada... ía à casita de banho, tinha lá o lavatóriozito, nem sequer havia água, havia água de baldes, uma coisa assim...

– No fundo tinham lá as instalações para a casa de banho, mas não havia?

– Só para ela. Se nós queríamos fazer alguma coisa tínhamos de sair cá fora. Mas já lá chego. Até que um dia, passada uma semana ou duas... de eu não conseguir engolir aquilo... vi lá à porta um amigo meu, o Paulino, que me diz assim: “Oh Alfredo queres que eu te ajude a bater aí a gemada?”. Entretanto lá fui bater aquilo, aquilo lá ficou um bocadito melhor, mas aquilo não passava de ser a mesma coisa, não é? Portanto, ele depois diz-me assim: “Alfredo, vamos fazer uma coisa, vamos partir o ovo e vamos pô-lo na sanita” (risos). Fomos pô-lo na sanita, mas aquilo durou lá três ou quatro dias, e ela lá se apercebeu que havia marosca naquilo... e pronto... levámos uma tareia cada um, daquelas réguas à moda antiga, não é? Isso foi remédio santo, porque nunca mais houve ovo. O ovo acabou. Outra parte, já talvez na 3.ª classe, ou por aí assim... só histórias... nós usávamos bata branca.

– No seu tempo usava-se a bata branca?

– Toda a gente.

– Rapazes e raparigas? Eram juntos os rapazes com as raparigas na sala ou eram separados?

– Era, era tudo junto. E, então, um dia na parte da tarde os intestinos pregam uma partida que nessa altura estava cá o assistente e nós tínhamos quatro filas de cadeiras... ele ia assim, percorria as filas, para mandar ir para a rua... e eu: “ai ai ai”... e a professora “não!”... até que lá para a quarta vez, quando fui eu para a rua, já não fui a tempo... Até dois amigos que estavam lá ao lado se afastaram... foi só, teve de ser...

– Estava aflito. Vocês passavam um bocado, não é?

– Ai! E bater... ela batia muito. Aquelas reguadas. Quando fomos então fazer a 4.ª classe, eu fui sozinho da Aboboreira, por ser a palavra A... porque fazia falta no grupo de Chão de Codes. Eu fui num dia e no dia seguinte foram os restantes colegas da Aboboreira fazer exame a Mação. Portanto, eu fui num dia com os de Chão de Codes a Mação, fazer o exame da 4.ª classe. E no dia seguinte foram os meus colegas da Aboboreira todos juntos. O que é que acontece? Acontece que, pronto, aquilo terminou-se a oral... ia a minha mãe, eu tinha as botas emprestadas lá do meu primo... íamos num burrito.

– Foram num burrito?

– Era o transporte da professora. A professora sempre que ia, pronto... E lá íamos nós. Saí lá da Aboboreira... da Aboboreira a Mação são seis quilómetros.

– Quantos meninos vieram no seu ano?
– A 4.ª classe foi só um. Mas eram outros. De Chão de Codes eram onze ou doze criancinhas. Portanto, fizeram a chamada a todos ao mesmo tempo, fomos doze... E de resto da Aboboreira era só eu para a aceitação. Pronto. A professora... lá arrancámos nós, seis quilómetros até Mação. É claro que seis quilómetros leva quase duas horas a andar, hora e meia a andar. Quando lá chegámos, chegámos a Mação, colégio, professora, a minha mãe, o burrito ficou preso lá debaixo de uma árvore. Hora de chamada, entrámos, a professora diz para a minha mãe: "Olha, eu vou ali abaixo já volto". Ficou lá a minha mãe à porta da escola onde estavam as outras mães que vinham de Chão de Codes e pronto, o exame correu.
– Ah, as mães foram com os filhos ao exame?
– Fora das instalações. (...) A professora diz à minha mãe "Olha, eu vou ali abaixo já volto" e nunca mais apareceu.
– O que é que se passou?
– O exame correu bem. Eu fiquei bem. Ainda me recordo que a redação foi: "A cobra e os pássaros". E terminou, terminou tudo. Deram-nos o resultado, pronto, toca a andar, não é? Chegámos ao pé do burrito estava a professora a chorar, tal era o que estava lá dentro... O sistema nervoso a funcionar. É que nem assim a mulher ficou satisfeita. Ela tinha problemas psicológicos, acho eu. Eu não sei avaliar. Sei que a pessoa só deixou de chorar em cima do burrinho... direito à Aboboreira.
– Essa senhora que idade tinha nessa altura?
– Cinquenta anos. Era por aí uns cinquenta anos. O que nós não queríamos mais era que ela não nos desse cabo da cabeça, naturalmente, miúdos de sete anos até aos dez. Onze, doze e treze anos.
– Ela era daquelas professoras que levava nas vésperas de exame os alunos lá para casa, os que iam a exame?
– Sim, sim, sim, sim, sim.
– Chegou a estar lá?
– Estive, estive, estive. Isso foi na 4.ª classe. Umas duas semanas ou três ou assim, mas para casa dela fomos, mas só que ela tinha a vida dela, coitada. Deixava-nos lá: "Olham façam isto ou façam aquilo", portanto, aquilo não adiantava nada, porque se não fosse a explicar. E pronto, era assim.
– E depois de vocês fazerem o exame, e de terem passado, faziam alguma coisa? Comemoravam aquilo ou iam para casa? O que é que se fazia?
– Eu não dei por nada. Não dei por nada, pronto, uma vez que fui sozinho. Mas também dos outros não me recordo que houvesse. Não havia nada de paródia, de festas ou coisa assim de especial, não. De maneira que em relação a esta parte a vida continuou... logo aos 10 anos terminou. E portanto era logo ali a dar no duro, porque, então, eu tinha de ajudar a minha mãe.
– Portanto, o Alfredo fez a 4.ª classe, fez os anos todos seguidos, portanto nunca reprovou, passou sempre.
– Pois, eu nasci em 52.
– Entrou com sete anos? E depois terminou com doze anos?
– Dez.
– Dez anos. No geral, essa professora, ou a relação que ela tinha lá com os alunos, com os pais e com as famílias, como é que era? Havia uma boa relação?
– Era fria. E aquilo que tenho... como é que hei-de dizer?... Eles eram tantos. Ela queria dar tanta matéria que não conseguia dar tudo. Depois havia lá uns repetentes da 4.ª classe, três e quatro anos depois, já traziam barba... Houve lá um deles, tão danado com ela...

aquilo também não havia canetas, não havia nada, era o aparo... espetou-lhe o aparo na mão. Revoltado: "Estás-me a bater porquê?"
– Virou-se à professora e espetou-a com o aparo?
– Então pois. Havia lá duas raparigas que tinham mais uns quatro anos do que eu.
– Mas o Alfredo assistiu, assim, a situações em que os alunos se viravam à professora revoltados?
– Sim! Essa situação. E outros batiam-lhe também! Chegava-se a um certo ponto que a malta já maiorzita, com doze ou treze anos, já eram uns homenzinhos... e já não aceitavam. Havia lá duas raparigas, já muito repetentes. Eu cheguei a vê-la... isto é tão real como estarmos aqui... ela pegava nelas pelas tranças e andava com elas à roda no chão. No chão. Pelos braços: "Oh não sei quê..."
– Então os alunos tinham queixas da professora, no fundo.
– Não se podiam queixar em casa. Porque em casa levavam porrada. Não resolvia nada. Porque a época era muito difícil, era muito difícil para todos.
– Senhor Alfredo, depois de ter acabado a 4.ª classe alguém o incentivou a continuar os estudos? A professora alguma vez lhe disse... ou quer dizer, houve algum incentivo?
– Não. Não, não, não. Eu também não tive entusiasmo em estudar. Não tinha.
– Mesmo lá em casa a sua família o que é que achava da escola? Se concordavam que os filhos fossem à escola?
– Não havia tempo para isso. A nossa vida em casa era aquilo, logo pequenote tinha duas cabritas.
– Sim, mas no fundo os seus pais eram a favor de que os filhos fossem à escola? E achavam que era uma coisa boa para eles?
– Eram. Com certeza... era obrigatório a toda a gente. Não me recordo que alguém não fosse à escola nesse tempo da minha idade.
– Foram todos, não é?
– Toda a gente ia à escola. Sítios mais longe, lá nas aldeolas se calhar era capaz de haver uma ou outra falha até porque... dois ou três tostões que eu ganhasse já era dinheiro para...
– Para a casa, para ajudar a família. O Senhor Alfredo tem memória do dia-a-dia da escola? Se havia alguma coisa que fizessem todos os dias? Se havia alguma situação...
– Tínhamos brincadeiras. Portanto, bola não havia, havia uma bola de serapilheira, ou uma cabeça de nabo depois de ressequida... jogava-me ao pião, pois, naturalmente à época. Tínhamos um jogo que era a porca russa, com um pau com uma pinha com o chão molhado, descalço.
– Mas dentro da escola... chegava à escola de manhã e o que é que se passava? Entravam em fila na escola?
– Portanto, na escola a gente cantava o hino nacional.
– Cantavam o hino nacional. E rezavam?
– Não me recordo de rezar. Recordo-me do hino nacional.
– E o que é que tinham lá nas paredes da escola?
– Era só o quadro do Marechal Carmona que era o Presidente na época e tinha lá...
– O Salazar, um crucifixo, tinha tudo isso, não?
– Tinha. E tinha uns quadros de santas ou de Nossa Senhora coisa assim... e o quadro de escrever e pronto, não tinha mais nada. Tinha três ou quatro janelas. Tinha mapas também. O mapa de Portugal, sim.
– Outras coisas... objetos, cadeiras? Haviam carteiras para toda a gente?
– Era, era a chamada carteira que tinha o acento pegado, tudo pegado que eram as carteiras antigas.
– Sentavam-se dois a dois?

– Era, aquilo eram dois ou três.
– Não se lembra dos seus colegas de carteira?
– Se me lembro? Então não lembro? Eu recordo-me desse tal dia da porcaria, um deles já faleceu, tinha alcunha "O bispo". Era a alcunha dele, porque o pai também tinha a alcunha de Vigário e nós, os miúdos, metemos assim. Esse foi quem me foi ajudar quando eu saí da escola a correr, eu saí da escola com aquela coisa toda... foi daqueles que apareceu logo para ajudar.
– Era muito longe a sua casa da escola?
– Não! Eu era um beneficiado. Os que vinham das aldeolas tinham de trazer o comer deles, logo de manhã já chegavam lá todos molhados, porque tinham de andar assim descalcitos...
– Tinham lá aquecimento na escola?
– Não havia nada. Nada! Não havia nada. Portanto, eu da minha casa aquilo eram uns quatrocentos metros, se tanto, da distância da escola para a minha casa. Era pertinho.
– E o horário da escola lembra-se?
– Era das oito e meia, nove horas até às cinco da tarde. Depois tínhamos uma hora de almoço. E pronto.
– Costumava levar merenda? Ou ia a casa comer? Como era assim mais perto.
– A gente podia levar sempre uma bucha, qualquer coisinha, mas a maior parte das vezes a gente queria era ir para a paródia!
– E também faziam aquelas trocas das merendas uns com os outros?
– Isso também se fazia. Aquilo era mais ou menos tudo igual. Só se levava um bocadinho de pão com queijo, uma laranja, uma pêra, uma maçã. Era assim.
– Lembra-se dos materiais da escola? O que é que havia lá, e o que é que levava? Tinha livros, tinha cadernos, tinha o quê?
– Tínhamos, pois, tínhamos o livro.
– Era seu mesmo?
– Aquilo era nosso. Mas eu não tenho bem a certeza, também é verdade.
– Será que era um livro que passou de irmãos para irmãos?
– Pois passava. E era o lápis de pau, era a caneta de tinta permanente. Era o que havia.
– Havia o tinteiro lá na carteira com a tinta?
– Havia os buraquinhos.
– Eram vocês que levavam a tinta ou era dada pela escola?
– Isso era lá da escola. Nós também tínhamos, ainda no tempo da escola, havia uma fase em que nós... mas também não eram todos, é a tal história... aquilo era azedo como tudo, era o óleo de fígado de bacalhau, um fósforo de ferrero.
– Ferrero? O que era?
– Tinha mau gosto... o fósforo de ferrero era um fortificante.
– Um complemento? Mas isso era-vos dado na escola?
– Para a memória. Era dado na escola e era medido pela professora. Não sei se era da Cáritas ou do próprio Estado.
– Não sabe quem é que ia fornecer isso, mas era dado na escola não era em casa?
– Era dado dentro da escola.
– E era quantos dias por semana? Era todos os dias?
– Sei lá, mas parece-me que era todos os dias. Era sempre.
– Todos os dias. E foi durante todos os anos que andou na escola?
– Não, não, não. Foi quando era mais necessário, ou quando ela entendia lá que era assim.
– Isso foi mais no início da sua escola primária ou mais nos anos em que já estava quase a terminar?

– Já mais para o fim, porque era um fortificante lá para a memória ou coisa assim. Nunca foi muito falado, mas pronto. E foi assim. Depois também tivemos a catequese, fiz parte também lá do nosso clube, na época quem não fosse à missa e à catequese já não era bom filho. Mas fazia parte, porque aquilo na época era...
– Não guardou nada desse tempo da escola? Um cadernito, uma lousa, um livro, uma fotografia?
– É como eu digo, eu se tiver posso entregar. Tenho lá documentos da minha carta de bicicleta. (...)
– Disse que a escola era mista, andavam rapazes e raparigas, mas não havia separações nenhumas nas brincadeiras? No recreio, era tudo junto?
– Nada, nada...
– E também me disse que era tudo mais ou menos... descalcitos. Não havia discrepância entre meninos que fossem mais ricos ou mais pobres, que fossem mais bem tratados pela professora ou que fossem menos bem tratados?
– Às vezes era capaz de ser, sei lá. Não havia, não havia que eu me recorde assim... nada. Era capaz de haver uma ou outra que era posta de parte ou apanhada de ponta, mas não tinha nada a ver com...
– E era pelo comportamento?
– Pois, precisamente por causa disso, mais pelo comportamento.
– Costumavam lá na escola celebrar estas coisas que agora são comuns: Natal, Carnaval, Páscoa?
– Sempre houve um sinalzito do Natal, mas não havia prendas.
– Faziam árvore de Natal ou não? Presépio?
– Não. Nada, nada. Disso nada. Apenas se falava lá na redação qualquer coisa a falar sobre aquelas histórias.
– E quando vinham as férias? O que é que acontecia quando a escola fechava para férias?
– Então, íamos para o trabalhito. Então, pois. Assim como era ao fim-de-semana. Tínhamos três ovelhitas, duas cabras e uma ovelha e ainda me lembro dos nomes: a Caiada, a Castanha e a Manjoua... uma ovelha. Viviam juntas com o meu burrito. Só havia assim a separação de uma cancela ligeira, mas era tudo da mesma palharia, encostados à nossa casa mesmo, mesmo encostado à casa. Aquilo era família autêntica, os bichitos eram família. E, portanto, assim que comecei a andar: "Alfredo, vai lá buscar... abrir as cabritas", porque aquilo era tudo mansito, ninguém lhe batia, ninguém lhe fazia mal. O meu burrito era a mesma coisa, punha-me em cima dele de pé e ia dar-lhe água lá a um fontanário que havia mais acima onde havia um depósito, e ia lá quando era preciso, não havia água em casa, não havia casa de banho. Havia a água dos fontanários na rua. Punha-me em cima do burrito, assim nas ancas, sem albarda, sem coisa nenhuma e já sabia o que tinha a fazer, não é? Ia beber água, voltava para trás. Eu vivi estas coisas muito, muito ricas, muito ricas mesmo.
– No geral, ali na sua aldeia, acha que as pessoas valorizavam a escola, achavam que era uma coisa importante? Existe ainda lá uma escola? Tem lá uma professora?
– À época sim.
– Ou havia pessoas que eram contra?
– Não, não, não.
– No geral as pessoas achavam que era bom?
– Até porque a professora era um marco, assim como o regedor, o padre. Era... como se diz no dito: "Quem vai ali? Não é ninguém, é um soldado... .". E, praticamente aqui... hoje em dia não é que não haja o sentido do respeito, de saber quem vai ali... mas se calhar não se liga tanto. Naquele tempo as autoridades eram pessoas de...

– O que é que o Alfredo gostava mais quando andava na escola? A disciplina? O português, a matemática, a aritmética?
– Não queria nada disso...
– A história?
– Não queria nada disso.
– Então o que é que queria?
– Problemas e mais problemas, eram só problemas, redações. Eu não percebia nada de fazer desenhos, não percebia nada daquilo.
– Mas faziam desenhos na escola?
– Era inventar a Batalha, era desenhar coisas assim do género.
– Costumavam desenhar lá? A professora fazia exercícios com desenhos, era?
– Sim, sim.
– Olhe, não há nenhuma história que tenha ficado na sua cabeça... para além daquelas que já contou? Uma peripécia nas aulas, ou uma história de um livro que tenha alguma vez ficado na sua memória?
– Se calhar é melhor ficarmos assim. Eu vou rabiscar melhor. Depois eu escrevo.
– Está bem. Está bem. Diga-me só uma coisa. Depois acabou a escola primária, não é? Com os dez anos ficou aqui a trabalhar ou saiu de cá?
– Eu fiquei com os meus pais. Até ir para a tropa.
– Até ir para a tropa. E na tropa foi para onde? Onde é que esteve?
– Eu estive nos primeiros seis meses na zona de Leiria e Caldas da Rainha a preparação, e estive na Guiné.
– Esteve na Guiné. E passou lá o tempo da tropa, foi quanto tempo o serviço militar?
– Lá foi dois anos. No total foram trinta meses... e acabou em 4 anos, de 63 a 66. Isso é uma história muito bonita, muito forte e muito rica também... o Ultramar. (...) E quem é que paga a vida dos nossos camaradas, que lá estivemos, que foram 12 anos ou 13 anos? (...)
– Obrigada senhor Alfredo... pense lá é se tem alguma fotografia sua daquele tempo, ou com o edifico da escola, ou com a professora... ou quando concluiu o exame da 4.ª classe.
– A escola ainda lá está. É a Junta de Freguesia. É o que lá está... agora quando foi da junção das juntas... é a sede.

– Ana Cristóvão Afonso –

Naturalidade: Castelo Branco (origens na aldeia de Roda, Cardigos, Mação)
Data de nascimento: 31/10/1927
Residência actual: Castelo Branco
Habilitações literárias/ nível de escolaridade: 4.ª classe; Escola de Enfermagem Dr. José Lopes Dias, Castelo Branco

Série de entrevistas realizadas por Helena Cabeleira e Ana Isabel Madeira (gravada em registo áudio e audiovisual), Roda, Cardigos, Mação (02/03-08-2019; 13/16-08-2019) e Castelo Branco (03-10-2019).

[Realizada por Helena Cabeleira (02-08-2019)]

– Então o seu nome é Ana Cristovão?
– Sim. Eu quero dizer uma coisa. Uma vez um professor – um inspector – foi a uma escola e queria saber como é que os alunos estavam e interrogou alguns. E interrogou um, e diz assim... no meu tempo era assim: "diz lá o reinado do Dom Afonso Henriques". E nós, começávamos a desatar por ali a fora. E então virou-se para um deles e disse: "Diz lá o reinado do Dom Afonso Henriques". E ele nada. E depois ele ficou assim muito espantado de ele não saber. E depois diz o professor dele: "Diz lá o reinado do 'andando'". Andando do Dom Afonso Henriques... e por ali afora, por ali afora. Disse o reinado do Afonso Henriques!
– E começava logo assim!
– (risos) É, e eu sou exactamente assim. Eu sou mais para falar do que para ler... .para ler e compreender o que está lido.
– Está bem, está bem. Não há aqui respostas certas nem erradas, nós temos um guião, porque temos que ter uma estrutura para nos orientarmos, porque queremos saber determinadas coisas, mas também se a pessoa tiver outras para dizer ótimo!

– Ah, quer dizer, é dentro de um determinado conteúdo?
– É, até um determinado ponto. Depois as pessoas vão dizendo aquilo que acham importante, do que é que se lembram. Porque isto também varia, porque cada pessoa tem uma experiência diferente. E nós queremos registar. (...) Diga-me o seu nome, se possível completo.
– Ana da Silva Cristóvão Afonso
– E a naturalidade?
– Castelo Branco... a minha ascendência é toda daqui, da Roda, e daqui destas áreas.
– A sua data de nascimento?
– 31 de Outubro 1927. Faço agora os 92.
– É casada, solteira?
– Viúva.
– Nós queremos ter a identificação das pessoas com quem nós falamos, mas também há pessoas que podem querer responder às perguntas e não darem os dados delas, pode ficar anónimo.
– Não, não, não, não tem importância nenhuma.
– Tem e-mail a dona Ana?
– Tenho sim!
– Então diga lá... a dona Ana é mesmo uma pessoa deste tempo! (...) Frequentou a escola?
– Sim, até à instrução primária toda. E depois parei. Depois frequentei a escola de enfermagem.
– Então quantos anos é que andou na escola, ao todo?
– Na escola primária 4 anos, e depois na escola de enfermagem foi só 1 ano... nos cursos especiais que foram criados por um médico. Eu acho que foi o homem maior que passou por Castelo Branco... foi aquele. Ainda hoje existe esta escola Doutor José Lopes Dias, era médico, lá em Castelo Branco.
– Mas fez os 4 anos da escola primária?
– Fiz, e depois havia a escola para enfermeiros e para enfermagem auxiliar, e também para auxiliares sociais. Foi criado por ele, tanto a enfermagem auxiliar como a social durou 1 ano, e eu inscrevi-me na social, porque eu gosto do serviço social. E colocaram-se tanto as enfermeiras auxiliares como as sociais, empregaram-se tal e qual como os outros, apesar de ser um curso só de um ano... e eu estive 4 anos a exercer.
– Isso foi em que ano?
– Olhe, eu tinha 24 anos, tenho 91, faça-lhe as contas... que eu não sou boa para fazer contas. E eu fui tirar, realmente, nem foi para me empregar, porque eu sempre gostei de estar em casa. Eu fui... acabei por ser doméstica... e eu fui tirar o curso para ter mais algum conhecimento e até para poder fazer bem aos outros. E fui para esse curso... e nós éramos 16 da enfermagem auxiliar e 16 de serviço social auxiliar.
– E então foi a primeira turma que foi criada?
– Terceira... e acabou o meu curso... o social acabou nesse ano. Foi o último, foi só 3 anos. E as outras passaram da enfermagem auxiliar e foram tirar depois a geral. Porque havia também enfermagem geral, que eram 2 anos. A geral era no segundo ano de antigamente. Juntaram as auxiliares com as de enfermagem. Eu dizia assim: “aquilo é para aquelas”. Eu não tinha vocação para isso... mas para o serviço social até tinha. E depois pronto, acabou, acabou o curso. Passado algum tempo eu perguntei se havia possibilidade de arranjar emprego, mas não havia. Passado pouco tempo houve uma que acabou o curso, até com menor classificação do que eu, e depois havia em Alcains um hospital que foi criado por um casal que não tinha filhos e deixou a casa deles para o seminário. Porque há lá um seminário que eles fizeram de raiz, a casa, e então, como eles não tinham filhos quiseram

doar isso à terra. E depois eles acharam que seria o seminário, quer dizer, a continuar. Porque isso só foi feito depois de eles falecerem... o hospital... e havia duas enfermarias... e nessa altura eu estava em casa e perguntaram-me se eu queria ir. E eu nunca quis exercer enfermagem, mas não fui capaz de dizer que não. E depois, dado o fim para que aquilo era... aquilo era para os pobres, só era para os pobres. E depois estive lá 4 anos.
– Lembra-se do nome desse casal?
– José Pereira Monteiro, zona de Alcains, a 10 km de Castelo Branco. E então estive lá 4 anos, mas eu como não tinha vocação, realmente... quando à parte que me competia, da minha obrigação, procurei cumprir a minha obrigação. Do serviço social eu gostava. Mas estive lá sozinha... porque também o hospital era só para curar doenças vulgares, uma pneumonia. Portanto, o que lá se fazia eram injecções, essas coisas. A família tinha deixado aquilo aos padres, porque achava que eles eram capazes de ir com isso até ao fim. Criaram-se lá coisas mas acabou tudo. Aquilo também acabou, mas não foi da vontade deles talvez...
– Quantos anos esteve lá?
– Não sei... estive lá no primeiro ano, depois fui embora. Depois foi para lá outra. Entretanto, a outra adoeceu e eu fui lá só para a outra não perder o emprego. Tudo somado estive lá parece-me uns 4 anos. E depois disso ela esteve lá, não sei, se 4 anos e depois ficou na casa do povo, depois ela acabou por ficar em Alcains.
– Isto são conversas e histórias embrulhadas umas nas outras. Então dona Ana, para a gente não perder muito aqui o rumo... eu queria saber dos seus pais, se os seus pais tinham escolaridade. O seu pai e a sua mãe tinham escola?
– Eu não faço ideia se o meu pai seria até o primeiro a fazer o exame o exame de instrução primária. Eu não sei. Andou 5 anos na escola. Naquele tempo... como é que eu hei-de dizer... não foi por falta de passagem... era assim... não havia tempo de escola. O professor quando entendia... e o professor era o padre da freguesia, aqui em Cardigos, na Roda não havia, era em Cardigos... e o padre é que era o professor e ensinava os alunos. E depois, quando ele entendia que os devia levar a exame, levava. O meu pai era muito inteligente, e então quando o padre ia fazer casamentos... isso fazia-se a qualquer hora, agora vão à missa e assim, mas ali era em qualquer altura, casamentos, batizados e funerais... o meu pai ficava a dar a escola aos gaiatos... aos colegas.
– O seu pai é que dava aulas aos outros?
– Enquanto o padre se deslocava...
– Não tem a noção se o seu pai foi dos primeiros a fazer a escolaridade para poder ensinar aos outros?
– Não era para poder ensinar...
– Quer dizer... ele ensinava porque sabia.
– Para alguns gaiatos não ficarem sem nada, o padre dizia: “olha, pergunta lá”... e ele ficava.
– Qual era o nome completo do seu pai?
– João Cristóvão.
– Era o nome dele, completo?
– Era, só tinha esse nome.
– E se ele fosse vivo que idade é que ele teria?
– Ele nasceu em 1892, eu penso que não estou errada. Eu tenho lá esses dados todos, na minha casa, e tenho da minha mãe. A minha mãe era 4 anos mais velha do que ele.
– Então acha que ele teria 5 anos... de instrução primária? Quanto tempo era a escola primária?
– Não havia...

– Mas ele fez o exame de instrução primária?
– Sim, foi fazer a Tomar. Eu fiz em Castelo Branco, naquelas aldeias próximas era em Castelo Branco, mas no tempo do meu pai era diferente do meu. Eu vinham fazer o exame a Castelo Branco, e ele ia fazer a Tomar, a uma freguesia que uma vez pertenceu à Vila de Rei.
– Então o seu pai ensinou uns gaiatos que haviam por aí, é isso?
– Não... era na escola, era dentro da escola. Como o padre não estava, e para eles não estarem distraídos, ou mandá-los para casa... então ele pedia para ele os ensinar a ler lá na escola. E nesse tempo já havia distinções, e ele no exame ficou aprovado com distinção. Agora acho que não há isso... mas naquele tempo havia.
– E a sua mãe?
– A minha mãe não sabia. Não foi à escola, e quem a ensinou foi ele. Ensinou-a ele na Fonte... numa pedra lousinha, que é uma pedra mais escura e depois com o próprio... outra pedra... é que escreveu. O meu pai é que lhe escreveu as letras que ela copiou, as maiúsculas e as minúsculas...
– Enquanto a namorava, ensinou-a?
– Não senhora! Ele gostava dela. Ela gostava dele mas não era para casar. Disse que o achava pequeno!...
– Mas depois ele ensinou-a a ler e a coisa lá foi, foi isso?....
– Isso... mas eu não sei, eu acho que não sei se estou errada, porque eu acho que isso não é possível, mas a minha noção é esta: que ela aprendeu tudo em oito lições.
– Aprendeu a escrever e a ler em oito lições?
– Mas acho que isto é exagerado, sabe...
– Mas de onde é que lhe vem essa ideia? Ouviu alguma conversa?
– A minha mãe contava. Eu fiquei sempre com essa noção, mas eu acho que isso era impossível... seriam 8 meses, e agora faço-lhe eu a pergunta?
– Pois... não sei!... (risos). Quem é que sabe isso?
– Mas a minha noção foi sempre esta: que em oito lições ela aprendeu... ele ensinou-lhe as letras.
– Provavelmente ele tinha algum método que usava para ensinar.
– Não seria um método, nestas idades, é a força de vontade...
– Certo, mas se calhar ele próprio chegou a uma conclusão. Como também ensinava outros meninos, outros rapazes lá na escola, se calhar arranjou ele próprio uma forma de ensinar rápido, ou tinha ali um sistema, fazendo como os professores agora fazem, na primária, para ensinar os meninos a ler...
– Mas eu tenho a impressão que era ela. Era ela... a vontade que ela tinha de aprender. E olhe que ela escrevia bem, ela escrevia raras vezes, mas chegou a escrever. Quando precisava de escrever, ela mandava-nos escrever a nós... a mim e aos meus irmãos.
– Então ela sabia escrever, mas mandava escrever quando precisava, era isso?
– Ela... houve alturas em que foi ela que escreveu. E olhe que com poucos erros... com poucos erros. Ela escreveu uma carta para um dos meus irmãos... mas como nós sabíamos mais do que ela, e ela estava ali muito devagar. E ler, ela até tinha um livro, o livro era a *Imitação de Cristo*, e ela dizia: “eu, quando estou aflita, abro... abro-o ao calhas e recebo a consolação”. Ela dizia isto... ”vem-me sempre uma consolação da aflição que eu tenho...”.
– Desculpe... recapitule lá essa história...
– Ela tinha um livro chamado *A imitação de Cristo* e ela abria o livro... e às vezes quando tinha qualquer aflição... dizia: “vem-me sempre uma consolação”... e portanto lia, lia isso tudo. Disse que quando estava grávida, e estava assim meio... quer dizer, o estado físico, psíquico não estava a ajudar nada... e foi ter ao pé do meu pai e disse: “ó João, estou tão

aflita eu até penso que irei morrer... estou muito aflita", e ele disse: "olha, vai ler o livro da imitação de Cristo" e "fui ler e pronto, tudo passou... "
– A dona Ana teve quantos irmãos?
– 3... éramos 3, um irmão e uma irmã.
– E ainda são vivos?
– A minha irmã faleceu... com 82 anos... faleceu há 10 anos.
– E o seu irmão quantos anos tem?
– 85
– E eles têm escola? Eles também andaram na escola?
– O meu irmão está licenciado em história e português... e a minha irmã era em clássicas.
– Acha que o seu irmão gostava de fazer esta entrevista connosco?
– Olhe... o meu irmão está a cair... se estivesse aqui e combinasse com ele: "Olha amanhã eu vou entrevistá-lo às 10:00"... ele amanhã não se lembrava disso. Mas isto ainda não há muito tempo (...). O meu irmão tem seminário e há todos os anos um encontro e ele veio cá para o encontro, e eu também fui, e a minha cunhada, aqui na Sertã.
– O seu irmão é casado e ainda são os dois vivos, é isso?
– Sim, ela é mais nova do que ele... e então, ele nessa altura já estava assim. Nestas idades, é de dia para dia... a coisa cai cai cai... não é assim? Agora, certas coisas, talvez ele até lhas dissesse como eu. Às vezes, quando eu lhe falo no antigo, ele sabe. É o sinal dos velhos...
– Diga lá essa frase...
– ... é sinal dos velhos, é sinal de que se é velho... esquecem-se do presente porque só se lembram do futuro... é, é... do futuro não!... do passado!... sabe, às vezes estou a falar e estou a pensar que estou a dizer uma coisa muito certa e não... e não.
– Acontece a qualquer pessoa! A Ana tem filhos, não tem?
– 3, todas professoras.
– O seu marido? Há quantos anos é que a dona Ana é viúva?
– Foi em 1985, enviuvei...
– E o seu marido tinha estudos?
– Sim, mas não chegou a fazer o exame [da escola primária]. Mas andou muitos anos na escola... era assim. Ele correu não sei quantas escolas. E andava não sei quantos quilómetros e depois tudo aquilo... não sei, às vezes não iria, eu não sei. Ele andou lá talvez o tempo correspondente, mas não chegou a fazer.
– No fundo, não chegou a fazer o exame mas tinha a escolaridade, não é isso? Sabia ler e escrever?
– Sim, sim...
– A sua vida na escola... lembra-se do primeiro dia em que foi à escola?
– Penso que foi em 1935. Olhe, eu nasci em 1927 e entrei no dia 7 de Outubro, e fazia 8 anos no dia 31... e fui com a minha irmã, a minha irmã é que me levou. E matriculou. A minha irmã andava na mesma escola e tinha mais 2 anos do que eu. E ela que me matriculou.
– O qual era a escola? Foi em Cardigos?
– O meu pai estava empregado em Castelo Branco a minha mãe no dia do casamento foi para Castelo Branco... e pronto.
– Então, basicamente, as raízes que a dona Ana tem na Roda são dos avós e depois com o seu pai e sua mãe viveu sempre em Castelo Branco?
– Exactamente.
– Lembra-se do que aconteceu nesse dia de escola, no primeiro, lembra-se do que é que se passou lá, tem memória?

– Não tenho assim nada... só tenho... nos primeiros anos, a primeira classe e a segunda, foi para não gostar da escola. Não gostava da escola de maneira nenhuma...

– E não gostava porquê?

– Porque antigamente os professores eram uns monstrozitos às vezes (risos). Bem, a minha professora não era, eu até gostava muito dela porque as salas... havia uma em frente... e então, logo no princípio a professora da frente, ouvia-se a régua 'traz traz traz traz'. E eu tive medo à régua. A minha professora batia muito pouco, mas mesmo assim eu estava sempre com medo. Foi professora da minha irmã e diz-me assim: "tu não dás à tua irmã pela sola dos sapatos". Disse-me a professora, a mim...

– Disse-lhe a professora assim, e isso foi uma forma de a pôr embora...

– (risos) De me incentivar... (risos). E eu fiquei sempre... que não era esperta... sempre com esta convicção. Então, eu tinha muita dificuldade em decorar, em fixar, e o fixar é o decorar. Era uma coisa terrível, porque a tabuada, 3 e 2... 5. Eu tinha de fixar o que era o 3 e 2, 5, mas nada me dizia o que era o 5... o 3 e o 2 que depois seria o 5. E então, naquele tempo, chamavam os alunos todos ao pé da secretária e tinham de dizer a tabuada: "vá diz lá tu, e tu, e tu... ". E eu punha-me atrás de todas e ver se conseguia, enquanto elas diziam, se eu ainda conseguia apanhar alguma coisa. E sempre, não sei porquê, sempre com um certo acanhamento, e depois tinha receio que me batiam porque eu não sabia. E isso para mim era... era... uma humilhação. Há pessoas, eu tenho impressão, há crianças que talvez não se ralem. Às vezes havia umas como eu, que apanhavam, e eu estava convencida que elas não se ralavam com isso. Mas para mim não... para mim isso era uma humilhação! E eu com medo disso, e com medo de falhar e a achar-me que eu, realmente, não era esperta porque não decorava a tabuada. E depois deixei de gostar da escola, eu não gostava da escola. Mas lá ia indo. Mas isto foi na primeira e na segunda, na terceira e na quarta virou o bico ao prego. Ou talvez porque, dizem, o uso da razão vem por volta dos 7 anos. Talvez o fim do uso da razão, não sei... e eu nessa altura, pensava, talvez eu estivesse um pouco atrasada nesse campo em relação às outras. Mas depois, a partir daí, aquilo que eu fazia e conseguia aprender era pelo raciocínio. Porque o 3 e 2, 5 eu não racoci... raci... ai...

– Raciocinava...

– Raciocinava!... Mas, quando chegou à parte dos problemas ninguém me punha o pé à frente. Porque aí eu sabia, aí eu relacionava, e na interpretação da lição eu interpretava exactamente. E tinha memória visual também. Eu ainda hoje me lembro do principio de uma lição, não sei se era da quarta classe, se era da terceira ou da quarta classe, mas eu julgo que era da quarta classe... e eu estou a ver... havia o principio da história, e depois um novo parágrafo, havia um parágrafo, e eu estou a ver lá o parágrafo, tal e qual, e era assim: "que deliciosa tarde desse domingo de maio, como as madressilvas descendiam com os roxinóis trinavam lá no fundo esmeraldino vale, e já a lua cheia ia subindo no céu muito azul, quando a tia Mónica contou às crianças esta pequenina história"... e aqui o parágrafo e depois dizia: "era uma vez um príncipe, muito louro mas muito criança ainda"... e aqui já não sou capaz de seguir como antigamente seguia, mas sei o que é a história... que estava a dormir, e tinha um gibão pendurado no leito, na cama, e o rei entrou no quarto dele e viu que de lá, do gibão, saía uma carta, e leu a carta, e a carta era o pai a agradecer-lhe das economias que ele tinha feito e que lhe tinha mandado, e o que é que o rei fez? Pegou numas moedas de ouro e meteu-as dentro do bolso, dentro do bolso do pajem, e depois o pajem quando acordou e viu lá as moedas pegou nas moedas e foi levá-las ao rei, e ele disse-lhe: "olhe isso é o prémio dos bons filhos"... foi isto que o rei respondeu. Mais ou menos assim, a história é esta.

– Obrigada... olhe, pois... o que é que se diz a seguir a isto? (risos)

– Ah... da minha vida de escola... depois de fazer estes dois anos, terríveis para mim, os outros dois anos, a terceira e a quarta classe, uma coisa maravilhosa. Aquilo foi andar andar andar. E depois, eu sempre disse em casa que não queria estudar: "eu não quero estudar", sempre disse isto. Sempre disse isto, e quando chegou a altura...
– Mas os seus pais não se opunham? Se a Ana quisesse estudar, estudava...
– Eles não me diziam nada. A minha irmã andava já a estudar, porque era dois anos mais velha, no liceu, e então a professora disse... naquela altura havia o exame, não era? E agora não, transita-se para o seguinte, e ela disse: "quem quiser ir fazer exame de admissão ao liceu diz e eu dou-lhe explicação" e tinha de ser, as professoras davam explicações... "e digam se quiserem". E depois eu fui dizer ao meu pai... e disse "olhe, a professora disse isto"... "e o que é que tu dizes?"... "o meu pai é que sabe". E eu queria. Porque realmente os últimos 2 anos sorriram-me, e eu queria. Mas disse "o meu pai é que sabe"... "então olha, fica assim"... qualquer coisa assim. Foi um balde de água fria. Eu não fui capaz de dizer "eu queria", não fui capaz. E foi um balde de água fria que me caiu em cima, nessa altura.
– O seu pai perguntou à Ana e a Ana disse que não sabia?
– Que ele é que sabia... e ele depois disse: "Então pronto."
– A Ana era a mais nova?
– Era a do meio...
– E então os seus irmãos disseram que queriam ir estudar, foi isso?
– O meu irmão mais novo foi estudar depois de o meu pai falecer. Foi ajudado por um padrinho e a minha irmã sempre disse que queria estudar. Mas o meu pai adoeceu e ela esteve no lugar dele parece-me que 2 anos. E depois a minha mãe disse que ela gostava muito de estudar, e depois o padrinho disse "ela que vá" e ela até se convenceu que ele pagava os estudos. Mas não pagou. Emprestou o dinheiro, pronto, já não foi mau. E depois ela foi estudar, mas nessa altura, portanto, a minha irmã ainda não tinha ido estudar. Ela vinha do liceu e mostrava-lhe as notas, e ele ficava todo vaidoso. Mas como depois ele adoeceu, e depois ele faleceu e ela esteve sem estudar, ou não sei se ela interrompeu os estudos... espere lá. Ela mostrava-lhe as notas do liceu, e ele até foi dizer aos patrões. E um dos patrões: "Ó João... ", e ele até dizia: "A minha universitária", e mostrou as notas ao patrão, e ele: "Ó João, a gente também não deve ter tantas aspirações", disse o patrão para o meu pai. O meu pai era encarregado na fábrica de cortiça, e eu até nasci dentro dessa fábrica, o meu pai tinha casa e eu nasci lá dentro desta fábrica, eu e a minha irmã.
– Ainda existe essa fábrica?
– Não, a fábrica acabou, mas eu passo lá sempre perto, quando vou com as minhas filhas de carro. E entrei lá. Se eu não soubesse que a casa tinha sido lá, tinha existido, eu não sabia. Está tudo cheio de silvas e não há jeitos de casa nenhuma. A casa dele está em ruínas. Se eu não soubesse que era ali naquele sítio, eu não sabia que era a casa dele. Foi isso, e depois quando o meu pai faleceu ela não foi estudar e então depois disso é que esteve dois anos sem estudar, nos últimos tempos de vida: "Se quiser eu vou para o seu lugar, eu vou trabalhar para o seu lugar." E os patrões aceitaram, radiantes, e queriam que ela lá ficasse.
– Então ela trabalhou na mesma fábrica que o seu pai?
– Enquanto o meu pai estava doente e depois quando o meu pai faleceu a minha mãe calhou a dizer ao padrinho que ela gostava muito de ir estudar, "A minha afilhada que vá estudar, se ela quer que vá", e a minha mãe convenceu-se...
– Então o seu irmão era mais novo do que a Ana?
– O meu irmão entrou no seminário e depois do Seminário é que foi estudar. Completou todo o curso do Seminário, faltou a ordenação, mais nada.

– Olhe Ana, vou voltar só um bocadinho atrás. Não se lembra mesmo nada do primeiro dia de escola, nem o que é que levava vestido, nem que material levou?
– Coisas muito pequenas. Uma saquinha, assim mais ou menos deste tamanho, era deste pano das sacas, que havia umas sacas na altura, em juta ou como isso se chama, não sei.
– Serapilheira?
– Serapilheira... exactamente. Era uma saquinha dessas, e a minha irmã na escola já tinha assim uma malinha... nos últimos anos. Andei 2 anos com ela na escola ainda. E então ela tinha uma malinha já de cartão, diferente de mim. Eu achava também que era assim um bocadinho... tinha um bocadinho de ciúmes dessas coisas (risos). Ela já tinha isso, e eu fui com a saquinha. Ela também já tinha ido, mas pronto (risos). Mas olhe, antigamente havia muito pouca coisa...
– Mas o que é que levou de material, lembra-se? Um lápis, uma caneta, o que é que havia nessa altura? Uma lousa?
– Era uma lousa! E era um lápis também de lousa.
– E não guardou, não tem nada dessas coisas, não?
– Eu não guardei... existe uma lá em casa que deram a minha irmã num encontro de colegas. (...) Por exemplo, um tio meu que foi para Moçambique, talvez dos primeiros daqui, que daqui saíra, há uma fotografia dele, ele trabalhou nas minas... é uma coisa que tem uma espécie de binóculo, aumenta, e depois põe-se aqui à frente e a pessoa fica...
– Em 3D?
– Exactamente. Talvez até tenha outras coisas e lembranças.
– Vá pensando nisso... fotografias de escolas ou de sítios.
– Eu até tenho o diploma do meu pai. Ainda há pouco tempo aquilo estava na casa dos meus pais e isso andou lá a dar voltas, e apareceu aquilo e uma filha minha, a mais nova, disse logo "É para mim" e está encaixilhado. (...)
– Não se lembra da escola, como é que era?
– Perfeitamente. Em Castelo Branco, no Cansado.
– Ainda funciona essa escola?
– Não. Já há muito tempo, eu não sei o que fizeram à escola. Não sei se está lá alguma coisa. Não faço a mínima ideia. Aquilo é um bocadinho distante da minha casa. Era o Cansado, o Cansado... porque era a escola do Cansado.
– Mas como é que era a escola? Consegue lembrar-se disso? O edifício, a estrutura, era pequena, era grande, tinha salas, era uma casa... ?
– É destas escolas, há aí muitas iguais. Mesmo iguais. Nem sei se era ali em Chaveira. Mas olhe, é muito simples, eu vou lá e tiro a fotografia, ou peço às minhas filhas e elas tiram fotografia à escola. (...)
– Se quiserem mandar uma fotografia, excelente, mas o que é que a dona Ana se lembra?
– Perfeitamente. Estou a vê-la. Eram dois edifícios e cada edifício tinha duas salas de aula, entrava-se pela mesma porta, a minha era à esquerda, era logo a primeira, onde eram os 4 anos, e com aquela professora. A minha irmã teve algumas 3 professoras. Esteve nessa escola, era a escola feminina, e depois no tempo do meu irmão já era masculina.
– No seu tempo era só feminina, só tinha meninas, era isso?
– Só tinha meninas, mas espere lá, no tempo do meu irmão... bom... no meu tempo era só feminina, e tinha duas salas de aula, eram iguais. E a masculina tinha outras duas.
– Mas era tudo ali no mesmo espaço, ou eram afastadas?
– Tinham o recreio murado, e penso que nem tinha porta... e depois havia um muro que separava.
– E materiais lá dentro, como é que era? A sala, o que é que tinha lá, carteiras, quadro... tinha mapas, tinha livros?

– Tinha... e eu nasci em 1927 e o Estado Novo foi em mil novecentos e... .
– Começou em 26-27 com a ditadura militar. O Estado Novo, com essa designação, foi a partir dos anos 30... .33 salvo erro..
– E então havia quadros enormes... que eu tenho impressão que já os vi em outras escolas onde eu ia votar. E então puseram as casas do povo... uns a entrar para a casa do povo e outros a entrar para a taberna... porque quando foi o Estado Novo fizeram isso. Quer dizer, antigamente... a educação passou a ser de outra maneira. Os homens metiam-se nas tabernas e depois veio o Estado Novo, criou as casas do povo, criou essas coisas do povo e então... a mostrar-nos isso.
– Havia cartazes a mostrar-vos isso, lá na escola? A dona Ana não conhece ninguém que saiba onde isso existe, se essas coisas estão nas escolas, se houve alguém que guardou? Não conhece ninguém, não sabe de nada?
– Eu não sei se vi em alguma escola quando estava a votar... talvez não... vi no Facebook.
– Alguém publicou alguma fotografia disso?
– Exatamente... isso e mais outras coisas, e até a capa do livro da terceira classe. E a minha cunhada até disse e mostrou que foi por aquele livro que ela estudou.
– Consegue saber qual foi a escola, ou quem foi a pessoa que publicou essas imagens dos cartazes, e se eles existem?
– Segundo as opiniões de... outros meninos... aquilo era, era propaganda do fascismo.
– Então, tinha 2 cartazes, era isso?
– Tinha 1 só.
– Era 1, que de um lado tinha os homens a entrar para a taberna e do outro as casas do povo... era isso?
– Sim... era assim. De um lado uma coisa, e do outro lado a outra. E depois, recordei isso perfeitamente naquilo que eu vi no Facebook...
– Mas estava a falar da escola e das coisas que havia lá na escola, os materiais...
– Havia qualquer coisa de medidas de peso... e as carteiras também me lembro porque... olhe, vi também no Facebook aqui da Chaveira (...) eu julgo que foi uma escola daqui... lembro-me dessas carteiras, eram de duas pessoas, dois alunos, com um tinteiro aqui e outro ali...
– Se por acaso a dona Ana encontrar ou souber de alguém que tenha esse tipo de fotografias, ou materiais em escolas, ou saiba onde exista, vá pensando ou falando...
– Os alunos do Cansado também todos os anos reúnem... todos os anos. Foi em determinada altura, mas os impulsionadores daquilo, quer dizer, um deles depois adoeceu e os outros não sei porquê... e já há 2 anos que não vamos lá. Nos primeiros anos até íamos lá à escola e púnhamos lá uma lápide, com os alunos do ano tal e tal, todos os anos. Depois acho que até deixaram de pôr isso. E agora não temos ido.
– Mais pormenores da escola? Além dos cartazes... alguma coisa que a Ana se lembre? O que lhe ficou na memória? Qualquer episódio, edifício... ?
– Ás vezes estas coisas assim na hora... eu agora vou pensar nessas coisas...
– Certo... e lembra-se dos seus amigos da escola, alguns?
– Sim... alguns... era só meninas. Olhe uma coisa, a diferença desse tempo de relações de colegas e de agora... agora há o bullying... ou que raio é que chamam a isso! Na minha escola era o contrário. Se havia alguma aluna que se distinguisse, que sabia mais, porque havia sempre, e logo nessa primeira classe, na primeira e na segunda classe havia outras que sabiam mais. Mas quando passei para a terceira e a quarta já não! Daí é que eu comecei também a gostar da escola. Então, não havia inveja, nós chegávamo-nos a essas meninas que sabiam mais...
– E serviam de exemplo, não é?

– Exatamente!... De exemplo. Era como... como é que eu hei-de dizer... elas eram superiores a nós, e nós víamos nelas uma coisa que... admirávamos.
– E queriam ser assim também, não é?
– Pois... pois. Há bom que a gente quisesse ser assim, mas não tínhamos inveja delas serem assim. A gente sentia-se bem de alguém que era superior, ao lado dessa pessoa que era superior. Isso deve ser hoje entre os alunos professores. Mas nós sentimos isso dessas meninas, Agora é o contrário! Tenho uma amiga que tem um bisneto e um dia na aula a professora fez uma pergunta e era para levantar o braço. Ninguém levantou senão o bisneto dela, e respondeu. Quando chegou lá fora, um disse-lhe assim: "tu não tinhas nada que responder, nós não sabíamos e tu não tinhas nada que dizer" e começou a malhar nele... a dar uma tareia. Um cigano viu, agarra-se ao outro a dar uma malha bem dada. E foi o que foi a salvação do miúdo... porque senão ele ainda continuava a malhá-lo. E depois ele até disse... até disse que chegou a casa e disse "olhe lá, se ele tiver fome... ele é meu amigo... se ele tiver fome eu posso trazer cá a casa?... ao ciganinho?". Mas é que agora há isto. Porque é que fazem estas coisas? Ás vezes é a malvadez, é um instinto que eles têm agora... esta gente... eu não sei explicar.
– Isso explica uma parte, mas também não explica tudo...
– É a educação... é isto, não é outra coisa... aquilo que os nossos pais nos ensinaram é completamente diferente daquilo que os pais hoje lhe ensinam...
– São outros exemplos que as pessoas têm na cabeça. Porque antigamente, a Ana tinha aquelas pessoas, aquelas pessoas eram os exemplos que eram para seguir, agora são outros exemplos que se seguem...
– Eu só tenho pena de não saber escrever... se eu soubesse escrever eu fazia um livro sobre esta terra... eu quando entrei no Facebook...
– A Ana diz que não sabe escrever... mas a Ana sabe escrever! Aprendeu a ler e a escrever, não foi?... (risos)
– (risos) É outro escrever... (risos). É outro escrever!
– Ah... diz que não sabe escrever, mas porque nunca se pôs nisso! Se sabe ler e sabe escrever... sabe escrever! (risos)
– (risos) Se eu tivesse a capacidade de escrever, de me exprimir na escrita como tenho a falar... aquilo que eu digo tenho dificuldade em escrever...
– O que é para si o exemplo de saber escrever? Tem um exemplo?
– O exemplo é isto: aquilo que eu digo aqui, e se eu passasse para o papel, eu podia passar para o papel aquilo que eu digo aqui... ser falado ou ser escrito é a mesma coisa. É fala, é uma fala muda, o que é escrito é uma fala muda.
– A Ana precisa ter alguém com quem conversar, sozinha não se consegue pôr nisso?
– ... não, não...
– Tudo o que eu vou escrever... vou escrever com aquilo que a Ana está a dizer aqui.
– Mas o que está aqui a escrever, era eu que o escrevia. E eu não tenho essa facilidade, em estar a escrever isso. E então estas histórias que se passam por aqui, da terra, lindas cá para mim, e acho isto uma Terra maravilhosa. E ainda andei a namorar as minhas netas... uma das mais novas e outra... pediram-me muito para eu contar anedotas e pediram-me para eu escrever. Mas eu não sou capaz de escrever isso... como é que eu agora vou lá passar para o papel? Pensei que não era capaz... e andei a namorá-las para eu contar a história e elas escreviam-na. Mas um dia a coisa virou de outra maneira... um senhor, professor, foi colega da minha irmã e foi professor de uma filha minha, e depois foram colegas, e agora tratam-se por tu, e sou amiga dele e da esposa e então ele ia lá a casa buscar limões, tenho lá muitos limões, e pergunta-me assim: "Olhe lá, o que é que entende por: "nem com toda a fome... " nem sei lá onde ele foi buscar aquilo, não faço a mínima

ideia... e disse: “olhe o que é que acha disto: nem com toda a fome se vai ao pote”? E eu depois disse-lhe: “olhe, na terra da minha mãe isso quer dizer isto... não, a minha avó dizia assim: “filhos, quantas vezes temos de vender a seia para comprarmos o almoço”?... isto é sinal de honradez, porque a pessoa não vai roubar nem vai ficar a devê-lo... paga... é isso, a vida equilibrada... isto é assim, a minha avó dizia isto... e então ele ficou a pensar. E lá na terra, a minha outra avó, matavam o porco no dia 31 de Agosto e então eu tinha um tio que era latoeiro e fazia umas latas, como as latas da tinta mais ou menos nesse jeito, e depois punha-lhe uma tampinha por cima e soldava. Ele não sabia fazer lá a rosca, soldava, e a minha avó metia lá os chouriços e depois quando chegasse mais tarde abria a lata. E depois... porque eles podiam gastar logo os chouriços, mas não... guardavam para depois, e depois quando realmente havia falta, e portanto antes não os comiam... e antes precisavam deles também, mas era depois mais tarde... e depois conversámos e eu comecei a dizer provérbios e ele começou a escrever, começou a escrever os provérbios. E então um dia eu disse-lhe uma coisa: “olhe, é melhor não vir” porque o tempo que ele gastava, e o tempo que eu gastava, para estar ali a dizer lá a ladainha toda. “Vamos fazer assim, eu tomo nota e depois digo-lhe”. Se eu estava a lembrar-me enquanto ele estava lá a escrever, demorava mais tempo. Depois de maneira que eu escrevi aquilo tudo...

– Tem isso escrito?

– Tenho... (risos)

– Com que então não sabe escrever?... é bom!

– (risos)

– Mas porque isto é muito fácil... por exemplo... quem vai por Santarém, vai por ir vai por vem... isto é bom de escrever... agora, uma anedota... a pedido de umas amigas eu contava anedotas... mas há uma coisa que eu não gosto, gosto muito de anedotas, mas são coisas sérias, não gosto nada da ordinarice, e baixaria, como dizia o Solnado... que segundo consta, o Solnado ainda é nosso parente... talvez seja verdade, porque parte da minha ascendência veio da Fundada, de onde ele era, os pais, ele não, já nasceu em Lisboa. (...)

– E tem alguns que metam coisas da escola, ou professores? Lembra-se de provérbios desses, dos tempos de escola?

– “Ó senhora catequista, é verdade que Deus está em toda a parte?; – É... ; – Mas então está no quintal da minha avó?; – Está!...; – Mentira, que a minha avó não tem quintal!...”

– Diga-me lá, lembra-se quantos alunos havia na sua escola? Quantas eram as meninas da sua sala?

– Memórias... não tenho nenhuma. Com as minhas colegas perdi o contacto com todas. Mas ainda me lembro da Maria Madalena, da Lurdes Bispo, da Luísa que foi minha colega... até me lembro uma vez... os polígonos... acho que é os polígonos, 3 triangulo, 4 quadrado, 5 pentágono, 6 hexagono, 7 heptagono, 8 octogono, 9 niniano, 10 decágono, 12 dodecágono... 15 pintadecágono... pintadecágono... a minha colega disse isso, e tudo se riu!

– Houve algum episódio, lá na escola, que a dona Ana se lembre melhor, de uma coisa que tenha acontecido?

– Olhe, um episódio que não me agradou nada, foi a história do bater. Porque havia a réguada, as reguadas, que as professoras davam... e havia os estalos... estalos ainda levei alguns, assim... estava a escrever e “toma”, estava mal e “toma”...

– Porque fazia alguma coisa errada, e levava um sopapo?

– Exactamente...

– Era habito... por exemplo, a sua professora... ainda que havia ali um modelo, mais ou menos...

– Todas batiam! Todas batiam! Umas mais outras menos, e a minha era a que batia menos, e eu gostava mais da minha porque ela batia menos, porque os da frente era... a agente ouvia "traz traz traz". Apanhei duas reguadas, duas vezes, e tudo em geral. Porque ela saiu, e estava tudo a fazer barulho... e por fazer barulho... vai lá... são crianças... estava tudo a fazer barulho e a Maria Madalena: "calem-se meninas, calem-se meninas". Porque ela estava lá com a outra professora, talvez a combinar alguma coisa, não sei, e ela ouvia a Madalena a mandar calar, e ela bateu a todas e não bateu à Madalena porque a Madalena mandou calar... aquilo custou-nos a engolir... ela ao mandar calar também gritava a dizer "calem-se" e ninguém queria saber o que ela dizia.
– Mas essa Maria Madalena era uma colega vossa?
– Colega... e ela não apanhou!
– (...) Lembra-se da professora? Sabe dizer o nome dela?
– Era Maria da Conceição, e eu nunca gostei do meu nome, e então queria mudar o nome para Maria da Conceição...
– Porquê? Por causa da professora?
– Porque gostava da professora... apesar do medo.
– E era Maria da Conceição... não se lembra do resto do nome?
– Maria da Conceição Duarte Costa, era de Santarém, mas casou em Castelo Branco, o marido era de Castelo Branco, ela foi para Castelo Branco, para professora, e lá casou. E segundo creio, naquele tempo, os pais...
– E a dona Ana nunca mais teve contacto com esta senhora?
– Faleceu (...).
– A dona Ana diz então que gostava dessa professora?
– Porque ela batia menos que a outra que estava na sala da frente. Mas também no trato, no trato connosco ela tratava-nos também um bocadinho... às vezes tratavam-nos como garotos, e ela tratava-nos assim com seriedade. Falava assim para nós como quase se nós fossemos adultos, a maneira como ela falava para nós, era acessível.
– E foi sempre a mesma professora que a Ana teve?
– Sempre a mesma professora...
– E agora diga-me a Ana... de certa forma já me disse, mas diga-me por palavras suas, se acha que ela era boa professora.
– Sim senhora, e digo-lhe uma coisa, eu aprendi uma quarta classe talvez igual ao segundo ano de agora, a única coisa... se não era o francês naquele tempo, haviam as linguas e a matemática...
– Ela ensinava bem, como professora era boa?
– Muito!
– Mas também era... em termos da relação que tinha com os alunos... era mais afável?
– Sim senhora! Muito afável...
– Acha que tinha alguma coisa a ver com a outra? O facto de ela ser boa professora e de ter essa atitude para com os alunos? Acha que isso tinha alguma influência?
– Qual atitude?
– Essa atitude de ser menos severa, menos austera...
– Normalmente era assim... pessoa boa, professora boa... ela era boa pessoa... bom coração, era sim senhora, e falava assim seriamente para os alunos, não era assim... como é que eu lhe hei-de dizer...
– Ainda assim ela aplicava castigos, castigava os alunos, quais eram os motivos?
– Pois era, mas das 4 professoras, que havia entre o masculino e o feminino, nós conhecíamo-las todas, nenhuma era tão boa como ela...

– Disse-me que nos primeiros 2 anos da escola foi mais difícil, que tinha aversão à escola, mas foi com essa professora?
– Foi essa professora.
– E foi essa mesma professora que lhe disse que não chegava aos calcanhares da sua irmã...
– (risos e abanar de cabeça afirmativo)
– E que também a desincentivou, de certa maneira, durante um tempo...
– Eu estava convencida que não era boa aluna...
– Mas quer dizer, essa professora desincentivou-a nos primeiros tempos, quando disse uma coisas destas, mas no fundo, depois também a incentivou, porque nos últimos anos...
– Perfeitamente.
– Ela dava castigos quando, se calhar, tinha que dar, não é?
– Espere... uma vez levei uma reguada, foi na tabuada... eu não acho justo isso, é uma coisa que revolta.
– Mas quando havia motivos para recompensar, ou incentivar, no fundo, para fazer o oposto, ela também fazia? O que é que ela fazia para distinguir um aluno, por bom comportamento, ou por boas notas? O que é que ela fazia, ou o que é que ela dizia?
– Não me lembro... o dizer não me lembro... a gente notava... era às vezes assim umas preferências... e havia por vezes umas meninas... talvez bem... meninas bem... havia assim um bocadinho, mas não era uma coisa maior...
– Flagrante...
– Pois...
– Acha que a situação que foi a sua vida... neste caso, esta professora, acha que ela teve influência na sua vida? Naquilo que foi o futuro da sua vida? Ter estudado, não ter estudado...
– Não... a única coisa de eu não ter estudado foi... tarde eu descobri a razão porque eu não gostava da escola...
– E quando é que acha que descobriu isso? Foi mais ou menos em que altura?
– Ai... já tinha as minhas filhas... a mais velha vai fazer 57 anos e a mais nova 50... não é há muito anos, não, ainda há poucos anos descobri que realmente o medo...
– Era o medo de falhar... de não corresponder com as expectativas... ?
– Exactamente, até aí eu nunca me achei boa aluna... e depois não gostava. Uma coisa: eu não leio, eu não gosto... para mim é tudo o que eu vejo à minha volta, nada me escapa. Mas há pessoas que se cultivam através da leitura. Eu não. E, para mim... agora já não, também, agora já sou mais velha e as coisas já são de outra maneira... mas eu, por exemplo, ver uma casa com livros, para mim, era o mesmo que ver uma casa desarrumada... uma sala onde eu visse os livros... eu realmente como não gostei da escola, não gostava de estudar e não gostava dos livros e portanto, eu leio muito pouco. E é por isso mesmo que eu tenho facilidade em falar, mas não tenho facilidade em escrever... porque não leio. Mas já tenho lido, agora ainda há pouco tempo li... foram uns livros que a minha irmã tinha e eu queria-os dar para uma biblioteca e então já os tinha lido e voltei a lê-los, sobre a vida de Cristo, e é para o movimento católico que tem uma biblioteca (...). E então... nunca me ficou a vontade de ler, eu perdi a vontade de livros, e de ler, e não gostava dos livros. E durante muito tempo, um livro... ver uma casa com uma estante com muitos livros era o mesmo que ver uma casa desarrumada. Ou vê-los por ali assim, era uma casa desarrumada... é verdade!
– Então, a dona Ana já me respondeu como era a relação entre as colegas do seu tempo de escola, com a professora... a Ana já me disse o que pensava da professora, mas no geral,

falavam entre vocês, o que é que os seus colegas diziam da professora, o que é que eles achavam da professora? Tinham todos a mesma opinião?
– Não era da minha, mas de uma que era da minha irmã, que também batia muito. E depois uma aluna disse: "eu posso deixar de ser, por exemplo, Amélia, mas ela também deixa de ser professora!"... que a malhava!
– E a sua família, tinha alguma opinião? Ou os seus pais? Conheciam a professora, ela vinha a casa, convivia convosco?
– Não
– Os seus pais conheciam-na, provavelmente, dali? Davam-se? Iam à escola?
– Não, não, não. Não iam à escola, nada disso (...). Mas tive uma amiga, já falecida, que era professora, e dizia: "Nós no nosso tempo, era assim, o pai ia levar o aluno: Ó senhora professora, olhe, nem que me entregue só a pele, mas faça dele um homem!"
– Mas a Ana não se lembra de ter havido conversas dos seus pais com a professora? Foram alguma vez à escola, ou tinham contacto com a professora?
– Não, não, não..nunca! Mas era natural que o meu pai... ou que houvesse algum encontro de rua... mas que eu saiba não... propositadamente não.
– Além desta professora, houve mais alguém que a Ana tenha como referência, uma pessoa que não tendo sido professora pela escola normal tenha tido influencia na sua vida, quase ao nível de um professor ou de alguém que você vê como exemplo?
– Não... eu sempre fui uma pessoa muito independente.
– Autodidata... nunca teve heróis, não é?
– Não não.
– Houve alguém... e a Ana já me falou um bocadinho disso... um incentivo, ou desincentivo, para seguir os estudos, porque tinha aquele medo (...). Houve alguém, em algum momento, que lhe tenha dito "vá, vai lá"... nunca ninguém a incentivou? Nem o marido?
– Não. Eu nunca quis tirar a carta, não conduzo.
– Mas nunca quis?
– Mas também nunca ninguém me incentivou para a tirar.
– Mas também ninguém a proibiu, certo?
– Não... o meu marido nunca me proibiu de nada, mas também nunca me incentivava para coisa nenhuma... nem uma coisa, nem outra!... talvez se ele me tivesse incentivado. Mas nessa altura eu já tinha 30 anos... e a minha irmã tirou a carta nessa idade, talvez fosse até mais velha, e a razão que eu não quis... a minha ideia foi assim: "e se eu mato alguém?". Eu nunca pensei: eu vou conduzir e posso morrer, posso ter um acidente, foi: e se eu mato alguém? Por isso eu disse sempre: eu não quero tirar a carta. Olhe, não me fez falta. (...) Estava a perguntar, portanto, se alguém me incentivou... ninguém me incentivou nada. Ah, mas espere, quando eu fui para a escola de enfermagem, a escola tinha aberto há 3 anos...
– Mas aí a Ana foi fazer essa formação porque quis?
– Foi uma questão de valorização... mas eu pensei assim: "ah... mas eu não sou capaz de fazer isto... ". A minha mãe ficou contente, porque no fundo a minha mãe tinha pena, eu notava isso, de a minha irmã ter estudado e eu não. (...) Quando eu lhe falei nisso, a minha mãe delirou, a minha mãe delirou porque talvez lhe roesse a consciência de ver que a minha irmã... embora que depois do meu pai ter falecido, naquele tempo não havia reformas, a vida é complicada (...).
– A Ana não se lembra o que fazia na escola, como é que começava o dia, o que acontecia durante o dia, os passos da rotina do dia-a-dia, o que é que se fazia na escola?
– A gente entrava às 9.
– E a sua casa era longe da escola?

– Pois, era isso, era no Cansado, e eu fiquei cansada para toda a vida porque tinha que ir muito longe, e naquela altura entrava-se às 9, levava-se a merenda, e depois saía-se às 3 da tarde. Depois mais tarde é que passou a ser só de manhã ou só de tarde.

– E a Ana não se lembra, entrávamos na escola e a professora de manhã começava logo com esta matéria, ou fazíamos estes exercícios, ou fazíamos aqueles... .

– Isso dependia talvez da matéria que ela estivesse a dar naquela altura...

– Mas sei lá, podia lembrar-se, olhe, de manhã fazíamos a matemática, ou a aritmética.

– Olhe... a tabuada!... a tabuada sim!..mas também não estou a afirmar uma coisa que eu não tenho a certeza... mas talvez fosse a primeira coisa... era assim (canta): "1 e 1, 2, 2 e 2, 4"... todas juntas, e eu, começava tudo junto, tudo junto, e depois dizia cada um em particular... começava a andar para trás... elas já tinham dito todas e depois nessa altura talvez eu lá ia...

– E qual era mais ou menos a distância que você levava até à escola?

– Era muito longe... ia a pé.

– Quanto tempo é que demorava?

– A minha casa era numa quintazinha muito pequenina (...) mas da minha quinta avistava-se a cidade... quantos metros seria, eu não sei dizer, vamos lá a ver...

(...)

– Essa história do seu pai isso é impressionante... não há muita gente da sua idade que tenha essa situação de um pai que já sabia ler, e que ensinou outros, e ensinou a sua mãe...

– Mas olhe que o meu avô sabia. Porque antigamente havia isso, as pessoas cá fora ensinavam-se uns aos outros. Não iam à escola, ensinam-se uns aos outros. E um tio meu, que era latoeiro, escrevia para o meu pai cartas e o meu pai respondia. E até... e aí é que eu tenho tanta pena, é de uma carta que apareceu na casa de uma tia minha, e que era o meu avô a escrever para o meu pai, e até dizia: "tu disseste que a menina comia bem... ela há-de ser mulher". E era por mim. E eu tenho pena de não ter apanhado essa carta, a minha tia tinha-a lá numa gaveta, e eu um dia calho a ver essa carta, e dizia isso...

– E não sabe do paradeiro, não é? Sabe que as pessoas não davam muito valor a essas coisas, eram coisas corriqueiras, correntes, e tinham pouca coisa, não é?

– Aquilo andava lá numa gaveta...

– E curiosamente as pessoas tinham tão pouca coisa que às vezes aquilo que sobrou são essas pequeninas coisas, e mesmo essas coisas as pessoas não valorizaram nada... não deram valor nenhum (...).

– Se eu escrevesse, era os costumes da terra, porque há coisas muito engraçadas.

– Sim, e isso já é uma parte mais etnográfica, isto é, as memórias que as pessoas todas têm independentemente se foram à escola, ou se não foram... agora, há aqui uma base que para nós é mais importante, que é esta do que é que as pessoas se lembram da escola... aquelas que foram à escola, aquelas que não foram, porque as que não foram também têm umas memórias quaisquer da escola, nem que não fosse porque tiveram muito desgosto de não ir, ou porque não puderam ir porque estavam longe, ou porque tiveram um pai que não deixou, ou porque se calhar foram os meninos da família e as meninas não foram... portanto, há tantas histórias diferentes.

– Sim... não iam as meninas à escola. E sabe porquê?... porque escreviam aos namorados, como se isso fosse um crime! (...) Aquilo que eu sei desta terra, e dos usos e dos costumes...

– Mas tem conhecimento de vizinhos ou conhecidos seus, ou da família, em que o argumento para as meninas não irem estudar era esse? Porque depois elas escreviam aos rapazes?

– Não, família minha não. Isto era do povo... era o povo que dizia isso. Mas pelo que eu estou a ver, é impossível andar a escrever esta historia toda que eu sei desta terra! (...) Quando o meu pai faleceu, não havia reformas (...). A minha mãe não era empregada em coisa nenhuma e depois era isso... e também havia parte de horta, que a minha mãe tanto trabalhou lá, coitadinha. E eu tenho remorsos porque eu via-a a trabalhar e não ia lá ajudá--la... tenho remorsos disso, mas... nunca gostei! Do campo também nunca gostei. Do campo de trabalho! Gosto do campo mas não é para trabalhar. E portanto aquilo valeu-lhe muito e foi a sorte dela, foi realmente ter essas coisas. E depois tinha lá uma pessoa, uma vizinha, que lhe ia vender à praça, e foi o que valeu... sem reforma nenhuma!
– Pois, não havia segurança social nessas épocas.
– Não havia não, não, não... quando vieram as reformas, e as obrigações de reforma, foi no tempo do Marcelo... bem, os funcionários públicos já tinham... mas a minha mãe não.
– Sim, sim. A minha avó fazia descontos, ela tinha uma reforma porque toda a vida descontou por ela própria... pela Caixa, quando isso apareceu.
– Quando isso apareceu!... e olhe que até havia um padre... aqui de Cardigos... e ele começou a falar para começarem a descontar (...). Foi uma motivação para ele e para querer fazer bem ao povo... julgo que a intenção foi essa. Mas não queira saber a revolta das pessoas! "O quê? Agora era o que faltava!"... porque tinham de descontar. Porque ele disse para descontarem para a segurança social para virem a ter a reforma. Mas isso foi o fim do mundo. Esta gente não queria de maneira nenhuma, porque se tinha que pagar! Ora, depois vieram as reformas, aquilo andava tudo no ar! Com as reformas, e a falar nas reformas e tudo a falar nas reformas, e já só se falava nas reformas... isto é assim! (...) Isto no tempo do Marcelo (...). Porque o Salazar teve aquela queda, não é? E depois já não ficou em condições (...) nessa altura o presidente era... era... o Carmona...
– O Carmona?... não... o Carmona foi dos primeiros.
– Não... era o outro... o Américo Tomás! De certeza, de certeza (...) e o Américo Tomás nomeou-o para ministro mas o Salazar não sabia, e o Salazar chegou a assinar coisas julgando... e que não valeram, porque era o Marcelo que estava. E o Marcelo é que criou... e portanto sabe-se que depois ficou o Marcelo e que depois se deu o 25 de Abril e mais ou menos sabem-se as datas, foi em 74... que o Marcelo...
– O Marcelo foi em 68-69, por aí algures...
– Pois... ele não esteve lá muito tempo. E digo-lhe uma coisa... foi uma pena que a 'abrilada' se tivesse dado... foi uma pena... porque o Marcelo levava, encaminhava tudo para bom porto.
– A Ana tem bem presente essa altura, até na política?
– Tenho presente isso, não há dúvida nenhuma. E depois há pessoas que têm raiva ao Salazar (...). Sim!... porque eu sou toda Salazarista...
– É toda salazarista a Ana?!...
– toda... toda, toda!... e...
– mas diga lá... explique melhor isso... o que é que é isso de ser salazarista?
– E eu digo-lhe, eu digo-lhe (...).
– A Ana gosta de política? É assim uma pessoa... de gostar não, de se interessar, vá...
– Não!... mas interessam-me estas coisas. Olhe, esse nome até para mim não existe! Não! Mas interesso-me por estas coisas. Pelo bom seguimento... quer dizer...
– De quem governa?
– Eu sou portuguesa, nasci portuguesa e com estes valores, e uns valores que já estão perdidos... que a abrilada... nós temos de ser... neutros, não é neutros que se diz...
– Coerentes?
– Nem é coerentes... o sentido é de neutralidade... mas a palavra não é essa...

– Isentos?
– Nós temos que ser, quer dizer, ver o lado... este lado e aquele... e não seguir só aquele... eu também vejo o lado bom da abrilada, não é? Mas isto para mim, e para a minha maneira de ser e pensar, a abrilada trouxe coisas piores do que realmente havia antes. Coisas, e inclusivamente que eles disseram antes que estes da abrilada diziam dos outros. Eles fazem muito pior! (...) Eu vivi quarenta e sete anos naquilo que os 'chicos espertos' da abrilada diziam, na ditadura e no fascismo, mas olhe... eu nunca dei por isso, nunca dei que vivia em ditadura e em fascismo. E agora estou a viver o grande império... agora estou a viver o grande império do fascismo e uma ordinária de uma democracia. Isto é a convição de hoje, que eu tenho... eu sou portuguesa, e eu digo-lhe outra coisa, eu quando escrevo do meu Portugal antigo, eu queria deixar às minhas netas, já não falo nas minhas filhas, que eu queria deixar às minhas netas, e que é o meu Portugal antigo, eu escrevo com letra grande. Se eu me referir ao Portugal de hoje, eu escrevo com letra pequena...
– E o que é que é, para a Ana, o Portugal com letra grande?
– Os valores que se perderam.
– Sei que isso é complicado... não dá para resumir, não é? Mas diga lá assim umas coisas...
– A honradez, desapareceu. Antigamente, aqui por estas terras, as coisas, enfim, era natural que começassem mais cedo, mas antes começavam... por exemplo, ia um pai, um filho, e por aí afora, e havia aí uma laranjeira, ou uma árvore de fruto, e a fruta caía no chão, e o pai dizia para o filho... e não falo nas laranjas que estão na laranjeira, falo nas do chão... e ele dizia "filho, aí não se mexe porque isto não é nosso" dizia-se isto. E agora, o que é que acontece? Roubam milhões, põem-no em nome dos filhos, e roubam com os filhos... portanto há uma diferença muito grande... portanto a honradez...
– E tudo em nome dos filhos, não é?
– Põem em nome dos filhos, e depois ainda é assim, se roubassem qualquer coisa...
– Bom, mas eu fui ensinada que, quem rouba tostões também rouba milhões, não é?
– Mas eles roubam milhões agora!
– É isso... não é só dizer: "ah, se fosse pouco"!...
– Se for ao túmulo do Salazar, ele está numa campa rasa com os pais. Com pedra de granito no chão e depois um alçado e está: "António de Oliveira Salazar, faleceu a tantos do tantos, um senhor que governou e nada roubou... " Se for lá encontra isso... está lá... eu vejo isso no youtube... está lá.
– Mas é uma lápide? Alguém pôs lá isso?
– Sim, sim... não sei quem... está a fotografia.
– Alguma montagem?
– Não, não, não... e até vi isso, vi mais vezes, e vejo... eu se trouxesse o meu computador... mostrava, está lá tudo! E então, ele está, estão os pais, ele tinha mais 3 ou 4 irmãs, ele era o único homem, então está a fotografia dele, está a fotografia do pai, da mãe, e foram lá fazer uma arruada. Eu também soube, foram lá depois do 25 de Abril, foram lá fazer uma arruada à sepultura dele. Eu não sei bem o que é que eles fizeram... fazer pouco... não sei explicar. Mas pronto, foi uma arruada que eles lá foram fazer... e aparece um homem de lá e disse: "isto é uma campa" eu não sei bem as palavras "isto é uma pouca vergonha, saiam daqui porque ele foi um homem sério, foi um homem... ". Enfim, disse as qualidades dele. E depois um disse assim: "mas você também foi para o ultramar!". E diz ele assim: "sim, fui cumprir o meu dever!". Ah, e ele disse, antes de ir: "Salazar, Salazar era"... não... "nós erámos 10 irmãos, éramos pobres, mas o Salazar não tinha culpa de nós sermos pobres". Porque alguns atribuíam aos filhos de uns a pobreza, ao Salazar.

– O Salazar foi embora e a pobreza continua, não é?
– Continua pior ainda... e porque ele, a pobreza que existiu, ele pagou honradamente aquilo que devia. E ele disse... o Salazar disse... quando o Salazar foi para o poder, estava como Passos o apanhou, estava também na bancarrota, não havia nada, e não havia ninguém... e sabe que o meu pai ouvia e discutia essas coisas e eu ouvia isso.
– O seu pai era da política, era isso?
– Não! Nada, nada! Mas falava nestas coisas, e também era um grande amante do Salazar e a minha mãe também, e era engraçado, a minha mãe era da idade dele. (...) A nós, ninguém nos confiava um tostão sequer no estrangeiro, mas isto é a pura verdade. Se nós pedíssemos emprestado, ninguém nos dava. E ele conseguiu equilibrar e conseguiu pagar. E agora... e agora quando ele morreu, também ninguém lhe olhava para a cara, porque todos queriam o Ultramar... todos queriam o Ultramar. E então não queriam de maneira nenhuma que nós tivéssemos as nossas Colónias, chamavam-lhe as Colónias, porque se queriam lá meter, como meteram depois de ele morrer. E então eles puseram-nos de parte, ninguém virava o Salazar, nós estávamos completamente sozinhos. Já era por outro lado, primeiro estávamos sozinhos porque não nos fiavam dinheiro, depois ganhámos confiança, mas depois com o Ultramar, queriam-se lá meter, e então eles fizeram isto, desligaram de nós e não nos ligavam a mínima importância. E o Salazar disse: "estamos orgulhosamente sós"... e isso foi uma bomba. Dizer que estávamos sós, porque nós não tínhamos nada que estar sós, tínhamos de estar ligados ao estrangeiro. E eu não vi isso... eu vi que não precisávamos deles para nada, eles não nos queriam e nós não precisávamos deles para nada. Estávamos sós mas não precisávamos deles para nada... a questão é esta... a história também de se dizer que isto que está melhor, isto agora está melhor, e eu digo para as pessoas: nós estamos melhores, mas estamos mais pobres, porque é assim, nós temos um carro, mas geralmente, já tenho ouvido dizer: "ah esses carros que andam aí, não é nenhum deles, estão a pagá-los, tudo está pago por prestações, as pessoas têm uma casa, estão a pagar a prestação"... a casa veio dos outros, também enquanto não a pagarem, não é deles. Portanto, tudo aquilo que se faz, e outras coisas que se fazem, que nós temos em Portugal, estamos a devê-las ao estrangeiro. Porque pedimos ao estrangeiro, e estamos a devê-las, não são nossas. Porque estamos a devê-las. O dinheiro daquilo... e vamos nós assim, isso é verdade... só que não é do que é nosso... o que é honrado...
– E também... nada é nosso. O que é que é nosso?
– Pois não... nada. Nada é nosso... mas pelo menos é de toda a gente... é de todos, não é em particular de ninguém. É de todos os portugueses, todos são donos da mesma coisa. E é isso que eu acho (...).
– Tudo isso é muito discutível... são os dilemas que se nos colocam. (...)
– Mas eles estão a mandar as coisas todas para Lisboa.
– Ora, isto também é uma forma indirecta de quem nos governa dizer assim: se calhar se tu és dali, ficas ali... não vais para outro lado.
– Pois, mas eles estão a mandar esta gente toda para Lisboa.
– Mas depois obrigam-nos a ir para lá... porque a situação aqui, está como está... e não saímos disto.
– A situação aqui está como está. Mas aqui têm uma hortinha, têm coelhos, têm galinhas, têm uns cabritinhos...
– Mas você pergunta às suas filhas, e às suas netas, se elas querem essa vida... a própria Ana me disse a mim que você, já há tantos anos, não queria a vida do campo! Também não é isso que as suas netas querem, não é?
– Pois... mas é isso que eu digo (...). Por exemplo as minhas netas... as minhas netas vivem bem.

– Aquilo que nós chamamos o fascismo é um pouco querer para os outros aquilo que nós não queremos para nós. E aí a questão política... Na educação, na história da educação, houve uma fase aí... que até foi uma coisa do anos 40... do tempo do Salazar ainda... uma certa política não só ao nível do ensino... mas houve muito um investimento nas escolas técnicas, naquilo que eram os ofícios, as escolas industriais. E havia uma situação que era tentar fornecer as zonas mais interiores com esse tipo de escola, porque as universidades não interessavam. Para já, porque interessava manter a de Coimbra, que era de onde haviam de vir os dirigentes... com a República lá se abriu, a muito custo, a de Lisboa e do Porto... mas foi assim uma coisa inovadora da Republica. E a partir daí, aquilo que foi a estratégia para a educação e para desenvolver as regiões e até uma certa industria nas regiões, foram as escolas técnicas e profissionais, e tudo isso. Mas como isso era visto como 'escolas de segunda'...

– Exactamente!!...

– Mesmo as pessoas que tinham interesses em frequentá-las, ou não queriam, porque achavam que aquilo não dava nada, ou então não valorizavam em termos daquilo que era o investimento para o futuro...

– Exactamente!!...

– Daí que... quem criou essas escolas, pensou sempre que aquilo era bom para os filhos dos outros... nunca era para os próprios filhos, não é? Porque esses queriam pô-los nas Universidades, não é? E portanto, isto anda sempre aqui um circulo vicioso...

– Mas aí eu também dou uma explicação... uma das minhas filhas, a do meio, está numa escola, porque são todas iguais, não é?

– É como a história dos Politécnicos. Aqui temos Politécnicos, mas as suas filhas mandam as filhas para Lisboa para estudar, para a Universidade provavelmente, não é? Não as vai pôr no Politécnico, não é?

– Isso foi um bocadinho segundo aquilo que elas escolheram... e quiseram.

– Sim, também há isso...

– Mas tenho uma filha que é professora numa escola, que antes disso era a escola comercial e industrial... e agora é igual em todas...

– Eu entendo o que está a dizer. Mas aí isso foi uma política dos anos 40-50-60, e morreu por aí. E depois, quando veio a escola... vá lá, quando veio o regime democrático dos anos 70, em que basicamente essas escolas foram transformadas em escolas secundárias, normais. Por exemplo, a Maria Lamas que era uma escola industrial em Torres Novas, e foi uma escola técnica criada nos anos 50... não me lembro agora exacamente o ministro que criou aquilo nos anos 56 a 58... mas foi política Salazarista, não foi na época democrática. Essas escolas industriais depois foram é transformadas em escolas médias, liceus, ou o equivalente aos liceus, secundárias.

– É o que diz... a minha filha está nisso... mas disso também tenho a certeza... foi depois de vir o 25 de Abril é que eles fizeram isso. (...)

– A irmã do seu pai sabia ler mas não foi à escola?

– Sabia ler, mas não foi à escola, não sei como ela aprendeu...

– Teria sido o seu pai que a ensinou?

– Não sei... o meu pai talvez não, porque o meu pai foi para a Inglaterra, esteve na Inglaterra mas parece-me que foi só ano e meio. E depois foi para Castelo Branco... o meu pai não devia ser... alguém a ensinou... porque me parece que ela ás vezes também se esgotava aos serões, porque havia alguém que a ensinava... pessoas com muita vontade de aprender...

– A Ana não consegue saber nada sobre quem foi? Ou quem saiba dessa história? (...) A Ana não conhece aqui na Roda, ou na sua vivência... pessoas que tenham aprendido a ler e que não tenham ido à escola, mas que soubessem ler, ou que ensinassem...
– Sim... grande parte das pessoas que aqui sabia ler não foi à escola. As primeiras pessoas que fizeram o exame da 4.ª classe, na altura era assim que se dizia, é assim que é, foi uma prima minha e uma outra da terra que andavam sempre as duas juntas, que tem um ano a menos do que eu, foram as primeiras a fazer o exame da 4.ª classe aqui...
– E lembra-se do nome delas?
– A Lucina Dias Tavares... Lucina... quer dizer, antigamente punham os nomes... ela devia ser Lucinda, só que antigamente havia muito estas coisas. Lucina Dias Tavares... e a outra era Nazaré... mas essa Nazaré, sei que era Nazaré e também o marido dela ainda era meu parente afastado, essas filhas vivem aí, e essa Nazaré faleceu no ano passado ou no outro ano, e a minha prima faleceu fez um ano em Maio. Eram muito amigas, que andavam sempre as duas, foram as primeiras a fazer exame da 4.ª classe aqui. (...) Á escola foram outras, também houve quem fosse à escola, também tenho uma prima que foi à escola, mas saiu da escola... e outras primas irmãs dela... eram 13 irmãos... e houve algumas que nem chegaram a ir à escola, nem sequer sabiam ler... mas outras foram. (...) Tenho realmente essa história do meu pai...
– Sim, o seu pai é um exemplo. Era professor, e não o era ao mesmo tempo. Ensinou de maneira informal.
– E o problema não era ensinar... ele saber ensinar. O problema era o padre não estar, e quando ele não estava... e então para eles não ficarem sozinhos, até porque vinham de toda a freguesia, e ele como era inteligente e esperto. Quando ele foi fazer exame a Tomar... ah... (risos). Nós dantes, quando fazíamos exame gostávamos de um vestido novo. E depois dizíamos: "ah... eu quero um vestido novo, queria um vestido para o exame". E ele dizia assim: "olha, desculpa, uma vez um menino, foi fazer exame a Tomar e levava, levava... " e eu agora não sei explicar... e levava um fato, e sapatos, ou botas, e um chapéu... ele dizia o que era... dizia a peça que era... mas dessas peças havia uma que tinha sido emprestada... eu levei uns sapatos meus, por exemplo, e levei um fato meu, mas levei um chapéu emprestado... ele não disse "eu"... ele disse: "esse menino"... "levava uns sapatos dele, o fato, e levava um chapéu emprestado"... e depois em Tomar. E naturalmente iam mais a fazer exame, era natural que sim. E era um tropa, um graduado da tropa, não sei se ele era capitão, se quê... e o meu pai era pouco mais alto do que eu, era um homem pequeno... e então dizia: "via um menino assim pequeno, e soube que ia para fazer exame"... e disse: "olha lá menino, pôs-se um problema... isto tanto, quanto é que custa?"... e o menino resolveu-lhe o problema... e depois fez-lhe ainda outra pergunta: "olha lá menino, custando aquilo tanto e aquilo tanto, quanto é que é?"... e o menino fez o problema... e depois disse-lhe "olha, quando fores fazer exame se tu responderes assim, ficas distinto"... e esse menino ficou distinto... e era eu!
– Isto histórias que o seu pai contava?
– Contava, quer dizer, não interessa nada... o aquilo quis saber... não interessava nada o vestido novo!
– Mas então no seu tempo era hábito as raparigas quando iam a exame dizerem que queriam um vestido novo?
– Ai... todas incócóladas!!
– E a Ana lembra-se do que levou vestido quando fez o exame da quarta classe?
– Não... não me lembro. Só me lembro que fiz fora da minha escola... foi em Castelo Branco, mas fora da minha escola. E lembro-me quem foi a pessoa que me examinou... uma senhora, lembro-me...

– Lembra-se do nome da senhora?
– Não. Lembro-me da senhora mas não me lembro do nome da senhora. E lembro-me que respondi a tudo. Fiz a prova escrita, e como é que a gente passa da prova escrita, e lembro-me que a senhora... mas houve lá uma coisa que eu não respondi... no entanto eu fiquei distinta também. Mas naquela altura... aquilo era um desgosto... quem era aprovada só... já nem sei como é que diziam lá no boletim, que foi aprovado... mas o outro é aprovado com distinção... e aquilo para nós, se a gente não ficasse distinta caía o Carmo e a Trindade... e então se eu não ficasse distinta caía-me o Carmo e a trindade em cima! Lembro-me disso e da escola onde fui, que tinha sido tribunal noutros tempos, mas na altura já não era, tinha já mudado para outro lado... mas era escola, e o meu irmão andou também.
– Então foi uma escola de Castelo Branco, que antes de ser escola tinha sido um tribunal?... E a Ana sabe que escola é essa?
– Nós até dizíamos: a Escola do Tribunal Eu tenho impressão que até se chamava isso, por ter sido lá o tribunal.
– Isso em que anos?
– Eu tinha 11 anos. Vinham os das aldeias fazer exame às nossas escolas e eu nem percebo como aquilo era... e depois mais tarde as minhas filhas fizeram... só me lembro de uma, dessa do meio, foi a exame e foi a própria professora que a interrogou na prova oral... era professora dela...
– Lembra-se disso tudo, e as perguntas que lhe fizeram, lá nessa prova oral de exame? Lembra-se quantas passaram, quantas chumbaram, não?
– Acho que não chumbou ninguém... geralmente não chumbava ninguém.
– Até porque já só lá iam aquelas que as professoras escolhiam, não era?
– As professoras tinham muito brio nisso...
– E escolhiam-nas a dedo, não era?
– Não as levavam a exame. (...)
– E lembra-se de raparigas aqui da escola que tenham ido para mestras, ou estudar para serem professoras?
– Olhe... na família Tavares, de Cardigos... elas eram sobrinhas do Monsenhor José Gregório, e eram professoras, pelo menos duas, era a Maria Genoveva... e eu sabia o nome das outras... e tinha mais uma ou duas que tinham sido professoras... e alguém da família, ou o tio delas, também tinha sido professor... era professor... mas era daqueles de ‘casca de carvalho’... aquilo era terrível... coitados dos gaiatos... olhe, era assim, de cocheirinhos do medo...
– Lembra-se do nome desse professor, não tem ideia?
– Não...
– Ele terá familas ainda aqui?
– É da família Tavares. (...)
– E o seu pai nunca se meteu muito na educação da escola, como ele também ensinou...
– Muito interesse. O meu pai não tinha condição económica... eu compreendi que foi isso... porque ele interessava-se por ensinar e por explicar... e no fundo até tenho impressão que um bocadinho de vaidade... a minha irmã tinha tão boas notas no Liceu, tinha sido tão boa aluna, que seria uma universitária, porque realmente merecia isso... mas depois ele faleceu, e também não podia ser... morreu com 53 anos...

[Realizada por Helena Cabeleira a (03-08-2019)]

– Quanto às mulheres irem à escola ou não... entendia-se que as mulheres... geralmente as mulheres não eram empregadas, estavam em casa, e não precisavam... os homens é que

precisavam. E então nestas famílias numerosas, elas logo desde pequeninas... e eles também iam... logo de crianças iam guardar gado, aí por volta dos 7 anos. Havia crianças que aos 7 anos foram guardar um rebanho de gado... e todos saíam, ou iam guardar o gado dos outros e ganhar para a familia, ou então eram deles. E depois era assim, eram muitos. Agora era este, o outro crescia mais um bocadinho, o que vinha a seguir a ele, ficava no lugar dele, e ele ia trabalhar para outro lado. Portanto a razão da escola também era esta. Era para a subsistência da família e para ajudarem a própria familia. Portanto não era só, mas também se dizia isso, que elas não deviam saber ler...

– Mas na sua família, a Ana sentiu que os seus pais discriminassem, rapazes ou raparigas... as meninas ficam, eles vão estudar?

– Exactamente, exactamente! Na minha rua há uma senhora que se doutorou, e ela para mim é uma pessoa de grande valor. De todas as pessoas que eu conheço, para mim é do maior valor. Um dia disse para a mãe, e também lhe disse a ela, que a admirava muito. Não é por ela ser doutora, fez o doutoramento, mas não é por isso. É pela pessoa que ela é.

– Essa senhora é da Roda? É da sua idade?

– Não, é de Castelo Branco, mora na minha rua. É mais nova, a mãe dela é que é da minha idade. (...) Mas, realmente, eu nunca medi o valor das pessoas pelo grau académico. É pela maneira como a pessoa se norteia na vida e se serve desse grau académico. (...) Ela agora não pára em casa. Vai a conferências daqui, conferências de além. Os eventos que há, ela vai a tudo (...). Houve uma altura, portanto, as mulheres não votavam. Quando as mulheres começaram a votar foi no 25 de Abril. Haviam aqui na Roda só 4 mulheres a votar, antes do 25 de Abril. E qual era a razão? Porque pagavam contribuição. A família. Não eram elas. Elas e os maridos pagavam contribuição, os outros não pagavam. Uma era a Maria da Piedade, mãe da minha prima que contou isto, a minha tia era uma das votantes. O meu tio pagava contribuição, e a mulher votava, isto antes do 25 de Abril. Era ela, e era a mãe. (...)

– Mas essa sua tia que votou, lembra-se do nome dela?

– Eu vou lá dormir a casa da filha, minha prima, e ela é que me disse que a mãe votava.

– E essa sua prima também é da sua idade?

– Talvez uns 85 anos.

– Andou na escola também? Sabe ler e escrever?

– Ela andou na escola e depois saiu da escola para ir guardar gado. Depois mais tarde ela casou e foi para Angola, e depois levou o pontapé e voltou para cá. Eles não iam à escola porque iam guardar o gado... todos. Não só aqui. O meu marido era ali do lado do Alvito da Beira, e eu tinha cunhadas que diziam: “é o emprego de todos!” E ficava sempre o mais novo. Uma irmã dessa minha prima parece-me que foi guardar gado aí para os lados de Vila de Rei. E depois mais tarde, porque chegava a um ponto em que depois largavam o lugar, e principalmente as mulheres, e os rapazes a mesma coisa, porque todos largam... porque era assim. Todos por lá passavam, era a segunda escola. Há a escola primária e há a escola do trabalho. E a escola do trabalho é esta... todos por lá passam. É isso e é a das avós... é outra profissão. As avós também passam todas por essa profissão. Eu criei as minhas 3 netas e portanto, há também a profissão das avós. Essa também é sempre certa!

– Pois há, pois há. Quando elas existem! Há quem nem avós tenha, não é?(...)

– A Dona Ana disse-me que andou 4 anos na escola em Castelo Branco, no Cansado.

– É o Cansado, o Bairro do Cansado.

– Lembrava-se do edifício?

– Há muitas escolas... a arquitectura é igual.

– As rotinas, o que é que se lembra? Havia uma ordem das matérias, horários, disciplinas?

– Eu tenho impressão que isso das matérias, havia dias... tenho assim uma noção. Dava a história, dava... não sei, a gente não chamava matemática... era a tabuada.
– Aritmética?
– Isso, exactamente, aritmética!
– História, aritmética...
– O português, de certeza.
– E vocês não fazia nada relacionado com artes... desenho, ou esse tipo de coisas?
– Nós tínhamos as provas. Fazíamos umas provas, e eu não sei qual era a duração dessas provas, se era por período, eu não sei. Uma espécie de... hoje talvez lhe chamem exames. Tínhamos um exercício, nós fazíamos um ditado, uma redação, era isso que nós fazíamos, a redação. Agora é uma composição. Mas no meu tempo era a redação, o ditado, e outra pergunta talvez sobre interpretação... a interpretação dos textos. Porque era um texto e depois a professora fazia perguntas sobre isso. E então, havia sempre um desenho. Olhe, pegávamos naquela chávena, punha-se em cima da secretária da professora: "façam esta chávena". Pegava-se noutro copo: "olha, façam o copo". A coisa era mais ou menos... um vaso...
– Era uma disciplina só para desenhar à vista, ou estava integrada no português?
– Não, não, não, não... era um exercício, ou uma prova, ou lá o que era isso que se fazia, e era integrado nisso. Portanto, constava da interpretação. Também me perguntou se me lembrava do vestido (risos)! Houve uma coisa... as coisas ou são traumas, ou são complexos! Quando fui para a escola, fui com a minha irmã e depois sentia-me envergonhada: "olha, uma irmã foi para a escola e a outra também quer ir", pensei eu isto. Portanto, do vestido não me lembro, mas lembro-me de pensar isto. E de sentir vergonha de ir para a escola. Porque achava talvez que aquilo não era para toda a gente. Não sei explicar...
– Então a dona Ana sente que, pelo facto de a sua irmã ser mais velha, e também de toda a gente achar que ela era boa aluna, a dona Ana sentia-se um bocadinho inferiorizada em relação a ela, era?
– Inferiorizada, sim... sim, sim. Sentia-me um bocadinho inferiorizada. Antes de eu ir para a escola ela começou também a ensinar-me umas letras. E aquilo, por qualquer coisa, também não ia. E um dia ela desata a chorar... e a minha mãe pergunta: "então porque é que... ?", "porque ela um dia que for para a escola há-de apanhar muita réguada!". Porque aquilo não ia...
– Então a sua irmã acabou por ser a sua primeira professora?
– Foi, antes de eu ir para a escola. Assim como quando ela foi para a escola o meu pai lhe ensinava as primeiras coisas e ela já sabia.
– O seu pai ensinou à sua irmã as primeiras letras?
– As primeiras coisas, as primeiras letras. E a minha irmã a mim. E quando eu cheguei à escola também as primeiras lições eu já as sabia... mas era pouco. Quer dizer, para não ir assim cruazinha. Olhe, estavam lá duas irmãs, uma de novo no meu ano e outra repetente...
– Mas a dona Ana nunca repetiu, não é?
– Não, nunca repeti.
– Mas era muito comum haver repetições?
– Havia, havia. Muito mesmo. Muitas não passavam... muita gente não passava. E até havia uma amiga minha, que também era professora... a mãe dela era professora, e ela devia ter algum ano de Liceu, não sei se completou, e depois ficou em casa. E depois quando abriu a escola de enfermagem ela também foi, ficou enfermeira (...). Ela uma vez contou-me qualquer história em que ela dizia assim: "ah, essa já não passa porque a mãe já não lhe bate!" Quer dizer, àquelas que ela queria puxar e que fossem, malhava-lhes para elas aprenderem. O que eu acho que é precisamente o contrário.

– Então a Ana também vê que essa questão dos castigos ou das repressões, era uma forma de incentivar o aluno a fazer melhor? A professora dava-lhes tareia para eles darem o salto... era isso? Só lhes batiam quando eles eram bons... era isso? (risos)
– (risos) Já não lhe dizia nada, percebe? Já não valia a pena e punham-nas de lado. A coisa é esta: punham o aluno de lado. E o bater no aluno... isso é contraproducente. Isso não está... como é que eu hei-de dizer... não está segundo as regras do ensino. Porque é que eu, no primeiro ano, não entrava? Era o medo. Era o medo que me batiam, porque era esse medo que eu tinha. E foi esse medo, esse asco, que eu ganhei à escola. E o que eu não gostava da escola, era precisamente isso. O meu medo de me baterem era tal...
– Mas também, por outro lado, se lhe batiam ou se lhe davam alguma palmada, era porque a dona Ana valia a pena... não é? (risos)
– (risos) A professora batia em todos, não é? Em todos porque era: "fizeste mal, apanha!" E aquela, como já não ia para a frente, nem apanhava nem desapanhava. Nem sequer lhe ligavam absolutamente nada! Isso era uma senhora do meu tempo, a mãe dessa senhora foi professora no meu tempo.
– Mas a dona Ana conhece algum caso, alguém da sua classe ou que andou na sua escola, uma pessoa sua conhecida, que tenha sido um caso destes? Ter sido posto de parte porque não dava para a escola?
– Já não valia a pena. Mas isto não era desde o principio, que faziam isso.
– Era a um dado ponto?
– Sim, e assim como a minha filha mais velha diz: "havia 3 grupos... era a bicha!... era a cabeça da bicha, o meio da bicha e o rabo da bicha" Portanto, as do rabo da bicha eram as desgraçadas. Assim... burras! E que as ofendia, com palavras! Ofendia as alunas com palavras. E às outras lá as ia batendo. Era professora da minha filha mais velha. Eu digo-lhe uma coisa, o ensino primário esteve muito fora... não estava dentro dos parâmetros que agora usam. Ás vezes rio-me, à mesa, elas todas 3, e o meu genro (...) ele está caladinho, e eu também. E eu viro-me para ele: "ò Valdemar, esteja calado (risos) para quê é que fala tanto!" (risos). Nós qualquer dia somos professores. Aquilo é tantos professores, tanto na voz ativa como na passiva! Duas filhas de português, a outra das ciências. Então, o que é que acontece? Quando fala a outra, é sobre as organizações das escolas, do que se faz daqui, do que se faz de além. Discute isso... coitada! Quando falam no português, ela está calada. Mas é sempre a conversa à mesa, seja à hora que seja!
– É só falar da escola, não é?
– Ou então, que os colegas são muito bons, que não querem passar à frente, que não são invejosos... e essas coisas também! (risos)
– Ó dona Ana, no seu tempo era diferente, não è? E também já me disse que se cansava só de chegar à escola porque aquilo era longe, não era? E a dona Ana ia sempre a pé..não tinha transportes?
– Qué deles? Hoje já há...
– Mas não me chegou a dizer quanto tempo é que demorava desde a sua casa até chegar à porta da sua escola. A que horas é que se levantava de manhã, mais ou menos?
– Isso não me lembro, sei que entrava às 9. Olhe, a escola... todos os dias a pé. Transportes não havia. Lá havia uma Maria Madalena, não sei se o pai teria carro... mas talvez não... ninguém tinha.
– Nem havia transportes públicos, não é?
– Nada, nada. E não ainda há muito tempo. E o meu irmão depois, ainda esteve naquela escola que era muito longe, e depois foi para outra que não era mais perto. Mudou de escola e ele tinha um professor que era muito bom, e quando mudou de escola parece-me que ele teve um desgosto. Tudo o que era dele... depois a minha irmã pôs lá um bonequi-

nho no caderno dele, um pato com um laço. Aquilo para ele foi... ele achou que aquilo era uma coisa de mulheres! E tudo quanto fosse coisas de mulheres, e ele era contra tudo o que fosse feminino... não era contra a mulher... tudo quanto o tornasse feminino. E era uma professora, e ele... foi um desgosto. Mas depois ele disse que aquela senhora era maravilhosa, a professora. Ele depois ficou tão contente... apesar de que o primeiro era muito bom professor, não há dúvida nenhuma. Realmente ele tinha uma admiração pelo meu irmão, porque o meu irmão também era uma pessoa muito inteligente. Quando foi a altura da primeira para a segunda classe, e após a segunda para a terceira, o meu pai encontrou-o, falou com ele, e ele perguntou-lhe: "quer que passe o seu filho para a classe seguinte?" E o meu irmão também ia, e quando ele ouviu aquilo, ficou pior do que estragado, tão danado, tão danado! E o meu pai disse: "não, deixe seguir". Porque o meu irmão também achava que não estava preparado para uma coisa dessas, e que não era para ele. Assim como a minha filha Raquel, houve uma que passou de classe, avançou uma classe, e eu falei com a professora, e eu pensei que ela a passasse como a outra, e depois a professora disse: "ah, ela é muito pequenina!". Era baixinha, pequenina. E chamava-lhe: "ó pequenina"... "Olhe, é assim, vai passá-la... mas eu queria que ela ficasse", "ah, pois, ela muito pequenina". Só que ela era esperta, e podia passar... mas não convém, porque há coisas...

– Mas perguntavam aos pais, era isso?

– Ou eram eles que queriam, até... passar à frente do ano. Mas às vezes há matérias, que era o que eu pensava, em que é um bocado difícil. Mas essa venceu, venceu, e hoje é professora universitária em letras.

– A Ana já disse que levava de casa a merenda, e transportavam isso tudo para a escola e levavam o almocito que comiam lá na escola...

– Levávamos sempre uma frutazita. Ainda me lembro uma vez, era no tempo dos marmelos, a minha mãe cozia uns marmelos e eu levava marmelo cozido. Além da merendita que se levava, era sempre uma frutazinha.

– E não se lembra de haver situações na sua escola, ou em outros sítios, em que havia algum apoio para dar comida às crianças?

– Quando eu fui não. Mas ainda eu estava na escola abriu-se a cantina escolar para os pobres. Os outros continuavam a levar a merenda. E lembra-me da minha professora um dia: "olha, se tu quiseres uma sopa... " Vamos partir do principio que, nos meus dois primeiros anos não. Isto foi nos dois segundos. Eu entrei no dia 7 de Outubro e fiz 8 anos no 31. Na passagem de classe da segunda para a terceira... eu tenho ainda lá os diplomas das passagens de classe...

– Então a Ana tem o certificado do seu pai, e tem os seus diplomas de passagem de classe? (...) Mas então era isto: quem tinha algumas posses, levava de casa, e quem não tinha, comia na escola. Quantos meninos ou meninas é que havia na sua escola primária? Seriam 100, seriam 50? A sua sala, por exemplo?

– Estou a ver as carteiras. Olhe, eram 3 filas de carteiras, e cada carteira levava dois alunos. Agora não sei cada fila quantas carteiras... mas espere, espere, também há uma coisa... ás vezes havia carteiras vagas.

– Que regras é que a Ana se lembra? A sua professora tinha regras, antes de entrarem na sala tinham de fazer uma fila, ou tinham de entrar dois a dois, ou...

– Havia, havia! Olhe, dávamos a volta no recreio.

– Então, as meninas chegavam à escola, e o que é que faziam?

– Ficávamos no recreio, e tocava a sineta. E punhamo-nos duas a duas em fila e dávamos uma volta assim dentro do recreio e cantávamos. E entravámos duas a duas na sala. Olhe, foi coisa que nunca mais me lembrei... e cantávamos sempre. As coisas do país. Cantáva-

mos o Hino Nacional e cantávamos uma outra que era: "os marinheiros, aventureiros, são sempre os primeiros na terra e no mar, ao ver as velas, pelas janelas, saltam novas velas para as conquistar". Mas espere lá... .eu não sei se era esta! O que eu sei era... desde o não-sei-o-quê até ao Ganges... na India. Estava relacionado com a India... era cantada na escola. E lembro-me de uma que era a Inês, que cantava uma que era desde Goa... desde Goa até ao Rio Ganges. E ela dizia: "desde os ganchos até aos ganchos." O que eu não sei é se isto era cantado por nós no recreio, se era noutra altura. Mas eu acho que o Hino Nacional era cantado até à entrada da porta. Sei que o cantávamos e até o cantávamos como programa de escola ou qualquer coisa assim, parecido.
– E depois entravam na sala, duas a duas, e iam-se sentar nos seus lugares, que eram fixos?
– Havia um crucifixo na escola. Mas isso eu não me lembro se rezavam, mas eu até desconfio que sim. Havia qualquer oração, mas eu não tenho a certeza absoluta. Porque a minha professora era católica apostólica e então era natural (...). E uma coisa que também aconteceu, as professoras não tinham colocação, e então os pais compravam as escolas para elas não saírem daquela escola. E a minha professora, penso que foi uma dessas. As professoras não tinham colocação e os pais de algumas professoras, não será de todas, de algumas, fizeram isto. Tive uma amiga que já faleceu, que tinha uma tia que era professora e agora não sei se a tia comprou a escola ou se comprou para as sobrinhas. Elas eram duas irmãs e compraram a escola.
– Como é que se fazia isso?
– Aquilo que o Estado faz... comprar a escola.
– Compravam o edifício, era isso?
– O edifício, o edifício!
– As famílias compravam o edifício e depois as filhas ficavam lá a dar aulas?
– E ninguém as tirava!
– Ninguém as tirava. Mas eram pagas pelo Ministério?
– Exactamente! Para elas terem colocação e ficarem ali.
– A dona Ana conhece casos e exemplos desses?
– Sim! A minha professora foi uma delas. (...) Penso que a minha professora também comprou a escola.
(...)
– Essa história da professora comparar a escola para poder assegurar o lugar...
– Exactamente!
– Isso é uma história que eu nunca tinha ouvido.
– É a tal história... os velhos sabem muito porque é como o diabo, é velho! (...)
– Mas então eram pessoas que já tinham algumas posses. Porque não era qualquer pessoa que podia comprar uma escola para as suas filhas, não é?
– Essa professora é que pagou os estudos àquelas duas sobrinhas, para serem professoras. Essa senhora, era solteira. Há coisas, que as pessoas agora não fazem a mínima ideia... porque há coisas que nós dizemos porque ouvimos dizer... e vamos contar a outro (...).
– Estas senhoras que compraram supostamente a escola, ou que a tia comprou para as sobrinhas, é aqui nesta zona?
– Não. Em Salgueiro do Campo, que é aí a uns 10 km de Castelo Branco (...).
– Falou-me dos mapas que tinha na escola, não há mais nada que a dona Ana se lembre que houvesse de específico naquela escola?
– Analisando a coisa... eu acho que havia, na altura em que eu entrei para a escola, uma espécie de propaganda do Estado Novo, aqueles cartazes era isso.
– Nas paredes, o que havia era isso? E não haviam mais imagens, fotografias?

– Havia as do Salazar e, julgo, do Carmona. O crucifixo no meio, e o Salazar e o Carmona cada um do seu lado.
– O mapa de Portugal, das colónias? Livros não tinham? A dona Ana tinha algum livro?
– Os livros da instrução primária. Eram nossos, os pais é que compravam. (...) A única coisa que eu tenho são os boletins de passagem... mais nada.
– Esses materiais escolares que a dona Ana se lembra passaram da sua irmã para si?
– Sim! E outra coisa (...), o meu pai tinha um livro de história, que era o resumo da história, e eu estudei por aí.
– Das instalações da escola, a dona Ana falou de uma sala para meninas, dividida com muro, e dos rapazes do outro lado, com instalações sanitárias, cada um com os seus.
– Os sanitários eram uma pia no chão liso! (...) Era a frente da escola, onde nós entrávamos e havia um telheiro, e havia uma porta que saía da sala para o telheiro, mas nós não saímos por aí. Esses telheiros eram para quando chovia, e as crianças não podiam ir para a rua. Mas a gente também se sentava lá nesse telheiro, andávamos mais pela parte mais larga. E a seguir a esse telheiro, a escola tinha um muro toda a volta. E então era encostada uma casinha ao muro da escola. Era a frente da escola, a escola com o telheiro, e depois havia um espaço, que era provavelmente a volta que nós dávamos em volta da escola, e depois encostado ao muro haviam essas duas casas de banho. (...) Mas olhe, o meu irmão andou nessa escola, mas no meu tempo eu penso que era só meninas, por cima e por baixo. O meu irmão tem 85 anos, foi lá a escola dele (...) e havia um muro entre as duas escolas.
– Os recreios e os intervalos, como é que vocês ocupavam o tempo? A que é que brincavam?
– Á bola (...) e ao aeroplano.
– Não era o jogo da macaca, não?
– Como é que é a macaca?
– Era desenhado no chão, e depois saltávamos...
– Exactamente!!
– Chamavam-lhe o aeroplano?
– Sim, era o aeroplano por esta razão...
– Porque o desenho fazia uma espécie de aviãozinho?
– Exactamente! Era isso o que mais se jogava. E depois mais tarde veio o ringue. Era uma coisa redonda de borracha e atirava-se. Mas isso já veio mais tarde. O avião era todos os dias...
– E cantigas? Para além daquelas que já disse? Cantavam no recreio? Lembra-se das cantigas, das letras?
– Lembro-me... sobre a India. No tempo das descobertas, talvez. Penso que viesse daí, das descobertas. E ah, uma coisa muito engraçada, nesta terra... nesta terra havia sempre o hábito de se rezar à noite o terço, quem viesse do cimo até ao fundo, ouvia-se sempre, sempre, a rezar o terço "Avé Maria". Sempre depois da Seia, em todas as casas, sem exceção... ladaínha. E dizia uma prima minha, essa Lucina que faleceu, dizia assim: "eu não percebo porque é que à noite ao fim da seia, cansados... " E a seia era comida tardíssimo. Sempre, tardíssimo. Começavam a fazê-la tarde, e comiam-na muito tarde. E então, cansados do dia de trabalho, que alguns trabalhavam no campo, e essa minha prima era costureira... e ela dizia-me: "custa-me a rezar o terço, mas não é isso, é depois, por alma da avó, do avô, da Maria, da nossa senhora da paciência, desta e da outra, por alma dos que nos deixaram os bens, e por alma dos que andam sobre as águas do mar... que andavam sobre as àguas do mar". Será por causa dos pescadores que dizem isso? Aquilo fazia-me cá uma certa espécie. Quando eu vi que fizeram os 500 anos da descoberta do Brasil,

e foram no Padrão, e vi o Padrão, e digo: "cá está!". Portanto, 500 anos também não é assim tanto tempo. Nós, às vezes, temos assim uma determinada noção... assim como eu estou quase perto dos 100 anos, e então? O que é isso? São só mais 400 anos para trás! E era isso. Rezavam por aqueles que morriam, não é? E rezavam por aqueles que andavam sobre as águas do mar... é isso!

– (...) E as vossas merendas vocês comiam-nas na escola?

– Sentadas. Provavelmente era no telheiro, não havia bancos nem nada cá fora. E o telheiro, pelo menos as escadas onde se descia da sala para baixo, tinha uns degraus. Ainda me lembro... ou era de pé, ou a gente sentava-se no chão. Eu lembro-me perfeitamente de levar o cabazinho e de estarmos naquele sitio a merendar... um cestinho de verga, que levantava.

– E quando havia frio ou havia calor, a escola tinha condições?

– Aquecimento? Vai lá vai! Ainda agora as minhas filhas, coitadas, vêem-se gregas...

– Não havia lareiras nem nada disso?

– Não. As professoras... havia braseiras. A professora devia estar numa braseira. Entrava-se na escola, em frente, era a sala onde as professoras estavam, e elas aí tinham braseira. Quatro professoras, duas de baixo e duas de cima. Nós até dizíamos, a escola de baixo e a escola de cima... aí as professoras tinham braseira, tinham, tinham. (...) "Ó senhora dona Maria, o seu dom não vale nada... só tem dom quem não vai à fonte e vai à missa com criada!" E é o que eu digo. Eu fui criada numa pequena quinta, não havia água, eu ia à fonte! E também não ia à missa com criada. Portanto, não sou dona Maria (risos). (...)

– Na escola... achava que eram todos tratados por igual? Ou havia diferenças? Além de serem boas alunas ou as melhores alunas, havia muita diferença social, económica? O que é que a Ana sentia?

– Havia, havia. Havia as que eram mais pobres, e as outras...

– E geralmente as mais pobres eram aquelas que ficavam desprezadas ou não?

– Ficavam, assim... às vezes ficavam assim um bocadinho mais. Dependia das situações. Mas havia isso, havia.

– Que diferenças é que a Ana via, assim maiores, entre as meninas?

– Olhe, a maior talvez, era o médio. Nem era cá as pobrezinhas, pobrezinhas. Na minha escola eram pobres, não há dúvida nenhuma que eram pobres. E depois havia algumas que os pais eram funcionários... a Madalena... e havia a filha da minha professora. E depois havia a Zulmira, o pai dela era parece-me bancário. Era assim menina fina. Havia as meninas finas. E depois havia assim as médias... classe média, vamos lá (risos). Foi assim que já me chamaram. Estas três coisas havia... mas realmente pobrezinhas, pobrezinhas não eram muitas.

– Essas não iam à escola?

– Ah, olhe, tirou-me as palavras da boca! A história é essa, sim... é isso.

– E dentro disso que a Ana conheceu na escola, entre essas que seriam mais abastadas e aqueles que seriam mais modestos, mais pobres, a Ana sentia que, por exemplo, imagine que havia uma menina que a Ana sentisse que era uma menina abastada ou que tinha mais posses, ou era filha de alguém importante, e fosse pior aluna... sentia que ela era beneficiada, ou era favorecida?

– Havia umas desconfianças... (risos).

– Havia? Acha que elas passavam o ano com ajuda? Como é que era?

– Também aconteceu, sim. Havia assim umas coisas que... as meninas acima.

– Haviam uns que só podiam contar com a inteligência, não era?

– Sim. Beneficiar, vamos lá... beneficiar talvez dos valores que se lhe davam. Eu não sei bem se de vez em quando havia uma certa avaliação, sem ser essas provas... faziam-se

quaisquer exercícios... mas agora é matemática e isso... aquelas provas eram como os exercícios agora, vamos lá. Eu não me teria lembrado disso, mas agora estou a ver que sim, estou a relacionar e estou a ver que sim. Era como os exercícios que fazem nas escolas, mas havia assim outras coisitas que se faziam e que se iam mostrar à professora. Bem, os ditados por exemplo, os ditados tinham-se que ir mostrar, não é? Fazia-se muito ditado. E valeu-me aí a minha memória visual, eu via até as virgulas e os pontos finais. Poucos erros eu levava, por causa disso, porque eu via o que estava no livro.

– E acha que essas diferenças que haviam, entre as colegas na escola, essas diferenças sociais também criavam condicionantes em termo da relação que tinham umas com as outras? Separaram-se umas das outras, davam-se todas por igual?

– Não. Havia relação entre todas... só que há momentos para tudo. Havia uns momentozinhos... mas, no geral, todas nos falávamos.

– A certa altura criaram-se as cantinas para os meninos desfavorecidos. (...) Vocês tinham algum tipo de ajuda, não só na comida, mas nos livros, na roupa?

– Pessoas de fora da escola? Nada. Não havia nada de ligação do interior para o exterior. Isso nunca dei conta. Noutros tempos a escola... lembra-me uma senhora que era mais velha do que eu... ela dizia: "bem, as meninas mais pobres é que precisam... passam para ali as que precisarem". Ela talvez não falasse em pobres, não sei, "passem para aquele lado... e agora... para se dar aquilo que pecisam". Ajuda para os cadernos, ou para lhe dar os cadernos. E essa que não tinha pai, passou para o lado das ricas, das que podiam pagar. E depois: "ah, tu não, então a tua mãe tem dificuldades, tu não tens pai... ". E ela julgava-se rica porque aquela gente não bebia leite e a mãe comprava-lhe meio litro de leite todos os dias para o pequeno almoço. E na escola isso não existia. E então elas consideravam-se que eram mais ricas que as outras, porque a mãe lhes fazia isto.

– A mãe dava-lhes um mimo...

– Pois. A mãe acho que trabalhava de costura, tinha para isso, não era também das mais pobrezinhas. Mas ela, porque não tinha pai: "tu não tens pai". Pronto, queriam-lhe dar para os cadernos. E tenho uma amiga que o pai tratava muito mal a mãe, e não lhe dava dinheiro, e eram alguns 9 filhos, e quando a mulher lhe dizia que precisava, ele dizia "Querias! Querias!" Recebia a fériazinha e ao fim da semana ia para a taberna com os amigos, ali comiam ali bebiam, e a mulher que se arranjasse... e ainda dizia para a mulher "Querias, querias"... e depois ela dizia: "a minha mãe, o que lhe valia, era que ele para a escola a mim dava-me tudo... quando é preciso comprar um livro, outra coisa qualquer".

– Então, o pai tinha essa coisa para a mãe, mas para as filhas comprava-lhes...

– Pois, pois. E ela não sei se seria das mais novas, e depois quando precisava de uma borracha ou caderno, a mãe dizia: "vai lá pedir um caderno ao pai". E ela dizia: "mentira, porque na escola davam-mo." Portanto, estou a associar a coisa... isto em Castelo Branco... portanto nessa altura, lá já havia uma certa proteção para os que mais precisavam.

– Nas festas, nas férias, o que é que acontecia lá na escola? Celebravam o Natal?

– Não não não. Não havia nada disso. E estas visitas de estudo, alguma vez eu soube lá o que é que isso queria dizer!?

– Nunca saíram dali?

– Nada.

– Recebiam visitas de inspectores?

– Sim. O inspector Sobreira ia lá à escola, ver... e não sei se também fazia perguntas, mas eu acho que sim. Porque os inspectores quando iam, viam o estado dos alunos, ou falavam com os professores, mas eles estavam dentro da escola. Agora também vão às escolas, as minhas filhas falam nas inspecções...

– Mas vocês lembram-se, de ver aquelas figuras a aparecer?
– O inspector Sobreira, perfeitamente.
– E fotógrafos? Alguém que fosse lá para vos fotografar, não havia?
– Não. Eu sei que tirei uma fotografia na escola, eu tirei. Essa fotografia desapareceu. Todas de bata branca, na primária, naquela altura. E na minha Luisa também. A minha Luisa vai fazer em Outubro 57 anos, e também usava bata branca.
– Não celebravam nada típico aqui desta região? Santos populares, romarias, festas... nada disto passava na escola, era tudo fora da escola?
– Nada, nada, nada disso. Só me lembro... e eu na altura não compreendi a história... mas fomos uma vez da minha escola à outra escola que ficava perto, na mesma rua, do tribunal, ficava à direita e aquela ficava à esquerda. E eu acho que aquela escola era mesmo a escola principal (...). Eu fui lá e estivemos no recreio, e cantou-se. E uma rapariga que já faleceu, nova ainda, cantou. Cantava muito bem, e lembro-me disso. Eu gostei muito daquilo. E eu agora digo que devia ter sido... agora que vejo, não é no facebook, é no youtube... que eu vejo coisas do passado e da altura em que fizeram... o Salazar... que quiseram apanhar as Colónias... leva-me a crer que foi isso. E eu vou cantar, não ligue! Desligue que eu vou cantar isso! (risos). (Ana a cantar): "contaram na escola a nossa história, as lutas as viagens do passado, não mais saíram da memória, contaram-me e eu fiquei maravilhado, contaram as conquistas que fizeram os velhos portugueses no além-mar, dizem-nos que estas terras que nos deram, são nossas temos sempre que as aguardar... quantos capitães ganharam fama, de Afonso de Albuquerque até Mouzinho"... hum... já encarreirei isto tudo... "quantos capitães ganharam fama, lutando para aumentar este cantinho, ai quantos homens fortes desde o Gama, Afonso de Albuquerque até Mouzinho, se Os Bravos de outras eras esqueceram, para nós estar no... ", aqui deve estar errado, "que tantos para o salvar por lá morreram, morramos nós também para os salvar, ó minha terra, não sou ninguém, mas se houver guerra, quero ir também, morrer por ti lá nessa Pátria leal, que eu nunca vi mas que é também Portugal, somos pequenos, mas temos fé, vamos p'lo menos morrer de pé, porque eu sou teu por esse mundo além, ninguém te rouba ó minha terra ó minha mãe"...
– Incrível... isto foi quando você andou na escola primária? E foram a uma outra escola principal lá em Castelo Branco?
– Exatamente... era a escola do Castelo, sabe porquê? Porque havia outra mas fica abaixo do Castelo (...). São estas coisas que nós, quando somos novos, vamos depois esquecendo, não é? Mas agora, quando chegamos a velhas, a gente lembra-se. E todos os dias quando eu me levanto...
– Ocorrem-lhe coisas?
– Exactamente!... e também há uma coisa... quando estou com uma pessoa, a falar com uma pessoa, pela minha cabeça passam mil coisas, e sempre me estou a lembrar, por isso é que eles estão aí... por isso é que eu consegui pô-los aí (...).
– É uma caixinha mágica, isso (...). Então a Ana não se lembra, além desse episódio, que foi pelos vistos uma coisa que a marcou, a Ana lembra-se daquele dia... mas a Ana não se lembra do aparato? Se havia mais pompa, ou se foram só vocês que foram àquela escola?
– Eu julgo que foi toda a sociedade escolar... primárias... juntou-se tudo ali. E agora eu julgo que isso foi realmente na altura em que eles quiseram apanhar as Colónias. Agora eu vejo no youtube as coisas do Salazar.
– Mas essa questão das Colónias isso já foi mais tarde do que os anos 30... a situação nas Colónias... com a guerra do ultramar...
– Mas não é isso... houve qualquer coisa... eu não sei explicar. Mas houve qualquer coisa... que eu na altura não compreendi, só agora é que compreendi isso. Qualquer coisa

dos estrangeiros... que os estrangeiros quiseram... eu tenho impressão que já vi qualquer vídeo no youtube. (...)

– Outra coisa que eu tive já para lhe perguntar várias vezes... mas depois a Ana está aí a seguir por outro caminho e eu vou-me deixando ir... a Ana, este tempo todo em que frequentou a escola, e ia fazer a sua vida à escola, depois quando vinha da escola, tinha tempo para fazer os trabalhos de casa? Tinha de ajudar a sua mãe? Trabalhou sempre ao mesmo tempo que fazia a escola? Como é que era a sua vida?

– Eu vinha da escola e fazia os trabalhos. Nunca os deixei por fazer com medo... porque já sabia que comia! Não era agradável, e então eu fazia. Levávamos sempre uma cópia. Primeiro, era com duas linhas, dentro de duas linhas, e depois passou para uma linha. Mas eu fazia aquilo. Uma vez nas férias, ela deu-nos tantas cópias, tantas cópias... que deu em dois cadernos. E então eu fazia aquilo assim à letra, de qualquer maneira. Mas durante o tempo da escola, uma coisa que realmente também me dava cá assim um certo sofrimento... porque haviam meninas que tinham letras muito bonitas... e a minha letra não era bonita. E aquilo era classificado, nós todos os dias fazíamos a cópia, e era classificado, e então era 'suficiente'. E a gente dizia 'sufciu', era um s-u-fê, suf... era suf, mesmo. Era suficiente, bom pequeno e bom grande, e o bom pequeno, a primeira letra era minúscula, e o bom grande a primeira letra era maiúscula. Bom... era bom grande. Era bom, e era com letra maiúscula. (...)

– Era a caligrafia... se estava bonita, ou se estava mal-feia...

– Exactamente! Isso era na caligrafia. E eu sentia um desgosto... eu nunca... eu lia, mas o suficiente quase sempre... raras vezes um bom! Um bom, mas era pequeno, escrito com letra pequena, com letra minúscula, e depois o bom grande... não sei se alguma vez apanhei! E olhe que hoje, posso não ter a letra muito bonita, mas não é assim tão feia como quando saí de lá (risos). Depois com o tempo... a minha letra está aqui. Mas olhe, foi aquilo que eu sempre escrevi mal: meu nome! O que eu fazia mais mal-feito era o meu nome! Porque se eu escrevesse uma coisa, escrevia com a letra mais bem-feita (...). E também havia esse reconhecimento da professora, a simpatia da professora por essa gente que...

– Escrevia bonito...

– É...

– E a Ana ajudava a sua mãe? Provavelmente, fazia trabalhos domésticos...

– A minha casa estava dentro de uma quintazinha, pequenina, e a minha mãe trabalhava muito na quinta, e ainda o meu pai, nesse tempo do meu pai... eu tinha 17 anos quando ele faleceu. E portanto, eu também lá ia semear batatas, mas sempre de resmungão. E às vezes regar qualquer coisa. Mas fazia os trabalhos da escola...

– Como é que ocupavam os tempos das férias, o verão?

– Vínhamos para aqui (Roda)... era saltar, saltar, saltar até mais não! Por aí, nessas eiras, a saltar por cima dos montes do feno, da palha! (...)

– E havia mais gente, como a Ana, que vivia em Castelo Branco mas vinha para a aldeia, ou arredores, nas férias grandes?

– Sim, sim. Vinham para casa dos avós. Nesse tempo vinham. E nós vínhamos todos. Eu, a minha irmã, o meu irmão.

– Não se lembra de mais episódio nenhum, além desse de terem ido a outra escola... uma história que a Ana pense: aquilo marcou-me, aquilo modificou-me ?

– Agora de momento não me lembro...

– Aqui na Roda, nas pessoas que você conhecia aqui, que ideia geral é que a Ana acha que as pessoas tinham da escola? Era uma coisa boa, em que elas valorizavam o futuro dos

filhos, ou achavam que era um desperdício de tempo? O que é que a Ana sente, agora com distância, que as pessoas viam na escola?
– Antigamente... lá está a tal história... as minhas primas aqui pela aldeia algumas não foram à escola, não é? E algumas quase da minha idade, quase da minha idade! Nas cidades, no meu tempo, quase ninguém ficou em casa sem ir à escola. Acho que ninguém. Porque as pessoas que eu conheci, toda a gente foi à escola. Eu acho que foi nesse tempo. Há lá também em Castelo Branco pessoas que não sabem ler, portanto não foram à escola. Realmente, eu encontro lá, e já tenho encontrado durante a minha vida, pessoas que: "ah eu não leio porque eu não sei... não sei ler." Mas noto que foi no meu tempo, tudo começou a ir à escola, já ninguém deixou de ir à escola. Só sendo casos esporádicos, ou alguém realmente muito pobre que tivesse ido a ganhar dinheiro. Porque as crianças iam, noutros tempos, não é? Antes dos 14 anos iam... a servir, era a servir, geralmente. Então não iriam à escola porque seriam pobres, muito pobres. Mas depois começou, mais ou menos... a noção que eu tenho é que no meu tempo já era quase tudo... já não se notava... quer dizer, a gente saberia, não é?
– Mas as pessoas achavam importante isso de os filhos irem à escola? Achavam que isso era uma coisa boa?
– Achavam que sim. Logo esta minha amiga, que é mais nova, eles eram muitos irmãos, e acho que esses foram todos à escola.
– E conhecia aqui alguém na Roda, ou lá em Castelo Branco, que não tenha deixado ir os filhos estudar porque achava que isso era uma coisa que não tinha futuro?
– Não... toda a gente queria. Olhe, e há uma frase do Salazar, esta: "alguns pais dizem: eu vou mandar o meu filho à escola, para o tirar da enxada... mas deviam dizer assim: eu vou mandar o meu filho à escola, para ele tirar da enxada aquilo que eu nunca fui capaz de tirar". Portanto, esses pais tinham a preocupação... e havia essa preocupação sim senhora! Havia. No meu tempo havia essa preocupação. E isto foi dito no meu tempo, o Salazar disse isto no meu tempo! E isso quem contou foi o meu pai. Porque o meu pai também era todo Salazar... e então as coisas dele, e as coisas que ele fazia e dizia e tudo, ele aproveitava isso tudo. E ele tinha muita admiração por ele. E a minha mãe também... tinha muita admiração por ele. E talvez fosse daí... em relação àquilo que eu vivi, nesse tempo, e que me seguiu para a vida. Isto agora é tudo contra a minha maneira de ser... porque nessa altura, aquilo que eu aproveitei nesse tempo, agora é completamente tudo virado do avesso!
– Se a Ana tivesse tido oportunidade (...), se tivesse estudado mais, ou se tivesse sido para aí o caminho, o que é que gostava de ter seguido? Havia alguma coisa que a Ana tivesse gosto em seguir? Uma área, uma disciplina?
– Nunca tive esse gosto... não. (...) Eu pensava assim: a gente não sabemos onde está a sorte nem a desgraça (...). A única coisa que eu pensava... queria ter uma casa e viver na casa sozinha (...). E então, só casando é que eu podia ter uma casa minha... e toda a vida aspirei ter uma casa, e uma casa linda! A minha maior aspiração foi sempre esta! Ir viver para a casa e ser uma dona de casa. Foi sempre aquilo. E calhou!! E ainda insisti em enfermagem, quatro anos!
– E, por opção, desistiu dessa vida e foi para casa ser doméstica...
– Porque a minha vocação... eu estava solteira ainda, e vim para casa... sem futuro. Sem futuro nenhum. A minha irmã nessa altura já estava formada, e a minha irmã estava a sustentar a casa. Eu vim para casa, e era dona de casa também. Ali quem dava os dias santos era eu! E então, eu estava realmente como eu gostava. Mas havia uma coisa: eu gostava de mandar mais! Por exemplo, eu não queria aquele ali, queria o outro além! E queria a coisa mais daquela maneira e mais da outra. E os outros já também mandavam, e

não me deixavam! E então foi realmente aquilo que eu sempre aspirei... ter uma casa, e ter uma casa linda. E eu não podia ter a casa sem me casar. Na minha mente não se passava outra coisa senão isso. De maneira que, realmente, aconteceu-me isso. Lá me casei. Mas às vezes elas não mandam em casa... e conheço um que mesmo nos arranjos daquele quadro ou do outro, não quer o quadro, quer o quadro, ele é que manda! Mas eu não, nessas coisas eu mandei sempre, sempre! Uma coisa que eu tive: sempre mandei, até agora!

– Mas se a Ana tivesse estudado... o que é que a Ana gostava de estudar? Havia uma matéria, havia uma disciplina, havia alguma coisa que apreciasse mais?

– Eu agora neste momento não me lembro bem... porque a força maior que existia na minha, era ter uma casa e ter uma casa linda. Foi sempre isso que eu aspirei.

– Escola não. Não é?

– E ser dona de casa, e não estar empregada! Sempre aspirei não estar empregada. Estar sempre em casa.

– Pronto, conseguiu!

– Exactamente!

– E a escola não tem nada a ver com isso? O facto de você ter conseguido aquilo que conseguiu? O seu objectivo?

– Não... acho que não. (...)

– Se a Ana não soubesse ler e escrever, o que é que a Ana acha que era diferente, na sua vida?

– Quem não sabe ler e escrever torna-se ignorante, não é? E a pessoa ser ignorante, custa um bocado. (...) Os meus irmãos estudaram e eu nunca disse: "olha, eles formaram-se e eu não." Eu também nunca desejei ter sido como eles. Nunca. Só uma coisa que eu tive pena... eu nunca suportei que falasse mal o português, nunca suportei. E eu, se estudasse, saberia melhor o português. Dar pontapés na gramática, não suporto isso. De maneira que eu darei mais algum pontapé na gramática, e se eu tivesse estudado não dava! É a única coisa, de eu não ter estudado, foi esta... foi esta.

– Lembra-se quando estava na escola, se ia ao quadro?

– Ia muitas vezes. Uma coisa é a reguada, não é? Outra coisa é a bofetada...

– Como é que a professora vos castigava? Era com palmatória?

– Era com uma régua vulgar. Estas réguas vulgares... que doía muito. A mim ela só me deu uma reguada uma vez... da tal vez que a outra disse: "meninas calem-se calem-se", mandou a outra dar a reguada...

– Foi a própria colega que foi dar a reguada?

– E em muitas escolas fazia-se isso. A minha filha também acho que... a Luisa penso que seria assim.

– Mas então era mais à base da reguada, não havia aquela palmatória?

– Redonda? Não, não não, era a régua. Então, quando sabiam que vinham os inspectores, imediatamente iam esconder aquelas... aquelas 'meninas dos olhos'... a menina dos 7 olhos ou não sei quantas...

– 5 olhos.

– Dos 5... a menina dos 5 olhos! Imediatamente escondiam-nas. Eu não sei se os inspectores avisavam ou não, se apareciam sem avisar. Isso eu não me lembro, mas dava impressão. Se elas sonhavam, ou se ele aparecia à porta, imediatamente a régua. Ou se ele vinha é que era mesmo escondida. Ai, nós tínhamos um caderno diário. Todos os dias (...).

– Lembra-se de fazer exercícios que eram provas, ou de fazer só o exame no fim do ano, como é que era a rotina?

– A rotina era esta. Fazíamos esse caderno diário, todos os dias lá escrevíamos uma coisa. E depois a professora ia vendo, depois começavam a fazer as continhas... faziam uns números debaixo de outros. (...) O professor ia avaliando conforme o aluno ia... e depois ali punha-se uma cruz em cima quando ia mal na aritmética...
– Mas isso era numa base diária, não era no fim do ano?
– Numa base diária (...). O exame era só na quarta-classe (...). Olhe... penso que se fazia a prova de passagem. Prova de passagem, não era exames. Era a prova de passagem.
– Lembra-se dos métodos de ensinar da professora? Como é que ela ensinava a ler, como é que ela ensinava a escrever, se ela fazia alguma coisa que a Ana se lembre? Um estratagema...
– Eu sei que havia, mas não lhe sei dizer. Agora sei como ela falava, e uma coisa era de fácil aprendizagem... para os alunos aprenderem (...).
– Ela era eficiente? Qual era o método, o sistema que ela usava, se é que havia algum?
– Não, não sei. Mas eu sei que segundo a maneira que eu via e observava ela devia seguir à regra aquilo...
– O caminho mais curto... não é?
– Exactamente! Porque eu achei que aquela foi uma boa professora, não há dúvida nenhuma, como ela ensinava.
– Lembra-se de algum livro (...), ou mais alguma história, que tenha fixado? Quando pensa na escola, vem-lhe aquilo à memória...
– Uma vez não sei quando, não sei como, distribuíram lá uns livros na escola, um deles era Dom Fuas Roupinho. E eles eram dois... um deles era o Dom Fuas Roupinho e outro deles era na Nazaré. Quer dizer, o livro tinha talvez na capa ou lá dentro, ou nas duas coisas, o cavalo a saltar para o mar... o veado... já no ar para cair no mar e o cavalo com as patas no ar. Acho que foi qualquer coisa que deviam ter distribuído naquela altura, e depois distribuíram aquilo pelas escolas. Esses dois livros... eu andava já nas últimas duas classes.
– (...) Se houvesse um personagem, ou uma figura, na história, do seu tempo, da sua memória, vá, enquanto era estudante... a figura que era mais marcante, foi o Salazar? Ou houve outra?...
– O Salazar marcou-me muito. Já lhe digo...
– Foi a figura mais marcante do seu tempo?
– Marcou... e a maneira dele governar. Bem, é a tal história do temos que ser imparciais... porque nós quando gostamos, não devemos também ver só as coisas boas, houve coisas também que não estariam certas. Mas fazendo cá o meu raciocínio, em coisas que não estiveram certas e em castigos e em outras coisas que tais, talvez lhe pudéssemos dar razão a ele. Razão, vamos lá... vamos lá a ver se eu me sei exprimir. Razão ou não razão... ele fez daquela maneira. Ele agiu daquela maneira, em conformidade ele agiu... foi uma maneira muito forte, muito atroz, no castigo, de os levar para... que os levava para...
– Mas aí já está a falar da guerra?
– ... para São Tomé. Não, não estou a falar na guerra. Para os políticos... para os políticos!
– O Tarrafal? Os presos políticos?
– Aquilo que era a ditadura, portanto, quem não é por nós é contra nós. E quem é contra nós tinha de ser castigado. Portanto, ele levava-os para fora daqui... para as masmorras.
– Mas está a falar dos presos políticos, no fundo, do ‘contra’, que eram da resistência, e que eram muito ligados ao partido comunista.
– Era isso que eu queria dizer e nunca mais chegava lá. Sim, sim. Dizia-se que o Salazar estava muito agarrado ao poder. Não! Nunca compreendi que o Salazar fosse agarrado ao

poder. Sempre compreendi que o Salazar esteve no poder para salvar Portugal, por amor a Portugal.
– Então mas é assim... a história aqui é... já percebi que, realmente, a dona Ana não consegue pensar esse tempo sem ter aquela figura, não é?..
– Sim, sim.
– A Ana quando pensa no tempo que passou, na sua história de vida... porque entretanto a Ana já viveu tanto tempo noutro regime como quase viveu antes deste regime...
– 47 anos! Tenho 91 faça-lhe as contas.
– Daí que a Ana está meia-meia. Viveu uma parte da vida naquele sistema, e depois outro. E chega a um ponto que isto agora já parece que... mistura-se, e é muito complicado.
– É por isso, exactamente! Mas a verdade... é que muitos gostaram e queriam este sistema.
– Mas agora falando, assim em geral, a figura mais marcante da sua educação foi o Salazar?
– Foi o Salazar, foi o Salazar... não há dúvida nenhuma. (...) Não é que eu tenha simpatia pelo Salazar... eu mesma penso que não, assim... porque eu acho que, no fundo, até na minha consciência, coisas que eu oiço dizer dele, acho que não é justo! Não é justo porque ele foi uma pessoa... fez disparates, chego à conclusão que ele também fez disparates, e não devia talvez ter ido por esse lado. Mas, por outro lado, foi uma pessoa que fez tudo por Portugal e que o salvou da desonra. Porque era uma desonra. Eu acho, isto para mim, uma dívida é uma desonra. Hoje não! Ai hoje parece que nunca têm uma honra... naquele tempo era uma desonra. Ele salvou-nos dessa desonra. E portanto tudo quanto ele fez foi pelo interesse de Portugal! E foi pelos portugueses... e ele não queria os regimes que o atacavam, e por isso é que ele os castigou. É neste ponto que eu acho, pois, mal. E o que eu vejo, e estou contra ele, é da maneira forte como ele os castigava naquelas prisões e naquelas coisas. É nisso é que eu vejo. Porque de resto... eles não deviam ter feito aquilo. E um vizinho meu disse, que o Salazar disse: “quantas vezes nós castigamos com o coração a sangrar... ”. Mas isto... agora é que eu não sei. Que ele depois disse que era para o bem dos portugueses, ou não sei o quê. Mas ele disse: “quantas vezes nós castigamos... ”. Porque castigava-os severamente. E eu sou contra isso. E ele podia realmente não querer aquele regime e procurar afastá-los. Eu também acho isso... também não quero a ditadura, eu não quero o fascismo. Então eles também fazem isso e não aceitam... então ele também estava no mesmo direito de não aceitar! As coisas são assim... portanto, as condições dele eram aquelas. Ele achava que era bem, ele era governante, e o governante tem obrigação de zelar pelo seu povo e pelos interesses do seu povo. E ele zelou. E agora, o que vejo: estes zelam pelo interesse da barriga deles! Mais nada! Pronto.
– Está dito! (risos) Então o Salazar foi para si a personagem que a marcou mais...
– Que me marcou mais!
– Mas em termos de conteúdos das matérias que vocês davam, há sempre lá umas personagens, umas figuras, sei lá, uns heróis. A Ana tinha algum predilecto? Ás vezes até são figuras religiosas.
– Até se diz uma coisa, há uma coisa que se diz... que a gente tem... ai como é que se diz... os pais... bom, não interessa (...).
– Para fechar... a Ana, de facto, trabalhou algum tempo, 4 anos, por conta de outrem, não é?
– Era particular. E eu só aceitei porque aquilo realmente era uma... .como é que hei-de dizer...
– Era uma função social.
– Basicamente! Era social e de caridade.
– Filantrópica.
– Exactamente... era isso, por essa razão é que eu aceitei.
– Mas a Ana era remunerada por isso?

– Ganhava alguma coisa. Naquele tempo, eu vivia dentro do hospital, portanto, cama, mesa e roupa lavada, dentro do hospital. E com uma cozinheira e com uma que fazia as limpezas (...). Eu fiquei lá nessa casa, sempre... e elas também. Em Alcains... a casa ainda existe, mas passou para lá a Casa do Povo. (...)

– E ganhava quanto, lembra-se?

– Perfeitamente. Ganhava 600 escudos e quando abalei ganhava 700. No principio não tinha caixa, mas depois foi obrigado, e eu tinha caixa, tinha caixa mas aquilo era preciso meio ano para ter o beneficio. Tinha de pagar... mas a partir daí eu já lá não estive. (...) Fui para lá com 26 anos.

– Foi um trabalho que surgiu, porque vieram ter consigo, e fizeram-lhe essa proposta...

– Exactamente! Eu não procurei o trabalho.

– Foi alguém conhecido seu?...

– Foi o pároco de freguesia, de Castelo Branco, é que me indicou... alguém lhe indicou. Havia um padre que estava à frente disso, e as coisas que eram necessárias, ele é que mandava comprar. E então, ele não me conhecia, embora conhecesse o meu irmão, ele andava no seminário, a mim não me conhecia. E então recebeu informações e as informações foram as seguintes, ele depois é que me contou (...). Quando se falou em mim, disse: "ah, isso é um homem!" – ele era um bocadinho machista (risos), porque ele quis dizer (...) que os homens têm mais valor no trabalho... trabalham mais, resolvem melhor, sabem melhor. E então eu seria um homem (...) e foi o padre da freguesia que disse isso (...).

– Vou-lhe fazer uma última pergunta. Quais são as diferenças que a Ana nota mais, daquilo que foi a escola do seu tempo e esta escola que está agora. Não tanto, se calhar, dos seus filhos, mas dos seus netos... as diferenças que a Ana notou de uns para os outros? O que é que notou, assim, flagrante?

– Eu notei para as minhas filhas e a minha filha notou para a filha dela. A primeira coisa que eu notei foi... que achei aquilo uma coisa muito esquisita... na aritmética, os números, o fazer os números e as contas (...). Eu notei que a aprendizagem das minhas filhas ficava muito áquem da minha. Nós demos mais matéria em menos tempo. Eu tive uma instrução primária que, de certeza, equivaleu ao segundo... por aquilo que eu vejo que as minhas filhas depois foram para o Ciclo... eu vi por aquilo que elas estudavam. E a minha irmã via pontos do antigo quinto ano do Liceu, e apareciam lá coisas que eu aprendi na instrução primária.

– É como se, no seu tempo, aquele tempo pequeno valesse por mais tempo.

– Sim senhora. A minha instrução primária, de certeza que estava equivalente aos dois anos de Ciclo. A única coisa que não havia, talvez na matemática não, e tinham francês. Isso é que não. Agora no português e na interpretação e nisso... e talvez ainda nalguma matemática.

– Uma coisa é falar de quando você foi aluna, foi criança e andou na escola, depois quando você foi mãe e são as suas filhas que vão à escola... a sua relação com a escola fica um bocado diferente. Como mãe ou como avó. A Ana envolvia-se com a escola (...)?

– Não. Por acaso, a minha neta mais velha eu é que a fui matricular. Mas não, porque elas tinham uma boa mestra... porque a minha irmã nasceu para ser professora... não nasceu para outra coisa... e o que ela fazia por aquelas sobrinhas!

– Então a sua irmã foi professora das sobrinhas?

– A minha irmã licenciou-se em clássicas, e por acaso tenho uma filha licenciada em clássicas também, mas logo desde principio das escolas ela seguia-as, sempre. E, portanto, eu não precisei disso... e era solteira, a minha irmã era solteira.

– A sua irmã solteira é que acompanhou sempre as suas filhas?

– As minhas filhas. E, provavelmente, as minhas netas tinham as mães, mas também das minhas netas era natural que ela metesse para aí o bedelho, porque a mais velha foi para a faculdade, para medicina, e ela ainda assistiu a isso. E ela até era um bocado hipocondríaca e já fazia perguntas à minha neta (...). Depois de se ter reformado, entrou em depressão (...). Ela, realmente, digo-lhe uma coisa, nasceu para isso.
– Fez disso uma espécie de sacerdócio.
– Exactamente. Até porque ela era católica, apostólica, romana... a pessoa não me conhecia, e eu falava da minha irmã... "ah, foi minha professora!... foi a melhor professora que tive!". Eu ouvi isto várias vezes. É que digo-lhe, ela foi sempre professora, em todos os aspectos. Pelo interesse pelos alunos, por ensinar, e saber ensinar...
– A sua irmã, o que é que dava?
– Português... ela chegou a dar grego, mas pouco... e latim, isso ainda deu (...).

[Realizada por Ana Isabel Madeira (13-08-2019)]

– (...) Para Moçambique, porque nessa altura não se podia ir sem uma carta de chamada. E qual era a razão da carta de chamada? Era para eles não ficarem lá de qualquer maneira, e terem alguém que os protegesse, e encaminhasse. E então, depois foi para as minas do Transval e lá ganhava bem, nessa altura.
– Está a falar do seu avô?
– Não, de um tio meu, irmão da minha mãe. E todas as pessoas destas terra, tenho impressão... gente muito generosa, muito amiga de ajudar os outros, e principalmente a família. E depois o meu tio começou a mandar dinheiro para cá. A minha mãe aprendeu de costura, porque ele mandou-lhe dinheiro para uma máquina, que nessa altura custou 30 contos. Era muito dinheiro nesse tempo. Depois a minha mãe começou a ensinar raparigas, começou a trabalhar para o povo, e a vida começou a melhorar. E depois, com o dinheiro que ele mandou, fizeram esta casa. Deitaram a outra abaixo de fizeram esta casa. A minha mãe tinha uma vaidade muito grande. A minha mãe sentia vergonha da casa que tinha, ficou vaidosa com a casa. Porque era tudo de xisto, e tudo casinhas pequeninas, e depois fez esta casa e esta era a melhor casa no sentido do gosto de hoje. Naquela altura isto seria um palácio. E a minha mãe sentia-se vaidosa de mostrar a casa às pessoas. Foi a primeira casa com reboco.
– Pois, foi rebocada. Escondendo a pedra, portanto.
– Escondendo a pedra, exactamente.
– Porque a pedra era um sinal de pobreza, e o reboco era um sinal de riqueza.
– Pois, de ser fino. E depois disto, quando eu vinha aqui, as casas eram mais ou menos assim. As que se faziam novas.
– Todas as casas daqui eram de xisto, originalmente?
– Tudo, tudo! E as primeiras coisas, luxos, foi uma casa que está ali nos Carrasqueiros (...). Portanto, a história também é esta. O meu tio começou a mandar dinheiro e, inclusivamente, mandava também libras em ouro, que até diziam assim "olha, vêm aí as amarelinhas!" Porque ele trabalhava nas minas, recebia o dinheiro em moeda de ouro. Esta casa foi paga em moeda de ouro.
– Porque as minas do Transval pertenciam à Coroa Inglesa... era território inglês. Porque a África do Sul era uma Colónia do Império Britânico, e portanto o pagamento era em libras.
– Exactamente. E portanto a história desta casa é esta. E falando de emigração, o meu tio seria talvez dos primeiros a emigrar daqui.

– E lembra-se como é que ele chegou a ir para as minas do Transval? Primeiro foi para Moçambique, não é?

– Não sei. Eu até tenho uma fotografia... que mandou ele para a minha mãe (...). Depois a história dos 'ratinhos'... .muitos aprenderam a ler e quando iam lá para a ceifa, eles ensinavam-se uns aos outros. E há aqui um sujeito, primo do meu pai, na Roda, ensinou muitos sem nunca ter ido à escola. E como era? Eles iam para as invernadas, e depois à noite... porque naquele tempo não iam para as discotecas (risos)... uns jogavam as cartas, outros... e aquilo era assim: dormiam todos à molhada e fé em Deus. Porque não havia camas nem para este nem para o outro. Então juntavam-se ali todos, e ele ensinava-os a ler ali. Alguns jogavam cartas, e outros interessaram-se, e ele ensinou-os. Inclusivamente, o tio Chico Manso.

– O tio Chico Manso também ia como 'ratinho' para o Alentejo?

– Eu tenho impressão que isto não era no Alentejo. Mas era capaz de ir, porque nesse tempo, acho que ainda iam. No tempo do meu pai é que eu conheço melhor. E ia toda a gente, porque não havia meio de subsistência aqui, e eles tinham de o ir arranjar para aquele lado. E o meu pai foi para a Inglaterra, porque aquilo tinha de ter um capataz, e o capataz não sabia ler, esta gente depois não sabia ler, e o meu pai é que fazia lá a folha dos empregados, e a letra dele era muito bonita, e o dono de para onde eles iam... naquela altura, era inglês. Era uma família Reinolds. Eles vieram cá, e viram a escrita... eles tinham lá isso para os lados do Alentejo, e os ratinhos foram para lá e o meu pai também, mas não sei se ele também ceifava. Mas o que eu sei dizer é que ele é que fez os apontamentos todos, do que se passava. E os patrões vinham ver isso, e viram a letra dele tão bonita, e disseram-lhe para ele ir com eles para a Inglaterra. Foi para a Inglaterra deste jeito.

– Então esta familia Reinolds foi uma família que o seu pai encontrou aqui em Portugal, no Alentejo?

– No Alentejo, exactamente. (...) O meu pai foi lá para a Inglaterra e ainda esteve ano e meio ou dois anos. Nessa altura ele aprendeu o inglês correctamente. (...) Essa família Reinolds acho que até em Lisboa há gente dessa. E o meu irmão foi uma vez à Inglaterra e andou por lá a investigar... mas não sei a que conclusões chegou. E uma vez umas inglesas vieram à fábrica onde o meu pai trabalhava, era uma fábrica de cortiça, preparavam a cortiça e depois faziam rolhas... a cortiça ia a ferver, e punham-lhe um preparado, para a lavar, e depois era seca naqueles estendais, uma espécie de estendal. E elas tiraram-lhe uma fotografia nesse estendal. Tenho impressão que uma das minhas filhas, que foi a que apanhou o diploma dele, do meu pai, do exame da 4.ª classe, penso que é ela que a tem. E depois ele perguntou-lhes se conheciam essa família Reinolds, ou Bexil, elas disseram que não.

– Os ingleses estavam muito associados à área do Douro.

– Mas estes não foram para o Douro, tinham herdades no Alentejo. De trigo. Era o que eles faziam.

– Pois, precisavam de mão-de-obra para fazer as colheitas...

– Exactamente. Por isso eles só iam no tempo das colheitas. E depois como a minha mãe também trabalhava de costura, sob o nome dessa casa, foram aquelas senhoras que ela ensinou. A minha mãe ensinou raparigas à costura, e dessa gente... ou algumas dessa família, ofereceram-lhe a sonave desta casa... a sonave desta casa.

– O que é isso, a sonave? É a trave mestra?

– Exactamente. Dizia-se muito isto: "Quando falta a sonave da casa, falta tudo." Que era: quando morria o pai, o dono, faltava tudo. O dono era tido como o sonave da casa...

– Quem é que ensinou, daqui da aldeia da Roda, essa gente toda a ler, enquanto estavam a trabalhar no Alentejo? Sabe quem é?
– Alguns foram à escola.
– Uns tinham ido à escola e ensinaram os outros?
– Exactamente. E houve aqui um que ensinou muita gente. Talvez até aqui dentro da terra. E quando iam lá para essas coisas, nos dormitórios deles onde eles estavam, ele ensinava-os porque eles estavam sem saber nada. E com vontade de aprender, da parte das pessoas... e muita gente nesse tempo procurava fazer a assinatura, para depois não andar lá a carimbar com o dedo. Não sabiam ler. Olhe, a sogra da minha filha.
– Pois, não sabiam ler, mas ao menos sabiam assinar o nome.
– Pois. Olhe, a sogra da minha filha, não sabe ler. Essa é Alentejana. Mas sabe assinar o nome dela. E as pessoas, pelo menos procuravam por isso, saber fazer a assinatura. (...) A pedra lousinha, foi onde a minha mãe aprendeu a escrever. (...) E o escrever também era numa pedrinha...
– Mas a dona Ana já não aprendeu na lousinha? Já foi no papel?
– Nós, no princípio quando vamos para a escola, tinhamos a lousa, eu escrevia numa lousa, comprada. No meu tempo toda a gente levava a lousa. E depois mais tarde é que começávamos a escrever num caderno. E havia depois um caderno diário, mas era de tempos a tempos. Esse caderno tinha um nome... era para saber como o aluno ia progredindo. O meu, não existe nenhum, mas o meu irmão tinha esse caderno. Entrou em Outubro, e vê-se lá aquelas letras, o ‘a’, ‘b’, ‘c’... o abecedário, com letras maiúsculas. Nós tínhamos esse caderno. (...) Era assim: primeiro escrevíamos na lousa, e depois é que passávamos para o papel. E começávamos por escrever em duas linhas. E depois numa só linha.
– Pois, porque na lousa não havia linhas, não se traçavam linhas, ou traçavam?
– Não... a propósito do meu irmão... entrou em Outubro, começou por escrever o abecedário, e depois, na próxima vez que escreveu no caderno, começou a juntar as letras, ‘ai’, ‘ui’, e assim por aí a fora... e quando chegou a Fevereiro escrevia correctamente e com uma letra perfeita, linda (...). O meu irmão casou, mas andou no seminário, o estudo completo. (...) Teologia, tudo no seminário. Fez tudo completo, a única coisa que faltou foi ser ordenado. (...) Teve assim uma certa influência a minha mãe, que: “ai se eu tivesse um filho padre!” Mas faleceu o meu pai, naquele tempo as coisas... também não havia reformas.
– Ele casou com a sua mãe ainda viva?
– Casou... foi de morrer...
– Porquê? A sua mãe ficou com desgosto?
– Ui Jesus... inexplicável, mesmo. Uma coisa, um tormento! Mas é que não devia ser assim, porque isso é doentio. Por mim, cada um deve seguir aquilo que... e o povo diz, e é verdade: “vale mais um bom cristão, do que um mau padre!” (...).
– Os homens, quando não têm vocação, foram muitas vezes empurrados para aquilo para satisfazerem os pais.
– (...) E depois há muitos que perdem mesmo a fé! Há padres que saíram do seminário e depois perderam a fé. Mas o meu irmão não. Continuou, porque foi aquilo que a minha mãe e o meu pai lhe ensinaram, e incutiram no espírito (...).
– A ideia com que eu fiquei do ensino, da professora, ela foi uma boa professora, e digo-lhe mesmo, eu... em aprendizagem, e depois em formação que ficou, acho que a 4.ª classe é o que é hoje, pelo menos, o Ciclo. A minha irmã via as provas daquele tempo, no 5.º ano, quando se fazia exame, a minha irmã via as provas em casa, e havia lá coisas que os alunos não respondiam nada, e eu sabia aquilo. E tudo isso foi aprendizagem com a minha

professora. Se desse para classificar professores, eu acho que ela fez do melhor do que se faz. Mas havia uma coisa que eu, realmente... não queria estudar, por essa razão, e só mais tarde é que eu descobri. Eu disse sempre que não queria estudar, andar na escola dali para a frente. A minha professora foi a professora da minha irmã, e ela por acaso incentivou-me muito bem (risos) e disse: "Tu não dás pelas solas dos sapatos da tua irmã!". Foi esse o incentivo! (risos) Portanto, eu era burra! (...) Isto foi na escola.

– Isso é muito grave, não é?

– Acho que sim. Em pedagogia, acho que sim.

– Fazer comentários desses sobre os alunos, e compará-los com os irmãos. Qual foi mesmo a expressão que ela utilizou?

– Foi mesmo essa: "Tu não dás pelas solas dos sapatos á tua irmã!"...

– Que é o mesmo que dizer: "tu não prestas pra nada, comparada com a tua irmã."

– Não prestas para nada, és burra (...). A minha irmã foi boa aluna sempre. Mas a minha irmã era muito marrona. E se eu quiser hoje avaliar... e já me disseram isso... eu era mais inteligente do que a minha irmã.

– Aprendia mais sem estudar tanto, era intuitiva.

– O meu raciocínio... eu raciocinava melhor do que a minha irmã. Ultimamente fiquei muito arrependida, ela fez-me uma pergunta muito ingénua... e eu disse-lhe "Olha, puxa pela massa cinzenta!", e ela ficou assim um bocadinho sentida quando eu lhe disse isto. Porque aquilo era uma coisa tão banal, tão trivial, qualquer criança responderia àquilo!

– Então, ela era capaz de reproduzir aquilo que lia, mas não tinha capacidade crítica e reflexiva?

– Era marrona! Na escola, ela teve algumas 3 professoras, eu só tive aquela professora. Logo nos primeiros tempos de escola ela fez lá qualquer coisa mal feita e a professora falou de castigo, e ela "ai, estive até às não-sei-quantas horas da noite a estudar e a professora agora pôs-me de castigo" (...).

– Os professores batiam muito?

– Olhe, era isso. E agora, quanto à escola... e esta professora então, esta que eu estou a falar da minha irmã, aquilo era logo à régua... as nossas salas eram porta com porta. E então aquela professora, mal começava logo, no principio, com a régua 'zás-zás-zás'... e começavam os gritos... 'zás-zás-zás'... a minha professora batia pouco e por isso eu gostava dela. Eu gostava da minha professora porque ela batia pouco. Porque para mim, o bater-me, foi isso que me levou a não querer estudar, a não gostar da escola, por causa disso. Porque eu tinha um medo terrível da pancada. Porque doía, e pela humilhação. Para mim, levar pancada... ou que a professora me desse uma réguada ou me batessem... para mim era uma humilhação. E isso levou-me a ter uma relutância pela escola. E nos primeiros anos, na 1.ª classe, custou. Porque eu, fixar as coisas, eu se as fixo é por raciocínio e por memória visual. Parte destas anedotas, eu sei quem mas contou... quem diz anedotas diz provérbios... que está escrito naquele livro, a maior parte delas sei quem mas contou e às vezes sei o local onde foi contado. (...) Eu poucas vezes erros levava. Só uma vez na vida levei 6 erros. E fazíamos muitos ditados. Nem sei se não era todos os dias. Porque eu via no livro, via o que lá estava escrito exactamente, e isso valeu para eu dar sempre poucos erros.

– Isso no livro de leitura? Conseguia reproduzir através da memória visual aquilo que estava no livro, a palavra, e como se escrevia.

– Exactamente! Como estava no livro! Eu via o livro em frente. E ainda hoje me lembro. Havia uma mulher, que passou debaixo de uma cerejeira, e pôs-se em pé em cima da cerejeira. E ela ia em cima de um burro, e eu estou a ver o que ela disse, e estou a vê-la no burro, e a cerejeira. E então pôs os pés em cima da albarda e começou a colher as cerejas.

Ao mesmo tempo que colhia cerejas, disse assim: “e se eu dissesse ‘arre burro’?”... e então assim foi, o burro começou a andar e ela estatelou-se no chão! Isto, no fundo, é a imprudência. E digo-lhe uma coisa, os nossos livros não só eram de aprendizagem, como eram um ensino para a vida.

– De formação moral...

– Exactamente! (...) A história não só nos ensinava a ler, mas como essa história nos preparava para a vida. E a formação que os meus pais tiveram foi religiosa. Toda a gente era religiosa, não havia ninguém que não fosse à missa.

– O papel do padre era importante?

– Importantíssimo! E muita aprendizagem destas... a formação destas pessoas, e os saberes, e orientarem a sua vida, era sobre isso. (...) O professor do meu pai era um padre, era o padre da freguesia, o Monsenhor José Gregório. Naquele tempo não havia tempo para irem a exame. Era a 4.ª classe. Foi aquilo que o meu pai teve, a instrução primária, como se chamava. E então o meu pai andou 5 anos na escola, ao fim dos 5 anos... o meu pai, muito inteligente... seria talvez o melhor aluno que por ali passou. E quando o padre ia fazer casamentos, baptizados, funerais, deixava o meu pai na escola a ensinar os miúdos. Portanto, os padres tinham influência. E até mesmo os crucifixos, eu acho que tinham a ver com isso. Estava interligado, tanto o ensino como a formação moral. A formação deles pelo ensino, e a formação moral, completavam-se. Acho que era assim...

– Uma pergunta: os padres que eram professores, eram professores do ensino público oficial, ou era ensino particular?

– Era na escola... na escola oficial. Não havia professor, com certeza, e então era um padre.

– E isso aconteceu aqui em Cardigos?

– Era um padre o professor do meu pai.

– Mas também havia o caso, ou podia dar-se o caso, de o padre ser um professor particular?

– Nada disso. Não, não, não...

– Era um professor do Estado?

– Sim, com certeza. Quer dizer, ele até nem fosse... era oficial. Era oficial, porque depois ele foi fazer exame, não é? O padre levou-os a exame. Mas nem sei se até o padre ganharia... não faço ideia...

– Sim, porque era um funcionário do Estado... .

– Pois, mas não sei. As coisas às vezes não funcionam assim.

– Tenho alguma ideia de que eles ganhariam alguma... gratificação.

– Não vale a pena estarmos a falar de uma coisa que é... hipotético, porque nós não sabemos bem...

– E os professores? Acha que os professores tinham dificuldades económicas?

– Isso não sei. O que os professores eram, se eu os for classificar... eram tiranos. Naquele tempo, era bater até mais não. E até a menina dos cinco olhos... .talvez, se for à escola da Chaveira, talvez a encontre lá...

– Sim, há vários artefactos aí, em casa das pessoas, das professoras até...

– E houve alunos, que noutros tempos, aquilo... agora não sei exprimir... mas que foram batidos barbaramente, nesses tempos. Quer dizer, estou também a falar talvez no geral...

– Do seu conhecimento aqui, na comunidade?

– Isto passou-se aqui. Mas não era em relação ao professor e àquilo que era o professor. Porque há casos desastrosos de outros, porque eu sei de muitos lados.

– Mas pode dizê-lo, identificando quais são os lados...

– Isto aconteceu em Cafede, perto de Castelo Branco. O professor pegava pelos alunos nas orelhas... as janelas assim, como estas, e punha os alunos do outro lado... pelas orelhas. O professor fazia isso, batia de qualquer maneira, inclusivamente podiam ficar surdos. O puxar das orelhas pode dar isso. Faziam isso. E alguns batiam até deixarem, sei lá, olhe... uma amiga minha conta que na terra dela, uma aluna, a professora bateu-a com a régua... bateu com a régua e o que é que a aluna fez? Fez assim. E conforme a aluna tirou a mão, a régua foi-lhe à perna e magoou-a. Depois bateu-a tanto, tanto, tanto, que a miúda deixou-se mijar toda. Era assim. Para mim, classificando-os, era: tiranos. E eu acho que, mesmo até no meu caso, não era tanta tirania. Não podemos dizer "são tiranos", mas acho que também eram um bocadinho! Um professor que bate num aluno, é tirano. Ai, mas isso era o pão-nosso de cada dia, era mesmo assim! Nos meus tempos, era assim. Depois no tempo das minhas filhas ainda continuou. Uma das minhas filhas teve uma professora... o meu pai dizia para o pai dela "Ó primo", eram daqui de ascendência do Freixoeiro e do Freixoeirinho... e essa minha filha nunca apanhou. A professora nunca a bateu. Ela também era esperta. Nessa nunca a bateu. Mas a outra mais velha, se eu soubesse que a minha filha lhe acontecia como me aconteceu a mim, eu metia-a num colégio. Eu não a metia na escola. Porque o terror... e cheguei à conclusão que se eu sempre disse "eu não quero estudar, eu não quero estudar" e foi pela coisa que eu tinha da escola, do medo que eu ganhei, e não gostava da escola. Mas também passou-se isto... o uso da razão, diz-se que se atinge aos 7 anos, mas talvez o uso da razão... talvez a inteligência se abrisse mais tarde. E então, eu, na 1.ª classe, a professora disse-me isto, eu não fui esperta. E então custou-me muito... eu não decorava que 3 e 2 eram 5. (...) E a tabuada do 1, 2, 3 até ao 9, e o 3 vezes 9, 27 e por aí a fora... eu não conseguia decorar! E então o que é que eu fazia? Nós íamos pela volta da secretária da professora, sentada à secretária, e nós assim em volta, e umas atrás das outras, e eu ficava no fundo, e depois ela perguntava: "diz lá a tabuada do 3, somar", e depois perguntava a outra, e outra. E eu ficava atrás para ir ouvindo, para quando chegasse à minha vez, para ver se eu sabia. E algumas vezes eu não saberia. E tive muita dificuldade na aprendizagem nos dois primeiros anos, 1.ª e 2.ª classe. Na 3.ª, eu passei à 3.ª classe, passou para a aritmética, para os problemas, ninguém me pôs o pé á frente. Porquê? Porque me perguntavam: "olha lá, se comprares 1kg de maçãs, custando tanto, quanto é que custam 250?"... perfeitamente! Porque eu raciocinava.

– Era uma coisa lógica.

– Exactamente, eu raciocinava e a coisa dava. E então a 3.ª e a 4.ª classe para mim, foi um encanto. Fui talvez das melhores alunas. No inicio não seria a melhor. Daí para trás foi um suplício, um martírio. E há uma coisa, que não é nada pedagógica... porque o aluno não sabe, se o aluno não sabe, bate! Ora isso o que é que dá? Medo, à criança. E a criança assusta-se. E então se assusta-se, já não sabe.

– Afasta-a das matérias e da escola.

– E depois está com medo, está com receio, e não tem capacidade de raciocínio, porque é o medo, porque é o medo que prevalece! Não é o raciocínio, é o medo. E para mim foi isso, esse medo de que me batiam, e que para mim também era uma humilhação. É por isso que eu hoje, se eu humilhar alguém, é inconscientemente. Ainda hoje me custa muito suportar uma humilhação. E se me custa, também não faço para os outros, aquilo que eu não quero para mim... a escola foi isto. E depois quando chegou á 3.ª e à 4.ª classe, aquilo para mim foi um encanto, eu andava ali encantada da vida. E depois quando chegou à altura do exame, fiz exame de admissão ao liceu, a Professora disse que quem quisesse ir para o liceu, ela dava a explicação. Aquilo pagava-se 100 escudos. Ainda me lembro. E eu fui dizer ao meu pai. E o meu pai disse-me assim: "então, o que é que tu dizes?", e eu queria ir, mas sempre disse que não queria, não queria, não queria... mas depois calei-me...

e no fim, depois do que ele disse "o que dizes tu?"... eu disse: "então, o pai é que sabe... ", "ah, então deixa... ". Para mim foi uma coisa terrível... um balde de água fria que me caiu da cabeça aos pés.
– Foi ouvindo a dona Ana dizer sempre: "eu não quero estudar mais, eu não quero estudar mais... ". Ele foi respeitando o seu 'querer'...
– Exactamente, exactamente! Pois, por isso. Foi por isso. E também outra razão. É que, naquele tempo, apesar de ele estar empregado, e ele ser lá o... hoje seria o encarregado do pessoal... era ele que fazia os pagamentos, era ele que ia buscar o dinheiro ao banco, era um contabilista e além de contabilista era gestor do pessoal. Apesar disso, e de estar empregado, o ordenado era muito pequenino. E as posses não eram muitas. (...) As posses não eram muitas, e a minha irmã estudou sempre mas nunca pagou propinas. Mas se fosse preciso pagar propinas, seria uma grande dificuldade para o meu pai. E depois, duas filhas a estudar! Isso seria pior ainda. Mas como ela nunca pagou propinas. E depois os livros, custam dinheiro. E ele também, como não se achava com muito poder, foram estas duas coisas que o fizeram dizer isto.
– Depois a dona Ana parou na 4.ª classe.
– E depois, mais tarde, abriu uma escola em Castelo Branco, de enfermagem. Eu não fui fazer enfermagem, porque a minha vocação não era essa, nem enfermagem, nem médica! Quando as minhas netas, a primeira, me vieram dizer... porque são as duas irmãs médicas... foi também um balde de água fria! Eu não queria ser médica nem enfermeira! Mas esse curso que foi criado pelo doutor Lopes Dias, é hoje a escola Doutor Lopes Dias... Escola Superior Dr Lopes Dias que, para mim, foi dos homens de mais valor que passaram por Castelo Branco... tinha fundado a escola há 3 anos. Eu fui no 3.º ano. Ele criou a enfermagem, para saírem enfermeiras no 2.º ano do liceu, e outro de auxiliares de enfermagem, com a 4.ª classe. Só que essa gente colocou-se exactamente como as enfermeiras de hospitais. Fizeram o mesmo serviço. E criou um curso de serviço social. E deu a esse curso o nome de auxiliares sociais. Só que nós éramos 15 de um lado e 16 do outro. E tudo na mesma sala. Portanto, tudo quanto as enfermeiras ouviram, eu ouvi.
– No fundo receberam a mesma formação teórica e prática.
– Igual! Mas as do 2.º ano tinham à parte, eram uma turma. As auxiliares, eram outra turma. (...) Tudo quanto tocava ao serviço social, eu gostava. (...) O director... ele foi um grande homem, um grande benfeitor... era médico... escreveu um livro sobre crianças, e a nossa prova de entrada foi sobre esse livro, sobre puericultura. E trabalhou muito com as crianças.
– È engraçado que seja um homem a falar sobre puericultura, era mais expectável que fosse uma mulher, mas não, era um homem...
– Foi ele que criou aquele lactário...
– Chamava-se lactário? E o nome dispensário, não existia?
– Penso até que seja o dispensário Alfredo Mota. Porque havia o Dr. Alfredo Mota, que criou qualquer coisa, e depois há lá hoje um... jardim de infância... e ainda lá está. Isso e o lactário, que era uma coisa separada, em pavilhões separados. Mas acho que o Dr. Alfredo Mota criou qualquer coisa... não sei se também nessa história do lactário... ou essa parte do ensino... seria esse Dr. Alfredo Mota.
– Tenho aqui uma fotografia antiga desse dispensário Alfredo Mota...
– Não. Não está aqui. 1958? (...)
– É este homem... José Lopes Dias.
– Ele era originário de Penamacor.
– Penamacor, mas não sei se ele era de Vale do Lobo... ou ali próximo, Penha Garcia. Não sei se ouviu falar no Dr. Jaime Lopes Dias, que era irmão dele, era muito badalado. Mas

esse era para o lado das letras. Esse fez recolhas de canções, de coisas ali naquela área. O irmão. E tem lá um prédio que meterem o nome de Dr. Jaime Lopes Dias. Tenho pena... porque se fosse José Lopes Dias. No entanto, ele tem... não é rotunda, eu não sei explicar... lá num sítio muito pobre... pobre, dentro da cidade, mas quer dizer, uma coisa pequena... está lá, não-sei-quê Lopes Dias... mas aquilo nem é bem rua, é assim uma coisa mesquinha... vamos lá, o sítio!
– Não condiz com a estatura dele?
– Nada! E, no entanto, quão superior ele não foi ao irmão! Quão superior!
– Ás vezes as notoriedades são uma coisa estranha. E uma pessoa que não faz nada adquire muita notoriedade, e a outra que faz muito parece escondida. Mas isso até hoje em dia acontece. Ás vezes é um acaso.
– Olhe, é isso! São os homens... são os homens que reconhecem desse jeito. Porque, por vezes, não são verdadeiros. Há tempos vi ali na televisão: "dão medalhas a quem deviam de dar algemas." A maneira como vemos as pessoas... os olhos daqueles veem-no como malfeitor, outros veem-no como um grande homem (...).
– Olhe, temos aqui: "breve elogio da Liga Portuguesa de Profilaxia Social ao Doutor José Lopes Dias." Tem aqui muita coisa sobre ele: "higiene da primeira infância", "em redor do serviço social", "elementos de história da proteção aos estudantes no século XVI", liceu velho, liceu novo, "discurso proferido a 2 de maio de 1946 na sessão de inauguração do novo edifico do liceu Nun'Alvares em Castelo Branco", "Cartas políticas de José Lopes Dias", "Cartas políticas do Marquês de Lavradio a Tavares Proença." Este era um homem que escrevia sobre tudo!... "regionalismo e assistência"...
– Estas são as de enfermagem auxiliar. Eu penso que estou aqui, deste lado... mas não me vejo. Estas são do meu ano. Olhe, só tínhamos 3 rapazes. Mas talvez eu esteja a ver mal. É que depois houve algumas que continuaram, e passaram para a enfermagem geral. Continuaram a estudar.
– Aqui está dito que são as finalistas do curso de enfermagem de Castelo Branco no ano lectivo de 57-58.
– Eu não sei quando foi. O ano não sei.
– Ele está aqui no meio...
– É esse! E este é o Dr. Louro, e esta senhora não sei quem seja... era a que estava lá no lactário. E esta na ponta não sei se era uma que lá foi dar ginástica.
– E isso? Também foi ele que construiu?
– Isso tinha sido o Dr Alfredo Mota. O Dr. Alfredo também era um consigne benemérito.
– Isto é uma instituição importante em Castelo Branco... e acabou também por ser uma via de canalização de algumas das pessoas. A senhora acabou por sair da Roda e ir para esta escola, não é? Interessa saber um pouco da história desta instituição, não é?
– Ironias do destino... porque no falecimento, ou no velório, foram muito poucas pessoas...
– Deste senhor?
– Exactamente... muito poucas pessoas...
– Se calhar ele não era um simpatizante do Estado Novo.
– Não, não era por isso. Eu, por acaso, não soube. Eu não fui porque eu não soube. Mas segundo depois constou, as pessoas contaram, foi muito pouca gente. Para ver como as coisas são. E para mim foi o homem de maior valor que passou em Castelo Branco. Temos o Amato Lusitano, temos lá uma estátua enorme...
– Mas isso é mais para criar uma identidade com o passado... é a relação com o passado. Mas este é do presente, é um homem da vida das pessoas...
– Mas é isso que eu digo. Aquele homem, que está lá uma estátua enorme, também foi médico. E então tem lá uma estátua enorme. Olhe, como é que eles dantes não haviam de

conquistar? Pois ele era cada um! (risos) Eram como a estátua... alto e grande... como é que não haviam de conquistar?! (...).
– Era interessante ter alguma biografia do Dr. Lopes Dias. É um indivíduo que tem de ser biografado... faz parte da memória, faz parte da identidade de Castelo Branco, e daquela zona... dos personagens ilustres de Castelo Branco. (...) Só para terminar... uma coisa que eu gostaria de saber: primeiro, se havia... várias vezes, em relatos de pessoas em que aparece a menção ao comportamento das professoras e dos professores, uns com os outros, quando havia escolas femininas e masculinas, próximas... tem alguma ideia ou memória de qual era a relação entre os professores? Entre si? Juntavam-se, não juntavam? Casavam, não casavam?
– Parece-me que as enfermeiras e as hospedeiras, não casavam. As enfermeiras não podiam casar.
– Sem autorização, provavelmente?
– Não sei bem. Porque eu no dia 18 deste mês faz 11 meses que fui operada no IPO e calhou uma enfermeira: "ai, e não disse nada! Então também foi enfermeira?", e depois houve uma outra que disse: "eram outros tempos, em que as enfermeiras não podiam casar." E depois ela deu uma explicação, de alguém, que fez qualquer coisa e se casou, ou não quis ser enfermeira porque não podiam casar.
– Mas a dona Ana quando se casou desistiu de enfermeira?
– Eu estive lá só 4 anos, em enfermagem, porque a minha vocação não era essa. E fui porque foi assim: um casal não tinha filhos, fez uma casa, fez o Seminário de Alcains, de raíz, o edifício, e então deixou a casa deles em testamento para se fazer um hospital da casa deles... e então eles diziam que as coisas que se faziam em Alcains, acabavam... as coisas que se faziam neste género acabavam. Já o Seminário funcionava, e eles achavam que os padres tinham pessoas competentes para continuar a obra. E então deixaram um monte ao Seminário, que eles tinham, e esse monte dava rendimento e deixaram o mesmo ao hospital, para que depois o Seminário contribuísse com as despesas do hospital. E tinha se ser aberto depois de X tempo da morte deles. Mas aquilo fechou, na altura. E era para lá ir uma que era da terra, mas andava a namorar e pensava casar, e depois desistiu disso, e depois acabou o casamento! E depois alguém falou em mim, e eu fui por essa razão. Porque me falaram nisso, e pediram-me isso. E era, vamos lá dizer, era uma maneira que eu tinha de também ser útil aos outros.
– O que é que a dona Ana fazia lá?
– Era para tratar as coisas mais vulgares. Mas só para os pobres. E então tinha duas enfermarias, 7 de homens e 7 de mulheres. Era só para tratar coisas bem banais. Uma pessoa que teve uma pneumonia, uma pessoa que teve um qualquer ferimento e precisa de se tratar, uma pessoa que talvez estivesse com a tensão alta. E depois tinha também de ser assim uma espécie de banco: tirar o gesso, uma pessoa que partiu a cabeça. E os do Seminário também lá iam a esse banco, com uma feridazita, ou coisas assim do género, estas coisas vulgares. Púnhamos-lhe uns 'gatinhos' que agora já não há nada disso, é tudo cosido.
– O que são os 'gatinhos'?
– Um agrafo, era um agrafo, que nós chamávamos 'gato'. Porque haviam os 'gateiros' noutro tempo, que punham os agrafos nas loiças, e aquilo era exactamente a mesma coisa! E depois também diziam 'gatos'...
– Isso doía.
– Eu não sei. Aquilo era tudo a sangue-frio! Talvez não se queixassem assim muito (risos). Eu, disso, pus também muitos lá no banco. Portanto, era o serviço que eu fazia, e estava lá dentro do hospital. Eu, uma cozinheira, e uma pessoa para as limpezas. Aquilo

não tinha água canalizada, mas era uma água de poço, e essa empregada ia buscar a água fora, à cabeça, num cântaro. Eu vivia dentro do hospital, e elas também. Eu nunca tive um fim-de-semana, ou um mês de férias! Ia para lá outra que também fazia uma espécie de banco, o curso dela também era de auxiliar social, era igual ao meu. Mas depois isso não foi permitido, e foi para lá uma outra enfermeira, e essa enfermeira é que foi a que me veio substituir. Essa enfermeira tinha sido tuberculosa, e esteve no sanatório, mas na altura estava curada e foi para lá. E eu, durante o tempo que ela esteve doente, achei que ela, coitada, já não tinha pai nem mãe, tinha de procurar o sustento, e então achei que lhe devia segurar o lugar. E depois o meu pai também morreu tuberculoso... a tuberculose hoje cura-se com muita facilidade, mas naquele tempo... O tempo que eu depois lá estive foram 4 meses. A história da minha vida é esta!

[Realizada por Ana Isabel Madeira (16-08-2019)]

– No meu tempo de escola... também havia a 3.ª classe, exame da 3.ª classe, e ficava-se por ali. As pessoas na altura que não podiam continuar ficavam na 3.ª classe. Lembro-me que no meu tempo isto apareceu, sei que apareceu.
– O que a dona Ana está a dizer é que antigamente a escolaridade obrigatória, digamos assim, eram quatro anos, a 4.ª classe?
– Mas quem quisesse ficar com a 3.ª, no fundo, também já seria obrigatório. Quem quisesse só tirar a 3.ª. Houve uma que na minha classe, fomos sempre as mesmas, ela era esperta, mas desistiu. (...) Olhe, no tempo da Amália também havia. A Amália, cantora, um dia na televisão, ela estava a falar, e ela foi condecorada... na França... e ela riu-se, e disse assim "Ai eu!... e eu só tenho a 3.ª classe!"
– Portanto, ela viveu no tempo em que a escolaridade obrigatória eram 3 anos.
– A não ser que ela só tenha feito a 3.ª classe e não tenha seguido para a frente, sei que ela fez este comentário. (...) Isto era assim. As raparigas, aqui por exemplo, se não foram à escola a razão foi esta: as famílias eram numerosas, havia que aparecer dinheiro de algum lado, e então todas as crianças iam guardar gado, ou o seu próprio gado, ou iam para fora. E era assim, em chegando a uma certa idade, saiam aqueles e ia o outro a seguir a ele. Tive uma prima que foi com 7 anos guardar gado. Geralmente era por volta dessa idade. Iam sozinhas, com 7 anos! Para o meio dos matos, e para fora! Tive primos que foram para a Fundada, para 4 terras foram daqui, guardar grandes rebanhos de gado, com esta idade. Quando estavam já mais crescidinhos, com 14, 15 anos, já ninguém ia. Eram só crianças. E quando aquele saía, ia o outro. Fosse rapaz ou rapariga.
– Não havia distinção de género...
– Toda a gente ia guardar cabras. E se não fosse para ganhar dinheiro, eram as suas próprias cabras. Era o ofício que toda a gente tinha. Guardar as cabras. E os velhotes a guardar os netos. Eram coisas fatais como o destino!
– E as raparigas, depois de guardarem as cabras, e de passarem essa idade, faziam o quê? Eram enviadas para...
– ... para servir! Para fora da terra. E aí é que elas se faziam mulheres. Aí é que elas aprendiam a cozinhar, a fazer essas coisas todas. Saíam de lá mulheres, como se costuma dizer.
– Aqui na Roda, a maior parte das raparigas seguiu esse destino?
– A maior parte foi servir. Em qualquer lado. Umas em Cardigos, outras para fora.
– Pareceu-me aí ouvir umas histórias que, então, algumas raparigas tinham madrinhas, que as protegiam e algumas delas ensinavam-nas a ler. É verdade?
– Isso não sei (...). Elas iam servir, mas às vezes eram elas que queriam, para aprender. (...) Elas iam guardar gado, e saíam. E depois achavam também que as mulheres que não

era preciso ler. Não era preciso aprenderem a ler. Porque os homens é que precisavam, porque saíam e iam para outros lados, e precisavam de aprender a ler. E as mulheres eram para casa. E nessa altura também não se compreendia que uma mulher fosse empregada, embora fossem servir, mas depois casavam-se e isso acabou-se. Empregadas, ninguém! Eram domésticas. Eram todas domésticas.

– Apesar de tudo, a maior parte das pessoas aqui da Roda não é analfabeta. As mulheres que aqui estão não são analfabetas, sabem ler e escrever. Como é que isso aconteceu?

– Aconteceu porque outras lhes ensinaram, e os homens a mesma coisa. Os homens... como aquele que eu já disse, iam para a Borda d'Água... como eles lhe chamavam... que era ali para os lados de Santarém, para a Estremadura, para onde havia vinhas, no Ribatejo. No inverno, eram as invernadas, e no verão iam para a ceifa.

– A pergunta é: porque é que as mulheres, apesar de terem ido guardar as cabras, e depois começarem no serviço doméstico...

– Quem as ensinava? Houve pessoas de família, ou irmãos que tivessem ido à escola, ou pessoas amigas, e tinham muita vontade de aprender.

– E algumas foram aprender a costurar, não é?

– A minha mãe ensinou raparigas à costura, mas não era muito. E essa minha prima que já faleceu, essa também trabalhava para fora à costura. Mas olhe que era o que havia aqui. Pouco mais.

– Como depois a dona Ana conheceu também o meio urbano, o que é que acontecia na zona de Castelo Branco, as raparigas já iam à escola, não era?

– No meu tempo já ia toda a gente. Toda a gente! Não havia ninguém que ficasse sem... isso seria um caso esporádico... que não fosse.

– Portanto, em meio urbano, era relativamente fácil, e consensual, era normal que as crianças fossem à escola?

– Sim, sim, sim! Em Castelo Branco também havia quem fosse servir, mas não eram muitas.

– E as raparigas daqui iam para Castelo Branco servir?

– Para qualquer lado. Mas, para Castelo Branco, pouco. As raparigas daqui, no tempo havia uma salsicharia em Castelo Branco, e elas iam todas daqui. Os donos da salsicharia eram da Lameirancha, e então levavam gente daqui. E elas nesse tempo iam para lá. E depois iam para a azeitona, era o que elas faziam. Para servir, para a azeitona, e aqui para o Alto Alentejo, ou até talvez um bocadinho mais abaixo. Iam muito para Longomel (...). Olhe, uma coisa... esta malta aqui de Cardigos, os gaiatitos, são muito espertos. Lá até dizem "oh... são os de Cardigos!"

– Portanto, têm fama de ser espertos!

– Sim senhora. E saiu daqui muita gente (...). Olhe, eu sou muito rica, porque tive a felicidade de nascer num berço pobre. Quando eu tinha uns sapatos, e que era preciso pôr uns bicos nuns sapatos, ou uns saltos, o meu coração apertava-se. Porque sabia que a minha mãe tinha dificuldade, e então, tudo o que eu fazia, eu poupava. A minha irmã já foi tudo mais à larga... era tudo mais à grande e à francesa. Mas eu não. Eu era... tudo ali tem de ser regrado, e acho que isto faz muito bem. E isto é que é ser rico! Tanto que eu, com esta minha vida, eu consigo ser rica também porque não tenho ambições na vida de andar por aí a fazer gastos de grandeza. Não nasci com essa ambição. Acho-me um bocadinho lixo, porque não ligo absolutamente nada ao ouro. Habituei-me ao pouco e a sentir-me feliz por isso. Inclusivamente na casa. Eu sinto-me muito bem nesta casa porque a minha casa tem lá pouca coisa. Tenho o necessário, e acho que isso é ser rico. Eu também faço isto: se tenho uma coisa e se a coisa é boa, mas eu não preciso, eu dou-a. Se ela

não prestar, vai para o lixo. É das coisas que mais gosto de fazer nesta vida é deitar coisas para o lixo.
– (...) Eu tenho muito prazer nisso, por isso compreendo-a perfeitamente (...).
– Uma das coisas que se fazia eram lavoures. Mas isso não era todos os dias. No tempo da escola, enquanto lá andei, foi uma camisa. Era uma peça que se usava durante o dia, a minha mãe até dizia: "eu nasci sem camisa, mas não quero morrer sem ela!" (...). A camisa foi toda feita à mão (...). E estava lá guardada nas gavetas da secretária. Lembro-me que a fazia lá, e depois ia dá-la à professora e ela "desmancha dali até ali... ". E eu lá desmanchava aquilo, com pontinho daqui ali. E depois ficava por cima como se fosse o ponto da máquina. Até aquelas costuras eram para chulear... mas as da camisa não, eram umas costuras que se faziam dobradas, primeiro fazia-se uma baínha lisa, e fazia-se depois isso...
– Ainda tem essa camisa?
– Era cor-de-rosa. (...) E ensinavam lá na escola o tricot, a bordar e a coser.
– Era capaz de me descrever um dia típico na escola? A que horas se entrava, quando é que havia um intervalo, o que é que comiam no intervalo?
– Entrávamos às 9, depois havia um recreio. A minha escola tinha duas salas de aula, o edifico. E a escola era murada, com um quintal. Se tinha flores, pouco ou nada, era terra batida. E nós brincávamos ali, corríamos atrás umas das outras, porque os edifícios não se encostavam, as casas de banho é que se encostavam ao muro, e nós andávamos à roda do edifico, e era assim as nossas brincadeiras. (...)
– Mas tinham um intervalo... e nesse intervalo brincavam juntos, rapazes e raparigas?
– Não, nunca! Até no secundário, havia uns versos, uma espécie de sátira aos professores, e diziam lá de uma contínua, não gostavam nada dela, era a Joana... "aos muros ninguém se chega... porque a Joaninha... "
– Mas havia separação nesse muro?
– Na minha escola era, e também no Liceu, no muro... até eles ficavam mais altos. E a porta, a entrada, não era igual. Os rapazes entravam por uma porta e as raparigas por outra. Quando iam para as aulas. E depois no recreio, eram separados. Isto no tempo da minha irmã. (...) As casas de banho, eram no chão, um buraco, em cimento.
– E a dona Ana gostava de ir a essas casas-de-banho?
– Melhor do que a minha, porque eu morava numa quintazinha, e a minha casa-de-banho não existia! Por isso, ainda era melhor aquela do que a minha!
– Tinha de se ir ao mato?
– Á horta! Mais tarde o meu pai fez lá uma cabana qualquer, com sítio para a gente se sentar, mas não tinha esgoto também... e qual fossa?! Era um buraco, uma coisa muito tosca.
– Comiam alguma coisa no recreio?
– Havia um recreio na parte da manhã, nós entrávamos às 9 e saíamos às 3 da tarde, tínhamos de levar merenda. A gente comia a merenda por ali. Era mais tipo sandes, não era comida de garfo. (...) O livro da 3.ª classe tem lá algumas... como aquela da mãe e do filho, que iam algures... e ele dizia: "subir a altura, talvez não consiga, porque a fome me obriga, já sinto tortura de tanta fadiga... ", "mas filho anoitece, luz não temos, pois escurece, aqui ficaremos, por este caminho"... e ele depois diz-lhe que não será capaz de aguentar. (...) Eu acho isto... não vou dizer bonito... porque o sentir não é bonito, mas por outro lado, acho isto... não sei...
– É a apologia de um certo modo de vida que, também, se fazia muito nos anos 30, 40, que era a vida simples, a vida esforçada. Era uma forma de habituar as pessoas a considerar que isso era a virtude... uma vida de grande trabalho.

– E também para mostrar o que era a pobreza. Por outro lado, também era assim... interpretava-se das duas maneiras.
– Pois... e as pessoas familiarizavam-se com um certo modo de vida, e achavam que isso era natural. Naturalizava-se esse modo de vida.
– Era, era... aquilo era natural.
– Essa convivência. Porque se houvesse lá só histórias de ricos, e pessoas perdulárias, e pessoas que conquistavam o mundo... não! Havia uma certa apologia da simplicidade, da pobreza.
– Exactamente! E eu tenho a impressão que, para mim, era isso (...).
– Ainda se lembra da comida que levavam para a escola e comiam?
– Muito era ovo... ovo frito. Dentro do pão. Era muito isso. E ainda me lembro no tempo dos marmelos. A minha mãe cozia marmelos, e mandava-nos. E fruta, uvas.
– E as pessoas sentavam-se no recreio a comer, ou tinham refeitório?
– Qual refeitório?
– Mas era dentro da sala de aula?
– Mais tarde é que apareceu uma sopa, davam... só aos mais pobres. Vinha de fora. Chegava à cantina escolar... era a cantina escolar. Só davam aos mais pobres, e eu lembra-me da minha professora dizer assim: “Olha, se tu quiseres uma sopa, também podes comer.” Porque entendeu que eu ficaria melhor se comesse uma sopa. Rarissimas vezes eu passo uma refeição sem sopa (...).
– E depois ia para casa a pé?
– Olhe, naquela altura não havia pai nenhum que tivesse automóvel.
– Era muito longe da escola?
– Ui!... era. (...) Andei lá 4 anos, no Cansado, e fiquei cansada para toda a vida! A minha casa ficava fora da cidade. Era longe. E em dias de frio, de inverno...
– Lembra-se, quando chegavam à escola, quais eram os primeiros exercícios que faziam, ou os primeiros trabalhos que faziam?
– Não me lembro. Ditado não era, era mais tarde. Acho que a tabuada era logo no principio. Essa maldita tabuada, que aquilo não entrava nem por nada!! A leitura... talvez fosse até das primeiras coisas, era a leitura. E tinha um livrinho pequeno, só com a tabuada. Primeiro a de somar, depois talvez a de diminuir, depois a de multiplicar, depois a dividir. Depois mais tarde iam para o quadro, fazer as contas de somar, não é? A leitura era no livro.
– Mas, nos primeiros anos, não tinham livro? Ou tinham?
– Sempre! A gente até lhe chamava o livro do ‘aeiou’... o livro da 1.ª classe. Mas o da 4.ª é que me lembro. Estou ainda mais ou menos a vê-lo, e até uma lição que lá estava. Eu sempre dei poucos erros porque tinha a memória visual. Eu via as letras e os parágrafos: “deliciosa tarde do mês de maio... ”
– Isso era uma história do livro de leitura?
– Do livro de leitura. (...)
– Eram sempre histórias morais, com um fim moral.
– É isso tudo! Andavam sempre essas duas coisas. Tanto uma coisa como a outra, e nós ao aprender... eu agora vejo, porque na altura a gente não pensa. Mas agora, e agora principalmente, depois que estou aqui com este trabalho, é que vejo realmente...
– A importância que isto teve para a formação da pessoa...
– Exactamente, exactamente! Andou a preparação física... vá, a preparação do saber... com a moral.
– Já que fala nessa questão da preparação física, vou-lhe perguntar: lembra-se como é que a professora exigia que se estivesse na aula? Direitos, sentados para a frente... não podiam falar?

– Exactamente. Porque uma das coisas que eu tinha na escola era... custou-me a aprender a tabuada e tinha medo que me batessem, e então, as duas réguadas que apanhei, foi por causa do falar. Ela saiu para falar com outra professora, que era logo ali em frente, porta com porta, mas entre as duas salas havia a sala onde elas estavam... como é agora a sala dos professores... e ela lá foi falar com ela... e então aquilo fazia uma barulheira infernal, e ela estava lá, e depois quando chega à sala começou na primeira e acabou na última. Toca a bater. Toca a bater até mais não! Correu-as todas, com a régua. E outra vez, também estava tudo a falar, e a menina Maria Madalena "Calem-se! Calem-se!"... era uma colega, que era Madalena... vem a professora, ralhou, e "A Madalena estava-vos a mandar calar", e aí, já não sei se foi ela ou se foi a Maria Madalena que bateu a todas com a régua.

– A aluna?

– Sim. Isso acontecia às vezes, nas escolas.

– A professora delegava numa aluna para bater?

– Exactamente. Isso acontecia. Inclusivamente com as minhas filhas. Aconteceu lá em Castelo Branco, com as minhas filhas. E foi isso que me levou a não gostar da escola. (...) Da minha professora só levei com a régua dessas duas vezes. Mas por exemplo, estávamos a escrever e "Toma!"... olhava, via mal feito, "Toma!" Eu lembro-me, estava deste lado e a minha companheira deste, éramos duas a duas nas carteiras, e "Toma!" Isso aconteceu várias vezes. Mas mesmo assim ela batia menos do que a outra, e eu por outro lado... embora tivesse medo e não gostasse que ela me batesse... eu achava aquilo uma humilhação.

– Não se lembra do nome dela?

– Maria da Conceição Duarte Costa. Estive 4 anos com a mesma. A minha irmã teve duas. Nós chamávamos-lhe a dona Marquinhas, e depois mudou para a dona Adélia. A minha era Maria da Conceição Duarte Costa e depois, fora disso, eu gostei muito dela. Nas últimas classes gostei muito dela... e depois eu até queria mudar o nome para Maria da Conceição! Porque gostava da pessoa.

– Isto é... de tal forma o professor tem uma influência na nossa vida, não é?

– Perfeita! E porque é que antigamente havia muita gente que queria ser professora, porquê? Porque gostavam de ser professoras, e porque também não tinham outros horizontes. Agora já há, mas naquele tempo não havia... eram professoras, daí tanta professora que saiu.

– Mas eram umas pessoas que tinham muito poder, não era? Na aldeia, na vila, ou na cidade? Eram bem consideradas pelos outros?

– Sim. Os professores, eram! E muito respeito. É o que a minha filha diz, tem de haver uma hierarquia, porque vê hoje a falta de educação que há. E a minha filha foi muitas vezes castigada. Os alunos iam ao encontro dos professores, e estimavam os professores... mas ela, ela ainda hoje é viva, e a minha filha não vai ao encontro dela. A minha filha disse: "eu não admito que professora nenhuma castigue as minhas filhas, mas se elas forem mal educadas, agradeço que o façam!" Só admito que um professor castigue um aluno por mau comportamento, mas nunca por não saber. E o que é que acontece? Acontece o contrário. A pessoa está com medo. E depois não faz, e atrapalha-se...

– A censura nunca estimula as crianças. A censura, nem física, nem intelectual... só a tolhe.

– Só a encolhe... só, só, só...

– Já agora, uma questão: à um bocado falou na questão física, as pessoas tinham de estar na aula com uma certa compostura, mas havia alguma orientação física? Isto é: costas direitas... havia alguma orientação nesse sentido?

– Tinham de se portar bem! Não, aquilo que haveria era, quando o aluno não estava no sítio, era repreendido. E dou-lhe o exemplo da minha filha também. O que foi que ela fez? Ela fez qualquer coisa, ou bocejou, e uma disse: "Ai, a Luísa fez isto!", "Toma!", apanhou, porque fez isso. Portanto aí está.
– Havia ginástica? Educação física? Na escola?
– Olhe, havia qualquer coisita.
– O que faziam?
– Ai, não sei. Olhe, eram coisas muito simples... como é que eu hei-de dizer?...
– E para os rapazes? Também não havia?
– Ah... isso o que havia para as raparigas, era igual para os rapazes. No meu tempo, esse tal Dr Lopes Dias, eu nem sei se isso se faria em todas as escolas, mas na minha fazia, porque ele foi um grande homem, lembro-me no principio quando eu entrei para a escola, ele veio-nos observar, auscultar, os olhos... uma coisa que têm os oftalmologistas, para saber se vemos bem. Havia uma coisa dessas.
– O médico ia à escola?
– Sim senhora. Esse Dr Lopes Dias. Eu não sei se isto existia em todo o local, ou se era só na minha. E uma coisa que ele dava: óleo de fígado de bacalhau, que era ruim de tragar como um diabo. Davam lá na escola. Mas isto era ele que mandava. Mas era a todos.
– Essa assistência, em principio, seria de benemérito, não é? Não era o Estado, digamos assim...
– Sim, sim. Se era do Estado, não sei. Ele ia lá, e era mesmo na escola que isto se fazia, mas eu julgo que nem foi na minha escola, fomos a outra escola fazer isso. E penso que não foi só aquela levada, penso que mais vezes ele fez isso. Mas não tenho a certeza.
– A dona Ana já disse que a partir de certa altura a escola passou a oferecer sopa, na cantina escolar.
– Na cantina escolar, mas era só para os mais pobres.
– E como é que isso se decidia? Os mais pobres?
– Até a Caixa Escolar, uns pagavam, outros não. Era uma coisa que não me lembrava... é que atrás de umas coisas vêm outras.
– Essa Caixa Escolar era para quê?
– Por exemplo... os meus pais compravam-me os cadernos, e os livros. Mas essa Caixa Escolar... pagam-se 2 tostões, ou seja, 20 centavos... não sei, talvez por mês... vendo os 20 centavos e ligando ao valor que eles teriam, nessa altura, o que é que se podia comprar?... penso que, por ano, acho que não. Não podia ser.
– E isso servia para quê?
– Para comprar para os outros. Que não tinham dinheiro. E davam cadernos escolares aos alunos. E até os livros.
(...)
– E leite? Davam leite às crianças?
– Não. No tempo das minhas filhas penso que haveria. No meu tempo não. Era só a sopa, e não foi logo nos primeiros anos. E a sopa não era lá feita, vinha não sei de onde (...).
– Uma pergunta sobre as festas que havia na escola. Lembra-se que festas havia? Celebravam o Natal e a Páscoa, Carnaval?
– Não havia nada disso. Não me lembro nada disso. Houve só uma vez uma coisa, mas eu já descrevi isso e até cantei (...), que eu agora é que me apercebi, que teve ter sido numa altura em que nos quiseram tirar as Colónias, e cantámos na escola "as lutas do passado, que nunca mais me sairão da memória... "
– O que é que aprendiam sobre as Colónias?
– Nós estudámos o Zambeze... o Kunene...

– Aprendiam os rios de Angola e Moçambique?
– Exactamente. E Timor. Estudámos essa parte.
– Mas não estudavam nada de Cabo Verde e da Guiné?
– Eu acho que sim. Era todas as nossas Colónias... Goa, Damão e Diu. Era uma espécie de história.
– Não se lembra de ver mapas?
– Nós estudávamos por qualquer coisa. Tenho uma desconfiança que sim. Ai Portugal estava lá! Estava lá, espetado na parede (...).
– Sobre as festas, se havia?
– Eu tenho a modos que uma ideia que a gente às vezes saía, e até levava uma bandeira... uma bandeira da escola. E nós saíamos com a bandeira.
– A escola participava em procissões, em desfiles?
– Não, não não. Não se misturava com o povo! (risos). A escola não tinha ligação com coisa nenhuma. Que eu me lembre... desde que eu me lembro. Era completamente independente dessas coisas. Só me lembro de termos saído da escola, e fomos a outra escola, e tenho a impressão que se juntou lá a malta toda das outras. E acho que foi nessa altura em que nos quiseram apanhar as Colónias... os terrenos de algum país, ou países (...). Se eu tivesse tido um bocadinho de mais tempo, eu tinha passado isto a limpo... as lembranças. Eu até tinha os meus boletins de passagem, da 1.ª para a 2.ª, da 2.ª para a 3.ª... com uns valores, parece-me que 13,5. Mas como eu tenho a mania de tudo quanto seja pouco... tenho pouca coisa, e talvez não fosse difícil encontrá-los, mas não faço ideia onde o encontraria.

[Realizada por Helena Cabeleira (03-10.2019)]

– Então vai contar... ou vai cantar, uns versos que o seu pai dizia?
– Vou contar uns versos que o meu pai dizia:

Manuel era um petiz de palmo e meio, pouco mais teria na verdade
Rosto moreninho, olhar cheio, inteligente e de enérgica bondade
Orgulhava-lhe dele o professor
Fazia contas que nem um banqueiro
E lia nos livros como um doutor

Certo dia Manuel passando, junto ao adro da igreja
Aproximou-se e viu um bando de homens, a olhar o que quer que seja
Interrogavam-se todos em dispel, ansiosos por saberem cada qual
O que havia em certo papel, pregado com o brejo no portal

É para as contribuições! Supunham uns
É para as sortes, talvez! Outros volviam
Quantas disposições!
Porém nenhum sabia ao certo o que o Edital continha
Nenhum, e eram vinte os assistentes
Vinte homens e talvez inteligentes
Mas todos, que tristeza, analfabetos!

Furou o Manuel, por entre aquela gente ansiosa, comprimida, amalgamada
Como formiguinha diligente, pelo maciço de erva emaranhada

Furou e conseguiu chegar adiante
Ergue-se nos pézitos para ver
Mas o Edital estava lá tão em cima e tão distante
Que não o pôde ver

Então um dos do bando agarra-o, com suas mãos possantes e calejadas de cavarem pão
Houve um silencio entre os circunstantes
E numa clara voz melodiosa, a alegre e insinuante criancinha
Pôs-se a dizer àquela gente ansiosa, correntemente o que o Edital continha

Regressava o abade do passal, a caminho da sua moradia,
Como era já idoso e via mal, acercou-se e veio ver o que haveria
E deparou com aquele quadro lindo: uma criança a ler a homens feitos
Um pequenino cérebro, fachinho de luz, no meio daqueles cérebros imperfeitos
Transpareceu do rosto do bom abade, um doce e espiritual contentamento
E da sua boca brotou de verdade, disse estas frases com brando assento
"Olhai amigos, quanto pode o ensino, sois homens, alguns pais, e até avós
Pois só por saber ler, este menino é já maior que nenhum de vós!"

(Ana Cristóvão Afonso, 93 anos em 2020. Seu pai: João Cristóvão nascido em 1892)

– O meu pai dizia isto...
– Era o seu pai que dizia essa lengalenga?
– Era o meu pai que dizia isto, dizia isto...
– E então ouvia isto desde criança, e decorou-a?
– Desde criança. E é engraçado que sei mais das coisas que o meu pai contava, do que dos meus livros. Eu agora recordei tudo o que vinha aqui nos livros...
– E a Ana alguma vez escreveu isto? Ou decorou só, por via oral?
– Não, não, nunca escrevi nada.
– Com que idade é que a Ana aprendeu estes dizeres, estes versos?
– Eu sei lá! Quando o meu pai contava isto eu talvez até ainda nem teria ido para a escola. De criança... tudo isto, todas estas coisas que o meu pai me contou, eu agora descobri, já nem sei em que livro foi, que era do meu tempo de escola. Era isto assim:

Tendo a mãe que se ausentar, disse à filha mais velhinha
Fica tu em meu lugar, guarda a nossa casinha
A menina está no berço, embala-a suavemente
Entretendo a inocente, com esta cantiga em verso
Passarinho vinde em bando, ver anjinho tão lindo
Que a mão está embalando, contente por ver dormindo

E acaba aqui o verso. E a minha professora na escola... ela escrevia no quadro, depois para nós interpretarmos, fazia perguntas, e lembro-me de ter respondido, e eu fui a única que dei a resposta certa. Ninguém sabia, nem eu sabia, mas dei-a certa! E ela fez esta pergunta: "O que quer dizer 'ausentar'?" E eu sabia lá agora o que é que queria dizer 'ausentar'?! Mas pensei assim: se a mãe disse: "tenho de ausentar, sendo tu a mais velhinha, fica em meu lugar, de guarda à nossa casinha"... então, eu disse: "ir-se embora". Então o que quereria dizer a palavra 'ausentar'?! Era isso, não podia ser outra coisa. Mas ninguém respondeu, fui eu a única. Porque foi a tal história, eu não sabia, mas foi pelo raciocínio

que eu vi como é que era a palavra. Isso foi uma vez. (...) E o outro era isto: houve um circo na terra, e ninguém apareceu no circo, para ver, porque aquilo se pagava. E então as pessoas não foram. E então coitados, os desgraçados, estavam ali, sem nada. O que é que eles fizeram? Puseram à entrada da porta um letreiro: "entrada gratuita". Toda a gente foi. Encheu-se o circo! Depois, não sei se foi nessa porta, ou numa outra, colocaram "saída 50 centavos"! E assim foi castigada a sovinice daquele povo! (risos) E depois a professora perguntou o que é que queria dizer a palavra 'sovinice'... foi castigada. Porque eu disse que o 'ser sovina' era ser-se avarento, ou qualquer coisa assim, já não sei bem qual foi a palavra que eu empreguei, mas dei a resposta certa. Sovinice, liguei com avarento. E assim foram castigados. (...)

– O cérebro das crianças é de cera mole, as dedadas que lhe imprimimos são as que lá ficam.
– Quem dizia isso?
– O meu professor da escola de enfermagem.
– Como se chamava esse senhor?
– Dr. José Lopes Dias.
– Que é aquele senhor que está nas fotografias?
– É. Já morreu. Para mim, e cada um vê as coisas com olhos muito diferentes uns dos outros... mas, pelos meus olhos, foi a pessoa mais importante que passou por Castelo Branco. Para mim foi, em todos os aspectos. Como homem... um homem integro, e sabedor, e que transmitia os seus conhecimentos e os seus saberes, e que se interessava... por tudo. E pela medicina. Ele escreveu vários livros. O exame de entrada na escola, em que se fez um ditado, foi feito por um dos livros, que era... qualquer coisa "materno-infantil." Não sei se o nome era esse, mas era sobre isso. Nesse campo, o que ele trabalhou! Desde o lactário, esse lactário acho que já existia, mas depois ele é que ficou a tomar conta dele. E iam lá as mães que não tinham leite, iam lá buscar o leite. Era pasteurizado, eles tinham lá isso. O leite era mesmo de cabra, ou sei lá...
– No fundo, foi um benemérito...
– Uma coisa! E o funeral dele não levou quase ninguém. Uma coisa muito estranha. Ele nos últimos anos não estava, talvez, tão activo... e depois isto é assim...
– Mas morreu com alguma idade, ou ainda era novo?
– Já. Tinha uma certa idade.

– António Cardoso Lopes –

Naturalidade: Galisteu Fundeiro (Proença-a-Nova)
Nacionalidade: Português-Canadiano
Data de nascimento: 12-06-1944
Residência actual: Caniçal Cimeiro, Proença-a-Nova.
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe, e tem a equivalência do 12.º ano feita em 2horas (Canadá)

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Caniçal Cimeiro (16-12-2019).

– Disse-me que tinha a 4.ª classe e que tinha a equivalência ao 12.º ano feito em duas horas?
– No Canadá. E tenho o diploma. (...) Eu fui obrigado a fazê-lo para poder tirar a carta profissional. Tinha a de cá, mas eles não davam valor à de cá, disseram para meter aquilo na 'pubela' como eles dizem, e fui fazer a nova... tudo pago pelo governo, evidentemente.
– Disse-me que fez a 4.ª classe na escola primária de Proença-a-Nova.
– Proença a Nova.
– Mas andou sempre nesta escola?
– Sempre em Proença-a-Nova, sempre! Os cinco anos que andei na escola foram em Proença-a-Nova.
– E andou cinco anos porquê?
– Porque o primeiro ano, quando foi já perto do fim, o professor disse-me: "Olha, tu já passaste, tu já passaste, tu já passaste, tu já passaste." Quando cheguei a casa ia todo contente, e disse ao meu pai e à minha mãe: "Olhem, o professor diz que eu já passei", "então não precisas de ir mais à escola." Ainda não tinha acabado, "não precisas de ir à escola, porque a gente precisa de ti para ir regar o milho."
– Tinha feito a 4.ª classe, mas não foi a exame... mas já tinha a 4.ª classe?
– Não, não. Foi na 1.ª classe, no 1.º ano. Tínhamos de ir fazer a passagem, porque não era exame, era passagem. E eu quando fui, o professor disse que eu passava, porque sabia que eu... sabia vá... "tu já passaste!" e eu disse ao meu pai: "o professor disse que eu já passei". Todo contente. Pronto. "Ficas aqui para ajudar a mãe a regar o milho." E, então, não voltei à escola... .
– Então deixou passar o exame da passagem do ano...

– Não fui às passagens. Mas isso também era falta dos professores, porque é que não avisaram?!Mandavam avisar!...
– Então e depois teve de fazer outra vez tudo?
– Tive de repetir o 1.º ano outra vez.
– E teve de andar lá a fazer tudo na escola outra vez?
– Tudo a mesma coisa, tudo. Um ano inteiro. Outra vez a repetir a 1.ª classe.
– Caramba. Pois, e depois fez o exame da 4.ª classe lá?
– Fiz tudo. 2.ª, 3.ª e 4.ª classe. Sempre a mesma professora.
– Sr. António, os seus pais, que habilitações é que eles tinham?
– Nem um nem outro sabia ler. Nada! O meu pai era capaz de escrever os números, porque ele andava aí com o rancho a apanhar resina aí pelos montes com as camionetes, e ele quando os ia pesar, tinha que marcar os quilos. Portanto, isso ele sabia fazer. Só isso, mais nada.
– Sim. Portanto, sabia marcar os números. Para aquilo que ele fazia, para o trabalho dele...
– Sabia. Para o trabalho. Conhecia os números. As letras é que não.
– E não assinava o nome dele?
– Assinava. Lá punha... a gente ensinou-o, e ele punha.
– Foram os próprios filhos que o ensinaram a assinar?
– Sim, sim, sim. A minha mãe não. A minha mãe era com o dedo, a impressão digital.
– O seu pai se fosse vivo que idade é que tinha?
– Eu acho que ele nasceu em 1912. E a minha mãe foi em 1917 se não estou em erro, não posso precisar... não posso precisar. Teria 107 anos.
– O Sr. António tem irmãos?
– Tenho. Somos sete. Há três rapazes e quatro raparigas.
– E todos têm escola primária?
– Todos, todos fizeram a escola até à 4.ª classe.
– Algum dos seus irmãos estudou mais do que a 4.ª classe?
– Não, não, nenhum. A minha irmã estudou, a mais nova, a que está no Canadá.
– Ainda estudou. Mas cá?
– Cá. Ainda estudou cá. O ano em que fez não sei se foi o 3.º se foi o 5.º que ela tinha, tirou cá, mas depois continuou os estudos lá. Lá fez a universidade.
– Os seus filhos têm estudos, não é?
– Sim. Todos têm estudos. (...) São dois.
– O Sr. António lembra-se do seu primeiro dia de escola?
– Lembro-me.
– Como é que foi?
– Bem, foi um dia com um bocadinho de medo... com uma saquinha, com uma sacola às costas com um bocado de pão e metade de uma sardinha, uma pedra, uma ardósia e mais nada. E tinha um livro da 1.ª classe, e um cadernozito para escrever, e lápis de pedra para escrever na pedra, e um lápis de pau e uma borracha.
– Não se lembra de... tinha uns sete anos quando foi para a escola... o ano?
– Foi em 51. Sete e quatro onze, pois é 51.
– E a sua roupa? O que é que levava vestido?
– A minha roupa era umas calças, era uma camisa e descalço. E descalço! E fazia do Galisteu...
– A Proença-a-Nova. Lembra-se do edifício? Como é que era a escola?
– Exactamente como é hoje. A mesma. Simplesmente modificaram a parte de trás que era o nosso recreio e hoje fizeram um campo de futebol, de jogos. Na nossa altura o campo de futebol, de jogos, era em terra batida.

– E lembra-se dos seus amigos? A turma era grande?
– Sim, sim. Nós éramos uma turma completa só de rapazes.Tudo rapazes.
– Mas na escola tinha rapazes e raparigas?
– Tinha, tinha, mas nós não. Nós naquela altura éramos só rapazes.
– Faziam turmas só com rapazes e as raparigas estavam separadas?
– Sim, sim. Estavam por professoras. A nossa professora era uma senhora, a Carma Sequeira, que era a irmã do Sr. Ezequiel Sequeira de Proença-a-Nova.
– Carmo Sequeira?
– Carma Sequeira.
– Carma?
– Carma. D. Carma Sequeira... chamavam-na Carma Sequeira. Maria do Carmo Sequeira possivelmente seria. A gente conhecia-a, era hábito naquela altura, a Carma Sequeira. A Sra. Carma Sequeira, era Maria do Carmo, era Carma Sequeira que a gente...
– E foi sempre aquela senhora então?
– Foi sempre desde a 2.ª até à 4.ª foi ela. Pois, porque eu fiz a 1.ª com o professor de Areio, e depois quando fui para a 2.ª foi com ela, 2.ª, 3.ª e 4.ª.
– Mas quando repetiu a 1.ª classe?
– Não, não, foi com o mesmo professor. Primeiro foi com o professor que o nome não sei, nunca soube, porque a gente só o conhecia por professor das Cimadas. Ele era das Cimadas, era professor das Cimadas, era o professor das Cimadas. E o segundo, quando era repetente fui para o professor de Areio que era o terror dos alunos!
– E porquê?
– Porque era severo. Mas os alunos aprendiam.
– Era um senhor aqui de Proença?
– Era de Proença-a-Nova agora se ele era natural, nascido em Proença não. Vivia em Proença-a-Nova. E foi o professor dos meus irmãos também.
– E lembra-se, na escola, eram quantos professores e quantas professoras?
– Professores eram dois. O professor Cimadas e o professor de Areio. Depois tinha a Carma Sequeira, tinha uma senhora que era mestiça, agora não me recordo do nome dela, tinha a Isabel Carvalho se não estou em erro e tinha uma outra senhora.
– Ainda eram vários professores. Quantas turmas teria? Salas?
– Salas tinha uma, duas, três, quatro... quatro ou cinco. Devia ter quarenta alunos, sim, sim.
– Houve algum companheiro seu, amigo de escola, colega que se lembre?
– Aqui o Manuel Lourenço, filho do Zé Lourenço de Proença-a-Nova, o filho do Zé Caseiro que ainda está ali em Proença-a-Nova, o filho do senhor Ezequiel o... como é que ele se chamava? O José Emílio.
– Essas pessoas, ainda convive com elas?
– Não, não, não. Só com um praticamente quando a gente se encontra, cumprimenta-se.
– Cada um fez a sua vida por sítios diferentes.
– Sim, sim. Como eu saí de cá com quinze anos, a partir dessa altura praticamente todos os outros a gente esqueceu-se...
– Houve alguma situação, um episódio, que se lembre do primeiro dia de escola, ou alguma coisa que tenha ficado que, quando pensa nos tempos de escola, venha aquele episódio?
– O meu pai e a minha mãe disseram, antes de eu ir para a escola, de ter começado a escola: “olha que tu na escola não falas. Não falas!” E acho que a gente... não sei já se foi no primeiro dia ou se foi no segundo, isso eu já não posso precisar... que o professor chamou-nos à frente da secretária dele na roda e fazia perguntas. Ele a mim fez-me uma pergunta e como me tinham dito para eu não falar, eu, em vez de dizer: “sim” ou “não” acenei com a cabeça, e ele levantou-se, pegou-me assim aqui por trás, e deu-me um ponta-

pé, assim, mas só assim uma achega com o pé. Olhe, tinham-me dito para eu não falar e eu não falei, acenei com a cabeça. "Quem acena são os burros!" disse-me ele. Disso recordo-me perfeitamente. Pronto, a partir daí ele disse-me: "não, a partir de agora se eu te fizer uma pergunta tu respondes como deve ser a falar, não é a abanar a cabeça a dizer que sim ou que não". E, a partir daí, nunca... acho que nunca me bateu. Esse nunca levei reguadas, nada...

– Esse foi o primeiro?

– O primeiro professor. Porque eu posso considerar que não era burro. Aprendia bem. Pronto.

– Era criança, mas qual era a opinião que tinha do professor? Gostava dos professores ou não? Tinha queixa deles?

– Eu sempre gostei dos professores. Toda a gente tinha respeito por eles, evidentemente. De dizer assim... medo, medo, medo..não. Nunca senti medo assim dos professores, não.

– E acha que, no geral, eles foram bons professores? Ensinavam bem?

– Olhe, para mim, essa senhora Carma Sequeira, se não está lá em cima, ninguém lá está.

– Era boa professora e boa pessoa?

– Boa pessoa?! Isso era extraordinária! Melhor do que aquilo não podia haver. Porque todas as crianças a adoravam, porque era como se fossem os filhos dela. Além de ser professora tratava-nos de igual a igual... pobre, rico, remediado ela não fazia diferença nela. O ensino era igual para todos. Não dava mais atenção a uns, esse Zé Emílio era sobrinho dela e não lhe dava mais atenção que dava àquele pobrezinho que vinha mal vestido. Não. Dava a mesma atenção a todos.

– E ela dava castigos?

– Bem... dizer que dava com uma vara... que dava. Era assim. Mas não magoava...

– E em que situações é que ela repreendia ou dava castigos?

– Bem, quando a gente dava erros, ou não fazia atenção, ou estávamos na brincadeira, porque havia a tentação de a gente estar a brincar uns com os outros, mesmo na sala...

– E que tipo de coisas é que ela fazia? Era só dar... bater com a caninha?

– Eu não me recordo dela... dizer assim, bateu, e que ficássemos magoados, ou com raiva, coisa assim, não, não. Nunca. Aquela senhora não.

– No geral os seus colegas achavam a mesma coisa, que ela era boa professora?

– Eu acho que sim, eu acho que não havia nenhum que tivesse razão para dizer que ela não era boa professora.

– E quando era preciso destacar um aluno ou incentivá-lo ou...

– Ela não fazia. Ela não rebaixava, nem fazia subir um aluno para, vamos lá ver, para desvalorizar o outro. Para ela ali não havia diferença.

– Essa senhora ainda é viva, não é?

– Não, não. Tenho ideia que ela já era uma senhora com bastante idade. Ela, naquela altura, era senhora aí para os cinquenta, cinquenta e cinco anos já nessa altura. Portanto, ela hoje teria...

– Portanto, era uma senhora professora, não era regente, não é?

– Não, não, não, não.

– Considera que essa professora influenciou a sua vida, o seu gosto pela escola?

– Ai sim, sim, sim.

– Acha que ela teve influência?

– Teve. Porque... essa nunca me esquece, foi quando eu acabei a 4.ª classe em Proença-a-Nova, ia pela mão, agarrado ao xaile da minha mãe, e então ela vê a minha mãe, conversava muita vez com ela, e é quando ela disse: "Ah... mal empregado esse miúdo não poder continuar a estudar". Essa senhora professora... sabia as capacidades que eu tinha.

Simplesmente a situação financeira dos meus pais não permitira isso. Para a mais nova já houve mais facilidades, já havia mais... talvez tivessem mais possibilidades. E o ensino não era tão dispendioso, porque era feito em Proença-a-Nova. Porque nós naquela altura em Proença-a-Nova não havia o secundário, a 4.ª classe acabava ali. Se queríamos continuar a estudar ou íamos para Castelo Branco ou talvez para Cernache, mas normalmente falava-se em Castelo Branco. Os sobrinhos dela fizeram a admissão ao liceu, foi feito ali, e depois foram estudar para Castelo Branco.

– E tanto os rapazes como as raparigas era hábito irem estudar?

– Pois, quem tinha possibilidades. Os pais que tinha possibilidades depois enviavam os filhos para...

– Além disso houve mais algum professor ou alguém que o tenha incentivado?

– Não. Esse professor de Areio, da 1.ª classe, como o meu pai trabalhava muito para ele também disse sempre, falava com o meu pai, e o meu pai disse: "o professor disse que és espertito", quer dizer que tinha facilidade em aprender.

– O António falou-me em alguém, num senhor, que chegou...

– Ai isso foi... um rapaz que estava no seminário, e que era família de um professor que está aqui em Proença-a-Nova. Eu estava em casa dele a guardar cabras. Acabei a 4.ª classe, estava em casa, e depois os meus pais mandaram-me para lá. Era o Fernando, mora em Proença-a-Nova. Ele é mais novo do que eu. (...) Eu já tinha acabado a escola e ele também. E, então, ele veio lá para levar esse que era primo para ir para o seminário para Cernache. E nós estávamos, à noite, lá num dia de inverno, estávamos à lareira, ele veio lá, e estávamos na conversa, e ele perguntou... eu ali em casa deles nunca fui pastor, era um outro filho, porque fui sempre tratado de igual para igual. Ali não havia diferença entre a gente. Eu era o pastor, o outro era filho do patrão, mas não havia diferença. Éramos iguais. Nunca houve que se dissesse assim: "Pastor, vais para ali", não, não, não. Ali éramos iguais. E, então, ele perguntou-me se eu sabia ler e eu disse assim: "Eu? Eu tenho a 4.ª classe! Eu fiz a 4.ª classe", então, pegou num livro, porque naquela casa havia sempre muitos livros, romances que foram trazidos pelo patrão, pelo que era meu patrão que era o pai desse Fernando e o padrinho dele era empregado do Duque de Palmela... .e, então, ele trazia os livros que lá havia...

– Era um senhor daqui, então?

– Eu não sei se era daqui se era de Castelo Branco. Acho que era da zona de Castelo Branco, aí não posso precisar. Ele era padrinho dele. Era padrinho acho que do casamento. E, então, quando ele cá vinha...

– Esse senhor para quem trabalhava o António lembra-se do nome do senhor?

– Era José Lopes. Ele era conhecido por José Brasileiro, porque ele esteve uns tempos na América. Foi para lá, trabalhou lá uns anos, não sei, e depois voltou e então esse, o filho, esse depois já estava para o seminário e ele perguntou-me se eu sabia ler: "Eu sei ler!". Porque nós tínhamos sempre lá muitos livros que vinham precisamente desse Duque de Palmela. À noite éramos obrigados... para a gente não perder o gosto pela leitura... esse, que era o pai desse Fernando... o patrão, vá, e a mãe... gostava muito de ouvir os romances. Então, exigiam que nós, à noite, depois do terço... porque se rezava o terço... depois do terço cada um tinha de ler duas ou três páginas do livro. Todas as noites lia-se para eles. Eles sabiam ler. Tanto um como o outro, sabia ler, mas pronto... Ele incentivava a gente a ler, para a gente não perder o gosto pela leitura.

– E o António gostava de ler?

– Gostava. Mais tarde em Angola ainda li bastantes romances e, então, eu... como ia dizendo, ele então vem a saber que eu também sabia ler e escrever e perguntou-me se eu queria ir... e se eu gostava de ir também. Contei-lhes da tal minha professora que disse que

era uma pena eu não continuar a estudar... e eles ainda falaram com o meu pai, mas eram vinte e cinco escudos por mês. "Vinte e cinco escudos? Não, não pode", mas não foi por causa dos vinte e cinco escudos. Foi porque eu ia estudar, depois os outros não iam, acho...
– O António era o mais velho?
– Não, não. O mais velho tem mais dez anos que eu. Já morreu infelizmente. Estava no Brasil. Tenho outra aqui em Proença-a-Nova.
– Os seus irmãos todos emigraram? (...)
– Todos. Sim, sim. Todos emigraram.
– Da sua geração foram muitos os casos que emigraram, não é?
– Pois, foi muita gente que saiu.
– Eram poucos os que ficavam cá?
– Sim, porque as famílias eram numerosas, a situação financeira não era boa e, então, como o meu tio já tinha ido para Angola em 1939 ele levou para lá o meu irmão mais velho. Depois ele chamou o outro meu irmão, o que está aqui em Proença-a-Nova, depois fui eu, depois foi a minha irmã, depois foi a minha outra irmã e o meu irmão mais novo que está aqui também e que é taxista aqui em Proença-a-Nova, esse esteve na Suíça. A minha irmã que mora ali na Moita também esteve na Suíça. E Angola também, pois.
– Aqui, então, foi muita gente para o Brasil, para Angola?
– Sim, sim. Nessa altura ia muita gente para Angola e para o Brasil. Sim, eu conheço sobretudo ali na minha aldeia do Galisteu, e sei que muita gente foi para o Brasil.
– Pronto, para além dessas duas pessoas, como já me disse, então... essas foram as pessoas que, de alguma maneira, o incentivaram, mas por outro lado as condições não permitiram que tivesse estudado. Mas o António gostava, não é?
– Ai sim, gostava! Tanto que eu fui para Angola e ao fim de três meses já falava o dialeto, aprendi o dialeto em três meses. Em três meses já me desenrascava bem a falar com os naturais de lá, em língua crioula... não é língua, é natural daquela região que era o Songo.
– Lembra-se na escola o que é que faziam, se havia rituais, rotinas? O que é que faziam quando chegavam à escola? Se faziam fila, se cantavam, se havia algum hábito?
– Íamos para o recreio e quando a campainha tocava... chamávamo-lhe a sineta... então embarcávamos todos direitos à escola. Quando a professora passava a gente fazia a continência...
– Faziam a continência?
– Sim, sim. Era o hábito.
– E lembra-se se rezavam, se cantavam?
– Não, isso rezar... não, não havia.
– Sr. António, a sua distância de casa à escola?
– Mil e oitocentos metros. Foi medida com uma corda.
– Conte lá essa história...
– Então, quando foi para fazer esta escola daqui, a de Relva da Louça... e outras escolas em que o projeto é igual, todas da mesma época... pediram, então, aos alunos, deram uma corda de dez metros aos alunos do Galisteu, aos da Relva da Louça e de outras aldeias vizinhas... a que fosse mais longe era a que ganhava o concurso...
– A que fosse mais longe?
– Em que a distância fosse maior. Portanto, deram-nos a corda de dez metros e nós, éramos dois, um pegava aqui e outro além. Isto não era pela estrada, era pelo caminho que a gente utilizava, que era um carreiro, um atalho. E, então, dava mil e oitocentos metros. Como a Relva da Louça era a mais distante, foi lá que a escola foi construída. Todos os alunos da redondeza daqui, que iam para Proença-a-Nova, todos... era Casais, Amoreira,

Braçal, Sousadinha, Corujeira, Relva da Louça, os Galisteus, não sei se havia mais... acho que não havia mais ali, assim, nas redondezas. Os alunos iam todos para ali.
– Para Proença-a-Nova?
– Para Proença-a-Nova. E, então, a que era mais distante era Relva da Louça. Então fizeram a escola em Relva da Louça.
– A que era mais distante das povoações todas, ou de Proença?
– De Proença. De Proença à povoação, a que fosse mais distante, era lá que iam construir a escola... e assim foi feito.
– E os do Galisteu começaram a ir...
– Continuámos a ir para a escola de Proença-a-Nova. Pois, porque não fizeram lá escola. Os de Relva de Louça é que ficaram com a escola. Tanto que é igualzinha a esta.
– Isso foi em que ano, tem ideia? Já andava na escola há muito tempo?
– Sei lá, em 52, 53 talvez.
– Essa história é muito engraçada. E não havia transportes, não é?
– Transportes??!!...
– Nem um burrito?
– Nada...
– E ia descalço Sr. António?
– Fui sempre. Passei o tempo todo descalço.
– E que memórias é que tem de fazer esse caminho, assim descalço?
– Andávamos sempre na brincadeira uns com os outros. O que a gente utilizava era... arranjávamos uma roda, com um guiador, e toca a correr atrás dela na brincadeira.
– E no inverno, como é que era?
– No inverno era com uma saca às costas, pelas costas. Quando chovia, quando a gente chegava à escola e ia molhado, a professora tinha lá uma lareira, uma braseira... e era lá que a gente secava um bocado... e o que não secava ficava molhado todo o dia.
– Levavam algum tipo de aquecimento para se aquecerem? Umas brasinhas, algum...
– Nada, nada. Não havia nada. Muitos, não era só eu, havia vários que quando chegavam à escola choravam com os pés gelados. Muitas vezes. Hoje acho que não se vê já isso...
– E o caminho era perigoso?
– Não era nada perigoso. Então era fácil. Fácil como quem diz... é a estrada que hoje dá acesso ao Galisteu, simplesmente, nas curvas havia atalhos por onde a gente passava... em vez de passar onde agora está a rotunda ali à entrada de Proença-a-Nova, a gente tinha um atalho que ia dar a outra rotunda que está aqui dentro de Proença-a-Nova quando a gente vai ali para o Intermarché, do IC8.
– Era quanto tempo de caminho, lembra-se?
– Ai... aí uma meia hora talvez. Porque a gente ia na brincadeira a correr...
– Disse-me que levou para a escola, no primeiro dia, para comer...
– Era quase sempre a mesma coisa. De manhã levava um bocadito de pão com azeitonas e era o pequeno almoço. Ao meio dia uma fatia de pão com metade de uma sardinha. E à noite, então, é que era uma refeição mais forte.
– Os seus pais tinham criação? Tinham animais?
– Tinham, tinha, tinham. Criavam sempre dois porcos, galinhas tínhamos, mas era mais por causa dos ovos que era para depois vender para comprar as sardinhas. Não havia fartura de muita coisa... o que a gente comia era o que hoje chamam de vegetariano. Comia-se um bocadito de carne, mas era pouca. O que mais se comia era legumes e tomate, papas de milho... foi o que a gente comeu muito à noite (risos), feijão verde... era mais à base de vegetariano.
– E davam algum tipo de apoio lá na escola? Alguma merenda?

– Não sei precisar se começou na 3.ª ou na 4.ª classe. Sei que tínhamos lá cantina. Tinha uma cantina.
– E o que é que serviam lá?
– Serviam só sopa. Só sopa de legumes. E às vezes até pediam à gente se as mães tinham excesso, por exemplo, de couves ou outras coisas assim.
– E depois confecionavam lá na escola?
– Confecionavam lá na escola.
– Quem é que fazia esse trabalho?
– Era uma senhora que era do Casal Velho. Uma cozinheira. O nome já não me recordo. Sei que era do Casal Velho. Ela e outras. Eu não me recordo agora... havia uma que era de Proença-a-Nova que chamavam a Menina-não-sei-quantos, que era a responsável pelo recreio.
– Era uma auxiliar? Alguém que estava ali a tomar conta.
– A auxiliar.
– E as casas de banho? Como é que era na escola?
– Ai era uma casa de banho normal.
– Mas tinha uma casinha de banho?
– Sim, sim para as raparigas e para rapazes, sim, sim.
– Como é que era a sua sala? Era grande, era pequena...
– Era maior do que esta, era maior do que esta...
– Mais ou menos quantas carteiras tinha?
– Ui... nós éramos dois por carteira.
– Não havia meninos ao monte nas carteiras?
– Não, não, não, não. Tudo tinha lugar. A coisa era feita de maneira a que todos tivessem lugar.
– E o que é que tinha nas paredes?
– O que todas as escolas tinham. Tinha o quadro... e os mapas.
– Os mapas. Portugal?
– Sim. E a fotografia que na altura era do... não sei se era do Salazar se era do Américo Tomás ou qualquer coisa, era assim... tinha dos dois, acho que tinha dos dois.
– Um crucifixo?
– Sim, sim. Isso não faltava.
– Havia decorações que vocês fizessem lá na escola?
– Não, não, não havia. Aquilo era tudo limpinho.
– E que materiais é que lá tinham na escola, se é que tinham alguns? Materiais de ensino... os pesos, as medidas, os instrumentos, havia alguma coisa?
– Materiais? Não, não. Não me recordo. Isso era tudo explicado por ela. Essa senhora tinha tudo, a maneira, o método que ela utilizava para ensinar acho que hoje não eram capazes de o fazer. Ela tinha em casa dela, e tinha parte na escola, ela escrevia fichazinhas com quatro problemas, dois de um lado e dois no outro lado. Quando ela queria enviar problemas, não estava com problemas de escrever no quadro: "Quero este problema feito e isto assim, assim...". Tinha, tinha. Ela devia ter centenas. E, então, agarrava, misturava as fichas duas por duas, e queria os problemas feitos. A ficha tinha de vir impecável.
– Ah, mas levavam para casa?
– Levávamos para casa, era para deveres.
– E faziam no próprio papel ou...
– Não, não. No nosso papel, que a gente tinha. No papel que a gente utilizava. As fichazinhas dela tinham de vir outra vez impecáveis que era para pôr outra vez no ficheiro que

era para ir passando. E quando algum não percebia, ela explicava de tal maneira bem no quadro, dava explicações no quadro, fazia tudo... era extraordinária.
– E a leitura também?
– A leitura também. Ela exigia muito que a gente escrevesse, fizesse cópias por causa depois dos ditados.
– E faziam alguma coisa que tivesse a ver com desenho?
– Sim, sim. Às vezes pedia para a gente fazer desenhos.
– E que tipo de coisas eram?
– Uma chávena, um vaso com flores, uma coisa assim.
– Lembra-se de fazer exames ou provas a desenho?
– Não. Isso não. Quando foi o exame, o exame da 3.ª e da 4.ª classe não havia nada. Havia a matemática, tinha a prova oral evidentemente, tinham um ou dois problemas e depois era a prova oral. O ditado e a prova oral.
– Não faziam desenhos nem nada disso?
– Não, não. Nessa altura já não, não, não dava tempo para fazer desenhos.
– Tinham intervalos?
– Sim. Os horários é que eu já não posso precisar. Sei que tínhamos um horário, tínhamos ao meio dia para a gente ir almoçar e... era possível que houvesse um recreio. Havia o recreio, uma pausazinha, depois tínhamos o almoço e depois à tarde...
– Entravam às nove, às oito?
– A gente entrava às oito... era capaz de ser às dez. Depois tínhamos ao meio dia. Depois à tarde é que tínhamos um bocado para a malta jogar futebol. Entretinhamo-nos a jogar futebol, outros jogavam ao pião, outros jogavam à... as meninas jogavam à Semana e outros jogos.
– E comiam lá na escola, quando levavam a merenda?
– Sim, sim.
– Quando comiam a merenda, era onde? Era na sala, era lá fora...
– Ai isso era cá fora em cima dos muros. Até que começaram a dar aquela refeição e, então, já era na sala. Já tinham umas chávenas, umas coisas para a sopa... os pratos da sopa.
– O Sr. António não guardou nada? Não tem nada? Um caderninho, um papel, uma lousa?
– Não, não, não guardei nada. Nada, nada disso.
– Com os livros como é que era? Passavam de uns irmãos para os outros?
– Para mim passou. Passou dos meus irmãos e deve ter passado para mais de um, porque eles já eram velhinhos.
– Não conhece mais ninguém que tivesse guardado alguma coisa? Ou fotografias, ou...
– Não, não, não. Havia uma fotografia, mas eu não sei... acho que é a minha irmã que a tem essa em que eu era miúdo, quando foi o casamento do meu irmão mais velho. Eu era miúdo, miúdo...
– E andava na escola nessa altura?
– Nessa altura acho que ainda andava na escola. Sim, sim.
– A sua professora não usava a cana? Não usava aquelas palmatórias?
– Talvez. Tinha. Estava lá sempre, mas não me recordo de ela a usar.
– Já me disse que andou cinco anos na escola, porque houve aquela situação de repetir um, mas não foi por chumbar, foi porque houve ali um desentendimento, não é?
– Um desentendimento, exatamente.
– E as relações dos rapazes com as raparigas? Os rapazes entre eles? Dava-se tudo... no recreio brincavam juntos, eram separados?

– Tudo junto. Elas faziam os seus jogos e nós fazíamos os nossos jogos, mas a gente lidava uns com os outros. Dá-me a impressão, não tenho ideia de alguma vez andarem à bulha, à zaragata.
– Havia muitas diferenças na sua escola... ah, era essa fotografia que estava a falar?
– Sou eu ali...
– É esse que está aí na pontinha?
– Sim.
– Isto foi no casamento...
– Da minha cunhada... do meu irmão. Este é o meu irmão mais novo, esta é a minha irmã que está no Canadá, esta é a minha irmã mais velha, esta é a que está na Moita. Este é o meu pai, esta é a minha mãe... e esta foi a que casou com o meu irmão, este é o pai, esta é uma irmã, e esta também é minha cunhada. Esta e esta, casadas com dois irmãos...
– E aqueles ali na janela?
– Ah... esses eram convidados...
– E isso foi onde?
– Relva da Louça...
– Que idade tinha aí?
– Os meus 14 anos... aqui já não andava na escola... 1958. Fui para Angola no fim de 59. Ela casou e foi primeiro que eu. Casou, mas o meu irmão não estava cá... foi por... como é que dizem... o meu pai é que serviu de noivo...
– Foi por procuração?
– Procuração... exactamente...
– E não se lembra quem tirou a fotografia?
– Isso era o Ricardo, de Proença-a-Nova, o fotógrafo. Isto foi em frente à casa da minha cunhada, em Relva da Louça.
– Ia-lhe perguntar... na escola, do que se lembra, as pessoas, os meninos que andavam na escola era tudo... havia muitas diferenças sociais, em termos económicos?
– Sim, havia. Havia. Simplesmente entre nós, não havia, porque a gente brincávamos todos, não, não, não. Às vezes acontecia era que os de Proença-a-Nova queriam eles ser sempre eles os chefes... mandar num grupo. Num jogo, eles é que queriam mandar... porque a nós chamavam-nos "do termo".
– Do termo?
– Do termo... porque éramos das aldeias. Chamava-se "o termo". Então, eles de Proença-a-Nova, ainda me recordo de uma passagem, que eu revoltei-me... foi que, nessa altura, o Sporting era a equipa que estava lá no topo, no tempo dos cinco violinos... e, então, formava dois grupos de futebol para discutir um com o outro que era sempre o Sporting – Benfica. E, então, os de Proença-a-Nova queriam por força eles decidir quem é que jogava pelo Sporting e quem é que jogava pelo Benfica. Como o Sporting na altura estava lá em cima, eles queriam todos jogar pelo Sporting. E quando chegou a minha vez disseram "Tu jogas pelo Benfica", e eu disse: "Não, eu não jogo. Se eu não jogar pelo Sporting não jogo." E não joguei. Não fui ao jogo.
– Sentia que havia ali um protagonismo...
– Pois, quer dizer... eles queriam ter, eles queriam ter. Eles queriam ser os dominantes.
– Pronto, e já me falou que a sua professora não fazia essa diferenciação.
– Não, não.
– Mas tem conhecimento, sei lá, às vezes aquelas conversas que os alunos têm ou comentários que se sentiram injustiçados com um professor, ou por alguém, pelo facto de privilegiarem um?

– Não. Eu acho que só houve um... ouvi, não estava na sala, ouvi falar que essa tal professora que era mestiça ela tinha muito por hábito, com as unhas, tinha as unhas muito cumpridas, e furava aqui o lóbo, chegou a furar as orelhas das miúdas...
– Das miúdas?
– Das miúdas, porque ela só tinha miúdas.
– E tinha a ver com isso? Favorecer umas em relação a outras?
– Não, talvez não. Porque a miúda não se portava bem, ou porque tinha mais dificuldade em aprender e, então, violentava-a. Violentava-a! Era o método na altura, era à base da intimidação e "tens de aprender senão levas". Era o sistema na altura.
– Lembra-se de comemorarem na escola as festas? O Carnaval, o Natal, a Páscoa?
– Não. Não havia. Eu não me recordo.
– Faziam férias nessa altura?
– Sim, sim. Fazíamos férias, a gente fazia algumas brincadeiras nas aldeias. No carnaval recordo-me, os rapazes mascaravam-se, vestiam-se de raparigas e fazíamos as nossas brincadeiras.
– Também levavam o galo à professora?
– Não. No meu tempo não havia o hábito.
– Havia aí o hábito, em algumas aldeias, de levarem no carnaval um galo à professora.
– Ai não, não. Essa nunca ouvi.
– Não havia esse hábito. Também não havia nada na escola que tivesse a ver com aquelas rotinas do campo, as colheitas, alguma ligação com essas festas que se faziam a propósito?
– Não, não, porque naquela altura era o ensino, o ensino, o ensino. Havia era a quinta feira dos rapazes e raparigas... as comadres e os compadres. Nessa altura cada um pedia às mães um chouriço, ou assim. Uma vez até foi a minha mãe que fez um grão de tacho enorme... fez um arroz com essas carnes todas, e depois fomos todos festejar. Os rapazes, uns pediam vinho aos pais, mas rapazes já dos 15 e 20 anos, malta solteira.
– Mas isso eram coisas que já não tinham a ver com a escola... eram hábitos vossos?
– Não tinha nada a ver com a escola. Outra coisa que não tinha nada a ver com a escola, mas os rapazes mais velhos exigiam que nós os mais novos fossemos para a escola e que no regresso tínhamos de trazer sempre mato.
– Mato?
– Arrancar estevas, arranjar giestas e amarrávamos aquilo à doida e vínhamos dois a puxar por ela. Tínhamos de fazer um monte lá no alto do Galisteu que era para a noite do São João. Trazíamos o mato, fazíamos lá uma montanha de mato, depois na noite do São João os rapazes iam ver onde é que podiam emprestar, iam lá buscar com uma carroça sem animal, era puxada por nós próprios e empurrada. Íamos, então, cortar um pinheiro.
– Para fazer a fogueira?
– Para pôr no cimo, no buraco que estava lá sempre. Hoje já não existe nada disso, mas o buraco ficava de um ano para o outro.
– Ainda sabe o sítio onde isso era feito?
– Sim, sim. Até por trás da casa do meu irmão (risos), que ali chama-se a Portela.
– Mas isso era lá no Galisteu?
– No Galisteu.
– Era uma coisa vossa?
– Do Galisteu. E, então, tiravam-se as pedras daquele buraco, era um buraco profundo, conseguíamos levantar o pinheiro, punha-se de pé e depois aquele mato era todo empilhado no pinheiro.
– Essa tradição sempre se lembra de se fazer?

– Sim, sim. Agora já não fazem isso. E, então, depois deitava-se o fogo. Arranjava-se um indivíduo a tocar um acordeão, uma flauta como a gente chamava, e toda a gente dançava.
– O São João que é (...) a 24 de Junho.
– Portanto nessa noite toda a gente, pessoas idosas, tudo se juntava ali e dançava-se. Ainda me recordo de uma passagem que nunca esqueço, porque são coisas que foi uma coisa que eu fiz mal, mal feito, mas sem intenção de o fazer. Éramos miuditos, a gente não dançava, andávamos na brincadeira então íamos ao fogo, pegámos numa brasa de fogo e andávamos com ela assim aos saltos na mão, não deixávamos estar muito tempo porque senão queimava. Estávamos na brincadeira a correr atrás uns dos outros com aquilo na mão, assim, até que, eu... fui eu... ela saltou-me da mão. Para onde é que a brasa foi? Para dentro da bota de um rapaz. Enquanto ele tirou e não tirou a bota queimou-lhe o tornozelo e ficou com uma ferida enorme. Essa nunca mais me esqueço também, mas não fiz com intenção. Essa foi na noite do São João. Portanto, está relacionado com a escola, porque os mais velhos exigiam que nós no regresso da escola trouxéssemos o mato e fizéssemos lá...
– Não era o ano inteiro, era ali a partir de uma certa altura?
– Sim, a partir de uma certa altura. Tínhamos de o trazer com bastante antecedência para o mato secar. Porque a gente arrancava aquilo verde... os miúdos todos agarravam, quatro ou cinco conseguíamos arrancar.
– E quantos iam consigo? Quantos rapazes ou raparigas?
– Nós éramos vinte, rapazes e raparigas, todos colaboravam.
– A caminhar todos os dias para a escola?
– Sim, sim. Vinte e um. Hoje não há dali nenhum, se calhar.
– Lembra-se o que é que se passava nas férias da escola?
– Nas férias?! Era trabalhar.
– O quê que faziam?
– Íamos com a mãe para a horta, sachar milho, arrancar erva dos feijões... trabalhar. Aquele trabalho que se fazia e à noite, trazer uma carga com o que a gente podia, ou trazia tomate, ou trazia feijão verde, ou trazia erva que tinha sido ceifada para a gente dar à cabra, porque a gente tinha uma cabrita e era assim.
– Mas enquanto andou na escola o António também fazia esses trabalhos do campo?
– Quando chegávamos da escola já lá estava a minha avó, que era creche da Aldeia, era a minha avó. Os miúdos todos pequeninos, as mães iam todas trabalhar para os campos e a minha avó é que tomava conta deles a troco de um pão, a troco de um bocado de feijão, a troco de... não havia dinheiros ali, não havia dinheiro. E ela tinha os miúdos todos ali no largo do Galisteu, tinha os miúdos todos ali...
– Como é que se chamava essa avó?
– A gente chamava a Ti Inácia. Inácia Lopes. E, então, quando eu chegava ela já tinha, já tinha a notícia "Vais ter a tal lado, que a tua mãe está lá à tua espera".
– Essa sua avó não tinha a 4.ª classe? Não tinha estudos? Não sabia ler e escrever?
– Não, não. Não tinha não.
– Não há mais episódio nenhum de que se lembre, que tenha ficado na memória? Uma prova, um exame?
– Tenho. No exame da 4.ª classe eu tive um erro, eu fiz um erro num cálculo. Talvez nervoso, porque eu sabia. E olhei para o lado, para o colega do lado, e para não perder tempo a calcular pus igual a ele, portanto, errámos os dois. Essa nunca me esquece. A professora ficou danada comigo "Tu que nunca davas erros nos cálculos e no dia do exame fizeste uma coisa! Deu para passar, mas olha que não era para teres feito isso." Mas foi aquela coisa, eu olhei para o lado, para o do outro, na altura estávamos juntos, mas deviam dar diferente a um e a outro, para não haver a tentação, mas a tentação era grande.

Quando eu olhei ele já tinha calculado, ele fez o cálculo mal feito e eu com aquela coisa para não perder tempo pus a soma total igual à dele e tivemos os dois errado.

– O que é que as pessoas da sua terra achavam da escola, dos filhos irem à escola?

– Achavam bem. Acho que sim. Então, porque não me recordo de algum dizer assim: "Olha, o meu pai não me deixa ir à escola." Não! Ai se eu faltasse à escola! Se ele faltasse à escola é que era, era... os pais ficavam chateados. Já nessa altura.

– E achavam bem tanto os filhos como as filhas irem à escola?

– Tudo, tudo, tudo. A minha irmã, a mais velha, essa acho que chegou á 2.ª classe e deixou, mas depois houve aquela lei que antes dos doze anos eram obrigados e, então voltou à escola.

– E os seus pais sempre foram de acordo com isso?

– Sim, sim. Sim, sim. Nessa altura.

– Se o António tivesse a oportunidade de estudar mais o que é que gostava de ter estudado?

– Não sei, mas era capaz de ter ido para a matemática. Sim, ligada com a matemática e história. Também gostava de história. Mas todas as outras matérias nunca tive grande problemas. O que se aprendia na 4.ª classe, todas as matérias que eram dadas na altura, nunca tive assim grande problema de as aprender.

– No fundo não foi por uma questão...

– Financeira! Só, mais nada.

– Então e memórias dos rituais das matérias, seguiam alguma ordem especial? Chegavam à escola faziam o português, ou faziam a matemática ou faziam outros exercícios, lembra-se?

– Era variado, nunca começava sempre pela mesma coisa, dependia da matéria que ela decidia.

– Lembra-se de ir ao quadro?

– Sim, sim. Ia ao quadro fazer demonstração, quer dizer, ela mandava um aluno ou outro ir ao quadro "Vai explicar este problema" e todos estavam com atenção a ver. Ela ia falando, o aluno que lá estava não só escrevia como explicava o que ia fazer e todos ficavam a compreender. E era uma coisa que ela tinha muito boa é que com ela era tudo explicado, tudo, tudo, tudo, tudo explicado. Explicava tudo no quadro, ela exemplificava. Por isso é que os alunos dela, e de todas as que utilizavam o mesmo método, tinham que aprender, porque era impossível não aprender. A coisa era de tal maneira bem explicada, as matérias que a gente estudava evidentemente. Não se ia muito além do que era a escola até à 4.ª classe... e, então, acho que todos aprendiam. Só não aprendia quem, de facto, não tinha interesse ou então tinha dificuldade em aprender, porque o aluno médio aprendia como o indivíduo mais inteligente.

– Tinha caso de alunos consigo, lá na escola, que fossem difíceis de aprender?

– Não me recordo. Não. Não havia grande diferença. O sobrinho do senhor Zé Emílio, o porquê não sei, ou porque não estava mais à vontade e outras vezes não se interessava muito, ela puxava muito por ele porque tinha dificuldade em aprender.

– Ou era preguiçoso?

– Porque talvez preguiçoso. Porque era impossível que não aprendessem quem tivesse o mínimo de interesse com aquela professora, tinha que aprender, tinha de saber. Eu gostava de história, da matemática. De preferência. Ler, nunca tive problemas em ler.

– Lembra-se de alguma matéria que tenha ficado na memória?

– Há uma coisa que eu tinha um bocadinho de dificuldade que era resumir uma leitura, quer dizer, como é que eles chamavam? A gente fazia... ai como é que eles chamavam... era fazer um... que a gente tinha de explicar a leitura e tínhamos que a descrever diferente

do que estava no livro, quer dizer, pelas nossas palavras. E às vezes aí falhava assim um bocadinho. A ideia, o porquê desta situação, o porquê daquela... era a redacção...
– Não há uma cantiga, uma lengalenga, um personagem, uma história de livro, não houve assim nada que o António se lembre?
– Lembro-me. De vez em quando ainda tenho dito a certas pessoas. Há uma história, agora não posso precisar se era da 2.ª ou da 3.ª classe... havia a história do rato que estava na montanha e que um dia decidiu vir à vila, porque havia dificuldade em se alimentar e veio para a aldeia. Quando chegou à aldeia aquilo era queijos, era pão, era o que havia com fartura. Então, depois de estar bem gordo, decidiu ir visitar os amigos lá onde ele estava. Quando os amigos o viram assim houve um que disse assim "Então hoje vou experimentar" e, então, veio com ele. Mas quando lá chegou, ele não tinha experiência, quando foi para ir ao queijo estava lá o gato, o gato quase que o apanhou. E ele voltou muito rápido para a montanha e, então, os amigos perguntaram: "Então, mas tu não ficaste porquê?!", "Opah mais vale magro no mato, que gordo na boca do gato!" (risos). Era uma história que estava no livro. Eu sei que havia essa história estava num livro, agora qual...
– Já me falou que ela tinha bons métodos para ensinar...
– Ai isso era extraordinário.
– Ela explicava... .basicamente, o método que ela tinha era explicar tudo no quadro.
– Explicava tudo, tudo, tudo.
– E os alunos tinham liberdade para lhe perguntar e ela respondia?
– Sim, sim, sim. Ela respondia. Ela dava explicações. Quando era próximo aos exames se havia alguns que tinham mais dificuldade, ela depois da escola, levava-os para casa dela, lá para uma sala, e continuava a explicação.
– E tinham aulas ao sábado no seu tempo?
– Não. Não me recordo, mas acho que não.
– E lembra-se quem é que fazia a limpeza da escola?
– Era a tal senhora que a gente chamava... era a que estava no recreio. Acho que havia duas no recreio e essas é que tratavam da limpeza da escola.
– Então o Sr. António acha que foi um bom aluno no tempo em que andou na escola?
– Acho que sim, acho que sim. Os professores não tinham razão de se lamentar.
– Acabou a 4.ª classe, foi trabalhar como pastor e depois emigrou com quinze anos, foi?
– Sim. Depois de sair de lá, porque eu já não gostava daquilo e, então, fui dar serventia a pedreiro.
– Não gostava daquilo?
– De guardar cabras. Já não me sentia bem. Já não dava. E, então, vim para casa e comecei a dar serventia a pedreiros. Pedreiros vizinhos de lá que precisavam de um servente e, então, dei serventia aos pedreiros durante uns tempos. Depois houve uma altura em que também desisti daquilo, porque chatearam-me com aquilo e o meu pai disse-me "Vais começar a fazer outros trabalhos". E, então, a trabalhar para aqui, a trabalhar para ali, até que chegou a altura de ir embora.
– E foi por causa desse irmão que tinha no estrangeiro, ou por causa da tropa?
– Não, não. Eu então eu fui com quinze anos. A tropa fiz em Angola... quarenta meses e dezoito dias.
– Então a sua atividade principal na sua vida toda...
– Foi comércio. Foi comércio e conduzir os camiões que a gente tinha.
– Era sempre por conta própria ou por conta de outros?
– Sim, por conta própria. Em Angola, em Malange. Nos arredores de Malange. Era em Campunde, a duzentos e cinquenta quilómetros de Malange, lá no meio da floresta, no meio do mato...

– Isso nem sequer era rural, nem se pode chamar rural...
– Não, aquilo era uma estrada que era terrível. A gente com o camião carregado chegávamos a demorar...
– E o que é que comerciava?
– Nós cultivávamos arroz e algodão. E depois comprávamos também nos comércios, porque a gente tinha três comércios. Também comprávamos muito arroz, comprava-se amendoim, feijão, milho... em troca de mercadorias que a gente trazia para ali.
– Sim. Acha que o facto de ter estudado, até à 4.ª classe pelo menos, foi uma coisa importante para depois fazer esses trabalhos que fez?
– Eu acho que sim. Porque a gente sempre tem mais conhecimento. Por exemplo, quando a gente ia entregar arroz para saber os pesos, quando ia fazer as compras, porque a gente levava uma lista das compras que precisava, eu tinha de calcular aquilo tudo. Tinha de trazer aquilo tudo em ordem, tudo. Portanto, se eu não tivesse aprendido tinha dificuldade em fazer isso, essas coisas.
– Tem conhecimento, até na sua família, de alguém que tenha aprendido a ler e a escrever sozinho?
– Não, não, não. Os meus irmãos todos foram à escola, os pais isso é que não.
– De um modo geral os seus pais importavam-se com os filhos, iam à escola? Falavam com a professora?
– Sim, sim, sim, sim. A minha mãe falava muito.
– Eram os seus pais que a procuravam ou era a professora que os chamava?
– Era quando se encontravam. Não havia aquelas reuniões, aqueles encontros marcados não. A minha mãe ia a Proença-a-Nova e a senhora estava por ali nos domingos e encontrava-a ali. Depois tinha outra coisa, o meu pai caçava muito e, então, eu levava os coelhos, as perdizes e as lebres para clientes que ele já tinha, e às vezes lá enviava uma perdiz à professora.
– Portanto, todos foram à escola, não houve ninguém que tenha ficado em casa, os seus irmãos.
– Não, não.
– O António, se é que tem alguma memória disso, porque era uma criança, mas quando começou a ir para a escola e enquanto lá andou tinha alguma expectativa da escola? Imaginar o que a escola lhe podia dar um futuro?
– Não, nessa altura. Porque não percebia, se tivesse uns irmãos que tivessem avançado nos estudos talvez houvesse motivação para pensar da mesma maneira ou dizer assim "Gostava de ir ou também hei-de ir". Como não havia, na altura, não havia grande ambição. Era ir à escola aprender.
– Quais é que o Sr. António acha que foram as diferenças da sua escola... ou a maior diferença que nota do seu tempo de escola para a dos seus filhos? Embora tenha sido feita em países diferentes, não é?
– Sim. Em Angola. Acabaram os estudos no Canadá. Começaram na escola lá os dois.
– O que é que nota de maior diferença do seu tempo para o tempo dos seus filhos, até em termos daquilo que é a educação em geral?
– O método é diferente. O método é diferente somente. O resto tudo é estudos. Eu, por exemplo, tentei ajudar na matemática lá, quando eu lhes expliquei a matemática como eu a aprendi... "Sei lá o que é que é isso, isso não quer dizer nada"... a maneira de calcular era completamente diferente, aquela que a gente utilizava. Embora vá dar ao mesmo, mas com outro sistema.
– O Sr. António não tinha aqueles pensamentos do que é que gostava de ser quando fosse grande? Nunca lhe passou pela cabeça?

– Conduzir um camião. É verdade! Ainda me recordo que eu andava com as cabras e agarrava num pau... .andávamos na brincadeira e eu pegava no pau "brrummmmm" como se fosse a conduzir um camião.
– Então cumpriu o seu desejo?
– Cumpri! Sim! Esse foi. Esse sempre gostei. E lá no comércio, como o meu irmão me pôs no comércio, eu odiei. Sempre odiei o comércio, porque eu não sou bom comerciante. Não sou capaz de cativar o cliente. Não gosto que o cliente esteja cá a dizer "Ai baixa-me o preço, porque isto é caro". Para mim não dá. Não tenho, nunca tive queda para aquilo. E quando chegou a altura em que eu saí da tropa, que já tinha tirado a carta de pesados, quando era a altura do transporte, para mim era um alivio! Começava com o camião a transportar o arroz, tínhamos bastante arroz, e as viagens eram longas e, então, nessa altura andava satisfeito. Quando estava no comércio, preso ali, eu não... nunca gostei de estar fechado. Eu gosto muito da liberdade, de andar fora. É, por exemplo, como eu digo: "Agora vou para o Canadá, vou para a prisão!", porque agora é o inverno só quando vai às compras é que sai, o resto está fechado em casa. Aqui não!! Aqui a gente mesmo no inverno pode sair, há sempre uma coisa a fazer, sempre, há sempre qualquer coisinha... .e é livre. Lá é bom, é bom, mas não, para mim...
– Aqui é melhor?
– Ai!... mil vezes melhor.

[NOTA: esta entrevista tem ligação com outras entrevistas realizadas a Isilda Lopes Dias Cardoso, Manuel Lopes Dias dos Santos, Maria Fernanda Lopes Dias Cardoso Oliveira e Isilda Ribeiro Martins]

– António Silva Garcia –

Naturalidade: Vilar do Ruivo (Fundada, Vila de Rei)
Data de nascimento: 12-05-1948
Residência actual: Vilar do Ruivo, Fundada, Vila de Rei
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe (Portugal), e completou o 2.º ano (Angola).

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Universidade Sénior de Vila de Rei (04-02-2020).

– O total da escola que tem?
– Cá fiz a 4.ª classe, e depois completei o 2.º ano em Angola, mas já com 17 ou 18 anos. Naquela 4.ª classe, nós sabíamos mais do que a malta agora. Andei sempre no Vilar do Ruivo, excepto um ano em que andei no Abrunheiro, na 3.ª classe.
– Em Vilar do Ruivo era uma escola primária?
– No Vilar do Ruivo, era uma escola que não era pública... era pública, sim, eram professores do público, mas o edifico, o edifício em si, era daqueles edifícios privados, que alguém ofereceu ou emprestou ou alugou, não sei. Só mais tarde é que se fez a escola primária de Vilar do Ruivo, no tempo do Salazar, dessas que estão por aí feitas. Antes disso era numa escola, quando eu fui para a 1.ª classe... entrei com 7 anos, entrávamos com 7 anos, em 1955.
– Então o António, em 1955, entrou para a escola primária, em Vilar do Ruivo, e era uma casa particular. Ainda existe lá essa casa?
– Era uma casa particular... existe, e ainda se topa lá onde é que esteve o mastro pendurado. Tinha um mastrozinho, tinha... aquilo era da família Crisóstemo, o edifício, aliás, hoje é de uma rapariga que é a Vírginia, mas era ali a escola.
– Era uma casa de habitação normal?
– Era uma casa de habitação normal que foi transformada em escola.
– E que condições é que tinha, para as aulas?
– Nada! Era carteiras e quadro, e as casas de banho eram as casas velhas cá fora que estavam em demolição, tinham as paredes para nos resguardar, era ali que a gente ia fazer as necessidades.
– E quantos alunos estavam lá dentro?
– Não faço a mínima ideia...

– Fez sempre lá até à 4.ª classe?
– Não. Entretanto, quando o Salazar fez essas escolas todas pelo país, eu não sei se andava na 2.ª ou na 3.ª classe, fomos transferidos para a escola nova. Sei que um levou o Cristo, outro levou o Salazar, e a mim calhou-me o presidente da república que era o Carmona ou o Craveiro Lopes... já não sei... era um deles. E lá fomos nós por um carreirinho... chama-se o carreiro das Lages... todos em fila indiana para transportar aquilo para a escola nova! Eu fui daqueles que devia andar na 3.ª classe, porque sei que depois fizemos as floreiras.
– Mas isto tudo no Vilar do Ruivo?
– Tudo no Vilar do Ruivo.
– E então esse ano em que foi para o Abrunheiro?
– Fui porque tive um litígio com a minha professora na 3.ª classe. Não eu, mas a minha mãe, e a minha irmã. E a professora fez-me a vida negra e eu penso que se não tenho ido fazer a 3.ª classe à aldeia onde eu nasci, que estava lá a minha avó e era daí que era o meu pai, eu se calhar ainda andava na 3.ª classe hoje! Porque ela dizia-me assim de caras para mim: "Tu saibas ou não saibas, tu não passas!"
– A professora dizia-lhe isso?
– De caras! Tanto que eu, já em adulto, via-a numa festa lá na Sertã, porque ela era ali do Cardal, e eu passei ali dois aninhos com a senhora e eu não passava daquilo... ela deslocou-me para as últimas carteiras lá do fundo, junto ao aquecimento, a salamandra...
– Como se chamava essa professora?
– Não sei... ainda não vai há muito tempo que me disseram o nome dela... porque ela tem uma sobrinha que por acaso é minha cunhada mais o marido!
– Que idade tinha essa senhora na altura?
– Era uma mulher aí com os seus 30 anos.
– Mas o António tem presente se ela era professora ou era regente escolar?
– Era professora regente... porque na minha aldeia havia a escola oficial e a regente... no Abrunheiro, por exemplo, a escola era maior, porque uma parte era oficial e a outra parte era a regente... acho que era assim que se falava, penso que era isso. Em Vilar do Ruivo nunca houve oficial, era sempre uma regente.
– E tudo isso ainda nessa casa particular, não é?
– Isto que eu estou a contar, já na escola nova. Já tinha a salamandra lá ao fundo, e ela pôs-me na última fila, porque os alunos não atingiam a sala toda.
– E porque era essa discriminação que ela fazia com o António?
– Aquilo foi uma coisa... isso penso que foi naquela fase, porque as raparigas eram só obrigadas a fazer a 3.ª classe, chegavam à 3.ª classe e iam embora. E as rapariguinhas já eram todas... as da idade da minha irmã... e ela era muito pequenina, aquela professora era muito pequenina... e as raparigas lá, a conversar umas com as outras: "Olha, a professora que vem para cá este ano parece uma sardanisca!" e foi esta frase. E havia lá a Ti Estina que era prima direita da professora, coitada da minha irmã foi incriminada como se fosse ela que tivesse dito! Todas elas disseram, mas a minha irmã foi a coitada. O mais fraquinho é sempre aquele que paga...
– A sua irmã era mais velha?
– A minha irmã tem mais 3 anos do que eu. A minha irmã saiu da 3.ª classe e eu continuei. E foram dizer à tia dela, e ela disse que quem disse foi a Lurdes, e ela como não se podia vingar da minha irmã porque ela já não estava na escola, vingava-se em mim! Ela dizia-me de caras: "Eu não me vingo na tua irmã hei-de-me vingar em ti!"... tal e qual assim. Depois a minha mãe, para acelerar ainda mais o processo, foi tirar uma satisfação com a professora, lá na casa onde ela vivia no Vilar do Ruivo. Ainda foi pior! Pronto. Aquilo deu litígio e então ela aí... os alunos não ocupavam a sala toda, ficavam só até certo ponto, e

ela colocou-me numa carteira lá ao fundo com a salamandra, e eu estive ali... e ela tinha uma maneira de trabalhar que só queria que a gente utilizasse cadernos de duas linhas, para os deveres, e ela punha as coisas no quadro, e eu tirava as coisas para mim, porque eu tinha interesse em aprender... e depois fazíamos fila indiana no outro dia de manhã para mostrarmos os deveres, de casa, e ela a mim fazia-me assim: "Tu saibas ou não saibas, não passas!"... e nem olhava para o meu caderno. Eu metia-me na fila junto com os outros e quando chegava lá ao pé dela, ela: "Tu podes-te assentar, porque quer tu saibas ou não saibas, não passas!"... era assim. E depois o meu pai não estava cá, e eu não tinha quem me defendesse, era só a minha mãezinha e coitada. E ela abusou até querer. E depois um tio meu... a minha mãe, coitada, teve de pedir apoio a um cunhado que estava em Lisboa e era da Carris, e daí tive uma grande satisfação... porque a senhora ficou amarela, vermelha, às cores... apanhou um susto com o meu tio, porque o meu tio tinha assim uma figura muito diplomática, com aquele chapéu tipo máfia italiana, e um fato tipo castanho... e a minha mãe pediu-lhe apoio, e ele um dia veio cá para resolver o problema. E apanhou-a de surpresa. Quando ela viu o meu tio entrar, eu estava lá ao fundo deslocado dos outros, e vejo o meu tio entrar, dirigiu-se a ela, falou primeiro com ela... eu estava lá ao fundo, não percebi tudo quanto eles disseram... sei que ele levantou a voz e disse: "Então porque é que o meu sobrinho está lá ao fundo deslocado?"... e ela tentou dar ali umas manobras, que eu estava de castigo, e que eu estava não-sei-quê... e ele não se deixou engolir: "Eu tenho conhecimento que isto é diariamente! É sempre ali que ele está!"... e ele já levava tudo trabalhado, nessa aldeiazinha onde eu nasci que é o Abrunheiro, já tinha isso tudo feito... e eu não sabia! Para mim foi surpresa... ele já tinha tudo combinado com essa professora lá dessa terrinha, para eu ir para lá. Porque a minha avó morava lá, até morava na casa dos meus pais que eles fizeram quando casaram. Depois o meu pai foi para África, e a minha mãe voltou a casa dos pais, daí eu ir para lá com um ano e meio. E o meu tio levava aquilo tudo preparadinho para pedir a transferência. Ele foi lá só para pedir: "A senhora dá a transferência ao meu sobrinho." E ela diz: "Não dou não senhor!"... e aí é que ela ficou à rasca! Porque o meu tio levantou a voz, e lembro-me bem de o meu tio dizer: "A senhora dá, e é agora!"... mais ou menos isto. Não sei agora com precisão as palavras: "... porque senão quem lhe dá cabo da sua situação sou eu!". E eu, aí lembro-me, ela ficou amarela, e o meu tio como tinha aquele aspecto, ela lá deve ter pensado...

– O seu tio era de Lisboa?

– Era de Lisboa, morava na Ajuda. Era irmão do meu pai, mas trabalhava em Lisboa, na Carris, era guarda-freio. E veio cá resolver-me o problema. E eu fui para o Abrunheiro.

– Fez a 3.ª classe no Abrunheiro?

– Porque não passei dali... e quantos mais anos lá andasse não passava! E fui para o Abrunheiro, porque ele lhe disse que ela tinha de dar a transferência. Ela foi obrigada, mandou-me para o Abrunheiro, e eu naquele ano cheguei lá e ia um bocadinho atrasado, mas também tive sorte, porque naquela terrinha eram ainda mais burros do que eu! Porque eu quando abalei dali, quando arranquei do Vilar do Ruivo, eu ia de facto um bocadinho atrasado ao pé dos outros. Porque a minha mãe era analfabeta, coitada, não sabia ensinar-me nada em casa, não tinha ninguém que me ensinasse, e eu perdia-me um bocadinho, não é? E então eu fui para lá e foi uma maravilha! E em pouco tempo eu já dava porrada naqueles gajos todos, porque eu já sabia tudo e mais do que eles! Mas a professora também foi uma maravilha...

– E essa era mesmo professora?

– Acho que era também regente. Eu não sei. Porque, no Abrunheiro, também ainda era uma casa particular na altura, ainda não tinham sido feitas essas casas, porque a escola do Abrunheiro foi feita à posteriori da do Vilar do Ruivo. A do Vilar do Ruivo foi a primeira.

Porque isto quando aconteceu já a do Vilar do Ruivo existia, e a do Abrunheiro ainda não existia, ainda era cá em cima ao pé da capela é que era a escola, que foi onde eu fiz a 3.ª classe.

– Lembra-se do nome da senhora?

– Odete! Essa era um coração de ouro.

– Ainda é viva essa senhora?

– Não, morreu aqui há uns anitos, casou aqui com um senhor do concelho, as pessoas diziam que ela era ali da zona de Castelo Branco, era tudo ali de cima. Essa senhora tinha um coração bondoso, enquanto a de Vilar do Ruivo exigia que os pais comprassem cadernos, era só cadernos que ela queria, não facilitava a vida às pessoas que não podiam pagar. A do Abrunheiro era o contrário... tudo nas pedras, porque os pais não têm dinheiro para comprar... dizia ela... os pais não têm dinheiro para comparar cadernos. Tudo em pedra. Está a ver a diferença de uma e doutra... era humana. E ela chegou lá e agarrou em mim, e acabavam as aulas... primeiro, pôs-me logo na carteirinha ao pé dela.

– Aí estava a viver com a sua avó, no Abrunheiro, não tinha de fazer distâncias de Vilar do Ruivo?

– Só não vinha todos os dias. Só ao fim-de-semana é que eu ia. Porque a minha avó, mãe do meu pai, morava lá. Aquilo ali era meia hora, um puto a andar... era meia-horita de uma aldeia para a outra. A minha irmã fez isso. A minha irmã foi para a escola mais porque nessa escola onde eu comecei a minha 1.ª classe, eu não sei quantos anos é que aquilo laborou, mas deve ter laborado uns 2-3 anos, porque a minha irmã ainda andou na escola do Abrunheiro, e ela só tinha mais 3 anos do que eu... não sei se houve aí escola uns 2 anos. Sei que estive lá com a Lucinda, que foi minha professora da 1.ª classe.

– Essa é que era a terrível?

– Não. Era a Lucinda, agora há aqui um lapso... a minha irmã Virgínia é capaz de saber... não sei se estou aqui a trocar as professoras, mas sei que a primeira professora foi a Lucinda que era da Cabeça do Poço, era uma senhora que andava de bicicleta, fazia a deslocação de Cabeça do Poço para Vilar do Ruivo de bicicleta, e renovava pinheiros, o pai dela era resineiro, e ela renovava pinheiros nas horas vagas. Sei que era uma senhora forte, porreirinha, não tenho nada de mal a dizer dela. E depois veio... penso que... a Pedrita, a Maria de São Pedro, chamávamo-lhe a Pedrita. Que era uma maravilha! Fazia marchas populares connosco, e fazia as músicas, as músicas eram as de Lisboa, as cantigas de Lisboa, mas ela fazia aquilo "Cá vai Vilar", tudo ali engalanado! Não era "Cá vai Lisboa"... ela transformou aquilo para o Vilar do Ruivo. Era muito engraçada. Teatros, fizemos teatro, ela fez uma peça que eu até gostava de ter... essa é que era! E eu penso que foi assim, que veio primeiro a Lucinda, depois essa Pedrita, e depois é que veio essa... gostei tanto dela que até me esqueço do nome dela! E foi a que mais me amachucou... pronto. E então fui para o Abrunheiro, ela lá agarrou em mim, a senhora Odete, levava-me para casa dela e ensinava-me aquilo tudo e mais alguma coisa! Mas também apanhei lá muita porrada nessa escola nesse ano! Estive lá só um ano porque entretanto a outra bicha foi-se embora e eu voltei à minha terra.

– Também lhe dava tareia, essa Odete?

– Essa Odete... era isso que eu ia dizer... ela tinha uma modalidade, como todas elas tinham, todas davam, essa do Vilar... mas todas davam muito! Muita porrada! Bater, com a régua, aquilo não falhava...

– E tipo de castigos que elas davam? A si foi ser destacado lá para o fundo da sala, não é?

– Davam, davam!

– Mas que tipo de coisas é que elas faziam para castigar?

– Eu não sei se foi a Lucinda, a Maria de São Pedro eu não estou a vê-la a fazer isso... ou então seria já essa, essa coisa, porque ela esteve 3 anos no Vilar do Ruivo, ao 3.º ano é que foi embora, e sei que ela dava... eu nunca fui muito daqueles de estar de castigo, porque nunca fui assim muito ardina também... sei que uma vez fiz xi-xi nas calças porque ela não me deixou ir lá fora fazer xi-xi... isso devia ter sido na 1.ª classe. As coisas que eu me apercebi, de castigos comuns, foi a um colega meu que era o Joaquim Carqueja, em que ele disse... e lembro-me perfeitamente porquê... havia lá uma miudinha, que andava ali, não andava na escola ainda, ainda não tinha 7 anos, e nós estávamos nas carteiras cá atrás e o Joaquim Carqueja disse assim para a Angelina: "Ó Angelina, dois e dois?"... eu não sei se posso dizer estas coisas, depois você corta!... "Ó Angelina, dois e dois?", "Quatro"... e o Joaquim Carqueja diz assim: "O que eu tenho no cú tens tu no papo!"... usava-se esta brincadeira! A menina, que era uma criança que morava ali ao lado, fazia ali companhia à professora, era como se fosse filha dela, ela arrancou a chorar e foi à professora e disse que o Joaquim tinha dito aquilo. Ela meteu-a com uma mola... que ainda hoje me lembro disto... porque o nosso castigo aquilo era assim: mãos no ar, em frente à cruz, com uma perna no ar... e não mexe! Não mexe! Era uma posição assim. Uma mão no ar, uma perna no ar, e tínhamos de estar ali. E nessa, como ele tinha dito uma asneira, pôs-lhe uma mola, uma mola daquelas que havia antigamente para segurar os papéis... uma mola de chapa... na língua! Eu lembro-me de ver o Joaquim a babar-se todo... em frente a Cristo com as mãos no ar! Eram coisas que não se deviam ter feito. E aquilo ficou-me cá na memória, que ainda hoje me lembro disso. E isto foi com ele, não foi comigo! Por isso, havia castigos! Bater? Todas elas batiam, com a régua. Aliás, eu até ainda hoje digo que nós viemos 14 fazer aqui a 4.ª classe, e a professora que me deu a 4.ª classe... a mim ensinou que se fartou! Saímos de lá todos em ponto de rebuçado... mas também levámos réguada a torto e a direito! Do primeiro, ela agarrou em mim e levou-me para a frente. Ela tinha uma modalidade que era assim: "O primeiro a acabar... ", por exemplo, ela punha ali as reduções, os metros cúbicos... "O primeiro a acabar, vem mostrar", o primeiro a ter tudo certo é que vê o dos outros, e então o primeiro a acabar, normalmente era eu, "Então encosta-te lá aí ao quadro"... e vinha lá outro mocito e ela "Então dá-lhe aí duas reguadas", era eu que dava aos colegas... Oh! Eu, para já, era considerado um infiltrado ali, porque eu não era dali, não é? Ora, quando chegava cá fora levava! Levava nas orelhas que me fartava!

– Dos colegas? Quer dizer, levava dos colegas e da professora!

– Dos colegas! Eu nunca me lembro de levar uma reguada dessa professora... da Odete nunca me lembro de levar uma reguada. Mas ela usava a régua para dar...

– Gostava tanto dela que nem se lembra de ela lhe bater!

– Gostava tanto dela que nem me lembro de ela me bater! Fora de brincadeira! Mas ela... os alunos é que davam uns aos outros. Eu acho que isso também era um bocado chato. Porque isso dava origem àquilo que aconteceu, eu depois levava com eles todos cá fora. Ainda hoje tenho amigos meus, que são da minha idade, ou mais velhos... e porque ali era uma aldeia, era uma terra em que tinha muitos repetentes! Já maduros, muito maiores do que eu. E esses davam-me nas orelhas!

– E porquê?

– Porque... eles ainda hoje não são inteligentes e se calhar naquela altura eram mesmo burros! E a gente, ás vezes, ri com isso! E eu digo-lhes mesmo: "Épá tu, quando eras novo, e a gente andávamos na escola, eras mesmo bruto, tu eras danado pá!" E havia ali uma claque, uma claque que quando me apanhavam cá fora não falhava! Quando eu estava na primeira... porque ela tinha ali o quadro, e a cadeira dela, e pôs-me logo na primeira carteira. (...)

– Estávamos no Abrunheiro. Recapitulando aqui, só para apanhar o fio da meada... escola primária do Vilar do Ruivo em 1955, depois na 3.ª classe mudou para a escola primária do Abrunheiro, só um ano, e depois o que é que aconteceu?
– Regressei ao Vilar do Ruivo. Entretanto, aquela professora foi-se embora, veio outra, que foi essa que me fez a 4.ª classe, só andei um ano na 4.ª classe, por isso não era burro.
– E essa então já era mesmo professora, naquela escola nova?
– Na escola nova. Mas a escola do Vilar do Ruivo eu penso que nessa escola nova a professora era regente, porque há aí aldeias, talvez com o número de alunos...
– Mas se ela era regente ela não o podia ler levado até à 4.ª classe, porque as regentes iam só até à 3.ª.
– Ai é? Desconheço isso. Aquela deu-nos a 4.ª classe. Viemos aqui [Vila de Rei] 14 putos fazer o exame.
– O António lembra-se da escola, o edifício?
– Lembro. Eu andava lá na outra escolinha quando andava essa em construção. Por isso é que eu digo que a outra lá do outro sítio só deve ter laborado uns 2 ou 3 anos.
– O edifício ainda existe?
– É a nossa associação atualmente.
– Lembra-se de quando deixaram de haver aulas lá?
– Eu fui para Angola e ela ainda ficou a laborar.
– Actualmente esse edifício é ocupado pela associação da terra, a associação recreativa?
– É, está ocupado pela associação, é isso. Foram feitas obras e tal.
– Então fez a 4.ª classe em Vilar do Ruivo?
– Depois de fazer a 3.ª classe, regressei à minha aldeia.
– E o exame da 4.ª classe foi feito aqui, em Vila de Rei?
– Foi, foi feito aqui. Foi nesta escola aqui em baixo, mesmo na parte de baixo, porque na parte de cima eram as meninas, parece-me, e na parte de baixo eram os rapazes. Nós foi na parte de baixo porque aquilo tem duas entradas... está a ver? Em frente à agência funerária? Foi aí que eu fiz a 4.ª classe. E era um professor, não sei se era Flores... era um professor que tinha uma fama muito má, porque chumbava muita malta. Do Vilar do Ruivo chumbou uma série deles! E então quando diziam: "É o professor Flores" toda a gente tinha medo dele! Viemos aí 14... eu lembra-me hoje, eu hoje reconheço, que nós vínhamos bem preparados. Bem preparados em tudo! Só chumbou uma rapariguita, que eu até tinha pena dela, que foi a Emília da Ti Jorcina, só, dos 14. Por isso estávamos bem. Nós vínhamos ali em ponto de rebuçado. Mas essa professora ensinava mesmo. E quando era a dar História, lembro-me, naquele alpendre das escolas antigas, depois havia umas prateleirinhas com uns compartimentos para cada um meter o seu lanche, e isso aí é que é o nosso bar hoje, que temos lá na associação, é aí que é o bar... e aquilo fazíamos um U e dávamos ali a História... e era a tal modalidade: "Professora, como é que é isto assim, assim, assim?", "Não sabe... como é que é? Graça, não sabe? António, não sabe?"... e eu como respondi tinha de vos dar a vocês! Era a modalidade, era essa! (risos)
– António, nas escolas onde andou, tanto no Vilar do Ruivo como depois no Abrunheiro, era uma sala, eram várias salas?
– Só uma sala.
– E era tudo junto? As meninas e os rapazes?
– Era, 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classe tudo junto. As professoras na altura, ui, vou-lhe dizer! Nós éramos 14 na 4.ª, quantos eram na 3.ª não sei, na 2.ª não sei e na 1.ª não sei...
– E havia cadeiras para todos, mesas?
– Havia, isso já havia. E carteiras. No meu tempo foi sempre carteiras. E mesmo na primeira escola havia carteiras.

– Já me falou que tinha o crucifixo, os retratos dos presidentes...
– Sim, e o quadro já era pregado na parede. A minha irmã Lurdes já não andou na escola nova, foi só na do centro, e aí ainda era o quadro de tripé. Era aquele quadro com tripé que ficava ali... em ardósia.
– Não havia mais nada de específico nessas escolas, alguma coisa que lhe tenha ficado na memória?
– Essa primeira escola era um salão, era uma sala de uma casa... havia de ser de pessoas das mais, talvez...
– Abastadas?
– ... abastadas da terra, e tinham aquelas casas maiores. Tanto que a professora, depois era uma portinha assim ao lado, e era a casa dela, onde ela morava... isto era a sala e...
– Ah, a professora vivia lá nessa mesma casa?
– Sim, porque era a sala e depois tinha uma porta ali, e ela morava ali daquele lado. Morava a Maria de São Pedro. E havia uma escadinha aqui, para a sala e pronto, ela estava ali. Todos saiam e entravam pelo mesmo sítio. A casa de banho era... zero.
– O que é que tinha lá nas paredes? Alguma coisa? Quadros, mapas?
– Não me lembro de quadros nenhuns, deveria ter não sei se talvez algum candeeiro... mas isso eu não me recordo. Talvez os meus colegas do Vilar do Ruivo se lembrem disso.
– Então o António fez a 4.ª classe na idade que devia ter sido?
– Não porque atrasei na 3.ª, eu já atrasei na 3.ª... porque ela fez-me andar na 3.ª dois anos.
– No fundo é como se, sem reprovar, acabou por reprovar porque teve de repetir para apanhar a matéria?
– Tenho de voltar atrás... essa senhora era uma fera mesmo. Ela depois o meu tio foi embora, e levou a minha documentação já com a minha transferência para o Abrunheiro, e ela à noite disse-me assim: “Vais entregar esta carta à tua professora”...
– Á nova?
– Á nova, à professora para onde eu ia.
– E o António não viu o que ia na carta?
– Eu agora não posso dizer isso senão vem aí a polícia judiciária e prende-me!
– Mas viu a carta?! E o que é que ia lá?
– Abri a carta. Ela dá-me uma carta fechada, e a nossa curiosidade... a minha mãe, coitada, era analfabeta mas não era burra de todo... e havia aquelas panelas de ferro, pequeninhas, que levavam um litro de água mais ou menos... e tinha um buraquinho na tampa não é? E nós, a água a ferver, naquele vapor, conseguimos descolar a carta. E a carta era só assim: “é mal educado, é burro, não aprende, é insubordinado... ”. Era só disto, só disto. As informações que ela dava para a professora do Abrunheiro... porque não ficou feliz só em me lixar ali... e ainda me queria lixar lá! Era tudo aquilo que era pior! Eu lembro-me de entregar a carta no primeiro dia em que fui para o Abrunheiro...
– E foi entregar à professora a carta?!
– Entreguei a carta à professora do Abrunheiro! E ela pôs-me logo na primeira carteira. Alguns alunos não gostaram muito. Mas ela pôs-me logo na primeira carteira, ali. Pôs-me logo ali à frente dela, e eu lembro-me de ela estar a ler a carta e a olhar assim... lia e olhava... com uma cara assim... e eu já sabia o que lá estava escrito. Ela devia estar a pensar assim: “Bem, tenho aqui uma fera, à minha frente... ”, mas ela depois apercebeu-se que aquilo era tudo treta, e mais tarde ela reconheceu e disse para o meu tio, e para as minhas tias, que aquela professora não devia de ser boa. Depois ela reconhecia que a colega também não devia ser grande coisa, porque escreveu aquilo que não era nada disso que se passava... ela punha-me abaixo de zero ali.
– Que crueldade...

– Uma crueldade... e tudo porquê? Porque houve aquela cena da minha irmã dizer, mais as outras, mas só a minha irmã é que ficou culpada. Nas outras ela também não se podia vingar, porque não tinham lá irmãos... ela só se podia vingar em mim. Essa senhora era muito má, era muito má... o nome dela não me recordo hoje... se eu falar com os meus colegas eles sabem.
– E toda a gente reclamava dessa professora?
– Sei que uma vez fui a uma festa... eu já não andava na escola... e eu depois passava cá as passas do Algarve a trabalhar, até ir para Angola, que eu fui para lá com 16 anos, incompletos.
– Então em que ano fez a 4.ª classe? Em que terminou a escola primária?
– Então, meta-lhe aí 2 anos a mais...
– Tem lá a sua certidão?
– Eu tenho lá algures essa coisa da 4.ª classe... um papel azul. E tenho esse caderno... só que quando eu trouxe essas coisas de Lisboa para aqui, tenho coisas encaixotadas, e nem sei onde é que isso está. Eu acho que aquilo vinha dentro duma mala... onde tenho as medalhas de quando eu andei na guerra do Ultramar... e nem sei delas... tenho 2 louvores e não sei deles... andam para lá ao pé disso.
– Então, acabou a 4.ª classe com mais 2 anos do que era suposto, por causa dessas tropelias, e depois, o que é que lhe aconteceu?
– Depois fiquei cá a trabalhar, como toda a gente! Fui à ceifa, trabalhava de sol a sol, comecei a ganhar 17 e 500 por dia. Depois os patrões acharam que eu estava a ganhar bem... porque havia aqueles que se aproveitavam, e se fosse hoje ainda me estavam a pagar o mesmo. Mas por acaso havia um senhor, que eu tenho grande consideração, porque foi ele que me pôs a ganhar o mesmo preço dos homens, porque os mais velhos achavam que eu, como era puto, não tinha nada de ganhar tanto como eles. Até podia trabalhar tanto ou mais do que eles, que era o caso, mas não podia ganhar tanto! E ele um dia, quando foi para pagar ao fim da semana, disse assim: "Quantos dias tu tens?"... era o senhor Basílio Crisóstemo, de Vilar do Ruivo... quando ele foi a pagar disse: "António, tu a partir de hoje ganhas 20 escudos também, por dia!" Houve logo aqueles que comentaram: "Ó pá! Atão! Atão agora os putos a ganhar tanto como os homens?!" E ele aproveitou e deu uma penada neles e diz: "Este rapaz, este puto que vocês dizem, trabalha mais do que alguns de vocês que estão aqui!" O Manuel Crisóstemo, que era o que tinha a taberna... e isto foi dentro da taberna... mas isto não tem nada a ver com a educação, por isso não vamos entrar nisso... mas nós vamos à taberna beber um copinho de vinho à noite... quem queria dar em casa dava, mas normalmente eles diziam: "Vamos ali à taberna do Manel"... havia lá três na aldeia... vais à taberna de fulano, para pagar a celha... chamava-se a celha. E o Ti Manel, eu também trabalhava para o Manel Crisóstemo e ele insurgiu-se logo: "Então agora o puto já ganha 20 escudos?!" Porque ele também só me pagava 17 e 500... e eu fui três anos à ceifa, para o Alentejo, 40 dias lá, que aquilo não era fácil. Mostrou-me lá terrenos e searas, que aquilo nem uma azinheira lá há... e nós até vemos o chão a tremer... com o calor. Por isso eu quando fui daqui fui meio amachucado. E depois fui-me embora, e então aí a vida foi diferente...
– Com que idade é que emigrou?
– 16 anos... fui em 7 de janeiro de 1965... ia fazer 17 anos. Para Angola. O meu pai já lá estava.
– E depois quanto tempo ficou lá?
– Foi até a minha mulher me trazer para cá! Vim com os retornados (...).
– E depois o António ainda frequentou escola lá, foi isso?
– Eu quando cheguei lá fiz o 2.º ano. Tinha 17 anos, 18 anos...

– E fez tudo seguido lá?
– Tudo seguidinho. Depois não segui mais porque o meu pai também achava que eu tinha era de trabalhar. E deu-me responsabilidades.
– Qual era a sua vida de trabalho lá?
– Comércio, nós era tudo comércio. E tinha muitas horas de ocupação, e chegou a um certo ponto o meu pai começou a pressionar... e só há uma solução... eu tinha de estudar, e naquela idade... e eu já tinha complexos de ir para o pé dos outros e não saber...
– Como é que se chamava a escola lá?
– Narciso Espirito Santo... mas não sei se na altura aquilo já tinha esse nome, porque na altura aquilo eram "os 3 padres"... depois dos 3 padres é que surgiu a escola.
– Qual era a zona? Como é que se chamava a terra?
– Santa Comba Cela a Nova... chama-se hoje Uakukungo... uma grande terra... e tenho muitas saudades.
– Voltando aos seus pais... a sua mãe era analfabeta, não sabia ler nem escrever?
– Não sabia ler nem escrever. O meu pai sabia escrever.
– Se ela fosse viva, que idade teria?
– A minha mãe tinha 101 anos agora este ano... e o meu pai 102.
– O seu pai sabia ler e escrever?
– Sabia, mas tirou na tropa. Ele dizia que tinha sido na tropa, mas isso eu não sei explicar.
– Sabe se ele tinha a 4.ª classe?
– Devia ter... para ter a carta de condução. Ele era inteligente mesmo assim... contas e tal, com aquelas máquinas de somar...
– O António já me disse que tem uma irmã, que fez até à 3.ª classe.
– Uma irmã que fez até à 3.ª classe.
– E os seus filhos?
– Os meus filhos estão 2 licenciados, e o Rui não acabou. Não sei até onde ele foi. Ainda chegou a andar na Lusófona. Acho que fez 1 ano.
– Já me falou da escola, e dos episódios ali. Mas tem memória do primeiro dia de escola?
– Lembro-me que levava um sarrão... um sarrão que a minha mãe me tinha feito, de pano, com um aro... que era o sarrão... era o sarrão que nós chamávamos que é o que nós hoje chamamos a pasta, ou a mochila, e era sobre-rectangular... de pano. Na minha aldeia era o sarrão. Lembro-me de levar isso pendurado, e eu ia com a minha irmã, porque a minha irmã ainda andava na escola nessa altura. Não sei o que é que levava vestido, mas posso-lhe dizer que a maior parte das vezes andava descalço. E tenho uma fotografia, que acho que foi a primeira fotografia... a primeira não, a primeira era eu bébé... que acho que foi tirada lá pelo padre da Fundada, que tiravam aos putos todos novitos, e tenho uma primeira fotografia que eu tenho minha, ainda não andava, ainda estou em colo, em cima de um tripé que ele tinha lá, e onde ele punha os putos todos, e é a primeira fotografia... e depois tenho uma segunda.
– O padre é que era o fotógrafo da aldeia?
– Devia de ser... acho que era o padre Rodrigues, da Fundada... que é aquele que tem lá estátua quando é à subida da capela... um busto. Era esse tal padre Manuel Rodrigues. A segunda fotografia foi-me tirada por uns primos do meu pai que estavam nos Estados Unidos, vieram cá uma vez, e eu acho muita piada àquela fotografia porque as minhas botas estão assim abertas, aqui à frente (risos)!
– Andava na escola nessa altura?
– Devia andar!
– E não tem amigos de escola dessa altura?

– Tenho. Do meu ano éramos 4, dos que entraram no 1.º ano no Vilar do Ruivo, devíamos ser uns 4 só. Do meu ano na minha aldeia só somos 2 rapazes e 2 raparigas. Faleceu infelizmente o Joaquim. Estou eu, a Virginia, e está a Lurdes.
– Dessa sua geração de escola houve muita gente que emigrou, ou que foi para Lisboa trabalhar? Ou que ficaram pela aldeia? Era frequente a maioria sair, ou ficar?
– Muitas foram para a Suiça, outras para a Suécia, França... geração, não só do meu ano. Do meu ano ninguém saiu. O único que fugiu fui eu! Foram para Lisboa todos.
– Já me disse que as professoras castigavam todas, batiam.
– E se não eram elas a dar-nos, punham-nos a bater uns aos outros. Eu lembro-me de haver a régua.
– E incentivos? Algum incentivo para continuar a estudar? Ou porque era bom aluno?
– Zero, zero. Nada. Só me lembro... agora quando me ponho a ver as coisas sociais... no meu tempo a gente vivíamos mal... o meu pai foi para África, a minha mãe ficou cá, com duas crianças, não vivíamos bem... e eu lembro-me que havia uma associação qualquer... não sei se era à base da Câmara se era à base da Igreja... lembro-me de vir um queijo, que ainda hoje tenho esse paladar na boca... e eles faziam distribuição de queijo e de leite em pó... eu lembro-me disso aparecer!
– E isso foi durante todos os seus anos de escola primária, ou foi só ali durante uns anos?
– Eu lembro-me de tudo quando isto aconteceu... lembro-me de isso entrar lá em casa... lembro-me até ainda do paladar daquele queijo...
– Ia para a sua casa directamente, não era para a escola?
– Não... isso era entregue em casa.
– Seria a Cáritas?
– Talvez, não sei... mas lembro-me de existir lá isso. Tenho aquele paladar, que não era assim muito simpático, e lembro-me do paladar do leite em pó... e devia ser uma associação que dava às pessoas mais pobres da terra.
– António, sentia que estava nesse nicho das pessoas mais pobres, das crianças com mais necessidades na aldeia?
– Eu era das pessoas com mais necessidades. Havia lá mais 3 ou 4 pessoas na minha situação. Derivado dessa situação... porque o meu pai foi embora em 1950 e eu nasci em 1948... o meu pai foi para África.
– E a sua mãe como é que ela vivia?
– A minha mãe, coitada, vivia com os pais... enquanto os pais foram vivos. E depois, coitada, era a trabalhar ao dia, fora, até nós podermos começar a trabalhar, para ajudar. Na altura em que eu estava a ajudar a minha mãe, foi quando o meu pai se lembrou de ao fim de 15-16 anos vir cá, e quis-me levar para Angola. Que era quando eu estava a ganhar dinheiro para ajudar a minha mãe. Ficou a minha irmã e a minha mãe. Por isso a nossa mocidade não foi fácil...
– E acha que o ter andado na escola influiu na sua vida?
– Se eu não andasse na escola... eu hoje não sei... se calhar tinha chegado lá por minha iniciativa, não sei! (risos)
– E acha que essas professoras que foi tendo...
– Gostei de todas, inclusivamente dessa que me fez a 4.ª classe, que achei que era uma grande profissional. Era exigentissima, mas ela tinha de ser exigente. Eu ainda há pouco tempo perguntei à Lurdes Mateus, ela lembra-se de tudo... essa miúda lembra-se dos nomes das professoras... eu não. Perdi o norte a isto, fui embora...
– Essas professoras tinham alguns hábitos rotineiros... chegavam á escola, tinham de fazer fila, ou mostrar as mãos, ou rezar?

– Havia uma coisa que eu achava muita piada, e que nós levávamos todos, que era bata branca, e isso eu também acho mal. Ou levávamos porrada, porque às vezes a culpa nem era nossa, era dos nossos pais, mas havia a revista da higiene... é verdade! Era a revista... chegávamos lá de manhã e: revista. E elas: "Mostre lá as orelhas!"... ver se as orelhas estavam lavadas, o pescoço lavado... porque isso era uma coisa que talvez os pais também não tinham cuidado... e ela, se não ias levado, levavas uma palmada ou coisa assim... uma chapada, um puxão de orelhas... quando aquilo às vezes não era culpa do puto, era do pai ou da mãe... e usávamos bata branca, sempre me lembro de usarmos bata branca.

– Rezavam, cantavam?

– Esses pormenores não sei... não me lembro de rezar lá na escola. Sei que havia lá o Cristo. O Salazar e o tal... era o que se usava. De resto, de rezar mesmo na escola não me recordo...

– E o que comiam, as merendas?

– Lembro-me de a minha mãe me mandar uma coisa qualquer... um pão com queijo, coisa assim... lembro-me de levarmos a merendinha para a escola... para mim e para a minha irmã.

– Materiais didácticos? O que levavam? Caderno, lousa, tinta de aparo?

– Tinta de aparo, tínhamos de comprar o aparo, a caneta que depois levava o aparo... a tinta era da escola... tinha lá o tinteiro nas carteiras... e o caderno de uma linha e de duas linhas... que eu não me lembro se começava logo na 1.ª classe, mas penso que não... o lápis, a borracha... era o que eu me lembro.

– Já me disse que rapazes e raparigas brincavam todos juntos, andavam todos juntos na escola, não havia diferenciação?

– Não... o que havia era os meninos queridos da professora, mas isso há em todo o lado!

– Explique lá isso dos "meninos queridos"...

– Então? Os meninos queridos eram os filhos dos mais abastados! Que eram os mais evoluídos... que se sabiam impôr. Porque é que aquilo se passou comigo? Porque eu não tinha um pai que me defendesse! Porque, se calhar, não me tinha acontecido... e aí está a ver a diferença.

– O António sentiu que havia muita discriminação?

– Eu acho que se amachucava mais aqueles que não tinham quem os defendesse! Por exemplo, ao Joaquim Carqueja, quando lhe meteram a mola na boca, se fosse hoje... ou se elas soubessem que vinha um pai que se sabia movimentar... elas não o tinham feito! Quase directo! Porque eu não estou a vê-las a fazer isso aos filhos do Manel Crisóstemo, nem aos filhos do Basilio Crisóstemo.

– E eles andavam na mesma escola?

– Todos na escola! E depois quando eu fiz a 4.ª classe, o padre... quiseram-me levar para padre! Mas eu não fui, e fiz mal.

– Quiseram-no levar para o seminário?

– Quiseram!

– Mas isso, no fundo, foi uma espécie de reconhecimento? Não é? De que o António era bom aluno... porque eles costumavam levar, geralmente, os bons alunos...

– Eu nunca tive dificuldade em aprender.

– Quem foi a pessoa que o quis encaminhar para o seminário?

– Havia um bispo na nossa freguesia, o Dom Manuel Nunes Gabriel, que era arcebispo de Luanda, que quando nós viemos embora, ele era o maioral lá da igreja de Angola... e é da minha freguesia. E ele quando foi eleito arcebispo, ou quando foi elevado a bispo, veio de Angola cá, e fez um roteiro pelas escolas da freguesia... .talvez a pesquisar quem queria ir

e quem não queria ir, e tal... e a minha mãe queria que eu fosse! Eu é que dizia que não... não queria! (risos)
– E porque é que não quis?
– Nem sei... na altura nem sei o que é que pensei. Mas uma das coisas era que eu sabia que padre não se pode casar. E eu, espera aí, não, não... era aquela coisa do padre, padre, padre! Uma vida muito restrita... aquilo não estava talhado para mim, eu tinha outras ideias!
– E esse bispo, ou arcebispo, teve influência aqui nesta região, a incentivar rapazes a irem estudar, para o seminário?
– Ele morava em Angola, ele estava em Angola... e ele não viria cá muitas vezes. Mas ainda hoje eles têm essa missão, os padres, de andarem a pesquisar os rapazitos. Ainda agora, o padre João, está farto de andar atrás lá de um rapazito da Fundada... e por acaso aquele tem pinta de padre! Aquele era bem visto para padre! (risos)... que é diácono lá na igreja. E há lá um que, pelos vistos, o padre João quer levá-lo, para ele andar na universidade ou lá o que é. Comigo, eles foram lá pesquisar, e então quiseram levar-me a mim e ao Zézito do Cerro, o Zézito do Cerro ainda lá foi... ainda lá esteve, mas depois acho que teve um problemazito de início de tuberculose... uma coisa qualquer assim do género, ele tinha uma tosse convulsa... e eu simplesmente nem quis ir... e isso foi um ano, ou quê, a seguir àquela coisa... lá está, os mais espertos, quem foi? O Fernando Crisóstemo... que o pai não precisava, porque era abastado, mas ele esperto... porque era a maneira de não pagar e dar educação aos filhos. E eu também pensava que o Jorge tinha passado pelo seminário mas ele disse-me que não. Foi estudar mas não foi para o seminário. O Fernando Crisóstemo foi estudar, foi para o seminário, aproveitou quando houve a equivalência... porque antigamente a equivalência do seminário não era o Liceu, não dava equivalência ao Liceu, mas houve um ano, não sei em que ano foi, em que deram equivalência do seminário ao Liceu, e ele tinha o 7.º ano, e lá soube... não foi padre. Foi tesoureiro aqui da Câmara de Vila de Rei, nas Finanças.
– O António lembra-se de, lá na escola, comemorarem aquelas épocas do ano Natais, Páscoas... havia festas?
– Não... festas... sem ser uma que nós fazíamos, que eu lembra-me bem e gostávamos daquilo... a professora arrancava connosco quando era nos magustos, das castanhas, e lembro-me de nós irmos todos para um anexo à aldeia, nos limites, onde houvesse um adro, toda a gente ia buscar caruma de pinho, de pinheiro...
– E encontravam-se com outras escolas?
– Isso não me lembro
– No seu tempo, nas escolas onde andou, lembra-se das localidades... meninos que iam dessas localidades que fossem à mesma escola? Á sua escola de Vilar do Ruivo, quais era as terras?
– No Vilar do Ruivo... eu talvez não seja a pessoa mais indicada para explicar isso, porque talvez os mais velhos se lembrem melhor... mas penso que no Vilar do Ruivo não andou ninguém das outras aldeias. Sei é que houve ainda alunos do Vilar do Ruivo, talvez anterior à leva da minha irmã Lurdes, que iam à escola à Lagoa... e a minha irmã chegou a ir à escola ao Abrunheiro, a minha irmã tinha de andar mais de meia-hora a pé... para lá e para cá, todos os dias... 2-3 Kilómetros. Os putos a andar, aquilo era meia-leva...
– Então a festa que diz que se lembra...
– Eram as castanhas. A caruma... faziamos um magusto, e eu achava muita piada àquilo. Toda a gente ia buscar a caruma, as castanhas... onde a professora ia buscar as castanhas eu não sei... acho que não éramos nós que dávamos, não sei se eram os pais... sei que havia castanhas... mas ela não devia ter dinheiro para comprar castanhas. E naquela altura

ainda devia haver muitos castanheiros em Vilar do Ruivo... havia lá muitos soutos na altura. E é a única festa de que eu me recordo. Além disso a Pedrita, que era única que nos fazia marchas populares, e fazia teatro... essa senhora está num lar em Fátima, que é uma excelente criatura, e gostamos imenso dela e ela gosta de nós.

– Mantém contacto com essa senhora?

– O marido faleceu-lhe aqui há uns anos, eles vinham cá... agora deixou de vir, mas disseram-me que está num lar, e eu havia de lá ir visitá-la... num lar ao pé da rotunda dos Pastorinhos, em Fátima. Essa senhora era um amor... era mesmo humana, humana! Como era a Odete do Abrunheiro... com essa Odete tive uma grande história... em Angola depois, sem querer... ela mandou-me beijinhos e cumprimentos por um motorista nosso... ela não era daqui, mas casou aqui com um rapaz do Eivado... por procuração, porque ele estava em Angola, e ela casou por procuração, e ela foi para o norte de Angola. E o marido dela parece que tinha lá uma pensão, e o nosso motorista foi dormir lá à pensão, e ela é que passou a factura! E não é que a senhora se lembra que Sebastião Saúl Garcia lhe dizia qualquer coisa?! Ela tinha trabalhado com o nome do meu pai no Abrunheiro, não é?... e aquilo lá lhe deu um 'click' e depois lá perguntou se esse senhor era de Vila de Rei (...) e se tinha um filho chamado António (...). Esse motorista era ali de Palhais "penso que sim e tal" (...). Diga-lhe que esteve com a professora dele, a Odete! Isto já quando eu tinha 18-19 anos... antes de assentar praça, antes de ir para a inspecção.

– Do tempo de escola, tem algum outro episódio que o tenha marcado? Uma daquelas situações que, quando pensa na escola primária... além daquelas que já contou, da professora e dos castigos?

– Sim, foi isso que me ficou mais! E lembro-me da inauguração da escola... eu não sei em que ano foi, lembro-me que houve uma grande festa. Nessa associação, que agora é uma associação... porque aquelas escolas eram todas com grande espaço. E sei que foi feita uma paliçada, para lançar um balão, que foi o maior balão lançado aqui nos arredores desta terra!

– Um balão?

– Um balão em papel... daqueles balões... que depois quando chegavam lá em cima ardiam...

– Como os do São João?

– É... esses balões. E aquele era tão pequeno ou tão grande que tiveram de fazer uma paliçada para o poder pendurar e lançar. E então era um balão, que até quem tinha oferecido aquele balão tinham sido as pessoas da terra que estavam a morar em Lisboa... pessoas mais velhas do que eu, que têm agora oitentas e tais, noventas, ou já morreram. Era tudo malta desse tempo. Uns eram pedreiros, carpinteiros, e então eu sei que cada pano de papel, de várias cores... cada pano tinha as armas de cada um... a colher do pedreiro... desenhado, ou isso não sei, sei que era de papel colado... cada pano tinha um martelo, uma pá de pedreiro, uma caneta, uma calema... as armas da malta que estava em Lisboa, que eram residentes de lá, eles é que ofereceram esse balão.

– E sabe se eles terão contribuído com alguma ajuda para se fazer a escola?

– Sim, sim! Mas lá para a escola não sei... agora para a festa sim. Mas isso ainda hoje se contribui para as festas. Eu sei que aquele balão foi oferecido pelos trabalhadores que estavam deslocados em Lisboa, e sei que meteram-lhe dois foguetes! Aquilo era tão grande, meteram-lhe um foguete de cada lado, para aquilo poder atingir só a uma certa altura... e depois o foguete psst!

– Sente que, na sua terra, para as pessoas lá da sua aldeia, a escola era uma coisa importante? Ou faziam resistência a que os filhos fossem para a escola?

– Ai isso não! Ali na minha aldeia... eu às vezes ouço casos assim do Norte, Transmontanos, que eles às vezes não queriam que os filhos fossem estudar... mas aqui não. Nunca me apercebi disso, pelo contrário. Até pelo contrário, queriam até é que os filhos fossem estudar. Eu dei muitas noites explicações ao Zézito do Cerro, porque a mãe me pedia, porque ele tinha deficiência em falar, tinha dificuldade em verbalizar... e escrevia como falava. E eu lembro-me de ir para lá, a mãe dele pediu-me se eu ia para lá ensiná-lo, e eu fui para lá 'ene' noites... ensinar o Zé, que hoje por acaso é meu primo. Casou com uma prima minha.

– Se o senhor António tivesse estudado mais, havia alguma disciplina, ou alguma área, que gostasse de ter seguido? Que gostava de ter estudado mais?

– Gostava. Aliás eu já disse muita vez, se eu tivesse a possibilidade que os meus filhos têm, eu era super doutor! Porque o que eu queria era evoluir!

– É por causa disso que vem à Universidade Sénior? Gosta de vir cá?

– Gosto, sempre gostei muito de História, gosto imenso de História. Mas eu ainda hoje tenho uma grande vocação... aliás seria, se eu não fosse para Angola com 16 anos, era o que eu era: mecânico. Porque eu estava para ir para uma oficina para a Sertã, aprender. Ainda hoje gosto de mecânica. Aliás, eu sou curioso na mecânica. Nunca ninguém me ensinou nada, mas cheguei a desmanchar uma caixa de velocidades e a desmanchar um motor... quando fui para o montar é que já tive de pedir apoio! Desmanchar é mais fácil! (risos)

– Na escola, qual era a disciplina que gostava mais?

– Eu sei que na matemática, eu era assim um bocadinho... havia as ciências, o desenho... ah!... eu ainda hoje não sou nada bom a desenhar... aquilo de lá porem a jarra com flores em cima da mesa, e desenhar aquilo?!... .aquilo nunca ficava direito! Ainda hoje faço isso... e ao contrário, a minha mulher é uma máquina a desenhar!

– As professoras primárias punham-vos a desenhar?

– Eu não percebo nada de desenho, ainda hoje não sei fazer um desenho em condições...

– Mas essa era a disciplina que tinha mais dificuldade. E a que gostava mais?

– Talvez a História... hoje se me perguntarem já não sei tudo... mas talvez a História. Ciências, também gostava de Ciências.

– Tem alguma memória daqueles rituais da professora, durante o dia das aulas?

– Sei que ela ia lanchar... essa tal que não era nada minha amiga... as outras viviam mais ou menos ali... a Pedrita morava ali, ia a casa, a gente nem se apercebia, ela ia ali e vinha já... ou ia à casa de banho, sei lá... que ainda me falta saber onde é que era a casa de banho dela! A outra, já na escola nova, ela vinha a casa da tia, porque ela primeiro veio para casa dessa tia, e depois como esteve lá 3 anos arranjou uma casa duma pessoa. E ela vinha comer... e a minha aldeia não é assim muito juntinha... ela vinha comer a casa. E por causa disso levaram os meus amigos uma vez uma série de reguadas! Porque eu, como estava deslocado lá em baixo na última carteira, ela não me via nada dos meus deveres, não me lia nada, não me ligava patavina, zero. E o Camilo e o Felizbelo, lembro-me bem, iam para lá ensinar-me, eu escrevia coisas no quadro e eles: "Faz assim, faz assado", a explicar-me.

– Ah... os seus colegas é que iam lá tentar ensiná-lo?

– Iam lá ensinar-me... eles condoíam-se de mim! Eles apercebiam-se. E há um dia em que ela aparece... e como aquilo tinha um vidro, e ela viu-os cá de fora por aquelas janelas, eles quando a viram "ei... vem aí a professora!"... e eu lembro-me que eles até saltaram! Em pé, por cima das carteiras... para as carteiras deles, para ela não ver, mas ela viu. Chegou cá dentro deu duas reguadas daquelas puxadas! Daquelas que até lhe saía aqui a

veia! Deu a eles por causa de eles me estarem a ensinar... ela era uma senhora que era uma maravilha!!!...

– Lembra-se de alguma matéria, um personagem, uma história, alguma matéria do currículo que lhe tenha ficado gravada na cabeça? Ás vezes aquelas ladainhas que se decoravam, os ditados, as redações, histórias da leitura?

– Eu não me recordo assim nada de especial. Lembro-me que devia ser bom em redações, porque lembro-me... e não é por acaso que eu quando namorava as raparigas gostavam muito das cartas que eu lhes escrevia! (risos) Eu lembro-me que a professora, quando entrámos aqui na escola em Vila de Rei e que acho que aquilo foram 2 dias a fazer exames... acho que não feito no mesmo dia, mas isso agora eu já não sei precisar... havia as provas, nos exames haviam as provas, e eu não sei se fizemos as provas de todas as disciplinas no mesmo dia, se não, ou umas de manhã e outras de tarde... e sei que quando foi para a parte que era para fazer a redação, havia uma redação na prova, eu lembro-me da professora me dizer assim: "António, agora eu quero ver como é que vai sair a tua redação! Tu fazes sempre bem, estou para ver se agora vais fazer mal!"... que redação era? As aves. Nunca mais me esqueci... as aves. Como é que era composto o corpo da ave... e térététeu... pardais ao ninho... aquelas coisinhas todas. E eu lembro-me que fiz uma redação... eu fiquei assim um bocadinho com medo... e saiu lá aves que eu não gostava assim muito daquilo, mas fiz uma redação bem feita! Só me lembro do professor a apontar com o coizinho lá no quadro... no mapa, no mapa... e eu estava a patinar ali... porque nós tínhamos de saber as serras, e isto e aquilo, e nós tínhamos de dar os mapas da Colónias, e a mim saiu-me uma... que eu acho que foi na Guiné, a Guiné é quase tudo plano, não estou a ver uma serra na Guiné, mas eu tenho a ideia que era uma serra na Guiné... posso estar enganado, porque podia ter sido na Angola ou Moçambique... e ele lá a perguntar-me, e eu sabia aquilo mais ou menos, só que eu não sabia dizer o nome daquilo, e estive ali um bocado a patinar, e eu: "queres ver que vou chumbar!" E a professora lá atrás, porque as professoras ficavam lá na retaguarda mas não podiam dizer nada, e ele estava ali à frente, e elas lá atrás, e ela a fazer-me gestos com a boca, e eu não percebia o que ela queria dizer... e eu a olhar para ele! (risos) Até que eu me lembrei, e lá consegui desenrascar-me! De resto correu tudo bem!

– Trabalhou sempre na mesma área, que foi o comércio? Foi a sua área de trabalho... profissional, depois da escola?

– Pois, eu aqui andei, a trabalhar na terra, a roçar mato, nos pinheiros, na ceifa... fiz tudo, até o que não gostava. Depois fui para Angola, o meu pai estava lá dedicado ao comércio, e eu fui trabalhar para o comércio, até vir para a tropa. Depois eu quis vir cá fazer a inspeção, porque havia um pormenor, que muita gente não sabe. Nós, no meu tempo, o Salazar tinha uma política que era assim... nós os que íamos daqui para as Colónias, se quiséssemos vir cá ser recenseados podíamos ser recenseados cá. Os nascidos lá, brancos mesmo, mas desde que tivessem nascido em Angola já tinham de ser recenseados lá. Não podiam vir cá fazer nada. Eu como tinha cá a minha mãe, eu queria vir cá ver a minha mãe, e então aproveitei. Em vez de dar o nome lá, escrevi à minha mãe, a minha mãe deu o meu nome cá, aos 18 anos, e eu quando cheguei... daí eu vir cá duas vezes... quando chegou a altura de ir à inspecção... no dia 28 de maio de 1968 que arranquei de lá, e fui inspecionado aqui no dia 1 de Junho de 1968 e em janeiro de 1969 assentei praça. Sujeitei-me. Foi um passo que eu dei, que eu podia ter ido para a Guiné ou para Moçambique, ou para outro lado qualquer. Tive sorte porque fui para Angola. Mas fui mobilizado e depois estive lá 26 meses, calhou a ser para Angola, podia ter sido para outro lado.

– Neste momento o António é aposentado dessas funções que teve lá? Ficou sempre lá?

– Depois fiz a minha tropa e regressei, vim cá fazer a disponibilidade, regressei a Angola para a minha vida civil, e estabeleci-me lá com comércio. Entretanto deu-se o que se deu... e quando eu estava a começar a progredir na vida, tive de dar à sola. Vinha a Graça com bébé, porque entretanto eu casei em 1974, foi quando vim com ela. Tive de me agarrar aqui, outra vez, ao vento, a raspar pinheiros. Nós viemos em Dezembro e depois fica aquela resina pendurada, mas agarrada ao pinheiro e precisa de ser raspada. Foi o que eu vim fazer a ganhar 80 escudos por dia, de sol-a-sol. Quer dizer, quando eu fui daqui para lá era de sol-a-sol, mas acho que quando vim já eram 8 horas. Por conta de outra pessoa, lá da aldeia. Porque eu, quando cheguei aqui, inscrevi-me em tudo quanto havia, nos endinheirados e tal... uns chamaram-me e eu não quis ir, outros depois... até porque depois fui trabalhar como motorista para uma casa de materiais de construção na Amadora, fartei-me de trabalhar, a carregar sacos de cimento às costas, descarregar areia... fartei-me de trabalhar. Fui primeiro trabalhar com carros de 1500 quilos que não tinham báscula, tinha de ser tudo carregado à mão, e descarregado. Aquilo era complicado. Depois quando passei para o carro pesado é que aquilo foi um bocadinho mais fácil, porque já não era assim. Depois, como me tinha inscrito em vários organismos, fui chamado para a GNR, mas não quis ir, fui chamado segunda vez, não quis ir... e fiz mal. Para a guarda fiscal nunca me chamaram porque eu tinha já muita idade. Inscrevi-me na CP de Cascais, inscrevi-me na Rodoviária, estive para entrar para a Rodoviária de Queluz de Baixo. Entretanto fui para a Carris, chamaram-me para a Carris e eu fui para a Carris, e fiz a minha vida na Carris.

– E acha que, essa vida que acabou por fazer, e da qual agora está aposentado, foi influente o facto de ter estudado o que estudou?

– Sim! Eu, por exemplo, a minha na Carris até não foi das mais difíceis...

– Mas influiu o facto de o António saber ler, escrever, e já ter mais um pouco do que só a 4.ª classe?

– Sim! Eu verbalizava bem. Eu fui para a Carris e ao fim de uns anos eu adoeci... porque vim de lá com uma neura maluca, tive uma colite nervosa, uma úlcera nervosa, e andei à rasca... e depois saí para trabalhos melhorados... do movimento. E vim para motorista, lá para dentro, trabalhar com os camiões, carrinhas, e "agora tens de ir com este engenheiro, e amanhã com aquele doutor"... e depois fui progredindo à minha maneira. E aí é que está a diferença: saber evoluir ou não! Os meus últimos 10 anos e 6 meses estive no Ministério, fui motorista do Ministério das Obras Públicas e Transportes, mas destacado, porque eu era funcionário da Carris, mas estava a trabalhar no Ministério. Antes disso passei pela administração da Carris, trabalhei com camiões e carrinhas e depois passei para a administração da Carris, e depois houve uma hipótese de ir para o Ministério e fui... foi onde eu acabei. Depois quando regressei à Carris, vim-me embora. E agora estou assim, agora queria viver até aos 90, com saúde! (risos)

– E há-de conseguir! De uma forma geral achou sempre que para o seu pai, para a sua mãe, ou mesmo para a sua irmã, acha que na sua família as pessoas achavam a escola uma coisa importante? Valorizavam?

– Sim, sim, sim. Eu lembro-me bem de a minha mãe pedir a pessoas para ver se nos ensinavam... mas o único que sabia qualquer coisa era o meu tio, irmão da minha mãe... mas havia li um litígio entre eles, e a minha mãe não lhe queria pedir nada.

– António, na sua cabecinha de criança, se é que tem alguma memória disso, o António tinha alguma expectativa da escola, pensou em algum momento "quando eu for grande, gostava de ser isto ou fazer aquilo"?

– Não. Eu penso que quando andava na primária, não. Quando eu andava na 4.ª classe lembro-me que já me apercebia que não queria ficar lá, na terra, tinha de tentar fazer outra coisa qualquer. Porque aí eu já tinha uns 13.
– Qual é a maior diferença que vê entre a escola que teve e a escola dos seus filhos? Sentiu alguma diferença?
– Não tinha nada a ver... nada a ver. Nós tínhamos de aprender, e aprendíamos. E se não aprendíamos levávamos! E as dificuldades dos pais eram diferentes. Os meus filhos já... apesar de eu vir de lá, e vim tesinho que nem um carapau... também passámos as passas do Algarve, daí eu andar aí a ganhar 80 pauzitos... mas sempre tiveram um apoio em casa. Basta nós sermos mais evoluídos do que os meus pais eram. Para já eu não tinha o meu pai ao pé de mim, e a minha mãe não me sabia ensinar nada. Era diferente. E na aldeia, quem é que sabia ler nessa altura? Dois ou três... ou quatro ou cinco. Que eram os tais que eu digo...
– Mas isto na geração dos seus pais, porque na sua já toda a gente foi às escola?
– Sim. Sim. Na minha já, e antes da minha também. Porque quando eu andava na escola foi quando foi obrigatório os rapazes fazerem a 4.ª classe, mínima. Antes disso, uns dois ou três anos antes, que a minha irmã tem mais 2 ou 3 anos do que eu, as raparigas só faziam a 3.ª classe e iam embora. E a geração anterior à minha irmã, todos eles sabiam ler e escrever, pessoas que têm hoje 70 ou 80 anos, mais ou menos todos sabiam ler. Eu tenho 71, a minha irmã tem 74. Era uma vida de sacrifício. Lembro-me de ter os livros colados com aquelas fitas adesivas das feridas... porque os livros passavam do primo para o outro primo, e do outro primo para o irmão... e do irmão para o outro primo.
– Disse-me que tem fotografias, ou um livrinho, ou um caderno?
– Não me lembro de ter fotografias da escola. (...)
– Conte lá só mais essa história, então. Estava a dizer que uma dessas professoras da escola primária...
– Sim, mas já não sei qual delas, sei que era na escola antiga, e que isto foi passado com esse rapaz... que não vou dizer o nome dele... em que os alunos todos atrás, com um papel ou uma cartolina colado a dizer "burro", nas costas do aluno.
– A professora colocava no aluno uma cartolina?
– No aluno... e os outros iam atrás a fazer a marcha e a chamar "burro".
– Pela aldeia toda, ou só na escola?
– Só me lembro de ir a descer ali rente à escola, na ruazinha para baixo, e não sei até onde íamos, isso não me recordo, mas lembro-me de irmos na rua do Cerro, aquilo era mato, e isso passou-se com o tal rapaz. Na escola nova lembro-me que há o pilar do portão... todas as escolas do tempo do Salazar têm um portãozinho pequenino, e tem um pilar ali... estar lá o Zézinho em cima, também com um papel nas costas, e toda a malta a dizer: "Eu sou burro! Eu sou burro!"...
– O miúdo tinha de dizer "sou burro"?
– "Sou burro!"... aquilo era uma maneira de massacrar. Comigo nunca me aconteceu.
– No fundo, a professora expunha na praça pública o aluno, não era? Para ele dizer que era burro...
– Eu até acho que aquilo nem era educação, porque estava a incentivar os outros colegas a maltratar o próprio colega... não é? Eu achava isto... e isto ficou-me cá na memória. Lembro-me dessas duas vezes, e outra vez, esse rapaz a quem isso aconteceu... é um rapaz que talvez tenha 1 ano ou 2 a mais do que a Lurdes, minha irmã, é rapaz já para uns 76 ou 77 anos... aconteceu com ele, que eu lembro-me da rua e do mato, havia muito mato, e os putos... eu devia andar na 1.ª classe... e depois, já na escola nova, lembro-me disto com o Zé.

– Mas isso era uma coisa comum? Fazia-se isso frequentemente?
– Só me lembro de fazerem isso dessa vez. Se me perguntarem: “Eles eram mesmo burros?”... não sei. Eu achava que havia aqueles que aprendiam melhor que os outros, pronto, talvez... mas não havia razão para lhe fazerem uma coisa dessas.
– António, e acha que esses meninos, eram dos mais pobres, eram dos mais ricos da aldeia... como é que era?
– Não eram dos mais ricos, não. Essas coisas nunca eram feitas aos mais evoluídos, porque os mais ricos geralmente tinham uns pais mais evoluídos, uns pais que já eram diferentes. Isto era tudo passado com a pessoa mediana, a pessoa baixa-mediana... não era lá para os mais coisos da aldeia, não! E não havia grande diferença nesse aspecto, porque as professoras quando o faziam sabiam bem a quem o estavam a fazer. Penso que era assim que elas haviam de pensar...

– César Marques –

Naturalidade: Casas da Ribeira de Mação
Data de nascimento: 02-03-1939
Residência actual: Mação
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio e audiovisual), Universidade Sénior de Mação (26-11-2019).

– Vou-lhe pedir o nome completo.
– César Marques. Mais nada. Sou filho de homem pobre... os ricos é que têm nome grande!
– E o senhor César é natural de...
– Mação. Quer saber o lugar onde nasci? Casas da Ribeira, de Mação. (...) Moro na Rua da Videira (...), é a rua mais comprida de Mação, tem dez metros. (...) Eu sou o único habitante masculino.
– São só mulheres que vivem nessa rua?
– E são poucas. Agora só lá está uma.
– Então, as pessoas que lá vivem são só o Sr. César e outra senhora?
– Já não há mais! Há lá outra senhora que está no hospital.
– São os únicos habitantes daquela rua?
– Presentemente é só.
– Mas o Sr. César lembra-se de aquilo ser uma rua cheia, não?
– Era o centro de Mação, havia tascas. Eu vou-lhe dizer uma coisa, eu sou do tempo de haver trinta e três tabernas. Trinta e três tabernas no meu tempo, imagine, uma aldeia com quatro quilómetros. Eu vim para aqui trabalhar, comecei aos 7 anos.
– Então, diga-me só uma coisa Sr. César, em termos de escola, as suas habilitações literárias quais são?
– Tenho a 4.ª classe, mas tive de trabalhar para estudar.
– E que escola frequentou?
– Eu frequentei a escola de Santos. Pertence ao Concelho de Mação. Em Santos, que agora já não existe. Tem lá meia dúzia de pessoas só. (...)

– E diz que a escola já não existe, mas o edifício já não existe?
– Muito reduzido, já caiu. O certo é que há muito tempo que eu lá não vou.
– Portanto, a escola que frequentou foi essa. Até à 4.ª classe?
– Não, essa não foi a primeira. Casas da Ribeira foi a que eu frequentei.
– E quanto tempo esteve nesta escola?
– Eu estive na escola das Casas da Ribeira... mas eu era mal seguido.
– Mas então a primeira escola onde esteve foi nessa das Casa da Ribeira?
– Que era um posto de ensino.
– Era um posto escolar? E esteve lá na 1.ª classe, foi isso?
– Eu estive na 1.ª classe, mas não fiz nada. Eu acho que estive matriculado, eu não sei.
– Isso foi em que ano, lembra-se?
– Eu fui em 46/47. Mas sabe uma coisa? Eu quando fui para a escola já sabia ler!
– Calma! Então, não acabou nesta escola a 1.ª casse e depois então é que foi para a outra escola de Santos?
– Para os Santos.
– E lá fez até onde?
– Fiz até à 4.ª classe. Eu saí parece-me que foi em 51. 50 ou 51 isso agora é que já não posso precisar, porque já lá vão muitos anos. Isso é que já não posso dizer os anos exatamente. (...)
– Então conte-me lá essa história. Foi para a escola primária, mas já sabia ler?
– Pois. Eu era o mais novo da família da minha mãe... que quando me teve já era velha... devia ter talvez uns quarenta e nove, quarenta e nove ou cinquenta.
– E teve quantos irmãos?
– Nós éramos seis.
– Seis irmãos. E era o mais novo de seis, então?
– Sim, o mais novo de seis. E, então, depois estava a 2.ª Guerra Mundial e, entretanto, o meu primo, que gostava muito de ler, tinha naquele tempo, o Jornal da Vida Mundial... e ele assinava aquele jornal, porque ele trabalhava aqui na fábrica de lanifícios e levava o jornal. Então, falava lá do Hitler e daquelas coisas... mas eu não sabia escrever... e depois ele contava-me lá as coisas e dizia: “Olha aqui” e dizia como é que eu havia de... em 46/47.
– Já ia mais ou menos preparado para a escola?
– Já ia. Eu não ia preparado... eu fui um bocado... só que eu não sabia escrever, mas...
– Já sabia identificar as letras...
– Já conseguia ver...
– Como é que se chamava esse seu primo?
– Era o José Martins Catarino. Morreu novo. Morreu solteiro. Tinha falta de uma vista, mas gostava tanto de ler, gostava tanto. E a minha mãe também sabia ler e escrever...
– O seu pai que escola é que tinha?
– Nada! Escrevia.
– Escrevia?
– Você sabe o que é que escrevia? Quando era preciso assinar qualquer coisa a gente escrevia num papel e ele copiava. Mas era um homem rude e um homem...
– Mas basicamente fazia a assinatura. Só assinava o nome dele?
– Só assinava o nome dele, mas éramos nós que escrevíamos. A minha mãe não. A minha mãe lia e escrevia.
– Se o seu pai fosse vivo que idade teria?
– O meu pai hoje teria, teria... ora 65... 61, 63... em 63 o meu pai teria à volta de 70 anos. Ele morreu com oitenta anos. Eu já tinha vindo de África. Ele morreu em 75/76. Eu vim

de África no dia 27 ou 28 de outubro de 75. O meu pai deve ter sido em 76, 75, 76. (...) A minha mãe morreu com setenta e tal e eles tinham uma diferença de um ano para o outro.
– A sua mãe que escola é que tinha?
– A minha mãe não tinha o grau, mas escrevia e lia e ensinava a ler.
– Como se chamava a sua mãe?
– Guilhermina Joaquina.
– A sua mãe não foi à escola?
– Não foi à escola, mas sabia ler e escrever.
– E ainda ensinava outros?
– Porque houve pessoas, houve um secretário da Câmara da Sertã que era daqui e as primeiras letras quem lhas ensinou foi a minha mãe, dizia ele. Ele já morreu. (...) Ele não era bem da Sertã, era próximo de Cernache, tinha lá uma quinta. Manuel Canas.
– Então, a sua mãe é que o ensinou? As primeiras letras?
– Não só a ele. (...) Esse tal senhor foi a minha mãe que lhe ensinou as primeiras letras. Ele depois ainda deu aulas naqueles postos de ensino e depois foi para Lisboa, que chamavam a Intendência, esteve empregado na Intendência e depois estudou e ainda foi secretário em Ferreira de Zêzere ou na Sertã. Secretário da Câmara
– Mas a sua mãe de que terra era, então?
– Daqui de Casas da Ribeira. Mas os meus avós, mais antigos, eram da zona de Cardigos, até porque lhes chamava os Cardigos. Não era o nome deles, mas era... A minha mãe era Guilhermina Joaquina, a minha tia era, a minha tia mais nova era Conceição Joaquina, porque a minha avó era Maria Joaquina. E havia a outra minha tia que era a do meio, eram três, o meu avô morreu cedo, e a minha mãe é que me foi contando. (...)
– Pronto, Sr. César conte-me então. O Sr. César lembra-se dessas tias e se elas também sabiam ler e escrever?
– Não, não sabiam.
– Só a sua mãe é que sabia?
– Era só a que sabia.
– E como é que ela terá aprendido?
– Isso é que eu não sei.
– Nunca lhe ouviu contar essa história?
– Nunca, nunca, nunca me contou. Nunca.
– Foi sozinha, foi com a ajuda de alguém?
– Não sei. Eu tenho impressão que ela é autodidata. Explorava (...).
– A sua mãe tinha irmãos ou eram só irmãs?
– Eram só irmãs. (...) Sabe que eu tenho oitenta e um anos... ora, eu digo-lhe uma coisa, eu fui para a vida militar antes da Guerra, não é? Mas foi assim um bocado agitada a minha vida militar, foi agitada, e então...
– Mas diga-me só uma coisa, só para terminarmos aqui esta parte. O Sr. César tem filhos?
– Tenho.
– Quantos?
– Tenho dois. Um casal... um rapaz e uma rapariga.
– E eles que escola têm?
– Os meus filhos naquele tempo, portanto, o meu filho tem o 12.º. O meu filho nasceu em 63. Não, em 66.
– E tem o 12.º ano. E a sua filha?
– A minha filha, essa foi mais mandriona... ela nasceu em 71, maio de 71 e tem...
– Tem a 4.ª classe?

– Não, tem mais, tem mais. Tem mais... mas podia ter mais, porque tem muita capacidade, mas não. (...) Tem o 9.º ano. Acho que fez o 9.º ano, mas agora isso não lhe posso precisar.
– Ok, tudo bem. A sua esposa que escola tinha?
– A minha esposa era do mesmo género, como eu. Tinha a 3.ª classe, mas aprendeu muito comigo e eu também aprendi com ela.
– Ensinou a sua mulher?
– Ensinei a minha mulher. Éramos muito amigos.
– E conheceram-se logo de jovens? Andaram na escola juntos?
– Não. Ela era mais nova do que eu três anos. Mas eu lembro-me e ela dizia: "Não pode ser", mas eu lembro-me. Eu lembro-me dela ter nascido, porque a minha avó materna era a parteira e eu andava ao rabo dela. E ela disse "Vou ali ver uma menina" que tinha nascido, "Uma menina muito bonita" e eu fui à casa dela. Mas aquilo naquele tempo não podia ter candeia no quarto onde estava a criança... as pessoas antigamente já tinham a sua teoria, tinha de ser candeia de azeite, porque o petróleo era toxico. Está a ver? Então, fui lá a casa e vi lá aquilo, embrulhada num cobertorzito lá na cama, porque a minha avó tinha de ir até que não lhe caísse o umbigo, tinha de ir dar banho. E, então, eu fui lá e vi, vi lá aquele coisito. Pronto, "Eu lembro-me de ir lá a tua casa" e ela dizia "Não, não pode ser, com três anos lembras-te lá agora!" Lembro-me!!... eu garotito. Sabe que eu tenho uma memória muito boa. (...) Havia aqui uma família que era de amigos dos meus pais e dizia: "põe o rapazinho a estudar, põe o rapazinho a estudar." Mas não havia, naquele tempo...
– O primeiro dia de escola o Sr. César lembra-se de alguma coisa?
– Não me lembro do primeiro dia de escola, porque era muito novinho. (...) Sabe o que é que eu aprendi a fazer na escola? Da professora dizer: "Vai fazer UUs... ", sabe o que era "UUs"? Eu queria era fazer ponto, ponto, ponto... Ela era muito velhaca para mim.
– Como é que ela se chamava?
– Maria Antónia. Já morreu. Morreu agora há uns três ou quatro anos. Era Maria Antónia Martins se não estou em erro. Sabe que ela era uma rapariga, no meu tempo era uma rapariga e depois ela começou a namorar lá um rapaz...
– Mas essa senhora era regente escolar?
– Era, era. Regente escolar.
– Que idade teria ela?
– Ela agora devia ter um cento e poucos anos. Pois. Ela morreu há seis, ou sete anos ou oito não posso precisar.
– Então, mas quando ela lhe deu aulas a si era uma rapariga nova.
– Era uma rapariga que começou a namorar.
– Foi quando começou a namorar. Vinte anitos? Vinte e poucos?
– Sim, sim. Então, naquele tempo... com uma dúzia de ovos fazia-se muita coisa, de um bocado de carne também. Os meus pais eram pobres, não podiam dar. E então eu era o patinho feio, vamos lá.
– Era o patinho feio?
– Pois, e ela castigava-me muito. Ela não me ensinou nada...
– E o Sr. César acha que era...
– Não, passou-se casos que... quer que eu lhe explique?
– Conte, conte.
– O que se passou foi o seguinte: eu chegava ao pé dela e dizia-lhe "minha senhora"... naquele tempo não havia casas de banho tinha de se ir ao campo... e eu dizia assim: "Minha senhora, quero lá ir fora", "Espera!"... e eu continuava a tentar: "Minha senhora quero lá ir fora." Não era por malandrice, era... mas eu fui sempre um bocadinho ativo, um

bocadinho reguila... e então ela: “Não vais!... Não, agora vai fulano.” E eu já estava a pedir e... e não... ”Vai fulano à tua frente e depois tu é que vais.” E então eu passava manhãs assim, e o que é que acontecia? Eu fazia o serviço nas aulas e ela dava-me surras. É verdade, dava-me pancadaria. E, então, um dia as carteiras eram uns madeirões que tinham um banco todo corrido e ela juntou... os miúdos eram muitos, mandou-nos juntar... nós criancinhas a juntar duas carteiras uma com a outra para caber mais dois...
– As crianças eram demais para as carteiras que existiam?
– Pois... e então, começaram assim...
– Quantos eram, lembra-se mais ou menos?
– Éramos uns oito que estávamos nas duas carteiras.
– Em duas carteiras eram oito?
– Éramos oito...
– E a escola toda quantos alunos teria?
– Aí uns vinte e cinco, trinta.
– Vinte e cinco, trinta. E era uma escola num edifício de escola ou era uma casa particular?
– Uma casa particular. E quando foram levantar a gente larga-se do banco e, e, e... eles arrearam e eu fiquei com uma mão debaixo da carteira, ficou-me lá a unha. E eu, ora, eu queria que eles saíssem, que se levantassem, mas depois começaram-se a sentar. E ela vem de lá, dá-me uma carga de surra que eu digo-lhe com franqueza... ainda hoje fico a olhar como é que uma pessoa fazia aquilo. E, então, como ela me bateu, bateu-me tanto, e levou-me pela orelha lá para... aquilo tinha assim um...
– Um estrado?
– Um estradozinho mais alto e ela leva-me e quando olhou, conforme ela me bateu, deu com a régua de madeira, assim que ela me bateu desmanchou-se toda e o sangue espirrou, então o quê que ela faz?! Dá-me tanta tareia que eu faz-me lembrar... como a um cachorrinho. Ela deu-me murros, deu-me pontapés, ela... e eu...
– E o Sr. César porque é que acha que ela o tratava assim? Mas era o único caso ou havia outros?
– Era o único caso. Ela não prestava para nada.
– Mas o Sr. César tinha ideia, na altura, se era porque era mais pobre que os outros, se era...
– Era mesmo por isso. Fui sempre mais pobre do que os outros. Eu posso-lhe contar a história da escola, porque não tenho vergonha nenhuma! E, então, eu chego a casa e disse para a minha mãe: “Mãe... ” eu já lhe tinha dito várias vezes: “Eu não vou à escola! Eu não vou mais à escola!”, “Vai filho, tens de aprender... ”
– Ah a sua mãe insistia e queria que você fosse estudar?
– “Vais, vais para aprender, para seres um homem.” Então, eu disse: “Não!” Sabe o que eu fazia?! A minha mãe: “Tens de ir para a escola! Tens de ir para a escola!” e eu não ia à escola. Metia-me dentro... naquele tempo os quartinhos eram pequenos, e tinha daqueles bancos de madeira de onde as camas estavam suspensas, não é? E eu metia-me debaixo desse banco, passava lá as manhãs até que eu ouvia os outros miúdos passar lá na rua e era quando eu saía dali... a fazer a parte de que eu tinha ido à escola.
– O Sr. César fingia que ia à escola?
– Pois.
– Para a sua mãe achar que ia.
– Eu disse: “Eu não vou mais à escola. Eu não vou mais lá.”.
– Isso no seu primeiro ano?

– Não fui lá. E, então, foi em 47, se não estou em erro, 1947 e, então, eu vou-lhe dizer porquê. A minha mãe: "Então não vais para a escola?", "Nunca mais! Não vou, não vou." E ela, a minha mãe, os meus pais naquele tempo criaram os correios das aldeias... aquilo foi por concurso... e os meus pais pensavam, porque tinham pensamento "ele é fraquinho!"... a minha mãe nem mamas tinha para me dar leite, não é?! E, então, vieram concorrer para fazer o correio daqui, Casas da Ribeira, Caratão e Santos.
– Casas da Ribeira, Caratão e Santos.
– Eu fazia aquela viagem. Chegava às Casas da Ribeira deixava a mala, chegava ao Caratão deixava a mala e ia para os Santos deixava a mala que eram oito quilómetros daqui. E depois assistia...
– Com que idade?
– Sete anitos. Eram sete, oito anitos. Pois... as ruas de Mação era pó. Eu fazia assim com os pés descalços... eu só calcei sapatos a partir dos treze... e eu fazia assim com os pés, com o pó, com a poeira, porque não havia carros... .havia carros mas eram de bestas, está a ver? Então eu ficava com aquele pó muito fininho, ia assim com os pés... aqui na rua principal de Mação. E então a minha mãe, como eu estava a dizer, ganhou um concurso a ganhar quatro escudos por dia. E, então aquilo era todos os dias: segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e domingo. Eu levava a malita, ia lá aos Santos e assistia à escolita e a professora quando chegava aí às três e meia...
– Então foi quando começou a ir outra vez à escola?
– Foi aí, porque a minha mãe teve de pedir.
– E a sua mãe chegou a saber essa história, que o César não ia à escola?
– Soube, soube. Até levei surras por causa disso...
– Também apanhou da mãe por causa disso?
– Naquele tempo era assim, era assim. Então mas isso... a gente... não estou 'protaquado' por pancadaria... e então fui para lá e lá é que eu fiz... comecei a escola.
– Como é que se chamava a professora, lembra-se?
– Lá a professora era uma senhora que era transmontana.
– Professora ou regente?
– Professora. Lá já era professora, porque sabe que a escola lá...
– Como é que se chamava essa senhora, não se lembra?
– Alice, Alice qualquer coisa que eu já não me lembro. O primeiro ano. Portanto, a minha mãe teve de estar lá a pedir, porque havia lá outro posto de ensino, não era autorizado eu ir para lá, mas ela lá... com um pedido lá arranjaram maneira de eu ir lá à escola.
– E a que distância era isso da sua casa?
– Eu tinha de andar vinte e quatro quilómetros por dia.
– Ida e vinda?
– Olhe, eu tinha de fazer quatro das Casas da Ribeira aqui [Mação] a buscar as malas do correio, porque as pessoas não me davam as malas do correio, tinha de ser uma senhora velha... que era aqui do Casal... que me levantava as malas, porque não me deixavam levantar porque eu era gaiato, não tinha responsabilidade, está a ver?! Mas eu assisti a isso tudo, porque eu comecei a ser responsável muito cedo. E, então, eu levava... ela então trazia as cartas dos correios... os correios eram aqui numa casa, aqui logo à entrada da vila, ali na rua da fonte velha... e eu pegava, a senhora trazia-me as... no verão eram quatro malas... também era a Fadagosa, as termas da Fadagosa estavam a funcionar naquele tempo. Portanto, era Fadagosa, Casas da Ribeira, Caratão e Santos... .da parte do verão, porque era as termas... porque no inverno era só Casas da Ribeira, Caratão e Santos. Eu vinha buscar as malas cá, eram quatro quilómetros, ia para as Casas da Ribeira mais quatro, passava pelo Caratão e ia aos Santos, porque daqui para os Santos são oito.

Portanto, eu andava quatro, tinha vindo para cá, mais oito, doze... e depois vinha fazer a mesma viagem para voltar a casa. Eram vinte e quatro quilómetros.
– Fazia isso a pé, por dia? Com as malas do correio. E era em ombros ou com carrito?
– Não, era com ombro. Com as malas era assim.
– Pesavam muito?
– Não. Pesavam um bocadinho, mas não era muito. Aquilo talvez, ora, elas eram quatro aí uns seis, sete quilos. Eram seis, sete quilos, era o que pesava.
– Uma de cada lado?
– Não... a minha mãe arranjou-me uma saca... que era uma saca de pão.
– De serapilheira provavelmente, não?
– Não, não. Era de cotim. E tinha uma aba e, então, eu levava-os às costas, porque também queria ir a brincar com a minha roda, porque era o meu espaço de brincadeira, era esse... Isso não tenho vergonha de dizer!
– E tinha uma rodinha para brincar?
– Uma roda ou qualquer coisa... Quando era no inverno que fazia muito frio sabe...
– E fazia isso tudo descalço?
– Sempre descalço. E naquele tempo... que o gelo parecia dentes de cavalo, fazia 'troc troc'... Isso eu sei o que passei... muito mal, mas...
– O gelo parecia dentes de cavalo?
– Pois, assim a andar... rangia debaixo dos pés até ao Caratão, você não conhece, fica lá num buraco à beira do ribeiro. Ai isso era muito custoso, muito custoso! Eu quase que nem punha... mas eu levava no inverno, levava uma lata, uma panela velha, aquilo não havia latas como há agora, nunca! Era uma panela que começava a estar rota, que foi quando começou a vir o alumínio, e então levava na ponta um arame, lá com umas brasas e no caminho arranjava sempre lenha pelo caminho, havia sempre muita lenha...
– Fazia uma braseirinha?
– Ia com aquilo lá acesso para poder suportar, porque era muito frio. A roupa também era muito levezinha, sabe? A roupa... a minha mãe tinha uma coisa, ela é que costurava a roupa para a família, ela é que fazia tudo... é que fazia o pão, é que fazia tudo... e tinha uma coisa, ao fim de semana tudo mudava de roupa lá em casa, toda a gente tinha de mudar de roupa. Tínhamos duas mudas, tínhamos uma muda vestida e outra muda lá à espera, o que é que muitas vezes acontecia... como agora assim inverno... para me enxugar era à volta do fogo. À volta do fogo é que se enxugava. Pronto e mais? O que é que quer que eu lhe diga mais, que eu digo-lhe?
– Quero, olhe eu quero voltar atrás um bocadinho àquela conversa. Portanto, não se lembra de nada dos dias de escola? Sem ser essas peripécias que já contou da professora tratar mal... um episódio que se tenha passado, que se lembre...
– Que me lembre? Agora vou-lhe contar isto que... naquele tempo o pão era racionado. O meu pai trabalhava muito para pessoas que lhe davam trabalho e fazia muito milho de terços e o cereal, o centeio e o trigo, eram quilos. Como isto era uma terra bastante agrícola, hoje não há cá nada. Então, o meu pai arranjava pão, e então o problema dele era ter pão para os filhos, em havendo pão em casa estava tudo bem... porque havia o racionamento, então quando a gente queria levantar ali a senha para...
– No tempo da guerra?
– Pois. Tinha de se ir levantar... penso que até 49, foi até 49 essa coisa... tínhamos de levantar a senha do... ou mais até... e o açúcar foi o Craveiro Lopes é que passou o açúcar... e então eu estava para ir à padeira, mas como eu fazia o transporte do correio... e eu fazia os mandados... eu era pobre mas eu fui... era rico! Que é que acontecia? Acontecia que as pessoas mandavam-me fazer recados. Recados "traz lá o pão da padaria tal."

Então... mas a fulana era a melhor, porque aqui havia uma senhora que era Augusta, que tinha lá uma padaria, e quando eu lá ia buscar o pão ela fazia sempre assim um contrapeso, que era um contrapeso naquele tempo... e ela cortava uma de cabo-a-rabo... ”esta é para ti”... e eu levava o pão lá para as pessoas, custava três e trezentos um quilo de pão.
– Três escudos e trezentos?
– Era. E, então, quando ia para a escola a minha mãe como eu era fraquinho e muito miudinho... quase que se me viam as tripas da barriga, que ela era mesmo fininha. E então o que é que acontecia?
– O Sr. César lembra-se de passar fome?
– Não passei fome. Não comia era aquilo que eu queria! Aquilo que devia de ser. Passar fome não passei. Isso os meus pais, muito pobrezinhos, mas fome não passei. E depois posso-lhe dizer até mais coisas a respeito de fome. E, então, quando íamos no caminho essa tal minha madrinha houve um ano que me comprou... foi quando eu fiz a 4.ª classe... ela comprou-me uma bolita assim de borracha, naquele tempo era as forradas de meia e fazia-se...
– A sua madrinha?
– A minha madrinha. E, então, a gente quando íamos no caminho e chegámos a meio do caminho havia lá um largo e sabe o que é que acontecia? Fazíamos lá sempre um pé de dança, ficámos lá um quarto de hora ou coisa assim a jogar, a dar pontapés na bola, porque naqueles quatro quilómetros a gente divertia-se um bocadinho. E eu jogava com os outros, eram uns 7 ou 8 que lá estavam na escola dos Santos. Porque das Casas da Ribeira depois iam para a escola dos Santos, porque quando faziam a 3.ª classe depois iam para os Santos fazer a 4.ª classe.
– Porque tinha a professora lá?
– Pois. E então quando era no caminho, eles eram mais velhos do que eu, e outros quando foi na 4.ª classe já eramos todos pouco mais ou menos da mesma idade, andávamos sempre ali um bocado na brincadeira no cruzamento da estrada para o Caratão, no caminho... naquele tempo aquilo não era estrada... e eles diziam assim: “Ouve lá... ” aqueles meninos que pensavam que eram mais ricos... que eram ricos, mas não eram ricos, eles eram pobrezinhos: “... queres trocar o teu farnel com o meu?”, e eu dizia para eles... levavam então chouriço... e na casa do meu pai o chouriço era para ele que tinha de ir trabalhar agarrado ao rabo da enxada, não é? E um bocadinho de queijo, um rabo de sardinha embrulhado numa folha de couve e pronto, a coisa... E, então, o que é que acontecia? Eu dizia: “Oh pá, eu troco... eu troco” porque eles comiam aquele pão de centeio, que já não é do seu tempo, mas era muito saboroso, aquele pão era muito saboroso, era um pão assim escuro e eu dizia: “Eu troco... ”, o meu era de trigo, o deles era de rico, mas comiam broa, e eu dizia assim: “Eu troco, mas tenho de ficar com os dois condutos, porque a tua broa custa muito a comer, arranha aqui a garganta toda”... porque a deles era com a peneira ‘cagona’ (risos)... e então aquilo ia farelos e tudo...
– Chamavam a isso a peneira ‘cagona’, era?
– Porque aquilo tinha a malha muito aberta. A minha mãe tinha uma peneira, tinha... a broa da minha mãe... eu ainda hoje tenho saudades dela. Havia uma irmã minha que já morreu, que era a mais velha, que também fazia o pão e fazia broa idêntica à da minha mãe, porque a minha mãe fazia um lote que ela lá tinha na coisa dela... era um X de milho e um X de centeio, portanto aquilo ficava uma broa mimosa, assim... Eu gostava muito dela, mas a do outro não, mas eu comia, mas o que eles queriam mais não era a broa, a minha broa eles não queriam... e eu chegava à noite, no tempo das aulas, era sempre à noite que eu chegava a casa, e chegava lá deitava o farnelito mas ia lá o pão, a broa deles eu não comia, era para dar aos porcos. E então dizia assim a minha mãe: “Ouve lá ó

menino”... a minha mãe tinha muito o género “Ó menino”... ”Olha lá menino, anda cá, eu não te mandei broa, esta broa veio da onde?”, “Oh mãe, eles pedem para trocar comigo.” E queria era o chouriçozito...
– Isso tudo na escola?
– Na escola. Eu andava na escola e andava a trabalhar!
– Já percebi. E tem ideia do edifício? Lembra-se como é que era a sala? Era uma sala, eram duas?
– Uma sala, não uma escola. A minha professora da 4.ª classe tinha setenta e tal alunos.
– Todos na 4.ª classe?
– Não. Da 4.ª classe eram só vinte e sete. Eram vinte e sete. Vinte e sete.
– Mas 70 alunos na escola... era na escola ou era uma sala?
– Era só uma sala e era só uma professora.
– E já me falou que na outra escola eles amontoavam-se nas carteiras...
– E lá também, lá também.
– Havia miúdos no chão?
– Não, no chão não.
– Mas mais do que dois em cada carteira?
– Então aquilo era amontoado. Eram quatro, três, quatro e cinco. Era o que havia, e tinha de se estar ali...
– E o que é que tinham para escrever? Era a pedrinha?
– Era a lousa e era o lápis que era aqui do campo, logo ali, ali apanhava-se e há aqui uma terra que é a Carregueira que ainda hoje se chama a Terra do Lápis. Porque então, lá também nas Casas da Ribeira ao pé da Ribeira...
– A Carregueira é a Terra do Lápis?
– A Terra do Lápis, porque era só lousinha... aquela lousa. E, então, a gente arranjava um bocado daquela pedra e ia com o cavaquito e fazíamos um lápis, um lápis de pedra que era para escrever na pedra. E quando acabava... isso, lá está, a economia... quando acabava, naquele tempo era assim, naquele tempo não se escrevia tudo, só quando era para escrever uma coisa assim numa prova é que se escrevia no papel, é que se escrevia no papel com uma caneta e um aparo a molhar.
– E isso davam na escola ou eram vocês que tinham de arranjar?
– Lá está... a tinta, a tinta a gente pagava dez tostões por mês que era para a caixa escolar, mas o rico é que tinha direito àquilo... o César não. Naquele tempo havia uma distinção muito grande, ainda hoje há aqui pessoas que “Porque é que tu és assim?”, “Porque eu sei por o que é que passei”. Eu aqui em Mação fui humilhado muita vez: “És do termo!”... eu era do termo... do termo era como se fosse... porque era do termo. Mas eles não eram mais espertos do que eu, mais inteligentes do que eu, mas... rebaixado! Quando comecei a ser homem, tinha uns dezasseis anos, quando fui para a resina, andava na resina, andei sempre na resina até ir para a tropa. Só tive um patrão e, então, aquilo... eu tinha de fazer aquele serviço por dia, a resina era assim.
– Então acabou a escola primária e foi trabalhar para a resina?
– Depois fui para a resina... para as minas. Eu fui muito para a mina mais um senhor que já morreu. Minas, lagares.
– Teve vários ofícios?
– Não, nunca tive falta de patrões, sabe? É isso que me admira, nunca tive falta de trabalho. Sempre tive trabalho. Sabe o quê que lhe ia dizer? Andava na resina e quando acabava o serviço, levantava-me sempre às seis horas no verão e, então, era mais fresco ia lá para o pinhal e andava a resinar, quando era ali por volta da uma hora ou coisa assim, eu vinha lavar as mãos, porque a resina sujava muito as mãos, lava de maneira e às vezes

ia dormir uma sesta (...) e outras vezes eu vinha aqui, quando era às segundas-feiras, de quinze em quinze dias, havia aqui mercado, uma feira como as feiras de agora. Naquele tempo o mercado, quinzenal, era mais do que umas feiras daqui que são de três em três meses e, então eu vinha para aqui, e eu fazia... fazia, era próprio... fazia uma gracinha, dizer, ainda hoje gosto de dizer uma coisinha para uma senhora... quem é que é a senhora que não gosta de ser elogiada? Então elas, aqui em Mação... mas eu ouvi dizer e elas sabem... um 'maçanico', não é um 'maçaense', um 'maçanico' porque aqui há duas raças... as 'maçanicas' diziam assim para as raparigas que me davam paleio, elas diziam assim: "Ah, estás a dar paleio a isso?! Isso é do termo, não presta... "
– Do termo?
– Era do termo, não presta, que era uma maneira de rebaixar. Os 'maçanicos' e os 'maçaenses'... porque o 'maçanico' é originário de cá, já são poucos, mas não prestam para nada. Eu vou-lhe dizer... 'o maçanico'... há manuscritos que eu apanhei aí, de casas velhas, que um 'maçanico', aqui Mação... era uma terra mal afamada, era uma terra mal afamada...
– E o motivo qual é?
– Sabe?! Aqui as mulheres quase todas não conheciam só o marido...
– E era por esse motivo?
– Mesmo hoje há aí certas pessoas que dizem: "Antigamente lá em Mação aquilo era... "
– Isso eram os 'maçanicos' então?
– Isso era da raça 'maçanica'.
– E os maçaenses, então?
– Os 'maçaenses'... é todo aquele que adoptou isto aqui como terra, assim como eu... porque a maior parte de Mação... a maior parte ninguém é de cá. Mesmo já os antigos que, quando foi com o 25 de Abril, venderam tudo quanto por aí tinham, fugiram, não eram originários de cá. As grandes casas, não eram originárias de cá. Há aí a casa Mirrado, mas eu até tenho impressão que ele é originário judeu... os 'marrões'! (risos) Aqui, eles, negociavam em lãs, tinham aí a fábrica de lanifícios, os Mirrado, e tem a fábrica destruída lá em cima. Mas eles não sabem a lã, de onde é que vinham... eram judeus (...) e isto é universal, é do país mesmo... o judeu onde é que assentou arraiais? Covilhã, Belmonte... ali aquela parte onde ainda hoje lá há a judiaria... se eu lá passar vou lá, gosto de lá visitar a judiaria, sou muito curioso (...). E essa gente... deu uma reportagem na televisão das fábricas de lanifícios que lá há havia... e eles vieram...
– E esses são considerados 'maçaenses'?
– Isso é tudo maçaenses... se alguém vier aqui de Mação, você note aquilo que eu digo... o sotaque (...). Palha... palha, você diz palha, não é? Os 'maçaenses' não dizem palha, dizem 'pêlha'... está a ver? É diferente.
– Mas isso é 'maçanico'?
– É maçanico! Ali onde eu vivo aquilo é Mação antigo... Eu não herdei, não herdei nada nada, porque os meus pais não tinham para me dar, mas o que arranjei fui eu e a minha falecida. Comprei a minha casa, onde eu moro a casa é minha, comprei-a, gastei lá muito dinheiro, trabalhei muito, fui sempre muito aventureiro, porque eu deixei a minha mulher parida de meses e fui para África, já lá tinha estado. Eu estive lá quatro anos na guerra, mas voltei novamente para a zona da guerra e é assim que se ganha a vida. Está a perceber? Isto é muito importante, mas sempre lá vivi e nunca tive problemas.
– E esteve onde?
– Eu estive em Angola. (...)
– Sr. César, os seus coleguinhas de escola... lembra-se de algum, ou manteve contacto com eles?

– Não. Já não. Já quase todos morreram.
– E na escola tinha alguém que estava ao seu lado na carteira? Iam variando, foram sempre os mesmos?
– Não. Aquilo era um lugar... em que cada um tinha o seu lugar. Sempre fixo.
– E não se lembra quem é que estava ao seu lado?
– Lembro-me, mas coitados eles não estão cá, eles já abalaram. Ainda hoje perguntei a uma pessoa por um indivíduo e ela disse: "Não... já morreu há uns poucos de anos", disse: "Olha, só tinha mais um ano do que eu esse rapaz."
– Da sua geração. O Sr. César lembra-se... pronto, já me falou dessas duas professoras...
– Foi. Eu tive três. Tive essa professora Alice, depois foi-se embora.
– E quem é que lhe fez a 4.ª classe?
– Veio uma senhora, que era Amélia Cavaco. Morreu no Entroncamento. Uma senhora que não tinha filhos, mas era muito boa senhora.
– E também era professora?
– Essa era professora. Muito boa professora.
– Foi com essa que fez a 4.ª classe?
– Não. Veio a Alice e depois essa Cavaco foi embora, e veio uma que era daqui, que era dos Santos, que era mesmo natural de cá, que eu vou-lhe dizer tudinho, tudinho, tudinho. Que foi o primeiro ano em que ela dava aulas e foi, como já lhe disse, ela dava a vinte e sete, fomos a exame vinte e sete, mas...
– Como se chamava essa senhora?
– Angelina Augusto Morgado e até sei onde ela morava, agora não sei se ela já morreu se não, mas gostava de a ver. Ainda é viva. Ainda não tenho notícias que ela tenha morrido.
– Que idade é que terá a senhora?
– Essa senhora, portanto, tem noventas e tais. E ela deu durante muito tempo aulas na Roda.
– E apanhou-a no 1.º ano?
– Na 4.ª classe. Na 4.ª classe. Com essa é que fiz a 4.ª classe. Ela era daqui, casou para a Barquinha com o Manuel Aparício que também negociávamos nós também azeites e... eram daqui, mas foram para a Barquinha e ela como eles eram daqui e ela era professora lá conseguiram engendrar um casamento e casou para lá para a Barquinha, casou na Barquinha, mas foi professora na Roda muito tempo e...
– A Roda... aquela ao lado da Barquinha?
– Da Barquinha. (...) Foi ela que me fez a 4.ª classe.
– E destas professoras todas lembra-se as que gostou, as que não gostou?
– Eu gostei de quase todas. Portanto, elas batiam muito mas eu gostava muito delas, sabe porquê? Eu também sei avaliar. Já viu o que é uma senhora estar com sessenta, setenta alunos numa sala todo o dia? E se fossem todos da mesma matéria? Mas agora tinha de ir para... e depois...
– E acha que elas eram boas professoras a ensinar? Sabiam?
– Sabia... O que era é que era sempre tudo muito à força. Para já, hoje uma professora... enfrentar um bocadinho... garranos... amansar... eles andavam aí à solta no meio do mato e prendê-los para ir para a escola... Toda ela tinha lá aquela... era a 3.ª, era a 4.ª, era a 5.ª... era a 1.ª, a 2.ª, a 3.ª e 4.ª, aquilo era preciso ter uma paciência de jó!
– As turmas, lembra-se se tinham rapazes e raparigas?
– Era tudo junto. Tudo junto. Era mista. Isto era tudo misto.
– E elas... umas castigavam mais do que outras? Era tudo igual?
– Não, era a mesma coisa.
– E elas incentivavam quando havia alunos que faziam um trabalho bem feito?

- Não, quando não faziam o trabalho bem feito levavam um enxerto. Era assim!

– A prova de que faziam bem feito era não levar...
– Era não levar!!
– Mas darem um incentivo, ou darem um elogio, ou incentivarem o aluno a fazer melhor, não tem ideia?
– Elas não tinham disposição para isso. Sabe uma coisa que elas faziam? Essa Angelina Morgado, essa senhora quando era na 4.ª classe, e levava alguns à admissão, naquele tempo era preciso fazer, quem quisesse tentar estudar... tinham de fazer a admissão aos liceus e ela ainda dava a mais uns quatro ou cinco...
– Levava alguns para casa, não era?
– Levava para casa. Mas isso na 4.ª classe, levava-os para casa e ao sábado, domingo, feriados. Ia para o campo connosco, quando estava na primavera... mas ensinavam bem... depois tinha outra coisa, sabe? Depois disso tudo, quando eu ia levar a mala lá aos Santos, quem é que era o senhor que recebia a mala do correio? Era o senhor que tinha oitenta e dois anos, que tinha sido o que fundou a escola de Santos, que ele é que a construiu naquele tempo... e depois oferecia ao Estado para ele ficar lá.
– Quem era esse senhor?
– Era o Luís Aniceto da Silva.
– O Luís Aniceto era o dono da escola?
– Era o dono da escola. Foi ele que a construiu no que era dele, junto à casa, para ficar lá professor. Não fez só essa escola. Fez outra no Vale do Grou para uma filha dele que era professora, para ela ficar lá. Oferecia a escola para ficar... a escola era dele... o Estado dava-lhe essa... Não quero saber de políticos, mas naquele tempo... a gente deve-se sentar um bocadinho e ver a história. Dizem muito mal do Salazar, mas o Salazar ele era lixado e o que fazia, fazia bem. E olhe que eu fui prisioneiro da PIDE.
– Foi prisioneiro da PIDE?
– Fui prisioneiro da PIDE, mas digo-lhe uma coisa, você ainda hoje vai aí a aldeias onde estão os edifícios da escola, os edifícios da escola foram construídos no tempo da miséria...
– E o Sr. César andou já nessas? Essa escola onde andou nos Santos era essa escola?
– Essa escola que foi fabricada... ele, o professor, é que...
– Mas parecia uma casa? Era uma escola parecida com as outras?
– Não, uma casa, uma casa de duas águas, mas era sobre o comprido, tinha uma sala, tinha lá dentro tinha... não havia casas de banho, depois tinha uma parte que era para quando estava a chover...
– Um alpendre?
– Para resguardar, para a gente pôr um casaco. Uma casa... talvez como esta sala aqui.
– Cheia com carteiras?
– Tudo! Com carteiras, com os quadros...
– Tinha fotografias do Salazar e...
– Tinha sim senhor, e o Carmona.
– Crucifixo, tinha?
– Tinha tudo. Isso.
– Os mapas?
– Não sou contra isso, o crucifixo lá, porque...
– E rezavam na escola?
– Rezávamos, rezávamos.
– Lembra-se de alguma coisa que lá se fizesse todos os dias?
– Todos os dias.

– Como é que era o ritual?
– O ritual... todos os dias se fazia uma oração. Isso... eu não sou contra isso.
– Ainda se lembra qual é que era a oração?
– Era o Pai Nosso.
– Era o Pai Nosso. E cantavam?
– Algumas vezes cantava-se, cantava-se assim umas... mas isso eu estava todo ansioso era para sair lá da escola, porque a gente éramos passarinhos que estávamos habituados à solta. Hoje eu tenho umas netas-sobrinhas que eu admiro como é que elas estão ansiosas para ir para a escola. Naquele tempo não! Ir para a escola era uma coisa... era lixado! Mas tínhamos de aprender, tínhamos de aprender! Aquilo era muito complicado, mas digo-lhe uma coisa, eu não, não tenho qualquer remorso de qualquer professor, só daquela, só aquela é que me bateu, deixou-me muito desgostoso e ela sabia disso...
– E a sua mãe não tinha opinião sobre isso? Os seus pais sabiam disso?
– Sabiam.
– Que ela lhe batia?
– Sabia. Então fui obrigado a dizer-lhe, por isso é que...
– E a sua mãe depois o que é que achava disso?
– A minha mãe era muito tolerante. Mas a minha mãe era... eu nem a sei descrever. Ela era quase uma mulher-homem, sabe? Mas era muito doente. A minha mãe era muito doente, tanto que eu fazia, aquele serviço nos correios era feito todos os dias, todos os dias... e eu aos sábados e ao domingo, porque naquele tempo trabalhava-se aos sábados e tudo... mas eu ao domingo dizia: "Oh mãe eu hoje não vou levar o correio"... e ela dizia assim, quando ela lá estava entrevada... porque eu queria ir jogar à bola... lá com os outros: "Tens de ir filho"...
– E fez esse serviço entre que idades?
– Desde os sete anos até aos doze... porque eu depois saí da escola, mas ainda fiquei... porque aí eu já estava por conta do tal Aniceto da Silva, e então eu tinha de ir para casa porque ela dizia assim: "Tens de ir... tens de ir ganhar para a cozedura"... você sabe o que era a cozedura? Porque eu ganhava para o pão, que era cento e vinte escudos por mês que caíam lá, aquele dinheiro caía lá! Isso era importante, era uma ajuda. Porque naquele tempo um homem ganhava dezoito escudos... mas olhe, o Professor Aniceto da Silva foi um homem que me ensinou muito, da vida! Porque eu andei na escola, mas... muitos dos que andaram na escola comigo não... não sabiam certas e determinadas coisas que eu aprendi com esse professor. Quando a professora dizia eu já sabia!
– E como é que aprendeu com ele?
– Porque ele era professor.
– Depois de sair da escola primária?
– Pois, pois. Foi sempre, desde pequenino, que eu ia para lá levar-lhe a mala do correio e ele sempre me acompanhou também.
– O Sr. César ia lá levar-lhe o correio?
– À casa dele. Era aqui, e a escola era aqui. Estavam pegadas uma com a outra, e a parede era gémea, está a ver?
– E essa terra como é que se chamava?
– Santos. E olhe, o filho dele foi muitos anos o chefe dos correios de Torres Novas. Era o Silvestre Aniceto da Silva e há por lá família dele com certeza, ainda lá há gente dessa. Mas esse senhor... ele era baixinho mas fazia tudo. Fazia de sapateiro, fazia de alfaiate, fazia tudo. E então ele dizia assim: "César... ", lá havia muitos negociantes de gado, lá nos Santos, e ele dizia: "Está aqui estas cartas, vai levar a fulano que ele vai dar-te um tostanito", está a ver? Sabe quanto era um tostão? E depois estava lá um comerciante que tinha

lá uma loja e as filhas eram todas... e ele dizia assim para mim: "Olha, tu vais agora a casa do senhor... não digas José Pimpão", porque lhe chamavam José Pimpão, e ele dizia assim para mim: "Olha, vais levar isto lá às meninas à casa do Sr. José Pires. Dizes: Oh Sr. José Pires trago-lhe aqui esta carta para a menina Maria Luísa ou para a menina Olivia. Se tu disseres assim, se for ela dá-te uma moeda branca, e se for ele também não te deixa atrás." E então eu ficava todo vaidoso... Lá ia eu: "Oh Sr. Zé, olhe eu trago aqui o jornal", porque ele assinava o jornal, o Diário de Notícias, "Oh Sr. Zé trago-lhe aqui o jornal de notícias e trago esta carta para a menina Maria Luísa." Ele ia lá à gaveta, porque naquele tempo era a gaveta do dinheiro, não era registado e, então, eu ia lá dar a volta a levar as coisas... quando não estava na escola, mas eu ia dar a voltinha... e chegava lá: "Então como é? O que é que eles te deram?", "Então, fulana deu-me isto... " e eu tinha dinheirinho. E ele dizia assim: "Agora dá cá esse dinheirinho", tinha lá um blocozinho, e ele apontava. Chegava a ir lá uma senhora daqui, que era lá parente do meu pai, ia lá com o carro, com uma mula ou um macho vender cotins, panos crus, aviamentos, aquelas coisas todas e ele chegava: "Olha, está ali a senhora Dionísia vamos lá. Vamos comprar-te aqui umas calças de cotim." Pronto, eu chegava lá, "porque já cá tens doze escudos ou coisa assim" e dizia assim, lá comprávamos, chegava lá: "Quero aqui fazenda para o César, para fazer umas calças." Lá via: "Olha, estas ficam-lhe bem", "Então vá." Os aviamentos, não sei se sabe o que eram os aviamentos? Eram botões, eram as linhas, eras os forros. "Então quanto é que é?", ele pagava e era assim: "Olha, que agora já ficou cá só tanto." E, então, lá levava aquilo e ele dizia assim... havia uma senhora de lá que tinha vindo da América e que trabalhava muito aqui para Mação, costura, e era uma costureira... trabalhava muito para costura. E ele dizia assim para mim: "Vais agora levar isto à D. Maria." A senhora era a D. Maria, ela era costureira. E: "Vais lá, dizes que é para fazer umas calças. Ela tira-te a medida, tal tal... Vai lá!", dizia ele. E, então, eu ia lá...

– Esse tal senhor professor?

– Sim.

– E ele ensinava-lhe algumas coisas, assim?

– Ensinava. E, então, eu ia lá e como eu fazia recados da senhora, levava daqui roupas para ela arranjar e trazia de lá para entregar aos clientes e aquele senhor. "Está aí o papel com tanto." Então ela não me levava nada e tanto era as calças como uma camisa. Ensinou-me... e sabe o que é que ele me dizia muita vez? Eu era miúdo... quando se é miúdo é um passarinho que não pensa... e ele dizia assim: "Oh César, sabes o que é que faz falta a mil escudos?"... você não sabe também... .é um cêntimo, hoje é um tostão. "Olha, um tostão. Mil escudos se não tiver lá um tostão já não é mil escudos. São novecentos e noventa e nove"... ensinou-me assim muita coisa...

– Então foi esse professor que o incentivou?

– Sempre me ensinou. Ele foi professor, mas não foi meu professor.

– Não foi na escola, foi um professor fora da escola.

– Ele dizia assim: "Oh César, sabes... " Ele fazia tudo, ele era um professor muito completo...

– Mas diga-me uma coisa, esse senhor, então era o dono da escola?

– Era. Ele ofereceu a escola ao Estado.

– Ao Estado, para depois virem aquelas professoras. Mas começou por ser dele, ele deu lá escola?

– Ele começou.

– Portanto, isto tudo passou-se quando ele estava reformado?

– Já reformado, já reformado.

– Diga-me o nome completo desse senhor outra vez.

– Luís Aniceto da Silva.
– Que idade ele tinha?
– Oitenta e dois anos, porque ele dizia assim para mim: "César, olha que eu já fui quatro vezes às sortes e mais dois"...
– Quando o César tinha oito?
– Tinha dez anitos, dez ou doze anos: "Olha que eu já fui quatro vezes às sortes." Sabe o que era as sortes? Era ir à inspeção para ir para a tropa e ele dizia: "Já fui quatro vezes e mais dois", já tinha oitenta e dois.
– Desses professores todos, então, as que foram da escola e... os fora da escola... pode dizer que foram pessoas que decidiram a sua vida? Que marcaram o resto da sua vida?
– Ajudaram-me, ajudaram-me, sim. Ajudaram-me sim. Ajudaram-me sim senhora.
– Sente que o ajudaram?
– Não tenho dúvida que foram, se não fosse impulsionado por isso e por as pessoas... e sabe? Sabe uma coisa muito importante? É que, a respeito desse professor, sabe que ele pegava num pau e dizia assim: "Oh César, sabes cubicar este pau?" Portanto, já tinha lá as coisas e dizia assim: "Este pau tem um metro, daqui na base tem vinte centímetros, aqui tem dez como é que vais cubicar isso?" Ele tinha lá um papel que depois me dava... está a ver? E então sabe? Aquilo era um cone... eu tinha de fazer... primeiro ele tinha-me explicado "Faz-se assim, faz-se assim, faz-se assim... Olha, tu tens de fazer a soma daqui e daqui e divides depois por dois e dá-te o raio e aqui raio vezes raio, 13, 14, 16 e vês o cumprimento se tem um metro, se tem dois e, então vais encontrar... "
– Ele ensinava-o a tirar medidas, era isso?
– A cubicar. A cubicar. Não era só nesse caso. Por exemplo...
– Tudo isso nos bocadinhos em que o César ia entregar a carta?
– Eu não entregava a carta, eu ia entregar-lhe as malas do correio. Como não havia escola eu estava lá sentado. Ele tinha um 'pial' cá fora, porque ele dava lições a adultos, a indivíduos que tinham andado na escola e que queriam concorrer a carteiros ou isto ou aquilo... homens já de família e que queriam ir para Lisboa para a Carris ou para isto, ou para aquilo e, então, iam lá fazer uma reciclagem. Mas eu sempre acompanhava o que ele... ele então para matemática era lixado. Ele começava a fazer numa folha de caderno uma conta, uma conta cumprida, cumprida, cumprida... "custou tanto, a galinha pôs tantos ovos e... ta ta ta ta ta" ...foi quem me ensinou.
– Sr. César, voltando aqui a umas perguntinhas... lembra-se do horário da escola?
– O horário da escola era oito e meia, nove horas ia-se para a escola. Mas eu como tinha de fazer o trabalho, eles ainda lá ficavam, eu ia às três e meia e tinha de vir, porque eu tinha de entregar aqui as malas no correio.
– E ao fim de semana ia à escola?
– Não. Ao fim de semana não havia escola. Havia a escola, quando foi na 4.ª classe aí é que... nessa altura é que já tive que ter mais tempo disponível, porque a professora...
– Os seus pais sempre foram a favor que o César...
– Não, era uma coisa que os meus pais tinham... era muito orgulho no filho mais novo.
– Sempre gostaram que o César fosse à escola?
– Não... olhe, sabe, e o filho também os recompensava... olhe, eu disse-lhe à bocado... eu era pobrezinho e era o mais rico da povoação. Naquele tempo havia lá muita gente, e o meu pai... nós, quando fomos à inspeção éramos doze, fomos doze militares, e eu era o mais rico deles todos. Era o mais pobre e era o mais rico. Sabe porquê? Porque eu aproveitava tudo e mais alguma coisa. Eu estava na resina, depois vinha... chamavam-me o Zé da Viúva (risos)... .porque era assim: havia lá aquelas senhoras, coitadas, queriam fazer o... plantar umas couves, queriam fazer lá qualquer coisa na horta "Oh César... " e

eu, como saía cedo do trabalho, saia-me do corpo... “Não vais cavar ali um bocadinho? Olha, precisava disto assim. Olha... ” e, então, eu ia, mas sempre tinha alguma coisa. Eu fazia um favor, um recado... ainda hoje gosto de fazer... elas sabem aí bem. Não conhece a professora de espanhol, não?
– Não, não.
– Todos os alunos. Quando ela precisou de um... eles todos apontaram para o César, “César... !”, só se eu não puder, se não tiver possibilidade. Mas eu noto isso e eu gosto, gosto disso. Eu... está ali escrito naquela árvore “O outono da vida”, não é?! Mas nunca fui poeta, nunca fui músico, nunca fui nada, não é? Mas está lá... pode ver o que eu lá escrevi.
– Tem de me lá ir mostrar depois desta conversa, está bem? Só aqui para terminar. Então o trajeto que fazia era aquele que já me contou, aqueles vinte e tal quilómetros. A comida, o que é que se lembra de comer? Já me falou um bocadinho daquelas trocas e baldrocas...
– Isso era lá na brincadeira... isso aí era o farnel.
– Não se lembra nunca de darem lá na escola alimentação?
– Não.
– Ajudas? Era cada um por sua conta?
– Era. Tudo por sua conta.
– Cada um é que levava a sua merendinha?
– Era, era, era. Era sim senhora.
– E as merendas que o César costumava levar, lembra-se? Além daquela que já contou...
– Era um bocadinho de pão... e era um bocadinho de conduto... ou queijo, o queijo fazia parte da vida...
– Fazia parte da vida?!
– Um bocadinho de queijo... mas não se comia queijo. Sabe como é que era? Era só a lamber... porque se não for, porque se fosse assim a trincar logo, não! Era só assim a... para dar gosto na boca, está a perceber? Isso é verdade. Aquele queijo...
– O queijo lambia-se... não se comia?
– E tinha de ter picante para durar muito. Você não sei se já reparou, mas eu tenho a minha vida, eu para lhe contar, por exemplo, não estou a mentir... Você não sei se já foi para algumas aldeias, que você vê em cima nas janelas, na borda das janelas, pelo menos nas casa do 1.º andar, casas antigas... e têm umas pedras saídas para fora, você não sabe para que era isso? Não sabe?
– Para namorar?
– Não era para namorar nada! Aquilo está nas janelas e tem duas pedras assim saídas para fora... era para pôr o pão a secar, para não ganhar bolor e para quando era para comer enchia mais, porque depois estava seco. Mas isso é a verdade dos antigos. Vocês nem sabem... era por isso. Agora quando eu lhe disse, eu todos os manuscritos antigos que eu apanho aí que às vezes deitam para o lixo, eu se vir lá qualquer coisa escrita, tenho livros até que apanho no lixo, tenho lá... eu ofereço livros à biblioteca, livros que me custam 40, 50€, mas depois de eu os ler eu vou lá entregá-los à biblioteca, porque... vou-lhe dizer porquê... porque nessa coisa, eu apanho assim os papelinhos, eu tenho lá mapas...
– Mapas de escolas? Coisas escritas?
– Coisas de escolas.
– Coisas escritas... já não tem nada de recordação?
– Já não tenho nada. Eu, quando foi naquele tempo em que estava aqui a trabalhar na fábrica, a minha mulher já lá trabalhava e eu fui para lá trabalhar, eu vim da guerra em 63 e depois andei por aí assim um bocadito e, então... eu gostava muito da minha mulher... muito, muito (...).

– Sr. César, lembra-se das brincadeiras que tinha lá na escola? O que é que faziam? Ao que é que jogavam?
– Jogar à bola... brincávamos ‘chamar à marrã’, sabe o que é? Era com uma pinha... com uma pinha dos pinheiros, fazia-se assim, agora depois chamavam-lhe a macaca...
– Era ‘marrã’ que chamavam?
– E era jogar ao belho. Sabe o que era? Jogar ao belho. Era com dois pinos de um lado e outro e jogava-se uma malha para derrubar... e era jogar à bola com a meia cheia de... e as nossas brincadeiras era isso. E era jogar ao alegrete. Sabe como é que é o alegrete, não sabe?
– Alegrete?
– Alegrete, sim. É assim num quadrado e depois faz-se uma cruz assim e por vezes assim, e depois cada um punha três pedras e depois era ver o que conseguia dominar... tinha uma aqui, outra aqui e outra aqui...
– O galo. O jogo do galo. Chamavam-lhe como?
– Era o alegrete. Era. Naquele tempo era o alegrete. Pois é... fico-lhe muito obrigado pela sua atenção...
– E eu igualmente. Obrigada por este bocadinho. Ainda tinha aqui mais umas perguntas para si, mas pelos vistos temos de ir embora, porque eles querem fechar aqui a universidade sénior... eventualmente, eu peço-lhe para nós terminarmos estas perguntas... o senhor César não se sentia capaz de responder por escrito a estas coisas, não? Gosta mais de falar?
– Eu gosto mais de falar... gosto mais de falar...
– Está bem, está bem. Então depois nós falamos.
– Sabe porquê?... eu sou pequenino... assim a escrever, fico sempre a tremer... e depois você não ia entender a minha... olhe, isto são os termos e costumes cá da terra, que eu estou a escrever.

– Darlinda Martins Lourenço Saragoça –

Naturalidade: Vales (Cardigos, Mação)
Data de nascimento: 01-01-1950
Residência actual: Vales (Cardigos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.º classe

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Vales (13-11-2019)

– Não me posso esquecer de dizer que antigamente não só ensinavam mas educavam... é verdade.
Porque antigamente os miúdos... eu não era capaz de ser professora, confesso, não tinha paciência, sabe porquê? Porque se eu dissesse a um miúdo "Tá quieto! Não fales!", eu ficava nervosa...
– Mas a Darlinda ainda foi professora?
– Não, não fui! Eu só tenho a 4.ª classe. Os pais educavam bem os filhos antigamente, tinham muitos filhos mas educavam-nos bem: "não desobedeces à professora." Agora?! Os pais é que dizem para os filhos: "Vê lá se a professora... nha nha nha... " e ainda vão bater na professora! (risos) Veja lá como é que isto voltou tudo ao contrário!
– É... é um bocado horripilante, é. Porque antigamente era um certo extremo, também, que era demais, não é?...
– É! Também era demais...
– Mas agora também caímos numa espécie de um... laxismo... nem sei o que chamar a isso.
– Ainda ontem vi ali na televisão eles estarem a mostrar jogos de antigamente, e eles a mostrarem que os professores se os viam eles tinham de se esconder porque tinham de estar a estudar. E é o país todo assim...
– Diga-me lá o seu nome completo.
– Darlinda Martins Lourenço Saragoça
– Saragoça não é um nome aqui muito comum... é nascida e criada aqui nos Vales?
– Sim, sim. Só fui para África aos 19 anos, quando casei.
– Data de nascimento?

– 01-01-1950 (...)
– Então a Darlinda tem a 4.ª classe? Andou na escola?
– Tenho a 4.ª classe. Claro! Eu só andei os 4 anos... mas eu aprendia...
– Escola primária aqui dos Vales?
– Aqui dos Vales, sim, sim. Até tenho aqui uma coisinha, que isto foram os meus pais que guardaram sempre... quando eu passei da 3.ª para a 4.ª classe... passei com 15 valores. A professora Maria Helena Aires da Silva Domingues tinha 48 alunos, já viu?! E isto foi guardado, porque eu fui para a escola já quase com os 8 anos. Porque naquele tempo ia-se aos 7, eu faço anos no dia 1 de Janeiro... e por causa de um dia, não fui um ano antes... está a ver? Havia aqui um da terra, que nascia a 31, e foi um ano antes do que eu! Eu fui em Outubro, porque a escola era sempre em 7 de Outubro, e eu em Janeiro já ia fazer os 8 anos... por causa de um dia! Era tudo rigoroso, naquele tempo!
– Entrou já com os 7 feitos, quase a fazer os 8...
– Sim, por isso eu tenho aqui, 1960... não foi que eu chumbasse...
– Nunca chumbou?
– Não, nunca. Eu fixava muito... aprendia com muita facilidade.
– Os seus pais, o que é que tinham de escola?
– O meu pai andou na escola... o meu pai fazia hoje anos... e a minha mãe fazia amanhã. O meu pai fazia hoje 107 anos, o meu pai tinha a 3.ª classe... fazia hoje 107 anos, estamos a dia 13 de novembro, não é? E a minha mãe fazia amanhã 106... já casaram tarde, sabe? E tiveram filhos antes de mim, dois, mas morreram e eu sou filha única.
– Há histórias mirabolantes...
– É!... Ontem, quando me deitei, disse assim para o meu marido "ai... tantas coisas que fazem, tantas coisas que aparecem na televisão, mas há uma que ainda não fizeram, e vão--nos deixar morrer todos e não... " É sobre os casamentos por procuração. Eu casei por procuração, mas eu conhecia o meu marido.
– Sim. A Darlinda está agora a falar-me nisto, mas já mais pessoas me falaram nessa situação.
– Aqui nos Vales temos 9 ou 10 pessoas... porque, naquele tempo, era o tempo da guerra, os rapazes ou estavam em África, ou tinham de ir à guerra.
– Quem emigrava, não é?
– Sim, sim, aqui há muita emigração na África. Eu conheci e namorei cá o meu marido, e depois ele foi, e depois não podia vir, porque era assim: viagens caras, Moçambique muito longe... e eu já o conhecia. Mas há pessoas que casaram sem conhecer. Isto admira muita gente. Daqui a uns anos ninguém vai acreditar numa coisa destas! (risos) Vai ver... daqui a uns anos faz impressão isto, e até dizem: "ai, isso é mentira, não existiu."
– Olhe, eu acho que até vai ser o contrário. As pessoas até vão normalizar mais essa situação. Vão outra vez regressar a isso, sabe porquê? Então não vê esses programas dos 'casados à primeira vista' que há agora aí, e que, pelo que eu percebo, eles vão para o altar, e acho que aquilo é tudo formalizado, acho que aquilo não é a brincar porque há papéis envolvidos... e vão sem conhecerem as pessoas.
– Mas antigamente resultava! Era assim, mas resultava!
– Então... a sua mãe o que tem de escola?
– A minha mãe não andou na escola, mas aprendeu a ler e a escrever com a professora... sim, sim. Ela era a mais velha de 10 irmãos, mas ela tinha tanto... e os irmãos fizeram todos a 4.ª classe, os meus tios todos, porque a minha mãe é que os obrigava a fazerem, porque ela não podia ir porque era a mais velha (...).
– Conte lá essa história! O seu pai fez a 3.ª classe...

– O meu pai fez a 3.ª classe na Chaveira, ele era da Chaveira, e fez a 3.ª classe na escola do Vergão. Ainda hoje, por acaso, fui ali dar com um papelinho... porque a minha filha mais nova dizia: "Oh vô, faça aqui um desenho neste papel, e depois tem de assinar." E ele fez lá o desenho de um carrinho... e ela "agora ponha aí: o Engenheiro Artur Lourenço Tavares" (risos). Ela a dizer ao meu pai que ele era o engenheiro... e hoje encontrei o papelinho, porque o meu pai já morreu há 20 anos, e até lhe telefonei: "Ai Cláudia, encontrei aqui o papelinho do avô... ", "Ai, é para guardar!"... é para guardar sim. Lá está a assinatura dele, que nós gostamos de ver ainda... olhar e ver a assinatura dele. A minha mãe não andou na escola, mas aprendeu a ler e a escrever, ela escrevia-me para África. Era a mais velha de 10 irmãos, e o mais novo tem 90 anos, ainda é vivo. Tem 4 irmãos vivos, de 90, 92, 94 e 95, os meus tios que estão vivos, irmãos da minha mãe. Mas ela fez com que todos os irmãos fossem à escola, todos tinham a 4.ª classe. Ela, como era a mais velha...
– Mas eram rapazes e raparigas?
– Rapazes e raparigas, foram todos à escola.
– E que história é essa, como é que ela aprendeu a escrever?
– Aprendeu com a professora, à noite. Ia a casa da professora e ela ensinava-a.
– E não sabe quem era essa professora?
– Pois, não sei... devia ter perguntado. Mas se calhar o meu tio até sabe.
– O seu tio é daqui?
– É, vive aqui. A minha mãe dizia-me que gostava tanto, tanto, de poderem ir os irmãos, os rapazes que eram mais malandros para irem à escola. E a minha mãe uma vez disse-me: "eu tinha tanta pena de não poder... de querer ir e não poder ir", por ser a mais velha, porque tinha de trabalhar, porque antigamente os mais velhos criavam os mais novos.
– Sim, sim. Geralmente os mais velhos eram os mais sacrificados...
– Sim! Depois a minha mãe aprendeu a costurar sozinha, para coser a roupa para os irmãos. Eu às vezes fico revoltada quando as pessoas dizem: "ah, hoje tenho um filho que tem dois, e dizem que não querem ter mais porque hoje é difícil criar, antigamente criava-se tudo!" E eu vem-me logo uma revolta e digo: "É? Não é bem assim! Os mais velhos é que criavam os mais novos". Digam a verdade, porque não era isso. Os pais tinham muitos filhos, mas o rendimento dos filhos mais velhos, antigamente, era uma fonte de rendimento para os pais! Saiam de casa para ganhar dinheiro para sustentar os mais novos! Era assim! Isso é que é a verdade!
– Precisamente isso. E nas aldeias, era isso que existia... completamente. Aliás, o meu pai, que tem agora 70 anos, é o mais novo de 6 irmãos... eram uns escravos da fazenda, como se dizia. A minha tia, que era a mais velha, e a única mulher, inclusive teve pretendentes para casar, a minha avó não a deixou casar porque não queria ficar sozinha a tomar conta daqueles homens todos... está a ver?
– Era assim, era. Essas coisas. Sabe que a minha mãe dizia que ficava tão revoltada, porque queria ir à escola, e não podia porque tinha de ir trabalhar.
– E a sua mãe ao longo da vida falava muito disso, da escola, com pena de não ter ido?
– Sim, sim, falava! E eu sei essas histórias todas, e eu gostava de saber.
– Quer dizer, é uma pessoa que nunca ultrapassou o gostar de ter ido às escola? Como era o nome completo da sua mãe?
– Sim, sim! Maria Celeste Martins. As outras pessoas perguntam: "Ah, como é que tu sabes disso?"... e dizem: "Vamos perguntar à Darlinda que ela sabe isso!" Porque eles não eram interessados em saber coisas, e eu era! (risos) A minha mãe disse assim uma vez: "Eu, dava-me tanta pena os meus irmãos não quererem, e eu queria que eles fizessem o exame da 4.ª classe". E sabe que lhes valeu na vida, em África, para tirar cartas de condu-

ção... a eles, aos irmãos. E a minha mãe uma vez foi ter ao professor que aqui havia e: "Oh senhor professor, eu agradecia que aqui na escola dissesse que tinha saído uma lei que todos eram obrigados a fazer a 4.ª classe." Porque naquele tempo não era, ia à escola quem queria. A minha mãe foi dizer ao professor para ele dizer na escola: "Agora saiu uma lei, todos são obrigados a vir à escola para fazer a 4.ª classe"... e ele disse!

– Tem fotografia da sua mãe?

– Da minha mãe tenho. E sabe que o professor disse, na escola, e que os meus tios mais novos fizeram a 4.ª classe por causa disso! Não faziam, mas a minha mãe era inteligente... esperta, pronto! Acho eu! Naquele tempo... ir dizer uma coisa dessas e o professor dizer... porque 3, pelos menos, eram malandros, não iam. E a minha mãe dizia que ia atrás deles, atrás deles, para eles irem para a escola.

– Incrível...

– Fazia! Porque a minha mãe até dizia: "Porque é que não era a avó?" Porque me fazia impressão porque é que não era a mãe, mas a irmã, a dizer aos irmãos. E ela dizia, porque a avó... o meu avô, já naquele tempo tinha feito o 2.º ano num seminário, o meu avô já teria uns 130 anos ou mais. O meu avô, pai da minha mãe... ele era inteligente, era de outra maneira, a minha avó já não... não sabia ler nem escrever. O meu avô era avançado àquele tempo, fez o 2.º ano do seminário. E eu dizia: "Mas porque é que não era a avó a dizer para eles irem à escola, porque é que era a mãe?" E ela dizia: "Porque a avó não se importava se eles iam ou não, e eu tinha desgosto de não ir, e queria que os meus irmãos fossem à escola." E foram... e tiraram a carta.

– E foram, por conta dela. E então os seus pais viveram sempre aqui nos Vales?

– Sim, sempre aqui. Depois, mais tarde, a minha mãe esteve para Lisboa. E o meu pai também trabalhou em Lisboa, em obras. Falava muito que trabalhava na Encarnação, na Ajuda... que eu ouvia de pequenina ao meu pai, onde ele trabalhou.

– Quando a Darlinda era pequena?

– Não, quando era solteiro. Quando casou com a minha mãe ele ficou aqui sempre.

– E a Darlinda, pelos vistos, teve mais dois irmãos que faleceram?

– Sim, sim. Mais velhos. Porque o sangue do meu pai não era compatível, e depois a minha mãe fez um tratamento, ou uma injecção... e então é que fiquei eu, filha única. A minha mãe também já tinha 38 anos quando eu nasci... com muita pena minha, e ainda tenho. O meu pai guardou sempre a certidão de óbito do filho, e tinha muito desgosto. E ainda hoje, diz-se depressão, naquele tempo não sei o que era, mas as pessoas contam quando ele morreu que ele deve ter andado nisso que chamam depressão... por os filhos lhe morrerem. As pessoas é que me contam, porque isso nunca ouvi o meu pai contar. Dizem que passava por miúdos e parava e ficava parado a olhar para eles. E que dizia: "se eu tivesse também um destes... se eu também tivesse." De maneira que depois lá vim eu...

– Pois. Isto parece que é daquelas ironias da vida... para uns, mais um filho seria mato, era mais um. E depois àquele que queria mesmo, e que gostava de estimar, acontecem estas coisas. Como ainda hoje acontece, não é? E a Darlinda também tem...

– Tenho duas filhas.

– E os estudos que elas têm?

– A minha mais velha é Cônsul de Portugal em Estugarda, tirou o curso de direito, e a outra é Psicologia, é psicóloga... é de recursos humanos mas tirou o curso em Psicologia.

– E elas estudaram, porque a Darlinda também sempre incentivou?

– Ah sim! Eu sempre lhes disse isto a elas: "o ser é que arranja o ter." Primeiro "é" e depois é que se vai "ter." Porque muitos era: agora vais trabalhar... e depois, desincentivam-se, começam a ver dinheiro, e já não querem ir acabar os cursos... não. Mas elas também foram sempre inteligentes.

– E sempre gostaram da escola, não é?
– Sim, sim. Sempre. Elas da 1.ª classe até acabarem os estudos nunca chumbaram.
– E o seu marido, tem alguma escola?
– Não não tem. O meu marido terminou a 4.ª classe e fez aquelas Novas Oportunidades... depois. E fez o 9.º ano... ele fez. Pois... e eu tinha pena de não ter estudado.
– Sim, a Darlinda devia ter estudado mais do que a 4.ª classe.
– Sim, mas os meus pais era assim, da parte da minha mãe, eu iria, mas da parte do meu pai... o meu pai tinha muito medo da vida, tinha muito medo que ficasse sem dinheiro, porque não tinha... e era aquela coisa, porque também não havia autocarros para nós irmos para o colégio, tinha-se de alugar quartos, ir para casa de outras pessoas e pagar...
– Mas a sua mãe, no fundo, queria que a Darlinda fosse estudar?
– Queria, a minha mãe queria. A minha mãe era pessoa que até era capaz de ir pedir dinheiro emprestado para eu ir estudar... era.
– Pois, como ela tinha aquela situação de ela quer e nunca poder, não é?
– Sim, sim... depois eu fui aprender de costura.
– Mas foi mais por opção do pai do que propriamente sua, não é?
– Sim. E também não havia muito aquele... pronto... incentivo. Como aqui não havia colégio, só havia o Colégio de Proença-a-Nova, o mais perto era Mação... são alguns 40 km.
– E era uma menina... e para os pais, filha única ainda por cima...
– Pois. E também porque o meu pai trabalhava, o trabalho dele era fazer minas, poços, era o serviço que ele fazia, e a minha mãe costurava... para as pessoas. Mas eu aprendi com uma senhora, não foi com a minha mãe. A minha mãe nunca aprendeu... e eu perguntava-lhe como é que ela nunca aprendeu?! Ela fazia costura! A minha mãe teve mais de 30 ou 40 pessoas ali a aprender com ela, das aldeias todas...
– E ela própria é que aprendeu sozinha?
– Nunca aprendeu... e eu perguntava-lhe como é que era possível! E a minha mãe foi assim, ela com 11 anos diz que o meu avô comprou um tecido, e ela desmanchou um bibe, naquele tempo quando os miúdos eram pequenitos faziam-se assim uns bibes, que lhe punham por cima das calcetas... e a minha mãe diz que desmanchou um velho... pôs em cima do tecido, cortou e começou a cozer... e foi assim que foi, e ainda ensinou muita gente... fazia a roupa, porque antigamente não havia prontos-a-vestir, a gente é que fazia tudo, desde a roupa interior até à de fora fazia-se tudo, até um avental, uma batinha, tudo...
– (...) A minha mãe também fez a 4.ª classe e foi aprender costura, porque era o ofício das tias.
– Na nossa escola, a gente aprendia a pregar um botão, fazer uma casa...
– Lembra-se de aprender isso na escola?
– Sim, na escola.
– A professora é que ensinava?
– Sim, ensinava. Havia um dia por semana em que estávamos ali um bocadinho, em que ela nos ensinava, a fazer uma casa... as casas agora é tudo à máquina... cortar a casa, pregar o botão, fazer um bocadinho de ajurde...
– E a Darlinda lembra-se do primeiro dia em que foi à escola?
– Do primeiro dia eu não me lembro... tenho tantas coisas, assim, do antigamente, e não me lembra da escola. Nós tínhamos de mostrar as mãos à professora, quando íamos para entrar, tinha-se de fazer isso, tinha-se de lavar a pedra, aos fins-de-semana tínhamos de lavar a ardósia, ela via aquilo, todos os fins-de-semana, porque tínhamos escola ao sábado, e no sábado éramos nós que tinhamos de lavar a pedra, porque à segunda-feira ela via... se a pedra estava lavada ou suja.
– E a lavagem da escola?

– Nós também fazíamos.
– Era tudo misto na sua altura?
– Era misto, era, os rapazes e as raparigas... tudo junto.
– E o edifício?
– Sim, já era aquele, já era assim como está agora.
– E já tinha as duas salas, como estão? Eram duas turmas, mistas?
– Tinha tinha... só em 1959, 60 ou 61 é que veio a professora que era chamada regente.
– Então a Darlinda teve uma professora que era regente?
– Sim, sim. Tive um ano com ela, a 2.ª classe, foi com essa professora.
– Então teve várias professoras?
– Tive duas, esta sei que ela se chamava Idalina... na 2.ª classe. A 1.ª, 3.ª e 4.ª foi esta Maria Helena, só tive a outra na 2.ª.
– Mas depois a outra foi-se embora?
– Depois eu passei para esta... sabe que era assim, porque eu andei...
– Mas eram as duas professoras na escola?
– Eram duas, mas quando eu entrei ainda não eram. Uma professora e uma regente, foi sempre assim depois. E eu fiquei, porque era assim, ela passava os irmãos... porque havia 3 e 4 irmãos na escola... muita gente... e ela passava um irmão, e punha outro na outra... esta é que mandava, não é, a oficial (...). Depois eu andava triste, porque tinha as amigas nesta escola, eu gostava sempre de conviver, nunca gostei de ser sozinha. E aqui a minha tia tinha 7 filhos, irmã da minha mãe, e eu estava sempre a brincar com eles, porque eu era sozinha... e ela fez-me aquilo, a outra professora, mandou-me para a outra escola e eu fiquei muito triste, porque de quem eu era mais amiga ficou na outra... para a outra sala... e no ano seguinte depois já me pôs com os outros.
– E porque é que foi essa troca? Porque ela tinha muita gente e teve de distribuir?
– Não sei... sim, sim, eram muitos... com esta, na 1.ª classe, acho que éramos 48.
– Isso no ano de?
– 1957.
– Só na sua sala, 48?
– Sim, sim, naquela sala... já viu, as classes todas. E dava ponto a todos e todos aprendiam! Agora são 20 e tal e já as pessoas dizem "Ai!" (risos) E porque é a tal coisa, porque havia respeito... já viu o que é 48 ali e estar tudo sossegadinho?
– Sim, e as matérias serem diferentes, nas classes, tudo ali ao mesmo tempo (...). E os seus amigos de escola, lembra-se quase deles todos, praticamente, porque era tudo daqui, não é?
– Ah sim, sim. Daqui e do Carrascal. E somos amigos dos do Carrascal, como sejam daqui.
– Haviam muitas rivalidades, às vezes, entre aldeias, mas não era o caso de vocês com o Carrascal?
– Não, não era o caso... com o Carrascal não. Mas, por exemplo, com a Chaveira já havia rivalidade... deles com a gente, porque aqui é uma aldeia já mais avançada... só quem vive... e isto não se pode dizer a eles! Eu tenho primas, porque o meu pai era da Chaveira, tenho primas direitas na Chaveira, mas não lhes posso dizer isto a elas! Porque elas não sabem, mas eu que vivo aqui, e frequento muito lá a Chaveira, é completamente diferente. Olhe, a maneira de as pessoas comerem, vestirem, de ser... é completamente diferente. Também começou aqui a escola primeiro do que lá... a minha sogra fez a 4.ª classe aqui nos Vales, era da Chaveira. O meu sogro era de Lisboa mas ela era da Chaveira, fez a 4.ª classe aqui porque lá ainda não havia escola... tinham de ir ao Vergão... era onde iam mais. Porque lá, poucas pessoas têm... agora têm... mas a minha sogra tinha agora 97 anos, veio aqui porque lá não havia escola.

– E a Darlinda tem alguma historieta para contar, que se lembre, quando pensa nesse tempo da escola? Uma peripécia?

– Tenho um episódio tenho! (risos) Tenho um episódio com uma prima minha. Fui quase com 8 anos para a escola... como eu tinha 7 anos e só ia para a escola no ano seguinte... a minha mãe foi falar com a professora se me podia dar uma explicações, porque a minha mãe tinha receio que eu já fosse atrasada, já tinha aquela idade, e foi falar com a professora e a professora disse-lhe... como naquele ano a outra sala ainda não ia estar ocupada, a segunda sala, porque estavam os alunos todos naquela... e depois outras mães foram também pedir à professora "ai que a filha... " se ela pudesse mandar fazer uns trabalhos lá na escola, e tal... e então fomos umas poucas para lá. E eu tive sempre muito medo de coisas fechadas, portas fechadas, está a ver? (risos) Fico sempre com muito medo. Na rua eu não tenho medo... e em casa eu tenho medo! Das portas fechadas. E então nós começamos a ver os alunos da outra sala a saírem, a saírem, nós lá fechadas, porque ela fechávamos-nos a porta... nós não tínhamos maneira de sair, então eu comecei a ver os alunos da outra sala a sair, e comecei a pensar "ela vai-nos deixar aqui fechadas e nós não conseguimos sair"... e tenho receio, ainda hoje tenho, não gosto de ver portas completamente fechadas, pronto! Isto deve ser uma fobia qualquer que eu tenho! (risos) Não tenho o medo na rua que eu tenho em casa! E comecei a chorar e comecei a gritar... outros alunos mais velhos ouviram, porque eu abri a janela da escola, e eles começaram a ouvir gritar e chorar... e um deles veio e tirou-me às cavalitas, pôs as costas assim e eu saltei e fui com ele feliz da vida, só que a professora depois veio, ralhou muito connosco... mas ela também não devia ter feito aquilo, não devia ter fechado a porta e tirado a chave... ela fez aquilo talvez porque ela tivesse medo que viesse o inspector e ela não nos podia ter lá... ela estava sempre com medo que viesse o director...

– Pois... a Darlinda tinha o medo das portas fechadas e ela, se calhar, tinha o medo das portas abertas, não é?!

– Com medo, porque ninguém podia saber que a gente estávamos ali, porque nós não podíamos estar ali...

– No fundo ela fazia isso a pedido dos pais, não é? Para vos dar ali uma espécie de um avanço...

– Sim... porque quando nós fossemos para a escola, talvez a minha mãe tivesse medo que eu chumbasse... porque eu já dos 7 para os 8 anos... e então assim ela ia-me ensinando qualquer coisa.

– E a professora fazia isso voluntário... ela não tinha de o fazer, fazia-o fora do tempo de serviço dela?

– Sim, fazia porque queria. Ela levava alunos para casa, os que estavam mais atrasados, ela levava-os para a casa dela e ainda lhes dava explicações em casa. Eu, por acaso, nunca precisei disso. Nunca fui. Mas muito alunos... ela fazia assim. Tinha muitos na escola, para eles aprenderem, porque os pais não sabiam, muitos não sabiam ler.

– Acha então que essa professora era uma professora boa?

– Acho! Ela 'chegava'... a mim nunca me 'chegou' muito, porque olhe...

– Ela batia?

– Ela batia. Mas eu digo-lhe uma coisa, eu não fui daquelas que apanhei muito, não. Eu era assim, aprendia com facilidade. Ela explicava, eu lia uma coisa, eu aprendia, eu fixava, não era daquelas pessoas que tinha de tentar muito, muito, muito para fixar... eu decorava bem. Eu ouvia e lia, e só lia uma vez.

– A Darlinda gostava da escola?

– Gostava!

– E tem memórias de uma lição, uma leitura, um livro, um personagem, uma coisa que lhe tenha ficado na memória?
– No livro da 3.ª classe havia uma muito engraçada que era a borboleta... ”borboleta voadora, borboleta fugidia... ”, agora não me recordo do resto... ”às dura um dia, às vezes só uma hora”... era assim uma coisa. E aquilo ficou-me. E até hoje gosto de borboletas! Por causa dessa lição! Eu acho que ainda tenho para ali o livro da 3.ª classe onde está isso. Os livros da escola eu tenho. As minhas filhas é que mos estragaram, e depois a mais velha comprou-me uns porque teve receio...
– Ah, mas não é o seu antigo? É uma re-edição já destas que agora fazem?
– É... mas é como era o meu livro.
– Mas não os guardou, mesmo estragados e velhitos?
– Talvez tenha ali para o sótão... talvez, talvez. Eu já tinha uma pastazinha, ou como é que aquilo se chama... uma malinha dessas de cartão que tive da 1.ª à 4.ª classe... e ficou como nova. Eu acho que ela ainda existe... eu tinha os cadernos, eu tinha tudo! Eu tinha tudo, as minhas filhas é que remexiam... e eu tenho aqui isto [o certificado] de 1960, passaram-se 60 anos! (...)
– Então, a professora dava uns castigos àquela malta que se portava pior e que não aprendia tão bem...
– Dava dava, eram reguadas! E tinha uma vara.
– Quem eram os coitados que levavam aí mais tareia?
– Levavam mais os rapazes, os do Carrascal. Eu também não me queixo da vara, porque eu era sossegadinha, não me voltava... já sabia! Já sabia que se me voltasse para trás para falar com o de trás, eu apanhava! Tínhamos mais era que nos portar bem... mas os rapazes, sim, sim, alguns eram difíceis... e também de aprender, pessoas muito difíceis. Não era fácil não. E não lhe contaram a história das ameixas?
– Não, conte lá...
– Não foi comigo, foi com os mais à frente, a que apanhou foi a irmã da Teresa, a Isabel, essa apanhou... 24 reguadas cada um! Porque havia umas ameixoeiras na escola, e os alunos da 4.ª classe naquele ano, foram comer, foram lá às ameixas sem ordem. Houve alguém que viu, e foi dizer à professora... pronto. No outro dia apanhou cada um 24... porque foram comer as ameixas.
– Mas então o que é que faziam às ameixas? As pessoas apanhavam-nas, eram para a professora?
– Comeram-nas, comeram-nas! Mas eu acho que ela dava-as, quando havia ameixas ela distribuía pelos alunos... só por lá terem ido apanharam 24 reguadas.
– E isso porque não pediram autorização à professora? Foi isso?
– Foram sem ordem de ninguém! Alguém viu e foi-se queixar à professora! E outra coisa, não podíamos levar... se ela nos visse... aquele que levasse os trabalhos por fazer, ou errados, apanhava porque tinha andado a brincar, tinham-no visto. Brincava-se sempre às escondidas da professora! (risos)
– Mas ela também se fosse para distinguir alguém, porque o aluno fez bom trabalho, ou teve bom resultado, ela também era pessoa para incentivar, ou dar um elogio?
– Quando eu fiz a 4.ª classe, para se entrar no colégio fazia-se aquele exame de admissão, e no meu ano haviam aí uns poucos que iam para estudar, os pais já tinham dito que eles iam para estudar. Eu não. Como eu não ia, ela disse-me logo no principio: “Tu vais fazer o exame da 4.ª classe”, porque só ia fazer o exame da 4.ª classe quem ela sabia que passava. Porque íamos fazer exame a Mação... os dois dias. Íamos à prova escrita e quem passasse na escrita depois ia à oral. E ela a mim... éramos 22 alunos na 4.ª classe, no meu ano, e ela a mim disse-me logo: “Tu vais fazer”. Porque, pronto, eu decorava... nós tínhamos de

decorar os caminhos de ferro de Angola, de Moçambique, os rios... isso tínhamos de saber, não era só de cá, como lá das nossas Províncias Ultramarinas, não é? Eu fixava bem, eu aprendia bem, e ela disse-me logo no principio... e eu fiquei toda feliz! Porque já sabia que ia fazer exame da 4.ª classe, muitos estavam até à última sem saber se iam ou não, porque se ela não tivesse a certeza que eles iam passar ela não os levava. Ela nunca levou nenhum aluno a um exame, que chumbasse.
– Na sua safra, quem eram esses 20 e tal? Lembra-se dos que foram consigo lá?
– Lembro-me de alguns sim...
– Foi a maioria?
– Foi, sim, a maioria. Fomos a maioria fazer exame. Houve alguns que não foram. Mas daqueles 22 a maioria foi. Tudo passou, e depois no fim quando fazíamos a prova oral mandávamos foguetes! (risos) Aquilo era uma festa para nós!
– Como é que era isso? Como é que funcionava? Acabavam a prova e depois...
– Era quando chegávamos cá aos Vales, era foguetes! "Olha, passaram, não trouxeram a raposa!" (risos)
– Mas eram as pessoas, ou eram vocês, que traziam os foguetes?
– Os pais! Mandavam foguetes!
– Era aqui nos Vales isso, ou era assim uma coisa comum às outras aldeias?
– Olhe, isso eu não sei, mas isso era capaz de ser comum, era capaz de ser... não seria aqui só nos Vales.
– E de onde é que vinham esses foguetes, quem é que os arranjava?
– Isso era fácil comprar, era fácil. Eu tinha cá dois primos meus que estavam em Angola e também fizeram a 4.ª classe comigo, estavam cá nesse ano, vieram aqui para a escola, e também foram fazer, e eu lembro-me que foi lá na casa dos meus avós, que é assim lá mais no alto da aldeia, nós mandámos de lá os foguetes... e aquilo era uma felicidade!! (risos) Coisas que acabaram, não é?
– É verdade... era tudo uma festa, no fundo. Agora banalizou-se de tal maneira que pronto...
– Sim sim! Porque aquilo era rigoroso, nós tínhamos de saber muita coisa.
– Lembra-se das matérias?
– Lembro. Aquilo eram as chamadas Ciências... a gente dizia Ciências, agora dizem o quê? Agora mudaram o nome às coisas, não é? Tínhamos a Caligrafia.
– Tinham a Aritmética, a Geometria...
– Isso, era isso! Tínhamos isso tudo. Na caligrafia a letra tinha de estar... aquele que saísse fora levava logo uma chapada por fazer a letra mal-feita. E tínhamos os dias disto, daquilo e daqueloutro... ao sábado era o Desenho... para mim, digo, era o dia pior era o sábado, por causa do desenho. Isso é que era coisa que eu tinha muita dificuldade! Tinha porque levavam assim uma chávena, uma tigela, um púcaro, uma cafeteira, e eu fazia um dos lados bem, mas o outro eu não conseguia! Isso aí eu falhava muito... no desenho era a pior coisa que me podia acontecer... o resto era fácil para mim.
– Mas faziam isso sempre ao sábado, era?
– Era, na 4.ª classe o Desenho era feito ao sábado. Desenho e Problemas. Eram disciplinas do sábado.
– E era só isso que faziam? Desenhavam algum objecto à vista?
– Sim, era à vista. Agora já não me lembro se éramos nós que trazíamos, ou se era a professora, mas acho que sim, éramos nós que levávamos.
– E havia alguma prova disso? Lembra-se de fazer alguma prova?
– Sim sim, fazíamos provas, fazíamos.
– E faziam tal e qual? Punham um objecto e davam um tempo para vocês desenharem?

– O Desenho era o caderno do desenho. Tínhamos um caderno liso, não tinha linhas... e então o sábado a mim custava-me muito por causa do desenho!
– Mas a Darlinda começou essa história da 4.ª classe, e dos foguetes, porque eu perguntei-lhe se a professora, como castigavam também dava algum tipo de elogios... um inventivo, uma recompensa, ou destacar alguém... na sala. Não se lembra?
– Isso não. Ela era assim muito exigente... era muito, muito. Aqueles que levavam muito diziam que ela é que era assim e assado, mas eu acho que naquele tempo todas elas eram assim, um pouco mais ou menos.
– Acha que ela teve influencia na sua vida, depois? Aquela pessoa foi importante para si? Aquela professora marcou alguma coisa na sua vida? No desenvolvimento da vida?
– Isso também não lhe sei dizer. Foram só aqueles 4 anos, e para mim foi fácil... talvez se fosse duro? Eu se calhar estava marcada, não é? Com alguma coisa que ela me tinha feito. Foi fácil para mim, a escola foi muito fácil para mim. Isto eu tenho do lado do meu pai, sabe? São pessoas que aprendem com muita facilidade e são inteligentes. Tenho primas direitas, algumas até estão lá na Chaveira, primos do meu pai que tiveram pessoas, como aquele... a avó dele era da Chaveira, eu acho até que ela foi das primeiras pessoas, foi administradora do Banco de Portugal, e eu acho que isso é aqui derivado... ela é minha segunda prima, o pai dela era primo do meu pai... como é que ela se chama?
– Governadora do Banco de Portugal? Isso em que fase?
– No tempo do Salazar... é a Manuela Morgado. Já veio várias vezes à televisão.
– E é senhora para que idade?
– Já pelos 80 talvez.
– É viva ainda?
– Sim sim. Tem aqui uma prima direita, a avó delas era irmã da minha avó. E do lado do meu pai tenho pessoas muito inteligentes. A prima dela, tem 88 ou 89 anos. Mas essa Manuela Morgado, eu vi até um programa na televisão, aqui já há uns anos...
– Pois... ser uma mulher e ter esse lugar, é até uma coisa importante, sim. Mas ela é uma senhora que mantém ainda tem aqui alguma ligação?
– Ela vive em Lisboa, quando o pai vinha aqui ela vinha, porque o pai gostava muito de vir aqui.
– Então vocês são família pelo lado paterno?
– Sim sim. O meu pai era primo direito do pai dela. E a minha avó era irmã da avó dela.
– Da Chaveira?
– Sim. A avó casou para aqui. Chamamos-lhe a Ti Milheira.
– Então, Darlinda, houve alguém que a tenha incentivado a ir estudar?
– Não, não.
– Pelo contrário, não é? A Darlinda até queria, mas depois...
– Sim, foi aquela coisa. Depois fui para a costura. Também casei nova... com 19 anos, fui para África.
– E só depois de casada é que foi para África?
– Sim (...).
– As rotinas da escola, no dia-a-dia, já me disse que mostravam as mãos, e isso era uma espécie de ritual?
– Sim, sim... e tínhamos de levar a bata, lavadinha também... usavamos bata branca.
– Entravam a cantar, ou rezavam, essas coisas?
– Sim, cantava-se, sim. E rezávamos também, sempre, sim senhora.
– O quê? O Pai Nosso e a Avé Maria?
– O Pai Nosso... e cantava-se... a canção é que não me recordo agora.
– Mas entravam na sala a cantar, ou cantavam lá dentro?

– Não. Levantávamo-nos e cantávamos... respeitinho, ali, à professora, não havia ali nenhum aluno a desobedecer...
– E comia lá na escola, comia em casa?
– Comia em casa. Os do Carrascal é que levavam almoço.
– E vinha a assistência social para dar alguma coisa a alguém? A Cáritas?
– Houve um ano, mas eu só me recordo daquilo num ano, em que davam leite e queijo, acho que era aquele queijo flamengo, faziam leite... eu acho que foi só um ano. Só me lembro disso um ano, lembro-me de ir lá... talvez estivesse na 1.ª classe. Talvez fosse aí em 57-58, não foi mais tarde, não. Foi um ano só. Depois houve aí uma zanga entre as pessoas do povo... porque quem tratou disso foi aqui uma senhora, a dona Nazaré, e depois houve... não sei se alguém falou, isso eu não me recordo bem, mas tenho impressão que sim, que alguém falou qualquer coisa, e ela deve-se ter aborrecido com isso, ou assim, e isso deve ter acabado por causa disso.
– Mas essa senhora Nazaré é que tratou de trazer isso para aqui?
– Sim, sim. A senhora até era assim, uma senhora de bem, como dizia o povo...
– E alguém deve ter dito que ela tirava vantagens disso?
– Deve ter sido isso! Eu era miúda, mas ouvi assim um zum-zum... tanto que depois essas pessoas ficaram zangadas toda a vida, por causa disso. E lembro-me que depois uma pessoa dessas comprou um carro, o marido era ferreiro, comprou um carro, e depois a outra dizia que aquilo era "o carro dos canelos"... sabe? A ferradura e o canelo? O canelo era dos bois, para ferrar os bois... o canelo era a ferradura dos bois, e a ferradura era dos machos, mula, burro... e ficaram zangadas por causa disso. Tudo gente daqui.
– E essa senhora Nazaré ela era o quê?
– A Nazaré tinha vindo do Congo, era uma pessoa assim... como é que hei-de explicar... qualquer problema que havia no povo, ela tentava resolver. Algum homem que tratasse a mulher mal ou fizesse assim... essa senhora tentava resolver ou ajudar.
– Ela era daqui?
– Era daqui dos Vales. Nazaré Fernandes. (...) Essa senhora era assim, uma senhora de bem... mesmo aqui o meu tio, já dizia que o pai dela era muito boa pessoa.
– Pessoas que gostavam de ajudar?
– Sim, eram. E quando vieram pessoas de Angola, que vieram sem nada, ela até deu um terreno para se fazer casa.
– Era uma espécie de benemérita?
– Sim sim... era uma pessoa com conhecimentos. Ela teria hoje 96 ou 97 anos, já tinha carta de condução.
– Era alguém já com posses, para a época.
– Ela foi para o Congo, os do Congo não investiram como os que iam para Angola e Moçambique, que investiram lá... vieram como eu. Temos muita gente rica aqui nos Vales que estiveram no Congo.
– A Darlinda lembra-se da sala, como é que era, o aspeto físico? Havia coisas nas paredes?
– Havia. Até aqui há tempos quiseram tirar de lá um crucifixo... e eu disse: "não, não" e está lá ainda porque eu disse "não, isso é aqui da escola, porque eu lembra-me de quando vim para aqui, de estar lá esse crucifixo." E um quadrozinho que eu acho que é da Senhora da Conceição, isso ainda está lá, porque eu disse "Isso é da escola, fica aqui!"... já estavam a querer dar aquilo e eu disse "não, não, acho que isso deve de estar aqui"... era o que havia. E estava, acho que era o Salazar e o Américo Tomás.
– E os mapas?

– E os mapas. Onde nós íamos estudar e dizer onde passa o rio... tínhamos de apontar onde é que o rio passava.
– E que coisas lá havia na escola para vocês aprenderem? Havia lousas, havia cadernos, lápis, livros, aqueles materiais... sólidos?
– Eram os quadros, escrevíamos no quadro. No caderno e na ardósia. Nós nem dizíamos ardósia, dizíamos pedra.
– E os intervalos? Lembra-se o que lá se fazia?
– Brincávamos, brincávamos... ao ringue, a atirar... um jogo que chamávamos o mocho, era o que mais fazíamos, e jogávamos ao lenço, ao ladrão do meio... estava um no meio, depois era dançado e cantado, depois uma punha o lenço e a outra ia para o meio... esses jogos, era o que havia... e éramos felizes! (risos)
– Então os rapazes e raparigas andavam juntos, brincavam juntos, não haviam aquelas divisórias?
– Não, não.
– E as pessoas, de uma forma geral... a Darlinda já me esteve a falar disto de uma forma indirecta... os meninos que iam à escola na sua altura, de que se lembra, era tudo gente assim mais ou menos da mesma condição económica, havia ali discrepâncias?
– Não... havia gente diferente...
– Diferentes? Os filhos dos emigrantes? Tinham outro estatuto?
– Sim sim. Eles estavam lá e tinham os filhos aqui, ou com as avós, ou com tios.
– E a Darlinda em criança já sentia que havia essa diferença?
– Sentia! (risos) (...)
– Mas a Darlinda sente que isso era depois uma coisa...
– Era passageiro... aquilo era passageiro.
– Mas sentia que isso era ali um motivo, em termos da escola, para uns serem mais beneficiados do que outros? A professora fazia essa distinção?
– Sim... sabe, a professora nessa nunca bateu. E a irmã uma vez veio dizer: “Hoje, quem tem erros, ninguém apanha, na escola”. E depois perguntámos todos: “Porquê?”... ”Porque a Ana Maria hoje deu erros e ela nunca a bate!”... porque a mãe... eram 3 irmãs na escola, a mãe dizia que ela podia bater nas outras duas mas que naquela não batesse, porque ela tinha um feitio diferente. E então ela era protegida. Essa era a protegida da professora, era... e a irmã dela naquele dia veio-nos dizer isso e nós ficámos todos contentes! Eu também não era de dar assim muitos erros, mas por exemplo aqui os meus primos davam muitos... ela obrigava-os a fazerem muitas cópias! Quem dava muitos erros já sabia que tinha de fazer muitas cópias! (risos)
– E vocês comemoravam as coisas da época? As festas da igreja, as férias?
– Tínhamos aí o Sagrado Laus Perene, que era uma procissão que havia à noite, íamos todos vestidos com a bata da escola, e outros iam vestidos com um fato branco, outras iam com a bata, na procissão.
– E nas férias do verão, como é que era? No verão e outras férias, o que é que se passava?
– Olhe, sei lá... era aqui que se passavam as férias. Outros iam para a praia, colónia de férias também havia.
– Haviam Colónias de Férias?
– Sim sim.
– A Darlinda chegou a ir?
– Não não, não cheguei a ir por causa de eu ficar triste... porque quem tinha 2 ou 3 irmãos ia só 1 para poder dar espaço aos outros... e outra, que por acaso até foi passada com a Teresa, elas eram as duas irmãs e foram as duas e uma foi no meu lugar. E eu fiquei triste,

lembro-me, porque devia ir só uma! Elas eram duas irmãs só tinham direito a uma. Eu também tinha direito de ir... havia isso também.
– Mas havia lá atividade na escola quando havia férias?
– Não se passava nada. A professora ia embora para a terra dela 3 meses, Julho, Agosto e Setembro. Os exames da 4.ª classe eram nos primeiros dias de Julho e quando acabava ela ia embora, e só vinha a 7 de Outubro que era quando abria a escola.
– E lembra-se de alguma situação dessas, em que está para ser examinada, ou houve uma prova, ou veio um inspector? Há algum episódio desses que se tenha passado na escola e que a Darlinda se lembre?
– Lembro-me, sim, de ela dizer que vinha o inspector e de ela esconder a régua! Era o que ela fazia! (risos)
– Escondia a régua?
– Escondia a régua, e lembro-me de uns rapazes altos, assim já... que tinham dificuldade em aprender... ficavam na escola já até aos 13-14 anos, e diziam assim: "Eu sei onde ela a escondeu, e quando o director vier eu vou lá buscá-la! Está além na chaminé!"... eram estas coisitas assim.
– E as pessoas aqui nos Vales, a Darlinda sente que, de maneira geral, as pessoas valorizavam a escola, o professor? Era uma coisa boa para os filhos?
– Sim, sim, era valorizada era. Nunca me lembro de algum pai, e eram aí tantos pais, de irem refilar com a professora.
– E de certa maneira as famílias, mesmo não podendo, mandavam os filhos todos e achavam que isso era uma coisa boa?
– Mandavam todos. Aqui a minha tia tinha 4 ao mesmo tempo na escola, com muita dificuldade, sabe?... 7 filhos, 4 na escola, mas todos iam.
– E a criançada trabalhava ao mesmo tempo? Fazia trabalhos agrícolas?
– Não muito aqui, nos Vales. Aqui, como lhe disse, isto já era uma aldeia assim mais avançada, não havia muito como, por exemplo, aqui o Carrascal e a Chaveira, que diziam assim: "não vais estudar, nada, tu tens que ir guardar as cabras ou as ovelhas, não interessa o trabalho"... aqui nos Vales não. Não me lembro de ninguém. Nem um pai, ou os pais, dizerem aos filhos: "Não podes estudar, não interessam os trabalhos, tens de ir fazer isto ou aquilo"... não. Aqui na aldeia não ouvia nada disso. Como lhe digo, aqui as pessoas... eu acho que as pessoas evoluíram com as pessoas que estavam emigradas, emigrantes, e que vinham e que já vinham vestir melhor, comer melhor, e os pais aprenderam com os filhos...
– Sente que isso puxou pelas pessoas aqui?
– Puxou. Puxou sim senhora, puxou sim senhora! As pessoas aqui até iam à praça à Sertã, muito.
– E foi muita gente emigrada, não é? E era para o Congo... para África?
– Muito! Era para Angola e Moçambique... aqui não havia tanto, era mais a Chaveira em Moçambique... aqui era Angola, era o Congo, os Estados Unidos, o Brasil. Sim, mas tinha muito Congo e Angola... e as pessoas vinham muito.
– E as pessoas também por norma iam, mas quando podiam voltavam? Queriam vir para aqui viver?
– Sim, sim. Vinham, mais ou menos as pessoas que estavam no Congo, dois anos, vinham, depois iam, e vinham. E esses familiares, que eu me lembro, e muitos já não existem, mas eles aprenderam com os filhos... porque vestiam de outra maneira, comiam de outra maneira. Aqui, antigamente, quando eu era miúda, e essas pessoas vinham de África, iam à praça à Sertã... não havia ainda em Proença.
– Já era um luxo, não era?

– Era! Só quem vinha e tinha um carro, e podia ir daqui à Sertã, fazer compras.
– E a Darlinda se tivesse continuado a estudar, se tivesse tido oportunidades de seguir a vida de estudo...
– Por acaso uma das minhas filhas pergunta-me isso! (risos) Sabe o que é que eu queria ser? Funcionária dos correios! (risos) E as minhas filhas dizem assim: "nem ao menos queria ser professora, ou isso!"... não não, eu queria ser... porque eu gosto de comunicar, eu gostava de ver quando ia a Cardigos, a telefonista, estava lá uma telefonista nos Correios, e a telefonista, aquilo era meter assim (gestos)... cavilhas, ou como é que aquilo se chamava! E depois a fazer assim zin-zin (gestos) e a atender o telefone... era o que eu adorava! Era o que eu gostava de ser. Eu gostava de ter estudado, e eu ia trabalhar para os correios! (risos)
– E as disciplinas, em termos de disciplinas, do que vocês aprendia na escola... já disse que o Desenho era a que não gostava. E aquela que gostava mais, assim, das matérias?
– Não! Era a única coisa. Eu gostava de História, Geografia... gostava, gostava.
– Lá está, por causa da questão da memória... a Darlinda fixava com facilidade, para si era fácil.
– Fixava, fixava. Era fácil. Coisas que hoje me passaram, mas eram muito fácil a História a Geografia... o corpo humano.
– E a Darlinda fazia os ditados, ia ao quadro? Lembra-se disso tudo a acontecer?
– Fazíamos, fazíamos, íamos ao quadro. Sim, sim, lembro-me disso tudo... íamos ao quadro quando a professora se lembrava: "Olha, vai tu ao quadro fazer isto!", depois era outra.
– E a Darlinda tinha medo de ir ao quadro? Ou sentia vergonha? Ou ia destemida?
– Não! Eu não era das mais destemidas, talvez, porque eu tinha muito receio de errar... sabe? Eu não era assim daquelas pessoas muito descontraídas: "a errar é que eu ouço", não, não, eu gostava sempre de ser certinha... às vezes não ia muito descontraída, não.
– Lembra-se dos métodos, como é que a professora ensinava certas matérias... a tabuada, a história?
– Tínhamos de saber a tabuada! Ali tudo. Agora, sei lá, saem da universidade sem saber a tabuada! (risos) Naquele tempo não, tinha-se de saber ali. (...)
– Então a Darlinda acha que foi boa aluna?
– Eu acho!
– E até diz isso com alegria!
– Digo! Eu digo isso com alegria, então não vê que eu não tinha quase quem me explicasse nada, e para esta professora me dar 15 valores da passagem da 3.ª para a 4.ª classe, era porque eu sabia! Ela era tão exigente!
– E isso [diploma de passagem da 3.ª para a 4.ª] quem emoldurou foi a sua filha?
– Foi o meu pai. Ele tinha isto na carteirinha. O meu pai teve isto sempre guardado...
– Tinha orgulho, o seu paio?
– Muito! Sim, ele até guardou isto. Se perguntar a todos que andaram comigo na escola, toda a gente desapareceu com isto, e ela não passou isto só para mim... passou para toda a gente.
– Então o seu pai tinha medo que a Darlinda fosse estudar e desaparecesse de casa?
– O meu pai tinha receio, porque ele era uma pessoa que gostava de ter dinheiro. E ele não se via a ter de me pagar, com medo que não tivesse dinheiro. Porque se o meu pai fosse talvez da ideia da minha mãe "ai eu não tinha" e dizem em África "ah vamos pedir"... 4 ou 5 contos, e depois quando ela se empregar ela paga. Mas isso assim não, o meu pai não era pessoa disso. Porque o meu pai era uma pessoa inteligente mas não era pessoa para ter negócios, tinha muito medo.

– Não era muito de arriscar.
– Não! Não era nada arriscado, não.
– Então conte lá essa história... entretanto casou, com 19 anos, e isso foi no ano de... ?
– 1969
– E depois emigrou, para onde?
– Para Moçambique.
– Foi para Moçambique com o seu marido, ele já lá estava? Casou por procuração?
– Casei por procuração, sim. Ele esteve cá na tropa, veio tirar curso de páraquedismo. Daqui foi para a Guiné, puseram-no na Guiné. Depois veio cá passar à disponibilidade, depois voltou porque tinha lá a mãe e os irmãos. O pai já tinha morrido, e ele foi pai dos irmãos, que eles eram 5 e ele era o mais velho dos 5. Tinha de ir dar apoio à mãe, porque tinha uma irmã com 6 anos e outra com 8.
– E ele já era um homem feito?
– Ele já tinha saído da tropa, tinha diferença de 14 anos para a irmã... ele tinha de ir ajudar. E porque tinha outro irmão, a seguir, que tinha de ir para a tropa, e foi 4 anos, esteve em Moçambique.
– Então a Darlinda casou-se por procuração com ele, e depois juntaram-se lá? Quantos anos lá viveu?
– Sim, eu fui daqui para lá... 11 anos. Gostei, adorei!
– Gostou de estar lá?
– Muito. Muito, muito muito. Porque aprendi também com facilidade, primeiro fui viver no chamado mato... gostei, e foi de onde tenho mais saudades, porque eu aprendi com facilidade a língua, o dialecto de lá. Falava-se o português, mas depois eles tinham muitas línguas, não é? E a mim também foi fácil aprender a língua deles.
– E a Darlinda lá, o que aprendeu, foi sempre nesse convívio com as pessoas?
– Tínhamos negócio, tínhamos algodão, tínhamos agricultura e tínhamos comércio. Tínhamos 120 trabalhadores a trabalhar no algodão, lá era o chamado ‘machamba’ aqui era o chamado ‘maquita’... um monte, como no Alentejo... lá era ‘machamba’, como nós chamávamos. Tínhamos muitos hectares de algodão.
– E a Darlinda, nessa vida que teve, acha que a escola foi uma coisa importante? O ter a 4.ª classe?
– Ah sim! Para fazer as compras, as contas, claro! Foi muito útil. Se eu não soubesse, já viu como é que era?! Claro que foi muito útil.
– E a Darlinda, o tempo que trabalhou lá foi sempre neste negócio, do algodão? E o que é que fazia, mesmo, lá?
– Foi foi. Estávamos na loja, e depois tínhamos quem nos fizesse a comida, quem lavasse a casa, quem passasse a ferro, quem fazia isso tudo. E nós estávamos no negócio, no comércio.
– Tinham casa aberta ao público? E foi sempre por conta própria?
– Sim, foi sempre por conta própria.
– E isso era na cidade?
– Primeiro estive no mato. Ultimamente estava em Nacala, e primeiro estive numa povoação que se chamava Mangan, tudo isto arredores de Nacala, a 30 Km da cidade de Nacala... onde aprendi e ainda hoje sei falar a língua de lá correcta.
– Fale lá um bocadinho...
– (risos) Ondum à vai? É a perguntar para onde é que vai! Mas se estivesse aqui uma pessoa, às vezes pessoas que estiveram lá, dizem que quem sabe bem é a Darlinda! E eu digo: “vocês estiveram lá e não aprenderam!”... eu aprendi. Muita gente da Chaveira esteve lá em Moçambique... uma delas, era minha vizinha, e nunca aprendeu.

– Mas entre a escola primária, e ter emigrado para lá... porque no fundo a sua profissão foi esta... o que é que fez nesse período entre acabar a escola primária e se casar?
– Eu fui aprender costura.
– Pronto. Aprendeu costura e trabalhou nisso?
– Sim. Estive dois anos e meio no Estoril, na casa de uma senhora que chamávamos aqui a Casa Grande, que eram os senhores mais ricos aqui dos Vales, tinham muitas propriedades, tinham um armazém de ferro em Vila Franca, e essa senhora tinha muitas empregadas e tinha pessoas a trabalhar de costura. Era eu e outra pessoa, e nós é que fazíamos a roupa para as outras empregadas. Tinha 7 criadas que usavam farda, de manhã uma farda, e à tarde outra. De manhã quando andavam a fazer a limpeza da casa tinham uma farda, à noite e à tarde tinham outra. E eu e outra é que fazíamos. Estive lá dois anos e meio, dos 16, quase 17, até aos 19. Era isso que eu fazia, era costura, e naquele tempo, há 50 e tal anos, não havia...
– E onde é que a Darlinda aprendeu de costura? Não foi com a sua mãe?
– Não não. Eu aprendi com uma senhora que foi modista da mulher do Carmona e das filhas. Isaura Cardoso, aqui dos Vales, e ela trabalhava em Lisboa, esteve muitos anos a viver em Lisboa. Eu até ainda tenho para aí em qualquer lado o espelho, que eu lhe comprei a ela, e ela disse-me assim: "Olha, este espelho, era onde a mulher do Carmona e as filhas provavam a roupa". Um espelho grande... uma vez um menino veio aqui a casa, e eu tinha o espelho ali num quarto, e ele enfiou-se por trás do espelho e partiu-o! Ai tive tanta pena... ainda tenho bocados dele. Ai... fiquei com tanta pena disso, que nem queira saber! Eu aprendi com essa senhora, porque ela costurava muito muito bem, e era nascida e criada aqui, e depois ela viveu em Lisboa muitos anos, e ela era a modista dela e das filhas. Ela depois morreu e eu comprei esse espelho à irmã, uma irmã viúva que vivia com ela, e depois essa irmã é que me disse que o espelho era onde a mulher do Carmona e as filhas provavam... iam a casa dela provar a roupa. É verdade. Ai eu tive tanta pena, tanta pena, tanta pena... que eu hoje quando vejo a rapazinho, que já é um homem, eu digo cá para comigo: "ai, partiste-me o espelho que eu gostava tanto!" (risos) O estupor do cachopo! (...)

– Ilda Cardoso da Silva Veríssimo –

Naturalidade: Monte Novo (Vila de Rei)
Data de nascimento: 03-06-1946
Residência actual: Monte Novo (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.º classe

Entrevista realizada por Helena Cabeleira na Universidade Sénior de Vila de Rei (05-11-2019), devido a um problema técnico esta primeira gravação áudio acabou por ficar inaudível, pelo que a entrevista foi posteriormente gravada em registo áudio e audiovisual (03-12-2019).

– Ilda, portanto (...) a sua naturalidade é Monte-Novo que é Vila de Rei, pertence a Vila de Rei.
– Fundada.
– (...) Disse-me que tem a 4.ª classe e andou na Escola da Lagoa Fundeira, que pertence a Vila de Rei.
– Pertence à Fundada (...). É freguesia de Fundada. Concelho de Vila de Rei.
– E depois, quanto às habilitações dos seus pais, disse-me que o seu pai se fosse vivo teria cento e dois anos?
– Sim!
– E que tinha a 3.ª classe.
– Tinha a 3.ª classe.
– E sabia ler e escrever e, portanto, fez a 3.ª classe. A sua mãe era analfabeta e teria uns noventa anos se fosse viva. Ela nunca aprendeu a ler e a escrever, não sabia sequer assinar o nome dela ou assinava o nome dela?
– Isso acho que ainda assinava.
– Conseguia assinar o nome dela. Mas não sabe como é que ela aprendeu a assinar o nome?
– Não sei.
– Como é que ela fazia? Alguém a ensinou?
– Não sei. Não sei, porque eu conheci-a só aos dezasseis anos, como eu já expliquei. Por isso nunca entrei em pormenores com ela acerca disso... não.
– E os seus irmãos? Não teve?
– Do meu pai não, da parte da mãe tive três irmãos.
– Então conte lá essa história. Portanto, não tem irmãos da parte do pai. (...)

– A minha mãe era uma senhora solteira, o meu pai era casado e, então, a senhora, ou seja, a minha madrasta (...) era um bocadinho deficiente... como é que se chama? Deficiente... como é que é? Das pernas (...). Ela era uma criada que veio lá para casa para tomar conta... para ajudar o meu pai. Portanto, nasci eu. Eu nasci e nessa altura o meu pai... a minha mãe foi embora, e eu fiquei com onze meses.
– O seu pai é que a criou?
– O meu pai e a minha avó, e dois tios. Criaram-me e eu nessa altura... só conheci a minha mãe, depois mais tarde, com dezasseis anos quando saí daqui (...).
– Conte a história da cestinha.
– Pois... o cabazinho! (risos). Eu fui para ir para Lisboa, fui pedir dinheiro aqui a um senhor, porque não tinha. O meu pai não sabia para onde é que eu tinha ido, preocupado comigo, procurou por ali tudo, mas ninguém... mas havia uma tia minha que sabia e disse: "Não a procure mais, porque ela a esta hora já está em Lisboa." E ele disse: "A esta hora já alguém a apanhou", porque ele sabia o que era Lisboa, porque ele tinha estado lá. Já era um meio muito grande para mim e, então, ele com medo... mas tudo se resolveu. Depois eu comecei a namorar lá em Lisboa, o meu marido que o foi, com dezassete anos. Eu fui para lá com dezasseis, com dezassete anos comecei a namorar e casei-me com dezassete. Eu estive só um ano a namorar. Depois no final do ano casei-me, nesse ano em que eu fiz os dezoito foi quando me casei. Por isso nunca entrei em contacto com a minha mãe a perguntar-lhe isso...
– Portanto, o seu marido faleceu há três anos e ele tinha a 4.ª classe.
– Sim.
– E tem um filho... que tem o 12.º ano.
– Exatamente.
– Portanto... quanto ao primeiro dia de escola a Ilda disse-me que não se recordava, tinha sete anos.
– Entrei com sete anos, saí a fazer os onze. Acho que foi. Entrei no ano em que fiz os sete e depois saí, já tinha feito dez anos, pois. Foi só a 4.ª classe, foram quatro anos.
– Eu perguntei-lhe em relação à roupinha que usou nesse dia...
– Não me recordo de nada.
– A escola ainda existe, mas já não é o mesmo edifício?
– Sim. Era um edifício, mais pequeno do que esta sala, e tínhamos para trás um quintalinho que nós chamávamos o quintal das figueiras e era ali que nós brincávamos. Tinha assim uma figueira ou duas. Tínhamos assim uns acentozinhos com pedras e sentávamo-nos ali... e brincávamos ali. Depois para o outro lado tínhamos, acho isso ainda hoje lá existe, um portãozinho... assim uma coisa muito simples.
– Portanto, a escola era um edifício feito para o efeito. Era uma escola de raíz?
– Pois, isso é que eu não sei. Sei que...
– Não era uma casa particular nessa época?
– Não. Era assim só um edifíciozinho só assim... o quadro, a imagem do Salazar e acho que também tinha um crucifixo, mas isso aí já não... mas o Salazar acho que tinha lá. E tínhamos umas carteirinhas (...). Tínhamos as carteiras, um tinteiro no meio, escrevíamos com aquelas canetas próprias para molhar.
– Usavam lousa? A pedra?
– Sim, também. Isso também usávamos. Pronto. E nós é que fazíamos as limpezas, à nossa maneira.
– Vocês os alunos?
– Sim.
– E era todos os dias? Era ao fim de semana?

– Era ao fim de semana (...). Estudávamos de manhã, íamos almoçar a casa e depois voltávamos novamente para a escola.
– E até que horas ficavam na escola?
– Pois, também não era muito, mas seria até por volta das 4horas. Até às 4.
– Quantos alunos é que tinha a sua escola nessa altura?
– Uns vinte e tal.
– Classes diferentes? Todos em classes diferentes?
– Sim. Naquele ano era só a 1.ª classe. O ano seguinte era a 2.ª e o terceiro ano era a 3.ª classe. Era assim. Depois a 4.ª classe. Não havia ali diferença de, como é que se diz?... era tudo a mesma coisa.
– E as idades dos meninos eram muito variadas?
– Era mais ou menos...
– Ensino misto? Rapazes e raparigas misturados?
– Exato. Só se algum era repetente então é que ficava naquele ano. Continuava.
– A Ilda disse-me que a escola hoje em dia foi transformada num palheiro.
– Foi. Sim. Subiu, foi subida, isolada, mais isolada, não é? Acho que já nem tem aquela parte daquele lado, mas é mais isolada. Foi transformada num palheiro e num chafariz. Foi lá colocado um chafariz onde põe água nessa tal dita parede da escola para a rua é um chafariz.
– Quando é que isso foi colocado lá?
– Pois isso não sei, porque foi aquele tempo em que eu não vivi cá, nunca me apercebi. (...)
– Em relação aos companheiros de escola e aos alunos da escola, de quem é que se lembra?
– Éramos todos amigos, todos amigos na época. E, então, levávamos às vezes com aquela parte comprida na cabeça.
– Uma régua?
– Uma régua. Não tinha buracos, era só a madeira, a tábua. E era quanto bastava! (risos)
– Falou-me de um senhor, José Gaspar Fernandes, que é um senhor que vive em Mafra. Conte lá esse episódio. O que é que se passou na história?
– É que ele levava muitas reguadas... era um colega que levava muitas reguadas. Nós tínhamos muita pena dele, porque ele era muito... porque não aprendia, por qualquer motivo, não era porque se portava mal, era pela aprendizagem. Virava a mão e aquilo era constante... as réguas ali. Nós tínhamos muita pena dele. O outro senhor, que é o António Domingos, esse senhor é que... nós viemos aqui fazer a 4.ª classe e ele pagou-nos o refresco. (...) Ele nunca quis estudar, mas fez ali a 4.ª classe (...). Ele tem a mesma idade que eu tenho. É como eu disse, eu fiz a 3.ª classe na Fundada e viemos fazer aqui a 4.ª, a Vila de Rei.
– À Escola Primária de Vila de Rei.
– Eu não sei o que era aquela escola. Não é a escola atual. A escola que houve era uma escola diferente, acho que muito antes desta que hoje ainda existe aqui, antiga também. Já não há lá, há muito tempo, escola. E, então... nós passámos com o professor Lucas, ele fez-nos a passagem para sairmos da escola, da 4.ª classe e, então ele disse: "Então meninos, uma vez que passámos todos, vou-vos pagar ali um refresco." (...)
– Não se lembra do nome do sítio onde bebeu o refresco?
– Lembro-me do sítio. Ainda lá está o edifício, está lá tudo. E a escola.
– (...) Era uma tasca?
– Era uma tasca, exatamente.
– E quando foram beber o refresco foram quantos colegas?

– Fomos todos os que passaram.
– E os que passaram foram quantos?
– Fomos todos... uns dez. Com o professor Lucas, mas não me lembro nada do professor. Só foi nesse dia... não me lembro dele.
– Falou-me de uma menina... a Lúcia Marçal Alves.
– Essa era muito... ”Lá está a cabra da Lúcia!”, porque ela era muito “iiiiiiiiii”.
– Quem dizia isso era a professora?
– A professora dizia: “Lá está a cabra da Lúcia!”... porque ela... eram aqueles risos assim. Era o jeito que ela tinha (...). Eu era bem comportada (...) escrevia as redações, os ditados, sempre tudo com os do ano seguinte... mas a matemática para mim não devia existir. Eu estava sempre a repetir para me ensinarem e sempre a olhar para o lado para ver se conseguia captar alguma coisa...
– Porque é que gostava dos ditados?
– Escrever, escrever... Ler, ler era comigo. Hoje detesto ler, mas na altura adorava ler e escrever. Fazia redações que era o que era na época, não era nada como agora. Poucos livros... mas não tenho nada de livros em casa... .
– Como é que a professora a recompensava, quando fazia recompensas? Ela fazia uma coisa que a Ilda apreciava muito, não era? Quando se portava bem, nas leituras ou nos ditados, ela mandava-a ir escrever com os alunos do ano seguinte, não era? Conte lá isso melhor!
– Pois, era isso... ela mandava-me sempre escrever com (...). Ela mandava-me: “Escreves agora os ditados” e eu não fazia erros.
– Ia fazer os ditados com a classe acima da sua?
– Acima. Exatamente. Com a classe seguinte.
– Portanto, falou-me dos seus professores e da professora que teve, uma senhora que foi regente (...) Ricardina Pereira Robalo.
– Exatamente.
– E depois falou-me da professora Felicia Dias.
– Felicia Dias Alves.
– Portanto, esta senhora Ricardina Pereira, que era regente, foi sua professora até à 3.ª classe?
– Até à 4.ª. Só fez a 3.ª para a 4.ª.
– Então, mas ela era regente?
– Era regente, era. A outra é que nos fez da 3.ª para a 4.ª.
– ... esta senhora Felicia Dias Alves?
– Exatamente. Sim. Onde eu comi o ovo cozido que nunca mais me esqueço. Sei que levei um ovo cozido para o meu almoço, não sei o que é que se passou, mas isso nunca mais me esqueceu, sim. Levei qualquer coisita para o almoço com certeza onde entrava o ovo cozido.
– Mas isso no exame?
– Da 3.ª que nós fizemos com essa senhora que não era regente...
– Professora Felicia Dias Alves?
– Exato. Mas eu...
– Que era professora na Fundada, é isso?
– Sim. Foi lá que nós fizemos o nosso exame da 3.ª para a 4.ª.
– Quantas povoações ali em redor é que iam à sua escola?
– Portanto... Monte Novo, Lagoa Cimeira e Lagoa Fundeira.
– Eram essas as populações que iam lá à escola?

– Só! Eram estas populações, porque Vilar de Ruivo já tinha uma escola para eles. Fundada tinha uma escola para eles, para essas povoações. O Abrunheiro tinha uma escola também. A Ribeira... a Ribeira não. A Ribeira ia com o Abrunheiro Pequeno e Abrunheiro Grande. Nós... era uma escola para as três povoações. Porque era tudo ali próximo. Ao passo de que Vilar de Ruivo era mais despovoado... e tinham uma escola (...) que ainda hoje é transformada numa coletividade. A nossa não, a nossa é transformada em tipo de palheiro.
– Então, mas conte lá a história do ovo.
– Foi quando comi o ovo. Foi quando fiz a 3.ª classe. Da 3.ª para 4.ª, sim.
– Foi à Fundada fazer esse exame?
– Sim! E quando saí totalmente já com a 4.ª classe... ficámos contentes, foi aqui que o professor Lucas, foi quando o António Domingos nos pagou o refresco.
– E a história do ovo?
– É isso (...). Sei que levei, entre qualquer coisa mais (...) que o meu pai me mandou... não sei o quê, já não me recordo... mas o ovinho ficou-me sempre na ideia...
– (...) O que achava dos professores? Como é que se dava com eles, se achava que eles eram bons professores? As professoras que teve ou a regente neste caso...
– Só tive essa regente. (...)
– Dava-se bem com a senhora?
– Sim, muito bem. Ela vivia lá na casa de uns... que era a casa das professoras. Vivia lá na casa de uns senhores que viviam ao pé da escola, ali a poucos metros e quando nós tínhamos alguma coisa, de vez em quando... íamos lá levar, assim alguma coisa, por exemplo uma melancia... na época, o meu pai mandava.
– E, na escola, como é que corria a relação?
– Na escola corria bem.
– Os alunos em geral gostavam da professora?
– Sim.
– Ela dava muitos castigos?
– Há alunos que dizem "Ai, o professor fulano era ruim!", mas não. Com aquela não.
– Com aquela não. Acha que ela era boa professora? Ensinava bem?
– Na altura... acho que sim.
– A Ilda disse também que ela não a castigava muito, porque a Ilda...
– Também não me portava mal, não é?
– Não se portava mal e aprendia bem.
– Pois.
– Mas uma vez faltou à escola.
– Ah, sim, sim! Faltei, porque eu não gostava nada de ir à escola. Por qualquer motivo eu detestava a escola... depois aí numa certa altura. Então saí. Em vez de ir à escola não fui, fui para ao pé dos pedreiros.
– Mas detestava a escola porquê?
– Pois. Já não queria andar na escola e também não sei em que altura foi. Sei que eu era muito galdéria e em vez de ir à escola fui para o pé dos pedreiros que andavam a fazer uma casa de um tio meu. Acho que faltei ali um dia ou dois e o meu pai mandou um recado. E onde é que a Ilda foi? O meu pai vai...
– A professora mandou um recado ao seu pai?
– E onde é que eu fui? E então eu disse ao meu pai que tinha ido para o pé dos pedreiros. E ele deu-me uma tareia. A partir daí tive de ir sempre à escola.
– E o seu pai queria que a Ilda fosse à escola?

– Ele queria que eu fosse professora, mas eu não queria ser! (risos) Para ser professora tinha de sair daqui da zona, tinha de se ir para Castelo Branco.
– E o seu pai estava na disposição de a mandar para Castelo Branco?
– Mas eu não queria, porque depois já não gostava da escola. Eu já era mais galdéria, já não queria escola... (risos).
– Acha que o ter ido à escola e a professora influenciaram aquilo que foi a sua vida?
– Ai sim, então se eu não tenho ido à escola nem sabia ler. É muito útil nós aprendermos.
– A Ilda estava a dizer que depois já não gostava da escola, não queria continuar a estudar...
– Pois, não sei bem qual o motivo por eu depois já detestar a escola já não sei bem qual o motivo, mas depois cheguei a uma certa altura que já estava desmotivada...
– E depois de sair da escola primária e acabar a 4.ª classe o que é que foi a sua vida?
– Ai isso então... acabei a 4.ª classe, estive na casa do meu pai, mas a relação com o meu pai não seria assim tão boa, e eu achava que não era vida para mim eu estar ali.
– Não era vida para si porquê?
– Pelo ambiente, porque se eu não saía daqui não aprendia nada, porque eu ia à escola, chegava da escola tinha de ir abrir as duas cabras que tinha...
– Todos os dias?
– Todos os dias! Eu e mais uma senhora que morava lá ao pé de mim que também tinha um rebanho de cabras e eu ia com ela, enquanto a minha prima que vivia lá ao pé tinha outro pensar que eu não tinha e eu queria era brincadeira. Eu era só brincar! Eu ia para a casa dos vizinhos todos para brincar, e depois o meu pai, de vez em quando, vai de me dar. Hum... Porque eu não tinha o cuidado de ir abrir as cabras, ele não se importava que eu não fosse à horta. Na horta era tudo com ele, no campo era tudo com ele, mas as cabras era comigo.
– Era da sua responsabilidade.
– Eu não fazia queijos, não fazia nada, era tudo com ele. Ele cozia o pão, porque ele já tinha sido padeiro em Lisboa. E, então, era às cabras que eu tinha de ir. Se ele chegava a casa e não via as cabras abertas ele ia logo à minha procura. Eu ainda tive ali aqueles anos em que saí da escola, ainda estive ali até aos dezasseis anos. Eu achava que ali não aprendia nada ao pé dele, pronto, eu não evoluía nada. E, então, um dia escrevi uma carta à minha madrinha, que era a irmã da minha mãe, que vivia em Lisboa. Escrevi-lhe uma carta e disse que gostava de sair dali, mas o meu pai não podia saber que eu ia sair senão ele não me deixava, isso já eu tinha certo, a certeza já eu tinha. E ela, então disse: "Está bem se tu pensares em sair, tu dizes-me alguma coisa." Eu um dia pensei: "Ai não, isto não é vida para mim." Era ir à missa, vir para casa, ir com as cabras, ir à escola, pronto, e pouco mais... Eu liguei à minha madrinha, liguei-lhe no dia próprio em que eu já queria ir para Lisboa, pedi à minha tia que morava ali ao pé de mim, pedi-lhe uma coisa [um cabaz] para poder levar a roupa que eu tinha, porque lá isso roupa ele comprava sempre. Nunca andei descalça, não era uma pessoa com... tinha sempre roupa. Ele nunca me deixou ficar sem roupa. Eu liguei à madrinha tal dia e disse: "Amanhã eu vou no autocarro às 7 horas, na camioneta". Naquela altura não havia autocarros era a camioneta que seguia daqui, passava lá na minha zona, seguia, vinha aqui a Vila de Rei, era logo de manhã, vinha a Vila de Rei e seguia para Abrantes. Em Abrantes mudava para Lisboa. Eu ligo à minha madrinha e ela, então, disse que sim, que fosse. Quando cheguei às sete da manhã adormeci, porque fui dormir à casa de uma vizinha, adormecemos as duas, quando nós acordámos a camioneta já ia passada e eu digo assim: "E agora como é que eu faço, eu tenho de ir, eu não posso desistir. Eu tenho de ir." Não sei qual foi o meu transporte. Sei que cheguei aqui a Vila de Rei com o cabaz. Cheguei aqui a Vila de Rei sem dinheiro. Que tragédia!... Fui

ali a uma casa que se chamava "O cobra", o António Cobra, um senhor que se chamava António Cobra e disse: "Olhe, eu precisava de ligar para Lisboa. Precisava de dinheiro para me ir embora e depois o meu pai dá-lhe." Pedi-lhe cinquenta escudos, ele emprestou-me. Uma filha dele foi comigo telefonar, novamente, para a minha madrinha a dizer que não fui na camioneta da manhã, mas que ia nesse próprio dia, que ia na camioneta que fazia ligação ao comboio e, então, que me esperassem lá em Santa Apolónia. Fomos lá, então, telefonar. Uma filha da senhora foi comigo, porque eu sabia lá o que era um telefone!Nunca tinha ligado, nunca sabia... não sabia nada! Ela: "Está bem. Alguém te vai esperar a Santa Apolónia vem nessa camioneta da tarde." E assim foi. Fomos ligar, fui na camioneta da tarde e quando cheguei a Santa Apolónia o meu padrinho não me conhecia, só por uma foto... que se tinha tirado aqui em Vila de Rei também e eu estava ali assim à espera, com o cabazinho ao pé, ali assim... e chega um senhor ao pé de mim perguntou-me, porque por essa fotografia já me conhecia, e eu disse: "Sim, estou à espera sim", "Então vá, anda comigo." Eu fui com ele numa mota até Belém. Chegámos a Belém ele meteu-me na camioneta para a Amadora. Chegámos à Amadora lá estava a mota e ele. Ele morava ali próximo, então fomos para a casa dele para a minha madrinha, com o cabaz, esse cabazinho... Pronto, lá cheguei. Eu também não conhecia a minha madrinha... foi assim a história da minha vida.

– Portanto isso com dezasseis anos, já depois de ter saído aqui da escola?

– Depois de ter saído da escola, sim, sim.

– Portanto, no período entre ter terminado a escola e ter ido para Lisboa, basicamente a Ilda esteve aqui pela aldeia?

– Sempre, sempre pela aldeia.

– Sempre a trabalhar nas coisas do campo.

– Pois, ajudava nas coisas do campo e sempre as cabras.

– Sempre as cabras. Portanto, o seu pai gostava que tivesse ido estudar e foi a pessoa que a incentivou a ir estudar? Nunca teve mais incentivos de ninguém, que lhe desse um apoio?

– Ele dizia para as pessoas: "Eu gostava que ela seguisse, que fosse professora." Ele pensava que ser professora seria fácil, não é? Mas para mim não era fácil. Não era fácil e eu também nunca liguei a isso, nunca liguei. Fui para Lisboa, a minha madrinha arranjou-me lá emprego numa casa de uns senhores e ela disse: "Olha, tens de trabalhar! Tens de trabalhar porque eu não te posso ter aqui. Tenho aqui a tua prima não te posso cá ter." Tudo bem, depois arranjou-me trabalho. Eu estava na casa de uns senhores que era na mesma rua. Depois de um ano de lá estar conheci o meu marido que morava assim logo na rua traseiras com traseiras e a minha madrinha disse: "Você namora com a minha afilhada? Como é que é? Você acha que é mulher para si? Olhe que ela é muito nova!" Mas como ele tinha sete anos a mais, ele disse: "Não se preocupe D. Celeste. Não se preocupe, porque tudo se resolve. Por ela ser nova tudo se vai resolver." Ele tinha mais sete anos, acho que já disse. E, então, namorámos um ano e tal, depois a minha madrinha escreveu uma carta, porque nessa altura não havia telefones, não é? Escreveu uma carta ao meu pai e disse: "Olhe compadre, a sua filha está bem, se ela aí for aceite-a?" e ele disse: "Sim", ele respondeu que sim, que me aceitava. "Ela namora aqui um rapaz, mas sabe que ela não está aperfilhada e o compadre tem que a aperfilhar para ela se casar." E ele então, antes de eu casar, um tempinho, mandei-o cá vir, ele veio cá, ele veio aqui a Vila de Rei e aperfilhou-me.

– Portanto, a Ilda viveu até aos dezasseis anos andou sem ter nome de pai?

– Sim, sim. Era filha de pai incógnito.

– Pronto, a sua mãe registou-a, mas perdeu o contacto com a sua mãe aos onze meses e só a voltou a encontrar quando foi para Lisboa?

– Sim! Conheci a minha mãe lá.
– Depois quando quis casar, a Ilda veio pedir ao seu pai para...
– Foi tudo combinado eu vir. A minha madrinha veio também e vieram-me buscar aqui ao registo para pôr o nome do pai. O meu pai ficou muito contente com a minha atitude, porque eu já era diferente, já tinha assentado ideias, já fazia as coisas diferentes.
– Ficou contente com a melhoria?
– Ficou! Quando eu cá vinha já era tudo totalmente diferente. Aceitou muito bem o meu marido também. Pronto, já se sabe, umas situações muito desagradáveis na altura mas depois... fica tudo feliz!
– Sim senhora... A Ilda falou-me em termos das rotinas. O que é que faziam... assim, do que se lembra, quando ia à escola, o que é que acontecia? Se entravam para a sala de aula em fila, se cantavam, se rezavam... o que é que acontecia lá na escola?
– Rezavam. Rezavam e benzíamo-nos sempre.
– Rezavam o quê?
– Avé Maria... e benzer sempre, benzer sempre.
– E cantavam?
– Não, não me lembro nada de cantar. Só o hino nacional.
– Cantava o hino nacional. Em que ocasiões é que cantava o hino nacional?
– Pois, também não sei. Não devia ser em grandes ocasiões assim, porque na altura...
– Quanto tempo é que ia da sua casa à escola? Era perto?
– Um quarto de hora, nem tanto.
– Era na mesma aldeia, portanto?
– Não! Eu era no Monte Novo. Às vezes ia almoçar com o meu tio, com um tio que tinha lá.
– Costumava levar merenda para a escola?
– Não, não, não. Nós não levávamos, porque saíamos àquela hora, não era necessário.
– Pois, já falou das carteiras, do espaço da escola que era só uma sala... portanto, tinham casas de banho, não tinham? Como é que faziam?
– Íamos lá para trás.
– Iam lá para trás da escola. E a professora, igualmente?
– A professora tinha a casa dela lá em cima, pois ia a casa. Ia a casa, mas acho que ela não se deslocava da escola.
– E tinham aquecimento? No inverno como era? Havia frio, não havia?
– Claro que havia frio, mas nós nas nossas casas também não tínhamos aquecimentos nenhuns, era a época. O tempo era assim.
– Ao que é que brincava nos recreios?
– Às escondidas, à apanhada, aresta aresta... não havia bolas para os rapazes.
– Das pessoas que andaram na escola consigo a Ilda ainda mantém alguns contactos com essas pessoas? Conhece-as?
– Conheço todas. Só um rapaz que já faleceu é que não.
– E dessas pessoas muitas ficaram por cá? O que é que foi a vida delas?
– Eu acho que nenhuma ficou por cá.
– Foram todas embora?
– Sim.
– Emigraram ou foram para Lisboa?
– Foram para Lisboa. Só apenas uma rapariga é que ficou. De resto uma foi para a Alemanha outras foram para Lisboa.
– Era uma vida dura na época. As pessoas costumavam sair, emigrar?

– Sim, umas que iam estudar, outras que iam servir... como se chamava na altura. Servir... era empregadas domésticas. Mas depois tudo casou, tudo arranjou por lá as suas vidas e agora com as pensões as pessoas gostam de regressar... já vêm reformados.
– Foi o caso da Ilda?
– Não. É assim, eu vim, porque o meu marido pediu transferência, porque ele era da PT e pediu para vir para aqui para o correio, para Vila de Rei. Então, nas folgas dos colegas, andava aí pelos conselhos e, fora disso, por muitas zonas. Já vivo cá quase há trinta anos.
– A Ilda nunca repetiu ano nenhum? Passou sempre?
– Sempre!
– Portanto, era uma boa aluna?
– Era uma boa aluna. Tinha-me por ser uma boa aluna. Eu penso que sim. Uma pessoa que passa todos os anos, que não é repetente...
– E a Ilda lá na sua escola lembra-se de haver muita discrepância entre os alunos até em termos económicos, da origem deles? Sentia muitas diferenças ou achava que era tudo mais ou menos dentro da mesma...
– Era tudo mais ou menos. O que era é que não havia dinheiro na altura, não é? E não havia também onde o gastar ali. Era diferente.
– Nunca se lembra de terem lá dado algum apoio na escola para a alimentação, para a roupa?
– Nunca. Não, isso não.
– Os materiais escolares?
– Éramos nós que comprávamos.
– A escola não dava esse tipo de apoio?
– Não, não, não.
– Lembra-se quando havia estas épocas de Natal, Carnaval, Páscoa, se passava alguma coisa lá na escola, se faziam alguma festa?
– Não.
– E alguma coisa típica na aldeia havia?
– Era tudo muito simples.
– Alguma altura do ano em que houvesse algum evento, alguma festa, alguma situação assim tradicional?
– O nosso dia era assim, era o Natal, nós comíamos filhóses... que hoje comemos em qualquer altura. Nós estávamos desejando que chegasse o dia de Natal para podermos comer as filhóses. O meu pai fazia um alguidar de filhóses, ia moer ao moinho, que se chamava a Pedra Alveira, e eu ia lá levar e buscar um alqueire de trigo para fazer as filhóses que tinham de dar do Natal ao Ano Novo, oito dias tinham de dar.
– Mas isso era na sua casa ou era na aldeia?
– Era na minha casa. Era só na minha casa. E, então, eu gostava muito de comer as do fundo, porque ele passava-as todas por água e açúcar, água doce, água com açúcar e eu gostava de ir ao fundo do alguidar que era um alguidar de barro e comer essas filhóses já molhadinhas. Ainda hoje tenho o paladar daquelas filhóses. E não eram muito branquinhas, porque aquilo era moído na Pedra Alveira... com aquele farelo grosso. Aquilo é que era comida saudável. Era o único dia que nós tínhamos assim...
– A Ilda manteve essa tradição? Continua a fazer esse tipo de coisas?
– Agora já não faço. Compro-as! E compro em qualquer altura.
– É o seu doce preferido?
– Filhóses, sim. Não gosta? E era um dia em que nós íamos à missa beijar o menino Jesus... que eu me lembro. Pronto, nós íamos todos os domingos à missa, lá está, meia hora a andar.

– Meia hora a andar? Onde é que iam à igreja?
– À igreja à Fundada. Ainda hoje, ainda hoje mantemos essa tradição.
– Então, a sua aldeia não tinha capela?
– Não.
– Não tinha igreja? Tinham de ir a outra terra.
– Sim.
– E lembra-se lá no campo... enquanto andou, pronto, a estudar e até a viver antes de ir para Lisboa... se lá na sua aldeia tinham esses hábitos de fazerem o tempo das colheitas em conjunto, as pessoas? Se havia uma eira comunitária, se era uma eira particular?
– Era, comunitária. O meu pai tinha uma eira própria onde nós fazíamos o centeio, o milho e o trigo. E era assim, juntávamo-nos e o meu pai, o meu pai e dois tios meus, iam ajudar a ele e o meu pai vice-versa ia ajudar os meus tios. E nós lá íamos pôr uns panos em volta, ajudávamos à eira. Aquilo era muito divertido e o comer era grão com massa e toucinho era assim a comida... e repolho. Era a comida do dia da matança, da matança não, da malha. Da malha. Estava a falar da matança, mas a matança é outra coisa. Era o dia da malha, exatamente.
– Olhe, e nas férias da escola o que é que se fazia? Havia alguma atividade na escola? A escola fechava?
– Não, não. A escola fechava.
– Houve alguma situação ou episódio que a Ilda se lembre que tenha ficado marcado... de quando andou na escola ou nessa época?
– De mim não.
– De si não. Mas houve algum?
– Houve um episódio de um amigo nosso, de um colega, que o pai tinha um estabelecimento e ele... acho que roubou um maço de tabaco ao pai para dar a um amigo, já naquela época era assim... e o pai soube que ele tirou o tabaco, deu-lhe um puxão de orelhas e ele chorou para a professora e para nós e estava muito: "O meu pai queria-me arrancar as minhas orelhas." Nunca mais me esqueceu. Chegou aqui, o tipo, porque ele ficou aflito das orelhas. Esse foi o episódio que me marcou mais e que nunca mais me esqueceu.
– Lembra-se da pessoa?
– Lembro. José Martins da Silva Leitão.
– Lembra-se das pessoas falarem sobre o que é que achavam da escola, se era uma coisa importante os filhos irem à escola? Tem alguma ideia, no geral, na aldeia, se as pessoas consideravam que a escola era uma coisa importante?
– As pessoas sim, achavam que sim. E as mães falavam, as mães, as minhas tias, falavam que sim que era muito bom, porque elas nunca aprenderam a ler e eram analfabetas. Essas pessoas eram analfabetas e achavam que a escola era importante para os filhos delas.
– Não havia casos em contrário, em que as pessoas não tivessem vontade de mandar os filhos à escola?
– Não, não. Toda a gente mandava.
– Ou que achassem que era tempo perdido, porque se calhar precisavam dos filhos para trabalhar, não havia casos desses?
– Na minha zona as pessoas da minha idade achavam que sim, os pais. Talvez outras pessoas mais atrasadas, mais antigas, que as filhas só estudaram até à 3.ª classe, aí os pais já... pessoas mais antigas já não achavam muito bem, porque queriam os filhos para trabalhar.
– Sente que as raparigas eram as mais prejudicadas em relação aos rapazes?
– Não. Eu acho que não eram prejudicadas.

– Era igual?
– Era igual. Lá na minha aldeia, só sei ali na minha aldeia...
– Claro, claro. A Ilda lembra-se, pronto, se tivesse tido oportunidades de estudar mais, mas também já me disse que não era essa a sua vontade, mas se pudesse ter seguido alguma coisa em termos de estudos...
– Não, nunca pensei nisso.
– Lembra-se na escola, enquanto estavam nas aulas, se havia alguma sequência, se a professora começava por chamar alguém ao quadro? O que é que faziam durante o dia?
– Chamava todos ao quadro. Todos! Faziam reduções na altura, era reduzir a quilómetros, reduzir a milímetros. Aritmética.
– A sua disciplina preferida já me disse que era...
– Português.
– Os ditados, escrever e ler.
– As redações dos coelhos e isso...
– Conte lá essa dos coelhos.
– (risos) No fundo, quer dizer, fazíamos a redação sobre os coelhos... se tínhamos, se não tínhamos... depois tudo o que nós sabíamos, o coelho era quadrúpede. Pronto. E no fim, em vez de pôr... e depois eu gostava muito de pôr: "Eu gosto muito dos coelhos" e em vez de pôr "Eu gosto muito dos coelhos" eu punha "Eu gosto muito dos colhos"... dos colhos! E depois a professora ralhou-me.
– Ralhou-lhe. Não lhe bateu, ralhou?
– Ralhou, ralhou. Isso nunca mais me esqueceu.
– E a disciplina que menos gostava?
– Era Matemática. Não compreendia. Andava sempre a ver se alguém me deixava copiar.
– Qual era a parte mais difícil para si da matemática?
– Era contas. Não era bem assim reduzir, reduzir às coisas. Era as contas, para mim era um bocado maçador. Não gostava.
– Que métodos... lembra-se como é que ela ensinava? O que é que ela fazia, para dar apoio? Se é que fazia isso aos alunos que tinham necessidades ou que não conseguiam aprender...
– Isso não me lembro.
– Não se lembra se ela tinha algum sistema, que a Ilda se recorde?
– Não. Só me lembro que ela tinha o hábito de bater. Isso é que me lembro. De bater com a cana ou com a régua. Quando as coisas não corriam lá ao jeito dela...
– Lembra-se de algum livro em particular ou alguma história, um personagem? Não tem memória?
– Histórias lembro-me muito. Portanto, quando eu fiz a passagem da 1.ª para a 2.ª fui recitar um poema, é tipo um poema, lá no salão paroquial, que ela ensinou a várias, mas essa nunca mais me esqueceu. Nós íamos ao palco, cada um por sua vez, e o meu era este: "Sinto-me feliz, contente, tão ditosa que nem sei. Pois na luta fui valente e até pasmei muita gente da coragem que mostrei. Fui hábil, nunca errei, tive calma e fui prudente. Mas a vitória foi tal que embora isso confunda é notória em Portugal. Já passei para a 2.ª!". Nunca mais me esqueceu este poema.
– Muito bem! A Ilda já me falou também que a sua situação profissional foi basicamente em Lisboa, não é? E trabalhou como empregada de servir...
– Sim, sempre! Os meus padrinhos do casamento foram os meus patrões onde eu estive.
– Portanto, foi essa a sua profissão?
– Foi, empregada doméstica.
– Trabalhou sempre por conta de outras pessoas, não é?

– Sim.
– E sempre em Lisboa?
– Sempre em Lisboa.
– Acha que o ter ido à escola foi uma coisa importante para você fazer esse seu trabalho?
– Ah, sim. Para tudo, então, pois.
– E lembra-se da opinião que o seu pai tinha da escola? Já me disse que ele a incentivou a estudar mais, mas havia alguma relação, o seu pai costumava falar com a professora? Os pais iam à escola?
– Pois, isso não tenho ideia nenhuma, se iam se não.
– Mas para ele era bom que a Ilda tivesse um bom aproveitamento? Era uma pessoa que se preocupava com isso e que estava atento?
– Ele tinha a 4.ª classe. Ele sabia ler, sabia escrever, sabia fazer uma carta que era muito bom na altura dele com aquela idade. Era muito bom.
– E a Ilda alguma vez lhe ocorreu, enquanto era criança e ia à escola, pensar o que é que achava da escola? Se achava que aquilo era uma coisa boa para si? Se tinha alguma expectativa lá? Não lhe ocorria assim nada? Não se lembra? Tinha aqueles pensamentos do tipo: "O que eu gostava de ser quando fosse grande?"
– Pois, não. Eu queria era brincar. Queria... era galdéria!
– Ilda, o que é que nota que é a diferença maior, porque depois foi mãe, o seu filho também andou na escola até um certo ponto... para si era importante que o seu filho fosse à escola?
– Era! Era, mas o meu filho era como a mãe, não gostava muito da escola. Ele foi logo trabalhar. Eu arranjei-lhe logo trabalho.
– Mas ele fez essa opção? Se ele quisesse estudar a Ilda ia aceitar isso?
– Sim, se ele quisesse, pois.
– E qual é a diferença maior que nota da sua escola para aquilo que foi o tipo de escola do seu filho?
– Muito diferente. Muito diferente. Não tem nada a ver.
– Porque é que acha que foi assim tão diferente?
– Muito diferente em tudo. Na maneira das crianças serem, nós éramos muito pacatos, era uma pacatez ali o nosso meio. Eles eram diferentes. Eram muitos alunos, eram muitos livros, era tudo mais. Pronto, eram coisas diferentes, totalmente diferentes, muito diferentes.

– Isilda Lopes Dias Cardoso –

Naturalidade: Caniçal Cimeiro (Proença-a-Nova)
Nacionalidade: Portuguesa-Canadiana
Data de nascimento: 01-07-1949
Residência actual: Caniçal Cimeiro, Proença-a-Nova
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

– Maria Fernanda Lopes Dias Cardoso Oliveira –

Naturalidade: Caniçal Cimeiro (Proença-a-Nova)
Data de nascimento: 19-09-1945
Residência actual: Madorna (São Domingos de Rana, Cascais)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe, e Curso Comercial (7.º ano)

– Manuel Lopes Dias dos Santos –

Naturalidade: Caniçal Cimeiro (Proença-a-Nova)
Data de nascimento: 22-07-1953
Residência actual: Mina de Água (Amadora)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe, 5.º ano do Seminário da Sociedade Missionária de Cucujães (Tomar), Seminário de Cernache do Bonjardim, Colégio de Proença-a-Nova, e 1.º ano de Direito, Universidade de Lisboa.

NOTA: Esta entrevista conjunta aos três irmãos: Isilda Lopes Dias Cardoso, Maria Fernanda Lopes Dias Cardoso Oliveira e Manuel Lopes Dias dos Santos foi realizada por Helena Cabeleira e António Manuel Martins Silva (gravação áudio e audiovisual), em Caniçal Cimeiro (27-11-2019). Na entrevista participou também António Cardoso Lopes (marido de Isilda), cuja entrevista individual foi posteriormente realizada (16-12-2019). A entrevista conjunta justificou-se pelo acto de todos eles terem sido antigos alunos (ou actuais proprietários) da Escola Primária de Caniçal Cimeiro.

[VOZES: Isilda (I); Fernanda (F); Manuel (M); António Cardoso Lopes (A); António Manuel Martins Silva (AMMS); Helena (H)]

H – A Isilda é natural de?
I – Caniçal Cimeiro.
H – É portuguesa?
I – Dizem que sim...
H – Podia ter dupla...
I – Tenho sim, canadiana. (...)
A – Caniçal Cimeiro, Largo da Eira (...).
H – ... da eira?
I – Ali era a eira... aqui agora onde estão os carros.
F – Era onde se malhava o pão da aldeia.
H – Antes de ser escola era a eira?
F – Ainda quando era escola.
H – E era uma eira da aldeia?
F – Da aldeia... comunitária.
H – E depois, quando compraram a escola, essa eira ainda existia?
A – Existia, mas já não era funcional.
H – Foram vocês que transformaram a eira?
I – Pediu-se ao presidente e depois ele é que nos mandou vir arranjar a eira.
M – Tivemos de pedir. Quiseram apoderar-se daquele espaço...
A – Houve aí conflitos...
H – Era mais ou menos aquele espaço que está ali, daquela dimensão?
M – Sim, sim.
F – Só que não estava assim, era todo lajeado.
I – Já viu aqui na fotografia... o nosso vizinho queria-a para pôr as cabras.
H – Mas este espaço inicialmente era vosso?
F – Era. Grande parte era nosso, e a outra parte era do meu sogro... a outra parte que era da escola... mas isso houve aí uma polémica (...).
H – A Isilda, qual é a totalidade dos anos de escolaridade que tem?
I – Quatro.
H – 4.ª classe. E a Fernanda?
F – Curso comercial... já não há esse curso.
H – Portanto, a Isilda fez aqui a escola, na escola primária do Caniçal Cimeiro, não é?
I – Sim
H – E a Fernanda, que escolas frequentou?
F – Não era esta. Era em casas, digamos, particulares aqui no Caniçal, que as pessoas dispensavam.
H – Quantas foram aquelas em que andou?

F – Duas em três anos que estive cá. Andei em duas escolas sem serem esta. Fiz aqui os primeiros três anos até à 3.ª, depois fui para o Alentejo, porque para ir daqui para o Vale de Água, uma menina, era assim uma coisa! Porque aqui não havia a 4.ª classe, então fui para casa da tia no Alentejo, porque a escola era ao lado.
H – Então fez até à 3.ª classe aqui, no Caniçal, em casas particulares e com professoras regentes ou professoras?
F – Com regentes, sempre.
H – E lembra-se ainda das casas?
F – Sei... um até já está destruído, mas outra é aqui a casa do José Branco.
M – Mas já não está igual.
F – Era numa sala por cima (...).
AMMS – E no Alentejo, foi para onde?
F – Fui para Vale do Peso, no Crato.
H – E fez a 4.ª classe lá? Qual foi a escola?
F – Vale do Peso mesmo, aquilo naquela altura, as escolas lá eram rapazes e raparigas.
H – Distrito de Portalegre?
F – Portalegre.
H – E depois dessas escolas quais foram as escolas que frequentou?
F – Depois foi em Lisboa, a D. Maria. Foi a Josefa de Óbidos e a D. Maria... ou I ou II... era a nossa rainha... que era ali ao pé do Camões, e que hoje é um sítio chiquicimo!
H – Aí fez?
F – O Curso Comercial. Depois ainda tentei fazer a admissão, porque eu queria tirar finanças.
H – Isso em que ano?
F – Agora isso já não sei, não me lembro.
H – E aqui no Caniçal, andou em que idade?
F – Então... dos sete, que nós entrávamos com os sete, oito e nove.
H – Eu pergunto porque pode ter havido o caso de repetição.
F – Não, não, não.
H – Fez o exame da 4.ª classe com dez anos?
F – Sim, sim. Nessa altura entrávamos para a escola com 7, no dia 6 de Outubro.
H – E terminou a escola primária e depois fez tudo seguido, o curso comercial?
F – Sim.
H – Com que idade terminou o curso comercial?
F – Não me lembro... não.
H – Quantos anos foram, seguidos?
F – Aquilo equivalia praticamente ao 7.º ano, foram quase seis ou sete. Eu queria ir para económicas e financeiras, era o que eu queria. Depois fui para contabilidade, mas pronto! (...)
H – O Manuel, o que é que tem em termos de escolaridade total?
M – Frequentei o primeiro ano de Direito.
H – Então, tem a escola primária completa. Foi feita aqui toda, não é?
M – Sim, e depois do primeiro ano fui estudar para Tomar para o Seminário da Sociedade Missionária de Cucujães.
H – Depois da quarta classe foi logo para o seminário, foi isso?
M – Para Tomar, Sociedade Missionária de Cucujães. Estive em Tomar e depois, em Cernache, fiz até ao 5.º ano. Fiz dois em Tomar, quase três em Cernache, e depois vim para Proença a Nova.
H – Então faça lá esse percurso...

M – A quarta classe em Proença, depois fiz o primeiro e segundo ano em Tomar... 3.º, 4.º e quase o 5.º completo, eu saí na altura da Páscoa, em Cernache, no Seminário de Bonjardim. E depois vim para Proença-a-Nova e aí é que fiz o 5.º, 6.º e 7.º, no Colégio de Proença. Eu saí do seminário, quando foi no 5.º ano eu disse-lhes adeus! Fui para outro lado.
AMMS – No Colégio Diocesano.
M – Diocesano, cujo director era o padre Sousa, ele é que nos apertava ali as coisas, a estudar. Eu gosto de História por causa do padre Sousa. Ele esquematizava aquilo no quadro e a gente escrevia num papelinho... sempre gostei de História.
H – Então terminou o Liceu, ou o equivalente ao Liceu, aqui em Proença?
M – Aqui em Proença. E fui fazer exame em Castelo Branco.
AMMS – Em Castelo Branco. O exame lineal íamos ao Liceu fazer o exame... passei por isso também.
H – E depois ainda esteve matriculado em Direito, em Coimbra?
M – Não, Lisboa.
H – Em Lisboa, no 1.º ano?
M – Sim. Só que eu trabalhava das 9 às 7, todos os dias. Quando era para estudar tinha de pedir dispensa ao sábado só até à uma, para ir assistir às aulas à Faculdade de Direito. Chegámos lá o professor faltou... olha... a única vez que eu cá vim...
H – Em que ano?
M – Ora, eu entrei para a tropa em 72, andei na universidade em 71.
I – Há 48 anos.
H – Depois saiu daqui e foi para o exército?
M – Eu já estava a estudar e a trabalhar em Lisboa, no tal 1.º ano, no final ainda fui à prova escrita e oral... e chumbei. E então inscrevi-me e fui para a Força Aérea como voluntário durante seis anos, depois disso segui a vida militar... .fui fazer os cursos. (...)
H – Já agora, António (...) os anos de escolaridade total que tem?
A – Aqui, a 4.ª classe, tudo em Proença a Nova.
H – Na escola primária de Proença a Nova? E entretanto fez mais alguns estudos?
A – Sim, sim. Eu tenho equivalência do 12.º, feito em duas horas... lá no Canadá! (risos) Fui obrigado a fazer esse exame para conseguir tirar a carta de condução Classe 1, profissional... só assim é que o governo me autorizava a tirar a carta.
H – Pronto, não nos vamos alongar porque eu já vi que essa é uma longa conversa, uma grande história... e portanto depois eu falo melhor consigo. Faço-lhe as perguntas todas que vou fazer a eles, mas se achar que tem alguma coisa a dizer... porque elas andaram aqui nesta escola, ou, pelos menos uma parte, aqui na aldeia. Então, se calhar podiam começar por responder por ordem às perguntas. (...) Então, as perguntas que eu tenho para vos fazer são basicamente isto... o pai e a mãe são os mesmos, não é?
M – Sim, são os mesmos.
H – Os vossos pais, a escolaridade... qual era o nível que tinham, de escola?
F – Acho que era a primária.
H – Tinham a 4.ª classe?
F – Sim, sim... ou se calhar só a terceira, porque não havia aqui escola, eram só os regentes.
H – Portanto, no tempo dos vossos pais não havia aqui escola.
M – Eu até nem sei se eles não aprenderem... tipo, autodidactas.
F – Não, não, não! Foram à escola! Todos foram à escola.
H – E onde é que iriam?
M – O meu pai era de Relva da Louça, a minha mãe é que era daqui... eu não sei se havia escola lá na Relva.

F – Porque todos eles sabiam escrever e ler. Portanto devem ter feito para aí a 3.ª classe, porque não havia cá escola.
H – Portanto os vossos pais sabiam, ambos, ler e escrever. Agora, não têm a certeza da escolaridade nem onde é que eles fizeram a escola. Se o vosso pai fosse vivo, que idade teria agora... ou em que ano nasceu?
M – Faleceu em 1996 com 83 anos.
F – E a mãe teria 104 nesta altura. Foi há 11, com 93, no ano em ia fazer os 93.
H – E ela também sabia ler e escrever?
F – Sim, sim. Aliás os 4 irmãos, que eles eram, sabiam ler e escrever.
I – E eram aqueles postais que ela escrevia para Lisboa... .aqueles postais que não era envelope... ela escrevia muito para a minha tia em Lisboa.
H – Escrevia pela própria mão? Têm alguma coisa guardada do punho dela?
F – Sou capaz de ter qualquer coisa para lá, nos alfarrábios, coisas que eu ia arquivando. (...)
A – Eu ainda li coisas que ela escrevia, e não tinha nada a ver com a nossa escrita. A nossa já era completamente diferente... as expressões... a maneira de compor as frases. (...)
H – Vocês são seis e estão todos vivos?
I – Sim, um está no Brasil e outro no Canadá.
F – Somos quatro raparigas e dois rapazes.
H – E todos têm escola primária, ou mais alguns estudos?
F – Mais estudos.
H – Qual é o máximo?
F – É a Génita, essa formou-se.
M – Curso superior.
H – E os vossos filhos, já agora? Se calhar, por partes... a Isilda tem quantos filhos?
I – Um rapaz e uma rapariga, e 3 netos.
H – E os estudos?
A – Ele tem o 12.º segundo, e ela frequentou a universidade, ela tirou o curso de contabilidade. Ela em princípio era psicóloga, mas agora tirou o curso de contabilidade e trabalha no Governo Federal.
H – E a Fernanda tem filhos?
F – Tenho um rapaz e uma rapariga, a Inês é licenciada em economia, e ele em comunicação.
H – E o Manuel tem filhos?
M – Tenho duas raparigas, as duas licenciadas, uma em engenharia do ambiente, e a outra é professora... aliás, essa tirou dois cursos... do primeiro ela não gostou, começou a trabalhar e tirou o segundo... a vocação dela é ser professora, e portanto é professora só do 1.º ano, escola primária, só ensina pequeninos, na escola João de Deus.
I – Deve ser mais fácil ensinar os pequeninos do que ensinar os grandes...
H – Ás vezes o que é mais difícil é lidar com os pais dos pequeninos... são outros níveis de exigência, não é?
F – Eu gostava era de ter sido professora primária, só de primária. Mas era lá para cima para o Minho, onde não havia ainda nada. Mas depois a pessoa emprega-se, começa a ganhar dinheiro, esquece-se de tudo...
H – O seu marido que nível de estudos tem?
F – Ele deve ter o 7.º ano... o 12.º que vocês agora falam.
H – E a sua esposa Manuel?
M – Ela tirou o curso comercial, industrial... o curso comercial. (...)
H – Lembram-se do vosso primeiro dia de escola?

I – Eu lembro-me, eu não queria vir para a escola. Tomei o pequeno almoço e depois fui-me esconder... e a minha mãe veio-me trazer aqui à força! (risos)

H – E não queria vir porquê, lembra-se?

I – Não sei! (risos) Queríamos brincadeira!

H – Mas... assim, na sua cabecinha de sete anos, o que é que lhe passou? Lembra-se? Achava que era uma prisão?

I – Não sei! Foi como o meu filho... o meu filho começou a primária, e lá na primeira classe, chega a um certo ponto começam a fazer ditados, e ele sabia que no outro dia ia fazer um ditado... foi-se embora para a escola, depois veio para casa para tomar o almoço, e á tarde ia para a escola. No outro dia a professora telefonou a disse: "O que se passa com o vosso filho, ele da parte da tarde não apareceu na escola?", "Não apareceu na escola?"... e eu fui-lhe perguntar: "Pedro, tens de ser franco, diz à mãe o que é que aconteceu para não ires a escola?", "Oh mãe eu não fui porque eles queriam fazer um ditado e eu não sabia escrever!" (risos), escondeu-se debaixo das escadas...

H – E a Isilda foi mais ou menos a mesma coisa?

I – A gente sabia que vinha aqui para saber ler e escrever, e fazer ditados... mas então: "Eu não sei!"

M – Não havia pré-primária, essa andou sempre no campo a trabalhar.

H – Dessas escolas onde andou não há nada que tenha ficado? Um detalhe?

F – Sim. Há as orelhas de burro, foi a única coisa que me ficou... uma vergonha tão grande! E o meu pai a passar por mim: "Estás linda... .estás muito bonita!"... eu à janela da escola, dessa que já foi abaixo, para toda a gente me ver! Porque nessa altura o Caniçal tinha cerca de 200 pessoas! No outro dia estivemos aqui a fazer uma estimativa, porque quase toda a gente tinha 6-7 filhos... isto era uma maravilha!

H – E o Manuel?

M – Ideia do primeiro dia de escola, não tenho. A única reguada que eu levei nesses quatro anos, foi por causa... a professora pediu-nos para irmos buscar lenha aqui para a lareira... isto aqui tínhamos a lareira... era naquele sítio... e nós fomos buscar lenha lá em cima naquele cabeço, à hora de almoço. Só que depois estava calor: "hoje está calor, vamos lá para a escola... vamos ficar aqui um bocadinho a descansar." E então, sentámo-nos por ali no mato e ali estivemos um bocadinho. Aquilo foi giro enquanto a gente lá esteve, porque quando cá chegámos a professora perguntou: "Então, mas vocês chegaram a esta hora porquê?", "Ah, senhora professora... aquilo, o mato, era difícil... custou-nos muito a arranjar o mato." E ela aqui tinha-nos topado que nós estávamos todos sentados lá em cima, e diz: "Então venham cá que vocês já vão ver o que é difícil!" Difícil foi nós chegarmo-nos ali à frente: "estica a mão e leva uma réguada!" O outro que era mais velho levou 3 ou 4... e pronto, ficámos despachados com esta brincadeira!

F – Ai o que eu me lembro da escola era jogar com as pedrinhas... era isso... e jogar à semana. É o que eu me lembro assim mais. E de fazer os trabalhos cá fora, na rua, ali em cima de uma cadeira. E à noite com a candeia do petróleo...

AMMS – Como é que era o jogo da semana... jogar à semana? (...)

F – Fazia-se quadrados e depois havia aqui dois quadradinhos pequenos... dois ou três... assim... e depois espalhava-se mais... 1,2,3... e depois andávamos a saltar ao pé-cochinho.

H – No meu tempo esse jogo era o do avião... o avião.

M – Nós aqui era a semana.

A – E tínhamos uma coisinha redonda que a gente tinha de a empurrar para o quadrado... assim que falhava era eliminado... e chegava ao fim, ou ganhou, ou somava não sei quantos pontos... e voltava ao princípio. Punha a pedra, empurrava para este quadrado,

depois tinha dois, tinha de empurrar para ali e vir aqui... e depois tinha um... e não podia queimar nos riscos.
M – Pois, isso de queimar nos riscos era importante!
A – Depois tinha um outro mais largo, e depois outro mais estreitinho... tinha uma série deles! E a gente ultrapassava-os, sempre ao pé-cochinho...
I – E era a corda.
M – A gente chamava-lhe a semana porque tinha sete quadrados... e a semana eram os sete dias.
I – Nós aqui quando tínhamos o recreio da escola, íamos para o alpendre, dali para ali ficava só uma pessoa... daqui para aqui ficávamos todos. E então o que estava lá do lado de fora... a gente dava todos as mãos... a ele, e ele puxava... se ele nos conseguisse levar para lá. Mas às vezes era a gente que o trazia para cá. Eram coisas giras... eram coisas muito giras.
H – Já vi que aqui brincavam muito! Vocês até começaram logo por aí! Essa era uma pergunta que eu ia fazer lá mais à frente. Mas eram danados para a brincadeira!
A – A coisa que eu mais adorava, e que mais jogava, era o pião.
F – Mas isso eram histórias de rapazes.
M – Por acaso nunca joguei... nunca tive jeito para o pião.
A – Ai jesus, eu adorava jogar ao pião! Até tinha dois! Tinha um que era para jogar ao buraco e outro para jogar ao redondo. Os que lá ficavam, a gente tinha de lhe dar uma sêca. Tirava-os de lá para fora. E o meu tinha o bico meio torto, que era para fugir da roda e nunca lá ficar! (...)
F – Os nossos brinquedos eram cacos. Nós ali junto ao ribeiro, com o junco, fazíamos mobilia... cadeirinhas.
A – E jogávamos à porca!
H – Isilda, lembra-se como é que ia vestida nesse dia? Ia calçada, descalça?
I – Era a bata. Nós, ainda assim, íamos sempre calçados, os meus pais não queriam que andássemos descalços. (...) E era um vestido.
F – Lembro de uma vez ir fazer o exame a Vale de Água, e levava uma saia com peitilho e com alças, era azul escura com uma blusinha branca.
H – E o Manuel não se lembra de nada?
M – Só me lembro de ir para a escola. A nossa pasta era feita de pano que era a minha mãe que as fazia. E nós ficávamos com inveja de alguns pais que já tinham mais possibilidades, vinham com uma pastinha um bocadinho mais... mais fina... e a nossa era...
A – Aquela saca de pano.
M – Á tira-colo.
F – E na quarta classe, desculpe só esta achega, lembro-me perfeitamente, tive um vestido novo para a escrita e outro para a oral!
M – Ah... que fina!
F – Um era bordado com uma golinha redonda com uma fitinha de veludo e o da escrita era de florinhas, com aquelas mangas antigas. Lembro-me, ah... essa nunca me esqueci.
A – Vaidosas! (risos)
H – E vocês tinham o hábito de passar as coisas uns para os outros, os irmãos, os livros e as roupas?
M – Sim, sim. Tinha-se de poupar os livros, para os mais novos.
F – Sim. Era para os irmãos, era para os primos, era para o que viesse! Por isso é que nós já não temos o nosso.
H – O Manuel já disse o que levou para a escola nesse dia, e vocês não se lembram, em geral, que material é que levaram? Se era uma pedra?

M – Isso sim, todos tínhamos.

H – E a sacola?

M – Era, era.

F – Sim, era uma pedra, com o lápis, e a sebenta... a sebenta.

I – E quando a gente andava na escola se nos faltava um lápis de pau ou uma borracha, a professora dizia: "Vocês têm que trazer." Então nós: "Oh mãe eu quero um ovo para ir vender para ir comprar uma borracha."

H – Um ovo para vender, para comprar uma borracha?!

I – Uma borracha ou um lápis de pau!

H – E os vossos pais, sempre, na medida do possível...

I – Nunca deixaram faltar nada, graças a deus, na nossa casa não.

H – E concordavam e gostavam que os filhos estudassem?

I – Ah sim! Nunca nos deixavam ir trabalhar até que a gente andou na escola.

M – Eles eram daqueles que diziam: "Oh senhor professor, se ele se portar mal, chegue-lhe!" A expressão era essa: "Se ele se portar mal chegue-lhe!" Agora não... vão os pais bater no professor!

I – Uma coisa que nunca esqueço dos meus pais... ali no Galisteu Cimeiro havia uns rapazinhos que hoje estão no Brasil, começaram a guardar as cabras para a casa dos meus pais. Os meus pais... e havia escola..e eles sabiam que eles não sabiam ler nem escrever, e então diziam: "Não! De manhã vocês vão à escola e à tarde vão sair com as cabras!" O meu pai e a minha mãe, sempre. Esses senhores, esse casal, quando vêm aqui ao Galisteu Cimeiro, quando os meus pais estavam aqui, mas agora também... vêm sempre ver a gente, e trazem sempre uma prenda, pessoas que não se esqueceram. Agradecem a ele saberem ler e escrever.

F – "Ai se eu não estivesse em casa do teu pai!" dizia o Sr. Joaquim: "O que eu sou hoje devo-o aos vossos pais." É verdade...

M – Outra coisa, que não tem já a ver com isso... nós aqui na escola, os meus pais, tinham cabras, portanto tinham queijo todo ano. A minha mãe fazia os queijos e nós tínhamos queijos durante todo o ano. Eu quando ia para a escola, acabava o almoço lá em casa, e vinha com um bocadinho de pão e queijo na mão para aqui até chegar a hora de virmos cá para dentro. Havia um rapaz aqui do Vale da Carreira que os pais não tinham cabras, então o que é que ele trazia, era um chouriço magro ou chouriço mouro, qualquer coisa assim do género...

A – E trazia uma faca.

M – E chegou uma certa altura, ele estava saturado de comer sempre aquilo e eu estava saturado de comer o queijo, então eu disse: "Vamos fazer aqui um contrato!"

A – Um arranjinho!

M – "Eu vou pedir à minha mãe um pedaço de queijo, assim maiorzinho, e tu trazes o chouriço e a gente á hora do almoço, a gente troca."

H – É engraçado estar a contar isso, porque ainda ontem houve um senhor que me contou uma história assim... porque ele era o mais pobre, supostamente, e os que eram mais ricos é que levavam assim um chouricito ou assim alguma coisa... só que, depois, o outro estava farto de comer aquilo que levava, e a mãe do outro que era mais pobre fazia uma broa muito boa... e depois trocavam! Trocavam a comida um com o outro... ele dizia até uma coisa que eu acho interessante: "Nós, o queijo, o bocadito de queijo que eu levava no pão, não era para comer... era para lamber!"

I – Pois... que era pa durar muito tempo... era só para ficar o sabor!

M – Nós estávamos era fartos de comer queijo. Era queijo todos os dias! E o desgraçado lá de baixo era só chouriço! Ele dizia: "Oh pá eu troco de boa vontade!" Fizemos isso durante muito tempo.
A – Mas voltando àquele senhor do Brasil, ele não gostava de tomates, mas foi aqui que ele foi obrigado a aprender a comer tomates...
I – O pai obrigou-o a comer tomate.
A – Obrigou-o a gostar! Há coisas que passaram que a pessoa nunca mais esquece...
F – Mas nunca esquece... a Lídia e o João... mas isto agora não tem nada a ver com a escola... e então quando eles vieram para cá, compraram aqui uma casinha... e então a minha mãe foi a primeira pessoa aqui do Caniçal que foi recebê-la, digamos assim... então levou de casa uma cesta, aquelas cestas, com os chouriços e com tudo o que havia da terra. Ele não se esquece disso.
H – São esses pequenos atos simbólicos que as pessoas às vezes valorizam mais...
F – É, então não é?!...
M – Eles vieram iniciar a vida deles aqui, eles eram da Pracana e vieram para aqui não tinham aqui nada. Não tinham terrenos nem tinham nada, no princípio precisavam mesmo, não tinham hipótese.
H – Então, vamos ver, a Isilda andou nesta escola, certo?
M – Andaste três anos?
H – E a Fernanda nunca chegou a pisar esta escola, portanto não existia no seu tempo?
F – Não, não.
H – E o Manel andou aqui também, e cruzou-se com a Isilda?
M – Andámos ainda.
F – E a Gena.
M – Andámos os três.
H – Andaram os três irmãos aqui na escola?
M – Sim, sim. A fila do lado esquerdo era a 1.ª classe, do 2.º, 3.º e 4.º era deste lado.
F – As professoras eram excecionais nessa altura.
M – Uma era a Amélia... e tinha as quatro, todos a trabalhar em assuntos diferentes e ela sempre a gerir a situação... professora regente.
H – E foi sempre a mesma professora aqui? A professora Amélia?
I – Não, não, para nós...
M – Para mim foi sempre a professora Amélia.
I – Ainda tive outras, uma era aquela da Bairrada, não sei como é que ela se chamava... era uma que cocheava... que a gente... aquele que está hoje paralisado...
M – O Sr, Joaquim...
I – ... .ele às vezes vinha-nos buscar porque ela estava doente e não podia dar as aulas, e nós iamos lá à Bairrada.
F – Ai a professora ia à Bairrada?!
I – Ela era da Bairrada, morava lá.
M – Pois, como tu és quatro anos mais velha do que eu, ela deve ter estado antes da professora Amélia.
F – Pois, foi isso.
M – Lembro-me realmente dessa que coxeava, mas...
I – E andei com outra que morou além na casa do ti António.
M – Essa não tenho ideia.
H – Então a Isilda teve quantas?

I – Mais de três ou quatro. Em certas aldeias havia falta de uma professora, tiravam-nos a nossa e a gente às vezes estava aqui uma semana ou duas ou três sem aulas e depois vinha outra...
H – Então escolas aqui em redor quais é que se lembra que existiam... as localidades?
I – Relva da Louça, a do Vale de Água...
M – Pergulho...
I – Pois, e a do Pergulho... essas 3.
H – Eram as mais próximas?
I – Eram. As outras aldeias não sei se havia escola se não havia.
H – E a Fernanda lembra-se dos espaços onde andou, sabe identificar ainda hoje as casas? Também eram regentes, então?
F – Sim, sim, eram regentes. Só me lembro de uma que o irmão trabalhava nos antigos correios que era o Sr. Matos, e ela acho que era Conceição Matos.
H – Eram senhoras que vinham de fora, eram daqui?
F – Sim, vinham de fora. Mas essa como tinha o irmão em Proença, portanto, ia dormir a Proença, mas... só me lembro dessa, não me lembro de mais nenhuma. E uma das escolas onde eu andei já foi destruída. A outra ainda está ali no primeiro andar.
H – Andou em duas casas aqui? E eram de pessoas que alugavam, tem noção disso?
F – Sim. Cediam o espaço.
H – Quantos meninos tinha na sua altura lá dentro?
F – Ah tinha mais de quarenta ou mais...
H – Era uma sala? Faziam usufruto do resto da casa?
F – Não, não era só para aula mais nada.
H – E o que é que havia na sala? Que material tinha lá?
F – Era o quadro, havia os mapas... e mais nada.
H – As cadeiras e as secretárias existiam? Como é que eram?
F – Eu acho que eram o mesmo...
H – Todos tinham lugar? Tinham de se amontoar?
F – Não, não todos tinham espaço.
H – E o Manuel andou aqui, é a mesma situação do que a Isilda, mais ou menos quantas carteiras destas havia?
I – Dez ou doze de cada... nós éramos uns 40 e tal...
M – No meu tempo éramos 28. Cada fila devia ter oito secretárias e normalmente éramos dois em cada secretária. Na 4.ª classe sobrava uma ou duas secretarias.
F – Carteiras...
M – Sim, carteiras.
I – Hoje está cá uma senhora que sabe muito, a Adelaide, que ela andou aqui nas escolas. E ela estava aqui também sabe muita coisa (...).
H – Há assim algum episódio... quando pensam no tempo de escola... que vos ocorra logo esse episódio? Alguma peripécia que se tenha sucedido... um castigo, uma coisa qualquer que vos tenha marcado?
I – No meu tempo de escola ali naquela casa de cima, que era do Cruz... Francisco... Adelino... andáramos na escola meio dia, a professora disse: “Vocês venham almoçar e quando vocês vierem vão levar uma reguada, porque vocês não se portaram bem”... .eles foram. Da parte da tarde, nós estávamos aqui na escola e eles nunca mais haviam de aparecer: “Não sabem onde é que ele está?”... naquela altura havia trigo semeado além... .e eles estavam lá escondidos assim no trigo e a gente aqui... “andem, andem”... e eles lá escondidos.
A – Para não levar as reguadas...

I – E já não me lembro se eles chegaram a vir ou não.
H – E a Isilda apanhava muitas reguadas? Chegou a apanhar algumas?
I – Sou capaz, mas não muitas. Sou capaz de ter apanhado, mas não me lembra muito. A gente íamos todos para ali, para a secretária, tinha uma secretária assim e depois a gente dava a mão.
H – A mesa da professora era onde?
I – Era ali...
H – Ali ao lado da lareira.
I – Aqui, assim, estava virada para aí.
H – E a lareira era nesse mesmo sitio? E o quadro era onde?
I – Aqui e o mapa era ali.
M – Eu já apanhei o mapa ao lado do quadro. Eram dois mapas. O mapa de Portugal e o mapa das Colónias. (...)
H – Quantas filas de carteiras?
I – Quatro. Uma por cada classe. E os alunos, quando havia um que sabia, que era esperto, ela tinha uma carteira aqui, e se tu fizesses o trabalho bem feito, ela dizia: "Vens aqui para ao pé de mim."
H – Ah... ela isolava o aluno que se distinguia?
A – Que se distinguia. Era uma maneira...
H – E quando ela dava castigos, onde é que era o sítio do castigo?
I – Era ali, com as orelhas!...
H – Ali com as orelhas... de burro? Ela punha as orelhas de burro?!
I – Punha! (risos)
H – De qual das professoras é que está a falar?
I – Da Dona Amélia.
H – Portanto foi a professora que marcou mais?
M – Sim. Mas no meu tempo, que sou um bocadinho mais novo do que ela, nunca pôs as orelhas de burro a ninguém.
H – E ela quando dava reguadas era aquela régua de madeira ou usava aquela 'menina dos olhos'?
I – Era de madeira mesmo.
H – Era régua, aquela 'menina dos olhos' ela não usava?
A – Era assim, tinha uma pega.
H – Mas isso era palmatória.
A – Era a régua. Mais ou menos deste comprimento, modelada, com uma pega...
M – A nossa não tinha pega.
H – Mas vamos lá ver... o formato da peça, o objeto em si, era em linha?
A – Era em linha.
H – Não era aquela que acaba em redondo com uns buraquinhos?
A – Não, não, não.
H – Vocês não viram essa peça na escola? Não viram?
M – Não, nunca tivemos não. Essa nossa aqui não tinha pega, era a régua em si, ela pegava num lado da régua e batia.
A – A nossa era modelada, tinha uma pega.
M – Pois a vossa era mais fina!
H – E a Fernanda tem alguma memória destes episódios?
F – A memória que tenho, que já falei, que é da orelha de burro e de um aluno que nunca... que era do Vale da Carreira, coitadinho... não desenvolvia e a professora batia-lhe muito e lembro-me que ele fazia xixi...

H – E qual era o motivo que ela lhe batia muito?
I – Medo.
F – Porque ele dava muitos erros, porque ele não aprendia, quer dizer, ela achava...
H – Não tinha a ver com mau comportamento?
F – Não, coitadinho! Não porque ele era muito sossegadinho até, mas depois isso marcou-me, e ainda hoje me lembro perfeitamente de ele ficar tão nervoso que olha...
H – E no seu tempo quais eram as aldeias, ou os meninos, que vinham a essas escolas onde a Fernanda teve as aulas?
F – Vinham do Caniçal Fundeiro, do Vale da Carreira, não sei se ainda vinham alguns do Mesão Frio.
M – Não, para aqui não.
F – Não... eram esses.
M – Eram essas duas aldeias.
H – E já no vosso tempo depois quando foi a escola... a escola aqui, repitam-me lá, o ano em que foi feito o edifício da escola onde vocês andaram, qual foi o ano em que ele foi feito?
F – Tu vieste inaugurá-lo, com 7 anos.
I – Vim com 7 anos, por isso tem que se contar mais um ano para trás... .eu fiz 70.
M – Deve ser 58.
I – Foi em 1958.
H – A Fernanda já não se lembra nada disto ser feito... vocês têm alguma memória da escola a ser construída?
M – Eu não. O nosso vizinho, o Luís, ele disse que se lembra.
A – Eu lembro-me, e vou explicar porquê. Porque parte da pedra que foi transportada para aqui foi o meu pai que a transportou na carroça. E quem a construiu foi o Alfredo Segundo, que é pai da Milita.
H – Vocês aqui, que andaram na escola, não têm memória nenhuma dela a ser construída?
I – Eu lembro-me... que antes de começar uma casa eles fazem uma vala... e eu lembro-me dessa vala, desse alicerce. Lembro-me desde o começo.
M – Não tenho ideia nenhuma da construção da escola.
F – Eu ainda me lembro assim... é engraçado... lembro-me ali do alpendre e das casas de banho a serem construídas. Mas do edifício aqui não.
A – As pedras, se não estou e erro, vieram do Vale Serrão. Atravessa a ponte, tem a ribeira, e se tu olhares assim em frente tem a encosta do lado direito da ribeira, tem lá uma pedreira.
M – Pois, é possível.
AMMS – Antes de chegar à Sotima?
A – Depois da Sotima. Aqui no Vale Serrão, lagar.
M – Ah no lagar, eu estava a pensar lá em cima em Vale Porto. (...)
H – Fernanda, não se lembra de nada, outras coisas que existissem lá nas escolas onde andou? Material?
F – Não, aquilo... era o mínimo. Não havia nada, não havia nada, nada.
H – E além dos mapas, Isilda e Manuel, o que é que existia mais aqui nas paredes?
I – Ali um armário.
M – Estava um crucifixo, ali por cima onde estava aquele quadro, e estavam duas fotografias, uma do Américo Tomás e uma do Salazar.
F – Do Salazar... isso estavam em todas as escolas, sempre.
H – E vocês lembram-se... isto é a parte dos rituais da escola... nomes de professores?
F – Eu, era a Matos, acho que era Conceição Matos.

H – E vocês, em geral, tinham boa relação com os Professores?
F – Sim.
I – Sim.
H – Gostavam do professor?
F – Sim.
M – Sim.
F – Eu convidei-a para madrinha do Crisma e depois fiquei felicíssima que ela foi a Fátima e trouxe-me uma caixinha com um terço daquela lata que vinha... eu fiquei tão feliz com aquilo!
H – Então a professora, essa Conceição?
F – Foi a minha madrinha do Crisma... e depois esse terço pequenino.
M – Nós depois tínhamos uma outra coisa com os professores, a professora Amélia tinha uma casa ali ao pé da fonte...
F – Aquela nova que está a ser reconstruída.
H – E a professora Isilda depois também viveu lá diz ela.
M – Também, também. Então ela chegava à segunda-feira de manhã, os alunos iam todos lá abaixo, esperar a professora que vinha na carreira das 9h, e depois acompanhávamos até à porta dela, ela ia para casa dela deixar as coisas que trazia, e nós vínhamos para aqui à espera da Sra. Professora. Sempre que ela entrava ali por aquela porta, os alunos levantavam-se todos: "Bom dia Sra. Professora!"
AMMS – E ela vinha de onde?
M – Ela vinha aqui de casa... .de Proença.
I – E quando não tinha carreira, ela queria ir a Proença e não tinha transportes, e a minha mãe foi a mim e à minha irmã Maria Eugenia, disse: "Você não se importam de ir levar a Sra. Professora a Proença?", "E então, depois, para vir para cá? Eu, e ali a Neves, a gente vai-vos esperar" (risos). E a gente fomos! Aquando chegámos ali a meio do caminho, foi ali ao pé daquele pontão que faz assim uma curva... lá ia a Neves, era de noite... e depois elas gritaram para saber onde a gente vinha. Então assim que a gente ouviu a voz dela, ficáramos descansadas...
H – Então eram crianças, as duas?
I – Devíamos ter uns 7 ou 8 anos.
H – Não se lembram daquele tempo em que Professora Isilda, que esteve aqui falou, de lhe emprestarem um burro para ela ir...
I – A professora Isilda, eu não andei com ela. Por isso não me lembro.
H – Mas podia haver alguma coisa do género. Ela disse que havia a mula ou o burro da professora, ali guardado...
M – Isso eu não tenho ideia disso, porque eu fui para o seminário.
I – E não devia haver carros, e pediram a nós, pediram à gente para a gente ir lá levá-los e então fomos. Há aí uma coisa que eu também nunca me esqueço. A dona Amélia houve uma altura que trouxe uma sobrinha dela, e depois trouxe-a aqui para a escola, e então ela ia almoçar e a gente estávamos todos na escola e ela perguntou: "Oh Filomena qual é a menina daqui que tu gostavas mais que fosse hoje almoçar contigo?" E quem é que foi? A Isilda. Eu fiquei... nunca me esqueço. Deve ter engraçado comigo, não sei. E depois fui almoçar a casa da D. Amélia com ela.
H – Era um orgulho?
I – Era, era.
F – Era o Presidente da República lá em casa!
H – Então a professora era bem vista aqui na terra, as pessoas tinham gosto...
F – E muito respeito.

I – E se lhe faltava alguma coisa, batatas, cebolas, era só dizer que a gente tem... graças a deus.
M – Lembro-me de ela dizer às pessoas: "Leve para casa porque tenho aqui ou não preciso disso para agora depois ainda se estraga, agora não quero"... couves, batatas, os legumes da época, ali... ovos.
F – Era tudo o que as pessoas tinham em casa!
H – Davam tudo...
F – Tudo, tudo!
M – E depois já não sei se à sexta-feira ou sábado, acho que era ao sábado, ia uma camioneta para cima e levavam lá os cestos com abastecimento para o fim-de-semana.
AMMS – E pl'o Carnaval? Não havia nada de especial?
M – Nada.
F – Ah! As 'mascarras', como nós falávamos... .eram os fornos, as 'mascarras' do forno, íamos buscar os carvões e a gente pintava-se e íamos buscar as roupas antigas que havia lá em casa.
M – Isso era o carvão! Nós íamos com os dedos, passávamos no forno, passávamos os dedos e passávamos na cara. Depois andávamos atrás das raparigas para lhes pôr na cara. Aquele que mais raparigas conseguisse apanhar melhor!... Era mais bem visto!
AMMS – E ofertas à professora? Não havia ofertas à professora pelo Carnaval?
M – Não tenho ideia. Durante todo o ano oferecia-se.
I – Uma coisa que a gente fazia, quando era na Páscoa, aquelas árvores que eram amarelas ali na Martim Soares, as mimosas... como é que elas se chamavam?
AMMS – As acácias.
I – As mimosas. A professora ia embora e os alunos iam todos a esse lado e apanhavam aquelas flores para lhe dar a ela. Ia de férias, e então ia dar-lhe sempre aquelas flores.
H – Tinha opinião, mesmo com a distância do tempo que vai, que ela era uma boa professora? E gostavam dela?
I – Era, era. Gostava, gostava. E uma coisa que eu gostava muito nela, era por vezes os alunos... chovia, às vezes chovia muito, com o frio eles vinham molhadinhos, todos 'arreganhados' e ela dizia: "Não... vocês ainda não vão para a carteira... vão aquecer as mãos e aquecerem-se à lareira." E só depois então começava. Por isso é que não apanhavam gripe... olha, a criança ali de roupa molhada... .
A – Tantas vezes eu secava a roupa no corpo!
M – Olha, é como aconteceu em Proença, tantas vezes fui a pé, ia e vinha todos os dias, depois arranjei uma bicicleta e nos outros dois anos era de bicicleta, nós chegávamos a Proença completamente molhados... meu amigo! Estás molhado mas vais para as aulas na mesma!
AMMS – Oh Manel, onde é que tu comias?
M – Nós levávamos daqui uma lancheira. Eu comia lá atras do Colégio, num dos lados, porque havia raparigas e os rapazes... ali não havia grandes misturas... os rapazes comiam de um lado e as raparigas comiam do outro.
H – Mas isso já quando esteve em Proença, no liceu?
M – Sim, no Colégio.
H – Aqui era tudo misturado?
F – Era, era.
M – Sim.
A – Já no meu tempo, na minha classe era tudo misturado.
H – E vocês, como eram daqui, traziam merenda para a escola?
I – Não, íamos a casa.

M – Tínhamos essa vantagem, íamos a casa.
H – Alguma de vocês, as meninas... há relatos de pessoas, quando eram raparigas, ou quando eram as mais velhas... o facto de viverem perto da escola obrigava-as a ir preparar, às vezes, o almoço ou fazer trabalhos domésticos, em vez de usufruírem do recreio... irem a casa tratar de assuntos?
F – Ah não. Os meus pais não. Nunca, nunca, não.
I – Era como eu fazia com os meus filhos, quando eles eram pequenos, eles tinham sete anos, já faziam a cama, que eu lhe ensinava. Mas quando eles andavam na escola, chegavam a casa e não faziam nada! Eu dizia: "Não... vocês vão estudar!" Mas quando estavam de férias, uma semana era o Pedro que lavava a loiça, outra semana era a Paula... não ficava bem lavada, mas eu dizia-lhe sempre: "Estás a ver, está bem lavada." Mas é assim que eles ganham confiança.
F – No verão, aqui, a minha mãe ia lá para as hortas e nos ficávamos em casa. Então ela deixava as batatas, a cebola, os nabos que era para pôr na panela, a carne já ali tudo... para depois nós... punha água, para depois nós cortarmos. Isso eu lembro-me de fazer muita vez, cortarmos aquilo tudo. "Vocês primeiro põem a carne, etc." e nós isso fazíamos.
H – Mas, às raparigas?
F – Ah claro! Os homens... .
A – Tinham muito que fazer!
F – Tinham, tinham!!! Ah isso era malandrice... .
A – Era malandrice, era! Tínhamos que ir buscar a lenha, buscar o regador de água, pôr água ao macho, pôr comida ao macho... .
M – Íamos à fonte buscar a água.
F – Aqui... porque eu estava em Lisboa... vinha aqui, então chamavam-me 'a chefe da quadrilha', que eu só queria era andar pelos montes, então daqui para baixo... ai eu parti tanta vez a cabeça! E depois eles pegavam... ai muito engraçado, numa pernada de pinheiro... eu sentava-me e eles puxavam-me! (risos)
A – Era a menina da cidade.
F – E depois esta minha irmã Isilda era assim: "Deixem-na brincar, deixem-na brincar que ela está sempre lá fechada em Lisboa." A Génita era assim: "Pois... vem para aqui não faz nada!"
I – Só queria era pular.
F – Só queria era andar na rambóia, como nós dizíamos, e era a chefe da quadrilha.
H – Pronto, já falaram dos castigos e das orelhas de burro, não há assim mais nenhum episódio a esse respeito?
I – Não.
H – A Isilda agora também já falou nisto, que é, ela pelos visto dava algum tipo de recompensa ou incentivo aos alunos quando eles tinham bom desempenho.
F – Pois, pois.
H – Lembram-se de alguém em particular, com quem tiveram de competir para ir para a cadeira?
I – Quem ia para lá muita vez era a Maria de Jesus do Ti Alfredo... essa era boa na escola.
M – Eu não tenho ideia, quando eu cá andei, dessa secretaria, já não tenho ideia da cadeira.
I – Tem que fazer assim umas coisas que é para os alunos terem...
A – Ao fim ao cabo, é bom haver um incentivo. Mas depois, aquele coitadinho que não era capaz, sentia-se sempre inferiorizado...
F – Ah pois.
M – Pois, acabava por ficar... .

H – Dos professores que tiveram, houve algum especial, algum marcante e que vocês pensem: "foi decisivo na minha vida, ou no que veio a ser a minha vida"?

I – Não, foram todos bons. E quando havia o Sagrado Lausperene lá em Proença-a-Nova, as professoras organizam-nos sempre aí um mês antes, as cantigas que a gente havia de cantar, fazíamos a procissão e lembro-me... a que morava lá daquele lado... a gente ia para lá aprender e depois a gente vinha até ao fundo da rua, todos em fila, a cantar e dançar.

F – Ai, e ensaiavam!

I – Pois, e quando íamos para Proença íamos todos juntos a cantar... as senhoras professoras foram todas muito amigas das crianças.

M – Eu lembro-me da professora Amélia, quando fomos fazer a oral a Proença, levou-nos para a casa dela, eu estive lá ainda uns três ou quatro dias para podermos assistir às provas orais de outros alunos que fizeram antes de nós, que era para nós estarmos mais descontraídos e para nos ambientarmos a Proença porque nós éramos da aldeia. E aquilo Proença para nós era assim...

H – E ficavam em casa dela?

M – Exatamente.

H – Quantos rapazes foram, ou raparigas?

M – Já não me lembro. Eu só me lembro de dois ou três, porque nós os rapazes depois saíamos à noite, ela permitia-nos ir a um café, era o café daquele Sr. que tinha lá um táxi em Proença.

AMMS – Era o Sequeira.

M – Ela foi lá falar com o Sequeira, que nós íamos lá ver televisão, que para nós era uma novidade enorme, mas que não íamos fazer despesa. Então nós íamos lá para o café ver a televisão durante uma hora e depois voltávamos para ir para a cama.

I – Essa também não sabia.

M – Ela teve essa preocupação.

H – E colegas de escola, há algum que tenha ficado? Lembram-se de alguém?

I – Ah sim... os do Vale da Carreira, do Caniçal Fundeiro, vêm aqui à missa muita vez, a gente vê-se muita vez.

M – Eu tenho um em especial que é o Fernando Alves que era de Vale da Carreira, lembro-me dele porque nós fizemos da primeira à quarta classe, depois ele seguiu a vida dele, eu fui para um seminário e ele foi para outro, mas depois quando eu fui fazer a inscrição para ir para a tropa, encontrei-o no mesmo dia, no mesmo local, sem termos combinado coisa nenhuma. "Oh pá, como é que nós conseguimos chegar aqui?" Porque aquilo havia um prazo para a gente se inscrever, então fomos lá inscrever e "Eh pá... aos anos que eu não te via", então seguimos a vida e os dois ficámos na tropa (...).

F – Eu, recordações... como depois eu me fui embora ainda em miúda, perdi muito daqui. Não tenho ligação.

H – Uma menina que se sentasse a seu lado e se lembre?

F – Sim, sim, mas depois isso desapareceu, diluiu-se... com a idade. Tanto que eu aqui, eu não conheço a maior parte das pessoas mesmo da minha idade, as pessoas conhecem-me mas eu não conheço.

H – Em geral como era a relação dos alunos com a professora, dos pais com a professora? Se havia contato entre eles, se não havia... conversas sobre o aproveitamento?

F – Ah... se calhar, como dizia o meu irmão há bocadinho, olha...

H – Lembram-se dos pais virem à escola, lá de vez em quando, ou por motivos especiais?

I – Encontravam-se.

M – Quando a professora da escola vinha para aqui ou daqui para lá, os pais se tinham alguma coisa a dizer, ou a professora, encontravam-se no caminho e conversavam dois minutos e não havia mais. Não havia necessidade de mais...
H – Não havia muita interferência?
M – Não, os pais sabiam que estavam bem entregues e, portanto, não havia problemas.
I – Mas eu não sei... mas havia aqui uma professora a dar reguadas... havia ali uma rapariga, que é a primeira casa quando a gente vem dali de baixo, ela sangrava-lhe as mãos...
F – Bolas!
I – Era a Irene.
M – Irmã da Maria de Jesus.
I – É verdade. E ela ia para a mãe, chorava-se, dizia que a professora lhe batia. E a mãe respondia: "Se ela te bateu é porque tu mereces!"... e não vinham dizer nada à professora.
A – Nessa altura era assim.
M – A mentalidade era essa.
F – Sim, mas agora também é o contrário, é um exagero.
A – Sim, agora é um exagero.
F – Agora são eles que batem nas professoras.
H – Algumas pessoas... incluindo pais, professores outra pessoa qualquer... vos incentivou ou desincentivou a estudar?
F – Os meus pais sempre nos incentivaram, até porque a minha mãe era uma pessoa, com aquela idade, que tinha... foi uma pena a minha mãe ter-se ficado por aqui... era uma pessoa à frente, não era deste século.
M – Com muita iniciativa.
F – Muito! Ela imaginava as coisas... nós fizemos ali umas obras na casa...
H – Como se chama a sua mãe?
F – Maria do Rosário. Fizemos obras em casa e ela, o pormenor das canalizações, não havia água canalizada ainda, e ela dizia: "Agora vocês põem mais um cano para ali e fazem mais assim... " era uma pessoa...
A – Imaginava o futuro.
F – Tudo! Tudo para o futuro, nunca, nunca... o meu pai às vezes dizia assim: "Oh Rosário isto já chega!... " mas "Não, não! Nós temos filhos e netos"...
H – E basicamente era ela que incentivava os filhos a estudar?
F – Sempre, sempre.
I – Tinha boa cabeça.
A – Depois vieram alcatroar aqui as ruas e ela pediu lá ao pessoal para abrir valas e passarem canos da nossa casa para as dependências que tínhamos ao lado. Não havia água, mas os canos já lá ficaram colocados: "quando vier a água já não vai ser preciso... ."
F – E a luz acho que também.
M – A luz também. Há lá cabos inutilizados, tem lá uns da nossa casa até atras da fonte para qualquer coisa que fosse necessária.
F – Mas a minha mãe era uma mulher extraordinária...
H – Portanto, a distância da escola até à casa era pequena? Iam a pé?
I – Era.
H – O horário da escola?
I – Era das nove às três.
F – Não! Das nove ás cinco.
M – Acho que era das nove ás cinco.

F – Era o dia todo, que eu agora... eles andam outra vez a falar em querer pôr a escola das nove... mais tempo... para os miúdos não se dispersarem para não andarem com maus vícios. Mas nós era isso que fazíamos, e não morremos!
H – Fins de semana, não vinham à escola?
F – Não.
M – Mas a escola era até ao sábado ao meio-dia.
H – E limpeza da escola quem é que fazia?
F – Devíamos ser nós.
I – Olha isso agora já não me lembro.
M – Tenho impressão que vinham ca os pais, de vez em quando...
F – Isso não me recordo.
I – A Adelaide é que deve saber.
M – Eu penso que era os pais que vinham cá limpar. Sujava-se muito aquela zona onde nós deixávamos as botas.
H – O que é que comiam? Das memórias que têm das coisas que comiam? Ou se trocavam as merendas?
I – Era pão com queijo.
F – Nós não trazíamos merendas.
M – O almoço era comida normal, arroz, batatas, o que havia na época era o que comíamos lá em casa.
F – E sei que havia também, desculpa lá, porque havia miúdos que não tinham capacidade, ou vinham mal alimentados, havia uns queijos amarelos... da Cáritas.
M – Ah isso era da Cáritas.
F – E eles comiam.
M – Era um reforço alimentar.
H – Mas aqui na escola?
F – Aqui na escola, vinha aqui para a escola.
H – Mas foi no vosso tempo?
F – Foi no meu tempo, disso eu lembro-me.
M – Que a professora tinha a noção que havia miúdos, como ali em baixo a casa dos Ratos, esses comiam muito mal. Então a professora tinha noção e eles vinham cá trazer queijo amarelo.
H – Quem vinha cá trazer, lembram-se?
I – A Cáritas.
M – A Cáritas, devia ser uma camioneta.
H – Quem distribuía depois, quem dava era a própria professora, eram os pais?
M – Era a professora.
F – E dava a todos, ou era só para alguns?
M – Dava a todos.
F – Só me lembro é da cor do queijo, que era uma cor muito esquisita.
H – Uma cor amarela.
M – Amarela.
F – Alaranjado.
H – E era só queijo? Não havia leite em pó?
M – O leite em pó já não tenho ideia nenhuma disso.
F – Era o queijo.
I – Havia leite, em pó... sim, sim, sim. E depois mais tarde, eu lembro-me... as senhoras organizaram-se e vinham cada dia uma trazer o almoço, do Vale da Carreira, quem tinha filhos vinha trazer o almoço todos os dias aqui à escola para a gente. Mas era á vez a mãe

de um aluno... do Vale da Carreira, eu lembro-me muito bem, de elas virem com a panela, trazerem o almoço aqui. Para todos, para todos!
H – E durante quanto tempo foi isso Isilda?
I – Eu depois saí e não sei se continuou.
H – Foi com a Professora Amélia?
I – Sim, era a D. Amélia ainda. Mas eu lembro-me muito bem, hás-de falar ao Fernando a ver se ele se lembra.
H – E vinham com as panelas, os tachos... com as rodilhas?
I – Isso, isso... com os cestos, se calhar. E quando era de verão a gente comia aí fora... isso eu lembro-me.
H – Hábitos e rotinas do dia a dia, como é que faziam? Entravam em filas organizados como é que faziam, como é que faziam essas entradas na escola?
I – Entrávamos sempre por ali...
H – Era a porta principal?
I – A gente estávamos todos aqui na brincadeira e de vez em quando íamos olhando ali para o portão e quando a gente via que vinha a senhora professora, toda a gente punha-se ali em fila todos certinhos.
H – Faziam fila. Mas ela é que mandava fazer a fila ou vocês é que faziam?
I – A gente já sabia, ela já nos devia ter ensinado, e depois...
F – E depois lá ia a saudação nazi!... (risos)
H – Faziam esse movimento?
I – Sim, tínhamos de fazer isso! E: "Bom dia professora!"
A – Heil Hitler! (risos)
H – E cantavam, rezavam?
I – E antes de ir para o almoço, era meio dia, e a gente levantava-se e rezava o Pai Nosso antes de...
H – Antes de ir para o almoço? Não era antes de entrar na escola?
I – Não... era antes de ir... .
H – E havia cantigas?
I – Não, isso cantar não.
H – O hino ou orações não cantavam?
I – Não, assim aqui na escola não.
M – Eu lembro-me de aprendermos o hino aqui na escola... vinha nas costas da tabuada.
F – Da tabuada... nas costas!
I – Mas a gente aqui a cantar dentro, não.
M – Para a gente aprender o hino... tenho impressão que cantávamos para treinar.
I – E a gente estávamos aqui na escola, se alguém batia à porta, a Senhora Professora ia buscar... assim que a pessoa chegava ali... Heil Hitler! (risos)
H – E entravam com esse movimento feito?
I – Á pessoa que vinha, a gente tinha de se levantar.
H – Ah... quando vinha alguém, vocês tinham de fazer esse movimento.
I – Tínhamos de fazer... era! (risos)
M – Mas isso depois acabou... no meu tempo já não. Se alguém batia à porta a professora ia ver e nós tínhamos de nos levantar todos.
I – Ela chegava ali e se via que a gente estava sentados dizia: "Meninos levantem-se!"
M – Depois nós levantávamos todos.
A – Para saudar a pessoa que chega...
H – Bom... vocês começaram por falar neste assunto, que era uma pergunta que eu ia fazer, que era... brincadeiras, recreios... o que é que se lembram? Não há mais nenhuma

coisa assim de bricadeiras, não guardaram nada dessas coisas? Ás vezes um pequeno pião?
I – Jogávamos às 5 pedrinhas.
M – Ao berlinde, e jogávamos outro que eu já não me lembro... .era a bilharda.
F – Era com o pau e fazíamos aquela roda que... era o lenço, era o lenço...
M – O lenço... deixávamos cair o lenço atrás de um, sem ele saber. E depois, se ele fosse dar uma volta completa à roda e se aquele indivíduo descobrisse ele ia para dentro e o outro ocupava o lugar dele...
F – Havia coisas dessas. E aquele que nós fazíamos assim, que púnhamos aqui uma pedra e depois... passava ou não passava e depois tínhamos de adivinhar ou já não sei.
I – Onde é que está a pedra.
M – Onde é que eu deixei a pedra? Depois tinham de adivinhar onde é que ela estava.
F – Era, havia coisas muito giras.
H – Vocês, materiais desse tempo, não têm assim nada que tenham guardado? Às vezes uma lousa, às vezes um caderno ou um livro?
F – Não naquela altura. Não sei se o Francisco, o Francisco deve ter.
M – Deve ter algum livro.
F – Eu acho que tu tens lá, e era da quarta classe ou é do seminário?
M – Os que eu tenho foi os que comprei agora novos.
F – Não, não, tens lá umas coisas escritas. Depois é que era o tinteiro, e depois é que era o tinteiro (...). Ainda hei de perguntar ao Francisco se ele tem alguma coisa. Ele guarda tudo.
AMMS – Há muita coisa espalhada por aí.
I – O marido da minha irmã esse é o número um para explicar tudo, esse é que tem, com a idade que ele tem, tudo ali, tudo, tudo, tudo.
M – Aquele disco rígido ali aquilo não perde nada, é uma chatice...
H – As fotografias que vocês têm basicamente é isto ou ainda têm mais alguma coisa?
F – Eu ainda vou ver se lá em Lisboa tenho alguma coisa.
M – Eu também em Lisboa devo ter mais algumas.
F – Então, mas já viu estas todas?
H – Essas já, mas isso já é outro departamento, já vamos falar delas (...). Portanto, alguma vez algum de vocês repetiu ano?
I – Eu.
H – A Isilda repetiu.
I – E sabe porquê?
H – Porquê?
I – A Ti Deolinda era muito amiga da Dona Amélia.
M – Pois era, era afilhada da Dona Amélia.
I – A filha dela também não ia passar e a Ti Deolinda disse: “Uma das filhas da Ti Rosária não a leve ao exame... deixe-a ficar.” E quem é que foi? Fui eu!
M – Estavas na idade da outra.
I – Porque a outra pediu-lhe!
M – A outra queria ter companhia.
H – Para não ir sozinha?
AMMS – Para ter companhia... para não parecer mal!
I – Para a outra não ficar sozinha. Sim, sim, ela pediu para não me levar a exame.
H – Você repetiu basicamente... por conveniência?!
M – Da mãe da outra! Porque a outra ia chumbar.
H – E a sua mãe alguma vez soube disso?

I – Soube!...
H – E foi de acordo?
I – Não! A minha mãe, coitadinha, não podia fazer nada...
M – O que a professora dissesse...
I – Ajeitou-se... uma com a outra... e fazia tudo o que ela queria, porque a outra dava-lhe comida dava-lhe muita coisa, aquilo era comadre...
F – Pois, era a comadre. E eu lembro-me que a Carmo também tem assim uma... quando a gente fala nestas coisas... ela foi fazer um exame ali ao Vale da Água, e então ela é que devia, como é que era? Aquilo dava-lhe a distinção. A minha irmã é que devia ter a distinção, mas como havia um filho do Sr. Simão, mal parecia não lha dar a ele...
M – O Simão era o rico da terra, portanto...
F – De maneiras que essas coisas...
H – Então vocês todos andavam aqui na escola e depois quando era para o exame de admissão ou quando era a quarta classe iam a Vale de Água?
F – A Vale de Água... já na altura.
M – Mas isso na minha altura era em Proença.
H – Então também foi fazer o exame da 4.ª classe a Vale de Água?
I – Eu também fui a Proença.
F – Mas íamos lá fazer o da 3.ª, eu ainda lá fui fazer o exame da 3.ª... ao Vale de Água.
AMMS – E a admissão era em Castelo Branco?
F – Era. Eu a 4.ª classe fi-la no Alentejo.
H – Pronto... é muito giro vocês estarem a avançar essa conversa, porque a pergunta seguinte era, se se lembram se havia diferenças sociais, económicas entre os colegas, na escola em geral?
F – Havia.
H – Se sentiam que a professora discriminava essas pessoas?
F – Sim, sim.
M – A professora tinha algumas tendências, pronto, penso que a professora que era madrinha duma... e então o tratamento era diferenciado em relação aos outros. Mas também acho que foi a única que eu notei aí... só isso.
H – Mas aqui, em geral, entre todos os meninos do vosso tempo que andavam na escola, sentia-se muita diferença de uns para os outros? Havia uns mais pobres?
I – Não, não... entre os alunos não.
M – Mas em relação a essa nós ficávamos sempre de pé atrás com ela... com a filha dessa senhora estávamos sempre de pé atrás...
H – Era a pessoa mais rica daqui?
F – Não, não.
M – Não... era por ser a comadre... era a madrinha. E então andávamos sempre a picá-la e tomá-la de ponta.
A – Era *bullying.*
M – Era quase... porque nós nos sentíamos prejudicados em relação a ela.
H – Há bocado perguntou-se sobre o carnaval aqui, como é que brincavam... mas havia alguma ligação da escola com essas festas, sei lá, o Natal a Páscoa? Vocês aqui na escola não celebravam esse tipo de coisas, não havia nada de especial, não enfeitavam?
I – Não, nada não se fazia nada.
M – No Natal nós fazíamos, fazíamos aqui um presépio.
F – Era o presépio só.
M – Nós em casa fazíamos as chamadas Searas.
H – Searas?

M – Fazíamos os nossos canecos de resina e depois púnhamos o trigo lá dentro e púnhamos aquilo numa zona escura.
H – Como, como?
M – Fazíamos os canecos de resina...
H – Mas isso era no Natal?
M – Exato.
I – No Natal, para fazer o presépio.
M – Exato, mas nós fazíamos isso em casa pelo menos um mês antes. Tínhamos que semear o trigo lá dentro desse caneco, depois colocávamos aquilo numa zona escura lá em casa.
F – Na loja.
M – Na loja, depois regávamos aquilo dia sim dia não, que era para o trigo ficar amarelo, porque senão ficava verde por causa da clorofila.
H – E depois traziam?
M – E depois trazíamos.
F – Era os enfeites.
M – E depois todos a ver qual é que era mais bonito, qual é que estava melhor!
AMMS – Era os enfeites para embelezar...
F – Pois, pois, para embelezar o presépio. Não tínhamos mais nada.
AMMS – Tá bem, tá bem... eu não estava a perceber a ligação.
M – Era colocado no presépio, depois aquele é do fulano tal, aquela é minha, aquela é tua...
F – Nós tínhamos as imagens e mais nada. E também na igreja se fazia assim. Agora é que é a modernice já do pinheiro, mas... não.
I – Íamos ao presépio, apanhar o musgo.
M – Naquela encosta além.
I – Muito musgo eu apanhei!
M – Levava para aqui e levava para a igreja.
H – Então, no vosso tempo, não havia a tradição do pinheiro?
F – Não, não. Era só o presépio, hoje em minha casa também é só o presépio. Pinheiro é uma descência.
AMMS – Era de lá de cima.
F – É.
AMMS – É o abeto, nem era bem o pinheiro, é o abeto.
H – E nas férias da escola, passava-se cá alguma coisa?
M – Havia o dia das bruxas.
I – Há aí uma altura que, tenho impressão, eram três meses de férias, não era?
F – Eram 3 meses de férias, eram.
I – E a professora... tínhamos que fazer uma cópia todos os dias! Tínhamos de trazer noventa copias feitas em outubro.
H – E era a professora Amélia?
I – E acho que eram todas: “Todos os dias têm que fazer uma cópia e quero-as aqui!” e a gente...
M – Nós fazíamos de vez em quando.
F – Fazíamos todas seguidas.
I – Por vezes outros dias não tínhamos aquela responsabilidade...
M – E escolhíamos normalmente as cópias mais pequeninas. Eram as mais pequenas do livro, eram essas que a gente fazia, era mais rápido! (risos)
I – Aí mãe! (risos)

H – Não recordam alguma história ou uma cópia, ou um ditado ou um episódio que tenha ficado gravado? Há pessoas que até se lembram de terem decorado ou ficou gravado. Não há personagem nenhum, uma história?
F – Há um, mas não me lembro qual é, eu sei que houve uma que... mas agora não me lembro qual era. Eu tenho a impressão que era um pequeno conto moralista e aquilo ficou-me, mas não me lembro agora o nome. Se o vir, sou capaz de dizer qual é, mas agora não... agora não me lembro qual foi.
M – Eu, uma daquelas que me lembro mais, das cópias que a gente fazia, portanto, a lição era sobre a Pampilhosa da Serra que falava no comboio, e pronto foi daquelas que toda a vida me lembro da Pampilhosa da Serra e já lá fui visitar a terra, que não tem nada a ver comigo... mas pronto... só porque no livro vinha lá um texto sobre a Pampilhosa da Serra.
H – Em geral, aqui na aldeia, o que é que... havia comentários sobre a importância da escola? As pessoas falavam disso, achavam que era importante, ou que não era uma coisa importante?
F – Não, eu acho que eles até deveriam achar que era importante porque cediam o espaço, em não havendo escola eles cediam o espaço.
A – E tinham os filhos aqui ao pé da porta.
F – E não só. Quer dizer, aqui o Caniçal, era o que tinha mais miúdos, ficava junto à estrada, as outras também ficavam, mas aqui era onde havia mais crianças, e então eu acho que é por isso que a escola veio para aqui. E era o melhor sítio, diziam eles, para pôr a escola.
H – Diziam eles? A aldeia?
F – Não... o que veio... como é que se dizia antigamente?
AMMS – O delegado escolar?
F – Pois, o delegado escolar ou assim... e devem ter andado aí a ver e depois disseram que era o espaço melhor para fazer a escola.
I – E para eles darem 500 escudos naquela altura.
F – Pois, mas eles não deram! E o meu pai... por isso é que eu lutei... e quer dizer, pronto, o meu pai cedeu este espaço, o meu sogro cedeu ali um bocado que já o vieram recuperar e... depois eles disseram que iam dar ao meu pai... já não sei...
I – 500 escudos!
F – Pois, 500 escudos. Cada pai que tivesse os filhos aqui. Claro que não deram nada! Por isso é que eu depois lutei para reaver tudo isto. Porque isto estava a ser já... então a seguir ao 25 de Abril... já estava na mira para ser ocupado quase para ser uma lixeira... não?! E faziam... e começaram a fazer lixeira daqui.
A – Ali atrás, era ali o despejo.
F – E aqui não! Eu aí, depois... aliás, eu até falei com a Helena nesse aspecto, a escola não estava em lado nenhum! Não estava registada em lado nenhum! Não existia a escola! Em lado nenhum! E as pessoas diziam-me assim: “Mas para que é que estás com esse trabalho? Ocupa! Vai para lá!” E eu: “Eu não sou capaz de fazer isso!O meu pai deu isto... agora eu não vou fazer uma coisa dessas!” E depois comecei a andar por aí, fui para Coimbra, para todo o lado, porque eles não encontravam este registo. Depois a Câmara comprou-me o espaço, porque depois eu era para ter feito a casa, que eu sempre desejava ter aqui uma casa. Mas como na altura tinha os miúdos pequenos não tinha hipótese monetárias, eles puderam fazer... pois que façam! Eu ia para dizer já qualquer coisa que me esqueci, entretanto, neste impasse...
I – Não. Que eles queriam a casa para dar a outros amigos. (...)
F – Bem, é melhor eu não dizer o nome que fica aí registado. Um senhor de Proença (...) também andou aqui e quis comprar isto.

A – Que era para depois vender.
F – Quer dizer, ele não comprava...
M – Davam-lhe...
F – E então... a pessoa começa a ouvir estas coisas e: "Péra aí... então, mas aquilo é nosso porque carga de água é que tem de ir para os outros?" E andei por Coimbra, andei por todo o lado até que... a Câmara não conseguiu localizá-la...
AMMS – Não estava registada em lado nenhum, se calhar...
F – Depois a Câmara vendeu, nós fizemos uma escritura, como é que foi? Fez-se uma escritura à Câmara... tivemos de fazer uma escritura à Câmara e depois... não... a Câmara ocupou este espaço...
AMMS – Fez uma escritura por Uso Campeão...
F – Pois, deve ter sido assim qualquer coisa, já não me lembro... e depois vendeu este espaço. Vendeu as paredes.
A – Vendeu as paredes.
M – Vendeu as paredes, porque o espaço era nosso...
F – O espaço era nosso e foi por isso que depois isto voltou outra vez à nossa posse.
I – E bem caro! Primeiro queriam nos dar... diziam: "ai, 500€ chega! 500€ chega!" Você nem imagina quanto é que o meu marido teve de pagar, só por isto tudo escangalhado!...
F – Só o espaço... só as paredes!
M – Mas as paredes são boas, aquelas ainda são...
I – Mas eles primeiro: "500€, isso chega!" só para dar...
F – Depois devem ter cá trazido algum engenheiro alguma coisa para ver a valorização.
AMMS – Quatro ou cinco mil euros!
A – Oito mil.
AMMS – Oito mil, tá bem... foi o dobro!
F – Mas eu fazia-me muita pena que isto fosse... .e depois do 25 de Abril, foi um disparate! Quer dizer... foi quando isso começou...
A – Outras aí foram dadas.
F – Aliás, eu acho que foi a partir do 25 de Abril que deixou de haver escola aqui.
A – Foram dadas a associações.
F – Isto morreu, começou a morrer, depois do 25 de Abril...
AMMS – Como é que eu hei de dizer... uma das coisas interessantes aqui, do nosso trabalho, neste estudo, é a gente descobrir a utilidade que as escolas têm agora. É uma parte bonita do trabalho...
M – Exato.
AMMS – É a gente ver, fotografar e ver, o destino que foi dado às escolas. Algumas estão ao abandono.
F – Eles quando fizeram isso... não sei, ninguém implicou... foram vocês é que quiseram manter.
A – Não, não... foi obrigado!
F – Ah! Foi obrigado...
A – Eu não queria fazer aquele telhado ali para trás, e ele disse: "Não, é obrigado a deixar o que está!"
AMMS – A estrutura, a estrutura, a estrutura.
A – A configuração...
M – Eu disse a ele, ainda bem que isto abriu.
A – Eu não tirava, essas janelas não! Eu digo é aqui para trás, os topos é que eu não queria assim.
M – Mas os topos são bonitos, aquilo é o original, ficou mais caro por tudo aquilo...

A – Pois, porque eu queria fazer as quatro àguas, mas que cobrisse a parte de trás também, e aí disseram: "Fazes um telhado à estrutura... não, não, o telhado fica o original."
AMMS – Eu acho bem isso. Aquela ali, por exemplo, quando a gente vai ali para Cardigos, agora a gente já não vai a Proença, vamos para baixo para Cardigos, vamos ali à Moita Ricome fazer uma fotografia... está abandonada, está a cair. Olha a escola da Moita Ricome está como estava aqui esta, a cair... tal e qual.
I – Mas o dono... aquilo não tem dono?
AMMS – Não sei de quem é.
I – Ninguém sabe?
AMMS – Também não fomos, e ainda não falámos com ninguém lá. Mas agora quando formos, vamos passar por lá e fotografar.
M – Se não tivesse sido aproveitada para isto... .
F – Já estava tudo no chão!
AMMS – A do Freixoeiro...
M – Não estava não, porque aqui seria a sede da associação, não íamos fazer aqui ao lado, nem gastar o dinheiro que se gastou ali... tínhamos aqui um edifício.
F – E achas que eles... e vocês iam ter o trabalhão que eu tive para chegarem a...
M – Mas a Câmara oferecia-nos isso e estava o problema resolvido.
AMMS – Faziam um protocolo de utilização, que é o que nós temos lá nos Vales. A escola dos Vales onde eu andei a estudar, fechou também, e eles entregaram aquilo à associação de lá.
I – E ali, a eira já estava quase vendida naquela altura...
F – Esteve dada... .dada! Fazem cada malandrice!
I – Eu nem digo que é... uma vez fui à missa e essa senhora que sabia, disse assim: "Ó Isilda... ", olhe aqui, esta nem a conhecia... "Eu tive um sonho que a eira já está quase vendida."
A – Entregue!...
F – Ou já estava...
I – Não! Ia sair no jornal... .ou faltava 15 dias... e ela disse-me assim: "Olha, vai ao jornal de Proença... está lá tudo!" E eu fui logo ter com vocês!
M – Assinando o jornal de Proença, eu já andava alerta com isso...
I – Fomos logo a Proença, e então falámos com a senhora (...), e nós: "Olhe a gente gostava de ler o jornal da vila... olhe, está-se a passar isto e isto e isto... ", e a senhora leu e faltava 15 dias.
AMMS – E então terminava o prazo de reclamação?
I – E então a gente precisava de saber quem é que assinou (...).
F – Mas o problema não é esse (...). Isto estava... a eira era da Junta... pertencia à Junta! (...)
M – Expropriou... digamos assim, da posse da Junta, deixou aquilo livre... para Uso Campeão. (...)
F – Então faziam ali na eira, faziam horta. Em cima da laje... isto era o que eles diziam lá, na escritura. (...)
H – Vamos só aqui fazer mais uma pergunta. Isilda, qual é que era na escola a sua disciplina preferida?
I – Eu gostava muito da Ciência, e História.
F – Ou era a Geografia?
I – E História, também gostava da História. E era Geografia, aparecia o mapa... e íamos todos cantar. Cantávamos... a gente gostava. O nome das serras.
H – E porque é que gostava dessa disciplina?

I – Não sei. Gostava.
H – Viajava era?
I – Era. Eu gostava muito dela...
H – E a Fernanda?
F – Eu era História. Era mais História.
H – E o Manel?
M – História e Ciências.
I – Mas a Ciência... também decorava o D. Afonso Henriques...
F – Isso é História.
I – História... mas é o que eu digo...
M – É História de Portugal.
F – É História de Portugal e não só os reis. Era os Romanos, os Fenícios e essas coisas todas...
A – O nome de todos os reis, eu sabia todos... mas agora já não me lembro.
H – Se tivesse estudado mais, o que é que gostava de estudar?
I – Eu nunca pensei.
H – Nunca pensou nisso?
F – Eu era económicas.
M – Eu era para seguir Direito.
H – E não estudou mais porque foi opção? Não quis fazer mais? Achou que...
A – Tinha que sair daqui para fora!
I – Pois, tinha que sair, tinha...
H – E a Fernanda porque é que não estudou mais? Foi opção?
F – Foi... depois casei-me, depois eram os miúdos, e depois pronto. Foi aquela...
H – E o Manuel já falou um bocadinho mas...
M – Eu ainda estudei um bocadinho, mas depois como estava a trabalhar de manhã à noite, não havia poder económico para me dedicar só ao estudo, portanto tinha que fazer opção, ou estudo ou trabalho. Então, como não havia dinheiro, o trabalho ia à frente...
H – Portanto, não foi por falta de vontade, foi por falta de...
F – Ah sim! Eu quando acabei o curso comercial queria continuar, mas depois empreguei-me, a pessoa depois de estar empregada... já não pensa em outra coisa. Começa a pensar já...
M – Começa a ver dinheiro...
F – Vê dinheiro, pronto! E fiquei-me, mas tive pena.
H – As coisas aqui da escola, e do sistema de aprendizagem aqui na escola, ou o sistema de ensino da professora, decorria dessas situações em que ela chamava ao quadro, faziam ditados, havia alguma coisa mais que fosse assim específico nela, que se lembrem?
I – Havia uma altura quando a gente ia fazer um ditado ela dizia: “Cada erro que vocês tiverem é uma reguada que levam!”... E aqueles que tinham quinze e dezasseis...
H – Ela dava?
I – Dava!...
F – Eu foi porque dei quatro erros.
AMMS – Com força ou devagarinho?
I – Não, não! Dava com muita força!
F – Eu fui porque dei 4 erros naquele ditado, devia ter sido na terceira classe...
M – Comigo eu penso que já não utilizava esse método. Já não usava isso. Porque eu só me lembro de levar uma reguada e deu cabo da régua!
F – Eu reguada acho que nunca levei.
H – E a disciplina que menos gostava?

I – Na escola? Era os ditados, que dava muito erro.
H – Mas porque levava reguada pelos erros?
I – Levava, levava! Aquilo era para um e era para todos! E nós, antes de ir, a gente fazia assim... (a aquecer as mãos).
M – Era para aquecer as mãos, a ver se não doía tanto! (risos)
I – Fazíamos assim (risos). Era para aquecer as mãos! (...)
H – E o Manuel o que é que lhe custava mais na escola?
M – Na escola, não tenho assim recordação que fosse grande problema. (...) Era a gente repetir os números, os números que eu mais gostava de repetir era o número dois.
F – Era o mais fácil.
M – Não, não sei se era o mais fácil, se calhar até nem era, eu tenho a noção que estava ali na segunda carteira e a fazer aquilo e a professora dizia: "Ah, já não precisas de fazer mais que esse já esta bem feito, começa a fazer os outros!"
F – Eu gostava muito de tabuada, sempre gostei. Eu acho que a tabuada ainda anda lá... eu tenho de procurar, acho que... .
H – Houve alguma matéria que se lembrem em particular?
I – Letra Romana, custava a entrar na cabeça, mas quando entrou ainda hoje sei! Sei a letra romana toda do princípio ao fim, mas custou a entrar na cabeça...
H – Houve alguma que vocês se lembrem, assim melhor?
M – Não tenho ideia, não.
H – E um livro? Um livro que tenham memorizado, ou que se lembrem mais? Uma história?
F – Ah eu a que me lembro mais é o Pai Tomás.
H – Que era de que livro? Era da escola primária?
F – Não, não, já foi em Lisboa. Aqui não havia leitura. Vou-lhe dizer uma coisa, quer dizer... nós íamos... as nossas casas de banho aqui, quando era miúda, era atrás do muro. E então nós levávamos bocadinhos de jornais, eu devorava aqueles pedacinhos todos, sem sentido nenhum! Sempre gostei muito de ler, então a minha paixão era aquilo. Mas como é que nós íamos, quer dizer (risos)... era assim!
H – E levavam o jornal?
F – E levava bocadinhos....
H – Vocês aqui tinham casa de banho na escola?
F – Tinham, tinham a escola... raparigas e rapazes.
H – Pois, mostrou-me, já me explica na fotografia.
F – Sim havia uma para rapaz e outra para rapariga... e outra para a professora. E havia a casa de banho com chuveiro. Ou era a casa da lenha?
M – A casa da lenha.
H – Acham que foram bons alunos? Isilda, acha que foi boa aluna?
I – Sim.
F – As pessoas só diziam, esta rapariga é muito inteligente só é pena não ligar nenhuma a isto. Eu não estudava!(risos)
H – E o Manuel era bom aluno?
M – Eu estava na média, sim, nunca senti qualquer problema.
H – A Isilda o que fez, na área principal de trabalho, na sua vida?
F – Foste para Angola.
I – Estive a guardar dois meninos em Lisboa até aos 20... .tinha 18 ou 19anos. A minha irmã mais velha estava em Angola e depois eu fui até lá, e quando voltei foi onde conheci o meu marido.
H – E em que é que trabalhou lá?

A – A criar os filhos!
H – E depois no Canadá, a sua profissão maior foi criar os seus filhos?
I – Sim, mas trabalhei muito na costura. Numa fábrica de costura.
H – E a Fernanda, a sua área principal de trabalho e profissional?
F – Contabilidade.
H – E o Manel?
M – Força Aérea, era militar.
H – No caso da Isilda pode-se dizer que trabalhou por conta própria.
I – Sim, sim, sim.
H – E vocês os dois trabalharam sempre por conta de outrem?
M – Exatamente.
F – Sim, sim, sim.
AMMS – Ela não trabalhou por conta própria, no Canadá trabalhou numa fábrica. (...)
I – Até aos quinze anos estive sempre aqui no Caniçal.
H – E a Fernanda?
F – Eu comecei a trabalhar, faziam questão de aprender costura... quando fui para lá com dez anos, depois da escola primária, porque eu fui para lá com dois. Da escola eu fui aprender a costura, depois empreguei-me num escritório e estudava.
H – Que idade tinha?
F – Onze.
H – E o Manuel?
M – Eu saí daqui fui para o Seminário e fui para a tropa aos dezanove anos, ofereci-me como voluntário.
H – E podem dizer que se não têm feito escola... a Educação na escola influiu nesse trabalho que vocês vieram a seguir? Teve alguma influência? Não teve? Conseguiriam ter esses trabalhos que tiveram sem ter vindo à escola?
F – Não... quer dizer, aprender a costura, podia aprender. Agora o resto não. Tive que estudar porque senão...
I – A escola faz sempre falta, arranje um trabalho grande ou não. Mesmo que seja no campo... a quarta classe faz sempre jeito.
H – E o Manuel acha que podia ter tido a vida profissional sem ter ido à escola?
M – Se não tivesse vindo aqui à escola e não tivesse feitos os estudos, o meu futuro teria sido andar aí guardar gado e a trabalhar no campo.
I – Pois é isso.
M – Como algumas das pessoas que ficaram por aí...
F – Mas antigamente a quarta classe era uma mais valia, mas grande! Não tem nada a ver com o agora... olhe eu até lhe digo... como o 12.º quase de hoje.
H – Conheceram algum caso da vossa família, ou de alguém até aqui da aldeia, que tenha aprendido a ler e escrever sem nunca ter vindo à escola? Sozinho? Autodidata?
F – Havia pessoas. Não só sei que havia pessoas que não sabiam ler e depois nós... nem ler, nem escrever... e depois nós, os que sabíamos, às vezes ensinávamos.
H – Calhou a Fernanda ensinar alguém? Lembra-se de ensinar alguém?
F – Acho que sim, mas já não sei quem foi. Porque as pessoas depois também tinham pena de não saber, e nós fazíamos aquilo, quer dizer, não era todos os dias... E eu acho que uma vez cá, que levei depois alguém à noite, mas também uma coisa pequena... para ensinar os adultos... uma coisa muito pequena.
M – Não me lembro... porque a partir do momento que fui para o Seminário eu só vinha cá nas férias.
F – Eu acho que houve.

AMMS – A educação de adultos?
F – Era. Eu acho que ainda houve aqui a educação de adultos, chamava-se isso mesmo.
H – Isilda, qual é a maior diferença entre a sua escola, aquilo que foi do seu tempo de escola, e a escola dos seus filhos?
I – A dos meus filhos é muito melhor! Embora as contas de somar e as contas que eles fazem são diferentes das nossas.
A – É... aquilo lá é diferente. A maneira de calcular é muito diferente.
I – Mas hoje os jovens... é muito diferente.
H – E a Fernanda?
F – Eu, quer dizer, eu não tenho assim uma grande... o que eu vejo é que hoje, por exemplo, o que eles chamam o quarto ano não tem nada a ver connosco. Nós aprendíamos e não tínhamos os livros que eles têm. Nós era a sebenta, a tabuada e o livro da escola. Mais nada. E eu lembro-me que às vezes a minha filha, andava com a batata para trás e para a frente: "Oh mãe, vem aqui para ao pé de mim, senta-te aqui. E depois põe isto, isto assim", e depois dizia: "Oh mãe a minha professora não me ensina assim, mas deixa-te estar aqui ao pé de mim." Portanto, há uma grande diferença entre o ensino de agora e o de antes. Muito grande... .
A – Eu desisti de dar explicações em matemática porque eles diziam: "Não é assim que a gente calcula." Pois... .então olha.
H – E o Manuel, o que é que sente em relação àquilo que foi a escola das filhas?
M – Nós na nossa altura era tudo muito há base de memória. Fixar. Memorizar... cálculo mental.
F – Perceber.
M – Nós fazíamos contas de cabeça e ainda hoje faço contas de cabeça e as minhas filhas ficam a olhar para mim, como é que é possível? Lá vão buscar a máquina. Lá está, não foi desenvolvida aquela habilidade na escola primaria e nunca mais a conseguem recuperar.
H – Em compensação, o que acha que elas tiveram que o Manuel...
M – Hoje em dia estão muito mais à vontade perante uma Assembleia, ou a desenvolver uma ideia. Portanto, desenvolvem outras capacidades que nós na altura não tínhamos hipótese. Estão muito mais à vontade com os computadores, por exemplo o computador para mim continua a ser um bichinho que está além, e de vez em quando vejo nas notícias que eles brincam com a tecnologia... .
H – Quando se projeta... o Manuel, a Fernanda ou a Isilda... em criança, o que é que imaginava ser quando fosse grande? Aquela história: "Quando eu for grande gostava de ser isto ou aquilo"?
I – Não sei.
F – Eu já tinha dito que era professora primária, lá para os confins do Minho... tenho muita pena. Era professora.
M – Nunca militar! Essa nunca me tinha passado pela cabeça. Nunca tinha passado, mas de facto foi o que aconteceu... lá está, o nosso mundo era isto aqui. Eu, para mim, as nuvens iam buscar água ali abaixo e traziam aqui para cima, portanto não havia grandes projecções nessa altura, não tenho ideia disso... .
A – Muitas vezes, acho que as crianças devem ser influenciadas pela televisão, veem coisas, veem isto, veem aquilo...
M – E a profissão dos pais.
F – A gente não tínhamos televisão, não tínhamos rádio.
A – Não tínhamos nada que nos influenciasse.
I – Eu, por exemplo, vi as notícias. À noite íamos jantar, eram sete horas: "Meninos para a cama!"

M – Pois, não tinha nada para fazer...
I – Era meia-noite e: “Oh mãe a gente já não tem sono!” (risos)
F – Eu lembro-me agora, por exemplo, por o meu irmão ter falado das miúdas, eu lembro--me que o meu filho tinha três anos, nós estávamos nas Açoteias, e ele estava quietinho a olhar o pôr do sol: “Oh mãe quando é que o sol cai no mar?”... com três anos. Quer dizer nós, isto era tudo o que havia, era tudo normal, não havia complicações para nós...
M – Mas a minha filha mais nova já me disse, mais do que uma vez: “Oh pai... que pena eu tenho de não ter nascido no teu tempo.” Quando eu começo a contagem das nossas vivências aqui, isto não tem nada a ver com a vida que ela leva... ”Que pena que eu tenho de não ter nascido no teu tempo”...
A – Sim, quando começamos a contar histórias... coisas que passámos, a maneira como a gente se divertia, conseguíamos nos divertir com... com nada!
F – Com cacos... .com cacos!
M – Com pouca coisa. Éramos felizes com pouca coisa.
A – E passávamos e corríamos e saltávamos, não, hoje são uns insatisfeitos, não há nada... .
M – Vão lá pedir histórias do tempo de escola deles!... não têm nada.
A – Não têm, não têm... .
M – Não iam à lenha para se aquecerem, porque a sala agora está climatizada, os alunos têm as camionetes que os levam da porta até à porta da escola... têm o seu carro...
A – Para fazer um cálculo vão ao telemóvel e fazem o cálculo, não puxam pela cabeça.
F – Já havia pessoas com telefone... nós púnhamos os carrinhos de linha...
AMMS – Ah pois era assim uma coisa, tentar telefonar para o outro. Como é que era? Com caixas da pomada...
F – Pois é. (risos)
M – Eles não têm essas... não, não.
F – Eles não têm culpa, a culpa foi nossa. (...)
H – Já agora, o que eu vos pedia era que falassem destas fotografias aqui...
F – Oh Nelito tu conheces melhor as pessoas daqui. Vamos começar pelas mais velhas.
M – Do lado direito temos a Maria Eugénia, a Ilda, a irmã da Ilda, a Isabel e a outra Maria dos Anjos.
I – A que está com a mão na cabeça? Está em Proença essa.
M – Em cima é o Carlos, o Zé Augusto de Mesão Frio, e um rapaz do Serimógão que não me lembro o nome dele, o outro é o André que era irmão da Ilda, o outro é o Chico da Cruz, e o outro...
F – És tu!
M – Não sei se sou eu...
H – Quem é que estava a tirar esta fotografia, lembra-se?
M – Ai... isso já não. E aquele lá em cima não sei se é o Saramago... não é... este último já não sei quem é.
H – A data desta fotografia está aqui... 1966. Será isso?
I – Este é o Adelino.
M – Qual Adelino? Do tio Alfredo?
F – Não... o outro. Não sei se ele se chama Adelino se é o Zé. Este é aquele... o irmão da Gracinda.
M – O Zé Saramago.
I – Olha que não. Não pode ser... a diferença de idade um para o outro. É o mais novito deles todos.
H – E isto foi tirado à frente da escola, nos anos 66?

M – Exatamente.
H – 14 anos... é o que está aqui atrás. Seria os anos que o Manuel tinha?
M – Então 53... eu tinha 13 anos nessa altura, mas eu não estou nessa fotografia.
H – Tem ideia da data desta foto? É que ela não está identificada.
M – Nesta está ali a Gracinda e a Isabel, olha aqui estou eu também... .e aqui já tinha óculos.
H – Está aí na foto? Qual é que é?
M – Este aqui de óculos. Exatamente, esse aí de óculos, e se tinha óculos já andava no seminário, se andava no seminário teria doze anos por ai assim. Se eu tinha doze anos isso foi em 1965, 66.
H – Esta é da mesma altura. Não é a mesma, mas é da mesma série.
M – Pois é da mesma série.
H – E esta aqui?
M – Esta é dos rapazes com uma bicicleta que era o transporte de luxo daqui!...
F – Era a Mercedes cá do sítio! (risos)
H – O Manel é qual?
M – Eu aqui ainda não tinha bicicleta, portanto eu não estou na fotografia porque não tinha bicicleta...
H – Mas isto eram os rapazes da sua terra com a sua idade?
M – Sim, da terra e não só. Este rapaz que está aqui, o segundo, era do Serimógão, este era do Galisteu. Este é o Carlos, este é o Chico da Cruz, e este é o Luís Baltasar que é meu vizinho ali.
H – E vinham muito aqui para a frente da escola tirar estas fotografias de conjunto, não era? Gostavam muito de vir para aqui, não era?
M – Era o sítio mais...
F – Eu ia dizer isso! E o Caniçal tinha raparigas muito giras e então era todos os fins de semana bailarico aqui!...
M – Sim, havia sempre ali na ponte...
H – Aqui na aldeia? E depois vinham aqui à escola tirar as fotografias?
F – Pois! Porque era o sítio mais bonito.
H – E aqui o que é que se passa nesta foto?
M – Estes acabam por ser os mesmos que nas outras fotografias. Esta fotografia foi tirada aqui na parte de baixo do muro no meio das flores...
F – Isto aqui em baixo eram todas florinhas amarelas. Então as nossas mães ficavam sem agulhas num instante!Nós fazíamos colares! Passávamos o nosso tempinho, aqui as raparigas, a espetar aquelas florinhas amarelas... a camomila... muito nós gostávamos de fazer aquilo! Está a ver como nós passávamos o tempo... era assim!
M – Não consigo identificá-los aqui... .
H – Mas são do seu tempo, desta data de 65?
M – São, são. Está aí o André o irmão da Ilda... o Chico da Cruz.
H – E nesta?
M – Nesta são as meninas! Os rapazes de fora vinham para aqui por causa das meninas.
F – Ai... as meninas também estão aqui nas flores!
M – A primeira é a Isabel que já faleceu, estava no Brasil, a seguir é a irmã dela a Ilda, depois temos a Eugénia e depois a Maria dos Anjos.
H – Da direita para a esquerda?
M – Exatamente. Aquele rapaz que está sentado lá em cima penso que é o André, que é o irmão da Isabel e da Ilda.
H – E esta foto tem também por trás “1966, 14 anos”... é da mesma série?

M – Pois, da mesma série.
F – Aquele que está lá em cima...
M – Está muito longe não consigo ver...
H – Pronto, esta aqui, esta foto... isto já é o quê? Anos 70?
M – Sim, isto já é na revolução, já pessoal com mais... com roupas já diferentes, já não é aquele tradicional...
F – Ah tu dizes que isto era os teus filhos?
H – Aqui é a Isilda.
F – Em que ano... .isto é de 76.
H – Estas são tiradas no mesmo dia, foram todas tiradas no mesmo dia, essas quatro, ou não?
F – É capaz de ser...
M – Aquelas de cima talvez não, estas duas penso que sim. Estas duas devem ter sido porque estão aqui exatamente os mesmos.
H – Quem é que está aqui nesta fotografia, nesta primeira?
M – Nesta estou eu, nesta está a Eugénia.
H – Esta foi aqui à frente da escola no tempo já em que já havia o jardim feito pela professora Isilda.
M – Exatamente, era isso que eu ia dizer.
H – Estão ali as figuras geométricas.
A – Já estava abandonado aquilo...
M – Este aqui não sei quem é que é este rapaz, este que está aqui ao pé da Gena.
H – Portanto, isto foi tirado em 70?
M – 74, 75.
A – Essas aí? Em 76.
F – Se calhar devia ser aquele... o namorado dela. Ela namorou um da Moita Ricome, e um ali do Mesão Friso.
M – Mas não me faz lembrar nenhum deles.
H – Portanto essa pessoa aí não é de cá?
M – Não, não é de cá. A outra é a Isilda com os dois filhos. Aqui era aquele rapaz... ah não... aqui aparece mais uma das minhas irmãs.
H – Que está ali de preto.
I – É a nossa irmã mais velha.
M – Exato, a Eugénia, a Maria do Carmo e aqui a Isilda.
H – A Isilda e o tal rapaz que não sabem quem é?
M – Pois, não consigo identificar, não sei quem é.
H – E aqui?
M – Ora, a Conceição do Tio Alfredo, já faleceu, mataram-na. Outra é a Lurdes da Cruz, a Eugénia, o outro rapaz...
F – É o da Sobreira... olhe isto foi no batizado do Miguel.
M – Este é da Sobreira que era o Luís Manuel.
F – Isto é de 74 e isto é de 75. (...)
M – Portanto esta é a Conceição Baltazar, esta é a Lurdes da Cruz, esta é a Eugénia, este é o Luís Manuel da Atalaia.
F – Não é da Atalaia é da Sobreira.
M – Esta é a Céu da Cruz, esta é a Isilda Pereira e o outro é o Adelino Baltasar são irmãos.
H – São do vosso tempo todos, tudo gente do vosso tempo?
M – Sim, sim.
F – E aqui é a Génita. Também de 74, (...) porque tem cá o Carlos Manuel.

H – E esta é de 77... .estas duas são de 76, 77.
A – Foi antes de a gente ir para o Canadá.
H – E todas estas são de 60.
M – 64 ou 65, por aí acima.
H – Esta é a tal de 65 em que estava com os óculos, já estava no seminário.
M – Exatamente.
H – Diga-me só aqui... as raparigas como é que elas se chamavam?
M – Primeiro temos a Isabel, a seguir é a Ilda, a Eugénia e a Maria dos Anjos. (...) Ah, esta vínhamos de Proença para aqui, andámos a estudar. Nesta cá temos a Eugénia, nós andámos a estudar em Proença, e depois vínhamos ao fim de semana.
H – E a data dessa foto, mais ou menos?
M – Este sou eu... isto deve ser de 65.
H – Quantos dos seus irmãos estão aqui nesta foto?
F – Sou eu. E a Eugénia.
M – E esta aqui é a Isilda, e esta é a Eugénia.
F – Pois, isso não era em dia de escola, era em dia de festa.
H – Isilda venha cá para falar aqui destas fotos da escola. Isto foi o que encontrou quando começou a construção aqui da escola, não foi?
I – Foi.
H – Isto em dois mil e...
F – É o que eu lhe digo, isto devia ser depois de 74, tudo isto é depois de 75.
A – Não, essas ai são em dois mil e... já é construção.
M – Que eu vinha buscar aqui telhas ao Caniçal para levar para as outras escolas onde faltava, quando havia infiltrações de água vinham aqui destelhar a escola.
I – Ficava tudo destelhado...
H – Aqui eram as casas de banho, rapazes raparigas e professoras?
F – Sim, esta é antiga.
H – Portanto... todas estas fotos foram tiradas em dois mil e... .
F – Depois de 75, porque eu depois sei que tirei uma serie delas para mandar.
M – Aquelas que estão ali já são muito próximas do ano dois mil...
H – A construção foi em 2007... disse?
M – A destelhada é 2000 já. Essa aí sem telha deve ter sido de propósito, quando vocês começaram a reconstrução.
I – E aqui era a eira.
F – Depois eu andei para Coimbra e tirei fotografias e mandei. E eu devo ter lá essas fotografias todas que eu mandei para eles. E aí é que se vê o estado em que estava.
I – E depois, aí também tivemos vários problemas (...).

[NOTA: esta entrevista conjunta tem ligação com uma outra entrevista conjunta realizada por Helena Cabeleira e António Manuel Martins Silva (gravação áudio e audiovisual), à Professora Isilda Ribeiro Martins, com participação de Isilda Lopes Dias Cardoso e António Cardoso Lopes, em Caniçal Cimeiro (17-11-2019)]

– Isilda Ribeiro Martins –

Naturalidade: Catraia Cimeira (Proença-a-Novas)
Data de nascimento (dia/mês/ano): 20-01-1935
Residência actual: Proença-a-Nova
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe; Curso do Magistério Primário

Várias entrevistas orais e/ou conversas informais realizadas por Helena Cabeleira (gravação áudio e/ou audiovisual), na Universidade Sénior de Proença-a-Nova (21-10-2019; 07-11--2019), ou realizadas por Helena Cabeleira e António Manuel Martins Silva (gravação áudio e/ou audiovisual) na residência pessoal da entrevistada (14-11-2019), incluindo uma entrevista conjunta a Isilda Ribeiro Martins, Isilda Lopes Dias e António Cardoso Lopes, realizada em Caniçal Cimeiro (17-11-2019). Esta entrevista conjunta justificou-se pelo facto de Isilda Ribeiro Martins ter sido professora na Escola Primária de Caniçal Cimeiro.

[NOTA: Esta série de entrevistas orais (gravadas em registo áudio e/o áudiovisual) a Isilda Ribeiro Martins escapam claramente ao Guião de Entrevista inicialmente definido, devido às características pessoais da entrevistada e também à 'excentricidade' do seu percurso profissional e espólios documentais. Alguns destes registos audiovisuais foram integrados na série "Fotos Faladas" (disponíveis online no Canal Youtube *Memórias Resgatadas*)]

[VOZES: Isilda Ribeiro Martins (I), António Manuel Martins Silva (A), Helena Cabeleira (H), realizada na US Proença-a-Nova (21-11-2019)]

A – Então e quem é que fez estes desenhos aqui?
I – Os gaiatos. Olhe, isso é tudo trabalho dos garotos, porque nós tínhamos alunos que eram uma maravilha a desenhar, está a perceber? Que hoje são homens. (...) Nós fomos à França com as crianças... e já viu o que era hoje, três professoras, três professoras com

vinte e duas crianças dentro de um autocarro a irem daqui para a França? Se fosse hoje... éramos postos na fronteira!
A – Tinha de levar a autorização dos pais.
I – Nós tínhamos a autorização, tínhamos seguro, tínhamos tudo!
A – Olhe lá, os miúdos brincavam com isto lá na escola.
I – Sim, sim, sim. Isto é tudo brinquedos das crianças. Bolas. Não havia bolas de borracha para nós! (...) Estas bolas, nem as sabem fazer hoje!... porque isto é feito de uma meia, só de uma meia cheia de farrapos. Nós não tínhamos outra hipótese... e isto, sabe o que era isto?
A – É um ringue.
I – É o ringue que eles enfiavam nos braços. (...) Eu dei aulas 40 anos, 40 anos... e fiz 40 festas de Natal! De maneira que esta era a Nossa Senhora... e este era um camelo... que vestia um garoto, e aqui por trás tinha as bossas! (risos) As bossas do camelo, olhe!
H – Isto era a Isilda que fazia?
I – Não. Posso dizer que eu fui a iniciativa daquilo tudo, mas eu não sabia de costura nem elas. Isto foi uma costureira que fez. Eu tenho três borreguinhos... este aqui era maiorzinho, já era do rapaz talvez de cinco ou seis anos, mas tenho ali os pequeninos... porque as pessoas iam com eles às costas e era muito engraçado. (...) Eu tenho muita pena, porque eu fiz tantas festas... e era eu que fazia os Autos de Natal! (...) Anexo do Currículo da Isilda... olhe aqui! (...) Aqui... estou a olhar para um canteiro...
H – Que idade tinha aí? Foi quando começou a dar aulas?
I – Aí... uns 25 anos talvez. Mas eu tinha aqui um jardim... olhe, as figuras geométricas todas. E depois fiz lá uma festa.
H – Fez um jardim com as figuras geométricas?
I – Exatamente.
H – E a Isilda começou a dar aulas com... ? Que idade tinha? E saltitou das escolas ou ficou sempre numa?
I – Não, não. Eu estive em várias, três pelo menos. Fiquei aqui em Proença, foi aqui que me aposentei. Eu comecei a dar aulas... eu fiz a 4.ª classe com vinte e três anos. (...)
A – Vou buscar um documento, vou à Câmara buscá-lo agora, ao Arquivo, que é da criação, em 1892, da Escola do Peral. Não deu lá aulas? No Peral?
I – Não. Eu dei no desporto. Eu depois de ter tirado o curso do magistério estive cinco anos no desporto [escolar] e ia às escolas, por isso é que dei muitas voltas... ia às escolas, ensinava andebol. Estive cinco anos no desporto. Ia às escolas todas e etc. e a seguir a isso eu e a minha colega Olga estivemos no PIPSE. O PIPSE era um organismo onde a gente ia às escolas e víamos uma criança que não tinha capacidades... era, era... pronto, olhe... era dos burros como se lhe chamava!
A – Antigamente era o que se chamava... eram os burros, não era?... Dificuldades de aprendizagem.
I – Então eu e a Olga procurávamos um que tivesse, por exemplo, jeito para mecânico, a gente arranjava maneira de ele ir um dia por semana a um mecânico. Uma cabeleireira, uma rapariga que não tinha jeito para nada... eles pagavam três e quinhentos, porque cada criança...
A – Em que ano?
I – Ai agora não tenho assim presente, mas, hum... eu comecei em 1960 a dar aulas. (...)
H – Isilda, venha aqui sentar-se. Eu já percebi que isto não fica por aqui hoje...
I – Pois não!
H – Você tem muito para contar...
I – Ah... tenho muito para contar... muito! (...)

H – Então, Isilda, o nome completo como é?
I – Isilda Ribeiro Martins... e agora o Museu também é Isilda Martins!
H – E a Isilda nasceu onde?
I – Nasci na Catraia numa casa muito pobre. Éramos oito irmãos.
H – Catraia... isso pertence a Proença, é isso?
I – Pertence. Catraia Cimeira.
H – Isto há histórias fabulosas. Então é portuguesa, certo?
I – Portuguesa, portuguesa, sim.
H – Em que data nasceu, Isilda?
I – 1935.
H – Completa. O dia, o mês e o ano. Em que mês nasceu, em que dia e em que data?
I – Eu nasci em 1935, no dia 20 de janeiro de 1935.
H – A Isilda... qual é que é o seu estado civil?
I – Solteirinha! Fui à televisão, mais outras colegas, para falar de coisas cá do Concelho, e eu estava lá a debulhar o milho (...) e eu estava a trabalhar depressa porque estava danada! Estava danada por isto... éramos 4 raparigas e 2 rapazes, e as raparigas demoraram muito tempo a maquilharem, e quando eu lá cheguei, era a velha! Isto há uns 2 anos ou 3...
H – E qual foi o programa?
I – O programa... foi naquele da manhã... e era com um careca que já lá não está agora. E então eu estava aborrecida porque as outras iam todas maquilhadas, e e eu... e outra minha colega... aquilo passou aqui na cara e toca a andar... e eu disse: "Isto é que é uma história!" Quer ver o que o senhor da televisão me disse? "Então a senhora é casada?", e eu disse: "Sou solteira!", "Então nunca casou?", "Não! O meu marido... ", e isto, quando eu cá cheguei, as pessoas riam de pardio: "... o meu marido morreu antes de eu nascer!" (...)
H – Pronto. Dá-me a sua morada? Não se importa?
I – A minha morada, por enquanto, é na terra, mas...
H – Aquela onde você vive agora, para eu lá ir atrás de si... para saber a que porta hei-de bater! (...) É em Proença, não é?
I – Acho que disse tudo...
H – Ora bem, a Isilda... a sua escolaridade... fez a escola primária?
I – Fiz a escola primária. A minha professora da 3.ª classe morreu no ano passado. Tínhamos uma ligação, escrevíamo-nos, telefonávamo-nos. Ela morreu já com cem anos.
H – Fez a escola primária e depois fez mais o quê, para além da escola primária?
I – Sabe que os meus pais tiveram oito filhos, dois morreram, eram oito filhos. O mais velho morreu faltava um ano para cem. Depois, há dois anos, morreram-me três irmãs por ordem de idades: oitenta e cinco, oitenta e dois, pronto... três no mesmo ano. E fiquei cá eu mais duas. Há-de ser a minha vez a seguir... pela ordem de idades (risos). Então como eram muitos filhos, quer dizer a vida era muito... era muito pobre, a minha mãe era tecedeira, o meu pai era pedreiro. Eu até tenho uns versos muito engraçados de quando eles fizeram cinquenta anos... fiz uns versos muito engraçados e eu é que os cantava lá. E, então, eu fui para a casa da minha madrinha para a Covilhã. Estive lá desde os catorze anos até aos vinte e três, aliás, até aos vinte e dois. Aos vinte e três vim de lá e fui fazer... eu já tinha a 3.ª classe nessa altura. Eu fui das minhas irmãs a que foi para a escola, as mais velhas nenhuma foi para a escola.
H – A primeira das irmãs?
I – Das irmãs. Aquilo era... os rapazes aprenderam, fizeram a 3.ª classe, porque aquilo antigamente era só para os homens, as mulheres eram para casa. E eu fui a única que fui para a escola lá na Catraia.
H – Mas porque foi para essa sua madrinha, ou não?

I – Não. Eu fiz a 3.ª classe e fui para a Covilhã para a casa da minha madrinha. Eu queria ser professora. Aos nove anos. A minha madrinha tinha uma varanda e todos os dias àquela hora eu ia para a varanda para ver passar a professora que ia dar aulas à Casa Branca na Covilhã. Eu olhava para ela e dizia: "Tanto que eu gostava de ser professora!... " E a minha madrinha disse: "Olha lá, tu não podes ser oficial, porque os teus pais não têm dinheiro para isso, mas podes ser regente." Então, eu vim para a Catraia, para a minha casa, encontrei uma regente escolar, mas que era pessoa que... professoral... sabia. Vestia-se muito bem, pronto, era muito boa.
H – Como é que se chamava a senhora?
I – Crisalda. Crisalda. Conhece alguma? Eu gostava muito daquela professora. Então ela estava aqui na Catraia a dar aulas e ao mesmo tempo passeávamos as duas à tarde. E ela disse: "Oh Isilda, você podia ser regente... "
H – Tinha que idade?
I – Já tinha... ora, eu fiz a 4.ª classe com vinte e três anos, eu fui para lá tinha catorze... catorze, vinte... portanto...
H – Deixe-me lá recapitular. A Isilda fez a escola, a 3.ª classe, portanto, com que idade é que entrou para a escola?
I – Aos sete anos.
H – Portanto, fez até à 3.ª classe normalmente?
I – Normalmente.
H – Ali na Catraia? Na escola primária da Catraia?
I – Na escola primária... numa espécie de escola primária.
H – Já não há essa escola?
I – Não, não. Já não há essa escola.
H – Mas era um edifício de escola ou era uma casa particular?
I – Era uma casa particular.
H – Já não existe lá nada então?
I – Não. Está lá uma casa que foi reconstruída. E agora está lá o Plano dos Centenários.
H – Então, depois fizeram na Catraia a Escola do Plano dos Centenários. A escola onde a Isilda nunca andou?
I – Nunca andei, mas foi a única escola onde eu levei alunos, onde fiz exames da 4.ª classe a crianças.
H – A Isilda fez lá exames a crianças?
I – A crianças, até acabarem a escola, aqueles exames da 4.ª.
H – Não se lembra em que ano é que foi isso? Em que acabou?
I – Ora, eu estava a dar aulas há muito como professora. Porque a minha madrinha, era minha amiga e tal... e depois ela disse: "Vais para lá, arranja lá uma pessoa que te dê explicações e vai tirar o curso de regente escolar já que não podes ser oficial." Eu vim para aí e a Crisalda era muito minha amiga, andávamos sempre a passear as duas...
H – A Crisalda que era a professora?
I – Regente escolar, era regente escolar. Mas ela tinha uma categoria... pronto... a regente escolar, faz de conta que eram as criadas do liceu, percebe? Porque quando eram as reuniões, juntavam-se todas num monte, e eu nunca estive naquele monte. As minhas colegas que eu tenho que me ajudaram a ser professora todas me queriam ao pé, pronto.
H – E eram as regentes, era isso?
I – Eu era regente. E as regentes que eram cá do concelho, porque tínhamos cá trinta e cinco escolas, e hoje temos duas, todas as aldeias tinham uma escola... e era uma regente que estava nessas escolas, e que era o meu caso. Eu estava numa escola dessas e... como regente escolar, tinha... ideias, ideias mais do que além, e fui visitada por um inspetor de

Coimbra. Já morreu esse inspetor. Eu estava no Caniçal... e ali era um Plano dos Centenários já. Porque as nossas escolas de regentes chamavam-se postos escolares, não tínhamos escolas em condições.
H – E podiam ser casas de habitação, não era?
I – Ai!!! Nem me fale nisso! (risos)
H – Olhe que eu quero saber essas histórias todas.
I – Ah! (risos). Olhe, eu a primeira vez que eu fiz exame, que até reprovei, era um exame difícil...
H – Da 4.ª classe?
I – Não! Como regente! Eu fiz a 4.ª classe...
H – Fez a 4.ª classe passados quantos anos da 3.ª? Quantos anos depois é que fez a 4.ª classe?
I – A 4.ª classe... eu fiz a 4.ª classe com vinte e três anos.
H – Pronto. E depois foi logo fazer o curso de regente?
I – O curso de regente.
H – Onde é que fez o curso de regente?
I – Fiz... eu estava com a regente...
H – Na Catraia?
I – Sim. Por acaso já estávamos na Taberna Seca, nessa altura...
H – Como é que se chamava essa escola?
I – Era a escola da Taberna Seca. Estivemos na Azenha de Cima... coisas engraçadas... nós estávamos as duas numa escola, ela ensinava-me... e eu ensinava os meninos... e ela fazia o enxoval!
H – Ela fazia o enxoval enquanto a Isilda ensinava?! (risos)
I – Pois! (risos)
H – A Crisalda?
I – Essa Crisalda.
H – Então, mas vocês tinham vários postos escolar, não era só um?
I – Não, não. Por exemplo, a Taberna Seca tinha um posto escolar.
H – E vocês iam lá um dia na semana?
I – Nós estávamos lá a viver numa casa e ela é que dava as aulas, ela é que dava as aulas. Só que, aconteceu que... havia muitos alunos, e nós estávamos lá na Azenha de Cima com muitos alunos... aconteceu que as regentes da Azenha de Cima, comigo atrás, iam para a Taberna Seca para uma escola de regentes, um posto escolar, e aquela que lá estava, que era professora oficial, foi para a outra... para a Azenha de Cima... trocaram-se. E... isto falha-me... a ideia...
H – Aos poucos vai lá.
I – Pois. E então eu era muito amiga dessa professora e começámos por fazer as festas escolares... festas escolares que... estão ali os Autos de Natal...
H – Então quanto tempo é que andou a estudar para ser regente? Quantos anos foram?
I – Foi um ano.
H – Foi um ano só? E depois fez uma prova, foi?
I – Fiz uma prova em Maio, chumbei. Depois fiz em Setembro, passei.
H – E o que é que era preciso naquela época?
I – 4.ª classe.
H – Era a 4.ªclasse, fazia-se o exame, não é?
I – Era.
H – E em que é que consistia essa prova, onde é que era feita, quem é que a fez?
I – Era o diretor de Castelo Branco.

H – E eram pessoas ao mesmo tempo que iam fazer esse exame, chamavam-na a si sozinha?
I – Não, não! Eram todas as regentes que faziam a coisa assim, lá iam.
H – Era escrito, era como?
I – Era escrito. Tinha uma redação, tinha uma coisa de problemas, hum... e tinha... não sei se era uma lição... uma coisa qualquer. Bem, eu a primeira vez reprovei e reprovei, porque não... não expus muito bem o que era um hábito... de frade... "O hábito faz o monge" era o truque e eu não sabia nada daquelas coisas e pronto. Mas depois fui, fui e fui dar aulas primeiro para Sobral Fernando.
H – Um posto escolar?
I – Um posto escolar. Tinha uma janelinha no fundo e outra janelinha em cima...
H – O primeiro sítio de todos?
I – O primeiro sítio de todos. Eu tinha sempre dois candeeiros acessos na minha escola... sempre... porque não se via lá...
H – Que idade tinha? Vinte e cinco?
I – Eu comecei em 60. Em 1960 eu comecei a dar aulas.
H – Em 1960. A Isilda lembra-se quanto é que pagou para fazer isso? Pagava-se alguma coisa para aprender esse curso de regente? Quem é que pagava?
I – Um ano, então não pagávamos nada, não. E ganhávamos.
H – E ficou com algum certificado?
I – Fiquei.
H – Tem o certificado?
I – Ai, eu não sei onde o tenho, mas tenho essas coisas. Eu ganhava.
H – Quanto é que ganhava? O seu primeiro ordenado?
I – Seiscentos escudos.
H – Seiscentos escudos. E a Isilda o que é que achou disso? Era assim... era o céu?
I – Ai... seiscentos escudos! Então não era?! Eu nunca tinha tido dinheiro! Seiscentos escudos... Ai meu Deus... Mas depois os meus pais... porque as minhas irmãs trabalhavam, e não iam à escola, mas aprenderam elas, por elas próprias...
H – Conte-me lá essa história. Como é que elas aprenderam por elas próprias? A Isilda ajudou-as, não?
I – Não. Olhe, por exemplo, uma tinha o marido na França, e ela aprendeu a escrever, e ele lia o que ela escrevia, e ela lia o que ele escrevia...
H – Correspondiam-se, era?
I – E as outras acontecia a mesma coisa. Todas aprenderam.
H – Mas essas foram aquelas suas irmãs que já faleceram?
I – Sim.
H – Ou ainda há alguma delas viva que possa contar essa história?
I – Não! Não, porque...
H – A Isilda era a mais nova de todas?
I – Não...
H – Ainda havia uma mais nova?
I – Duas.
H – Duas mais novas. Mas essas já foram à escola?
I – Essas já foram à escola. Pronto, e depois eu lá no Sobral Fernando eu vinha todos os fins de semana...
H – Essa escola ainda existe lá? Não sabe?
I – Não existe. Não, não, não, não. Houve um caso muito engraçado, porque...

H – Tem fotografias disso? Dessa escolinha? Houve alguém que tenha tirado alguma fotografia lá?
I – Eu acho que tenho para lá fotografias dessas... a escola ainda lá está.
H – É isso que eu estou a perguntar.
I – A escola ainda lá está, mas não dão aulas.
H – Pronto, mas está lá o edifício?
I – Está lá o edifício... exatamente. O edifício foi feito para eu ir para lá. Atenção! Eu estava no Sobral Fernando, naquela pobre daquela casa (risos)... as necessidades eram num balde, um balde com uma tampa!
H – Mas isso quando já estava a dar aulas lá?
I – Sim senhora.
H – Uma casa dividida?
I – Sim, sim.
H – Mas eram regentes ou não?
I – Não! Só eu é que era regente, no Sobral Fernando.
H – Então aquela escola, aquele posto escolar foi posto lá para si?
I – Para mim. Já tinha lá estado uma professora um ano, mas ela depois foi para outro lado. Casou, não sei como é que foi, e o diretor quando eu fui regente disse: "Olhe, escolha aqui uma escola", "Opah!" e eu escolhi logo o Sobral Fernando, porque é perto da minha casa. O Sobral Fernando pertence à Sobreira Formosa e eu ia 8 km a pé, para vir apanhar a camionete para a Catraia.
H – Todos os dias?
I – Não, não. Só aos fins de semana. As pessoas lá eram tão boas, tão boas que davam-me tudo o que eu precisava. Matavam os porcos, enchiam-me de carne, de enchidos, de coisas... arrancavam as batatas, bem, eu quando me vim embora trouxe sacas de batatas, dois alqueires de azeite, pronto... coisas que elas davam, percebe? Elas gostavam muito de mim. Depois eu fazia lá a festa do Natal, uma festa pequena, mas era a alegria. Eu sempre tive jeito para isso... pode ver aqui nas fotografias...
H – A Isilda costuma lá ir ainda a essa terra?
I – Costumo, costumo.
H – As coisas estão lá mais ou menos como as deixou?
I – Não, não.
H – O edifício está lá, o do posto escolar, mas o que é que é agora?
I – Bem, está lá, porque eu ainda não contei isto bem. A escola foi dada... o posto escolar, chamava-se posto escolar, foi dado a Maxiais que é uma terra que também pertence à Sobreira. E em Maxiais não queriam lá escola. E, então, foi para o Sobral Fernando. Foi. A escola foi para o Sobral Fernando. Acontece que os alunos eram mais cá de cima dos Mexais do que lá de baixo, eram três quilómetros. Eu fazia aquele percurso com um burro, e os gaiatos atrás de mim! (risos) Olhe, isto foi depois que os alunos aumentaram em cima, e diminuíam em baixo. Eram só três lá em baixo e uns dezassete lá em cima! E como iam lá para baixo, então obrigaram a fazer a casa aí. Essa casa ainda lá está, essa escola. Temos de lá ir visitá-la e tirar a fotografia. Nessa escola aí é que eu fiz coisas tão lindas, festas, coisas... Havia lá um que tocava a concertina, fiz lá um rancho folclórico, fiz... olhe, coisas assim...
H – Então a história do rancho folclórico começou lá?
I – Começou lá. Começou lá. E depois havia lá a JACF.
H – Explique lá isso...
I – JACF... era a JACF, JECF, JICF, JOCF, JUCF. A JACF era os que trabalhavam na terra, Juventude Agrária Feminina. JAC, feminina. Hum... Juventude Agrária Católica

Feminina e havia ainda uma professora, que ainda está aqui, eu gostava que ela viesse aqui a ouvir a gente...
H – Quem é ela?
I – Não conhece? É a Albertina Castanheira.
H – Sim. Podemos até fazer uma entrevista, aliás, está já combinado fazermos uma entrevista juntas.
I – Ela ia a pé...
H – Mas a Isilda convivia com essa Albertina?
I – Convivia.
H – E chegaram a ser professoras na mesma escola?
I – Hum... sim! Na mesma escola. Precisava de muitos anos para lhe explicar a minha vida...
H – Olhe, fale lá da JACF, da JECF, da JICF, da JOCF e da JUCF?
I – A JACF era Juventude Agrária Católica Feminina. JACF. Exatamente. E também havia para rapazes. Então essa rapariga, que era filha do doutor Acúrcio Castanheira, e que é uma pessoa muito católica...
H – A Albertina?
I – A Albertina...
H – E a Isilda é muito católica?
I – Eu sou católica sim senhora! Há umas que são mais católicas do que eu.
H – (risos). Então, mas diga-me uma coisa, a Albertina é mais nova que a Isilda? Eu ainda não a entrevistei, mas tenho que a entrevistar.
I – Ela é mais nova do que eu uns anos. Deve ter uns setenta e tais, acho eu...
H – E explique-me lá a sua ligação com a Albertina Castanheira, é desde quando?
I – Ela, ela achou... isto passou-se em... quando eu estava... ai jesus...
H – Vá devagarinho...
I – Quando eu estava nos Maxiais, nos Maxiais que é a tal escola que ainda lá está, de casa, depois um brasileiro que era de lá, fez a casa durante um mês.
H – Essa escola?
I – Essa escola. Maxiais.
H – Maxiais, mas é a mesma escola de que estava a falar, essa do Sobral Fernando.
I – No Sobral Fernando era uma casa particular. Não tinha condições nenhumas, chovia dentro da cozinha, dava aulas dentro da casa... era uma desgraça!
H – Mas... Isilda, vamos lá aqui recapitular. A escola que a Isilda me diz que foi construída para si e que ainda lá existe o edifício é... ?
I – É a dos Maxiais. A dos Maxiais. Porque a do Sobral Fernando já não existe lá.
H – Nos Machiais foi onde começou o rancho folclórico, foi isso?
I – Começou lá! Nos Maxiais. Tínhamos um acordeonista, tínhamos as raparigas adultas, rapazes... eu tive um rancho na Sobreira, sabe? E há dois anos que o deixei. Estive lá 37 anos a dar aulas, na Sobreira.
H – Na Sobreira Formosa?
I – Não é a dar aulas, era no rancho, fui eu que o iniciei.
H – Pronto. Eu já percebi que a gente vai ter de fazer aqui muita conversa. A sua ligação com a Albertina Castanheira, então, vem de onde?
I – Então... vem daqui. Porque ela era muito católica... da JACF.
H – E conheceram-se lá nessa associação?
I – Sim. Foi. Ela disse: “Oh Isilda você era jeitosa para ir para a JACF”, “Então está bem”...
H – Em que ano, lembra-se?

I – Não sei quantos anos é que se passaram. Ora se eu comecei em 60, tive três anos no Sobral Fernando, depois vim para Maxiais... assim uns 65, 66. Talvez 66 anos.

H – Então nos Machiais esteve quanto tempo?

I – Nos Machiais estive lá... ora eu levei garotos da 1.ª à 4.ª classe, são quatros anos, e tinha os adultos também aí, tinha oito adultos, para irem à 4.ª classe. Os meus do rancho era a quem eu dava aulas, percebe? Eles fizeram a 4.ª classe todos.

H – É uma história que você tem que contar. Mas assim no total quanto tempo é que lá esteve nos Maxiais?

I – Nos Maxiais estive lá quatro anos. Quatro anos. E essa Albertina dava aulas no Chão do Galego. É outra aldeia na encosta da serra. Ela vinha a pé... vinha de camioneta até à Catraia e depois vinha a pé para o Chão do Galego. Ela tinha lá uma casita que alugou no Chão do Galego onde ela tinha uma gaiata a fazer-lhe o comer e tal. Bem, e essa Albertina é que me levou para a JACF, para a JACF e não só. Eu fiz o 2.º ano aos vinte e nove anos, e foi ela que me preparou. Ela e o pai.

H – 2.º ano para ser professora?

I – Sim, sim.

H – Do magistério?

I – Do magistério.

H – Ah... e foi ela que foi a sua professora, mais o pai dela?

I – Ela e o pai. O pai era doutor, era médico aqui. Dava a matemática e geografia. Um cunhado dela dava-me francês. A Albertina dava-me português. Ela ia a pé aí uns quatro ou cinco quilómetros até à minha casa... .a minha casa era muito engraçada... a cozinha era no vão de uma escada... ai... o que eu passei!

H – Essa sua casa, não era a casa onde vivia com os seus pais?

I – Não, não. Eu morava na Catraia. (...)

H – Estava a falar desta ligação que tem com a Albertina...

I – Ah... esta Albertina, repare bem, ia lá uma vez por semana dar-me português e eu vinha no fim de semana a pé para apanhar a camioneta aqui na Sobreira para vir para a casa dela, está a perceber? Eu passava o fim de semana na casa dela, porque o pai é que me dava explicações de matemática e de geografia, etc. e o cunhado dava o francês... .e de francês eu percebia pouco (...).

H – Então a ligação vem daí e depois daí foram sempre amigas provavelmente... ao longo da vida?

I – Ai sempre!

H – Deram aulas na mesma escola?

I – Não! Ela dava aulas, professora, e eu dava em Maxiais como regente escolar. Ela dava-me aulas e eu vinha de lá para a Sobreira, para aqui [Proença-a-Nova], para ter explicações. Depois fiz o 5.º ano por secções.

H – Por secções?

I – Fiz a secção. Faltava-me uma cadeira que era a cadeira das línguas, o Francês. Hum... e aí... graças à... mas eu saltei aqui uma coisa muito importante... A Albertina era isso da JACF, e ela dizia-me muito: "Tu tens de ser professora... custe o que custar, tu tens de ser professora!" E ela estava numa escola Plano dos Centenários, que era uma escola grande, e tinha uns 17-18 alunos, já fazia uma festa grande... e nós juntávamo-nos... os alunos... ela fazia a festa dela e nós... e nesse ano a JACF, esse movimento, foi à Alemanha... e eu fiquei com os alunos dela da 4.ª classe... eu ensinava os alunos dela da 4.ª classe, os meus e os dela, porque depois as regentes já podiam ir até à 4.ª classe... quando eu comecei era só a 3.ª classe... mas depois aquilo dava até à 4.ª (...). Eu fui uma regente que nunca... as

outras colegas todas, que eram umas trinta e tal cá... nunca me consideraram regente, porque eu fazia coisas que elas não faziam, está a perceber?
H – E o que é que fazia?
I – Olhe, fazia Autos de Natal, festas de Natal, fazia...
H – Coisas culturais, não é?
I – Culturais. Levava os alunos... levava os adultos que dançavam, levava oito, à 4.ª classe. Ensinava-os e... pronto! Na tal dos Maxiais que ainda lá está. Nessa altura, como havia ali muitos alunos, e eu vinha lá de baixo, 3 km, esses três vinham atrás de mim no burro (risos)! As mulheres do Sobral Fernando gostavam tanto, tanto de mim, que não me queriam deixar ir embora! Porque o brasileiro fez a casa... durante um mês ou dois ele fez a casa...
H – Quem era o brasileiro?
I – Tinha dinheiro!...
H – Era alguém de lá, que tinha emigrado para o Brasil?
I – Aquilo era uma casa de 4 paredes... e não tinha casa de banho nem nada!
H – E porque razão aquela pessoa se lembrou de fazer ali uma casa para fazer de escola?
I – Porque era dali. Tinha lá a mãe... e a mãe era uma jóia... e a mãe também tinha outra história, coitada, só esteve 40 dias com o marido, morreu o marido ao fim de dois dias... pronto. Mas isso já é outra história... ela nunca mais se casou, e era muito nossa amiga, de tal maneira que ela disse-me assim: "Oh professora, a chave das minhas cabras está em tal parte, você todos os dias de manhã vá lá ordenhar a cabra para beber o leite"... já viu? E eu estava lá em baixo, no Sobral Fernando, e as mulheres não me queriam deixar vir! Andei durante 3 meses a cavalo no burro, percebe? Com os gaiatos atrás... e eu até tinha raiva às pessoas!
H – Mas então o que é que as pessoas faziam? A Isilda tinha de ir dar aulas lá para cima porque lá em baixo eram só 3... não é?
I – Eu tinha de vir. O inspetor disse...
H – Mas se as pessoas não deixavam... ? Tinham algum voto na matéria?
I – Vamos lá a ver. O homem brasileiro fez a casa e o padre que era de lá foi a Castelo Branco e então o director disse: "Vamos buscar a professora e os materiais para lá." E foram buscar... à tal casita pequenita, foram buscar as carteiras, as carteiras eram antigas, e tinham duas ou três carteiras porque aquilo era tudo pequeno e a casa também era muito pequenina. E vieram para cima. Eu vinha com o burro e com os três atrás... e quando eu cheguei lá para inaugurar a escola, as mulheres todas dos Maxiais... as do Sobral Fernando desapareceram todas... elas disseram: "Se está para levar as carteiras, nem uma eu ajudo a carregar!"
H – Então... as mulheres do Sobral Fernando queriam levar as carteiras lá para baixo?
I – Não! As de cima é que queriam vir buscar a professora e o material para cima!
H – Ah pronto! Que trapalhada!...
I – Foi mesmo uma trapalhada! Porque os de baixo não queriam lá a escola: "Porque os gaiatos vêm agora para aí e estragam tudo e tal"... isto no princípio.
H – Ah... os de baixo não queriam que os de cima fossem lá à escola? Mas depois os de cima não queriam...
I – Não! Não, não, não, não. Quando o diretor mandou arranjar a escola lá em baixo diziam: "Há lá muitos alunos fica lá a escola." Mas os de lá não queriam a escola, porque os meninos davam cabo das coisas! Foram aos Maxiais e eles aproveitaram logo. Quiseram lá a escola. Passados uns anos trocaram, os de baixo eram mais e os de cima eram menos. Então: "Agora somos nós!" Trocaram a escola. Eu chorava, porque eu gostava muito daquela gente do Sobral. Elas adoravam-me. À noite vinham para o pé de mim, eu

tinha dois candeeiros acesos, porque lá não havia luz elétrica, e os meus candeeiros eram sempre cheios de petróleo.
H – Era a Isilda que sustentava isso?
I – Era. Tudo à minha conta. Mas aquilo dava para isso tudo, sabe porquê? Eu não comprava batatas, não comprava pão, não comprava... (risos). Elas davam-me, elas davam-me tudo o que eu queria. (...) Mas então os de cima, como eram uns 17, e os de baixo eram 3, eles tiveram que trocar... nessa altura.
H – Isso foi em que ano, Isilda? Lembra-se mais ou menos?
I – Isso... comecei em 60, estive três anos e meio lá em baixo e depois vim para cima quatro anos.
H – Portanto foi em 65 ou 66?
I – Pois... aí não me recordo. Quando lá cheguei à escola, a escola foi novinha para mim, as mulheres todas à minha espera com juncos para eu passar, com flores para me atirarem.. e eu tão danada, tão danada! (risos)
H – Com flores?! A professora a entrar e a ser presenteada com flores tipo Presidente da República?!
I – Olhe, eu passava...
H – Então era quase como se fosse uma santa? Acha a Isilda que as pessoas valorizavam assim muito a escola?
I – Valorizavam a escola. Mas ela... vamos lá ver, elas não se davam, as de baixo com as de cima e as de cima com as de baixo. Não se davam! (...) Eu estava danada de ir para lá, ia de burro, e as mulheres estavam a bater palmas quando eu cheguei, e eu só disse: "Bom dia!" e entrei na escola. E disse o padre: "Foi muito mal criada!", porque as pessoas batiam palmas, davam-me flores, punham juncos para eu passar, eu tinha uma escola nova e isso tudo...
H – Mas foi contrariada, não é?
I – Mas fui contrariada, percebe?! De tal maneira que eu estive três meses a andar com o burro...
H – Para cima e para baixo!Mas porque quis, não é?
I – Porque quis. Espere. No fim de três meses, essa tal senhora... que já morreu, coitada, que eu disse que só esteve 40 dias casada, e só esteve dois dias com o marido, ele tinha uma tuberculose... mas ela era uma santinha essa mulher, era uma santa, era a tal que me dava o leite da cabra para eu mamar todos os dias! (risos) Eu ia lá de manhã tirar o leite à cabra, fervia o leite e dava-o a eles. E a mulher, que foi a única... a única, porque foi o filho dela que fez a escola, sabe o que ela fez? Um dia encheu um cabaz de carnes de porco, queijos, pão, bolos, e foi-me levar à escola. A partir desse ano, a partir daí, eu disse: "Tenho de pedir desculpa a esta gente." Estive lá quatro anos para alegria da escola e levei-os todos à 4.ª classe, os adultos, formei o rancho e ainda foram à França com a Albertina todos os jovens da JACF portuguesa para intercâmbio.
H – Intercâmbio e depois a Isilda ficou-lhe a tomar conta dos meninos...
I – Da 4.ª.
H – Da 4.ª classe que iam a exame, não era?
I – Que iam a exame, é verdade. Depois aquilo também foi pouco tempo, foram uns quinze dias, um mês se calhar. Elas foram lá, a Estugarda, que foi esse encontro dos jovens do JACF de lá, de cá e de outros países. (...) Eu tenho na minha casa uma concertina que eles me trouxeram (...).
H – Então, depois desses episódios, a Isilda lá foi a exame para ser professora e ficou professora. Deixou de ser regente e passou a professora.
I – Ai...

H – Ainda chumbou, não foi?
I – Não, não, não. Eu já não era regente nos Maxiais. Eu já tinha feito o 2.º ano. A Albertina andava de lá para cá e de cá e para lá, eu fui fazer exame do 2.º ano, passei logo e não fiz oral nem nada.
H – Ah! O 2.º ano para ser professora foi à primeira?
I – Sim! Foi à primeira. Eu tinha que fazer a matemática, eu tinha que fazer a geografia. Por isso é que vinha aqui às explicações. E depois disso tudo eu estava lá nos Maxiais, a minha escola era o encanto onde o diretor entrava, eu tinha a minha escola... pronto.
H – Num mimo! E quem é que fazia a limpeza na escola, Isilda?
I – Lavar, eram as mães dos alunos. E varrer eram os alunos e eu. Era, nós é que fazíamos isso. Há coisas tão engraçadas que eu tive. Às vezes dá-me vontade de chorar, sabe?
H – Pois, faço ideia. Era uma vida cheia, não era Isilda?
I – Ai... cheínha! As minhas irmãs ainda hoje têm orgulho desta Isilda. Ainda hoje têm um orgulho de ter uma irmã assim, porque esta irmã... fez um Museu, ajudei os miúdos...
H – E acha que isso teria sido possível se a Isilda não tem chegado a ir à escola, e a ser professora?
I – Não! Então!...
H – E nunca se arrependeu, sei lá... de não ter casado?
I – Ai não, não! De não ter casado? Então, o meu homem morreu antes de nascer!! (risos)
H – Foi sempre esta a vida que quis, não é?
I – Sempre! Eu via todos os dias às nove horas ver passar a professora que era a regente na Quinta Branca, eu ia para a janela vê-la passar com uma vontade de ser professora...
H – Naquele tempo as professoras primárias se quisessem casar tinham de pedir autorização, não era?
I – Ai... mas eu não precisava... as regentes.
H – Lá está, a Isilda deve-se ter colocado ali numa altura... achou que isso foi impedimento?
I – Foi! Eu lá no Sobral Fernando, num sarau que eu lá fiz de Natal, tive um rapaz que levava o petromax para dar luz... percebe? Para olhar bem para mim... e andou ali a rabejar! (risos) E a gente ainda se escreveu... e esta é que é mesmo engraçada... olhe, no meio era o Ocreza, e neste lado fica o Sobral Fernando, onde eu comecei. Passa o Ocreza e do outro lado é a Foz do Cobrão onde havia uma escola oficial. Chama-se escola oficial a um posto escolar, e aí nessa escola, estava lá uma professora que conseguiu trazer os alunos para ali para fazer um dia à festa, e queria levar os nossos a passarem-lhe a barca. A barca que passava o Ocreza para o outro lado, e isto tem uma ponte. E esse rapaz andou ainda a escrever... a mãe é que queria. Ele era filho único, porque ele era para ir para a tropa, e ele queria que eu casasse para ficar com ela. E eu disse: "O quê? Eu não estudei para professora para andar a... ", "Ah, mas vinha para aqui... ", ela tinha uma tasca e isso tudo, "Está bem! Não não!" Mas ainda nos escrevemos, e ele foi para a tropa e depois quando veio de lá eu disse-lhe: "Olhe, acabou... "
H – Histórias mirabolantes (...). Isilda, eu só lhe quero fazer uma pergunta... porque as perguntas que eu tinha para lhe fazer, afinal não fizemos nada! De maneiras que... isto é uma entrevista por conta própria (risos). (...) Eu já percebi que com isto do seu tempo de professora, a gente nunca mais sai daqui...
I – Ah pois! (...) Porque eu fui professora, estive numa escola do Plano dos Centenários...
H – Calma! Explique-me só isto. Do Sobral Fernando passou para os Maxiais?
I – Como regente escolar. Sempre como regente escolar.
H – Nos Maxiais esteve sempre como regente escolar?
I – Sempre.

H – E depois dos Maxiais, foi quando virou professora, não é? Ou ainda foi sem ser professora?
I – Não, não. Fui para outra escola, fui para o Caniçal.
H – A seguir aos Maxiais foi para o Caniçal?
I – Sim! Aí era uma escola do Plano dos Centenários onde eu fiz um grande jardim...
H – Ainda existe essa escola?
I – A escola não.
H – O edifício, não é?
I – O edifício existe lá, mas aquela escola é uma casa particular.
A – No Caniçal Cimeiro ou Fundeiro?
I – Cimeiro.
H – Explique-me lá. É uma escola do Plano Centenário.
I – É. Mas era de uma pessoa que dava a terra para se fazer essa escola. Sabe porquê? A escola dos Centenários, do Plano dos Centenários, foi o Salazar que mandou fazer cem edifícios do Plano dos Centenários para festejar, já não sei o quê que foi... das escolas ou do país. Havia lá uma coisa que ele mandou fazer cem escolas do Plano dos Centenários. A gente tinha de dizer, quando dávamos os mapas, se era escola do Plano dos Centenários ou se era escola...
H – Mas a Isilda esteve envolvida em algum desses planos?
I – Eu estive envolvida a dar aulas. Só a dar aulas.
H – Então, nessa escola a Isilda deu aulas ainda como regente? Nessa do Caniçal Cimeiro?
I – Ora bem, aí é que o inspetor me foi visitar. E ele ficou tão parvo, tão parvo com a minha escola que ele disse assim: "Você tem de ir para professora! Vai sair um decreto agora pelo Marcelo Caetano... " Foi ele, foi ele que quis acabar com as regentes e que deu autorização para elas irem com uma bolsa de estudo de mil escudos, e eu ganhava novecentos escudos nessa altura... disse: "Elas vão todas ao magistério. Se tiverem uma disciplina em falta não faz mal, agora se tiverem duas ou três eu tenho que as tirar." No meu caso era só uma disciplina, foi uma maravilha.
H – Isso em 1968, 69?
I – Para aí assim... Eu saí do magistério primário aos quarenta e cinco anos. E sabe que eu estive lá, estive lá no magistério primário dois anos e meio, porque eu tinha que fazer aquela disciplina lá... era Francês. E como eu tinha estado na França aqueles meses todos... um mês por ano, e os meus colegas eram todos franceses (...) eu passava a noite toda a pensar naquilo que havia dizer para falar correctamente o francês (...).
H – Então e depois do Caniçal Cimeiro é que foi para professora, fez o magistério?
I – Pois. Foi o tal inspetor...
H – Sabe o nome dele?
I – Era... acho que era Martins. Qualquer coisa Martins. Ele era de Coimbra.
H – Foi nessa tal escola em que ainda existe o edifício, mas que pelos vistos foi comprado por alguém e continua a ser escola ou é uma casa particular?
I – Não, é uma casa particular. Eles desmancharam os canteirinhos todos: "Olhe, agora temos lá couves!"... ai... eu levava água para lá... eu fiz coisas no Caniçal graças às pessoas que ajudara, percebe?
H – Quantos anos esteve lá nessa escola?
I – Eu estive dois anos antes de ir para o magistério, quando vim do magistério fui para lá outra vez um ano. Um ano, e depois fui para o desporto escolar cinco anos. Aí foi por concurso.
H – E o que é que fazia lá no desporto escolar?
I – Olhe, bolas, jogava com eles. Tínhamos atividades com as crianças.

H – Então, mas isso em que ano?
I – Então... essas idades é que me estão a... eu estive quantos anos no Caniçal?...
H – Tinha estado antes de ser professora e no ano depois de ser professora.
I – Sim. O inspetor disse assim: "Você tem de ser professora. Agora Marcelo Caetano está a fazer o decreto que quer acabar com as regentes e vai dar uma bolsa de estudo de mil escudos além do vosso ordenado"... Oh pá, aquilo caiu do céu! Além dos novecentos escudos que eu tinha. Eu era tão tapadinha que os mil escudos que ele me dava eu nunca lhe toquei...
H – E esteve onde?
I – Lá numa casa em que pagava quatrocentos escudos por mês.
H – Em que sítio?
I – Em Coimbra mesmo. Ao pé do magistério. E a mulherzinha era muito boa e disse: "Fique com a casa... ", ela trabalhava mais o marido e tinha uma menina pequenina: "Você sirva-se da casa."
H – E quantas professoras estavam lá? Quantas regentes estavam lá?
I – Dezoito.
H – De arredores? De vários sítios do país ou era da zona centro?
I – Umas foram para Castelo Branco, outras foram para Lisboa, outras foram para ali. Eu fiquei em Coimbra e ainda bem.
H – E depois a história do desporto escolar como é que vem isso? Acabou o magistério, ficou professora, não é?
I – Fiquei professora, estive lá no Caniçal mais um ano e depois nós tínhamos umas reuniões todos os sábados. Houve eleições para eleger uma pessoa que fosse ativa para o desporto. Ora, eu tinha saído do magistério, eu era danada para a bola... votaram todos em mim! Pois, olhe, fiquei eu. Cinco anos que eu estive no desporto escolar.
H – Em que é que consistia isso? Dava aulas à mesma, não dava?
I – Não, não. Não dava aulas. Ia às escolas, brincava com as crianças nesse dia. Era como agora os presidentes da câmara que não fazem nada! (risos) Cinco anos no desporto escolar.
H – Cinco anos e não me consegue dizer mais ou menos as datas em que foi isto? Anos 70 já?
I – Sim, já não estou assim muito certa...
H – Então diz-me que acabou o magistério com quarenta e cinco anos, não foi?
I – Sim. Eu saí aos quarenta e cinco anos do magistério primário.
H – Portanto, cinco anos... isto foi nos anos 70. E depois do desporto escolar voltou a dar aulas, foi isso?
I – Foi. Vim dar aulas três anos para a Atalaia de Estevão Vaz, aqui ao pé da Sobreira. Estive lá acho que dois anos ou três, olhe já não sei... vá lá, dois anos. Depois houve eleições para o PIPSE. O PIPSE era um organismo onde essas crianças que eram burras, que era como lhes chamavam, coitadinhas... eles não davam nada na escola, mas tinham outras habilidades. Então, um ia para ferreiro, outro para sapateiro, elas iam para cabeleireiras. Elas recebiam três contos e cinquenta centavos... era no tempo do escudo. (...) Estivemos lá três anos, estava com a Olga. A Olga era mais nova do que eu, ficou chefe disso, mas eu é que dava as ordens (risos).
H – É que mandava, no fundo...
I – No fundo. É que eu sempre tive muito jeito para isso, sabe? (risos) Mais para mandar do que para fazer (risos). (...)
H – E quando saiu do PIPSE o que é que lhe aconteceu? Esteve lá três anos no PIPSE, e depois?

I – Acabou.
H – E depois acabou e não deu mais aulas?
I – Não, fui para a minha escola. Eu tinha a minha escola que era a Atalaia. Estive lá quinze anos.
H – No total ficou quinze anos na Atalaia?
I – Na Atalaia, sim, sim. Mas durante esse tempo também fiz coisas muito interessantes lá. Para já, fazia a festa de Natal todos os Natais...
H – Então e em que ano é que se aposentou?
I – Em que ano é que me aposentei? Hum... acho que foi aos quarenta e cinco anos que eu tinha de idade...
H – Ou aos quarenta e cinco anos de serviço?
I – De serviço?...
H – Então, aos quarenta e cinco anos disse-me você que tinha acabado o magistério...
I – A minha colega sabe isso melhor do que eu.
H – Mas que idade tinha a Isilda quando ficou reformada, como se diz? Não se lembra? Quando se reformou que idade tinha?
I – Não me lembro. Quarenta e cinco...
H – Mas quarenta e cinco não pode ser... está a ficar cansada. Oh Isilda, é assim, a gente tem de fazer isto mais vezes... temos de combinar, está disponível? Posso continuar estas conversas, para me contar histórias e para eu gravar isto tudo? Pode ser?
I – Sim, sim, sim!
H – Pronto, só lhe vou fazer mais uma pergunta... que é: a Isilda lembra-se da sua professora de escola primária até fazer a 3.ª classe?
I – Lembro-me muito bem.
H – Quem era essa senhora?
I – Essa senhora?! Essa senhora era dos Montes da Senhora e ia a pé para a Catraia.
H – Como é que ela se chamava, sabe?
I – Olhe, ela não tinha pai nem mãe... tinha uma tia que a criou, e essa tia criou aquela sobrinha e era regente... a que me dava a escola primária. Ela morreu o ano passado com cem anos. Teresa Fradique. Ela chamava-se Teresa Fradique. Mas a tia dela era a Teresa Caldeira, muito conhecida pela Teresa Caldeira, porque ela um dia foi a uma feira e tinha uma caldeira de bronze e disse a um senhor: "Quanto é que isto vale?", "Olhe, para si vale um beijo", e ela disse: "Venha cá!", deu-lhe um beijo e ela ficou a Teresa Caldeira. E aquela sobrinha que era a minha professora um dia chegou ao pé de mim... a gente falava-se e escrevia-se...
H – Esta senhora que idade tinha quando foi sua professora?
I – Olhe, já tinha uns trinta anos... já tinha aí uns trinta anos quando eu tinha sete anos. Eu fui para lá com sete anos para a escola.
H – Lembra-se do primeiro dia de escola?
I – Eu era a mandante daquilo tudo! (risos). Eu recordo-me... eu recordo-me que quando fui fazer o exame da 3.ª classe aos Montes da Senhora a minha professora, a professora que estava no júri disse-me assim. "Então foi a senhora que partiu a pedra à sua colega?" No exame, no exame da 3.ª. Porque havia uma rapariga, que eu não gostava dela, e ela estava na outra carteira ao lado e ela estava assim a ver o que eu estava a fazer. Eu não fiz mais nada, fui lá, apaguei-lhe tudo! E ela vem de lá, peguei na parte de baixo daquilo e "toma!" Parti-lhe a pedra. Andou um ano inteiro com a pedra partida. As pedras partiam-se e os pais não tinham dinheiro para comprar.
H – Isso tudo na 3.ª classe. Mas do primeiro dia de escola, não se lembra?

I – Do primeiro dia de escola lembro-me de rasgar o vestido todo (risos). A minha irmã mais velha era costureira, vamos lá, e sempre teve muito jeitinho para fazer vestidinhos e eu fui para a escola com o vestidinho novo...
H – Como é que era o vestido?
I – Olhe, era às florinhas. Já era de outra pessoa, que ela arranjou para mim. Andei a escorregar em cima do pinheiro e esfarrapei o vestido. Fui embora para casa com o vestido roto!
H – No primeiro dia de escola?
I – Logo no primeiro dia! A professora dizia assim: "Então foi você que partiu a pedra à sua colega?", porque a minha professora já lhe tinha dito, já lhe tinha falado da Isilda, percebe? A Isilda teve sempre má fama, mas felizmente não era por mal! (risos)
H – A sua fama ia primeiro que a Isilda...
I – Ia, ia. Olhe, ela foi velhaca para mim eu fiz isso...
H – Mas tenho muitas perguntas para lhe fazer... o que é que a Isilda se lembra de quando andou na escola? Não é só de quando era professora, porque há uma coisa: a Isilda também andou na escola, também foi criança, também há coisas de que se pode lembrar dessa altura... de quando foi aluna.
I – Pois é... mas já não me lembro é das idades...
H – Pois. Mas pronto, depois a gente mais ou menos por estimativa também lá vai às datas.
I – A Albertina Castanheira... isso assim bem estudadinho... esse percurso... A Albertina Castanheira é uma pessoa muito especial (...).
H – Então foram sempre amigas?
I – Ah... sempre! (...) Fui a madrinha de casamento dela... fomos sempre muito amigas, sempre. Ela ia-me dar explicações aos Maxiais, e eu vinha a pé e de camionete para receber aqui explicações do pai (...).
H – A Isilda lembra-se da sua professora da escola primária? Ela era boa professora?
I – Era. Era boa e era triste, coitadinha, andava sempre de luto, de lencinho na cabeça. (...) Com um lencinho preto na cabeça.
H – Mas como é que ela era com os alunos? Era daquelas pessoas que dava castigos?
I – Não, não. Olhe, a mim nunca me bateu se calhar, não me recordo. Umas bofetadas, uma coisa assim...
H – Usava aquelas palmatórias?
I – Ai..eu é que as usava! (risos)
H – A Isilda usou? Então a Isilda dava na rapaziada?
I – Hum... não era assim demais. Havia um que o pai queria que ele fosse para Castelo Branco trabalhar na Câmara e queria que eu o passasse de classe, 2.ª classe. E ele dava muitos erros, muitos erros, muitos erros. Aí tenho remorsos, tenho remorsos. Ele é pintor, pinta casas e eu disse: "Oh Jorge, tenho uma coisa para te dizer", "Então?", "Quero-te pedir desculpa, porque tu foste o aluno que mais reguadas levaste na minha escola, mas o teu pai teve culpa, porque tu eras para ir para Castelo Branco e ele queria que tu passasses de classe à custa." E as regentes costumavam bater mais do que as oficiais. Porque as oficiais é que passavam as regentes. Eu graças a Deus tive sempre lugar nas, nas... olhe, na Albertina e nessas assim...
H – Mas acha que as que batiam mais eram as regentes para mostrar serviço às professoras?
I – Isso!... às professoras. Eu ainda tive... era forçada a bater, era tipo... eles eram os meus alunos, estavam nos Maxiais e levei os meus alunos à 4.ª classe, ao exame à Sobreira. Eu ia da Sobreira...
H – Então quem estava nos Maxiais ia fazer exame da 4.ª classe à Sobreira.

I – Ia. Eu vinha da Sobreira mais a Albertina que era a minha amiga, ela também lá tinha os alunos dela, estavam a fazer exame... e ela... .vínhamos as duas, saíamos, pronto, tínhamos lá os alunos, quando eles saem a gente vai perguntar... e veio um professor à porta da escola e disse: "Oh Isilda chegue aqui!" e diz a Albertina: "Vai lá que eu sei o que é que ele quer!" e ele disse-me: "Olhe, quero-lhe dizer que as melhores provas que aqui estão da 4.ª classe são dos seus alunos." Está a ver?

H – Um orgulho. Ele estava-lhe a dizer, indiretamente, que era boa professora.

I – Pois. Nesse dia, ia lá uma professora, ao lado de nós que íamos almoçar, e foi ordinariazinha na saída. Íamos as três e ela disse assim, para a Albertina que era professora, e ela também era professora: "Albertina, então, nós professoras onde é que vamos comer?", depois disse assim: "Professora não, você é regente, não é?", eu disse "Sim, com muito orgulho!"

H – Mas havia essa separação? Havia essa questão de rebaixar as regentes?

I – Havia, havia. Estou-lhe a dizer que as minhas colegas regentes, quando era na reunião, a gente já sabia que na carteira do fundo era sempre para elas. Elas é que se separavam. Elas é que se separavam umas com as outras. As regentes todas para um canto. E eu nunca estive com elas. Estive sempre no meio das professoras.

H – Mas eram as próprias regentes, então, que faziam isso, não eram as professoras?

I – Não eram, não eram. Não eram as professoras. Elas acanhavam-se, percebe?! Acanhavam-se. Ainda está aqui uma, que depois também foi professora, tirou o curso, nunca foi capaz de se sentar ao pé de uma professora. (...)

[Realizada por Helena Cabeleira, US Proença-a-Nova (07-11-2019)]

– Uma coisa que me importa muito é que a Isilda me explique esta fotografia que está aqui. A Isilda tem esta fotografia em original?

– Acho que tenho. Tenho essa fotografia.

– Fale-me lá desta fotografia.

– Eu ainda estava a estudar para o exame da 4.ª classe.

– Então conte-me lá a história desta fotografia. Quando é que foi tirada? Quem é que a tirou? Quantos anos tinha? O que é que estava a fazer nesta altura da vida?

– Olhe eu estava na Covilhã, na casa dos meus padrinhos, e eu queria ser professora. Como o meu pai não tinha possibilidades de eu ser professora, olhe fui para regente, porque para regente sempre era mais barato. E a professora, a professora que não era professora, era regente escolar, estava na minha terra. E depois a minha madrinha disse: "Então se estudares olha, não podes ser professora, porque gastas muito dinheiro, mas podes ir para regente. Vais lá, perguntas-lhe a ela e ela prepara-te para o exame da 4.ª classe." E nesta fotografia estou aqui, eu estudava para o exame da 4.ª. Isto era na Taberna Seca. Eu fui com ela, pronto, éramos muito amigas e tal, ela estava na minha terra, Catraia, mas quando começou a aula, as escolas... era no dia sete de outubro sempre que abriam as escolas... ela foi para a Azenha de Cima, que era uma escola do Plano dos Centenários. Ora as regentes não podiam ter umas escolas dessas, não era uma escola era... as regentes não podiam ter os alunos da 4.ª e por isso...

– Elas só podiam dar até à 3.ª classe, não era?

– Até à 3.ª classe.

– A partir da 4.ª classe tinha de ser uma professora.

– Exactamente. Mas a que me estava a dar a aula, que era minha amiga, ela era uma regente que eu dizia que era professoral. Ela vestia-se bem, ela tinha uma categoria muito

grande de ser pessoa, de se arranjar, eu, eu... coitadinha de mim que era a pobrezinha, olhe aqui...

– Que idade tinha aí, Isilda?

– Olhe eu tinha vinte e três anos.

– Então sabe o ano exato em que essa fotografia foi tirada?

– Esta fotografia foi tirada em... quê? Eu tinha vinte e três anos veja lá... agora tenho oitenta e três... oitenta e três ou oitenta e quatro já nem sei muito bem. E então eu estava com ela lá dentro de casa, eu fazia o comer (...). Esta aqui já é a casa onde eu estou a estudar para a 4.ª classe. (...) Foi em Taberna Seca, que é ali ao pé de Castelo Branco. E nós começámos na Azenha de Cima, eu comecei lá a estudar mais ela, mas tivemos no primeiro período, porque ela era regente não me podia ter ali. Depois ela mudou para a Taberna Seca, e a da Taberna Seca que era professora oficial, foi para ali. Por isso eu estudei um pouco na Azenha de Cima, o primeiro período, e depois fomos para a Taberna Seca e foi lá que eu fui a Castelo Branco fazer a 4.ª classe. Aqui estou eu sentadinha numa cadeira a estudar...

– Sabe quem é que lhe tirou a fotografia? Lembra-se quem foi a pessoa?

– Deve ser a minha amiga, Crisalda. (...) Ela era uma senhora muito bonita. As pessoas gostavam muito dela. Ela estava a dar aulas na minha terra e eu vim da Covilhã para a minha terra para ela me preparar para a 4.ª classe.

– E depois a Isilda acabou a 4.ª classe e o que se sucedeu?

– O que sucedeu é que eu fui fazer exame para regente. Bastava a 4.ª classe. Por acaso reprovei, porque era em junho, mas eu repeti em setembro e eu fiquei bem. E depois fui... eu tinha uma alegria muito grande, porque eu considerava-me professora. Aliás, na reunião de professores aqui em Proença-a-Nova eu vinha do meu posto escolar e vinha para junto das professoras e eu estava sempre junta com as professoras ao passo que as minhas colegas regentes afastavam-se sempre para o outro canto da sala, sabe? Foi a sorte que eu tive... depois de ser regente escolar eu já me sentia professora, porque eu tinha tudo o que era preciso para ser professora. Eu sabia ensinar a 4.ª classe, porque eu sabia-a bem, e pronto. E tinha outra qualidade, porque era muito ativa na preparação das crianças, porque eu já regente eu fazia isso, eu entrava na minha sala sempre a cantar... e os meus alunos, aqui em Proença-a-Nova onde eu me reformei, eles já sabiam a gente entra na sala sempre com umas canções zinhas alegres e eles... eles começavam a cantar, já nem era eu...

– Que coisas é que cantavam?

– Canções infantis. Só canções infantis que eu tenho em mente, coisas do livro.

– Cante lá um bocadinho de uma.

– Ai eu agora... vamos lá ver...

– Só assim um refrãozinho de uma das que cantasse mais, ou que eles gostassem mais.

– Por exemplo “Uma formiguita... ”, não! Eu já não sei como era... hum... estou com um bocadito de preocupação que me engano nos versos...

– Bom, não se preocupe. Se lhe ocorrer entretanto, canta. A Isilda trouxe ainda mais aí umas fotografias, não foi? Mostre lá.

– Trago aqui estas fotografias que... olhe, estas fotografias era eu que já era professora. Nesta já era professora. Mas eu tenho coisas importantes para dizer, porque como eu estava metida naquele encontro da JACF e essas coisas, tinha imensas coisas de distração... de cantar... e sempre queriam que eu fosse no grupo delas. Todas as pessoas me diziam assim: “Nós queremos inscrever no grupo onde estiver a Isilda e a Idalina.” A Idalina já morreu.

– Era sua colega a Idalina?

– Era. A Idalina era aqui de Proença, era um espanto! Tenho aqui uma fotografia muito importante...
– Então porquê que esta fotografia é importante?
– É importante, porque, olhe, é o rancho. Eu na Sobreira iniciei este rancho. Eu já estava reformada.
– A Isilda começou o rancho, já me contou um bocadinho dessa história... qual foi o ano em que iniciou o rancho na Sobreira?
– Eu comecei em 1960, a minha mãe morreu em 80, portanto, foi a partir de 80. Foi a partir de 80 que eu organizei o rancho e eu tive este grupo trinta e sete anos. Deixei há pouco tempo, há poucos anos.
– Mas o grupo ainda continua ou acabou?
– Ele já não está ativo, porque o acordeonista não pode ir, está a tomar conta da casa do pai que tem um restaurante e por isso ele não vai. Mas se for preciso o rancho atuar eles são doze. A maior parte são todos casados já. Eram todos homens e mulheres já adultos. (...) Isto, portanto, foi o lançamento do meu livro "O meu lenço de cachené."
– Qual o ano desse lançamento? Está no livro?
– Está no livro. Eu estou aqui, olhe, a tocar o adufe. E, portanto, estas pessoas estão todas casadas já.
– Mas estas pessoas chegaram a ser seus alunos?
– Não. Não, não, não. Aqui não eram alunos. Era tudo gente adulta que fazia parte do grupo de folclore. Eu estava aqui em Proença, mas havia um táxi que me levava lá uma vez por semana à noite para os ensaiar. Está a ver aqui o acordeonista? Estas pessoas estão quase todas casadas e algumas já morreram, enfim. Este é o lançamento do meu livro: "O meu lenço de cachené." Aqui é também o grupo folclórico, mas é o grupo de cantares. Estas eram as mulheres que cantavam. Eu estou aqui. Este é o Luís que é o acordeonista, pronto. Aqui está a Olga. Olhe, quando for ao Museu, está lá esta blusa. (...) Esta é uma renda feita com agulha de coser, fui eu que a fiz. Isto eram mulheres adultas que cantavam no rancho. Era o grupo de cantares. Depois isto era tudo desde 80 para cá. Desde 80. A minha mãe morreu em 80 e eu fui convidada para integrar o rancho e eu disse: "Olhe, morreu a minha mãe, aguardamos mais dois ou três meses e depois... ", porque eu já tinha ensaiado lá, mas assim só para uma festita que lá houve e, portanto, a pessoa sabia que eu tinha jeito. Aqui... é parte do Museu, está a perceber? Aqui estão as pessoas todas... pessoas que estão a fiar, que estão a massar o linho, que estão a gramar o linho, esta é a grama... e esta está a sedá-lo, sedá-lo é passar pelas arestas para ficar só a parte do olho do linho, pronto. Estas eram pessoas que faziam parte do grupo de cantares. Agora tenho aqui a fotografia do meu adufe. Esta fotografia não vai ter nada, se calhar, para o seu trabalho, mas está aqui um grupo de amigas, geralmente todas professoras. Olhe aqui, esta é a Idalina que já morreu. (...)
– E mascararam-se para o carnaval?
– Exatamente.
– Lembra-se da data mais ou menos? Quando é que foi tirada a fotografia?
– Olhe, aí ainda sou capaz de me lembrar... por volta de 84/85.
– Mas isto era alguma festa vossa, das professoras?
– Exatamente. Isto era o nosso fato de carnaval... olhe esta com a chupeta na boca e eu de bigode, claro! Eu fazia sempre de homem (risos). Olhe esta fotografia aqui... eu sou esta que estou aqui, e esta é a Lena dos Montes e a Idalina também ia aqui, e nós fizemos isto para quê? Fizemos uma excursão, nós fazíamos duas excursões por ano e fomos a um sítio onde havia camelos e a gente inscreveu-se e fomos ver os camelos para termos uma carta de condução de camelos. Foi muito engraçado (...). Esta tem importância para a escola.

– Porque é que é importante para a escola?
– É importante para a escola pelo seguinte... sabe onde é que foi tirada? Não sabe? Isto é o traje da Nazaré. Eu sou esta e estas eram umas monitoras minhas. Eu era a diretora da Colónia das crianças. Havia também uma coisa que se chamava o IASE, e no IASE a gente ia com crianças dos vários pontos do país e ia sempre uma diretora e as monitoras que cuidavam das crianças. A diretora orientava. Mas isto aqui é uma fotografia da Nazaré. E esta aqui foi de uma excursão que fizemos à Madeira (...). Esta era a minha professora do magistério. (...) Isto foi nos Açores na aldeia das Sete Cidades (...). Agora aqui está uma coisa muito interessante... aqui eu já era regente escolar, foi quando eu comecei. Olhe... esse tal grupo da JACF organizou um intercâmbio com os franceses, eles vinham cá dávamos pousada, e eles davam-nos lá pousada e trabalho na França nas férias, claro. Então nós fomos para lá, fomos de comboio, éramos vinte e três professoras, eu era regente escolar mesmo assim, lá estávamos nós a apanhar as maçãs, as pêras... aqui nesta fotografia.
– Então isso não foi cá em Portugal.
– Não. Nós trabalhávamos com estudantes de lá e o pouco que eu sei de francês aprendi lá. Este aqui é o meu grupo de França cá. Aqui eu já era professora. Olhe, 1974. França.
– Mas isso foi também um encontro daqueles da JACF?
– Era um encontro da JACF. Quando elas vinham, iam para o Algarve, porque elas tinham muito dinheiro. Nós quando lá íamos apanhávamos as maçãs e as pêras para ganhar dinheiro. Mas fomos lá seis anos seguidos no mês de setembro e depois estávamos cá no dia sete de outubro para começar as aulas. No primeiro ano fomos de comboio, o grupo era maior, depois começámos a ir aos grupos, de carro... vestidas com um saco de plástico, porque lá trabalha-se tanto faça chuva ou caia neve, e eles dão estes fatos à gente para não nos molharmos. Aqui agora esta é da JACF. Esta aqui foi o meu primeiro rancho folclórico nos Maxiais na tal escola em que andei para baixo e para cima. Nos Maxiais eram já todas pessoas adultas. Era o grupo folclórico dos Maxiais... era um grupo folclórico, assim, de trazer por casa, mas era muito engraçado (...). Aqui está ele outra vez... este grupo das minhas crianças. Está a ver? A gente usava as batinhas brancas... as batinhas brancas. Nas segundas-feiras todos de bata branca. Toda a semana de bata branca. E eu também usava bata branca.
– Em que ano foi essa fotografia, Isilda? Não tem presente?
– Foi... eu estava de luto do meu pai. O meu pai morreu em 74, mais ou menos em 74.
– E isso eram os seus alunos nos Maxiais?
– Estes alunos eram dos Maxiais e do Sobral Fernando. Era mistura. Eu aqui ainda só tinha três alunos dos Maxiais, lá em baixo era a escola e depois no fim disso tudo viemos para cima. Olhe, isto aqui é... depois de ser professora, eu estive em educação física... ia à escola e ensinava as crianças a jogar. Eu é que arranjei tabelas para eles (...). Aqui foi quando eu fui inaugurar a escola do Caniçal, aqui uma terra perto. Então os meus alunos iam do Sporting e os dela iam de... não! Os dela eram do Sporting e os meus eram de...
– Qual era o nome da professora? Dessa senhora?
– Esta aqui era, era... já me falha a memória... eu já lhe digo.
– Em que ano é que foi tirada essa fotografia?
– Olhe, foi na inauguração, foi quando o inspetor veio inaugurar não só o campo do basquete, mas a exposição que as crianças fizeram lá na escola e o jardim com as figuras geométricas. E, então, nessa altura eu convidei o senhor inspetor, veio um professor do magistério público, veio assistir, e veio o inspetor que me deu a notícia que eu podia ser professora: "Daqui a três meses eu estou cá para inaugurar isso!" Foi esta escola. E aqui estão os meus alunos, os meus alunos do Sobral Fernando, no Carnaval. Eu ensaei-os, por

detrás estão as mães todas... aqui são eles a dançar. Aqui está! A minha equipa era esta, a do basquete. E os das Corgas... era a Preciosa! Essa professora era a Preciosa. Ainda é viva. Ela era a professora das Corgas, muito minha amiga, trouxe os alunos para ali para jogar com os meus. Olhe... aqui estão eles, eles e nós.

– Então esta era a tal escola do Caniçal?

– Esta era a escola do Caniçal. Foi a minha primeira escola. Escola mesmo. Foi aqui que eu fiz outras atividades, pronto. Com muitos alunos fazia atividades maiores. Antigamente as crianças ao sábado tinham uma atividade, e tinham uma farda... olhe aqui... aqui as figuras geométricas dessa tal escola do Caniçal e está aqui uma amiga minha que colaborou muito comigo na exposição da escola.

– Como se chama ela?

– Ela é Teresa. Teresa Castanheira. Eu trouxe a água por um cano para aqui, e aqui era o repuxo, um repuxo e tinha água e trouxe para lá peixinhos. Tinha aqui as outras figuras geométricas à volta. Também tinha uma colmeia lá... mas tive de tirar aquilo de lá, porque as abelhas picavam nas crianças. Aqui está a inauguração disto tudo. O padre Sousa que celebrou a missa... e esta é a Preciosa, a tal grande professora, ele está a cortar a fita da inauguração toda. Estão os pais, eu convidei as minhas colegas todas que estão aqui... as colegas assistiram. Eu não pus as fotos por ordem (...). Esta aqui... esta é que tem importância, sabe porquê? Foi o dia do intercâmbio. Estes aqui de avental são os meninos do Chão do Galego da Albertina que eu já lhe falei, era essa que andava três horas a pé para me ir dar explicação... as de avental eram as dela e as minhas eram das saias, e dançavam a dança que a gente ensaiava aqui, ensaiávamos na minha escola e ela ensaiava na dela. Tenho aqui uma muito interessante, o batizado das bonecas, foi na Atalaia de Estevão Vaz onde estive a dar aulas...

– Em que ano?

– Em que ano... talvez em 47 ou em 48. Esta é a Olga. Esta trouxe os alunos dela... aqui está a escola da Atalaia que era a minha, Proença-a-Nova também estava aqui... muito engraçado, cada uma levava os seus alunos e uma boneca, elas levavam uma boneca as meninas. Fizemos um altar, olhe, olhe... eu fiz isto lá e estas coisinhas assim e pusemos aqui as bonecas todas. Foi o batizado das bonecas. Por isso eu fazia atividades com as crianças que não lembravam a ninguém, percebe?! Mas também tinha colaboradores. A minha colega Idalina que era a de Proença foi lá com os alunos dela ao batizado das bonecas e, então, os rapazes eram sempre o padrinho, fazíamos as coisas assim. E está aqui um carrinho de bebé muito engraçado que a Idalina tinha como objetivo na escola dela... o Pedro e a Rita que eram dois bonecos que ela tinha, que ela fez e sempre que dava uma aula eles falavam no Pedro e na Rita. (...) Ora aqui nesta escola eu tinha possibilidade... tinha uma horta, eu já tinha lá o terreno e nessa horta eu tinha plantado alfaces, tinha feijão, tinha coisas lá da horta e as mulheres todas, as mães destas crianças, fizeram um banquete só com as coisas que nós tínhamos lá nas hortas. Olhe, está aqui... o Pedro e a Rita, olhe, estão aqui. Está a ver aqui? É a escola da Atalaia... as escolas todas que estavam...

– E foi a seleção de fotografias que a Isilda me trouxe hoje, é isso?

– Sim. (...) Esta fotografia foi tirada na Atalaia, são as crianças da minha escola da Atalaia.

– A Isilda ainda se lembra do nome dessas crianças?

– Todas. Todas não, algumas. Olhe, este aqui, por exemplo, é um rapaz que vai à missa com os filhos e sempre que eu passo ele dá-me logo beijos, sempre. Este aqui. Eu tenho uma desgarrada feita em papel e ele cantava muito bem, cantava à desgarrada comigo.

– Como é que ele se chama?

– Este é o ... é o...
– Vive aqui ainda, nestes arredores?
– Ai vive, vive ali adiante e tem dois filhos já. Este aqui é o... acho que é o Jorge, o outro era o Nelson. Este é Jorge. Este era o Jorge, mas agora já não tenho os nomes deles.
– Os seus alunos, os seus grupos de alunos... assim, ao longos dos anos, eles costumam fazer... convidá-la para fazer convívios, jantares, aquelas comemorações dos antigos alunos?
– Nós fazíamos sempre essas coisas na escola...
– Mas já depois de adultos, aqueles encontros dos antigos professores?
– Isso... eu tenho alguns que, que... que, por exemplo, me convidaram para os casamentos. Tenho um, que por acaso é enfermeiro em Castelo Branco, que me convidou para o casamento dele. Claro que não ia a todos, mas as mães gostavam que eu fosse à matança do porco, ao magusto. Estes aqui eram os meus alunos da Atalaia.
– Em que ano foi isso? Ano letivo 85/86.
– Pronto. 85/86, já viu? E eu sempre de batinha. Eu usei sempre bata.
– E porquê Isilda? Porque é que usou sempre bata?
– Sempre usei a bata, mas depois do 25 de Abril acabaram com isso. Mas as professoras continuaram a usar bata, porque era uma proteção do nosso fato, no quadro o giz deitava pó e tal e eu gostava sempre de usar bata. Na minha escola eu tinha sempre bata, ainda as tenho, eu tenho as duas batas. (...)
– A Isilda tinha-me dito... a escola dos Maxiais já não existe?
– Existe. Está lá, é uma casa. A do Sobral é que não existe.
– Não existe, mas a dos Maxiais sim?
– Essa está lá.
– E depois aquela em que ficou aqui definitiva, em Proença... ainda existe também? Ainda funciona?
– Essa é a escola... é a principal, do agrupamento.
– De todas estas em que a Isilda deu aulas onde é que foi que deu mais tempo, durante mais anos?
– Mais anos foi na Atalaia.
– Foi na Atalaia. E essa ainda existe também?
– Existe. Elas eram do Plano do Centenário e estas escolas, olhe...
– Então, por ordem, as escolas em que esteve? A primeira foi a do Sobral...
– Sobral Fernando... Maxiais...
– Depois foi Atalaia...
– Hum... ainda estive noutra, mas eu nunca falo nessa, porque estive lá só um ano e é noutro concelho.
– Noutro concelho? Mas como é que era, já agora, a escola?
– Dona Maria. Chama-se Dona Maria, do Concelho da Sertã. Estive lá um ano.
– Essa foi a terceira, e a quarta foi Atalaia, foi isso?
– Não. A quarta foi... não... foi Caniçal.
– Esteve no Caniçal. Ainda existe essa tal escola que você foi inaugurar não foi?
– Não. Isso foi nos Maxias que eu inaugurei.
– Pronto. A do Caniçal ainda lá está?
– A escola está lá, mas foi transformada em habitação, por isso já não tem as características que tinha.
– Depois do Caniçal que é a quarta, foi para onde?
– Fui para Coimbra tirar o curso. E depois quando voltei, voltei outra vez para o Caniçal. Estive lá um ano no Caniçal e depois fui para a Atalaia. Portanto, vinda do magistério

voltei para a escola que eu tinha, um ano, e depois concorri e fiquei no Sobraínho dos Gaios um ano. A seguir ao Caniçal...
– Foi para Sobraínho dos Gaios?
– Sobraínho dos Gaios, um ano, que foi o ano do 25 de Abril. E depois, daí, é que fui para a Atalaia. E na Atalaia estive quatro anos, e depois fui cinco anos para o desporto escolar e três anos (...) no PIPSE. É no PIPSE. Três anos no PIPSE. Estive três anos no PIPSE e depois voltei para a Atalaia para mais uns quinze anos, ou uma coisa assim. Ao todo eu estive quinze anos na Atalaia. Aí fiz também coisas tão engraçadas. Eu fiz...
– Então basicamente a escola onde a Isilda esteve mais tempo foi na Atalaia?
– Não, estive em Proença quatro anos. Depois da Atalaia. Eu reformei-me aqui de Proença. Eu aqui de Proença éramos nove colegas e dávamo-nos muito bem umas com as outras. As ideias partiam daqui. Fizemos a matança do porco... fizemos isso, fizemos o dia da mãe. Descobriu ali o dia da mãe? Os bonequinhos...
– Os poeminhas, as composições, tudo... eu vi tudo...
– O dia da mãe... E outra coisa foi as marchas populares. Fui condecorada pelo presidente da Câmara. Ele ficou parvo quando viu aquilo, não esperava. Foi nas festas do concelho. Nós ensaiamos a escola, tudo, e tínhamos dois acordeonistas, então cada professora tinha uma cor, percebe? (...)

[VOZES: Isilda Ribeiro Martins (I), António Manuel Martins Silva (A), Helena Cabeleira (H), realizada na residência da entrevistada (14-11-2019)]

H – Venha lá mostrar as fotografias e falar um bocadinho sobre elas.
I – Esta aqui... já viu isto que está aqui?
H – Já vi já: "45 anos de ensino, festa de gratidão de todos os que comigo colaboraram."
I – E por detrás tem o tal mapa que eu lhe disse (...) e quem fez este poema foi a Idalina. (...) A Helena Mendonça foi minha colega em Sobraínho dos Gaios, era professora no Sobraínho dos Gaios, e depois do 25 de Abril veio muita gente para o Sabraínho dos Gaios e fizeram uns de manhã e outros de tarde, e ela dava de manhã à 3.ª e à 4.ª, e eu dava de tarde à 1.ª e à 2.ª. E tínhamos um dia em que nos juntávamos as duas, e fazíamos a festa de Natal sempre todas juntas. (...)
I – O senhor dá aulas aqui em Proença há quantos anos?
A – Vim para cá em 1976.
I – E não teve um aluno que era o Luís, da Atalaia... recorda-se dele?
A – Lembro... mas isso já foi há muitos anos. (...)
I – Foi meu aluno, da 1.ª à 4.ª classe. E olhe, quando eu lhe ia a ensinar alguma coisa, ele já a sabia (...). Ele era um aluno especial... desde o princípio ao fim nunca foi preciso ralhar com aquela criança! (...)
A – Onde é que é esta fotografia?
I – Olhe, eu não sei.
H – Porque eu pedi-lhe para ela me ver nos álbuns as fotografias...
I – De criança, de criança é?
H – O problema disto é que não tem datas, não tem nada.
I – Não tem datas não tem nada...
H – É uma chatice. A Isilda não tem memória mais ou menos onde era a escola? Onde é que isto foi tirado?
I – A escola era a Atalaia. Esta escola aqui não. Esta já era de Proença.
H – Então isto aqui foi o quê? Uma festa de fim de ano, foi num aniversário, foi o Natal?

I – Não. Foi a matança do porco. Isto está para aqui tudo... olhe eles aqui a fazer o comer. O dia da alimentação (...). Olhe, aqui sou eu mais a Crisalda... nas Rochas de Cima, eu a aprender a 4.ª classe.
H – Foi quando andou a aprender a 4.ª classe aqui?
I – Foi. Nas Rochas de Cima.
A – Onde é que é as Rochas de Cima?
I – Ao pé da Bairrada, depois sobe-se a serra, fazíamos aquele caminho a pé para vir apanhar a camioneta ali, há um lagar mesmo ao pé. Olhe aqui, está a ver o tal? Aqui está o mapa de onde eu andei. Aqui sou eu e uma professora, mas eu era regente ainda. Esta professora era um espanto.
H – Quem é essa professora?
I – Esta aqui é uma Maria do Rosário, que era de Alcains.
H – Maria do Rosário que era de Alcains, mas deu escola onde?
I – Deu escola na Catraia. Mas eu não tive aulas com ela nem nada.
H – Mas ela era professora lá dessa terra?
I – Lá da terra não. Vinha dar aulas ali... .na Catraia.
H – E você aqui já era regente?
I – Já era regente já.
H – E a data desta fotografia não tem ideia?
I – Ui... Depois dos 60... .1960 para aí assim.
H – 1960. E esta aqui, quando você andou a tirar a escola primária, não é?
I – Sim, andava. Esta de cá é a Maria do Rosário Pires Mateus, é da família daquela fábrica do... e além, nas janelas, estou eu e a Crisalda.
H – Estas fotografias são incríveis...
I – Aí é em Rochas de Cima. Eu e a Crisalda. É de 60, é. Esta é um grupo de crianças que eu apanhei no Sobral Fernando (...).
H – Esta em que você está com as janelas... é a Isilda enquanto estava a fazer a 4.ª classe com a professora Crisalda... em Rochas de Cima.
I – Rochas de Cima. Nos anos 60, 1960.
H – E esta fotografia onde foi tirada? O sítio qual era? Foi numa escola, foi numa casa?
I – Não! É na escola. É do Plano do Centenários.
H – Do Plano dos Centenários. E quem é que lhe tirou a fotografia, lembra-se?
I – Não, não. Isso, quer dizer, alguém que por ali passou. Ela ainda não tinha máquina fotográfica, mas os garotos andavam no recreio a brincar e tiraram a fotografia. O Plano dos Centenários tem mais janelas assim.
H – E essa escola ainda existe lá nessa terra? Não sabe? Nunca mais lá foi?
I – Não... mas é capaz de existir. E esta é em Sobral Fernando.
H – Então, esta foi tirada onde? Qual é o sítio?
I – Este sítio é na Catraia.
H – Na Catraia. Mas é uma casa particular, é a escola?
I – Uma casa particular.
H – Uma casa particular. Está a Isilda do lado direito, não é?
I – E ela do lado esquerdo.
H – E a outra senhora, como se chama?
I – Maria do Rosário Pires Mateus.
H – Maria do Rosário Pires Mateus. E, portanto, esta fotografia foi quando a Isilda já era regente escolar?
I – Sim. Já era regente.
H – Qual era a escola em que era regente escolar?

I – Sobral Fernando. Foi onde eu comecei.
H – Portanto anos 60 também já.
I – Mas não andava com ela. Eu andava três horas a pé para ir para a minha terra, para a Catraia.
H – Mas esta senhora, então, era professora na Catraia?
I – Na Catraia.
H – Mas já era professora, não era regente?
I – Ela era professora.
H – Era professora e vocês eram amigas, era isso?
I – Éramos.
H – Também não se lembra de quem é que tirou esta fotografia?
I – Não. Alguém que tinha uma Kodak.
H – Alguém que tinha uma Kodak. Pronto. E essa então? O que diz aí atrás? "Número 3".
I – "Ideal foto".
H – "Ideal foto Castelo Branco". Então estes meninos são do Sobral Fernando. Quem é que tirou? Em que ano é que foi?
I – Eu não sei... isto é um Carnaval. É a festa do Carnaval.
H – Mas era algum fotografo, era alguém conhecido seu que já tinha uma máquina? Quem é que tirava essas fotografias? É que estas fotos, geralmente, eram de fotógrafo mesmo. "Ideal foto"... foi um fotógrafo profissional, alguém que foi lá e fotografou, não se lembra?
I – Não sei... cortou as pernas todas às crianças!...
H – E a Isilda está ali.
I – Pois, claro.
H – E isto foi já nos anos 60? A Isilda ainda era regente?
I – Eu era regente. Anos 60, sim. Eu comecei nos anos 60.
H – Pois, pois, mas isto foi tudo na mesma época?
I – Sim, sim, sim. Eu estive lá quatro anos no Sobral Fernando. Ou três e meio. Esta é a Helena dos Montes. Ai essa fotografia é que eu queria mostrar aqui!
A – Tem aqui a data.
I – Esta fotografia foi tirada na Taberna Seca, porque a gente, eu não lhe disse já que mudámos um ano, num ano mudámos da Azenha de Cima para Taberna Seca? Olhe! Esta velhinha ia para a horta com a mula e a Crisalda disse: "Espere aí!" e a gente sentou-se aqui e nós não íamos escarrapachadas, íamos sentadas à senhora! Antigamente as mulheres nunca abriam as pernas... a Crisalda é aqui, e eu estou ali atrás dela, claro, andava atrás dela... anos 60.
H – Está aí a data... .olhe... em 58 esta fotografia.
I – 58, 59, 60 estava a dar aulas eu.
H – Aqui já estava a dar aulas em 58?
I – Não.
H – Estava ainda a aprender para a 4.ª classe?
I – Para fazer exame. (...) Então a gente ia em cima da mula para a horta, porque estávamos numa casa de um filho dela, tinha lá uma casa nova e a gente morava lá. Pronto, estas é só para ver. Esta fotografia foi tirada ao pé daquela... esta aqui é ao pé daquela da Taberna Seca, onde eu estou sozinha naquela fotografia que tenho aqui, que eu lhe dei hoje. Esta vai com a outra. Foi lá no mesmo sítio.
H – Está bem. Então tenho de tirar uma fotografia a elas, juntas. Já percebi, já percebi. Mas eu tenho de lhes fotografar as costas, porque há umas que têm coisas escritas, e eu tenho de saber qual é de qual (...).

I – Olhe aqui está outra vez a Maria do Rosário.

H – Tão linda essa fotografia... que bonita... isto são preciosidades (...). Esta é um postal. Fizeram tipo um postalinho se o quisessem enviar por correio. Então, e esta foto quem é que é? Onde é que tiraram esta fotografia? É a Isilda ali?

I – A Isilda e a Rosário... Maria do Rosário Pires Mateus.

H – E isto é da mesma época da outra fotografia?

I – É da mesma época. Ela só lá esteve um ano.

H – Então foi tirada na mesma altura esta fotografia. Que gira... que engraçada... que bonita. A Isilda aqui estava toda vaporosa. Que bonita! Que idade tinha aqui, Isilda, tem ideia?

I – Tenho, tenho ideia. Ora bem, ela esteve na Catraia quando eu estava no Sobral... portanto, 61, 62... anos. Ela era daquela fábrica, dos Mateus, que fazem os fatos... foi um irmão dela que começou (...).

H – Nunca se lembra de quem é que tirou estas fotografias?

I – Não, nunca me lembro. Andava lá um gajo que andava atrás da menina Crisalda que nunca nos largava. Era o que andava sempre a tirar fotografias...

H – Olha para estas duas cachopas... olha para isto!

A – Quem é que elas são?

H – A Isilda, toda modernaça!

I – Esta aqui é dos Mateus, de Alcains, que tinham lá a fábrica dos fatos...

A – Sim, da Dialmar.

I – Sim, sim. O irmão dela foi quem criou a Dialmar (...).

H – Isilda, eu pedi-lhe fotografias da escola. Mas a Isilda, volta não... foge-lhe o pezinho para o rancho... ela tem uma paixão p'lo rancho...

I – Olhe, nesta não tenho cá crianças, mas tenho o inspetor, o diretor, o presidente da câmara... isto é o dia da árvore. Eu é que estou a enterrar a árvore, olhe ali.

H – Então vá. Isilda, esta fotografia foi tirada quando?

I – No dia da árvore. Já não posso dizer quando. Já há muitos anos.

H – Então quem é que está aí nessa fotografia?

I – Olhe, sou eu com a pá cheia de terra para tapar o buraco, a professora Maria José dos Montes que ainda era professora, agora está aposentada, o presidente da Câmara que era o Nelo... e este senhor, que era o inspetor.

H – O inspetor da escola? Lembra-se do nome desse senhor?

I – Este senhor... era o inspetor Soares. Era o inspetor da zona. O outro a seguir era o que zelava pelo florestal...

H – E o outro senhor, então?

I – O outro é o coveiro! (risos)

H – O coveiro??!! Tinha que assistir um coveiro?

I – Não, não tinha que assistir, foi ele que fez a cova para a árvore!

H – Foram chamar o coveiro para abrir a cova para a árvore?!... E isto é a turma? Os meninos da escola, é isso?

I – Os meninos da escola. Olhe... ali é a escola de Chão do Galego. Tenho aqui a fotografia dos meus quinze anos, de quando eu tinha quinze anos. Tão linda que eu era...

H – Então é a sua fotografia dos quinze anos?

I – A minha fotografia, primeira. Eu nunca tinha tirado fotografias. Fui a um fotógrafo. Eu era bem bonita!

H – E lembra-se do fotógrafo? Onde é que tirou essa fotografia?

I – Ai lembro, lembro! Isto foi num fotógrafo mesmo na Covilhã. Sim. Aqui deve estar por trás. (...) E nesta aqui já eu era regente escolar... já era mais senhora. Tirada em Castelo Branco... no Barata.
A – Então diga-me, onde era a Dona Maria onde você esteve a dar aulas?
I – A Dona Maria era no Concelho da Sertã.
A – Onde é que é? Em que freguesia?
I – Ermida. Ou da Castanheira? Já não sei se é da Ermida se é da Castanheira. Acho que a freguesia é Ermida. Estive lá só um ano e chegou. A mulher era uma santa, mas o homem era um mau, era um diabo. Nunca vi um pai a bater tanto nas filhas, queria que elas aprendessem no 1.º ano de 1 até 100 salteados, sabe?! Até tinha um chicote na mão, um cinto e à noite era nas costas delas. Eu estava na casa deles e até me doía o corpo...
H – Mas isso foi quando ficou nessa escola em casa de um casal? E eles batiam na menina? Nas meninas?
I – Ela? Não. O pai da criança, à noite, queria-lhe dar explicação e, então, punha-a a dizer os números até 100 e agora salteados. "Onde é que está este? E aquele?" e a criança, coitada, não sabia... pumba nas costas! E a mulher estava ao lado dele já chorava, chorava: "Não batas tanto! Não batas tanto!" e vinha-me a dizer a mim que eu estava lá em dois quartos, um era a cozinha outro era o quarto de dormir, e eu ia lá e dizia assim: "Olhe lá, ela não tem idade para saber isso. Ela está no 1.º ano!", "Há-de aprender, para o Natal já sabe isto tudo." Era tão velhaco o homem até para a mulher. Eles ainda são vivos. Há dias fizeram-me ali uma festa na igreja. (...) Ela era Aida, e eles tinham duas gémeas, e nasceram com 7 meses... repare bem, na Ermida, onde não há ninguém quase, nasceram duas crianças com 7 meses... e depois houve um terramoto muito grande, que a gente sentiu em Fevereiro...
A – Foi em 1969.
I – Olhe, e eu estava lá. E a casa... a minha cama começou aos santinhos, eu andava em camisa de dormir mas fugi logo para a rua! E ela a levar as duas gémeas pl'a escada a baixo... o homem era muito mau, muito mau. Ele ficava na cama e ela é que ia fazer o correio à Ermida, levar os sacos do correio. Foi na Dona Maria que eu estive, um ano só. (...) E eu a comandar este grupo todo... e depois um Auto de Natal, feito pelos pais... há uma cassete com aquilo tudo. Agora as escolas não fazem nada... é o computador... e agora quer deixá-los passar, passam-nos todos. E se a gente não os passa ao fim do ano, aquilo é uma chatice (...). A Idalina... A Idalina foi a melhor professora que por aqui passou. Era a coisa mais humilde, percebe? Estávamos no Concelho Escolar, fazia-se uma pergunta e ela sabia a resposta, mas ficava calada, a olhar, e mais ninguém dizia, acabava ela por dizer. Era uma mulher estupenda, pá! Eu aprendi muito com a Idalina. Ela e eu éramos duas malucas. Sabe o que nós fazíamos?! No tempo das cerejas e... das nêsperas, íamos para a janela delas e na janela é que vimos a guerra...
A – Qual guerra?!
I – A guerra que houve cá em Portugal, que houve cá em Proença...
A – Ah a Guerra Civil...
I – A Guerra Civil.
A – Em 75.
I – Nós estávamos na janela e eu vi um homem num carro novo, tinha vindo ali da Sarzedinha... e estava em frente ao café, e nós da janela vimos o homem, pegou num paralelo e foi partir os vidros de trás. Até nos doeu o coração. E eles tiveram que fugir para o café... os contra... enfim. Mas isso foi uma guerra, e nós vimos a guerra toda da janela. Estava eu no magistério primário, estava cá de férias. (...)
H – Isilda, mas quando foi o 25 de Abril o que é que sentiu, de diferente?

I – De diferenças?! Nós íamos... o magistério todo, chegaram lá tiraram os professores todos de uma vez, ficaram lá dois. Dois, porque a minha professora fazia os setenta anos nesse mês e não a puseram fora, e foi outro senhor que eles julgaram que ele era do outro lado. Eles tiraram, e depois iam para lá dar aulas.
A – Eles quem? Os militares?
I – Os militares. Eles iam para lá dar aulas e falavam da esquerda e da direita...
A – Era o Alferes Correia.
H – Mas à Isilda o que é que lhe aconteceu? Mudou alguma coisa?
I – A mim não me aconteceu nada.
H – Continuou tudo como tinha sido até ali? Houve alguém que foi à sua escola e disse: "Agora tem de se ir embora ou tem de dar estas aulas"?
I – Não era assim, não era na aula. Era no ginásio... os comícios.
A – Mas isso era na escola primária, ou além, na escola?
I – Em Coimbra. Eu estava em Coimbra.
H – Quando foi o 25 de Abril a Isilda estava a estudar em Coimbra. Estava a estudar para professora ainda?
I – Tínhamos feito a estátua do nosso diretor. Estava a estátua... mas ainda só em barro, em cima da coisa... que nós íamos oferecer. Oh rapaz, enquanto a estátua... que era para ser de bronze... enquanto aquilo desapareceu...
H – E quem é que era? A estátua de quem?
I – Do diretor. Do diretor da escola.
H – Do magistério?
I – Sim.
H – Como é que se chamava o senhor?
I – Não era o Zé Maria, não, era o outro... gostávamos muito dele. Eu gostei dos professores todos, eles eram todos meus amigos. Muitos vieram cá à festa que eu fiz no Caniçal à inauguração daquela coisa (...). E veio cá o inspetor de Coimbra e que me pediu: "Olhe que você não pode ficar como regente. Você pense lá bem, agora vai sair uma lei que o Marcelo Caetano vai publicar e você vai fazer... " e eu disse: "Ai senhor inspetor eu vou para a França a semana que vem" (...).
H – O inspetor é que propôs à Isilda fazer o exame para ser professora?
I – Sim, sim. A Idalina e umas amigas verdadeiras todas queriam que eu fosse professora, porque eu andava só com elas. Andava na JACF... eram professoras. Pronto.
H – Mas isso, portanto, começou tudo quando a Isilda dava aulas no Caniçal, não é?!
I – No Caniçal. Como regente, e depois fui tirar o curso ao magistério e voltei para lá. Mais um ano. (...)

[VOZES: Isilda Ribeiro Martins (I), António Manuel Martins Silva (A), Helena Cabeleira (H), realizada entre Proença-a-Nova e Caniçal Cimeiro (17-11-2019)]

A – Diga-me uma coisa... ali no Caniçal, a professora Amélia também lá esteve?
I – Esteve muitos anos! Essa é que lá esteve muitos anos, antes de mim.
H – E essa senhora Amélia já não é viva? (...) Sabe o nome completo dela? Essa senhora professora que esteve antes de si... nunca estiveram ao mesmo tempo lá?
I – Nunca.
H – Então a Isilda é que foi render essa senhora Amélia, para o lugar dela?
I – Sim, fui substituí-la, ela foi-se embora... mas ela esteve lá muitos anos, aquela gente dali andou tudo com ela na escola. (...) Passou-se uma história muito interessante (...). Ela

estava a fazer exames na Sertã, porque antigamente os professores iam para ali e para além, por causa das ‘raposas’... sabe o que são raposas?

H – Diga lá...

I – São chumbos!

H – Pois (risos). Então sei...

I – Então, os de Proença iam para a Sertã, os da Sertã vinham para Proença, trocavam-nos (...). Pronto... antigamente, a gente batia nas crianças quando era preciso, ou uma chapada ou uma reguada, esse rapaz foi o único que eu tive traumatizado... .

A – Era o bombo da festa...

I – Era, era... esse aí ficou com tiques...

A – Pois ficou... e foi por causa disso?

I – Foi por causa disso, foi o único rapaz que eu vi, que apanhava na escola à força...

A – Eu conhecia bem o Carlos Lopes, era uma jóia de moço (...).

I – Sim, sim... Olhe, eu agora não sei onde vou...

A – Estamos ali a chegar ao cruzamento para o Pergulho.

I – Para o Pergulho? Ah, está bem, não estava a conhecer isto...

A – Agora está tudo queimado, ardeu tudo... Olhe, por este caminho andava eu sempre a pé...

A – A pé? Vinha para aqui a pé?!

I – Sim. Vinha a pé e depois apanhei a Idalina Pedro (...) ela tinha um volkswagenzinho e ela trazia-me para o Caniçal e levava-me daqui para lá.

A – E ela era professora também?

I – Era, mas ela era professora do Vale de Água. Portanto, ela ia por aqui por esta estrada, apanhava-me no Caniçal e depois ia para cima... um ano, um ano. Eu andava lá na explicação com o Doutor Acúrcio, e ela levava-me no carro dela. E um dia (risos) ela apitava em todas as curvas, em todas as curvas a buzina dela!... E um dia, o carro tem um aparelho qualquer que se chama a borboleta, não tem? (...) A borboleta parou-se! E ela queria parar o carro e o carro por além abaixo, foi daqui até Proença com o pé em cima do travão! (risos) Ai, coisas bonitas que se passaram... eu ia daqui com os alunos lá para ensaiar as festas de Natal (...). Aqui, no Caniçal, era onde eu estava... e eu ia a pé lá ao Vale de Água ensaiar os alunos e ela vinha também de carro com os alunos dela, uma vez por semana, fizemos as festas juntas, era a Matilde do Pergulho... não! Era a Rosa Coelho que estava no Pergulho e então as três, juntávamos os alunos todos e fazíamos a festa em cada escola...

A – Então, diga-me uma coisa, a senhora morava onde?

I – Eu já lhe digo... sabe de quem é esta casa? (...) A capela era particular, era ali do... do rico! Havia três ricos no nosso concelho, era o Condinho da Ferraria, era este... olhe, a minha casa era esta branca! Mas não era assim... era esta aqui a casa onde eu morava, só que não era assim... era um palheiro! Era esta, e eu ia daqui a pé para a escola... aqui era a minha casa, mas era um palheiro... bem velha. E caía-me água do teto, chovia e caía-me na cara (...). Este caminho era o que eu levava para a escola, e aqui era a casa dos (...). Era o mais rico! E bebia muito ali, havia ali uma tasca que era a tasca do Mota, e ele ia para lá, bebia, bebia, bebia e depois abria a carteira e dizia: “Tira lá daí o dinheiro que eu te devo”, ele era o homem mais rico que havia (...). E depois esse tinha um filho (...) e a mulher dele, ela era a dona da capela, era uma senhora que usava chapeuzinho (...). Ai... eu tinha aqui a minha horta, aqui atrás! Aqui em frente era o meu jardim e aqui era o campo da bola...

[VOZES: Isilda Ribeiro Martins (I), António Manuel Martins Silva (A), Helena Cabeleira (H), Isilda Lopes Dias Cardoso (IL) e António Cardoso Lopes (AL), realizada em Caniçal Cimeiro (17-11-2019)]

IL – Sabe o que era aqui? Aqui era onde a gente punha as batas!
I – Era aqui! Não ficou cá nada disso?
IL – Ficou, venha ver. Aqui punham as batas, e os lanches era ali...
I – Muito bem! Ficou ainda cá esta recordação...
I – Esta era a sala de aulas! Era isto mesmo!
IL – Só falta o quadro.
I – Esta ficou como estava.
IL – Ficou!
I – Eles traziam lenha e queimávamos ali... .
IL – Está a ver a carteira? Eram todas iguais... e tem os livros! Para aprender o AEIOU... estes foram comprados... 1.ª, 2.ª (...).
H – Isilda, não guardou livros desses, seus, de quando dava aulas? Deu aulas nesses livros?
I – Então, eu não podia, isto ficava tudo na escola. Depois queimaram-nos no 25 de Abril...
H – Depois queimaram esses livros? Mas a Isilda deu aulas por estes livros?
I – Dei, dei. (...) E perguntei assim a um aluno meu: "Qual é a primeira letra de igreja?"... e eu carregava no "i", porque era a letra "i"... e eu: "Diz lá, iiiigreja!", e eu carregava, iiiigreja. "Então, qual é a primeira letra da igreja?"... e ele: "a primeira letra da igreja é o sino!"... (risos).
IL – Essa está boa!
I – Era o Manuel do Covão, que morreu além num acidente. E era esperto. Em 4 anos fez a 4.ª classe.
A – Havia muita gente a fazer a 4.ª classe nos 4 anos?
I – Sim, sim. Havia muita gente.
A – Então quer dizer que não chumbavam muitos?
I – Eles não chumbavam, eu nunca tive uma raposa, eles não chumbavam. (...)
IL – Em quatro anos a gente tinha que aprender.
I – Tinha que aprender senão... você levava uma reguada! Você não andou comigo na escola pois não?
IL – Não, foi na D. Amélia e de uma senhora que vivia na Bairrada.
I – Quem era ela?
IL – Pois agora não me lembro do nome dela... ela era da Bairrada e depois uma vez ela esteve doente e nós tivemos que ir lá. (...)
A – Sim, o João Martins.
IL – Vinha-nos buscar ao Caniçal para a gente ir à escola lá, e depois vinha-nos trazer à noite. (...)
AL – A senhora falou em reguadas, eu apanhei umas foi do professor Dario.
I – Conheci o Dario. Era um casal de professores, era ele e ela, e davam aulas sabe onde?
AL – Eu conheci-o sempre em Proença a Nova, ele foi professor dos meus irmãos mais velhos.
I – Não, não...
AL – Foi, foi. E a Carmo Sequeira, recorda-se da Carmo Sequeira? A irmã do Ezequiel, de Proença a Nova?
I – Pois... a Carma Sequeira.

AL – Ela foi minha professora três anos... depois eu fui para Angola e nunca mais ouvi falar dela. (...)
I – Como é que ela se chamava? Maria do Carmo Sequeira... era a mãe de uns doutores, de um médico ginecologista...
A – Estão para Coimbra...
I – Sim, sim.
AL – Ela sofria muito do fígado, eu recordo-me, quando estava a dar aulas tinha que sair e quem a ia substituir tinha as duas aulas... era a Isabel Carvalho.
I – A Isabel Carvalho, eu conheço essa senhora, mas essa senhora nunca deu aulas.
AL – A Isabel Carvalho dava aulas. E um professor que eu tive, a gente chamava-lhe o professor das Cimadas... o nome dele agora não sei... era o professor das Cimadas, acho que era Fernandes qualquer coisa, das Cimadas.
A – António Fernandes...
AL – Não sei, não me lembro, a gente só o conheceu como professor das Cimadas. Foi meu professor só na 1.ª classe... esse que a gente conhecia só por professor das Cimadas.
I – Então, mas eu nem sei o nome do professor...
AL – Escute, eu depois repeti porque ele disse-me que eu já tinha passado, e eu cheguei a casa e disse ao meu pai, "Olha, o professor disse que eu já passei", "Então não precisas ir mais à escola"(...). E depois tive que repetir um ano. Foi com o professor Dario.
A – Então, mas não havia um diploma, não havia um papel?
AL – Não, nessa altura...
A – Era só a palavra do professor?
AL – Não, era uma passagem que a gente ia fazer e eu não me apresentei à passagem não fui...
I – Havia passagens.
AL – E então foi com esse professor Dario um ano, e depois essa Carmo Sequeira até à 4.ª classe. (...)
IL – Lembra-se destas janelas?
I – Lembro das janelas... estão no sítio delas.
IL – Olhe aqui, antes da gente começar a fazer as obras, está a ver. E os de Vale de Água vinham aqui buscar as telhas e ficou assim...
I – E as casas de banho eram ali. Esta ainda era uma escola que tinha casa de banho... que tinha, não... que já tinha! Porque esta era do Plano dos Centenários, e todas as do Plano Centenário... foi o Salazar.
A – Então era quê, de 1940, por aí?
I – Foi o Salazar que mandou fazer para festejar os 100 anos ou os 50 anos... já não sei de que é que foi, do país...
A – Era o Centenário... porque é que se chamava Plano do Centenário?
I – Porque havia 100 anos de uma coisa qualquer que ele queria...
A – Então eu vou-lhe dizer... o centenário era o centenário da independência de Portugal, 1640.
I – Ah! Então era para festejar isso!
A – Mas era mais, não era só esse. Era o centenário de 1143 que foi a independência de Portugal, foi o Tratado de Zamora, e era1940, pois era na década de 40 e é por isso que era o centenário. E como Salazar já tinha equilibrado as finanças, já havia dinheiro para fazer escolas e então mandou fazer as escolas...
I – As escolas novas. Ele mandou fazer cem escolas novas...
A – Mandou fazer mais...
I – Ele mandou fazer muitas aqui em Proença, olhe, a Dáspera tem uma.

A – Então, diga lá, em Proença, as do plano Centenário, quais é que elas eram? Aquelas que você se lembra?
I – As que eu me lembro, olhe, era esta, era a de Rabassinas, era a escola do Chão do Galego, era a da Catraia...
AL – Relva da Louça... que era a mesma coisa que esta... a Relva da Louça, o Vale de Água, são todas iguais.
I – Espere aí, espere aí, a do Vale de Água não era...
AL – Então, mas é a mesma planta...
I – Não é não...
IL – Tinha assim as casas de banho.
AL – Não estou a falar nas casas de banho, estou a falar...
A – Do projeto... o desenho?
I – A de Vale de Água? Não.
AL – Então a de Relva da Louça é...
I – A de Relva da Louça também é do Plano Centenário.
AL – Mas não foram construídas na mesma altura.
I – Essas aí... a gente fazia um mapa, onde dizia os edifícios Plano Centenário. Nos Maxiais "edifício sem tipo."
A – Não tinham tipo.
I – Quatro paredes.
AL – Porque eu recordo-me, eu andava na escola e deram-nos uma baraça com 10 metros de comprimento que era para nós medirmos da nossa aldeia à nossa escola, e todas as outras aldeias a mesma coisa, para ver qual delas era a mais longe. E então, como a de Relva da Louça era mais longe, fizeram na Relva da Louça.
A – Essa está muita boa...
AL – Com uma baraça de 10 metros, para medir as distâncias, todos os de alunos de Proença-a-Nova mediam a distância da sua aldeia à escola.
I – Desmancharam o octógono, o quadrado, o triângulo que eu tinha feito...
A – As figuras geométricas...
AL – Tinha ali. Eu quando andei a plantar as árvores que ali plantei, eu fui apanhar esse cimento. E eu recordo-me antes da gente fazer a construção aqui, eu andava por aqui e vi essas figuras.
I – Essas figuras, sabe quem é que as fez? Quem é que as fez com o meu desenho? O pai do Abílio, do Baltazar. O Abílio Baltazar foi meu aluno (...). Estou a olhar para aquelas paredes, e estou a ver a minha exposição que o inspetor cá veio inaugurar... era essa parede.
IL – E o quadro... e o mapa?
I – O mapa era ali não era?
IL – Era sim senhora.
I – Vocês não guardaram nenhum mapa?
AL – Já cá não existia nada. Então isto já não tinha telhado!
IL – E eu saí daqui com 15 anos. As minhas irmãs, é pena elas é que eram mais do tempo em que foi feito... a senhora professora sabe que este terreno era dos meus pais?
I – Eu não sei. Sei que um senhor deu um terreno para a escola...
IL – Ele não deu! Emprestou...
AL – Ele cedeu, à condição que todos os moradores aqui pagassem cada um 500 escudos e ninguém pagou. Só ele é que deu o terreno, e os outros, ninguém pagou... ou acho que só houve uma pessoa.
A – Para a construção da escola?

AL – Não, para a construção não.
IL – Para serem todos donos disto!
AL – Para serem todos donos do terreno, tanto que quando a gente andou aí a tentar adquirir isto, uma vez que o terreno nos pertencia, isto não existia em lado nenhum. (...)
I – Você não conheceu o... o menino! Que era dos tais ricos cá da coisa...
AL – Era o rico cá do sítio.
I – Esse, acho que tinha a 4.ª classe... você sabe lá a história! (...) Esse... a pessoa mais rica... o menino, era maluco! Era maluco, era maluco... eu vou-lhe dizer uma coisa... ele invadiu a minha casa... e levou um livro mais pequeno do que este, com a fotografia dele dentro, e disse: "Olhe, é para a senhora ler!", e eu fiz que li... "Toma lá que eu já li. Ó menino, já li!", e ele: "Não gostou?", "Ai o livro é muito bonito e tal... ", ele disse: "não gostou" porque tinha lá a fotografia dele, quer dizer que eu não o queria com a fotografia, porque eu também não o queria. E ele, um dia, fez assim... o telefone público estava na casa dele... primeiro era lá na casa do Mota, e depois passou ali para a menina (...) que estava sempre em casa, a dona, a menina (...).
AL – Não, Senhora (...), a filha é que era a menina (...).
I – Exatamente. A senhora (...) um dia saiu de casa, combinou com ele, e ele ficou lá dentro, e ensinou como é que ele havia de fazer... ele, tirou o telefone de cima do suporte e foi a correr à escola: "Oh senhora professora tem aqui uma chamada", e eu deixei a malta e fui lá. Fui lá e ele fechou a porta... e eu disse: "Oh (...), isto está aqui de fora, não está cá ninguém!", "Oh, menina, não há ninguém a chamá-la, sou eu, eu quero casar consigo."
(risos de toda a gente).
I – E eu digo: "Oh (...), deixa-te lá dessas coisas"... e ele: "Oh menina, você vinha para a minha casa e tinha tudo e já nem dava aulas", "Mas eu quero é dar aulas!! Eu quero ser professora", "Oh menina, não faça isso... ", e eu sempre a chateá-lo: "Oh (...), abre-me a porta que eu quero sair... quero sair!"... e depois entra a mãe dele, entra a mãe... aquela senhora já usava chapéu: "Então essas coisas têm de ser perguntadas, às vezes de vontade, ainda se zangam!", e eu digo: "Eu não quero ninguém! Eu não me quero casar! Eu já o digo agora, não quero! Só quero dar aulas!"... olhe... "Então desculpe lá. Oh (...) não andes a apertar a senhora professora, deixa-a, deixa-a, deixa-a." Então, eu abri a porta e saí, mas ele um dia... ele tinha um irmão (...), veio para aqui, estávamos aqui a fazer uma patuscada... as pessoas, e eu e os alunos, nas brincadeiras... e ele lá em cima danado! Porque não podia vir, não podia para cá vir. Estava proibido de vir para aqui... ele no outro dia pegou numa arma e veio direito a mim e disse-me: "Oh menina, se não for a bem, vai a mal"... com uma arma! E eu tinha cá dois sobrinhos, comigo, e a minha mãe, e a minha mãe até dormia aqui na casa desta senhora, aqui assim... dos Pereiras... lá em baixo comigo não cabia... e eu disse: "Oh (...), mas porque é que estás com brincadeiras!", "Oh, se não for a bem, é a mal!"... nessa altura aparece o (...) e ficou assim. Ele tinha-me dado uma coelha muito grande, e a coelha era dele, ele foi lá e matou a coelha! Matou a coelha e abalou para o lado de Cardigos, nessa noite não dormiu cá.
AL – Ele tinha essas coisas, tinha.
I – E eu cheguei lá e vi a coelha morta e disse-lhe a ele... o que eu passei com ele!
A – Que idade é que ele tinha nessa altura?
I – Ele era mais velho do que eu, mais velho do que eu...
H – Mas cismou que queria casar com a Isilda, era isso?
I – Ele queria casar comigo, se não fosse a bem era a mal! Com a arma! E eu a dizer-lhe: "Eu só quero é dar aulas!", "Não dava aulas menina, era o que você quisesse... ", quer dizer, era o que eu queria! E eu disse, não, não, porque eles tinham um rebanho de cabras muito grande, muito grande, muito graaande...

A – Em vez de guardar crianças ia guardar cabras! (risos)
I – Não, eles tinham pastores!
AL – Eles tinham pastores, tinham rendeiros em todo o lado, aqui na terra tinha muitos...
I – Eles eram dos mais ricos do concelho (...). Ele ia ali para a casa do... para a taberna do Mota, bebia, bebia e embebedava-se... depois tirava a carteira e dizia: "Quanto é que eu devo? Tira daí... "
AL – Ele chegou a vender muitos terrenos, por X de contos, e quando chegava a casa já não tinha nada porque eles embebedavam-no e tiravam-lhe o dinheiro, pagavam-lhe e depois tiravam-lhe o dinheiro... estou a falar do que ouvi contar aqui...
I – Foi uma miséria, foi uma miséria. E depois, houve outra coisa parecida com esta... ele moeu a azeitona, e convidaram-me a (...) assistir a um serão. E dizia ele: "Olhe que eu já deixei um alqueire de azeite (...)." Mas eu fui lá à guarda... porque quando ele disse que se não fosse a bem era a mal... ele era capaz... eu tinha lá dois gaiatos comigo e fazia-se ali por trás aquele caminho, aqui para a escola, e eu não tinha medo dele... passava sempre à frente da casa dele. E eu disse-lhe assim: "Oh senhor guarda, olhe passa-se isto assim, assim... se eu aparecer morta, o senhor não pergunte a mais ninguém, porque é aquele que anda sobre mim, a ameaçar-me." E o guarda disse-me assim: "Olhe, só lhe digo uma coisa, tenha cuidado que depois dá-lhe como um doido e ele fica cá e você é que se vai embora... !" (...)
I – A Ti Deolinda, coitada, sofreu tanto... ai Jesus! Então eu um dia cheguei cá e tinha as minhas portas todas pregadas com pregos, não me deixou entrar na escola... não, não, não... na casa. Em casa, não me deixou entrar em casa, e então essa senhora, como é que ela se chamava? A Deolinda, essa senhora (...) depois trazia-me uma coisinha de azeite para mim, coitadinha, e depois trazia-me a carta: "Olhe, mande esta carta para a minha filha... " (...). E eu: "Então diga lá o que é que você quer pôr na carta", "Olhe, diga-lhe isto, diga-lhe isto" e eu escrevi e lá mandei. E depois vinha outra carta, e ela arrecadava-a, e eu lia-lhe. (...)
A – Com outra posição social... tratavam mal as pessoas.
AL – Pois... tratavam mal as pessoas que eram aqui da aldeia.
I – Era, era...
AL – As pessoas da aldeia era como...
I – Era... as classes era assim. Era ali a menina (...), era o menino (...), era a menina (...), o menino (...) e era a senhora do chapeuzinho, que fizeram a capela... a capela era deles, eram os ricos! Tinham um rebanho grande de cabras...
AL – E praticamente, grande parte das pessoas aqui das aldeias trabalhava para esse indivíduo (...). Na minha aldeia, no Galisteu, havia o Manuel Fernandes e os outros todos trabalhavam para ele...
I – Havia sempre um rico... havia sempre um rico!
H – Mas depois os filhos iam todos à mesma escola... ou não iam?
AL – Íamos todos... isso íamos.
H – E notava-se assim diferença, no trato?
AL – Não, não, na altura não, não se notava nada.
A – Entre as crianças?
H – No tratamento da professora? No trato...
A – O tratamento era diferente...
AL – No tratamento, vou-lhe explicar uma passagem que essa ficou-me gravada... esse senhor Ezequiel, que tinha um comércio em Proença-a-Nova...
A – A Flor de Abril, o comércio era a Flor de Abril...

AL – Esse comércio era o maior... e então, no Natal, ele oferecia aos miúdos da escola um brinquedo, um brinquedozito assim umas coisitas pequeninas a cada um. E havia... e aí é que se notava a diferença... eu, por exemplo, recebi uma coisita que... ai, chorei... uma coisita de nada. Enquanto os filhos daqueles senhores recebiam coisinhas que a gente ficava assim a olhar, porque é que ele tem e eu não tenho? Portanto havia aí discriminação...

H – Quem era esse professor?

AL – Não era um professor, era um comerciante, e ele oferecia porque todas as pessoas se iam fornecer a ele, e então ele dava as coisinhas boas aos filhos dos mais ricos... das pessoas que gastavam mais, evidentemente, que gastavam mais. O meu pai, por exemplo, o que é que a gente lá ia comprar? O petróleo, o açúcar...

I – O adubo...

AL – O adubo se calhar íamos ao Isaías, àqueles irmãos da Cova.

I – Da Cova Funda, que era da Idalina, isso agora está...

AL – Esses também vendiam... Esses eram dois irmãos, eram de descendência judia.

A – Era o Ti Manel da Isna... era o Ti Zé e o Ti Manel.

I – Esse é que tinha os materiais lá na Cova Funda.

AL – E a gente ia lá buscar certos produtos.

A – Toda a gente roubava...

I – Esse homem... ai Jesus, eu tenho histórias! Toda a gente roubava... e ele era o próprio, que não tinha um livro, "Olhe, ouça lá, eu levo isto e aquilo... " e ele apontava num papelinho e punha ali o papelinho. Uma vez fui lá para comprar um porco, e depois a mulher veio para receber o dinheiro. Veio para receber o dinheiro... era um porco grande... veio receber o dinheiro e então ele começou a passar papelinhos, a passar papelinhos... e depois ele também vendia tripas. E depois havia um que dizia assim: "Olha aqui estão as tripas, o porco há-de estar perto... " (risos)

AL – Ai... havia ali coisas nessa altura, cuidado...

I – Esse Ti Manel da Isna, ele era tão engraçado. Eu fiz no meu teatro, fiz um teatro no ano passado na Universidade Sénior, onde eu era a pessoa rica... não sei se estou aqui a empatar... isto tem piada... eu com uma peruca branca, e tal. Eu era a dona... ai... aquilo chamava-se "por causa de um 's'." Eu era a dona Ursula Martim, mas "Ai ai se lhe pões um 's' !" (...). Um dia a ama foi ao correio e disse assim: "Senhora Úrsula Martins, tem aqui uma carta", "O quê? Martins? Meteste-lhe um 's', vais para a rua já!"... e meteu a criada na rua. (...) E eu disse: "Eu sou dona Úrsula Martim! Ai de quem lhe ponha o 's'!"... e eu era filha de um importante homem... eu era neta do Diogo Cão... era neta desse, "Sou filha de... e sou neta do... Diogo Cão!", uma criada que lá andava "Ai ela é Cão! Ão Ão Ão Ão" e eu disse: "O meu pai tem no seu portão o brasão dos Pinhos, meu tio tem o brasão... " de outra coisa. E as pessoas estavam todas a ver onde é que eu queria chegar "E o meu servo, Ti Manel da Isna... tinha na sua casa, no seu portão, o selo da Cortiçada, o brasão da Cortiçada". Foi uma risada lá, que só visto!

AL – Pois aqui na zona toda a gente conhecia o brasão da Cortiçada...

I – Era verdade, isso está escrito (...).

AL – Aquele indivíduo lá do Galisteu Fundeiro (...) que era nosso vizinho, era ele o Banco da aldeia. As pessoas precisavam de dinheiro iam lá pedir, mas tinham X de tempo para pagar, não pagava até àquele dia, duplicava. Ou então, tens aquela terra... foi o que aconteceu aqui... emprestava dinheiro, não dás, então aquela terra é para mim (...).

I – No Caniçal era quase tudo deles.

IL – Em que ano é que começou a dar a escola aqui?

I – Aqui... ora, eu comecei em 1960, mas foi no Sobral Fernando, e de lá vim para Maxiais e dos Maxiais, hum... fui um ano para a D. Maria que é no concelho da Sertã, que foi o único ano que eu estive fora do concelho. E depois... Ah! Mas eu já tinha estado aqui um ano. Depois vim lá da D. Maria para aqui.
IL – Então esteve aqui duas vezes?
I – Estive cá duas vezes. Estive cá como regente escolar, e veio cá um inspetor escolar ver a minha escola e ficou parvo, e disse assim: "Você tem que ser professora, porque isto não é assim que se põe uma pessoa a trabalhar desta maneira!" Eu para meter aqui uma tabela, pedi ao pai da Assunção, ele era carpinteiro, fez aquilo com tábuas, eu mandei fazer um arco a um ferreiro, e eu só tinha uma tabela aqui no campo. Vieram-me cá ajudar os das Corgas, e os meus, dado que as professoras se davam bem.
IL – E aqui no Caniçal quantos anos é que deu escola?
I – Aqui... depois fui para o magistério primário, e andei por lá dois anos e meio. E quanto voltei era a Milita Sequeira que cá estava. A Milita Sequeira saiu e eu estive cá depois.
IL – Teve de ir para outra escola onde faltava professor, não era? Aqui o Caniçal teve várias vezes em que as professoras se iam embora e a gente ficava sem aula.
I – Mas aqui nunca esteve sem aulas. Eu tinha o direito de quando voltasse do magistério vir para a escola que deixei e vim para aqui.
A – Mas quantos anos esteve cá?
I – Aqui estive talvez uns três ou quatro. Eu levei crianças da 1.ª à 4.ª. Portanto, deve ter sido isso.
IL – Era aqui a 1.ª, ali a 2.ª, ali a 3.ª e além a 4.ª. Eram uns quarenta alunos.
I – Eram. Eram muitos alunos, eram. Mas era na altura em que a gente dizia assim: "Olha que levas umas chapadas!", "Chegue-lhe! Se ele não andar... você tem que lhe bater!"
A – Mas isso eram os pais!
I – Eram os pais! "Chegue-lhe!"
IL – Mas havia professoras que abusavam da criança. Eu conheço aqui uma rapariga que é da primeira casa quando a gente vem de Proença, era Irene. Levava tanta reguada nas mãos, ela feria-lhe as mãos... e a cabeça.
I – Quem era a professora?
IL – Eu já não me lembro do nome. Depois ia queixar-se à mãe que a professora lhe batia... e ela ainda lhe batia mais! Ainda batia mais!
I – É verdade.
H – E que castigos é que a Isilda dava aqui aos meninos?
IL – Ainda pôs assim uma coisa... as orelhas de burro? (risos)
I – Ai não, não, não.
AL – Isso desmoralizava... os miúdos.
I – Ai não, não, não, não... eu nunca pus isso.
IL – Mas a D. Amélia tinha! Ali naquele canto! Uma vez que eu tinha muitos erros...
I – Não, não, não! Chapadas dei! Reguadas também dei algumas...
IL – Chapadas, que eu conheça, nunca deram. Era sempre na cabeça, ou reguadas.
AL – Com a vara, com a vara.
I – Uma palmada no rabo ou uma reguada ainda dei.
AL – Esse professor das Cimadas, deu-me um pontapé, assim de lado... na 1.ª classe. Porquê? Porque a minha mãe e o meu pai, quando eu fui para a escola: "Tu lá na escola não falas!"... e estávamos todos em frente à mesa do professor, em redondo, a responder às perguntas que ele fazia, pôs-nos todos à frente da mesa, e quando foi numa altura qualquer fez uma pergunta... e eu, em vez de dizer "Não", fiz assim [gesto de acenar com a cabeça], a minha mãe tinha-me dito para não falar... e ele chega, agarra-me assim por

aqui, e tumba! "Aqui, fala-se como as pessoas, e não como os burros! Quem acena assim com a cabeça, são os burros!"... essa nunca mais me esqueço. E o professor Dario, como eu repeti, eu já tinha mais conhecimento do que os outros que eram do primeiro ano, e então... o Manuel Lourenço irmão do Zé Lourenço, ele pôs-los à frente dele, e ele estava aqui, e ele começou a fazer a pergunta... se ele fez uma pergunta, um respondia, fazia pergunta ao outro, àquele que não respondia fazia a mesma pergunta ao outro a seguir... àquele que respondia, era esse que pegava na régua e batia no colega atrás...

A – Acontecia muita vez...

AL – E então, esse Manuel Lourenço estava aqui, o professor faz-lhe uma pergunta, e ele não respondia... e eu "chchch"... dei-lhe a resposta. Diz ele assim: "Manuel, tens aqui a régua, joga aí uma reguada no António!"... éramos muito amigos, e eu então, disse-lhe baixinho a resposta. "Ai dás-lhe a resposta, então és tu que vais levar as reguadas!"

A – E se batiam devagar... apanhavam eles!

I – Apanhavam eles!

AL – Mas essa Carma Sequeira que foi depois a minha professora, nunca a vi bater. Era uma senhora... só sei que ela sofria muito do fígado, e ia muito ali para uma terra, perto da fronteira com Espanha... havia ali umas termas... as Termas de Monfortinho... ia lá passar um dia ou dois. E quem nos dava escola era essa Isabel Carvalho, que fazia a aula dela e depois vinha para a nossa, e muitas vezes, quem estava à frente da aula quando ela não estava, às vezes era eu, às vezes era esse Zé Emílio filho do Sequeira, o Zé Emílio (...). Ainda me recordo, quando foi a inauguração da Avenida do Hospital, e fomos vestidos... arranjaram-nos um equipamento... da Ala dos Namorados... não, dos Escuteiros... uma farda que a gente tinha... e fomos assistir, fomos todos em fila, assistir à...

A – Era a Mocidade Portuguesa...

AL – Mocidade Portuguesa!... sim. E então fui assistir à inauguração da Avenida do Hospital... aquilo era enooormeee!! Eu saí com 15 anos, fui para Angola, e em 1973 voltei a Portugal, e cheguei ali, olhei para a Avenida do Hospital... e disse: "Não... isto é reduzido... uma coisa pequenina!"... na altura a gente não estava habituados... para nós aquilo era enorme. A gente depois de estarmos habituados a ver outras imagens, outros sítios, outras coisas... cheguei ali, fiquei: "Não, isto não é a Avenida do Hospital!... isto é muito pequenininho!" E recordo-me de uma coisa, que ainda está cá dentro, e nunca cheguei a ter a solução do que era aquilo... o meu pai andava a lavrar, precisamente, em frente à casa do doutor Paisana, andava ali a lavrar, e eu fui-lhe levar o almoço... e estava ali sentado... o meu pai ia lavrando, e levanta-se uma coisa qualquer, era redondo, mais ou menos deste tamanho, mas redondo, todo fechado, e eu peguei naquilo, e atirei para o chão, e aquilo nunca mais parou... sempre a dar voltas e não parava... e depois desapareci com aquilo, e ainda hoje me pergunto o que é que estava dentro daquilo, ou o que é que era aquilo... para fazer aquele movimento, sem ninguém a tocar-lhe, movimentava-se sozinho, nunca parava... eu ia buscá-lo, punha-o aqui, e ele... ia. De pé, não era a rolar. Era um movimento direito... várias vezes me pergunto, o que estava dentro daquilo... quem é que fez aquilo... e porque é que ele funcionava daquela maneira. Até hoje, essa nunca mais me esquece também... eu era miúdo!

IL – Belos tempos... mas as crianças do nosso tempo eram... mais sinceros.

AL – Éramos muito sacrificados... ai jesus!

I – Ai... sim, sim, sim.

AL – Nossa senhora... nossa senhora.

I – Eu, por acaso, tive um garoto, que traumatizei... e já o procurei "Andas traumatizado?" e ele: Não, não, não"... porque o pai queria-o levar a estudar para Castelo Branco, para ele se empregar na Câmara, e ele andava na segunda classe, e ele queria levar o filho na

terceira... fartava-me de lhe dar aulas, e dava-lhe umas bofetadas, reguadas... e ele agora é pintor... e casou com uma professora. E eu disse-lhe assim há dias: "Ó Jorge, tu andas traumatizado?", "Não!", "É que eu queria-te pedir desculpa, eu castiguei-te um bocadinho... mas o teu pai é que teve a culpa... ele queria levar-te para a escola de Castelo Branco, e eu não queria que tu fosses burro para lá, porque lá já há muito burro! E depois a professora vinha calcar na regente que te preparou"... não, eu até já era professora... e ele disse: "Não, Não traumatizou ninguém... e digo-lhe mais... agora passou-se do 8 para o 80. As professoras davam umas chapadas, umas reguadas, não traumatizaram ninguém! Agora as professoras é que estão traumatizadas porque os alunos batem nas professoras!"

AL – Agora até batem nas professoras. Do Galisteu, naquela salinha pequena, éramos 21 todas as manhãs a ir para a escola, ainda me recordo. Tempos difíceis... no inverno, descalço, a ir para a escola, descalço. Os primeiros sapatos que eu tive, fui ganhá-los a guardar cabras, e os pés a deitar sangue... com o frio. Chegávamos à escola, e a Carma Sequeira tinha lá uma braseira debaixo da mesa dela, mandava-nos muitas vezes tirar certas peças de roupa, porque não havia guarda-chuva, não havia, era uma saca... uma saca pela cabeça... fazia um capucho com a saca... chegávamos lá molhados. E ela primeiro punha a gente ali para secar. Se essa senhora não está no céu, não está lá mais ninguém (...).

A – Então e vocês gostavam de ir à escola?

I – Eu só tive um que nunca gostou...

AL – Eu gostava! Eu gostava de ir à escola, porque eu queria aprender. Eu gostava tanto de ir à escola! Eu gostava de aprender, tanto que ela, quando eu fiz a 4.ª classe, no dia de domingo, que nós íamos à missa ao domingo a Proença-a-Nova e a professora cruzou-se comigo e com a minha mãe, eu ia agarrado ao xaile da minha mãe, íamos para a missa e diz ela assim: "É uma pena tu não poderes ir estudar." Burro não era. Havia talvez miúdos mais inteligentes, mas burro eu não era. Aprendia sempre muito bem.

A – Está a falar da Carma Sequeira?

AL – Da Carma Sequeira. Ela é que disse. Foi ela a minha professora, ela é que disse: "É pena vocês não poderem mandar esse miúdo para continuar a estudar". Depois fui para o Abrunhal para casa, deve conhecer um que foi professor, o Fernando Lopes. Eu fui para casa dele no Abrunhal. Estive lá dois anos a guardar as cabras. A guardar cabras, porque nós lá em casa éramos sete, eu era miúdo, acabei a escola e "Agora fazes o quê? Olha... " depois precisavam lá de um miúdo para guardar a cabra, não eram muitas e eu fui lá tratado com todos os mimos. Pelo Fernando era bem tratado, eu nunca fui mal tratado lá. Era pastor e sempre fui bem tratado como se fosse o filho. Ali não havia diferença. Não havia diferença. E, então, houve um sobrinho ou primo dele que já estava no seminário e que veio lá, veio lá falar com os pais para mandarem o filho para o seminário. Esse Fernando, para o filho ir para o seminário. E, então, estávamos sentados na lareira e estavam a conversar e eu estava lá também e diz ele assim para mim: "Ouve lá, e tu sabes ler?", e eu digo assim: "Eu?! Eu tenho a 4.ª classe!", "Então pega aí num livro e lê lá". Pegar num livro e ler para mim era, era, era, era... um brinquedo. E ele diz assim para mim: "Tu não queres ir para o seminário?", "Também quero!". Falei ao meu pai. Era para pagar vinte e cinco escudos por mês só. Disse: "Não!". Não me deixou ir. Mas passou-se, não posso lamentar a vida que eu fiz depois... não me posso lamentar. E, então, tinha uma coisa... é que o pai do Fernando esteve uns anos nos Estados Unidos e gostava muito de romances, ele tinha uma série deles, ele era afilhado de um indivíduo que era o que trabalhava no Palácio do Duque de Palmela. E vinham de lá muitos livros. Trazia livros para a gente e todos os dias, mas todos os dias à noite, à lareira, depois do terço, tínhamos de rezar o terço, eu tinha que ler X páginas de um romance e o Fernando lia outras X

páginas. Não nos deixava perder aquele hábito para a leitura. Depois eu fui para Angola com quinze anos e houve um indivíduo, que era aqui do Carrascal, que veio cá e a povoação deu-lhe dinheiro para ele comprar romances. Cinco contos, na altura era muito dinheiro!

A – Era muito dinheiro, pois era...

AL – Foi cinco contos que lá todos deram. Ele era do Carrascal mas estava em Angola, ele veio cá de férias e nós lá em Angola, ele veio de férias... para levar para lá! Eu chegava a estar até às três horas da manhã a ler à luz do candeeiro a petróleo, porque onde a gente estava não havia eletricidade.

A – Estava em Malange, não era?

AL – Estávamos perto de Malange. Estávamos a duzentos e cinquenta quilómetros de Malange, mas lá para o interior. E, então, eu cheguei a estar a ler até às três da manhã. Eu li a "Avó", a "Ala dos Namorados", e era um que eu gostava muito... a "Toutinegra do Moinho, o Marido... " gostei muito deste romance. (...)

A – Mas voltando ali à escola, como é que era ali a escola do Galisteu?

AL – O Galisteu não tinha escola. Nós vínhamos a Proença-a-Nova. Sempre.

A – E onde é que era a escola de Proença?

AL – Ainda é no sítio onde é hoje.

A – Onde é hoje. Então e diga-me uma coisa, lembra-se do Assis Roda?

AL – O Assis Roda era onde é a farmácia. Sim, sim.

A – E lembra-se dele montar lá a cantina na escola em Proença?

AL – Lembro. Então foi na altura em que eu estava na escola!

A – Então conte-me lá essa história.

AL – Ah a história foi que ofereceram aquilo para lá, mas pediam à gente, para a gente pedir às nossas mães para a gente levar um repolho, para levar isto, levar aquilo, aquilo só fornecia sopa. Não tinha segundo prato, nem fruta, nem nada. Era só sopa. Eu recordo-me que levava o pão, tirávamos a sopa e enchia o meu prato com o resto do pão para ter muita quantidade, porque muitas vezes em casa, não é que faltasse, e a qualidade era boa, porque era baseada na alimentação vegetariana, porque carne era só de vez em quando. Era, era vegetariana. Eram papas de milho, era tomate, era salada, era couves...

I – E quem era a cozinheira dessa altura?

AL – Era uma de Abrantes, do Casal Velho. A Maria do Casal Velho mais outra. A outra não me recordo do nome dela. Sei quem ela era, porque ela casou com um vizinho meu do Galisteu, com o Luís Bucho.

I – A Maria! Reformou-se já há uns 5 ou 6 anos.

A – Diga-me uma coisa, em que ano é que foi isso?

AL – Isto foi em 54.

A – Foi no ano em que eu nasci.

AL – Eu acabei a escola em 55, e tinha sido um ano antes.

A – Então quer dizer que a cantina surgiu nessa altura lá?

AL – Surgiu nessa altura.

A – E antes não havia cantina?

AL – Nada. Não havia nada disso.

A – Cada um comia conforme podia.

AL – Pois. Levava-se a bolsazita com uma sardinha e um pão.

I – Olhe, mas esse senhor deixou na Caixa vinte contos nessa altura, acho eu, vinte contos. E tinha direito a uma sala e deu a sala à D. Idalina. Esse senhor deu a sala à D. Idalina. Mas meteu esse dinheiro na Caixa, porque o juro era mais alto, esse juro revertia sempre

para a cantina e ele nunca tirava de lá dinheiro, era só o juro que ia para a cantina. E era a Maria já, era a Maria do Casal Velho que era a cozinheira.
A – E ainda se lembra do Assis Roda?
AL – Lembro! Porque eu ia lá com o meu pai, que tinha muitas dores de estômago, e a maneira de ele aliviar as dores de estômago era com o bicarbonato de soda... e nós íamos lá comprar.
A – Também eu... ainda hoje eu tomo bicarbonato de sódio para a azia.
AL – Nós íamos lá comprar aquilo, e ele era um indivíduo... ele tinha sido preso político... .tanto que ele esteve preso numa cela com umas pingas de água sempre a cair-lhe na cabeça.
A – Mas espere lá, espere lá... não estará a confundir com o outro? Com o Garcia?
AL – Não... era o da Farmácia, o da Farmácia Roda.
A – Não... um era o Garcia, e o outro era o Assis Roda. E o senhor deve estar a confundi--lo com o Garcia.
AL – Ah... é capaz.
A – O Garcia é que esteve preso, com o copinho de água na cabeça... ele é muito rouco. O da Farmácia é que fez a cantina.
IL – Na nossa altura, aqui, também nos davam queijo e leite em pó, para a gente tomar de manhã. E depois chegou uma altura, as crianças às vezes traziam um lanche, mas um lanche assim muito... e então os pais, os pais do Caniçal, do Caniçal Fundeiro e do Vale da Carreira, organizaram-se, "a partir de hoje... hoje fazes tu o almoço, amanhã faz aquela"... e foi assim durante muitos anos. Cada dia uma mãe de um aluno vinha fazer uma panela de comida... eu era pequena, devia ter uns 7 ou 8 anos... ou 9.
A – Mas em que data mais ou menos é que isso era?
IL – Ora quarenta e nove ou cinquenta e tal. As crianças comiam muito bem.
A – Acha que as crianças comiam bem?
IL – O que os pais traziam? Ah, adoravam...
H – Então a Isilda andou nesta escola, exatamente?
IL – Da 1.ª à 4.ª classe.
I – Olhe, no meu tempo de dar aulas começou com o leite em pó.
IL – Pois... era o que a gente também tinha aqui.
A – De onde é que vinha?
AL – Da Caritas.
A – Pois, da Caritas. Explique lá isso. Quem é que fazia isso?
I – Era a professora.
A – Aqui era a professora?
I – Aqui era a professora. Noutras salas não sei dessas coisas. Aqui era a professora. Tínhamos um fogãozito, não sei que fogão era aquele, sei lá, e era só para aquecer, não era para ferver. Era para desfazer o leite. O leite vinha em pó e depois a gente desfazia um bocadinho de fora e misturávamos a água e o pó. E depois dávamos um copo a cada um.
A – Não havia mais nada? Era só o leite?
I – Só o leite. Mais tarde, acho que já depois do 25 de Abril, vinha a tropa à nossa escola trazer uma sandes para cada aluno. Uma sandes de queijo, daquele queijo de...
IL – Aquele que tem a capa encarniçada.
A – Flamengo?
I – Era... uns não gostavam de queijo, outros não gostavam de... pronto, era com isso. E mandavam depois noutro tempo uma lata cheia de carne.
AL – Ah... de carne moída!
I – Lacrada.

AL – Lacrada, exatamente. Que vinha em banha.
I – Que a gente tirava, e tirávamos a carne para os garotos...
A – Mas isso depois do 25 de Abril?
I – Depois do 25 de Abril. Eu estava no Sobraínho dos Gaios, eu estive lá um ano, e quando chegava aquela lata eu já tremia! Porque a minha colega dava aulas de manhã, tinha 3.ª e 4.ª, e eu dava da parte da tarde 1.ª e 2.ª e é engraçado... porque ela era muito esquisita, percebe?! Não queria pingas no chão! Eles comiam lá na escola e ela: "Ai se vocês põem a pinga!". E depois eu digo assim: "Não, para os meus alunos deixarem cair a pinga, e eu ter de limpar... não! Levas para casa e divides com este, com aquele e como outro, pronto." Levem a lata para casa e comam-na lá. Porque aquilo era uma coisa por demais, ela ainda hoje é assim, coitadinha. É muito miúdinha...
A – Pronto, os professores batiam... a mim também, também apanhei algumas... mas ficou alguma má memória de algum professor?
AL – Não. Eu não tenho. Não fiquei. Só o professor Dario... levei a reguada do outro... só esse. Ele nunca me bateu. E o professor das Cimadas foi um pontapé, o resto nunca me recordo de ser punido, porque não fiz os deveres ou porque não fiz a coisa bem feita. Porque é... não é um fenómeno, mas eu considerava-me bom. Pronto.
IL – Era bom aluno.
A – E a senhora também, não tem assim nenhuma má memória de nenhuma professora?
IL – Não. Foram todos... só davam aquelas reguadas, não é?
I – As reguadas... era normal.
IL – As mães avisavam as professoras: "Se ele não se portar bem, bata-o."
AL – Havia uma professora, não sei se ainda se lembra dela, era mulata... a gente também só a conhecia por professora mulata... essa tinha umas unhas muito compridas, essa chegou a furar aqui o lóbo das orelhas às miúdas. As miúdas chegavam a casa com isso furado.
I – Mulata... era a Maria do Rosário, não era? Eu ainda a conheci na escola. Eu não trabalhei com ela, mas ela esteve na escola com a D. Idalina. Na escola de Proença, dava aulas.
A – Esteve na escola, qual? No colégio?
I – Não, não, não. Na escola mesmo. Ela era professora primária.
AL – Bem, nós ali era tudo professoras primárias, em Proença-a-Nova na nossa escola. O Colégio abriu muito mais tarde, eu estava em Angola.
I – Pois, ali por cima da antiga farmácia.
A – Então, e diga-me lá uma coisa, aquilo que aprendeu na escola serviu-lhe para alguma coisa no futuro?
AL – Serviu. Serviu. Nós estávamos em Angola e numa certa altura nós tínhamos três comércios e fazíamos a agricultura do arroz e do algodão. E como o meu irmão mais velho era ele que se ocupava da parte da agricultura, o outro, o que está aqui em Proença-a-Nova, o Joaquim... estava em Malange... além dos nossos comércios também fornecíamos um cunhado meu, o Manel, um primo meu e outros comércios, e quem se ocupava da escrita de tudo isso... do registo de tudo... e depois serviu-me também na tropa. Eu fiz quarenta meses e dezoito dias na tropa, fui radio-telegrafista, de morse, e precisava de escrever muito. Depois os últimos seis meses fizeram jeito, porque estava na secretaria e muitas vezes tinha de escrever naquelas máquinas antigas para fazer a ordem do dia que era feita em papel de cera para depois ir para a máquina...
A – Era o stencil, não era?
I – Era o stencil...
IL – Ler e escrever sempre faz falta...

I – Eu também trabalhei com stencil. Eu tinha um tabuleiro, a gente deitava lá a tinta e depois eu fazia a minuta, punha-a lá, passava com o rolo por cima. Mas eu também tinha uma máquina de escrever. (...)

AL – E também me serviu quando cheguei ao Canadá e me perguntaram o que é que eu sabia fazer e eu disse: "Olhe, eu sou operador de máquinas."

H – Em que ano é que foi para o Canadá?

AL – Em 77. E, então, cheguei lá e uma senhora... eles davam muita assistência à gente, perguntaram o que é que eu sabia fazer, com o interprete, e eu disse: "Olhe, eu sei trabalhar com máquinas, conheço muita mecânica essas máquinas", disse: "Então está bem." E então aquilo ficou escrito, e mandaram-nos depois para a escola, porque lá os emigrantes chegam lá e mandam-nos primeiro para a escola: "Tu não vais trabalhar. Tu vais para a escola, vais aprender o Francês. Depois de aprenderes o Francês então vocês vão procurar trabalho. Vocês assim já são capazes de responder às perguntas que vos vão fazer. Se vocês não sabem falar Francês ou o Inglês o que é que as pessoas vão falar e vocês vão fazer o quê?". Então fomos para uma escola. Os miúdos iam para um infantário e nós íamos para a escola. Eu estive lá numa escola, só estive cinco meses. Ao fim de cinco meses perguntaram o que é que eu sabia fazer e eu: "Mecânica na parte diesel, gasóleo... e camiões", "Então vamos-te enviar para uma garagem." Enviaram-me para uma garagem, assim que... uma semana. Ao fim de uma semana o professor foi lá saber, perguntou ao proprietário da garagem: "Então, ouve lá, como é que ele se desenrasca?", "Ai ele já não sai daqui." Já não me deixaram sair. Já não fui para a escola. Já não completei os sete meses, só fiz cinco meses. Ao fim de cinco meses, estive lá, estive lá nessa garagem e um dia era feriado em Montereal, mas na parte de Otava, na capital Federal, não era feriado ou era feriado lá e não em Montereal e então eu disse: "Vou aproveitar e vou a Montereal." Porque eu tinha visto que havia pedidos de mecânicos para os caminhos de ferro. Eu vim a Montereal e ao fim de um mês e pouco chamaram-me para ir trabalhar para a carreira nacional. Trabalhei na carreira nacional nas oficinas, em várias secções, e sempre me desenrasquei muito bem e ao fim de vinte e dois anos eles privatizaram aquilo e só nos garantiram dois anos de trabalho. Ao fim de dois anos mandaram-nos embora. Depois digo assim: "Bem, agora saí... ", ainda não estava na altura da reforma "O que é que eu vou fazer agora?" já não me interessava meter-me em mecânica pesada. E, então, pensei voltar àquilo que eu sempre gostei de fazer, foi conduzir camiões, porque eu em Angola quando era a altura dos transportes eu é que andava com os camiões. Tínhamos dois camiões e eu é que, mais o outro meu irmão mais velho, é que fazíamos os transportes. Voltei aos camiões. Fui fazer a aplicação lá para a escola do governo, e disseram-me assim: "Qual é a escolaridade que tu tens?", "Eu tenho a 4.ª classe", "Então não podes, porque só admitem, tem de ter a carta de classe 1 com o 12E", disso assim: "Mas eu não tenho, o que é que eu vou fazer? Eu tenho a minha carta de pesados de Portugal", "Ai pah isso deita para o lixo. Depois a gente vai-te encaminhar." E, então, disseram: "Tu vais a tal escola assim, assim, vais lá, vais fazer a aplicação para fazer o exame." Mas eu pensei que ia para lá estudar alguns dias. Cheguei lá, fiz a aplicação disseram assim: "Vais para casa que a gente vai-te chamar para fazeres aqui um teste." Fui para casa, ao fim de... porque eu estava no fundo desemprego na altura... ao fim de X tempo, não me recordo o tempo que foi, chamaram-me para lá ir fazer o teste. Éramos uns 200 nessa escola... o exame tinha 250 perguntas com resposta, com cruz. As primeiras 25 errei-as todas porque era o Francês escrito. Eu ainda andei na escola, mas eles diziam: "Vocês aqui não matem a cabeça a aprender a escrever, aqui vocês vêm aprender a falar. Só a falar. A escrever aprendam vocês depois"... e quando foi no Francês, eu falhei as 25... mas quando tocou à matemática!... movimentos de engrenagem de mecânica, acertei-as todas, passei com

75%. Tenho até um diploma. Ao fim de X tempo chamaram-me para ir para a escola de condução do governo, tudo pago por eles... e ainda me davam o fundo de desemprego, acho que eram 275 dólares por semana... estive lá 615 horas, para tirar a carta. Saí de lá com todas as classes, menos condutor de autocarros. Tirei a carta e fui trabalhar para uns italianos que têm lá uma coisa de distribuição. Mas depois deixei. (...) Tenho trabalhado no Verão três, quatro meses numa fábrica que fabricam os paralelos assim para o chão, que coloca os muros... Uma fábrica enorme. É Açoriano. E faço lá três, quatro meses e depois a gente no mês de julho vem para aqui.
A – Acha que a escola, o que você aprendeu na escola abriu os horizontes para isso?
AL – Exatamente. Porque se dizem: "Vocês vêm para aqui, não se sabem apresentar em lado nenhum para dizerem o que é que vocês querem, vocês não conhecem a língua como é que se vão desenrascar?". O governo então: "Não, primeiro vais aprender... "
A – Mas eu estava-me a referir à escola de cá.
H – Porque é que o seu pai não o deixou ir para o seminário?
AL – O meu pai disse que não tinha dinheiro para pagar isso.
H – Foi uma questão de dinheiro?
AL – Mas a desculpa não era isso... é que ele não queria que houvesse um que fosse estudar e os outros não...
H – Quantos irmãos tinha?
AL – Somos sete.
H – Eram sete. E todos estudaram até à 4.ª ou não?
AL – Todos, todos. Não, acho que a minha irmã...
H – (...) Eu queria que vocês me explicassem a história destas fotografias que estão aqui. E eu vou pedir à Isilda, para isto ficar gravado... contam a história, dizem-me as datas em que tiraram as fotografias. (...)
IL – Eu tive cá 3 professoras, a Amélia foi a que esteve cá mais tempo. Uma era da Bairrada, que esteve cá um ano ou dois, e havia outra professora que viveu além na casa do meu tio, mas eu já não me lembro o nome dela... uma das minhas irmãs é capaz de se lembrar. Essa Amélia, eu lembro-me que foi a que esteve cá mais tempo. Eu, desde que andei aqui na escola, lembro-me que ela faltou porque a chamavam para outro lado onde faltavam professoras. Mas foi pouco tempo.
I – Eu cheguei a dar aulas... fui à Relva da Louça, não havia lá professora. (...)
AL – Isto foi a construção. (...)
I – Esta era a minha escola. Portanto, a minha escola era assim. E esta parte era o telheiro.
IL – Era, o alpendre.
I – O alpendre. Era da escola dos Centenários. Todas as escolas tinham a mesma figura. Pronto.
AL – A planta era uma única, e eles fizeram todas as escolas com a mesma planta.
I – Sim. Aquela era a entrada da escola. Estava no pátio, o pátio era coberto.
IL – E o da lenha, sabe?
I – Era aqui. E depois aqui eram as casas de banho.
IL – As casas de banho são estas. (...)
I – Aqui era o alpendre, onde eles brincavam quando chovia. Acontece que eu consegui, quando fiz o jardim, levar a água daqui das casas de banho para lá, porque aquilo estava sempre a correr num cano, num cano. Foi um homenzinho que fez uma instalaçãozinha, eu comprei a mangueira, ele trouxe para ali para levar água ali para o jardim. O do meio tinha peixinhos.
IL – Tinha. Até tinha uma criança em barro assim, não tinha?
I – Isso aí já não me recordo.

IL – Tinha, tinha. As minhas irmãs têm fotografias. (...)
I – Quando as coisas não são de ninguém... cada um leva o que pode.
IL – Foi. Como não havia cá ninguém, eles vinham aqui com uma carrinha, uma camionete, e levavam as telhas.
I – E as casas de banho eram rústicas.
IL – A primeira era dos rapazes, a segunda era das raparigas.
I – E havia uma das professoras.
IL – Era do campo, mesmo.
I – Era, mas essa tinha sanita.
IL – Tinha? A sanita das crianças, a nossa, era... não sei se você ainda se lembra...
I – Rústica! Era o mesmo que fazer no campo, mas pelo menos já tinha uma casa de banho!
H – Mas a Isilda é que veio inaugurar a escola?
I – Não.
H – Inaugurou quando houve umas obras que a Isilda fez para vir dar aulas, não foi?
I – Não, não. Eu não fiz obras nenhumas aqui dentro.
H – Fez aqueles canteirinhos que até veio o tal inspetor, não é?
I – Exatamente. E o inspetor veio cá e admirou-se de uma regente escolar ter uma escola que tinha... e as crianças até se levantaram quando ele entrou. E ele veio conversar com as crianças e elas respondiam... e ele olhava para as paredes onde eu tinha os trabalhos das crianças. Recordo-me que havia ali no átrio uma mulher a fiar o desenho, o desenho. Pronto. Eu tinha o átrio cheinho e também tinha outra coisa, aquelas coisas onde a gente metia a merenda, os cacifos, nem todos estavam cheios e, então, a casa onde eu morava tinha uma escadaria por dentro, e debaixo da escadaria havia três ou quatro caixotes com coisas que tiraram para lá. Não sei quem tirou... ou quem morou lá antes de mim, não sei.
IL – A D. Amélia dá-me impressão que foi das primeiras que viveu lá.
I – Então olhe, então foi ela. Eu tinha a minha cama lá. Aquilo caia-me madeira na cabeça, na cara, quando chovia. Punha um saco de plástico de modo que apanhava a água.
IL – As nossas casas eram todas com telhas.
I – Era, era. E eu para ir à casa de banho vinha aqui à escola.
AL – Na altura não havia aí casa nenhuma que tivesse casa de banho.
I – Não, não. Não tinha.
H – Mas não têm ideia de quando é que esta escola aqui foi feita? Qual foi o ano? A escola de origem, quando começou?
IL – Eu tinha sete anos. Eu vi eles fazerem as covas aqui em volta. Eu vi tudo.
I – Então assistiu à inauguração.
IL – Sim. Até foram os Simões que pagaram o almoço para as crianças todas. Nunca a gente comeu tão bem como naquele dia! (risos)
H – Então isso foi nos anos 50.
IL – Foi.
H – E a Isilda veio para cá nos anos 70?
I – Sim.
H – 72... que são as fotografias que você tem lá da inauguração.
I – Do jardim e dessas coisas.
H – Foi em 72.
I – Pois. Veio cá o inspetor e disse: “A senhora vai para o magistério. O Marcelo Caetano está a fazer o projeto... ” pronto, como é que se chama aquilo? “Um decreto, tem um decreto feito para acabar com as regentes, mas vai-lhe dar possibilidade de se integrar no magistério primário. Principalmente aquelas que fizeram o 5.º ano ou parte do 5.º ano,

mesmo que lhe faltasse uma disciplina, podem entrar na mesma, se faltassem três ou quatro fazem-nas em meio ano lá." E calhou-me a mim, eu fui. Nós éramos dezoito, entraram umas seis ou sete só. As outras ficaram lá a fazer a outra parte. E esse senhor disse: "Eu daqui a três meses venho cá à escola inaugurar a exposição. Inaugurar a exposição." Então deitei mãos à obra e agarrei-me também às pessoas amigas. Uma amiga que tinha aqui a sobrinha dela, que era a Teresa Castanheira, não sei se se recorda. Ela era dos Correios e estava em Cardigos e a sobrinha dela estava aqui na minha escola, na minha casa. (...) Ela vinha de carro, vinha aqui, porque ela tinha o curso infantil.
AL – Educadora infantil.
I – Sim, mas ela nunca, nunca deu aulas. Ela era dos Correios. E, então, ela tinha muito jeito. Tinha ideias, tinha ideias. Felizmente eu também as tinha, mas era eu e ela, e depois com outras achegas de outras colegas e tal a minha escola era um céu.
IL – Ah pois. E estava num bom sítio aqui, não era?
I – Estava. E eu tinha aqui a horta.
IL – Tinha ali umas cerejeiras.
I – Ali uma horta onde eu tinha alfaces e batatas. E aqui à frente era o campo de vasos que eu tinha, e o jardim.
IL – O jardim era muito bonito.
I – Foi tudo feito, tudo feito. Não fui eu que fiz, fui eu que colaborei, não fiz.
IL – Cada criança fazia o seu, não era?
I – Aquele senhor lá em baixo deu o trabalhinho dele, fez os canteiros que eu desenhei. (...) Construiu os canteirinhos todos. E eu escrevi para Lisboa... ai, eu atirava-me a cada uma! Eu escrevi para Lisboa, descobri aqui uma direção de uma casa que vendia flores, sementes de flores, que mandaram de lá, porque eu tinha de ter o jardim florido. O jardim florido para o caso de vir cá o inspetor e visse que não era só no interior, mas o exterior também. Eu tinha um canteiro que era só Fila. Regava aquilo todos os dias para ela crescer... estava tão bonita quando eles vieram. O outro canteiro tinha outras flores. Cada canteiro tinha a sua flor e no meio estava o repuxozinho. Não era redondo, era em bicos! Era um Octogono. Redondo era o interior e tinha lá peixinhos. Então, eu convidei, disse ao senhor inspetor: "Se faz favor tem de vir até tal data, porque vêm as férias e eu vou-me embora." e ele disse: "Pronto, eu estarei aí em tal dia." Ele veio, veio um senhor que era ali do Aristeu que dava lá aulas no Magistério Primário, veio também de Coimbra, veio o delegado que era o Flores, o senhor Flores estava... não era na Câmara... isso era Adelino do Carvalhal. O Adelino do Carvalhal quando veio ele era tesoureiro da Câmara. E eu gastei muito dinheiro ali, percebe? Gastei dinheiro do meu, e dinheiro aos pais, trabalho dos pais. E, então, veio cá o padre Sousa celebrou a missa ali debaixo do alpendre, o padre Sousa.
A – O padre Sousa veio cá em que qualidade? Era o presidente da Câmara na altura?
I – Ai... não era não. Era o padre de cá.
AL – O padre Sousa foi muito tempo o presidente da Câmara.
I – Foi, mas ele não era presidente da Câmara.
IL – E aqui, ainda foi dita muito tempo missa, aqui nesta sala.
H – Foi dita missa aqui?
IL – Porque estava em obras ali a capela. Houve quem casou aqui!
I – Só depois de eu me ir embora é que isso aconteceu.
IL – Sim. Eu não sei se foi o Luís, se foi o Luís se foi a filha do Zé Branco que casou, houve um casamento aqui. (...)
H – A Isilda consegue saber isso?
IL – Ah... logo ou amanhã já sei!

H – Se, eventualmente, eu puder falar com essa pessoa. Se há alguma fotografia. (...) Esta fotografia então foi tirada por quem? Pela Isilda e pelo António? Quando começaram a fazer a recuperação?
IL – Sim, sim. A minha mãe morreu em 2007... ela coitadinha, ela sabia o que se estava a passar... então, o meu marido e a gente estávamos consolados, começámos a limpar, a deitar tudo o que era velho, lixo. E ela sentava-se ali numa cadeira, ela estava quase com 90 ou já os tinha... e então ela: "Vocês não vão conseguir isto... ", e o António dizia: "Esteja descansada que isto vai ser nosso!", e a gente trazia-a: "Olhe, agora vamos lá fazer mais uma limpeza... " e sentávamo-la ali.
H – Então começou as obras mais ou menos por essa altura? Foi em 2007 que começou a restaurar?
IL – Sim, sim... a limpar.
H – Aqui... isto é a mesma coisa... a mesma perspectiva da escola, não é? Ali, vista de cima.
I – Isto é a perspectiva de trás.
IL – Não sei de onde é que tu tiraste aquela fotografia, se foi lá de cima de casa dos meus pais...
H – Basicamente, isto, foi aquilo que vocês encontraram em 2007, não é?
IL – Pois.
H – Não tem ideia de quando é que deixou de haver escola aqui? Quando é que acabaram com a escola, as aulas?
I – Eu depois... como o inspetor veio cá e resolveu o problema. Ah! Quer dizer... essa gente toda que cá veio, eram setenta pessoas, e eu comprei um cabrito que foi assado na casa da Lucília, um cabrito. A minha irmã veio da Covilhã, que tinha cá um filho na escola, trouxe um bolo grande, as mulheres aqui todas, todas deram, ajudaram e eu fiz aqui na escola, numa mesa cumprida, éramos setenta pessoas a quem dei o almoço. Porque vieram as professoras de Proença-a-Nova. As professoras e a D. Idalina. Recordo-me que eu tinha de mandar fazer aos garotos todos um carrinho: "Desde que tenham rodas pode ter por cima o que quiserem." Era uma caravana: "Façam isso e vão ver quem é que ganha."
IL – E era com os carrinhos das linhas que eles faziam?
I – Com qualquer coisa. Se o carrinho tombasse para o lado perdia. E a D. Idalina agarrou num disse: "Eu também vou." Ela lá ia com o carro, essa mulher...
H – Portanto, depois da Isilda ir embora continuou aqui escola?
I – Escola um ano. Foi a Milita, a Milita Sequeira que me veio substituir aqui dois anos, dois anos. E eu estava no Magistério. Quando vim do Magistério vim para cá outra vez. E depois aí estive cá três ou quatro anos, porque fui para o desporto.
H – Depois foi a mesma professora que ficou cá ou veio outra rendê-la? Como é que foi?
I – Não. Veio outra professora. A professora Cândida veio para cá depois da Milita Sequeira. A Milita ficou em Proença.
H – Foi sempre mantendo contacto com os professores? Soube sempre quem é que foi ficando aqui na escola a dar aulas?
I – Sim.
H – E conhece essas senhoras?
I – Sim.
H – Muitas são vivas, não é?
A – A Cândida é a mulher do Santos?
I – É. A Cândida é a mulher do Santos. Essa esteve cá. Essa aí é que veio substituir-me a mim. Embora a Milita Sequeira cá estivesse. A Cândida é que me veio substituir. Quando

eu cá cheguei a Cândida foi para Proença e eu vim para aqui porque a escola era minha. Mas eu como professora tinha de concorrer, mas a escola era minha e eu estava segura, porque eu tinha cá ficado por concurso. Depois houve um concurso entre os professores todos, houve votos para escolher uma pessoa, eu tinha saído do Magistério... e eles votaram e eu fiquei no desporto escolar. O desporto escolar era assim, havia em cada concelho um elemento e eu era de Proença-a-Nova. Havia todos os concelhos do distrito, uma coordenadora. Eu ia à escola, fazia uma ficha dos alunos, da professora e ajudava nas festas de Natal. As festas de Natal aqui nesta sala.
IL – Eram bonitas, não eram?
I – Eram lindas, eram tão lindas e era a coisa mais bonita que eu tinha era no final da festa os pais todos, todos, todos, nenhum ficava em casa. Todos me iam cumprimentar, era só quando eu os conhecia. Porque os pais trabalhavam, não vinham cá... não vinham cá pôr os meninos. (...)
H – Pronto. Então foi fechada quando, a escola? Isilda, sabe?
IL – Há mais de 30 anos.
I – Há mais, há mais.
AL – Há 42 anos estávamos no Canadá e ela já estava fechada.
I – Olha que não...
AL – Estava fechada estava, aqui já não funcionava, olha que não Isilda. Em 73 viemos cá e não funcionava.
IL – A Isilda Pereira ainda andou na escola aqui... e o Zé António, e a Idalina.
AL – E que idade é que eles têm?
H – Pois, não pode ser, porque se ela diz que ainda aqui houve não sei quantas professoras depois de 72. Quem é que saberá, Isilda, a data em que fechou?
IL – Esses meus irmãos, que vêm aí, eles estivaram cá sempre, eles devem saber.
I – Se eles fizeram a 4.ª classe comigo... eu estive cinco anos no desporto escolar, cinco anos. Eu vim do magistério primário em 45... não... não estou assim muito bem da cabeça... acho eu...
IL – A história já é tão longa, não é? Já é tantos anos que a pessoa...
I – É. Acho que foi em 45 que eu vim do Magistério. No desporto escolar estive cinco anos e a seguir ao desporto escolar eu estive dois anos no PIPSE, dois anos. Em Proença, na delegação escolar. Eu no desporto escolar ia às escolas, jogava com as crianças, ensinava os teatros na festa de Natal... pronto. Conversava com a professora, hum... assuntos, assuntos que eu tinha para elas. Isso era o desporto escolar. Em cada concelho havia um delegado do desporto escolar. Depois é que eu fui para o PIPSE. No PIPSE era eu e outra pessoa, a Olga, era ela e eu. Éramos as do PIPSE. E o quê que era o PIPSE? Eu agora se soubesse as iniciais dizia qualquer coisa, mas... o PIPSE era assim, havia crianças que não aprendiam na escola...
H – Programa de Inserção ou de... de Inserção Pedagógica...
AL – Social, talvez...
H – Para o Sucesso Escolar.
I – Ou do Insucesso Escolar?!
H – PIPSE tenho ideia que era para o sucesso escolar.
I – Eram crianças que não aprendiam na escola, percebe? Que tinham muitas dificuldades. Então, a gente vínhamos à escola e fazíamos... avaliávamos pelos olhos, dizíamos: "Olha, este tanto faz andar na escola como não." A gente nunca o tirávamos da escola, o que é que fazíamos? "O quê que queres ser quando fores grande?", "Ai eu gostava de ser isto." Uma disse-nos que gostava de ser cabeleireira, uma moça que não dava nada na escola. Arranjávamos uma cabeleireira onde ela ia um dia por semana, essa pessoa recebia três e

quinhentos... a cabeleireira... de ter lá aquela moça, e de a ensinar naquele dia a cortar cabelo. Pronto. (...) Isso é que era o PIPSE. Todas as escolas tinham daqueles que se chamavam "os burros."
IL – Havia muita criança que tinha muita dificuldade.
I – Pronto. Então estivemos três anos aí. Depois o PIPSE acabou. Já não havia mais crianças dessas... esta coisa da escola muda todos os anos. Depois, então, fui para a Atalaia de Estevão Vaz. E esta escola fechou.
H – Esta aqui do Caniçal? Foi quando já estava na Atalaia?
I – Sim. Eu depois concorri para a Atalaia. Eu saí daqui, concorri para a Atalaia.
H – Então a escola deixou de ter professora quando a Isilda concorreu para a Atalaia? O lugar ficou extinto aqui?
I – Sim, sim, sim. Aqui... já não havia crianças.
IL – Pois, foi nessa altura que fechou.
I – Eu fui para a Atalaia e na Atalaia, estavam lá uns Centenários também. Foi quando lá abriu o infantil. Fez-se uma casa lá perto da escola que tinha crianças pequenas, porque a Atalaia tinha muita gente. Éramos duas professoras e duas salas.
IL – Eu dá-me noção de que aqui, quando já havia poucos alunos, tinham de ir para o Vale de Água. Ainda houve alguns que iam para o Vale de Água.
I – Nas nossas festas, os daqui iam ao Vale de Água e os de Vale de Água vinham aqui. E os do Pergulho. Fazíamos as festas juntas, os magustos juntas.
A – O Vale de Água e o Pergulho tinham uma escola só, ou eram duas escolas?
I – O Vale de Água tinha uma.
A – E o Pergulho tinha outra?
I – Outra, sim, sim. (...)
H – E esta foto aqui?
IL – É... as janelas aqui da frente. (...)
H – Tudo isto é a recuperação da escola?
AL – É... mas havia mais.
I – Aqui era onde eu punha a bandeira.
IL – E ainda lá está.
H – A Isilda punha sempre a bandeira? Sempre hasteada?
I – Não! Era só quando havia qualquer coisa...
AL – Mas esse suporte ainda está lá. Não o tirámos, está lá.
I – Era ali que se enfiava o pau da bandeira...
IL – As crianças aqui eram bem educadas. Quando a senhora professora chegava além a gente tinha de fazer duas filas. Assim que a senhora professora chegava... era a D. Amélia.
I – Ah, no tempo da D. Amélia!
H – No tempo da D. Amélia faziam fila. A Isilda não fazia nada dessas coisas?
I – Fazia! No Sobral Fernando. Aqui não, já não fazia.
IL – E se a gente estava nas aulas, e batiam à porta, se alguém entrava, nós éramos obrigados a levantar.
I – A levantar todos! Isso é verdade. Isso foi sempre até ao final.
IL – A gente ia à fonte, se era à noite a professora estava lá na janela, a gente ia à fonte e éramos obrigados: "Boa noite, senhora professora!"
AL – À Hitler!
I – À Hitler!
A – Era na Mocidade.
I – Eu no Caniçal Cimeiro... que foi onde eu tive as coisas melhores, melhores quer dizer nesse campo, hum... eu chegava lá, os meninos todos de batinha branca, eu só tinha sete,

sete garotos, seis rapazes e uma rapariga. Portanto, só sete, mas também era uma casa pequenina... era a minha casa e a escola. (...) Eu brincava muito com as crianças por isso é que eu na escola mantinha uma disciplina grande na minha escola: "Agora é para trabalhar!", pronto, todos trabalhavam ali. "Minha senhora eu já fiz", "Então agora pegas num livro e lês. Estudas. Sempre que acabes, pega num livro que tens aí que ler, que estudar... tens de estudar até que todos acabem." E depois mudávamos de disciplina. E recordo-me que havia ali um rapazinho no Vale da Carreira, que tinha um defeito num olho, o irmão da Céu. (...) Ele era Abílio?

IL – Não era o que morava ali na primeira casa quando a gente vai para o Vale da Carreira? Uma casa assim que dá para a ribeira para baixo? (...) Eu lembra-me dele... ele até tinha dificuldade num pé...

I – E num olho... mas era esperto! O garoto era muito bom aluno e, então, a gente jogávamos a bola e fazíamos duas equipas (...) e, aqui em baixo, estava um filho da Lucília, o Manuel António. Esse rapaz foi o mais difícil aqui na escola. Muitas dificuldades. Esse aí levou muita chapada e muita reguada.

AL – Esse era gémeo com a irmã... a Isilda.

IL – Então essa também foi sua aluna?

I – Foi, ela também foi minha aluna. Mas ela era boazinha, agora ele não andava para a frente nem por nada! Então ele na bola, não valia nada também! E esse tal do olho assim, que era muito esperto... atiravam para onde eles queriam a bola... ele tinha a bola na mão e queria que o outro a apanhasse, e dizia assim: "Ei que tu estás sempre a fazer renda!" dizia-lhe o outro para ele, para o Manel António.

AL – Quer dizer... que estava distraído!

I – Sempre distraído! "Tu estás sempre a fazer renda rapaz, nunca apanhas a bola!"

A – Agora voltando atrás, e vendo o sinal da Mocidade, lembra-se de alguma revista da Mocidade Portuguesa que era distribuída na escola? No vosso tempo havia alguma revista?

AL – Não tenho ideia...

IL – Não sei...

I – Eu também não.

A – Mocidade Portuguesa Feminina, chamada Lusitas.

I – Lusitas, Lusitas... e até havia um hino.

A – Lembra-se disso?

I – Ora lembro, lembro, quero dizer... sou desse tempo! Eu sou desse tempo dos Lusitas.

A – Era uma revista, era Lusitas.

A – Mas não se lembra como é que ela chegava à escola?

I – Não, não. Isso... com certeza que vinha por correio.

A – Eu tenho lá algumas, quer dizer em minha casa eu tenho lá algumas de 1954.

I – Então foi quando eu nasci...

A – Não nasceu nada! Então, em 54 nasci eu!

I – Mau...

IL – Tinha eu cinco anos.

AL – Você nasceu muuuuito antes.

A – Muito antes! Aí em 34...

I – Eu fiz 84...

AL – Então está a ver!

A – Eu estou a dizer 1954.

I – Ah está bem... pronto. Mas eu sou do tempo dessa Mocidade.

A – Da Lusitas, da revista.

I – Não, da revista não, não. Não me recordo dela. O Santiago é que deve ter essas revistas... porque aqui na minha festa... eu tenho lá a fotografia, se a encontrar ainda lha trago... ele trazia os dois filhos fardados... com o fato da Mocidade. Que depois do 25 de Abril nunca mais apareceram! O Paulo e o Jorge vinham aqui para a festa, vinham assistir à inauguração, e a comer aqui na mesa, e os pais (...). O Santiago pôs os filhos nessa coisa... eles tinham a farda. Eu até gostava de ter essa farda, para pôr no Museu. Ontem vi uma coisa muito interessante, que ainda vou lá pedir ao aluno... sabe o que é? Uma cilha de um burro...

AL – Uma cilha? Que segurava a albarda? Só quem tinha burros, e albarda... só que isso era raro, porque aqui tinham burros e machos, mas não tinham albarda, porque não era para se andar a cavalo no burro... não. Aqui era para trabalhar! Quem tinha o burnil, o encosto... o burnil e a câmbia... isso a gente tem!

I – A canga, a canga.

A – Isso há muita gente que tem... agora a albarda. (...)

I – Vi lá aquilo, aquela cilha... porque eu tinha um burro na Catraia.

AL – Mas quem é que alimentava o burro?

I – Era a dona, do Caniçal. Porque o burro não era meu! Havia um burro lá, que era mansinho, era sempre nos Sábados, e nas Segundas-feiras... para a professora.

AL – Ah, quer dizer, levava-o no Sábado e vinha na Segunda-feira com ele?

I – Eu vinha, não era em carro! Era em cima do burro... na albarda, quanto tinha a cilha. Eu ia no burro para lá, lá tinha um palheiro para o pôr... e metia-lhe uma faixa. O meu pai tinha isso. E na Segunda-Feira, albarda para cima, atava-o e vinha para baixo. E isto acontecia às vezes, porque outras vezes, eu tinha um garoto, que hoje é um homem tem filhas já médicas, que o gaiato estava com 7 anos na escola... 7 anos, porque antigamente entravam com 7 anos, e ele estava com 7 anos na 1.ª classe, o meu primeiro aluno da classe... e isso também é outra história...

– João Alves Catarino –

Naturalidade: Chaveira
Data de nascimento: 19-10-1934
Residência actual: Chaveira (Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe, e 2.º ano do liceu

– Maria da Soledade Silva Delgado –

Naturalidade: Chaveirinha (Mação)
Data de nascimento: 23-01-1936
Residência actual: Chaveira (Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe

Entrevista ao casal realizada por Helena Cabeleira e António Manuel Martins Silva (gravação audio), em Chaveira (17-10-2019).

[VOZES: João Catarino (J), Maria Soledade (S), António (A), Helena (H)]

J – Eu fiz a 4.ª classe com dez anos aqui na Chaveira e depois com dez anos o meu pai levou-me como servente para carregar baldes de massa, que eu não podia com o balde cheio. Quando eu tinha treze anos abriu o colégio em Cardigos.
A – O que você chama colégio é a casa da professora Celeste?
J – Da professora Celeste, sim. É agora a casa do Marques.
J – Prédio do Moleque... era como se chamava aquilo.
H – Moleque?
J – Sim. Prédio do Moleque.
H – Mas era nome ou era alcunha? O que era isso?
J – Nós chamávamos-lhe assim.
H – Faz lembrar uma coisa brasileira ‘o moleque’, que é um miúdo...
A – Moleque é um termo africano.
J – Moleque quer dizer criado.
A – Criado, é o moleque. Os africanos também têm essa...

J – E, então, abre o colégio, o meu pai ouviu dizer que abria o colégio e foi lá falar com a senhora e eu não me lembro, mas também acho que fui. Foi lá falar com a senhora para saber como é que aquilo funcionava. Funcionava... ela dava-nos aqui aulas, mas tinha um colega, ou tinha alguém da secretaria do Liceu Sá da Bandeira em Santarém que nós estávamos lá inscritos. Inscrevíamo-nos lá, íamos lá fazer os exames e ela dava-nos aqui aulas.
A – Era o ensino doméstico e iam lá fazer exames.
H – Para todos os efeitos tinham de estar lá inscritos, matriculados, não é? Só que depois, em termos de aulas, não iam lá.
J – Não íamos lá.
H – Preparavam-se só para exame?
J – Sim. Estudávamos diariamente.
H – Sr. João, vou-lhe pedir aqui uma coisa, para isto ficar aqui tudo direitinho que é... essa história, tudo isso é o que nos importa aqui... mas se me puder dar o seu nome completo, para nós fazermos aqui uma ficha.
J – Eu dou-lhe tudo. (...) João Alves Catarino.
H – Então, é mesmo natural da Chaveira?
J – Da Chaveira (...). Nasci cá, nasci aqui. (...) Cardigos (...), 1934. (...)
H – É casado, certo?
J – Há sessenta e dois anos. (...) Estou casado há sessenta e dois anos e só conheci aquela. E trabalhei com quinze ou dezasseis mulheres. Mas nunca me esqueci de quem tinha em casa. Quando era nova, era bonita! Agora é como eu! Somos velhos! (...)
H – Então... em termos totais, do que fez de escola, o que é que tem? É o liceu, é a primária? Quantos anos é que fez no todo?
J – Oficialmente? Oficialmente fiz o 2.º ano do liceu, oficialmente.
A – Era o ensino preparatório, não é?
H – É... o equivalente agora ao ensino básico, ao Ciclo.
J – Ao 6.º ano. Mas fiz a 4.ª classe com dez, e depois para fazer a admissão tive de estar um ano a preparar para a admissão, porque já há três anos que estava fora.
H – Não fez isto tudo seguido, foi isso?
J – Fiz a 4.ª classe... tive três anos de interregno, depois entrei na admissão ao liceu, fiz a admissão, e depois fiz 1.º e 2.º, estava matriculado no 3.º sou chamado lá para os Correios, foi o meu emprego. Com dezasseis anos de idade fui para os Correios.
H – Pronto, então em que escolas andou, no total? Foi aqui na Chaveira, a escola primária?
J – Foi aqui na Chaveira. Eu aqui não sei como é que vou designar...
H – Esteve matriculado, não é?
J – Sá da Bandeira.
A – Não, o ensino doméstico. Aquilo era ensino doméstico.
H – Sim, mas eu já agora queria saber o nome da escola, não é? Que era em Santarém.
J – Liceu Sá da Bandeira. Quando foi na prova escrita do 2.º ano, dispensava-se com treze e meio. Não se fazia a oral, passava-se com treze e meio. Era. E eu tirei treze vírgula quatro. E eu, por tirar treze vírgula quatro, por um décimo, tive de lá estar quinze dias, à espera que me chamassem. Aquilo era por ordem alfabética. Não havia ‘massa’ como há agora, não é?
H – Isso era para a prova escrita e depois a espera para a oral?
J – Quinze dias! E quem é que era a nossa pensão? Um senhor dos Casais de São Bento, que era polícia.
H – Ficava lá numa pensão, era isso?

J – Não era uma pensão, não. Na casa de uma pessoa amiga, que era aqui dos Casais de São Bento, e era polícia e era o... não é bem guarda-costas, mas era... do governador civil de Santarém, que era o Dr. Abílio Tavares.
A – Era o segurança.
J – Esse polícia era o segurança do governador civil. E teve dois filhos em que um era coronel, Álvaro Martins da Silva, que foi até comandante do Lalis muitos anos. E o mais novo, o Fernando, que foi diretor, já está reformado, foi diretor de uma antiga união de bancos dos serviços internacionais... era o diretor do serviço internacional do banco. De maneira que estávamos ali, eu com os rapazinhos ao colo, estávamos ali epah... Aquilo tudo, eu tenho de dizer a verdade, a casa toda deles era mais pequena do que aqui este rés do chão...
H – E quantos rapazes ficavam? Quantas pessoas?
J – Era eu e era mais outro rapaz que já morreu.
H – Foram todos na mesma vaga fazer o exame, foi isso?
J – Era o pai do Paulo Saragoça da Mata, que é um advogado...
A – Acho que andou também aqui, que andou também aqui a estudar. E andou convosco lá.
J – Eu andei um mês sozinho na escola. Eu entrei para a escola a 1 de Setembro para o Prédio do Moleque, de Cardigos.
H – Isso foi naquela fase em que se esteve a preparar para o exame, para a admissão?
J – Para a admissão, sim. (...)
A – Portanto aquilo era, como é que aquilo funcionava? Era um ensino doméstico com inscrição no liceu oficial para ir lá fazer exame. Eu fiz igual, eu andei no seminário... e no seminário eram os padres que ensinavam a gente e depois íamos fazer exame ao liceu. Ia fazer exame ao liceu de Portalegre quando estava no Gavião, e ia fazer exame ao liceu de Castelo Branco quando estava em Alcains. É o mesmo sistema.
H – Voltando atrás, o Sr. João tem a instrução primária e o equivalente ao 6.º ano dos liceus?
J – Era. Depois fiz, como é que se chama agora esta coisa que eles puseram? As Novas Oportunidades.
A – O equivalente ao 9.º ano e isto, para todos os efeitos, é igual. É as Novas Oportunidades do 9.º ano. Portanto, no fundo, a escolaridade que ele tem é o 9.º ano. Fez como adulto num sistema que dá outras oportunidades. Em que ano é que isso foi? (...)
H – Então completou este 6.º ano dos liceus, e depois andou nas Novas Oportunidades há pouco tempo, não é?
J – Foi aqui há uns sete anos ou oito.
H – Então conte lá essa história.
J – A história é que as Novas Oportunidades eram o seguimento do 3.º ano, faz de conta. E eu, em regra geral nessa altura ainda lia muito. Porque a minha vida, a minha vida praticamente foi só a ler. A minha vida nos Correios foi dividida... em dividir cartas, trabalhava em Lisboa e dividia cartas para os cacifos, para os carteiros distribuidores, cada um tinha o seu cacifo, e ia buscar as cartas. No Terreiro do Paço, que era a antiga central, éramos noventa e cinco revisores. Quando eu fui para lá, fui entregar telegramas com dezasseis anos até aos vinte e um. Andei a abrir marcos dois anos. Comecei a estudar coisas do correio, comprei dois mil envelopes, escrevi dois mil envelopes com as ruas, praças, becos, travessas de Lisboa inteira. E treinava sem ninguém saber numa zona ali no Alto de São João, com duzentos e trinta e sete buracos cada giro. Uma coisa em ferro com duzentos e trinta e sete cacifos. E fui campeão e ninguém foi capaz de derrubar a minha... todos os anos fazíamos uma prova de aptidão profissional. Eu ganhava mil e cem escudos e o concurso dava dez contos. Dez mil escudos. O campeão era duzentas e vinte e uma carta.

A – E você meteu quantas?
J – Quatrocentas e cinquenta e oito. Estava treinado e eu sabia bem. Aquela que foi a minha professora (apontou para a esposa)... ia para ali, punha o relógio fora do bolso, era só oito minutos, só oito minutos. Quando acabei a prova quase que não era capaz de falar! (...)
H – Lembra-se de datas? Na escola primária andou de que ano a que ano?
J – De 40 a 44.
A – Aqui na Chaveira?
J – Sim.
A – Quem é que era a sua professora?
J – A professora era... Piedade. Maria da Piedade Azevedo.
A – De onde é que ela era?
J – De Cardigos. Foi ela os quatro anos minha professora.
A – Está bom. E quando é que foi criada aqui a escola primária?
J – Em 30 e... Epah...
H – Depois aquele período em que esteve matriculado no liceu, e que fez aquele ensino, foi de que datas a que datas? Tem isso presente?
J – Foi... tenho. Então foi a 1 de setembro de 47 que eu fui lá à escola.
A – Em Cardigos. Você foi dos primeiros alunos?
J – Fui o primeiro. Andei um mês sozinho.
H – Mas isso era uma escola? Naquele prédio?
J – Sim, naquele prédio. Só lá estava a professora.
A – Celeste Dias.
J – A D. Celeste e a mãe dela. (...)
H – D. Celeste quê?
J – Dias Cardoso. E a mãe dela a gente só chamava a Ti Marquitos. Eu chamava-lhe a avó Marquitos à mãe dela.
A – Portanto, ela ensinava, a D. Celeste. Ela era professora diplomada.
J – Era diplomada de liceu, sim.
A – Ela veio de Castelo Branco para Cardigos. Naquela altura o marido faleceu e ela veio para Cardigos para a casa de família.
J – Ela tinha enviuvado pouco tempo antes destas coisas todas.
A – E ela era professora diplomada?
J – Era. E dava Inglês e Francês... dava tudo. As disciplinas todas. Preparava os alunos. Eu andei lá três anos. Fui de 47 a 50.
H – Lembra-se no ano em que se propôs à admissão do 6.º ano?
J – Foi logo em 1947. Fiz exame final em 50. E fui para os Correios em...
A – Isso da admissão era um exame, eu também fiz a admissão, no meu tempo também havia. Era um exame. Havia duas admissões. Havia a admissão ao liceu e havia a admissão à escola industrial e comercial.
H – E depois nesse interregno esteve a trabalhar, não foi? A sua vida foi a trabalhar nos Correios como já disse. E depois voltou a frequentar esse das Novas Oportunidades.
J – Aqui já na Chaveira. Como reformado. Eu já estou reformado há trinta e um anos.
H – Portanto, isso foi quando? Quando é que frequentou isso?
J – Eu não sei bem, mas se calhar... aí há sete anos. Aqui ainda éramos muitos, há mais de sete anos talvez.
A – Foi no tempo do Sócrates, ele é que forneceu isso.
H – E quanto tempo esteve lá nesse curso?
J – Não sei, mas foi... uns seis meses.

A – E lembra-se qual foi o seu trabalho final?
J – Era a agricultura. Sobre os tratores, sobre a plantação de oliveiras, porque eu reformei-me e... dediquei-me à agricultura e tal.
H – As habilitações dos seus pais, sabe o que é que eles tinham?
J – O meu pai tinha a 3.ª classe e a minha mãe não sabia ler nem escrever.
H – Ela nunca soube ler nem escrever, é isso?
J – Nunca soube, e o meu pai tinha a 3.ª classe.
H – Se ele fosse vivo que idade tinha, sabe?
J – Sei. Nasceu em 1911, portanto tinha cento e nove anos. Cento e oito.
H – E a sua mãe?
J – A minha mãe nasceu em 1902... tinham nove anos de diferença. (...) Ela era mais velha.
H – E quantos irmãos teve?
J – Eu não tenho. Eu sou sozinho. A minha mãe teve oito irmãos e o meu pai tinha, chegou a ter dez.
A – Iam morrendo?
J – Iam.
H – E tem filhos?
J – Dois rapazes. (...) Quatro netos. Um casal cada filho.
H – E a sua esposa qual é a escolaridade que ela tem?
J – A escolaridade... 3.ª classe só.
H – Lembra-se do primeiro dia em que foi à escola?
J – Lembro-me. (...) Então o quê que se passou? Não passou nada! A minha mãe tinha daquelas sacas do adubo, da CUF, fez-me o saco para a escola. Cortou e fez. (...) Chamava-se uma mala de escola. Aqui não era como a cidade, está a perceber? Nós aqui na aldeia...
H – Lembra-se que usou essa sacola e lembra-se da roupa que levou? Se tinha sapatos, se não tinha?
J – Tinha. Então vestia normalmente já. Eu já vestia normalmente. Também não tinha irmãos e tal, o meu pai era pedreiro e ia ganhando alguma coisita. Andei sempre calçado, sempre.
H – Nunca passou frio?
J – Não.
H – Nem fome?
J – Não. Felizmente não. Não. Nós aqui, a nossa escola, recebia aqui os meninos de São Bento e do Casal ao lado. Eles vinham a pé e faziam aqui a primária, era aqui que era feita. Era normal. E não tenho assim da escola primária não tenho nada... sei que o meu companheiro de carteira foi o meu companheiro de carteira da 1.ª à 4.ª classe, tanto que nunca vi que ele faltasse. O rapaz está no Brasil, (...) ainda é vivo. Ele vem cá várias vezes do Brasil, não vem muitas, mas vem.
H – Não há memória nenhuma que lhe tenha ficado desse dia? O que é que aconteceu lá, o que é que deram?
J – Nada de especial.
H – O edifício da escola ainda é no mesmo sítio de agora?
J – Era.
H – O edifício era mais ou menos aquilo, ou era diferente?
J – Igual. Ainda tem mais uma cobertura.
H – Eram quantos, lá dentro, lembra-se?
J – Chegámos a ser sessenta.

H – Eram as classes todas, não era?
J – Sim, 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª.
H – Da sua geração, eram quantos quando entrou, no ano em que entrou?
J – Para aí entre quarenta a cinquenta. Depois de eu já ter quinze anos ou assim chegou aos sessenta.
H – E foi sempre a mesma professora que esteve lá?
J – Foi sempre. Desde o primeiro dia até à saída, ela, os quatro anos fê-los aqui. Depois vieram várias. Vieram a D. Conceição, vieram várias. Eu depois fui para o Correio e a minha mãe e o meu pai foram atrás de mim para Lisboa e chegaram a viver aqui na minha casa duas professoras.
H – Chegaram a viver na sua casa?
J – Aqui. Na casa antiga. Isto foi tudo demolido e foi feito de novo. Chegaram a viver.
H – Pois, era comum as pessoas da aldeia, quem podia dar a casa... e elas pagavam alguma coisa?
J – Não, não, não. Claro que era uma casita muito diferente desta, mas tinham lareira, elas arranjavam lenha e os alunos também. (...) A minha casa estava vazia, a minha mãe e o meu pai já tinham ido para Lisboa comigo.
A – Não estava cá ninguém, por isso é que elas estavam cá.
H – Não foi no seu tempo de aluno?
J – Não, não. Eu não estive cá com professora nenhuma, mas estiveram cá pelo menos duas. E vinham lá do Fundão, ali daqueles lados...
H – Pronto. E não se lembra das coisas que levava para a escola? Era a sacola, era um livro, era a ardósia, era o quê?
J – Era tudo. Levava os livros que se estudava naquele dia, a Geografia, livro de História, os cadernos, os lápis, tudo normal.
H – Os lápis... aquela lousinha com o lápis de lousa?
J – Isso era. Eu já tinha cadernos... com lápis de pau. Não havia cá esferográficas ainda, não havia a BIC!
A – A caneta era a de aparo, não é? Aquela de aparo?
J – Era, era. Quase todos estávamos dois a dois e havia tinteiro com a tinta metida num buraco, a professora é que fazia a tinta, ou alguém a fazia não sei, sei é que estava sempre com tinta. Tinha sempre uma caneta ali assim e outra aqui, mas era daquelas...
H – E lembra-se de algum livro dessas matérias que davam? O que é que gostava mais de estudar?
J – Estudava tudo.
H – Estudava tudo bem. Não havia nada de que gostasse mais? Que tivesse mais tendência, como se diz... para a matemática, para o português ou para a geografia. Era tudo igual?
J – Para mim era tudo igual. Eu não tinha disciplina preferida, era tudo igual.
H – Pronto. Já disse que foi sempre a mesma professora. E o Sr. João achava que ela era boa professora?
J – Ela era boa demais! Mas também batia. Eu só ouço do ouvido esquerdo, tenho o tímpano direito furado desde os seis anos de idade e não ouço nada deste ouvido. Quando era nos ditados eu trocava muito as palavras parecidas, aquelas palavras parecidas, por exemplo "brevemente" com "docente" com... ainda apanhei algumas reguadas. Ainda apanhei algumas reguadas por causa disto e eu não tinha culpa nenhuma. Se eu estivesse assim bem virado para a professora, com o ouvido para a professora...
H – Mas ela sabia do seu problema?
J – Ela sabia, mas não me perdoava! Mas eu, pronto... eu fui sempre bom aluno.

H – Olhe, mas ela dava assim castigos em geral?
J – Não. Uma reguadazita.
H – Não exagerava?
J – Não, não, não. Nem batia na cabeça.
A – Era só as mãos, as palmas das mãos... nem nas costas, nem nada?
J – Não. Era sempre mãos. Ela não exagerava.
A – E castigos, sem serem físicos? Assim, pôr a malta de castigo?
J – Eu nunca fui castigado assim na escola. Não, não, não. Eu nunca fui castigado, nem por chegar tarde, nem... pronto, para mim ela foi uma boa professora.
H – Ela dava umas palmadas quando não sabiam ou quando não acertavam, mas era aquela pessoa ou aquela professora que, se via que os alunos trabalhavam bem, também era capaz de... também elogiava?
J – Também.
H – A senhora tinha que idade, mais ou menos, quando foi professora do Sr. João?
J – Ela estaria nessa altura nuns cinquenta e picos anos. (...) Entre os cinquenta, cinquenta e cinco. (...) A professora estava hospedada na casa que é hoje do veterinário.
H – O Sr. João teve essa professora e depois teve a outra do ensino doméstico. Essa D. Celeste, não é? Foram as únicas professoras que teve?
J – Sim, foi.
H – E acha que elas tiveram influência depois na sua vida futura, no seu trabalho?
J – Se calhar tiveram... .sei lá! Se eu não vou para os Correios, se o meu pai não me tem enfiado nos Correios eu se calhar hoje teria algum curso, seria, sei lá, seria alguém na vida e assim, olhe...
A – Sente que tinha bases para isso?
J – Eu tinha bases para isso. (...) Houve muita gente, esta gente admirava-se: "Um rapaz tão novo vieste parar aqui."
H – Conte lá essa história do tempo em que andou aqui em Cardigos, com essa professora...
J – Então, agora há estrada, na altura não havia estrada, era por carreiro... íamos a pé. Sempre a pé! Andei um mês sozinho. Daqui para lá sozinho... ia e vinha. Tinha de estar lá sempre às nove horas. A saída às cinco.
A – De inverno já saía à noite.
J – À noite. E eu vinha sempre, como andava sozinho, vinha sempre na galga, na galga. Depois, um mês depois, em conversa com o meu pai, e um vizinho ali que é o avô do tal advogado Saragoça da Mata, nunca ouviu falar nele na televisão? (...) E, então, foi lá inscrever também o filho. Começou em Novembro logo, um mês certo, pagávamos cem escudos por mês. Á professora.
A – Quanto é que era o ordenado de um dia? Um trabalhador do campo ganhava quanto por dia?
J – Vinte "mérréis"... vinte escudos, mais ou menos, nessa altura. Entre os vinte e os vinte e quatro.
H – Portanto ela, por mês, levava cem? Cem escudos, por aluno.
J – Cem escudos, por aluno.
A – Para as disciplinas todas?
J – Sim. Para tudo.
A – Então e onde é que vocês comiam?
J – Levávamos a bucha daqui. Levávamos sempre a bucha. Levávamos a bucha, tínhamos o recreio, jogávamos à bola... eu era o mais velho. Como eu já tinha treze anos, a maior

parte do pessoal que depois se foi inscrevendo era tudo até à 4.ª classe. Eu é que fui... era o mais velho, já tinha treze anos quando para lá fui. Andei lá dos treze aos dezasseis.
H – Essa senhora era professora em escolas, e depois começou a dar em casa?
J – Foi. Ela dava aulas em Castelo Branco. Não sei se pediu, como é que se diz? Quando a gente pede dispensa num emprego?
A – Licença sem vencimento. Não. Ela reformou-se e veio para ali. Ela já não era nova.
J – Não, não era nova. (...)
A – Foi, foi. Reformou-se e veio para ali. Mas como é que eram as aulas lá? Havia intervalo de aulas como é que era isso?
J – A sala era mais ou menos... aí uns 35 metros quadrados. Não tinha lá apetrechos, não tinha lá nada disto. Nós os alunos... ela mandou fazer mesa corrida, assim várias mesas. Ela dava aulas, por exemplo, dez alunos no 2.º ano separava-os, não sei se está a ver. Tinha oito alunos, isto é um exemplo, no 1.º...
H – Então, estavam todos em simultâneo, na mesma sala?
J – Na mesma sala em espaços diferentes. (...) A gente brincava ali no quintal. (...)
A – Mas as aulas tinham quanto tempo?
J – Mais ou menos uma hora. Era cinquenta minutos a uma hora. Era tudo normal, tudo normal.
H – Então, mas ela dava a toda a gente ao mesmo tempo durante essa hora, era isso? Ou tinha grupos diferentes ao longo do dia?
J – Ela fazia assim, isso lembro-me eu bem. Estava a dar uma aula aos do 2.º ano, mas tinha os do 1.º entretidos a fazer trabalhos. Trabalhos referentes a esse ano. Ao ano deles, está a perceber? Passava-lhes trabalhos para aquela hora para eles fazerem. E caladinhos! E ela estava aqui a dar a aula aos do 2.º.
A – Depois faziam ao contrário?
J – Exatamente. Pois. Não, aquilo era tudo organizado.
H – Qual é que era o método que ela usava? Deixava uns a trabalhar e ia atender os outros, não é? Portanto circulava?
J – Sim. Circulava.
A – Ela expunha a matéria e explicava?
J – Sim. (...)
H – Quantas raparigas estavam nesse grupo?
J – Muitas. Muitas!
H – Todas para fazer o liceu?
J – Tudo. (...) Eu andei com muita malta ainda aqueles três anos.
H – E o objetivo era sempre o mesmo, era irem fazer as provas ao liceu?
J – Sim, e foi tudo assim.
H – Outros que andassem lá só para fazerem as disciplinas para saberem alguma coisa?
J – Não, não, não, não.
H – Era para ir sempre a exame?
J – Era, era. Isso era estudar a sério ali. (...)
A – Chumbavam muito lá em Santarém? Havia muitos chumbos ou nem por isso?
J – Mais ou menos. Que eu me lembre chumbou a filha do Manuel Ferreira, a que está em Alpiarça. Essa é que chumbou no 2.º. Eu fiz o 2.º ano e fui-me embora, ela não voltou. Até eu me ir embora não chumbou mais ninguém.
H – O Sr. João tem alguma coisa desse tempo? Algum certificado ou alguma prova? Guardou alguma coisa?
J – Não.
H – Mas lembra-se dos seus exames, fez dois, não é?

J – Fiz três! A primária, a admissão e o 2.º ano.
H – Lembra-se do que é que se passou nos exames? Como é que foi aquilo? Em que escolas é que foi cada um deles? Lembra-se do júri?
J – Não, nada.
A – O exame daqui da Chaveira da 4.ª classe foi fazê-lo a Mação.
J – Sim, isso fui.
H – Qual foi a escola?
J – Aquela do largo, no cimo da Câmara.
A – Essa escola foi feita quando? Não se lembra? 1900...
J – Então eu fiz em 44... eu fiz a 4.ª classe e ela já estava, já estava e está quase nova. Em 44.
A – Em 44. Ela em 38 já estava feita.
H – E depois os outros, lembra-se?
A – Foi em Santarém, lá no liceu?
J – Foi. Então era normal. Nós do privado... íamos juntos com os do liceu de lá.
H – E essas professoras, não tem noção, elas tinham de ter alguma autorização para poderem dar essas aulas? Como é que isso funcionava? Não sabe de nada?
J – Não sei se era clandestino.
A – Clandestino não era. (...) Ela era professora em Castelo Branco. Era professora diplomada.
J – Ela era diplomada.
H – Podia haver, como se chama, conflitos de interesse...
A – Ela era reformada. (...)
H – Não se lembra assim de mais nada das provas, dos exames?
J – Não.
H – E o Sr. João não guardou nem um papel, nem uma fotografia?
J – Nada.
S – Antigamente não havia... olhe, quando nós nos casámos, foi uma tristeza! E depois nem se podiam tirar, quando chovia (...). Casámos a um Domingo, chovia, e tivemos de vestir o fato na Terça-Feira para ver se tirávamos uma fotografia, porque estava sol! (...)
H – Lembra-se de algum episódio da escola, das coisas que aconteceram?
J – Sim. Vou contar um episódio, até posso contar dois, mas... certo dia tinha saído da escola, eu mais o Álvaro, ainda só lá andava eu, o Zé da Costa já lá não andava nem o Carpinteiro. Vínhamos lá da escola de Cardigos e aquilo depois não havia estrada como agora, vínhamos a subir ali, onde o do Casalinho tinha uma nora, aquilo ali chamava-se... como é que se chamava aquilo ali? E a estrada vinha assim de lado... andava ali às voltas... e a gente veio, foi de inverno, não víamos ninguém só víamos umas pernas a andar, só víamos umas pernas a andar com um grande rolo assim... quem é que havia de ser? O Zé cego... com um colchão dobrado, atado com uma corda, enfiou a cabeça, ele não via, enfiou a cabeça dentro do colchão. Nós só víamos as pernas, não víamos mais nada, mas nem nos lembrámos que era ele. Demos a volta e ele passou, andámos ali: "Epah a gente tem de ir ver o que é que é aquilo", disse o Álvaro: "Epah aquilo é capaz de ser o Ti Zé cego, com alguma coisa enfiada na cabeça." Ainda fomos até Cardigos atrás dele. Quando ele vai lá para a casa dos despachos, ia despachar um colchão!... Ele levava muita encomenda. (...)
H – Sr. João, lembra-se na escola primária... haver aqueles apoios para a comida, para a roupa?
J – Não. Não havia nada. Não, nada.
H – Cada um estava entregue a si próprio, não era?

J – Cada um entregue à família.
H – E é do tempo em que, na primária, também tinham raparigas?
J – Tinha. Era misto. Aqui era misto.
H – E quando era para continuar, também iam sempre juntos?
J – Sempre juntos.
H – Ou houve ali uma altura em que se apartavam os rapazes das raparigas?
J – Não, não. Comigo não. Foi sempre mista.
H – E as pessoas, a origem delas (...) havia uns mais ricos ou mais pobres, como é que era?
J – Oh!... mais ricos?! Era tudo pobre...
S – Olhe, eu já estava casada, já tinha os meus filhos, mas depois o meu filho mais velho quando foi para a escola até começou aqui numa tia, a professora dele era tia do veterinário da Chaveirinha, a Fernanda, ainda é viva.
H – Dava aqui na Chaveira?
S – É... Fernanda Ferreira.
J – Martins. De Ferreira não tem nada. José Manuel Martins. José Martins que era o Ti Zé ferreiro.
H – Então essa senhora era professora dos seus filhos?
J – Não, só deste.
S – Do meu mais velho. Porque a minha mãe, eu já estava em Lisboa e eu tive de vir para cá... daí a meio ano levei a minha mãe para Lisboa e ela passou-me a transferência daqui...
H – Então só andou aqui um ano, foi isso?
S – Sim, não chegou a um ano. Mas o que eu queria dizer era isso. Só depois da Fernanda já estar ali a dar escola é que começaram a dar leite da Cáritas.
H – Isso nos anos 60, 70?
S – Nós casámos em 58... ele foi para a escola com sete anos.
J – Em 65.
S – Sim, 60 e tal.
H – Portanto, em 65 o seu filho estava aqui na escola, e já havia esse apoio da Cáritas?
S – Só nessa altura é que... eu lembro-me também, porque ainda lá fui ajudar a dar apoio às crianças, a dar o leite de manhã cedo... é que se dava uma caneca de leite que era, que diziam, que era da Cáritas. E foi a primeira vez que eu me lembro de darem qualquer coisa.
H – E era aquele leite que vinha em pó?
S – Era leite em pó era.
A – E o queijo flamengo?
S – Sim, era esse queijo também, em barra. (...)
H – Então, D. Soledade, então era hábito as mães aqui juntarem-se e fazerem também esse trabalho lá?
J – Ia ela... ela levava os cântaros de água para a professora.
S – Olhe... nós éramos ali vizinhos, a minha professora foi sempre a Piedade Azevedo.
H – Foi a mesma que a sua?
J – Foi.
H – Então, mas vocês não andaram na escola juntos ou andaram?
J – Então não andámos?!
S – Andámos. E nós nem simpatizávamos muito um com o outro! (risos) Ele um bocadito rebelde... .um bocadito fraquito! (risos)
H – E lembra-se das brincadeiras que tinha lá nos recreios?
J – A jogar ao ‘mocho’ e à bola.

S – E eu era à ‘semana’... e era ao caracol.
J – À ‘semana’ era as raparigas... .
S – À semana sei lá, fazia-se assim uns riscos e depois havia...
J – Uns quadrados!
S – ... .depois fazíamos umas divisões como se fossem umas divisões de uma casa e depois saltávamos.
H – Chamavam a isso ‘a semana’?
J – Ainda hoje jogam. É um jogo normal.
S – Ao que jogávamos muito era às ‘cinco pedrinhas’. Isso é que jogávamos muito, era às ‘cinco pedrinhas’.
H – E o Sr. João brincava a quê?
J – Ao mocho. Era à bola, à bola.
H – Não se lembra de nenhum episódio que se tenha passado? Uma lição que tenha dado? Um texto...
J – Eu não.
H – Não se lembra de nada?
J – Não! Nada. A decorar lições é que eu era barra. Ainda sou.
H – E não se lembra de nenhuma? É que há pessoas que memorizaram...
J – “Pus-me um dia a percorrer este lindo Portugal, pois queria ver, sentir seus encantos sem igual. Fui e vi campos no Minho, sempre mimosos e frescos, e vi as gentes minhotas com seus trajos pitorescos. Em Trás-os-Montes alpestres, com os seus vales sombrios, vi águas dos altos montes despenharem-se nos rios. E no Douro verdejante, com vinhedos e choupais, ouvi rouxinóis à noite cantar suspiros e ais. Nas acidentadas Beiras vi brilhar a branca neve, perto das Penhas Douradas onde o ar é já mais leve. Percorri a Estremadura, que lindas terras campinas, onde cresce o louro trigo e pastam vacas tourinas. No Alentejo vi as messes ondeando com o mar, e muitas casinhas brancas como noivas a noivar. E mais ao sul, no Algarve, terra das amendoeiras, vi os quentes, doces frutos que pendem lá das figueiras. Mas não pára aqui o encanto que deslumbra o meu olhar, vamos meu coração, vamos para as terras de além-mar. Onde os Açores emergem, como pérolas mimosas, e onde a ilha da Madeira tem o perfume das rosas. Mais adiante Cabo Verde e a Guiné com seus palmares, São Tomé... ” Ai!!... (risos)
S – Está cansado.
H – Isto é incrível!
J – É incrível. Um homem de 85 anos!
H – Oh Sr. João, é assim, tinha-me avisado que eu tinha que gravar isto. (...)
J – “Macau e Timor também, e de tudo quanto eu vi, trouxe esta impressão final, que não há país tão lindo como o nosso Portugal!”
A – Muito bem... e realmente é lindo. Portugal é um país pequeno... bem, naquela altura era grande... mas é um país pequeno com muita diversidade, e muito bonito. É dos países da Europa com mais diversidade natural... um país tão pequeno. (...)
J – Tenho uma nora, licenciada em Belas Artes e uma filha, deste, é licenciada em História.
H – Então os seus filhos também estudaram, têm cursos?
J – Olha, este andava no quarto semestre da universidade, não meteu os papeis para adiar a tropa...
A – Foi parar à tropa?
J – Foi parar à tropa aos... como é que eu hei-de dizer? Aos que não têm estudos, como é que se diz? Foi tropa normal, não pôde passar a primeiro a cabo. Dei voltas, voltas, voltas, mas já não foi capaz de dar a volta. Porque foi à inspeção já andava na universidade e eles

deram-lhe um papel para ele pedir os adiamentos e ele meteu tudo para a gaveta, nunca mais fez caso. Quando o marido da Clara é chamado para os melicianos, são do mesmo ano, este não é chamado e eu fico aflito, olhe, vou ver... vai para o contingente geral. Durante a tropa, ele também era novo, era ativo, inscrevi-o nos Correios, na EDP e no Banco. E durante a tropa foi chamado para os Correios, fez exames e ficou bem, só que logo atrás ia uma carta a dizer que estava na tropa. Sai da tropa a 4 de Setembro de 81, numa sexta-feira ou o que é que era, e à Segunda-Feira tinha logo dois empregos já à espera. No Banco e nos Correios. Ele optou por um deles. Quando eu fiz a opção pelo Banco, ele é que fez eu não me meti nisso, eu fiz uma carta para os Correios. Eu tinha um grande amigalhaço que chegou a diretor geral dos Correios, um gajo que me batia assim nas costas e "Epah ganha juízo!" para mim. Ele andava a tirar engenharia. E ele já previa que os TLPs iam-se separar dos Correios como aconteceu em 86 (...). Ele disse-lhe: "Acabas o curso e eu dou-te a liberdade para trabalhares e estudares qualquer dia, isto divide-se, és engenheiro, e chegas lá acima", "Não quero, não quero" e foi para o Banco.

S – Na altura era o que lhe dava mais dinheiro.

J – Dava mais, pois ganhava mais. Dezassete mil e oitocentos escudos de primeiro ordenado foi quanto ele lá ganhou.

H – Foi para o Banco e ficou lá, foi?

J – Ficou. Sempre. Já está reformado de lá. Mas ainda teve a sorte de atingir um nível, ainda teve a sorte de atingir um nível que a grande maioria não chega lá. Este estudou enfermagem. Também foi andando, andando, andando, andando, era enfermeiro chefe e aqui há uns anos foi chamado pela administração do Júlio de Matos, hoje é administrador do Júlio de Matos. Este tem um casal, o mais velho já está casado, é engenheiro mecânico.

H – Sr. João, tanto no seu caso, como dos seus filhos, o facto de terem estudos permitiu terem uma vida...

J – Uma vida felizmente boa. Felizmente estes têm. Tive a sorte de ter dois filhos na Alfredo da Costa e ter duas noras daqui, que vieram casar aqui os dois.

H – A sério? São daqui as raparigas?

S – São primas uma da outra. São primas direitas.

H – Vieram buscá-las à terra?

J – Fui eu que as acarinhei em Lisboa. Os pais delas estavam aqui os dois. (...) Este é que tem um filho que é mais rebelde. Este é que não estudou, só tem o 12.º.

H – Mas foi por opção, certo?

J – Foi por opção. Ele diz que ainda ha-de ser enólogo, tem a mania dos vinhos. É da Garrafeira Nacional.

H – Olhe, lembra-se... para terminar... .o que é que os seus pais ou a sua família pensava na altura dos seus estudos, se era uma coisa boa para si?

J – Naquela altura não havia ninguém, ninguém daqui estudava. Ninguém, ninguém, era só...

H – Do seu tempo quem é que estudou mais alguma coisa que a primária?

J – Ninguém. Isto foi alargando.

S – Iam para o seminário.

J – Olhe, alguns que estão hoje reformados e talvez ainda a trabalharem reformados muita gente saiu do seminário e fizeram-se homens cá fora. Agora assim a estudar em liceus e assim...

H – E o Sr. João sempre gostou da escola?

J – Eu gostava. Eu gostava daquilo.

H – Se pudesse tinha continuado? Se fosse agora, outros tempos, tinha seguido e estudado mais?

J – Sim.
H – E o quê que gostava de ter feito ou estudado?
J – Se calhar gostava de estudar economia. (...)
H – Olhe, diga-me o que é que acha que é a maior diferença que se passou, do que se lembra, da escola do seu tempo para a escola dos seus filhos.
J – Oh isso é como do dia para a noite!
H – O que é que acha que foi, assim, a grande diferença?
J – A escola dos meus filhos, e de quem tem filhos em Lisboa, eles vão à escola e vêm almoçar, jantar, tudo com os pais, lavar roupa tudo em casa dos paizinhos. Daqui quem fosse, por exemplo, para uma cidade, para Coimbra, para um lado qualquer onde houvesse universidades não havia possibilidades, porque não tinham lá família, porque... porque estávamos ausentes da nossa família. Não havia possibilidades monetárias, não havia. Aliás, alguém era capaz de suportar hoje... aliás, naquele tempo, alguém era capaz de suportar nessa altura uma renda de um quarto de seiscentos euros e depois estar a dar ainda outros seiscentos para a alimentação e assim? Ninguém...
S – Os meus filhos, até à 4.ª classe, estudaram sempre em particular, na Brandoa. (...) Nós quando casámos fomos morar para perto da Basílica da Estrela, a renda era muito cara, fomos para a Brandoa, para uma casa que pagávamos 500 escudos, já era muito dinheiro, os ordenados eram muito pequenos... nós fomos para a Brandoa, e aquilo não havia alcatrão... ai o que eles sofreram com uma botitas de borracha! Havia lá uma professora, que naquela altura era uma regente, naquela altura chamavam-lhe as regentes, e também tinha lá uma casa, e abriu lá uma escola, e ela é que os ensinou até à 4.ª classe. Depois ainda foram para a Reboleira, que era tão longe ainda... para o pé dos Comandos... o que eles sofreram, iam a pé. Depois então é que fomos para os Olivais, mais por causa deles, mas foi a melhor volta que a gente deu à vida, foi essa. Comprámos lá uma casa muito boa... e aí já era perto do liceu (...).
H – Diga-me o seu nome completo D. Soledade, se faz favor.
S – Maria da Soledade Silva Delgado. A minha avó era muito velhinha, mas dizia sempre o meu nome completo.
H – É aqui de Cardigos também? Da Chaveira?
S – Sim. Nasci na Chaveirinha (...) 1936. (...)
H – Tem a 3.ª classe, não é?
S – Sim. Fui burra, não quis ir. Se a professor Piedade Azevedo não se tivesse ido embora eu não saía da escola. Ela fartou-se de pedir para eu continuar. Ah mas eu não queria, as minhas irmãs não tinham, só tinham a 3.ª classe e eu não queria ser mais do que elas...
H – Mas os seus pais deixavam-na ir estudar, era?
S – Deixavam!
H – E a Soledade não quis ir para não ser diferente das irmãs? Porque elas não quiseram?
S – Não quiseram. As minhas irmãs só tinham também a 3.ª classe.
H – E eram quantas as suas irmãs?
S – Éramos 3. Eu e mais 2. E dois irmãos. Dois rapazes, mas os rapazes tinham a 4.ª classe os dois. Fizeram... e as raparigas não era preciso, antigamente não era preciso.
H – Diziam-lhe isso, ou você sabia isso?
S – Não. Quer dizer, pronto... olhe, eu tinha muitas vizinhas que nem á escola foram, nem sabiam ler, mas lá está outra coisa da minha avó, que era muito velhinha, mas dizia sempre ao meu pai, ele era Mário: "Oh Mário, não tires as miúdas da escola!"
H – A sua avó.
S – A minha avó.
H – Materna?

S – Sim, materna.
H – Como é que se chamava?
S – Maria de Jesus. Era o nome dela.
H – Então ela já incentivava que as raparigas fossem, que as netas fossem estudar?
S – Sim, sim. Porque a maior parte não ia para a escola. Há aí muitas do meu tempo que não sabem ler.
H – O seu pai e a sua mãe sabiam ler?
S – O meu pai aprendeu na tropa e aprendeu nas invernadas. Ele lia bem uma carta que eu escrevia, ele lia as minhas cartas.
H – Mas aprendeu por conta própria? Nunca foi à escola?
S – Sim. Nunca foi à escola.
H – Sem ser na tropa, pronto.
S – Sim, nunca foi à escola. A minha mãe, então essa é que não sabia ler. Oh! Antigamente quem é que ia para a escola? Mesmo os rapazes, eu lembro-me que eles pouco mais velhos do que o meu João que, se quisessem aprender a ler, iam para os Vales, porque aqui não havia escolas na Chaveira. Nos Vales é que começou a haver escola mais cedo.
H – Mas antes da sua geração?
J – Sim, antes de nós.
S – Sim, aqueles rapazes assim um pouquinho mais velhos, por exemplo uns quatro ou cinco anos mais velhos que o meu João.
H – Então o Sr. João foi o quê? Inaugurar aqui a escola da Chaveira mais ou menos, não?
J – Não me lembro.
A – Ele já te disse que foi um que é uns dez anos mais velho do que ele. É o Zé Catarino.
H – Sim, sim. Pronto, a vossa geração provavelmente foi a primeira a ter esta escola, antes tinham que ir a outros sítios.
S – Sim. Iam aos Vales.
H – E era assim hábito no seu tempo, não é? As raparigas ficarem...
S – Quer dizer, no meu tempo... olhe, o meu pai sempre optou por nós irmos á escola, mas havia aqui muitos que até diziam assim: “Olha, o Mário parece que é rico traz os filhos todos na escola.”
H – As pessoas da aldeia diziam isso?
S – Ai... quantos! Esses são os mais ricos aí da terra...
H – Os mais ricos é que diziam isso?
S – Sim, eram os mais ricos aí da terra é que diziam isso. Por o meu pai, e por outros que os traziam lá. Coitadinhos da gente que não mandavam os filhos à escola... tinham de andar a guardar gado...
J – Olhe, sabe uma coisa? Se ela tem estudado...
H – Se tivesse estudado, tinha seguido o quê? O que gostava a Soledade?
S – Olhe, os meus irmãos, os meus irmãos mais velhos diziam-me às vezes que eu era jeitosa para duas coisas. Que era para professora, para lidar com meninos, e para ser enfermeira.
H – E seria uma delas, é isso?
S – Eles diziam-me isso às vezes. Ora, mas antigamente, não havia possibilidades nenhumas de a gente ir estudar daqui... .
J – Quando isto começou a despertar foi quando as enfermeiras... das Casas Ribeiras.
H – Mas os seus irmãos também não estudaram mais do que a 4.ª classe, foi isso?
S – Os meus irmãos também só estudaram a 4.ª classe. O meu irmão mais velho olhe morreu de acidente em Proença-a-Nova. Era polícia (...) e aí é que ele foi estudando, estudando... por fim, ele era da Judiciária.

– Joaquim Jerónimo –

Naturalidade: Lugar do Alqueidão (Barroca do Zêzere, Castelo Branco)
Data de nascimento: 24-01-1933 [faleceu em 2021]
Residência à data da entrevista: Chaveira (Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

– Elvira Tavares –

Naturalidade: Chaveira (Mação)
Data de nascimento: 05-09-1928
Residência actual: Chaveira (Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Elvira foi à escola 8 dias e depois saiu, aprendeu sozinha as letras, sabia assinar o nome e ainda ensinou as filhas as letras do alfabeto.
* Indivíduos que não tendo frequentado a escola, adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal.

Entrevista ao casal realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Chaveira (02-02-2020).

[VOZES: Joaquim Jerónimo (J), Elvira Tavares (E), Helena Cabeleira (H)]

H – Conte-me lá essa história que você me estava a contar... essa história impressionante, das voltas que a vida dá. Como é que aprendeu a ler e a escrever?
J – As primeiras letras que eu aprendi, foi a cortar tojos na mata, na vinha do senhor Manuel Mariano, o Dornelas do Zêzêre... porque lhe doía as pernas e ele: "Dor nelas, dor nelas!"... e ficou com o nome Dornelas!
E – Mas só à noite é que eles iam estudar, de dia andavam a trabalhar.
H – Mas o senhor Joaquim é de onde? Onde é que nasceu?
J – Nasci lá na minha terra, no Alqueidão.
E – É ao pé do Fundão.
J – Concelho do Fundão, Distrito de Castelo Branco.
H – Mas a dona Elvira é daqui, da Chaveira?
E – Eu nasci aqui, nesta casa!
H – Aqui? Nesta casa exactamente?
E – Nasci.
H – E depois então veio cá parar por causa...
J – Por causa das minas, andava a fazer minas.
E – Andava a trabalhar nas minas.
J – Trabalhei nas minas da Panasqueira, depois de ter idade... trabalhava cá fora nas obras, e depois de fazer os 18 fui homem lá para dentro. Descia ao fundo dos poços, para ir ao fundo dos poços, com uma corda lá para ver, mais um tio meu... para irmos dar o salto e pilha... e ficavam outros cá em cima a segurar as cordas... e as cordas a estalar 'tac-tac--tac'...
H – Nas minas da Panasqueira? E que idade tinha?
J – Eu? Naquela altura ainda nem tinha os 18 anos. Mas só depois dos 18 anos é que ia para dentro das minas, para ter companhia... depois eu comecei com a minha mãe, a lavar lá no rio...
H – E o que é que extraiam lá das minas?
J – Era minério...
H – Que minério era? Era volfrâmio?
J – Era isto... volfrâmio... minério. Chegou-se a vender a 450 escudos cada quilo, e agora por fim, quando aquilo acabou tudo, davam-no... era a 9 escudos cada quilo. Mas chegou a estar a 450 e quando parou, foi em 1945 ou 1944 que acabou.
H – Foi depois da guerra.
J – Foi depois da guerra. Vim para aqui. Mas primeiro ainda fui para Lisboa, lá trabalhar nas obras, mas como era novo ainda não me davam lugar no Estado, e o meu pai falecido já lá trabalhava. E depois diziam-me para eu me vir embora para casa porque ali não havia trabalho, porque eu não tinha os 18 anos. E disse: "Oh! Ó pai, amanhã vou arranjar trabalho"... e fui. Arranjei logo trabalho para dar água ao pessoal. Andavam lá nas ruas a pôr o empedramento, e eu ia lá dar 'auga', conforme eles punham o coiso no chão, as pedras. Punha-me lá ajoelhado também a pôr as pedras, e ao fim de pouco tempo eles: "Ah, vamos lá, bonda queres trabalhar ao Domingo, vens com a gente para trabalhar em todo o lado!" Depois, então, de lá vim para cima. O meu patrão mandou-me vir para cima, fui trabalhar lá para as minas. Depois vim mais um colega meu ali para a Sertã, depois da Sertã viéramos para aqui, andáramos aí nas minas. Foi quando eu arranjei a rapariga, depois fui destacado e fui para a tropa em 54. Fui à tropa, andei lá uns 2 anos. Depois casei em 57, e depois foi assim a vida... já depois carapinhei pinheiros, trabalhei nas minas cá, nos postes, tirei pinheiros... tirei resina... e depois fui para Angola, estive lá 15 anos, em Angola, e depois vim para cá...
H – E que idade tinha quando foi para Angola?

J – Eu? Tinha 59.
H – Nasceu em que ano?
J – 33, no dia 24 de Janeiro de 33.
H – Fez anos agora há pouco tempo...
E – Fez 97.
H – Olhe, está muito bem... não dizia que tinha essa maquia!
J – Depois fui para Angola, depois vim de lá para cá... ainda tirei a resina depois disso. Depois fui para padeiro andei a servir pão de um lado para o outro. E depois a vida foi toda assim...
H – Então, e começou a trabalhar com que idade?
J – Eu? Quando comecei a trabalhar para um lado e para o outro tinha 12 anos. E os de agora, nem com 20 eles querem trabalhar! Quanto mais com 12 (risos). Trabalhava com a minha falecida mãe, andava ali a lavar no rio o minério, e andava a cavar areia para lá arear e tirar o minério de lá para fora... era assim. Estava a ver como é que era?
H – Incrível... e como é que foi essa história da sua escola? Onde é que aprendeu? O que é que aprendeu? Quando aprendeu a ler e a escrever?
J – O quê?
E – Tens de explicar... como é que foi os exames.
H – Como é que fez isso? Quando é que começou a aprender a ler e a escrever?
J – Era novito ainda. Foi na altura em que andava lá em Dornelas.
E – Novito... ele já não era muito novito...
J – Novito? Quando? Em Dornelas? Então eu não era novito ainda? Eu já roçava os matos, mas aos Sábados, davam-nos um dia por semana, aos Sábados, lá para o homem da vinha, e a mulher dele era senhora professora de Dornelas, e ensinava-nos lá à noite.
H – Como se chamava essa senhora? Lembra-se?
J – Isso agora... o nome do homem ainda me lembro qualquer coisa, agora da senhora já não me lembro. Era ela que nos dava a escola.
H – Então nunca foi à escola, o senhor Joaquim? Na escola mesmo nunca andou?
J – Não, não. Nunca andei na escola. Depois fiz a 4.ª classe... saí da 3.ª classe na tropa, em Tomar. Vieram lá uns gajos de Santarém fazer exames à gente. E depois para tirar a carta de condução.
H – Mas pagavam alguma coisa a essa professora, a essa senhora que o ensinou? Pagavam-lhe ou ela ensinava-os...
J – Atão é o que eu digo! Andávamos a roçar tojos numa vinha que eles lá tinham!
H – Ah! E então era o pagamento?
E – Era!
J – Era! E depois lá no Alqueidão veio para lá uma professora e eu ainda lá andei à noite, uns dias com ela. E já não sei quanto é que a gente pagava nessa altura, mas acho que ela não levava assim grande coisa... não levava grande coisa à gente. Mas depois foi assim que eu aprendi... o pouco que sei fui tudo à minha conta.
H – E depois em Angola, fez lá o exame da 4.ª classe?
E – Foi foi!
J – Foi. Pagava a quem me desse lições lá.
H – Lá pagava ao professor, era?
J – Pagava. Era numa filha de um chefe de posto que lá estava, que era professora, e dava-nos aquelas aulas.
E – Para tirar a carta de condução.
H – E a Elvira, então como é a história da Elvira? Conte lá.
E – A ‘nha’ história... olhe, eu nunca fui à escola também...

J – Olhe, o Tó Manel, ainda ele não tinha sido, e eu ainda conheci o pai e a mãe dele de solteiros! Está a ver? Quando eu vim de lá, aqui para as minas, lembro-me de falar com ela lá nos Vales, que andava lá um tio meu, o meu Ti Manel Brás e o meu Ti Augusto. Estivemos lá a falar com eles, dormíamos lá nuns palheiros perto deles. A mãe do Tó Manel, como é que ela se chamava?
E – Era a Ilda. (...)
H – Mas então, Elvira, conte lá. Não foi à escola, nunca?
E – Não... andei lá 8 dias.
H – 8 dias? Mas que história... nesta escola aqui, na Chaveira?
E – (risos) Sim, nesta escola aqui.
H – Onde ela está agora? Já era aquele edifício tal e qual como está?
E – Tal e qual.
H – E lembra-se da escola ser feita? A Elvira nasceu em... ?
E – Isso agora... 5 de Setembro de...
J – 1928.
E – Eu sei que nem me cheguei a matricular na escola nem nada. Fui lá estar 8 dias... ao fim de 8 dias nasceu o meu irmão mais novo, e o meu pai então disse assim: "Olha lá, as letras não fazem falta às cachopas, é só aos homens... os homens é da guerra, as mulheres é para estar em casa... anda cá... "
J – Faz falta a toda a gente!
E – "... anda cá, ficas tu aqui em casa a guardar o menino, e a ajudares a tua mãe... deixa a escola para os outros... " E pronto!
H – E quantos irmãos tinha? Quanto irmãos teve?
E – Éramos 5 irmãos, 5 homens e eu mulher... éramos 6.
H – Só a Elvira? Era sozinha, mulher?
E – Sozinha, pois, mais a minha mãe... pronto.
H – E era a mais velha de todos?
E – Não, não. Eu nem era a mais velha nem era a mais nova. Á minha frente havia 3, e depois de mim havia 2.
H – E a Elvira ficou no meio, ali, entalada... literalmente.
E – Era o Zé, era o Aníbal, e era o Manel, os mais velhos. O João e o Amílcar já nasceram depois de mim.
H – E por ser rapariga, a única...
J – Ficou em casa!
E – Pois...
H – E os seus irmãos foram todos à escola?
E – Todos! Só um é que não. Só um também não foi. O Zé foi, e o Manuel também. Então ainda não havia aqui a escola, iam aos Vales.
J – O Aníbal é que me parece que nunca lá andou.
E – Agora o meu irmão... um... coitadinho, tinha um defeito nos pés. E o meu pai disse assim: "Este, coitadinho, não lhe faz falta a letra... mas vai aprender a sapateiro."
H – Aprendeu uma profissão.
E – Aprendeu a sapateiro... pronto. E eu fiquei em casa.
H – Mas a Elvira nunca aprendeu a ler, ou a escrever?
E – Eu cheguei a assinar o meu nome... eu cheguei.
H – E como é que aprendeu isso?
E – Olhe! Sabe como é que eu aprendi? A explicar às minhas filhas, quando elas nasceram. Eu conheço as letras todas, todas! Conheço. E o meu nome eu cheguei a assinar, mas depois esqueci-me... e a cabeça também já não...

H – Mas aprendeu sozinha?
E – Aprendia sozinha. Depois eu...
H – E como é que aprendia sozinha? Era por um livro?
E – As minhas filhas, quando elas nasceram, vá, e começaram a ir à escola... eu dizia assim para elas: "Olha, até 100 ensino-vos eu os números, as letras também sei algumas", e com elas é que eu me desemburrei mais ainda!Ensinava-as a elas, e aprendia eu! É verdade... tanto que elas agora dizem: "Ó mãe, então as primeira letras foi você que as nos ensinou, e agora a gente sabe e você não sabe!"
H – Incrível. Mas isto é que eu acho incrível, como é que você, Elvira, sozinha, aprendeu as letras?! Mas via papéis, ou tinha livros, como é que sabia que eram aquelas as letras? Ou alguém lhe ajudou?
E – Ainda hoje gosto muito de ver estes papéis... oh! Estes e outros assim como estes. Ás vezes a minha filha que está em Lisboa, trazia-me as revistas, trazia-me aquela revista da Maria, e eu às vezes p'la minha cabeça, ainda ia puxar letras para ver o nome das pessoas...
H – E conseguia?
E – Ah pois, ajuntava... outras vezes quando eu não sabia, procurava: "Ó Mila, como é que esta se chama?", "Ó mãe, é assim, é assado... " Outras vezes ao meu marido... procuro-lhe a ele...
H – E ele também a ensinou, ou ajudou a aprender? Ou não?
J – Que remédio tinha eu?! Ela ainda assinava o nome dela, agora é que já não sabe nada...
E – (risos) Era assim a nossa vida, atão! (risos) Eu assinava o meu nome, em todo o lado quando era preciso... o meu nome assinava-o.
H – Agora já não consegue?
E – Agora já não... porque nem eu vejo bem, nem as letras eu já... a minha cabeça já deu muita volta... já fui operada à cabeça!
H – E olhe que está muito boa, mesmo assim...
E – Vamos assim, vamos indo...
H – Olhe, mas gostava de ter ido à escola? Gostava de ter aprendido?
E – Eu gostar... porque via as outras a saber, e eu não sabia... eu tinha pena.
J – Então... não se pode saber tudo.
E – Meu amigo! (...)
H – E do seu tempo, Elvira, houve aí muitas meninas ou raparigas da sua idade que não foram à escola?
E – Ah... haviam muitas que não sabiam ler.
J – No tempo dela quem é que ia à escola? Das raparigas e rapazes, havia aí muitos que não sabiam ler...
E – Havia muitas que não... a Carma tinha uma irmã mais velha que era a Maria também nunca foi à escola.
J – Ali o Américo também já tem alguns 93 ou 94... aquele ali da Carma...
H – Mas ele foi à escola, ele tem a 4.ª classe. Quer dizer, ele fez a 3.ª classe e depois na tropa fez a 4.ª classe também.
J – Foi como eu.
H – Isto são histórias impressionantes... eu acho isto espantoso, como é que uma pessoa, sozinha, consegue aprender a ler... que tenha tido essa vontade. E o senhor Joaquim, gostava de aprender, gostava daquilo? De estudar?
J – Eu? Atão que remédio tinha eu?!
H – Mas gostava? E gostava de ter estudado mais?

J – Gostava, atão não gostava! Pronto, eu não estudei mais, mas eu sei muito bem as letras todas, e também me disseram para ir para a polícia, mas eu nunca quis. Sabe porque é que eu não quis ir? Porque eu não gosto de fazer mal às outras pessoas... e eles multam a gente. Pois!
H – (risos) Mas alguém tem de o fazer, não é?
J – Pois! Eu gosto de os ver todos os dias, já lhes tenho dito para eles, ainda uma vez ali, em Proença-a-Nova, parei lá o carro, mandaram-me parar: "Então o senhor e tal"... falaram, falaram, falaram... "Ah então você também é colega... ", e eu: "Não sou, não sou porque não quis", "Não foi? Então você sabe como a gente!", "Não fui para colega vosso porque não quis, porque me foi oferecido, tanto na tropa, como aqui, como no Ultramar, foi-me oferecido muitas vezes se eu queria ir para a polícia, ou para isto ou para aquilo"... e eu nunca quis. (...)
H – E então têm filhos, é isso? Quantos filhos têm?
J – Duas cachopas!
E – Duas raparigas... o primeiro até era um menino... o que é, ao nascer, morreu.
H – E elas têm estudos, estudaram?
J – Têm!
E – Estudaram! A mais velha andou, antigamente chamavam-lhe àquilo o 5.º ano... a Mila fez o 2.º.
J – Andaram em Proença, e andaram aqui em Cardigos.
H – Que idade tem a mais velha?
J – A Celeste? Fez 62 anos.
H – E estudaram até onde elas quiseram?
J – Foi, sempre!
E – Sempre! A mais velha não estudou mais porque não quis. Tinha namorado, queria era casar, pronto, casou.
J – Ela julgou que acabava o mundo... e olhe, estudaram, andaram aqui com a gente, e foram para Angola, nunca arranjámos nenhuma ama seca para as guardar. Elas tinham lá os filhos, arranjavam logo um pretinho para lhe dar comida... nunca a mais velha... era pela mão dela. E a outra ia para a loja para o pé de mim...
E – Eu em dando-lhe uma tesoura, e um pano... era o que ela queria. Ficava ali dias inteiros ao pé de mim ao pé da máquina.
J – Nunca lhe arranjei ama seca nenhuma...
E – E a mais nova, era com o pai, ia para a loja, para o comércio. Lá brincava, lá fazia tudo...
J – Depois a mais velha, esta aqui andou muito tempo doente, qualquer coisa caía... e eu levava-a para a horta para fazer lenha... e sabe como é que eu a entretinha? Ia lá a umas noras que por lá havia, era água, e ela andava por ali a rabiscar na água 'tchuca-tchuca'... e estava ali, e eu a trabalhar.
H – E elas fizeram lá a escola primária, foi? As suas filhas? Em Angola?
E – Então elas não andaram lá na escola?
J – A Celeste, andou lá na escola também. (...)
H – Os pais da Elvira? A sua mãe sabia ler e escrever?
E – Nada!
H – E o seu pai também não?
E – Não... nada.
H – E os do Joaquim?
J – O meu pai sabia ler mas não sabia escrever.
H – Sabia ler mas não sabia escrever? E também aprendeu sozinho? Ou não sabe?

J – Ai isso agora eu não lhe sei dizer... andava lá um tipo que lhe dava ordens...
H – E a mãe?
E – Também não, não sabia.
H – Mas os seus pais, não sabiam sequer assinar o nome?
E – Nada, nada. Mas a cabeça dele era melhor que a dos filhos que andaram lá a estudar. Quando era para fazer umas contas, eles faziam-nas lá com um lápis, e ele fazia-a na cabeça e ainda a fazia mais depressa do que eles. E ele dizia para eles: “Olha que a conta tem de dar em tanto, se não der em tanto está mal... ”

– José de Jesus Lopes –

Naturalidade: Lugar de Pascoal (Abraveses, Viseu)
Data de nascimento: 02-04-1937
Residência actual: São José das Matas (Envendos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe (infância), 4.ª classe (adulto), 6.º ano (Novas Oportunidades)

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Universidade Sénior de Mação (04-02-2020).

– Senhor Zé, acabou de me dizer que tem a 4.ª classe, e entrou com os 7 anos para a escola, foi isso?
– Fiz a 3.ª classe.
– Em que ano entrou para a 1.ª classe?
– Não me lembro bem mas tenho impressão que foi na década de... eu entrei já com 7 anos já bem feitos, bem avançados, e já fazia os 8 para Abril, portanto, foi em 45-46, na guerra mundial, eu lembro-me tão bem da guerra...
– Lembra-se?
– Lembro, pois.
– E as memórias que tem dessa altura?
– Tenho memórias de volfrâmio, minérios... de andar a esfolar com os meus pais... pequenito, mas andava lá... lá havia só um homem que tinha uma telefonia e nós íamos lá à casa dele à noite, ouvir a telefonia, para ver como é que estava a guerra.
– Lembra-se de isso ter começado, a guerra... e tudo isso?
– Tenho umas pequenas memórias, desse principio, de ter começado a guerra. Depois eu estive para lá, para casa desse senhor, o senhor João Gonçalves, e ouvia à noite a telefonia, que era o único que tinha gerador, e tinha electricidade, porque o resto, na povoação, ainda não havia.
– Então diga-me uma coisa, o senhor Zé nasceu... a sua naturalidade é deste Lugar de Pascoal, na freguesia de Abraveses, Viseu. Mas foi lá que fez a escola primária?
– A escola primária fi-la mesmo na aldeia de Pascoal, fiz a 3.ª classe e fui fazer o exame à freguesia, a Abraveses. Nessa altura fazia-se exame da 3.ª classe.
– Certo. E fez o exame da 3.ª classe, e como é que se chamava a escola primária? Era a escola primária do...
– ... de Pascoal, de Pascoal.

– E depois fez a 4.ª classe? Conte lá essa história.
– A 4.ª classe eu depois fiz, eu já estava casado, para tirar a carta de condução. Naquela altura a gente tínhamos de ter... nessa altura eu tinha já os meus... tinha já entre 28 ou 30 anos.
– Senhor Zé, só para eu perceber aqui a situação... o senhor Zé nasceu e criou-se e fez a escola primária lá em Viseu, e depois como é que veio parar aqui a Mação?
– Eu, passei por Lisboa, e depois conheci a patroa em Lisboa.
– A sua senhora é que é daqui, então?
– Ela até é de uma aldeia ali chamada Alpalhão, ali ao pé dos Envendos. Ela não é de São José das Matas. Mas faz parte. Então depois comprei ali a casa.
– E a sua senhora vem aqui á Universidade Sénior?
– Não! Ela nem quer, nem gosta, nem de passeios nem nada...
– Não? Então o que é que leva o senhor Zé a vir à Universidade Sénior? Porque gosta de aqui vir?
– Porque eu gosto do convívio, gosto de conviver... e gosto de viver a vida enquanto cá ando!
– E faz muito bem!
– Então, fez já a 4.ª classe em adulto, e depois fez o 6.º ano nas Novas Oportunidades?
– Sim, já aqui em Mação.
– E em que ano é que foi isso?
– Foi quando houve as Novas Oportunidades. Ora isto foi em São José das Matas, que a gente arranjou para lá a escola. Tinham lá a escola primária, e ainda dava aulas, aquela escola ainda estava aberta, foi antes de ela fechar.
– O senhor José tem ideia se, lá em São José das Matas, a escola primária... a sua senhora não andou nessa escola, a sua esposa?
– Não, ela andou nos Envendos.
– Portanto, essa de São José das Matas, fechou, ou deixou de ter escola lá, há quanto tempo, mais ou menos?
– Já há uns anos bons, há uns 20 anos talvez... não, nem tanto...
– Vive ali, desde que idade?
– Vivo ali desde 95, mais ou menos... já vai há uns 25 anos ou 30. Porque eu vim para ali, tinha ali a casa, morava mas era de vez em quando. Andava cá e lá.
– Os seus pais? Que estudos é que tinham? Que escola é que tinham?
– A minha mãe tinha a 4.ª classe, naquela altura... e o meu pai não sabia ler.
– Não sabia ler, nem escrever?
– Ele lá escrevia à maneira dele.
– Ah escrevia?
– Mas era pouco. Ele era de um ofício que até nem muita gente conhece... era tamanqueiro... e as contas era ele que fazia. Media, e assentava os números lá à maneira dele.
– E é um caso muito raro, até... a sua mãe se fosse viva, que idade tinha?
– Olhe!... que dia é hoje?
– 4
– É hoje! Hoje faz anos a minha mãe! Ora a minha mãe, hoje, se fosse viva, fazia 118 anos, ela nasceu em 1902... pois. Fazia 118 anos se fosse viva e, está a ver, já tinha a 4.ª classe naquela altura.
– E como é que explica isso? Nestas idades, sobretudo as mulheres, não era muito frequente terem a 4.ª classe.
– Pois não! Mas a minha mãe era de uma aldeia, do Concelho de Penalva do Castelo, naquela altura chama-se Castendo... não era Penalva do Castelo. E então, os pais dela, os

meus avós, tinham mais filhos, e a minha mãe era a mais velha delas todas, e então, salvo erro, os padrinhos dela, quiseram-na levar para Viseu, mesmo para ao pé do Viriato... quiseram-na levar para Viseu, e os pais aceitaram. E depois nasceram os outros filhos, e etecetera. E então a minha mãe foi para Viseu, para o pé dos padrinhos, os padrinhos não tinham filhos, e como não tinham filhos ela foi então para lá, pequenita. Elas lá eram o que se consideram padeiros, fabricavam pão e iam vender à praça, não era aquela padaria certa, era mais o género pão caseiro, como ainda hoje se usa. E então lá foi para Viseu, e daí então entrou na escola, lá na cidade de Viseu, andou na escola e fez a 4.ª classe. E da turma dela, segundo consta, ela era uma das melhores alunas e ela só não foi professora porque depois os padrinhos tiraram-na, em vez de continuar, não continuou os estudos, quer dizer, porque os padrinhos tiraram-na. Fez a 4.ª classe, já chega...

– E lembra-se de a sua mãe falar, se tinha pena, ou não, de não ter estudado mais?

– Tinha, tinha! Tanta vez! Tanta vez que a minha mãe dizia isso!

– Dizia muita vez?

– Dizia mesmo! Dizia mesmo que podia ser... então basta-se ver que uma colega dela, que andou lá na escola com ela, e que era filha de pessoas mais ricas... mais abastadas, não é?... ela calhou, mais tarde, ir ser professora lá em Pascoal, na minha terra, e foi minha professora... foi minha professora, minha e da minha irmã mais nova... a seguir a mim... e do meu irmão mais velho antes de mim. E quando ela descobriu que nós éramos os filhos da Armindazinha... que era considerada lá em Viseu... e então a própria professora, essa minha própria professora, tinha ciúmes da minha mãe! Porque a minha mãe tinha 10 filhos, e ela não tinha nenhum... e ela sabia que a minha mãe era mais inteligente do que ela... lá mesmo na escola. E quando havia qualquer coisa, ela não acreditava naquilo, e dizia que era a minha mãe que fazia os trabalhos de casa. Sim senhora.

– Então a sua professora primária foi colega da sua mãe?

– Na escola, na infância.

– E quando vocês levavam os trabalhos de casa bem feitos, ela não acreditava que eram vocês? Achava que era a vossa mãe que vos fazia os trabalhos de casa?

– Sim senhora, era. Portanto, não acreditava. Chamou lá a minha mãe, e tudo. A minha mãe é que lhe disse: "Ó Maria do Céu, então eu não tenho tempo nem para aturar os filhos, quanto mais para agora estar a fazer os trabalhos deles!... "

– Mas a sua mãe, dentro do que ela sabia, ela dava-vos algum apoio?

– Ela não tinha tempo para nada, não tinha tempo. Por exemplo, uma coisa que eu tinha mal, eu nunca gostei de ler muito e escrever muito, nunca gostei, agora para matemática, para contas, não havia pai!

– Era a matemática que você mais gostava?

– Era a matemática. E então todos os problemas que ela me mandava para casa eu levava tudo certo.

– E a professora não acreditava que era você que fazia?

– Ui... obrigou-me lá a fazer alguns problemas na escola, por causa de não acreditar. E tinha de fazer os mesmos problemas, e trabalhos dos outros. E não saía de lá enquanto não acabasse os problemas.

– Era uma espécie de castigo, por ser bom aluno?

– Era! Por ser tão mau, ou tão bom aluno!

– Devia ser por ser bom aluno...

– Mas eu até andei dois anos na 1.ª classe, parece-me que foi na 1.ª, que andei dois anos seguidos... porque eu em miúdo era muito gago.

– Era muito gago?

– Gago. E então a professora não acreditava, dizia que eu fazia de propósito... e quanto mais ela apertava comigo, mais eu gaguejava... está a ver, hã? E então, é claro, estive dois anos...
– E foi por causa disso?
– Foi... não acreditava. E depois dizia que era a minha mãe que fazia os trabalhos, as coisas... e ela nem acreditou na minha mãe! Também. (risos)
– Já voltamos a essa história, porque eu acho isso incrível. Já agora voltamos um bocadinho atrás... disse-me que o seu pai, se fosse vivo, tinha que idade?
– Mais um ano que a minha mãe. Nasceu um ano antes.
– Nasceu em 1901?
– Sim, fazia em Agosto anos.
– Acabou de me dizer que teve 10 irmãos.
– É...
– Todos vivos?
– Não senhora. Só 6. Éramos 5 rapazes e 5 raparigas.
– Mas entretanto foram falecendo, ou quando eram pequenos?
– Não, faleceram todos já...
– Criados?
– Já. Mas parece que a minha mãe ainda teve dois abortos... mas não tenho a certeza. Segundo o que contavam.
– Então eram 10 irmãos...
– 2 rapazes, 2 raparigas, 3 rapazes, 3 raparigas...
– Tudo assim seguido?
– Sim... a maior diferença que há é entre mim e a minha irmã Sofia...
– E o senhor Zé, é de que leva?
– Eu sou o 7.º... e dos rapazes fui o último.
– E diga-me uma coisa, destes seus irmãos, todos foram à escola?
– Todos. Ah não, estou a mentir... excepto um... o mais velho do que eu, 4 anos, mas isso foi a tal história... ele quis ir para casa de uns tios meus, irmãos da minha mãe, e depois o meu tio disse que o metia na escola lá em Penalva do Castelo, e depois queriam-no meter na escola e ele fugia, ia para o rio Dão, para fugir, e nunca quis ir à escola.
– Mas o senhor Zé sempre quis ir à escola? Gostava de ir à escola?
– Sempre! Eu só não gostava de ir à escola quando ela ateimava comigo... e desde o primeiro ano foi como... ui.
– E o senhor Zé tem filhos?
– Duas.
– E elas que estudos têm?
– Eu tenho a 3.ª classe e elas como eu...
– Elas têm a 3.ª classe, as suas filhas?
– (risos) Não!... qualquer delas estão formadas, as duas, em gestão de empresas... gestoras.
– E a sua esposa, que escola é que ela fez?
– Ela fez a 3.ª, e depois fez já a 4.ª em adulta também.
– Fez a 4.ª classe em adulta, mas fez na mesma altura que o senhor Zé?
– Não, fez agora, já aqui em Mação, em São José das Matas.
– Conte-me lá essa história dela, como é que ela fez a 4.ª classe?
– Abriu lá em São José das Matas, para adultos, e ela aproveitou e foi lá fazer.
– E foi há quanto tempo, mais ou menos?
– Há coisa de uns 25 anos, por aí. É porque, antigamente, diziam que para as mulheres não eram precisos estudos.

– E sabe se a sua senhora gostava de ter estudado mais?
– Gostava, gostava. Ela nesse capítulo, em ler e escrever, concentra-se mais do que eu. Eu tenho aprendido mais agora, na universidade da vida, do que aprendi na escola! (risos) Eu sei mais agora de História, de Geografia..de reis e essas coisas... desde que saí da escola... depois de sair da escola é que eu tenho fixado mais. E eu gosto de ler, leio um bocadinho, leio o título das coisas e tiro um resumo logo... faço logo uma teia daquilo. E para já, começa-me a doer a vista logo...
– Senhor Zé, lembra-se do primeiro dia em que foi à escola? Tem alguma memória?
– Não sei... ela era lá tão perto.
– Era perto de sua casa?
– Era perto, aí o quê? Era como daqui ali... era uma escola num prédio antigo.
– Era uma casa particular de alguém?
– Era, era dada como escola, tinha as características, tinha as carteiras como deve ser, aquelas carteiras antigas... agora assim, o primeiro dia, confesso que não tenho nada assim... aquilo que tenho mais memória, é de quando vinha da Feira franca de São Mateus para Pascoal, à noite, vinha juntamente com a minha mãe... e o meu irmão. E foi na altura que o meu irmão pregou-me um susto e eu fiquei gago... foi por causa disso.
– Que idade tinha?
– Devia ter uns quê?... 3 ou 4 anos, não tinha mais.
– Lembra-se desse dia?
– Pois... até parece que o estou a ver à beira da estrada...
– O que é que ele fez?
– Os arbustos, escondia-se nos arbustos... e saía de repente.
– Pregava-lhe sustos?
– Pois... tenho mais memória disso, que do resto... das caretas. Do resto, isso, tenho uma pequena ideia... depois de entrar no primeiro dia... devia ter sido em Outubro.
– Não se lembra do que levava vestido, do que levou para escola, uma sacola, ou os livros, ou os materiais?
– Uma sacola... assim ao lado, assim. Género de um bolso, com uma fitazita assim... a sacola era de serapilheira. E eram aqueles livros, que não tinham lá praticamente aqueles bonecos... não havia tanto boneco como há hoje, havia dois ou três deles... e mais nada. Aquelas letras aeiou.
– Esses livros que levava eram vossos, eram seus? Tinham sido dos seus irmãos?
– Eram meus. Eram, alguns eram, outros não. Alguns passavam, naquela altura, passavam de uns para os outros.
– Lembra-se de alguma coisa na escola primária, que aquilo lhe tenha ficado... como o senhor Zé falou dos sustos do seu irmão... houve lá alguma história, alguma situação na escola primária que se tenha passado com o senhor Zé, que cada vez que pensa na escola, pensa naquilo?
– Tenho! Mas isso é só dizer mal da professora, mais nada! (risos)
– Dizer mal da professora... como se chamava essa senhora?
– Maria do Céu... o resto não me lembra.
– Essa senhora, foi sempre essa a mesma professora que teve na escola primária?
– Sim, foi sempre.
– Ela era muito severa? Dava muitos castigos?
– Ela às vezes era meiga, às vezes... mas era conforme lhe viesse na onda. Ela era muito gira, baixinha... a gente íamos esperá-la ao meio do caminho... e lá vinha ela com o chapeuzinho dela. (risos)
– Ai, tinha uma sombrinha?

– Tinha! (risos) Tinha uma sombrinha pequena, quer de verão, quer de inverno! (risos) E tinha de vir a pé, desde Viseu até Pascoal... sempre a pé. Ela vivia mesmo em Viseu.
– E que distância é que é de Pascoal a Viseu?
– Aquilo deve dar o quê? De onde ela morava, que era na avenida, ao centro da cidade praticamente... ali ao pé da estátua do soldado desconhecido, em Viseu, ela morava aí... ao pé do Teatro Viriato. Ela morava mesmo ao lado do Teatro Viriato. (...)
– Então conte-me lá, de raiz, essa história da sua professora primária, e o que é que o senhor Zé se lembra, dos exercícios, ou dos castigos, ou daquilo que sente que era a discriminação, no fundo, que ela fazia pelo facto de o senhor Zé ser gago.
– A cena que eu me danava mais, e que faltava às vezes às aulas por causa disso, depois no outro dia ainda era pior! Era por causa disso... ela não acreditar que eu realmente, pronto, de ela pensar que eu fazia o mais das vezes de propósito... começar a gaguejar e a tossir. Porque naquela altura, chamam-me o 'coculuxo' que era a tosse convulsa. Estive quase um ano inteiro com aquela tosse, que não passava, que a gente chamava o 'coculuxo'.
– Porquê?
– Não sei! Era o nome que lhe davam naquela altura... na minha aldeia... 'coculuxo'... e então tomei muito chá com pinhas mansas, fervidas em água, e depois com açúcar mascavado... que a gente curava essa tosse.
– E o açúcar mascavado, naquela época, era uma espécie de um luxo, não era?
– Era um luxo! Mas até houvesse talvez mais do que hoje, já... o açúcar mascavado naquela altura já se usava muito... eu lembra-me disso, nessa altura.
– E andou um ano para se curar da tosse?
– Exactamente. E foi logo nesse primeiro ano em que a tive. E então ela dizia que não, que eu fazia de propósito. A outra coisa que perguntou, qual foi a história melhor que eu tenho da professora?
– Sim, se tem algum episódio que lhe tenha ficado na memória.
– O episódio que eu tenho mais na memória é o seguinte: havia lá uma vizinha minha, que era minha colega, eu andava na 2.ª classe e ela andava já na 4.ª classe... e então não tem mais nada, a professora faz lá um problema a ela, e faz aquele problema a ela, e ela não soube responder, no quadro. Chamou-me a mim: "Queres ver, queres ver, vem ali o Zé e ele ensina-te já"... ela chamava-se Fernanda... "Ele ensina-te já como se faz esse problema." Chegou lá ao quadro, chamou-me, eu nem estava a tomar atenção a isso... chamou-me: "Ó Zé, faz lá este problema... faz-me lá isto e depressa!" E eu... já está, foi uma coisa rápida. E depois vai ela assim para mim: "Agora, faz o seguinte... Fernanda, anda cá! Vais dar ali 12 réguadas à Fernanda"... e eu, claro, era minha vizinha e tudo, era mais velha do que eu... lá vou eu, pego-lhe numa mão, dei-lhe as 12 réguadas, mas devagarinho, não é? Chama-me a professora: "Ó Zé, anda cá! Eu vou-te ensinar como é que se dá as réguadas, não é assim"... levei-as eu, ainda por cima! Era com cada réguada, Pimba! Ela achou que eu devia ter dado as réguadas como deve ser! E foi-me educar, porque eu não dava as réguadas como deve ser...
– Ela fazia isso aos outros?
– Não sei, nunca tomei atenção. Mas eu disse: "Olha para isto, hã?!"
– Mas ela costumava pedir aos alunos para eles repreenderem os colegas? Ela fazia isso várias vezes? Ou foi só dessa vez?
– Que eu me lembre foi só dessa vez. Não me lembra com os outros, nem nada. E eu "Olha, está bem está! Para a próxima não faço as coisas nada certas, por causa disso... " E foi um problema muito simples, eu também não sei como é que ela não fez aquele problema. Lá na minha terra, um almude, um almude são 25 litros... e então meio almude são 12 litros e meio... e ela perguntou: "Quantos cântaros"... cada cântaro levava 12 litros e meio,

que fazia um almude... quantos cântaros era preciso para fazer um almude. E ela não foi capaz de fazer essa conta! E eu pus: 12 litros e meio, vezes dois, igual a 25. Pronto. (risos) Uma coisa tão simples! É a única coisa que eu me lembro como deve ser! (risos)
– Senhor Zé, e lembra-se como é que era a escola, o edifico da escola? Quantas salas tinha, de aulas? Quanto meninos lá estavam, na sua época?
– Tinha uma sala de aula. Na minha época deviam estar à volta de... eram muitos, eram as turmas todas1.ª, 2.ª e 3.ª.
– E era só aquela professora?
– Era.
– Ela era memo uma senhora professora, ou era regente escolar?
– Não, não... era mesmo professora aquela. Depois veio para lá um regente. Mas foi já do tempo da minha irmã a seguir. A escola era um prédio antigo, não sei se foi feito para escola nem se não... tinha uma loja por baixo, antigamente aquilo, antes de mim, não sei o que tinha sido... e a gente íamos para o 1.º andar. Depois tínhamos as traseiras, tínhamos as casas de banho... casas de banho mas não é como agora, iam para uma fossa, que era mesmo por baixo... e tínhamos um pátiozito onde fazíamos às vezes o recreio... brincávamos a umas coisitas, mas o mais das vezes eram obrigados a fazer a Mocidade Portuguesa... sabe como é que era? Tínhamos de pôr assim a mão (gesto de mão no ar).
– E cantavam na escola?
– Cantávamos lá.
– E que coisas é que cantavam?
– Era mais os hinos.
– E rezavam lá dentro? Tinham o crucifixo, o Salazar, o presidente da altura, tinham tudo isso lá na parede?
– Tinha, tinha. As imagens estavam lá presas, o crucifixo, o Salazar, o Carmona... no meu tempo era o Carmona, nem eram os Nortons nem os Américos Tomás... isso já foi depois! (risos)
– E quando entravam na escola, assim de manhã, o que é que se fazia? Ela pedia para vocês entrarem em fila, cantarem, rezarem... faziam alguma coisa?
– Iam entrando. Ás vezes alguns chegavam atrasados... lá nisso ela não fazia muita questão...
– Eram rapazes e raparigas lá dentro, tudo junto?
– Era, tudo junto.
– Usavam bata?
– Não. Não havia bata, cada qual usava a sua roupa. Mas ela mesmo assim exigia que fossemos limpos, como dever ser.
– Ela fazia inspecção? Se vocês estavam limpos nas unhas?
– Já não me lembro bem... mas parece-me que sim. A gente sujava depois lá as unhas, então, naqueles tinteiros! Com aqueles aparos...
– E usavam cadernos ou usavam a lousinha?
– A ardósia. A gente lá chamava-lhe uma loisa. Era a coisa do mais das vezes. Depois tínhamos cadernos de contas, para fazer contas, depois tínhamos o caderno de cópia, das cópias, e depois tínhamos o caderno das redacções.
– Tudo em separado? Cada caderninho para cada coisa?
– Tudo em separado. Exactamente, e tínhamos de guardar aquilo tudo. E os problemas ficavam todos escritos no caderno de contas.
– Não guardou nada disso, senhor Zé?
– Não, por acaso não... tive pena. A gente tínhamos livro, mas depois tínhamos lá de escrever: “Uma dúzia de ovos custa tanto” e depois fazíamos a conta por baixo, e aquilo

ficava tudo arquivado. E os livros eram entregues todos no final. Se estava certo ela punha certo, se estava errado, ela punha errado.
– No fim da aula, entregavam os cadernos?
– Entregávamos os cadernos e levávamos outra vez... ela quando os via entregava outra vez.
– Já me disse que teve alguns traumas com ela... mas acha que ela era boa professora? Ensinava bem?
– Era, era. Ela lá nisso, ensinava bem... houve muitos alunos... ela já gostava muito do meu Jorge... o meu irmão Jorge era muito bom aluno, melhor aluno do que eu.
– Mas achava que ela não gostava de si?
– Não era não gostar... ela dizia que eu fazia de propósito, pronto!
– A gaguez?
– A gaguez. Porque às vezes ela tratava-me bem, era conforme...
– E como é que o senhor Zé superou a gaguez? Porque não se nota, praticamente.
– Nota-se ainda um bocadinho! Eu quando estou assim um bocadinho mais nervoso, nota-se. Eu acho que foi quando fui para Lisboa, com 16 anos. E depois aquela timidez, de falar o menos possível... eu acho que foi assim, não tenho bem a certeza... porque depois eu comecei a falar mais, melhor, mais calmo, mais devagarinho, fui logo para mercearia para o Cacém... fui com o cabaz às costas.
– E foi para Lisboa assim que acabou a escola primária? Quando fez a 3.ª classe?
– (risos) Não! Para Lisboa, logo? Acabei a 3.ª classe, tinha 10 para 11 anos, mas eu nas férias grandes já ia trabalhar, para o volfrâmio... para tirar a areia do fundo das caleiras... sabe o que é isso? Uma caleira é o quê? É feita de quê?
– Explique-me lá... explique-me tudo, como é que fazia esse trabalho?
– As caleiras eram feitas em madeira... por baixo era madeira, de lado era madeira, e havia o topo, e aberta da parte de baixo... os homens exploravam a terra, ao longe e ao perto, traziam com carrinhos-de-mão para o pé da mulher, que estava a lavar o volfrâmio, a água vinha corrente para ir ao cimo da tábua da caleira... a mulher, com aquelas sacholas próprias, vazavam terra para a caleira, uma certa quantidade, e era lavada com a sacholazinha... a água levava a goma da terra e a areia, e então para a água ser sempre corrente ao fundo da caleira, tinham que haver os mochos pequenos, e tirar para fora com a sachola também, para a água ser corrente...
– E isso foi onde exactamente, o sítio?
– Na serra de Pascoal.
– E era você e os seus irmãos, ou a sua mãe ou o seu pai, trabalhavam nisso?
– O meu pai. Nem tanto a minha mãe. As minhas irmãs, as mais velhas, trabalharam.
– E vocês recebiam alguma coisa?
– Nós não. Está bem está! Nem um tostão. O meu pai é que recebia... e era só quando vendia o volfrâmio.
– Mas faziam exploração nos vossos terrenos?
– Era nos nossos terrenos. Quando descobriam que havia lá um bocadinho de volfrâmio, de minério, naquelas areiazinhas, exploravam logo aquela terra toda, pá! Aquilo só ficou areia na Beira Alta, naquelas alturas só lá ficou areia! Foi uma quantidade de anos a explorar aquilo... a guerra durou até 45, não é? Após guerra continuaram a explorar na mesma, porque estavam com aquela coisa.
– Então foi isso que o senhor Zé foi fazer quando acabou a escola primária?
– Foi. Nisso andei menos tempo. Depois fui para as obras, dar serventia a pedreiros, dar serventia a pintores, estucadores, acartar terra num carrinho de mão, para um lado e para o outro.

– E depois foi para Lisboa com 16 anos?
– Com 16 anos. Basta dizer que o Quartel da Infantaria 14, esse quartel foi inaugurado já eu tinha saído de lá, e eu andei lá a trabalhar, a acartar terra de um lado para o outro. E dizem que o quartel é velho... então, tem menos anos do que eu! (risos)
– Então foi para Lisboa, começou a trabalhar lá no negócio, no comércio, não foi?
– Depois fui para mercearia, para empregado, chamava-se 'marçano'.
– Foi com algum contacto de família para lá?
– Foram os meus irmãos, já lá estavam. Tenho lá diversos, ainda lá estão duas irmãs.
– Lá conheceu a sua senhora, e lá casaram?
– Conheci-a na Avenida de Roma, porque depois fui para a zona mais chique, e aí é que a conheci.
– E ela estava lá a trabalhar? Foi daqui, de Mação?
– Ela estava lá a trabalhar... sim, ela estava lá já a trabalhar.
– E que profissão ela tinha?
– Era empregada doméstica, ela ia-se lá aviar à pastelaria onde eu estava.
– E voltaram cá para Mação já depois de aposentados?
– Não, não. Porque eu saí daqui, casei, e sub-aluguei lá uma casa de pasto, e estive lá 30 anos naquela casa de pasto. Depois foi o prédio abaixo, eu recebi a indemnização, já tinha comprado aquela casa ali nas Matas, vim para ali e fiquei ali... até hoje.
– O senhor Zé passou pela tropa, pela guerra, foi para o estrangeiro?
– Fiquei livre. Naquela altura estava tudo tão sossegadinho. E depois ainda tive medo que me chamassem, quando começaram por aí as guerrilhas em África... 1960-61... foi quando me casei, em 1961, e então eu era de 57, começaram a chamar os de 59, os de 58... "Queres ver que eu também vou ser chamado... " Mas vá lá, escapei, e já tinha as duas filhas e tudo, nessa altura.
– Ainda tem recordação dos seus colegas de escola?
– De uns tenho, de outros não.
– Era muita gente naquela escola?
– Lá havia muita gente naquela terra, e ainda hoje há... aquela escola ainda não fechou nem fecha, está ali encostada à cidade... o ano passado estive lá em Setembro.
– E o que é que levavam para a escola, comia na escola, comia em casa?
– Vinha para casa, era ali perto. Entrávamos às 9.
– Não guardou nada desse tempo?
– Ainda guardei, mas depois com aquela transferência, de vir de Lisboa para aqui, não sei o que aconteceu. Eu até tenho pena, tinha lá guardada a caderneta da tropa... havia uma caderneta onde a gente paga a taxa militar... tinha-a lá guardada com tudo pago. Fartei-me de procurar, não encontrei nada.
– Na sua 1.ª classe, repetiu-a, fez-la duas vezes? Conte lá melhor essa história, porque repetiu?
– Foi, foi... foi por causa da gaguez. Não tinha condições de passar de classe.
– E depois como é que conseguiu acompanhar o resto dos anos, sabendo que ficou ali preso na 1.ª classe por causa desse motivo... depois conseguiu fazer bem os outros anos, seguidos?
– Consegui. Depois fiz a 2.ª classe e a 3.ª.
– Na 3.ª classe, fez exame? O que se lembra desse dia?
– Fiz o exame da 3.ª classe. Lembro-me de eu levar aquilo numa brincadeira, praticamente... aquilo era uma redação, era ler... que eu não gostava muito, mas li. E eram 5 problemas. E um ditado. E tive sorte que o ditado, que era sempre onde eu levava erros, calhou-me logo um ditado que eu sabia de cor.

– E que ditado era, lembra-se?
– Maria Dalila... o título, lembro-me perfeitamente, nunca mais me esqueceu... Maria Dalila. E foi esse o ditado que eu fiz, e não levei erro nenhum!
– Lembra-se dessas leituras que vocês faziam na escola, ou de um personagem de uma história, ou uma lengalenga que tenha aprendido?
– Não, lembro-me dessa Maria Dalila. E depois no exame, eu era um Ás em problemas, e levei dois problemas errados... a confiança era tanta que errei dois problemas! (risos). Mas passei. Depois os inspectores que estava lá a examinar, chamaram-me ao quadro, e a professora ficou assim admirada porque me chamaram ao quadro... eu cheguei lá ao quadro, eles explicaram, e eu fiz a brincar. E eles para mim: "Então o senhor faz isto tão bem, e lá não fez bem porquê?"... e eu: "O quê? Não me diga que este problema estava errado", "Pois estão, mas o senhor sabe-o de cór e salteado", "Pois sei, lá me enganei ou qualquer coisa"... era a confiança, às vezes a confiança faz com que a gente erre também.
– Lá na escola andavam rapazes e raparigas juntos, e depois também nos intervalos, andava tudo a brincar misturado? Não havia separações?
– Não, andava tudo misturado. Naquela altura não havia... havia lá escolas que tinham, mas nós não.
– Mas lembra-se na altura em que andava na escola, sentia discriminação por haverem lá muitas diferenças entre os meninos, por uns serem mais pobres, outros serem mais ricos?
– Ai, isso havia! Eu muitas vezes pensei cá para os meus botões... eu pensava que era assim: "Epah, porque é que eu não nasci rico?" (risos). Sentíamos isso...
– E tinha colegas consigo na escola... ?
– Que eram uns senhores... filhos do senhor João da Venda, do senhor Alfredo, do senhor Gonçalves... etecetera etecetera.
– E a professora, sente que ela tratava diferente os alunos?
– Ah... notava-se um bocadinho, notava-se...
– E até nos castigos, na forma como ela dava castigos?
– Sim, notava. E isso ainda hoje. Não tenha a menor dúvida.
– Acha que ainda hoje se passa?
– Eu acho que sim. Não posso dizer a certeza absoluta porque não ando lá... mas não é preciso ir à China para se saber que isso é a realidade! (risos)
– O senhor Zé não se lembra de irem lá à escola dar algum apoio de alimentos? Davam alguma coisa para vocês comerem?
– Havia de longe a longe, de longe a longe qualquer coisa a que davam apoio... houve qualquer coisa, que eu agora não me lembro o que é, mas tenho a ideia que houve qualquer coisa... até como havia, de longe a longe, penso que de ano a ano, para aquelas pessoas mais coisas... um subsídio... não era bem um subsídio, eram umas roupas para dividir pelas pessoas mais pobres. Isso eu tenho uma pequena ideia. A comida é que eu não me lembra o que era... havia uma coisa qualquer desse género.
– Lá na escola faziam algum tipo de festa, ou celebração, ou comemoração quando era o Natal, a Páscoa?
– Que eu me lembre, nada. Fazíamos era nós lá em casa.
– E nas férias da escola, iam trabalhar?
– Íamos trabalhar, ai não! Nas férias da escola íamos bulir.
– Os seus pais achavam que os filhos irem à escola era uma coisa importante? Os seus pais valorizavam?
– Era sim senhora. Principalmente a minha mãe. E o meu pai também.
– E aí, eles também não discriminaram os filhos das filhas?

– Não senhora. Elas foram, aquelas que quiseram ir... o meu pai tinha uma coisa boa com ele, era assim: "Eu não obrigo ninguém, mas quero que, para onde vocês forem, darem-se ao respeito... ai de vocês que eu saiba que me fugiram ao respeito!" Ele tinha isto, e então a mão dele era pesada... a chave da mão dele não era muito grande, mas o que ele apertasse não o largava mais! Ele às vezes dizia assim: "Meninos, podem ir à missa quando quiserem, mas ai de vocês que estejam lá... " como iam muitos miúdos, para lá, refilarem, "ai de vocês que me venham fazer queixa de vocês... não os obrigo a irem, vão se querem."
– E o senhor Zé acha que foi bom aluno, naquela altura, era um bom aluno?
– Eu acho que não! (risos) Eu se não fosse aquela circunstância acho que sim, acho que devia de ser bom aluno.
– E se tem estudado mais, o que gostava de ter estudado?
– Tudo o que fosse à base de matemáticas.
– E sentiu muita diferença da escola do seu tempo para a escola dos seus filhos?
– Senti, a diferença é como a noite do dia. E agora das minhas filhas para os meus netos, a diferença é totalmente! É como tudo: os pais deram aquilo que puderam, eu dei aquilo que pude às minhas filhas, as minhas filhas agora estão a dar tudo o que podem aos filhos delas... aos meus netos. Mas está tudo a ser para o melhor... não para o pior.
– Acha que houve um desenvolvimento no sentido positivo?
– Sempre positivo: dos meus pais para mim, de mim para as minhas filhas, e das minhas filhas para os meus netos... tem sido tudo, felizmente, para o lado positivo. Porque eu ainda tive de dar sempre dinheiro aos meus pais enquanto trabalhei, mesmo ao fim de casado e tudo. Para as minhas filhas já não foi preciso isso... já as minhas filhas não precisavam de me dar a mim, e não precisam ainda hoje de me dar, felizmente.
– E acha que a escola tem ajudado nisso, o facto de as pessoas irem à escola?
– Tem, tem, sim senhora. Eu acho que a escola é uma base principal.
– É a base principal para as pessoas viverem melhor?
– Para a educação, para tudo, a escola é a base principal para o ser humano, para o cidadão, para realmente... para mim, na minha maneira de ver... eu acho que toda a gente devia ir à escola e toda a gente devia estudar, nem que seja para varrer a rua. Nem que seja para varrer a rua, o estudo não ocupa lugar. Há muita gente: "Ah eu vou para a agricultura, não preciso estudar!"... precisa, sim senhora. "Ah eu vou para isto não preciso de estudar tanto!"... precisas sim senhora. Na minha maneira de ver, é assim... porque com mais facilidade aquela pessoa que sabe desenvolver uma letra, sabe escrever, mais depressa vai fazer uma matemática para chegar ao cultivo daquela couve, ou horta, ou assim... E não será assim? Não acha que estou a falar bem?
– Muito bem!

– José Leitão –

Naturalidade: Vilar do Ruivo (Fundada, Vila de Rei)
Data de nascimento: 17-11-1931
Residência actual: Fundada (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe; frequentou a escola, mas adquiriu competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal (fez o 1.º e 2.º anos do liceu como autodidacta e propôs-se a exame de admissão)

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), na Universidade Sénior de Vila de Rei (21-01-2020).

– Fiz a 3.ª classe na escola que já não existe hoje, no Abrunheiro Grande.
– Isso é tudo freguesia da Fundada?
– É tudo freguesia da Fundada. (...)
– Ia-me a explicar que fez a 3.ª classe na Escola do Abrunheiro.
– Que já não existe. A 4.ª classe fi-la na escola da Fundada. A 4.ª classe. E depois da 4.ª classe, por volta dos meus dez anos, mais ou menos, perguntaram-me se eu queria estudar mais, mas ia para o seminário, para Cernache do Bonjardim, mas eu não aceitei com dez anos. Depois comecei a pensar, então, mas vou lá ser padre, depois os padres não casam e não quis ir estudar mais. Bem, portanto, fiquei a trabalhar até aos catorze anos.
– Então, o Sr. José entrou para a escola... lembra-se do ano em que entrou para a escola primária?
– Isso não me lembro.
– Já não se lembra? Teria os seus 7 aninhos, 6?
– Sim, sim, para a escola de início 6. Portanto, eu faço anos em Novembro e entrei em Outubro logo no início, portanto com 7 anos. Incompletos, portanto.
– E o Sr. Zé fez até à 3.ª classe sempre no Abrunheiro, não é?
– Sempre no Abunheiro.
– E fez os anos todos seguidos, não houve... ?
– Na 3.ª classe chumbei!
– Ah repetiu?
– Na 3.ª classe repeti.

– Pronto, já lá vamos. E depois a 4.ª...
– Depois a 4.ª fiz na Fundada. Vinha a pé de Vilar do Ruivo ia a pé para a Fundada, são perto de cinco quilómetros e não havia estrada daquelas...
– Pois... e o caminho era bom ou era assim... ?
– Pois era isso que eu ia dizer. Quer dizer, não havia estas estradas que hoje há, asfaltada, que está em condições de passar um carro. Nessa altura nem carros lá iam, só carroças e carros de bois. Entretanto, depois era preciso ajudar também em casa, fui para a ceifa para o Alentejo, aquilo era um género de empreitadas, eu era garoto e o que é que acontecia? Iam os adultos... havia três tipos: eram os miúdos, que éramos nós que só serviam para atar o trigo ou cevada, bem, os cereais; havia depois os outros que eram já mais velhotes, não velhos, que ganhavam o dinheiro da casa que era considerado o contrato que o encarregado tinha com o lavrador, então esses ganhavam o dinheiro da casa; e depois havia os outros que eram já, como é que eles chamavam? Aquilo tinha um nome qualquer que eu não me recordo neste momento, que já... chamavam-lhe 'que ganhavam por inteiro'. O que é que acontecia? Os miúdos, que era o meu caso e dos outros miúdos que lá estavam, não era só eu, também ganhávamos o dinheiro da casa, simplesmente depois aqueles que ganhavam por inteiro... vinha o encarregado, não, era o 'manajeiro', chamavam-lhe o 'manajeiro'... portanto, em português era o encarregado, digamos, juntava o dinheiro todo depois de receberem do patrão e faziam 'o rateiro' para então... diziam: "Epah esse tipo... um miúdo qualquer... vamos lá apreciar quanto é que este merece! Então, tira lá cinquenta escudos... "
– Era por estimativa?
– "... tira lá cinquenta escudos, pah, que ele em tal dia pediu para ir ali buscar água e ele não foi"... isto é um exemplo, não é? "Eu pedi-lhe isto e ele não fez, não sei quê... Epah tira lá mais cinquenta." Conclusão, primeiro ano trouxe cento e cinquenta escudos em quarenta dias, quarenta dias. E aquilo era... era levantar ainda não se via e deitar quando já não se via. Não era fazer oito horas nem pouco mais ou menos. No segundo ano, também fui. Aí já foi duzentos escudos. Fui aumentado cinquenta escudos.
– Começou com que idade Sr Zé?
– Com catorze anos. Catorze anos. Foi o segundo ano que fui para lá. Entretanto fui para Lisboa em 1946, portanto tinha catorze, fui fazer lá quinze. Fui para lá, trabalhei no comércio até ir para a tropa, depois regressei da tropa ainda fui uns anos para o comércio e depois... enfim, tive uma vida, uma vida ligada a isso até, digamos, até aos vinte e quatro talvez, vinte e quatro, vinte e cinco anos. Depois acontece que fui trabalhar para uma empresa que era a Fábrica Nacional de Munições de Armas Ligeiras em Moscavide. Isto já depois de casado. Eu não disse aí, mas eu depois casei em 1957 e depois de casado fui trabalhar para essa fábrica. Mas eu tinha necessidade de progredir, o que é que aconteceu? Comecei a estudar particularmente. Para fazer o curso liceal. Na altura era o que agora chamam o 9.º ano, era o curso geral, depois o 6.º e o 7.º eram o complementar. Então fui estudar. Fiz o 1.º ciclo que era o 1.º e 2.º em um ano.
– Isso com... que idade tinha então?
– Nessa altura, eu vou-lhe dizer já quanto é que tinha... eu fui fazer depois para o 2.º ciclo, era a parte de ciências e a parte de letras, em que fui fazer a parte de letras... isto teve assim uns interregnos.
– Tinha já os seus vinte e tal anos?
– Sim, pois. Mas isto tudo estudando em casa.
– Sempre sozinho? Tinha apoio de alguém?
– Não tinha. Quer dizer só, como digo, no 1.º ciclo é que tive apoio de um explicador.
– Era um explicador particular?

– Exato! Depois no 2.º ciclo a parte de letras também tive, porque havia a questão do Inglês que ainda hoje o Inglês é o meu calcanhar de Aquiles, e precisava, precisava. Depois fui para pôr ali... mas depois retomei. Curioso é que quando eu fui depois fazer a parte de ciências eu já tinha um filho, deixei-o na escola nos Olivais a fazer a 4.ª classe, e fui para o Pedro Nunes, para o Liceu Pedro Nunes, fazer o exame do 5.º ano. Mas também a parte de ciências estudei só em casa.
– Foi quase autodidata?
– Sozinho. Autodidata. E passei.
– Como é que conseguiu fazer isso?
– Consegui, consegui. Dá muito trabalho.
– Foi pelos livros?
– Eu tinha de fazer.
– Mas não tinha orientação de ninguém, de um professor, de alguém, nada?
– Não, não, não, não. Da parte de ciências não. Porque não dava. Não dava, porque na altura os vencimentos eram pequenos, eu tinha de fazer horas extraordinárias, na altura tinha muito trabalho, na fábrica havia muito trabalho e fazíamos horas extraordinárias. Eu saía de casa, eu estava só depois já mais tarde... portanto foi assim.
– Mas então matriculou-se voluntariamente para fazer os exames. Nunca chegou a assistir a aulas nessa altura?
– Não, não, não havia. Não estava matriculado. Não estava matriculado.
– Mas propôs-se depois só... como externo, provavelmente... para fazer o exame?
– Fui externo. Todas as vezes que me propus foi como externo.
– Fez o seu liceu, equivalente, então, ao 9.º ano?
– Equivalente. Portanto, já era o 5.º ano. Depois já estava assim um bocado maduro e parei por ali, porque já não foi... bem, necessidade tinha... eu tinha necessidade de concluir esse tal curso complementar que era o 6.º e o 7.º ano, mas já não deu, porque comecei... já tinha um filho que também já precisava de assistência, enfim, era eu... e a vida estava um bocado complicada. Portanto era isso. A minha vida é quase que um romance! Depois passados uns anos, foi seis anos mais ou menos depois, quer dizer... o meu filho nasceu em 1961 o mais velho, está vivo, e depois nasceu um outro passados cerca de seis anos. Nasceu em 68, portanto, seis anos e tal. Foram seis anos e tal, porque a diferença... um faz em julho o outro fazia em janeiro, portanto há uma diferença perto dos seis anos. De maneira que é assim... portanto, o que é que precisa mais de mim?
– O que eu queria saber agora, Sr. Zé, era...
– Trabalhei lá cerca de trinta anos, lá na fábrica de munições. Entretanto a fábrica de munições, passa-se o 25 de Abril e tal, e as empresas também foram-se um bocado abaixo, deixaram de fabricar tanto material e criaram entre a fábrica de Moscavide, a Fábrica Nacional de Munições e Armas Ligeiras, e a Fábrica Militar do Braço de Prata, criaram uma empresa pública, que ainda é Indústrias Nacional de Defesa, defesa pública. De maneira que ainda estive cerca de dezoito meses em Braço de Prata. Mas depois houve um problema... porque eu fui transferido para lá, mas com a promessa de progredir, portanto, de ser promovido, mas depois lá o coronel, não digo o nome dele, prometeu: "Sim senhor, venha para cá tomar conta da secção do património e não sei quê. Nós precisamos lá de si." Eu era chefe de secção já nessa altura e para passar a técnico depois era promovido. Entretanto aquilo passou o tempo e tal, ele andou, como se costuma dizer em português, a engonhar, e eu a certa altura chateei-me e estive lá cerca de ano e meio e pedi o regresso à antiga situação. Pronto, acabei os meus dias. Reformei-me em 1987. Construí uma vivenda ali na Fundada.
– Então regressou à terra?

– Regressei. Regressei às origens. Não foi bem às origens, porque eu sou natural de Vilar do Ruivo, mas saí de lá e estou há cerca de trinta anos na Fundada.
– E a sua esposa também é de cá?
– A minha mulher é de cá. Também é da Fundada.
– E conheceram-se cá e casaram?
– Conhecemo-nos. Andámos na escola também. Na escola da Fundada. Da Fundada, porque ela era mesmo da Fundada. Nasceu ali. Mas foi para Lisboa depois passados uns anos, os pais estavam lá e ela foi também para lá.
– E lá fizeram vida?
– Estivemos uns anos sem nos ver. Depois encontramo-nos e hoje sessenta e três anos passados...
– Continuam juntos!
– Continuamos! Vamos lá ver qual é que vai primeiro! Eu continuo a fazer coleção das fotografias que o agente da agência funerária... põe lá umas fotografias com os mortos, quando estão a velar... põe lá uma fotografiazinha com umas dedicatórias e tal, uma espécie de uma oraçãozinha, e eu, quando vou lá, ele diz: "Olha, toma lá, vai fazendo coleção disto!"
– Ah! Vai fazendo coleção disso... ?
– "Vai fazendo coleção dos outros. Quando os outros começarem a colecionar... " a nossa, é que é pior! Mas agora nesta altura também...
– Que engraçado! Mas faz lá isso na sua terra é? Na sua terra onde está a viver, faz essa coleção?
– Pois, essa gente é aqui de Vila de Rei. Normalmente é ela que faz aqui os funerais quase todos, a não ser que às vezes venham de Lisboa ou de outro lado qualquer para enterrar cá. De resto é ele. Mas põe sempre lá, uma espécie de cartãozinho com a fotografia do morto e eu trago. Ele diz por graça: "Olha, faz aí mais coleção. Põe lá mais este para a coleção. Enquanto formos colecionando o dos outros... "
– O dos outros, não é? (risos) Sr. Zé, diga-me uma coisa, os seus pais que estudos... .eles tinham escola?
– A minha mãe não foi à escola. A minha mãe não foi. O meu pai acho que foi, mas também acho que não chegou a fazer exame. Não sabia ler nem escrever.
– Não sabia ler. Mas a sua mãe sabia ler e escrever?
– A minha mãe fazia o nome dela.
– Assinava o nome.
– Assinava e pouco mais.
– Eles se fossem vivos que idade teriam? Em que ano nasceram?
– Olhe, o meu pai morreu em 74. Tinha 76 anos. É só fazer as contas, foi há 40 anos, tenho de fazer contas. (...)
– Teria uns 120 anos... mas deixe lá, não se preocupe. Fazemos depois por alto. E a sua mãe?
– A minha mãe morreu com 88 anos também. Já foi... essa é que já não me lembro quando é que ela morreu.
– Pronto, seriam tudo pessoas já com mais de 100 anos.
– A minha mãe já morreu. O meu pai teve um grande problema de saúde, tinha a doença de Parkinson, durante uns anos andou a sofrer isso e morreu com 77 anos, penso que foi isso, 77. Mas, de facto, a minha mãe foi mais ou menos saudável também até aos 88. Portanto, se eu for pela ordem de ideias estou à porta, não é?!
– O Sr. Zé tem irmãos ou tinha irmãos?

– Tenho. A minha mãe teve nove filhos. Nove! Portanto, teve dois partos duplos, mas estamos seis vivos, porque três morreram em bebés praticamente.
– Mas nascidos, e não sobreviveram?
– Nessa altura não havia a assistência que há hoje, nem pouco mais ou menos. As pessoas, as mulheres eram assistidas por curiosas. Enfim, não morriam mais, porque não... não era para morrer. Olhe, eu, segundo o que a minha mãe diz fui... mas cá me aguentei... eu não me lembro, era bebé não me lembro. Mas, segundo ela diz, andei assim um bocado quase a partir, mas não! Cá estou. Cá estou com os 88 anos...
– Muito bem. E o Sr. Zé tem filhos então. Já disse que tem.
– Tenho. Um já faleceu. Já faleceu. Olhe, mais uma situação. A partir do ano 2000, ele faleceu em 2000, com 32 anos e... isso é muito complicado. É muito complicado. Ele tinha um casal também gémeo, hum... foi-me entregue judicialmente em 2000, embora antes, praticamente desde que eles nasceram, era encargo meu. Havia situações um bocado complicadas. Não quero falar nelas...
– Sim. Compreendo. Sr. Zé, diga-me, os seus filhos têm escola, estudaram até que ano?
– O meu filho é licenciado em engenharia química.
– Esse falecido?
– Não, o mais velho é licenciado... é licenciado em engenharia química e é diretor na Casa da Moeda. O mais novo chegou também a iniciar os estudos no ISEL, na altura no ISEL, Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.
– Sim, sim. Mas não concluiu?
– Mas não concluiu também por motivos...
– Sim. A sua esposa tem então... a escolaridade dela é a 4.ª classe?
– É a 4.ª classe. Andou...
– Na mesma escola que o Sr. Zé?
– Não, não. Não é na mesma escola. Ela andou...
– Na Fundada?
– Também não. Foi em Lisboa já, mas também não concluiu nada. Não fez...
– Não fez a 4.ª classe? Não chegou a fazer a 4.ª classe?
– Oficialmente tem a 4.ª classe. Pois... eu estou um bocado transtornado... desculpe lá...

- Esteja à vontade. (...)

– Tem memórias do primeiro dia de escola?
– O primeiro dia de escola, como lhe digo, foi lá na escola do Abrunheiro Grande.
– E lembra-se desse dia?
– Lembro, mas não teve assim nada... não teve assim nada digno de nota.
– E nessa altura o Sr. Zé já vivia...
– Olhe, a única nota que tenho é que havia lá uma vizinha minha que fez queixa: “Olhe que ele não tinha sete anos!” e, nessa altura, eu tinha de entrar com sete anos. Por sorte a professora não ligou assim muito...
– A sua vizinha fez queixa?
– É verdade. Quer dizer, eu só fazia sete anos em Novembro e, portanto, não tinha idade para ir para a escola. Mas pronto, por acaso essa coisa ficou-me marcada que ainda hoje, ela está viva ainda. Ainda hoje me lembro. O que é que ela tinha a ver com eu ter sete anos ou faltar um mês para ter sete anos?! A professora não ligou a detalhes...
– Mas, se calhar, eu vou-lhe dizer porquê, porque há muita gente, porque eu tenho entrevistado pessoas que ficaram sempre com uma espécie de um desconforto ou uma mágoa, porquê? Imagine uma pessoa que fazia anos no dia 1 de Janeiro era obrigada a ir à escola só em Outubro seguinte, no ano escolar seguinte...
– Exatamente!

– E se a pessoa fazia, por exemplo, a 31 de Dezembro começava logo nesse mesmo ano, anterior, em Outubro. Foi o caso do Sr Zé, porque fazia em Novembro.
– Eu fazia em Novembro, exatamente. Mas também não sei qual foi o interesse dela. Nós éramos crianças, não ligava a isso, não era? Mas ficou cá... . Epah o que é que esta tem a ver...
– Mas o Sr. Zé não se lembra de nada de especial, eu sei lá, da roupa, o que é que levou para a escola, o que é que levava consigo, material escolar, se levava livros?
– Livros... os livros, na altura eram os que eram adoptados, não é? Sou do tempo em que não havia apontamentos, caderno de apontamentos... era com ardósia. Era uma ardósia, uma pedra, com um caixilho.
– Uma pedra com um lapinhos de pedra também?
– Com um lapinhos de pedra e era com isso que se escrevia. Apagava-se depois aquilo...
– E acontecia-lhe fazer os trabalhos de casa, ir pelo caminho, e aquilo depois apagar-se?
– Não. Fazia os trabalhos de casa... claro, estamos a falar há oitenta anos. Não havia eletricidade, à luz da candeia a petróleo ou azeite, sentadinho na lareira, não havia secretária, não havia coisa nenhuma, não é? Nessa altura não havia condições nenhumas para os miúdos estudarem, porque só à noite é que podia fazer isso. Portanto, o meu pai ajudava-me, não tendo muitas habilitações o meu pai ainda me dava umas luzezinhas e tal...
– O seu pai ajudava-o a estudar?
– Ajudava, porque ele tinha muita prática, uma cabeça, sobretudo na aritmética, portanto em cálculos que fazia, não é? Fazia, não, ajudava-me. Porque... de tal que quando eu fiz o exame da 3.ª classe, que chumbei na primeira vez, o meu pai disse à professora que eu não estava apto para fazer exame. E ela: "Ai ele faz e tal. Faz." Faz, porque eu levava os trabalhos quase sempre feitos para a escola. A professora pensava que era só eu que os fazia, portanto eu, mas o meu pai ajudava-me. E depois o meu pai sabia a capacidade que eu tinha para ir para exame. Teria de ter sorte de passar. Mas depois passei no ano seguinte, não houve problema nenhum. E foi assim, quer dizer, a minha mãe não tinha habilitações também, só fazia o nome dela, mas o meu pai ainda me ajudou algumas vezes. Até essa altura.
– E os seus irmãos foram todos fazer a escola primária?
– Os meus irmãos... o mais novo, que tem treze anos de diferença de mim, também fez o mesmo liceu já em Lisboa depois de vir da tropa. Também estava na mesma situação.
– Sim, mas fizeram todos a 4.ª classe?
– Não fizeram. Não. Uma irmã fez, as outras não.
– Quantas irmãs tem?
– São quatro.
– São quatro irmãs. E dessas só uma é que fez a 4.ª classe?
– Só uma é que fez.
– E as outras fizeram a 3.ª?
– Aprenderam por elas a escrever, ler e...
– Por elas? Nunca foram à escola?
– Nunca foram à escola. Nessa altura era difícil.
– E como é que elas aprenderam a escrever?
– Eu não sei, porque estive uns anos, não é, sem contacto. Eu estive em Lisboa cinco anos sem vir cá. De maneira que quando eu vim já, portanto antes de ir para a tropa...
– E eram aqui do Vilar?
– Do Vilar do Ruivo, pois. De maneira que...
– E alguma delas ainda é viva?

– Somos seis vivos. Somos seis vivos. São quatro raparigas e dois rapazes. Eu sou o mais velho, o mais novo é esse que eu lhe digo que tem treze anos de diferença de mim. E também esse mais novo também veio acompanhado com outro. Também é um dos partos duplos que a minha mãe teve. Então o que é que acontecia? O outro que vinha, quando nasceu vinha vivo e este vinha com morte aparente. De maneira que a parteira, eu dormia no quarto ao lado dos meus pais, e eu ouvi tudo aquilo... eu já tinha treze anos, eu ouvia tudo o que se passava. Nasceu um e depois a parteira: "Ah vem lá outro e tal, vem lá outro! Ah, mas este vem morto" diz a parteira "Este vem morto." São histórias giras, mas eu a ouvir aquilo tudo. E disse para uma tia minha que morava lá também em casa: "Oh Clementina leva este menino lá para o pé do lume, para o pé da lareira e bafeja, não sei quê, bafejar... " e ela soprava-lhe para a boca. A verdade é que o miúdo...
– Acordou!
– Arribou! Pronto. E hoje é vivo, felizmente. Também depois foi para Lisboa também, eu já lá estava há uns anos e já tinha casado. Foi para lá, empregou-se e acabou também por ir para um banco. Primeiro no Banco Visiense, depois no Crédito Predial Português, depois no TOTA e reformou-se aqui há uns anos também. E é assim, está vivo também. É gago. Falha um bocado, falha um bocado a falar. Como é gago diz-se que os gagos cantam bem e hoje faz parte de um coro lá dos bancários. É o divertimento dele, a ocupação dele é ir aos ensaios, é ir aqui, acolá e cantar e tal. E canta bem. E pronto, faz a vida dele assim. Claro, está aposentado também.
– O Sr. Zé já me disse que a escola em que andou já não existe, o edifício já não existe.
– O edifício existe.
– Ah, o edifício existe?
– O edifício existe.
– Já não funciona é como escola?
– Já não funciona. Eles depois construíram quando foi aquela onda de fazer escolas todas iguais. Fizeram outra lá noutro local.
– Mas já não foi no seu tempo, já foi depois?
– Se calhar não conhece. É mesmo lá no alto junto à capela, há lá uma ermida.
– Mas foi nesse sítio que o Sr. António andou a estudar, mas a escola já não foi a mesma?
– António não! José!
– José, peço desculpa, sim!
– Não faz mal.
– A escola que lá existe hoje... ?
– Está o edifício.
– Está construído o edifício, já foi depois de ter andado lá ou era o mesmo edifício em que andou?
– O edifício era o mesmo. Era o mesmo.
– E o que é que fazem lá na escola?
– Não sei. Não sei. Nunca mais lá fui. E até aquilo ficou um bocado fora de mão. Fica lá no alto...
– E era uma sala única?
– Era uma sala única. Havia rapazes, raparigas.
– E os meninos estavam misturados? Rapazes e raparigas? Tem noção... eram quantos lá dentro?
– Eram muitos. Era muita gente. Sabe, como lhe disse, a minha mãe teve nove filhos. Havia lá uma família no Vilar do Ruivo que era só rapazes, eram uns dez ou onze, e por fim nasceu uma rapariga que morreu. Ficaram só os rapazes. E por curiosidade também tem o apelido Leitão, mas não são da minha família. Há lá três famílias de Leitão, de

Leitões, que não são nada uns aos outros, são três famílias distintas que têm o mesmo apelido, mas que não têm qualquer ligação familiar. E, então, esses... é como digo, havia muita gente. Por curiosidade, quando foi o crisma dos meus netos o padre que estava ali na Fundada, fomos lá falar com ele, era preciso os padrinhos, pelo menos um ser crismado, não sei porquê, mas ele: "Ah e tal se for pelo menos um, porque depois... " Ele estava subordinado aqui ao padre Lopes, penso que era, daqui de Vila de Rei. E, portanto, "Ah e depois o Sr. padre não sei o quê... depois pode embirrar, pode não aprovar, não sei quê... tem de ser pelo menos um crismado." Pronto, o que é que aconteceu? Estava combinado. Um casal que é nosso sobrinho serem padrinhos, mas como a mulher não era crismada e ele também não, então o que é que foi? A minha mulher que tinha o crisma foi madrinha com o padrinho. E eu, por curiosidade, dizia: "Oh Sr padre, veja lá no ano (tanto) quantos miúdos é que foram crismados." Aproximadamente duzentos e cinquenta.

– No ano do Sr. José?

– Só na Fundada. No ano em que eu fui ao crisma. Duzentos e cinquenta. Está muito próximo. Anda ali à volta...

– E a escola devia ter o quê?

– A escola tinha muitos alunos.

– Cem alunos, não?

– Muitos alunos, porque era...

– E havia cadeiras para aquela gente toda? Secretárias?

– Havia carteiras. Corridas, pois. (...) Era muita gente. Exatamente. Duzentos e cinquenta, mas... era isso que eu ia dizer. É que na escola do Abrunheiro abrangia Abrunheiro Grande, Abrunheiro Pequeno, Ribeira, Vilar do Ruivo, era só estes. Pois, e depois aqui a partir das Lagoas para cima já iam para... na Lagoa havia uma escola, mas era, não era uma professora oficial, chamavam-se regentes.

– Exato. Eu ia-lhe perguntar. A sua professora foi uma ou foram várias?

– Era professora oficial.

– Era professora oficial. Lembra-se do nome da senhora?

– Lembro-me do nome. Era Laura, mas ela esteve lá pouco tempo, porque adoeceu na altura acho que com tuberculose. E era natural de Envendos. E estava lá. Morava lá no Abrunheiro com o pai que era reformado, mas depois morreu e foi substituída por uma senhora da Sertã, que por acaso era viúva. Essa deu-me umas reguadas jeitosas!

– Como é que se chamava essa senhora, lembra-se?

– Não me lembro. Não, não me lembro do nome dela. Depois aqui tive um professor. Tive um professor na 4.ª classe, era um professor, mas também não me lembro do nome dele, mas era um rapaz novo, aí de... um rapaz novo quer dizer, não era um rapazito, mas era... via-se que era... ainda era jovem.

– O que é que se lembra de ter lá na sala? O que é que existia lá dentro da sala de aula? O que é que havia de fotografias?

– Olhe, de fotografias havia um Salazar e o Marechal Carmona... que era o Presidente do Conselho de Ministros, parece que era assim que chamavam ao Salazar... havia isso. Havia os mapas...

– Crucifixos, provavelmente?

– Isso talvez. Nessa altura devia haver. Essas coisas não me lembro.

– Lembra-se quando entravam para a escola, de manhã, o que é que faziam? Se a professora mandava fazer fila?

– Não. A professora mandava corrigir os trabalhos, os trabalhos de casa e depois, claro, entrava no programa normal.

– Mas não havia assim hábito nenhum? Rezar, cantar?

– Não, não. Rezar na escola não tenho ideia nenhuma de ter rezado na escola. Eu também não gostava muito... não era assim muito... não tinha muito entusiasmo para rezar, sempre que podia esquivava-me um bocadinho. Havia a catequese aqui quando íamos à missa à Fundada e nessa altura o pessoal tinha de ir à missa e os meus pais faziam questão, de maneira que eu arranjava... "Oh catequese, hoje doí-me a barriga, tenho que me ir embora para casa." Arranjava mil desculpas para não ir à catequese! (risos)

– Sr. Zé, há algum episódio que se lembre agora, pronto, já com uma distância de muitos anos, de quando era criança? Um episódio lá da escola que se tenha passado e que nunca mais se tenha esquecido?

– Tenho! Uma coisa gira, por exemplo. Éramos miúdos, o soalho tinha gretas... isto é só para rir! O soalho tinha gretas e tinha por baixo uma arrecadação com umas arcas grandes onde guardavam os apetrechos das festas, os andores, essas coisas todas. E, então, nós nos intervalos, os rapazes, íamos lá para cima das arcas espreitar pelas gretas as raparigas. Mas claro, nós éramos todos garotos.

– Traquinices! E lembra-se, ainda tem amigos dessa escola? De quando andou na escola ainda tem pessoas que se lembra ou que se relacione com eles?

– Pouca gente, porque, claro depois cada um fez a sua vida e a maior parte dessa gente hoje, praticamente pouca gente cá está, uns morreram...

– Na sua geração foram muitos embora?

– Uns foram para fora, outros foram para Lisboa, outros já morreram.

– Muita gente emigrada?

– Também emigraram. Enfim, nessa altura ainda não havia muita emigração.

– Era mais para Lisboa?

– Às vezes iam para o Brasil ou iam para a América, mas era pouca gente. A emigração cá era pouca.

– Então estava-me a dizer que a sua professora aplicava castigos, batia, era assim?

– Ai isso era. A segunda. Mas isso era quando nós fazíamos asneiras, não é? Já sabe...

– Era por um tipo de comportamento ou era por não aprenderem?

– Não! Era por mau comportamento. Era mau comportamento.

– E como é que ela batia? Era com régua, era com uma palmatória?

– Era com régua. Uma reguazinha. Ela agarrava na nossa mão, nós puxávamos e ela muitas vezes batia na dela. Então o que é que ela obrigou? A pôr a mãozinha no ar... .(risos). E pum! Aquilo doía à primeira e à segunda e terceira, depois já não doía! Fica dormente já não doía. Mas claro, ainda levei algumas com a reguazinha. Ah e tinha outra coisa! Mas também os miúdos eram os culpados, porque ela tinha daquelas canas de bambu, que eram as chamadas canas da Índia, para apontar no quadro e depois: "Anda cá e tal!" agarrava-lhe na orelha, toma uma chicotada com a cana na orelha. É isso.

– No geral os alunos com a professora tinham boa relação? Achavam que ela era boa professora? Ensinava bem?

– Isso acho que era. Para nós, acho que sim. Agora à distância de 80 anos é um bocado difícil, mas... .

– Claro, claro. Mas acha que isso foi importante para si, ter andado na escola, ter feito estudos?

– Pois com certeza. Pois com certeza. Há aí uma fase também que...

– E a sua família metia-se nesses assuntos da escola e ia lá falar com a professora?

– Só se havia queixas. Só com queixas.

– Não era muito habitual?

– Não. Não era muito, não. Não havia reuniões como há agora, nada disso nem tão pouco mais ou menos. Só se havia alguma queixa é que ela chamava os pais para irem lá e, então, falava...
– Do dia a dia na escola o Sr. Zé não tem nada presente assim de especial que acontecesse todos os dias ou que fizessem só de vem em quando? Não há alguma situação?
– Não. Não. Situações nada. Nós tínhamos era de levar a bucha.
– Sim, a bucha. Levava a buchinha.
– De manhã levava-se a bucha e tínhamos de aguentar. Aquilo era o dia inteiro.
– Era? Ia de manhã e só regressava à tarde?
– Íamos de manhã e só regressávamos à tarde.
– E o que é que levava para a merenda? Para a buchazinha? Tipo de comidas?
– O que é que levava? Levava pão. Um pão caseiro, levava o chamado conduto que era queijo ou enchidos, chouriço, ou outra coisa qualquer do género, marmelada já havia nessa altura. Eram essas coisas. Ah! Às vezes sardinhas. Sardinhas fritas, falando em sardinha frita, ainda sou do tempo em que não havia frigoríficos cá e, então, as pessoas compravam o peixe, quase sempre sardinha, e curioso, levavam aquilo, não tinham também sacos de plástico, não havia, havia umas varinhas de esteva descascadas que a pessoa que vendia arranjava aquilo e, então, enfiava-se no olho da sardinha e levavam-nas penduradas e depois chegavam a casa, punham sal e ela ia-se aguentando, hoje salgavam-se umas, amanhã salgavam-se outras. Ainda sou do tempo em que uma sardinha era dividida em três ou em quatro, conforme. Não se chegava ali a comer três ou quatro sardinhas como hoje se come quando se faz uma sardinhada! Mas pronto, tudo isso passou e nós criámo-nos. Era isso.
– E tinham intervalos? Ao que é que brincavam nos intervalos?
– Ai isso o brincar... os brinquedos, tínhamos de fazer os nossos brinquedos.
– E faziam o quê?
– Fazíamos o pião. Nós fazíamos os arcos, com os arcos que se arranjavam de pneus, não se compravam os arcos, aquilo tem um arco no pneu, junto à jante, tem uma parte que tem arame e, então, os pneus, os sapateiros cá...
– Pneus da bicicleta, não é?
– Não, da bicicleta não! Dos carros!
– Já de carros?
– Dos carros. Da bicicleta eram estreitinhos. Hum... faziam calçado com a parte de baixo que era feita de pneu, era feito cá pelos sapateiros. Era feito manualmente. E, então, ficava aquele arco de dentro, ficavam dois aros e esses aros normalmente os miúdos é que aproveitavam, desses é que fazíamos depois a forqueta para conduzir aquilo que era o volante e fazíamos nós os brinquedos. Não tínhamos... mesmo para comprar... fazíamos, a nossa imaginação... o pião fazíamos também.
– E brincavam a isso nos intervalos da escola ou era outras coisas? Outras brincadeiras?
– Não. Fazíamos nós próprios. A escola não tinha. Já não me lembro se havia trabalhos manuais...
– Olhe, e lembra-se se o edifício da escola tinha essas condições, assim, sanitários?
– Não tinha!
– Não tinha na altura.
– Como é que se desenrascavam?
– Havia na parte de baixo, aquilo era assim numa elevação, e depois havia uma parte assim... uma espécie de ravina... em que havia muitas acácias, e a acácia é uma árvore que se dissemina, aquilo é uma autêntica praga. Então, o pessoal... era aí a casa de banho dos alunos e das professoras. Os rapazes faziam lá junto ao muro que lá estava. As raparigas

metiam-se lá no meio das acácias. Não havia água canalizada, não havia nada disso. Se queríamos beber água tínhamos de lá ir abaixo à mina, nem sequer levava para lá água numa bilha, porque não havia para lá nada. Já não me lembro, mas parece que não, se quiséssemos tínhamos de ir lá abaixo.

– E tinham o quê no inverno para se aquecerem na escola?

– Não. Não. Não havia. Se chegássemos molhados, molhados saíamos. Aliás secávamos, secávamos. No meu tempo se estava a chover havia ao lado uma casotazinha onde a gente guardava a roupa nos sacos, e nas mochilas... nos sacos que naquele tempo não havia mochilas, chamavam-se os serrões.

– Os serrões?

– Era o serrão. Um saco de pôr à tiracolo.

– Mas de tecido, serapilheira ou quê?

– De tecido ou até... pois, que usavam até os militares, mas depois era vendido para ferro velho e as pessoas também compravam outros faziam de lona ou de outra coisa qualquer. De maneira que...

– O Sr. Zé não guardou nada da escola? Nem tem uma fotografia? Nada?

– Não tenho. Não tenho. Não tenho nada. Não tenho nada disso, não.

– Também não conhece ninguém que tenha fotografias desse tempo de escola?

– Também não. Nada!

– No seu tempo o ensino era misto. Havia rapazes e raparigas juntos e era sempre tudo junto na escola, fora da escola, no recreio, na brincadeira?

– Normalmente havia sempre uns grupos, quer dizer, de pessoas as raparigas juntavam-se às raparigas, os rapazes aos rapazes. As brincadeiras eram diferentes. De maneira que havia sempre isso. Também não havia namoricos nessa altura.

– Pois. Lembra-se de sentir ou de achar que quando andou na escola havia muita diferença entre os alunos, em termos sociais, económicos, ou era tudo assim mais ou menos?

– Não, aquilo era tudo mais ou menos... o sistema... quer dizer, a vida das pessoas era mais ou menos idêntica. Então, era um meio rural e as pessoas viviam daquilo e vinha já, digamos, dos anteriores. Aquilo vinha já... estava enraizado de tal maneira que não havia distinção de sociedade de classes ou qualquer... era tudo igual, mais ou menos igual. Lá uns viviam um bocadinho melhor outros um bocadinho pior em função, olhe, da quantidade de pessoas que também podiam trabalhar, das propriedades que tinham, dos rendimentos que vinham das propriedades e havia, então, uma coisa que era o pinhal que nessa altura era a exploração da resina que era uma receita boa para as pessoas quando tinham necessidade de arranjar uns tostõezinhos vinham ao pinhal, vendiam uns pinheiros, a resina era certo todos os meses, porque havia aí uma exploração de resina e era intensa. Chegou a haver em Vila de Rei uma fábrica de destilação, portanto a resina, onde se verificava o peso, a água raz e tudo isso, mas depois também acabou aquilo. Mas de qualquer maneira, quer dizer, isto ainda durou uns anos, agora já não. Agora já nem pinheiros há. Já nem chega a haver resina, porque eles não chegam a crescer. Levam dezasseis, dezassete anos é cíclico, eles queimam-nos, não chega. Dão a resina os pequeninos, mas isso não resulta nada.

– O Sr. Zé lembra-se de haver algum apoio lá, de darem algum apoio social na escola para os meninos que tivessem fome ou que tivessem necessidade de material escolar?

– Não! Não!

– Não havia apoio nenhum?

– Nada, nada. Cada um tinha de tratar de si. Repare... não havia a segurança social, não havia nada disso, nem pouco mais ou menos. Tudo isso apareceu...

– Sim, mas houve uma fase em que havia aí uma distribuição de leites em pó e algum apoio por parte da Caritas em algumas escolas.
– Não.
– Portanto, na sua escola nunca houve.
– Não, nunca houve.
– E lembra-se nestas alturas festivas do Natal, da Páscoa, do Carnaval se havia alguma coisa, se se fazia alguma coisa lá na escola, assim fora do comum?
– Na escola penso que não.
– Não se festejava nada?
– Nem sei se fazia o presépio, tenho impressão que não. Não tenho presente.
– Não faziam presépio. Faziam magusto, por exemplo?
– Ah! Magusto fazíamos uma vez no ano, penso que era no São Martinho, não era?
– Sim, exato.
– Penso que era no São Martinho que se fazia o magusto, mas também o magusto era assim um bocado castanhas queimadas. (risos)
– E nas férias depois o que é que acontecia quando se fechava a escola para férias?
– Nas férias trabalhava-se em casa. Trabalhava-se. Fazia-se trabalhos de casa, de casa... rurais.
– O Sr. Zé o que é que fazia?
– Olhe, eu fazia de tudo com o meu pai. Ainda aprendi muita coisa. Se eu hoje sei, por exemplo, enxertar uma árvore, enxertar uma videira, enxertar isto ou aquilo aprendi com o meu pai. Ajudei-o muito na lavoura. Pronto, o meu pai tinha... chamavam uma junta de bois, que eram dois bois. Com dez anos, mais ou menos, eu tenho aqui uma cicatriz... que o meu pai andava numa propriedade e eu fui lá levar, portanto atrelei os bois ao carro e depois uma das botas deles, que chamavam canelos, dos cavalos são ferraduras, nos bois como têm duas unhas são os canelos, mas eu ia a passar, porque aquilo é pregado com cravos e aquilo estava largo e eu fui lá, levantei a patinha do boi passou aqui o canelo e ainda tenho uma cicatriz que eu fiz na altura em miúdo. O que é que aconteceu? Fui ao pinheiro, tirei um bocadinho de resina, pus aqui, não havia outra coisa lá, foi, e assim estancou o sangue e fui para casa. Acho que o meu pai tratou daquilo. Mas na altura foi a única coisa que eu tive ali à mão, porque estava na estrada, isto é, eu para aí com essa idade atrelei os bois ao carro, fui levar ao meu pai que depois ele ia trazer uma carrada... não sei se era mato, se era lenha, não sei, já não me lembro.
– Tinha dez anos?
– À volta disso, à volta disso. Era miúdo ainda, mas comecei muito cedo na lavoura. E, portanto, nas férias praticamente era isso que se fazia.
– Era esse o trabalho.
– Ai e depois tínhamos uma coisa ainda! É que eu também, era assim, os cereais eram moídos nos moinhos movidos a água, portanto, nas ribeiras, mas as ribeiras chegavam a uma certa altura aqui nesta zona secavam, porque não havia barragens, não é? Era só a que corria no inverno, eram os moinhos e eram os lagares, os lagares no tempo da azeitona. Tudo isso era movido a água. Como chegava ao verão e secava, as ribeiras secavam não corria para mover os moinhos, íamos moer, neste caso levava-se o grão às costas para o Rio Fundeiro. O Rio Fundeiro hoje é uma povoação que é a seguir ao Trizio. Não conhece o Trizio? É do outro lado. Mas o Rio Fundeiro que eu falo está ligado com a Albufeira. Portanto, o Rio Fundeiro que hoje se conhece é já mais para cima um bocado. Naquela altura havia as azenhas, cada um tinha um açude, e as azenhas ali moíam, levava-se lá o cereal e depois ele moía, quando moesse trazíamos a farinha às costas para cima para casa

para depois se cozer o pão. Mas isto era eu miúdo, eram os miúdos e tudo. Era assim. Agora repare, do Vilar do Ruivo... conhece Fernandaires?
– Sim.
– Pois, Fernandaires também hoje, aquilo passava-se a pé quando aquilo secava, não é nada como é agora. Subia-se ali ao Trizio, depois ao Trizio descia-se para o Rio Fundeiro, mas era um bocado longe e depois para cá era ao contrário. Também não havia aquela estrada que hoje há de Vilar de Ruivo para Fernandaires, não sei se já alguma vez foi por esse lado, já foi? Portanto, hoje conhece-se aquela estrada alcatroada e quando chega antes de chegar a Fernandaires há um vale que se passa e esse vale era onde havia uma estrada assim à meia encosta por aí acima, que vinha até cá ao cimo, vinha até cá ao cimo e era por aí que nós subíamos e vínhamos com a tralha às costas, com a farinha às costas.
– Eram quantos quilómetros, Sr. Zé?
– Eu não faço ideia, mas isto ainda eram uns quilómetros jeitosos. De Vilar de Ruivo por aquela estrada nova até Fernandaires devem ser aí uns três quilómetros, quatro talvez. E depois havia a outra parte do Rio Fundeiro que ainda era mais, talvez o dobro...
– E o caminho oscilante, não é?
– Pois.
– Porque era montes e vales... Oh Sr. Zé, tem memória de as pessoas acharem que era uma coisa boa na sua aldeia que os filhos fossem à escola?
– Era bom, mas também havia quem dissesse, por exemplo no caso das raparigas: "As raparigas não precisam de ler, não sei quê, não sei que mais... " Conclusão: as raparigas começavam a namorar algumas e depois tinham de pedir às outras amigas para lhes escrevem as cartas para os namorados. Bem, isso era um bocado complicado, mas enfim... mas era o que existia naquela altura.
– Era a mentalidade. Muitas que não iam sequer à escola ou aprendiam sozinhas, era isso?
– As pessoas, elas depois tinham de ser autodidatas se queriam pelo menos saber fazer o nome, ler qualquer coisa, saber ler qualquer coisa.
– E conheceu casos desses, de gente que aprendeu sozinha? Raparigas ou rapazes?
– Tinha aqui, por exemplo, o caso das minhas irmãs.
– Sim, mas eram mais as mulheres?
– Era mais mulheres, exatamente. Os rapazes se calhar, e na verdade houve alguns que não chegaram sequer a fazer a 3.ª classe. Havia alguns que não fizeram.
– Mas, no seu tempo ainda, era comum que a maior parte fosse ou que não fosse à escola? A maior parte daqueles que eram do seu tempo?
– Ainda era a maior parte. A maior parte ia à escola. A maior parte ia à escola, mas ainda havia ali exceções.
– Sr. Zé, se tivesse estudado mais, e depois acabou por estudar até ao 9.º ano, não é? Fez o 5.º ano, o equivalente ao 5.º ano, o que é que gostava de ter estudado?
– Eu profissionalmente fiz vários cursos. Fiz calculo comercial, fiz vários cursos que foram necessários, contabilidade, mas tudo relacionado com o meu desempenho.
– Sim, sim, sim. E foi sempre isso que gostou de estudar? O que é que gostava mais na escola de estudar? Era o Português, era Ciências, era... ?
– Olhe, gostei muito de Português. Português foi das melhores, bem, eu tive várias notas boas. É como digo, Inglês é que foi o meu calcanhar de Aquiles, porque eu tive, por exemplo, em Ciências eu cheguei a estar dividido, a parte de Ciências englobava Zoologia, Neurologia, Química e tal, uma série de coisas que hoje é tudo separado, não é? Naquela altura, eu acho que em Geografia geral, História Universal, todas essas coisas. De História também gostei.
– Gostava de História?

– Ler... eu gostava disso. Mas gostava mais da parte de Ciências. Eu tinha três livros de quando fiz isso, portanto a parte de Ciências, comprei três livros que eram do Palma Fernandes.
– Já não tem nada desses livros?
– Falta-me o do 5.º ano, não sei o que foi feito dele, tinha-o...
– Mas tem os outros?
– Tenho os outros. Eu fiz todos os exercícios desses livros. Tinha uma parte de Geografia e tinha uma parte de Álgebra e depois tinha as soluções.
– Isso foi na altura em que estudou sozinho?
– Sozinho, exatamente. Eu tinha as soluções e depois é claro, estava, como se costuma dizer, a marrar até encontrar a solução. Espera aí, onde é que eu falhei? E depois repetia e tal e lá chegava, quase sempre. Fiz todos. E tinha esses livros como recordação, embora os meus netos não os utilizassem, mas curioso é que o do 5.º ano o meu neto pediu para mostrar à professora dele de matemática, também do 5.º ano, pois... no 5.º ano não, agora no 9.º, agora não, na altura, 9.º... e esse livro nunca mais voltou. Eu esqueci-me e passado um tempo: "Então esse livro?", "Oh vô o livro não sei quê... " arranjou para ali umas desculpas que eu nunca mais vi o livro. Pronto. Tive pena. Porque eu tinha aqueles três livrinhos, outros emprestaram-mos, alguns emprestaram-mos, poucos comprei. Mas esses três comprei e até comprei na Feira da Ladra em Lisboa. Andei na Feira da Ladra lá ao pé de São Vicente havia lá alfarrabistas e vendiam essas coisas e depois do Palma Fernandes. Era o 3.º, o 4.º e o 5.º, eram três livros e eu tinha os livros todos...
– O que é que acha que foi a maior diferença daquilo que foi a sua escola para depois para os seus filhos ou eventualmente para os seus netos? O que é que houve assim de modificações que tenha notado?
– Olhe, foi uma grande que eu achei, que eu acompanhei a evolução dos meus filhos e dos meus netos. Com o meu filho mais velho praticamente ainda apanhou todo o programa que eu estudei. O mais novo já apanhou diferente, por exemplo, eu dei no 5.º ano matéria em relação, por exemplo, a matemática que ele só deu no 6.º ou no 7.º. Os netos então ainda pior, ainda pior. Já apanharam outra fase. Já apanharam outra fase que eu acho que... não sei, não sei, sabe?! Eu tenho feito às vezes um raciocínio de arranjar termos de comparação e chego a uma conclusão que pode ser que eu esteja errado, mas eu acho que no tempo anterior as pessoas estavam mais preparadas. Se me perguntar assim como na 4.ª classe. Ora, na 4.ª classe nós tínhamos as serras todas na cabeça, o local, a altitude, a localização, tudo isso. Tínhamos os rios fossem afluentes, tínhamos de saber os rios principais, afluentes da esquerda, afluentes da direita. As vias férreas. As vias principais, os ramais tudo isso nós tínhamos de saber lá isso tudo. Ora, eu não sei se hoje têm necessidade, se não têm necessidade...
– Isso foi-lhe útil ou sentiu que essa informação não foi útil?
– Isto foi a base. Até certo ponto, até certa altura foi, mas hoje ainda me lembro de algumas coisas. Até às vezes em concursos que fazem perguntas isto e aquilo as pessoas estão um bocado desatualizadas, porque não estudaram isso. Mas depois é mais fácil de chegar lá, por exemplo chega ao computador, chega ao telefone e vai à procura e está lá tudo, não é?! Talvez por isso as pessoas também às vezes... a tabuada. A tabuada nós tínhamos a tabuada na cabeça. Eu ainda hoje faço contas de cabeça mais rápido do que às vezes estão na máquina a fazer ou no computador. Contas muito complicadas também não, porque isso, mas contas mais fáceis faço e mais rápido do que muitas vezes "Ah deixa cá ver" e enquanto estão à procura já está o resultado feito. Mas não sei se é melhor se é pior. Mais facilitado está! Mais facilitado está! Hum... também digo, não sei se era preciso isso. É como lhe digo, agora o que é que me interessa saber se o Zêzere tem afluente do lado

esquerdo que é este ou que é outro, não me interessa. Pronto, tinha de ser e aparecia no exame tudo isso. E depois na prova oral ia-se a dizer. E depois é uma coisa, é que não estavam lá as legendas, as pessoas tinham de lá ir identificar a serra, os rios, os afluentes, a via férrea, tudo. Mais alguma coisa?
– Está dispensado para ir almoçar!
– Pois, está na hora!

– Maria Albertina Antunes Castanheira Batista –

Naturalidade: Proença-a-Nova
Data de nascimento: 17-10-1940
Residência actual: Proença-a-Nova
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 1.ª e 2.ª classes (Coimbra, 1946 a 1948); 3.ª e 4.ª classes (Proença-a-Nova, 1948 a 1950), 1.º ao 5.º ano do Liceu (Castelo Branco, 1951 a 1957); Escola do Magistério Primário (Castelo Branco, 1957 a 1959).

NOTA: Esta senhora professora respondeu por escrito ao Guião de Entrevista (21--11-2019), pelo que a presente entrevista oral foi realizada por Helena Cabeleira na Universidade Sénior de Poença-a-Nova (28-11-2020) para esclarecer uma diversidade de situações e materiais (sobretudo, iconografia) do espólio pessoal da entrevistada. A entrevista oral (gravação áudio e audiovisual) deu origem à série "Fotos Faladas" (disponíveis online no Canal Youtube *Memórias Resgatadas*)

– Primeiro, interessa-lhe tudo o que era da minha escola primária? Eu tenho tanta coisa... eu nem sabia que tinha tanta coisa! (...) Eu até lhe quero dar uma coisa, que até é da minha irmã Maria Ezequiel. A minha irmã tem mais dez anos de serviço do que eu. Mais dez anos de idade. Portanto, eu tenho setenta e nove, a minha irmã tem oitenta e nove e nós somos assim nestas coisas muito parecidas, sabe? E ela contou-me coisas que eu tenho aqui registadas já há muito tempo a lápis, mas de certeza que lhe podem interessar que são dos anos...
– Ai... eu não acredito!
– Porquê?
– Não faz ideia o que eu tenho corrido... para saber quem é que sabe coisas desta fotografia!
– Ah, porquê? Tem essa fotografia?
– Tenho em digital, porque o António deve ter digitalizado ou alguém já digitalizou esta fotografia... é a nossa imagem do projeto!
– Ai é?

– Nós escolhemos esta imagem como imagem do projeto.
– Este menino...
– Até estou arrepiada! Posso gravar isto?
– Pode, à-vontade. Eu até pus ali uma cruzinha, porque ele é o meu pai.
– Estou encantada!
– Em Pedrógão Grande. Se está encantada com esta também vai ficar encantada com outras que eu aqui tenho.
– Estou encantadíssima... deixe-me cá ver aqui...
– Repare que era só masculina... só os miúdos é que iam à escola. Eu posso-lhe emprestar isto. Isto fica na sua mão e depois dá-me quando não precisar. (...) Eu comecei a trabalhar em 1959/60, foi o primeiro ano que trabalhei. Tinha dezanove anos. A escola, quando eu comecei a trabalhar, era exatamente como era no meu tempo ainda. Mas para não adiantarmos, eu vou-lhe dizer... eu escrevi aqui, olhe Helena, eu até lhe deixo este papel e depois lê isto com calma, mas eu acho que isto que a minha irmã me disse, isto é o que a minha irmã me disse. Ela é que me deu este testemunho que tem mais dez anos que eu.
– Eu quero que me fale dessa fotografia. O que é que sabe dessa fotografia? Quem é que está aí?
– Aquilo que eu sei é que eram os meninos do 4.º ano de Pedrógão Grande onde está também o meu pai. Portanto, da 4.ª classe. Que é aquele ali.
– Como é que se chamava o seu pai?
– Acúrcio Castanheira que depois foi médico em Proença-a-Nova cinquenta e cinco anos.
– E esta fotografia tem ideia de quando é que foi tirada?
– Tenho, porque eu sei a idade do meu pai. O meu pai nasceu em 1895, se ele aqui andava na 4.ª classe, portanto 1895, aqui devia ser 1900 por aí.
– E sabe onde é que foi tirada essa fotografia?
– Mais. Então, se ele nasceu em 95, foi para a escola pelo menos com... aqui já tinha passado uns dez anos, portanto, por estas contas normais das idades escolares este ano aqui, 4.ª classe, devia ser 1905/06 por aí.
– E em que sítio?
– Pedrógão Grande.
– Mas a escola?
– Primária. Escola Primária.
– O seu pai era de lá?
– O meu pai era de lá. O meu avô, pai dele, era farmacêutico de Pedrógão Grande.
– E este senhor que está aqui de chapéu?
– É o professor.
– É o senhor professor. E era uma escola masculina?
– Para já aqui era só masculina, mas se houvesse feminina era separada, porque já no meu tempo também era. Porque repare aqui só há rapazes.
– E não tem ideia do nome deste senhor?
– Do professor não tenho.
– Nem há registos?
– Talvez a minha irmã Maria Ezequiel saiba. Penso que ela saiba. Talvez a minha irmã mais velha saiba. Embora esta fotografia sempre lá existiu em casa, é uma maravilha.
– É uma recordação...
– Já reparou que eles tinham um fatinho já como homem?! Olhe para os fatos deles. Está tudo de casaquinho e calças. Eu acho uma piada a isto. Já tudo tinha um fatinho de homens, de livros debaixo do braço. Meu Deus! (...) Estão aqui miúdos que não são do 4.º ano. Este menino não é do 4.º ano. Vê-se bem pelo tamanho e pela carinha deles. Aquele

também não é. Portanto isto devia ser a turma que este professor tinha. Nós chegávamos a ter quatro classes. Quatro turmas. Quatro anos de escolaridade.
– Pois, eles todos têm tamanhos diferentes...
– Repare.
– É... portanto, eram idades diferentes aí, não é?
– O meu pai vê-se que é do 4.º ano. Aqui era.
– O seu pai falava-lhe do tempo de escola dele?
– O meu pai fez os primeiros anos da escolaridade aqui e depois o pai dele, meu avô, alugou casa em Coimbra e a minha avó foi para lá com eles, com os três filhos para estudarem na Universidade. Para continuarem os estudos. Primeiro o liceu e depois a universidade. O meu pai dizia que ia a pé para lá, para Coimbra, atravessava a serra toda da Lousã a pé e depois apanhava um autocarro lá em cima, como é que se chama? No cimo da serra... como é que se chama aquela... agora é uma cidade, uma terra grande... Pampilhosa! Ia a pé de Pedrógão até à Pampilhosa. A pé. E depois na Pampilhosa é que apanhava um transporte público...
– Em tempos de estudante já da universidade?
– Isso. Ele falava na diligência. Na diligência. A minha avó, mãe dele, é que falava muito quando depois já estava assim muito velhinha, que ela morreu com noventa e seis anos, quando a gente chegava ao pé e não reconhecia e ela dizia: "Então, és o Acúrcio?", dizia ela para o filho: "Vieste na diligência? Vê lá, tem cuidado, não te molhes"... quando a minha avó morreu, já velhinha, portanto o meu pai o transporte que apanhava era uma diligência na Pampilhosa, que era um transporte público.
– E aqui quando ele andava na escola primária, isto era lá perto da casa dele?
– Era, no Pedrógão Grande. A casa dele era ao pé da igreja, já lá não está, ainda a conheci.
– Mas sabe se a escola... ?
– A escola, o sítio da escola eu não sei, mas a minha irmã Maria Ezequiel sabe. Se lá for a Pedrógão ela sabe isso.
– A sua irmã vive lá, é?
– Não, vive na Marinha Grande. Mas já está velhinha. Está velhinha, mas tem uma cabeça maravilhosa. Acho que ela até se lembra mais das coisas do que eu. Olhe o chapéu do professor... (risos)
– Isto é impressionante.
– Agora o que a minha irmã Ezequiel diz aqui. A minha irmã trabalhou primeiro em São Pedro do Esteval, ela também é professora. Nós lá em casa somos quatro professoras. Somos oito filhos. Dois médicos, quatro professoras, uma enfermeira e a outra é...
– Todos os seus irmãos estudaram?
– Todos! Todos estudaram.
– Todos se formaram, não é?
– Mas o meu pai, quando morreu, não tinha nada. O dinheiro que ele tinha não chegou para pagar o funeral.
– Como assim?
– Verdade! Porque ele era médico aqui em Proença-a-Nova, mas naquele tempo não havia nem segurança social, nem nada, e ele para as pessoas não morrerem ia ver o doente, o doente não tinha como pagar, ele é que pagava a medicação e outras coisas do género, está a perceber? As pessoas nem sabem... nunca leu aquele livro que eu escrevi sobre a vida dele?
– Ainda não li. Não li.
– Tenho de lhe oferecer.
– Mas conte lá essa história. Tem de me oferecer um para o projeto. Para ficar no projeto.

– Ofereço!
– Com a sua dedicatória, pode ser?
– Sim, sim.
– Porque fala lá muito das coisas daqui...
– O António falou-me desse livro e eu quando digitalizei as suas coisas, o seu currículo, ele falou-me: "A senhora Albertina tem lá o livro que ela escreveu."
– É, porque diz muita coisa da história de Proença. Eu quando o escrevi, escrevi-o mais... eu gosto muito da minha terra, são coisas que a gente nasce com esta... nasci aqui e pronto... e cresci aqui. Mas eu escrevi-o, porque quando cá cheguei, depois casei para Angola, andei por lá muitos anos, e quando aqui cheguei, depois da aposentação, havia muita deturpação em relação ao serviço do meu pai aqui. Uma deturpação tão grande que eu fiquei pasmada. De maneira que escrevi o livro, e no livro disse só tudo o que podia dizer e disse com verdade para não magoar ninguém, porque sei mais coisas que davam outros livros, mas como podiam magoar alguém não o escrevo. Está a perceber? Oh Deus...
– Eram outros tempos, não eram?
– Eram, minha filha... tempos muito complicados.
– O seu pai no fundo foi um privilegiado, posso dizer, não é? Porque teve acesso a estudar, de alguma forma...
– Claro, porque o meu avô era farmacêutico, embora fosse igual ao filho porque também dava os medicamentos de graça na farmácia a quem não podia pagar, mas pronto. Ele tinha três filhos, os três foram estudar. Um morreu com a Pneumónica, que já foi o meu pai que o tratou, e morreu esse irmão. Portanto, vivos era o meu pai e o meu tio Armando só. Morreu outra irmã também quando eles eram ainda crianças. (...)
– Albertina, diga-me só aqui então a legenda da fotografia, o que é que diz aqui no papelinho?
– Eu no papelinho não digo nada praticamente. Aí no papelinho isto é princípio do século XX e depois aqui 1903/04, mas depois um ponto de interrogação, porque deve andar mais por volta de 5 ou 6.
– É uma estimativa.
– É uma estimativa. E o que digo cá é que está o professor e as crianças. Aqui reparei como vestiam, porque os nossos meninos agora não se vestem assim. E o que é que aprendiam. O que é que aprendiam eu pus aqui uma nota do que apendiam: "Meu pai aprendeu na primária, que é um dos que está aqui, as declinações do latim, as equações que nós só aprendíamos no liceu." Eu lembro-me que eu aprendi as declinações já no 5.º ano. O meu pai dizia-nos isto. E as declinações no 5.º ano e as equações creio que no 3.º. As equações de matemática eram no 3.º ano, acho que 3.º ano. E eles aprendiam já isso na instrução primária. Também iam poucos estudar, é verdade, não é? E eu escrevi aqui aquilo que o meu pai nos dizia. Depois o que eu tenho aqui de São Pedro do Esteval é da minha irmã, nos anos 50, 51, talvez até 53. E há aqui coisas que ela diz que eu acho uma maravilha e que eu até vi com os meus olhos. Por exemplo, eu fui uma vez a uma festa que a minha irmã fez lá de Natal, e porque ela fazia estas coisas eu também queria ser professora como ela, porque gostava.
– A sua irmã é mais velha?
– É. Tem mais dez anos do que eu. E esta minha irmã trabalhava numa escola que acho que já lá não está, mesmo ao pé da igreja de São Pedro do Esteval. Era uma casa normal, a sala era menos de metade desta com sessenta e quatro alunos. Quatro e cinco em cada bancada. Eu vi com os meus olhos! Era uma mesa, assim um banco, e depois era o banco corrido, estavam cinco ou seis meninos em cada banco. Eu vou-lhe dizer como é que eu

vi! O da ponta estava assim, sentado com a perna aberta, todos, e eu perguntava à minha irmã porque é que os alunos da ponta tinham sempre a perna aberta. Estavam a segurar, senão os outros caiam todos!! Porque estavam tão encarnados... está a perceber? Eram sessenta e quatro alunos que ela tinha, das quatro classes e era uma amalgama. Eu não sei como aqueles miúdos... e eram bons alunos. Acredita que saiam daqui os melhores alunos do país?

– E a sua irmã dava aulas onde?

– São Pedro do Esteval. E ela dizia, escrevi aquilo que ela me disse: "São Pedro do Esteval, escola de província, escola de concurso deserto", ela foi para lá, foi com concurso deserto. Ela concorreu, ficou logo lá colocada, "ao fim de um mês ficava efetiva." Portanto, aquilo era por concurso deserto, ela ao fim de um mês ficou logo efetiva, isso era a lei desse tempo. E era obrigada a estar lá dois anos. Portanto, ela esteve lá não sei se dois se três, não sei. "Tinha sessenta e quatro alunos, as carteiras eram bancadas para quatro ou mais meninos, os dois das extremidades... " assim como eu lhe disse, com as perninhas de fora, para que todos tivessem direitos, "... com a perna de fora do banco. Bons alunos, 4.º ano de 15 a 14, etc. etc." Depois lê isto tudo: "Porque é que São Pedro tinha sempre bons alunos?"... eu acho isto uma maravilha. Porque vinham fazer exame da 4.ª aqui a Proença e eram sempre bons.

– Eram sempre bons alunos.

– Eram. Apanhavam distinções e coisas do género e a minha irmã disse aqui porquê: "por causa do glúten", porque eles só comiam muito glúten... com milho. Aquilo ali não tinha mais nada, os terrenos era tudo trigo e milho, só cereais. E era à base do glúten que toda a gente se alimentava. Toda a gente comia muito pão e couves que os faziam assim espertinhos.

– A sua irmã tinha essa teoria?

– A minha irmã... do glúten?... a minha irmã disse-me isso. Ela disse-me porque é que eles eram bons alunos: "O glúten do muito trigo base na alimentação ao longo de gerações." Foi o que a minha irmã me disse, que eu escrevi aí. Está a ver? Eu acho isto uma maravilha. E depois ela diz aqui outras coisas que eu também acho bonito: "O aluno, filho da viúva que teve de ir ganhar a safra da azeitona... ", portanto a viúva teve de ir para a azeitona, para o Alentejo, "só veio depois do Natal à escola." Pronto, a minha irmã sabia que a mãe ia para a azeitona, era viúva tinha de ganhar a vida. "À luz do petróleo, o menino apesar de ter vindo só depois do Natal, recuperou e era um bom aluno. Tinha outro que era um mau aluno, porque queria ser marçano nos Envendos." Marçano era um criado, vá, queria ir para os Envendos ser marçano... "mas depois foi estudar e foi um bom aluno." Ela contou-me assim muitas coisas... e depois a minha irmã fez, quando foi no fim do ano, quando fazia lá... a gente tinha de fazer uns mapas... e fez um elogio a este miúdo que depois foi um bom aluno, etc., que queria ser marçano, que não queria andar na escola, mas depois ficou na escola, andou ate à 4.ª classe e foi um bom aluno. E a minha irmã fez um elogio quando fez o mapa e mandaram-na tirar o elogio. Foram ver o mapa... ela depois escreveu aqui: "mandado retirar." Portanto, nós não podíamos... eu tenho coisas assim antes do meu tempo de serviço...

– Portanto, em termos superiores esse mapa era enviado para onde?

– Era para aqui. Vinha para a delegação escolar aqui para Proença-a-Nova, que nesse tempo acho que era na Sobreira, acho que era o professor Flores e depois ia diretamente para Castelo Branco para a direção escolar. Comigo aconteceu-me o mesmo. Eu tive uma visita de inspeção no Chão do Galego e o inspetor ficou de tal maneira sensibilizado com o que viu, porque era tão raro haver escolas assim, com tanta dinamização, que me disse: "Faça um relatório com tudo o que eu vi e que me disse." E eu fiz um relatório. Ah porque

ele disse: “Vou mesmo pedir que lhe dêem um louvor. Você merece um louvor.” E eu fiz o relatório e mandei-lho. Nunca mais disse nada. Um dia, passado um ou outro ano, encontrei-o em Castelo Branco e disse: “Então senhor inspetor para que é que foi o relatório?”... ”Acharam demais minha filha... ”, ele já era velhote... ”Acharam demais... ” Está a perceber? E depois eu digo-lhe o que é que fazia, e o que é que achavam demais...

– E acharam demais?...

– A gente fazia as coisas com o coração... fazer um jardim, plantar dezoito cerejeiras. Fazer um jardim... foi preciso os pais das crianças cavarem, etc., acartarem terra, cada grupo de mães tinha um canteiro que aquilo era uma coisa linda. Os passeios escolares que eu fazia, naquele tempo não se faziam...

– Isso em que escola, Albertina?

– Chão do Galego. Anos 60. O jardim, os passeios escolares, escola à noite às quintas-feiras que eu dava, ninguém queria nada. Sabe porque é que eu fazia a escola à noite às quintas-feiras? Porque eu vi que as mulheres eram tão ignorantes em matéria do nosso próprio organismo, que não sabiam... Ai!! Bem, olhe se eu lhe contasse coisas que as mulheres me diziam! (risos) Fiz essa escola à noite, às quintas-feiras, para as raparigas. Porque comecei a ver as casas do Chão do Galego tão sujas, tão sujas, tão sujas que metiam impressão. E para as ensinar como é que podiam lavar as casas, fazer higiene e ter as casas bonitas e arranjar as janelas com folhinhos e coisinhas... Olhe, fiz para as raparigas, mas a escola encheu-se de mulheres. Era. Não havia cadeiras e carteiras que chegasse às quintas-feiras à noite. E eu dei todas as matérias desde educação sexual, ao arranjo da casa, e tudo com explicações no quadro, com tudo... elas ficavam admiradas: “Ah, mas a gente pensava que os filhos se faziam... ” depois diziam isto... Ai Jesus! Olhe, resumindo, o inspetor viu aquilo tudo e depois cá fora perguntou às pessoas. As pessoas disseram o mesmo e depois acharam demais...

– Foi por isso que não foi condecorada ou não obteve um louvor?

– Isso. Eu na altura não entendi. Depois do 25 de Abril entendi. Eles deviam julgar que eu era comunista! Que eu nem sequer sabia... deviam julgar! Penso eu agora. Porque fazer tanta coisa, dar horas de trabalho sem mas pedirem, coisas que não se faziam nas outras escolas, fazer passeios, fazer essas coisas... as festas, fazíamos festas de fim de ano. Fazíamos torneios desportivos. Olhe, depois começámos a fazer também, em comunicação com a Isilda e com mais duas regentes, etc. e mais duas professoras... e eles achavam que era demais. Como o inspetor mandou fazer o relatório, eu na altura não percebi, mas hoje penso que foi por isso. Deviam julgar que eu era comunista...

– Não ficou com nenhum duplicado desse documento?

– Não. Não fiquei com mais nada. O que tenho disso é o que está no currículo. Tenho algumas fotografias que trago aqui. Ora, estas ainda são do Magistério. Ora estas são daqui... estas são do Galego... Ai, eu tenho aqui uma delicia, Oh minha querida... são estas coisas. Eu escrevia as peças para as festas. E esta peça foi escrita por mim para a festa do Natal quando eu estava nas Cimadas que foi o meu segundo ano de serviço, 1960/61. E há tempos, há coisa aqui de quê? Cinco ou seis anos, o menino que fez de pai veio-me oferecer isto e disse: “Oh professora Albertina lembra-se?... ”

– Então isto foi escrito por um menino no teatro, e o menino guardou este papelinho para decorar, não foi?

– Eu escrevi a peça. Ele era o protagonista da peça, era o pai. E eu, para ele decorar bem e a minha letra podia ser... eu disse: “Oh Zé, tu copias pelo menos pela tua letra”, porque ele teve de decorar tudo. Portanto, isto é o que ele copiou do que eu escrevi... portanto, ele veio-me oferecer. Tem as falas dele...

– Como é que se chamava este menino, lembra-se?

– Chamava-se José Martins. E acabou por ser padre. E se eu lhe disser porque é que ele foi padre... ele foi padre, porque lá na escola estava... quando eu já para lá fui, porque eu só lá estive um ano nas Cimadas, havia um quadro na parede que os missionários lá tinham deixado que dizia: "Não quero ser padre, nem engenheiro, quero ser médico." Mas aquilo já lá estava quando eu para lá fui. Não liguei, ficou na mesma, não mexi no que estava nas paredes. E o Zé era muito bom aluno apanhei-o no 4.º ano, mas a meio do ano deixou de ser bom aluno. Naquele tempo era a História, a Geografia, era a Matemática, o 4.º ano era muito exigente. Tinha lá estado um missionário que tinha deixado uns prospetozinhos para eu dar aos miúdos, ou ele é que os entregou, o missionário. Esteve lá, entregou e foi-se embora. Eu chamei a mãe porque: "Olhe lá, o que é que se passa com o seu filho, porque ele era tão bom aluno e agora parece que anda na lua, não estuda, não... ", a mãe, que era assim uma mulher toda desenrascada: "A culpa é sua! A culpa é da senhora professora!", "A culpa é minha?!", "É! Andou-lhe a dar esses papelinhos que o padre deixou. Escreveu por baixo de um menino das histórias aos quadradinhos 'Zé, Zé, Zé' e já me levantei duas vezes de noite e ele estava com a candeia acesa ajoelhado no chão a ler a história." A mãe toda chateada comigo. Eu é que tinha a culpa, porque tinha dado o papelinho. De maneira que, depois, eu tratei do caso. Ele é missionário, mas é um missionário que é uma coisa! Neste livrinho que eu aqui tenho... mas fomos nós que tratámos de tudo, que lhe pagámos os estudos. Eu e mais um senhor aí da Vila. O meu pai e a minha mãe... depois eu casei-me... também ficaram a ajudar. Porque eu, foi uma das condições que eu pus ao meu marido: "Eu não vou deixar o Zé sem acabar os estudos."

– Foi uma espécie de madrinha dele?

– Ele chamava-me madrinha! (risos) Há aqui um poema que eu fiz a ele. Eu vou-lhe deixar estes livrinhos: "Escola dos anos 40 e 50". Está no fim da escola... eu acho isso uma delícia, esse papelinho que ele me veio dar. Está no fim da escola... olhe, vou-lhe ler este poemazinho para o Zé Martins. Ele era um menino homem, porque a mãe era quem governava a casa, porque o pai era doente, estava incapacitado. Ela tinha quatro filhos e ela trabalhava a dias, não tinha propriedades, trabalhava a dias para poder sustentar os filhos. Naquele tempo nós tínhamos os miúdos todos com bata na escola, a escola tinha batas lá, nas Cimadas, mas eu dava batas às mães quando as mães lá iam. Elas é que escolhiam e vestiam ao miúdo e levavam, lavavam e etc. E a mãe do Zé, que tinha lá outro filho também na escola, foi a última a aparecer, já só havia batas muito rotinhas e muito passajadas...

– E vocês recebiam isso da direção?

– Era dos professores que lá estiveram muitos anos, que deixaram isso organizado. Onde eles pediram... eu não sei, porque eu só lá estive um ano. Não sei.

– Mas não eram as pessoas que tinham que... ?

– Não, não. A escola tinha essas batas. E ela quando lá chegou eu disse: "Oh Ti Carmo, olhe, já só há estas batas, estão todas tão velhinhas", "Ai eu passajo isso tudo." Era um mimo... lavadas e passajadas de alto a baixo, que aqueles miúdos iam à escola com aquelas batinhas. E eles, coitadinhos, eles tinham... quando a mãe ia trabalhar... eles é que tinham de fazer a ceia, tinham que ir tratar as galinhas, tinham que ir tratar os coelhos, porque a mãe estava a trabalhar, percebe? Quando eu aqui digo "menino homem", ele era mesmo um menino homem. Sabe quantos copos de leite aquela criança chegava a beber, e eu tinha de lhe dizer: "Pára!" porque também tínhamos leite. Aí era a Caritas que dava e eram as mães que faziam, cada semana fazia sua mãe. Era uma panela muito grande e elas, cada uma à sua maneira, melhorava a qualidade... punha farinha, punha limão, punha mais um ovinho. Portanto, às vezes vinha aquilo mesmo bom. O Zé chegava a beber cinco copos e eu tinha de lhe dizer: "Zé, pára, pára! Se não faz-te mal, filho!" Ele é agora assim

muito alto e eu digo-lhe: “Oh Zé, foi do leite que tu bebeste na escola!” (risos). Isto foi no ano 61/62, isto que eu lhe estou a dizer. E esta coisinha é uma delícia. Olhe para aqui como ele me veio trazer isto, há coisa aí de uns cinco anos. E a peça, a peça diz muito da moral que havia, do respeito pelas pessoas, do entendimento dos que necessitavam e precisavam de ajuda, e foi escrita por mim. Se quiser levar para ler, mas esta depois dá-ma, está bem? Isto só para um museu!...

– Que delícia, Albertina. Que delicia. Que delicia.

– Olhe este livrinho fica para si, ele vai sair com lombada, mas ainda não tenho os da lombada.

– Obrigada e eu quero uma dedicatória para o projeto das memórias, pode ser? Não é para mim, é para o projeto.

– Mas este é para si, eu para o projeto (...).

– Agora aqui... dos anos 60, tenho aqui mais fotografias... olhe, a primeira terra onde eu trabalhei foi na Serra de São Domingos, também com 40 e tal alunos... olhe a casa. A casa... o meu pai foi-me lá levar, coitadinho, e queria-me trazer... o carro nem lá ia à povoação, e ele queria-me trazer...

– Isto foi na Serra de São Domingos, no primeiro ano em que deu aulas?

- 1959/60.

– 1959/60. E era a casa onde a Albertina morava?

– Eu e uma colega, que nos conhecemos no dia em que para lá fomos.

– E era uma casa particular, era alugada, pagavam renda?

– Sim. Pagávamos renda. Era uma casa sem condições. O meu quarto e o da colega era separado por um tabique que não ia acima, ia assim à altura...

– Não tinham água, não tinham luz?

– Não, não. Não tínhamos nada, não tínhamos água, não tínhamos luz, não tínhamos casa de banho. De uma casinhota que aqui havia ao lado, aqui ao fim deste coiso... é que nós pusemos lá assim um penicão alto (risos) e um mais pequenino que era onde a gente ia fazer as necessidades. Lavar-nos... isso era nos lavatórios e nas bacias que a gente tinha no nosso quarto, que aquilo o quarto era só do tamanho da cama. Meu Deus! (risos) A sala e a cozinha era tudo a mesma coisa. Só Deus sabe... olhe, aqui tem uma que eu gosto muito... espere lá, mas eu estava a ver se tinha mais alguma da Serra de São Domingos... ai tenho aqui outra da Serra de São Domingos... olhe aqui nós, a matar o coelho! Que nos davam. A Maria Duarte segurava o coelho e eu estava a estripá-lo! (risos) E não nos conhecíamos... mas demo-nos tão bem sempre... e eu era muito mais nova do que ela, e ela choravam tinha saudades do namorado... chorava, chorava... quando fazia trovoada, tremia por todos os lados... e eu tinha de lhe dar chá de laranjeira... muito mais nova do que ela! (risos) Meus Deus! Olhe, agora essas, são todas do mesmo sítio, agora eu tenho aqui as do Chão do Galego, a tal terra... os meninos todos com a batinha branca.

– Esta aqui é a Albertina? Que data tem esta fotografia?

– Esta... ora eu estive lá 4 anos... entre 60... deixe-me pensar... 61, 62... foi Martinzes... aqui deve ser, 61-62, 62-63, 63-64... eu estiva lá 4 anos, portanto, 65... 64 por aí. Era as quatro classes, as festas... olhe as festas. Nas festas fazíamos os fatos dos meninos, fazíamos...

– Ai esta... esta é uma imagem do nosso site! Você tem fotografias lindas...

– Esta? Os homens iam-me lá pôr este varão... isto era o pau (...). Até me faltou dizer uma coisa muito importante. No Padrão, quando a minha irmã estava no Chão do Galego (...). Há aqui um pormenor, da minha irmã... Escola do Padrão. Era uma regente escolar. A minha irmã era amiga dela, porque ela era aqui de Proença, chamava-se Elvira e elas encontravam-se às vezes, lá no fim de semana, a minha irmã ajudava e etc.. Era um curral,

a escola era num curral que apenas tinha sido limpo, limpo... não levou nada no chão nem nada, era terra. A manjedoura era a estante do material. A minha irmã foi lá... eu conheci-a.
– A Escola do Padrão?
– Do Padrão que era de uma regente escolar. Que pertencia a São Pedro do Esteval. Freguesia de São Pedro do Esteval. A minha irmã estava a dar escola em São Pedro do Esteval, que era a sede de freguesia, e o Padrão era lá perto, tinha regente. E a minha irmã disse: "Olha, foi a escola mais horrorosa que eu vi. Onde a Elvira trabalhou", que eu conheço bem essa regente escolar que lá estava e depois a minha irmã explicou. Era terra batida, só foi limpo o esterco, vá, digamos assim, que aquilo era um curral e onde ela tinha os livros e as coisas era a manjedoura. Portanto, isto é um pormenor dos anos que a minha irmã era professora lá... 54/55 para aí assim, 56. "Deus sabe o sabe-o Deus" era como as pessoas de lá falavam...
– A sua irmã não costuma vir cá?
– Ela agora já lhe morreu o marido, tem dificuldade em andar, precisa de ser operada a uma anca. Eu é que lá vou de vez em quando... é na Marinha Grande. Se eu lá for alguma vez e quiser ir comigo... ou se ela cá vier, porque ela anda com vontade de cá vir agora na primavera... se ela cá vier eu digo-lhe. (...)
– Da minha escola em Coimbra... olhe aqui, tenho muito má memória desta escola, sabe porquê? Porque a casa de banho... a professora era doente e estava sempre sentada, era assim muito gordinha. Quem nos dava as aulas era as alunas mestras, eram estagiárias da escola do magistério que eram três que vinham estagiar lá.
– Mas, então, isso foi quando fez o curso?
– Quando eu fiz a 4.ª classe. Perdão, quando eu fiz a 1.ª e a 2.ª classe. Eu fiz a 1.ª e a 2.ª em Coimbra, porque a minha mãe teve de ir para lá, porque os meus irmãos mais velhos já estavam na universidade e a pessoa que lá estava, a empregada que lá estava com os meus irmãos, adoeceu. E a minha mãe teve de ir para lá para os meus irmãos. Portanto, eu fiz 1.ª e 2.ª em Coimbra. Portanto, 1946/47/48 eu estudei em Coimbra na escola da Sé Nova e da Sé Velha. E as memórias que eu tenho daí são... as da Sé Nova são horrorosas, porque a professora era doente e as alunas mestradas cada dia dava sua aula. Não havia recreio. Aquilo era uma casa muito antiga que depois foi desmanchada, foi onde a cidade universitária foi construída e aquilo tinha umas casas de banho que eu tenho de lhe dizer como é que era. Olhe, a casa de banho era só um buraco para onde nós fazíamos as necessidades, mas não estava no chão, estava assim a uma altura, eu era criança... não sei se seria esta altura assim aqui... e eu chorava, porque eu não era capaz de subir aquele degrau. Portanto, o buraco para onde a gente fazia as necessidades estava em cima de uma mesa de pedra, vá, digamos assim, tinha uma porta. A gente fechava a porta, mas depois era preciso subir e eu era tão pequena que eu não conseguia subir. E chorava até a minha irmã, que lá andava na 3.ª classe, vir ter comigo. Porque ela já sabia que eu chorava até ela vir ter comigo. São coisas da minha 1.ª classe, que me ficaram muito negativas. Depois passei para... acabou a escola da Sé Nova, e fomos todos da Sé Nova para a Sé Velha. Porque a casa que os meus pais tinham alugada era entre a Sé Nova e a Sé Velha, era na Rua Dr. João Jacinto, ainda me lembro do número da porta e tudo. E na Sé Velha gostei muito. A professora era uma jóia, parecia mãe de nós todos, ainda sei o nome dela, Maria Máxima. E os dela eram alunos extraordinários, os que tinham sido alunos dela na 1.ª. Nós todos os que viemos da Sé Nova, coitadinhos, parecíamos os enteados. Ela era muito carinhosa, era o que nos valia e ensinou-nos para recuperarmos, mas dávamos muitos erros, porque a gente nunca tinha feito ditados. Bem... eu fiquei a dar erros toda a vida. E os meus colegas não sei. Foi aí que eu comecei a brincar, porque aí era uma sala grande, porque aquilo também era um edifício que não era próprio de escola, também era uma

casa que ainda lá está hoje, mesmo ao lado da Sé Nova e da Sé Velha, mas tinha uma grande sala onde a gente brincava, pulava e dançava. Na Sé Nova nem recreio tínhamos. Portanto, passávamos o tempo todo sentados de costas uns para os outros, não saíamos da sala, foi a minha 1.ª classe. Eram tempos horríveis! Mas bom, eu agora já misturei a professora com a aluna! (risos)
– Mas isso não tem problema nenhum, problema nenhum! (...) Volte lá àquela fotografia...
– Do Chão do Galego?
– Do Chão do Galego. Fale-me lá dessa foto. (...)
– Na escola do Chão do Galego, as festas que nós fazíamos do Natal, e a peça do Capuchinho...
– Em que ano é que foi isto, então?
– Anda entre 1963 e até 1966... eu estive lá 4 anos.
– Onde está a Albertina? É sempre a professora, não é?
– É. Eu estava sozinha, tinha as quatro classes aqui. E aqui também sou eu.
– Tudo em Chão do Galego?
– Estas são todas Chão do Galego. Eu fazia festa no Natal e no fim do ano. A festa do fim do ano eram os pais...
– Esta fotografia fale-me dela.
– Esta fotografia, os pais iam pôr este varão, eu pedia-lhes para eles lá irem pôr este varão. Eu fazia reunião de pais, que dantes não se usava, mas os pais eram maravilhosos, não faltavam, está a perceber? E depois comprometiam-se. Cada um fazia sua coisa, cada um prestava seu serviço. Depois eles é que vendiam as fogaças, não era eu... e o dinheiro nunca me passava pelas mãos. Eles é que tinham lá o tesoureiro e depois sabe para que era o dinheiro? Era para pagar a viagem de estudo. As crianças iam...
– Tinham uma viagem de estudo?
– Sim, todos os anos. De dois dias, porque o carro andava devagar e nós não íamos para muito lado, e dormíamos no autocarro. (risos) Havia de ser agora!... Meu Deus! (risos) E a viagem de estudo era paga com o dinheiro das festas que os pais davam, as ofertas, e depois eles é que as leiloavam e as compravam, porque o dinheiro era para pagar a viagem de estudo.
– E toda a gente alinhava nisto?
– Toda a gente! E batiam palmas... e gostavam tanto. Meu Deus, meu Deus! E colaboravam...
– E estes meninos que estão aqui na fotografia ainda se lembra do nome, não?
– De alguns lembro. Está aqui... há bocado ia-lhe a contar, está aqui uma, está aqui uma que é, portanto, é uma das flores que não lhe vejo a carinha... portanto não está nas carinhas... não é nenhuma destas, deve ser uma destas duas, mas que está aqui nesta que se chama Filomena. É este cabelinho que aqui aparece. Só se vê o cabelinho dela. Esta menina chamava-se Filomena e há dias apareceu-nos... reformada já, professora aposentada... estava no nosso almoço aqui em Proença. Eu quanto a vi entrar, a colega que estava ao meu lado disse: "Olha ela é do Chão do Galego", mas eu não a conheci... claro, conheci-a pequenina, não é? Ela está muito alta e reformada já. Depois a senhora começou a falar e disse, apresentou-se e eu disse: "Ai, eu tenho de lá ir. Ela foi minha aluna. Estou a conhecer a carita dela." Levantei-me quando ela acabou de falar e ela também já me tinha topado e assim que me viu, veio, abraçou, abraçou e depois era assim... é só para lhe dizer isto... abraçada, e dizia assim: "Esta mulher ia adiantada cinquenta anos!", eu acho isto uma delicia... "Esta mulher ia adiantada cinquenta anos... " Porque ela também é professora primária, aposentada. Também esteve em Angola, depois dedicou-me um fado, cantou-me um fado. Pronto, e é esta que está ali com a cabecinha a aparecer, é aquele cabelito

que está ali. Este cabelito loirinho que está aqui a aparecer, é a Filomena. Eu penso que ela seria uma destas, seria uma das flores, acho que seria uma das flores, porque as ovelhitas acho que seriam todos da 1.ª e da 2.ª. Eu estive lá quatro anos, ela foi minha aluna quatro anos.
– Aqui estes meninos, não se lembra?
– Aqui estes meninos eram também meus alunos, nós andávamos a arranjar o espaço. Portanto o homem ia pôr o varão, nós fazíamos isto com lençóis, aqui púnhamos papel, isto é papel, não é?! E o pano corria...
– Uma peça de teatro da escola?
– Era a peça. Por trás disto estava tudo corrido quando começavam as peças e as danças etc. corria-se e fechava-se, pronto, fazia-se o palco. E as pessoas... as carteiras tinham de ser tiradas e eram todas postas naquele coberto do... pronto, era uma escola Plano dos Centenários... de maneira que os homens tiravam as carteiras todas para fora e as mulheres levavam os banquinhos de casa para se sentarem. A escola ficava assim à pinha! Banquinhos em cima de banquinhos, banquinhos... ai meu Deus! Outra Escola... isto era magusto, já com outras colegas do lado, a Catraia... também no Chão do Galego. Mas aqui não era só a minha escola. Aqui já estamos umas três ou quatro escolas que fizemos o magusto.
– E isto exatamente foi... ?
– Nestes quatro anos, é tudo das mesmas datas. O magusto. Portanto, fazíamos o magusto...
– E lembra-se das escolas que estiveram envolvidas aqui?
– A Catraia tenho a certeza.
– Quem era a professora na época?
– Não sei, era uma menina nova. Estou a vê-la. Mais nova do que eu, acho que era agregada ainda. Era daquela terra de onde é o médico que vem aqui, o oftalmologista... ai como é que se chama? Mesmo perto do Chão do Galego... eu depois lembro-me e depois digo-lhe. E há mais outra escola da serra, lá do outro lado da serra. Tenho de perguntar à Isilda o nome dessas terras que a minha cabeça já se esquece. Aqui éramos pelo menos, essas duas que eu não me lembro, mais a Catraia, éramos pelo menos quatro escolas que estávamos aqui neste magusto.
– E era muito frequente fazerem este tipo de situação?
– Todos os anos.
– Com outras escolas ali à volta?
– Comecei a fazer no segundo ano que lá estive, convidar as colegas, eram regentes escolares, tirando a da Catraia, eram tudo regentes. Aqui também é de lá do Chão do Galego, ensaiei ranchos de adultos e ranchos de crianças. Olhe o dos adultos... viemos aos Montes da Senhora. Portanto, eu dava escola às quintas-feiras para as mulheres e para as raparigas e, conforme o que era necessário, mas era quase sempre, ficava lá aos fins de semana. Olhe os rapazes e raparigas que havia naquele povo! Agora não há lá ninguém... só os de Chão do Galego.
– De quando lá deu aulas, também?
– De quando lá dei.
– E a Albertina é que ensaiava?
– Ensaiava e dançava e tudo. Aqui estou eu, porque faltou uma, tive de ir dançar. Aquela ali sou eu. Tive de me vestir, porque ela faltou, estava doente. Fomos apresentar. Fomos à Sobreira, fomos aos Montes. Eu ensaiava. Lembro-me de uma rapariga que tinha assim fama de má vida e eu nos ensaios, para ensaiar, fazia a demonstração com um qualquer, com quem estava mais perto de mim, para os pôr todos a dançar, e foi ela... e num grupo delas, veio uma ter comigo um dia à saída e disse: “Oh senhora professora, foi buscar

fulana. A senhora sabe a vida dela?" e eu disse: "Sei", "Então, e não se importa de dançar com ela?", "Não minha filha, pegou-se alguma coisa? Viste que se pegou alguma coisa?" Eu sempre fui assim por isso é que há alguns que não gostam de mim! (risos) Com certeza, porque a rapariga lá tinha... porque agora toda a gente já anda por aí com os namorados e anda com eles, mas naquele tempo não havia, não é? Portanto, bastava que uma andasse com o namorado ou que tivesse fama... para não se poder andar com ela. Mas bem, isso são pormenores. Agora, havia também rancho das crianças. Espere lá, não sei se tenho aqui alguma do rancho das crianças. (...) Portanto, isto é um dos nossos passeios de estudo, passámos pela Serra da Estrela, estava tudo cheio de neve. Olhe a Isilda está aqui ao pé de mim. Aqui, também iam escolas de Proença, ia a da Moita, que eu tinha lá duas irmãs a trabalhar. Portanto, isto é passeios de estudo dos mesmos anos, tudo anos 63/64/65. A neve era tanta... olhe para aqui... tirada de dentro do autocarro. Aqui somos quatro, os professores que fomos a este passeio da Serra. O António João, um, dois, três, quatro, cinco, seis. E este é o padre lá dos Montes da Senhora que foi connosco.

– Lembra-se dos nomes dessas pessoas?

– O António João e a Maria Eugénia que andavam a querer namoriscar, casaram-se. Estes dois. A Isilda que conhece bem. A minha irmã Regina, eu e a tal professora que também está aqui no magusto e que não me lembro do nome da terra, era regente, esta era regente. (...) Olhe esta aqui. Nós cantávamos 'à desgarrada'. Eu e a Isilda cantávamos 'à desgarrada' quando juntávamos os gaiatos!

– É a Albertina e a Isilda a cantarem 'à desgarrada'?

– Está a ver... neste passeio pela Serra da Estrela.

– Ora repita-me os nomes destas pessoas.

– Aqui é António João Mendonça, Maria Eugénia que depois foi a mulher dele, a Isilda, a Regina que é minha irmã que trabalhava na Moita e o meu cunhado também foi mas não está aqui, era ele que estava a fazer a fotografia, eu e agora não me lembro do nome dela que é a mesma que está também com os alunos ali... era regente. E o padre que era o padre dos Montes, porque isto era a freguesia dos Montes. Como é que ele se chamava o padre... Amando ou Armando, ai o nome não sei. (...) Foi entre 63/66, foram quatro anos... 62 agora não sei precisar o ano. Isto era a escola que eu encontrei assim muito despidinha quando lá cheguei. Eu tenho escrito por trás o que nós estávamos a cantar... estávamos a cantar o De Coloris! (risos) Não sabia que estava escrito por trás. Ai... está escrito por trás.

– O que diz nesse?

– Eu nem sabia que isto estava cá escrito: "Esta camioneta onde eu ia ainda passava pela neve alta, Serra da Estrela, não queríamos os alunos com os braços de fora... ", pois não, porque era perigoso podiam-se magoar, "mas ali nem nós resistíamos, tínhamos de ir mexer na neve... " Não sabia que tinha isto aqui escrito. Eu sou uma dessas que está com o braço de fora. Ah, porque o autocarro tem muita gente com os braços de fora, e eu escrevi por trás: "Eu sou uma das que tem o braço de fora"... Ah, para ver se tocávamos na neve. Olha para aquilo... e as merendas iam ali em cima...

– A Albertina organizava isso com os alunos?

– Com os alunos e com os pais.

– E os pais também iam?

– Os pais eram uma maravilha. Eu chamava os pais, eles vinham e não faltava nenhum! Colaboravam com tudo, nunca me passou um tostão pelas mãos e havia dinheiro para estas coisas todas, eram eles que geriam tudo. Muito antes do 25 de Abril. Nem eu sabia o que era comunismo, nem eu sabia... não sabia nada! Eu fazia, porque gostava de fazer, mais nada, só! Olhe aqui, também feito por nós e com o dinheiro que nós juntávamos. O

nicho de Nossa Senhora dos Caminhos... o desenho também fui eu que o fiz, este desenho, esta planta e quem o construiu foi um pedreiro lá do Chão do Galego.
– Isto ainda existe lá?
– Ainda está lá, ainda. A escola era deste lado, a escola era aqui e passava o caminho e o nicho estava do outro lado do caminho em frente à escola. A Nossa Senhora, tudo foi comprado...
– Esta escola foi daquelas que desativou?
– Isso agora penso que é uma associação. Porque ela era do Plano dos Centenários. Está aqui, Era esta. Quando eu de lá vim embora esta escola ficou com jardim... que não tenho fotografia... com vários canteiros, mas canteiros grandes, portanto, um, dois, três, quatro que desenhei-os com os meninos. É o hexágono, o pentágono, com as figuras geométricas desse tempo. E ainda me lembro quando andávamos a desenhar o pentágono, os miúdos... nas outras à frente tudo era fácil, o quadrado, o triângulo, tudo era fácil e hexágono também foi fácil... mas quando eu tive de desenhar a circunferência para poder pôr o pentágono, depois andámos com dois paus a fazer de compasso. E eu lembro-me dos mais velhitos dizerem: "Oh professora como é que tu sabes tanto?"... eles, nesse tempo, não nos tratavam por tu... "Como é que a professora sabe tanto? Quem é que a ensinou?", porque eles ficaram pasmados. Depois o pentágono ficou com os lados todos, percebe? E depois aquela escola... nós fizemos o desenho, ficou marcado, quer dizer, com um sachinho, e depois os homens cavaram uma profundidade de meio metro, porque aquilo ali era muito rochoso. E trouxeram terra em carros de bois das hortas deles. Há coisas que... só quem as viveu... e depois aos grupos de mães, tratavam os canteiros... uns tinham roseiras, o outro tinha cravos, o outro... cada canteiro tinha sua flor. Tenho pena de não ter fotografias disso. Ora, mas a escola era... só cerejeiras. Porque no Chão de Galego há muita cerejeira. Nesse tempo e agora. E havia lá só duas e elas já me rendiam dinheiro para a escola nessa altura. Ficaram dezoito plantadas quando eu me vim embora. Quando eu vim de Angola, este senhor o António João, que está aqui, era delegado escolar... lembro-me de o ir cumprimentar a ele e à mulher...
– Tudo isso se passou... ?
– Comigo lá.
– Antes de ir para Angola?
– Antes de solteira, ainda. O António João disse-me assim: "Ó Albertina, as cerejeiras que tu deixaste no Chão do Galego... ", porque ele e a mulher também lá estiveram, "... dão rendimento à escola que não há nenhuma escola no conselho de Proença que tenha o rendimento que tem o Chão do Galego, das cerejeiras que tu lá deixaste." Foram os homens que as plantaram, não fui eu, mas ficou espaço...
– Foi iniciativa sua, a ideia de colocar... ?
– Elas rendiam dinheiro, porque a gente sem dinheiro não faz nada. É preciso dinheiro para haver estas coisas. E pais de alunos que nos ajudem, não é? E colaborem. Portanto, isto é tudo Chão do Galego, Chão do Galego. E foi isto que o inspetor disse que tinham achado demais, percebe? (...) E eu tinha um ranchinho também das crianças, não era só dos adultos. Mas das crianças não tenho nenhuma fotografia aqui... Chão do Galego é tudo isto. Agora eu esqueci-me de lhe mostrar quando lhe falei no primeiro ano de trabalho que é ali... esta... depois trazia os da 4.ª classe para casa, porque era uma sala só, uma colega trabalhava no período da manhã com as meninas e eu trabalhava da parte da tarde com os rapazes.
– Isso tudo no Chão do Galego?
– Não. Isto na primeira terra onde eu trabalhei. Serra de São Domingos. É esta onde nós estamos aqui na casa da professora. Depois de manhã, como os meninos eram da 4.ª classe

e a gente tinha de os levar muito bem preparados, eles vinham lá para casa, só os da 4.ª, que eu levava a exame. Porque havia um que eu já sabia...

– Quem tirou estas fotos?

– Esta deve ter sido uma sobrinha minha que lá foi passar uns dias comigo. Uma sobrinha minha, da minha irmã Fátima, que foi passar uns dias comigo e eu tinha uma maquinazita muito antiga e acho que foi ela que tirou estas fotografias.

– Como é que se chamava a sua sobrinha?

– A minha sobrinha não, a minha irmã. Era Adelina. Maria Adelina. Olhe, aqui eu tinha dezanove anos... dezanove, não sei se já tinha feito os vinte. Fui para lá com dezanove. Meu Deus! E aqui estou a aproveitar o tempo, porque eles estão todos com o livro aberto, e estamos a dar alguma lição, mas eu estou a fazer croché! Fiz o meu enxoval todo! Oh meu Deus, olhe! (...) Nos Martinzes eu estive... Serra de São Domingos, Cimadas, Martinzes, e depois é que foi Chão do Galego, nos Martinzes cá estão as festas... o rei, os meninos a cantar, no canto coral. Isto é Martinzes. Olhe, nós vestíamos os meninos assim... ele estava vestido de rei, mas deixou as cuecas à mostra! (risos) Este era tão bom aluno, tão bom aluno!...

– Como é que se chamava esse menino?

– Isidro, era tão bom aluno! Eu falei com os pais: "Não deixem este menino sem estudar!... ", mas eu depois fui-me embora, só estive lá um ano, mas este menino era dos melhores que eu tive, como aluno. Era o reizinho... portanto, esta é outra, mas isto era tudo anos 60. Esqueci-me de lhe mostrar, antes dos anos 60, as da minha escola primária, que só tenho do exame de admissão. Eu não fiz exame de admissão no ano da 4.ª, vou-lhe dizer porquê... que eu não digo isso lá no... porque a minha professora, aqui em Proença... Portanto, foi 1.ª e 2.ª em Coimbra, depois 3.ª e 4.ª em Proença, e a professora que eu apanhei era uma senhora que veio para aqui para Proença de castigo, porque acho que era bastante má, vá, como a gente dizia naquele tempo. Só que nós naquele tempo não dizíamos muitas coisas em casa, porque, pronto, não dizíamos o que se passava na escola. E um dia... ela batia-nos com uma palmatória de cinco olhos e punha orelhas de burro na cabeça de muitas colegas. Eu lembro-me que no recreio eu dizia para as minhas colegas: "Se eu fosse vocês, e se ela me pusesse orelhas de burro, eu atirava-as para o chão! Atirava as orelhas para o chão." Depois ainda não se contentava, chamava a empregada, aqui nesta escola de Proença, para ela ir com a criança que tinha as orelhas de burro mostrar a todas as salas. E eu dizia para elas: "Se ela alguma vez mas puser eu atiro-as para o chão!" Ela não mas punha, porque eu, graças a Deus, era boa aluna a tudo, mas por cada erro que eu dava, porque sempre dei erros de ortografia, ela dava-me uma reguada com a palmatória de cinco olhos. Eu trazia a mão toda inchada e com os olhitos da régua marcados. Um dia, em casa, estávamos todos à mesa, porque éramos uma família grande, e eu levantei-me para puxar a jarra da água, para pôr água no copo, o meu pai estava sentado deste lado: "O que é que tu tens na mão?" Conforme eu puxei a jarra ele viu a mão: "O que é que tens na mão?"... eu, aí, também não disse tudo... "É a professora que bate. Oh paizinho, isto não é nada, porque eu só apanho nesta mão e só apanho pelos erros. Se visse as mãos das minhas colegas que apanham por tudo... " E o meu pai ficou... ele era subdelegado de saúde também... ficou... "A ti não te toca mais!" Foi logo nesse dia... falou com os pais das outras minhas colegas, porque eu disse: "Olhe, fale com a Lélé, fale com esta, fale com aquela, coitadinhas como elas têm as mãos inchadas e negras." E o meu pai falou com os pais, os pais disseram ao meu pai: "Ai senhor doutor, não, não... deixe estar, senão depois ela não as leva a exame." E o meu pai, sozinho, porque não teve nenhum pai a querer colaborar com ele... quando eu era a que tinha menos, as outras tinham as mãos muito piores... o meu pai, sozinho, pediu a minha transferência para eu ir para o Vale de

Urso. Quando lá viram o pedido de transferência, aparece ela, a professora, mais outra senhora que era professora cá de Proença, a pedir por misericórdia ao Acúrcio Castanheira para não me tirar da escola, porque perceberam logo porquê! O meu pai disse: "Só não tiro a minha filha se nunca mais lhe tocar e se desaparecer a palmatória dos cinco olhos da escola e as orelhas de burro. Nem à minha filha nem a ninguém, nem com a palmatória nem com as orelhas de burro." De maneira que todas beneficiaram. Desapareceu no outro dia... as orelhas de burro, a palmatória, substituiu passadas uma semana ou duas pela régua. Mas a régua já não fazia aquela coisa nas mãos... negras, já não fazia isso. E a mim nunca mais me tocou. Nem era preciso tocar-me, porque eu era uma boa aluna a tudo, dava erros, porque tive uma 1.ª classe deficiente e porque... penso agora, por aquilo que sei... tinha dislexia, por aquilo que a gente depois vai aprendendo. Acho que tinha dislexia.
– Não se lembra do nome dessa professora?
– Geirinhas. Professora Geirinhas e era de Idanha-a-Nova. Teve cá esses dois anos, por azar apanhámo-la. Quando nos lembramos dela... não sou só eu que me lembro dela... tudo assim, pela negativa. Uma professora mesmo horrorosa. Não tinha um sorriso para ninguém, não tinha um olhar para ninguém, não tinha um afago. Entrava sempre assim toda muito emperuada. Meu Deus! Por isso é que não fiz exame de admissão no ano da 4.ª, porque o meu pai não lhe quis pedir para ir ao exame de admissão. Então, fiz exame de admissão no outro ano. Fui para Castelo Branco, a minha mãe já lá tinha casa com as minhas irmãs, e elas tinham a 4.ª classe, e eu já tinha a 4.ª classe. Mas a professora que me andava as explicações, que era uma santa parecida com a da 2.ª classe, como é que ela se chamava? A da 2.ª era Maria Máxima e essa era... estou a vê-la, mas não me estou a lembrar do nome... gostava tanto dela. Escola do Cansado, e eu estou ali, estou ali com a minha cabecita à mostra.
– Mas fez lá a 4.ª classe?
– Eu fiz a 4.ª classe cá em Proença.
– E foi fazer o exame lá?
– E depois, para fazer o exame de admissão, a minha mãe pediu a esta professora para me dar explicações e ela disse: "Está bem minha filha, eu dou explicações." Eu ia a casa dela depois e a minha mãe pagava as explicações, mas eu ia também à escola, não tinha o que fazer, mas já tinha a 4.ª classe. Mas ela é que fez esse favor. Ela era uma santa.
– Como é que se chamava a senhora?
– Pois, eu não me estou a lembrar do nome. Eu, nesta fotografia, também cá estou. Mas eu agora não me estou a ver. Há uma outra... mas esta já é do liceu. Eu sou aquela cara que está ali a aparecer, aquela cabecita, mas esta já é do 1.º ano do liceu. Uma das professoras que eu mais gostei, chamava-se Amália. Era a professora de Português. Eu gostava tanto desta professora. Dava-me sempre Bom e Muito Bom nas redações. Gostava tanto dela... Maria Amália. Mas esta já é do liceu.
– Em que data é que esta foto foi tirada?
– Ora, foi no ano em que eu fiz exame de admissão. Portanto, eu fui para o liceu com onze anos. Portanto, em 1951, em 51. Escola do Cansado. (...) Da escola do magistério tenho esta do meu curso. Da escola do magistério também lá em Castelo Branco, e esta é das que estagiámos na mesma professora. Portanto, eu terminei com dezanove, foi dezassete, dezanove. Aqui estagiámos com a mesma professora.
– Acabou com dezanove anos?
– Acabei com dezanove anos. Tinha acabado com dezoito se não tinha perdido um ano. Pedi um ano no 4.º ano, reprovei no 4.º ano também por uma professora, mas a gente aprende tudo.
– Portanto, estas aqui eram as suas colegas?

– Eram do estágio. Era a Arminda, a Amélia, a Albertina... ai como é que se chamava esta? Não me lembro do nome dela... não me lembro. Já estamos aí com a palmatória, com as fitas...

– E, no seu tempo, isto era uma coisa mais simbólica?

– Nós aqui, por exemplo, as palmatórias com as fitas, na escola do magistério, isto era um símbolo, bem um símbolo, não tinha nada a ver com... nem as professoras onde a gente estagiava, onde eu estagiei, nem sequer régua havia. Era uma professora extraordinária.

– Como se chamava essa senhora?

– Não me lembro. Não me lembro. Estou a ver a cara dela, mas não me lembro. A minha memória anda um bocado... olhe... 23-05-1960. Esta fotografia foi tirada em maio de 1960. E 60? Ah está bem, porque eu faço anos em Outubro só. Está correto! Portanto, acho que isto é o que mais lhe interessa. Eu agora depois tenho, depois do 25 de Abril... estas podemos guardá-las? A escola de Proença já era assim, a escola de Proença já era a mesma que está agora, só não tinha era os jardins que tem agora. Ai, vou-lhe contar uma história muito bonita. A escola já era boa, era uma escola boa com recreios, com tudo, rapazes separados das meninas tanto nas salas de aula como nos recreios, mas as casas de banho não funcionavam, porque não havia água corrente, não havia água, era preciso ir à fonte, não é? Portanto, as casas de banho estavam todas fechadas à chave, pura e simplesmente não se utilizavam. Então, nós íamos... conhece ali, além, a biblioteca e o centro de saúde? Pronto. A escola está ao lado, não é? Nós subíamos, aquilo era um caminho estreitinho, agora está alargado, subíamos ao lado da escola como se vai agora para o centro de saúde, ao lado da escola primária. As meninas iam fazer... aquilo era uma vinha muito grande que tinha ao meio, naquela estrada que agora separa o centro de saúde da biblioteca, era um caminho estreito, um caminho onde passavam só os carros de bois, não é? Então, nós as raparigas íamos para a vinha do lado direito do caminho, os rapazes iam para a vinha do lado esquerdo do caminho. Os rapazes iam para o lado da biblioteca e nós as raparigas íamos para o lado do centro de saúde, está a perceber? Pronto, aquilo era normal todos os dias. (risos) Posso-lhe contar esta? O terreno era inclinado (risos), e eu lembro-me que depois nós íamos todas juntas, era no recreio, e agachávamos todas ao mesmo tempo... e eu lembro-me de estar também agachada para fazer lá o meu xixi, e comecei a ver que uma das que ficava sempre cá para cima, que eu sei quem ela era... levantava muito a saia (risos) e eu comecei a ver que ela tinha... quando levantava a saia... tinha sempre aqui neste sitio um pano branco atado, assim aqui, mesmo aqui nos quadris. Eu vi aquilo um dia, vi aquilo dois dias... porque eu era assim, um bocadinho, a explicadora delas todas, percebe? Dar-lhes os problemas para elas copiarem, para não apanharem, ensinava-as, etc. Pronto... porque graças a Deus na minha casa eu tinha quem me ensinasse. E eu digo: "Oh Fernanda, porque é que tu tens aquele pano branco atado à cintura?", "Então, é para quando me vier aquela coisa... " (risos). Veja bem, nós tínhamos dez anos, éramos umas gaiatas. Ela lá sabia que havia de vir a menstruação algum dia, mas não sabia mais nada, mas pôs aquele pano branco amarrado à cintura para quando viesse! (risos) "Então, Oh Fernanda, por onde é que tu julgas que sai isso que tu estás a dizer?", "Ai, eu não sei, deve ser pela barriga!" (risos). Isto quer dizer uma coisa... foi porque eu vi estas ignorâncias nas minhas colegas e nos meus alunos, nas mães dos meus alunos, que eu sempre ensinei tudo aquilo que Deus me ensinou a mim, que os meus pais me ensinaram e que eu sabia. Olhe que quando eu já estava quase aposentada, já tinha saído da Escola do Pendão há uns dois anos, telefona-me uma mãe de uma aluna minha, que tinha sido minha aluna no Pendão na 3.ª e na 4.ª, e ela era professora do liceu essa senhora... era, e é professora de liceu... e eu disse: "Então, D. Conceição há quando tempo a gente não se vê. Então, passa-se alguma coisa?"... porque achei estranho, ao fim de dois

anos de eu ter saído da escola, ela me estar a telefonar. Sempre foi uma senhora muito correta: "Oh D. Albertina, eu tenho de lhe dizer muito obrigada", "Então, mas muito obrigada porquê? Então há dois anos que a sua filha saiu, já me disse tanta vez... ", "Porque a minha filha está crescidinha, está uma adolescente, qualquer dia está uma mulherzinha e eu quis abrir a conversa para lhe explicar o que lhe devia explicar. E ela disse: 'Oh mãe, escusas de estar com esse trabalho, porque a professora explicou-me isso tudo'." E ela telefonou-me, ao fim de dois anos, a agradecer, porque já não tinha sido preciso... e depois ela disse: "Explicou, mas explicou bem!" (risos). E porque é que eu expliquei? Porque estas coisas aconteciam, percebe? Pronto. Quando eu andava na primária, a menina do paninho atado, e outra um dia muito eufórica... a gente vinha ali pela estrada adiante, subíamos as escadinhas do Duque, sabe onde são as escadinhas do Duque? Estão agora muito bonitas. Não sabe? Subíamos essas escadinhas e vínhamos para aqui onde a gente morava e uma vez: "Olhem, esperem aí mais um bocadinho, porque eu quero dizer-vos um segredo", "Então diz lá o segredo depressa para a gente depois se ir embora", "Então vocês não sabem, a minha irmã disse-me que nós nascemos (risos)... que as mulheres parem como as cabras... " E foi por eu saber estas coisas todas, e viver isto tudo, que eu sempre ensinei o que tinha a ensinar, percebe? E as minhas colegas olhavam para mim... pronto. Olhe, eu nasci para ser professora. Nasci para ser professora. Quis ser assistente social, não pude, porque não pude continuar os estudos, porque me colocaram na Serra de São Domingos e eu tinha concorrido para uma escolinha perto de Castelo Branco. Não fiquei aqui, como é que eu ia? Ainda tentei, mas depois não havia transportes. Naquele tempo era horrível. Desisti de ser assistente social, mas gostei muito de ser professora, muito, muito, muito. Depois quando quiser ver aquilo que se fez na escola cultural... aí vai ficar encantada. Agora veja o que é que quer levar daqui...

– Olhe, Albertina... eu, eu... eu quero tudo! (...)

– Pode levar, pode levar os macinhos todos... mesmo estes que aqui estão, da escola cultural. Estão muitos no currículo... e estão estes aqui, pós-25 de Abril... isto é digno também! Festa de Natal com 6 colegas, éramos 6 professores lá na escola... "Albertina, não podemos fazer festa porque caem em cima de nós! Não pode ser... agora a liberdade de religião... ", e eu: "Mas nós fazemos a festa de Natal com os meninos, não obrigamos ninguém a ir, vai quem quer!" Fizémos a festa de Natal, com o pavilhão cheíssimo, cheíssimo, e ninguém nos condenou, nem ninguém nos quis prender, nem levou para lado nenhum...

– Albertina, essa história tem de ma contar, com mais detalhe, a olhar para as fotografias.

– Esta aqui, em Cernache do Bonjardim... há muito para lhe contar...

– Maria Almerinda Ribeiro Pires Rodrigues –

Naturalidade: Arnóia Castelo (Sertã)
Data de nascimento: 15-12-1942
Residência actual: Venda da Pedra (Sertã)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe na Escola Primária do Mourisco (Castelo, Sertã, 1949-1952), fez a 4.ª classe (pagou a uma professora para a preparar para o exame na Escola da Carvalha, Sertã, 1972 ou 73-74), fez o 9.º ano (Novas Oportunidades, Mação, tinha 60 anos).

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio) na Academia Sénior da Sertã (02--12-2019). Uma parte desta entrevista foi inicialmente realizada em simultâneo a Maria Almerinda Ribeiro Pires Rodrigues e a Natália de Jesus Gaspar Roldão (cuja entrevista foi posteriormente concluída em 20-01-2020).

[VOZES: Maria Almerinda (MA), Natália Roldão (N), Helena Cabeleira (H)]

H – Então o nome completo é Maria Almerinda...
MA – Ribeiro Pires Rodrigues.
H – É natural de?
MA – De Arnoia, Castelo. Nasci lá e só eu e o meu irmão fomos nascidos nessa... não há mais ninguém.
H – Portanto é portuguesa, não é?
MA – Sim. Concelho de Sertã. (...) 1942. Viúva. Há trinta e um anos, infelizmente. Fiquei com quatro filhos para criar e um com quatro anos. (...)
H – Que nível de escolaridade total tem?
MA – O 9.º ano, nas Novas Oportunidades.
H – Portanto, fez a 4.ª classe?
MA – Sim, portanto fiz a 3.ª classe na escola primária. Depois fiz a 4.ª classe como adulta. Fiz a escola primária a 3.ª classe que era obrigatória na altura.
H – Qual é o nome da escola primária?
MA – Mourisco.

H – Escola primária de Mourisco.
MA – De Mourisco, que não era escola. Logo a começar por aí...
H – Mourisco... qual é a localidade?
MA – A localidade Mourisco pertence à freguesia do Castelo que é uma aldeia, um lugar da freguesia do Castelo. (...)
H – Portanto, tem a 3.ª classe, feita na escola primária do Mourisco que pertence ao Castelo? E fez a 4.ª classe... portanto, isto em que data?
MA – Portanto, eu fiz a 3.ª classe na escola... tenho de fazer as contas. Entrei com quase sete anos, quase sete anos, nasci em 42... quase sete anos ou sete anos feitos. Eu ia para o Mourisco, portanto, eu nasci em 42 e fui para a escola em 49 para aí... portanto, 49, 52 ou 53 para aí. Fiz o exame da 3.ª classe.
H – Fez o exame da 3.ª classe... lembra-se como é que se processava esse exame? E fez onde?
MA – Foi lá. Nessa dita escola.
H – A sua professora era professora ou regente escolar?
MA – A primeira era regente escolar e era de Cardigos. A primeira foi regente escolar. E depois as outras já foram professoras mesmo.
H – Professoras. Portanto, fez a 3.ª classe e depois? Ficou sem fazer mais nada?
MA – Depois fiquei sem fazer mais nada. Não estudei mais.
H – Depois voltou para fazer a 4.ª classe.
MA – Tinha de fazer a 4.ª classe. Nessa altura paguei a uma professora que me preparou para fazer exame da 4.ª classe, que vim fazer ali à escola da Carvalha que agora é a Junta de Freguesia.
H – Na escola da Carvalha. Tudo aqui na Sertã?
MA – Aqui na Sertã. (...) Ora, portanto, a minha filha nasceu em 72... eu já tinha a minha filha. Não tenho bem a certeza do ano.
H – Foi antes do 25 de Abril?
MA – Sim.
H – Então foi 72, 73, 74 por aí?
MA – Pois, por aí. Deve ser por aí que eu fiz a 4.ª classe. Já adulta, claro. Já era mãe de dois filhos.
H – Qual foi a sua motivação para fazer?
MA – Porque gostava de fazer a 4.ª classe. Custava-me só ter a 3.ª classe. Habilitações literárias: a 3.ª classe (risos). O aprender não faz mal a ninguém. Depois passou-se a minha vida e depois, já no fim de velha, houve a oportunidade de fazer o 9.ºano. Fiz o 9.º ano. Fui a júri a Mação. Eu fui a Mação, estavam lá uns professores que eram uns professores do Porto.
H – Quanto tempo demorou a fazer esse curso? E que idade tinha?
MA – Ora... cinquenta... sessenta... para aí uns sessenta anos, eu agora não sei. Eu tenho lá tudo.
H – Tem esses certificados?
MA – Tenho tudo.
H – Tem os certificados antigos da 4.ª classe, da 3.ª?
MA – Desse não tenho. Não tenho. Agora do 9.º ano tenho. E tenho o dossier com os trabalhos todos que fiz.
H – Os seus pais... a escolaridade do seu pai, o que tinha ele?
MA – Nenhum tinha escolaridade. A minha mãe sabia ler e escrever porque aprendeu.
H – O seu pai sabia ler e escrever?
MA – Só assinava o nome dele. Aprendeu a fazer a assinatura dele.

N – Era assim, na altura.
H – Se ele fosse vivo que idade teria?
MA – Se ele fosse vivo, ele nasceu em 1915, teria cento e cinco anos quase. Cento e quatro.
H – E a sua mãe?
MA – A minha mãe não andou na escola. Sabia ler e escrever porque aprendeu com uma tia. Escrevia uma carta e tinha uma letra bonita!
H – Como se chamava a sua mãe?
MA – Maria Ribeiro Arnauth.
H – E essa sua tia, essa tia dela, sabe o nome dela? Com quem ela aprendeu?
MA – Angelina Maria Arnauth Lopes.
H – Se a sua mãe fosse viva teria?
MA – Se a minha mãe fosse viva teria cento e sete. Ela nasceu em 1912, teria cento e sete.
H – A sua mãe contava-lhe essa história? Alguma vez falava dessa situação, como é que aprendeu a ler e a escrever?
MA – Sim, sim, sim. Falava, falava.
H – E contava que aprendeu com essa tia?
MA – Com essa tia.
H – Nunca foi à escola?
MA – Não. Nunca foi à escola.
H – Nem teve exames para ter...
MA – Não! Nenhum, nada, nada, nada. A minha mãe eram onze irmãos, dois morreram pequenos ficaram nove vivos. Eram cinco rapazes e todos foram à escola. O meu avô fez questão de mandar os rapazes à escola. As raparigas eram três e nenhuma foi à escola. Todas aprenderam mais ou menos a ler e a escrever, mas...
H – E essa sua tia como é que teria... ?
MA – Era minha tia avó. Tia avó que era irmã da minha avó. Essa tia era irmã da minha avó que eu conheci perfeitamente e ainda não morreu há muitos anos, para aí há uns quinze ou vinte anos que ela morreu.
H – E a história dessa senhora, onde é que ela teria aprendido?
MA – Essa acho que andou na escola. Penso que essa andou na escola. O meu bisavô, ainda o conheci, o pai dela... já não conheci o meu avô, o pai da minha mãe já não conheci, mas conheci o pai da minha avó. Era alfaiate e... era Manuel era o filho... ele era Arnauth também, é daí que vem o Arnauth. Tinha um filho que era Manel Arnauth, o João, o José... ai como é que se chamava o meu bisavô? Mas posso ainda vir a saber. Agora não me lembro. Eu sei que era Arnauth... mas o nome próprio não me lembro.
H – E tem irmãos então?
MA – Eu? Um.
H – Tem um irmão. E tem estudos?
MA – Fez a 4.ª classe também. Só fez a 4.ª classe.
H – E tem filhos, já me disse...
MA – Eu tenho quatro. Têm todos o 12.º ano.
H – O seu marido?
MA – 4.ª classe. Tinha a 4.ª classe. (...)
H – Natália de Jesus Gaspar Roldão é o seu nome completo?
N – Sim, sim.
H – Naturalidade?
N – Nasci na Madeirã, é uma aldeiazinha aqui perto também. Não é a ilha da Madeira... é Madeirã. Tem o til.

H – Sim, sim. Faz parte de que freguesia?
N – Oleiros. Pertence a Oleiros, distrito de Castelo Branco.
H – A sua data de nascimento.
N – 25/10/59. Dizem que foi assim... mas segundo se consta, não foi assim! Porque dantes pagava-se uma multa quando não se registavam os filhos na data certa.
MA – A minha mãe tinha esse caso.
N – E, como nós morávamos na Madeirã, e tinha de se ir a Oleiros...
MA – Mas tem de contar a que está no registo... essa é a que conta!
N – Pois, isso. Por isso é 25 de Outubro de 59, mas pelos vistos não foi.
H – Mas não tem ideia aproximada?
N – A minha irmã diz que não. A minha irmã, que tem dez anos a mais que eu, diz assim sempre todos os anos: "Olha, eu telefono-te a dar-te os parabéns, mas não é hoje que tu fazes anos, porque eu tinha dez anos e lembro-me perfeitamente quando é que tu nasceste." Por isso não sei a data certa. É 25. Pronto.
MA – A minha mãe também era assim, estava registada a 12 mas tinha nascido a 7...
H – Há vários casos assim... em todas as aldeias.
N – Sim! Porque se ia a Oleiros... era muito longe!
H – A quantos quilómetros da sua aldeia era Oleiros?
N – Talvez uns trinta. Talvez uns trinta.
H – Não perguntei. Nenhuma de vocês tem email?
MA – Não, eu não tenho.
N – Não, também não. (...)
H – O seu estado civil?
N – Viúva também. Isto é uma terra de viúvas!
H – Estou a ver... senhoras tão jovens e tão bem parecidas...
N – E viúvas! (risos)
H – Tão bem parecidas e aparecidas!...
MA – (risos) E viúvas!...
H – E não parece, assim quem diz, de repente...
N – Não sei o que se passa com os homens... vai tudo embora!
H – Diga-me uma coisa Natália, as suas habilitações literárias.
N – 4.ª classe.
H – 4.ª classe. E, portanto, tem a 4.ª classe e frequentou a escola primária?
N – Escola primária da Madeirã. Que ainda lá está hoje, restaurada, toda bonita no cimo da aldeia.
MA – Mas ela teve essa sorte! (risos)
N – Eu já tive escola.
MA – Eu não tive essa sorte! (risos)
H – Diga-me só os anos em que a frequentou. Quando é que entrou? Quando é que saiu?
N – Não, não... não sei. Eu nasci em 59. Entrei com sete.
H – Pronto, se foi pela idade normal, porque há pessoas que foram mais tarde...
N – Não, não, não. Tudo normal. E na altura já era obrigatório.
MA – Pois era, nesse meu tempo já era. Tanto que havia lá dois matulões que, coitaditos, eram assim mais atrasados, mas era obrigatória a 3.ª classe ou a escolaridade até aos doze anos. Eles eram grandes e nós éramos pequenitos, e aquilo às vezes a coisa entornava-se o caldo... .que a gente levava porrada deles!
H – Dos colegas? Dos maiores?
MA – Eles eram um bocadinho atrasados e a gente...
H – Então andou sempre nessa escola?

N – Sempre.
MA – E éramos quarenta e tal alunos naquela escola... numa sala. Numa sala como esta, do tamanho desta, mais ou menos.
H – Eu já vou querer saber isso tudo. Sim, sim. Eu quero saber esses detalhes.
N – Até à 4.ª classe, depois éramos preparados e fomos fazer o exame da 4.ª classe, que era escrito, e oral a Oleiros.
H – A Oleiros. Lembra-se? Na escola de Oleiros?
N – Lembro-me perfeitamente. De Oleiros.
H – Mas a Natália fez a 4.ª classe sempre na mesma escola da Madeirã?
N – Sim, sim, sim.
H – Portanto, quem lhe deu aulas foi uma senhora professora?
N – Exatamente.
H – Ou era regente?
N – Não, não, não. Professora.
MA – A minha primeira foi regente, depois as outras é que foram professoras.
H – Portanto, fez os anos seguidos. Nunca chumbou?
N – Ai chumbei! Chumbei. Chumbei muito! Chumbei, chumbei. Chumbei na 1.ª e chumbei na 4.ª.
H – Então terminou dois anos com mais idade do que devia, supostamente?
N – Sim, sim, sim.
H – Aí com uns doze anos ou treze?
N – Ai sim, sim, sim. Eu era coisinha, muito... nem sabia que existia mundo! Ai, nessa altura era uma miséria completa... chumbei, chumbei muito.
H – Pronto, já lá vamos. Os seus pais que... ?
N – Não sabiam ler nem escrever. Nem um nem outro.
H – Nem o nome?
N – Não, não, não.
H – Nunca os viu assinar?
N – Não. A minha mãe até tem no bilhete de identidade: "não sabe assinar."
H – Tem esse bilhete?
N – Tenho em casa. Tenho o bilhete de identidade da minha mãe.
H – Pode-me trazer para eu fotografar?
N – Posso-lhe trazer, sim senhora. Posso sim senhora.
H – Agradeço-lhe imenso. (...) Portanto, os dois não sabiam ler nem escrever e se fossem vivos tem ideia, Natália, que idade é que eles teriam?
N – A minha mãe morreu há dois anos com... noventa e quatro anos. Se fosse viva tinha noventa e seis agora. O meu pai morreu há trinta e tal anos, mas era mais ou menos da idade da minha mãe, também noventa e tal anos, se fosse vivo. Mas o meu pai já morreu há trinta e muitos anos.
H – Tem irmãos, Natália?
N – Tenho.
H – Quantos?
N – Quatro, mas éramos nove. Entre nós era assim... aquilo era uma miséria tão grande tão grande...
H – Eram... foram quatro irmãos?
N – Quatro irmãos estão vivos. Nasceram nove. Vivia um, morria outro, nascia um, morria outro, nascia... era uma miséria tão grande onde nós nascemos que eu às vezes penso como é que nós nos criámos...
H – E porque é que diz isso?

N – Era um sítio horrível! Era uma coisa!... um barroco à beira do rio Zêzere, onde a gente vivia... uma coisa assim... olhe, eu penso que hoje as pessoas têm tudo e não são felizes, estão sempre umas eternas insatisfeitas... Foi uma coisa assim, uma coisa assim...
H – Então nasceram nove irmãos, não é? E morriam à nascença?
N – Morriam à nascença, sim. Ainda me lembro de ver um dentro de uma caixinha de madeira... que o carpinteiro fez um caixãozinho... e estava lá o bebé, em cima de uma arca de milho, assim em cima... Ai, ai... há coisas... vivia um, morria outro, nascia um, vivia um, morria outro... sempre assim.
H – Portanto, sobreviveram quatro?
N – Quatro. Que ainda estamos todos vivos.
H – Portanto, rapazes, raparigas?
N – É uma rapariga... é uma irmã minha, que já tem setenta anos.
H – Portanto, são duas raparigas?
N – E dois rapazes. Sim. Duas raparigas e dois rapazes. Histórias mesmo...
H – Então, de todos estes... foram à escola?
N – Todos.
H – Todos foram tirar a 4.ª classe?
N – Todos têm a 4.ª classe. (...) A mais velha tem setenta anos. Eu tenho sessenta. O mais novo tem cinquenta...
H – Então são umas diferenças quase a chegar a vinte anos.
N – Sim.
H – Entre uns e outros... entre o primeiro e o último?
N – A minha irmã tem setenta, depois tenho um irmão com sessenta e quatro, eu com sessenta e um irmão, o mais novo, com cinquenta.
H – Vinte anos de diferença do mais novo para o mais velho.
N – Porque morria sempre um. (...)
H – Tem filhos, Natália?
N – Tenho. Um rapaz e uma rapariga.
H – E eles têm estudos?
N – O 12.º ano.
H – E o seu marido?
N – O meu marido tinha a 4.ª classe e depois fez o 9.º ano nas Novas Oportunidades.
H – Diga-me uma coisa, viveram sempre aqui nesta região? Nunca foram para o estrangeiro, nunca emigraram?
N – Não, não, não.
MA – Eu vivi. Eu vivi em Tomar, casei em Tomar.
H – Sim, pronto. Mas não há casos de emigração?
MA – Não.
N – Não, não.
H – Pronto, esta pergunta podem responder cada uma. Lembram-se do primeiro dia de escola?
N – Ai eu não.
MA – Não. Foi um dia...
H – Nem a roupa que levava para a escola?
N – Não. Só tenho uma lembrança que era assim. Eu adorava ir para a escola, porque saía de lá do... enquanto os meus colegas, quando não havia escola, é como agora com os meus netos, era uma alegria! Para mim era uma tristeza...
H – Porquê Natália?

N – Porque eu tinha de ficar lá em casa naquela miséria! E ir para a escola era outro mundo para mim. E fazia aqueles quilómetros todos a pé!
H – Quantos quilómetros eram da sua casa à escola?
N – Nem faço ideia.
MA – Mas eram, se calhar, mais miúdos, não era?
N – Era eu e o meu irmão e uns primos meus.
MA – Pois... e eu ia sozinha, pelo cabeço fora...
N – Olhe, e não havia chapéu de chuva, era com um saco de serapilheira na cabeça e levávamos o almoço e o meu irmão comia-me o almoço! (risos)
H – O irmão comia-lhe o almoço?
N – Comia-me o almoço!
H – E a Almerinda?
MA – Eu também levava almoço.
H – Mas ia a pé para a escola, de sua casa?
MA – Ia a pé para a escola da minha casa. E era para aí, em termos de distância, uns cinco quilómetros... .pelo cabeço, pelo pinhal! Em atalho. Sozinha, porque não havia mais miúdos onde eu nasci. Nasceu depois o meu irmão onze anos depois, já não me fez companhia! (risos) Esse já teve escola. Esse já andou na escola.
H – Mas a Almerinda frequentou... não era uma escola?
MA – Era uma casa, uma casa de habitação.
H – Que foi transformada em escola?
MA – Que um senhor cedeu... como, não sei... para lá serem dadas as aulas.
H – Ainda existe essa casa?
MA – Sim, é natural que ainda exista. Eu se lá for ainda a reconheço. É natural que tenha sido reconstruída, não sei. Mas era uma casa antiga, de pedra, com dois salões assim grandes à frente...
H – Eram duas salas?
MA – Duas salas grandes e, então, numa das salas é que se davam as aulas. Na outra sala a gente às vezes comia lá o almocito quando chovia.
H – Mas isto na Arnoia?
MA – Não, no Mourisco. Eu ia para o Mourisco à escola. E por baixo da sala de aulas era um curral de gado, eram as ovelhas, eram as ovelhas...
H – Quantos meninos estavam nessa escola?
MA – Quarenta e tais.
H – Quarenta e tais. E quais eram as terras que costumavam ir a essa escola, ali à volta?
MA – Ai era Mouriscos, o Vale de Mogo, Selada...
H – Selada?
MA – Selada. Hum... Verdelhos... Verdelhos, Herdade... ia tudo para ali. Para aquela escola.
H – Era uma senhora regente?
MA – Uma senhora regente.
H – Lembra-se do nome dessa senhora?
MA – Hum... agora é difícil eu me lembrar. Eu lembrei-me até muitos anos depois, lembrava-me do nome dela. Ela era de Cardigos. Era de Cardigos. E... agora já... mas, na altura, lembrava-me perfeitamente muitos anos, depois ainda me lembrei, mas agora esqueci-me completamente, porque também já são tantos anos...
H – E lembra-se de algum amigo de escola lá?
MA – Ai sim, isso ainda me lembro de muitos.
H – Convive com eles?

MA – Ainda convivo com alguns, sim, que são mais ou menos da minha idade. Raparigas.
H – Eram rapazes e raparigas?
MA – Rapazes e raparigas todos juntos. Mas até havia lá uns irmãos que até às vezes nos encontrávamos no caminho e ainda íamos um bocadito juntos, que era o Manuel, e o José e a Maria do Céu. Eram irmãos. E havia uma Conceição do outro lado que às vezes nos encontrávamos pelo caminho, mas eles já eram lá perto do lugar, porque eles já eram quase pertencentes lá ao lugar. Eu é que era de muito longe.
H – O episódio... quando pensa na escola, que lhe venha à cabeça... aquele episódio que a tenha marcado, uma coisa que lhe tenha acontecido?
MA – O que mais me marcou foi uma vez uma faísca que caiu num pinheiro à minha frente. No caminho para a escola. Isso foi a coisa que mais me marcou... que eu tive medo!
H – Teve medo.
MA – Eu ia... fazia muita trovoada e eu ia pelo caminho fora. (...)
[Saída de Natália Roldão da entrevista]
H – Então o episódio mais marcante nesse dia... ?
MA – Foi da trovoada.
H – E tinha medo quando andava... quando fazia o caminho?
MA – Eu fazia o caminho, o caminho era longe, era um caminho de mato.
H – Era muito escuro?
MA – Era pelo mato, era pelo meio do mato e claro que era, era. E, então, eu ia a uma distância, sei lá, de vinte metros quando caiu um raio num pinheiro.
H – E o que é que aconteceu? Ardeu?
MA – Deu a volta ao pinheiro todo, espetou-se no chão! Mas depois eu... e o pinheiro era junto ao caminho... e eu não queria passar ao pé do pinheiro! Porque eu estava com medo que aquilo ainda lá estivesse! (risos) É complicado, não é?!... Então, passei pelo meio do mato, molhada, custava mais a passar, não é? Porque por onde a gente passa, sempre...
H – E quando estava mau tempo como é que fazia esse caminho?
MA – Fazia-o sempre com um chapeuzito, chegava lá molhada, não é? Chegava lá molhada, mas...
H – Tinha de ficar molhada o dia todo?
MA – Tinha de ficar molhada, porque a escola não tinha aquecimento nem pouco mais ou menos. Pois... tinha de ser assim. E os miúdos que andavam comigo na escola, os meus colegas, a maior parte ia descalços, eu nunca andei descalça. Nem nunca passei fome. Isso é verdade. Levava sempre o meu almocinho, às vezes não o comia e dava-o a quem passava fome. Havia lá...
H – O que é que costumava levar na sua merenda?
MA – Ai a minha mãe, a minha mãe... era umas batatinhas fritas e um ovo estrelado, um bocadinho de arroz... a minha mãe matava um coelho de vez em quando e depois conservava aquilo, não havia frigorifico nem luz eléctrica... eu fazia os trabalhos de escola à luz da candeia de azeite ou petróleo. Mas a minha mãe lá conservava aquilo numa loja que nós tínhamos, ela metia num saco de pano, e matava um coelhinho de vez em quando, matava uma galinha, matava o porco por ano, de vez em quando, e então mandava-me sempre assim uma comidita.
H – Tinham criação.
MA – Sim, tinha criação e tinha... pronto, eu fome nunca passei. Não sei o que era isso. Tinha miminhos. Não tinha pão de trigo todos os dias, era broa muitas vezes, mas, mas... nunca passei fome nem nunca andei descalça nem rota. A minha mãe tinha esses...
H – Não se lembra de lá irem à escola levar algum tipo de ajuda para a alimentação?

MA – Nada.

H – Não havia apoios?

MA – Não, não. Não havia nada. Não havia nada. Havia tantas crianças que passavam fome. Tantos, tantos! Ás vezes chagavam a casa e comiam um bocadito de pão ou de broa e outras vezes nem a broazita havia. Passavam tão mal, havia muitos. Nós entre quarenta e tal crianças se andássemos oito, sete ou oito calçados era muito, de resto andava tudo descalço. Na escola não havia aquecimento, não havia nada. A escola era buracos. Os miúdos levavam um alcatruz, sabe o que é um alcatruz com certeza. Não sabe o que é um alcatruz?

H – O que é um alcatruz?

MA – Um alcatruz, conhece os engenhos? As noras, uma nora? E a nora tem uns púcaros enfiados, aquilo dava a volta e corria... e tiravam a água. Quando estavam muito rotos as pessoas deitavam os alcatruzes fora e tinham de pôr outros, porque se não nunca mais chegava a água cá acima, não é? E, então, os miúdos aproveitavam esses alcatruzes, os pais, lá punham um arame de um lado ao outro, punham-lhe umas brasitas dentro e eles levavam o alcatruz de brasas para a escola para terem ao pé dos pés que estavam descalcinhos. E, então, tinham de pôr uma pedra por baixo, porque aquilo era um sobrado, o chão era um sobrado de madeira, já velhinho e com buracos, lá para baixo... e claro, o alcatruz em cima da madeira pegava fogo ao soalho. E, então, eles punham uma pedra, uma lousa, uma lage, ou um tijolito ou uma coisa qualquer por baixo depois punham o alcatruz em cima sempre ali. E a professora deixava-os levar os alcatruzes para eles terem um bocadinho de calor... era assim.

H – E lembra-se de ser frio quando fazia os caminhos no inverno para ir para a escola?

MA – Ai muito frio!...

H – E gelo?

MA – Ai... .então, o gelo formava lentes assim... a gente a caminhar e fazia assim ‘trrreeeccc trreeccc trreeccc’ o gelo a partir. Então e na escola?! A rua da escola era mato. O alcatrão era mato. Então aquilo fazia covas, depois passavam as carroças com as coisas, não é? Faziam covas, faziam muitas covas que depois no inverno eram cheias de água. Então os homenzinhos lá da aldeia do Mourisco punham mato nas ruas e depois esse mato era aproveitado para as terras. Enchiam a rua de mato e nós, então, quem tinha calçado safava-se, passava em cima do mato não molhava os pés, quem não tinha calçado ia com os pezitos em cima dos toros, dos picos, mas também já estavam tão calejados que já nem se picavam, coitados...

H – Sim. Olhe, e da professora primária o que é que tem a dizer? Dava-se bem com ela?

MA – Sim. Não tinha razão de queixa dela. Não.

H – Ela batia? Dava castigos?

MA – Eu tive umas três ou quatro professoras, porque depois uma foi-se embora e depois outra voltou e aquilo também...

H – Então nunca foi a mesma professora na escola primária?

MA – Nunca foi a mesma professora. Não, não.

H – Mas era todos os anos uma?

MA – Normalmente era. Todos os anos uma.

H – Não se lembra do nome de nenhuma?

MA – Lembra-me que uma era Conceição, mas essa já era professora, ainda me lembro dela da professora Conceição.

H – Esta de Cardigos era a tal regente?

MA – Era, a de Cardigos era a regente. O professor António é capaz de saber. O professor António é capaz de saber quem ela era. Eu lembrei-me tanto tempo do nome dela e depois passou-me...
H – E teve uma Conceição e mais, lembra-se?
MA – Pois, acho que tive uma... uma Lucília, acho que era Lucília... mas essa já era professora. A regente foi só uma.
H – E tem alguma coisa a dizer sobre estas senhoras? Alguma coisa que se lembre, que acontecia na vossa, pronto, no vosso convívio, nas aulas?
MA – Olhe, eram umas pessoas que trabalhavam muito. Tinham de trabalhar muito qualquer uma delas. Havia... tivemos uma professora que eu tenho a impressão que depois andei mais um ano na escola, porque depois uma adoeceu, depois era assim muito coisita e depois ali o sítio era... eu tenho impressão que até andei mais um ano na escola. Depois ela foi-se embora doente e depois ainda estivemos assim um tempo sem professora. Houve assim...
H – Mas ela adoeceu enquanto estava lá a dar aulas?
MA – Sim.
H – Não era de lá, é isso?
MA – Não era de lá. Não. Não era de lá. Essa que era de Cardigos até ficava lá na casa onde dava aulas, porque tinha um quarto e tinha uma cozinhazita atrás e ela...
H – Ela vivia na própria escola. Mas os anos todos com as professoras diferentes que teve foi sempre nessa escola, foi sempre nessa casa?
MA – Nessa casa. Nessa escola. Agora as outras depois já lá não viveram. Depois alugaram lá a casa, houve lá pessoas que tinham casas com melhores condições e elas foram viver, depois elas estavam nessas casas.
H – E a Almerinda tem ideia até que anos é que essa escola funcionou?
MA – Essa escola funcionou, ora, o meu irmão tem menos onze anos que eu e o meu irmão já andou na escola.
H – Na escola que foi feita.
MA – Sim.
H – E foi em que anos?
MA – Essa escola, portanto, o meu irmão nasceu... em 53. Em 53... portanto.
H – Em 57, 8, por aí?
MA – Sim, por aí. A escola deve ter sido construída mais ou menos nessa... e ainda lá está. Agora nem sei o que é que lá fazem, mas...
H – Mas está ocupada? Tem ideia? Alguém a dinamiza? Alguém faz alguma coisa lá na escola?
MA – Não sei. Isso agora não sei. Não sei, porque eu também raramente passo para aquele lado. Aqui há uns anos eu passava lá e ela estava fechada, porque eu às vezes passava por lá, porque eu tenho uma propriedade e eu trabalhei num hotel em Pedrógão. E às vezes passava por lá, porque ia pela minha propriedade e depois passava por aquele atalho.
H – Até que anos é que se lembra de lá haver ainda aulas ou escola? Provavelmente a escola fechou porque não tinha alunos, não é?
MA – Não. A escola lá tinha alunos. Ela fechou, porque foi quando vieram para o agregado escolar. Ela fechou mais ou menos... deve ter sido nessa altura, porque esse lugar é grande. Tem muita população ainda. E, então aí devia haver crianças. Ela deve ter fechado por causa do agrupamento.
H – Recuando assim nesses tempos, daquilo que tem memória, lembra-se dessas professoras, tem ideia se elas eram boas professoras?
MA – Boas professoras. Ensinavam bem.

H – E davam castigos? Aplicavam castigos?
MA – Era assim umas reguadas e com a cana... a cana (risos)! Mas tudo se portava mais ou menos, não era como agora. Os alunos também eram melhores de aturar do que hoje.
H – Estava-me a dizer que tinham idades muito diferentes, não era? Lá na escola?
MA – Sim. Desde os sete anos aos doze.
H – Mas doze na primeira classe? Poderia ser isso?
MA – E esses que nunca passaram de classe, eles nunca passaram da primeira classe. Andaram lá até chegar aos doze anos e depois saíram sem, sem... sem saber. Se calhar, faziam o nome deles...
H – Mas, então, isso criava ali diferenças entre vocês, em darem-se uns com os outros?
MA – A gente estava habituados. Para nós era tudo normal.
H – Também não se lembra dela fazer alguma coisa, quando alguém tinha necessidade de ser castigado? Se punha orelhas de burro, se punha aos cantos da sala, se era só à base da palmada?
MA – Era umas palmadas, não havia assim...
H – Aquela menina dos cinco olhos ainda... ?
MA – Ainda existia lá na escola. Existia. Existia e de vez em quando havia umas reguadas, sim.
H – Mas uma reguada de uma régua de madeira, ou era dessa?
MA – Havia as duas coisas. Havia uma régua comprida de madeira e havia a menina dos cinco olhos, e havia umas bofetadas e havia uma cana!
H – E volta não, isso tudo funcionava?
MA – Tudo funcionava, de vez em quando aquilo funcionava tudo...
H – E qual era o motivo para aquilo funcionar? Era porque as crianças eram mal comportadas ou... ?
MA – Não. Era por não aprenderem. Coitadinhos. Também não tinham muitas possibilidades de poderem aprender e era mais por isso. Mal comportados não eram. Á vezes lá algum... mas não, não havia maus comportamentos... que eles eram obrigados a serem bem-comportados.
H – E considera que alguma dessas professoras, que tenha gostado mais, ou que tenha influenciado a sua vida de alguma maneira?
MA – Todas. Eu gostava de todas. Não era das mais castigadas. Também não era das que tinha mais dificuldade em aprender, lá ia aprendendo mais ou menos, mas não era das que tinha mais dificuldade, não era das mais castigadas. E elas esforçavam-se muito, porque tinham quatro classes e quarenta e tal crianças. Portanto, era uma população grande e ainda vinham de fora. Elas esforçavam-se muito. Elas trabalhavam muito. Elas chegavam, nós tínhamos aulas ao sábado até à uma hora da tarde nesse tempo, não era como hoje (risos).
H – Lembra-se do horário da escola, de funcionamento das aulas?
MA – Perfeitamente. Entrávamos às nove horas e saíam às três uns e outros ficavam até às cinco.
H – E que outros eram esses?
MA – Os da 3.ª e 4.ª classe.
H – E a professora ficava direta?
MA – Sim.
H – Almoçavam lá, levavam merendas? Havia muitos casos de meninos que comiam lá na escola e daqueles que iam a casa?
MA – Eram quase todos... iam a casa. Havia, sei lá, entre todos só uns cinco ou seis que comiam na escola. Traziam um lanchito os que eram de mais longe. Os outros iam a casa

se lá tinham alguma coisita para comer... havia lá uma miudita que eu dava-lhe quase sempre. Eu comia um bocadito e dava-lhe outro bocado a ela... era assim, não havia nada para ninguém... coitadinhos.
H – E essa menina era ali da aldeia?
MA – Era de lá mesmo... suicidou-se. Mais tarde.
H – Mas já adulta?
MA – Já adulta.
H – Lembra-se do nome dela?
MA – Era Maria Emília...
H – Era muita miséria, passavam muita fome?
MA – Muita, muita. E o pai era muito mau. Batia-os muito.
H – No geral, como é que os alunos se davam com o professor? Se gostavam e se falavam sobre isso, ou gostavam da professora ou não gostavam?
MA – Os que levavam mais nas orelhas não gostavam tanto. É sempre assim, mas tinha de ser.
H – E a sua família o que achava da escola, de você ir à escola? Incentivavam-na? Conheciam a professora?
MA – Sim, sim, sim.
H – Tinham algum tipo de contacto?
MA – A minha mãe ia à escola às vezes, lá de vez em quando... ia à escola.
H – Mas porque a professora chamava ou por iniciativa dela?
MA – Não, ia lá. Quando vinha a professora ia lá. Ia lá cumprimentá-la ou às vezes até ia levar assim uma frutazita ou assim uma coisinha... um miminho. E ia lá visitar a professora, ia, quando vinha assim o ano novo, normalmente.
H – Houve algum professor ou alguém que a tenha marcado, ou que a tenha incentivado a estudar e a continuar?
MA – Era sempre eles e houve...
H – Sempre os seus pais?
MA – Não, sempre os professores que tive. Sim. E a professora que eu fiz a 3.ª classe foi pedir aos meus pais para me deixarem ir para a 4.ª.
H – Dessa senhora não sabe o nome dela?
MA – Não. Não sei.
H – Ela própria tomou a iniciativa de ir ter com os seus pais para lhe pedir para ir para a 4.ª?!
MA – Sim. Eu penso que foi essa que era a Lucília, mas eu não tenho já a certeza.
H – E na altura o que é que os seus pais disseram?
MA – Na altura os meus pais decidiram que não.
H – Mas qual foi o motivo?
MA – Porque eu já tinha... porque naquele tempo havia uma ideia que era para a menina era preciso aprender a costurar e a fazer comida e tendo a 3.ª classe já sabia ler e escrever que era o essencial... era só ler e escrever...
H – Mas sente que isso era uma ideia que era imposta, ou era para a própria família... ?
MA – Era uma ideia normal, das pessoas em geral.
H – Das famílias?
MA – Sim. Poucas pessoas, poucos iam para a 4.ª classe. Fazendo a 3.ª classe... sabiam ler e escrever.
H – Mas a Almerinda gostava de ter ido estudar mais?
MA – Gostava. Na altura gostava. Tanto gostava que depois cheguei a ir mais tarde.
H – E os seus irmãos?

MA – O meu irmão fez a 4.ª classe. Eu só tenho um. Fez a 4.ª classe. Depois o meu irmão ainda foi para o seminário, quis ir para o seminário. Andavam pessoas conhecidas a perguntar porque é que ele não ia para o seminário e havia muito essa ideia de levar os miúdos para o seminário. Ele foi, mas só lá esteve um ano. Não quis.
H – Mas os seus pais foram de acordo? Foi para o seminário de Cernache?
MA – Foram. Não, foi para Alcains. Acho que foi para Alcains. Ou não! Gavião. Foi para o Gavião, mas só lá esteve um ano, e veio-se embora.
H – Portanto, as professoras foram as pessoas que sempre incentivaram mais a que a Almerinda fosse estudar?
MA – Sim, sim, sim. Então essa com quem fiz a 3.ª classe queria que eu continuasse.
H – E alguém a desmotivou para não ir? Sem ser, pronto, os seus pais?
MA – Os meus pais não queriam também. Os meus pais não queriam...
H – Olhe, a rotina na escola. O que é que vocês faziam lá? O que acontecia diariamente?
MA – Diariamente era... logo de manhã apresentar os trabalhos. Outro grande problema que era... era os trabalhos todos feitos em lousas, eram...
H – Um lapisinho de pedra também?
MA – Sim. Que era uma chatice, porque apagava-se sempre os trabalhos e às vezes chegava à escola com os trabalhos já apagados. Eu lá tinha o cuidado de meter entre os livros...
H – Os trabalhos de casa eram que tipo de coisas? Tinham que fazer na lousa? Escrever tudo?
MA – Não. Na lousa os problemas, os problemas eram feitos na lousa.
H – E como é que fazia para não se apagar?
MA – As cópias, as cópias... como é que fazia? Metia entre o caderno e o livrito.
H – Mas também já tinha caderno na altura?
MA – Tinha, já tinha um caderno para fazer os ditados e as cópias.
H – E era caneta era aparo?
MA – Era aparo, a molhar no tinteiro. Na escola. Em casa também tinha um tinteiro. Sim, na casa onde eu nasci havia essas coisas.
H – Não havia transportes nenhuns. Você fazia sempre o caminho a pé?
MA – Ai não havia nada.
H – Nada, nem burrito?
MA – Nada. Não, não, não.
H – Da porta da sua casa até à escola quantos quilómetros seriam?
MA – Nada menos de cinco quilómetros. Nada menos... se não fosse mais.
H – Quando entravam, chegavam à escola de manhã...
MA – Chegávamos e era apresentar os trabalhos, depois ela, a professora, punha uns a emendar o que estava mal feito, ela ia fazer o ditado a outros, depois tinha 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classe.
H – Ela costumava fazer uma coisa que já me têm referido, não sei se tem memória, que era às vezes os melhores da turma ou os mais velhos corrigiam os trabalhos dos mais novos e depois quando aquilo estava errado ou era preciso... eles próprios é que aplicavam o castigo?
MA – Não. Comigo não.
H – Quando era para castigar era sempre a professora?
MA – Era a professora que tinha... não, comigo nunca aconteceu isso.
H – Tinham alguma rotina quando entravam na escola? No recreio, antes de entrarem para dentro da escola, entravam em fila, o que é que faziam?
MA – Sim, sim. Entrávamos em fila, mas tudo calminho.
H – Raparigas para um lado, rapazes para o outro?

MA – Não, tudo junto. Organizado. Entrávamos todos juntos.
H – Rezavam, cantavam?
MA – Sim. Rezávamos. Rezávamos ao Salazar! (risos, risos).
H – Rezavam ao Salazar... e era uma oração ou era... ?
MA – Era um Pai Nosso. Isso tínhamos que rezar.
H – E tinha na escola essas imagens?
MA – Tinha o Salazar e o Craveiro Lopes. O Craveiro Lopes. E um crucifico.
H – E o que tinham mais nas paredes?
MA – Nada. Era só isso.
H – Mas tinham quadro?
MA – Sim. Maior do que este.
H – Maior do que este... quantas carteiras tinha a escola? Tem ideia?
MA – Ai agora não faço ideia.
H – Os meninos todos tinham carteira?
MA – Não, não, não. Não havia carteiras, estávamos dois e três. Dois e três.
H – E havia gente sentada no chão ou trocavam?
MA – Não, não, não. Todos tínhamos carteira, mas suponho que havia para aí umas vinte carteiras. Eram assim duas filas, duas ou três filas. Agora não me lembro bem, mas acho que eram três filas... uma a meio e duas de cada lado e... havia umas que eram mais pequenas, estavam dois que estavam à frente, depois havia outras maiorzinhas que estavam atrás onde estávamos três.
H – E os materiais que tinham lá na escola, o que é que havia?
MA – O que é que havia? Lápis de pau, e a caneta com aparo e o lápis de pedra. E a lousa. Era tudo...
H – E os livros, o que se lembra de haver?
MA – Livros era o livro da 1.ª classe, depois tinha o livro da 2.ª classe e da 3.ª classe... eu não sei se ainda lá tenho algum. (...)
H – Os livros sempre foram seus? Os que levou para a escola, os seus pais compravam?
MA – Sim.
H – E passaram para mais alguém? Foi ficando com eles?
MA – Pois, às vezes dava, por isso é que não sei se tenho. Por isso é que eu não sei se tenho algum. Até me lembro que o da 1.ª classe eram dois miuditos, a carita de duas crianças na capa.
H – E tem ideia de material escolar... ?
MA – Não. Isso havia uma reguazita e a gente pedia uns aos outros... essas coisas não havia.
H – E no recreio o que é que acontecia?
MA – No recreio jogávamos ao jogo da pedra, fazia-se no chão, íamos a um sítio onde pudéssemos riscar e lá saltávamos, saltávamos à corda. Os miúdos tinham um pião, mas não dava muito bem para jogar, porque no chão enterrava-se o pião. Olhe, era assim. Os jogos eram assim.
H – Disse-me que era uma casa particular, tinha casa de banho?
MA – Não!!! Era campal! (risos). Cada um desenrascava-se como podia.
H – Mas tanto os alunos como as professoras?
MA – Sim, sim. Cada um desenrascava-se como podia.
H – Tinha alpendre, tinha algum tipo... ?
MA – Tinha um alpendre da parte de trás que às vezes a professora ao sábado, às vezes ao sábado ainda lá ficávamos um bocadito, os da 3.ª e da 4.ª classe, para ela adiantar. Porque

tinha de empatar muito tempo com os pequenos da 1.ª e da 2.ª classe e não podia atender-nos a nós...
H – Até que horas mais ou menos é que os mais avançados ficavam lá?
MA – Às vezes chegávamos... durante a semana chegávamos a ficar até quase à noitinha que depois íamos embora para não irmos de noite para casa. E ao sábado ficávamos mais aí uma hora ou duas... às vezes ela levava-nos lá para o terraço atrás que estava lá sol.
H – Ela vivia ou, pelo menos uma delas, vivia ali?
MA – Uma delas viveu lá.
H – E quem é que fazia limpeza lá na escola? Os alunos varriam?
MA – A gente varria a escola sempre. Todos os dias. Os últimos que saiam é que varriam a escola.
H – Procure lá em casa, se tiver, eventualmente, uma fotografia ou alguma coisa que seja desse tempo... sua.
MA – Sim, tenho, tenho de pequena, quando eu fui para a escola, antes de ir para a escola. E tenho uma de quando eu fiz a Comunhão Solene, que era também da altura em que eu andava na escola. (...)
H – No total, frequentou três anos, quando andou na primária. Nunca repetiu, nunca reprovou?
MA – Tenho impressão que reprovei um ano... que andei lá mais um ano.
H – Mas por causa da professora ficar doente?
MA – Sim, sim. Tenho impressão. Aí ficámos quase todos. Acho que depois demorou muito tempo a vir outra professora e depois a que veio...
H – Não tem ideia do ano em que foi?
MA – Não. Não tenho ideia.
H – Lembra-se da relação dos alunos entre si? Como é que se davam os rapazes com as raparigas?
MA – Dávamo-nos todos bem. Às vezes lá havia um sopapo um ao outro, mas isso, isso era normal.
H – E havia mais rapazes ou mais raparigas?
MA – A coisa era mais ou menos. Era, era. Era mais ou menos.
H – Lembra-se, já me falou um pouquinho disso, que havia lá uns que passavam muito mal, que tinham fome, uns descalços, mas de facto havia assim grandes discrepâncias entre... que a Almerinda visse, que eram grandes contrastes... entre pessoas muito pobres e... ?
MA – Havia uma família, havia uma família que sim, que eram os que viviam melhor. Havia uma família sim. De resto...
H – Mas ia tudo à mesma escola?
MA – Tudo à mesma escola. E esses miúdos, pronto, a família vivia um bocadinho melhor. De resto era tudo médio, e então havia alguns coitaditos que era mesmo fome. Fome. Miséria mesmo!
H – Miséria era... como quem diz... os pais não davam aquele atendimento ou aquele apoio... que deviam dar? Se calhar, maus tratos às vezes... ?
MA – Sim. Sim. Mas naquele tempo também não davam tanta importância. Parece que nem se dava importância às crianças. As crianças nem tinham grande importância, que isto era mesmo assim. Naquele tempo não se dava grande importância às crianças. Claro que havia quem dava, mas a maior parte... nem se dava grande importância às crianças. A tristeza é que fomos do oito ao oitenta.
H – E as festas na escola como é que eram? Havia?
MA – Não havia. Isso não havia festas!

H – Nem no Carnaval, nem no Natal?
MA – Não. Não!
H – Na Páscoa?
MA – Não. Não havia festas.
H – Havia essa situação de fazerem essas... profissão de fé, essas... ?
MA – Profissão de Fé, que era na igreja.
H – Mas era tudo separado, nada passava pela escola?
MA – Não tinha nada a ver com a escola. A escola não fazia nada. Não havia festas.
H – E tradições populares lá da terra, o que é que havia?
MA – Nada. Não havia, na escola não havia nada.
H – E na vossa região o que havia assim tradicional? Uma altura do ano em que fizessem lá algum evento?
MA – Na terra havia as festas de arraial da freguesia. Isso havia.
H – Mais na época do verão, não é?
MA – Na época do verão, sim. Mas nada tinha a ver com a escola. Com a escola nada tinha a ver.
H – E nas férias o que se passava lá?
MA – Nas férias? A escola estava fechada, os miúdos estavam em casa e os miúdos trabalhavam.
H – Trabalhavam, não era? E também trabalhavam enquanto andavam na escola?
MA – Ai sim! Sim, sim. Até eu.
H – O que é que fazia?
MA – Eu passava, para ir para a escola, passava por uma horta que nós tínhamos, uma horta grande...
H – Antes das nove?
MA – Antes das nove eu tinha de guardar o gado e deixá-lo preso lá.
H – E a que horas se levantava todos os dias?
MA – Levantava-me aí às sete e meia para comer, para me arranjar... e depois eu tinha o cabelo muito grande a minha mãe penteava-me o cabelo e tinha de me fazer uma trança (risos) e depois levava o gado. Depois tinha de ir buscar o gado, tinha de levar lenha para casa. Às vezes tinha de ir buscar água à fonte.
H – E trabalhar assim no campo... mesmo depois quando terminou a escola?
MA – Quando terminei a escola sim, trabalhava no campo. Sim. Os meus pais tinham terra e ainda hoje tenho essa horta. Por isso é que eu saí da escola, por isso é que eles também não queriam que eu fosse mais estudar... porque também tinha de trabalhar. A gente saía da escola e ia trabalhar.
H – Não houve situação mais nenhuma, às vezes de uma injustiça, uma situação até nas aulas, que lhe tenha ficado na memória? Um episódio qualquer lá com um professor, com um colega?
MA – Não. Não tenho ideias. Não. Só aquelas tropelias do dia a dia que os cachopos às vezes têm uns com os outros. E as professoras quando a gente não fazia as coisas, não levava os trabalhos feitos, não aprendia o que ela queria, chegava a roupa ao pêlo à gente!
H – Qual era a importância que acha que as pessoas lá na aldeia, ou nesses arredores, achavam da escola? Achavam que era uma coisa importante os filhos irem à escola ou achavam que não?
MA – Uns sim outros não. Havia de tudo. Havia os que iam à escola porque eram obrigados a ir. Mas havia outros que sim, que queriam que os filhos fossem à escola. Havia de tudo. Também, lá está, também havia pessoas com mais e com menos possibilidades.
H – E acha que isso estava ligado?

MA – Sim, está.
H – As pessoas com menos possibilidade por norma não queriam que os filhos fossem estudar, ou não?
MA – Fossem trabalhar.
H – Queriam antes que eles fossem trabalhar?
MA – Sim, sim, sim. Com menos possibilidades, porque eles logo de pequenitos iam para guardar gado. Era uma maneira de terem pelo menos sustento.
H – E tem ideia do tempo da sua geração houve muita gente que ficou a trabalhar na terra e viveu sempre toda a vida disso? Houve muita gente que foi para o estrangeiro?
MA – Houve, houve. Houve muita gente que emigrou, sim, depois mais tarde. Muita gente da minha idade emigrou. Outros ficaram a trabalhar no campo. Mas emigraram muitos. E os pais queriam que os filhos fossem trabalhar, porque iam servir, iam servir, iam guardar ovelhas os moços, as miúdas começavam a ir trabalhar nas casas, e era uma maneira de terem sustento. Mesmo que pouco ganhassem ou não ganhassem nada, tinham sustento, e muitos não queriam que eles estudassem por causa disso, mas como era obrigatório eles lá andavam... nessa altura já era obrigatório.
H – E a Almerinda se tivesse tido hipótese de estudar mais o que gostava de ter estudo?
MA – Ai eu gostava de ter estudado, gostava. Eu gostava muito de seguir enfermagem. Gostava de ter estudado, seguido enfermagem. Não segui, segui cozinheira. Fui cozinheira sessenta anos quase, cinquenta e tal.
H – Mas por conta de outro?
MA – Sim e também por minha conta.
H – Na escola não tem memória, sei lá, de ir ao quadro, de ter de fazer ditados... essas coisas?
MA – Ai isso eu ia muitas vezes ao quadro. Sim. Isso ia muitas vezes ao quadro.
H – E quais eram os motivos de ir ao quadro?
MA – Os motivos era por exemplo a professora punha, por dia, a fazer os problemas no quadro para os outros e depois... às vezes ela chamava-me, quando ela entendia chamava--me muitas vezes. Outras vezes perguntava quem é que queria ir ao quadro, mas ninguém queria ir ao quadro!
H – Então não vais a bem vais a mal?
MA – (risos). Normalmente aqueles que estavam mais ‘foutos’, que já não estavam com tanto medo...
H – Mas as pessoas tinham medo da professora era?
MA – Sim, sim tinham. Tinham, no geral tinham! Os que estavam mais ‘foutos’, que já sabiam melhor, voluntariavam-se, mas isso não era sempre. Então íamos ao quadro, mas eu não me importava de ir ao quadro.
H – E os exames ou as provas, o que se lembra de fazer?
MA – As provas... tínhamos as provas, fazíamos ditado para fazer a prova, e tínhamos os verbos, o que era uma chatice muito grande, porque a gente para decorar os verbos era muito complicado. Tínhamos de decorar tudo. Não podíamos ter, não podíamos estar a contar pelos dedos. Contar com os dedos está quieto!
H – A professora não deixava contar pelos dedos?
MA – Não!!! Não se podia contar.
H – Tinham de saber, de cabeça?
MA – De cabeça! Eu ainda hoje faço as contas todas de cabeça sem contar pelos dedos. Ainda um dia destes fui à retrosaria comprar umas linhas (risos) e a senhora lá quando me foi a fazer a conta, eu disse: “Quanto é que custa cada meada?”... meadas de bordar... ”um euro e dez”... e eu fiz logo a conta e digo-lhe (risos): “Dá seis euros e trinta, tome lá!”

(risos). E ele estava lá a fazer as contas e diz: "Dá quanto?", "Seis euros e trinta". "Está certo!" (risos)
H – Acha que foi desse treino que levou na escola?
MA – Foi um treino. Ainda hoje faço. A tabuada decorei-a toda, ainda hoje a sei toda de cor.
H – E essa parte gostava?
MA – Gostava. Depois aquilo entrou. Ainda hoje sei a tabuada toda. Às vezes faz-me confusão... com mais estudos e não sabem a tabuada, não sabem.
H – Faz-lhe confusão pessoas que estudaram mais não se lembrem da tabuada?
MA – Não saberem a tabuada! Não sabem. Vão ao telemóvel fazer as contas, ou na calculadora. No meu tempo é que deviam levar uma calculadora para a escola! (risos) Pois assim não aprendem não! Não é preciso, para que é que se há-de moer a cabeça?
H – Olhe e qual é que era a sua disciplina preferida?
MA – Eu gostava de matemática.
H – E aquela que menos gostava? O que não gostava de fazer?
MA – A que eu não gostava de fazer era o ditado. Não gostava muito do ditado, porque ainda hoje às vezes, gosto até de ver às vezes na televisão as palavras, porque às vezes trocava os C pelo S ou o S pelo Z.
H – E levava castigos da professora por isso?
MA – Pois, tinha de fazer as palavras não sei quantas vezes. Cada palavra errada era cinco ou dez vezes. Tinha que a escrever.
H – Não há nenhuma matéria, como me está a dizer que tem boa memória, há alguma lição que tenha ficado na cabeça, aquelas coisas que se diziam de cór, um personagem, alguma história lá da escola que lhe tenha ficado mais presente?
MA – Essas coisas agora já não. Já lá vão tanto anos, passei por tanta coisa a aprender e a passar por tanto.
H – Então foi cozinheira? Para além de ter saído da escola e trabalhado no campo?
MA – Sim. Saí da escola, trabalhei no campo não muito tempo, porque depois fui para trabalhar. Eu tinha um tio que tinha uma pensão e depois fui trabalhar para casa do tio e trabalhei aqui na Sertã, depois em Cernache e depois ele vendeu as pensões que tinha aqui, tinha uma aqui e outra em Cernache, vendeu foi para Tomar e eu depois fui para Tomar.
H – Sempre por causa do trabalho?
MA – Sim. Depois estive em Tomar até aos vinte e seis anos. Casei lá. O meu tio tinha lá uma pensão restaurante e trabalhei de mesa até aos vinte e cinco, vinte e quatro anos, depois fiquei grávida, tinha casado, depois fiquei grávida do meu filho mais velho e depois fui para a cozinha. Pronto, fui para a cozinha. Trabalhei de cozinha até aos setenta e três. Aos setenta e três...
H – E era uma profissão que gostava?
MA – Não era que gostasse, tinha que ser. A gente não podia ir para o que gostava.
H – E acha que para essa profissão foi necessário ter estudado, ou acha que esteve nessa profissão exatamente porque não estudou?
MA – Eu tive essa profissão porque foi o que aprendi, foi como eu consegui fazer a minha vida, mas se tivesse estudado também seria muito melhor mesmo para essa profissão. Mas depois aprendi, fui aprendendo à minha custa, comecei a trabalhar nessa pensão do meu tio, fui para a cozinha e depois vim para Cernache e fiquei com uma pensão que havia em Cernache que foi onde fiz o casamento dessa tal senhora, o almoço de casamento dela, mas depois era uma casa muito antiga e para a época já não tinha condições. E, então, eu tinha de fazer obras, a casa não era minha, e então eu preferi fechar e empregar-me, por-

que tinha facilidade em me empregar. Nunca estive desempregada. E preferi fechar e depois, pouco tempo depois...
H – Então trabalhou por conta... ?
MA – Própria. Durante um tempo, sim. E depois fechei a pensão e empreguei-me, porque, pronto, eu tinha facilidade em ter trabalho, porque nunca me faltou trabalho nessa área de cozinha. Então trabalhei desde os vinte e seis anos em cozinheira até aos setenta e três.
H – Mas, no geral, começou a trabalhar, quer dizer, sempre se lembra de ter trabalhado desde criança?
MA – Sempre, sempre, sempre. Mesmo enquanto andava na escola já tinha de levar o gado e já tinha de ir buscar água à fonte e ir buscar a lenha para casa.
H – Quando era criança e ia para a escola ocorria-lhe assim algum pensamento: "Eu quando for grande a escola, vou para a escola e isto serve ou não serve para o meu futuro", lembra-se de pensar algumas coisas dessas?
MA – Gostava de aprender a fazer tudo. Gostava de costura, gostava de ir para a costura e ainda andei um tempito pouco na costura. Hoje depois de velha faço muita coisa. Agora é vou para os bordados e agora é que faço...
H – Gosta de aprender, não é?
MA – Gosto. Tricot. Andei aqui no tricot, porque nós também temos aulas, eu já fazia por livros, lá está. Eu aprendi a fazer bainhas abertas assim largas pelos livros.
H – Com que idade?
MA – Já com uns cinquenta anos.
H – Quer dizer, em mais nova não era muito dada a essas... ?
MA – Não tinha tempo. Não, não dava, e mesmo assim ainda aos cinquenta anos já era, porque a gente a trabalhar por conta própria trabalha... eu trabalhava, sei lá...
H – Incentivou os seus filhos a estudar?
MA – Sim. E tenho um que não. Eu disse que tinha todos com o 12.º ano, não. Tenho um que não tem, porque não quis. E ele arreliou-me bastante, porque ele não queria. Danado para trabalhar. Nunca, nunca lhe faltou trabalho. Ele via trabalho em todo o lado. Eu é que não deixava ir, porque era uma época muito má e eu não o deixava andar com qualquer pessoa. O pai já tinha morrido e eles não podiam andar de rédeas largas. E, mesmo hoje, ele não é dos que está pior. A vida dele também não é fácil, é camionista de longo curso, anda no estrangeiro, não é nada fácil, porque eu já fiz duas viagens com ele, bem... agora já é um bocadito melhor, nessa altura que eu fui eles ainda não tinham GPS nem nada disso e era ele com o volante do camião na mão e com o mapa a ver para onde é que havia de ir carregar e descarregar, não era nada fácil. Mas pronto, tem a vida dele orientada.
H – Olhe, e qual é a maior diferença que, se pudesse dizer: uma diferença muito grande da minha escola para a dos meus filhos, qual foi a diferença maior?
MA – Muito grande. A diferença da minha escola para a dos meus filhos já foi muito grande. Olhe, por exemplo, os meus filhos já tinham, quase todos, já tiveram uma professora da 1.ª à 4.ª classe, já tinham estabilidade na escola, já tinham comodidades na escola, já... tinham passeios escolares.
H – Isso em que anos? 80, 70?
MA – Então o meu filho mais velho nasceu em 68. O meu mais velho nasceu em 68, mas a minha filha nasceu em 72, o outro em 74, o mais novo em 83. Já foi outra... já tiveram outra escola. Mas não tinham autorização para responder mal aos professores e os professores tinham autorização minha, se fosse preciso, dar uma bofetada que lha dessem. Porque eu não estava lá para dar educação. Porque eu dava-lhe educação em casa, só queria que eles lhe dessem instrução, mas se eles lhe faltassem ao respeito tinham autorização para lhe dar uma bofetada. Mas nunca nenhum faltou ao respeito ao professor.

Deus os livrasse! O professor na escola representa o pai e a mãe. Agora... eu não suporto o que se passa agora nas escolas.
H – Porquê? Diga lá.
MA – Porque é uma exigência terrível, é uma exigência dos miúdos, eles já querem tudo, eles respondem mal aos professores, eles se possível for até batem nos professores. É uma má educação.
H – Tem isso de exemplo dos seus netos?
MA – Não!!! Os meus netos não têm ordem para isso! Os outros... só sobra um aqui na escola, nesta escola aqui sobra já só um, os outros já são grandes, já têm vinte e três anos, já estão a acabar o curso.
H – Os seus netos todos estão a tirar curso e a estudar?
MA – Dois. Tenho quatro. Dois estão e dois não estão, porque não querem. Um está a trabalhar com a mãe... a mãe tem uma pequena indústria de salgados e ele está a trabalhar com a mãe. E o outro está com a cegueira do futebol, acabou o 12.º ano e está no Pinheirinho com as crianças da creche e vai ao futebol, e com essa doideira não quer. O outro está a tirar o curso também de desporto, o mais velho tem vinte e três anos. E o mais novo, o irmão, está na escola aqui, mas é muito meiguinho, as professoras adoram-no. E Deus os livrasse de eles serem mal educados! A minha filha também não lhes dava autorização...

– Maria da Nazaré Tavares Manso –

Naturalidade: Roda (Cardigos, Mação)
Data de nascimento: 19-09-1930
Residência actual: Feijó, Almada (Lisboa)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Maria da Nazaré frequentou a escola primária por pouco tempo (quando não tinha cabras para guardar), mas não sabe ler nem escrever.
* Indivíduos que não frequentaram a escola nem adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal.

Entrevista realizada por Ana Isabel Madeira (gravação áudio), Roda, Cardigos, Mação (21-08--2019).

– Então, ia-me contar. O seu pai sabia escrever e ler?
– Sim, sim. Sabia. Não sabia muito, mas sabia. A minha minha mãe é que não. A minha mãe não sabia.
– E sabe se ele aprendeu na escola?
– Sim, eu acho que sim, que ele andou na escola, agora não tenho a certeza. Mas o meu avô também sabia ler, mas não aprendeu na escola, aprendeu quando ia para as invernadas para ceifar pão e essas coisas. O meu avô não sabia muito, mas sabia ler um bocadinho. O meu pai não sei se andou na escola. Não me lembro.
– O que eram as invernadas?
– As invernadas era ir a caminho do Alentejo ceifar pão. Iam para a invernada. Era isso.
– E a mãe não sabia ler nem escrever?
– Não, não. A minha mãe não sabia ler nem escrever.
– E quantos irmãos tiveram?
– Nove.
– E quantos rapazes?
– Um. Era o mais velho. E oito raparigas.
– E, então, desta gente toda quem é que foi à escola?
– Todas as minhas irmãs menos eu. Eu ainda fui à escola, a minha mãe ainda me meteu na escola, ainda lá andei. Minha senhora, mas era assim, eu ia de manhã à escola e à tarde tinha de ir com um rebanho de gado.

– De manhã ia à escola e à tarde tinha que ir tomar conta de um rebanho. Um rebanho de quê?
– De gado... de cabras. Eu ainda andei lá na escola, e havia aqui uma rapariga da Roda que também se chama Nazaré. E a professora tinha muitos alunos, era uma professora só para a 1.ª, 2.ª e 3.ª classe para todos, e ela mandava uma já mais adiantada na escola ensinar os outros, e foi o que ela mandou. E ela mandou-me fazer vírgulas e eu disse-lhe assim para ela: "Oh Nazaré, vírgulas? Riscos tortos, ensine-me a fazer riscos direitos porque tortos já eu sei fazer!" disse eu (risos). "Ela não faz nada" e foi dizer à professora. E a professora disse assim: "Olha, dá-lhe aí umas reguadas na mão"... mandou-me abrir as mãos, ela deu-me reguadas até me inchar as mãos!
– Quem? A sua amiga Nazaré?
– Sim, porque a professora é que mandou. Ela foi dizer à professora que eu disse... "Olhe, fulana não quis fazer a vírgulas, para eu lhe ensinar riscos direitos, tortos já ela sabe fazer." Ora, era o que toda a gente sabia fazer, era um risco torto, não é? Olhe deu-me reguadas nas mãos. Mandou-me abrir as mãos, bateu até ela querer. A partir daí nunca mais fui à escola, disse à minha mãe que já não queria ir à escola, já não queria saber, pronto. Já morreu... era aqui também da Roda, tinha mais dois anos do que eu.
– Muito bem. Então, os outros irmãos?
– Todos sabiam ler.
– Então vamos lá um a um. Até quando é que eles foram... o máximo de escola que eles foram, um por um?
– Acho que todos fizeram a 4.ª classe. Eu acho que todos fizeram a 4.ª classe.
– A dona Inácia também?
– Acho que sim, que a Inácia também fez, que era a mais nova e também fez a 4.ª classe. Acho que fizeram todos.
– E nenhum fez mais que a 4.ª classe?
– A minha irmã que era a seguir a mim já fez a 4.ª classe. Eu acho que todas fizeram a 4.ª classe, só eu é que não. Há aí uma que morreu em pequenina... hoje tinha oitenta e dois anos, coitadita.
– Com o quê? Com que doença?
– A minha irmã morreu... a Maria Eduarda foi a primeira que lhe pegou na mão... porque eu era pequena... quando ela morreu. Depois era a Maria José que estava em casa a passar um tempo com uma irmã minha em Tomar e depois foi tomar banho e depois ficou na banheira. Desmaiou na banheira, a minha irmã lá fez o que pôde, mas talvez não fizesse tudo, se ela chamasse uma ambulância e chegasse ao hospital talvez não morresse, mas pronto... hum... chamou um táxi até a tirar da banheira deu um suspiro e morreu. Já com vinte e não sei quantos anos, já nem sei os anos que ela tinha.
– Ela bateu com a cabeça?
– Não bateu com a cabeça. Desmaiou. Desmaiou com... pronto, desmaiou na banheira. Mas a minha irmã Graça sabe explicar melhor do que eu.
– Então, a dona Nazaré tem filhos?
– Tenho uma filha.
– E essa filha foi à escola?
– Foi. A minha filha tem o 12.º ano ou o que é.
– E os netos também foram à escola?
– O mais velho tirou um curso de engenharia não sei quê, daquela engenharia que é mais difícil de tirar.
– Engenheiro civil?
– Hã?

– Engenheiro civil?
– Pois... sim, talvez. Olhe... foi engenharia não sei quê que ele tirou. Custou muito a tirar mas tirou, já está empregado. Graças a Deus! Também já tem vinte e sete anos... quase vinte e oito anos. E a minha neta tirou um curso qualquer, daquela é que não consigo saber que curso é que ela tirou... a minha cabeça não deu para isso. A neta mais nova.
– Lembra-se quem era o professor primário aqui?
– Ai isso não me lembro. Não me lembro nem do professor nem da professora. Passou tudo aí pela mão deles. Não me lembro.
– Lembra-se do que é que as pessoas pensavam da escola?
– Sei lá minha senhora, eu não sei o que é que elas pensavam, olhe... se calhar pensavam que principalmente as mulheres não era preciso aprenderem a ler. Então olhe.(...)
– Pronto, estava a dizer... a ideia de que as raparigas não precisavam de ir à escola. Porquê?
– Então não sei, porquê, não sei...
– Então elas o que é que elas iam fazer? Iam guardar cabras e depois?
– Guardar cabras, minha senhora! Guardar cabras, como as que eu guardei... e trabalhar no campo aí com fartura. Semear milho, arrancar milho, ceifar pão, fazer essas coisas todas. O serviço do campo todo... apanhar azeitona, apanhar tudo.
– E também não havia pessoas que iam servir para Lisboa?
– Sim, talvez também houvesse.
– Mais velhas, não é?
– Mas isso... isso para mim está... não sei quem é que ia para lá servir. Isso para mim está fora de questão. Sabe minha senhora, eu estou esquecida de muita coisa.
– É natural...
– Muita coisa mesmo... olhe, fazer comida é uma desgraça! Tenho lá uma vizinha: "Oh Nazaré o que é que fazes hoje para o almoço?" No almoço às sextas feiras o meu genro vai lá almoçar a minha casa, ele trabalha perto. "O que é que faço amanhã para o almoço?", "Olhe, faça isto, faça aquilo", "Então diga lá como é que se faz?", "Olhe, faça assim, faça assado... "
– Isso lá em Almada?
– No Feijó. Lá no Feijó onde eu moro. aqui vou fazendo, porque estou sozinha, vou fazendo para mim, um feijão verde cozido, uma salada, umas batatas, umas coisas quaisquer. Vou fazendo qualquer coisa. Também a minha irmã faz-me o almoço tanta vez... é minha afilhada e tudo. Gosto das minhas irmãs todas, não há nenhuma que eu não goste.
– E uma coisa, as crianças que iam à escola aqui da aldeia davam-se com as crianças que não iam?
– Davam sim, isso dava-se tudo. Mesmo as raparigas, as que saibam ler davam-se com as que não sabiam ler, isso dava-se tudo. A gente dava-se muito, as raparigas, não sei em que alturas é que se fazem as coisinhas das comadres, mas a minha irmã sabe explicar isso bem. Fazia-se as comadres, juntavam-se os rapazes, tantos rapazes e tantas raparigas, eram muitos... eram quarenta e tal rapazes e quarenta e tal raparigas que havia naquele tempo. Depois era a sorte dos rapazes para ver qual era a comadre que ficava. Faziam o nome das raparigas, cada um com o seu nome, e era a comadre que ficava. Um ano, só ficava comadre um ano.
– Ficava a fazer o quê?
– Ser comadres. O que faziam era sermos compadres uns dos outros. Alguns eram compadres até eles morrerem.
– Isso era uma forma de quê? De ligar as pessoas?

– Pronto, ligar as pessoas. Dávamos prendas uns aos outros, eles davam uma prenda a nós e nós dávamos uma prenda a eles. Umas meias, um lenço de mão que era preciso naquele tempo. (...)
– Então, dona Nazaré, explique-me lá como é que aprendeu, conte-me lá como é que tratavam as doenças aqui quando uma pessoa estava doente? Usavam plantas, usavam o quê?
– Olhe minha senhora... usávamos plantas... e médicos... havia um em Cardigos que as pessoas até lhe pagavam uma avença, pagavam um X por ano para vir cá a casa tratar as pessoas. As pessoas tratavam com o que ele mandava, e quando era uma constipação era tudo... tratavam-se com ervas, com chás do campo.
– Então conte-me lá o que sabe dessas maleitas, por exemplo, para as constipações o que usavam?
– Era ervas do campo, umas usavam umas outras usavam outras, os nomes delas não sei agora, porque já são muitos anos...
– E as dores de barriga do período também?
– Oh minha senhora, eu primeiro nunca tive dores, o que as outras faziam não sei.
– E quando havia infeções e isso?
– Oh minha senhora, era com água de malvas... e chás. Para chá. Para chá ou para chás ou como é que chama isso. Era isso. Mas para saber isso é a minha irmã Inácia. É mais nova do que eu, e sabe melhor, e aprendeu a ler e... e pronto. Teve outra vida melhor que eu não tive.
– E a cozinhar como é que era? Aprenderam como?
– Oh minha senhora... Oh minha senhora, a minha mãe fazia assim: de manhã... havia muitas refeições ao dia, não era só duas, agora só se come duas vezes ao dia, de manhã come-se o pequeno almoço que é o café e qualquer coisa, não é sempre...
– Antigamente era o quê?
– A minha mãe de manhã fazia, um dia cozia uma panela de batatas, depois comia-se com sardinhas assadas.
– Ao pequeno almoço?
– Ao almoço!
– Então e de manhã não se comia nada?
– Uma fatia de pão com um bocadinho de queijo, pronto, é o que era o pequeno almoço.
– Queijo de cabra?
– Queijo de cabra, das nossas cabras ou de ovelhas, quem tinha ovelhas era de ovelha. A minha mãe só tinha cabras era de cabras.
– Não havia leite?
– Havia leite de cabra de quem tinha cabras, quem não tinha, não tinha. Não havia cá leite, não. Não havia como agora há aos pacotes, nem pensar.
– Café não se bebia?
– Sim, às vezes fazia-se um bocadito de café, mas isso a minha mãe nunca fazia café, porque tinha de fazer café para muita gente. Era café que comprava, sei lá se era cevada, era café. Não sei dizer. Depois de manhã cozia-se batatas... batatas ou papas. Sabe o que é papas?
– Não! O que é as papas?
– As papas... punha-se uma caçarola ao lume com água, com um bocado de azeite, deixava-se ferver quando começava a ferver punha-se para lá farinha de milho ou de trigo, era da que quisessem, e mexia-se com uma colher até estarem cozidas e estarem grossinhas. Quando estavam grossas e cozidas tiravam-se e comia-se. Pronto, era assim. Comi muitas.
– Não se punha sal?

– Sim, com sal e azeite. Punha-se sal e azeite. Ás vezes ainda as faço para mim... podia ser com farinha de milho ou farinha de trigo.
– E depois ao almoço o que se comia?
– Olhe, depois acompanhava-se com sardinhas assadas. Ao almoço ou se fazia... um bocado de couves com toucinho...
– Acompanhava-se com o quê?
– As papas? Com uma sardinha.
– De onde é que vinham as sardinhas?
– A minha mãe às vezes dava metade de uma sardinha para cada um. Às vezes havia uma sardinha que era para todos. Olhe, comíamos bem, andávamos bem, andávamos sem doenças. O jantar era o resto das couves.
– E não havia fruta?
– Havia quem andasse no campo...
– Havia sempre fruta, não é?
– Pois...
– Mas isto também se comia com couves era isso? As papas com a sardinha e couves, é isso?
– Não. As couves era ao almoço... as papas era ao almoço às onze da manhã.
– As papas com sardinha?
– Pois, com sardinha... e ao meio dia eram as couves cozidas que coziam-se logo para o jantar também. Cozia-se uma panela grande de couves, a minha mãe cozia uma panela grande de couves que dava para o almoço e para o jantar. Comia-se duas vezes ao dia comida cozinhada. Agora não, agora é só café e pão com queijo e... essas coisas e manteigas e isso.
– E ao jantar o que se comia? Couves?
– As couves que sobravam do almoço, e se não havia, depois fazia-se salada de almeirão também com uma sardinha assada. Ela cozia um bocadinho de feijão e temperava a salada com feijão.
– Almeirão com feijão?
– Sim, almeirão com feijão. Almeirão ou alface, havia almeirão e alface.
– E era almeirão com feijão e batata, ou era só o almeirão?
– Também havia feijão, também havia almeirão que misturavam com o feijão. E também havia quem misturasse batata na salada, ficava mais macia.
– E azeite?
– E azeite e vinagre. Essas coisas eram sempre...
– E pronto. A fruta era a que havia da época, não é?
– Era a que havia da época, era a que se comia.
– E normalmente era o quê? Havia laranjas?
– Ai havia laranjas e era... havia melhor fruta do que agora há. Havia laranjas, havia peras, havia ameixas, havia cerejas. Havia tudo, todas as qualidades que agora há havia também naquele tempo. Havia pêssegos, havia tudo. E não se estragava com bichos, agora estraga-se tudo. (...)
– O que é que se usava para curar os pessegueiros?
– Olhe, não sei. Sei que as videiras eram sulfatadas com sulfato, agora as outras não sei como é que elas eram curadas, se calhar eram também com isso. Não me lembro. Agora põem produtos, antigamente não punham produtos nenhuns na fruta.
– Era sulfato de cobre?
– Era só nas videiras que curavam com sulfato.
– Sulfato de quê? De cobre?

– Olhe não sei, era sulfato, sei lá agora. Era sulfato... e se tinha piolho punham-lhe enxofre. Curava-se também com enxofre se a videira tivesse piolho, se tivesse aquele piolho curava-se com enxofre, agora assim outras coisas nas árvores...
– E diga-me uma coisa, havia estas moscas antigamente?
– Ainda havia mais. Havia muita mosca. Antigamente havia muita mosca também. (...) Antigamente era tudo muito difícil, passei muito... Graças a Deus tenho saúde, não sou daquelas pessoas muito doentes... há certas pessoas que até dá dó olhar para elas... apesar de que já tive muitos problemas. Já tirei um peito, já... quando tirei o peito tinha aqui um sinal neste braço, e disse: "Oh senhor doutor, tenho aqui este sinalito não gosto nada dele", e ele disse-me assim: "Olhe, vamos tirar esse sinalito na operação, mas isso não tem importância nenhuma." Depois esse homem tirou-o, era do mesmo lado... era assim, enorme. (...)
– E o seu marido? O seu marido sabia ler e escrever?
– Sabia. Sabia, sim senhora. Trabalhava na alfândega.
– Mas era de onde? Era daqui?
– Morava naquela casa ali. (...)
– Então ele era originário da Roda?
– Era, era sim senhora.
– Lembra-se da data de nascimento?
– Ai não me lembro, minha senhora... tinha mais dez anos do que eu, mas não me lembro da data. Até me esquece o dia certo em que ele morreu, às vezes tenho de perguntar à minha filha, porque a minha cabeça está muito fraca. Esquece-me muita coisa, muita coisa...
– Tinha nascido para aí em 1920 mais ou menos?
– Sim...
– Como é que ele se chamava?
– António Martins Manso.
– Aqui há tantos Antónios Martins Manso, há montes deles. Então... onde é que ele tinha aprendido a ler e a escrever, sabe?
– Cá na escola. Em Cardigos, pois se ele era daqui assim.
– Até à 4.ª classe ou menos?
– Acho que sim que ele fez... olhe minha senhora também não tenho a certeza. Também não tenho a certeza se ele fez a 4.ª classe se não, são coisas que já se passaram há tantos anos.
– E ele nunca falava dos tempos de escola?
– Não! Falava do trabalho... hoje correu-me bem, hoje correu mais mal (risos).
– Então e depois o que é que ele fez mais velho? Saiu daqui e foi para Lisboa?
– Sim. Foi para Lisboa. Empregou-se.
– Saiu daqui com que idade, sabe?
– Ai não me lembro, não sei. Foi trabalhar para as obras, depois das obras tinha uma pessoa conhecida arranjou-lhe para a alfândega e foi para a alfândega. A alfândega de Lisboa. Onde trabalha a minha filha. Também lá trabalha.
– E esteve sempre empregado na alfândega?
– Sempre.
– Sabe o que é que ele fazia lá?
– Olhe minha senhora, não sei. Sei que ele trabalhava na alfândega, mas não sei o que é que ele lá fazia. A minha filha lá trabalha, mas não sei o que ela lá faz. Trabalha lá!
– Muito bem. E o seu marido tinha irmãos?

– Tinha um irmão e uma irmã. O meu cunhado foi para o Brasil e a minha cunhada juntou-se com um primo, já morreram os dois. No Brasil.
– Para que sítios é que as pessoas emigravam?
– Olhe minha senhora, eu não sei. Para o Rio de Janeiro, estes estavam para o Rio de Janeiro.
– Não, em geral, as outras pessoas?
– Ai isso não sei, não sei para onde é que eles iam. Isso não sei.
– Mas a maioria ia para o Brasil?
– Eu acho que sim. Não sei também para onde é que eles iam.
– E para Angola ia alguém?
– Ia muita gente para Angola. Olhe, a Rosalina esteve lá em Angola, ela é que sabe destas coisas todas. É do meu ano, mas tem melhor cabeça do que eu.
– A dona Nazaré teve pena de não ir à escola?
– Ai se tive pena! Então não tive pena, minha senhora?
– Porquê? Porque é que teve pena?
– De não ir à escola, de não aprender a ler, não... pronto. Acho que se tivesse aprendido a ler que era mais desenvolvida, era mais coisa... era isso: "Quem não sabe é como quem não vê", é um ditado muito antigo. "Quem não sabe é como quem não vê". Tenho-me governado com a ajuda de Deus e dos meus Santinhos que são muito meus amigos.
– Pronto dona Nazaré, acho que é tudo. Muito obrigada!
– Obrigada nada, eu nem sei para o que é isso! (risos) É para a senhora estudar?
– Isto é um estudo sobre a relação das pessoas com a escola... e as que foram à escola, e as que não foram... porque é que não foram... aqui na região do Pinhal. Porque não se sabe nada sobre isto, ao nível científico. Ninguém sabe disto. (...)
– Agora sabe-se tudo, e descobre-se tudo. Isto agora está muito desenvolvido. Eu não sei, mas sei que as coisas estão desenvolvidas... não é nada como dantes. Então dantes nem havia televisão, nem havia telefonias... só havia quando eu era pequena uma pessoa que tinha uma telefonia. Quando era para ver a bola, lembro-me, de as pessoas estarem em Cardigos, ali naquela primeira casa que está de fronte à mercearia... a casa dono Alberto Tavares... e então eles tinham uma telefonia, e as pessoas estavam na rua a ouvir a bola! Quem gostava da bola...
– E isso, com que idade?
– Ai filha... eu ainda era nova, era pequena. Mas lembro-me de estarem lá a ouvir a bola... ele punha a telefonia numa janela, ou o que era, e as pessoas estavam na rua a ouvir a bola.
– Lembra-se de quando veio a televisão para aqui?
– Não me lembro... ai, isso, não me lembro.
– E, já agora, não havia gás dentro de casa... como é que as pessoas faziam?
– Gás? Gás?! Era lenha do campo. A tomar banho, aquecia-se uma panela de água e a gente tomava banho, e às vezes era pouco! (risos) Mas cheirar mal, a gente nunca cheirávamos... vinha a panela de água enchia-se ali um alguidar, esfregava-se com um pau, e pronto. Era o banho. Uma panela de ferro... a minha era de ferro... as outras pessoas não sei.
– Não havia estes fogões de ferro?
– Não havia cá nada!
– Era no chão?
– Era no chão, numas trempes, às vezes umas não tinham pernas... e punham-se umas correntes na chaminé, do fumeiro, onde se fumava a carne... e punha-se lá uma corrente em ferro, e punha-se lá a panela em cima com a lenha por baixo. E os tachos que não

tinham pernas, punham-se em cima de umas trempes. Eram umas pernas de ferro... era uma vida muito complicada, a nossa...
– Lembra-se qual foi a época em que isso começou a mudar? Foi depois do 25 de Abril? Foi nos anos 80?
– Olhe, minha senhora, isso não lhe sei dizer...
– Mais ou menos... as suas filhas já tinham nascido?
– Já... eu fui para Lisboa, mas depois a gente nunca mais esquece estas coisas daqui... e como também não sei ler... .e isto é um defeito muito grande, esquecem-me muito as coisas. Mas sempre tive isso... lembro-me desde pequena, dizerem-me aqui uma coisa, e eu chegar ali e já não saber o que me disseram. Sempre tive esse defeito.

– Maria de Lurdes da Silva Cardoso Luís Morgado –

Naturalidade: São Tomé e Príncipe
Data de nascimento: 16-11-1943
Residência actual: Vales (Cardigos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 5.º ano dos Liceus

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Vales (21-11-2019)

– A Lurdes é natural de... ?
– S. Tomé e Príncipe.
– Nacionalidade?
– Portuguesa, aquilo era português! (risos). Mas há sempre confusão, porque agora para eu renovar a carta de condução, já teve que ir papéis para Lisboa outra vez e não sei porquê. Umas vezes arranjam confusão, outras vezes, tudo simples. Não sei, também não percebo... não nos querem nem no céu nem no inferno! (risos)
– Ficaram aqui num limbo, não é?
– É. Mas estamos registadas nos Registos Centrais em Lisboa, portanto...
– Mas está registada, mesmo no seu cartão de cidadão? A Lurdes não tinha essas coisas, esses cartões, bilhete de identidade, essas coisas assim?
– Era de lá.
– Era tudo de lá, mas nunca guardou essas coisas?
– Quando chegámos aqui tivemos que apresentar, quando aquilo ficou independente, tivemos que apresentar nos registos centrais em Lisboa.
– Para alterar?
– Exatamente.
– Mas nunca guardou, sei lá, as pessoas às vezes guardavam aqueles cartões, aquelas coisas antigas...
– Não. Naturalmente ficou arquivado.
– Ficou arquivado, não ficou com nada. A Lurdes, qual é a data de nascimento?
– 1943... 16 de Novembro de 1943. (...)
– Então, é casada?
– Sim, senhora, registo civil. (...)

– Não tem e-mail?
– Não, não tenho. (...)
– A Lurdes que escolaridade, no total, tem? A escola que fez?
– A que fiz foi o 5.º ano.
– 5.º ano dos liceus, não é?
– Sim.
– Começando pelo princípio, a Lurdes consegue-me dizer com detalhes, sítios, datas, o mais exato... o percurso que fez nas escolas?
– Quando entrei para a escola, devia ter sido em 1949. A minha irmã foi em 48, eu em 1949. Escola Primária em S. Tomé e Príncipe. Em 51-52, salvo erro, viemos para Abrantes, Colégio de Nossa Senhora de Fátima.
– Essa escola de S. Tomé e Príncipe, a sua irmã tem lá uma fotografiazinha dessa escola, pequenina... ?
– Sim.
– A Lurdes não sabe o nome da escola, exatamente? Escola de S. Tomé e Príncipe, não tinha outro nome, não se lembra?
– Não sei...
– Não tem outra designação, pronto, e depois em que ano vieram para Abrantes?
– Em 51-52, para Abrantes, para o Colégio de N. Senhora de Fátima, em Abrantes, nas Freiras... queriam que as meninas estivessem guardadas... antigamente era assim! (risos)
– Então, os seus pais estavam lá ainda, ficaram lá, e mandaram-nas às duas para virem para o Colégio?
– A minha mãe veio-nos trazer cá. Mas ela veio doente e depois deixou-nos cá.
– Ficaram em regime de internato?
– Sim. E vínhamos passar as férias a casa de uma tia aqui, aos Vales, irmã da minha mãe.
– A Lurdes lembra-se como é que era a rotina desse colégio interno?
– Ai, era tão severa, tão severa! Tínhamos de andar sempre... nos corredores não havia algazarra, tínhamos que andar sempre numa fila de cada lado no corredor. Depois chegávamos a uma curva, ou uma subida, ou uma descida de uma escada, parava-se, e a freira que ia no meio batia as palmas... e nós, claro, a da frente seguia e nós seguíamos todos atrás dela. Sempre assim, pronto...
– Eram só meninas que estavam lá?
– Sim, só raparigas.
– E quantas mais ou menos?
– Ai, havia tantas, até ao 7.º ano.
– Eram muitas meninas lá internadas?
– Muitas, muitas.
– Isso era o equivalente, a seguir à escola primária, do 5.º ano ao 7.º?
– Do 1.º ano ao 7.º... ah, espere, não. Foi ainda da primária... então nós viemos para lá para a 4.ª classe e nós não tivemos aproveitamento nenhum, sentíamos muitas saudades dos pais...
– Vieram cá ainda fazer a 4.ª classe?
– A 4.ª e a admissão. Tínhamos que fazer a 4.ª e a admissão ao liceu. Portanto, eu não consegui fazer em dois anos que lá estivemos, como eram dos que estavam fora, as freiras nem ligaram e a gente perdeu. "Deixa estar", não puxavam por nós e nós não gostávamos de estar ali, porque, com saudades dos pais, um meio completamente diferente, tínhamos frio, a gente não se habituou...
– Pois, o clima. Sentiram muito a diferença, não é?

– Completamente! E o ambiente. E aquilo sempre ali... palminhas, e não sei o quê, e depois capela e depois rezava antes, e rezava depois...
– Lá em S. Tomé, a Lurdes não se lembra do que é que se passava? Quais eram os hábitos lá? Os alunos, as professoras, como é que faziam? Havia esse tipo de coisas, rezar?
– Sim, antes da escola, e no fim da escola.
– Mas a Lurdes sentiu uma grande diferença de lá para aqui... para a escola primária?
– Completamente! Sim, sim, aquilo ali era um gelo, praticamente um convento, eu sei lá! Era demais!... Que a gente achávamos (risos). E depois, eram muito exigentes, qualquer coisa que havia, ficávamos logo de castigo, a mais pequenina coisa. Portanto, os recreios e a algazarra era cá fora, tínhamos depois o ginásio, quando queríamos ir para fazer algazarra, tínhamos o intervalo e tínhamos... agora, nos corredores, tinha que haver, pronto, respeito e mais silêncio. De maneira que era assim um regime muito militar.
– Nesse Colégio Nossa Senhora de Fátima...
– Não aproveitámos nada!...
– Não aproveitaram nada, mas quantos anos lá estiveram?
– Estivemos dois anos. Porque a minha mãe assim que viu... veio cá a Portugal, porque viu que nós não íamos fazer o aproveitamento dos dois anos. Ela tinha uma prima em Lisboa, que era professora e levou-nos para lá, para Lisboa. Tirou-nos do colégio e levou-nos para Lisboa. E essa prima é que nos ajudou.
– E é que vos preparou para o exame da 4.ª classe?
– A minha irmã fez a 4.ª e a admissão, e eu não. Fiz só a 4.ª nesse ano. No Liceu D. Amália, em Lisboa.
– Então, a Lurdes fez só a 4.ª classe e a sua irmã fez a 4.ª classe e a admissão, nesse ano, no Liceu D. Amália?
– Sim. Bom, mas não ficámos cá. Depois fomos embora, a minha mãe levou-nos depois para S. Tomé, havia lá o liceu e levou-nos para lá.
– E qual foi o liceu que foi lá fazer em S. Tomé? Pois... são esses trajetos que a sua irmã já não se lembra muito bem, e pelo menos a Lurdes tem presente, que a minha esperança era essa... vocês andaram sempre juntas as duas?
– Sempre.
– Saíram daqui, preparadas com a 4.ª classe.
– Já com a admissão feita ao liceu. Eu ainda tinha que fazer a admissão a S. Tomé...
– Então a sua irmã Fernanda fez a admissão no liceu D. Amália, em Lisboa, e a Lurdes ainda foi para S. Tomé fazer a admissão ao liceu?
– Sim, sim. E daqui é que iam os inspetores para nos fazerem os exames lá. Daqui, de Lisboa. Sim, sim, iam lá fazer os exames de admissão ao liceu.
– E qual era o liceu lá?
– D. Pedro V, salvo erro. Espere aí, espere aí, eu não quero mentir. Parece-me que... mas, D. Pedro V também era o liceu de Mação, também ali tivemos uma série de vezes. Agora há aqui... também posso estar a fazer confusão.
– Tente lá lembrar-se como era esse liceu, porque a sua irmã também tem lá umas folhas de ponto, do Liceu D. Pedro V, que é de S. Tomé... não é?
– D. Pedro V... eu não sei. Porque o D. Pedro V era ali também em Mação, no Calvário.
– Sim, sim. Mas está lá um que tem também a indicação de ser em S. Tomé.
– Pois, também.
– E eu penso que é o mesmo. Porque eu perguntei isto ao António, ele disse-me assim: "Ai, esse D. Pedro V é ali em Abrantes, isso não é em S. Tomé", mas olhe que eu tinha ideia que tinha o mesmo nome, pelas folhas que vi da sua irmã.

– Há dias na internet, a minha irmã disse assim: "Anda cá ver!" e passou de relance uma fotografia qualquer lá da cidade e vimos o colégio D. Pedro V ou Liceu D. Pedro V e eu disse: "Olha, então... ?".
– E isso era em S. Tomé?
– Parece que sim. E eu disse: "Olha, também é D. Pedro V", e tivemos esta conversa. Agora não quero é... mas parece-me que já lá há outro em S. Tomé.
– Agora, recentemente?
– Sim, e pode haver confusão, não termos estado neste que estou a dizer.
– Se a Lurdes eventualmente se lembrar... um dia destes ou se tiver alguma imagem.
– Não sei se a minha irmã tem lá. Não tem lá cadernos nem nada?
– Tem lá cadernos, estou-lhe a dizer que fotografei umas folhas de ponto, em que está D. Pedro V lá, com a indicação de S. Tomé.
– Ah, pois, então...
– Só que depois, como ela me falou aqui também e o António disse que esse tal era aqui em Mação, eu fiquei... Então, fez lá o liceu? Fizeram lá o liceu? Os dois anos? Dois, três, quantos?
– Sim. Eu fiz lá a admissão, depois entrei para o 1.º ano e depois viemos para cá, porque a minha mãe veio doente, viemos para cá. Vim fazer o 2.º ano aqui a Mação.
– E fizeram as duas lá o primeiro ano do liceu, foi isso?
– Sim senhor! E ela fez o segundo ano... o primeiro e segundo. Eu fiz a admissão e o primeiro.
– Então depois desse liceu, vieram aqui para Mação, não é?
– Viemos para cá, sim. Ali em Mação... o D. Pedro V, onde estava o diretor Lalanda, também era mauzinho (risos)... não sei se ouviu dizer! Devia ser em 58, 1958, qualquer coisa para aí.
– A Lurdes fez o 2.º ano?
– Tínhamos que fazer o exame, mas eu parei.
– E a sua irmã, nessa altura, acompanhou-a, porque a Lurdes veio fazer o 2.º ano cá, como a Fernanda já o tinha feito em S. Tomé, o que é que ela fez?
– Fez só o 3.º ano, ali em Mação.
– E foram as duas fazer exame a Santarém, foi isso?
– Ela não fez, era só no 2.º e no 5.º ano. De resto era passagem e fazíamos prova oral e escrita, portanto, deslocaram-nos ali de Mação para fazer a escrita em Santarém, fomos de comboio, todos.
– Fizeram tudo no mesmo dia ou tinham que ficar lá nalgum sítio?
– Nós ficámos lá na casa de um sujeito onde havia uma camarata enorme para as raparigas e outra para os rapazes.
– Mas se a Lurdes fosse lá agora, ainda sabia o sítio onde ficaram ou já não tem ideia?
– Não me lembro já.
– Esse sítio era perto da escola onde vocês fizeram o exame?
– Não. Era longe, íamos com o diretor... para o colégio lá em Santarém, íamos fazer a nossa prova.
– O colégio em Santarém qual era, como se chamava?
– E agora? Agora aí é que eu não sei...
– (...) Pronto, e fez lá então a prova do 2.º ano?
– E depois fui fazer a oral.
– Não foi no mesmo dia, não é, fizeram e ficaram a aguardar os resultados? Sempre lá?

– Em Mação. E depois viemos para Mação. Depois, ao fim de oito dias ou quinze dias, voltámos outra vez, aqueles que ficaram aprovados, íamos para a oral, íamos para a oral e pronto, depois regressámos a S. Tomé. Eu para o 3.º e ela para o 4.º.
– Depois ainda regressou a S. Tomé?
– Sim, sim! Nós aqui não, nunca! (risos)
– Então veio basicamente só preparar-se para fazer as provas, os exames?
– Quer dizer, só vim fazer o 2.º ano porque a minha mãe era muito doente. E volta, meia volta, tinha que andar de lá para cá, e as filhas não podiam ficar... só houve uma vez em que aqui ficámos porque ela, por ordem médica, veio ser operada.
– Não sei se lhe interessa falar nisso, mas qual era o problema de saúde que ela tinha? Era uma coisa crónica?
– Era do peito, veio extrair a mama esquerda.
– O equivalente a um cancro?
– Sim, sim, teve de sujeitar-se a vários tratamentos, e depois ela veio para cá sozinha e ficámos com o pai.
– A sua mãe lá, o que é que fazia? Tomava conta de vocês e... ?
– A minha mãe... exatamente, tínhamos pessoas a comerem, a almoçarem lá em casa, empregados do meu pai, o meu pai tinha um estabelecimento e depois ela servia refeições lá em casa. Ela fez sempre serviço doméstico porque, pronto, ela era doente e quando assim era, a minha irmã... como ia mais adiantada: "Ficas tu"... e eu, ela dizia que eu tinha mais jeito para tratar dela, a minha irmã era muito nervosa, e eu: "Não, vai lá tu estudar", e eu ficava sempre a tomar conta dela... e depois, além disso, quando a minha irmã resolveu que queria ser professora, começou de muito cedo com aquilo...
– Foi? Ela a mim não me disse nada dessas coisas... está a ver como é giro?
– Foi: "Ai, eu quero ser professora, quero ser, quero estar à frente de uma escola."
– E lembra-se de ela dizer isso desde quando?
– Desde muito nova! "Ai, eu quero bater nos meninos, também!" (risos). Mas desde criança, então, ela queria ser professora... era. E eu não. Eu queria tirar o curso comercial, um curso mais prático ou então artes e decorações. E a minha mãe disse: "Não, minha filha, para onde vai a tua irmã, vais tu"... ali, pronto! Eu ali caí por terra e disse: "Ai não, espera aí, então para onde ela vai eu não gosto, não quero ir!", pronto. Comecei a esmorecer, a esmorecer e fui ficando... e ia tratar da minha mãe, pelo melhor da minha vida porque eu já não andava feliz a estudar. Pronto, e por isso, fiquei assim. Assim que vim para cá com os meus pais, arranjei um namorico, pronto!
– Mas porque é que a sua mãe dizia que queria que a Lurdes fizesse a mesma coisa que a sua irmã, porquê?
– Para nos manter juntas. Sim senhor (risos)! É, mas assim se prejudica as pessoas, não é? E eu fiquei muito triste de ela ter dito aquilo...
– Pois... aconteceu isso na minha família, tal e qual. A minha mãe era a mais nova, teve que se sujeitar à escolha da mais velha, a minha tia. Então Lurdes, fez lá o 3.º ano?
– Aqui em Mação, sim. Eu fiz aqui o 2.º e depois fomos... a minha mãe levou-nos para S. Tomé.
– E lá o que é que estudou?
– Ela foi até ao 7.º e eu fui até ao 5.º, mas quando estava para fazer o exame, pronto, a minha mãe adoece e viemos embora. E eu fiquei sem fazer grande coisa e depois inscrevi-me em Castelo Branco mas depois não fui, casei, pronto.
– Recapitulando, então, depois de voltarem para S. Tomé, não se lembra lá da escola que frequentaram, onde fez o 5.º e a Fernanda fez até ao 7.º, não se lembra do nome?
– Era o mesmo. Sim, sim, não havia outro.

– Portanto, a Fernanda fez o 7.º, a Lurdes fez o 5.º e depois voltaram outra vez para Portugal?
– Exatamente.
– Pois, por isso é que acho que a Fernanda teve alguma dificuldade em me falar em datas, e ia-me explicar esse trajeto, porque acho que na cabeça dela já está tudo muito misturado. Foram muitas idas e vindas... eu vi logo que havia ali esse problema...
– Mas eu estava muito mais atrasada que ela, ela ao fim do 7.º veio-se embora para cá, e a minha mãe arranjou-lhe uma casa de um casal conhecido para ela ficar em Castelo Branco e ir à escola para fazer o curso dela, o Magistério.
– Portanto, quando voltaram a sua irmã foi para o Magistério?
– A minha irmã já cá estava.
– E tem ideia das datas, Lurdes? De quando a sua irmã veio para cá e a Lurdes depois foi outra vez?
– A minha irmã, portanto, ela casou em 62, ainda não tinha o curso completo. Espere aí... em 62 ainda não tinha o curso completo e a minha mãe disse: "Não, não. Acabas o teu curso. Podes casar mas vais... tens que acabar o teu curso!", e o meu cunhado compreendeu, já quase no fim...
– E ela estava cá a estudar em Castelo Branco?
– Sim, sim. Portanto, ela casou em 62... 61, eram três anos que elas faziam...
– Portanto, a data que lá estava era de 61 a 63, no livro de curso dela.
– De 61 a 63? Então foi em 61 que ela veio para cá logo. Se calhar, devia ter sido.
– E a Lurdes veio para cá quando? Não tem ideia?
– Viemos para cá em 63, vim eu e os meus pais, ela já cá estava. Eu e os meus pais viemos em 63.
– E vieram de vez, foi?
– Os meus pais ainda voltaram, eu depois é que casei e fui para o Congo.
– Portanto, em 63 a sua irmã estava a acabar o Magistério, a Lurdes veio para cá com os seus pais e casou?
– Em 64, casei em 64.
– Então a sua irmã casou-se em 62 e a Lurdes casou em 64. Portanto, a sua irmã ficou cá a dar aulas ou foi também para o Congo?
– Não, ela não ficou. Ela só... quando viemos retornados é que ela...
– Então, mas foram as duas para o Congo?
– Sim. Mas não fomos juntas, ela foi primeiro.
– Em que ano é que ela foi para o Congo?
– Ela depois foi para o Congo, devia ter ido acabando o curso... ora, em 64... ela devia ter ido em 63, finais de 63, foi para o Congo com o marido.
– Porque ela nunca exerceu?
– Nunca exerceu, nessa altura.
– Pois, ela contou-me isso mas não me soube dizer datas. Então, a Fernanda foi para o Congo Belga em 63 e a Lurdes foi em 64?
– No fim de 64.
– E foi ter com ela para o mesmo sítio?
– Não, a 100 km. Ali pertinho também.
– Lembra-se dos nomes dos sítios onde ficaram, onde viveram? As províncias, as terras, como se chamavam?
– Eu vivi em Quiquite.
– E a sua irmã?
– Em Bulungo.

– Portanto, a 100 km de distância uma da outra?
– Sim.
– Quantos anos lá estiveram?
– 10 anos. Eu estive lá 10 anos, agora ela talvez 11, 12, talvez para aí. Talvez não tanto... espere aí, eu fui para o Congo em 64, em 72 é que viemos. Oh Artur, quando é que viemos do Congo? Anda cá! Anda cá que tu és agora preciso... traz uma cadeirinha, pode ser?

- Claro que sim!

[Entra Artur (A), marido de Lurdes (L), na conversa com Helena (H)]

A – Tu vieste talvez em Novembro de 72. Espera aí, a lei saiu em 24 de Novembro de 73, tu vieste talvez em Dezembro, ainda. Depois aquilo começou por ali muito barulho...
L – Mais uma revolta, as revoltas...
A – Muita coisa, portanto. E eu depois vim em Março de 74 e em Abril aconteceu o 25 de Abril.
H – Então, em Novembro saiu lá uma lei... ?
A – Saiu lá uma lei, de 23 de Novembro, em como os bens dos estrangeiros eram todos nacionalizados... e então nós tivemos aquele tempo todo para preparar... portanto, foi só elas arrumarem as malas, saírem com os filhos, praticamente, e virem embora. E nós, os homens, ficámos lá para estarmos à espera de quem é que vinha tomar conta de...
H – Pois, então, no fundo, o Artur ficou lá com o Luís não é?
A – Não, o Luís não sei se ele lá estava... estava, estava, ele estava numa povoação... mas estávamos a 100 km de distância um do outro, tanto que entre uma e outra havia um rio, que nós tínhamos de atravessar... havia mais, mas havia um que tínhamos que atravessar numa jangada. E quando ela estava para ter o primeiro filho, teve que ir para casa da irmã porque o hospital ficava para lá do outro lado do rio, onde era a casa da irmã.
H – Então os seus filhos nasceram lá... tem quantos?
A – Nós somos quatro, somos quatro, cada um de seu canto. A Emília nasceu em S. Tomé, eu nasci aqui, o filho mais velho nasceu no Congo-Zaire e o mais novo nasceu em Castelo Branco. Cada um é de seu canto...
H – Pois, isso é uma historieta incrível. Então o Artur é daqui?
A – Eu sou daqui, nasci aqui nos Vales. Sou daqui dos Vales e tenho aqui um selo... tenho aqui uma falha que a parteira... é engraçado que eu fui batizado duas vezes... porque quando eu nasci, eu vinha meio, meio... e a parteira, com medo que eu não resistisse, batizou-me logo, portanto, deitou-me água na cabeça... a água do batizo. Quando eu fui depois para a igreja... portanto, eu nasci a 12 de Janeiro e eu a 1 de Fevereiro fui batizado... e então o sacerdote já não me deitou água na cabeça, porque eu já tinha sido 'batizado à condição'...
H – Batizado à condição?
L – Era assim que se dizia.
H – Histórias mirabolantes...
A – De maneira que eu cheguei aqui, nos princípios de Março de 74, depois, deu-se o 25 de Abril, nós andávamos tudo assim à deriva...
H – Então, a Fernanda e a Lurdes teriam vindo mais ou menos na mesma altura?
L – Não, a Fernanda estava cá de férias mais o marido. Eu vim sozinha com os dois filhos. Sozinha não, o avião vinha cheio de senhoras e crianças, era só. Os homens ficaram e depois é que regressaram. Aquilo estava o caos...
H – E a Fernanda já cá estava então, a Fernanda veio para cá primeiro que a Lurdes?
L – Sim, vieram passar férias.
H – Portanto, a Lurdes esteve lá o quê? Teria vivido lá 10 anos e a Fernanda teria vivido o quê?

L – Pois, doze anos, porque ela veio primeiro que eu.
H – Então e depois o que é que foi a vida da Lurdes, depois? Acabou os estudos quando casou?
L – Já não estudei mais.
H – Não continuou a estudar. Foi para lá para o Congo, não é?
L – Sim, ficávamos em casa só e os maridos é que tratavam dos negócios.
H – E o Sr. Artur também era comerciante, trabalhava nessa área?
A – Quando fui, fui para ir para empregado, tive três anos como empregado.
H – E qual era o negócio?
A – Era comércio em geral. E depois comprávamos os produtos agrícolas, a mandioca, o amendoim, o milho... a fibra... portanto, era o único rendimento das pessoas era aquilo... e depois escoávamos os produtos, nós tínhamos vários camiões para transporte das mercadorias e dos produtos agrícolas e depois por fim comprámos um barco para fazer o transporte marítimo. Porque onde nós estávamos, estava à beirinha do rio, e era o que ligava de onde nós estávamos até à capital, à roda de 600 km. Portanto, o barquito quando ia a descer ia bem, mas para ir para cima era mais complicado...
L – Demorava muito tempo! (risos)
A – Demorava mais de uma semana.
H – O Sr Artur andou aqui nos Vales, na escola primária?
A – Sim.
H – Foi aluno da professora Maria Helena ou foi outra professora?
A – Não, antes disso. A minha foi a professora Alzira. (...) Algumas coisas não me lembro (...).
[Artur saiu da conversa]
– Lurdes, vamos aqui continuar, deixou a escola, casou-se, teve os seus filhos, lá fez a sua vida, lá voltou para o continente, pronto, acompanhou mais ou menos este percurso da sua irmã, lado a lado, as duas?
– Sim, sim.
– A Fernanda já me disse isto, só que eu queria confirmar consigo, a escola dos seus pais, o que é que eles tinham? Em termos de escolaridade?
– Meu pai fez a 3.ª classe nas Cimadas.
– Fez a 3.ª classe... se ele fosse vivo que idade é que tinha?
– Ui... ele morreu em 99, foi em 99 que ele faleceu. Portanto tinha 100 anos, em 99, faltavam 4 para os 101... 4 meses para concluir os 101... 100 anos em... espere aí, agora bloqueei.
– Em 1990, mais coisa menos coisa, não espere lá, em 1899... ele nasceu em 1899 ou em 1900?
– Foi por aí, foi sim senhora. E então, eu sei que ele dizia muita vez que era... o professor fazia o seguinte, na caligrafia, aquele que fizesse melhor caligrafia, passava para a frente, tinha uma cadeira ali à frente, que ia para a mesa da frente... depois o outro.
– Nas Cimadas?
– Nas Cimadas. Aquele que o vencia na matemática, ele passava para trás e esse, que era mais... que desenvolvia mais a matemática... passava e depois tinha um lugar à frente! Andavam sempre à disputa uns com os outros, sempre. Ou era aritmética ou caligrafia ou história, sempre em disputa uns com os outros.
– O seu pai falava do tempo dele de escola? Contava essas histórias?
– Sim senhora! E iam a pé...
– O seu pai, é daqui dos Vales também, e iam a pé para a escola das Cimadas?
– Sim. E a minha mãe também.

– E a sua mãe que escola é que tinha?
– A minha mãe aprendeu a ler e a escrever, acho eu, em casa com alguma senhora, mas não iam à escola.
– A sua mãe não foi à escola?
– Penso que não.
– Mas sabia ler e escrever?
– Sabia sim senhora. A minha mãe sabia ler e escrever e dava poucos erros!
– Que idade teria a sua mãe?
– A minha mãe... a minha mãe, faleceu com 75 anos, ela faleceu em 83. (...)
– E a sua mãe não falava disso, como é que tinha aprendido a ler e a escrever? Não falavam sobre isso?
– Ela naturalmente lá me disse isso. Mas devia ter sido em casa, porque diziam sempre que as meninas não precisavam de aprender a ler nem a escrever, não tinham nada que escrever aos namorados, os namorados é que podiam escrever! Ela falava nisso, agora, não me lembro que ela tivesse dito que tinha andado na escola. Aqui não havia escola! O meu pai tinha que se deslocar a pé.
– A sua mãe dizia isso, que antigamente as meninas não precisavam de aprender a ler e a escrever porque os pais achavam que elas não tinham nada que escrever aos namorados?
– Sim, sim, exatamente. Portanto não tinham nada que aprender a escrever nem a ler...
– E lembra-se de a sua mãe, ou o seu pai, incentivarem vocês a estudar, gostava que vocês as duas fossem estudar?
– Sim, ela dizia: "Aproveitem o vosso tempo que é bom." A minha mãe era uma pessoa esperta, o meu pai falava-lhe lá de contas e não sei o quê, e ela dizia que sempre se orientou muito bem e que tinha olho para o negócio... e da matemática. Ele diz que vencia sempre ali o da caligrafia com a matemática, e ele sempre foi de boas contas. Pronto, para se lançar do jeito que se lançou, até...
– No fundo, tinha uma boa vida para a época, o seu pai organizou-se de maneira a conseguirem ter... ?
– Sim, mas teve dificuldades! Teve amigos na altura porque sabiam que ele que era uma pessoa honesta, séria, e teve amigos que o ajudaram muito e lhe emprestaram dinheiro para ele se lançar. E ele dizia muitas vezes, e dizia quem foram os amigos que o ajudaram...
– Então a Lurdes tem só a Fernanda, de irmãos, não é?
– Sim.
– E tem dois filhos, é isso?
– Tenho dois filhos. Dois rapazes.
– E eles têm estudos?
– O Zé Luís, o meu mais novo (risos) esse disse sempre que não é preciso estudar, só estuda quem é burro!... só para a brincadeira. Mas olhe, fez o 2.º ano sempre a empurrar, a empurrar. Depois, metemo-lo ali numa fábrica que era da Sotima, não sei se ouviu falar, em Proença-a-Nova: "Ah para ali eu vou, não tem que se estudar, vou para lá e tiro o meu curso de mecânica, de máquinas e não sei o quê." Foi para lá, quando à tarde tinha que ir para Proença-a-Nova para estudar, já não queria, já não queria vir para Proença-a-Nova, só queria estar na Sotima, de volta das máquinas.
– E a Lurdes incentivava-o a estudar, ou nem por isso?
– Eu aqui é que o ajudei sempre até ao 2.º ano porque senão ele não estudava nada, ele não queria saber, as professoras ainda hoje dizem assim: "Ai, a senhora sofreu muito com aquele rapazinho." Ele não era mal-educado, mas dizia: "Oh senhora professora eu não estou aqui bem dentro da sala, posso-me ir embora?", "Então, para perturbares... "

– Que idade tem esse seu filho?
– Ora, o meu filho tem 50 anos, fez agora 50 anos.
– E o outro? Este, portanto, é o mais novo, e o mais velho?
– O mais velho, esse também fez... fez o quê, não sei se fez o 5.º ano, ainda era o 5.º ano, o 9.º ano. Ele teve um acidente de mota e ficou sem uma perna, completamente, tem uma prótese da cintura para baixo.
– Foi quando era novo?
– Sim, sim, ainda não tinha 19 anos, de maneira que teve muito tempo em S. José, foi para Alcoitão, de maneira que agora, logo assim que ele fez Alcoitão, nós pedimos ao Presidente da Câmara se o podia colocar, senão o que seria dele? Depois a magicar que não é capaz... e pronto, sempre o fomos ajudando, porque Mação, na Câmara, tem o serviço de informática...
– Este é o mais velho? Então terá... ?
– Tem 52, de maneira que está lá... trabalha na informática, na Câmara em Mação. E é assim, tivemos assim uns tombos...
– Pois... e o seu marido, o Artur, que escola é que ele tem? Até onde é que ele fez?
– Fez o curso comercial. E depois, quando veio do Congo, vínhamos sem nada, praticamente, uns tostõezitos no banco, fomos viver para casa dos meus pais, os meus pais é que nos deram a mão, vínhamos com dois filhos já, de maneira que aqui... depois ele ainda arranjou lá em cima umas instalações, comprou um gado para criar, comprava bezerrinhos e depois criava-os lá em cima e vendia-os para o talho... mas depois, disse: "Vou lá acabar o meu curso." Concorreu e ficou na Casa do Povo e depois foi para a Segurança Social, para Mação. Porque tinha o curso comercial, conseguiu.
– E a Lurdes, fez vida doméstica?
– Sim.
– Lembra-se do primeiro dia que foi à escola? Foi lá em S. Tomé, provavelmente, na Escola Primária? Não se lembra de nada? Não tem ideia nenhuma?
– O primeiro dia em que fui à escola? Se calhar, ia muito comprometida, com o medo... com certeza (risos).
– Nem se lembra de nada da sua irmã? Assim... a roupa, como é que iam? O que é que levavam para a escola?
– Devíamos ter uma batazinha, um bibinho. Então no liceu, em S. Tomé, do 1.º ao 2.º ano tínhamos a bata amarela, do 3.º ao 5.º ano era bata cor de rosa.
– Era por cores, lá?
– Sim senhor! E do 6.º e 7.º era azul.
– Não tem imagens disso? Não tem fotografia nenhuma?
– Não tenho. As batas eram todas do mesmo feitio... tinham de ter aquele feitio.
– As cores é que variavam consoante o ano em que estavam?
– Exatamente, 1.º e 2.º ano, ali faziam o exame não é? E havia as cores consoante... eram as três cores, a amarela, azul e cor de rosa... é verdade.
– Nunca ouvi isso. Da escola primária, os primeiros dias não se lembra? Na escola como é que era? Sem ser aquela fotografia que vi que a Fernanda tinha lá em casa, uma fotografia...
– Aquilo tinha várias instalações, várias salas de aula.
– E era só meninas, era misto?
– Tudo misto, sempre foi.
– Quantas crianças tinha lá mais ou menos?
– Não sei...

– Não tem ideia, não se lembra dos coleguinhas? Não ficou com o contacto de ninguém desses tempos?
– Nada.
– Perdeu-se tudo, não é?
– Só depois do liceu... e mesmo aí era tudo junto.
– Mas eram basicamente crianças como vocês que vinham cá do continente ou eram de lá?
– Eram de lá também... eram naturais de lá, havia negrinhos, os mestiços e tudo.
– E estava tudo junto?
– Tudo junto.
– E como é que era a convivência entre vocês? Davam-se todos?
– Muito bem, ah pois tínhamos que nos dar... aquilo era... e mesmo até no liceu.
– Mas não tem uma ideia se eram 100, 50? Era uma sala, eram várias salas?
– Tinha um muro a toda a volta, um grande portão de ferro, isso sei, um grande portão de ferro e tinha as iniciais lá no portão da escola e tinha uma sala de aula e um pavilhão aqui, outro além, outro além, tenho impressão que eram cinco pavilhões, dois de cada lado e um ao fundo.
– Tudo a funcionar com salas de aula?
– Sim senhora.
– E não tem ideia do seu professor, quem eram os seus professores ou as professoras, eram mulheres, eram homens?
– Eram senhoras, eram mais senhoras. Mas agora o nome delas não sei... não me lembro não. No liceu éramos também misto, rapazes e raparigas, estávamos todos juntos. Tudo misturado, mas havia respeito. Eu hoje acho que aqui há menos respeito que lá, mesmo os rapazes para connosco, tudo tão... tudo na calma, na boa, tudo completamente... nos intervalos, jogava-se, brincava-se, tudo. Quer dizer, no intervalo, as meninas tinham um recinto de jogo, e tínhamos um senhor para eles e uma senhora para nós, lá. Mas era o suficiente, tínhamos duas, um tinha uma altura outra tinha outra, de tarde também funcionava. E depois, quando nos queríamos juntar para fazer um jogo, juntamente com os rapazes e tudo, aí pedíamos autorização à contínua, a ele e elas, depois juntavam-nos, ela ia connosco para lá e tudo. Depois, íamos para os balneários porque a gente tinha que ir... porque era lá muito calor, não é? Cada um ia para os seus balneários e íamos aprontar-nos para depois irmos para a escola. Mas era sempre, sempre ali... e se havia alguma coisa, eles chamavam e íamos à reitoria, se havia alguma, pronto, alguma confusão. Aqui já achei mais faltas de respeito das pessoas umas para as outras do que lá... completamente. E nós estávamos... a minha colega era mestiça e estávamos as duas na mesma mesa.
– Lembra-se do nome dela?
– Ai... que eu até sei, o pai dela era o Sr. Beirão... ai, como é que ela se chamava?
– Mas andava na mesma sala com a sua irmã ou não? Não, andavam em salas diferentes porque eram dois anos de diferença... ?
– Sim, sim. Não me lembro já do nome dela. Ainda agora me lembro de uma colega, mas ela não, estava na minha sala e que ainda há pouco me telefonou, que é a Conceição Pires: "Ai Milú, quando vieres aqui a Lisboa depois diz-me que a gente encontra-se"... mas olhe, ainda nunca nos conseguimos encontrar.
– Uma colega lá da escola primária?
– Do liceu já. Do liceu, da escola primária não ficou nada.
– Há algum episódio que a Lurdes se lembre, que se tenha passado, uma história, daquelas coisas que ficam na memória quando eram... alguma coisa que tenha ficado sempre, sei lá, um pormenor, os castigos que a professora dava, uma situação, uma peripécia, uma brincadeira, uma coisa que tenha acontecido lá na escola?

– Eu era muito safada!... Não parece, não parece nada, mas eu era uma brincalhona de primeira apanha! Portanto, o meu filho tinha que sair de alguma coisa e o pai também é safadito (risos). De maneira que depois eu andava sempre na brincadeira e havia um padre que nos vinha dar Português e ele, pronto, era... também era safado! E eu mandava assim às vezes umas bocas ou umas coisas quaisquer, e ele então tinha uma régua enorme e mandava logo a régua e depois a gente escapava-se assim para baixo: "Eu hei-de te apanhar, hei-de te apanhar... "
– A Lurdes escondeu-se quando foi para levar a reguada?
– Escondi-me! Fui para o chão! Uma vez ele... a minha mãe disse assim: "Vamos à missa, hoje temos que ir à missa", às seis da manhã. Lá era de dia. E depois a gente não tem dificuldade em se levantar porque é muito calor. Depois então disse assim... pronto, lá fui com ela à missa, portanto, o colégio era às 7:30 só que abria. Eu fui com ela à missa e entretanto foi esse o padre que foi celebrar, ele era assim muito trapalhão e de um momento para o outro, havia uns degraus e ele ao subir os degraus pisou a renda daquela alva, que se chama aquela bata que eles vestem antes... e pisou e aquilo ruuuuuuu, rompeu, e eu dei uma gargalhada!
– Porque era o vosso professor?
– Claro. E ele depois olhou assim, de repente, 'mrrrrrr'... e foi para o altar, mas eu já não assisti à missa. A minha mãe deu-me logo um safanão: "Põe-te calada!"
– Não se pode rir do senhor prior.
– Quando ele foi para o liceu: "Deixa estar que eu hei-de te apanhar, que afinal... ", "Ó Sr. Padre deu cabo do seu saiote! E ele então, não gostou", "Deixa lá que te hei-de apanhar ainda com a vara!"
– Isso foi um professor da Lurdes?
– De Português... Padre Alves. (...)
– Mas esse foi seu professor em que altura?
– 3.º ano talvez...
– Do 3.º ano do liceu?
– Sim, sim, 3.º ano, 4.º e 5.º. Era, era safadinho mesmo de todo! Mas uma vez, nós tínhamos lavores...
– Tinham lavores femininos lá?
– Era, pois, fazia parte. E enquanto nós estávamos nos lavores os rapazes estavam no ginásio. E então, depois, a professora de lavores, ela: "Temos que arranjar... ", na altura em que era dia da mãe ou dia de Camões, nós fazíamos a exposição dos trabalhos ou desenhos ou os bordados. E de maneira que depois ela disse: "Temos que fazer a nossa exposição, escolham lá uns trabalhinhos que sejam simples para vocês levarem para a exposição." Muito bem, eu fui escolher até assim uma toalhinha daquelas pequeninas e eu gosto muito do azul e com um ponto de cruz a azul: "Ai, ai, é tão lindo assim, sim senhora, então apressa-te, tens que a levar feita", sim senhora. Depois, escolheram outras coisas, e assim não sei porquê, eles escolhiam-me sempre para ir fazer a exposição, para ajudar a fazer a exposição da sala e tudo aquilo. De maneira que depois chegou-se a altura da exposição, eu não tinha aquilo pronto, só tinha... havia assim nos cantos, tinha um medalhão assim em flores...
– Ainda tem isso ou já não?
– Tenho a impressão que ainda tenho ali. Tenho a impressão que ainda tenho... e o que é certo é que depois tinha assim um... até à outra ponta, para além outro medalhão, para além outro... e eu fiz um medalhão e pus assim as primeiras coisas para lá, e de maneira que, como era eu a ornamentar a sala, "Espera aí que eu já te digo", então pronto, "Tens isso pronto?", "Tenho, tenho, Dra. Zélia!", era Zélia, professora de lavores, era Cabo

Verdiana mas era branca, mas não havia problema, fosse branca, fosse... de maneira que, depois, ela dizia assim: "Então vá, vamos lá colocar tudo isso na sala, no dia", muito bem e eu ia, sim senhora, e coloquei a minha... fui fazendo a exposição e a minha foi assim para a parede, mas pus ali só para fazer aquele cantinho não é? Tinha que ficar, mas era tão bonita que realmente as pessoas iam lá, batiam lá com os olhos...

– Fez isso no liceu ou na primária?

– Foi no liceu... e diz logo ela assim: "Ai, que maravilha, que maravilha!" Opah, estávamos na exposição, andavam lá as pessoas a ver, ela foi curiosa, a professora: "Ai, mas está linda, linda, linda, deixe-me tirá-la para... ", quando ela abre aquilo, aquilo não estava completo e ela pôs-me uma falta de castigo.

– Quer dizer, primeiro estava muito bonita, mas depois...

– Pois estava, porque ela não tinha visto que não estava completa! Pois, e eu disse-lhe que estava tudo pronto, mas quem é que a mandou ir mexer? Não ia mexer... é preciso ir apalpar?

– Pelos vistos... (risos).

– E foi assim, aquela cena foi... no outro dia depois, quando fui para a escola, depois nesse dia levei uma falta de castigo: "Para o teu pai assinar", "Sim senhora, está bem", e lá fui para o pai assinar, "Então, meninas o que é que aconteceu aqui?", dizia o meu pai?

– Eram esses os castigos que davam? Batiam-lhe?

– O meu pai nunca me bateu! Aqui no Lalanda é que levei treze reguadas por não saber uma definição de matemática, mas foi a turma toda!

– Mas quem foi o professor ou a professora?

– Era a filha dele, a mais nova, a mais velha era muito doente.

– Qual o nome dela? Não se lembra?

– A Tani... ou o que é que ela era...

– Levou 13 reguadas porque não soube uma definição?

– Nunca tinha apanhado assim! Ai parece que até saltava o sangue, e depois era frio, eu nunca tinha apanhado tal coisa, treze... ela chegou ao fim...

– Mas bateu na turma toda, foi?

– Toda! Alguns quarenta e três alunos ou assim...

– E no colégio de freiras como era?

– Era castigos... portanto, ou ficávamos de pé à refeição, não nos sentávamos, ou então íamos para a sala e ficávamos viradas para a parede, ou então íamos estudar os mandamentos da lei de Deus e tínhamos depois que os dizer no refeitório, os outros estavam a comer e a Madre Geral tocava lá a campainha... eu sou muito religiosa, gosto muito de Jesus Cristo mas... padres e freiras?! Deus me perdoe, eu não estou nada contra eles, mas é contra os homens, como homens... a Dra. percebe? Está-me a entender? Mas pronto... e então obrigavam-nos a estar ali: "Primeiro mandamento, adorar a Deus, ta ta ta... "

– E aconteceu-lhe alguma vez Lurdes, ter que ...

– Sim, sim...

– E o que é que fez que merecesse esse castigo? Qual foi a tropelia que fez?

– Já não sei... naturalmente lá fiz algum barulho pela escada abaixo...

– Mas não era tanto a ver com a escola, era mais qualquer coisa a ver com o comportamento... era isso?

– Nem sequer nos ajudavam então, não punham umas explicaçõezinhas, sabendo que os pais estavam em dificuldades, pronto tinham dificuldades, todos temos dificuldades, e estavam separados, e nós cá, com as nossas dificuldades, porque estávamos num país diferente...

– Então, mas a Lurdes sente que esse ensino, ou essa educação, para a preparação dos exames que lhe deram lá nas freiras era má, em termos de qualidade? Da educação em si... ?
– Isso aí não lhe sei dizer. Só que eu não gostei foi da maneira, para quê tanta, tanta...
– Austeridade?
– Austeridade, exacto. Então, não podíamos andar senão ali em fila uns atrás dos outros, e depois chegávamos ali a uma curva, parávamos... tudo parava!
– Mas aí no colégio de freiras como é que era? Eram só meninas que estavam com os pais nesta situação, emigrantes ou emigrados?
– Não, eram de cá também. Eram de cá também e algumas eram externas, iam lá só para os estudos, tinham os pais aí, outras não, porque estavam para Lisboa ou para outro lado qualquer.
– Não tem ideia de quanto é que se pagava nesses colégios?
– Não sei, não sei...
– Não tem ideia?
– Não sei, aqui a filha da D. Palmira, essa talvez lhe saiba dizer alguma coisa porque as filhas dela estiveram lá muito mais tempo do que nós...
– Mas da mesma idade, da mesma altura que vocês?
– Não, elas são um bocadito mais novas, dez anitos mais novas, para aí...
– E então, desses professores todos que a Lurdes se lembra que teve, houve assim um especial, para além desses que já falou, que lhe tenha marcado, assim por ser bom ou por ser mau? Houve algum que lhe ficou gravado? Quem?
– A Dra. Eugénia Pires de Moura, uma pessoa impecável, impecável.
– Quem era ela? Foi professora onde? Era de lá, daqui?
– Foi professora de Ciências e Geografia... era simpatiquíssima. Era boa senhora, mesmo até a acolher-nos, assim quando passava por nós ou assim. Lá, em S. Tomé, no liceu. Essa, era uma jóia de criatura e depois marcou-me porque ela também, não sei porquê, tinha assim uma certa simpatia por mim e eu por ela. Uma vez fizemos um teatro e ela ajustou o vestido dela para eu vestir! Até isso me marcou, porque fazíamos uns teatros...
– Faziam lá teatros?
– Sim, mas era mesmo para a cidade, todos os professores se empenhavam, íamos fazer os ensaios mesmo à parte onde exibiam os cinemas e os teatros e não sei quê. (...)
– Então, estava a falar daquela senhora professora...
– Dra. Eugénia Pires de Moura. Ela era médica, e o marido também... Dr. Pires de Moura.
– E eles eram de Lisboa? Eram cá de Portugal?
– Eram cá de Portugal. Sim, mas viviam lá. Estavam lá a exercer... ela não, ela exercia como professora.
– Que idade tinha essa senhora? Mais ou menos?
– Ai, que idade teria ela, estaria ali talvez nos seus 50 anos, não tinha mais, não. Era uma pessoa muito aprumadinha, toda muito aperaltadinha, andava sempre impecável, não de grandes pinturas, também não havia grandes pinturas ainda naquela altura, mas era uma jóia, na maneira de se apresentar, na maneira de contactar connosco.
– E era boa para os alunos? Tratava bem os alunos?
– Completamente. Toda a gente gostava dela e a mim marcou-me também. A outra que eu também gostava, mas era assim mais arisca, professora de Matemática, como é que ela se chamava agora? Dra. Boticas... tudo no liceu, essa era de Matemática e também era uma pessoa que dizia: “Se vocês não percebem venham ter a minha casa à tarde, eu estou lá toda a tarde, quando eu não estiver, eu digo-vos.” Ela morava ali muito pertinho de nós e se a gente lá fosse e dissesse: “Ó Sra. Dra. Eu não percebo isto”... ela nem que fosse à noite...

– Atendia sempre os alunos?
– E não levava nada, nadinha!
– A Lurdes não teve assim esse trauma com as matemáticas, com as tabuadas, com professores que eram muito...
– De História! (risos) Era muito raro... eram muito poucos aqueles que gostaram dela.
– Quem era essa professora?
– A Dra. Odete. Sim, também foi lá no colégio e estava lá há muito pouco tempo, os outros já lá estavam há mais tempo, era embirrenta, era às vezes malcriada...
– Mas tratava mal os alunos?
– E depois a nota que havia sempre era o 10 e o 9, o 10 e o 9 para chegar àquela meta...
– Ela dava História?
– História.
– E dava castigos ou que tipo de coisas ela fazia nas aulas dela?
– Qualquer coisa mandava-nos para a rua: "Vai para a rua, vai!"
– Algum destes professores influenciou a Lurdes na sua vida?
– Esta Dra. Eugénia marcou-me muito, marcou-me para toda a vida...
– E acha que a sua tendência para as coisas artísticas pode ter vindo daí também, não?
– Não sei, talvez, também pode ser. Eu tive um professor de desenho e artes, um professor que ele a princípio... eu fazia os desenhos... nós chamávamos-lhe Ossobó... Ossobó, porquê? Porque lá em África era o Ossobó, meteorologista, era o pássaro que adivinhava o tempo e ficou o Ossobó!
– E porque é que lhe deram essa alcunha, o Ossobó?
– Porque ele era meteorologista.
– Era meteorologista e dava desenho no liceu? Não se lembra do nome do senhor?
– Não... e ele ia muita vez a casa dos meus pais.
– E ele era português também, daqui?
– Era de cá, de Portugal. E de maneira que depois o senhor... eu tinha jeito para o desenho, e de maneira que muitas colegas vinham a minha casa às vezes: "Ai Oh Milú, faz-me lá!" e eu de pequena começaram-me a chamar Milu, "Oh Milu faz-me lá o desenho, eu não sou capaz de fazer isto" e eu, punha-me a fazer o desenho dela porque tínhamos que apresentar trabalho de casa muitas vezes, depois era com tinta da China, aquilo tudo muito tracejado, às vezes até de desenho geométrico, fazer desenho livre, tudo isso, e eu depois fazia e o raça da minha colega, uma delas, tinha sempre melhores notas que eu. E eu andava triste...
– E a Lurdes é que lhe fazia os desenhos?
– Completamente. E depois, então, eu uma vez queixei-me ao meu pai: "Isto não pode ser, eu estou triste... " e não sei quê, não sei quê, e meu pai disse assim: "Deixa lá que eu hei--de falar com o professor" e ele veio lá a casa. O meu pai tinha uma casa aberta, uma casa comercial, veio lá comprar, o meu pai vendia frigoríficos, motores para barcos, motas, bicicletas, triciclos e tudo isso, relógios, ouro e tudo. O meu pai tinha uma miscelânea muito grande. Então, ele foi lá e o meu pai: "Oh Sr. Dr. chegue aqui ao escritório que eu precisava muito de falar consigo, como é que vai lá a minha filha..?", começou, pronto, fez a conversa... "A sua filha é a Lurdes Cardoso?", "É!", "Ai, ela tem muito jeito, é uma das melhores alunas... ", "Pois, mas há uma aluna que vem aqui, ela queixou-se para mim, portanto... ", pronto, tudo bem, percebe? Era amiga dele, lá da família dele e não sei quê, eram amigos e de maneira por isso é que havia a melhor nota. A partir daí, a minha nota trepou, é para ver como isto funciona também em todo o lado e em todos os tempos... e eu fiquei marcada por isso, mas pronto, a partir dali também depois... e ele então sempre

dizia: “Oh então, menina Lurdes, vai, não vai?”, andava sempre depois a pegar comigo... mas pronto.
– E a Lurdes sentia essas coisas? Via assim essas distinções?
– Sim, mas sempre a gente sentia...
– Mas enquanto andou na escola, fosse na primária ou fosse no liceu, a Lurdes sentiu sempre que havia essa discrepância, sei lá, entre pessoas que tinham mais recursos, outros que eram mais pobres, sei lá, outros que os pais tinham mais meios, sentia essas discriminações?
– Muito não, mas ali senti, agora o resto... como me dizia respeito, fiquei...
– Então, já falou aqui dessa professora que a marcou muito, que gostou muito dela, mas em geral tem ideia de os seus colegas... o que é que eles diziam dos professores, se havia comentários... houve esse que lhe puseram uma alcunha porque ele era meteorologista, era isso?
– Ele era meteorologista...
– Mas lembra-se, entre vocês, alunos, às vezes comentarem, aquele professor fez isto ou ensinou mal ou bateu-me, ou não gosto daquele ou gosto mais do outro, não tem essa memória?
– Pois, a gente às vezes dizia uns para os outros: “Não gosto nada desta senhora, credo, que coisa”, porque tinha um jeito esquisito e a gente comentávamos, às vezes comentávamos e mesmo porque sabíamos qual era a vivência das pessoas cá por fora também, e a gente de uns para os outros passa, mas de resto, ali uns com os outros e porque este fez assim e o outro fez assado, não. Aqui, agora, vê-se muito mais a crítica ao professor do que antigamente. Antigamente respeitava-se mais, mesmo que eles nos fizessem qualquer coisa, a gente não... acho que não, acho que havia mais respeito. Há quem diga que era medo, mas não era, também temos que ter um bocado de receio para determinadas coisas porque senão não vamos longe, não há respeito, então o que é que se passa? Então, mas o professor não tem que ter autoridade na sala de aula? Tem, eu para mim acho que deve ter autoridade. Agora, também tem que se apresentar com respeito, tem que se respeitar a si próprio para poder respeitar os outros e os outros o respeitem a ele. Agora, se nos apresentamos... como muitas vezes para aí se vê, e a gente comenta, porque sabemos...
– Lurdes, houve algum professor ou alguma pessoa da família, que alguma vez a tenha incentivado a estudar ou dito: “Vai estudar ou vai para aquela área ou vai para aquela escola?”, houve incentivos para além daqueles que foram dos seus pais? Ou até desincentivos também, como aquele da sua mãe que quis que a Lurdes fosse para o mesmo que a sua irmã... de certa maneira desincentivou-a?
– Pois, porque quando eu vim cá com a minha mãe, depois de fazer o 2.º ano, aqui em Santarém, depois houve uma colega que disse assim: “Olha, eu vou fazer este curso, curso comercial, olha são três aninhos, agora depois do 2.º ano, são três anos e ficamos com o curso e se tu quiseres depois vais mais além com outro curso”, e eu depois fiquei entusiasmadíssima. E foi quando me dirigi à minha mãe: “Olhe, eu gostava de fazer isto assim, assim, a fulana vai também”, e mais outra que ia, uma prima minha, também vai fazer este curso, e eu gostava, e até para um banco, ou para os correios, ou para outra coisa qualquer, para... pronto, uma repartição qualquer, eu já me empregava, já podia... mas a minha mãe disse logo: “Não, não, não, para aí não vais!” Pronto, então para aí não vais, acabou. E depois pus-me a pensar: “Ai, eu gostava era das artes, arte e decorações, ai, eu gostava tanto de fazer, também é o quê, o 5.º ano e depois são dois anitos ou o que era”... era, era, nessa altura era, dois anos e eu ficava com o meu curso de artes, eu gosto tanto e não sei o quê... ”Para onde vai a tua irmã, vais tu! E depois viras a tua vida quando já tiveres a tua vida organizada, então decides o que tu quiseres, agora não.” (...)

– A Fernanda e a Lurdes passaram por escolas tão diferentes e tiveram assim esse percurso um pouco (...). As rotinas que se lembra da escola, essas coisas, de rezar, de cantar, de ter algum tipo de ritual, alguns hábitos lá na escola, quer em S. Tomé, quer depois cá em Portugal... além disso, de me dizer que depois no colégio de freiras faziam aquelas filas, entravam em fila, tinham que circular em fila, sempre organizadas...
– Isso foi só ali. Na primária, sim senhora, havia aquela coisa de se rezar de manhã.
– Cantavam o hino, não cantavam?
– Sim, sim. Nós éramos obrigados a saber a letra toda do hino.
– E cantavam todos os dias?
– E nós tínhamos a Mocidade Portuguesa da parte da tarde, tínhamos atividades da Mocidade Portuguesa...
– De manhã frequentavam a escola?
– Exatamente. E de tarde íamos às atividades, de voleibol, de ginástica. Era mais desporto e ginástica.
– E quem era a pessoa responsável por isso? Eram os professores? Os próprios professores?
– Eram.
– E vocês usavam farda ou não?
– A farda, não ligava muito à farda, mas tínhamos depois um dia para as celebrações da Mocidade Portuguesa e sobre o hino, tínhamos que cantar logo no início das atividades, sim senhor. Sempre à tarde, era, fora, extra a parte da manhã dos estudos. Mas só ia quem queria, só se inscrevia na Mocidade Portuguesa quem queria e nós, por exemplo, queríamos para nos libertarmos um bocadinho, porque a minha mãe trazia-nos muito presas... para os bailes não podíamos ir, para a piscina não podíamos ir, não sei quê... e de maneira que depois nós inscrevíamo-nos para isto...
– Para poderem ter essas atividades com o consentimento dos pais?
– Para podermos estar um bocadinho mais fora...
– Mais livres. Então, no fundo, a Lurdes fez parte da Mocidade Portuguesa com a Fernanda?
– A Fernanda já não sei, já não me lembro.
– Mas foi basicamente para essa finalidade, mais de... ?
– Sim, tínhamos depois a revista, que depois tínhamos que partilhar com as outras pessoas, angariar fundos...
– E disso, não guardou nada?
– Ai, a revista já foi... era a "Fagulha" acho eu, que era da Mocidade Portuguesa e fazíamos essas atividades...
– O que é que fazia mais, lembra-se de coisas que tenha feito lá?
– E claro depois tínhamos que fazer também no dia de Camões as atividades e as exposições mesmo de trabalhos, alguns que tinham mesmo jeito de trabalhos manuais, faziam... o negro tem muita habilidade, de fazerem a madeira, trabalharem a madeira, e até com aquelas ramas da palmeira e tudo isso, quando era no Natal, quando íamos por exemplo para o interior, saímos da cidade e íamos para o interior, à beira das estradas, os meninos, faziam o seu presépiozinho todos à beira da estrada, todos, todos, todos por ali fora e depois tinham lá a caixinha para a gente pôr a moedinha e a gente às vezes valorizávamos, aquele que está mais bem feito e não sei quê e íamos ali às vezes a palmilhar a pé, deixávamos o carro e íamos ver algumas coisas com beleza! Tudo isso, pronto e depois eles faziam trabalhos, e nós outras coisas de exposição até dos lavores e de trabalhos manuais que nós fazíamos e outras coisas... e preparávamos o dia de Camões, nessa altura, dia da língua... dia 10 de junho... era exatamente. (...)
– Então a Lurdes lembra-se das distâncias que percorria para a escola, se era perto da sua casa?

– Tudo perto. Sim. Era só virar uma esquinazinha...
– Isso na escola primária, no liceu?
– A escola primária estava um bocadinho mais longe e o liceu estava mais perto da nossa casa e às vezes a gente esquecia-se de assinar os pontos e era uma corrida para o pai assinar, porque tinha que se apresentar o ponto assinado, porque senão, uma falta de material...
– O ponto assinado era?
– Era os testes... a gente chamava 'ponto' e muitas vezes dava para ir a correr, a correr num instante, tínhamos dez minutos de intervalo, portanto, era a hora, não eram 60 minutos, portanto, tínhamos dez minutos para o intervalo para depois começarmos a outra aula e de maneira que nessa... "Ai, não assinei o meu ponto"... mas tínhamos que pedir licença na secretaria para sair... "A menina já hoje saiu!" e depois quando vínhamos: "Olhe, já aqui estou", pronto e ela dava baixa daquela...
– Mas isso no liceu?
– No liceu, sim, sim.
– A escola primária você realmente não tem presente assim nada de especial, não é?
– Não, não.
– E a comida? Comiam na escola, comiam em casa?
– Nós levávamos.
– Levavam merenda e eles davam alguma comida na escola?
– Não.
– Nada, eram os próprios alunos que levavam a sua comida?
– Levávamos, ali a meio da manhã, levávamos um papo sequinho com um copinho de leite, era o que a minha mãe nos mandava, e ao meio da manhã quase todas comiam assim qualquer coisa.
– Lembra-se da sala de aula ou algumas das salas de aula? Onde a Lurdes tenha tido aulas, como é que era a disposição, que material é que lá tinha, se tinha coisas nas paredes?
– Não, eram as paredes limpas, mas estava tudo bem arranjadinho, muito bem arranjado, tínhamos quase sempre duas ventoinhas na sala, no teto, e estavam a trabalhar.
– Por causa do calor?
– Sim, sim. As contínuas iam logo pôr aquilo a funcionar mas não ficavam na velocidade maior porque depois voavam os papeis, elas é que controlavam aquilo tudo e nós não íamos para a sala sem o professor e tínhamos sempre a mesma sala, hoje acho isso um bocado esquisito.
– Era a mesma sala para as disciplinas todas?
– Sempre. Nós, por exemplo, essa turma é a turma tal, e esse grupo de rapazes e raparigas é para ali, a vossa sala é aquela.
– Mas a Lurdes quando pensa na sua escola, é sempre lá que pensa, cá em Portugal não. Não tem grandes memórias daqui?
– Sim. Aqui o D. Pedro V era pior. Lá, as instalações eram melhores e então, pronto, quer dizer... e tínhamos estas coisas que só podíamos ficar na sala com autorização da contínua, senão tinha tudo que sair, para arejar a sala, porque era muito calor, e ela abria as janelinhas e depois se fosse necessário deixava-as um bocadinho entreabertas, se fizesse chuva, ela é que se acomodava daquilo tudo, ela ou elas, conforme. E depois se fosse preciso ir lá, podíamos ir mas dávamos sinal, que ela andava por ali, pelos corredores, "Eu vou ali" e ela andava atenta ao ir e vir e pronto, mas era sempre a mesma sala, os professores é que se deslocavam.
– E o que é que tinham?

– Só o quadro, o cesto dos papeis, a secretária, em cima sempre de um estrado para estar um bocadinho mais alto... e não tenho recordação de mais.
– Não tinha imagens do Salazar, do presidente?
– Não, tinha era o crucifixo. O Salazar e esses eram lá para o escritório do diretor.
– Do diretor, na sala de aula não tinham?
– Não, era o crucifixo, só.
– Mas tinham mapas ou isso, algum material escolar?
– Mapas só se eles os pediam, então a contínua trazia só para serviço, voltava outra vez e era tudo assim com muita regra, era sim senhora. Quando era para o laboratório, então é que nos deslocávamos... para o laboratório de química.
– Nos recreios e nos intervalos, a que é que brincavam?
– Ao ringue, à bola com os rapazes muitas vezes, e mesmo ao 'mata' com a bola com os rapazes quando pedíamos autorização. E era o pião, e era as pedrinhas, cinco pedrinhas, toca e foge (risos), esconde, não tínhamos muito por nos irmos esconder, porque para dentro, para os corredores não íamos, cá fora também atrás de umas árvores descobriam-nos depressa, não tinha grande interesse.
– Não tinham lá refeitório, não tinham nada disso?
– Não. Cada um ia para as suas casas, e se fosse assim para o interior...
– E o recreio como é que era? O espaço do recreio?
– Tínhamos. Era bom, acimentado e depois tínhamos os balneários... tudo.
– Tinham sanitários, balneários?
– Tinha sim senhor... e os rapazes, a outra secção, também a mesma coisa. E era o ginásio, que quando chovia iam para o ginásio. E nós era à tarde, quando íamos fazer as atividades da Mocidade Portuguesa, íamos para o ginásio se estava a chover, se não, era cá fora mesmo.
– A Lurdes tem alguma coisa que ficou dessas altura, um caderninho ou esses bordadinhos, tem?
– Vou ver daquela toalha, a ver se a encontro. Agora, caderninhos, eu penso que a minha irmã ficou com tudo.
– Ah, foi essa?!
– Foi esta e depois eu fiz questão de a acabar, claro, tinha que a acabar. Mas esta foi a célebre... da minha falta, de castigo.
– Foi a célebre da falta de castigo. Mas a Lurdes acabou-a?
– Exatamente. Depois tive que a fazer, porque a minha mãe disse: "Fazes, fazes!" e tive que a fazer. (...) Agora, cadernos, a minha irmã ficou com tudo.
– Pois, a sua irmã ficou com muitos materiais (...). Não se lembra de nenhuma lição? De História ou de Geografia ou de Português ou de Matemática? Não se lembra de um conto ou de um personagem, ou uma lição... há pessoas que sabem de cór algumas quadras ou pequenas histórias dessas que tinham que decorar, a Lurdes tinha que decorar muita coisa?
– Antigamente era, mas olhe...
– Decoravam os mapas, os rios... não decoravam tudo isso?
– Ah claro! Os poemas, ah claro, tudo isso, os rios, as linhas férreas, as serras, tudo isso tínhamos que saber...
– Saber de cor. E há pessoas que memorizaram também lições, aqueles ditados que tinham que fazer. A Lurdes não?
– Decorei para essas coisas, teatros, que tínhamos que decorar mesmo... mas depois varreu-se-me tudo que a minha cabeça não dá. A minha cabeça não dá! (risos)
– Não tem retratos, aquelas fotografias de conjunto que às vezes tiravam junto das escolas?
– A minha irmã não tem lá aquelas fotografias do nosso teatro?

– Não me mostrou nada.
– Não? Nós as duas vestidas de espanholas?
– Não, a única fotografia que vi vossa é aquela que a Lurdes conhece, em que estão as duas, está a ver qual é a fotografia?
– Pois, em que fizemos umas sevilhanas?
– Essa ainda não me mostrou ou, provavelmente, não se lembrou de me mostrar. Ela tem lá tanta coisa e eu levei uma pilha de coisas da última vez que lá estive, ainda há mais... porque ficámos de ver mais coisas...
– Pois porque ela disse-me: "Dá cá, dá cá, coisas que tu não queres, dá cá, mesmo dos teus filhos que eu ponho para aqui." Pois, toma. "Quando precisares e te lembrares, pede que já sabes onde está", lá em baixo, na biblioteca dela, e eu disse: "Pois, é melhor, leva, leva, visto que gostas tanto disso" e eu descartei-me daquilo. E os meus filhos: "Ah, para que é que a mãe quer isso? Dê isso à tia" e pronto, foi assim.
– Lurdes, lembra-se de ter tirado esta fotografia?
– Lembro... não me lembro de ter tirado, lembro-me de a ver, tanta vez...
– Mas não se lembra do dia em que foi tirada?
– Não.
– Nem onde? Foi em S. Tomé?
– Isso é em S. Tomé.
– Que idade tinham aqui? As duas?
– Ai... eu, talvez, uns cinco anitos, seis, e ela oito, para aí.
– Foi as contas que fiz, mais ou menos. Então esta foto é dos anos 50?
– Para aí, com certeza, deve ser, deve! Que depois nós ficámos sem a minha mãe lá, quando ela veio ser operada, e nós ficámos com o meu pai, e eu com dez anos e ela com doze, salvo erro, chorámos imenso, quando ela teve que embarcar e a gente ficar lá sozinhas...
– Acha que foi nessa altura que tiraram esta fotografia?
– Não, essa foi mais cedo.
– Foi mais cedo, a data? Foi verão, foi inverno?
– Só havia verão. Há sempre verão, há a cacimba e o tempo quente.
– Não se lembra?
– Não, não sei.
– Qualquer pormenor desta fotografia? Quem lha tirou?
– Não, ai devia ter sido o meu pai, com certeza, devia ter sido o meu pai, sim.
– E os edifícios que estariam ali por trás? Onde é que vocês estavam? O lugar, não está a ver?
– Não estou a ver em que sítio é, não...
– A foto também está um bocadinho esfumada.
– Pois é, não sei, talvez num terraço que lá existia na nossa casa, pois, nós tínhamos um terraço muito grande, onde íamos para lá, e normalmente era aí que se fazia.
– Iam lá tirar fotografias?
– Sim, um terraço muito grande que depois o meu pai construiu lá uns quartos e casa de banho e uma cozinha que depois alugou, mas isto foi só quando restaurou a casa que era muito... era enorme, e foi restaurando.
– Então, esta foto teria sido em 1950, mais coisa menos coisa?
– Sim, para aí.
– Pronto, era só para eu me situar aqui em datas que nós depois com estes materiais temos que nos situar o máximo possível e saber mais ou menos as datas. Se a Lurdes conseguir juntar... dependendo como a Fernanda se sinta, porque isto a recuperação, o recobro, se

calhar vai ser um bocado duro para ela, dependendo de como ela se sinta também com paciência e com saúde e com tudo bem... ela tem lá mais umas coisas que fiquei de trazer, porque ela tem lá outras que já fotografei que ela ficou de ver melhor, fotografias, mas se por acaso a Lurdes tiver condição, essas fotografias que me falou do teatro, alguma coisa que aí descubra, entretanto. Alguma coisa da escola, de memória sua... ?
– Sim, sim.
– Ou até do seu marido e de você com o seu marido, não sei, eventualmente. Portanto, a Lurdes de certa maneira, nunca... portanto, teve este percurso um pouco atípico, porque andou a saltitar de lá para cá, e fez umas coisas cá e outras lá, mas no fundo nunca reprovou os anos, fez sempre os anos... ?
– Sim, sim. Fui falhando. Fui reprovando por faltas também. Depois adoeci também, também fui operada a um peito com 16 anos e depois a minha mãe veio para cá comigo, porque ela ficou logo apreensiva... que era a mesma coisa. E depois cheguei aqui e a médica que tinha sido a médica dela, disse logo: "Não senhor, ela não tem nada, mas eu gostava que ela ficasse cá, porque ela tem os ombros muito descaídos e ela um dia vai sofrer muito das costas dela." E a D. Gina vai, a minha mãe chamava-se Georgina, e "Vai--ma deixar, que ela fica em minha casa e eu vou arranjar um ginásio para ela endireitar estas costas", "Ai, Sra. Dra, isso não me peça, para eu deixar cá a minha filha que eu não deixo... "
– Eram muito apegadas, as três?
– Muito, muito e de maneira que depois, pronto, ela disse: "O ano já está perdido, então minha filha, tu e a tua mãezinha vão para os Vales e vão fazer cá meio aninho as duas para restaurarem as forças (...), e depois embarcam ao fim de seis meses (...)." E foi assim. Andei também assim. E depois também tem sido operações sobre operações, mas pronto, vamos vencendo...
– Pois, isto de facto... as memórias da escola estão sempre ligadas a outras memórias das nossas vidas e outras situações, porque isto não há coisas isoladas... não é? E a Lurdes lembra-se de fazer celebrações, festas, no Carnaval, no Natal, vocês celebravam essas datas festivas na escola, ou isso era uma coisa que era mais da igreja e não passava muito pela escola? Essas épocas do calendário religioso?
– Fazíamos as festas do dia da mãe, do 10 de junho, tudo ao nível da escola.
– Mas estas coisas do calendário religioso não passavam muito pela escola?
– Não. Cada um tinha a sua religião, havia várias religiões e era acessível a tudo, e eu até sou católica, mas entrei ali na protestante que estava ali ao lado do colégio, que até fui lá espiolhar, como é que era, como é que não era, e até achei interessante, ninguém ensina nada para o mal, mas pronto...
– Essa diversidade que existia lá em S. Tomé, coabitava bem?
– Sim, completamente. Mas era mais católica e havia certas... pronto a nível de escola não, celebrava-se o dia da mãe e nós, como católicos, íamos à missa não é? Celebrar o dia da Imaculada Conceição, que era no dia 8 de Dezembro, agora trocaram... e depois eram as festas na escola, pronto, lá no liceu, durante todo o dia e depois havia um lanche e pronto, era assim.
– Então as coisas religiosas não entravam na escola por esse motivo, por serem várias confissões que existiam ali?
– Exatamente, mas a maioria era católica, sim, mas ali não havia confusões, éramos todos iguais.
– E sempre conviveu, lá na escola primária ou depois no liceu, se é que tem memória disso, se as pessoas comentavam, as pessoas valorizavam a educação dos filhos? Gostavam que eles fossem estudar ou não, preferiam que eles fossem trabalhar?

– Sim, então, mesmo lá os negros queriam que os filhos fossem, e que estivessem... e eram acolhidos tal como nós, não havia diferença ali, o que tinha direito um, o outro tinha o mesmo direito, completamente. E nós aceitávamos completamente isso, sim, sim e aquilo era normalíssimo. Hoje aqui é que a gente está assim um bocado mais confusa, a gente já não sabe, vai-se a Lisboa e aquilo é uma confusão de línguas e uma confusão de gentes que a gente fica assim um bocado tonta não é? Eu acho. Havia mais tranquilidade também, hoje anda tudo... mas é natural, as máquinas também vão puxando pelo homem, não é? Está tudo a acontecer tão rápido, tão rápido que eu não sei... acho eu...
– Pronto, a Lurdes já me disse que se tivesse tido oportunidade de estudar mais, o que é que gostava de ter seguido e também já me falou dos motivos de porque é que isso não aconteceu. Então, se tivesse estudado mais tinha sido artes, belas artes?
– Sim, pois era. Era o meu ideal. Senão, curso comercial, para mim servia também.
– Lembra-se de ir ao quadro ou lembra-se desses episódios em que é chamada? Para ir fazer alguma coisa no horário da escola?
– Eram uns nervos terríveis! Quando chamavam ao quadro, mas nós tínhamos sempre o 'rabinho do olho'...
– O rabinho do olho?
– Sim, era o que diziam: "Deita o rabinho do olho" e a gente estávamos assim de lado não é?! E a professora falava, e a gente punha-se a olhar, e depois alguém que nos dava um chamado ou uma coisa qualquer, assim para a gente ir ajudando e ajudava...
– O 'rabinho do olho', era assim que chamavam? Era dar uma ajuda ao colega que ia ao quadro e que ia ser chamado?
– E também nos diziam: "Vocês têm que ser ligeiras nos olhos, o rabinho do olho serve para vigiar também tudo quanto se passa à volta", é isso (risos)! Se éramos chamadas íamos para a frente, agora não sei se fazem a chamada e a pessoa levanta-se e vai responder, não sei como é que isso funciona... no nosso tempo, não, chamavam-nos pelo nome, não é? Nós normalmente já sabíamos: "Ai, amanhã ela vai-me chamar", porquê? Porque ia pela ordem alfabética e quando ela escrevia no... o sumário, tínhamos que escrever o sumário e depois, chamadas. Ehpá a gente ficava logo: "Sou hoje, ela vai-me chamar hoje" e depois a gente levantava-se quando ela chamava: "Vá, Lurdes!" e íamos para a frente, pronto estávamos ali ao pé do quadro e era dali que a gente falava. Às vezes as nossas colegas ou os nossos colegas davam um lamiré pelos lábios ou qualquer coisa...
– E essa era a conversa do 'rabinho do olho'?... Para estarem atentas, para receberem os sinais?
– Claro. Se conseguíamos apanhar, quando não conseguíamos ficávamos embaraçadas, pronto, e ela passava à frente ou então ao quadro, a professora de Matemática tinha um rabinho do olho mais ligeiro que nós!
– E lembra-se de alguns métodos que um professor, ou os professores, usassem para ensinar determinadas matérias? Houve assim alguma situação que lhe tivesse ficado gravada, aquele professor usava aquele instrumento ou aquela técnica para ensinar, não há assim nada de especial?
– Não, acho que não.
– Acha que os professores eram bons professores assim no geral?
– Sim, no geral, eram. Eram, e todos bem formados e respeitados, eram... um ou outro que punha assim o pé... claro, as pessoas, nós ficávamos logo alerta e começávamos logo 'tsh, tsh', acontece, não é? E depois houve uma professora, que era de canto coral, que foi para lá e a senhora quando chegou lá, ela ia transtornada, qualquer coisa não correu bem... e nós, como jovens, a gente ao princípio não se apercebe, achávamos aquilo tão esquisito.
– O canto coral era na escola ou no liceu?

– No liceu, sim, e depois tínhamos o canto coral, tínhamos a moral, também fazia parte.
– E era a mesma senhora que dava essas duas?
– Não, não. A moral era sempre dada por sacerdotes. E depois a senhora, coitadita, tinha coisas que nos faziam rir... puxava sempre lá da bolsinha, da garrafinha do álcool, e dava um tragozinho e depois a gente começava-se a rir... depois um começava a cantar de um lado, a cantarolar não sei o quê, e nós pegávamos depois que era para não nos rirmos, porque tinha que haver respeito, mas depois, a senhora: "Não era essa que a gente queria!"
– Mas a senhora que idade tinha?
– Aí talvez os seus quarenta e tais anos, a senhora chegou lá e não estava bem...
– E puxava da garrafinha mas era assim discretamente ou era uma coisa óbvia?
– Não podia! Então estava ali à nossa frente, e depois para ir à casa de banho andava 'atontanada' e a gente é que a tinha que orientar e depois ficava ali parada e a gente dizia: "Ó senhora professora, então, quer ir para onde?"
– Lembra-se do nome dessa senhora?
– Ai não. Ela esteve pouco tempo, coitadinha, fazia muitas asneiras e o Estado teve que a ir buscar, um médico tratou de tudo e uma enfermeira depois veio para cá de avião com ela, sim, porque a senhora não estava bem e claro era motivo de chacota para todo o mundo e ali também nos marcou pela negativa, tudo aquilo, porque ficámos todos... jovens e pais e tudo... ficámos desgostados e tristes com aquela situação. Mais a mais, na terra em que era, a gente ficou um bocado marcada com aquilo... mas devia ter sido, ela devia ter ido de barco e há pessoas que... meu pai teve um empregado que também chegou lá tontinho. Meu pai passou sabe Deus o quê, teve que meter a polícia, nós às vezes tínhamos que andar à procura dele porque ele desaparecia.
– Mas o que é que a Lurdes imagina que se tenha passado?
– Primeiro, porque as pessoas ficam com saudades, depois são oito ou nove dias de barco, só sol, céu e mar, e depois a pessoa é fraca, e depois enjoa-se, não é? Há pessoas que não conseguem e enjoam, não se vão alimentar, não vão ao refeitório, mas os camaroteiros vinham ver: "O que é que se passa?", vinham ver da pessoa, mas a pessoa não quer comer porque está enjoada e depois é só vomitar, vomitar e depois com grande fraqueza...
– A Lurdes nunca fez essa viagem de barco?
– Fiz dez viagens de barco, com os meus pais... e nove de avião.
– E sente que aquilo a afetou?
– Não, nós não. Porque sempre fomos com os meus pais, no primeiro e segundo dia a gente enjoava...
– Eram dez dias de barco?
– Eram nove.
– E sabe quantas viagens fez?
– Foram dez de barco e nove de avião, do Congo para cá depois também... e depois a pessoa enjoava, e vai-se a baixo.
– E de avião, quanto tempo demorava?
– De avião era umas horas. O mesmo dia. De maneira que a pessoa foi-se abaixo, era daqui, o rapazinho era daqui... por acaso já faleceu, mas depois teve que meter a polícia e tudo. O meu pai para o embarcar para cá viu-se e desejou-se... porque o meu pai aqui tinha um primo que era polícia e pediu logo a ele que o fosse buscar ao avião e ia um enfermeiro com ele e tudo isto foram despesas para o meu pai. (...)
– Essa é outra conversa que é... essa memória que vocês têm das viagens, do clima, dos hábitos, do que é que isso fez na aldeia... isto é um mundo, realmente.

– Maria do Carmo Lopes Cardoso da Silva Martins –

Naturalidade: Moita do Grilo (Proença-a-Nova)
Data de nascimento: 05-04-1945
Residência actual: Vale Canhestro (São Pedro do Esteval, Proença-a-Nova)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), com participação de António Manuel Martins Silva, Vale Canhestro (29-11-2019)

– São 9 irmãos, Maria do Carmo? E você é a mais velha?
– Eu sou a mais velha...
– Todos vivos?
– Todos vivos. (...)
– Aqui, são os seus pais?
– Uma sou eu, outra é a minha irmã, que é a seguir a mim.
– Esta foto em que altura foi tirada?
– Esta foto... eu devia ter aqui 3 anos, talvez. Veja o pormenor da porta, tinha tudo com biquinhos, trabalhados.
– Aponte-me lá as pessoas, diga-me os nomes, as datas desta fotografia... onde é que foi tirada?
– A data precisa não sei... mas aqui eu devia ter uns 3 anos. (...) Esta foto deve ter uns 71 anos, eu devo ter aí uns 3 anos.
– Aqui é o seu pai?
– O meu pai, e a minha mãe.
– Como é que se chamava o seu pai?
– José Cardoso da Silva.
– Ele já não é vivo?
– Não.
– Se fosse vivo que idade tinha agora?
– Teria cento e... .. ora morreu com 95 anos, já morreu há dez.
– 105 anos
– E a sua mãe?
– A minha mãe morreu com 94, já fez três anos.

– E como é que ela se chamava?
– Maria do Rosário.
– E a sua irmã... Maria do Céu?
– E a outra que está no colo do pai é a Maria do Carmo.
– Você é a que está ao colo do seu pai?
– Sim. Sou eu.
– E tem nove irmãos?
– Nove irmãos. Todos vivos sim.
– Esta sua irmã é, portanto, como você é a mais velha, foi a segunda?
– Sim é a segunda irmã. E depois é o Manuel e depois vai por aí a fora os outros todos...
– Quantos rapazes ao total são?
– São quatro rapazes e cinco raparigas.
– Não sabe quem tirou esta fotografia, os seus pais não falavam desta fotografia?
– Não sei nada. Naquele tempo...
– Foi na sua casa?
– Esta porta é a porta de entrada da casa dos meus pais, foi feita de raiz para eles.
– Aqui em Vale Canhestro?
– Não, na Moita do Grilo.
– Na Moita do Grilo? Eles viviam na Moita do Grilo?
– Sim. Porque os meus bisavós eram de lá, os meus avós eram da Maljoga, a minha irmã está a fazer árvore geneológica porque a família era uma família rica, mas todos tinham muito filhos e aquilo foi-se tudo dividindo, dividindo. Pronto, o meu pai teve 9 filhos, os irmãos dele também tiveram muitos filhos, então aquilo foi assim...
– Então a sua origem é ali de Vale do Grilo?
– É na Moita do Grilo, a minha origem é da Moita do Grilo.
– E essa história que a Maria do Carmo conta do seu pai ensinar?
– Isso foi na Moita do Grilo, ainda lá está no sitio, a escada, o vão da escada onde eram guardadas as lanternas, os candeeiros a petróleo... e ele dava aulas lá à noite a pessoas jovens que iam para o Brasil que tinham de ter a 3.ª classe, e a muitos outros que tinham de ter a 4.ª classe, ou que queriam fazer a 4.ª classe. Pronto, para terem carta de condução, para irem para outros sítios, tinham de ter estudos... porque não tinham nada, não sabiam nada. E o meu pai... e eu era pequena e lembro-me bem de estarem lá os candeeiros e virem lá as pessoas à noite e o meu pai dar-lhes as aulas. Ensinou a minha mãe a ler, que a minha mãe não sabia ler. Era uma boa costureira, mas não sabia ler. Ensinou a minha mãe, que depois a minha mãe nos ensinava a nós e como ela tinha muitos filhos, eu fui para a escola, depois fiz a 3.ª classe e saí para a Maria do Céu fazer a 3.ª classe... para não juntar três ou quatro na escola. Então ela saiu e eu fui fazer, acho que foi a 3.ª classe, e depois voltou ela a sair e eu fui fazer a 4.ª e depois ela foi fazer a 4.ª classe. O meu pai deu a 4.ª classe aos filhos todos. E alguns foram estudar e outros não quiseram.
– Mas todos fizeram a 4.ª classe?
– Todos. Todos fizeram a 4.ª classe.
– Mas o seu pai não era professor? Ele sabia...
– Não. Ele estudou, mas nunca exerceu. Por isso, o meu pai, até havia quem dizia para a minha mãe: “Pois, ele é um menino fino!” (risos). Se perguntarem lá pelo Sr. Zé Maljoga, porque os pais dele eram lá da Maljoga, eu não sei a casa velha onde os bisavós deles... ainda lá estão as paredes.
– Mas ele fez mais do que a 4.ª Classe?
– Fez, fez. Ele tinha lá muitos livros.
– E onde teria sido que ele fez mais do que a 4.ª Classe?

– Também não sei nada disso. Não se falava nada disso.
– Mas o seu pai toda a vida teve alguma profissão? Ou teve algum ofício?
– O meu pai, em solteiro, segundo dizia a minha mãe: "A profissão dele é ajudar alguma coisa"... lá aos meus avós, ao pai dele.
– Tinham propriedades?
– Tinham muitas propriedades, tinham empregados.
– Viviam da agricultura provavelmente?
– Tinha muita resina, muito azeite, muita castanha, era tudo assim muita coisa.
[Entra António Manuel Martins Silva (A) na conversa com Maria do Carmo Martins (MC) e Helena Cabeleira (H)]
A – Mas negociava também por fora? Ou vendia só o que era dele?
MC – Os pais dele é que vendiam a resina, ainda me lembro do meu pai ter lá os resineiros, que nós tínhamos lá muito pinheiro... aliás, dos meus avós. Havia e ainda há muito pinhal e terrenos de pão, de ter trigo, e dessas coisas assim. Só que agora aquilo já foi dividido, já está por outros tios, irmãos do meu pai. Pronto, já não está nada igual, mas ainda temos pinhal. E depois também deixou de haver, não sei porquê, os resineiros... deixou de se tirar a resina.
A – Pois deixou. Há quantos anos?
MC – Eu sei lá. Eu ainda tenho ali um caneco dos da resina com os bocados lá dentro, que guardo de recordação. Eu lembro-me ainda dos resineiros lá andarem, nos pinheiros do meu pai. E depois aquela resina, sei que havia em Proença, não é uma fábrica, é um sítio onde iam depositar os bidons da resina. Também já não existe nada disso.
A – Quem é que negociava a resina em Proença-a-Nova?
MC – Pois isso eu não sei nada. Era coisas que não se falava. Os meus pais... a minha mãe tinha lá a vida dela da costura, depois acabou por deixar porque tinha os filhos, e eu é que fiquei a tomar conta dos meus irmãos, o meu pai foi 'chauffeur', trabalhou com umas máquinas... trabalho no campo, ele era muito trabalhador, eram mais máquinas... era 'chauffeur' e trabalhou nesta barragem aqui em baixo, com umas máquinas, a transportar não sei o quê... isso ainda me lembro.
A – Da Pracana? Quando se fez a barragem?
MC – Quando se fez a barragem, ele andava lá a trabalhar.
A – Não se lembra da data que isso foi?
MC – Não, eu era pequena.
A – 1950 por aí, assim?
MC – Eu sei lá, foi quando ela se fez! Depois ele teve um acidente, e ficou 'chauffeur' de um senhor... que ainda hoje a casa, esse café, está aberto. Era o Sr... agora não me lembro do nome, já faleceu há muito anos.
A – Em Proença?
MC – Na Moita. Que é o café do Diamantino. Era do pai da Fátima.
A – Do Palhota?
MC – Não, não. O outro. Sim. O meu pai foi 'chauffeur' dele muito tempo.
A – Ah pois já sei quem é.
MC – Depois daí, não sei porquê, eu também era pequena, ficou na agricultura, tinha bois, ficou a ter só um macho e vivia da lavoura.
A – Não se lembra onde era a fábrica onde eles iam levar a resina?
MC – Aquela era entre Sarzedinha e Proença. Era por aí assim.
A – Aí não era fabrica, era um armazém, um depósito.
MC – Um depósito sim. Mas acho que já não existe nada disso. Acho eu que não.
A – E depois a resina ia para onde?

MC – Também não sei nada, os meus avós é que sabiam disso, porque o meu pai orientava cá o pessoal, mas ia tudo para cima, para os meus avós.
H – Mas o seu pai, então, ensinou a sua mãe a ler e ensinou os filhos?
MC – Ensinou a minha mãe a ler, e depois a minha mãe ensinava os filhos.
H – A sua mãe é que ensinava?
MC – A minha mãe é que nos ensinava, depois...
H – Mas foram à escola? Os filhos chegaram a ir à escola?
MC – Fomos todos à escola, era os trabalhos de casa que ela nos ensinava... fôramos todos à escola. Todos. Só eu e a Maria do Céu é que saímos para não andar lá os quatro juntos e depois voltávamos a entrar. Ela fazia a 3.ª classe, saía, eu ia fazer a 3.ª, saía. Depois ela ia fazer a 4.ª... acho que era assim, ela disse-me que era assim.
H – E fizeram a escola então na Moita do Grilo?
MC – Na Moita do Santo. Onde está hoje ainda a escola.
H – Portanto, os meninos da Moita do Grilo iam à Moita do Santo.
MC – Iam todos à Moita do Santo. E os dali daqueles arredores todos: Espinho Grande, Espinho Pequeno, Vale das Balsas, tudo ia à escola a Moita do Santo.
A – E a escola era mista ou era separada?
MC – Era mista, eu acho que sim, era mista porque era só uma sala, era mista.
H – Em que ano entrou para a escola?
MC – Pois, entrei para a escola com seis ou sete anos. Eu nasci em 1945, olhe, a minha cabeça já não serve muito para contas.
H – Anos 50.
MC – Sim.
H – E tem ideia de a escola estar lá ainda? Está ocupada, está desativada?
MC – Não, agora é associação de caçadores e de reuniões, está a funcionar, a funcionar como quem diz, está tratada.
A – Está preservada e tem utilidade?
MC – Sim, sim. A daqui, esteve muito tempo abandonada, levaram de lá livros, alguém da Câmara veio buscar livros. Aqui à de São Pedro [do Esteval]. Agora está ocupada por jovens onde fazem os petiscos deles... um senhor, o Eurico disse-me no outro dia: "Olhe que eu tenho lá a cruz da escola, está limpinha, e tu fala com o padre para saber onde quer a cruz, ela está na minha casa", "Então olha lá, o que é que ainda há lá mais?", "Olha, ainda há lá uns livros"...
A – Não está a falar da Biblioteca? É onde é a escola.
MC – É onde é a escola, aqui de S. Pedro, onde a Professora Rosa deu aulas, aqui em São Pedro.
H – E a professora Rosa foi professora dos seus filhos?
MC – Não, não. Quando eu vim para aqui com os meus filhos, os meus filhos nasceram na Maternidade Alfredo da Costa e eu vivia então em Envendos. E lá o meu marido foi estar um tempo na Alemanha, e depois veio, e fomos para São João das Matas. Lá é que eles fizeram a instrução primária, ainda andaram em Mação, depois mudámo-nos para aqui em 1982, ou 80 e qualquer coisa. Esta casa era dos meus sogros, era assim este espaço aqui.
H – Portanto o seu marido é que era daqui? Do Vale Canhestro?
MC – Era daqui, foi nascido ali onde é agora a cozinha! (risos) Aí era a porta de entrada, daí é que era a casa toda, para aqui. Os meus filhos é que abriram estas portas, acrescentaram aquela parte além da casa que era palheiros e curral dos animais. Eles, como estava tudo incluído na caderneta, eles fizeram casa, fizeram quartos. Esses de baixo são os meus sogros, e os filhos dos sogros, está a ver, que são oito.
H – Da sua parte eram nove irmãos, do seu marido são oito irmãos contando com ele?

MC – Sim. Aqui já estou eu, isto é no segundo dia do meu casamento. Aqui estou eu, o resto é família, as minhas cunhadas e os meus sogros. Os meus irmãos, todos foram estudar, porque o Sr. Vigário... era ao meu pai que o sr. Vigário vinha trazer coisas da Cáritas, e o leite, porque o meu pai tinham a lista das pessoas que precisavam.
H – Ah... o seu pai é que geria essa parte da Cáritas e do apoio?
MC – Geria essa parte, sim, sim, era tudo na casa do meu pai.
H – Isso era dado na casa do seu pai?
MC – É. Iam lá trazer tudo a casa do meu pai, e ele tinha a lista das pessoas e depois as pessoas vinham lá a casa buscar.
H – Mas já havia escola? E a escola tinha um professor, provavelmente?
MC – Já havia escola, tinha... .que foi a dona Mimi, e foi uma outra senhora que já não me recordo o nome... a dona Mimi também já morreu.
H – E o seu pai é que fazia essa gestão, e ele é que ia dar o leite?
MC – Lá na casa dos meus pais, vinham lá as pessoas, sabiam o dia... anunciavam o dia, eles sabiam, e passavam a palavra: "Tal dia venham lá."
H – E porque é que era na casa do seu pai e não era na escola? E não era a professora que tomava conta disso?
MC – Não sei. O leite da escola, era a escola, era a professora. Agora às pessoas necessitadas, no tempo da guerra, do meu avô, nas evasões não sei do quê, o meu avô também lá andou, e veio de lá doente... era nesse tempo. Que era com senhas, não sei porquê, vinham trazer a casa do meu pai, o meu pai tinha a lista e dividia pelas pessoas. Agora o porquê não sei. Isso eu não sei.
H – Há aqui outra situação que é desta fotografia. Fale-me só desta fotografia.
MC – Hoje a porta já não é essa. Hoje a porta... aí é o casamento deles, está a ver? O véu da minha mãe, um véu comprido, preto...
H – É a sua mãe e o seu pai quando eles se casaram?
MC – Sim, quando eles se casaram.
H – Eles tinham que idade? Não tem a noção?
MC – A minha mãe tinha uns vinte e dois anos por aí, o meu pai é mais velho nove anos que a minha mãe.
H – Esta foto é de 1910/20?
MC – Sim, talvez por aí. O meu pai tem mais 9 anos do que a minha mãe (...). Eu tinha aí um álbum de fotografias para vos mostrar.
A – Isso é que era boa ideia. (...)
H – Do seu tempo de escola não tem fotografias?
MC – Não. Esta sou eu, esta a minha irmã e esta é que era a professora. Isto é a cabana, que hoje se for lá ainda é cabana, isto é tábuas, e tinha um pilar de pedra na ponta, hoje é uma casa bonita que lá está e com umas letras em azulejos "A Cabana", continua a ser a cabana. É onde nós nos juntamos. Olhe isto era a casa... o resto da casa... dos meus bisavós. Aqui nasceram os pais do meu pai, ainda está lá explicado. Era uma casa grande, por baixo era o lugar das ovelhas, ao lado tínhamos dois e em cima... ia lá só quando era para apanha da azeitona e outros serviços. Isto ainda lá existe, a casa ainda está como era deles, mas agora está diferente agora é amarela já não é branca. Esse que está aí é o meu irmão mais velho. Está no Canadá. Esse, o Álvaro.
A – Este é o seu pai?
MC – Sim é o meu pai e a minha mãe, e no meio o Álvaro, que é o meu irmão mais novo.
A – Esta aqui é a original.
MC – O meu pai tem uma, que é uma fotografia grande, endireitou o cabelo todo, mas essa fotografia estava comigo, mas eu tenho uma irmã que está em Lisboa, levou-ma,

pronto. O meu pai era ainda solteiro, mas essa ela levou-a, está com ela. Eles tiveram nove filhos, mas foi uma vida de muito sacrifício na época, porque não havia as coisas... por causa das evasões ou da guerra ou não sei o quê...
A – Foi a 1.ª Guerra Mundial.
MC – Pois, porque o meu avô andou lá e veio de lá só com um pulmão.
A – Como é que se chama o seu avô?
MC – É o Manuel António dos Estevês, já morreu também, há muito anos. Ficou a receber uma reforma por ter vindo assim.
A – Eu tenho essa lista, eu tenho a caderneta dele.
MC – Olhe ele é o Manuel António de Estevês, meu avô e avô do Diácono Manuel, do Manuel Cardoso.
A – Ah do Manuel Cardoso, pois está bem. Eu tenho a caderneta militar dele. E tenho a lista, eu até acho que tenho uma fotografia dele.
MC – Pois eu também tenho uma do meu avô e da minha avó, mas também a minha irmã já me caçou outra vez, que agora não a encontro em lado nenhum. Eu tive-a cá para mostrar a um casal.
A – Como é que ele se chamava?
MC – Manuel António Cardoso, acho que era assim.
A – Ele era do... ?
MC – Estevês, ele casou por lá. Ele era da Junceira. Eu acho que sim. Olhe o meu primo Manuel é que sabe melhor dessas vidas.
A – Eu lembro-me, eu fiz uma relação com todos os combatentes de Proença-a-Nova que andaram na 1.ª Guerra. Isso em 1910. Em 2016, há dois anos, a Câmara editou uma brochurazinha com os nomes deles todos. Não se apercebeu disso?
MC – Não, não.
MC – Eu tive uma época da minha vida que tive uma depressão pós-parto, e eu nem sabia que tinha uma depressão, fiz um tratamento de sono, fizeram-me uma limpeza à minha cabeça e esqueci tudo, e depois fui lembrando, ia perguntando, porque muita coisa desapareceu... lia muito livros porque eu gostava muito de medicina, sempre fiquei com aquela paixão. Então estudava tudo o que eu apanhava, tenho um primo médico e enfermeiras. Então, sempre que estava com eles aproveitava para ler, embora não percebesse muita coisa, mas pronto, tenho livros. Olhe, na casa do meu pai, a minha irmã encontrou um e está lá para eu lá ir apanhar, lá na cabana, um livro onde o meu pai estudou a Carta de Condução, como aquilo era naquela altura. Era um livrinho pequenino onde diz todas as normas da carta de condução. Um livro muito antigo.
A – Qual era o autor desse livro?
MC – Não sei, está lá na casa da minha irmã. Posso lá ir. (...) O meu pai tinha muitos livros com capas de cabedal. Encadernados, com capas de cabedal. Mas nós, os filhos, para se entreterem, o que é que nós fazíamos? Íamos brincar com os livros e depois estragávamos muita coisa. Eu sei que o meu pai pertencia à Legião Portuguesa não sei do quê.
A – À Legião, era uma organização do Estava Novo.
MC – Sim, porque ele tinha lá uma farda em casa e quando havia festas especiais em Proença, que eu era miúda, o meu pai vestia aquela farda que estava lá. Depois no fim de certos anos entregou aquela farda.
A – Era a Legião Portuguesa. Era uma organização doEstado Novo. Assim como haviam outras e só as "pessoas de bem" é que pertenciam, não era toda a gente.
MC – O meu pai lá nas Moitas se perguntarem pela alcunha do meu pai é Zé Maljoga.
A – Zé Maljoga... porque a família é oriunda da Maljoga.

MC – É, a minha irmã já lá foi, mas já não existe por lá nada. E se perguntarem pelo Sr. da Maljoga... ele era um senhor que andava sempre arranjadinho de gravatinha. Mas a minha mãe tinha essa coisa de ele andar sempre, quando já não era a minha mãe que fazia, porque tinha o trabalho dela, era eu: "Olha tu vai passar a camisa do pai e as calças bem vincadinhas!"... era eu que fazia esse serviço... sempre de gravatinha. (...)
H – Sente-se lá aqui para nós falarmos um bocadinho... diga-me lá o seu nome completo.
MC – Maria do Carmo Lopes Cardoso da Silva Martins.
H – Naturalidade.
MC – Moita do Grilo.
H – Isto pertence a Proença-a-Nova?
MC – Proença-a-Nova, aquilo quase tudo pega... Moita do Grilo tinha não sei quantos habitantes, agora tem dois.
H – Moita do Grilo atualmente tem dois habitantes?
MC – Tem. Uma não está lá sempre. Tem dois habitantes, e é a minha família quando se junta lá, que somos três, mas um vizinho vai lá pôr o carro dele para que ninguém vá lá fazer algum assalto, põe lá um carro dele, e o trator ao pé da casa dele, e o carro dele ao pé da nossa casa. Mas todos os meus irmãos têm uma chave da casa, e a casa é da minha irmã Ju, da que está na Póvoa do Varzim e que era professora.
H – E a sua data de nascimento completa, qual é?
MC – 5 de Abril de 1945.
H – Portanto é casada?
MC – Sim... viúva. (...)
H – A Maria do Carmo tem email?
MC – Tenho. (...)
H – Podia dar a sua morada para termos uma referência?
MC – Sim. Vale Canhestro, São Pedro do Esteval. (...)
H – E lembra-se aqui, quando veio para cá viver, as eiras ainda funcionavam?
MC – Ainda funcionavam.
H – Eram várias ou era uma comunitária?
MC – Ali aquelas... é daquele vizinho.
H – Era propriedade privada?
MC – Eu acho que sim. Tinha dono. E depois vieram as máquinas debulhadoras, ainda eu estava na casa dos meus pais, tínhamos também uma eira que era de todos, na Moita do Grilo, que era de todos, depois começou a vir as máquinas debulhadoras e agora essa eira já não existe.
H – Então Maria do Carmo o total que tem completo de escolaridade é?
MC – A 4.ª classe.
H – Portanto já me disse, frequentou a escola primária?
MC – Sim, na Moita, a nossa escola.
H – Da Moita do Santo.
MC – Do Santo, só lá existe aquela escola, para aquelas povoações todas, todas.
H – Mas vivia no... ?
MC – Moita do Grilo. Íamos a pé com uma saca pela cabeça. Fazia de capuz, é verdade. Mas ia calçada. O meu pai trazia o sapateiro a casa.
H – Era quanto tempo de caminho a pé?
MC – Ai sei lá... aquilo era quanto? Não era um quilómetro.
A – Mas conte lá essa história do sapateiro.
MC – O meu pai chamava lá um homem, sapateiro, a casa, para fazer os sapatos para nós. Era muito engraçado porque os sapatos eram muito duros, e eu era já grandota e eles

mordiam-me. Então eu tirava os sapatos e andava descalça, só os calçava quando chegava perto do meu pai (risos). Porque os sapatos, aqueles sapatos de cabedal, a sola, aquilo era forte! Mordiam-me nos pés, nos calcanhares, e eu tirava os sapatos, quando vinha perto de casa calçava-os outra vez, e para a escola calçava-os outra vez.
A – Era sola rija, não era calfe?
MC – Eu sei lá! Aquilo era rijo!...
A – E por baixo dos sapatos não punham nenhuns protetores?
MC – Punham uns protetores para não se romper, era assim.
A – Eram protectores ou cardas? Lembra-se das cardas?
MC – Lembro-me das cardas, mas eram protectores. Era um protector na ponta e atrás e uma de cada lado. Lembro-me tão bem disso. E o meu pai quando descobriu que os meus sapatos não se rompiam: "Então, mas tu andas descalça?", "Ó pai não, eu estou calçada!"
H – O vosso pai não gostava que vocês andassem descalços?
MC – Não, não, não!
H – Recapitulando... diga-me lá o nome completo do seu pai outra vez.
MC – José Cardoso da Silva.
H – Se fosse vivo teria?
MC – Teria 110 anos ou mais...
H – Não tem presente a data em que ele nasceu? Segundo aquilo que a Maria do Carmo se lembra ou eles contavam, qual seria o nível de escolaridade do seu pai naquela época?
MC – Não faço ideia, ele estudou, ele tinha estudos, mais do que a 4.ª classe, não sei se ele andou a estudar num seminário não faço ideia. Porque naquela época, as pessoas não era como é hoje. Assim, por exemplo... os pais não davam beijinhos aos filhos... eu lembro-me disso. Eu com os meus filhos, a gente beija-se quando sai de casa, beija-se quando entra em casa. Naquela época não era assim. Era beijar a mão ao pai quando ia para a cama, era rezar à noite, era de manhã, era à hora da refeição. Agora beijinhos?! Eu sei que beijei o meu pai na cara depois do 25 de Abril! Aquilo era tudo... para o meu pai aquilo era quase uma tropa! (risos)
H – Era um homem severo?
MC – Não... ele não fazia assim... mas aquilo que ele dizia, tinha de se manter! (risos)
H – Autoridade e respeito.
MC – Autoridade... e depois passou para mim. Eu tenho um irmão no Brasil, chama-me "O Sargento"... "O quê, Joaquim, tu estás-me a chamar Sargento?!", "Ah, pois!" Porque nós éramos todos pequenos, era a Lúcia nova e nascia mais outro irmão, só houve ali um espaço de cinco anos em que não houve, e depois vieram mais dois, mais três. Depois a minha mãe... já se sabe como são os garotos, estão sentados à mesa e os pés estão por baixo a bater uns nos outros, ao pontapé, a brincar e... "ãããã", uns chiavam por um lado e outros por outro. A minha mãe dizia: "Maria do Carmo anda cá!! Que eu já não faço nada deles!". E eu, estava na sala ou estava lá costurar, porque a minha mãe ensinou-me, e eu ia lá e nem dizia nada... da casa para a cozinha descia dois degraus, e eu ficava no cimo dos degraus, e eu dizia assim: "O que é que se passa?"... calavam-se todos! E eu não batia em ninguém.
H – Por ser a irmã mais velha, acabava por ter de fazer aquele papel... ?
MC – Tinha de ser, porque o pai não estava em casa. E então, esse irmão que está no Brasil: "Tu? Tu eras o Sargentão lá em casa! Todos tinham de te obedecer a ti!" (risos). Mas os outros não falam nisso, não... "O que tu dizias, tinha de se fazer... "
H – E a Maria do Carmo sentia-se responsável pelos irmãos?
MC – Sentia-me responsável por eles, sim.
H – E acha que isso foi uma coisa que a condicionou, a pensar em seguir estudos?

MC – Eu sempre quis estudar, mas não era aquela pessoa de ir dizer aos meus pais: "Pai, quero ir estudar, não quero ficar aqui!" Eu sofria para mim sozinha, e sofri muito por isso.
H – Porque queria ir estudar... e não tinha coragem de dizer?
MC – Porque queria ir estudar, e o meu pai ainda começou a tratar dos papeis, o Senhor Vigário andava a tratar dos papeis para o meu irmão Manel e para mim, mas depois, não sei, houve ali um atraso de quinze dias e eu já não pude ir.
H – Não pôde?
MC – Porque já tinha fechado... não sei bem... para poder ir para a escola... para um seminário ou para um convento, ou nem sei para onde... porque a minha irmã Ju e a minha irmã Maria do Céu foram para conventos, e o Manel foi para um seminário. Lá estudaram. E o Manel já usava batina, mas saiu, foi para a tropa, foi a Angola, foi à Guiné e pronto já estava a ser o posto mais alto, o topo. Mas teve que sair porque já não havia lugares para tantos. E saiu, agora está a viver em Lisboa, é chefe de armazém, pronto, foi o que ele apanhou na época. Porque é assim, faz-se a tropa e depois não tem emprego. Anda-se lá até se chegar, e depois... não. A Maria de Jesus saiu do convento, fez tudo, continuou os estudos foi professora já está reformada. A Maria do Céu esteve no Seminário na Boa Nova, era irmã missionária, foi para Moçambique, esteve em António Enes trabalhou lá dez anos, quando veio de lá deu-se o 25 de Abril... passados oito dias deu-se o 25 de Abril... e tudo onde ela estava foi destruído, onde ela estava e as outras missionárias. Então ela veio para as missões, e lá conheceu o marido dela, que também ia ser padre, conheceu-o lá, namoraram em segredo e casaram. E estão casados, essa é psicóloga.
H – Essa sua irmã... tudo mais novo, não é?
MC – Todos mais novos. O João foi para a polícia aérea.
H – No fundo, todos os seus irmãos fizeram mais alguma coisa do que só a 4.ª classe?
MC – Todos! Só eu e a Teresa que é das mais novas, é que ficámos no campo. Só nós as duas.
H – Então a Maria do Carmo nunca emigrou, nunca sou daqui, viveu sempre cá em Portugal?
MC – Sempre, em Portugal e a Teresa também. Fui à Espanha num passeio, e mais nada. Gostava de ir onde tenho os meus filhos, mas tenho medo, e por enquanto não penso nisso porque se por cá está mau por lá ainda está pior e é muito longe. E é assim... o João, continuou sempre a estudar depois de sair da tropa, era administrativo, auxiliar da dona de um centro de reabilitação, de paralisia infantil, mas com adultos. A minha irmã Zita também lá trabalhava, e agora é oficial de justiça, que é a mais nova. Depois é o Álvaro.
H – Voltando ao seu pai, então, a Maria do Carmo não tem presente, exactamente, o que é que ele tem, mas tem a 4.ª classe feita?
MC – Tem mais do que a 4.ª classe... ele tem estudos, agora os estudos que ele tem...
H – Ele também não falava nisso, não é?
MC – Não, não.
H – E ele é que ensinou a sua mãe, a sua mãe nunca foi à escola, então?
MC – Nunca.
H – E terá sido antes de casarem ou depois?
MC – Depois de casarem é que ele ensinou a minha mãe. Porque a minha mãe trabalhava na casa dos pais do meu avô, do meu pai, porque tinham ranchos da azeitona, que eram de Estevês. Que até uma irmã do meu pai casou em Estevês, e foi lá que o meu pai conheceu a minha mãe, porque o rancho da azeitona era da Sarzedinha e das Eiras... e era gente de Estevês que ficava na casa do meu pai a apanhar azeitona, porque p'laquele vale abaixo era quase tudo...
H – Portanto, o seu pai vivia na Moita do Grilo e a sua mãe vem de Estevês?

MC – Vem de Estevês. E a minha mãe também trabalhava, ia para Montelhado, e o meu pai nasceu no Montelhado, ainda lá está a casa no Montelhado, uma casa rica. E a minha mãe também ia para lá para a apanha da castanha e da azeitona e disso tudo, e lá é que eles se conheceram, e namoraram e casaram.
H – E depois de casados ensinou a sua mãe a ler?
MC – Ensinou a minha mãe.
H – E, portanto, a sua mãe nunca foi à escola, sabia ler e escrever, teria o quê? O equivalente à 4.ª classe?
MC – Não. A minha mãe escrever... acho que só sabia fazer o nome dela.
H – Mas sabia ler? E assinava o nome?
MC – Sabia. Sim.
H – Não se lembra de a sua mãe escrever mais nada?
MC – Lembro-me de ela pegar num lápis, à noite, quando vínhamos da escola e tínhamos trabalhos de casa para fazer, e ela ia lá, pegava no livro. Lembro-me tão bem, lá no corredor...
H – Era a sua mãe é que vos ensinava as primeiras letras?
MC – Ela ensinava as primeiras letras, antes de irmos para a escola.
H – E, portanto, o seu pai ensinava os outros?
MC – Ensinava os outros, à noite.
H – As outras pessoas que não eram os filhos, não é?
MC – Sim, os outros vinham pedir ao meu pai.
H – Teve de ensinar a sua mãe primeiro, e a sua mãe ensinava-vos.
MC – A minha mãe pegava no livro e pronto... ”a e i o u”, a minha mãe conhecia as letras todas e depois sabia juntá-las. E ensinar a nós, nos nossos trabalhos de casa, porque nós queríamos era brincadeira e então ela ensinava-nos os trabalhos de casa. A conhecer as letras a juntá-las... era ela que nos ensinava. Porque ela também trabalhava muito de costura, era uma boa costureira.
H – Tudo isto, ela ensinava-vos a vocês, os filhos, as letras, e o vosso pai dava aulas às pessoas que lá iam à casa dele pedir, aos adultos?
MC – Sim aos adultos.
H – Conte lá histórias que o seu pai contasse.
MC – Não me lembro...
H – Mas lembra-se? Tem presente... de assistir, de as pessoas irem lá? Quantas pessoas é que eram?
MC – Sim, sim, sim. Era tudo gente do campo, homens, rapazes, que queriam ir para o Brasil e tinham de ter a terceira classe. Pelo menos a terceira classe. Lembro-me de estar lá estar no vão da escada, que ainda lá está a escada, e os preguinhos espetados onde eram penduradas as lanternas, que eu tenho ali uma que era da casa da minha mãe, uma lanterna... aquelas lanternas antigas... e eram os candeeiros a petróleo. Cada um lá tinha o seu, para se iluminar a ele próprio. E tinha ali um quarto, e depois tinha uma sala, ali, e eles estavam ali sentados...
H – E quantos chegava a ter ao mesmo tempo?
MC – Quatro, cinco outras vezes seis.
H – Portanto era tudo gente... rapazes?
MC – Trabalhavam no campo já, e queriam ir para o Brasil. Porque foi uma época em que muita gente foi para o Brasil. Era a saída para o Brasil.
H – Daqui muita gente emigrava para o Brasil, mais do que para as Áfricas?
MC – Sim, sim, para o Brasil, muita gente, muita gente.
H – Esta zona aqui toda, Esteval?

MC – Por exemplo, os irmãos da minha mãe, só a minha a mãe e o meu tio Francisco, eles eram oito, os outros seis foi tudo para o Brasil.
H – Das terras que se lembra, ali arredores, diga lá nomes de pessoas, ou terras que tivessem muita emigração para o Brasil.
MC – Ali as Moitas, o Peral, sei lá... ia muita gente para o Brasil, muita gente. Eu tenho lá muita família no Brasil, muitos também já morreram, só tenho já um tio vivo e já está com Alzheimer, já não conhece ninguém. Tenho muitos primos no Brasil que vêm cá, e que estão no meu Facebook, é uma família muito grande e muito unida.
H – Isso é interessante. Porque, tendencialmente, quando são famílias assim muito grandes, uns emigram outros vão para Lisboa ou para outros sítios, há sempre uma certa dispersão, não é? Os seus filhos, Maria do Carmo?
MC – Os meus filhos são dois rapazes, um está na França, já casou e já descasou há muitos anos, está solteiro, e o outro casou com uma senhora americana, trabalha numa organização do Estado americano e estão quatro ou cinco anos no país e depois mudam de país. Antes de ser o Trump que lá estava, os outros davam-lhe a cada quatro em quatro anos, ou dois anos ou três anos, pronto, era sempre na altura de os miúdos mudarem de escola, e davam-lhe... isto começava sempre em Dezembro, o processo da mudança, para mudarem em Junho... e davam-lhe três países à escolha e eles escolhiam um país. Agora este ano, com aquele senhor que lá está agora, que eles não gostam dele, mas ele gosta do trabalho deles... eles: "Ele vai-nos tirar o nosso trabalho"... porque eles trabalham só pelos pobres, e fazem a ponte entre hospitais e o governo, onde eles estão agora, eles agora estão em Pretória, foi assim uma mudança repentina, a minha nora nem pode vir cá passar férias, coisa que os outros nunca faziam isso...
H – Mas é a sua nora e o seu filho que trabalham para essa... é uma agência governamental?
MC – É, é. Eles estão a fazer a ponte entre os governos e os hospitais de lá, de onde eles estão, e os de Washington para haver tratamento gratuito para as pessoas pobres... e a ver as escolas, a ver se têm escolas, se não têm. Portanto saúde pública, saúde materna é esse o trabalho da minha nora, e o meu filho é mais, agora está em trabalho de escritório.
H – Portanto isto é o seu filho mais velho?
MC – Mais velho.
H – Que idade tem ele?
MC – Quarenta e oito anos.
H – Quarenta e oito, e que estudos tem?
MC – Tem o 12.º ano.
H – Feito cá em Portugal?
MC – Sim, feito cá em Portugal, mas lá ele continuou a estudar na universidade.
H – Já na América?
MC – Já na América, mas na universidade de cá. Era por computador ou não sei como é que é, por internet. Ele fez.
H – Qual foi a Universidade? Foi a Aberta?
MC – Se calhar é, eu é que lhe pagava as propinas, mas só mandava o dinheiro pelo meu irmão João: "Oh João vai lá pagar as propinas." Olhe não sei, não lhe posso dizer isso.
H – E que curso é que ele terminou cá?
MC – Foi administrativo.
H – Este é o seu filho mais velho, o mais novo que estudos tem? O 12.º?
MC – O meu filho mais novo é muito esperto, ouve e fica lá tudo, é um trabalhador muito bom, diziam já os professores dele... mas não gosta de ler.
H – O que é que ele fez, de escola?

MC – Fez dois anos no sétimo, dois no oitavo, ficou no oitavo e não passou.
H – Ficou pelo oitavo ano?
MC – Sim, mas depois dizia assim o professor: "Oh filho, mas porque é que tu não estudas?" e nas reuniões de pais diziam assim: "Mas porque é que o seu filho não estuda? Ele é muito melhor, tem uma cabeça muito melhor." O Vítor nunca perdeu nenhum ano, mas tinha que trabalhar muito e o Filipe não, duas ou três palavras e estava feito um texto: "Oh mãe, para que é que é tanta coisa... ?"
H – O que é que ele faz na vida, já agora?
MC – É pôr estuque. Agora já faz de tudo, tem o curso de carpinteiro que fez cá. Lá na França ele ficou em primeiro lugar em Restauro.
H – Então este está emigrado na França, tem os dois filhos...
MC – Eu estou sozinha, mais o gato! O gato agora ainda está na casinha dele que é lá atrás numa arrecadação onde era o antigo forno. E ele, então, ele ficou em primeiro lugar a fazer restauros, trabalha muito nos restauros, na França.
H – Isso é uma profissão muito estimada nesses países, sim. E o seu marido que estudos tinha?
MC – Tinha a 4.ª classe também.
H – Tinha a 4.ª classe. E o seu marido é que era daqui de Vale Canhestro?
MC – É que era daqui, desta casa, esta casa tinha aqui seis divisões daquela parede para aqui, isto era um corredor, e da cozinha para aqui eram seis divisões depois havia ali uma porta que eu já fechei. (...)
H – Voltando aqui à história do seu pai, porque, no fundo, interessa aqui que a Maria do Carmo fale um bocadinho da sua experiência de escola. Mas ainda assim, como a situação do seu pai acaba por ser um caso raro, porque não encontrámos muita gente nessa situação... porque motivo é que acha que o seu pai começou a dar aulas? Porque ele nunca fez estudos para professor, nunca foi remunerado como professor, não é?
MC – Não, não, não.
H – Mas, no fundo, ele fazia isso de uma maneira... porque era procurado pelas pessoas. Não tem noção de quando é que ele começou a fazer isso?
MC – Porque ele era procurado pela pessoas. Eu era pequenita, tinha uns três ou quatro anos. Ele fez aquilo durante alguns anos, e depois deixou de fazer, não sei, não havia mais pessoas, não havia quem queria. E depois abriu a escola, e era obrigatório as pessoas irem à escola.
H – Durante quantos anos, ou em que anos, é que se lembra de o seu pai dar aulas lá às pessoas em casa?
MC – Portanto, se eu tinha uns três ou quatro anitos...
H – Foi nos anos 40 ou 50 que ele dava lá as aulas?
MC – Nasci em 45, com cinco são 50... por aí.
H – Começou nos anos 50, mais ou menos, e até quando é que o seu pai teve lá gente a aprender com ele?
MC – Talvez até aos anos 60. Não sei se antes de eu me lembrar, já havia.
H – Não havia escola lá na Moita do Grilo?
MC – Na Moita do Grilo nunca houve, era sempre na Moita do Santo. Mas não era obrigatório, mas o meu pai fez questão de dar a 4.ª classe a todos. Embora eu só andasse até à 3.ª e depois vinha para casa, para não juntar tantos, depois aquele fazia até à 3.ª classe, depois vinha para casa e ia o outro fazer a 4.ª classe... fazia assim. Porque queria dar a 4.ª classe a todos, e porque muitos nem iam à escola.
H – Revezado. E vocês, os irmãos, trabalhavam enquanto andavam na escola, faziam alguma coisa, algum tipo de actividade, ou ajudavam os pais em alguma coisa?

MC – Ajudávamos, portanto... íamos apanhar azeitona, do chão, que se aproveitava tudo. E tínhamos milho, quando já tínhamos idade.
H – Eram os trabalhos agrícolas.
MC – Eram os trabalhos agrícolas. Ceifar, mondar o trigo, sachar o milho, regar, tínhamos muitos fenos, porque tínhamos muito gado. Eu trabalhei muito no campo, os outros não! Os outros estavam a estudar! (risos)
H – Acha que ficou descompensada, pelo facto de ser a mais velha?
MC – É. O meu irmão Joaquim também trabalhou alguns anos numa serração, mas achava... ele também era revolucionário! Ele achava que trabalhava mais, e bem, que os adultos! Ele era menor e fazia o trabalho bem feito, começou a ficar revoltado, fazia greve! O meu pai não gostou 'pousi-o' de castigo, não o deixava mais ir trabalhar.
H – Que idade é que ele tinha?
MC – Uns quatorze anos, trabalhava numa serração, ele ganhava menos do que os adultos, e via que era uma injustiça, e revoltou-se contra o meu pai. E o meu pai disse: "Aqui não há revolução! Se queres trabalhar lá trabalhas por aquilo que te pagam!", "Pai, eu faço como os adultos fazem, e ainda faço melhor e mais! Não há direito de eu receber só isto"... e depois ele ficou revoltado e abalou para o Brasil. Tinha lá muitos tios. Ele próprio falou com um dos meus tios...
H – Isto, o seu irmão?
MC – O Joaquim. O meu pai também queria que eu para lá fosse, depois. Os meus tios também me queriam para lá levar, para o Brasil.
H – O seu pai era a favor de os filhos irem... emigrar?
MC – Era. Porque ele também, aquilo era uma vida pobre. Se não cultivassem... e depois também era a falta de água. O meu pai fez poços para ter água, mas os poços davam pouca água, para cultivar as batatas, para cultivar o milho, tinha vinha, tinha castanheiros, tinha isso tudo, mas depois faltava ali a água por perto de casa. Ele para ter água em casa para beber, fez um poço junto da pista da Moita, temos aí um poço, e era levado de chupão do poço com mangueiras para a Moita do Grilo para o meu pai ter água em casa. Porque a fonte onde se ia buscar água para beber, era lá em baixo numa cova, no meio de umas oliveiras e quando ela ficava a meio começava a ter muita bicharada. E depois fez-se ainda uma outra fonte, de roldana, mas aquilo também... e o meu pai disse: "Não, não", vamos lá pôr água em casa. Não era tratada, mas era um poço que estava tapado por cima, e tinha lá a mangueira, e ela vinha por essa mangueira até a casa, e tínhamos essa água em casa.
H – E a Maria do Carmo lembra-se do primeiro dia em que foi à escola?
MC – Ai não sei! Depois ter tido aquela doença, depois do meu filho mais velho ter nascido, eu fiquei... eu não sabia que era uma depressão que eu tinha. Doía-me o estômago, tratei-me de uma úlcera que eu não tinha, depois parecia que estava sempre constipada e doía-me muito a cabeça e eu não tinha nada, depois deixei de caminhar. Depois o médico disse assim, olha eu não me entendo contigo, tens família em Lisboa? "Tenho uma tia enfermeira, um primo médico."
H – Com que idade?
MC – Eu quando tive esta depressão eu tinha vinte, trinta anos... trinta anos.
H – E sente que se lhe apagou... na sua cabeça?
MC – Apagou-se tudo, tudo. Eu ainda andei para aqui, os meus filhos eram pequeninos, a minha irmã Ju esteve lá a cuidar de mim e deles, depois foi uma cunhada minha a cuidar de mim.
H – O seu marido ainda era vivo?
MC – Sim. Então os meus filhos eram pequenos quando isto me aconteceu. Depois eu via as pessoas e não sabia o nome. Eu via as pessoas e não sabia o nome... eu não sabia quem

tinha sido a minha madrinha de batismo. Havia pessoas, eu via-as mas não sabia o nome de ninguém. Esqueci coisas que eu sabia tanto... de medicina. Tive de aprender a dar injeções por causa do meu filho mais novo que era alérgico a penicilina, e eu tive que aprender, e eu tinha de saber, quando dava um medicamento novo, a reação à voz dele e à cor da pele, e tinha as injeções em casa para lhe dar. E até me ensinaram a fazer isso: "Eu nunca faço isso" e diziam: "Tem de saber, tem de aprender", eu fui saber isso, aprender a Mação, no hospital de Mação.

H – Mas nunca foi preciso?

MC – Não, eu quando via a carinha dele a ficar rosada, eu dava-lhe o medicamento e ficava a falar com ele. A voz dele a mudar de tom e eu dava-lhe a injecção, e depois ia com ele para o hospital

H – Então... teria uns sete anos quando foi para a escola, pela primeira vez, e já ia com algum conhecimento que a sua mãe lhe tinha dado, as primeiras letras... já sabia o quê, exactamente?

MC – Sim, sim. Olhe eu já sabia muita coisa. Eu... foi uma situação muito ingrata que a professora Mimi fez comigo, porque eu já sabia mais que os outros meninos, então ela punha-me a ver os trabalhos de casa dos outros meninos, onde havia erros eu tinha que os castigar.

H – A Maria do Carmo é que os castigava?

MC – Eu tinha que os castigar... e eu tinha pena de dar umas reguadas.

H – Ela punha-a a dar reguadas aos colegas?

MC – Aos meus colegas! E a dar-lhe o castigo! E eu achava isso... e também me custou muito, mas eu dava as reguadas devagarinho (risos), para não doer. Uma altura foi outra professora, e ela assim: "Ou dás como deve ser ou levas tu!" (risos)

H – Diga-me lá, a sua professora primária, foi sempre a mesma ou foram professoras diferentes? Como é que se chamava essa, a primeira de todas?

MC – A primeira era a Dona Mimi, já faleceu. De Proença-a-Nova.

H – Qual era o nome dela?

MC – Era Maria do Rosário, que era a mãe da Doutora Filomena, e a outra irmã dela, era a Mena, Ana Maria. A outra era do Pergulho, não me lembro já o nome...

H – Esta senhora, a Maria do Rosário, era de Proença? Não sabe o sobrenome dela?

MC – Não. A gente chamava só dona Mimi.

H – E depois quem é que teve mais? As professoras que teve?

MC – Depois tive outra professora que era do Pergulho.

H – E esta senhora era mesmo professora ou era regente?

MC – Ai... boa pergunta. Eu não sei, eu sei que quando fui fazer exame da 4.ª classe a Proença-a-Nova, eu fiquei na casa dela. Eu e mais meninas que iam fazer a 4.ª classe, ficávamos de véspera na casa dela, depois é que íamos fazer o exame lá na escola primária de Proença.

H – Mas esta foi a que lhe deu a 1.ª classe?

MC – Sim, eu acho que foi ela a 1.ª classe. Mas depois veio outras, que já não sei o nome... uma sei que era do Pergulho, até diziam todos que ela era mazinha.

H – E essa do Pergulho, não tem noção dos nomes.

MC – Não, não. Não... já na 3.ª classe, isto já era na 3.ª ou na 4.ª classe, que eu ia ver os trabalhos dos outros meninos, já foi no final. Penso que já não foi com a dona Mimi, já não sei bem. Já posso estar aqui a meter água, porque eu aí já tinha a 3.ª ou 4.ª classe, eu ia ver os trabalhos dos meninos da 1.ª e 2.ª classe.

H – Quando já estava na 4.ª, então era boa aluna a Maria do Carmo?

MC – Sim, era, era boa aluna.

H – E já vinha com essa preparação de casa, não era?
MC – Sim, sim. Os meus irmãos eram todos bons alunos, ninguém chumbou ano nenhum. Todos passaram todos os anos.
H – No total, teve quantas professoras na primária, que se lembre?
MC – Talvez duas.
H – Eram professoras? Não tem noção se eram regentes?
MC – Não sei, elas davam da 1.ª à 4.º classe, pronto, não sei se eram oficiais ou regentes.
H – Repita lá quais eram as localidades que iam ali àquela escola?
MC – Ia a Moita do Grilo, o Casal da Ordem, o Vale da Balsas, a Moita Mateus Alves, o Espinho Pequeno e o Espinho Grande e ali a Moita tem muito nomes mas é aquela... Moita do Santo, mas tudo pegado, tem Moita Ferreira, Moita do Cabrito, mas aquilo é tudo como aqui o São Pedro, aqui é o Vale Canhestro acolá é a Picoteira, é tudo pegado. É quase como o nome das ruas. Mas ia tudo àquela escola... mas não iam todos, todos, todos, não era obrigatório. Iam só aqueles que os pais mandavam. Os que os pais faziam questão que os filhos aprendessem a ler.
H – E, no seu tempo, iam meninas e meninos juntos? Havia mais meninos, mais meninas, e quantos eram ao todo?
MC – Iam meninos e meninas juntos. Ah... não faço ideia... ainda éramos muitos, a sala era grande e estava cheia.
H – Dava para todos lá dentro? Dava para todos, o lugar? Todos tinham carteira?
MC – Sim. Todos tinham carteira, não havia ninguém sentado no chão, todos tinham carteira.
H – Então, do que se lembra da sua vida de ir à escola, não se lembra do primeiro dia de escola, mas lembra-se dessa situação de ir a pé, de ir com a saca na cabeça?
MC – Sempre a pé, sempre.
H – Há mais alguma coisa que tenha ficado?
MC – Não, não. Lembro-me que depois ainda íamos, rapazes e raparigas, ainda íamos lá à noite à escola. O meu pai já não ensinava em casa, mas íamos para fazer companhia uns aos outros, íamos à escola.
H – À noite? Mas ainda quando andavam a fazer a escola?
MC – Não, eu já tinha dezassete ou dezoito anos.
H – Ah, era um ponto de encontro ali da juventude, durante a noite?
MC – Sim.
H – Mas o que é que iam lá fazer?
MC – Íamos à escola mesmo! Alguns queriam aprender a ler, mas agora eu não sei quem.
H – Mas quem é que lá ensinava?
MC – Acho que vinha lá uma professora dar aulas à noite para aqueles que andaram na escola mas que não fizeram a 3.ª classe, ou fizeram só a 3.ª.
H – Havia casos de meninos que desistiam?
MC – Havia, havia. Havia muitos. Havia a professora Rosa, essa que diz que esteve lá, eu não me lembro dela... a professora Olga. A professora Olga, de Proença, disse que esteve lá a dar aulas.
H – Aquela professora que está na Universidade Sénior?
MC – Sim. Deu na Moita do Santo. Mas isso já não foi nada comigo, porque eu não me lembrava dela, ela diz... disse lá, no outro dia, na universidade, ainda não vai há um mês que ela lá disse... que na Moita não havia assiduidade dos meninos irem à escola porque os pais eram alcoólicos e eles não aprendiam, e mesmo os alunos parece que já iam alcoólicos, pronto... que havia ali muitos bêbados. Mas disso eu não sei nada, não foi nada do meu tempo. Soube agora porque ela disse ali aquilo. Esteve lá a dar aulas, e disse que

eles eram muito burros! (risos). Pois... se bebiam, e não estavam habituados a trabalhar... .os pais punham-nos logo a trabalhar de pequeninos. Isso eu não sei já nada.
H – Mas lembra-se do edifício?
MC – Então está lá ainda, é o mesmo edifício, está recuperado, está arranjadinho.
H – E o que é que se lembra do edifício, sei lá, tinha lareira?
MC – Tinha lareira, tinha a fotografia... ai como é que era? Tinha a cruz de Cristo, e tinha... ai, mas quem era, dois... o Salazar e o Craveiro Lopes. Tinha esses dois quadros grandes lá.
H – Outras coisas simbólicas nas paredes? Algum poster?
MC – Tinha os quadros, os mapas... tinha o quadro de pedra, o recreio coberto, só tinha uma parte onde se jogava à bola e uma parte coberta onde estavam as casas de banho, onde se podia brincar à vontade.
H – Tinham casa de banho lá na escola? E era usada.
MC – Tinha e era usada. Ainda lá estão. Está tudo recuperada, era num dos recreios que também podia ser uma sala onde havia assim aquelas prateleirinhas de madeira na parede, hoje é que não sei se ainda lá estão... cada um lá punha as suas coisinhas, naqueles compartimentos de madeira, e era aí que nos era dado o copinho de leite.
H – Era a professora que dava... eram as mães que vinham à escola?
MC – Não sei quem é que o fazia, não me lembro como é que era aquilo...
H – Davam-lhe um copo de leite? Era só leite? Não havia mais nada?
MC – Não sei se havia bolachas, não sei, acho que havia queijo ou mais qualquer coisa.
H – Além disso levava mais alguma merenda, ou vinha a casa comer?
MC – Ia a casa comer. Porque nós tínhamos aulas, era uns até ao meio dia, outros do meio dia para a tarde, não estávamos lá o dia todo. Era assim, não sei se era por serem muitos alunos, coisas das professoras. Uns iam até ao meio dia, depois outros ficavam para a tarde.
H – Lembra-se do seu horário?
MC – Eu ia de manhã.
H – Mas era consoante as classes que estavam distribuídas?
MC – Acho que era consoante as classes, mas lá sempre houve só uma sala de aula, era mista, nunca houve duas. Era tudo misturado.
H – Será que era por haverem muitos alunos?
MC – Havia, havia. Era assim: deste corredor para ali estavam os rapazes, deste corredor para aqui estavam as raparigas.
H – Na mesma sala, estavam era separados lá dentro da sala?
MC – Sim, sim. Ao fundo estavam os mais velhos, os repetentes, isso tudo lá para trás.
H – E à frente estavam os da primeira classe ou os melhores alunos, era o quê?
MC – Eu estava no segundo banco, não sei se era os melhores alunos, não sei. A minha carteira era a segunda a contar da frente. Sei que os castigos... eu punha-os com a cara virada para a parede! (risos)
H – As professoras davam muitos castigos?
MC – Não, não davam muitos, às vezes era com a vara na cabeça, umas reguadazitas. Houve lá uma que era assim mazinha, que eu já não me lembro dela, que eu nunca apanhei... com réguas.
H – Mas foi sempre durante o tempo de escola, a Maria do Carmo foi sempre "A Generala", não é? Era lá em casa com os irmãos, e era na escola?
MC – Era, era! (risos) O meu irmão é que dizia que eu era "O Sargento", o Joaquim.
H – Mas tinha vocação para isso! Porque na escola faziam-lhe a mesma coisa! (risos)

MC – Eu era educada assim! Na casa do meu pai, com ele lá em casa, ninguém pegava um com o outro! Não havia lá pontapés debaixo da mesa. Ora, com a minha mãe, pois, coitada... ela queria era paz e sossego, trabalhava muito na horta, depois tinha a costura em casa, os filhos pequenitos, às vezes estava a barriga grande e o outro a puxar-lhe a saia... e pronto, ela já não tinha paciência, e trabalhava muito... e pronto. Então era: "Ó Maria do Carmo anda cá, que eles estão ali a pegar um com o outro!" E eu chegava lá e não dizia nada, ficava no cimo da escada e dizia: "Então o que é que foi?", "Não é nada, não é nada." Pronto e eu voltava para trás.
H – Mas, no geral, do que se lembra de escola, gostou sempre das professoras que teve? Elas tratavam bem os alunos ou castigavam bastante?
MC – Tratavam, tratavam. Não castigavam, quer dizer depois, depois de eu sair não sei. Pelo que eu sei...
H – Sim, no seu tempo, estou a falar no seu tempo.
MC – No meu tempo não castigavam.
H – E acha que elas eram boas professoras?
MC – Eram, eram.
H – Sabiam ensinar?
MC – Sim, sim. Ensinavam.
H – Não tem então ideia... se castigavam, que tipo de coisas punham os alunos a fazer, além das reguadas?
MC – Olhe, os castigos que ainda hoje eu também fazia aos meus filhos, e o meu filho faz aos meus netos, não é bater, é falar. Então, até tenho ali o livro da educação dos filhos... é pô-los ali cinco minutos sentados, com a cara virada para a parede, é a pior coisa que se pode fazer... é o maior castigo para uma criança. Dar-lhes umas palmadas, e vou-lhe dizer pelos meus filhos, os meus filhos lá em São João das Matas eram os dois e na parte de baixo eram mais dois com as mesmas idades, então eu punha-os muito de castigo, pois eles eram muito traquinas, pronto vá: "Agora tu estás naquela cadeira, e tu estás naquela, cinco minutos", "Oh mãe tire-nos do castigo!", "Mas porquê?", "Dá-nos umas palmadas!", "Dar-te palmadas?! Isso dói-me é a mim! Mas queres palmadas porquê?", "Porque as palmadas da mãe não doem nada, e assim o Paulo e o Tó não nos veem aí na rua e já sabem que estamos de castigo." Que era o que acontecia com eles, quando o pai vinha de fim-de-semana, que era o da tropa, os filhos já não saíam de casa. Então eles diziam assim: "Oh mãe já sabe que no fim-de-semana o Paulo e o Tó já não saem de casa, agora nós estamos a brincar e se não saímos de casa, já sabem que estamos de castigo", "E estão aí muito bem."
H – Preferiam as palmadas a ficarem de castigo?
MC – Era. E eu tenho um livro que me foi oferecido ainda em solteira para a educação de crianças e tem uma folha onde está um gato, e os meus filhos ainda não sabiam ler, eles arrancaram aquela folha porque os dois queriam um gato. E ela está lá colada, tenho ali o livro com a folha colada. Um dia, eles já sabiam ler, isto em São José das Matas... e já não sei, foi um deles na brincadeira, estávamos a comer, e ele mandou o copo para o chão e partiu o copo e eu ralhei com ele. Diz assim o Vítor para mim: "Oh mãe, a mãe anda tanta vez com aquele livro, que tem lá os passarinhos nas capas e o gato lá dentro, olhe que lá na página tantos está assim escrito: "Não é a ralhar que se educam os filhos, é a conversar, é a falar."
H – Tem esse livro ainda?
MC – Tenho, tenho ali. E ele diz-me assim: "Oh mãezinha, então se fosse a mãezinha a partir o copo quem é que ralhava consigo?"... Boa pergunta! A partir daí nunca mais ninguém se ralhou com ninguém. E aqui em casa, se os netos partem um prato, ou eu

partia, ou o meu marido partia... partiu, partiu, está partido! Pronto. Mas veja bem, ele andava... também, mal começou a escola era muito bom, quer dizer, tinha dificuldade para aprender por um problema que teve no parto, então ele tinha que estudar mais que o Filipe, o Filipe bastava-lhe olhar, era tão preguiçoso que me chamava para o quarto e dizia: "Oh mãezinha venha cá. Leia lá aqui estas duas folhas para eu ouvir." Eu lia. "Pronto, já se pode ir embora que já sei tudo." E aquilo ficava lá tudo naquela cabecinha. Mas era preguiçoso, um dia acordou e disse assim: "Eu gostava era de ser médico, mas para ser médico tem que se estudar a vida toda." E o Dr. disse-lhe assim: "Olha Filipe é preciso é ter o canudo, o resto... ", e o Filipe disse assim, com muita graça, na consulta: "Oh Sr. Dr., não! Então se eu não estudo, depois dou os remédios ao calhas e mato-os todos." Olhe foi uma barrigada de rir!

H – Mato-os todos! (risos) Maria do Carmo, assim do que se lembra de escola, enquanto andou na escola... ?

MC – Olhe, lembro-me que escrevia poemas, eu escrevia peças de teatro e eram utilizadas pelo professor.

H – Não guardou nada disso?

MC – Não guardei nada disso. Não tenho nada disso.

H – Nem uma fotografia? Um caderninho velho?

MC – Nada nada. Não. Pois ficaram com os papeis, eu sei lá, também não ligava. Eu escrevia coisas, ainda hoje escrevo. Embora já há muito, desde a doença do meu marido, que deixei de escrever. Mas antes... tenho papeis escritos, coisas que estão guardadas aí em alguma caixa, que eu escrevia acrósticos, assim muitas coisitas, da minha vida também, tenho ali algumas num livro, mas pronto estão ali. Memórias, memórias minhas, pensamentos.

H – O que é que as suas colegas de escola diziam na altura das professoras, se gostavam delas se não gostavam? O que é que se lembra de a aldeia pensar, era boa a relação das professoras com as pessoas? Com a sua família?

MC – Era, era boa. Era.

H – Os seus pais tinham boas relações com a professora, falavam sobre os filhos, eram amigos?

MC – Aquela gente no meu tempo, eram amigos. Os pais, quem podia dar, davam coisas às professoras, coisas da horta. Lembro-me da minha mãe, e outras pessoas, darem.

H – Houve alguma delas que tenha sido mais marcante para si, das professoras?

MC – Não, não.

H – Já me falou várias vezes naquela primeira... a Mimi.

MC – A D. Mimi, era muito nossa amiga, muito nossa amiga. Quando me encontrava em Proença, já depois de estar casada e ter os meus filhos, ela se me visse daquele lado, ela passava para aquele para falar comigo, para me dar um abraço, perguntar pelos meus pais, perguntar pela Jú, que também era professora, pela Maria do Céu, perguntava por todos.

H – Alguém a incentivou a estudar? Além daquela história que contou do seu pai, que ainda andou a tratar dos papeis para ir estudar?

MC – Era o Senhor Vigário, é que incentivava os pais. E o meu pai também queria que os seus filhos estudassem.

H – Quem era o Senhor Vigário?

MC – O Senhor Vigário já faleceu, era o padre Alfredo Dias. Era ele, onde havia famílias numerosas, porque era preciso vocações, então ele ia lá e dizia: "Olha lá Zé, tens tantos filhos, e mesmo que o Manel não queira ser padre... mas eu trato dos papéis e ele vai para o Seminário." E eu também era para ir nessa altura, só que o meu pai atrasou-se uns 15 dias com os papeis e já não pude entrar. A Jú penso que foi em Viseu que ela esteve, a

Céu foi na Boa-Nova, no Seminário da Boa-Nova e depois de lá para Africa. E depois deu-se o 25 de Abril, eles abalaram antes, 8 dias antes de saírem de lá aquilo é que deu-se o 25 de Abril, parece que sabiam já, não sei. Entretanto, ela continuou depois 2 anos no Seminário Boa-Nova mas já a namorar o seminarista.

H – E gostava de ter seguido, de estudar mais?

MC – Eu gostava, fiquei com muita pena de não ter estudado. Quando os meus filhos foram para Mação, eu ainda quis ir estudar para ir para a escola em Mação. E disse ao meu marido: "Oh Zé, vou estudar. Eu estou aqui a fazer o quê? A fazer umas camisolas, umas costuras... ah, isto não me diz nada." Eu gostava... mas era para passar mais o tempo. Ainda cuidei de duas crianças que tinha lá em casa, praticamente eram de família, uma era meu sobrinho e outra era sobrinho da minha irmã.

H – Em termos de trabalho, a Maria do Cramo nunca teve empregada, alguma vez exerceu?

MC – Tive, em tempo sazonal, ia trabalhar para a Casa Mata de Envendos, para salsicharia. Desde Outubro até Abril.

H – O que é que faziam lá?

MC – As matanças. Mas eu fazia trabalho de pesagens, de receber os camiões, de contar os presuntos, ver os quilos de presuntos, fazer o peso dos presuntos e daquele toucinho muito alto, era mais ou menos tudo com máquinas que eu trabalhava. E fazia trabalho de escritório, esse tal trabalho de pesar os presuntos que vinham as carrinhas buscar, por aqui pelas aldeias, Sobreiro, Atalaia, São Pedro, sei lá... tudo! Vale de Vacas, Amêndoa, tudo.

H – Já lá vamos então. E alguém a desmotivou, o seu marido incentivava-a de ir estudar? Nessa altura que pensava ir estudar, ele incentivou-a?

MC – Mas depois, assim num de repente, chamaram-no para a Sotima, e o patrão dele adoeceu e disse assim para o meu marido: "Olha Zé, tu ainda não foste para a Sotima porque eu não deixei, porque quando tu começaste lá a pedir, eu disse lá na Sotima, vocês não me levem esse homem, que é o melhor 'chauffeur' que eu tenho. Não mo tirem de cá. Ele depois teve um AVC, o meu marido foi vê-lo a Lisboa. Ele disse assim: "Sr. Martins, eu agora já te deixo ir para a Sotima." Pronto, ele viveu ainda alguns meses e o meu marido falou com a Sotima que disse: "Pode vir Sr. Martins." E foi para a Sotima, e então foi a mudança dos meus filhos cá para Proença e pronto, já não pensei mais nisto porque o meu marido tinha aqui bois, tinha porcas criadeiras... onde é agora este quarto... isto tudo, as garagens e aquelas arrecadações que tenho ali, aquilo tudo tinha porcos e bois. E eu gostava muito das porcas criadeiras, de ir lá quando elas estavam a parir, ia lá cuidar daquilo, eu gostava disso.

A – Voltando um bocadinho atrás, lá na Mata... era o Aparício da Mata, era o António ou o Abílio?

MC – Era o António e o Abílio. E tinham a Paulina que já faleceu há muitos anos. Eram esses. Agora aquilo já é tudo estrangeiro.

A – Os americanos compraram aquilo.

MC – Sim, sim. Trabalhavam lá raparigas da Amêndoa, de Vila de Rei, da Fundada, trabalhavam lá. A senhora que nos acolheu, dormíamos lá, a mãe deles era a Ti Marquinhas, era a Dona Maria.

H – E então Maria do Carmo, já me disse que a distância de sua casa à escola era para aí um quilometro?

MC – Sim se calhar nem tanto.

H – Mais ou menos um quarto de hora, meia-hora de caminho?

MC – Sim, para nós que andávamos bem. Os do Espinho Grande, isso já era 1Km e os do Espinho Pequeno também já era mais longe, do Vale das Balsas ainda mais longe. E vinha

tudo... quer dizer, não vinham todos, quer dizer, não vinha muitos porque se viessem todos... todos tinham três, quatro filhos havia poucos a ter sete ou oito. Ainda havia alguns com sete ou oito, mas era mais três, quatro filhos. Olhe, os que eram mais ricos eram os que iam lá menos!
H – E porque é que acha isso?
MC – Não sei.
H – Eram os mais ricos os que iam menos à escola?
MC – E ainda lá estão alguns, da minha idade, solteiros. O Carlos Alberto, que também foi da minha turma, mas não sei se ele chegou a completar os anos.
H – E o que é que acha que acontecia? Eles tinham fonte de trabalho e rendimento?
MC – Tudo! Eles não faziam muito porque eles traziam sempre gente de fora a trabalhar para eles, os pais. Eles eram meninos mimados!
H – Acha que eles não precisavam da escola, era isso?
MC – Sim, e hoje olhe... estão lá, coitados. Um está solteiro que é o Carlos Alberto, ás vezes passa por mim, e vou para o cumprimentar e ele faz que não me conhece, não sei. Eu nunca fui trabalhar assim lá para ninguém, fui trabalhar para a Casa Mata para a salsicharia, mas as minhas irmãs iam lá trabalhar para eles, a juntar o feno, a desbastar o milho, mas todos seguiram estudos. Eles estão lá, porque não iam trabalhar para o campo, e nos estudos não tinham muito rendimento escolar. Pronto, eles estavam lá, mas, não sei.
H – Já disse que o horário eram uns de tarde e outros de manhã, mas não se lembra porque razão?
MC – Eu acho que era por ser mais... para não estarem tantos e haver melhor ensino.
H – E ao fim-de-semana lembram-se de irem à escola?
MC – Não.
H – E sabe quem é que fazia limpeza na escola? Era a professora, eram os alunos?
MC – Também não sei.
H – Você nunca se lembra de fazer essa coisas?
MC – Não. Varrer lembro-me, mas quem lavava o chão... não sei se chamavam lá alguém.
H – E o que é que comia? Além do leite, davam mais alguma coisa?
MC – Do leite ainda me lembro, não sei se davam mais alguma coisa.
H – Não se lembra de levar merenda consigo?
MC – Não.
H – Chegou a estar na escola ao mesmo tempo que algum dos seus irmãos? Era aquela situação, que o seu pai os tirava, nunca andavam em simultâneo, os filhos?
MC – Os últimos sim, mas eu e a minha irmã Céu, acho que andámos só um ano juntas. Quando chegava à 3.ª classe, uma saía. E entrava outro para a 1.ª classe, era assim. Mas lá, como não era obrigatória a escola, muitos não iam à escola. Aprendiam depois já em adultos, mas o meu pai fez questão: "Não, não. Vocês vão todos à escola, nem que um tenha que sair para não se juntarem lá três e depois voltas outra vez para a escola." E ele fez isso.
H – Lembra-se como é que era, chegavam à escola, brincavam, ou entravam para dentro da sala, se fazia fila, se iam em ordem, se cantavam, lembra-se assim destes rituais?
MC – Entravamos, dávamos o Bom dia à professora, fazíamos com a mão a saudação.
H – Mas iam a cantar, rezavam?
MC – Isso já não me lembro. Não. Tínhamos cantigas, havia qualquer coisa, mas eu já não me lembro, já são muitos anos.
H – E que materiais se lembra de usar na escola? O que tinham para escrever?
MC – Era a pedra, e os caderninhos, as sebentas, era isso.
H – E tinham os livros?

MC – Os livros para ler. Já não tenho nenhum.
H – Já não tem nenhum. Mas teve livros seus? Eram emprestados? Eram dos seus pais?
MC – Eram, eram. O meu pai comprava para nós. E depois passava de uns para os outros irmãos. O meu livro serviu para todos, já estragado ou riscado, era assim.
H – E nos intervalos lembra-se das brincadeiras?
MC – Ah brincávamos, uns jogavam à bola, outros à corda, outros à macaca, que era assim a saltar. Brincávamos muito.
H – E rapazes e raparigas juntos?
MC – Sim.
H – Não separavam?
MC – Não. Mas brincávamos.
H – Disse que tinha casa de banho.
MC – Sim tem. Tínhamos na escola. A dos rapazes e a das raparigas.
H – E a professora tinha alguma ou ia à das meninas?
MC – Eu acho que ia à das meninas.
H – Pronto não tem nada que tenha ficado desse tempo? Uma fotografia?
MC – Nada. Ninguém fazia.
H – Mesmo quando disse que faziam aulas à noite, e que os rapazes e raparigas se juntavam lá à noite, na escola. Fotos de conjuntos?
MC – Não tenho nada.
H – E não sabe quem possa ter nesta região?
MC – Não, não. Acho que a primeira máquina fotográfica que lá houve, é uma que eu ainda tenho pequenina, já nem sei onde é que ela está e ainda tenho ali outra muito boa, que era da minha nora que ela me deu, mas é de rolo, também não a uso, e fotografias que eu tenha lá da Cabana, da Moita do Grilo, era eu que tirava. E umas que estão ali do meu irmão que está no Brasil, também era eu que tirava. Do meu casamento, não sei quem é que tirou, mas foi com a minha máquina.
H – Sim, podiam ter ficado algumas dessas fotos de conjuntos com raparigas, daquela altura da escola, ou mesmo depois da juventude da terra...
MC – Não, não. Eu tive essa máquina já estava casada.
H – No total fez os quatro anos, mas fez três anos seguidos e depois saiu um ano da escola e depois fez a 4.ª classe outra vez, mas na mesma escola?
MC – Sim, na mesma escola. Tudo ali sempre.
H – Não repetiu um ano?
MC – Não. Fiz com essa paragem. E a Maria do Céu também fez essa paragem.
H – Dos meninos que andavam na escola, dos seus colegas, havia assim discrepâncias? Era tudo, em termos económicos, eram pessoas nas mesmas situações? Havia muitas discrepâncias?
MC – Havia, mas dávamo-nos todos bem. E sabíamos que havia famílias mais ricas. Sabíamos. Os pais do Carlos Alberto, os pais da Teresinha que a gente chamava o tio António Corujeira, também era um senhor rico, a família do Acácio. Onde a minha irmã Teresa foi trabalhar muitas vezes, a juntar os fenos... porque lá ajudavam-se uns aos outros. Vinha o Casal de Ordem ajudar as pessoas da Moita do Grilo e alguns Moita do Grilo iam ajudar os de Casal de Ordem. Nas descamisadas do milho, também era assim que se fazia lá.
A – "Á torna"...
MC – Sim, era isso. Quando eu tinha os meus dezoito anos ou dezanove, depois deixou de ser. Mas os filhos desses senhores não estavam lá, não iam para lá trabalhar. Uns estuda-

vam e outros, olhe, nem sei... mas na escola, enquanto escola, eles também não aprendiam nada... nem muito bem, alguns. Passou-se nós sairmos e alguns deles ainda lá ficarem.
H – Esses, os mais ricos?
MC – Sim, ainda lá ficavam.
H – E mais pobres, havia muitos casos em que não fossem à escola?
MC – Havia, havia muito caso que não ia à escola.
H – E entre vocês lá como é que se tratavam, sentia alguma diferença no tratamento do professor para esses meninos?
MC – Não... ela tratava todos por igual. Só esses que eram mais malandrecos, punha-os de castigo virados para a parede. Havia uma, que não sei o nome dela, essa era as reguadas, com a varinha, mas era mais pô-los com a cara virada para a parede. Ou de joelhos: "Vá, estás aí, de castigo de joelhos."
H – No canto da sala?
MC – Sim.
H – Já me falou do leite, mas na altura você tomava o leite escolar lá na escola, e o seu pai dava a ração lá em casa às pessoas?
MC – Sim, sim, era leite em pó, era barras de queijo.
H – Coincidiu na mesma altura, ou foi em alturas diferentes?
MC – Eu acho que era na mesma altura.
H – Anos 60, 50?
MC – Sim, vinha aquela encomenda, umas caixas da parte do Senhor Vigário, e o meu pai tinha uma lista de nomes, uns da Moita do Grilo outras da Moita do Santo, e por aquela lista de nomes, eles eram avisados e depois vinham lá.
H – Pessoas com mais necessidades?
MC – Sim, "Tu levas isto, tu levas aquilo." Mas já sabiam quando era dia que vinha a remessa para casa do meu pai, o meu pai tinha a lista dos nomes e vinham lá todos buscar.
H – Como é que era lá, quando era Natal, Páscoa, Carnaval... faziam alguma coisa na escola?
MC – Havia muita brincadeira, brincava-se melhor do que agora.
H – Era a nível de brincadeira, mas comemoravam lá o Natal a Páscoa, faziam alguma festa?
MC – Sim, sim. Fazíamos as comadres lá na escola, com os papelinhos, cantava-se "Este galo é ladrão", como é que era? Que o galo era para a professora.
H – Como é que é essa história do galo?
MC – Era pelo Carnaval, dava-se o galo à professora.
H – E nas férias, faziam alguma coisa lá na escola ou fechava?
MC – Fechava.
H – Não havia nada que se passasse lá? Não há nenhuma memória que lhe tenha ficado, assim alguma coisa que a tenha marcado no tempo de escola?
MC – Olhe uma coisa que me marcou até hoje, levei uma bofetada da minha professora no dia do meu exame, porque fiz uma asneira tão grande, tão grande, mas passei, no exame da 4.ª classe. Ela passou por mim e viu que eu tinha uma coisa qualquer mal feita, numa conta, sei lá, troquei ali um número e a conta estava errada. Mas eu passei. E ela chegou cá fora, a dona Mimi, pega-me no braço e disse: "Mas olha lá, o que é que tu fizeste? Então tu não viste que aquilo não era assim, tens lá um problema errado! Não era um dois, era um quatro!" Esta nunca me esqueceu. A dona Mimi era a mulher do senhor Ferreira, era a mãe da doutora Filomena, e da Ana Maria. (...) Elas eram irmãs, a dona Milu e dona Mimi. E a dona Milu é a mãe do Dr. Paisana e do António Paisana, que está em Castelo Branco.

H – Lembra-se dos alunos serem chamados ao quadro, fazerem provas escritas, os exames, os ditados, tem memória dessas coisas?
MC – Tenho. Eu raramente tinha erros, e era eu que ia corrigir.
H – E lembra-se de fazer alguma prova de passagem de ano? E depois fazer o exame final? Havia alguma prova para passar de um ano para o outro?
MC – Eu acho que sim, mas era tudo lá na escola, só a 4.ª classe é que era em Proença.
H – E foi fazer esse tal exame da 4.º classe a Proença. Foi para casa da professora na véspera?
MC – A Proença, Sim. Ia na véspera. Fui eu e mais três meninas, dormíamos na casa dela.
H – Do seu ano foram quatro a exame?
MC – Sim, os outros, ela levava-nos só a nós, mas iam mais da freguesia do Peral, desses lados por aí, que iam lá fazer a 4.ª classe, mas nós ficávamos na casa dela. Não sei se era por amizade com os pais, ficávamos na casa dela de véspera e depois íamos fazer o exame, e depois vinham os pais lá buscar-nos.
H – Mas não era a sua professora que as examinava, eram outros professores?
MC – Eram.
H – E não se lembra dessas pessoas?
MC – Não.
H – Qual era a sua disciplina preferida?
MC – Sei lá, eu gostava de todas.
H – Era boa a todas?
MC – Era. Todos os meus irmãos eram bons alunos.
H – E havia alguma que não gostasse tanto?
MC – Havia uma que eu não gostava muito... era a raiz quadrada. As avaliações...
H – Isso era uma matéria.
MC – Gostava muito de Ciências, gostava de História, Geografia, tudo o que era corpo humano eu gostava. Ainda hoje gosto, tenho livros por aí do corpo humano.
H – E lembra-se de alguma professora, dessas que teve, que ensinava essas coisas e qual era a maneira ou o método que ela usava?
MC – Elas escreviam no quadro e nós copiávamos e tínhamos de responder. E quando não sabíamos ela depois ajudava no quadro. Quando nós tínhamos dúvidas, perguntávamos, ela explicava a dúvida, uns respondiam outros não... ela explicava a coisa bem explicada e depois então apagava o quadro e agora vocês respondem. Eu gostei da maneira de ensino.
H – Lembra-se de algum livro, alguma história de um livro, alguma personagem, alguma situação em que tinham de decorar ou fixar coisas que lhe tenha ficado na memória?
MC – De história de Dom Afonso Henriques, de todas essas coisas da História. Gostava muito disso, só que hoje, a minha cabeça levou uma lavagem... isso foi-se quase tudo embora. Eu agora na escola, os meus filhos é que fizeram que eu fosse para a universidade, para eu não estar sempre aqui isolada, porque eles gostavam muito de me ver ler, mas quando adoeceu o meu marido eu deixei de ler, eu tinha sempre livros. E agora também por causa da minha visão não consigo ler quase nada. E eles é que disseram: “Ó mãe vai para a escola.” E eu fui. E quando comecei a ouvir o senhor professor a falar... na universidade sénior... comecei a ouvir o senhor professor, o senhor reitor, lá a falar, e então é que eu fiquei entusiasmada. Há coisas que eu já soube tanto e não sei nada agora... sou assim uma tapadinha e era coisas que eu gostava tanto.
H – Mas tem uma vantagem,, agora ouve-as como se fosse a primeira vez, como se fosse novidade.
MC – É verdade... e quando eu vejo os meus filhos, eu digo: Eu vi isto ou aquilo e vocês lembram-se?”, “Oh mãe, eu sei lá já agora... ”

H – Então a atividade profissional que teve foi essa, quando trabalhou na salsicharia?
MC – Sim e depois aqui já dei três cursos de bordados. E tenho ali fotografias. Ali em São Pedro.
H – Cursos de bordado?
MC – Sim. Dei três anos, fui convidada para isso. Perguntaram se havia alguém que quisesse dar cursos de bordados e fui. Eu fui entrevistada e pronto, fiquei. Mas eu não tinha carta de condução. O meu marido nunca quis que eu tirasse a carta...
H – O seu marido nunca quis?
MC – O meu filho mais novo deu-me o dinheiro para eu a tirar, mas o Zé Martins mesmo assim..queria que eu tirasse a carta de trator.
H – O seu marido queria que tirasse a carta de trator?
MC – Pois.
H – A carta de trator? E a carta de condução, não!
MC – Não. "Para quê?"... que só era um carro, e que ele ia bem comigo. E com o que eu ganhava, também, era pouco: "Nem chegava para os copos." E eu assim: "Ó Zé francamente!"
H – Quanto anos trabalhou na salsicharia? Foi trabalhando sazonalmente?
MC – Sei lá, foram muitos. Uns nove ou dez anos.
H – Isso era por conta de um patrão, não é?
MC – De um patrão sim, da Casa Mata. Do senhor engenheiro, do Abílio Mata, e do António Mata. Em Envendos. Também havia armazém de azeitonas, mas agora não sei se ainda existe armazém de azeitonas e de azeite. Era salsicharia, armazém de azeite, filtração de azeite...
H – Acha que esse trabalho, que você fez lá, conseguiria-o ter feito se não tivesse ido à escola?
MC – O que me deram para eu fazer, que era ter um cofre que só eu sabia o segredo, nem o patrão sabia, não sei, se calhar não. A escola fez toda a diferença. Porque se me foi dado cuidar de máquinas frigorificas, um quadro enorme de luzinhas e perceber se há uma avaria por aquelas luzinhas todas que eram tantas, eu tomava conta disso.
A – E fazia a receção do toucinho.
MC – E eu fazia isso tudo, eu escrevia, vinham as camionetes carregadas de presuntos e eu ia assistir ao peso, eles vinham à meia-noite, uma da manhã, eu ia com uma colega para não estar lá sozinha, estávamos sempre as duas, fazíamos serão à espera que chegassem as carrinhas, e eu assistia ao peso dos presuntos, registava, tinha um livro para registar, era um para mim e outro para o 'chauffer'. Depois quando era na entrega aquilo era engraçado. Na matança, o toucinho, os porcos vinham do Alentejo, o chamado montado, os porcos com o toucinho do alto. Eram vermelhos. Então eu tinha de pôr: tantos quilos de porco, tantos quilos de toucinho, e depois as pessoas iam lá buscar. E eram não sei quantas morcelas, e uma arroba de ossos. E as pessoas levavam por conta dos presuntos. Sabe o que são os ossos? Mata-se o porco, tira-se os ossos, é descarnado o entrecosto que nós compramos para grelhar, aquilo era tudo descarnadinho, aquelas ripinhas, a gente tirava a carne toda, ficava só as ripas, o espinhaço era a carne toda tirada para fazer linguiças, salsichas, chouriços.
H – O meu avô materno, com quem eu vivia, não fazia essas coisas. Mas o meu avô paterno tinha criação de porco e fazia, embora que, em termos industriais, eu não tenho bem presente isso, o processo... não sei como é que funcionava em termos industriais... mas acompanhei desde criança essa... na parte manual, vá.
MC – Lá faziam-se morcelas, chamadas morcelas grossas, que eram vendidas para África, mas guardava-se sempre uma morcela para mandar para as pessoas que vendiam os

presuntos. E era também uma arroba de ossos, que eram uns cabazes cheios de ossos que iam juntos com esse toucinho. E fazia-se negócio à troca, eu fazia esse trabalho. Pronto. E mexia com dinheiro. Vinham pessoas comprar chouriço e carne e eu é que tinha o cofre.
A – Se não tivesse ido à escola não podia fazer esse serviço.
MC – E também era chefe de equipas.
H – Com que idade é que começou nesse trabalho?
MC – Eu comecei naquele trabalho com dezasseis anos.
H – Acabou a escola primária e o que é que fez?
MC – Fiquei em casa, pouco tempo.
H – Aprendeu os bordados, essas coisas?
MC – A minha mãe ensinou-me os bordados, e a costurar, ainda fui a uns anos para outro, porque a gente deixou de costurar, porque com os filhos ela já não tinha tempo. Ela ainda me mandou para outra costureira, que ainda andei dois anos, e eu já ia costurar para casa das pessoas acabar alguma coisa que ficasse por fazer... e depois uma senhora que trabalhava já na Casa Mata chamou-me para lá, a Maria Alice. (...) E ela é que me levou para lá, falou com o meu pai se não se importava de eu ir para lá, porque estavam a pedir. A Casa Mata estava a pedir gente para ir para lá trabalhar. Levou umas cinco pessoas para lá. Que ainda hoje somos todas amigas. Nunca trabalhei muito nisso de fazer chouriço, não fiz muito, comecei logo a trabalhar com as máquinas, a fazer as pesagens... encher os chouriços, pesar as carnes para meter na máquina.
H – Então acompanhou a linha de montagem quase toda, e estava sempre ciente desse processo inteiro?
MC – Sim.
H – Muito bem. Depois desses trabalhos?
MC – Casei.
H – Continuou a trabalhar?
MC – Não, não, o meu marido trabalhava lá em Envendos, mas ele veio da tropa, veio do Ultramar, ficou lá ‘chauffeur’ e conheceu-me lá, namoramos e casamos, mas eu já não trabalhei.
H – Só esta pergunta, quando era criança lembra-se de pensar se tinha alguma expectativa da escola?
MC – Sempre quis ser, primeiro quando era pequena, a nossa professora deu-nos um papelinho... nunca me esqueceu aquilo... para nós lá escrevermos, e tínhamos de fazer aquilo, rezar não sei por quê, tínhamos de rezar... eu pus no papel, quinhentas Avé Marias, e depois o que é que a gente queria ser, eu pus que queria ser freira, nunca me esqueci porque a minha madrinha era freira e morreu também por causa da guerra na Espanha. E fiquei sempre com aquilo cá em mim. Mas eu também dizia assim, cá para mim: “Ser freira? Também não sei... quando é que eu vou rezar tanta Avé Maria!”... pensava eu: “Quinhentas Avé Marias! Ó mãe, eu não sou capaz de rezar isto, mas a professora... ” Mas todos fizeram isto assim.
H – No primeiro dia da escola?
MC – Numa altura da escola, não sei, isso é que nunca me esqueceu. Uma vez disse assim para o meu marido: “Oh Zé tu nunca tiveste assim na tua escola estas coisas de rezar e de escrever num papel que nos davam?” Eu já nem sei como é que era o papel, tinha qualquer coisa, não era o papel em branco só, era um postalinho. E aquele postal seguia depois não sei para onde. E o meu marido disse assim: Então íamos lá agora! Nós éramos todos labregos! Faltávamos á escola, levávamos a merenda e ficávamos a comer no meio do mato, a comer as merendas, e depois as nossas mães... a professora chamava as nossas mães à atenção”, à minha sogra, porque o meu marido também era um desses. “Então, não

mandou o seu filho à escola porquê?", "Eu! Eu mando todos os dias!", "Olhe que ele tal dia não veio! E no dia a seguir disse-me que tinha ido com as ovelhas", "Ele não vai nada com as cabras nem com as ovelhas, eu mando-o todos os dias à escola!" Levava com cada tareia! Levava uma do pai, outra da mãe, e na escola, outra da professora!
H – Os pais queriam que ele fosse à escola e ele é que não queria ir... e escondia-se?
MC – Ele é que não queria ir! Escondiam-se no caminho, no meio do mato! Para não irem à escola.
H – E ele nunca lhe disse porquê, porque não queria ir à escola?
MC – Porque as professoras batiam, ou porque não gostavam, ou não sei quê, mas ele fez a 4.ª classe.
H – Para terminar... se pudesse ter escolhido alguma coisa, um futuro, para estudar, o que é que teria sido?
MC – Medicina.
H – Qual é que acha que é a maior diferença da escola do seu tempo para aquilo que foi a escola dos seus filhos?
MC – A diferença dos meus filhos, acho que não foi assim muita. A diferença é que nos meus filhos tínhamos reuniões de pais e no meu tempo isso não havia.
H – A Maria do Carmo lembra-se do momento em que notou, sei lá, como aluna, ou como já mãe: houve aqui uma grande mudança do que estava antes para o que está agora? Em termos da escola, dos métodos de ensino, da organização? Materiais que se usavam?
MC – Com os meus filhos, com o meu filho mais novo. Houve muita diferença porque eu usava pedra e os meus filhos já não usaram. Pronto aí está, eu sempre usei pedra, eles nunca usaram pedra, era só cadernos. E a professora do meu filho mais novo, bateu tanto que tive de andar com ele no psicólogo, ele queria fazer tudo igual ao irmão, mas não sabia ler, então fazia cópias e então chegava à escola todo contente e dizia: "Oh senhora professora olhe o meu trabalho de casa", "Lê lá o que tu escreveste." Ele não sabia, ele copiava pelo irmão. "Diz lá à tua mãe que tu fazes o que eu te mando, e não o que ela manda." Mas ele nunca me dizia nada, e ela... Toma! Vai de chapada... e batia-lhe. Batia--lhe muito, que ele começou a não querer ir à escola. Entretanto, a outros meninos dava--lhe com a cabeça no quadro, e fazia grandes galos.
H – Isso já nos anos quê?
MC – Já nos anos 80, faziam galos aqui atrás, a bater na cabeça dos alunos atrás e á frente, a dar com a régua na costa da mão, essa tal senhora professora. Ela depois, o meu filho embirrou tanto com a escola, que eu... e depois um pai fez uma queixa... porque o meu filho não contava nada em casa... mas houve uns pais, fizeram queixa dela.
H – E você nunca desconfiou de nada?
MC – Eu nunca desconfiei porque ele não contava nada, só dizia que não queria ir à escola, que lhe doía a barriga. Porque ela ameaçava-o. Batia-o mais ainda.
H – Ou era com medo de que vocês também concordassem com a professora, e que ainda fosse pior?
MC – E o meu Vítor, o mais velho, estava lá também, junto, e não dizia também nada, isso é que eu acho muito estranho. Eles não contarem nada em casa. Só ele não queria ir. Depois uma menina ficou com grandes galos na testa e com a mão toda negra na costa da mão, e ela foi ao médico. E ela então foi-se embora foi para os Açores.
H – Em que escola foi isso?
MC – São José das Matas.
H – São José das Matas, nos anos 70/ 80? Lembra-se do nome dela?
MC – Não, não. E o meu filho gostava muito dela, porque ele gostava das mulheres que se pintavam, bonitas. Ele gostava muito dela...

H – A professora pintava-se, e o mais velho gostava? E o mais novo?!...
MC – Não! O mais novo é que gostava! Ele gostava dela!
H – Ai!... ela dava-lhe essa tareia toda, e ele gostava dela?!
MC – Gostava! E ele ia mostrar-lhe as cópias e ela: "Toma!", levava. Ele estava na primeira classe e o outro já estava na segunda. Ele fazia as cópias da segunda! Depois veio uma senhora assim já de idade, com os cabelos brancos, não se pintava, e é que me chamou lá. Disse: "Olhe que o seu filho está com um problema. Logo na primeira semana. Ele está aqui, mas é só um corpo. Olhe, se não se importa, eu levo-o para a minha casa quando sai da escola, e levo uma merendinha e vou lá ensiná-lo. Porque ele, está lá um corpo." E ele assim: "Oh mãezinha eu não quero ir, ela é velha e feia eu não gosto dela." E eu disse: "Oh senhora professora o que é que acha? Como é que está o meu filho?", "O seu filho está na mesma, vá com ele a um psicólogo." E eu fui. Arranjei uma consulta num psicólogo em Lisboa. Pedi à minha tia que me arranjasse um psicólogo. Contei-lhe a história e fui. O psicólogo disse para mim: "A senhora veio a tempo. E diga-me lá onde é que está essa senhora professora porque eu é que lhe vou dar um bife!" E eu disse: "Olhe ela está nos Açores, mais não sei." Acho que era Etelvina, foi para os Açores. "A senhora veio a tempo", ele fez-lhe exames à cabeça, um tratamento, e fui lá várias vezes à consulta a Lisboa. Mas pronto, ficou bem.
H – E acha que era só por levar maus tratos?
MC – Era maus tratos. Não era só a ele, maltratava todos.
H – Ou era ali também uma certa manipulação, chantagem... e "Não contas aos pais"?
MC – Acho que sim, poderia haver. Pronto... e depois ficou a gostar daquela senhora, ficou a gostar dela. Depois de ser tratado: "Oh mãezinha eu hoje vou para a dona Amé... ", já não sei como é que ela se chamava. A que veio a seguir, uma senhora já mais idosa, e não se pintava, mas ele gostava dela, da maneira dela ensinar.
H – Maria do Carmo, já está feito por hoje. Entretanto, as fotografias são essas as que tem? Não tem nenhuma outra que tenha mais relação com a escola?
MC – Não. Na escola não se fazia lá nada. Enquanto nas Matas a escola... a diferença de mim para os meus filhos... foi diferente, porque o professor Vicente lá fazia brincadeiras, isso eu tenho fotografias. Tenho fotografias do tempo deles da escola... faziam peças de teatro.
H – Já dos seus filhos? No seu tempo não havia nada disso?
MC – Não havia nada disso... mas no tempo dos meus filhos já havia tudo isso.

– Maria do Carmo Marques Delgado –

Naturalidade: Chaveira (Mação)
Data de nascimento: 20-10-1937
Residência actual: Chaveira (Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 2.ª classe (infância); 3.ª classe (adulta); 4.ª classe (Angola)

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Clube Sénior de Chaveira (13-11--2019).
NOTA: Esta entrevista foi interrompida, concluindo-se em data posterior (05-02-2020).

– Tem alguém na família que aprendeu a ler e a escrever, mas nunca foi à escola, conhece alguém?
– Assim nesta altura não. A minha mãe sabia ler e escrever e nunca foi à escola.
– E como é que ela aprendeu?
– Olhe, estava no Vergão, ia para lá trabalhar em casa de uns senhores, e depois pediu aos filhos para lhe escreverem as letras todas num papel, e depois ela dali, os senhores lá lhe ensinaram a juntar as letras, e foi assim que ela aprendeu. E à noite quando se ia deitar, não havia luz, era uma candeia, não é?... de petróleo. E ela ia para o quarto, fechava o quarto...
– A senhora já me disse o seu nome...
– Eu sou Maria do Carmo Marques Delgado.
– E é nascida aqui na Chaveira?
– Sim, sim... e estive em Angola 14 anos.
– Diga-me a sua data de nascimento, se fizer favor.
– 20 de Outubro de 1937.
– E estudou aqui, fez a 4.ª classe?
– Eu vim para a escola, mas depois não quis andar na escola!
– Veio aqui para a escola na 1.ª classe, aqui na Chaveira?

– Andei aqui, mas naquele tempo eu não era obrigada a andar na escola, não é? E eu não queria! Ainda hoje eu não gosto de escrever, de ler gosto.
– Mas fez o quê? A 1.ª e a 2.ª classe?
– Só... e depois mais tarde fiz a 3.ª classe, aqui também, com uma professora ali de Cardigos.
– Mas, mais tarde, o quê? Já era mais velha?
– Já... mas nem sei já quantos anos tinha, ou 15, ou 16, ou 17. Fiz a 3.ª classe.
– Mas fez durante o dia, ou era à noite?
– Era à noite.
– Mas com um grupo de raparigas, na mesma situação?
– Sim, sim, a professora morava além na Chaveirinha.
– Como se chamava essa professora? Lembra-se do nome da professora?
– Maria da Conceição, ela já morreu, ela era de Cardigos, ela era muito conhecida.
– Ela era Maria da Conceição Tavares?
– Acho que sim. Ela era Tavares, não era? Mas ainda tenho de acabar a conversa da minha mãe...
– Diga, diga! Isso é que me interessa!
– E ela um dia disse para a patroa...
– Se a sua mãe fosse viva, que idade tinha?
– Não lhe sei dizer.
– Não sabe a data de nascimento dela?
– Não me lembro.
– Como se chamava a sua mãe?
– Delfina Marques.
– E era daqui da Chaveira?
– Sim sim sim, e o meu pai também. Esteve na 2.ª guerra mundial.
– E o seu pai tinha alguma escola? Sabia ler e escrever?
– Não sei... quando ele morreu eu tinha 5 meses.
– Mas o seu pai morreu, não foi na guerra?
– Não, mas com certeza lá aquilo prejudicou-lhe a saúde...
– Veio sem saúde?
– Pois veio. E ia para Mação, iam a pé, naquele tempo não havia transporte... pagar a décima... então chamava-se a décima... agora é contribuição. E depois ali perto da Amêndoa, vinha a conversar, caiu para o chão e morreu.
– Deu-lhe alguma coisa?...
– Foi no dia 11 de Maio.
– E a sua mãe, então, conte lá essa história... trabalhava aí, numa casa de família, não era?
– A minha mãe tinha 8 filhos.
– E os seus irmãos foram à escola?
– Os meus irmãos... foram. Alguns. Tive uma irmã que não foi... e os irmãos foram para Lisboa.
– Mas a Maria do Carmo ficou aqui sempre?
– Eu fui para Angola, e em Angola fiz a 4.ª classe, porque queria tirar a carta, e tinha de fazer a 4.ª classe. Da minha mãe, aquilo que lhe sei dizer é que à noite ela lá juntava as letras, e começou a escrever, e os meninos lá da senhora é que lhe vinham explicar, e ela aprendeu a ler, e escrevia.
– Portanto, os filhos da casa onde ela trabalhava?
– Sim, sim... andavam na escola.
– E é que a ensinavam?

– Sim sim.
– E lembra-se do nome dessa família?
– Não... e a minha mãe um dia vira-se para a senhora e diz-lhe que lhe tinha de confessar um pecado... que ela tinha feito...
– Á senhora, à patroa?
– Sim... e ela perguntou-lhe o que tinha sido. E ela disse-lhe que à noite estava muito tempo com a luz acesa, a gastar o petróleo, para aprender a ler (risos)... e o pecado dela era esse!
– Agora têm de começar aqui a vossa reunião, não é? Mas já continuamos a nossa conversa...

[NOTA: Esta entrevista foi continuada e concluída juntamente com as entrevistas concedidas por Américo Martins Delgado (marido de Maria do Carmo Delgado) e Maria Celestina Dias da Mata, Clube Sénior de Chaveira (05-02-2020).]

– Américo Martins Delgado –

Naturalidade: Chaveira (Mação)
Data de nascimento:: 17-06-1926
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe (infância); 4.ª classe (adulto, em Angola)

– Maria Celestina Dias da Mata –

Naturalidade: Chaveira (Mação)
Data de nascimento: 23-11-1944
Residência actual: Chaveira (Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

Entrevista conjunta a Maria do Carmo Marques Delgado (em continuação da entrevista iniciada em 13-11-2019), Américo Martins Delgado e Maria Celestina Dias da Mata, realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Clube Sénior de Chaveira (05-02-2020).

[VOZES: Maria do Carmo Marques Delgado (MC), Américo Martins Delgado (A), Maria Celestina Dias da Mata (C) e Helena Cabeleira (H)]

H – Então, explique-me do princípio. Fez a 1.ª, entrou para a escola com que idade?
MC – Ai isso agora... devia ter os 7 anos feitos.
H – E fez a 1.ª e a 2.ª classe aqui na Chaveira? Nesta escolinha, exactamente?
MC – Sim, sim sim.
H – E fez a 1.ª e a 2.ª... acabou com os seus 9 aninhos?
MC – Pois... eu não gostava da escola. Não. Ainda hoje não gosto muito de escrever, de ler gosto, de escrever não gosto. (...)
H – Não gostava da escola?
MC – Não, eu não gostava de andar na escola (risos). Então não era obrigatório.
H – Fez aqui na escola primária da Chaveira a 2.ª classe, e depois parou?
MC – Depois parei.
H – E depois quando é que voltou a fazer a 3.ª e a 4.ª?
MC – Aí já não me lembro os anos que eu tinha... uns 17 ou 16 anos.
H – Pronto, mas isso foi antes de casar?
MC – Antes de casar, mas só fiz a 3.ª.
H – Aqui na Chaveira?
MC – Sim, sim. A professora era a que estava aqui, a gente ia à casa dela, e depois fui fazer o exame a Cardigos. Veio um professor de Mação, eram vários, e fiz então a 3.ª classe.
H – Então, mas fez a 3.ª classe com a professora que dava aulas aqui?
MC – Ela dava aulas aqui na escola, aos meninos, mas eu não vinha aqui à escola, era lá em casa dela. E depois fizeram-nos exame em Cardigos... éramos muitas, naquele tempo havia muita gente assim, que não sabia ler... e andávamos cá assim muitas.
H – E depois a 4.ª classe, quando é que fez?
MC – A 4.ª classe fiz em Angola, eu queria tirar a carta de condução, e a minha filha tinha até já nascido.
H – Fez em Angola, onde?
MC – Em Benguela... cidade de Benguela... andava na escola de adultos, e fiz lá o exame. O que eu queria era tirar a carta de condução, e tinha de ter isso feito. A minha filha tem 55 anos, ela devia ter uns 2 anos, naquela altura.
H – E os seus pais?
MC – A minha mãe sabia ler e escrever.
H – Andou na escola?
MC – Não!
H – Ah pois!... é a tal situação! Relembre-me lá como se chamava a sua mãe.
MC – Delfina de Jesus (...). Ela morreu em 1975.
H – E que idade tinha ela?
MC – Eu não me lembro...
C – Já deveria ter uns 80 e tal.
MC – Eu sei que estava em Angola e viemos cá... e ela morreu depois de eu cá vir. E depois viemos em 75, a meio do ano, e ela já tinha morrido.
H – E então a sua mãe Delfina aprendeu a ler e a escrever?
MC – Pois, com os miúdos da patroa.
H – Com os filhos da patroa... quem era a patroa?
MC – Era no Vergão... mas não me lembro do nome. E depois ela pediu aos miúdos, e a patroa nem sabia, para lhe passarem as letras todas, e depois eles começaram a ensiná-la a juntar as letras, e assim é que ela aprendeu... à noite quando se ia deitar, ficava ali umas horas no quarto a treinar.
H – E ela contava essa história?

MC – Ela contava essa história. Tanto que depois pediu perdão à patroa por ter gasto tanto petróleo! (risos) Para estudar, porque ela não sabia! Ela contava esta história.
H – Então a sua mãe era daquelas que gostava de aprender, e gostava de saber?
MC – Sim, sim.
H – E o seu pai?
MC – O meu pai morreu quando eu tinha 5 meses... andou na Guerra, na França.
H – Então não chegou a conhecer o seu pai?
MC – Não, não conheci. Eu sou a mais nova, nós éramos 8 irmãos... e a minha mãe ficou com 8 filhos. E ela coitada passou muito sacrifício, porque naquele tempo não havia ajuda de ninguém. Três raparigas e cinco rapazes... e eu sou a mais nova.
H – E que idade tinha o seu pai? Ele sabia ler e escrever?
MC – Eu não sei... isso não sei. Nem tinha fotografias dele nem nada... naquele tempo não havia. (...) Ele casou depois de vir da Guerra. (...) A última palavra que ele disse foi: "Afinal", e caiu para o chão e morreu... ataque cardíaco. Está lá uma cruz naquele sítio onde ele morreu, as pessoas de lá meteram lá uma cruz de ferro... há uns tempos um senhor veio-me trazer a cruzinha e tenho-a lá em casa.
H – Como se chamava o seu pai?
MC – Joaquim Delgado (...). O meu pai morreu a 11 de Maio, dia em que a minha mãe fazia anos. Já viu? A mãe do meu marido era irmã do meu pai... tinha ido a Fátima, a pé, e só ali no caminho de Vila de Rei é que lhe disseram que o irmão tinha morrido.
H – E como é que a sua mãe se desembrulhou, para criar os filhos?
MC – Muito mal... coitada... passou muitos sacrifícios, contou-me muitas histórias...
C – Os teus irmãos mais velhos se calhar já trabalhavam?
MC – Foram guardar cabras para aqui e para ali, cada um para seu lado.
H – Mas a Maria do Carmo andou na escola primária só dois anos, os seus irmãos andaram na escola?
MC – Sim, mas as mais velhas não... e eles não me lembro. Tenho uma irmã viva e dois irmãos... um foi para o Brasil, já morreu. (...) Sabiam escrever todos. Estudavam em Lisboa, trabalhavam e estudavam... tiraram o segundo ano. Um esteve na Marinha.
H – Pois... os homens, mais tarde ou mais cedo acabam por fazer a 4.ª classe nem que fosse para tirarem a carta de condução.
MC – Estavam a trabalhar e estudavam. Todos tinham o 2.º ano, os homens, as mulheres não. Tenho uma irmã que ainda lê, mas mal. Mas não aprendeu na escola, aprendeu também assim, às esmolas! (risos)
H – Aprendeu às esmolas... então os seus irmãos também foi tudo para fora?
MC – Para Lisboa, e eu fui para Angola. Casei, o meu marido já lá estava e eu fui lá ter. Casámos por procuração.
H – E este seu marido, Américo?
A – O suor de 21 anos ficou todo lá. Estive no meio da guerra... eu nem quero falar. Muita vez quando eu falo, lá naquela terra... choro. Ficou tudo lá, os meus caixotes ficaram no porto do Lobito... e depois voltaram para trás.
MC – Não vale a pena agora estar a falar nisso, deixa lá os caixotes!
H – O que é que trabalhava lá, senhor Américo?
MC – Tínhamos um comércio, em Benguela... uma cidade linda, a cidade de Benguela era muito linda. Era chamada a cidade jardim... muito bonita.
H – Viveram lá quantos anos?
MC – Ele esteve lá 20 anos.
H – Mas ele foi lá para a tropa?
MC – Não, não... tinha lá família.

A – Peguei lá numa arma, mas não matei ninguém... mas o meu corpo também não sofreu qualquer dano... nada, meu corpo não sofreu nada...
MC – Deixa isso... não vale a pena falar nisso!
H – Então... são coisas que marcam para a vida... mesmo que a pessoa faça a sua vida, estas situações deixam sempre a pessoa ali... e a pensar.
MC – Eu lembra-me de ir ao médico, e ele disse que se admirava como é que nós fomos capazes de vencer tamanha coisa...
H – Sim sim... as pessoas não têm noção...
MC – Não têm noção daquilo que nós passámos... mas pronto, tudo passou, e tudo se passa.
H – E têm filhos?
MC – Tenho dois filhos.
H – E andaram na escola, estudaram?
MC – Sim, sim. Eles não quiseram estudar muito também... mas mais tarde depois torcem a orelha!
C – Pois, é como os meus. Naquela altura que veio o 25 de Abril, foi uma comboiada, os professores parece-me que ainda eram piores que os alunos.
MC – O meu filho casou aqui com uma rapariga da Chaveira, está em Lisboa e tem lá um mini-mercado... está bem, graças a Deus.
H – Mas fizeram o secundário, ou não? Fizeram o 5.º ano, ou o 6.º?
MC – Sim, sim... fizeram. Tenho 5 netos, já têm 30 e tal anos.
H – E o senhor Américo, que escola é que teve?
MC – Fez a 4.ª classe.
A – Cá fiz a 3.ª e lá é que fiz a 4.ª classe, que era precisa para a carta de condução.
H – Fez aqui na Chaveira, nesta escola?
A – Aqui nesta escola.
MC – Está aqui um livro que ainda tem os nossos nomes. Ainda cá está esse livro.
C – O meu avô tinha a 4.ª classe, não sei se ele a tirou aqui... ele tinha uma caligrafia linda.
MC – Ele sabe como se chamava a professora dele, foi das primeiras que veio para aqui.
A – Maria da Piedade Azevedo.
MC – Não era essa... então não veio outra primeiro?
A – Maria da Conceição, foi das primeiras aqui, eu lembro-me da escola se fazer.
H – Então... se calhar eu faço aqui uma situação, por vocês os 3, tudo importa aqui... já que estão aqui os 3, e com disposição, eu faço entrevista aos 3.
A – Dona Alice da Conceição, foi a primeira.
H – Já me diz esses nomes, para isto ficar aqui tudo direitinho.
MC – Ah o teu avô tinha a 4.ª classe?
C – Tinha, era furriel na tropa... e a minha mãe não foi à escola.
H – Como se chama a senhora?
C – Celestina... Maria Celestina Dias da Mata.
H – É que eu tenho aqui umas perguntas, que vou fazer a todos, e depois vocês respondem... mas esta parte inicial tem de ser um de cada vez senão depois isto fica tudo misturado. O senhor Américo e a dona Maria do Carmo podem dizer-me o nome completo?
MC – Américo Martins Delgado. (...) 17-06-1926.
H – Senhor Américo, o seu pai sabia ler e escrever?
A – Sabia ler e escrever, e fez exame.
H – Tinha a 4.ª classe?
A – Isso não posso garantir agora...
H – E a sua mãe?

A – A mãe, não... sabia escrever... acho que sim.
H – Mas ela foi à escola? Andou na escola?
A – Se ela andou na escola, isso é que já não me lembro.
H – Mas sabia escrever?
A – Sabia... qualquer coisa, acho que sim.
MC – Ela na escola não devia de ter andado, não, naquele tempo.
H – Dona Celestina... natural aqui da Chaveira? Sua data de nascimento? É casada?
C – Sim sim. 23-11-1944. Sou viúva há 23 anos. Fez anteontem 23 anos que morreu o meu marido. (...)
H – E a escola que tem?
C – Tenho a 4.ª classe, fi-la aqui nesta escola... também naquele tempo os meus pais não queriam que eu fizesse a 4.ª classe.
H – Não queriam?
C – Não, porque eu sou a mais velha de 8 irmãos, e fazia-lhes falta, para guardar os meus irmãos. Eu nunca tive tempo para brincar. E então a minha professora gostava muito de mim, e é que pediu à minha mãe para ela me deixar fazer a 4.ª classe... eu era a melhor aluna da 4.ª classe, matemática principalmente.
H – Como se chamava a professora?
C – A menina Conceição de Cardigos... conheceu-a?
H – Já me falaram muito nela...
C – Foi a minha segunda mãe... foi minha professora e catequista. Eu chorei a valer quando acabei...
MC – Foi com ela também que eu fiz a 3.ª classe.
H – Foi com essa senhora, também?
MC – Foi foi... a menina Conceição.
C – Mas então ela já cá andava na escola? Fizeste a 3.ª classe de adultos?
MC – Fiz sim.
H – Então foi essa senhora que lhe deu as aulas em casa?
MC – Sim sim.
H – Mas ela vivia aqui na Chaveira?
MC – Em Cardigos.
C – Mas ela no meu tempo, em que dava aqui escola, vivia ali na Chaveirinha.
MC – Ela vivia na Chaveirinha, mas ao fim-de-semana ia para Cardigos. E à segunda-feira de manhã vinha para cá, e ao sábado, e a à sexta ia para lá, a pé... ela e uma irmã. As irmãs ainda são vivas as duas... e uma estava aqui com ela sempre. Vinham à segunda-feira e iam à sexta.
H – Para fazerem companhia uma à outra?
MC – Sim sim... estavam aqui sempre as duas.
C – A minha mãe levava-me para regar milho, a minha mãe diz que eu tinha 4 anos quando comecei a regar milho. E elas passavam lá ao pé da ponte, lá em baixo, quando se vai para Cardigos... e a horta era do lado de baixo. E eu vinha com elas, para cima, para a escola.
H – A regar o milho...
C – Pois... eu deixava estragar água, punha-me a fazer tranças nas barbas do milho... a minha mãe é que diz... eu não me lembro de ter 4 anos... sei que era pequenina.
A – Adormecer no meio do milho...
MC – E adormecermos lá no meio do milho!
C – A minha mãe ainda é viva, 97 anos... está no lar em Cardigos. Ainda lá estive no sábado com ela... e está muito atinadinha... só não anda bem já, teve uns AVC's e assim.

H – Os seus pais, sabiam ler e escrever?

C – O meu pai sabia ler, mas não sabia escrever. E a minha mãe assinava o nome dela, mas assim para escrever muito também não.

H – Mas andaram na escola?

C – Não não. A minha mãe, a mãe dela morreu ela tinha 6 anos, e depois o meu avô casou-se com uma senhora que não era assim muito boa para ela, nem para o meu tio... que ela tinha um irmão. E ela foi com 6 anos guardar cabras, primeiro para Cardigos, depois para os Vales, e depois aos 13 anos foi para Mação e esteve lá até aos 20, mas já estava na casa do senhor Heitor, do senhor Álvaro que tinha a fábrica de lanifícios. Era uma filha do senhor Álvaro, que se chamava Celestina, que a ensinou a ler e a escrever... à minha mãe. Ela gostava muito dela. Por isso é que ela me pôs o nome Celestina... foi isso.

H – E o seu pai, não sabe se foi à escola, como é que ele aprendeu?

C – O meu pai não foi à escola, não, de certeza. O meu pai se fosse vivo já tinha 100, ele nasceu em 1918. Sabia ler, mas não sabia escrever. Fazia o nome dele, ou isso, mas pronto.

MC – Antigamente era assim... a vida não era fácil.

C – Era assim...

H – E a sua mãe sabia as duas coisas?

C – Mal... escrevia mal... mas pronto. Aprendeu com a patroa que ela tinha, de Mação, ela era filha desse senhor Álvaro que tinha a fábrica de lanifícios, e esteva também muitos anos na casa do senhor Heitor, que tinha umas filhas... eu conheci os filhos deles todos, porque depois nós íamos muito lá a casa deles.

H – É uma fábrica de fiação, que fica logo lá à entrada?

C – É, é essa. Os outros nem sei qual era o trabalho deles, mas acho que era vinhos... o senhor Heitor, que morava lá na rua nova... ela era a dona Adriana e ele era o senhor Heitor, e tinha 3 filhos... a Doroteia, a Vitória e morreram muito novas. O filho chamava-se Miguel, lembro-me deles, íamos muito lá quando íamos a Mação, elas gostavam sempre de nos ver... íamos lá quase sempre, ou levar qualquer coisa.

H – Portanto, a sua mãe sabia ler e escrever e, ao todo, a Celestina tem quantos irmãos?

C – Somos 8, andámos todos aqui na escola, todos fizemos a 4.ª classe.

H – Quantos rapazes e quantas raparigas?

C – 4 e 4! Eu sou a mais velha e já tinha 21 anos quando nasceu o meu irmão mais novo. A minha filha só tem 2 anos a menos que o meu irmão mais novo, a minha filha mais velha. Naquele tempo era assim. Também não foi fácil a minha vida... andei a dar serventia a pedreiros! O meu pai era pedreiro... passava-se assim o tempo. Mas eu gostava muito de andar na escola, e aprendia bem, gostava de andar na escola... foi pena. E todos os meus irmãos aprendiam bem.

H – Todos fizeram a 4.ª classe. E os seus pais eram de acordo que os filhos fossem à escola?

C – Sim sim! Só eu, como era a mais velha, fazia-lhe falta para guardar os outros... queriam tirar-me da escola com a 3.ª classe. Mas depois a professora lá pediu, ela era muito minha amiga, muito minha amiga! Pouco antes de morrer, eu tive uma conversa com ela nos Correios em Cardigos, e ela ficou muito contente, que eu estava a dizer-lhe que eu tive o... como é que se chama... difeteria... ou gorgutilho, como se chamava... eu tive gorgutinho e princípio de meningite... eu lembro-me de a minha mãe ir comigo e com a minha madrinha, comigo dentro de um tabuleiro daqueles do pão, à cabeça, a pé, daqui para Cardigos, e o doutor quando eu cheguei lá, quando lá chegámos, disse assim: “Se vocês não viessem agora ela só tinha 2 horas de vida”... e ela depois vinha-me ver, e trazia-me

daqueles bolinhos de azeite, muita bons!... que eu levava muitas injecções de penicilina, estava na cama... dois meses que eu faltei à escola... mas passei na mesma.
H – Isso com que idade?
C – Eu tinha 6 anos quando vim para a escola. Teria uns 7 anos... foi na 1.ª classe. Ela ia-me lá ver, com os bolinhos, e ela gostou tanto de saber disso: "Ah, eu já nem me lembrava!" Eu gostava muito dela... muito.
H – E a Celestina tem filhos?
C – 3 filhos, 4 netos... os meus netos já são grandes.
H – Os seus filhos foram à escola também? Têm estudos?
C – Sim, todos. A mais velha e o outro a seguir não estudaram mais porque não quiseram. Ela não aprendia muito bem, esquecia-se muito, mas ele aprendia muito bem, que até a professora dizia que na freguesia era ele e o advogado, o Azinhal, eram os mais inteligentes. Ele depois arrependeu-se... só tirou o 7.º ano. E a minha filha também. O mais novo é que fez o curso de informática, mas não foi para a universidade... eu já estava viúva, mas ele fez o curso, e graças a Deus teve logo sorte, que apanhou trabalho, e está sempre a trabalhar, naquela empresa já está há 8 anos. E os outros também trabalham, todos têm a sua vida.
H – Para todos... lembram-se do 1.º dia de escola? Que vieram à escola?
MC – Eu não faço ideia.
H – Lembra-se do primeiro dia de escola?
A – O primeiro dia é que não. Foi em 1934-35 que foi inaugurada... a escola.
H – Veio inaugurá-la?
A – Foi inaugurada...
C – Eu admira-me como é que o meu avô tinha a 4.ª classe, naturalmente foi tirá-la a Cardigos.
MC – Foi noutro lado, não foi aqui, não.
H – Então o senhor Américo inaugurou a escola?
A – Não, isso era mais pequenino... nasci em 26.
MC – Ele era mais pequeno quando ela começou. Lembra-se de ela começar.
A – Toda a gente já andava a trabalhar. A gente já trabalhava, eu vinha para a escola... na altura eu não fiz a 4.ª classe porque o meu pai precisava que eu andasse lá à frente dos bois...
MC – Era assim, não ligavam importância à escola, antigamente... não.
C – Havia muitos alunos de São Bento... chegámos a ser uns 75.
H – Que localidades vinham aqui à Chaveira?
C – São Bento, mas não era o Fundeiro...
MC – Aqui vinham 3 povoações, o Fundeiro ia para as Casas da Ribeira.
C – Mas éramos muitos! Éramos uns 75... no primeiro ano.
MC – 55!
C – No meu ano chegámos a ser 75! Sim senhora! E ela era só uma professora! Eram já grandes, e ela tinha medo deles! A professora era pequenina...
MC – Sabe como é que vinham para a escola antigamente? Quando chovia? Era com aquelas saquitas do adubo à cabeça... e vinham descalços.
C – E vinham-se muitas vezes aquecer lá na minha lareira, a minha mãe chamava-os muitas vezes lá para a cozinha. A cozinha era pequenita e estava lá tudo cheio de miúdos para se secarem!
MC – Passavam-lhe lá ao pé da porta, e depois aqui não havia lareira... não havia casa-de-banho, não havia nada!

C – Fazia muito frio, os vidros partidos... Oh, no meu tempo? Até aquela parte além do tecto estava caída. E nós é que lavávamos a escola, os alunos, pois, íamos buscar a água, esfregávamos... era assim. Mas era bonito... era bonito.
H – O edifico era este tal e qual como está aqui?
C – Sim sim, exactamente. Só foram modificadas as janelas.
MC – Era era.
A – Era bonita a escola, com estes arcos, eram cheios de vidros, só que foram tapados por fora.
MC – As janelas tinham vidros até ao cimo... aquela parte de cima.
C – E os meus filhos e os meus netos andaram aqui na escola... os da minha Célia. (...) Os meus filhos e os meus netos mais velhos. Um tem 26 anos e outro 24. O meu neto mais novo já não, vai fazer 18 anos.
H – Está-me a dizer que estes arcos aqui tinham janelas também?
MC – Sim, vidro, tudo em vidro. Tiraram os vidros.
C – Nem havia casas de banho. Agora há duas casas de banho.
MC – Aquela parte de baixo era tudo amplo.
C – Nós andávamos ali a jogar aos 5 cantinhos.
H – 5 santinhos? Era um jogo que faziam?
C – Nós chamávamos-lhe os 5 cantinhos... era. Estavam 4 e 1 no meio... já nem sei como é que isso se jogava... sei que era o jogo dos 5 cantinhos.
MC – Era a ver qual é que deixava roubar o cantinho do meio. A escola era só até aqui, aquela parte de trás ainda não existia.
C – Não, já havia esta parte, nós pendurávamos lá as batas.
H – Usavam bata?
C – Bata branca.
MC – Usávamos bata.
A – Pois, tinha a bata branca!
MC – Todos! Todos tinham de trazer.
H – E o que é que traziam para a escola? Que coisinhas é que traziam? Cadernos, lápis, lousa?
C – Livros.
MC – Era a loisa... lápis de pedra.
C – Olhe, ainda estive a pensar... tenho pena de não ter guardado os meus livros da escola. Eram tão engraçados.
MC – E aqui as carteiras tinham um tinteiro, um tinteiro no meio, estávamos dois em cada carteira e escrevíamos ali.
C – Escrevíamos com a tinta e mais tarde é que veio lápis.
H – E havia carteiras para todos?
MC – Sim sim... isto estava cheio de carteiras!
H – E estavam todos sentadinhos nas carteiras?
MC – Tudo, tudo.
H – No seu tempo seriam 75?
C – Chegámos a ser! Éramos tantos, tantos, tantos... ai meu Deus, eu não sei! Eu nem sei quantos éramos quando fizemos o exame da 4.ª classe. Quando eu andei na 3.ª já não foi com a menina Conceição, foi com a Dulcínia, que já morreu.
H – A senhora Dulcínia, ali?
C – Sim, sim. Mas essa por acaso era... eu até fui das que apanhei menos porque eu era boa a matemática... mas é assim.
H – Esta senhora Dulcínia, se fosse viva, que idade tinha agora?

C – Ela não era muito mais velha do que eu.

H – Pois... por isso é que eu estou a estranhar.

C – Ela devia ter uns 18 anos quando eu vim para a escola com ela... que eu tivesse uns 8 anos.

H – Mas foi no tempo em que ela ainda era regente, não era professora?

C – Sim, sim. Ela só foi professora depois de ficar viúva... é que foi estudar. Porque antes ela era só regente. E eu na 3.ª classe era aluna dela. E já éramos 19, só da 3.ª classe éramos 19! E na 4.ª classe já não me lembro quantos eram.

H – Mas foi com ela que fez a 4.ª classe?

C – Não não! Na 4.ª classe voltei para a menina Conceição... porque ela era oficial, professora.

A – Só tinha 1 quadro aqui... agora tem 2. A secretária é a mesma. E a cadeira também é a mesma de além.

MC – E o mapa, o mapa também é o mesmo. A cadeira da senhora professora também era aquela.

C – Chegávamos aqui, a primeira coisa... rezávamos o Pai Nosso, todos, com a menina Conceição. Tínhamos de nos benzer, rezar o Pai Nosso... o crucifixo ainda é o mesmo.

H – Tinham o crucifixo, e tinham o Salazar, e era o Carmona, ou o Américo Tomás?

MC – Era o Carmona, o Carmona.

C – Era, era...

MC – Quem levou daqui o Salazar e o Carmona foi a Dulcínia. Lá para casa dela.

H – Ah... a Dulcínia é que as levou? Já vi essas imagens lá.

MC – Tiraram-nos daqui, e ela levou-os.

A – E o crucifixo, foram todos que pagaram, de Cardigos.

MC – O crucifixo foram as pessoas todas que pagaram.

A – E ainda aí está o nome deles todos... e o do meu pai... de todos aqui na Chaveira.

H – Há algum episódio de que vocês se lembrem, quando pensam na escola primária, daquelas coisas que aconteciam às vezes, um castigo... uma situação com um colega?

MC – Não tenho assim nada...

C – Olhe, eu vou-lhe dizer... uma vez, ela tinha daqueles mais velhos... quando eu vim para a escola eu era muito pequenina, eu tinha os 6 anos e fazia os 7 em Novembro, e entrei em Outubro, e então havia cá uns mais velhos. Havia o Manel Farinha, de São Bento, e havia aquela Maria do Rosário que está no Chão de Lopes, e a Céu que é cunhada da Carmita que estava aqui. E havia ali o Raúl de Chão Mariano, o meu cunhado Edmundo, que eram mais velhos do que eu, não eram? Eu acho que ela até tinha medo deles, a professora. E havia outro, que era o meu primo Armando, e eles depois eram tão maus... tão maus!

H – Já eram quase adultos, então?

C – Já eram mais adultos... e então eles andavam ali de volta daquela acácia. Havia aqui uma acácia muito grande, e ele foi para cima dela e partiu-lhe uma pernada muita grande. E depois a professora chateou-se com ele, porque ele era muito refilão... que Deus o lá tenha no céu... e a professora quis-lhe bater. Mas acha que ela lhe era capaz de bater?! E então não foi capaz de lhe bater e disse assim: “Vamos aqui rezar uma Avé Maria por ele” e ele: “Não rezem por mim que eu não preciso que rezem por mim... ”

H – Mas isso e menina Conceição?

C – Sim, ela era uma santa.

H – Rezaram por um aluno porque ele fez uma asneira?! (risos)

C – (risos) Mas ele dizia que não precisava que rezassem por ele! Havia muitas coisas... ai... meu Deus... tantas coisas! E coisas engraçadas, nós fazíamos rodas, andávamos a cantar ao 'ladrão do meio', cantigas... ela ensinava-nos.
H – E gostavam dessa professora Conceição?
C – Muuuitooo!
MC – Sim sim, toda a gente.
C – Ela ensinou-nos uma vez uma récita, um teatro... eu fazia de Lúcia... fazíamos teatro.
MC – É! Todos os anos ela fazia um teatro.
H – Era no fim do ano?
MC – Sim, agora não sei se era pelo Natal... mas fazia teatro, ela.
C – Era muito engraçado!
H – Então, teve duas professoras diferentes aqui?
C – Tive. Na 3.ª classe era a outra porque eram muitos alunos!
H – Era só esta sala?
C – Mas era assim, na parte da manhã a menina Conceição vinha para aqui, porque era a oficial, não é? E da parte da tarde ela dava aulas na casa dela, por baixo havia assim uma aloja... chamava-se uma aloja... e tinha lá assim umas tábuas à volta, e a gente sentava-se lá. E da parte da tarde vinha para cá a Dulcínia dar a 3.ª classe. Depois de manhã dava na casa dela, onde ela habitava, que era na Ti Casalinha. Deu lá aulas, íamos para lá de manhã.
H – E ela ficava ali, alugava a casa, ou eram as pessoas que lhe davam?
C – Não sei se ela pagava, se calhar não pagava. Acho que até eram de família... e era assim. Ficávamos lá de manhã, e de manhã estava aqui a menina Conceição, é à tarde vínhamos para aqui e a menina Conceição ia para a Chaveirinha.
H – E também foi assim na sua altura, Maria do Carmo?
MC – Não não, no meu tempo era só uma professora... só.
H – Foi essa senhora Conceição?
MC – Não! Isso foi na 3.ª classe... a minha primeira de todas foi a Piedade Azevedo, de Cardigos.
H – E como é que elas eram? Como é que tratavam os alunos? Tratavam bem, ensinavam bem?
MC – Sim sim, a mim tratavam-me bem.
C – Elas ensinavam bem, mesmo a Dulcínia era muito exigente... ela passava-nos todos os dias 30 problemas e 30 reduções! Cada uma que viesse mal era uma réguada!
MC – E quando ela esta estava sentada na cadeira a dar as réguadas... ainda me lembro... eles punham a mão, e quando ela ia a bater eles tiravam a mão e ela batia na dela! (risos)
C – Isso nunca me lembro.
MC – Ainda me lembro de fazerem isso!
C – Ai meu Deus... havia tantos que apanhavam muito... coitadinhos... eu tinha pena deles, de um principalmente... que já morreu... que ela até lhe atirava a pedra à cabeça, coitadinho... e ele tinha carolos na cabeça e chorava, chorava.
H – E qual era o motivo porque ele levava muito?
C – Porque tinha muitas contas mal... problemas.
MC – Porque errava muito.
C – Por acaso eu nunca apanhei com o pau de marmeleiro na cabeça... mas eu, sinceramente, sempre fui boa a matemática. Mesmo agora ainda não sou má... e ela era mais o ponto da matemática.
MC – Eu também gosto de matemática. Ainda hoje faço contas de cabeça.

H – Mas ela era uma professora que quando tinha de dizer bem, ou dar um incentivo, ela elogiava?
C – Sim, também fazia cantigas connosco... mas sim, era mais exigente. Depois vinha para aqui, tinha um namorado, que foi marido dela, vinha para aqui... eu lembro-me uma vez que estávamos a fazer uma prova... naquele tempo não se chamava testes, era uma prova... e ela passou-nos um... mas já nem sei se foi ela, se foi o namorado... no quadro, um problema. E eu já via estrelas e nós aqui nenhum foi capaz de resolver o problema. E no fim, ele disse assim para ela: "Faz lá tu o problema!"... e ela não o soube fazer... e ela não o soube fazer!
MC – Não soube? (risos)
H – Mas, essa senhora Conceição?
C – Não, a outra... a Dulcínia. A Conceição não tinha namorado, essa nunca casou. E ela não o soube fazer e depois mandou-nos embora para casa! Claro. O problema tinha 3 contas, mas a gente não o soube fazer, nunca tínhamos feito assim nenhuma. E ele disse-lhe: "Faz lá tu o problema"... e ela não o soube fazer. Mas é assim. Não quer dizer que ela fosse má, era muito reinadia. Mas o que era é muito exigente, na matemática e isso.
H – Mas acham que, assim no geral, elas eram boas professoras e ensinavam bem?
C – Sim, sim.
MC – Ensinavam muito bem.
H – E preocupavam-se se os alunos sabiam?
C – Então claro, por isso é que ela era assim!
H – Mas então os castigos que elas davam eram essas palmadas, por motivos de os alunos às vezes não se portarem bem, ou não saberem os exercícios?
C – A menina Conceição não batia muito, não, não era de bater muito... não.
H – Mas, ao mesmo tempo, os castigos que elas davam, não era nada mais do que isso?
C – Ás vezes de joelhos, ali virados para a parede...
MC – Virados para a parede! (risos)
H – Aquelas coisas das orelhas de burro, e assim, elas faziam esse tipo de coisas?
MC – Isso já não me lembro.
C – Ah, isso não, isso já não me lembro... não, não.
H – No geral, os alunos e os professores como é que se davam... era tudo com respeito, não é?
C – Sim!
MC – Ah sim sim, tudo com respeito.
H – E acabam por ter relação, porque se conheciam dentro e fora da escola, não é?
C – Sim, e no recreio brincavam por aí todos.
H – E eram rapazes e raparigas tudo misturado?
C – Sim sim.
H – Não havia separação... mesmo no recreio?
C – Não, não, só havia esta sala.
MC – Era tudo junto.
C – Mas era engraçado... era engraçado. Belos tempos...
H – Acha que essas professoras, e mesmo a situação de vocês virem à escola, foi uma coisa boa para a vossa vida?
MC – Então não acho? Então não foi?!
C – Eu acho que sim! Eu estava aqui a dois minutos da escola, e os meus irmãos... vínhamos aqui por aí acima. Foi muito importante.
H – E no caso da Celestina, se não fosse a sua professora, provavelmente nem tinha feito a 4.ª classe...

C – Não tinha feito a 4.ª classe. Provavelmente nem me teria valido de muito, mas pronto, sempre se aprende mais alguma coisa.
H – E tem alguma memória desse dia, em que a professora falou com a sua mãe?
C – Não, não. Sei que eles queriam que eu ficasse em casa, porque falavam às vezes com ela, e ela falava que eu aprendia bem, e que era uma pena eu sair da escola, e que era mais um anito... e pronto, lá conseguiu virá-los para eu fazer a 4.ª classe.
MC – A minha professora também não queria que eu saísse. E a minha mãe também não! Mas eu é que não queria andar mais...
H – E não queria andar mais na escola porquê?
MC – Não sei! Não gostava de aprender.
H – Mas era do aprender, ou do estar aqui na escola?
MC – Não sei, não gostava de estudar!
C – Há muita gente assim.
MC – A minha mãe queria, e a professora também falou com ela, para ver se eu não saía. A minha mãe queria que eu estudasse... mas eu é que não quis! Mas depois arrependi-me, mais tarde. (risos)
C – Como o meu Eduardo Jorge, eu inscrevi-o, que ele tinha de fazer as vindimas mais a irmã, e eu inscrevi-o para ir para o colégio, e já tinha o passe, tinha tudo, e ele chegou cá e não quis ir. Começou-se a habituar ao dinheiro... e depois foi trabalhar para a serração a fazer aqueles molhitos de tábuas, tinha 14 anos, porque eu disse-lhe: "Não vais à escola, vais trabalhar!" E o meu marido também era doente, e assim... e depois ele diz... agora é o que diz... que quando lá passava o autocarro, ficava a chorar. E não me disse nada porque sabia que eu queria que ele fosse. E ele não foi. Mas ele era muito inteligente... e foi uma pena. Agora diz sempre aos filhos: "Vocês estudem, vocês estudem!"
H – Ah... agora diz aos filhos para eles estudarem?!
C – Pois. Um já anda na universidade e o outro já vai para o ano.
H – E lembram-se... pronto, já me disseram que rezavam, era uma coisa que faziam logo de manhã?
C – Sim, sim. Logo de manhã e à noite.
MC – Sim, e quando saíamos!
H – E que mais é que faziam todos os dias? Cantavam?
C – Não, tínhamos as coisas da escola...
MC – Isso era na rua! Quando havia o intervalo, de manhã e de tarde.
C – Isso das cantigas era na rua. Agora na escola era para fazer as actividades. Ela fazia muitas caligrafias, para a gente escrever bem. Eu sou a que escrevo melhor dos meus irmãos todos. Eles mesmos dizem: "Ela escrevia ali uma caligrafia!" E tínhamos de fazer a letra igual, desenhos... eu também era boa a desenho.
H – Também faziam desenhos?
C – Desenhos! Ela punha uma cafeteira, ou uma jarra, ou qualquer coisa... e tínhamos de fazer igual.
H – E faziam provas?
C – Sim sim.
MC – Punha em cima da secretária, ou da carteira, e a pessoa tinha de fazer.
C – E tínhamos problemas.
H – E portanto, viviam aqui perto da escola, não era assim muito longe?
C – Sim, os de São Bento é que estavam um bocadinho mais longe, mas é ali do outro lado do cabeço, também não é assim...
H – E traziam a merendinha para a escola, iam a casa?
C – Sim, trazíamos lanche.

H – E o que traziam para comer?
C – Oh, depende. Naquele tempo até era mais um pedacinho daquele toucinho cru... daquele toucinho branco, com pão.
MC – Eu nunca gostei de toucinho...
C – Ah eu gostava, gostava muito, agora não.
MC – Não me lembro o que é que trazia, mas eu nunca comi toucinho. E o meu filho também não, não come toucinho.
C – Ah eu comia muito, e lembro-me que a minha mãe... eu agora não sou capaz de o comer, e o meu filho mais novo também não... a minha mãe, uma vez eu andava doente, e ela vinha-me trazer aqui. Outras vezes mandavam-nos, mas quando não mandavam vinham-me cá trazer... caldo de farinha de fava com leite.
H – Caldo de farinha de fava com leite?
C – Que era para eu arribar.
H – Nunca se lembram de virem cá alguém dar-vos leite em pó, ou comida?
C – Também vinham cá trazer à escola, houve tempo em que havia aí isso.
MC – No meu tempo não, mas mais tarde... sim.
C – No meu tempo sim.
MC – No tempo dos meus filhos já havia isso.
H – E ainda foi durante muito tempo, isso?
C – Ainda foi...
MC – Ainda foi... bastante tempo. Também não estive cá muitos anos, estive 15 anos em Angola também...
C – Fazia-se aqui.
H – Senhor Américo, lembra-se do nome da sua professora?
A – O nome da professora? Maria Alice não sei quê... e a outra... dona Maria Moreira Duro.
H – Então teve duas?
A – Conheci duas, e ao fim outra Azevedo... dona Maria da Piedade Azevedo.
MC – Foi a mesma, a minha.
C – Essa foi antes da menina Conceição.
A – Gostava muito dessa professora.
H – Gostava muito dessa professora, porquê?
A – Ela também batia quando era preciso!
C – Não foi essa que arrancou o brinco à Marlene?
MC – Não, essa foi a Cecília.
C – Não conheci essa já.
A – Houve aí uma cena com os miúdos, eram todos da Chaveirinha, contra mim à pedrada... eles à pedrada atrás de mim e eu sozinho. Mas eu aleijei um... os outros fugiram. E depois eu ia no caminho, e um aqui da Chaveira, um colega meu, veio a correr ao pé de mim e diz: "A senhora professora diz para tu lá voltares"... e depois: "truz, truz, truz... apanhei 5 réguadas." Mas ela era boa, ensinava bem...
MC – Mas foi por aleijar o outro. Ela era muito boa. Ela casou e foi-se embora para Moçambique. Casou com um irmão da minha cunhada.
H – E tinham intervalos?
MC – De manhã e à tarde.
H – Senhor Américo, a que é que brincava, no seu tempo?
A – Jogava ao mocho... mas éramos todos amigos.
H – E eram quantos?
A – Uma data deles.

MC – E jogavam ao ‘saltimbão’...
C – Também jogava. A gente punha-se todos assim, com as mãos no chão, e depois vinha outro, punha-nos as mãos e saltava para o outro lado.
MC – Era uma carreira! E depois vinha o último e saltava e ia-se pôr outra vez atrás de outro...
A – As ruas eram cheias de mato.
C – Eram tempos difíceis, mas a gente guarda saudades.
A – Também jogávamos à Porca Russa, com um no meio e os outros á pedrada... à pedrada não, com um pau.
C – E era com uma pinha fechada... com pinhos.
MC – As raparigas jogavam às 5 Pedrinhas... à Semana... a Macaca.
C – Jogávamos ao Lenço. E ensinavam-nos muitas cantigas, a menina Conceição. A Lúcia é que as sabe ainda todas.
H – Sabem as canções, ainda se lembram das canções?
C – Isto era a menina Conceição (a cantar): “Vocês querem saber, quem é o meu ganha-pão, é um homem pequenino que só ganha meio-tostão... é um homem pequenino que só ganha meio-tostão. Um vintém é para vinho, um vintém é para pão, dez réis... ”, dez réis era para quê? Não era para o tabaco?... ”lá se vai o meio tostão... ”. Ela ensinava esta cantiga. A Lúcia canta isto muita vez. Quando vamos ali ao salão, à quinta-feira, os velhotes, vamos ali ao salão, levamos umas chouriças para assar, e cada um leva uma coisa, e estamos lá todos, e ela sempre canta lá as canjiquinhas da menina Conceição.
H – Ainda hoje?
C – Ainda hoje! Ela lembra-se de tudo porque a vida dela foi... era auxiliar numa escola, e depois ela ensinava os meninos lá... por isso é que ela nunca se esqueceu, cantava lá para os alunos.
H – Olhem, e não guardaram nada daquele tempo? Um caderninho, uma fotografia?
MC – Não.
C – Olhe... naquele tempo?
MC – Mas ela tirava fotografias também, a menina Conceição.
C – Pois... mas eu não me lembro já.
MC – Mas no meu tempo não.
C – Ela ensinava-nos muitas canções, muitas mesmo, ela era muito meiga com a gente.
H – Então, nunca repetiram nenhum ano? Nunca reprovaram?
C – Não. E os meus irmãos passaram todos sempre, só um é que atrasou 2 anos... e se calhar foi o que era mais inteligente, mas era preguiçoso para estudar. Punha-se a assobiar. As casas tinham um patamar assim do meio lá para cima, punha-se ali deitado. “Luis, faz os deveres!” (assobio)... ele assobiava, assobiava. Mas ele chegou a ter muitas pastelarias em Castelo Branco.
H – E vocês aqui na escola, quando andaram cá, têm noção se os meninos eram todos mais ou menos iguais, parecidos, em termos económicos? Haviam muitas diferenças... como é que era?
C – É assim... a professora tratava-os todos por igual. Mas claro que havia diferenças... eu era pobre! Os meus pais eram pobres, porque o meu pai era pedreiro, mas éramos muitos irmãos.
MC – Aqui assim era tudo mais ou menos, era tudo mais ou menos. Não havia muita diferença... havia dois ou três só.
C – Naquele tempo, aqui, não havia muita diferença... eram tempos difíceis.
H – Para toda a gente, não era? Mas não havia assim ninguém que se destacasse mais, e que os filhos viessem aqui à escola? Ou fossem pessoas com mais posses?

C – Não! Podiam ter mais umas posses, mas era tudo mais ou menos.
MC – Era tudo mais ou menos.
H – Então nunca sentiram assim que a professora discriminasse?
C – Não! A minha mãe era assim, a minha mãe esteve a servir muitos anos, a minha mãe sempre foi muito asseada, e a professora dizia assim: "Eu gostava muito de ti, porque era assim... tu andavas sempre muito lavadinha!"... e ela gostava muito de mim. Gostava muito de mim, mesmo! Porque eu sei que ela gostava muito de mim! E também gostava dos outros, vá. Mas havia diferença nisso, algumas mães mais desleixadas ou isso... porque, de resto... a minha mãe era pobre, eu era pobre.
MC – Naquele tempo era assim, havia pessoas que não...
C – Mas a minha mãe era assim. A roupinha tinha de ser sempre lavadinha, trocávamos ao meio da semana... havia quem se assegurava de ela fazer isso.
H – Mas então acha que esse era um factor que contribuía, e muito, porque havia gente que se calhar era mais desleixada... não eram tão higiénicos, como se diz agora?
C – Pois, isso era um factor importante... sim sim.
H – E ela fazia alguma inspecção para ver se vocês estavam limpos, quando vinham para a escola?
C – Não... só se às vezes havia aquelas crises de piolhos... ou assim.
H – Não inspecionava as unhas, nem atrás das orelhas?
C – Isso já não me lembro... claro que havia de tudo, não é?
H – E não se passava nada quando eram aquelas alturas do Natal, da Páscoa, faziam alguma coisa na escola, assim de especial? Alguma festa?
C – Se calhar um magusto, ou assim, nos Santos. Era mais na altura do magusto. Lembro-me quando era na Quaresma, era antes da Quaresma ou depois da Quaresma... a Quinta-Feirada. Eu lembro-me que a minha mãe quando matava o porco, fazia uma chouriça para cada um, assim pequeninas, do tamanho de um dedo ou assim, e punha-as todas de enfiada. Atava-as e punha-as ao fumeiro. No dia da Quinta-Feirada ela dava-nos aquelas chouriças, uma a cada um, para a gente comer inteiras! (risos) E pelos Santos, era uma broa doce. Fazia uma broa doce pequenina, e de manhã dava uma broa doce pequenina a cada um, para a gente comer.
MC – Ás vezes também se trazia para a professora.
C – Sim, sim, sim. Também trazíamos-lhe o Galo e a Galinha pelo Carnaval... à professora.
MC – Isso era sempre!
C – Comprávamos, entre todos, e depois vínhamos a cantar. Trazíamos dentro duma cesta, enfeitada, e vínhamos-lhe entregar, o Galo e a Galinha... era assim.
H – E nas férias, o que é que faziam?
C – Ai! Eu tinha muito que fazer... tinha os meus irmãos, e tinha de regar o milho.
MC – As férias era a trabalhar.
C – Nem é bom nem lembrar! Mas eram bons tempos, olhe, cantava-se muito... na azeitona toda a gente cantava. A desfolhar o milho... toda a gente cantava. E agora anda aí tudo triste. Também já cá não há quase ninguém... antigamente era uma alegria.
H – Quantas pessoas têm agora aqui na aldeia?
MC – Eu não sei quantas.
C – Disseram-me há dias, que contaram 80. Disse-me a Zézinha, do meu primo Abílio. Esteve a contar e no domingo disse-me em Cardigos: "Ontem à noite estive a contar... algumas 80 pessoas", mas a gente já aqui conheceu mais de 200 ou 300 pessoas.
H – E crianças? Quantas têm por aí, crianças? Quantas haverá aqui, na Chaveira só?
MC – Poucas!

C – Muito poucas! Assim pequeninos, acabados de nascer, só se forem os meus sobrinhos, filhos dos meus sobrinhos!
H – A viverem cá? Crianças?
MC – Crianças? Não! Já têm 12 ou 13 anos os mais novos, os mais novos! Os da padaria da Suzana, que têm a Estrela Doce em Proença.
C – E na Sertã é o irmão. E esses são os mais novos que cá há. Na minha família, vou-lhe dizer... a minha mãe tem uns 21 netos, e nem sei quantos bisnetos...
MC – Oh, mas não estão cá! Não estão cá.
C – Só cá estão os meus dois netos. Os meus netos que cá estão são filhos da enfermeira que está em Cardigos, estão cá, mas é assim, o mais velho está na universidade, mas vem cá muitas vezes, e o meu neto mais novo ainda anda no 12.º ano em Proença, faz agora 18 anos. E o outro fez 21 ontem, está em Lisboa na universidade, mas agora está cá, esteve em exames, ainda ontem almoçou na minha casa... e é assim.
H – E nunca emigraram?
C – Não. Mas estiveram em Lisboa. A minha nora é de Lisboa, nasceu em Lisboa, os pais eram de cá mas ela nasceu em Lisboa, e depois até lá tinham uma casa, mas depois eles gostavam de vir para cá, e ela pediu a transferência para Cardigos.
H – Mas, na sua família, mesmo com os seus irmãos, ficaram sempre cá pela terra?
C – Não! Eu cheguei a ter 5 irmãos em Moçambique. Duas irmãs e três irmãos. E eu também estive na França uns anos, e depois o meu marido ficou doente, viemos embora, porque ele andava muito doente. E já nunca ficou muito bem. E outras estiveram na Suíça, três estiveram na Suiça... e duas das que estavam em Moçambique, estavam ainda solteiras quando vieram para cá, quando foi do 25 de Abril, e quando foi lá da independência... não é assim que se diz? E depois de casadas estiveram na Suíça três. As minhas irmãs as três estiveram na Suiça. E dois dos que vieram de lá de Moçambique estiveram no Canadá, ainda bastantes anos. E um foi para Castelo Branco.
H – Aqui havia muita gente dessa época, na aldeia, que foi para o estrangeiro?
C – Muita gente!... Moçambique, e Angola.
MC – Sim!
H – Era difícil a vida aqui, não é?
C – (suspiro) Não havia empregos, pronto. As pessoas governavam-se do azeite que tinham, essas que tinham muito azeite, que não era o caso dos meus pais. E pinheiros... depois colhiam a resina, depois vendiam... e pronto, era assim. E as hortas, tínhamos de criar o milho, e o trigo, para fazer o nosso pão. Não é? Nós é que fazíamos o pão. Íamos moer àqueles moinhos, à beira da ribeira... a farinha.
H – Ainda chegou a fazer isso?
C – Eu fazia muito pão. Eu fiz sempre muito pão.
MC – Eu também, ainda agora faço pão! Na salamandra!
C – Eu e a minha mãe, se cozíamos pão à segunda-feira, ao sábado já tínhamos de cozer outra vez! Era muita gente... era assim. Mas eram bons tempos.
MC – Ainda hoje gosto muito de cozer o pão.
C – E eu também... mas agora só para mim não o faço.
MC – Eu assim no forno também já não sou capaz. Mas tenho lá um forno... mas coitado.
C – Pois, é isso, porque eu tenho o problema nos ossos... o meu Eduardo ainda há uns dias o acendeu, para assar lá a carne, porque comíamos lá todos. "Ó mãe eu vou acender o forno, aquilo não se pode deixar estragar... ", pois não.
H – E lembram-se de alguma matéria, um livro com uma história?
C – Os nossos livros tinham muitas histórias, não tinham?
MC – Pois tinham, muitas histórias!

C – Mas eu não me lembro delas.
MC – Eu também não.
H – Não houve nenhuma que tenha ficado na memória? Houve alguma história, senhor Américo?
MC – Sabes alguma história dos teus livros?
C – "Não há regalo maior, que à beira d'água parar... ". Não era assim?
A – Dos livros?
MC – Dos teus livros da escola?
A – Uma história... primeiro, digo uma coisa... era um tempo de pobreza, mas bonito... muita bonito.
C – É verdade.
A – Ora, histórias das escola... dos livros... que eu me lembro? Uma vez estava a minha professora... a tal Piedade... mas a história do livro? Agora posso dizer uma página, mas tem mais coisa. "Dizia Michelet, minha filha não limites a criança leviana, estouvada... que vai flutuando... caminha por um estreito carreiro, não te estreites nem uma espiga! Quem diz que os filhos que por aí faltam é algum trabalhador que vive todo o ano... para fazer o pão" (risos). Era uma lição que estava no livro. Depois havia uma história, havia uma senhora, ou uma família, que tinha uma filha, depois lá não se dava bem com ela, não gostava dela, e mandou-a embora. Depois, ela quando por lá andava, depois mais tarde, apareceu um leão, e ela vinha a cavalo no leão, e dizia assim: "Ainda um dia precisarás dela, mas não a encontrarás."
MC – Mas isso estava no livro?
A – Estava no livro! Eu era ainda capaz de desenhar a tal coisa...
H – Então desenhe!
C – Ele é um bom pintor!
H – Eu sei! Eu sei que ele gosta muito de pintar! Então desenhe-me lá esse leão...
A – Mas não sei se ainda lá terei o tal livro...
H – Mas procure-o lá! Pronto, só aqui para terminar... o seu trabalho, a vida que fez de trabalho, foi no comércio?
MC – Foi sempre no comércio.
H – E a dona Maria do Carmo também trabalhava nisso?
MC – Também. Mesmo cá tínhamos uma mercearia e uma taberna.
C – Mesmo ali no largo. E eu trabalhei sempre no campo, e também trabalhei de costura.
MC – Eu cá também tinha hortas, e gosto muito da horta.
C – Gosto muito de fazer trabalhos manuais, bordado de Castelo Branco, vou fazendo assim umas coisitas, para me distrair. Estou sozinha, também gosto de ter qualquer coisa para me entreter.
H – Se tivesse estudado mais, o que é que gostava de ter estudado?
C – Olhe, eu gostava de ser cabeleireira! Gostava de ser cabeleireira mas nunca fui cabeleireira! Naquele tempo era eu que cortava o cabelo todo às moças do meu tempo. E olhe, agora não, mas da outra vez ainda fui eu que cortei o meu cabelo! E cortava muitas vezes.
H – Para isso dava jeito ter estudado mais?
C – Não, os estudos não davam jeito para isso. Mas a profissão que eu gostava de ter, era cabeleireira... para professora também não era má... mas...
MC – Eu não sei.
H – Gostava de andar na escola senhor Américo?
A – Eu gostava de histórias...
MC – Se gostavas de andar na escola?

A – Gostava de andar na escola! Então não gostava?! Gostava.
C – Se calhar eu já não faço aqui falta.
H – Diga-me só uma coisa, antes de se ir embora. Qual é que acha que é a maior diferença da sua escola, de quando andou na escola, para depois os seus filhos? O que é que sucedeu?
C – Sei lá... eram coisas muito diferentes. Mesmo assim ainda ensinei muito o meu filho mais novo. Uma vez chegou a casa e tinha de saber a unidade gráfica... foi pedir ao João Paulo, e ele não o soube ensinar. E veio para casa, e eu ainda ali andei, e consegui ensinar-lhe a unidade gráfica... que no meu tempo não era nada daquilo, eram aquelas contas de multiplicar... dividir, diminuir, somar. E agora também já havia mais liberdade, mais... e outra coisa, nós, a 4.ª classe de antigamente, diz que dá equivalência ao 9.º ano.
MC – Sim sim, era bem diferente!
C – Nós aprendíamos muito. Nós devamos a tabuada... ainda há dias na televisão, eu vi estarem a perguntar a tabuada e a senhora que estava lá não conseguiu responder à tabuada toda!
MC – Agora não sabem, não.
C – Nós mesmo fora da escola, no recreio, íamos sempre por aí afora a dizer a tabuada. Tínhamos de a saber toda. Hoje não sabem, hoje os meus filhos têm aquelas calculadoras, fazem e pronto. Não sei se é dos professores, se é a maneira de ensinar agora... as coisas são diferentes.
MC – Pois... é a maneira de ensinar.
C – O nosso também era mais exigente. Tínhamos ciências, vocabulário, história, geografia, tínhamos aquilo tudo... português... matemática.
H – E tinham de saber tudo de cór, não era?
MC – Tudo!
C – Para História é que eu nunca dei nada. Não conseguia decorar lá aquela coisa toda... mas pronto. Lá está, era boa a matemática e a português, não dava erros... já era bom!
MC – E eu gosto muito de História.
C – Há pessoas que gostam muito de História. Mas eu não conseguia decorar aquilo tudo!
MC – Pois, eu gostava de História.

– Maria Fernanda da Silva Cardoso Luís –

Naturalidade: São Tomé e Príncipe
Data de nascimento: 17-01-1942
Residência actual: Vales (Cardigos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 6.º ano de Românicas; Curso do Magistério Primário.

– Luís Farinha Cardoso –

Naturalidade: Vales (Cardigos, Mação)
Data de nascimento: 27-12-1934 [faleceu em 24-12-2021]
Residência à data da entrevista: Vales (Cardigos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

Entrevista conjunta a Maria Fernanda Cardoso Luís e seu marido Luís Farinha Cardoso, realizada por Helena Cabeleira e António Manuel Martins Silva, em Vales, Cardigos (07-10--2019). Dada a riqueza de informações e amplitude do espólio documental desta antiga professora primária, justificou-se a realização de outra entrevista informal relacionada com a consulta e digitalização de materiais pedagógicos pertencentes ao espólio pessoal da entrevistada (16-10-2019).

– Maria Fernanda da Silva Cardoso Luís... recapitule lá o seu percurso de escola, desde a primária.
– Fiz a primária lá em África até à 4.ª classe. Não terminei a 4.ª classe. Vim para aqui, depois a minha mãe internou-me em Abrantes, no Colégio de Nossa Senhora de Fátima, e elas não me levaram a exame e eu não fiz exame. Fiz só um ano. Estive ali um ano. Um ano ou dois já não sei, já não me lembro bem. Para fazer a 4.ª classe, e depois como elas não me levaram a exame, depois...
– E não a levaram a exame porquê?
– Porque eu não devia estar preparada para aquilo. Aquilo antigamente era muito exigente.
– Eles é que tinham de decidir se o aluno estava pronto para ir a exame, ou não?
– Exatamente. E, então, depois eu fui fazer exame a Lisboa, porque uma prima minha que era professora me levou lá. Fui fazer exame da 4.ª e da admissão.
– Essa prima era professora em Lisboa?
– Em Lisboa.
– E lembra-se da escola em que foi fazer o exame de admissão?
– Olhe, eu sei que foi na Rua de Angola a 4.ª classe e... a admissão foi no Liceu Maria Amália se não me engano. Julgo que foi assim.
– Sabe as datas mais ou menos dessas coisas?
– Ai não. Não...
– Já não se lembra? E a idade que tinha?
– Não, não, não. Não me lembro.
– E a idade que tinha na altura em que fez essas provas? Com que idade é que veio de São Tomé? Com que idade é que foi para Abrantes? Com que idade é que foi para Lisboa?
– Tinha os meus dez anos, onze anos, mais ou menos, ou coisa assim.
– A Fernanda não se lembra de quando fez o exame da 4.ª classe em Lisboa?
– Não, não me lembro, não.
– Teria o quê? Onze anos, doze?
– Talvez. Não sei. Onze, não sei. Não me lembro disso. Sei que depois, portanto, fomos para lá. Eu, portanto fiz o chamado liceu. Andei lá no liceu em São Tomé. E fiz até...
– Ah... porque depois de fazer cá o exame e a admissão à 4.ª classe... voltou para São Tomé para fazer o liceu?
– Exatamente. Sim senhora, para fazer o liceu. E então fiz, e fui até ao 6.º, mas não terminei o 6.º ano.
– O tal de românicas?
– Exatamente. Porque depois eles chamaram-me para... eu tinha feito uma... tinha preenchido umas coisas sobre o curso que eu queria seguir, e depois eu preenchi aquilo e, então, eles depois mais tarde chamaram-me. E eu fui frequentando o 6.º ano de românicas. Depois, então... eles chamaram-me, eu vim para cá e fui para Castelo Branco tirar o meu curso. Dois anos.
– Portanto, foi para São Tomé, lá inscreveu-se no liceu... ?
– Sim senhora, fiz... esses anos até ao 6.º ano. Lá é que eu preenchi tudo. E depois... lá também... me deram um papel quando eu terminei o 5.º ano, deram-me um papel para eu preencher que curso é que eu queria tirar.
– Mas cá já em Portugal?
– Pois. Lá não havia. Então eu tive de vir para cá. Então eu preenchi esse papel, mas enquanto não sabia o resultado eu fui...
– Era uma espécie de concurso, era isso? Você tinha de concorrer a vagas, era isso?
– Exatamente. Exatamente. E, então, eu frequentei as românicas, o 6.º ano de românicas, só até à Páscoa, mais ou menos. Pois. Eu depois terminei, porque me chamaram daqui que

já estava inscrita aqui e tudo. Depois de preencher aquilo tudo, aquele inquéritozito, então eu vim para cá e fui para Castelo Branco estudar.
– Qual foi a escola de Castelo Branco?
– Vamos lá ver... era os Fradinhos, se não me engano, por trás dos bombeiros de antigamente, os Fradinhos ali em frente ao Liceu Nuno Álvares, na rua... à esquerda subíamos e havia uma escola... era particular. Era uma escola particular.
– Ainda existe a escola?
– Não sei, não sei. Nunca mais lá fui.
– Então, e o que fez lá nessa escola particular foi equivalente a quê? Ao liceu, ao magistério?
– Sim, era só... era o liceu. Pois, eu estudei latim...
– No fundo, mais ou menos o que estava a fazer em São Tomé veio fazer... repetiu cá?
– Não, não. Não repeti. Depois entrei no magistério. Depois entrei no magistério. Era o chamado Magistério, que era os Fradinhos, onde a gente ia fazer.
– Então esteve em São Tomé, entrou aí nas românicas, e depois entrou aqui para o Magistério?
– Entrei logo aqui para o Magistério, sim.
– E isso também foi por concurso? A Fernanda também teve que fazer por concurso?
– Não. Acho que não. Não, não me lembro nada disso. (...) Foi dois anos. (...)
– Dois anos no Magistério... na escola dos Fradinhos? Castelo Branco, não é?
– Acho que era Fradinhos. Eu já não me lembro bem. Sim.
– Não tem presentes essas datas? (...)
– Não, não, não, não. Devia ser em 60/61, no ano 60/61, acho eu. Quando entrei devia ser 59/60, acho eu, não sei, só vendo... não sei, não fixei essas datas.
– A Fernanda é professora do ensino primário?
– Sim, sim, sim. Eu depois tirei o meu curso, fui defender também... não era tese, eu não sei como é que se chamava aquilo... eu sei que fui a Coimbra e vieram os professores para nós respondermos. Tivemos que dar uma aula, demos uma aula e depois, então, respondíamos e preenchíamos também um...
– Vamos recuar aqui um bocadinho... os seus pais que nível de escolaridade é que tinham? O seu pai?
– 4.ª classe. Tinham os dois a 4.ª classe. Ai... a minha mãe não. O meu pai tinha.
– E a sua mãe? Não tinha nada?
– Acho que não.
– Era analfabeta?
– Quer dizer, sabia assim umas coisitas, mas não era... não... ela escrevia e tudo. Era sim senhora. E lia e tudo.
– Então não era analfabeta?
– Pois não, não era. Mas não tirou a 4.ª classe.
– E frequentou a escola?
– Ai isso agora já não me lembro. Não me lembro que ela me tivesse dito isso assim. Do meu pai lembro-me que ele disse que andou lá na escola ali nas Cimadas, e vinham a pé daqui para as Cimadas para fazer.
– O seu pai... os seus pais eram daqui dos Vales, os dois?
– Sim, sim. Daqui dos Vales os dois.
– Então o seu pai... não havia escola aqui nos Vales?
– Não, iam para as Cimadas. Ia até às Cimadas e lá é que fazia a 4.ª classe. Mas a minha mãe escrevia e lia. É muita complicação!...
– Então o seu pai se fosse vivo... em que ano é que ele nasceu, sabe?

– O meu pai morreu com cento e um anos. Isso lembro-me eu. Foi há vinte anos. Foi quando o meu pequenito nasceu, o meu mais novo, o meu neto mais novo. Foi em 99 que ele morreu, 1999 se não me engano.
– Então o seu pai nasceu em 1898.
– Devia ser isso assim! A data... ele fazia anos em 30 de abril, agora não me lembro o resto.
– (...) Como se chamava o seu pai?
– Francisco Luís Cardoso. Só se a minha irmã tiver assim na memória, porque eu não me lembro, mas era a 30 de Abril que ele fazia anos e que morreu depois em 99, no ano 99.
– Estas contas são boas de fazer. Ele nasceu em 1898.
– Agora assim, de cór, não sou capaz de fazer as contas. (...)
– Estou intrigada é com a sua mãe. Então o seu pai fez a 4.ª classe, o que é que ele fez toda a vida de profissão?
– Comerciante.
– O facto de ele saber ler e escrever naquela época foi uma coisa importante para a profissão dele?
– Sim senhora.
– E conte-me lá da sua mãe. A sua mãe como é que se chamava?
– Maria Jorgina da Silva Cardoso.
– Sabe a idade que ela teria se fosse viva?
– Eu sei que ela morreu com setenta e seis, setenta e sete.
– Em que ano? Não se lembra?
– Isso já não. Do meu pai fixei. A minha irmã ainda é capaz de ter isso lá na memória. Mas eu não me lembro. Já vai uns anos, já...
– Ela era quanto mais velha que o seu pai?
– Não era mais velha. Tinham diferença, se não me engano, de dez anos.
– Mas não me sabe dizer mais nada sobre essa questão? A sua mãe sabia ler...
– E sabia escrever.
– Nunca foi à escola?
– Nunca.
– Não sabe se ela terá... ela não falava dessas coisas? Se aprendeu com ajuda de alguém?
– Não me lembra, não me lembra. Isso é capaz de ter sido.
– Ou alguém de família que a ensinou?
– Isso talvez, sim.
– Ou ela própria, por curiosidade, quisesse. Não há ninguém da sua família que saiba alguma coisa dessa história?
– Só perguntando à minha irmã se ela se lembra.
– Só tem esta irmã, é isso?
– Só! Sim. Tem setenta e três. (...) Temos diferença de dois anos. Setenta e cinco, desculpe lá.
– E que nível de instrução é que a sua irmã tem?
– A minha irmã andou a estudar, mas eu não sei se ela chegou a fazer o 5.º ano. Parece-me que ela tem o 5.º ano. Ela queria seguir...
– Mas não seguiu?
– Não, porque depois a minha mãe adoeceu e ela teve de ficar a tomar conta da minha mãe.
– Mas ela queria ter seguido alguma área?

– Queria, queria. Não sei se era a parte comercial se o que é que era... se era a parte comercial se era industrial, ela já me disse tanta vez, mas olhe que eu não fixo. Era um curso desses práticos. (...)
– A Fernanda tem quantos filhos?
– Tenho um.
– (...) E que estudos é que ele tem? Tem estudos?
– Ele tirou o 5.º ano, se não me engano, parece-me que foi. Eu sei que ele depois não quis estudar mais. O 5.º ano daquele ano, do ano dessa altura que é o 8.º ou 9 ou o quê que é isso.
– O seu marido tem estudos?
– Ele andou a estudar em Cardigos e não sei se foi o 2.º ano que ele tirou... do liceu. Vinham ali uns professores antigamente (risos). Olhe, ele é que pode responder a isto. Devia ser 2.º ano do liceu. Ele depois ainda foi para Vila Franca estudar, mas ele é que sabe responder a isso, eu não sei.
– Então, diz a Fernanda, que ele tirou o 2.º ano do liceu com professores particulares que vinham aqui a Cardigos?
– Sim, vinham aqui. Ele e o meu cunhado iam a Cardigos, com mais uma malta, todos, encontravam-se ali, porque vinham ali uns professores. Se não é o 2.º ano, é assim coisa assim pouca que eles tiraram lá.
– Nós queremos é saber destes casos de pessoas que têm escolaridade por vias até informais... ou seja, que não foram a escolas oficiais, foram a estes sistemas... com mestras, com professoras, com pessoas da família que ensinavam, quer dizer... eles sabem as coisas ao nível daquela instrução, mas não têm certificação, está a ver? (...)
– Eu, por acaso, também tenho a fotografia da minha escola onde andei em São Tomé.
– A Fernanda lembra-se do primeiro dia em que entrou numa escola, ou foi à escola como aluna?
– Como aluna? Da primeira vez não me lembro, mas lembro-me passados uns tempos de estar na 3.ª classe naquela escola.
– Não se lembra do primeiro dia?
– Não. Isso não. Não me lembro de nada. Então, lembro-me de tudo o que se fazia lá, como é que era, como é que funcionava aquilo tudo com as professoras. Não é nada como isto. Havia uma coisinha... (risos).
– Que era uma palmatória?
– Exatamente!
– E como é que era essa palmatória?
– Eu tenho a minha ali escondida. Tenho! (risos) Quando eu terminei o meu curso, nós pusemos as fitas todas na palmatória.
– Mas diga-me, lá em São Tomé também tinham isso, era igual?
– Ai sim, sim. É mesmo em São Tomé que eu estou contando-lhe isto, de São Tomé. Mas aqui também tinham isto de palmatórias, mas não, mas no tempo em que eu comecei já não.
– No Magistério? Já não se aplicava a palmatória? E lá você lembra-se de andar na escola e da palmatória funcionar?
– Exatamente. E também me lembro de ter apanhado aqui muito... umas palmatórias, mas foi ali no concelho de Mação.
– No colégio?
– No colégio de Mação, exatamente. Também andei ali em Mação, é verdade. Agora é que me lembrei. Fiz lá o meu 2.º ano. Agora é que estou a ver...

– Então, andou na escola primária de São Tomé... depois veio para a escola de Nossa Senhora de Fátima em Abrantes e depois daí veio para Mação?
– Foi. E tenho impressão que vim para Mação... foi, exatamente... agora é que estou a recordar.
– Antes de ir para Lisboa?
– Não, depois de vir... quando eu vim da admissão, da 4.ª e admissão, é que eu entrei ali para Mação. Fiz o 1.º e o 2.º ano. (...)
– Que escola é essa?
– Foi do Lalanda. Aí aplicaram umas palmatórias (risos). Andei lá mais a minha irmã. Julgo que foi o 1.º e 2.º ano ou o 2.º e o 3.º, já não me lembro. Eu sei que a minha irmã fez lá o 2.º e teve de ir a Santarém fazer. Agora não me lembro do resto. Aí é que havia umas palmatórias de vez em quanto. E quando eu estava na escola em São Tomé.
– Depois de fazer esse liceu ali é que foi para África outra vez, foi?
– Sim, sim. Depois fui para África acabar o resto. O resto até chegar ao 6.º ano, porque não acabei o 6.º ano de românicas (risos). Isto é muita baralhada! E vá que eu ainda me estou a recordar dessas coisas... mas mal, muito mal!
– A Fernanda não se lembra exatamente do primeiro dia de escola, mas lembra-se do método, das coisas lá da escola primária?
– Exatamente. Aquelas orelhinhas de burro... exatamente. Depois mandavam-nos assim para a janela.
– E as professoras lá que você teve, eram professoras portuguesas?
– Algumas eram brasileiras.
– Professoras brasileiras? Como é que se chamava a sua escola lá, lembra-se?
– Sim senhora. Era a escola de São Tomé... .era dentro da cidade.
– E havia mais escolas?
– Não, era só aquela.
– Então, lembra-se quantas professoras lá existiam ou quantos alunos?
– Ai isso não me lembro. Uma era... uma que era chamada Célice... era mestiça. E a outra era brasileira.
– A sua como é que se chamava, a sua professora, lembra-se?
– Já não me lembro se era Corina ou o que era. Qualquer coisa assim, não me lembro. Pode ser que a minha irmã se lembre, mas eu não me lembro.
– Mas a sua irmã teve um percurso semelhante ao seu?
– Muito. Só que a minha irmã acabou por ficar lá eu vim para aqui para Castelo Branco. E ela ficou lá com a minha mãe, porque a minha mãe era doente... ficou lá a tomar conta da minha mãe. (...)
– Então, a sua professora era uma professora, é isso?
– Julgo que era uma professora ou Corina ou não sei. Era uma brasileira... julgo que sim, já não me lembro muito bem. Sei que havia aquela história, mas já não me lembro das outras professoras. Destas duas lembro-me da Alice e da Corina.
– Não se lembra assim de nada de especial, uma roupa que tenha vestido, uma coisa que tenha levado para a escola ou o que fosse assim o seu material de escola? O que é que costumava levar para lá? Onde escrevia? Se era uma lousa, se era...
– Era sim senhora, isso lembro-me eu. Era lousa, e eu até guardei isso. Tenho, tenho! Eu guardava essas coisas.
– Tem isso? Quer dizer, você não se lembra de nada, mas depois tem tudo! (risos)
– Ai tenho essas coisas. O lápis é que não sei se ele anda ali. Mas lembro-me de nós termos uma pedra, era lá onde escrevíamos na pedrinha, com um lápis de pedra, e tínha-

mos uma esponja, e os livros ainda tenho alguns, o João de Deus... tenho tudo guardado lá em baixo.
– Olhe, mas são os seus ou são coisas que depois comprou?
– Algumas são minhas e as outras ainda fui juntando.
– Não se lembra de uma roupa que a Fernanda tivesse vestido, não se lembra em ocasião nenhuma da escola, sei lá, no seu exame? Não houve nada, porque era hábito as raparigas quando iam a exame levarem um vestido novo e há algumas que se lembram disso.
– Disso não me lembro nada.
– Lembra-se da escola? Do edifício da escola? Lá em São Tomé. Tem fotografias disso?
– Sim. Tenho fotografias só da escola. Só tenho uma. (...)
– Lembra-se de alguns companheiros de escola que andaram consigo?
– De alguns só.
– E não tem noção se era muita gente, se eram poucos da sua classe?
– Não, não. Eu lembro-me, por exemplo, desse que lhe puseram as orelhas de burro. Lembro-me, disso lembro-me de porem o miúdo, pois, o rapaz.
– E qual foi o motivo, lembra-se porque o puseram de castigo?
– Ou porque não sabia a tabuada... ou não sei o que era.
– Essas orelhas de burro era a professora que fazia ou vocês é que faziam?
– Não, acho que já vinham dos outros tempos, não sei.
– Dos tempos em que andou na escola, e agora aí pode ser desde a primária até outros tempos de escola da Fernanda... porque, pelos vistos, há aqui muitos tempos de escola diferentes e em sítios diferentes...
– Exatamente.
– Há assim algum episódio que a Fernanda se lembre, que lhe tenha ficado sempre na memória? Alguma coisa que se tenha passado, algum episódio... a Fernanda ser castigada ou a professora a elogiar, ou, sei lá, às vezes outra coisa que não tenha nada a ver direto com a escola, mas a Fernanda quando pensa no seu tempo de escola aquilo vem-lhe à cabeça?
– Que eu me lembre... pelo São João há ali em Mação... a gente à noite fomos para lá ir, mas depois no outro dia fomos chamadas à história...
– Eram internas?
– Não, não, não. Vivíamos num chalé que estava ali em Mação, mas ela era um bocadinho exigente, a filha dele, desse Lalanda.
– Como é que ela se chamava, lembra-se?
– Mariazinha... Mariazinha não era... Mariazinha, parece-me.
– Mas o nome mesmo dela não sabe?
– Não sei. Sei dizer que ela depois castigou-nos, porque nós não tínhamos que ir para lá. Quer dizer, aquilo era como se estivéssemos internadas num colégio, mas não estávamos. Vivíamos num chalé, mas ela veio a saber que nós tínhamos lá andado, investigou...
– E repreendeu-as?
– Sim.
– Castigou-as de alguma maneira?
– À minha irmã parece que lhe deu um castigo. Umas palmadas. Acho que sim.
– À Fernanda não?
– Não me lembro assim de ter apanhado palmatoadas, mas castigo sim. Mas vigiava-nos assim! Seguia-nos nas ruas, e o que nós fizéssemos na rua, éramos chamadas à atenção depois lá na escola.

– Fernanda, dos professores que se lembra, há algum que tenha ficado mais gravado, por bons ou por maus motivos? Devem ter sido bastantes, não é? Porque começou em São Tomé...
– Lembro-me quando andava no 6.º ano de românicas, não havia professores de Grego... tinha Grego, tinha Francês, tinha Latim e Português. E como não tínhamos professor, o diretor da escola, do liceu, é que tomou conta da gente, a mim e a outros colegas. Os outros colegas eram dois rapazes e duas raparigas se não me engano. Íamos lá para o gabinete dele, estávamos ali, e ele perguntava-nos qualquer coisa, e tal: "Respondam lá, vejam lá, vão respondendo" e passado um bocadinho quando a gente olhava estava... (gesto).
– Estava a dormir?
– Sim! (risos)
– Lembra-se do nome dele?
– Ai não... (risos).
– Mas isso, basicamente, era ocupação de tempos livres, não é? Porque vocês não tinham as aulas...
– Não tínhamos as aulas, porque não tínhamos professores e ele levava-nos para ali e ia--nos ensinando, por exemplo o Francês, que não havia professores como há agora. Disso tenho assim uma vaga ideia.
– E aqui em Portugal, lembra-se assim de algum episódio com alguma professora... dessa que era ríspida?
– Pois, essa era mais exigente e levávamos castigos. O resto não.
– Ela castigava, mas também dava algum incentivo a si ou aos colegas? Quando tinham bons resultados incentivava, havia alguma coisa que ela fizesse para motivar os alunos a estudar?
– Ela era muito exigente para fazer os exercícios e para fazer os trabalhos, tudo, ai isso era. Elas exigiam ali da gente, não estávamos a brincar. Se estivéssemos a brincar levávamos um castigo.
– Mas imagine que você fazia lá alguma coisa que até estava bem no entender dela, e ela dava-lhe algum prémio ou algum incentivo?
– Não, isso não. Não me lembro nada disso.
– Considera que algum destes professores que passaram pela sua vida, foram decisivos para si, para querer ser professora ou para seguir os estudos?
– Sempre tive assim... foi sempre a minha inclinação sempre, foi...
– A família incentivou-a?
– A minha mãe disse: "Tu é que sabes, fazer o que tu quiseres." E o meu pai.
– No fundo, os seus pais podiam dar esse apoio.
– Pois.
– Mas não houve nenhum professor... dessas pessoas que a incentivaram?
– Não, isso não me lembro.
– Agora temos aqui um rol de perguntas, que tem mais a ver com o seu dia a dia, enquanto foi aluna. Mas aqui há duas coisas... porque a Fernanda tanto foi aluna, como também foi professora. Mas eu já percebi que, enquanto foi aluna, a Fernanda não tem assim grandes referências... porque saltitou muito, não foi?
– Não, não. Pois.
– Mas não se lembra dos horários, o tipo de coisas que vocês davam na escola?
– Sei que nós trabalhávamos ao sábado. Tínhamos escola da parte da manhã.
– Ao sábado, lá em São Tomé?
– Sim.

– E o que é que davam?
– E havia a Mocidade Portuguesa também.
– Mas lá em São Tomé?
– Sim senhora.
– E a Fernanda fazia parte disso?
– Olhe aí já não estou muito certa, muito certa disso, mas sei que tínhamos a Mocidade Portuguesa e se não me engano era à 4.ª feira... de tarde.
– E o que faziam exatamente? Que atividades é que faziam?
– Eu não sei... não sei se eram marchas se o que era. Olhe, já não me lembro. Sei que havia. Até aqui ainda houve muito tempo. A escola ao sábado, aqui, de manhã. As professoras dantes, ao sábado de manhã, estavam aqui a trabalhar.
– Então só não tinham aulas ao domingo?
– Só ao domingo é que não tínhamos, de resto era a semana todos os dias! Incluindo o sábado de manhã.
– Lembra-se das escolas onde esteve, onde andou, se a escola era muito longe da sua casa ou o sitio onde a Fernanda ficava a viver? Ia sempre a pé? Era uma distância de quantos minutos a pé? Dez minutos, um quarto de hora?
– Ia sempre a pé. Era uma distância pequena... talvez dez minutos. A gente muito pouco andava de carro, antigamente.
– Por isso é que fazia toda a diferença viver numa terra com escola, ou não. Porque muita gente também deixou de estudar porque...
– Nós vivíamos na cidade, na cidade em São Tomé, sempre na escola dali, não era muito longe. E o Liceu também, ainda era mais perto do que a Escola Primária.
– Nunca esteve em situação de ter de ir para a escola e aquilo ser muito longe ou demorar muito a chegar lá?
– Não. O mais longe que estive foi aqui no Magistério, porque eu vivia cá do lado do hospital e tinha de ir depois para o lado dos bombeiros... .mas era tudo ali na cidade.
– Então, os horários escolares eram de segunda a sábado, não é?
– Sim senhora. Sábado só de manhã, se não me engano, só de manhã. O resto é que era todo o dia.
– Todo o dia, mas o horário mais ou menos?
– Era até às cinco horas. Todo o dia não era.
– É que a maior parte das pessoas diz-me que era das nove às três da tarde, mais ou menos.

[Entra Luís Farinha Cardoso (L) na conversa com Maria Fernanda (F) e Helena (H)]

L – Ai não. Ultrapassava. Dependia da aproximação de exames, ou assim.
F – O exame da admissão não se fazia aqui. Tinha de se ir longe.
H – A Fernanda lembra-se, neste caso, das comidas... se davam algum tipo de alimentação na escola? Se davam algum tipo de apoio?
F – Não, não. Lá não. Nada. E vinha almoçar a casa.
H – Lembra-se como é que eram os rituais... chegava à escola de manhã, tinha de fazer fila, cantar ou rezar, entrar para a escola. Lembra-se quais eram os rituais que faziam?
F – Isso já não.
H – Não se lembra de nada? Tinha farda? Usava farda na escola?
F – Uma bata branca.
H – Uma bata branca. Lembra-se de haver esse tipo de situação... a sua professora... por exemplo... aqui na escola dos Vales, eles andavam a brincar cá fora, viam a professora

chegar, e faziam duas filas... tinham de se pôr em linha para a professora ver as mãos, porque a professora não queria ninguém com as unhas sujas. Lá em São Tomé, por exemplo?
F – Isso não me lembro.
H – Havia dentro da sua sala alguma coisa? Um mapa, uma imagem, uma fotografia? Que tipo de coisas é que existiam lá?
F – Só as fotografias do Salazar... e o crucifixo.
H – Em termos de edifício como é que era essa escola lá em São Tomé, lembra-se?
F – Tinha uma entrada com portão.
H – Era tipo as nossas escolas portuguesas, esta arquitetura, ou era diferente?
F – Era diferente. Eram. Tínhamos janelas também diferentes.
H – E em termos de objetos lá dentro, o que é que havia de material?
F – Mapas, havia uns quadros, o giz com que a gente escrevia, havia as pedras onde a gente escrevia... que isso trazíamos nós e levávamos sempre para casa. Lembro-me do crucifixo, do Salazar e do Carmona.
H – A que é que vocês brincavam?
F – Fazíamos jogos. Jogo do mata... isso eu jogava imenso, eu e a minha irmã. Jogávamos assim às pedrinhas também. Tínhamos cinco pedrinhas na mão, jogávamos as pedrinhas e depois como é que era? Havia um buraquinho e empurrávamos as pedrinhas lá para dentro.
H – Tipo um jogo de berlindes, mas sem os berlindes, não era? Com as pedrinhas?
F – Exactamente.
H – Que materiais é que a Fernanda tem do seu tempo de escola, enquanto foi aluna ou enquanto foi professora? O que é que guardou? O que tem? E até que não se importe que nós tiremos fotografias, ou eventualmente que nos possa ceder, temporariamente, para uma exposição que nós gostávamos de fazer com estes materiais das pessoas, ali na Escola da Fundada. (...)
F – Eu cheguei a trabalhar na escola de Salavisa, que é perto da Fundada... .não cheguei a ir, porque fecharam a escola e depois tive de ir para Vila de Rei trabalhar.
H – Então deu aulas em Vila de Rei?
F – Terminei em Vila de Rei. (...)
H – Assim, no geral, a Fernanda já me disse que tinha uma palmatória que foi do seu tempo de magistério.
F – Exatamente. Com as fitas de curso, exatamente. Foi assim que nós terminámos o curso.
H – Nessa altura, quando a Fernanda terminou o seu curso no magistério, foi nos anos 60?
F – Sim.
H – A palmatória, embora a Fernanda se lembre das professoras enquanto você foi aluna usarem a palmatória, quando você se transformou em professora já não era muito hábito usarem a palmatória?
F – Não senhora.
H – Ou, pelo menos, era uma coisa que já era um bocado reprimida?
F – Sim senhora.
H – Quando a Fernanda andou a estudar no magistério o que lhe diziam lá é que aquilo não era para usar?
F – Pois. Exactamente.
H – E, portanto, quando vocês terminavam o curso aquilo ficava... quase tipo... como um emblema, era uma coisa mais simbólica, não era?
F – Sim senhora.

H – Do tipo: isto aqui é só para enfeitar não é para usar, não é?
F – Exatamente!
H – Pronto. E sente mesmo isso? A Fernanda como professora nunca usou? Nunca foi adepta dessa prática?
F – Não, não. Não senhora. Mas de castigos...
H – Puxava as orelhas?
F – (risos) Até houve um, há uns tempos, que me disse assim: "Oh professora, mas porque é que você me fez isso?!" (risos). Eu não sei!!! (risos). "A professora não se lembra de me puxar as orelhas? Porquê? Era porque eu estava sossegadinho!" (risos), "Então já sabes porque é que era!" (risos).
H – Assim, objetos que a Fernanda tenha guardado, o que é que tem mais, além da palmatória? Tem a lousinha, não é? Uma pedrinha de lousa.
F – Tenho. Tenho a cartilha, se não me engano, de João de Deus, que foi aquela que eu dei quando andei na escola. Essa lembro-me eu, sim senhora. Tenho o livro, se não me engano, da 1.ª classe, o Livro de Leitura, não tenho a certeza. Da 1.ª não, da 2.ª! A História de Portugal, a Gramática, e todas essas assim...
H – Portanto os livros estão guardados?
F – Sim. Mais ou menos, não sei é se estão todos. Mas tenho, tenho.
H – Fotografias? Da escola de São Tomé? De quando fez os cursos? Tem os diplomas?
F – Também tenho. Tenho, mas vamos lá a ver se sei onde ele está. (...)
H – E coisas do seu tempo de professora? O que é que tem?
F – Ai! Isso... tenho coisas que fiz com os miúdos, trabalhinhos, manuais e trabalhos de projectos e coisas assim que fizemos... ai disso tenho montes deles! Tenho tudo guardado. Tenho os livros todos assim feitos. Ah!... e o que a gente fazia no Magistério! Que aprendemos. Costura. Bordados. Está ali tudo... eu para guardar, guardo tudo... (risos).
H – Tem provas de exames? Aqueles caderninhos diários?
F – Isso é que eu não sei se tenho.Mas disso talvez lá haja muita coisa... não sei. Mas que eu guardei tudo, guardei. Trabalhinhos manuais que eu fiz com as crianças, desenhos, tenho. (...)
H – Provavelmente tem muita coisa...
F – Ai Jesus! (...)
H – A Fernanda repetiu algum ano? Reprovou?
F – Não.
H – Olhe, como é que era na sua escola, era só ensino feminino ou só masculino, era misturado?
F – Era misturado. No meu tempo lá em África era misturado.
H – E cá em Portugal também?
F – Cá em Portugal... lá no Lalanda... era misturado, era.
H – A Fernanda tem o seu diploma de escola primária?
F – Não.
H – De Magistério?
F – Julgo que tenho. (...)
H – A Fernanda lembra-se, no seu tempo, que tipo de colegas é que a Fernanda tinha a andar na escola consigo, e se havia muitas diferenças ou discrepâncias em termos sociais?
F – Não. Muita amizade.
H – Lembra se havia pessoas com mais dinheiro, pessoas com menos dinheiro, pessoas que viviam melhor, pessoas que viviam pior? Havia muita diferença? Era tudo mais ou menos igual? Em termos de classes sociais?
F – Havia, havia mesmo... ainda agora, de vez em quando... mas muita diferença, não.

H – Era tudo mais ou menos igual?
F – Sim, sim, sim, sim. Tinham comércio também.
H – Eram pessoas que viviam bem?
F – Sim, sim, sim. Lá em África. Estou-me a referir em África.
H – Pois, pois.
F – Era. E mesmo agora a gente ainda contacta com algumas, de lá, de quando éramos pequenas.
H – Mas que vivem lá ou que já cá estão?
F – São de cá.
H – Havia gente lá de São Tomé, que fossem à escola consigo? Mesmo nascidas lá?
F – Sim, estas que estou a dizer. Essas nascidas lá, também, algumas. (...)
H – Quando pensa nesse tempo, mais de quando andou na escola, a Fernanda seguiu os estudos, foi sempre os estudos que quis ir? Foi sempre aquilo que a Fernanda quis seguir foi esse caminho? Ser Professora?
F – Sim, pois. Nunca mudei para outro lado.
H – E também nunca: "Ai, fui para aqui, mas gostava de ter ido por outro lado."
F – Não, não. Por acaso não. Sempre tive a mania que havia de ensinar! (risos)
H – Qual é que era a sua disciplina preferida na escola, quando andava a estudar? Havia alguma coisa que gostasse mais, o Português, a Matemática, o Desenho, a Geometria, isto, aquilo... ?
F – Desenho não! Que eu não sou dada a essas coisas. (risos)
H – Mas das Ciências, do Português, do Francês, sei lá...
F – Talvez o Português sim. Apesar de não falar muito bem, mas vá...
H – Houve alguma história, um personagem de uma lição, que a Fernanda tenha decorado, ou tenha fixado? Sei lá, há pessoas que se lembram de um poema, de uma cantiga, de uma história.
F – Da Carochinha, por exemplo. Assim não me lembro de nada...
H – A Fernanda acha que foi boa aluna naqueles tempos?
F – Média! (risos)
H – Portanto, a Fernanda fez os seus estudos, acabou o Magistério e depois como é que foi o percurso profissional? O que é que fez exatamente? Onde? Mais ou menos em que data?
F – Ora bem. Entre o 1.º e 2.º ano do Magistério casei. Casámos e ele foi-se embora. Teve de se ir embora lá para o Congo, porque ele já lá estava no Congo, depois foi para o Congo. Depois, ele foi para o Zaire.
H – Espere lá. Quando casaram... fez o Magistério e ficou cá?
F – Exatamente.
H – Mas ficou logo a exercer? Ficou logo colocada?
F – Não, não. Porque depois fomos embora, eu fui lá ter. E depois estive lá até que o Paulo nasceu, e depois eles correram com a gente... e o meu marido ficou lá a trabalhar. Eu tive que vir embora, porque estava grávida.
L – Porque havia lá uma guerra... uma guerra entre tribos... e nós estávamos dentro da guerra... e ela estava grávida.
H – Lembra-se em que ano foi?
L – 63/64.
F – O Paulo nasceu em 64, em Abril de 64... tive que vir para ele nascer. Nasceu aqui em Proença-a-Nova e então depois eu estive cá... quanto tempo? Já não me lembro. E depois eu fui lá ter outra vez, com o Paulo pequenito. O Paulo depois... não foi? Exatamente. Ficou lá, e eu entrei aqui em contacto com as colegas...
H – Do Magistério?

F – Não, com as colegas que estavam aqui a funcionar, aqui nesta escola, por causa do Paulo que já estava na idade de estudar. E eu, então, entrei em contacto com elas e elas disseram: "Está bem Fernanda. Então vamos fazer assim, a Fernanda vai-o ensinando aí" e eu preparei-o lá até à 3.ª classe.
H – Então a Fernanda deu aulas ao seu filho?
F – Exatamente! Até ao 3.º ano. Sempre em contacto com ela, com a professora que estava aqui, e ia-me dizendo: "Então e agora?", "Oh Fernanda, é melhor ele vir, porque ele tem que fazer depois aqui os testes", isto na Páscoa mais ou menos. E depois, então, ele veio para aqui e no 3.º ano, então, ele fez a ficha e passou para o 4.º ano. Então depois entrou aqui na escola e daqui seguiu. Eu depois fiquei cá, e não fui mais para lá, porque eles correram depois com a gente...
H – Quer dizer, foi naquele período em que estavam a iniciar a descolonização, não é, no Congo Belga? Vocês estiveram exatamente onde?
L – No Zaire.
F – No Zaire, em Bulungo... pertencia a Quiquite. Nós estávamos no interior.
H – Como é que era a vida lá? O que é que faziam lá?
L – Eu?
F – Era comerciante lá... ia para os mercados.
H – Quantos anos é que estiveram lá, ao todo?
F – Nós os dois? Estivemos lá... sei lá... já não me lembro também.
H – Dez anos?
L – Não chegou, não.
H – O Luís, então, foi para lá antes de se casar?
F – Sim, devia ter sido uns 4 anos antes de casar.
H – Então... mas depois ficaram cá definitivos, não é? Em que ano?
F – Em 74. Eu concorri depois.
H – Já foi com o 25 de Abril?
F – Exatamente! E foi a partir daí é que eu comecei a trabalhar.
H – No 25 de Abril voltaram para cá, definitivo, e a partir daí é que começou cá a dar aulas?
F – Exatamente.
H – Conseguiu logo colocação para dar aulas?
F – Tive logo colocação. No primeiro ano fui colocada na Louriceira que fui substituir um colega que era tropa, um mês... fui substituí-lo até ao Natal. Depois dali, sempre tive escola. Depois dali fui para onde? Para a Moita Recome, não foi? Já não sei se foi para a Moita Recome, se foi para o Freixoeiro. Eu tinha isso tudo ali escrito.
H – Mas tem registo disso?
F – Tenho isso tudo registado! Fui para ali para a Moita Recome, ou para o Freixoeiro, e depois tudo isso se foi desenrolando... para a Chaveira também... fui colocada na Chaveira dois anos, ou um.
H – Tem lá senhoras que tenham sido suas alunas?
F – Não são elas, as que lá estão. São já de idade, aquelas que lá estão. Mas tive rapazes e raparigas que foram meus alunos. Por exemplo, um advogado que fala aqui num canal de televisão, na SIC, Paulo Saragoça, foi meu aluno. Era dali da Chaveira. E depois uns pintores, uma malta que anda por aí... ainda ontem fui ao talho e um deles passou, e parou e cumprimentou-me... foi assim. A vida desenrolou-se.
H – E ficou em alguma escola, mais fixa, ou andou sempre a circular?
F – Ai foi sempre... em princípio, foi sempre a saltitar. Fui para a Atouguia... não cheguei a ir porque troquei.

H – Mas sempre aqui no Concelho ou não?
F – Sempre aqui, à roda...
H – E depois quando estabilizou, estabilizou em algum sítio?
F – Em Vila de Rei.
H – Em Vila de Rei. Qual era a escola em Vila de Rei?
F – Lá no centro da cidade. Dei lá aulas... na velha. Depois dali fui para o Vale da Urra e do Vale da Urra... Ah pois foi, fui para a telescola no Vale das Casas.
H – Deu telescola?
F – Dei. Dei telescola dois anos. No Vale das Casas.
H – No Vale das Casas?
F – Que é ali para o Concelho de Mação... Chão de Codes...
H – Como é que foi essa coisa da telescola? Conte-me lá. O quê que se passou lá? Como é que a Fernanda se adaptou àquilo? Como é que era o sistema, o método? Como é que era aquilo?
F – Aquilo, quer dizer, tínhamos o televisor, eu explicava a lição, depois eles iam-se embora terminada a sessão. Depois eu continuava a explicação, íamos escrevendo, íamos fazendo exercícios.
H – O que é que a Fernanda acha em relação àquilo que era o sistema antes da telescola? O que é que aquilo veio trazer de novo? O que é que achou que, em termos de eficiência, na parte pedagógica... se era mais eficaz... se acha que aquilo contribuía de alguma maneira... .?
F – Não... eu acho que não, acho que não.
H – E os alunos que a Fernanda tinha eram todos com as mesmas idades? Com aquelas classes? Ou havia idades discrepantes, havia alunos com idades diferentes?
F – Mais ou menos, da mesma idade.
H – Eram sempre com a mesma idade?
F – Sim.
H – E a Fernanda, então, deu a telescola, mas dava na sua sala de aula?
F – Sim, sim, sim.
H – E tem conhecimento de pessoas... isso que me estava a falar, era o quê, anos 80, finais de 70, a telescola?
F – Anos 80 talvez, 80 e tal. (...)
H – A Fernanda não tem conhecimento de nenhum caso, de alguma pessoa que tenha aprendido a ler e escrever sem ter ido à escola?
F – Não.
H – Diga-me mais qualquer coisa em relação a esse percurso. Depois ficou sempre por aqui, sempre deu aulas... ?
F – Eu depois concorri. Concorria todos os anos para Santarém e então fiquei na Atourguia também, fui colocada para Benavente, mas troquei. Sempre havia trocas. E então consegui sempre ficar cá para cima. Fiquei sempre cá em cima e depois terminei... foi no Vale da Urra, e terminei em Vila de Rei.
H – A Fernanda aposentou-se com que idade?
F – Devia ter sessenta e três anos. Dei na escola nova também, terminei na escola nova de Vila de Rei. Depois fecharam a velha, e depois da velha passei para o Vale da Urra... depois é que fecharam o Vale da Urra também, e eu passei para a nova de Vila de Rei, para aquela que está lá do outro lado. (...)
H – De tudo aquilo que a Fernanda passou, conheceu e saltitou, o que é que nota de grande diferença, se é que nota alguma, da escola do seu tempo para a escola do seu filho,

por exemplo? Se houve uma grande mudança que a Fernanda tenha notado... alguma coisa em termos dos hábitos, dos métodos de ensinar, dos conteúdos?
F – Eles aí respeitavam mais, eram mais... e mesmo, acho, que estavam com mais atenção dentro da sala e tudo.
H – No tempo do seu filho?
F – Do meu filho. Até mesmo do meu neto, do Zé Maria também. Depois então é que a coisa começou...
H – E porque é que diz: "A coisa começou... ", como? Explique lá melhor isso.
F – Assim, quer dizer, não respeitam ninguém, é uma coisa por demais.
H – Mais indisciplinados?
F – Sim, sim, sim, sim. Felizmente a mim não me calhou nada.
H – Já não apanhou esse tempo?
F – Não apanhei essa parte não, não.
H – Quando está a dizer... isso foi o quê? Conhecimento que tem, como avó, de ir acompanhar os seus netos?
F – Sim, sim.
H – Notou uma grande diferença?
F – No tempo deles ainda respeitavam os professores e tudo, mas depois a partir daí para baixo é que começou... é que foi pior.
H – Há um momento qualquer... que a Fernanda tenha conhecimento... em que houve alguma alteração assim mais, sei lá, que tenha sentido como professora, por exemplo? Mudou alguma coisa na sua prática ou alguma reforma, alguma legislação, alguma diretriz que a Fernanda tenha sentido assim: "Epah isto agora... "
F – Papeis! (risos). Eram mais papeis, já começavam ali os papeis...
H – Foi isso que sentiu? Mas depois, em termos práticos na aula, acha que isso interferiu com aquilo que a Fernanda fazia com os alunos?
F – Isso aí não, porque era mais nas reuniões... .mais um papel para aqui, mais um papel para ali...
H – Quando é que a Fernanda sentiu isso? Mais ou menos em que altura?
F – Sei lá. Quando eu estava mesmo quase a chegar ao fim, vá.
H – Sim, já quase em tempo de reforma.
F – Sim, é que começaram a haver muitos papeis, muitas reuniões, muita...
H – E foi assim uma coisa repentina?
F – Repentina talvez não, mas notou-se bem! (...)

[Entra António Manuel Martins Silva (A) na conversa com Maria Fernanda (F), Luís Cardoso (L) e Helena (H)]

H – Luís, lembra-se do primeiro dia em que foi à escola?
L – Oh não, não.
H – Não se lembra de nada? A Fernanda contou-me aqui uma história... também por isso é que agora eu precisava que me confirmasse... que o Luís, já com a 4.ª classe, ainda fez qualquer coisa a seguir. Conte-me lá essa história.
L – Primeiro andei em Cardigos na dona Celeste. (...) Era no prédio Moleque, onde está agora aquele...
A – Onde está o Marques, aquela casa?
L – Exatamente!
A – Nessa casa aí... que era a casa dela... ela formou aí uma espécie de ensino.
H – Alternativo?

L – Particular.
A – De ensino particular. Então, como as pessoas... só havia liceus na sede de distrito, e como nem todas as pessoas tinham possibilidade de estudar em colégios particulares, ela preparava-os para ir a exame. Não era assim Sr. Luís?
H – Exame de liceu era isso?
L – Sim, exatamente. Era a dona Celeste. (...)
H – Essa senhora preparava, então, um grupo de pessoas ou de rapazes sobretudo, não? Quem quisesse ir aprender mais para além da escola primária?
L – Éramos muitos, éramos muitos. Aqui da Roda...
A – Era o Carpinteiro, o Artur, o João Catarino da Chaveira, era o Adelino do café.
L – Sim, isso. Opah... da Pracana, da Roda eram uns três ou quatro.
A – Era o Zé António das Casas da Ribeira, ali o do banco, o gerente do banco.
L – Exatamente.
H – Era uma turma, aquilo era uma turma. E isso funcionava quantos dias por semana? Era a que horas?
L – Todos os dias. Das nove até às...
H – E depois, no final foi a exame?
L – Eu não. Eu só ia lá por três disciplinas. Francês, Português e Matemática.
A – Mas houve pessoas que foram fazer exame a Santarém.
L – Sim, senhor.
H – Olhe, lembra-se do seu professor primário ou da sua professora primária aqui nos Vales, na escola primária?
L – Professor Lamas.
A – Isso, o professor Lamas. Qual era aquele que era muito mau? Era o Coruche?
L – Era o Coruche! Mas esse já não foi do meu tempo.
H – Mas não se lembra do primeiro nome dele?
L – Ticlídio da Silva. E era daqui. Porque a senhora dava aulas no Freixoeiro e ele ia de cavalo até lá. Foi o meu primeiro. Da 4.ª classe foi...
A – E não havia uma professora também chamada Geninha?
L – Já não foi do meu tempo. A Geninha era antes de mim. Para mim foi a Anita.
A – Não havia uma chamada Glória?
L – Também.
H – Do seu tempo, quando andou da 1.ª à 4.ª classe, foi sempre o mesmo professor ou foram diferentes?
L – Ui! Num mês tinha uns quatro ou cinco! Um morava aqui, nesta casa, que era o "come e dorme"... a malta chamava-lhe o "come e dorme"... não era oficial, era...
A – Era regente?
L – Era regente. Era. Morava aqui.
H – Então quantos professores é que teve, mais ou menos, não se lembra?
L – Ui... muitos.
H – Qual é que é o professor de que se lembra mais?
L – O Lamas.
H – E o primeiro nome dele qual era? Não sabe? Porque é que se lembrava dele? Porque era bom, porque era mau?
L – Para mim foi o que ensinava melhor.
H – E esse professor dava-lhe castigos? Eram professores que batiam?
L – Ai Jesus!!! Uma vez estávamos na tabuada, uma série deles à volta do professor, perguntou quanto é que era 3x9... quando chegou à minha vez "27", eu por acaso, a tremer disse. Mas com os outros, foi logo à chapada.

H – Senhor Luís, mas levava com ‘a menina dos cinco olhos’?
L – Ele batia.
H – Com a menina dos cinco olhos, não era?
L – Era uma ripa. São coisas que nunca se esquecem.
H – O Sr. Luís não guardou nada do seu tempo de escola? Não tem certificado da 4.ª classe, não ficou nada?
L – Não, não.
H – Também não tem fotografias, não há nada do tempo de escola?
F – Isso não. Não tenho nada dele, de escola.
H – Depois de ter feito esses anos do liceu aqui, com essa professora...
L – Em Vila Franca também estive, no liceu Sousa Martins. Era a mesma coisa.
H – O que é que estudou lá?
L – A mesma coisa. Português, Francês e Matemática.
H – Sim. Mas fez o equivalente a esses anos de liceu, foi? Os mesmos que fez aqui ou foram... ?
L – Quer dizer, eram só disciplinas.
H – Isso em que altura? Lembra-se da data, mais ou menos?
L – 50.
H – Com que idade, então, é que entrou para a escola primária?
L – Fui para a escola primária com sete anos.
H – Nunca reprovou?
L – Reprovei. Houve um ano...
H – Tinha quantos anos quando fez a 4.ª classe? Quanto tempo é que demorou para fazer o exame da 4.ª classe?
L – Ai isso foi só um ano.
H – Desde que entrou até que fez exame foram quantos anos?
L – Ah!!! Uns cinco ou uns seis. Tinha uns treze, mais ou menos.
H – Lembra-se de ir à prova, fazer o exame?
L – Ai pois! Tinha tanta sorte que fomos fazer exame a Mação. Levámos o farnelzito e tal, eu mais o Manel Pegente ficámos oito dias, estás a ver? Em Mação... houve um, que era o último, e à espera que chamassem para exame demorou oito dias.
A – Então e ficaram onde?
L – Epah... onde é agora os jornais... tem lá uma loja, era aí em cima, havia uma Pensão. (...)
H – E ficavam aí e depois iam fazer exame na escola primária de Mação era isso?
L – Naquela escola que está lá ainda. Primeiro era a escrita, pois. A prova oral ficámos...
A – Uns iam, já me contaram também alguns, que outros iam lá faziam a prova escrita e vinham de cavalo sem esperar. Em vez de ficarem lá à espera, vinham para cá e depois iam lá fazer a prova oral... iam de carroça.
L – Nós, só se fosse a pé.
H – E os castigos que lhe davam na escola primária eram só na base da pancada, ou havia outras coisas?
L – Era só na mão.
H – Não punham ninguém no canto com orelhas de burro? Não havia nada disso?
L – Não, não.
F – Isso já era finado! (risos)
H – O que se lembra desse dia da prova? O Luís foi fazer a prova da 4.ª classe, quem é que o examinou? Lembra como é que se chamava a pessoa que examinou... se era um professor se era uma professora?

L – Não, não... era um professor.
F – Aquilo era um júri. Aquilo eram três professores. (...)
L – Era mais do que um.
H – Não se lembra dos nomes de ninguém, das caras de ninguém?
L – Não. A gente queria era sair de lá para fora!
H – Pois. O que lhe perguntaram, também não se lembra de nada?
L – Ai não. Houve um que estava a fazer exame e a gente assistiu, porque o Assis... uns vieram-se embora e nós ficámos e, então, ele estava a fazer... e o examinador perguntou-lhe: "Olha lá, de que cor é o sangue?", "É verde", ele estava a olhar: "É verde!"... Epah é das coisas que não esqueci, é, é, é verde!
H – Isso no exame? Então, mas conte lá quando foi para Vila Franca o que é que se passou lá? O que é que andou lá a fazer em Vila Franca? Esteve no liceu, mas chegou a fazer... ?
L – Foram só essas três disciplinas. Era só para eu ter mais conhecimentos do Francês.
H – Sim. Porque precisava de ir para o Congo, não é?
L – Exatamente.
H – Pronto. Depois lá, nunca mais estudou, não é?
L – Nada!
H – Não tem assim nenhum episódio da escola que queira contar ou que se lembre?
L – Não.
H – Há alguma coisa que se recorde que os seus amigos de escola, os seus colegas de escola... ?
L – Aqui nesta escola, aqui já nesta escola.
A – Já andou nesta?
L – Andei, vim para ali.
H – Quando?
L – Na 4.ª classe.
H – Fez a 4.ª classe aqui nos Vales?
A – Isso já foi em 40 e tal.
L – Sim. Eu vou-te contar a história. No dia do exame a Alzira passou. Traziam um foguete e o Zé Martelo atirou a bomba e: "Anda cá! Toma lá"... Pumba, nos dedos! Pronto. Ficou sem dedos. Era o Zé Martelo, era a alcunha. Tinha falta dos dedos.
F – Eu também me lembro de quando o Barradas veio fazer exame da 4.ª classe, vinha num autocarro, e chegaram lá em baixo, paravam lá em baixo o autocarro, e a mãe saiu lá de dentro e disse assim: "A minha filha ficou distinta e apanhou uma distinção!" (risos)
H – (...) Tem uma casa que é uma bibliotecazinha, é?
F – As pessoas deitavam fora os livros, e eu aproveitava-os. (...) Lá em baixo eu tenho muita coisa, muita coisa. (...)
F – Pois, eu e a minha irmã vamos à Chaveira, todas as 4as Feiras, das três às quatro... psicólogas, estão também a fazer coisas para a gente se lembrar... a recolher canções de antigamente, as coisas dos antigos... a alimentação... é todas as 4as Feiras, a Câmara lá organizou aquilo. Vai buscar as pessoas à Roda, ao Casalinho, a todo o lado. (...)
H – Durante anos, anos e anos os livros eram os mesmos.
A – Era o livro único.
H – Era o livro único... e eram os únicos, para sempre! (...) Isto eram trabalhos que fazia lá na escola com os alunos?
F – Não, eram feitos em casa, com os pais (...). Este era de um miúdo ali de São João do Peso... os pais é que faziam isto. (...) Os pais faziam isto e depois os miúdos traziam para a escola. E eu fui guardando, guardando.

A – É um augadouro... augadouro era para augar! Era uma cabaça, e depois vieram os de chapa, zinco. Uma picota... tinha outro nome... cegonha, cegonha. Foram os árabes que trouxeram isso para a Península Ibérica, do Egipto, isso foi inventado no Egipto. Depois veio pelo Norte de África adiante, e os árabes é que trouxeram isso para a Península Ibérica. (...) Onde é que estão os arquivos destas escolas todas? Onde é que era a delegação escolar de Vila de Rei?
F – Quando a gente vai da praça por aquela rua estreitinha, logo ali numa curva, ia-se para um café, era aí a delegação escolar. Mas depois morreram, e aquilo tudo fechou... e então passam lá para a escola. (...)
A – Toma aí nota das escolas por onde a Fernanda passou.
F – Louriceira, isso era em Mação. Vale das Casas. E como é que se chama aquela ali junto à Fundada? Vale da Urra...
A – Na Biblioteca Municipal de Vila de Rei, está lá um arquivo de escolas por aldeias.
L – Louriceira... isso não pertence a Vila de Rei?
F – Louriceira é Mação... eu sei que tinha de atravessar a ribeira e ir a pé.
A – Em Vila de Rei, está lá na Biblioteca o arquivo das aldeias por pastas, e a gente vai lá ver por aldeia, as escolas. (...)
H – Então, a Fernanda andou por aqui a rodopiar à volta, mas aqui nunca deu, nos Vales?
F – Aqui não. Dei na Chaveira.
A – Na Chaveira e no Freixoeiro. E na Moita Recome.
H – Portanto, isso foi tudo nos anos 80 e depois?
F – Sim, devia ser sim. Devia ser. Ainda fui colocada na Atouguia também.
L – Atouguia da Baleia.
A – Atouguia da Baleia? Na zona de Torres Vedras?
F – Troquei com outra colega. Estávamos lá a concorrer e eu fiz assim com o dedo e ela depois disse assim: "Ai para onde é que foi? Para onde é que está?", "Ai, eu fui colocada aqui na Atouguia não sei onde isto é!", "Ai espere aí que eu fui colocada na Moita Recome!", "Ai então espere aí!"... .vamos lá já trocar aqui as duas!
H – Eram outros tempos, não eram?
F – Então não eram?!
H – Eram outros tempos. Tudo isso era assim, pronto.
A – E então, porque é que não podia ser assim?
H – Então... porque não é! Porque as pessoas não podem sequer interferir, em nada, mesmo nessas questões, no que dá jeito e não prejudica ninguém... não dá para fazer nada. É tudo por concurso, por internet, por sorteio... é assim.
A – Pois é! (...) Vou contar uma história aqui da escola primária, com a 'Marilena'... é uma professora que tem referência aqui. Anos e anos. Uma vez a um sábado, a gente ia para ali ao sábado à tarde. Era todo o dia! Era a limpeza da escola, e quem estava de castigo, fazia os castigos ali. Uma vez vim para ali, com um caderno... eu escrevia Brasil com um "z", e então andei 100 vezes... escrever 100 vezes... não! Encher um caderno, até era mais de 100 vezes! "Brasil"... uma tarde inteira, era ali... "Brasil, Brasil, Brasil"... com "z", não! Com "s"... "Brasil, Brasil, Brasil"... nunca mais. Agora, eu já era um visionário, porque agora Brasil, segundo o acordo ortográfico, pode-se escrever com "z" e eu já previa isso tudo! Já escrevia com um "z"!! (risos) Ainda por cima, em Inglês, é com "z"... mas eu tenho uma história que mais ninguém tem! Nem sei se alguém no mundo tem... eu bati na 'Marilena', na professora, uma vez!
F – Ah sim?!
A – Bati... bati, e de que maneira! Uma vez ela bateu-me... eu apanhava quase todos os dias... portava-me mal... e uma vez, coitada, a 'Marilena' estava por aí, de inverno passava

aí em casa das pessoas, em casa dos pais, a passar o serão no inverno, para passar a noite e tal (risos). Um dia apareceu lá em minha casa, estavam lá na cozinha a encher... tinha-se morto o porco nessa semana anterior, e estavam lá, ao fumeiro, a encher os enchidos, não é? A encher os enchidos para pôr ao fumeiro... com as varas e tal... ela entra, eu via-a entrar, passei-me e peguei numa vara, e mandei-lhe com a vara acima! Mandei-lhe uma cacetada com a vara do enchido do fumeiro, porque eu pensei assim: ela dá-me lá em casa dela, aqui come ela!! Só que ela levou aquilo para a brincadeira... a minha mãe queria-me logo bater, mas ela achou piada, e safou-me! Por isso é que eu digo: eu bati na professora!
H – Fernanda, nunca lhe aconteceu assim um episódio qualquer? Mesmo com os seus alunos?
F – Não. Eu só tive um miúdo... mas esse tinha problemas... não era autismo, era outra coisa qualquer que ele tinha... e depois eu disse-lhe assim... ele estava a trabalhar, e espalhava tudo, depois atirava tudo para o chão, e dava assim com a carteira, e os outros foram para o intervalo e eu disse-lhe assim: "Olha, espalhaste isto tudo, apanhas tudo, senão não vais para a bola." Começou a deitar tudo para o chão... "Ai é? Eu vou perder o intervalo, mas tu também perdes. Fica um e o outro aqui dentro da sala." E ficámos lá os dois dentro da sala.
A – Se calhar era hiperactivo.
F – Era isso, era. (...)

[Conversa entre Maria Fernanda Cardoso e Helena Cabeleira (16-10-2019), enquanto selecionavam materiais do espólio pessoal da entrevistada (fotografias, livros, materiais escolares, etc)]

F – Uma sebenta, um caderno de linhas.
H – Que bonito e está preenchido. Fernanda, tem que me contar a história destas coisas. Lembra-se, isto foi de quem?
F – É a minha letra, dá-me a impressão que sim... Maria Fernanda Cardoso Lopes.
H – Está aqui, está. Então isto foi mesmo seu... de aprender o quê? A escrever?
F – Pois. Tínhamos que fazer isso.
H – Tanta coisa! Tanta coisa que está aí...
F – Isto é para caligrafia. Olhe, isto era meu também, isto também era meu, mas era do colégio, lá em São Tomé, liceu D. João II em São Tomé. Isto está tudo velho, estas coisas, isto está para aqui tudo...
H – Isto tem data e tudo.
F – Jogos.
H – Isto... é de lá também? Liceu D. João II, é o de São Tomé?
F – É. Ah, está aqui a Cartilha João de Deus. Tínhamos estes cadernos. Olhe, isto foi quando a gente andou a estudar para professora, tínhamos que treinar e fazer isto também. Eu tinha que fazer aqueles bordados que iam lá no album. Era, a gente aprendia tudo isso, essas coisas, esses moldezinhos e depois também aprendia a bordar...
H – Fernanda... com a distância do tempo... porque é que eram aqueles trabalhos manuais que vocês tinham que aprender a fazer, se era para darem aos alunos na escola... ?
F – Tínhamos que fazer...
H – E faziam, com os meninos, esse tipo de trabalho?
F – Não, não. Mas as nossas mães mandavam-nos fazer.
H – Então, aprendiam isso no Magistério, basicamente, não é? Para ser professora?
F – Sim, sim. Foi no Magistério, esses bordados, isso tudo.

H – Qual é que era a disciplina, lembra-se? Em que disciplina é que faziam aqueles bordados?
F – Já não me lembro disso. Sei-lhe dizer que bordávamos aos bocadinhos e era ...
H – Para fazer um portfólio, que é assim que se chama, um caderno... ?
F – Pois. Eu trouxe algumas coisas, o lápis... e a palmatória não é? (...) Esta é a palmatória... e estas são as fitas do curso.
H – Fernanda... isto é tudo precioso! Eu tenho que fotografar isto...
F – Deixo! Deixo!
H – Estes livrinhos que estão aqui... a Fernanda lembra-se o que é que foi seu? De aprender, de quando andava a aprender na escola? E aqueles de quando já era professora?
F – Sim, sim, lá de S. Tomé. Mas foi mais na Cartilha, na Cartilha principalmente.
H – Então foi na Cartilha que aprendeu, na primária?
F – As primeiras letras. (...) Eram as pessoas que nos ofereciam as fitas (...). A palmatória era... as fitas eram penduradas aqui... quando a gente terminou o curso.
H – E a Fernanda chegou a usar isto? Usava nas aulas?
F – Não, não, isto guardei ali porque era uma recordação.
H – Era um símbolo?
F – Pois, exatamente, ia isto tudo aqui amarrado e a gente ia à missa...
H – Lembra-se onde é que foi fazer as provas?
F – Foi lá na escola, foi lá na escola. A cerimónia foi na igreja de Castelo Branco, lá na Sé, agora o resto já não me lembro onde é que foi...
H – Não ficou com fotografia nenhuma dessa altura? Desse tempo?
F – Temos, mas é dos colegas todos nas escadas da escola. (...) Então não é que agora não encontro o grupo todo? Eu tinha uma com o grupo todo. Olhe, isto era eu a estudar. Isto éramos nós na escola, isto era um colega meu, isto são os miúdos, isto sou eu na escola... aqui são os miúdos comigo... e não encontro a outra em que estamos todas juntas. (...)
H – A Fernanda tem muita coisa, guardou muita coisa...
F – Jesus, Nossa Senhora! E tenho o livro de quando a gente terminou o curso: “Ide e Ensinai”, era o título do livro. Pois eu andei ali à procura... aqui estamos todas as colegas. Isto foi uma cópia que eu tirei para enviar. De vez em quando ainda comunicamos umas com as outras. (...)
H – Isto é muito engraçado, estas coisas... porque depois cada pessoa tem uma coisa diferente.
F – Pois tem. A gente amarrou-as todas, fizemos um laço e íamos com isto assim na mão para a igreja.
H – Tudo enrolado neste cabo... preso. Então, diga-me lá uma coisa, isto foi a fotografia que tirou quando andou a estudar na escola?
F – Estávamos lá todos, sim.
H – Qual era esta escola, como se chamava?
F – Era Os Fradinhos, antigamente chamava-se assim.
H – Os Fradinhos, em Castelo Branco? Era essa escola que preparava aqui as professoras... da região?
F – Sim, era por trás dos bombeiros, antigamente os bombeiros... Nuno Álvares.
H – Lembra-se quem eram os professores? Nomes de professores?
F – Não, isso já não me lembro.
H – Está aqui algum?
F – Não. Éramos todos colegas. Este parece-me que andou em Mação comigo.
H – Não sabe identificar estas pessoas, o nome delas?
F – Este parece-me que se chama Grilo... não sei, dos que estão aqui.

H – Perdeu contacto?
F – Sim, sim, alguns tenho, outros não. Esta era daqui, ao pé da Amêndoa.
H – Então, faça-me um favor, eu agora tiro a fotografia e a Fernanda com um bocadinho, fazendo assim da esquerda para a direita, a primeira fila... .esta, nome, se conhece o nome da pessoa.
F – Alguns já não. Isso eram os colegas.
H – Pois, eram os colegas do curso... e homens também, estão aqui homens.
F – Sim, sim, eram também, ainda há uns tempos encontrei-os e eles disseram para eu ir lá ter a um almoço lá num restaurante e eu fui lá, já ia tarde, mas fui lá marcar presença.
H – Isto é tudo do seu tempo de estudante, é isso?
F – Sim, sim, sim, quando andei em Castelo Branco.
H – Disse-me que também tinha uma fotografia da escola em S. Tomé.
F – Pois tenho, vamos lá ver se ...
H – A pouco e pouco lá vai trazendo as fotografias... não sabe de datas, quem é que tirou a fotografia?
F – Ah, não, isso não. Escola velha... isso era o que vinha já escrito, e nós tínhamos que fazer isso, tínhamos que apresentar esses trabalhos. E está aí o ano, não está aí o ano?
H – Está... isto foi quando andou na escola primária?
F – Primária, sim senhora.
H – Antigamente... tanta coisa que se fazia, tanta coisa que se fazia...
F – E depois, olhe, nada foi aplicado! Tínhamos de ter a letra certinha!
H – E a sua irmã, andou nas mesmas escolas que a Fernanda?
F – Sim, sim. Eu nem me lembrava que nós tínhamos estado dois anos no colégio de Abrantes, chumbámos o 1.º ano... já não me lembrava disso. A minha irmã tem 75 e eu tenho 77, dois anos de diferença, não chega bem a dois anos, para aí 24 meses...
H – Isto é uma relíquia, este livrinho. Aliás, nem sei... acho que nunca tinha visto nenhum destes. A Fernanda tem ideia se, cá em Portugal, se usava este mesmo livrinho?
F – Ai, aqui não sei. Isto era tudo de lá, isso era lá... do liceu. (...)
H – Então, vamos aqui ver uma coisa. Fernanda, os livros que foram seus da primária, e os outros que foram seus de professora, de quando você era professora. Usou os seus, quando era professora? Na primária, chegou a usar alguma coisa?
F – Não. Já era outra coisa. Olhe, este até era da minha irmã. Este... espere aí... Iniciação da leitura e da escrita... O meu trampolim... então mas isto foi quando? Já não me lembro... este não tem cá data nem nada... 1.ª fase, até já se falava em fases... no meu tempo não se falava em fases, era a 1.ª classe, a 2.ª classe, a 3.ª classe e mais nada. Só se era quando eu comecei com os miúdos. Ah, esta tabuada também era, isto também era, a gramática... e este era o vocabulário do livro, que vinham à parte.
H – Isso foi tudo seu, não é?
F – E da minha irmã também. Este vocabulário, eu tenho a impressão que já é depois com os miúdos na 3.ª classe. Olhe, este também era meu, acho eu...
H – No total, a Fernanda foi professora quantos anos?
F – Então, foi de 1975 a 2005. Olhe, este também era meu... a História de Portugal, bem me parecia... era esta. Está aqui o nome do meu primo, mas eu fui lá, porque eles quiseram deitar isto fora, e eu apanhei tudo. Eu apanhei este lixo todo! Eu disse: "Não deita fora, se faz favor!" O vocabulário não, esse já era de outra secção... Colégio D. Pedro V, isto já foi em Mação, isto já foi em Mação, o nosso horário, aqui neste caderno diário. Isto eram os cadernos diários que a gente usava, e estes eram os cadernos de uma linha, do meu tempo... caderno diário, este era dos quadradinhos, para fazer as contas.
H – E este foi o seu caderno, mesmo? Que coisa preciosa...

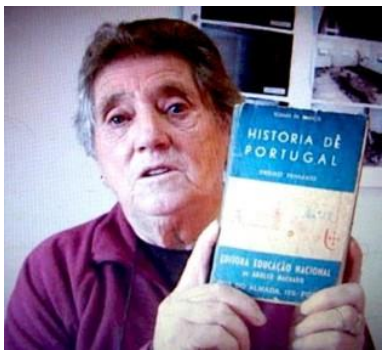
F – Pois. Olhe, cá está, um caderno de duas linhas. A gente fazia os exercícios aqui também.
H – E esses cadernos de duas linhas, qual é que era a finalidade?
F – Eram os trabalhos para casa. Eles punham-nos uma frase e a gente escrevia, tinha que fazer aquilo tudo bonito...
H – Tipo redação, era? Punham uma frase para desenvolver?
F – Pois, e a gente tinha que dizer. Ora, isto não interessa porque isto é um trabalho mas é da telescola... da telescola e do 1.º ciclo.
H – Portanto, isto era tudo seu?
F – E da minha irmã, pois, eu guardei tudo. Olhe! Uma das professoras que a gente teve, Eugénia Pires de Moura, professora de Ciências, quando eu andava lá a estudar em São Tomé. E aqui, não sei quem era esta... ela era professora de Geografia e Ciências.
H – Não tem ideia do ano em que teria sido? Foi 60s com certeza...
F – Estes aqui... foi no 3.º ano e 4.º ano do liceu já. Isto já era do liceu, estes cadernos que estão aqui, porque ela era professora de Ciências e Geografia. Este é do Colégio de S. Tomé também. Havia estes cadernos. Este era de Português, 54/55... este livro com que eu fiz a primária! 1.º ano, olhe!... 54/ 55, está aí. Depois, isto aqui também era, mas era do 1.º ano, pois. Aqui já era do 2.º... 27 de abril de 61, era a aluna número 4 de Português. Isto que está aqui... Liceu D. João II também. Isto foi quando eu já andava no liceu, em 61... isso era na escola primária... e esta era a escola primária.
H – Bom... eu posso fazer uma exposição só com as suas coisas!
F – Então, mas há-de haver muita gente que também tem isso..
H – Não, ninguém tem, Fernanda. Então este tipo de cadernos assim, pessoais, diários, ninguém tem, ninguém guardou.
F – Esse era da minha irmã. O livro de leitura, portanto, era o vocabulário... acompanhava sempre o livro.
H – Caderno de vocabulário... e depois tem ali a data. Isto é uma preciosidade...
F – Ah! Um livro de história do tempo do meu pai! Ainda ontem estivemos a olhar para eles...
H – Mas era da escola dele?
F – Não, era uma coleção... pois, ele gostava da história.
H – O seu pai andou na escola, disse-me a Fernanda...
F – Ali nas Cimadas. E também temos uma carteira da escola primária... está lá em baixo também.
F – O meu pai tinha livros antigos muito bons. Mas não tinha a 4.ª classe, não chegou a fazer a 4.ª classe.
H – Antigamente era a 3.ª.
F – É isso, pois. Ele era comerciante, sempre foi comerciante. (...)
H – E esta sebentinha, é uma sebentinha de algum aluno seu, se calhar?
F – Sim, sim. Ou isso até pode ter sido de uns meus primos meus. (...) Isto é da telescola...
H – A Fernanda fez parte disso?
F – Dois anos. No Vale das Casas que pertence ali a Vila de Rei.
H – O que é que fazia, lá nas aulas? Como é que era acompanhada a televisão?
F – Primeiro eram elas que falavam na televisão, a gente captava, ouvia, e depois tínhamos sempre estas fichas, que eles depois iam seguindo... com as fichas, e estudavam assim. E depois a gente marcava trabalhos a seguir... era não sei quanto tempo que estava a televisão a trabalhar, depois parava, e nós trabalhávamos o resto do tempo com eles..
H – E a Fernanda fazia alguns relatórios, havia alguma coisa, alguma inspeção?

F – Ai isso havia, de vez em quando vinha o inspetor, sim, sim, vinha lá de vez em quando.
H – Havia lá alguém que fosse aqui da zona, que fosse o inspetor aqui da zona?
F – Quando foi a telescola era um colega meu, que era dos Envendos, ou daqueles lados ali, para lá de Mação... acho que de D. José das Matas.
H – Não se lembra do nome dele? Colega seu, portanto, seria da sua idade?
F – Sim, sim... agora não me lembro o nome dele.
H – A Fernanda sabe quantas escolas tinham? Eram só algumas?
F – Ai, não sei. A minha vinham lá de vez em quando, ver...
H – Isso foi em que anos? Foi no início, quando começou a dar aulas, ou já foi mais para a frente?
F – Não, foi mais para a frente.
H – Anos 70?
F – Não sei quando é que lá estive... .
H – A telescola começou em 64.
F – Foi? Então deve ter sido nessa altura. Foram só dois anos que eu estive no Vale das Casas com os miúdos... tanto que, depois em Vila de Rei, tive alunos que eram filhos dos que eu ensinei.
H – Está aqui, olhe! No seu tempo, isso foi nos anos 80. Eu tenho que confirmar, eu às vezes confundo... telescola foi... é que eu às vezes confundo... a telescola, acho que foi em 64 ou 65... embora a fase auge disto tenha sido nos anos 70 (...). Portanto, nestes anos a Fernanda trabalhou com estas fichas. E a Fernanda lembra-se... do que, na altura, pensou... .se isto ajudava ou não ajudava o professor, o que é que achou naquela altura?
F – Eu estava com medo... porque era a primeira vez que eu estava a trabalhar e eu dizia: "Ai o Francês, isto vai-me atrapalhar... "
H – Então o que é que dava lá?
F – Francês, História... tal e qual como fosse do 1.º ano, que agora é o 5.º. Era o 5.º e o 6.º, portanto, era o 1.º e o 2.º ano da telescola. Saiam da 4.ª classe e entravam logo na telescola porque não havia ali liceus, não havia...
H – Então era mesmo isso... era o equivalente ao 1.º ano a seguir à primária. E os alunos depois ficavam todos, ou só ficavam alguns, como é que era? Os que acabavam a 4.ª classe, depois tinham a opção de ir para a telescola, não é? E por norma os alunos continuavam para a telescola ou desistiam, a maior parte deles? Não se lembra?
F – Pois. Não, eles depois acabavam por ir para Vila de Rei, os que eram dali e acabavam os estudos lá.
H – Pelos vistos, a telescola não funcionou muito?
F – Pegou algum tempo e depois (...).
H – Isto são daqueles trabalhinhos dos provérbios.
F – Ah, isso foi feito com os miúdos na escola.
H – Sim, já é recente porque já tem internet, de 2005.
F – Pois, já, já...
H – Que foi o ano em que se reformou?
F – Em 2005, sim senhora, exatamente. E fiz também um livro sobre Vila de Rei mas não encontro o livro... já procurei por todo o lado e... não o acabei, porque foi quando eu me reformei, e pronto...
H – Mas fez um livro de quê? De memórias?
F – Com os miúdos, com os miúdos que traziam lendas ou tradições.
H – Tipo um apanhado das coisas locais?
F – Exatamente... eles tiravam fotografias. Não levou um que era sobre o Vale da Urra?

H – Eu levei, fotografei vários que tinham as escolas, alguns com as histórias das escolas, da Fundada, da Aboboreira. (...)
F – Vales de Mação, 94. Foi isto que era para ir para o lixo e a Fernanda foi lá apanhar tudo! (risos)
H – Isto é um livro de contabilidade...
F – Exatamente. E este é de matrículas... também era para ir para o lixo... 84.
H – A Chaveira também tem lá disto. (...)
F – Há aí mais coisas, de S. Tomé, acho eu...
H – De 58...
F – Pois, isso foi quando andámos na escola, no liceu. Isso é de quando andei a estudar no liceu. (...)
H – Estes livrinhos... isto é de quando?
F – Estes eram do meu Paulo.
H – 22 escudos e 500... de 75, este é de 75, portanto.
F – Foi de quando eu comecei.
H – Este foi dos primeiros, provavelmente, a seguir ao 25 de Abril e pode ter sido a mudança, foi para estes. A Fernanda por acaso não tem mais nenhum de matemáticas ou de... porque isto é importante, porque são os primeiros que provavelmente foram editados.
F – Pois, estes também eram dos primeiros. (...) Tenho lá mais coisas... e tenho lá a carteira, se quiser tirar uma fotografia à carteira... está lá em baixo. Depois vai lá ver e escolhe, e tire de lá o que quiser...
H – Eu já vi que isto vai ter continuação, porque não há muita gente a ter este tipo de coisas. As pessoas não têm, não guardaram e às vezes o que têm é o que existe. As escolas que foram agora desativadas, não é? Fizeram os Centros Escolares e a maior parte das escolas antigas foram desmanteladas, as Câmaras ficaram com os recheios das escolas, tiraram... vocês aqui ainda mantêm algumas coisas nas escolas... mas depende das autarquias, depende dos sítios. (...) Mesmo as pessoas com quem tenho estado a falar, mesmo as professoras (...) elas não guardam. Têm estas coisas, a palmatória, as fitas de curso, umas fotografias, algumas coisas, mas assim... não têm! E então, cadernos delas quando foram estudantes ou alunas, quase ninguém tem!
F – Ai não? (...)
H – Pronto! Então já sei com que materiais vamos fazer a exposição e depois temos que lhe pedir autorização para isso (...). Você conhece a escola da Fundada?
F – Mais ou menos.
H – É que, desde que deixaram de ter aulas nessa escola, a junta de freguesia manteve a escola tal e qual como ela era. Tem lá as fotografias ainda do Salazar e do Carmona e com o crucifixo e a mobília toda...
F – E aqui também. Tenho impressão que tenho isso, mas não tenho a chave, parece-me que é a minha irmã que tem a chave.
H – Da escola?
F – Sim. (...) Aqui fazem-se tantas exposições também.
H – Exposições?
F – Todos os anos, aqui na escola. Faz-se a festa, em Agosto.
H – Mas é exposições daquilo que as pessoas aqui no local fazem, trabalhos manuais e coisas assim como na Chaveira não é? Aqui à volta, das escolas que a Fernanda conhece... aqui a dos Vales, a da Chaveira, quais são as outras escolas que há aqui à volta, que são as pessoas que estão agora a ocupar... a escola?
F – Em São João do Peso não sei.
H – Nas escolas onde a Fernanda deu aulas?

F – Aí em S. João do Peso não sei, no Vale da Ura também não sei o que eles fizeram lá àquilo.
H – Não sabe o que é que se passa lá nas escolas?
F – Não sei.
H – Mas, no fundo, elas já não estão ocupadas com aulas?
F – Não, não, não.
H – Está tudo desocupado.
F – Tudo desocupado. É Vila de Rei... vai tudo para Vila de Rei agora.
H – Aqui também, pelos vistos, vão para Proença... não é? Os miúdos daqui?
F – Daqui vão todos para Proença.
H – A Fernanda tem ideia de quantos meninos é que há aqui agora na aldeia?
F – Agora? Aqui na aldeia, a estudar? Não sei, uns cinco ou seis.
H – Cinco crianças?
F – Um vai para Mação, e aqui estão os meus sobrinhos e dois da minha irmã, que são os netos da minha irmã.
H – Mas onde é que eles vão à escola?
F – A Proença.
H – Mas isso, se calhar, é porque os pais os levam a caminho para trabalhar... ?
F – Sim, sim. Pois elas vão trabalhar e deixam-nos lá.
H – E depois há uns que ainda vão a Cardigos, será?
F – Não, para Cardigos daqui...
H – Eu acho que a filha da Vera vai a Cardigos. E vem cá o autocarro buscar...
F – Exatamente. Vai essa e... há ainda outra miúda aqui, que eu não sei se vai para Cardigos, ou para onde ela vai... e vem aqui o autocarro buscá-la... vem aqui a carrinha buscá--las de vez em quando, parece-me que são duas miúdas daqui que vão para Cardigos... pequenitas, entraram para a 1.ª classe, se não me engano. Também há duas aqui que estão a trabalhar lá. Uma Vera e uma... na escola... estão lá a trabalhar, são auxiliares. E os outros que andam no colégio, lá no liceu são uns cinco ou seis, acho eu, que eu saiba.
H – Ali com as idades entre os 14, 15?
F – 15, exatamente... alguns, 12, a minha sobrinha acho que é 12.
H – Pois, 12, 13, 14 até aos 18 anos.
F – Pois exato.
H – Então ainda há o quê? Cinco jovens desses?
F – Mais ou menos, sim, cinco, seis jovens a estudar lá...
H – Esta aldeia, também no espaço de pouco tempo, deve ter ficado com pouca gente, não é?
F – Ah Pois! Então a gente agora não vê aqui passar ninguém, isto antigamente era gente nova, era mais movimentado... mas isto agora vê-se tudo assim, muito morto. (...)

– Maria Manuela Dias Martins Alves –



Naturalidade: Mação
Data de nascimento: 20-09-1937
Residência actual: Mação
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe (infância); 4.ª classe (adulta)

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Universidade Sénior de Mação (03-12-2019).

– O seu nome completo?
– Maria Manuela Dias Martins Alves. Alves é depois de casada.
– É natural de onde?
– Mação. (...)
– A sua data de nascimento?
– 20/09/1937.
– O seu estado civil, Manuela?
– Casada. Com um homem que fez hoje oitenta e cinco anos. (...)
– D. Manuela, as suas habilitações literárias, o que é que tem de escola?
– Fiz a 3.ª classe. Fiz a 3.ª classe aqui e depois fiz a 4.ª classe em Moscavide. No ano em que o meu filho fez.
– Portanto, no total tem a 4.ª classe.
– Tenho a 4.ª classe.
– Fez até à 3.ª classe na escola primária de Mação?
– Aqui, aqui, em Mação. E depois casei-me com vinte e três anos e fui para Lisboa. (...)
– Foi para a escola primária com que idade?
– Sete anos. Tinha feito sete anos no dia 20 de setembro e entrei para a escola no dia 7 de outubro com sete anos.
– E saiu na 3.ª classe com que idade?
– Tinha feito os dez.
– Tinha feito os dez. Isto foi em que ano, tem ainda presente? Nos anos 40?
– Para aí assim. Eu fiz setenta e cinco anos, que entrei para a escola o dia 7 de outubro, portanto 7 e 5 = 12... tenho oitenta e dois.
– Exato. E depois fez a 4.ª classe... ?

– Já depois de casada, já tinha o meu filho. Fiz no mesmo ano que ele fez.
– E fez em Moscavide, em Lisboa. Qual era a escola, lembra-se?
– Ai não sei. Eu andei num senhor que dava explicações, depois fomos fazer o exame lá.
– Portanto, esteve a aprender para a 4.ª classe com um professor particular?
– Mas eu sabia tudo. Tive, estive com o Sr. João. Sim, sim, sim. E até com o meu filho, no tempo da escola dividi tudo com o meu filho. No dia em que eu fiz exame na prova oral lá em Moscavide, os professores perguntaram e eu respondi tudo quanto lá estava e disseram assim: "Como isto ainda aqui não apareceu." Eu não me calei a nenhuma pergunta, respondi a tudo certo.
– Olhe, diga-me em que ano é que fez a 4.ª classe, tem presente?
– Não sei. Isso não me lembro. Só sei que casei com vinte e três, foi no ano em que o meu filho fez a 4.ª classe...
– A Manuela fez a sua 4.ª classe no ano em que o seu filho fez a 4.ª classe?
– Sim, sim.
– Então ele teria uns dez aninhos, onze anos?
– Sim, por aí assim, é natural. É natural que fosse por aí assim por essa altura, isso agora já são dados que eu nunca pensei que fossem precisos...
– E vocês foram a exame no mesmo ano da 4.ª classe. Na mesma escola?
– Não, não, não. Ele andava num colégio particular. Andava a estudar no colégio e eu fui, eu mais o meu marido, fomos os dois.
– O seu filho nasceu em que ano?
– O meu filho tem agora cinquenta e oito anos.
– Portanto, isto terá sido quê? Pelas minhas contas... nos anos 60 já?
– Não sei... para aí assim.
– Não guardou nada desse tempo? Nenhum certificado das passagens de ano, os boletins?
– Não, não, não. A gente tinha isso tudo, mas não guardei nada. Nada disso. Isso deve estar tudo nos arquivos da escola.
– E você estudava junto com o filho quando fez o exame da 4.ª classe?
– Era a explicadora dele.
– Explicava ao filho e estudava ao mesmo tempo para poder ir a exame?
– O meu filho desde a 1.ª classe e quando começou a ter aritmética e isto e aquilo, eu comprava o caderno dos problemas, chamava-se: "Os problemas" na altura... e traziam cá atrás as soluções. Eu agarrava, comprava um caderno para mim, porque a professora tirava as soluções, comprava um caderno para mim e guardava as soluções para mim. Assim levava sempre tudo certo. E a professora dizia: "Não é possível tu tens uma explicadora?", "Não tenho senhora professora, é só a minha mãe." E depois, a partir daí, já em Odivelas já era outra vida não dava para explicar. Até à 4.ª classe foi bom, muito bom, porque aprendeu... os dois.
– Diga-me uma coisa, os seus pais que escola tinham? Se tinham escola?
– A minha mãe era muito inteligente e o meu pai também. Tinham a 4.ª classe.
– Tinham os dois a 4.ª classe?
– Tinha, sim senhora. Muito inteligentes e tinham três filhos também na mesma.
– E se o seu pai fosse vivo que idade tinha agora ou em que ano é que ele nasceu?
– Ai isso não sei. Agora aqui assim de cabeça não sei. Nem o meu pai nem a minha mãe, não sei. A minha mãe já morreu com cinquenta e... a minha mãe já tinha cento e tal anos. Ela morreu com cinquenta e sete. A rainha da inteligência... fosse para o que fosse, fosse para fazer um bolo, fosse de fazer comida, fosse de fazer uma peça de roupa, fosse de fazer uma renda, fosse de ler, fosse o que fosse. Era uma cabeça excecional, era muito...
– E a sua mãe gostava da escola e gostava de ler e escrever?

– Ela fazia tudo. Tudo!
– E a si ajudou-a quando foi para a escola?
– Sim. Sim, a minha mãe era a minha mãe. Sim.
– E o seu pai também tinha a 4.ª classe, não é? E eles fizeram aqui tudo em Mação?
– Tinha sim senhora. Sim, sim, eles foi.
– Eles eram daqui?
– Eram daqui.
– Não tem ideia, não tem presente, mais ou menos que idade eles teriam hoje se fossem vivos?
– Não, não, não, não. Em casa sou capaz de ter essa informação, mas são oitenta e dois anos, haja Deus!...
– E a Manuela tem irmãos?
– Tenho uma. Uma irmã e tinha um irmão que já faleceu.
– E eles tiveram estudos?
– Tiraram a 4.ª classe todos conforme eu. E a minha irmã foi enfermeira, hoje já está reformada, tem setenta e... ela é de 44.
– Ela estudou para enfermeira?
– Naquele tempo não se estudava. Era o exame da 4.ª classe e depois frequentar o curso. Nenhum estudou.
– Então e tem um filho ou dois?
– Tenho dois. Dois rapazes.
– Dois rapazes. E que estudos é que eles têm?
– Eles têm até quererem. Até quererem e não quererem. A gente até pedras arrancava com os dentes para eles serem mais alguém.
– Até pedras arrancavam com os dentes?! (risos)
– É verdade! Mas estão bem, graças a Deus.
– E eles quiseram estudar até...
– Foi até se aborrecerem.
– Mas licenciaram-se? Fizeram cursos superiores?
– Não, não chegaram. Os netos já têm, já tem. Mas os filhos não quiseram, andavam fartos da escola.
– Fizeram o secundário?
– Fizeram tudo, tudo, tudo.
– Só não foram foi para a universidade, foi?
– Não, não foram. Mas estão bem os dois graças a Deus. Tenho uma neta que teve de emigrar, que é bióloga, mas também está bem.
– E a Manuela sempre gostou que os filhos estudassem?
– Com certeza! Ainda agora lhe acabei de dizer, que até pedras arrancava com os dentes!
– Fazia tudo para eles irem à escola?
– Claro, com certeza. E pedia sempre aos professores aulas da parte da manhã, não era da parte da tarde. De manhã é que a gente se levanta e começa o dia, que as ideias estão frescas.
– E o seu marido, Manuela?
– O meu marido não é de cá.
– Sim, mas ele tem que estudos?
– Ele fez a 3.ª classe... ou a 4.ª, na tropa... isso agora não sei se foi a 3.ª se foi... foi a 3.ª, porque a 4.ª ele foi junto comigo.
– Quando estava na tropa?

– Sim. O meu marido é de Ferreira do Zêzere e foi ‘moço de cego’, sabe o que é ser ‘moço de cego’?
– Moço de cego? Não, explique lá.
– Moço de cego, agora já não há, porque isto agora é tudo muito rico, mas antigamente andava um cego lá terra dele, aquele senhor que cegou na pedreira do Parque Eduardo VII e depois andava a pedir... e eles não viam... chamava-se o moço de cego. Andou uns três ou quatro anos lá com o cego a pedir.
– Mas isso quando ele era criança? Aqui em Mação?
– Com sete, oito, nove. Na terra dele, ele não é de cá. Ele é dali de Ferreira do Zêzere. De uma aldeia chamada o Cardal.
– E o seu marido, então, em criança... foi moço de cego. Fez a 3.ª classe e depois?
– Sim, andou na escola lá, andou, sim senhora. E depois, pronto, era preciso trabalhar, porque eles tinham muitos filhos, eram muitos irmãos, havia muitos filhos e eles tinham que trabalhar. Depois foi trabalhar. Fez a 3.ª classe na tropa, só não fez a 4.ª, estava habilitado a isso, porque...
– Então, mas desculpe, ele então em criança foi à escola primária?
– Foi sim senhora.
– Mas a fez a 3.ª classe na tropa? Já adulto?
– Na tropa. Sim. Já sabia ler e escrever, até sabia escrever para as raparigas e tudo, e depois fez a...
– Portanto, foi moço de cego ainda em criança e antes de ir para a tropa?
– Sim. Criança. Foi para a tropa com vinte, foi antes. Depois, vá lá, até aos dez anos, e é se fosse tanto, começou a dar serventia a pedreiros, cavar... aquilo era a vida.
– Então ele fez a 4.ª classe ao mesmo tempo que a Manuela? Portanto, a Manuela, o seu marido e o seu filho fizeram a 4.ª classe todos os três no mesmo ano?
– Todos os três no mesmo ano.
– Ele fez a 4.ª classe, porque queria tirar a carta de condução e não davam a carta de condução a quem não tivesse a 4.ª classe. E ele foi fazer. E disse assim: “E tu também vais”, “Não é preciso... ”, “Não, se eu vou tu também vais!” Depois fomos os dois. E gostei de ir.
– Não se lembra em que ano foi?
– Não, não, não, não.
– Manuela, lembra-se do primeiro dia de escola?
– Lembro-me. Dia 7 de Outubro de 1975.
– O primeiro dia em que a Manuela foi à escola?!
– 1975. 78+2 faz 80 com + 2 faz 82, eu tinha sete anos. Olhe 75...
– Não pode ser. Se tinha nascido em 20/09/1937... como é que a Manuela foi à escola primária, a primeira vez, em 75? Não pode ser. A Manuela andou na escola nos anos 40, se entrou com sete anos, nasceu em 37... 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44. A Manuela entrou para a escola primária em 1944.
– Então!... se tem 7 anos com mais 75... 7 anos com mais 75 dá 82. Ande lá por onde andar! Se eu tinha 7 anos, agora em cima dos 7 ponha mais 75 dão 82!
– Mas isso são os seus anos. Portanto, você andou na escola primária há 75 anos.
– Então e o quê que eu estou a dizer?!
– Pronto... disse-me que era em 1975... a data. Mas não pode ser 1975.
– Sim... isso está certo.
– Sim... já entendi. Não tinha percebido o cálculo, peço desculpa.
– Está desculpada!
– Então andou em... tinha sete anos e isto foi em 1944 por aí. E o que se lembra desse dia?

– Ir para a escola, não eram as mães que iam levar a gente. Naquele dia em que a gente ia para a escola ia com aquelas meninas todas, lá ia a gente para a escola, as meninas por cima e os meninos por baixo, tudo encantadinho da vida.
– Mas lembra-se de alguma coisa de especial que tenha acontecido nesse dia?
– Não aconteceu nada. Foi uma felicidade completa.
– Gostou de ir à escola?
– Eu gostei.
– Tem essa memória de criança?
– Eu gostei, eu gostei.
– Não tem assim uma recordação de uma roupa que tenha levado?
– Então levei a bata, a batinha.
– Ia de bata branca?
– Sim, de batinha vestida, com um saquinho na mão com os livritos e lá vão elas.
– Levava os livros. E quantas raparigas? Eram rapazes e raparigas que foram para a sua escola?
– Era tudo separado. Era, era. Havia quatro salas, duas meninas... era a 1.ª e a 3.ª e a 2.ª e a 4.ª, eram duas professoras. E os meninos a mesma coisa.
– Tinha muita gente a escola?
– Tinha muita gente.
– A sua sala quantos... ?
– Ai isso não sei, mas havia muitos.
– Quantas meninas tinha a sala?
– Não, sei, não sei, não sei. Mas éramos muitas. Era muita gente, porque eram duas turmas, duas classes 1.ª e 3.ª...
– Quarenta pessoas?
– Sim para aí assim. Era capaz, as salas estavam cheias.
– O que é que levou para a escola nesse dia, não tem ideia?
– Levei o saquito com os livros. O livro da 1.ª class... olhe...
– Esse foi o seu livro da 1.ª classe?
– Este está velhote. Mas eu já comprei um.
– Mas esse foi o seu? Foi mesmo o seu?
– E já comprei outro para ficar novo. Este é o da 2.ª...
– Este foi o da 2.ª classe, sim. E os outros?
– Este já tem uma encadernação nova, foi o meu livro da 3.ª. Foi este o livro da 3.ª. E este aqui já foi o da 4.ª. Já em adulta. Este aqui é um livrinho da 4.ª classe que eu lá tinha, e tenho porque era giro...
– Ah, mas não estudou por aí?
– Não, não, não. Este aqui era a História de Portugal.
– E estudou por esse livro?
– Sim senhora. Mesmo em adulta era este livro. (...)
– Então nesses livrinhos, esses livrinhos da escola primária, da 1.ª... a lousa, a pedra.
– A ardósia, a ardósia. Era isto.
– Ainda tem o lápis?
– A gente arranja... isto é um lacre... isto era onde a gente escrevia... a dona Ana ensinava a gente.
– E o lacre, como é que usavam o lacre?
– O lacre... esqueci-me de trazer o resto das coisas...
– Não se preocupe. Como é que utilizavam o lacre?

– Isto era assim, havia uma coisa no comércio que era o senete, chamava-se o senete, e o correio viajava de um lado para o outro lacrado. E, então, a gente riscava o fósforo, riscava com um fósforo e isto pingava para cima do papel, pingava para cima do papel, e depois a isso com o senete, com o senete... ficava marcado.
– E faziam essa técnica na escola? Ensinavam a fazer?
– Não, não. Isto aprendi com os meus pais. Depois abriram uma padaria e aprendi com eles. O meu pai tinha, mas eu não sei, já perguntei o que é feito do senete e do carimbo, mas não sei onde está. Mas era assim a vida antiga, era muito prática.
– Manuela, e a escola onde andou, na primária aqui, até à 3.ª classe, qual era a distância à sua casa?
– Desde cá debaixo da igreja até lá acima ao largo.
– Ia a pé era?
– Então?!...
– O quê... dez minutos, um quarto de hora?
– Era o tempo que a gente queria, íamos na brincadeira por aí acima.
– Não, mas vamos lá ver, a distância não era muita? Fazia-se bem a pé?
– Então era desde a Igreja lá acima, por amor de Deus. Íamos almoçar a casa, tudo a correr, tudo encantado.
– Tudo encantado. E o edifício para além das salas que tinha, como é que era a estrutura? Ainda se lembra?
– Está lá.
– É igualzinho ao que está?
– Tal e qual ao que está.
– Não houve mudança nenhuma?
– Nada!
– Tudo aquilo. Vocês já tinham casas de banho?
– Tínhamos sim senhora.
– Elas funcionavam?
– Tínhamos sim senhora.
– Com condições? Com água corrente?
– Tudo, tudo, tudo. Tínhamos sim senhora.
– Lembra-se ainda de colegas suas da turma?
– Então não lembro? Tantas que já morreram outras que andam por aí.
– Costumam-se ver?
– Costumo.
– Houve assim algum episódio que se tenha passado e que a Manuela quando pensa na escola lhe ocorra essa memória?
– Uma colega minha que era muito pobrezinha, não tinha livros um dia vai-me a puxar o livro da 2.ª e rompeu aquela gaita toda, o meu pai depois pôs-me aqui uns coisos a segurar aqui, mas adiante vá...
– Mas lembra-se dos nomes das professoras que teve?
– A dona Cândida... Cândida Vilar Ambrósio. Já morreu!
– Já morreu. Foi sua professora de que classe?
– Da 2.ª. Da 2.ª e 4.ª parece-me. Isso agora... e tinha a dona Ana... Ana Gago... pois, devia ser, mas o Gago era do marido. Agora digo-lhe uma coisa, não perguntei se tinha a 4.ª classe...
– Estas senhoras eram regentes ou eram professoras?
– Professoras. Mas regentes também tive. Tive duas regentes.
– Então quantas professoras ao total teve, aí?

– Tive uma que era a Maria João que era professora no Rosmaninhal e depois veio até aqui, tive outra que era dos Envendos que também veio para aqui, foram só essas duas.
– Então estas duas senhoras de que me falou, em primeiro lugar?
– Eram daqui. A dona Cândida...
– Mas foram suas professoras?
– Foram minhas professoras.
– Então foram quatro...
– Sim, as duas regentes e as duas...
– Ah! Sim. Isto até à 3.ª classe, não é?
– Sim, sim, sim, sim.
– E depois quando fez a 4.ª classe lá em Moscavide ainda se lembra do nome da professora?
– Eu não. Ia lá ao Sr. João à explicadora, fiz o exame e não me lembro de nada.
– E o que se lembra de ser a relação dos alunos com essas professoras?
– Eram todos bons. Batiam na gente, mas estava tudo bem! Deram pouca porrada!!...
– Elas davam muita tareia?
– Enfim... olhe...
– Diga, diga. Conte lá essas histórias. Elas batiam muito? Davam muitos castigos? Que tipo de coisas é que faziam?
– Não... olhe, eram reguadas quando a gente não sabia. A gente levava a pedra, as continhas ali tudo feito na pedra, e depois aquilo apagava-se...
– Apagava-se?
– Olhe, as contas era isto... as nossas contas...
– E apagava-se porquê?
– Porque ia dentro da saca.
– Isso era quando traziam os trabalhos de casa para a escola, era?
– E tínhamos que os fazer nas férias e tudo!
– Lembra-se de fazer as contas?
– Todas. Eu nunca dei para números quebrados, mas gostava disto. E digo-lhe uma coisa, quer que eu lhe diga o nome das serras de Portugal? Quer que eu lhe diga?
– Diga lá.
– Olhe, nunca estudei as serras de Portugal, mas como era da 2.ª classe, com a sala das meninas da 4.º elas tinham... aquilo chamava-se geometria, não era?
– Não, geografia.
– Geografia. E, então, a professora: "Vá, quadro. Estão aqui os mapas... ", mapa na parede, as meninas tudo à volta... "Vá, tu!", "Larouco, Barroso, Gerês, Peneda, Granheiro, Montemuro, Leomil, Lago e Marova... Caramulo, Buçaco, Malcata, Esteiro, Lousã, Cicó, Aire, Candeeiro, Montejunto, Sintra, Alveolos e Maradal... as serras de Portugal!" Nunca me esqueci. Isto é os mapas que a gente tinha... mapa da Europa...
– E esses mapas vieram de onde?
– Isto era tudo da escola. Estava tudo lá na escola.
– Mas nesta escola aqui, onde andou?
– Sim, sim, sim, sim. As meninas da 4.ª classe estudavam nestes mapas.
– E estes mapas pertencem à escola ou são seus?
– Não, são meus. Olhe, mapa da Europa. Estes são meus... e no outro dia estive para mandar tudo para o lixo. Ainda disse ao professor Martins: "Vou deitar isto para o lixo", "Não deita nada!"... Mapa do Império. Elas tinham de estudar isto tudo. Só mapas, só papeis, já está tudo traçado. América do Sul e aquelas coisas todas que tinham de ensinar isto tudo. Não era só andar ali no bem bom. E depois quando não sabiam era porrada na tromba! "Não estudas? Tens de estudar, tens de saber onde é que é!"

– E elas davam castigos assim muito severos? Muitas palmadas?
– Não... eram só reguadas. E e era a cana da India!
– Aquela menina dos olhos, elas usavam?
– Olhe, este é o mapa de Portugal... era assim a vida dos pobres. Mas toda a gente ia à escola.
– Todos aqui na terra iam à escola?
– Todos. Quando estava a chover a gente ia descalços.
– Iam descalços?
– Pois.
– A Manuela ia descalça para a escola?
– Pois... não. O meu irmão ia descalço. A casa da minha mãe tinha um corredorzinho assim cumprido, ele vinha calçadinho lá dentro, arranjadinho e chegava ao pé da porta e descalçava os sapatos atrás da porta.
– Ele não queria usar sapatos?
– Não usava os sapatos. Porque não queria. Porque estava chover e o que é que ele fazia? Punha-se no rego da água, nos regados, à beira da estrada... e descalço pela água fora... sem os sapatos.
– E ele antes queria andar sem sapatos do que com sapatos?
– Por causa de ir com os pés na água. E a minha mãe dizia-lhe assim: "Zé, não quero que vás descalço!", "Oh mãe... fulano vai, beltrano vai... porque é que eu não posso ir? Eu sou como eles!" Lá ia ele.
– Mas a Manuela nunca andou descalça? Andou sempre calçada.
– Não. Sempre.
– Mas eram muitas as situações de colegas seus... ?
– Havia aí alguns, não eram muitos, não eram muitos, mas havia alguns.
– As crianças ou os meninos que foram à escola primária consigo, nesse tempo... ?
– Não eram muitos...
– ... eram daqui do centro?
– Era tudo aqui da Vila, a Vila tinha muitos cachopos. A Vila tinha muita gente. Da igreja para baixo, eu muitas vezes estou a contar os cachopos que havia, passa de cem, cento e tal. Só da igreja até aqui ao alto, acima...
– Do seu tempo, da sua geração?
– Sim senhora. Passa de cem. Agora não há nada...
– Essas professoras que teve lembra-se de alguma em especial que gostasse mais, ou que gostasse menos?
– Eu gostava de toda a gente.
– E não houve uma que lhe tivesse ficado mais na memória por algum motivo? Que tenha, sei lá, incentivado a estudar ou que lhe tenha dado uma reguada?
– Não. A gente naquele tempo não tinha maldade. Era o deixa andar. A gente não tinha maldade.
– Mas acha que elas tiveram alguma influência naquilo que foi sua vida depois?
– Não. A gente ia à escola, saía da escola, ninguém ia estudar. As meninas aprendiam costura, aprendiam a fazer croché, aprendiam a fazer tricot...
– Do seu tempo nenhuma rapariga foi estudar mais?
– Foi, foi, foi. Foi. Há muitas como professoras. Umas foram e outras não foram, pronto. Isso está tudo bem, mas a gente tem uns poucos...
– O que é que a sua família achava, os filhos todos, os seus pais incentivavam que os filhos fossem à escola, que estudassem?
– Sim, sim, plenamente.

– O que é que eles pensavam disso, da escola? Davam-se com as professoras, falavam com elas?
– Plenamente. Tudo bom, tudo bom.
– Alguém alguma vez lhe disse, incentivou para a Manuela continuar a estudar?
– Não!
– No fundo você fez a 4.ª classe, porque o seu marido a incentivou fazer.
– Sim, sim, sim.
– Ele deu-lhe apoio?
– Sim, sim, sim. Não que dissesse assim: "Vai!", não. Os pais não tinham, os pais não tinham, como é que iam mandar os filhos estudar? Isso era só para os meninos que tinham... que os pais eram abastados, os meus não eram, coitados.
– Olhe, lembra-se quando chegavam à escola... ?
– "Bom dia senhora professora!"
– Faziam filas, cantavam, rezavam o que acontecia na escola?
– Era só "Bom dia senhora professora!", "Vá, vamos a trabalhar!", mais nada.
– Entravam para dentro da sala... ?
– Pois... e depois ensinavam a gente a cantar o hino.
– Cantavam o hino todos os dias?
– Todos os dias não. Era só para a gente aprender, para cantar nas festas.
– Mas rezavam?
– Não.
– E tinham imagens lá na sala?
– Tinha sim senhora.
– Que imagens é que tinham?
– Tínhamos lá o Cristo pendurado, coitado, já deve estar mais do que saturado disto tudo. E o Salazar e o Carmona. Eram os dois... e os mapas todos nas paredes.
– E tinha mais algumas coisas?
– Tinha um armário que era onde havia os cadernos que a gente deixava lá quando se fazia provas e isso ficava lá.
– Ah, ficavam lá guardados?
– Era.
– Nos intervalos a que é que brincavam?
– À cabra cega, à macaca, à apanhada, era àquilo que a gente sabia.
– Portanto, a Manuela nunca repetiu um ano, fez sempre tudo seguido?
– Não, não, não, não.
– E diga-me, embora as aulas fossem separadas dos rapazes com as raparigas, depois no recreio brincavam juntos, brincavam separados?
– Não, não, não. Os meninos iam para o lado debaixo e as meninas ficavam lá em cima. Tudo sempre separado.
– E a Manuela lembra-se dessa gente que andava consigo na sua geração, na escola, se havia muita diferença entre os alunos, uns com os outros em termos... em termos económicos?
– Não, nós... não, na escola não havia nada disso.
– Mas era tudo pessoas iguais?
– Não, não havia diferença entre pessoas... os que tivessem mais ou que tivessem menos... aquele que era filho do farmacêutico, aquele que era filho do senhor doutor tal... não havia cá, como há agora, senhora doutora, metem-se aos cantinhos, aos cantinhos a fumar.
– Olhe, alguma vez aqui na escola deram aqueles apoios para comida, para a roupa?
– Eu nunca tive.

– Mas vinham aqui à escola dar a quem precisava?
– Não, não se dava. Nem havia a cantina ainda. Quando eu andava na escola não havia a cantina.
– Olhe e as festas, assim... o Carnaval, o Natal, Páscoa, havia alguma coisa lá na escola?
– Não. Não senhora.
– Não se fazia nada? Não se enfeitava?
– Nada, nada, nada, nada. Era meia bola e força...
– Houve assim uma situação que a Manuela se lembre que tenha acontecido alguma vez, algum episódio com um colega, com a professora na sala de aula, no recreio?
– Não senhora, porque as mães dos filhos não chegavam...
– Mas que a Manuela se lembre, não há assim nada que tenha acontecido?
– Não, não, não. Nunca. Não senhora, nunca.
– Olhe, acha que em geral as pessoas aqui consideravam que a escola era uma coisa boa para os filhos?
– Eu acho que sim.
– As pessoas concordavam em mandar os filhos para a escola?
– Eu acho que sim. Porque tudo ia...
– E se a Manuela tivesse estudado mais, gostava de ter estudado mais do que a 4.ª classe?
– Se os meus pais tivessem tido posses para isso... e eu saía de uma escola e entrava na outra, de certeza que tinha de gostar...
– E o que é que acha que gostava de ter seguido?
– Sei lá! Gosto muito de Ciências da Natureza. Adoro a natureza. Lisboa não me diz nada. Eu agora tive de lá ir duas semanas seguidas, porque o meu marido caiu e teve de ir para o hospital de São José... estar lá é um suplicio. Eu saio aqui à porta para fora vejo toda a gente, conheço toda a gente, vou para o meio de uma serra com um pau... um pau, uma pedra, tem jeito... isso é que é bonito, agora lá encaixotados?... não.
– Olhe e na escola tem ideia do que é que faziam exatamente? Como faziam os exercícios, como iam ao quadro, fazer os ditados, as tabuadas, como é que isso se passava?
– A tabuada era a cantar todos. Tudo a cantar... e o resto era normal.
– E era todos os dias?
– Era conforme. A professora dizia: "Vá!", não havia estipulação de hoje é isto, amanhã é aquilo, no outro dia... "Vá, vamos embora!"
– E lembra-se quando andava na escola o que é que gostava mais, se era o Português, se era a Matemática? Qual era a disciplina?
– Eu gostava de ler e gostava muito de Matemática.
– E há alguma matéria que se lembre de cór? Há pessoas... como essa que me disse, da Geografia, não se lembra às vezes de uma leitura, um personagem, alguma história que fosse contada na escola que você tenha fixado?
– Não, não, não havia assim... os professores não conversavam com a gente.
– Estou a dizer do livro, não houve nenhum... ?
– Ai os meus livros, isso é, isso tem coisa que a gente gosta. Isso por amor da Santa!
– Houve alguma que lhe tenha ficado na memória?
– As primeiras que eu comecei a ler não me esqueço. As primeiras que eu comecei a ler... que é aqui a do rei.
– Olhe, Manuela e depois... entretanto acabou a escola primária o que é que foi a sua vida?
– A minha vida foi aprender costura. Ajudar os meus pais, e aprender costura.
– E trabalhou como costureira?
– Sim. E trabalhei num alfaiate a fazer fancaria. A ganhar nove escudos por dia... nove escudos. Tinha dois casacos de fanqueiro pendurados...

– Casacos de fanqueiro?...
– Era de fanqueiro...
– Aqui em Mação? Ainda existe essa casa?
– Aqui em Mação. Casas?! Havia cá muitas... já não há nenhuma.
– E foi isso que fez toda a vida? Trabalhou sempre nessa profissão?
– Com vinte anos casei e fui para Lisboa... com vinte e três.
– E depois lá em Lisboa?
– Lá em Lisboa estava na minha casa.
– Mas não continuou com a profissão?
– Não, não.
– Mas trabalhou sempre por conta de outros, no fundo?
– Sim, sim.
– Nunca emigrou também?
– Não.
– Com que idade é que começou a trabalhar? E como é que começou a trabalhar nisso? Foi logo a seguir à escola primária?
– Eu depois fui aprender costura com a Chica. Foi depois. Já tinha quê? Uns dezoito, dezanove anos por aí.
– Acha que ter ido à escola foi...
– Então não foi?!... eu agora olhava para aqui... o que é isto? Não percebia nada, e assim leio.
– Mas para a sua profissão? Para aquilo que aprendeu como costureira, acha que saber ler e escrever foi importante?
– Então não foi?! Por amor da Santa. Olha agora!!!
– Portanto, disse-me que todos os seus irmãos foram à escola e estudaram mais, e fizeram a 4.ª classe todos. Lembra-se de algum caso na sua família... uma tia, uma tia-avó, alguém mais ou menos próximo seu, que tenha aprendido a ler e a escrever sem nunca ter ido à escola? Não conhece histórias dessas?
– Não, não, não. A minha madrinha é que, mas não sei se é verdade se é mentira, que aprendeu a ler sem ir à escola. Agora se é verdade se é mentira não sei que eu nunca... ela morava no Porto. Era sobrinha da minha mãe. Isso era o que diziam, mas não sei se é verdade ou mentira, não sei.
– Quando era criança lembra-se de pensar: "Ai eu vou á escola... !" e tinha alguma expectativa da escola? O que é que achava que a escola lhe ia dar?
– Era uma obrigação... que a gente tinha de ir à escola para aprender a ler, pronto e mais nada. "Vai filha, vai que é para aprenderes a ler!"
– Mas não imaginava: "Quando eu for grande gostava disto ou daquilo... "?
– Não, não, não. Naquela altura a gente não pensava nada. Nesses tempos não havia tempo para pensar. Agora é que logo de pequenino: "O que é que tu queres ser quando tu fores grande?" e naquele tempo não. Olha agora! Era aprender a ler e escrever... depois logo se via. Os rapazes eram serventes, sapateiros, pedreiros, serralheiros... havia aí muitos ofícios e agora não há nada. Acabou tudo. Havia cá cabeleireiras?! Espera que já ias. Havia cá manicures?! Espera que já havias! Ai... nem pensar! Nem se sabia o que é que era isso. Quem queria cortar o cabelo tinha de ir a Abrantes.
– Quem queria cortar o cabelo tinha de ir a Abrantes?
– Pois, aqui não havia.
– Não havia barbeiros nem cabeleireiros?
– Não havia. Cabeleireiras não havia. Tanto que dizem que havia aí duas senhoras que eram as... as quê?... as Paisanas... que eram duas irmãs que foram a Abrantes fazer a

permanente, uma sentou-se primeiro que a outra, ela quando viu o trabalho que a outra fez, para fazer a permanente, já não quis cortar o carrapicho dela. Uma veio de permanente e outra veio de carrapicho. Dizem, eu não sei. Diziam.
– Manuela, o que é que acha que foi assim a diferença maior do seu tempo de escola para os seus filhos? Nota assim alguma diferença grande?
– Então por amor de Deus! Então não se nota? A mim não me faltou nada, a eles também não, mas nota-se muito. Então não nota?!
– Há assim alguma coisa que seja mais diferente e que tenha notado em termos dos livros ou em termos das matérias?
– Não, não. Sim, matérias sim. É totalmente diferente das nossas. Totalmente. Não eram como as nossas. A gente era o Bê-Á-Bá de Santa Justa e já está.
– Mas acompanhou sempre a vida de escola dos seus filhos?
– Sempre! Até eles casarem, sempre em casa. Ainda hoje gosto muito dos meus filhos.
– Sim, estou a dizer em termos do que foi a evolução deles, na escola?
– Sim, sim, sim.
– Foi acompanhando?
– Sempre!
– Houve algum momento da educação dos seus filhos em que a Manuela tenha percebido: "Isto é mesmo diferente daquilo quer era do meu tempo?" ou não mudou muito?
– A gente nota, a gente nota. É como agora, agora é totalmente diferente... nem de dia duas vezes nem de noite cinco ou seis... daquilo que a gente foi.
– Mas acha que é na parte dos professores, na maneira como eles ensinam?
– É tudo. A maneira da educação, a maneira de tudo, de tudo, de tudo, de tudo. Pronto. Não há humildade para ninguém, vai um miúdo na rua vê a gente: "Tens alguma coisa com isso, sua cota?", então, mas a gente nunca falou isso para ninguém. Quando nos dissessem assim: "Estás aí? Ai já vou dizer ao teu pai!" a gente chegava a casa e já ia a olhar para um lado e para o outro com medo. Agora?!
– Então fala que é uma questão de...
– De educação! Não têm educação nenhuma!
– ... uma questão da moral das pessoa?
– Certo, certo. Então é totalmente diferente, olha agora! Diga lá ao cachopo: "Não faças isso!", "Porquê?", é logo. Respondem logo com duas pedras na mão seja a quem for, não estão para isso. Deixa estar que estás bem. E elas são piores do que eles. As meninas de agora são piores do que os meninos. E passa-se uma coisa insignificante na escola e ele pensa assim: "Bem, agora chego a casa... Oh mãe, a professora fez-me isto, fez-me aquilo, fez-me o outro... "
– Os seus filhos já lhe faziam esse tipo de comentários?
– Nunca. Porque eu à frente deles dizia para a professora: "Eu sou mãe, se for preciso dou uma palmada e é só a eles e a senhora tem aqui muitos. Quando ele precisar de um castigo agradeço que lhe dê!" Nunca chegaram a casa a dizer: "Mãe, a professora fez isto, mãe a professora fez aquilo" Mas agora não... vai o pai, vai a mãe, vai a avó, vai a tia, vai o tio, estejam de pijama, estejam de chinelos, vai tudo a caminho da escola para arrear à professora, mas acha que isto está bem? Por amor de Deus! Tem de haver um bocadinho de respeito.
– Pronto, Manuela, da minha parte acho que estão feitas as pergunta. Não sei se há mais alguma coisa que queira dizer... ?
– Não. Já disse tudo e já mostrei tudo.

– Natália de Jesus Gaspar Roldão –

Naturalidade: Madeirã (Oleiros)
Data de nascimento: 25-10-1959
Residência actual: Venda da Pedra (Sertã)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio e audiovisual), na Academia Sénior de Sertã (20-01-2020), em conclusão da entrevista iniciada juntamente com Maria Almerinda Ribeiro Pires Rodrigues (02-12-2019).

[VOZES: Natália Roldão (N), Helena Cabeleira (H) e António Manuel Martins Silva (A)]

H – Natália de Jesus Gaspar Roldão. De Madeirã, freguesia de Oleiros, distrito de Castelo Branco.
N – Sim.
H – A Natália, da última vez em que nós começámos por fazer a entrevista...
N – Que eu já nem me lembro o que é que lhe disse!
H – Eu penso que nós tínhamos começado a falar do seu historial. Aliás, a Natália até me contou a história do início que foi aquela situação dos seus irmãos, que eram nove... sobreviveram quatro... e de algumas memórias que tinha dessa altura.
N – É verdade, foi, foi. Nascia um, vivia um e morria outro. Entremeados. Ainda me lembro de um estar lá dentro de uma caixinha, que se mandava fazer no carpinteiro...
H – De madeira... e estava em cima de uma arca, não era?
N – Sim, sim. De uma arca.
H – Onde se guardavam os cereais.
N – Os cereais, exatamente. Lembro-me...
H – Que idade tinha nessa altura?
N – Ai não me lembro. Não, não, não.
H – Era pequenina, mas tem essa memória?
N – Tenho essa memória, tenho, tenho, tenho.. Porque eu na altura se calhar nem sabia a idade.

H – Fale-me lá um bocadinho desse sítio onde vivia. Disse-me que era... na Madeirã, à beira do rio.
N – Na Madeirã. À beira do rio Zêzere.
H – À beira do rio Zêzere. E viviam isolados, só com a sua família?
N – Isolados, completamente isolados! A minha família e outra tia que passava uma ribeira e a tia morava do outro lado. E nós gostávamos muito... nós fugíamos da nossa casa e íamos para casa dessa tia, porque essa tia cozinhava muito bem e tinha gatos. Nós gostávamos muito de brincar com os gatos... e o meu pai não deixava ter gatos. Mentalidades... pronto.
H – Então, os seus pais viveram, foram vivos enquanto a Natália era criança e viveram sempre ali?
N – Não. Depois conseguiram fazer uma casinha um pouco mais acima, um bocado mais acima.
H – O que é que os seus pais faziam nessa altura?
N – O meu pai toda a vida trabalhou em casa de uns senhores que eram muito ricos. Trabalhava num lagar, ainda agora quando fomos à Lagarada.
H – Mas de Oleiros?
N – Na Madeirã, sim.
H – Tem noção da distância desse sítio onde vivia, na Madeirã, até Oleiros?
N – A Oleiros acho que são catorze quilómetros. Sim, sim. Eu penso que sim que são catorze quilómetros.
H – E essa aldeia fica a norte de Oleiros ou fica mais para cá? Mais para o lado da Sertã?
N – Mais para cá, mais para cá. Sim, sim, sim... fica ali quando se chega a Pedrógão Pequeno, corta-se, e é ali. Mas eu pensava que o mundo era só aquilo ali! Que engraçado como é que nós somos! O mundo era só... a gente morava lá no fundo ao pé do rio e vínhamos à missa à aldeia e eu pensava que o mundo que era só aquilo, resumia-se àquilo. Tudo assim. Depois começámos a ter um... uma vizinha tinha um rádio e começámos a contar as notícias que havia em Portugal, do Salazar. Quando o Salazar morreu, ela foi--nos dizer que o Salazar tinha morrido!
H – Lembra-se disso tudo enquanto era criança?
N – Enquanto era criança lembro, lembro.
H – Que idade teria a Natália, de quando tem essa memória?
N – Ai, uns seis, sete anos.
H – Seis, sete anos. Nasceu em 59...
N – Tinha seis, sete anos. Acho que a pessoa atravessou uma época em que a pessoa não tinha nada, nada, nada, nada... só criávamos coelhos, as galinhas, o porco... até que se tem tudo, depois. A gente atravessou ali esta época toda. Eu às vezes digo aos meus filhos: "Olhem, pode ser que isto não volte tudo para trás!" Mas... isso já não vai acontecer. Daqui a uns anos sei lá!
H – Natália, eu posso gravar a entrevista?
N – Ai pode! Pode gravar, não me importo. Por isso, eram tempos que a gente agora põe--se a pensar assim: "Meu Deus, como é que nós nos criámos?"...
H – Sentia que era muito difícil de sobreviver?
N – Era, era, era! Eu era muito magrita muito coisita, muito coisita... e a minha mãe uma vez vendeu um galo, lá a pessoas que havia... havia aquelas casas ricas, e toda a gente trabalhava naquelas casas, e a minha mãe foi lá, vendeu um galo e levou-me ao médico.
H – Vendeu um galo para a poder levar ao médico?
N – Levar ao médico... para poder pagar os medicamentos.
H – E a sua mãe passava mal, porque teve tantos filhos, não é?

N – Sim, sim, sim, sim. Mas é assim, ainda havia pessoas piores!
H – Ainda havia pior?
N – Nós nunca passámos fome.
H – Tinham sempre comida?
N – Sempre, sempre comida. Sempre comida.
H – Tinham a vossa horta?
N – Sim, sim a horta, os porco, as galinhas, os ovos, o meu pai pescava muito. Nós nunca passámos fome. Nunca andámos descalços.
H – E os seus pais trabalhavam os dois, ou a sua mãe ficava em casa?
N – Não, a minha mãe ficava em casa e também trabalhava nessa casa onde o meu pai trabalhava que tinha muita agricultura... tinha muita azeitona, fazia-se aguardente, tinha-se o moinho para moer o milho para fazer a farinha que as pessoas levavam lá, tinham um lagar onde o meu pai fazia aquilo... trabalhava no lagar, por causa do azeite...
H – Lembra-se disso tudo? E acompanhava também os seus pais?
N – Disso tudo. Acompanhava, acompanhava as coisas que se faziam, acompanhava...
H – Disse-me que eles não sabiam ler nem escrever os dois?
N – Não, não, não... nem um nem outro... não sabiam ler.
H – E o seu pai teria cerca de uns noventa e sete anos se fosse vivo? E a sua mãe?
N – Ai sim! A minha mãe fazia, a semana passada, fazia noventa e seis se fosse viva. O meu pai já tinha mais. Não faço ideia, o meu pai já morreu há quarenta anos. A minha mãe morreu há dez anos, mas o meu pai morreu já há quarenta anos. Morreu com cinquenta e nove. Cinquenta e nove anos o meu pai.
H – Disse-me que tinha tido nove irmãos, mas que sobreviveram quatro?
N – Quatro...
H – Dois rapazes e duas raparigas?
N – Sim, sim, sim. Estamos todos vivos.
H – E tem dois filhos, não é?
N – Sim.
H – Um rapaz e uma rapariga. Os dois com o 12.º ano?
N – Sim, sim, sim.
H – E que o seu marido também tinha a 4.ª classe.
N – A 4.ª classe, sim, sim. Mas depois fez, nas Novas Oportunidades, fez o 9.º ano. Mas o meu marido era uma pessoa muito inteligente. Era uma pessoa inteligente, muito inteligente... enquanto eu era assim muito burrinha, muito burrinha! (risos)
H – Era muito burrinha? Tem essa perceção?
N – Muito burrinha, muito burrinha, muito burrinha! (risos)
H – Porque é que diz isso?
N – Eu andei tantos anos para conseguir aprender a ler e a escrever!...
H – Quantos anos é que andou?
N – Até ao limite.
H – Então, mas reprovava?
N – Sim, sim, sim, sim. Reprovava.
H – Todos os anos?
N – Sim!
H – Desde a 1.ª classe até à 4.ª reprovou?
N – Eu acho que sim, nem faço ideia, mas eu acho que sim. Só depois com a vida...
H – O que me disse foi que tinha entrado para a escola primária da Madeirã com sete anos e que tinha terminado com doze ou treze.

N – Catorze, acho que foi com catorze. Ah e uma coisa, todos aprendíamos a ler no mesmo livro.
H – Mas os irmãos?
N – Nós, os irmãos, os irmãos.
H – E andavam em simultâneo na escola?
N – Não, não, não. Só andei eu e o meu irmão Manel. O Fernando, o mais novo, não me lembro, mas deve ter entrado... ele tem cinquenta e quatro, deve ter entrado muito depois.
H – E lembra-se do primeiro dia de escola?
N – Não, não, não.
H – Não? Não tem memória nenhuma?
N – Nenhuma. Só me lembro da escola, que agora recuperaram a escola, está muito bonita.
H – O edifício ainda está lá em pé?
N – Está lá, mas também é igual a todos.
H – È igual a todos. E sabe se é ocupada com alguma coisa? As pessoas fazem alguma atividade lá?
N – Não.
H – Não se passa nada na escola?
N – Nada, nada, nada. Recuperaram o edifício, está muito bonito, está igual, mas não, não fazem nada. Mas aquilo também já há lá muito poucas pessoas.
H – Quantas pessoas existirão nessa aldeia agora?
N – Agora? Ai se existir umas cinquenta...
H – Cinquenta. E no seu tempo? Eram muitas?
N – Ai!!! Era uma coisa... ai então não era?! Então não era?
H – E tem memórias algumas da escola primária, fosse do primeiro dia de escola, fosse de outro dia qualquer Alguma roupa que levasse?
N – Tenho, tenho... tenho muitas.
H – O que é que levava calçado?
N – Tenho, tenho, tenho...
H – O que é que acontecia no caminho?
N – Tenho, tenho, tenho...
H – Diga!
N – Olhe, enganávamos muito a minha mãe! Ai coitadinha da minha mãe! Não havia relógio. Nós não tínhamos relógio e, então, a minha mãe guiava-se pelo sol... só que, quando o sol chegava a um certo ponto era uma hora, quando chegava a outro ponto era outra hora, e ela controlava assim as horas, para nós chegarmos a casa. Mas quando não havia sol, nós enganávamo-la. Púnhamo-nos a escorregar por aquelas serras abaixo, em cima de uma casca de eucalipto, e ficávamos ali horas a brincar, a escorregar...
H – A fazerem tempo para irem embora?
N – A fazer tempo, sim.
H – Mas já depois de saírem da escola?
N – Da escola... depois da escola. Nunca faltei à escola. Não, não, não.
H – E esse edifício da escola era como?
N – Era igual aos edifícios que há aí, todos iguais.
H – Era uma sala só? Era um professor?
N – Não... eram duas salas. Há muitos anos atrás... já não era do meu tempo... os rapazes tinham uma sala e as raparigas tinham outra.
H – Mas no seu tempo já não foi assim?
N – Não, não, não. No meu tempo já era misto. Misto!

H – Quantos meninos teria cada sala?
N – Aquilo, nós éramos na mesma sala. Ensinava-se o 1.º, a 2.ª, 3.ª e 4.ª...
H – Tinham um só professora?
N – Sim, sim, sim.
H – E lembra-se se essa senhora era mesmo professora ou era regente?
N – Não, não, não. Era mesmo professora. Porque a minha terra, não sei como é que se diz... é concelho? Não... freguesia! E depois havia outras terrinhas.
H – Quantas terrinhas é que andavam lá, lembra-se?
N – Duas... Madeirã, Vilar e Cava. E na Cava é que havia uma professora que era regente. Agora na minha terra não. Na minha terra era mesmo professora. Lembro-me de irmos à lenha para depois acendermos o fogão...
H – Tinham lá, na escola?
N – Sim, um fogão assim redondo. Lembro-me que houve um dia na escola, uma vez, que um menino roubou, eu já nem sei o que é que o menino roubou... e a professora disse: "Olha, hoje ninguém sai daqui enquanto a pessoa que roubou não entregar." Então era noite escura e nós lá todos na sala. Isso ficou-me na memória.
H – Quanto de caminho, de quilómetros, ou tempo é que fazia de casa à escola?
N – Ai era muito! Era muito. Era muito. Talvez como daqui a quê? Daqui ao Cabeçudo. Não, não! Ao Cabeçudo não. Não sei...
H – O quê, quinze quilómetros?
N – Quinze quilómetros, sim, sim, sim, sim, sim.
H – A pé todos os dias?
N – A pé. Com um saco na cabeça. Um saco de sarapilheira que agora já não se usa...
H – E o que levavam vestido ou calçado?
N – Ai eu andava sempre bem vestida, porque a roupa era de uma prima minha. Era. E o meu pai... nunca andávamos descalços. O meu pai mandava comprar no verão umas chinelitas de plástico. E de inverno eram uns botins, olhe era uma coisa que nos dias de hoje se usa muito. Ai que giro!
H – E lembra-se assim dos colegas de escola?
N – Lembro, lembro, lembro.
H – Tem presente ainda os nomes deles?
N – Os nomes deles, sim, sim, sim.
H – Ainda os contacta?
N – Ai não, não, não, não, não, ninguém. Olhe, havia um menino que era canhoto... lembro-me desta história, porque o meu neto também é canhoto. E a professora dava reguadas, porque o queria obrigar a escrever... na altura tinha-se essa coisa... obrigar a escrever com a mão que devia de ser.
H – Esse menino passou a escrever com a mão direita?
N – Não, não, não, não.
H – Não conseguia?
N – Não, não. Mas não sei, não sei, não sei o que é feito deles. Pronto, cada um seguiu a sua vida.
H – Lembra-se de mais algum episódio que se tenha passado na escola ou a caminho da escola?
N – Na escola, ai passavam-se tantos. Ai... eu vinha para casa, já quando morávamos mais perto da escola, eu vinha almoçar a casa, e havia uma senhora velhota que morava lá na aldeia perto da escola que fazia umas batatas fritas com ovos mexidos. E tinha um neto que também andava na escola comigo. E eu fazia questão de todos os dias ir com o neto,

para ver se ela me chamava para comer as batatas fritas com os ovos mexidos! (risos) Ai outra coisa que eu também me lembro...
H – Como é que se chamava esse menino?
N – Era Lino. Lino.
H – Era seu colega de escola?
N – Era, mas era muito mais novo do que eu. Depois até foi para a Holanda e no dia de hoje ainda está na Holanda.
H – E lembra-se do seu tempo desses que andavam consigo na escola primária, se tem memória, se houve muita gente que emigrou?
N – Emigrou muita gente. Muita gente emigrou. Olhe, a maior parte deles foi para Lisboa trabalhar. Na altura era servir. Pronto, a servir que depois mais tarde também fui servir. Foram os melhores anos da minha vida! Os que estive a servir. Em Santo Amaro de Oeiras.
H – Foi com que idade para lá?
N – Dezoito anos... quando me pude safar do meu pai!
H – Os pais não a deixavam sair?
N – A minha mãe deixava... coitadinha da minha mãe. Mas o meu pai não!
H – Era por ser menina ou era porquê?
N – Não, não!
H – Ou era com os filhos em geral, porque queria que os filhos ficassem ali?
N – Mas é assim, eu fui trabalhar para a casa da família onde o meu pai trabalhava. Fui trabalhar para essa família para Santo Amaro de Oeiras. Ele pertencia ao Ministério da Educação e a minha patroa era professora...
H – Sabe dizer o nome dessa família, dessas pessoas? Lembra-se?
N – Lembro. Lembro-me de toda a gente. Era a família da Vinha Velha. Do doutor Silva. O meu patrão era o doutor Silva. Há um irmão desse senhor que trabalhou aqui na Sertã durante muito tempo como advogado que era do doutor António, mas isto são coisas também já... era o doutor António que foi advogado aqui na Sertã.
H – Então, mas como é que se chamava o seu patrão lá em Lisboa?
N – O meu patrão?! Ah doutor José da Silva.
H – Que trabalhava no Ministério da Educação?
N – Sim, sim, sim, sim. José da Silva. Sim, sim. E a minha patroa foi sempre professora no Liceu Francês. Trabalhava para o governo francês, no Liceu Francês nas Amoreiras.
H – Quantos anos viveu lá?
N – Cinco anos. Depois conheci o meu marido. Depois o meu pai morreu...
H – Depois voltou?
N – Voltei. Conheci o meu marido, voltei.
H – Mas conheceu-o em Lisboa?
N – Não, não, não. Conheci aqui. Quando o meu pai morreu, foi uma coisa assim muito de repente, a minha mãe ficou sozinha com o meu irmão mais novo, e eu tive de voltar para o pé da minha mãe.
H – O seu irmão na altura era mais novo e não estava em condições de tomar conta da sua mãe?
N – Não, não. O meu irmão tinha treze anos. Eu depois é que acabei de criar o meu irmão... quando casei. E depois eu tive de me vir embora de Lisboa, para aqui, para cuidar da minha mãe... depois os meus patrões pegaram em mim e na minha mãe e levaram-nos para Lisboa. Depois, entretanto, eu tinha conhecido o meu marido... não é que eu... mas pronto... eu pensei assim: “Epah a maneira de resolver esta situação toda é casar-me com o

outro.” Levei o meu irmão e levei a minha mãe. A minha mãe, entretanto, ficou doente. Eu já ia grávida da minha filha levei o meu irmão e levei a minha mãe a viver comigo.
H – E porque fez isso a Natália, e não calhou a um dos seus irmãos?
N – Porque os meus irmãos não tinham condições. A minha irmã estava no Algarve tinha uma vida complicada. O meu irmão Manel também não tinha condições, nunca arranjou ninguém não tinha condições nenhumas. E eu, olhe, fiz isso e olhe... foi uma desgraça para a minha vida! Mas pronto, lá consegui remediar a situação. O meu marido trabalhava na barragem do Cabril. Depois na altura ainda havia contratos...
H – Mas ainda foi para Lisboa então, mas voltou definitivamente depois. Instalou-se aqui, morou aqui, estudaram aqui?
N – Sim, sim, sim. Porque eu depois casei em Pedrógão Grande, porque o meu marido trabalhava na barragem do Cabril. Eu casei em Pedrógão Grande, fomos viver todos para Pedrógão Grande, depois o meu marido conseguiu um... na altura havia uns concursos, pronto isso acabou... conseguiu um concurso para vir trabalhar para a Sertã, para a EDP, e viemos para aqui e aqui ficámos. Pronto. Ele depois ainda teve possibilidades de ir para Coimbra, mas nós já tínhamos a casa comprada aqui. Os filhos estudavam aqui. Olhe, e aqui ficámos.
H – Ficaram aqui. E também foi muito isso... o facto de os filhos estarem já na escola e quererem que eles tivessem continuidade?
N – Sim, sim.
H – A Natália lembra-se da sua professora primária? Foi sempre só uma, ou foram várias?
N – Não, não, não. Muitas, muitas, muitas. Foram... era cada ano sua. Eu é que não me lembro do nome de nenhuma.
H – Mas não há assim nenhuma que a tenha marcado mais, por bons motivos ou por motivos menos bons?
N – Ai elas eram todas muito boas para mim, porque eu era muito boazinha. Eu era muito boazinha.
H – Tratavam-na bem?
N – Bem, bem. Sim, sim, sim, sim.
H – Então a relação que a Natália tinha com essas professoras, em si, era boa?
N – Era boa, era boa, era boa.
H – Davam-se bem, tratavam-na bem? Eram boas professoras? Ensinavam bem?
N – Tratavam bem. Eram, eram, eram. Sim, sim, sim, sim.
H – E a Natália não aprendia, ou achava que... ?
N – Não conseguia, não conseguia! Mas ainda hoje... eu oiço o doutor a falar, e penso assim: “Ai meu Deus, como é que há pessoas que têm uma cabeça e outras têm outra cabeça que não fixa, não tem aquela cultura”...
H – Mas sente que era isso que acontecia?
N – Era, era, era.
H – E não era muito, vá lá, castigada ou mal tratada por isso?
N – Não. Nunca, nunca, nunca, nunca.
H – Nem nunca se sentiu discriminada pelos outros alunos?
N – Não, não, não, não, não.
H – E as professoras não a tratavam diferente?
N – Olhe, uma coisa que eu também tenho muitas recordações é que, acho que até agora há isso novamente, aquelas bibliotecas... acho que eram da Gulbenkian... ambulantes que lá iam. Aquilo para mim era um mundo! Lembro-me perfeitamente disso. Eu ia lá buscar livros. Eu adorava aquilo! Eu agora quando comecei a ouvir contar que em Proença há

novamente essas bibliotecas lembrei-me: “Ai meu Deus!”... aquilo, para mim, foi um mundo que se abriu!
H – E era uma vez por semana?
N – Não, não. Era uma vez por mês. Ou de três em três meses é que ia lá a biblioteca.
H – O que é que a Natália gostava de ler na altura?
N – Ai eram príncipes e princesas e aquelas histórias todas das fábulas. Eram essas histórias.
H – E sobre as suas professoras, alguma era mais severa, porque aplicava castigos, batia nos seus colegas?
N – Batiam, batiam, batiam, batiam muito. Batiam muito. Na altura batia-se muito...
H – E lembra-se dos motivos porque elas batiam?
N – Porque falavam... Oh por isto ou... sei lá!
H – Por mau comportamento?
N – Sim! Por mau comportamento... mas eu não, não tenho...
H – Acha, ainda assim, que alguma dessas professoras ou o facto da Natália ter ido à escola modificou a sua vida, influenciou a sua maneira de ser?
N – Ai influenciou, acho que sim. Olhe, tenho uma recordação agora da escola. Havia lá uma colega que chamava-se, e chama-se, Adosinda, que essa no dia de hoje é porteira em Lisboa. E levava sempre, lá está a história da comida (risos)... ela levava todos os dias para a escola, que a mãe lhe fazia, uma lancheira de batatas fritas com quatro ovos estrelados, ovos estrelados só. E nós ficávamos assim a olhar para as batatas fritas (risos) e para os ovos estrelados!
H – E a Natália levava o farnel para a escola?
N – Ai, eu levava, mas o meu irmão comia-me tudo!
H – Ai comia? E ficava com fome?
N – Tudo, tudo, tudo.
H – E lembra-se do que é que levava?
N – Ai não me lembro, mas aquilo era... ai!
H – Que tipo de coisas é que vocês comiam?
N – Ai... sei lá...
H – Mas ainda assim... aquilo era como aquela história da galinha da vizinha, que é sempre melhor do que a minha, não é?
N – Exatamente.
H – O farnel dos outros era sempre mais apetitoso?
N – Era. Olhe, conclusão... essa rapariga, ao dia de hoje, já teve de fazer uma data de operações ao estômago, porque era muito gorda, muito gorda, muito gorda.
H – E acha que foi disso?
N – Foi, foi, foi! (risos) Nem nunca arranjou marido, nem nunca arranjou nada, porque era... ai meu Deus!...
H – Mas, em geral, os alunos tinham assim uma boa ideia da professora?
N – Sim, tinham, tinham.
H – Respeitavam-na?
N – Respeitavam, respeitavam, respeitavam!
H – Achavam que ela era boa professora... estas que teve, teve várias?
N – Sim, sim, sim, sim.
H – E a sua família metia-se nesses assuntos? Ia lá falar com os professores?
N – A minha mãe ia. Eu tinha muita vergonha.
H – A sua mãe ia lá falar com a professora à escola?
N – Ia lá, ia lá. E mandava coisas para a professora. Na altura era muito normal.
H – Que tipo de coisas?

N – Peixes. Peixes do rio que o meu pai pescava muito. Ovos, uma galinha, lembra-me, era normal na altura. O professor tinha lá a sua casa. Olhe que na minha terra era assim, o padre tinha uma casa que hoje até fizeram tipo turismo rural. A professora tinha uma casa e nós era uma coisa... irmos acartar a água à professora. Buscar a água à fonte à professora.
H – Os meninos da escola é que faziam isso?
N – Era. Os meninos da escola.
H – E lá na escola as limpezas, essas coisas, eram as professoras que faziam, eram os alunos?
N – Éramos nós, os alunos. Éramos nós... uma vez por semana. Varríamos, lavávamos, fazíamos limpeza.
H – Enceravam? Essas coisas, faziam tudo isso?
N – Sim, sim, sim. Tudo isso, tudo isso.
H – E usavam bata na escola?
N – Bata branca. Bata branca. Sempre branquinha a bata. E ai de nós que não levássemos a bata! Ai de nós que não levássemos a bata branca!
H – As professoras davam castigo?
N – Ai davam castigo, davam. E estava sempre a cruz. Ainda me lembro de cantar o hino nacional quando chegávamos à aula.
H – Entravam na escola, e todos os dias... ?
N – Sim, cantava-se o hino nacional... .era lá dentro, quando entrávamos.
H – Dentro da sala, cantavam o hino nacional?
N – O hino nacional.
H – E rezavam?
N – Rezávamos! Era o Pai Nosso e a Avé Maria. E outra coisa que as aulas tinham, e que hoje não há... ou se há, não sei se há... havia um certo dia por semana que era dança. A gente dançávamos. Havia outro dia por semana que era trabalhos manuais, que hoje devia haver e devia ser obrigatório! Fazíamos na nossa escola, fazíamos isso.
H – Que tipo de trabalhos é que faziam?
N – As coisas principais, para uma mulher... saber cozer, pregar um botão.
H – Lavoures femininos.
N – Lavoures femininos, exatamente.
H – E os rapazes o que é que faziam?
N – Não tenho ideia dos rapazes.
H – Eram só as raparigas?
N – Só as meninas, só as meninas.
H – Mas era uma hora de um dia da semana?
N – Sim, sim, sim. Era uma tarde.
H – Uma tarde. E só ficavam as raparigas para isso, era?
N – Assim não me recordo. Isso não me lembro. Mas lembro-me de dançarmos, andávamos a dançar uns com os outros. E lembro-me de uns... que era muito importante, eu penso que era muito importante...
H – Tinham aula de dança no meio disso?
N – De dança. Todas as semanas, sim.
H – E era a mesma professora?
N – Era, era.
H – E a Natália acha que isso era uma iniciativa da professora, era uma coisa que existia?
N – Ai isso não me lembro. Ah e outra coisa que também existia lá, era dar as vacinas, iam à escola dar as vacinas. Quem era muito magrinho, quem era muito ‘rosito’, que era o

meu caso, davam óleo de fígado de bacalhau. Até me arrepio de falar nisto do óleo de fígado de bacalhau!
H – Dessas professoras todas houve alguma que a tenha marcado mais?
N – Não, já não tenho assim recordação nenhuma.
H – E alguma vez alguém, uma professora ou outras pessoas, a incentivaram a estudar?
N – Ai não, não, não, não! No caso da minha irmã mais velha, incentivaram, porque a minha irmã era muito... acho que a inteligência foi toda para a minha irmã mais velha. No mesmo ano deu o livro da 1.ª classe e o livro da 2.ª.
H – E a sua irmã estudou mais do que a 4.ª classe?
N – Não. Só a 4.ª classe, e depois foi servir.
H – Os seus pai também, quer dizer, davam incentivo?
N – Não, não. Não davam incentivos nenhuns, não, não. Mas essa minha irmã eu às vezes rio-me com ela...
H – Mas também não se opunham?
N – Não, não.
H – Gostavam que vocês fossem à escola?
N – Sim, sim. À escola... porque éramos obrigados! Porque para o meu pai, íamos mas era trabalhar! Eu às vezes rio-me com a minha irmã, porque ela ainda ao dia de hoje é uma pessoa muito culta. Ela telefona-me todas as semanas para nós comentarmos as notícias que há na televisão, mas isto sobre o mundo todo, por exemplo da América, o Reino Unido, essas coisas...
H – Ela interessa-se?
N – Interessa-se. Fez a 4.ª classe.
H – ... e por meios próprios nunca estudou mais?
N – Não, não, não, não. Foi trabalhar para Lisboa, até que os meus irmãos todos acabaram a 4.ª classe e já estavam pessoas à espera deles para irem para Lisboa... eu não, eu já tive de ficar em casa, depois só aos dezoito anos é que fui embora.
H – E porque é que ficou em casa?
N – Porque tinha de ajudar na casa, na horta.
H – Mas a Natália não era a mais nova?
N – Havia um rapazito que era o meu irmão Fernando. Era o mais novo.
H – Mas, no fundo, a Natália é que ficou fadada para... ?
N – Sim, sim, sim. Esse meu irmão no dia de hoje até está bem. Foi para a Suíça e pronto. Esse mais novo foi para a Suíça, esse que eu ajudei a criar.
H – Lembra-se, assim no geral, na escola, o que é que faziam todos os dias, se havia aquelas rotinas... sei lá, havia professores que mandavam mostrar as mãos, as unhas, havia outras que mandavam fazer fila... como é que entravam para a escola?
N – Ai tudo em fila, em fila, em fila.
H – Sempre por ordem rapazes e raparigas misturados, ou uns para um lado e outros para o outro?
N – Não... eram todos misturados, era, era todos misturados, sim, sim, sim.
H – Numa altura, então, que morava mais perto da escola ia almoçar a casa?
N – Ia almoçar a casa, mas queria era ir almoçar a essa tal senhora velhinha que fazia lá então as batatas fritas com os ovos mexidos!
H – Não se lembra das merendas que levava, o almoço? Coisas que comia não se lembra?
N – Ai não me lembro, não, não. Não, isso não me lembro, não.
H – Dentro da sala, além disso que já me disse que tinha um crucifixo, que outras coisas tinha?

N – Era um quadro em ardósia, sim. Eram as carteiras ainda com o tinteiro, mas eu já não me lembro se tinha lá tinta no tinteiro.
H – Já era com lápis? Canetas?
N – Já era com lápis. Com ardósias também. Sim, uns lapisinhos também de ardósia.
H – E a Natália levava esse material? Tinha sempre esse material em casa?
N – Levava. Tinha, porque era assim, nós íamos comprar a uma loja e depois a minha mãe ia pagar no fim do mês. Era assim sempre, por isso nunca nos faltava nada.
H – E os livros que tinha serviam para todos?
N – Todos! Olhe, no dia de hoje é preciso tanto livro para as crianças aprenderem. Eu lembro-me disto tanta vez. Nós aprendermos todos com o mesmo livro, pelo menos a ler.
H – E nunca guardou materiais nenhuns desses?
N – Não. Nada, nada. Não, não, não.
H – Mas, no fundo, a Natália diz que não era boa aluna e que não aprendia bem, mas gostava da escola?
N – Gostava! Gostava! Porque era uma maneira de sair lá de ao pé dos meus pais, que não era assim um ambiente muito bom. Eu nunca gostei muito, pronto... situações da vida. Eu nunca gostei muito de lá estar em casa, nada dessas coisas.
H – Então, tentava sempre sair de casa?
N – Era, era. Então quando era as férias... enquanto para os outros era uma felicidade, porque queriam era ir de férias... eu era uma tristeza, porque não tinha escola! Pronto.
H – E lembra-se, então, desses materiais que levava para a escola?
N – Sim... era um caderno aos quadradinhos, ou tínhamos um caderno de riscas, tínhamos os quadradinhos para fazer os números... tinha, tinha essas coisas todas.
H – E a sua escola tinha sanitários?
N – Tinha ao lado.
H – Tinha tudo? Funcionava?
N – Às vezes funcionava outras vezes não.
H – Tinham água corrente lá?
N – Tinha, tinha.
H – Objetos que estivessem dentro da sala. O que é que tinham nas paredes para além do quadro e o crucifixo?
N – Eram os mapas de Portugal e da Europa... sei lá, era um mapa. Dois mapas. Tinha um fogão. O tal fogão que estava lá assim num cantinho assim...
H – Para aquecer no inverno? E eram vocês que iam buscar a lenha, provavelmente.
N – A lenha... era. Acartávamos a lenha toda.
H – Nas paredes tinham fotografias dos presidentes?
N – Dos presidentes... .do Salazar. Na altura era do Salazar.
H – ... e do Américo Tomás provavelmente?
N – Sim, sim, sim. Lembro-me quando foi o funeral do Salazar, sim, foi a primeira vez que eu fui ver televisão.
H – Foi a primeira vez que foi ver televisão?
N – Foi. No dia do funeral do Salazar! Saímos todos da escola e fomos ver!
H – Ai os alunos saíram todos da escola?
N – Saímos todos da escola e fomos todos ver!
H – E onde é que era isso?
N – Era num café. Os senhores lá do café... perto da escola. Tinha assim uma sala ao lado do café, e tinha uma televisão a preto e branco e nós fomos todos ver o funeral do Salazar.
H – E o que se lembra de ter visto? Isso ficou-lhe presente? Do que é que se lembra? De criança, o que é que se lembra de ter olhado para aquilo?

N – Ficou, ficou, ficou! Muita gente, muita gente. Pronto, olhe, lembro-me perfeitamente disto. Saímos todos da escola e fomos todos ver o funeral do Salazar. E depois veio o Marcelo Caetano a seguir... que aquilo para o meu pai foi uma grande coisa. Foi o maior homem que apareceu à face da terra, o Marcelo Caetano, porque deu o primeiro abono de família! Eu parte do meu tempo ainda tive direito ao abono de família.
H – E o seu pai, então, achava que aquilo era... ?
N – Exatamente. E as reformas! Porque o meu pai sempre trabalhou e a partir daí começou a descontar. Depois foi de onde a minha mãe teve a reforminha dela, foi a partir daí, pronto. O meu pai depois já não gozou a reforma dele, faleceu. A minha mãe é que ficou... e eu ainda recebi abono... que o meu pai ficava-me logo com ele, e dizia-me que quando eu me casasse que mo dava... só que quando eu me casei ele já tinha morrido, olhe!... (risos). Mas o abono do meu irmão, eu era esperta, não era boa para a escola, mas era esperta noutras coisas! Então combinei com a minha mãe: "Oh mãe, eu é que vou aos correios levantar o... ", eram seis escudos... seis escudos na altura, lembro-me.
H – Do seu irmão?
N – Do meu irmão. Lembro-me perfeitamente.
H – E que idade tinha a Natália nessa altura?
N – Ai eu já era muito esperta! Talvez uns doze anos. Tinha uns doze anos. Porque quando foi o 25 de Abril, no dia do 25 de Abril, eu estava aqui neste sítio na Sertã, aqui. Nunca me esquece, porque era uma feira aqui.
H – Um mercado?
N – Um mercado, uma feira do mês. Era aqui por trás, por esta estrada acima, e a minha mãe já me dava dinheiro nessa altura para eu vir aqui, mas vinha com os vizinhos, não vinha sozinha, e dizia-me tudo o que eu comprava. Devia eu ter uns doze ou treze anos, quando foi o dia do 25 de Abril.
H – E lembra-se de estar aqui?
N – Estava aqui, estava no mercado.
H – E o que é que se lembra desse dia?
N – Nesse dia começaram então ali... no altifalante... a dizer para as pessoas irem todas para casa. Alguém daqui... .da Câmara. Para as pessoas se irem todas embora, que havia uma grande revolução em Lisboa. E eu vinha para comprar uns sapatos para a minha mãe! (risos). Lembro-me tão bem disto! Vinha para comprar uns sapatos para a minha mãe, e cheguei lá a casa e disse: "Oh mãe olhe, os sapatos!... " (risos), e ela fez assim, atirou com os sapatos: "Oh filha! Já não é preciso os sapatos, porque nós vamos morrer todos!" (risos)
H – Ai... achavam que iam morrer todos?!
N – Ai lembro-me tão bem do dia do 25 de Abril. Quando é o dia do 25 de Abril eu lembro-me sempre dos sapatos! (risos)
H – Dos sapatos da mãe... e ela mandou com os sapatos ao ar, foi?
N – (risos) Claro! Aqui era a feira e...
H – Mas então, quando a Natália chegou a casa a sua mãe já sabia, ou foi a Natália que lhe disse?
N – Fui eu que disse.
H – Ah... a Natália é que lhe foi dizer... ?
N – Sim, sim, sim. Aqui era a feira do gado, ali em cima ao pé da capela... havia a feira do gado e aqui para baixo eram os feirantes. Lembro-me tão bem disto, tão bem disto. E eu estava aqui na altura do 25 de Abril.
H – E depois de terem feito esse anúncio no microfone... .?
N – Nós fomos embora!

H – Foi toda a gente embora? As pessoas ficaram com medo?
N – Com medo, com medo! Sim, sim, sim.
H – Lembra-se do que é que diziam, ou alguém comentava?
N – Para se irem embora, para irmos todos embora, cada um para as suas terras, porque havia uma grande revolução em Lisboa. A gente não sabia o que é que se estava a passar...
H – Mas via que as pessoas estavam assustadas?
N – Sim, sim, sim, sim. Eu lembro-me da história dos sapatos. A mulher ainda rompeu tantos pares de sapatos! (risos)
H – Afinal não foi o fim do mundo!
N – Não, não, não, não... Ai meu Deus! (risos) A vida de uma pessoa! É a tal coisa que eu digo... foi uma vida sem ter nada, atravessámos... se nós formos a ver bem, até fomos umas pessoas muito sortudas, porque atravessámos esta época toda. Enquanto esta geração, hoje não dá valor a nada, nós damos valor, porque atravessámos esta época toda... do não ter nada até agora.
H – Em pouco espaço de tempo, não é?
N – Exatamente!
H – Agora visto à distância...
N – Exatamente. Eu tinha doze, treze anos, hoje tenho sessenta. O que é que isto não evoluiu? O que é que eles irão agora inventar mais? Eu faço essa pergunta muita vez... não é?!... O que é que agora se irá seguir? Tenho um bocado de curiosidade... vejo lá os meus netos todos... 'tsi-tsi-tsi' (gesto do dedo no ecrã do telemóvel)... que aquilo irrita-me tanto, tira-me do sério!
H – Provavelmente, é por aí...
N – Tira-me do sério, aquilo, os computadores. A minha neta tem cinco anos ela já me ensina, como é que é possível? Já não ligam nada à televisão, é àquilo! Pronto, e é assim.
H – A Natália não guardou nada do seu tempo de escola? Material nenhum?
N – Não, não, não. Nada, nada, nada, nada. Não guardei nada, não.
H – E também não conhece ninguém que tenha guardado alguma coisa?
N – Também não, também não. Também não, porque eu...
H – Fotografias, falou-me naquela situação de ter o bilhete do seu pai.
N – E da minha mãe, mas eu era para levar à tarde.
H – Tudo bem. Portanto, já me disse que andou, ao total, terão sido o quê? Uns cinco anos, seis, na escola?
N – Ai andei muitos anos na escola. Disso orgulho-me eu! (risos)
H – Orgulha-se?! Repetiu todos os anos então?
N – Não... repeti na 1.ª, repeti porque era muito pequenina, muito torrãozita como já estou a dizer... eu coitadinha não valia nada! Os vizinhos, toda a gente dizia que eu não me criava. Só que depois numa altura... talvez uns dois ou três anos que eu tenha repetido. Na 1.ª e na 4.ª. Eu penso que foi isso.
H – Já me disse que a escola era mista, era rapazes e raparigas. Davam-se, brincavam uns com os outros?
N – Sim, sim, sim.
H – Não havia separações nos recreios?
N – Não, não, não. Tudo, tudo, tudo junto.
H – E outra coisa que era... a Natália sentia que havia muita discrepância entre os meninos na escola, pelo menos daqueles que andavam na sua sala, em termos económicos, sociais? Havia muita diferença de uns para os outros?
N – Ai! Havia, havia, havia. Muito, muito, muito.
H – E o que é que a Natália via dessa situação?

N – Muito!
H – Eram meninos muito pobres?
N – Eram.
H – ... misturados com meninos muito ricos?
N – Que tinham muito, sim, sim, sim.
H – Sente que isso influenciava, de alguma maneira, como vocês se davam uns com os outros?
N – Não, penso que não.
H – Ou como as professoras vos tratavam? Sentia ali alguma diferença?
N – Sentia, sentia, sentia.
H – E o que é que sentia?
N – Sentia que eram tratados de maneira diferente... os meninos mais ricos. Eu não era considerada assim mais pobre, mais pobre, mais pobre, havia aqueles coitadinhos que eram mesmo miseráveis.
H – Quem eram esses meninos?
N – Ai passavam fome, andavam descalços. Eu não, eu... a família da parte do meu pai eram dez, parece que não... depois aquelas tias foram para Lisboa e assim e quando cá vinham traziam roupas, traziam coisas.
H – Sentiam que as pessoas da família que iam para fora ajudavam a vida dos que ficavam cá?
N – Sim, sim dos que ficavam. Muito, muito, muito. Sim...
H – E teve casos na família, de gente que emigrou para o estrangeiro?
N – Não, não, não.
H – Ficou tudo cá em Portugal, foram para Lisboa?
N – Tudo, tudo, tudo. Foram para Lisboa. Na altura aqui ia tudo para Lisboa. Tudo para Lisboa, sim. Eu também fui depois, foi cinco anos em Santo Amaro de Oeiras.
H – E sente que as professoras discriminavam um pouco nessa situação?
N – Sim, sim, sim. Discriminavam.
H – E tratavam melhor?
N – Melhor... davam mais atenção.
H – Davam mais atenção aos meninos...
N – Dava, davam, davam...
H – ... que estavam melhor... economicamente?
N – ... melhor, sim, sim. Sentia-se sim.
H – Lembra-se de irem à escola dar algum apoio ou teve algum apoio para comer?
N – Tinha! Para comer tinha! Houve uma altura em que havia, era leite em pó que davam.
H – Iam à escola?
N – Não iam à escola não. Era a casa paroquial.
H – Ah! A casa paroquial dava?
N – Dava, dava!
H – Mas dava-vos diretamente a vocês, às crianças, ou davam à família?
N – Aos pais, os pais é que iam lá buscar. Quem precisasse de apoio ia ali buscar. Isso lembro-me muito bem.
H – E havia também algum apoio para os materiais da escola?
N – Não, não, não. Não, não, disso não tenho essa ideia... não. Só depois, então, quando veio o tal abono... que o meu pai toda a vida falou naquilo do Américo Tomás que foi ele que deu... não era ele que dava, mas pronto. Veio essa lei em que se começou a receber então o abono e as reformas. Que era uma miséria! Dantes nestas aldeias aquilo era uma miséria. Lembro-me de haver pessoas deficientes que estavam fechadas... olhe isso foi

uma coisa que também me marcou... pessoas com deficiência estavam fechados dentro de currais... eu lembro-me de passar numa rua e ouvir sempre uma pessoa gritar. E outra coisa que nós fazíamos muito ao domingo, íamos visitar todas aquelas pessoas que estavam acamadas. Não havia lares na altura. Estavam acamadas em casa, nós íamos a essas casas visitar aquelas pessoas que estavam acamadas...
H – Mas as crianças ou já em adultos?
N – Não, as crianças. A gente depois com doze, treze anos íamos fazer visitas a essas pessoas.
H – E quem é que vos dizia para fazer isso? Era a professora?
N – Talvez na igreja, talvez... nós íamos visitar aquelas pessoas que estavam de cama. Havia bastante gente lá, até com deficiência havia, pessoas aleijadas, com deficiência. Lembro-me muito disso, acho que é uma coisa que nos marca...
H – E a Natália lembra-se na escola de celebrarem estas épocas natalícias, festivas... Páscoas, Carnaval? Não havia festa?
N – Não, não, não. Não havia. Não, não, não, não.
H – Portanto, na escola não se fazia nada de especial?
N – Não, não, não, não.
H – E coisas assim populares, dos rituais da época... dos cantares, das coisas tradicionais?
N – Isso lembro-me. Nós lá não. Aquilo era uma miséria mesmo. Havia a festa todos os anos. A festa que ainda hoje se faz que é de um santinho...
H – Uma festa popular? De verão?
N – Popular, sim. De verão, sim. É no terceiro domingo de Agosto. Ainda no dia de hoje, aquilo está, agora até os jovens se têm juntado... os que moram em Lisboa... e vão lá naquele fim de semana, combinam todos e conseguem fazer a festa ainda nos dias de hoje. Juntam-se dez, quinze, vão para lá e fazem a festa.
H – Mas, pronto, do seu tempo?
N – Do meu tempo... já são filhos dos do meu tempo... filhos dos meus... sim.
H – Estão a retomar... ?
N – A retomar, exatamente. E arranjaram a aldeia toda. A aldeia está muito bonita, não há lá uma casa velha. Recuperaram tudo, tudo, tudo, tudo. Está uma aldeia muito bonita principalmente antes de passar o fogo. Depois passou lá o fogo e ardeu, ardeu tudo... só ficou as casas...
H – Essa foi uma das que ardeu?
N – Foi, foi, foi.
H – Quantas casas arderam?
N – Não ardeu casa nenhuma. Não ardeu casa nenhuma, só ardeu tudo em volta, tudo, tudo, tudo em volta...
H – Isso em 2017 ou agora neste em 2019?
N – 2019. O de 2017 foi mais em Pedrógão Grande, na zona de Pedrógão Grande. Este foi este último. Foi... não ficou lá nada, nada, nada, nada.
H – E no seu tempo de criança não se lembra desses rituais da terra na época das colheitas ou de coisas da época? Se havia alguma coisa na escola alusiva a esses produtos locais, sei lá, a esses costumes?
N – Não, não, não. Lembro-me é de haver o magusto, com as castanhas, disso lembro-me perfeitamente.
H – Sim, porque aquela zona ali também é da castanha, não é?
N – Também, também. Fazíamos lá o magusto na escola. Todos nós levávamos um bocadinho de castanha e fazia-se o magusto na escola. Lembro-me disso perfeitamente.
H – E depois quando havia as férias o que é que lhe acontecia?

N – Olhe, ia para casa e ia trabalhar na horta. Na horta. Era. Nós éramos muito... olhe, tinha então os primos no outro lado da ribeira, juntávamo-nos e passávamos o dia todo a brincar. Tínhamos umas ovelhitas, guardávamos as ovelhas e passávamos o dia todo a brincar.
H – Havia muitos meninos ali para brincar?
N – Muitos, muitos meninos, muitos meninos para brincar. Havia, havia.
H – Não há assim nenhum episódio que lhe tenha ficado na memória?
N – Ai, esse Lino de que lhe falei àbocadinho...
H – Do que tinha uma avó com batatas fritas... ?
N – Os pais dele já tinham ido para a Holanda. Olhe, regressaram agora de todo, os pais desse Lino. Os pais foram para a Holanda, mas ele ficou a viver com a avó. Com essa tal avó. O que é que acontece? A avó tinha uma horta lá ao pé de nós... que era essa avó que nos levava as notícias quando acontecia alguma coisa assim fora do normal, ela tinha um rádio, um radiozinho e ela é que nos levava as notícias... e era quando dava o folhetim "Simplesmente Maria"...
H – "Simplesmente Maria"... ?
N – "Simplesmente Maria"... e o neto dela foi para lá para brincar connosco, e estava lá um grande pote que era com um produto com que se curava as videiras na altura, enxofre... era assim uma coisa das pessoas de lá. Então e nós espetámos com o rapazinho lá para dentro!... (risos)
H – No produto... ?
N – Olhe, vimo-nos aflitos com a história. Acho que foi a coisa assim que me marcou muito.
H – Traquinice... ?
N – Traquinice! Havia muitas árvores de fruto, nós comíamos tudo à-vontade, isso lembro-me muito bem.
H – E enquanto andou na escola primária, não tem presente alguma situação que a tenha marcado mais... ou um dia na escola, uma visita de alguém, um teste?
N – Ai não, essa dos testes não me lembro. Não, não.
H – Nem do seu exame de 4.ª classe? Foi feito onde o seu exame?
N – Em Oleiros. E nós estávamos lá três dias em Oleiros. Primeiro era a prova escrita, depois era a prova oral e nós fomos lá para Oleiros, para casa de uma irmã desses senhores da Vinha Velha que eram muito ricos. Nós íamos lá para casa dela, para irmos lá ao colégio fazer o exame escrito e oral.
H – E foi lá no colégio de Oleiros... que fizeram a prova?
N – De Oleiros, de Oleiros, sim. Fizemos.
H – Quantas pessoas é que fizeram exame?
N – Ai éramos muitos. Eu tenho lá o diploma em casa... mas é o diploma que se foi pedir mais tarde, das habilitações que eu tenho. É só isso.
H – Esse diploma de origem não tem?
N – Não, não, não tenho. Porque era... na minha cédula pessoal está anexado: "Fez exame neste dia, neste dia, neste dia." Era assim na cédula.
H – Na sua cédula?
N – Sim. Na cédula de nascimento. Eu tenho uma cédula de nascimento, na altura toda a gente tinha, uma cédula de nascimento... e depois numa folha ao lado tinha anexado o exame da 4.ª classe.
H – E fez o exame à primeira ou à segunda?
N – Fiz o exame à primeira.
H – Passou à primeira?

N – Fiz, fiz. Também já era repetente... .
H – Tem memórias desse dia?
N – Tenho, porque eu tinha lá uma tia em Oleiros, íamos à casa da tia... era tudo assim diferente.
H – Era tudo diferente? Levou alguma roupa diferente?
N – Levei, levei, levei. Era um vestido todo plissado que era dessa minha prima que hoje é advogada. É advogada em Lisboa. Mas tinha um problema, hoje sabe-se que é trissomia 21, ela tinha assim uma deficiência, pronto, sei que ela conseguiu tirar o curso de advogada. Sim senhora. Quando foi aquele caso do Pedro Dias, aqui há uns anos, ela ainda apareceu na televisão (...).
H – E lembra-se... essa situação dos filhos irem à escola... ?
N – Era obrigatório!
H – ... mas no geral, na sua aldeia, as pessoas concordavam? Achavam bem?
N – Concordavam, concordavam. Concordavam sim. Toda a gente já ia à escola. Na altura já era obrigatório. Lembro-me no tempo do meu pai, eu acho que só os rapazes é que iam aprender a ler e a escrever, mas na minha época toda a gente ia à escola. Sim, sim, sim.
H – A Natália nunca sentiu nenhuma vontade de estudar mais?
N – Ai não, não, não.
H – Mas se eventualmente tivesse seguido os estudos o que é que gostava de ter estudado? Havia alguma matéria na escola que gostasse mais?
N – Não, não, não.
H – Não tem memórias?
N – Não, não, não. A minha coisa também era acabar a escola e também ir para Lisboa.
H – Era o que a Natália gostava?
N – Era, era, era. Assim como fui, que adorei aquilo.
H – E lembra-se na escola, esses tipos de rituais, se iam ao quadro?
N – Íamos ao quadro... ai íamos ao quadro fazer contas, levávamos assim com a cana quando não sabíamos, se não acertávamos as coisas...
H – E a professora usava a cana?
N – Era a cana e era a régua.
H – Era a régua, aquela palmatória, a menina dos cinco olhos ela usava?
N – Era a régua. Mas eu nunca levei assim muitas reguadas.
H – Mas não tem ideia de qual era a matéria que gostava mais ou a disciplina que gostava mais se é que havia alguma?
N – Não, não...
H – E a que não gostava nada?
N – Não, não.
H – Era tudo igual?!
N – Tudo igual. Tudo igual.
H – Também não se lembra... às vezes há uns contos, umas histórias, umas matérias que ficam mais presentes na memória, lembra-se de alguma coisa?
N – Não, não, não.
H – Às vezes no livro da escola primária? Algum conto, alguma leitura, alguma coisa... não tem presente?
N – Não, não, não. Acho que varreu-se-me tudo...
H – Também não tem ideia se havia alguma maneira ou algum método específico que as suas professoras utilizassem para ensinar a ler ou a contar?

N – Quando a gente íamos à água, para ela, ou levávamos uma dúzia de ovos, ou assim... ou quando era para fazer um exame ela, à tarde, ela levava-nos lá para casa dela e ensinava-nos lá em casa dela.
H – Mas foi durante os anos todos, ou foi só quando foram ao exame da 4.ª classe?
N – Não, na 4.ª classe. Sim, sim. Olhe, a minha professora da primária chamava-se Virgínia. Virgínia, sim. Esteve lá durante muitos anos. Virgínia, da 1.ª classe. Mas depois houve outras. Todos os anos era uma. Das outras não me lembro, agora desta... era professora Virgínia que era do Fundão.
H – Então Natália durante a sua vida inteira no fundo a sua profissão foi... ?
N – Era doméstica.
H – ... e trabalhou sempre nessa área?
N – Sim, sim, sim, sim.
H – E foi sempre para pessoas particulares?
N – Olhe, então, casei, estive vinte nos em casa. Esse foi o maior erro da minha vida! Vinte anos em casa, e agora não tenho os descontos desses vinte anos. Depois chateei-me com o meu marido, peguei nos meus dois filhos e fui-me embora. Fui para Lagos.
H – Mas já com eles criados?
N – Criados quer dizer... a minha filha andava na 4.ª e o meu filho na 2.ª.
H – E esteve por opção, para tomar conta dos filhos ou... ?
N – Olhe, era o meu marido...
H – Ele impugnou... não queria que a Natália trabalhasse?
N – Não, não, não...
H – Queria que estivesse em casa?
N – Em casa, em casa, em casa. Depois fui-me embora. Deixei-o, fui-me embora, fui viver com essa minha irmã. Correu tudo muito bem, uma maravilha. Ao fim de oito dias já estava a trabalhar na Santa Casa da Misericórdia de Lagos. Os meus filhos um estava na 2.ª e outro estava na 4.ª classe. Ainda na escola primária.
H – E fizeram lá a escola primária?
N – Fizeram lá aquele ano. Depois estive lá seis meses, fiz a vontade seis meses, os meus filhos fizeram o resto do ano lá e depois olhe, voltei outra vez para aqui. Mas aí já na condição de ir trabalhar. Voltei, mas na condição de ir trabalhar...
H – Porque no fundo a Natália queria ir trabalhar?
N – Trabalhar e sair de casa!...
H – Fazer a sua vida.
N – A minha vida... fui trabalhar. Vim trabalhar aqui para uma casa do doutor Ângelo Mendes, trabalhei lá durante dezassete anos na casa dele.
H – Todos os dias?
N – Não, não, não, três dias por semana. Era uma jóia de pessoa aquele homem. Depois quando deixei de trabalhar lá, porque ele faleceu, e a mulher foi-se embora para o Porto, deixei de trabalhar lá.
H – A Natália trabalhou desde os dezoito anos sempre nestas funções?
N – Sim, sim... sempre, sempre, sempre nisto.
H – E surgiu quando foi para Lisboa por intermédio desta família... ?
N – Sim, sim, sim...
H – Acha que o ter andado na escola influiu de alguma maneira para a Natália ter tido estes trabalhos?
N – Ai sim, claro que sim! Então uma pessoa sabia ler e escrever... eu acho que é muito confuso a pessoa não saber. Por exemplo, ver televisão, ver um bom filme, ver... pronto. Acho que sim, nem imagino a pessoa não saber ler...

H – E a Natália sente que, para os seus pais, era importante os filhos irem à escola?
N – Era, era.
H – Também não incentivavam muito a estudar mais, porque também não tinham como...
N – Não tinham, não tinham!
H – Mas achavam que era uma coisa boa os filhos?
N – Sim, sim. Porque lá na altura lembro-me que só os filhos desses ricos, por exemplo aqueles senhores para quem o meu pai trabalhava, os filhos dele... que foi então meu patrão anos mais tarde, esses senhores iam logo estudar para Coimbra. Só os filhos dos ricos é que iam estudar.
H – E essas famílias quando eram rapazes e raparigas elas também iam ou eram só os rapazes?
N – Só os rapazes. As raparigas ficavam em casa a aprender a bordar e pronto. Ficavam em casa e depois casavam com uma pessoa também lá da coisa deles, lá rico. Na altura era assim... a vida era assim.
H – E a Natália, se é que tem presente, porque era criança... quando agora pensa nesses tempos, lembra-se em criança de alguma vez ter pensado o que é que era a escola, se gostava, se tinha alguma expectativa da escola?
N – Eu gostava.
H – O que é que, na sua cabecinha de seis, sete anos, lhe ocorria quando lhe falavam da escola?
N – Era, era, era... gostava... era normal. Toda a gente na altura ia à escola. Era normal. Acho que é como agora. As crianças chegam àquela idade...
H – Mas achava em criança, se é que tinha esse tipo de pensamentos, que a escola ia fazer alguma coisa por si no futuro? Achava?
N – Acho que a gente na altura nem pensava nisso. Acho que nem se pensava muito nisso.
H – Olhe, e a diferença, se é que nota alguma assim de especial, entre aquilo que foi a escola do seu tempo, e depois o que já foi a escola dos seus filhos? O que é que nota que mudou... se é que mudou?
N – Olhe, eu nunca levei tareia na escola, mas a minha filha, a professora batia-lhe bastante, porque era a tal história... ela também era pequenita, burrita (risos).
H – E ela estudou aqui?
N – Não foi aqui, foi na escola da Abegoaria, ali ao pé do centro de saúde. Há ali uma escola...
H – Sim, mas eu estou a dizer aqui, aqui na Sertã.
N – Na Sertã sim, a escola da Abegoaria, foi onde a minha filha e o meu filho andaram.
H – A professora desse tempo...
N – Era, era... batia, batia, batia. Ela depois até foi reformada mais cedo. Ainda é viva. Mora ali no Moinho da Rola. Ela ainda é viva.
H – E acha que o motivo era esse? Era porque a sua filha não aprendia?
N – Não aprendia.
H – Nota que a diferença maior que existiu entre a sua educação e a dos seus filhos é que no seu tempo as professoras não batiam...
N – A mim não batiam, mas batiam muito! A mim não batiam, mas batiam muito!
H – Sim. Assim em termos, sei lá, das matérias... ?
N – Era totalmente diferente.
H – ... do sistema?
N – Do sistema... era diferente, era diferente era.
H – Não consegue dizer, exatamente, mais algum aspeto que note que seja assim mesmo diferente, não?

N – Não, não, não. Olhe, esta senhora aqui que era professora do meu filho era muito boa professora. Boa professora. Esta não batia. O meu filho tem muito boas recordações dela... .Professora Maria José. Que também tem uma história de vida...
H – Não tem fotografias da sua escola?
N – Não... não tenho nada, nada, nada, nada, nada. Nada. A pessoa muda! Olhe, a primeira fotografia que eu tenho, que eu tenho não, não tenho. A fotografia que eu me lembro de me tirarem, foi quando fui fazer o exame da 4.ª classe a Oleiros e fui lá para a casa de uma tia, íamos às explicações à tal casa daquela senhora que era lá da família da Madeirã, mas depois ia dormir a casa da minha tia. E ao lado da minha tia, havia uns vizinhos, e o senhor era fotógrafo e todos nós que íamos... porque aquilo era um ritual... todos os sobrinhos iam lá fazer o exame. E ele tirava uma fotografia a todos.
H – Não tem essa fotografia?
N – Não tenho essa fotografia, coitadinha... olhe... não tenho. Até isso desapareceu. Não tenho não. Não tenho nada, nada, nada. Não tenho nada. A casa da minha mãe, olhe, aquilo também acabou tudo por... pronto. (...) Nós lá... não tínhamos nada. Aquilo era, olhe... o fim do mundo! Era o fim do mundo... mas era mesmo.

– Olga Maria Martins dos Santos –

Naturalidade: Alcains (Castelo Branco)
Data de nascimento: 06-05-1956
Residência actual: Proença-a-Nova
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe (Alcains, 1963 a 1966; 2.º Ciclo, Telescola (Alcains, 1966 a 1968); Liceu Nuno Álvares (Castelo Branco, 1968 a 1974); Curso do Magistério Primário (Castelo Branco, 1974 a 1976); Bacharelato, Escola Superior de Educação (Castelo Branco, 2004 a 2006 – Equivalência a licenciatura).

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio e audiovisual), Universidade Sénior de Proença-a-Nova (05-12-2019).

[NOTA: Esta senhora professora respondeu por escrito ao Guião de Entrevista (27--10-2019). Posteriormente, justificou-se a realização da presente entrevista oral, relacionada com materiais pedagógicos do seu espólio documental pessoal.]

– Essa sua entrevista... ainda bem que respondeu por escrito, porque hoje era mais para vermos aqui os seus materiais.
– Faltou aí uma coisa... era um hábito lá na minha terra quando acabávamos o 3.º ano púnhamos as carteiras umas em cima das outras, encostadas, levávamos colchas para forrar, e depois a professora nesse dia trazia um lanche e nós íamos, de casa em casa, de cada uma da turma, pelas ruas a cantar. Depois as mães delas tinham copos de refresco e bolachas, já era o bolo sortido, no 3.º ano. Depois no 4.º cantávamos.
– Havia ali quase um ritual de passagem, não era? Isso era quase como ir 'cantar as janeiras'...
– E depois íamos a cantar. Ontem à noite custei a adormecer porque há uma quadra que não me lembrava, porque era assim... mas agora falta-me uma quadra... cantávamos assim: "E já chegou o nosso dia, o dia da prova escrita, viva a nossa professora, que é a melhor e mais bonita!" Depois havia outra "E já chegou o nosso dia, o dia da prova oral, viva a nossa professora, que é a melhor de Portugal!" (risos). E depois havia as que não passavam. E, então, quando passávamos à porta dessas, como não íamos entrar para comer, esta quadra é que só tenho os últimos dois versos, já não sei os dois primeiros.
– Então havia as que passavam e as que não passavam?

– Porque era assim: "Viva a nossa professora, que só deixou três burrinhas", que era as que não tinham passado. E à porta das que não tinham passado, elas até tinham a porta fechada, porque estavam atentas... há-de cá passar a turma: "A gente fecha a porta, faz de conta que não estamos." Faltam-me os dois primeiros versos por ter que rimar com "burrinhas" e... ontem até custei a adormecer só para ver se me lembrava...
– Mas essa era a ladaínha que cantavam quando faziam a 3.ª ou a 4.ª?
– No 3.º ano. Era tipo festa. No 4.º ano... era, sobretudo, a dizer que tínhamos passado. Até tínhamos um vestido novo. E, então, passávamos para irmos à casa de cada uma da turma. Porque só havia uma turma de 4.ª classe.
– Na sua geração foram quantas fazer exame da 4.ª classe?
– Nós fomos de Castelo Branco, mas por exemplo, o meu irmão, temos uma diferença de quatro anos, ele foi fazer exame a Castelo Branco, mas iam num carro de mula forrado assim com toldo e depois nestes quatro anos houve uma evolução. Eu já fui de autocarro. As mães juntaram-se, alugaram a carreira, lá falaram com um dos senhores... era cobrador lá... veio uma carreira, para dar por cada uma. E, então, fazíamos a prova escrita num dia, a prova oral noutro dias e tínhamos um vestido para cada uma. E, então, levavam o lanche ao intervalo, tinham lá um lanchinho.
– Então diga-me lá datas, isso foi?
– Ora, eu fui para a escola em 62/63, portanto os quatro anos, já seria 67/68. Era característico de lá... mas agora falta-me a outra quadra disso, já escrevi tanta coisa e esta nunca a escrevi. Era qualquer coisa: "só deixou duas burrinhas", ou "três burrinhas"... que eram as que não tinham passado.
– E iam a Castelo Branco fazer a prova?
– O exame era em Castelo Branco.
– Regressavam da oral, não é?
– Pois... vínhamos à escola, combinávamos o dia em que havíamos de dar a volta... chamava-se a isso: "dar a volta." Até as próprias pessoas disseram assim: "Ai... ainda não dei conta de este ano darem a volta!", diziam outras: "Então, foi em tal dia a prova escrita, ainda não fizeram a prova oral." Então partíamos da escola, a professora tinha lá sempre uma coisita qualquer que sabia que lhe dávamos uma prenda, comprávamos entre todas e então depois começávamos... portanto, a escola ficava no ponto mais alto da vila, e íamos aí pelos bairros até depois continuarmos... .agora já não sei, se voltávamos à escola ou se desfazíamos o grupo... acho que desfazíamos o grupo, porque algumas iam ficando em casa e depois às vezes, como era distante, o grupo já se tornava mais pequeno.
– Tem mais ou menos presente quantas eram? Ou quantas pessoas foram nesse ano?
– A turma? Portanto, havia três filas e era duas a duas. Ora, umas trinta.
– Umas trinta que foram a exame?
– Só havia uma turma, porque era uma escola Plano de Centenários, com duas no primeiro, eu acho que era isso... e duas no rés-do-chão, um ano em cada. Aliás, cada classe... que ainda se falava em classe... cada classe tinha a sua sala, porque havia a escola masculina e a feminina. E não havia atividades conjuntas. Só o leite... o leite é que íamos à escola masculina. Porque aí era maior, havia mais rapazes do que raparigas, havia muito mais salas, e havia duas empregadas, enquanto que na feminina só havia uma. E, então, era aquele leite em pó da Cáritas que traziam... vinha uma senhora ao muro da escola masculina bater assim duas coisas, nós ouvíamos aquilo lá a bater e íamos todos a correr. E agora nem sei como é que ela lavava os copos, porque ainda não havia água canalizada. Iam aos poços.
– Tudo isso na escola primária de Alcains?
– Sim, sim. Foi onde eu frequentei. Depois como professora é que vim para aqui. Em 78.

– A Olga também refere aqui, na pergunta: se tinha havido algum professor de quem tivesse alguma memória ou que a tivesse marcado mais... e a Olga fala daquele episódio do ditado do Mostrengo.
– Ai! Isso do meu 4.º ano.
– Já no liceu?
– Sim.
– E lembra-se do nome dessa professora? Era uma professora primária?
– Era uma professora sim, que agora até está incapacitada. No liceu de Castelo Branco... Maria José! Maria José Rafael. Que está agora incapacitada. Teve um AVC. (...) E, então, aí é que foi a primeira vez que eu senti assim... porque a minha professora era muito fria, não tinha filhos, e depois esticava-se assim, para bater, e a gente só via assim aquela cara de má!
– Mas na escola primária?
– Sim, sim.
– Pois. E há também uma coisa que é muito forte, quando se lê a entrevista que escreveu...
– Deve aí focar aquela parte que eu levei os livros já sempre com um... e eu dizia assim: "Nunca é um novo para mim! Já lá vem sempre... " (risos).
– Sim, sim... .essa questão de os livros já virem sempre em 2.ª ou 3.ª mão!
– Mas depois era engraçado, porque era o livro do 1.º ano, já nem tinha bordes nem nada, a minha mãe: "Olha, damos ali àquele que é pobrezinho." Pronto, o livro da 1.ª classe. Não consigo ter os meus livros de escola primária...
– Pois, porque os foram dando sempre.
– A minha mãe comprava, ou já era do meu tio, passava para o meu irmão, que eles tinham uma diferença de dois anos, depois do meu irmão fica ali pela diferença de anos, ele no 4.º ano e eu ia para o 1.º. Tanto que ele até quis ir comigo fazer a matricula, porque disse: "Eu já sei como é que é, porque já conheço a escola e tu vais agora para lá a primeira vez."
– Pois. Há também uma coisa que eu achei muito interessante aí que é, ficou muito presente na Olga essa distinção social, as diferenças que os professores faziam?
– Ah! Pelas famílias de bem... pois, sim, sim.
– Com as famílias, com o vestir... o pôr de castigo essas pessoas.
– Aquelas que ela ajudava de vez em quando, ela... podiam ir lá à secretária... porque o: "Vem aqui à secretária!", quando ela dizia assim: "Fulana vem aqui à secretária!", a gente dizia logo: "Alguma coisa correu mal... " E houve um dia uma, que nesse dia até tinha tido erros, mas ela tinha levado um presente, e a professora diz: "Oh não sei quê, anda cá, hoje portaste-te aqui um bocadinho mal." E a gente sentia: "Não... o tratamento é diferente!"
– Mas também a Olga sentia isso não só no tratamento, assim no dia a dia, mas depois até em termos de algum favorecimento... do aproveitamento escolar?
– Da família. Porque eu tinha na minha turma uma dos Trinqueiros de Aragão que são aqueles proprietários das farinhas Branca de Neve e, então: "Oh Isabel, o que é que hoje fizeste para dares aqui este erro? Tu que és tão certinha... " e a gente sabendo que era ali um favorzinho (risos). Eu vi logo que deviam ser essas coisas que a puseram interrogada! (risos)
– Sim! Até porque, tendo em conta as pessoas que tenho estado a entrevistar, a Olga é talvez a pessoa que teve menos pudor em falar disso, e em assumir que era assim, pronto! E depois também há pessoas que não sentem tanto isso na pele, não é? A discriminação...
– Agora trago-lhe aqui as relíquias que eu tenho. O caderno de duas linhas. Deste aqui tenho mais do que um, se quiser até lhe ofereço. É antigo.
– O caderninho de duas linhas. Foi mesmo por isto que a Olga aprendeu então?

– Sim, sim. Para a caligrafia. (...) E depois não tínhamos... eu pintava as capas todas, portanto, não tenho é isso. E este aqui já é o desenho... este aqui já é o quadriculado... .este é dos pautados, e depois tinham logo a tabuada, assim já não precisávamos de comprar a tabuada. Outro, este já era outro modelo, diz aqui: "Heróis de Portugal"... e depois davam-nos os selos para andarmos a vender... no meu tempo de professora também. Era sempre, lá tínhamos de andar a vender os selos...
– Olhe, isso davam-lhe quando andava na primária?
– Sim. E eu, ainda a trabalhar, ainda os mandava todos...
– Conte lá a história desses selos.
– Isto aqui era por causa da tuberculose... aquilo chamava-se, não era sanatórios... em Castelo Branco já está desativado, inclusive para eu começar a trabalhar tinha de ter um atestado em conforme não tinha qualquer doença contagiosa. E lá íamos fazer aquela prova da BCG ou levar a vacina e depois até tarde na escola primária acontecia-nos isto com uma professora, mas já no meu tempo de escola aparecia isto. E, às vezes, a gente nem, eu não queria levar, porque eu via... assim perto de mim era tudo pobre... e dizia: "Levo os selos mas depois não os vendo." E, então, guardei isto...
– E este dinheiro depois revertia então para a associação?
– Elas depois levavam isto lá para a Associação dos Tuberculosos. Em Castelo Branco agora está desativado, mas ainda lá está o edifício. (...) Depois, a seguir, vieram estes cadernos de lustro... e depois vieram estes já mais bonitos. Agora, o meu livro da 1.ª classe... não tenho o livro do 1.º ano, que tenho muita pena. Porque havia uma bruxa para dar o Xis... era muito engraçado.
– A bruxa era uma história?
– Era o Xis "Xô, xô!" e era uma mulher com uma vassoura e a chamar a maldição da bruxa, porque era para dar o Xis. Tenho isto e tenho a coisinha de escrever.
– A Olga ainda é deste tempo de escrever na lousinha?
– Sim, sim, sim. E sabe o que é que às vezes acontecia? Os trabalhos eram aqui que se faziam, quer a cópia, quer as contas, e às vezes metíamos na pasta e isto a roçar chegava à escola apagado: "Não fizeste os trabalhos?!", "Mas eu fiz, isto é que se apagou!... ", enfim.
– A Olga, quando andou na escola primária, da sua casa à escola...
– Era a pé... e ainda era muito, era longe. Eu morava perto da igreja e aquilo chamava-se a Escola da Pedreira, era onde faziam a extração do granito, nas traseiras da escola... é lá a peripécia das casas de banho, tínhamos de ir atrás do muro! E andavam, então, os calceteiros... os calceteiros rebentavam as rochas grandes para fazer aqueles cubos para o empedramento das ruas.
– A Olga teve esse livro da 3.ª classe?
– Já não. Não, não. Eu tinha sete anos quando nasceu uma prima, e o dela da 1.ª foi este. Portanto, se eu tinha sete anos, 63... em 69 passou este aqui. Já deixou de ser aquele.
– A Olga lembra-se desse livro entrar em circulação em 69?
– Sim. Era o Livro da Rita. Chamava-se o Livro da Rita.
– O Livro da Rita. Este é uma 1.ª edição, original. E Isto foi uma coisa que a Olga já adquiriu depois, quando era professora?
– Sim, sim.
– Mas como professora nunca o chegou a usar na escola?
– Não, não. Eu já sou professora... eu tirei o curso no pós 25 de Abril. Olhe, isto foi o dia em que fui fazer o exame da 4.ª, porque depois tive de tirar o bilhete de identidade. Foi o vestido que eu levei no dia da prova oral. É a fotografia do dia do exame da 4.ª classe. A minha mãe emprestou-me um fio de ouro para eu tirar a fotografia.

– Um vestido novo, para esse dia? Era assim o orgulho das meninas, não era?
– Era. Sim. Mas ela levava o fio e depois para eu tirar a fotografia pôs no meu pescoço para enfeitar.
– Tenho aqui o diploma da 4.ª classe... com selo de cinco escudos. E já vi que só está o nome do pai, não está o da mãe. Filha de... ora, cá está, onze de julho de 1967. Eu tinha a ideia que tinha entrado em 63. Fiz o exame a onze e só foi passado a vinte e cinco de Agosto pelo diretor escolar.
– E já vi que tem os outros certificados.
– Tenho depois o da telescola. Porque ainda não havia transporte para Castelo Branco diário e, então, era o padre no salão paroquial, arranjou duas televisões, era uma sala para o 1.º e outra para o 2.º. E eram as emissões que davam a partir do Porto. Português, Inglês, e tal, mas depois havia um professor que era de Ciências e era o Desenho, e ele queria agarrar nas Ciências, apagava a televisão na hora do Desenho. Mas depois havia um que estava na sala de professores, e eles de vez em quando, para ver se os professores davam as aulas todas, faziam exercícios de controlo. E houve um dia que estava nas Ciências e veio um a gritar e disse: "Abre depressa a televisão que estão a fazer o tal exercício de controlo e eles têm que responder a isso", porque sabiam que havia...
– Era o de Desenho?
– E era na aula de Desenho. Ele estava a dar as Ciências, que era o mesmo professor, e o outro disse: "Abre depressa a televisão, porque está a dar o exercício de controlo" que era para ver se as pessoas davam ou não as aulas, apareciam aqueles inquéritos. E, então, ele ia ali... já não era como as televisões de hoje, que se podia passar para trás. Portanto, este é o do 2.º ano que foi pela telescola, mas lá a paróquia é que... então era engraçado, no dia vinte e dois de cada mês entrava o senhor Vigário, que era ele que promovia isso.
– Então a telescola processava-se no salão paroquial?
– Eram os professores da escola primária, que depois das três horas vinham dar a telescola. Acumulavam. Portanto, as emissões começavam às duas e meia, eles tiravam ali um bocadinho ao almoço, vinham e davam-nos as aulas, eram professores do 1.º ciclo.
– A seguir a 67? Foi logo tudo seguido?
– Exato. Foi logo: 67/68, 68/69. E, então, no dia vinte e dois de cada mês víamos entrar o senhor Vigário. Dizíamos todos assim uns para os outros: "Já vêm pedir o dinheiro." Pagávamos duzentos escudos por mês para ele depois pagar a acumulação dos professores. Tanto que isto depois veio do Porto, porque as emissões eram do Porto e foi lá que começaram. Vila Nova de Gaia.
– Então e depois como é que se processava?
– Ah... e depois vinham os testes, nuns envelopes grandes, que depois os professores corrigiam, deviam fazer uma grelha para dar as notas.
– Conhece algum professor da telescola?
– Não. Já não. Eles viviam todos em Castelo Branco, deslocavam-se. Portanto, em Alcains havia... perto da propriedade dos meus pais, havia uma escola com dois lugares. E, então, as professoras que lá davam aulas, ninguém queria que os filhos fossem para essa escola... era uma senhora assim muito mole, e a mãe dela comprou a cadeira, não sei se já ouviu esse termo. Dava X dinheiro ao Estado, construía-se a escola, mas a filha ficava ali até à idade da reforma. E como ela era muito mole, era assim: "Então vamos fazer a matricula, quer para a Escola da Pedreira ou da Feiteira?" Ai pah... da Pedreira sobretudo. Mas quem morava ali perto envergonhava-se de as filhas terem de fazer aquele percurso e depois diziam assim: "Ai, ela é mole, eles até se levantam e ela não ralha." Portanto, tinha dois lugares, esses porque os pais... acho que eram cento e cinquenta contos... compravam a cadeira, inclusive aqui...

– Chamava-se mesmo assim: "comprar a cadeira"?
– Comprar a cadeira. E o que aconteceu no Concelho de Proença, um colega que já faleceu era... tipo filho bastardo, filho de um padre... e, então, para proteger a mãe, ele depois tirou o curso, o padre é que pagou e comprou-lhe a cadeira nos Montes e ele era o professor. Depois, entretanto, essa escola foi demolida e fizeram outra Plano de Centenários, que passou a ser por concurso, mas ele tinha lá sempre o lugar dele. Comprou a cadeira. Era esse o termo que se usava. Pessoas que viviam bem é que faziam isso. Inclusive uma amiga, de quem tenho muito boas referências, ela deve ter vindo para Proença, essa tinha família com esse Assis Roda... não sei se já ouviu essa descrição da cantina escolar do 1.º ciclo? E, então, esse senhor era benemérito, tinha uma farmácia, e ele então resolveu deixar um dinheiro, tipo renda perpétua no banco, para aguentar a cantina para aqueles que não podiam...
– Aqui em Proença?
– Aqui em Proença, sim. E, então, ele tinha direito... como fez esse benefício... a colocar cá uma professora. Ele era amigo da madrinha dessa colega, pediu-lhe e ela ficou aqui efetiva dessa maneira. Não é tipo "comprar a cadeira", mas foi pela cantina. Então, ela era a diretora quando eu vim para cá e ela disse: "Ai, como você está hospedada, guarda os meninos enquanto estão a comer na cantina... ", porque era rotativo, cada dia ia um professor ali meia hora, ou do meio dia ao meio dia e vinte, já ia almoçar mais tarde, mas tinha que entrar à uma e meia... guardar os meninos que se portavam bem. Então ela disse assim: "Oh colega, vou-lhe fazer uma proposta. Sou a diretora, você vigia-os ao almoço e come de graça" e eu disse: "Pronto, tudo bem" e, então, na casa onde eu estava hospedada já era só o alojamento e o jantar. Há assim umas coisas...
– Umas negociatas.
– Depois tenho aqui o do liceu, o do magistério. Não consegui encontrar foi o da escola superior. Mas isto interessa-lhe... é tudo mais para trás.
– Mas se eventualmente encontrar o da Escola Superior, ótimo!
– Depois aqui já é trabalhos... eu como professora. Gostava de entrar em concursos, havia um que era: "As viagens do interior ao litoral", concorri em dois lugares, inclusive foi na escola do Peral e foi na escola da Atalaia. E, então, feitas aventureiras, a primeira vez que veio este projeto, portanto éramos as três escolas que fazíamos o Conselho Escolar, a gente resolve... até dava direito a dormida na Pousada da Juventude... e aí vamos nós de autocarro, e à noite o senhor... chovia imenso para nos deixar na Pousada da Juventude lá para Lisboa... fomos recebidos na Escola Náutica, portanto ali na marginal... fomos, jantámos lá na cantina e foram-nos pôr à Pousada da Juventude e foi lá uma pessoa e fechou-nos à chave e nós ficámos ali com o autocarro das crianças, e dissemos: "Imagina que acontece alguma coisa de noite quem é que a gente chama?", não havia telemóveis, e tínhamos crianças. Portanto, isto foi com estes e depois eu repeti a situação com os da Atalaia, e tinha meninos que faziam xixi na cama, tivemos de prevenir as mães que mandassem fraldas e à note lá andámos a colocar a fralda. (...) Comecei... a primeira foi a Sobreira em 78/79, depois esta colega que ficou colocada ao abrigo da cantina no verão apresentávamo-nos para fazer formação via rádio, estávamos assim nas salas quatro salas, um grupo, e ouvíamos a formação pelo rádio, lá íamos tomando as nossas notas...
– Mas era facultativo?
– Obrigatório! A partir do dia quinze, acabava Agosto e tínhamo-nos que apresentar, embora a escola começasse ali nos últimos dias de Setembro. Então estávamos a assistir e... a escola de Proença estava com um projeto dos novos programas, e a diretora, essa tal colega, disse assim para a Isilda: "Olha, este ano temos direito a colocar mais uma professora ao abrigo dos novos programas, não sei como há-de ser", ela disse: "Olha, está uma

na Sobreira... ", que era eu "... ninguém quer fazer as atas e ela oferece-se sempre para fazer a ata." E, então, ela foi perguntar à diretora da escola da Sobreira: "Então como é que é?", "Nova, com espírito de trabalho e isso... tal" e, então, ela depois chamou-me à parte e disse: "Olhe, vai ficar cá, o projeto ainda dura dois anos. Vai ficar na escola de Proença como sabe... ", fui perguntar à diretora e depois a diretora da Sobreira disse-me: "Olhe, eu disse tudo mal de si... entre aspas." E uma das coisas que eu disse é que nunca ninguém estava disposto a fazer a ata e você dizia: "Vá eu faço, calem-se lá." Mas aí era o espírito, portanto, foi onde começou e foi uma escola que me marcou muito.

– Aqui em Proença?

– Na Sobreira em primeiro lugar. Havia conselhos de docentes todas as terças-feiras e, então, a que fazia a ata levava um bolo, a empregada fazia um chazinho, porque aquilo era ao fim da escola. Saíamos da escola e cada uma vinha... uma dava boleia à outra, e vinham ter à Sobreira. Eu por acaso estava lá hospedada e, então, a empregada da escola ia à salsicharia e comprava duas chouriças, duas morcelas e o senhor oferecia as farinheiras e ela grelhava na salamandra, porque isto era assim de inverno. E, então, dizíamos assim: "Fazemos a ata e ainda trazemos um bolo" (risos). Mas aquele lanche eu tive uma boa impressão quando comecei a trabalhar.

– E isso passava-se na Sobreira Formosa?

– Na Sobreira Formosa! Então era a empregada, coitadinha, lá ia assar... ia à salsicharia comprar, que a gente dava-lhe o dinheiro, trazíamos um bolo, e havia então uma da Sobreira que abria uma exceção, tinha umas cabrinhas e trazia queijo fresco. Então essa nunca dava o enchido... era engraçado.

– Qual era a periodicidade dessas reuniões?

– Todas as terças.

– Todas as terças-feiras. Era uma reunião de professores?

– Era, mas depois passou a ser de quinze em quinze. E depois na última semana não tínhamos, mas vínhamos aqui ao sábado, era na cantina, com o diretor escolar.

– O que fazia com essas atas? Era para ficar na escola?

– Ai não, ficava! Era o livro do Conselho Docente. Que antigamente se chamava Conselho Escolar, agora é que se chama Conselho de Docentes. E, então, nesse projeto foi essa aventura, mas foi muito engraçado. Era uma viagem no Tejo, dava a volta até ao Farol do Bugio, os garotos... num barco, a verem o mar...

– De que ano é essa viagem?

– Portanto, esta é de 94. E acho que tinha feito na Sobreira o ano antes. Eu trouxe este só. Mas eu gostava muito de fazer assim uns roteiros, de autocarro essas coisas, de Proença-a--Nova por onde passávamos nas escolas...

– Até que ano deu aulas?

– Eu terminei em 2013. Isto era o crachá que eles levavam... porque depois fizeram trabalhos.

– Fazia parte de um projeto pedagógico lá da escola?

– Era para levar os meninos do interior ao litoral. E nós aderimos. E disse: "Vamos experimentar!"

– A iniciativa foi a nível da direcção geral?

– Conselho docente, já era com as três escolas. Como depois resultou... no outro ano eram os da Atalaia, até mandámos fazer uma t-shirt. Iam todos de t-shirt igual. E a professora Isilda sabia uma canção sobre as caravelas. Olhe, ensaiamos os garotos, mandámos arranjar um lenço de homem, branco, daqueles de assoar, porque ainda não havia lenços de papel, e dobrámos assim em triângulo. Então eles com aquilo no barco todos "Caravelas, caravelas... ", a ver se ainda a consigo cantar: "Caravelas, caravelas, lá vão elas para o

mar. Levam a cruz com as velas para Cristo as ajudar"... .isto era o espírito dos Descobrimentos. A Doutora Idália, quando ela viu aquilo, disse: "Têm de concorrer outro ano! Porque nunca cá chegou ninguém com essa vida!" De modos que fomos lá 2 anos seguidos. Isto era pelo Ministério, mas isto também estava ligado à Escola Superior de Navegação. E depois davam almoço levante no barco... e nós todos contentes! E eu gostava muito de cartazes... era para o magusto, era para o dia das comadres, e depois eu dava sempre uns certificados no final do ano. Este foi em 94, era o Ano Internacional da Família, estava eu no Peral, fizemos uma concentração, veio a rádio Renascença à Sobreira, houve missa, directamente transmitida pela rádio. E depois fizemos também um certificado em conforme tinham entrado nesse Dia Internacional da Família. Aqui, foi entre 1992 e 94... o magusto, depois levavam um convite aos pais... e neste ano aqui, criámos um jornal das três escolas, todo feito à mão. Eu fazia a capa, e os garotos faziam os artigos. A Festa de Natal, as Janeiras, o Inverno... tudo à mão. (...)

– E lembra-se se vocês tinham algum tipo de apoio?

– Aqui pagavam. Concorrendo e sendo apurada a escola pelo projeto que fazíamos era, era. Até davam dinheiro para a viagem. O Dia Mundial da Alimentação, já festejávamos... este foi em 92.

– Bem... tem aí muita informação. (...)

– Aqui foi outro ano, 94, Dia dos Compadres. Esta tradição, na minha terra, era as duas quintas-feiras antes do Carnaval. Uma quinta-feira era das comadres, a outra quinta-feira era dos compadres. Fazia-se a comida na escola. Faziam lá o arroz, nós levávamos os enchidos.

– E os pais eram chamados à escola?

– Não, não! Aí os pais serem chamados à escola, já era mau sinal! Já a minha mãe dizia: "Livra-te que eu seja chamada à escola!", mau sinal! Quando alguma dizia: "Diz à tua mãe que venha cá!"... a gente punha as barbas de molho! E, então, fiz esta quadra: "Ser comadre é ser amiga, não é destino fatal, apenas dura um ano, começa no Carnaval." Porque eram as duas quintas feiras antes do Carnaval e depois no último dia de aulas da Páscoa trocavam, os rapazes davam as amêndoas às meninas, elas davam... aqui, cá está, foi em 94, esse projecto das Viagens ao Litoral... fomos visitar as bolachas da Cuétara... fizemos esse projecto da Família... e fizemos também uma festa do Dia da Criança. Esta aqui acho que você já tem, da Professora Isilda, foi o ano em que fizemos lá a Festa das Bonecas... ora, isto foi em 86, foi quando faleceu o meu avô, tinha sido há poucos dias...

– Interessante, porque a Isilda, certas datas, já não consegue indicar, mas vai sempre lá pelos 'lutos'... houve várias fotografias em que ela não conseguiu identificar a data...

– Aqui foi um teatro de Natal... isto são projectos também. Olhe, Ano Internacional do Idoso... Ver e Aprender, outro projecto que a gente teve, a visita de estudo foi à Mãe D'Água. Um concurso também, "Olhá Sic", a que concorremos, foi com o aparecimento do EURO, um projecto em que a visita de estudo foi à Marinha Grande, em 99, Museu do Vidro. Fizemos aqui o Dia da Criança em Proença... fomos a Óbidos... estamos aqui a fazer o trabalho para o Dia da Mãe... e era na Sobreira, que na altura era a única que já tinha este mobiliário de cadeirinhas. Portanto, eu na Sobreira estive lá por duas vezes. Foi o primeiro ano que trabalhei e depois voltei lá da Atalaia e estive lá até 2006. Portanto, eu estive oito anos na Sobreira de 98 a 2006.

– Isso já foi da segunda vez em que esteve lá?

– Sim. A primeira foi em 78/79. Viemos ver a Estação de Tratamento da Água, aqui foi a Festa da Primavera... aqui ainda é na Sobreira, visitar a Herdade do Freixoeiro, Idanha-a--Nova, fomos ao circo a Proença...

– A Olga sempre teve o hábito de ir documentando as atividades que fazia?

– Era obrigatório! Tinha de ser, tínhamos de fazer o relatório.
– Mas isto foi a partir de que altura, mais ou menos?
– Os relatórios? Passou a ser obrigatório quanto entrámos para o agrupamento, para aí no ano 2000. Portanto, ainda estive uns doze anos a exercer com o agrupamento. E então já tínhamos o Desfile de Carnaval... neste ano foi com os eco-pontos. Eu, nesta escola, fiz grandes actividades... houve um ano que fizémos a matança do porco... eu tinha vindo da Atalaia e diz-me a funcionária que era de lá: "A senhora pensa? Não vai aqui aparecer ninguém como era na Atalaia! Os da Sobreira são muito casa-escola!" Fizémos um desfile, a noiva, desfilaram como se fossem à igreja... e depois foram para o primeiro andar a fazer que atiravam flores... porque antigamente, não sei se se lembra, os envelopes eram forrados com papel de seda preto, ou azul... cortavam esse forro para deitar aos noivos, que era papel de seda... fizemos esse desfile todo com as pessoas vestidas como era no antigamente... e a empregada e as mães fizeram a refeição. Mas a empregada preveniu-me: "A Sobreira? Olhe que não vá nessa!" No outro ano fizemos a festa do Baptizado... porque essa moça que ia de noiva, soubemos que estava grávida! Aqui são as Festas de Natal, o magusto...
– No seu tempo de escola, como aluna, era frequente fazerem este tipo de eventos nas escolas?
– Não, não! Isto foi já só assim... portanto, eu comecei a fazer festas... a primeira terra foi no Vale da Ursa. No Vale da Ursa nunca lá tinha havido uma festa! E eu tinha dito às mães que cada um podia levar uma coisinha... Vale da Ursa, com duas salas, mas só com uma a funcionar. E eu comecei a ensaiá-los... e depois eu digo assim: "Vamos lá ver se arranjamos uns carimbos, porque a escola não tem nada", mas elas não perceberam. Quando chegou ao fim elas disseram assim: "Então, agora está aqui é para a senhora comprar uma prenda para si", disse: "Não! Eu disse que era para comprar carimbos para os meninos", "Ai, mas a gente juntámos a pensar que era para lhe dar uma prenda a si, como sendo o fim do ano", "Não, não!" E comprámos os carimbos.
– Com a festa?
– Ali é uma tradição que acabou, portanto que era os meninos cantarem a Festa do Galo. (...) No Vale da Ursa era um andor igual ao do Santo e, então, eu tinha meninos de duas povoações... os do Vale da Ursa e os da Castanheira vinham a pé para a escola do Vale da Ursa. A maioria, deles eram dali do Vale da Ursa e da Castanheira eram apenas uns três. No andor metiam ali um chouriço e umas coisas... e depois já foi assim com as coroas. Isto em 98. Aqui vão eles mascarados... davam um galo pelo Carnaval... aqui é na Atalaia. Foi o ano do projecto dos Oceanos... porque fomos às Viagens do Litoral... neste ano fomos às Penhas da Saúde, eu concorri com outra colega e só nós as duas é que levámos os meninos de Proença-a-Nova. Aqui, o Dia Mundial da Floresta, troca de presentes, fizemos uma festinha, trocámos os presentes dos compadres e das comadres... no jardim da Escola da Atalaia. Depois na Atalaia, como a educadora tinha o filho na minha sala, fazíamos as actividades em conjunto. Nesta escola eu tinha um 4.º ano tão bom!
– A Olga tem noção do que está feito atualmente nestas escolas? Como é que elas estão a ser ocupadas?
– Estão a pedi-las para associações. A Catraia é capela mortuária, o Chão do Galego também ficou transformadas em capela mortuária, a Atalaia é uma biblioteca.
– Hoje em dia, a do Chão do Galego e da Catraia as escolas primárias...
– São capela, são capela. Duas foram vendidas, foi essa do Caniçal e a das Eiras. A do Vale da Ursa pediram para biblioteca, a Atalaia de um lado é biblioteca no outro é onde as idosas vão fazer trabalhos com trapinhos. Esta turma foi minha, foi a primeira vez que tive uma turma do 1.º ao 4.º ano. Então cheguei ao 4.º ano e comecei a obrigá-los a fazer

trabalhos de pesquisa. Eles juntavam-se, tínhamos fotocopiadora e, então, eram sempre quatro a debater um tema. Neste dia era "Fauna e flora Marítimas" e, então, daquilo que eles tinham recolhido, apresentavam aos outros... que estavam em U e os meninos do jardim sempre a assistir. Já assim a iniciar um trabalho de investigação. Portanto, isto em 90... isto é 98... é 98/99, "Debates dos grupos do 4.º ano plenário para toda a turma e restantes alunos da escola." Mas eles é que levavam os livros, e defendiam, e até os outros pequeninos do jardim diziam: "É hoje o dia de irmos ao 1.º Ciclo?" Cada grupo expunha as suas pesquisas, e os outros faziam perguntas... este aqui foi: "A qualidade do ambiente próximo", há um que mostra, há outro que explica... no último plenário, fomos visitar a EXPO. Então eu não levei os meus meninos para a EXPO?! Isto foi divulgado, nós concorremos... isso também foi uma aventura porque as pessoas diziam: "O quê?! Meterem-se com crianças na EXPO?! E se perdem algum?!" Eu era sempre, uns de um lado outros do outro... e foi bom! (...) Este foi o último plenário: "Portugal na Europa e no mundo"... e aqui estamos nós na EXPO (...) 16 de Junho de 98, o dia em que abriu a EXPO.

– A Olga, como professora, acha que rompeu com muitas... ?

– Eu tentei dar um grande espírito de abertura. Depois fiz o mesmo na Sobreira. Já a habituarem-se à pesquisa e aos novos métodos, não ser só assim a impôr...

– Acha que essa abertura... ?

– Sim. Eu própria senti. Depois vim para a Sobreira e foi quando eu fui tirar os complementos de formação para ficar com a licenciatura. (...) Depois no fim do ano fazíamos um convívio com os pais (...). Depois passou a haver Projecto Educativo, tínhamos um tema para cada ano. Foi um ano que foi as tradições, outro ano foi os oceanos...

– A Olga quando era aluna na escola primária, a professora que teve impunha assim aquelas rotinas de entrada na sala de aula?

– Ai sim, e de que maneira! Portanto, ainda havia escola ao sábado, quando eu entrava ainda se cantava o hino.

– Cantava-se o hino?

– Canções pouco. Ela não perdia tempo nisso, não tinha muito jeito. Por exemplo, a Isilda sendo mais velha, portanto diz que se lembra que a professora dela cantava muito bem e faziam teatros. Com a minha professora, nos quatro anos, entrei em teatros, mas era da catequese. Acho que até foquei isso. Fazíamos um teatro no seminário que já tinha um palco...

– Mas rezavam antes de ir para a aula?

– Sim, sim.

– Mas o que rezavam? Era sempre a mesma oração?

– Eu não sei se era "Bom dia nos dê Deus", era uma coisa assim qualquer e depois um Pai Nosso ou uma Avé Maria. Lá eram carteiras, a gente punha a mala ali, havia os tais cacifos para pôr o guarda chuva ou o casaco e era toda a gente ao lado, uma à esquerda outra à direita, era de dois lugares. Primeiro que tudo rezava, e depois era o hino nacional nos sábados.

– Nos sábados cantavam o hino nacional?

– Sim, sim, sim.

– A Olga, já depois como professora, manteve algum desses hábitos?

– De rezar ainda tive assim nos primeiros anos, mas depois começou-se a ver que, por exemplo na Atalaia havia lá já um grupinho Jeová que era difícil a gente entrar nessas coisas...

– Pois.

– Isto aqui é no Vale da Ursa... nos anos 80's... em 82-83, foi o único ano em que fiquei fora do Concelho.
– Esta escola agora está transformada em quê?
– Acho que é convívio... a Escola de Vale da Ursa tinha dois castanheiros, fazíamos magusto. Neste dia comemos na escola, por ser o Dia Mundial da Alimentação. (...) Aqui foi uma festa nos Bombeiros, que foi quando a Isilda estava no Desporto Escolar. Fazíamos estes convívios de juntar cá as escolas todas do Concelho, e depois cada escola trazia uma representação. Estes eram os convívios desportivos... ela veio para o Desporto Escolar, estava eu na Sobreira, em 78-79. Isto ali nos anos 80, 81 (...). Aqui já era Proença, usávamos a escadaria para palco... Primavera de 92, isto também era a apresentação de uma actividade. Aqui deve ser "O Velho, o Rapaz e o Burro", isto nos anos 90. Isto deve ter sido na Festa de Natal... quando a Câmara passou a ter aquele ginásio, passaram a ser ali as festas de Natal. (...)
– No seu tempo de professora já se comemoravam estas efemérides todas?
– Carnaval, Natal e fim de ano. Fazíamos sempre.
– A Olga não tem noção de quando é que isso começou a ser um hábito? As professoras comemorarem as festas de Natal, a Páscoa, os carnavais nas escolas?
– O Carnaval era só onde havia a Festa do Galo... era os Montes, a Atalaia e o Vale da Ursa. Eram só essas três terras. As outras nem havia desfiles de máscaras. Depois ali, talvez assim nos últimos de 90, 99, depois de 2000 é que começámos a fazer isso. Aqui foi quando eu estive no PIPSE, que tínhamos aqueles garotos que aprendiam com dificuldade... tínhamos um dia por semana em que eles vinham... eles diziam o que queriam ser quando fossem grandes, e pedíamos a uma pessoa, que até recebia 200 escudos por mês, para os receber. E então vieram ao Centro de Emprego, e diziam: "Eu quero electricista, eu quero cabeleireira... " e então levávamo-los a Castelo Branco, para conviver com outros que estavam noutras situações... eu interrompi a estadia no Vale da Ursa e estive no PIPSE de 89 a 92. (...) A Isilda falou-lhe da ida a França?
– Falou, falou vagamente. (...)
– Foi uma colega que o marido é ali do Pergulho, e conheceu a professora Idalina e, então disse assim: "Porque é que não vamos fazer um intercâmbio, a escola de França até vos recebe lá oito dias gratuitamente? Com estadia."
– Quem é que deu essa ideia?
– Esta colega que veio cá passar... ela era professora do 1.º ciclo em Paris. Ela é estrangeira, o marido é que era português. E esta era a colega Idalina, aprendi muito com ela. Idalina Silva. Esta é que foi colocada por causa do parente ter construído a cantina. E, então, o marido apresentou-lhe esta colega e ela disse: "Vamos fazer um intercâmbio entre a escola da França e... "
– Essa imagem é em que escola?
– A escola primária de Proença, meninos do 3.º ano. Esta professora era da França e veio cá oito dias para prepararmos a estadia em França.
– Então, mas ela veio apresentar o projeto à escola, foi? E a classe era da professora Idalina?
– Veio e então... sim, era da Idalina. E ela disse assim: "O que é que eu faço?" e nós estávamos no PIPSE, nesse programa... Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Escolar, e nós dissemos: "Olha, através do PIPSE nós arranjamos um subsídio para pagar o autocarro" e lá de Castelo Branco disseram: "Podem contar com duzentos contos". Portanto, isto foi em 92. E, então digo: "O dinheiro para o autocarro já quase que temos." O pai de um aluno fazia seguros, arranjou um seguro para irmos, e agora a estadia era tudo à custa da França e, então, ela veio cá preparar e eu como estava no PIPSE ia um dia por

semana a esta turma dar Francês, que era para depois eles chegarem lá e saberem dizer alguma coisa. E, então, lá vamos nós... Porque eles, por ano, têm uma estadia na montanha. A escola, a própria câmara de Paris tem lá naquela zona, portanto nos Alpes, para os meninos terem oito dias de aulas lá. Levaram uma cozinheira, tudo isso, casa estava mudada, tinha camas, refeitório, cozinha, onde tinham já guardado, que a gente desconhecia, uma embalagem de cada refeição que servia congelada, porque podia vir uma vistoria para não haver intoxicação alimentar. E vamos nós! Portanto, dormimos à entrada de França que já estava incluída essa estadia paga pela França, e depois aquilo era na montanha, iam dois motoristas que ficaram lá também os oito dias e...

– Lembra-se do nome dessa senhora?

– Ai... eu queria... Cristina!

– E, então, as professoras que foram nessa viagem?

– Eu e a Isilda que não tínhamos turma, a acompanhar esta colega, porque eram trinta alunos e deviam ser dez por professor. E, então, foi o PIPSE que também deu o subsídio onde nós estávamos, e ela veio cá e, então, houve um...

– Isso em que ano?

– 92.

– E, então, passámos aí serões, fizemos um hino para aquele encontro. Então esta Idalina preparou um serão por tema. Um dia eram as tradições de Portugal, outro dia era a bandeira de Portugal, então, portanto, tínhamos canções, tudo, tudo, tudo planeado. Além daquele livro. Chegámos lá já os meninos estavam na cama, os franceses. Então espalhámos os nossos. Eu até comprei uma máquina de filmar por causa disso. No outro dia de manhã eu queria ver o que é que os nossos, a olhar para os outros, o que é que diziam... porque os franceses deitaram-se sozinhos e ao outro dia tinham um companheiro, porque era um sim um não. E eles já se... como eu lhes dei assim umas dicas dos números, do bom dia, daquelas coisas, era engraçado, já uns falavam Português, outros Francês. (...)

– O grupo tinha quantos meninos?

– A turma? Houve mães que não deixaram ir os filhos... mesmo havendo um seguro, três ficaram cá. (...)

– Isto partiu tudo de uma iniciativa individual dessa professora, e depois vocês organizaram-se?

– Sim, sim... Jornalismo, Cidadania Europeia, Danças, Desporto... e a Idalina levava já os serões programados, houve um que era sobre as tradições... portanto, este é o projecto... e isto era o hino que cá construímos: "É o feliz encontro que eu tanto desejava, é o feliz encontro que eu tanto esperava, eu vim para a montanha viver neste lugar, procurar os amigos que aqui vim encontrar, então aproveitemos, rapazes, raparigas, vamos daqui sair, amigos e amigas"... portanto, isto era... todos os dias tínhamos de cantar isto... e aqui está, quem é que colaborou: o PIPSE, a Autarquia, as empresas, o comércio local... cá está: "A Europa e a Escola... as propostas de actividade conjugam com a interdisciplinaridade... para uma futura integração europeia, os cidadãos europeus, intercâmbio europeu... " (...). Chamava-se A Semana da Descoberta, entre 9 a 18 Junho de 92. E enquanto lá estivemos acabou o ano escolar, e a Idalina reformou-se. E depois a gente fez-lhe uma festa. Ela disse: "Se eu estivesse em Portugal, este era o meu último dia de escola" (...).

– Essa senhora Idalina foi quase como uma espécie de sua madrinha?

– Ela, aqui, era o "Haja Deus" de Proença-a-Nova. Não se fazia uma coisa em Proença em que não se fosse pedir-lhe um conselho... ela ia aos casamentos de toda a gente! Está bem porque ela esteva cá muitos anos, e eram alunos, mas era uma pessoa...

– Ela ainda é viva?

– Não, não. Já faleceu em 2005 com cancro. Então era um ponto de referência... está lá: "A menina Idalina", como ela era tratada. Tanto que, no jardim que está em frente aos Bombeiros, ela é que deu esse terreno para se fazer aquele jardim e já os estudantes de Coimbra consideraram a Magna Pinho... uma coisa... está lá uma placa, há-de lá ver a preto, condecoraram-na... havia aqui todos os anos um encontro.
– Tem o nome todo?
– Idalina Gonçalves Martins. E, então, eles consideraram-na...
– Mas porque motivo é que ela ficou com essa estima?
– Porque ela como era solteira, dedicava-se à escola, não tinha horário de saída, e depois aderia a tudo. Por exemplo, eu vim para Proença e a formação, vinham os professores do Magistério Primário dar-nos formação, às quartas-feiras. Todas as quartas-feiras tínhamos assim uma ação, e depois era assim uma: "Não os quero na minha sala, porque as colegas têm logo tendência para ver os cartazes que eu tenho nas paredes." E ela... eu aprendi com ela, portanto. Ela entrava o outono aparecia tudo já com aspeto de outono e depois tinha tudo para consulta, por exemplo, os números por extenso para eles não darem erros, do estudo do meio... aquilo tudo e eu disse: "Pois é!... Porque o aluno já é esperto se sabe copiar, com consulta começa a dar menos erros"... portanto, para mim também foi um ponto de referência, a minha conduta depois como professora... porque, na Sobreira tinha uma colega que tinha estado em África e lá os meninos aprendiam a ler pelo método global, fiz muito material que ela tinha e isso. Depois vim para Proença e aprendi muito com ela. Ela tinha aqueles recortes dos bonecos, dos... aliás os calendários trazem paisagens e eu então, por exemplo, começava o ano já tinha ali tudo o que era assim... o autocarro, uma praia e tal... e eu já punha ali o que eles diziam: "Como é que foram as minhas férias?" já tínhamos motivo para conversar, "Não sei, fiquei cá... ", então eu já tinha, podiam falar da praia, podiam falar das viagens. Portanto, aprendi muito com ela na minha maneira de ser tanto que...
– Em termos pedagógicos?
– ... quando na nossa sala... passou a haver as provas de aferição, e a primeira vez que foi na minha sala disseram assim: "Não pode ter nada escrito à vista", portanto tirei tudo o que era Português e Matemática, deixei o Estudo do Meio porque assim... eu tinha sempre a parede cheia! Porque acho que entrar, assim, e ver as paredes brancas é um vazio! E é assim, está na primavera está ali aquilo da primavera, entretanto estamos a dar o corpo humano, está ali o corpo humano, na Matemática estamos a dar as unidades de capacidade, está ali um cartaz para eles consultarem. Eu digo assim: "Vou deixar o Estudo do Meio, para não ficar assim a sala despida... ", conclusão disseram assim: "Foi uma grande trabalheira tivemos que tirar os cartazes todos da parede da sua sala" e eu disse: "Não havia lá nada escrito.", "Ai, mas estavam aquelas paisagens distraiam-se"... e eu disse: "Mas eu não deixei mensagens escritas"... não podia ficar lá nada, um milimetro! De modo que, agora, tem-me sido difícil deitar essas coisas fora...
– Isso foi para as provas de aferição iniciadas... ?
– Isso foi quando começaram já nos anos 2000. As provas de aferição já eu estava em Proença. Eu vim para Proença em 2000 e... Outubro de 2006, estive aqui até 2013.
– Portanto, a Olga foi obrigada a tirar tudo das paredes?
– Sim, sim. Para não haver qualquer informação... para eles não consultarem nada.
– E isso era dito pelo IAVE provavelmente... ?
– Por eles próprios. As provas vão ser naquela sala ou na outra, quem quer que fosse. Mas a minha era pegada àquela dos professores onde estava o secretariado, porque era a mais fácil, e então no primeiro ano uma disse-me: "Ai disseram-me para tirar a informação" e eu disse: "Olhe, só deixei o Estudo do Meio, não tem lá nada escrito... porque parece que

assim as paredes... parece um hospital com a parede branca!... ” Olhe, é assim... sou uma fala barato. Não me calo!

– Então conte lá só esta história do livro da sua mãe. (...)

– O que é que aqui ainda há mais? Deixe-me lá ver... mais fotografias. Aqui é uma Festa de Natal na Atalaia... isto era o convite dos pais... este ano trabalhei com a Isilda, foi nesse tal ano que faleceu o meu avô... aqui eles estão de azul, deve ter sido no desfile dos Oceanos, aqui eu estava na Atalaia e viemos a pé para Sobreira, para os convívios, este é aquele de 86, o Baptizado das Bonecas, foi a escola da Atalaia, Sobraínho dos Gaios e Proença-a--Nova, com essa Idalina, que já tinha estes dois bonecos que era o Pedro e a Rita, e que era “o centro de interesse” dela todos anos... qualquer coisa, era o Pedro e a Rita que representavam as coisas... estava eu na Atalaia, eu e a Isilda, e veio a professora de Sobraínho dos Gaios e foi daqui a Idalina com um carrinho de bebé e estes dois bonecos... ela tinha estas coisas dos fantoches (...). E depois mudei-me para a Sobreira, e a funcionária da Sobreira disse-me: “Olhe que aqui a Sobreira não é como a Atalaia! As mães não vêm cá!”... pois sim! Tudo queria colaborar! (...). Estive 8 anos na Sobreira, até 2006. (...) Aqui é a Área Escola, quando começou, em 93. (...) Aqui comecei a fazer muitas coisas com os pais. Aqui é a Escola do Peral...

– A Olga deu aulas no Peral?

– Um ano, fui eu que fechei. Tinha lá estado sempre uma professora, entretanto reformou--se, estive no Peral mas os meninos eram todos do Vale da Mua, então fomos fazer a Festa de Natal ao Vale da Mua. E então eu disse: “Já que as senhoras estão para cozer as couves, a escola tem lá o bacalhau”, “Ai, mas nós nunca fizemos isso... ”, e então o meu colega disse assim: “Bolas... foi preciso eu sair de lá, que tu agora mudaste a refeição do professor!” Quer dizer, que eu o ofusquei um bocadinho, porque lá nunca tinham feito Festas de Natal... a Isilda depois foi lá, tirou umas fotografias, aqui o banquete...

– Tudo isso na escola?

– Do Peral. Depois a Junta fechou isto, porque os meninos comiam aqui, e chovia, e eles fecharam isto tudo com uma porta, no ano em que eu lá estava. O Presidente da Junta era sempre assim: “A senhora veja o que é preciso... ”

– Sentia que havia sempre apoio das famílias?

– Sim, sim. (...)

– As saídas aqui das localidades e das escolas daqui, eram sempre um evento apetecido, não é?

– Porque na altura os pais ainda não tinham carros. E é isso que eu digo... hoje em dia as visitas de estudo, a não ser que seja para ver coisas novas, porque já todos têm carro, vão aos Fóruns e isso. Mas nesta altura... nós até tínhamos quatro circuitos de viagem, era um ano Fátima e Grutas, outro ano à Serra da Estrela, outro ano para visitar Alcobaça e Batalha, já era a história. Outro ano Lisboa para visitar o museu. Agora acho que não tem tanto cabimento como nessa altura, porque... são outros pais, já os levam a sair. Acho que já disse muito...

– Esta tabuada, era do seu tempo de professora?

– De professora, no inicio. (...) Depois comecei, na Sobreira, a fazer um livro de finalistas... um organigrama para cada aluno, no 4.º ano. Foi quando eu comecei a fazer os Colóquios na Sobreira. (...)

– Quadras que a Olga fazia?

– Adequadas a cada aluno. Sobreira Formosa em 2002... fazia uma dedicatória a cada um. (...)

– Olhe, este livrinho, conte-me lá a história do livrinho da sua mãe.

– Eu não sei se esse era o da minha mãe, mas era este o livro... o "Leituras". Que eu folheava, folheava... foi editado, está aqui, está a ver: 1931. Os meus pais nasceram em 29. Portanto este foi o livro da 4.ª classe dela.

– A sua mãe estudou por aí, pelo livro?

– Fez a 4.ª classe, sim, sim. Neste aqui: "Manual de leituras". O meu foi aquele que tem a caravela, um pequenininho, era o "Leituras".

– Palmira Dias Nunes Ramos Pessoa –

Naturalidade: Lugar de Seada (Vila de Rei)
Data de nascimento: 14-12-1952
Residência actual: Seada (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Licenciada em Ciências da Comunicação

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio e audiovisual), Universidade Sénior de Vila de Rei (19-11-2019).

– As memórias não são muitas, porque eu vou esquecendo as coisas...
– Então, o nome completo já me disse que é Palmira...
– Dias Nunes Ramos Pessoa.
– Portanto é natural de?
– Lugar da Seada em Vila de Rei.
– O seu nível de escolaridade?
– Sou licenciada. Ciências da Comunicação.
– Pode dizer-me, mais ou menos por ordem e anos, as escolas que frequentou?
– Eu frequentei a primária, portanto com sete anos, não posso precisar o ano, mas eu tinha sete anos.
– Fez a escola primária onde? Qual era a escola?
– Seada. A escola era só atravessar a rua. A minha casa é a mais próxima. Eu penso que seria o ano em que eu fiz os sete anos depois em dezembro... e depois saí com os dez anos, quase com os dez anos, para grande desgosto meu... mas pronto. Tinha de ser.
– Terminou a escola primária com dez anos?
– Sim. E fiz aqui o exame da 4.ª classe em Vila de Rei. Na altura, da Seada, viemos três e acho que a nível de, aqui de Vila de Rei, fomos das melhores. Não continuei na altura, olhe, fiquei para trás. Depois, com dezassete anos fui para Lisboa. Tive quatro anos como doméstica, como empregada doméstica. Entretanto, por pressão de uns padrinhos meus que estavam lá... que eles nem sabem o bem o que me fizeram, com um empurrãozito obrigaram-me... obrigaram-me entre aspas... a estudar. Naquela altura o dinheiro que se ganhava era para os pais, mas lá consegui ir para um Externato.
– Isso com que idade?

– Com dezoito anos. Para um Externato privado, e depois fazia os exames nas escolas, fiz no Bairro Azul, não me lembro já como se chama a escola. Fiz também exame no Liceu D. Dinis.
– Então, frequentou esse Externato, que era onde?
– Era na Rua Marquês de Tomar... não me lembro do nome dele, mas era na Rua Marquês de Tomar... em Lisboa. Portanto fiz. E, nessa altura, já entrei perto do Natal, a senhora disse-me: "Ai não, vais agora já não consegues vais para o ano", "Mas eu quero entrar já" e fiz o ciclo preparatório num ano. Portanto, que era o 1.º e 2.º ano na altura... o ciclo preparatório de agora.
– Então fez os dois anos num, foi isso?
– Foi. Dois anos num, e fiz o exame no final.
– E fez o exame nessa escola ou onde é que foi?
– Não, fiz na escola preparatória ali no Bairro Azul que eu não me lembro como é que se chamava a escola agora... não me lembro. Foi no Bairro Azul. Isto foi 1.º e 2.º ano. Depois fiz... na altura era 3.ª classe e 5.º ano, nessa altura... fiz também no Externato, fiz por dois anos, a parte de letras num ano e a parte de ciências no outro. Mas também num ano só. Portanto, acabei por fazer em dois anos.
– Portanto, fez a parte de letras no primeiro ano... e a matemática ou as ciências...
– Sim. As ciências, o estudo do meio, a geografia, essas coisas. Entretanto, os meus padrinhos trabalhavam... ela trabalhava... na Câmara de Lisboa, havia concurso aberto e eu estava... eu acho que nessa altura ficou-me para trás o desenho, não consegui fazer o desenho, não era habilidosa.
– Não conseguiu fazer o desenho?
– Não consegui fazer o desenho lá com aquelas coisas todas... mas, entretanto, entrei para a Câmara. Houve concurso aberto, na altura estavam a precisar mesmo de funcionários e eu fiz datilografia numa escola de datilografia e entrei sem o desenho, mas depois, mais tarde, fi-lo, fiz logo. Entretanto estava na Câmara e depois fiz parte das disciplinas do complementar dos liceus, que era o 6.º e o 7.º ano, no... penso que já não existe também... no Externato Leonardo, na Rua do Salitre. Depois houve passagem administrativa, porque entretanto deu-se o 25 de Abril, eu tinha aquela história política... não sei como é que se chamava já a disciplina, foi abolida, portanto, e havia mais uma outra que eu fiz com passagem administrativa... ou ficaram duas por fazer e eu tinha que, tinha um prazo de dois anos para as acabar de fazer, para ficar com o...
– Foi confusa essa fase aí?
– Foi confusa. Entretanto casei, portanto, namorei, casei e foi confuso. Depois começaram a vir os filhos e pronto e fiquei com o complementar incompleto. Ficou a faltar acho que o português. (...)
– Então o complementar não o terminou, é isso?
– Não o terminei. Entretanto casei em 74, começaram a vir os filhos, tive quatro filhos. Fui fazendo a minha vida como funcionária, fui progredindo na carreira também como funcionária, entrei como escriturária dactilografa e fui fazendo a carreira toda com os concursos que iam aparecendo e entretanto... mas nunca perdi aquela vontade de estudar. Às tantas a Câmara propõe fazer um curso que nos dava acesso à carreira técnica e que era o CEF de Coimbra, que era um curso de administração autárquica e daí despertou-me mais... em termos de Câmara aquilo não deu nada, mas fiquei mais com uma vontade ainda de concluir... de estudar mais. E fui tentar, por duas vezes, e depois para ter acesso ao ensino superior eu tinha de fazer. Primeiro acabei o português na escola, propus-me sozinha, estudei sozinha e fui fazer exame à escola D. Maria?... é aquela que está ali ao pé do Parque Eduardo VII... D. Maria?! Fiz o exame de português, passei com o 11.º ano na

altura. Depois as coisas, entretanto, tinham mudado. Pronto, fiquei com o complementar, pronto. Tinha que fazer depois o acesso que era o português e a filosofia para ter acesso ao ensino superior. No primeiro ano não entrei e depois repeti no segundo ano, já com os três filhos já quase naquela fase de entrar na universidade, e tinha uma mais pequenita.
– Já tinha filhos a entrar na universidade?
– Já. Já tinha.
– Quando fez o 12.º ano? O equivalente ao 12.º ano?!
– Sim, sim. Entretanto... pois, as minhas filhas começaram a nascer em 75.
– Então, basicamente a Palmira estava a fazer os anos quase ao mesmo tempo que os próprios filhos?
– Sim, sim. Não, mas nessa altura eu propus-me sozinha, aliás ainda me socorri de algumas coisas deles para estudar, e para saber pelo menos quais eram os conteúdos.
– Isso em que ano, lembra-se?
– Isto foi... eu depois fui para a universidade em 89... não! Eu fui em 2008 para a universidade, portanto era por aí assim... foi em 2007 ou 2006.
– Então diga-me uma coisa, entrou para a universidade os seus filhos tinham que idade, os mais velhos?
– Os mais velhos tinham perto de vinte anos já.
– Perto de vinte anos. E estavam a concorrer nesse ano, ou concorreram nesse ano, ou foram para a universidade, os seus filhos?
– Sim, todos eles são licenciados.
– E não tem ideia se foram na mesma altura?
– Sim, foi mais ou menos na mesma altura, menos a mais nova, a mais nova ainda estava... portanto, se eu fui para lá ela tinha dez anos, eles têm... sim, sim, estava a decorrer, os cursos deles, já, na universidade.
– Então eles já andavam na universidade e a Palmira estava a concorrer para ir para a universidade?
– Sim, sim. Eu na última vez, o segundo ano que eu fui tentar de novo, porque eu entretanto entrei para a pública, também não tinha dinheiro para ir para a privada... eu lembro-me do professor de português: "Então, mas a senhora não esteve cá no ano passado e passou?", "Estive!", "Então e o que é que vem fazer?", "Ah eu quero ir para o ensino superior" e ele quase que me disse: "Mas esta agora... " eu tinha quarenta e tal, já tinha quarenta e tal anos "... o que é que vem para aqui fazer?!" Entretanto concorri... depois acabei por na Câmara também as minhas coisas melhoraram, tinha algumas horas extraordinárias e depois fui-me escrever na UAL e acabei por fazer o curso superior na UAL. Na Autónoma de Lisboa... em 2008.
– E terminou na Universidade Aberta de Lisboa?
– Em 2008 nada! Foi 98. Ai que confusão! Então? Estás mesmo com falta de memória... devia ter trazido as coisas. Eu acabei com quarenta e nove anos.
– Quantos anos foi o curso lá na Universidade Aberta?
– Foram uns quatro anos. Foram quatro anos que fiz. 98...
– A Palmira tem esses certificados de habilitação?
– Da UAL tenho.
– Tem. Esses anteriores não?
– Da escola primária não tenho. E tenho o do secundário, o do liceu também tenho. Esse também posso trazer.
– A Palmira conseguia reunir esses certificados o que tiver lá em casa? E tem fotografias ou tem algum registo desses tempos?

– Está bem! De quando era nova não, não havia fotografias. Isso não havia fotografias. Agora posso ter uma outra... tenho algumas, não tenho assim muitas, mas tenho algumas.

– Pois, era importante se conseguisse encontrar umas fotografias dessas escolas por onde passou.

– Só ao nível da universidade. Portanto o resto não. Porque nunca registei, também não tinha com que registar. Pronto, e foi sempre assim. E acabei com quarenta e nove anos. Licenciei-me com quarenta e nove anos.

– Coisa tão interessante. É a primeira pessoa, mulher ainda por cima, que tem um caso desses, um percurso desses.

– E tinha alguns filhos. Portanto, os mais velhos já não estavam em casa, o Ricardo o meu filho ainda estava, a pequenita, a pequenita que agora tem trinta e um anos, tinha dez anos. Eu fui, lembro-me que o primeiro dia de aulas quando eu fui, eu tinha alguma flexibilidade de horário e os horários das aulas estavam muito arrumados da parte da manhã e eu fui à parte da manhã, eu cheguei lá... primeiro havia aquelas praxes e não sei quê... ”Venha daqui a uma semana.” Fui. Epah aquela malta toda acabada do secundário, digo assim: “Não, isto não é para mim. Não consigo”...

– Era uma diferença muito grande.

– Ai era. Era a maioria das pessoas, muito incapazes... foi em 98, foi em 98. Foi em 98, pois. E, entretanto, queria desistir, porque aquilo não era para mim. Entretanto havia lá uma senhora diz assim, era uma professora: “Olhe, porque é que não vai para a noite? Á noite está ali um grupo muito jeitoso, vá para a noite”, digo assim: “Epah noite, tenho a miúda, pah como é que vai ser?!” Mas depois lá... o meu filho ainda estava em casa, lá acompanhava a mais pequena que também tinha dez anos, também já não era assim nenhuma bebé, mas pronto, a gente tinha de fazer as coisas. Chegava a casa perto da meia noite, no outro dia vinha trabalhar, e assim foi, e às seis e tal ia lá para a universidade. Nessa altura estava a Cláudia acho que foi no 2.º ou no 3.º, já não me lembro, foi para Itália fazer ERASMUS. Entretanto a gente começa a conversar e começa a lembrar-se... foi fazer ERASMUS e a Célia também estava, que ela depois também estava ali na NOVA, estava em engenharia, entretanto os cursos foram remodelados e o dinheiro também não abundava e ela depois na altura não acabou, acabou mais tarde. Mas pronto todos... o meu Ricardo é engenheiro, a Cláudia e a Marta que é a mais nova fizeram... a Cláudia fez na Escola Superior de Teatro e Cinema, na Amadora, que foi uma pena porque ela tem uma capacidade para melhor e agora não está a usufruir, mas não interessa. A Marta que é a mais nova foi para a Universidade de Lisboa, também tirou arte do espetáculo, também, agora está na Alemanha também anda lá ainda anda a estudar mais qualquer coisa e pronto... .tenho os filhos todos orientados... com alguma dificuldade... mas há coisas que nos acontecem que não é por acaso. Porque eu também comecei... eu estou casada, mas é uma separação quase de facto... porque eu tenho os meios, as coisas não funcionaram muito bem e eu tinha de provar a mim própria que não era uma incapaz, que era capaz, e foi sempre a minha vontade, a minha sede de aprender... tive sempre muito aquela sede de aprender...

– Mas a Palmira tudo isto, entretanto... a sua vida foi feita praticamente em Lisboa?

– Eu trabalhava em Lisboa e morava na Cruz de Pau. Tinha de apanhar o barco todos os dias para ir para a Cruz de Pau... num prédio alto, no Marreco, ainda lá tenho a casa, está lá... é muito perto do Centro de Formação da Cruz de Pau. Foi assim. Foi uma vida de luta. Quando as pessoas dizem “Ai dificuldades... ”, comigo podem comentar o que quiserem...

– E agora está cá a viver, é isso? Em Vila de Rei?

– Estou cá a viver desde... 2012. Foi quando eu fui para a reforma, pedi a reforma e vim para aqui.
– Sim, sim... o seu percurso é incrível. Vamos recuar um bocadinho aqui só para esclarecermos umas coisinhas da entrevista que é a nível daquilo que eram as habilitações dos seus pais. O nível de escolaridade do seu pai?
– Eram analfabetos.
– Os dois?
– Os dois. Analfabetos. Duas histórias... não sei se eu estava na 1.ª classe, eu estava com um livro, lembro-me perfeitamente... eu estava com o livro nas escadas da escola a pedir a alguém, à minha prima, para me vir ajudar, porque eu não sabia, não conseguia estudar sozinha e ela queria brincadeira e olha, fiquei ali, e em casa não tinha quem me ajudasse, porque eu sou a mais velha também. Somos quatro irmãos e eu sou a mais velha, portanto não havia quem soubesse ler e escrever na minha casa na altura... e na 1.ª classe a professora pôs-me uma vez de castigo, porque eu não sabia lá uma lição... ainda sei qual é... e ela pôs-me virada para a parede para aprender a lição, "eu quis estudar, mas eu não tinha ninguém que me ensinasse!"... (risos).
– Então, se os seus pais fossem vivos, tem noção do seu pai, que idade teria se fosse vivo?
– O meu pai era de 1913 e a minha mãe de 1920.
– E não sabiam ler nem escrever e também nunca foram aquelas pessoas que se pusessem a isso?
– O meu pai ainda assinava o nome com alguma dificuldade. A minha mãe nunca aprendeu. Aliás, ainda tiveram algumas professoras na minha casa, ainda a tentaram ensinar, mas ela ou porque não lhe fazia falta... ou não sei... e era uma pessoa...
– As professoras viviam em sua casa?
– As professoras na altura era uma coisa incrível... como é que essas pessoas...
– Era isso que acontecia... a sua casa era uma dessas, que acolhia?
– Não, não. Não na altura em que eu lá estava. Eu já estava em Lisboa quando algumas moravam lá. Mas eram as casas que estavam por ali desabitadas, elas iam para lá coitadas, sem água, sem luz, sem nada... nos primeiros tempos, depois mais tarde, quando estavam na minha casa já havia luz. Ligavam do telefone, no início chamadas faziam, quando o telefone começou a vir e mais nada...
– E já disse que tem quatro irmãos, é isso?
– Sim, sim. São duas raparigas... e um rapaz.
– E todos que estudos fizeram?
– O meu irmão teve um percurso muito semelhante ao meu. Esteve aqui até aos vinte anos, depois foi para Lisboa, abriu lá um concurso para cantoneiro e na altura aqui os vizinhos diziam assim: "O meu filho para ir para cantoneiro, varrer ruas, prefiro que ele fique aqui a cavar terra!" e hoje dizem: "Ai tiveste muita sorte!", pois a sorte... mas ele foi para lá para cantoneiro, tirou logo as cartas de condução, a carta, foi para chofer e depois também recomeçou a estudar e hoje ainda trabalha na Câmara, tirou gestão de recursos humanos. Todos fizeram a 4.ª classe.
– Todos os seus irmãos fizeram a 4.ª classe?
– Todos fizeram a 4.ª classe. O ensino já era obrigatório também.
– Os seus irmãos são todos mais novos que a Palmira. Portanto, duas raparigas e um rapaz. Não houve discriminação?
– Não.
– E os seus pais incentivaram?
– Sim, sim. Incentivavam. Nunca se opuseram. A mulher do meu irmão, por exemplo, é ali de Alvaiázere, e aí ela trabalhava numa fábrica, o pai preferia pagar as multas dela não

ir à escola do que prescindir dela no trabalho. Nós felizmente nunca tivemos isso. O meu pai incentivou.
– E a Palmira conhecia casos desse género de pais que...
– Ali na zona nunca me apercebi, mas essa minha cunhada fala nisso.
– Ah... e pagava uma multa?
– Pagava multa, porque ela não ia à escola e pagava multa.
– Essa sua cunhada é daqui?
– É de Alvaiázere, de Maçãs de Dona Maria. E ela ainda hoje conta isso.
– Olhe, e o seu marido?
– O meu marido é de Coimbra. Eu só o conheci em Lisboa. Portanto, esse deram-lhe as oportunidades e ele não as aproveitou, porque ele esteve em Luanda... o meu sogro foi para lá, mais tarde a minha sogra foi lá ter. Estudou até à altura de ir para o ensino superior, na altura acho que já tinha lá aberto o curso, mas ele queria sair de ao pé dos pais, veio para Lisboa e não aproveitou e acabou por não se licenciar.
– Pronto, mas ele que estudos é que tem?
– Ele ainda frequentou o Instituto Politécnico... acho que é o ISEL, o ISEL.
– Portanto chegou ainda a um nível superior.
– Sim, sim. Tanto que ele na tropa foi furriel, não era soldado raso, porque já tinha alguns estudos.
– Palmira, lembra-se do primeiro dia de escola?
– Tenho uma vaga ideia assim de estar lá... estava lá uma casota de pão, e eu muito envergonhada a ir para a escola. E uma das coisas que me lembro é que não sei porquê, nós tínhamos a pedra e o lápis que eu levava, não era um lápis convencional, era um lápis feito pela minha mãe daquelas... do xisto, daquelas falhas... e depois aquilo não sei se ela friccionava para aquilo ficar mais ou menos o feitio do lápis para escrever. Lembro-me disso.
– Era o lapinhos de lousa. É a memória que tem?
– Exatamente. É a memória que tenho.
– Tinha aí uns sete anos, não é?
– Nunca tive aquela coisa que eu normalmente... mas aqui nestas aldeias eu acho que era normal, as pessoas "Ai as meninas para um lado, os meninos para o outro", mas ali era tudo misto. Era só uma professora. E eram as quatro classes para uma só professora.
– E era professora ou era regente escolar?
– Era regente escolar. Eram regentes escolares sempre.
– E nesse ano, mais ou menos, quantos seriam no ano em que a Palmira entrou?
– Não faço ideia. Sabe... aquilo estava cheio. A escola estava cheia.
– Mas havia lugar para todos, sentados?
– Havia. Havia sim. Ainda tínhamos o tinteiro de...
– Essa escola ainda existe?
– Existe e posso-lhe trazer fotografias. Está recuperada. Está recuperada, porque aquilo a Câmara ainda fez alguma intervenção, elas estiveram em venda... e agora é a nossa Associação. Portanto, anteriormente à escola houve lá uma escola que está em ruínas que acho que ainda funcionou como escola... acho não, tenho a certeza... funcionou como escola, provavelmente ainda aí uns dez anos e é uma pena, porque aquela casa nunca foi habitada em permanência e está em ruínas.
– A Palmira conseguia-me tirar essas fotografias dessa escola? E escrever, se puder, uma historinha dessa casa.
– Posso, posso, posso. Está bem.

– Ou se conhecer pessoas que lhe digam: "Olhe foi no ano X" ou alguém que andou lá e ainda se lembre. Consegue saber?
– Está bem. Está bem. Eu vou ver o que é que consigo fazer. (...)
– Vocês costumam reunir-se na escola?
– Olhe, ainda este fim-de-semana lá estivemos, fizémos lá um magusto. Agora temos marcado para Fevereiro, os sócios todos, mas os sócios normalmente nem são pessoal que andou na escola ali, são pessoas de fora, porque os mais antigos nem sequer andaram ali naquela escola, andaram nessa tal escola que está em ruínas (...). A escola foi inaugurada em 1958, está lá a placa. Já está só o branco, não está a tinta, mas está lá a placa. 1958 e ainda tenho uma vaga ideia de haver o barulho e a partir daí transitaram da tal escola, que era numa propriedade privada, para essa escola. Tínhamos muitas crianças que vinham na altura em que eu andava lá, vinham de Fernandaires e mais de onde? Não sei de onde vinham mais... e lembro-me que eles às vezes, coitados, vinham todos molhados e tinham de...
– Vinham de longe, não é?
– Vinham... e secavam-se lá na lareira do meu pai.
– A Palmira, era perto da escola a sua casa?
– Era só atravessar a rua. E eu digo-lhe... para mim foi muito mau, porque eu era a mais velha e no intervalo ainda tinha de ir preparar o almoço, ou fazer as batatas, ou fazer não sei o quê... e não tinha o recreio. A minha irmã, por exemplo, houve dois anos em que não houve, a professora que lá estava com quem eu fiz a 4.ª classe, ela tinha a escola segura, mas não exerceu não sei quanto tempo, não sei se ela estava com baixa ou não sei o que é que... então, houve um ano em que não houve de facto escola, e no outro ano a minha irmã fez a 4.ª classe, ela tem dois anos de diferença de mim, portanto, foi logo a seguir ao ano em que eu saí. Ela fez a 4.ª classe no Abrunheiro Grande e ela lembra-se, porque aquilo era uma festa pelo caminho, a brincavam... eu nunca fazia aquilo... depois durante o recreio brincavam. Eu nunca tive isso... .
– Porque era próxima demais, a casa?
– Porque era ao pé da escola. E a minha mãe, portanto, também não nos deixava andar muito por lá e eu... o recreio aquilo era sagrado, ou tinha de tomar conta do meu irmão, ou tinha de fazer o fogo à panela porque aquilo era tudo cozinhado ao lume, qualquer coisa e depois quando a professora vinha...
– Geralmente era assim, não era Palmira? Quando calhava a ser a rapariga, a irmã mais velha, acabava por ter as responsabilidades?
– E os outros andavam por lá a brincar, e eu só ia quando a professora passava, passava mesmo em frente da minha porta.
– Ai a professora passava mesmo em frente à porta?
– Era, era, era.
– E, nesse primeiro dia de escola, a Palmira não se lembra assim de mais nada de especial? Que roupa levava, que material é que levou, se escrevia na lousa?
– Não me lembro muito.
– Portanto, já me disse o nome da escola. Como é que era esse edifício, então, onde... como é esse edifício que está lá ainda?
– O edifício é o que está lá. Agora fizemos uma cozinha, um anexo cozinha, mas é o que estava lá. É como as escolas que estão aí. Era o edifício, havia o alpendre e, da parte de trás, havia casas de banho.
– Tinha recreio, tinha jardim?
– Tinha recreio. O jardim nunca foi cuidado, mas... e havia os beirais que apanhavam a água, havia um depósito de manivela, que não me lembro como é que aquilo funcionava,

que apanhava a água, portanto, porque ali a serra não tem água. Então tínhamos os beirais. No final da semana os miúdos mais velhos tinham de lavar a escola.
– No final da semana, os mais velhos?
– Os mais velhos.
– Rapazes e raparigas, ou só raparigas?
– Não me lembro. Se calhar só as raparigas, já não me lembro. Mas tínhamos que lavar a escola... e mesmo a professora era sozinha, não havia lá auxiliares, não havia lá nada.
– Lembra-se de alguns colegas de escola? Ainda tem contacto com eles?
– Ai sim. Tenho, tenho contacto com alguns. Há lá um, que ele mora em Lisboa, mas era capaz de ter lá algumas memórias mais frescas do que eu, porque ele fez a 4.ª classe comigo e é do meu ano. Não sei se ele terá algumas memórias. Posso tentar falar com ele. (...) Ele é capaz de ter algumas memórias, porque eu parece-me que ele ainda há uns tempos andou a escrever qualquer coisa sobre o Lugar da Seada (...). Ele vive em Lisboa, ele é técnico, ele depois acabou mais tarde... ele tinha um bocadinho mais de posses, continuou os estudos logo a seguir, na altura, no tempo em que havia a 5.ª e a 6.ª classe, e depois o pai também trabalhava ali nos Olivais, no Seminário dos Olivais, e ele foi para lá e continuou a estudar. E fez o curso no ISEL, mas ele fez a 4.ª classe no mesmo dia do que eu... andávamos sempre ali ao despique! Um era melhor em matemática, o outro era melhor em português... andávamos ali sempre taco-a-taco.
– É assim a pessoa de quem a Palmira se lembra melhor?
– É, é.
– Como é que se chama esse senhor, já agora?
– É o José Antunes. Até acho que é José Alves Antunes.
– Lembra-se de algum episódio que se tenha passado, ou nesse primeiro dia, ou na escola, daquelas coisas que nós depois passados uns anos recuamos e "Ai aquele episódio não me saiu da cabeça na escola primária"?
– Não, a única coisa que de facto me marcou foi essa história de estar lá na escola a querer estudar... e o castigo da professora que achei que foi tremendamente injusto. De contrário, de brincadeiras e tudo, não me lembro absolutamente de nada relevante.
– Então, teve sempre a mesma professora primária?
– Não! Tive... eu agora não posso precisar, eu acho que tive uma no 1.º ano, outra no 2.º e a outra na 3.ª e na 4.ª classe.
– E não se lembra de nomes?
– Era a Gracinda, Maria Rosa e a Júlia.
– Gracinda foi a primeira professora?
– Sim, sim. E talvez a Gracinda... há lá esse vizinho e a irmã... acho que ainda têm contacto com ela, acho que ela ainda é viva. Acho que ela é daqui de Vila de Rei. As professoras iam para lá muito novas... coitaditas, era quando acabavam de fazer...
– Foi uma Gracinda que foi da 1.ª classe?
– Sim. Depois foi a Maria Rosa. Essa foi só um ano.
– Foi 2.ª classe.
– Isso. E depois 3.ª e 4.ª a Júlia. Eu penso que não estou a fazer confusão. (...) Mas depois houve coisas que...
– Seriam todas regentes ou seriam professoras?
– Eram regentes. Eram regentes de certeza absoluta.
– Todas as três. Então, mas se eram regentes a Palmira com esta Júlia...
– Eu nunca fiz os exames, os exames não eram feitos lá. Eu da 3.ª para a 4.ª classe fui ao Abrunheiro Grande fazer. Fui ao Abrunheiro Grande e fiz, penso que foi com a Misá, era Maria do Rosário, acho que era professora a Maria do Rosário. E depois o exame da 4.ª

classe foi aqui em Vila de Rei, mas da 3.ª para a 4.ª tive de ir fazer a passagem, acho que era passagem que se dizia, ao Abrunheiro Grande. Maria do Rosário, ela chamava-se Misá, era daqui de Vila de Rei e era mãe daqui de uma senhora que está ali a trabalhar na... ela já morreu, e era mulher de um bombeiro... penso que ela era Maria do Rosário, mas a gente só a conhecia por professora Misá.
– Então, estas senhoras que a Palmira diz que foram professoras na Seada, seriam regentes?
– Sim, sim.
– E fez no Abrunheiro. Havia uma escola primária lá no Abrunheiro?
– No Abrunheiro Grande havia até duas escolas já, na altura em que eu fiz a passagem, eu fiz numa casa ali ao pé da capela, mas depois mais à frente eles têm duas escolas. Enquanto nós temos uma. Foi na altura em que vieram escolas para todo o lado... eles lá têm duas. Não sei porque é que a passagem era feita ali, não sei.
– Está a ver, são este tipo de coisas que nos interessam. E o que é que se lembra dessas professoras que teve?
– Eu tive sempre uma boa relação com os professores, porque eu fui sempre uma aluna razoável, boa, portanto. E lembro-me que nos últimos anos, e acho que foi essa Júlia, que havia umas publicações, não sei se era a Fagulha ou o Girassol, uma coisa qualquer. Eu sempre gostei muito de ler e não tinha livros para ler, e ela emprestava-me as revistas. Mesmo depois de eu sair da escola às vezes ainda me emprestava. Depois deixou de dar escola. Eu sei que eles me emprestavam lá aquelas revistas que eram vocacionados com certeza para... tenho pena de não ter nenhum exemplar.
– E não ficou lá nada na escola?
– Não. Aquilo foi desativado, tiraram de lá tudo, depois aquilo em tempos, quando fizeram ali um estradão, ali à beira do Zêzere, ainda estiveram lá os militares. Aqui, Vila de Rei, tiraram de lá tudo.
– Foi a Câmara ou as pessoas?
– Não, não. Foi mesmo a Câmara que tirou tudo. Depois mais tarde, ainda me lembro, mas eu também não estive cá depois... a minha irmã ainda tem lá alguns cadernos que não sei se são dela se foi de algum aluno que ela ainda resgatou. Mesmo aquelas provas que nós fazíamos na escola aquilo tudo...
– A sua irmã guardou alguma coisa dessa?
– Ela tem lá um caderno, não sei se é dela se... ela, como ainda estava lá na Seada.
– E a sua irmã vive aqui?
– Não. Está em Alhandra.
– E dos seus colegas de escola, quase toda a gente que fez a 4.ª classe foi embora daqui?
– Sim. Uns estão na América. A maior parte foi embora, sim.
– Consegue-me saber se há por aí alguns registos desses?
– Está bem. (...) O quadro está lá, mas é a única coisa que está lá. Nem nenhuma carteira, nem crucifixos nem aquelas coisas, nada lá está. Isso foi a Câmara que levantou ou levou, não sei quem é que fez esse levantamento. Porque aquilo está à guarda da Câmara.
– Pronto, a Palmira, então, não tem nenhuma memória especial das professoras?
– Não, não tenho.
– Não se lembra delas em particular? Lembra-se que tinha sempre uma boa relação com elas...
– Tive uma boa relação... havia alguns alunos...
– Qual foi essa que lhe fez a partida da prova?
– Foi a Gracinda, no 1.º ano... na 1.ª classe.
– Mas elas castigavam, batiam, o que é que faziam?

– Alguns professores. No meu tempo não me lembro muito de baterem... mas elas batiam bem, algumas batiam bastante. A mim... felizmente nunca apanhei. Mas haviam algum meninos que eram uns desgraçados. A professora que me mandou à prova da 4.ª classe, morava lá no fundo do Lugar, levava-nos para a casa dela para nos preparar para o exame da 4.ª classe. Era a Júlia. A Júlia levava-nos, e uma das coisas que ela nos ensinou, e que eu sempre utilizei isso para todos os exames, é que: "Não estudem na véspera! Não estudem na véspera, porque vocês vão com a cabeça cansada e depois não vão fazer nada. Estudem antes!" (risos)
– Acha que elas, no geral, eram boas professoras?
– Eram, eram. Eram boas professoras. Eram, eram. A que eu tenho uma memória, mas não sei porquê, menos... mas, por exemplo, a minha irmã Maria Luísa deve-a ter apanhado no 1.º ano, a essa Maria Rosa... acho que, não sei porquê, não tenho uma memória... ou, pelo menos, não tenho a empatia que tinha com as outras. Eu depois vejo... essa Maria Rosa eu posso estar a fazer confusão se a tive, mas depois com esse Zé eu posso ver as coisas, posso ter tido dois anos a Gracinda, um ano a Maria Rosa e outro ano a Júlia. Posso estar aqui a fazer alguma confusão... mas não tenho registos nenhuns. E a memória também não ajuda.
– Sim, claro. Então, elas aplicavam castigos? Á Palmira pelos vistos não...
– Não. Houve alguns castigos, porque elas quando não sabiam era a própria régua. Nunca me lembro de ter apanhado.
– Mas eram professoras que também incentivavam os alunos, que davam alguma gratificação?
– Ai, gratificação não!
– ... gratificação, no sentido do elogio, ou algum incentivo, ou... incentivarem a ir estudar, ou continuar?
– Ai sim, sim. Por exemplo, quando eu fiz a 4.ª classe... que era uma pena eu não continuar, mas eu não... não tinha hipótese.
– A professora disse aos seus pais, foi?
– Sim, sim. Disse ao meu pai que a gente tinha de sair dali... mas não havia dinheiro, não havia nada. Então aqui vivia-se com o que a terra dava... o meu pai era resineiro, recebia o ordenado uma vez por anos, às vezes era para comprar esta ou aquela ladeira... coisa que a gente agora nem sabe o que lhe há-de fazer! (risos) Na altura era para nos deixar alguma coisa. As coisas mudaram muito...
– E esses professores que teve, a Palmira acha que eles tiveram influência na sua vida?
– Ai de todo!! Tiveram muita influência! Enquanto não conheci outra realidade, para mim, eu queria ser professora.
– A Palmira queria ser professora.
– Ai isso tive eu a certeza absoluta. Foram professores que me influenciaram no bom sentido e que me ajudaram a gostar de ler e de escrever e de tudo. Depois, mais tarde, eu sei lá, logo quando eu saí da escola começaram a aparecer as bibliotecas itinerantes, e eu vinha aqui a Vila de Rei requisitar os livros. Lembro-me às vezes da pessoa que estava responsável pela biblioteca, nós sabíamos lá que livro é que íamos levar... e eles é que nos direcionavam para o livro de "Uma Aventura", livros desses.
– Sim. Então, a Palmira era uma cliente assídua ou uma utente assídua das bibliotecas?
– Era enquanto elas vieram ao fim de semana. Depois começaram a vir à semana já não podia perder o tempo para vir buscá-los...
– Mas isso enquanto ainda andava na escola primária?
– Não, já não andava na escola. Nessa altura já não andava na escola.
– Então a Palmira terminou a escola primária com dez anos, foi isso?

– Sim, depois estive até aos dezassete anos, ainda estive um ano ali na zona.
– Até aos dezassete anos viveu sempre cá?
– Vivi um ano ali em Ferreira de Zêzere, estive lá um ano a trabalhar para uma família.
– Mas trabalhou sempre em lides domésticas ou na agricultura?
– Na agricultura sim. Na agricultura.
– O que é que fazia na agricultura?
– Fazia-se de tudo. O meu pai era resineiro, não tinha tempo. Nós, eu a minha mãe e os meus irmãos, é que tratávamos das hortinhas. Eu nunca, se calhar trabalhos muito esforçados, não fazia, porque eu era fraquinha, fiz-me mulher muito tarde (risos), só fiz a mudança de idade com dezasseis anos de maneira que era mesmo... mas pronto.
– E enquanto andava na escola também fazia esse tipo de trabalhos do campo?
– Ai sim. Tudo, tudo. Nunca andei descalça, mas fazia de tudo.
– Pronto, não sei se tem presente o que é que, enquanto andou na escola primária... o que é que os seus colegas diziam das professoras?
– Não me lembro. Não tenho memória. Não tenho memória. Sabia que a tabuada era quase cantada, era o ensino. Eu lembro-me quando fiz o exame da 4.ª classe eu tinha o livro de história todo decorado, porque aquilo era pergunta-resposta, era aquele não sei quantos Barros... era o Júlio de Barros. E aquilo tinha a parte descritiva e tinha a parte do questionário, acho eu que era assim... e a gente era a pergunta-resposta.
– Tinham de saber o livro de história todo de cór?
– Todo, todo de cór.
– A Palmira não tem esse livro?
– Epah não tenho esse livro. Eu fiz a pesquisa na internet onde aparece um muito velhinho na internet, mas não tenho esse livro. Não tenho. Mas era esse livro que eu estudei, e que me lembro perfeitamente...
– Lembra-se disso? Ainda se lembra de algumas coisas de cór?
– Não. Isso já não. Sabia os reis, os cognomes... isso sabia-se tudo de cór... quem eram os reis, quem não eram, a parte da geografia, os mapas, as serras, os rios, os afluentes, os daqui, de Angola, de Moçambique. Depois para nós aquilo eram umas histórias que se fixavam... nós nunca tínhamos saído daqui, nunca tínhamos visto o mar! Ensinavam-nos coisas que nós nunca tínhamos visto. Era assim, naquele tempo.
– Houve algum desses professores todos, que tenha sido mais relevante para a sua vida, e que a Palmira lembra... dos professores que teve, algum que tenha sido mais especial?
– Sei lá. (...) O exame era feito aqui numa casa, junto à igreja matriz, a que está perto do cemitério. Está lá um pavilhão, foi nesse pavilhão que eu fiz o exame da 4.ª classe. Não sei se eles alugavam esse pavilhão, como éramos muitos... naquele ano foi ali que se fez o exame.
– Eram muitos alunos a exame?
– Éramos. Eram muitos. E o professor, no fim, depois veio-me dar os parabéns, porque eu tinha feito um exame... acho que também havia oral, já não me lembro. Mas realmente eu tinha aquilo tudo na ponta da língua. Sabia aquilo tudo.
– Qual era a disciplina que gostava mais na escola primária?
– Eu gostava muito de História. Sempre gostei muito de História. E gostava muito também do Português. Eu gostava delas todas! Gostava de saber! Gostava de saber o que é que se passava. Apesar de não ter consciência, aquilo para mim era assim quase história de ficção... os nossos filhos hoje veem a ficção... e nós víamos os livros e aquilo era uma brincadeira para nós. Não tínhamos outros livros e era interessante.
– A Palmira viajava, era?

– Viajava. Com os livros? Ai de todo! Viajava sim, mesmo com os livros viajava! Mesmo a parte dos rios, imaginar como é que aquilo era... as serras, os caminhos de ferro... sabíamos aquilo tudo de cór! Claro que depois a coisa foi-se, porque... não era o tentar compreender, nós tínhamos de decorar, ponto. Saber de memória. É isso, saber de memória.
– E pronto, já me disse várias vezes que os professores geralmente reconheciam a qualidade ou a capacidade que a Palmira tinha... e que a incentivavam de uma forma geral, a estudar.
– Sim, sim. Incentivaram, incentivaram. Incentivavam-me a estudar, mas não consegui estudar, porque a vida era pobre, era vida de campo, os meus pais também deram tudo o que eles tinham, nunca fui proibida de ir à escola, nunca me disseram: "Não estudes, porque agora tens de ir fazer aquilo"... sempre me incentivaram, apesar de não saberem ler nem escrever, sempre me incentivaram a estudar, só que eles não podiam fazer mais do que aquilo que eles fizeram... porque não estava nas mãos deles.
– De certa maneira... as circunstâncias é que a impediram de seguir, e a Palmira pelos vistos gostaria?
– Ai sim! Eu disse muitas vezes, muitas vezes dizia: "O ano em que eu fui... ", quando me disseram que eu tinha passado na 4.ª classe e que tinha sido com um bom resultado fiquei muito contente, mas ao mesmo tempo fiquei muito triste, porque tinha de deixar a escola. Foi ali um misto de dois sentimentos.
– Acha que foi determinante para depois ter aquela motivação e aquela coragem para depois... ?
– Eu penso que sim, que aquilo ficou ali embrionário, aquilo ficou ali sempre. Aliás, o nosso sonho... que eu nunca concretizei, porque talvez por causa de ler aqueles livros, eu lia aquilo como... tinha mesmo aquele vício de leitura... e eu dizia que, um dia quando fosse grande, queria escrever um livro... claro que nunca o escrevi! (risos) Mas pronto. Escreveu o meu filho! Mas pronto, é a vida. Acho que nasci numa agricultura de subsistência, e o que eu fiz, acho que também não posso minimizar e fiz um percurso bom. Tenho os quatro filhos, todos agarraram a vida, nenhum enveredou pelo vicio... todos estudaram, todos são pais de família menos a mais nova que ainda não tem, e têm todos a vida encaminhada e são... sinto-me realizada!
– A Palmira lembra-se das rotinas na escola? Quando entravam se havia rituais, rezar, cantar?
– Ai rezar, a gente púnhamo-nos sempre... acho que tínhamos de fazer uma fila para a professora entrar, não usávamos a bata na altura, mas tínhamos a bata e sempre que vinha uma entidade oficial vestíamos a bata, talvez para estar sempre limpa.
– Mas quer dizer, era uma coisa assim, cerimonial, não era todos os dias que vestiam a bata?
– Não, não.
– Era só para as ocasiões?
– Para as ocasiões de cerimónia ou quando ia lá o delegado escolar, ou porque ia lá...
– Lembra-se disso, de eles irem lá?
– Lembro dele lá ir. E nessa altura tínhamos de vestir a bata. Entretanto andávamos com a roupa que trazíamos.
– Lembra-se do horário da escola?
– Entrávamos logo de manhã, às nove horas, tínhamos o intervalo... pelas duas horas talvez, e depois acho que saíamos por volta das cinco e tal, íamos outra vez à tarde.
– Iam ao fim de semana fazer alguma aula lá, ou era só limpezas?
– Não, era só limpezas. Eu penso que a limpeza era feita... porque normalmente as professoras também saíam, elas como não tinham... estavam ali durante a semana, mas ao

fim de semana iam sempre à terra delas. Eu penso que tanto a Gracinda como a Júlia que eram daqui de Vila de Rei, não tenho a certeza, mas esse meu vizinho é capaz de saber.
– Então ficavam lá durante a semana?
– Ficavam durante a semana em casas particulares, regra geral não lhe levavam nada de rendas, não lhes levavam nada de renda... elas estavam ali. Eram as famílias que cediam, que se organizavam para dar a casa à professora. Alguns não estavam lá a morar e davam. Depois, mais tarde, elas acabavam por ficar, já depois de eu não estar lá, em casa do meu pai, mas é porque... elas eram muito ali da zona de Castelo Branco, vinham, estas últimas, sozinhas, e não gostavam de estar ali sozinhas.
– Pois, pois. Para terem companhia de uma família.
– Para terem um aconchego.
– E a comida, lembra-se se levavam as merendas, se havia alguma assistência, ajudas?
– Houve uma altura que nós tivemos direito a leite e a queijo... não sei se era a Cáritas.
– Eram as professoras que iam lá ou que davam essa alimentação, ou os pais que se organizavam?
– Não, não, não. Isso era de uma entidade, não sei se era Caritas se o que era, era uma instituição qualquer que durante algum tempo... isso apareceu lá. Leite em pó.
– Mas foi durante o seu tempo de escola todo ou foi ali um ano?
– Não, foi só... foi pouco tempo. Tinha essa memória, mas não sei em que altura foi.
– Então era rapazes e raparigas misturados?
– Sim, era tudo misto.
– Não havia cá essas separações?
– Não. Essa história... nós, ao morarmos tão isolados ali, nunca sentimos essa diferença, portanto, mesmo ao nível político... a gente sabia lá o que é que era isso! Lá o Salazar, olha, estava lá... a olhar para nós.
– Tinha o Salazar?
– Ai tinha, tinha! O crucifixo no meio, o Salazar e o Carmona, acho eu... que estavam a olhar para nós, mas nós tranquilos.
– Tranquilos. E tinha mapas?
– Ai os mapas... sim, os mapas.
– A sala era iluminada, tinha aquelas janelas?
– Sim, sim. Nós tínhamos uma salamandra que raramente funcionava, que hoje já funciona mais ou menos, é dessa altura. É a mesma. A salamandra ainda é a mesma. Mas depois aquilo deitava fumo, os alunos é que iam também buscar a lenha, não havia lenha... mas tínhamos a salamandra.
– E os materiais didáticos que se lembra de ter lá na escola, se é que tinham, sei lá... aqueles sólidos geométricos, as réguas, os esquadros, os mapas, as imagens, os livros, o que é que teriam lá?
– Tínhamos os mapas, isso tínhamos, tínhamos os tinteiros pelo menos nos primeiros anos com a tinta e a caneta de madeira.
– Ainda escreveu assim... com o aparo?
– Ainda escrevi, pelo menos no primeiro ano ainda escrevi. Depois no final não sei se foi, era a lousa essa é que funcionava mais, e no fim de semana tínhamos de trazer para casa para esfregar os caixilhos e limpar aquilo bem! (risos) E pronto, não tenho assim grandes memórias... o caderno de duas linhas.
– Não tem nada disso, não é Palmira?
– Pois não. Não guardei nada.
– E não poderá ver com os seus irmãos?

– A minha irmã mais nova ela diz que tem lá qualquer coisa. Porque, entretanto, aquilo ficou tudo em casa dos meus pais, eu era a mais velha, e os livros tinham de dar para todos... quando chegaram ao final estavam todos estraçalhados! Depois a minha mãe entretanto morreu, e o meu pai não gostava nada lá de tralha, e deitou algumas coisas fora. E acabou por se perder alguma coisa que podia ser importante... tenho lá alguns livros antigos mas não foram meus, na escola... tenho lá um livro de problemas que eu acho que foi por aí que eu estudei... esse é que eu tenho lá, mas já não está completo. (...)
– Brincadeiras nos recreios, lá está, a Palmira... como não usufruiu...
– Eu não. Mas era a macaca, era às escondidas, era... não havia brinquedos. Era ao jogo do prego, que já não me lembro como é que era.
– O jogo do prego? Como é que era isso?
– Eu sei lá. Já não me lembro. Era com um prego, a gente atirava e depois fazia lá uns riscos... mas eu nunca fui muito de jogos. Eu nunca brinquei muito.
– Nunca brincou...
– Nunca brinquei muito.
– Mas sente que era por essa responsabilidade, ou era de si que não era muito dada à brincadeira?
– Não, era disso. Era eu que tinha de ajudar em casa. Tinha de ajudar em casa. Portanto nunca tive uma grande interação nos recreios por causa disso. Acabava a aula, eu vinha para casa e quando a professora passava é que eu ia para a aula. Agora é que há trabalho infantil, na altura não havia! (risos). Essa é que é essa!
– A Palmira nunca repetiu, não é?
– Nunca repeti. Passei sempre.
– Já me disse que os rapazes andavam juntos... e toda a gente brincava?
– Éramos todos juntos.
– Havia assim discrepâncias económicas entre os alunos que se notassem?
– Eu acho que era tudo pobre! (risos) Era, era. Era tudo mais ou menos igual. Não quer dizer que não houvesse um ou outro que não se mexesse melhor, mas não se notava grandes diferenças. Era tudo pobre.
– E lembra-se do horário escolar, das rotinas, o calendário, o ano escolar todo e depois aquelas coisas que eram da aldeia? Se havia tradições típicas, lá vossas da aldeia, ou alguma coisa que fosse comemorada também na escola, festas?
– Lá está, era uma aldeia, não tínhamos nada.
– Não faziam comemorações nem aqueles encontros?
– Não... quer dizer, os homens faziam nas tabernas. E os miúdos andavam por lá, mas não. Fazíamos uma coisa que havia, mas isso não era integrado na escola, que era na altura dos Santos pedir os bolinhos, isso fazíamos sempre. O que é que se fazia mais? Não me lembro. Quando vinha o sardinheiro vinha toda a gente a correr e o sardinheiro às vezes dava umas sardinhas a cada um, e alguns comiam aquilo cru... que eu não consigo!
– Ai comiam cruas, as sardinhas?
– Elas vinham em sal! Mas lembro-me às vezes: “Lá vem o sardinheiro!” lá ia tudo a correr...
– E naquelas férias, sei lá, Páscoa, Natal, nada passava pela escola?
– Não, não, não. Não havia nada disso. A escola encerrava-se. Até porque as professoras estavam ali desterradas tinham de ir para as casinhas delas.
– Mas sente, em geral, que ali na sua aldeia as pessoas valorizavam a escola, era uma coisa que as pessoas... ?
– Eu acho que sim, que sim, que valorizavam. Tanto que agora, meia dúzia de pessoas, quando elas foram para venda, disseram: “Espera aí, isto faz parte do património da Sea-

da, não vamos deixar vender isto", e fizeram um abaixo assinado porque aquilo já estava em Hasta Pública... aqui há muitos anos a minha irmã até quis comprar, e a Doutora Irene, que está agora como Presidente da Câmara: "A Câmara não vende, compra"... .e agora resolveram pôr as escolas todas em Hasta Pública, porque agora a maior parte delas são propriedade privada, as escolas aqui de Vila de Rei... e depois já estava em Hasta Pública, e houve lá um conjunto de pessoas que fizeram um abaixo assinado e conseguimos travar o processo da venda da escola e, entretanto, a associação transformou-se em Associação, é mesmo Associação, tem lá os estatutos todos. Claro que se deixar de ser Associação passa outra vez para a Câmara. Aquilo só está lá cedida pela Câmara para ser Associação, mas já fizemos umas melhorias. Lá fomos tentando fazer almoços a tentar...
– Então são as próprias pessoas da aldeia que se organizam para fazer essas festas ou restaurar a escola quando é preciso?
– Não, aquilo, a Associação tem os estatutos próprios. Tem a direção, tem a assembleia, tem tudo e depois são os sócios. Aquilo são uns tantos sócios e depois...
– Quantos são os sócios não sabe?
– Não faço ideia, mas é fácil saber. Devem ser perto de cem. Sim. Mas é gente que não está lá. Nós em permanência lá na Seada somos quinze pessoas... portanto as aldeias estão vazias e tudo gente já...
– Com a sua idade, não é?
– Não, mais velhas. Eu tenho duas tias minhas a morar comigo, uma tem noventa e seis e outra tem cem anos.
– Cem anos?!
– E eu é que estou a tomar conta delas.
– E essa sua tia sempre viveu aqui?
– Essas viveram sempre aqui.
– E elas andaram na escola primária?
– Não, não. Essas não sabem. A minha tia...
– Essa de cem anos não sabe ler?
– Essa de cem anos agora já não está muito bem, mas essa ainda chegou a aprender e acho que ainda lia cartas, ainda leu cartas. Agora já não assina há muito tempo...
– Aprendeu sozinha?
– Sim. Foi autodidata. Então, com a ajuda de... o meu pai, era irmão, e nunca aprendeu, mas não sei. Ela ainda chegou pelo menos a assinar bem o nome dela e eu acho que ainda chegou...
– Ela ainda está lúcida? Ainda consegue...
– Não. Já não. Não. A irmã, essa era a mais nova deles todos, tem noventa e seis anos, mas essa nem ligar ao telefone... nem fazer uma chamada. Eu tenho, eu arranjei um telefone com teclas onde posso memorizar números, para ela memorizar a tecla, e ligar ao telefone, mas é só o telefone que está ali: "Olhe, este é do fulano, este é de sicrano... " e depois carrega e é assim. Porque coisas que os meus pais faziam e as irmãs também faziam era, no mínimo, ligar o telefone, fazer chamadas... e ela não faz chamadas.
– E sente que ela nunca quis fazer? Dar-se a esse trabalho?
– Não sei. Nunca lhe foi necessário, se calhar, não sei.
– E essa de cem anos, então... a Palmira não tem presente ela ter conversas sobre onde é que aprendeu?
– Deve ter sido com os primos. Havia um primo que sabia ler, uma das irmãs, elas são só as duas os outros já faleceram, porque elas são as mais novas... a que estava em Lisboa ainda lhe escrevia algumas cartas, acho que era mais a necessidade de... a irmã estava em Lisboa, e ela estava ali, e havia um cunhado... e entre uns e outros... mas ela não sabia

muito. Ela não sabe muito. Soube qualquer coisa, era capaz... mas ainda há pouco tempo ela dizia: "Ai eu ainda era capaz de ler qualquer coisa", mas agora já não. A cabeça dela... não dá. Embora não esteja ainda completamente demente, mas já não dá. Se fosse a outra, sim, a de noventa e seis anos, aquilo se eu tiver dúvida em alguma coisa ela é que está certa! Não desenvolveu a escrita, mas desenvolveu... e depois vais contando e recontando e recontando, aquilo não se esquece!
– Tem uma boa memória, é?
– Tem. Tem.
– E lembra-se daqueles rituais da escola de ir ao quadro, de fazer os ditados?
– Os ditados, os erros... ai pois, aí nos erros é que as pessoas levavam reguadas! Era isso. Cada erro às vezes uma reguada. E ir fazer os problemas ao quadro, a tabuada quase em coro, isso lembro.
– Lembra-se disso tudo?
– Sim.
– Não houve nenhum episódio desses de castigo, de uma coisa que tenha assistido que a tenha marcado?
– Não. Lembro, mas isso já era mais tarde e eu não estava na escola. Que era, às vezes, lá uma vizinha... coitada que ela levava tantas, na escola: "Lá está a Emília a apanhar"...
– Então, das disciplinas que tinha, a que mais gostava era a História e a que menos gostava era qual?
– Eu gostava delas todas. Talvez a Geografia. Depois no futuro nunca me interessou muito a Geografia.
– Mais para a frente era o Desenho, era isso?
– Sim. Ai isso o Desenho nunca tive muita habilidade para desenhar.
– Não se lembra dos métodos que a professora usava para ensinar a ler... se havia uma coisa específica que ela fizesse?
– Não tenho ideia.
– Não tem presente nada disso. Também falou do livro de História... do livro de História não há nenhuma personagem, nenhuma história, sei lá, um pequenino parágrafo que lhe tenha ficado na memória ou alguma pequenina lembrança de uma matéria, das coisas que lia? Há sempre uma pessoa que se lembra de uma história ou de um boneco desenhado no livro...
– Eu gostava, por exemplo, sei lá, mas não era de História, era no livro de Português, "A Barca Bela", acho que era da 3.ª classe... "A Barca Bela".
– A Barca Bela. Era uma história?
– Era... era em verso, e "O Dia de Anos" também não sei de quem é que era isso.
– Acha que foi uma boa aluna, não é?
– Ai fui. Fui! Mesmo agora na licenciatura no final do ano fiquei na... e a trabalhar, e com a lida de casa... fiquei no terço melhor. E pronto, foi assim. E fiz nos anos, exames.
– Qual foi a sua área de trabalho principal da sua vida profissional?
– Profissional, eu... a nível de profissão? Eu dei sempre apoio aos serviços da presidência.
– Houve ali uma fase a seguir à escola primária que trabalhou?
– Aí trabalhei como doméstica. Até aos dezasseis anos trabalhei no campo. Depois fui para Lisboa trabalhei quatro anos como doméstica, entretanto abriu o concurso para a Câmara de Lisboa, com conhecimento da minha madrinha que trabalhava lá, entrei como escriturária datilógrafa, fiz o percurso todo até técnica superior de primeira classe. Eu fui para Ciências da Comunicação não foi por acaso, porque eu estava num departamento de comunicação social e eu para ser... nessa altura havia um Decreto-lei que nos permitia requalificar as pessoas, e eu ainda consegui essa requalificação quase ali no limite. Portan-

to, fui reclassificada para técnica superior e ainda fiz depois percurso, logo no início, de estagiária até técnica superior de primeira classe, depois para principal já não fui, porque, entretanto, vim-me embora e os critérios de avaliação da função pública também mudaram, de progressão na carreira. E pronto, fiz a progressão completa mesmo antes de estudar, antes de tirar a licenciatura, eu entrei como escriturária datilógrafa, fui até oficial administrativa principal e depois ainda fui chefe de secção que, entretanto, as secções já não existiam, porque também houve remodelação nas carreiras da função pública. Mas fiz o percurso todo. Tudo o que eram cursos de formação mesmo a nível de Câmara, se calhar, eu sou a que tem mais certificados, eu sei lá, aqueles cursos pequeninos de contabilidade, disto ou daquilo.

– No fundo, chegou ao topo da hierarquia dentro daquilo que era possível chegar, dentro da sua carreira profissional?

– Sim, sim. Exatamente. Portanto, eu depois, a partir de uma determinada altura, foi criado o gabinete de imprensa que foi depois o gabinete de comunicação social, hoje é departamento, trabalhei sempre por aí. Eu fazia revista de imprensa, fazia... tirava as notícias da televisão também.

– No fundo, a Palmira fez um percurso que... embora tivesse de sair daqui da sua origem, da sua terra natal para ir para Lisboa, procurou uma vida melhor... nunca emigrou?

– Eu lembro-me, eu lembro-me quando o meu pai e a minha mãe nessa altura... eu fui porque eles me mandaram embora, porque os filhos eram para ter dinheiro, para ganhar dinheiro.

– Ganhava para os pais, para a família?

– Sim. Até casar. A minha mãe e o meu pai disseram-me assim: "Olha, agora há uma casa, tu tens de ir para lá e não sei quê", eu na altura dizia: "Bem, agora vou largar a minha família, como é que vou para lá?"

– Mas mandava dinheiro para cá para os seus pais até se casar, literalmente?

– Mandava. Sim. E na altura eu dizia assim: "Mas se eu também não sair daqui, vou passar a minha vida toda a carregar molhos de mato... "

– Pois. Os seus irmãos todos também saíram de cá, foi?

– A minha irmã mais nova não. A minha irmã mais nova esteve cá até casar. Mas, entretanto, aprendeu costura, teve outro percurso de vida. Já tinha a nossa influência também.

– Conclusão: a sua educação foi uma coisa indispensável para poder ter a profissão que teve, para fazer a vida que fez?

– Claro, claro, claro!

– Haveria aqui uma última secção, mas no fundo já me falou disto... o que é que gostava, quando andava na escola e era miúda, se é que tinha esses pensamentos, quando imaginava o futuro para si, e via aquilo que era a realidade que tinha, o que é que a Palmira imaginava? O que é que gostava de ser quando fosse grande?

– Era professora. E aliás, e não fui para professora, porque quando eu acabei o 9.º ano, trabalhava, estudava, mandava dinheiro para os meus pais, e eu podia ir fazer, na altura ainda era o magistério para a regência... mas eu não podia desempregar-me.

– Não se podia desempregar?

– Porque na altura esse curso não era feito à noite. Eu aí não fui por causa disso. Já com dezoito, dezanove... eu não fui por causa disso, porque senão tinha enveredado por esse caminho. É assim.

– O que é que acha que foi a maior diferença do seu tempo de escola para o tempo dos seus filhos?

– Eu acho que no meu tempo, apesar das pessoas dizerem que naquele tempo se saía da 4.ª classe a saber muito mais do que hoje... mas era muito vocacionado para a memorização. E depois no tempo dos meus filhos era já para a pesquisa. Eu lembro-me da minha filha mais nova, que tem agora trinta e um anos, ela dizia-me assim: "Oh mãe, mas como é que eu faço para aprender a tabuada?", "Isso aí não há volta a dar. Isso aí tem de ser... ", "Mas eu não consigo memorizar." Portanto, eu penso que é isso mesmo. Era muito vocacionado para a memorização, nós não pensávamos no que estávamos a fazer, não éramos obrigados... não havia lógica, era aquilo e aquilo. Eu acho que os nossos filhos, ou pelo menos no tempo dos meus filhos, eles já iam fazer pesquisas, iam fazer o trabalho de grupo, ainda não apanharam aquele 'boom' da internet, que aparece quase tudo feito... ainda tinham de ir aos livros e à biblioteca e ainda iam pesquisar. Trabalhos mais ou menos elaborados, mas acho que obrigava-os a pensar um bocadinho, e penso que sim, nesse aspeto o ensino evoluiu quanto a mim para melhor. Talvez haja muito facilitismo, mas evoluiu para melhor.
– Para melhor...
– Eu acho que sim. Para as pessoas pensarem, porque eu não fui... eu não fui treinada para pensar naquilo que estava a aprender. Portanto, era aquilo e aquilo mesmo. Se calhar os outros também, mas eu é essa sensação que eu tenho. (...)

[NOTA: Esta entrevista foi continuada numa entrevista conjunta concedida por Maria Alves Mateus Pereira, Elisa Alves Mateus, Elisa da Conceição e Palmira da Conceição (24-01-2020)].

– Maria Alves Mateus Pereira –

Naturalidade: Seada (Vila de Rei)
Data de nascimento: 05-04-1934
Residência actual: Seada (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

Naturalidade: Seada (Vila de Rei)

– Elisa Alves Mateus –

Data de nascimento: 15-02-1940 [faleceu em 28-08-2021]
Residência à data da entrevista: Seada (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 4.ª classe

– Elisa da Conceição –

Naturalidade: Seada (Vila de Rei)
Data de nascimento: 01-10-1923
Residência actual: Seada (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Elisa da Conceição nunca aprendeu a ler e a escrever.

* Indivíduos que não frequentaram a escola nem adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal.

– Palmira da Conceição –

Naturalidade: Seada (Vila de Rei)
Data de nascimento: 15-05-1919 [faleceu em 09-08-2021]
Residência à data da entrevista: Seada (Vila de Rei)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Palmira da Conceição nunca foi à escola, mas aprendeu a ler e a escrever.

* Indivíduos que não tendo frequentado a escola, adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal.

Entrevista conjunta a Palmira Dias Nunes Ramos Pessoa e, respectivamente, a suas primas e tias: Maria Alves Mateus Pereira e Elisa Alves Mateus, Elisa da Conceição e Palmira da Conceição (em continuação da entrevista de 19-11-2019), realizada por Helena Cabeleira e António Manuel Martins Silva (gravação áudio e audiovisual), Lugar de Seada, Vila de Rei (24-01-2020).

[VOZES: Palmira Dias Nunes Ramos Pessoa (P), Maria Alves Mateus Pereira (MM), Elisa Alves Mateus (E), Elisa da Conceição (EC), Palmira da Conceição (PC), Helena Cabeleira (H) e António Manuel Martins Silva (A)]

H – Sabe ao que eu venho? A Palmira contou-vos?
P – Olhe, eu vou-lhe dizer... estas senhoras não sabem ler nem escrever.
H – Estas duas?
P – A minha tia com 100 anos, sabia ler, agora não, mas sabia ler e escrever... mas foi autodidacta. Acho que foi o irmão aqui da minha prima...
MM – Que lhe ensinou.
H – O seu irmão?
MM – Sim, que já faleceu.
H – Como se chamava o seu irmão?
P – Carlos Mateus, porque ele foi às aulas, portanto, o meu avô não mandou nenhum filho à escola, eram 7, não mandou nenhum filho à escola... o meu pai não sabia ler, não foi.
H – Mas já havia escola aqui?
(Vozes) – Não!
P – O Carlos Mateus, que é o irmão da Maria Mateus andou na Escola do Abrunheiro Grande.
MM – Andou no Abrunheiro Grande e foi inaugurar a do... Vale Velido.
P – A do Vale Velido.
H – Se o seu irmão fosse vivo, que idade é que ele tinha agora?
MM – 93 e anos, morreu o ano passado.
P – Mas pronto, eu acho que a gente jovem ainda tentou ensinar algumas delas.
H – Então o seu irmão, nessa época, seria dos poucos que tinha ido daqui à escola?
MM – Sim, sim, ao Abrunheiro Grande que até lá havia uma professora primária... porque havia as regentes escolares... eu, por exemplo, fui ensinada por regentes escolares.
H – Mas já aqui?
MM – Não não! Ia para a Zaboeira.
H – Mas lembra-se de fazerem aqui a escola?
MM – Eu estava para ir para África... porque eu estive em África 15 anos, em Lourenço Marques, e Porto Amélia.
P – Esta senhora é mãe do Dr. Rui Pereira, que esteve no governo... esteve no governo, vá, esteve lá a trabalhar com a Ministra da Justiça. Não se lembra de haver um qualquer problema informático? Foi quando o filho desta senhora...
MM – Foi o director das bibliotecas, na Câmara Municipal de Lisboa.
P – Foi ele que fez a força, e que deu o empurrãozinho, para a Biblioteca de Vila de Rei.
MM – Foi ele, como ele estava nas bibliotecas, de maneira que foi ele.
H – O seu nome completo, desculpe?
MM – Maria Alves Mateus Pereira.
H – É nascida aqui, na Seada?
MM – Nascida aqui, na Seada. Porque o meu pai foi GNR, dos primeiros, dos primeiros GNR's que houve, e também esteve em África em Lourenço Marques, e ainda fomos lá

ver o quartel onde ele esteve e conhecer pessoas que estavam lá no mato e tinham trabalhado com ele... uma coisa extraordinária, que tenho um orgulho nisso... e o meu pai.
H – Então aprendeu lá, estudou lá, não? Fez 4.ª classe, ao menos? Tem 4.ª classe?
MM – Eu? Eu tenho a 4.ª classe mas feita aqui na Fundada. Quer dizer, a regente escolar... isto foi assim... o meu pai é que fazia as cartas, porque o meu pai nasceu em Vila de Rei, era dos Cobras, a família Cobra... e aos 5 anos o meu avô, acho que o meu bisavô era ali do Abrunheiro Grande, dos Mateus, casou com uma Cobra (risos)... e aos 5 anos o que é que eles fizeram? Ele tinha lá uma tabernita, e aquilo ninguém lhe pagava... olhe, o homem teve de ir para Vila Velha de Ródão, deixou a mãe aqui com os avós, com os tios... porque a tua avó ficou aqui, porque era a mais velha, e o meu pai foi com eles com 5 anos, deixou os dois mais novos, levou a mais nova e o mais velho... o meu pai era o mais velho... e a tua mãe ficou aqui com os tios na Seada, e o Ti Manel que depois foi guarda-fiscal... e o meu pai foi para Vila Velha de Ródão, e lá aprendeu a ler e a escrever muito bem, melhor do que eu.
H – Eram quantos irmãos, os seus?
MM – Somos 3.
H – E tinham os 3 a 4.ª classe, é isso?
MM – Tínhamos os 3 a 4.ª classe.
H – E o seu irmão veio ensinar as primas, foi isso?
MM – Ele ensinava assim, e até rapazes. O teu pai se não sabia ler... admira-me.
E – Ele fazia o nome dele.
P – Fazia, fazia, fazia o nome dele.
MM – Ele ensinou aí muita gente. Eu depois... o meu pai era muito mais velho que a minha mãe, porque depois ele veio já reformado para cá para a Seada, tomar conta dos pais que vieram de lá de Vila Velha de Ródão, aqui para a Seada. Então o meu pai... eu tinha 17 anos quando ele faleceu, com 78 anos, o meu irmão já tinha 20 e tal, já estava em Lisboa, já tinha lá arranjado um emprego... e eu, o que é que ele fez? Ele é que fazia as cartas para um padre aqui da Seada, que era missionário em Moçambique.
P – O padre Mateus esteve em Moçambique?
MM – Esteve.
A – Como é que se chamava esse missionário?
P – Mateus. Ele faz parte daquele livro dos Consagrados, ele está lá.
A – Não era o Xavier Mateus?
MM – Mateus Lopes Maia... Mateus Bernardino, pois, Mateus Bernardino. Mas ele depois, ele pôs mais Mateus Lopes Maia, para ter um nome mais pomposo... e então o meu pai é que escrevia as cartas do irmão desse padre, que tinha um filho da minha idade, e que abriu a escola na Zaboeira. E o que é que o meu pai, sem dizer nada, meteu no fim da carta: "Diz ao teu irmão que mande o Joaquim à escola que abriu na Zaboeira"
H – Então, nessa época, as crianças daqui que iam à escola, iam para a Zaboeira?
MM – Para a Zaboeira. Éramos só nós os dois quando começou.
H – Quantos kilómetros são daqui para a Zaboeira?
E – Parece-me que são uns 10.
MM – Não... são uns 5 ou 6 quilómetros.
A – Mas ainda é um esticãozinho.
MM – Ah pois é, a pé!
H – É mas é um grande esticão a pé! Nestes caminhos, altos e baixos... deviam ser difíceis de fazer, não eram?
MM – Chegávamos lá todos molhadinhos. Tínhamos lá uns tios do Joaquim, que era às vezes onde enxugávamos a roupa... e lá nos davam um bocadito de pão.

E – Eu, por acaso, aprendi aqui já.
H – Mas lembra-se de a escola ser feita? É do seu tempo?
E – Ali já não andei, mas andei ali.
H – Havia outro sitio?
MM – Fiz a 1.ª e a 2.ª classe, passei para a 3.ª na Zaboeira, a professora da Zaboeira que era a Libânia da Conceição Garrido... e tinha um filho médico em Lisboa, ela depois casou para Lisboa... era uma regente escolar que veio de Castelo Branco, mas uma grande professora... mas para dar cá as réguadas! (risos). Eu fui muito bem preparada para a 3.ª classe. (...) E há aí uma jornalista que eu penso que seja neta dela... tenho-a visto mais na SIC.
H – Em que ano nasceu?
MM – 1934.
H – Então, isto estamos a falar... fez o exame da 4.ª classe já com que idade?
MM – Eu fui já com 9 anos porque o meu pai já estava a achar... como abriu a escola na Zaboeira, e aqui no Vale Velido não havia, e no Abrunheiro Grande também não... não havia professoras para vir para aqui, ninguém queria vir para aqui... isto aqui era... !
H – Ninguém queria vir para aqui?
MM – Pois, ninguém queria vir para aqui!
H – Mas então já haviam escolas, não haviam era professoras? Era isso?
MM – Era isso! Tanto que essa minha... a Libânia da Conceição Garrido, era de Castelo Branco.
P – A escola no Abrunheiro Grande era aquele edifício ao pé da capela.
MM – Era ao pé da capela.
P – E depois é que foi feita a outra, quando as outras todas foram feitas.
H – Então, conclusão... foi para a escola com 9 anos?
MM – Sim, perto de 9 anos.
H – E fez depois até à 4.ª classe, tudo seguido?
MM – Não, depois fiz a 3.ª já no Vale Velido. Porque a Garrido casou e foi para Lisboa, ficou a Zaboeira sem professora. Vem para ali uma de Vila de Rei, que era dos Rolos, ainda nossa parente, porque a mãe era daqui da Seada, também prima, e aí fiz a 3.ª classe. Nisto, abre aqui a da Seada, houve quem emprestasse uma casa que há aqui.
H – Uma pessoa aqui da terra deu a casa?
MM – Pois, deu a casa, e veio uma filha de uma professora da Fundada, mas era uma regente escolar, a mãe era professora primária... mas ela coitada, aqui não havia, e ela tinha 6 filhas... não era brincadeira! Só uma é que se formou na altura.
E – Não era a Alice? Eu foi com a Alice.
P – Não, era uma prima que casou.
MM – Pois, a tua prima que estava na Beira. O meu filho, lá em Lourenço Marques ainda lá foi para o Colégio dela lá na Beira, porque fizeram o passeio, e o meu filho estava no Gran Bosco, foram lá e os dias que estiveram na Beira... falei com a tua prima, irmã da minha professora que me levou à 4.ª classe, mas levou porque quis, porque as regentes escolares só levavam até à 3.ª... mas depois, como eu tinha uma tia na Fundada, fui um mês, porque ela fechava mais cedo a 3.ª classe, ela andava aqui só por mim, ali a dar-me... e eu fui para a mãe, e estive lá, e foi assim que eu fiz a 4.ª classe. Eu fui a primeira rapariga da Seada a fazer a 4.ª classe. Depois é que foi a Nazaré... a Nazaré a seguir.
H – Foi a primeira da Seada a fazer a 4.ª classe? Isso em que ano?
MM – Fui a primeira a fazer a 4.ª classe. Eu teria 12 para 13 anos.
H – E na escola, quando lá andou, eram quantas raparigas daqui que estavam na escola?

MM – Aqui da Seada ia apenas eu e o Joaquim. Porque depois o padre disse: "Não lhe deixes nada, mas deixa-lhe ao menos a 3.ª classe!"... mas depois o Joaquim não continuou. Depois, mais tarde fez, foi para Lisboa e fez, aí fez à noite, porque depois veio para aqui uma professora, regente escolar, e dava aulas à noite. Pois, porque os rapazinhos já andavam a trabalhar... e dava aí.
H – Aos adultos, se calhar?
MM – Mas ela dava também só até à 3.ª. Tanto que o meu irmão também só fez a 3.ª, e ele só fez a 4.ª classe já em Lisboa, porque não havia professores! O meu irmão nunca chegou a ir à Fundada, mas houve um tio meu, que já faleceu nos Estados Unidos, que ia para a Fundada... e ir para a Fundada não é brincadeira! Era mais ou menos como daqui para a Zaboeira, 6 ou 7 kilómetros... daqui para a Zaboeira. E depois as outras raparigas da Seada só começaram a ir quando se fez aqui esta... porque a minha irmã, já se calhar não iria. Porque, nisto, o meu pai ficou doente, tinha eu 17 anos e tinha ela 11.
H – Então o seu irmão, que é primo... ?
(Vozes) – Somos primos!
EC – A nossa mãe era irmã aqui do pai da Maria... e tinha o meu tio, irmão do Mateus... e tinha uma irmã que era a mais nova, mas morreu.
MM – Houve uma que morreu com a Pneumónica... estava para casar.
EC – Morreu também a mãe do José Reis.
MM – Com a Pneumónica... ou as que estavam grávidas.
P – Eram as epidemias...
MM – Não sei porque raio chamam a isso a Pneunómica!
A – Mas espere aí, em que data é que foi isso?
MM – Ora isso eu não me lembro...
A – Provavelmente, isso era outra gripe, não era a Pneumónica.
MM – Ah, isso foi para aí em 1920.
A – Porque a Pneumónica foi em 1918.
MM – Segunda Guerra Mundial?
H – Primeira... primeira.
A – Então era! Foi a seguir à Primeira Guerra Mundial, 1918.
P – Houve muita gente aqui que esteve mal. Até contam que houve ali uma senhora que morreu, e o filho pequenito com a mãe morta, ainda se ia lá meter ao pé dela... pois, porque as pessoas estavam com poucas defesas... as pessoas com menos defesas é que morriam.
MM – A nossa tia estava para casar com o Ti Pedro, e depois a mulher dele também veio a morrer.
P – Com outra epidemia qualquer que apareceu!
MM – Também com a Pneumónica, passados uns anos, porque aquilo teve duas fases...
A – Houve várias... isso eram gripes.
MM – Pois eram, como aquela que está agora na China...
A – A Pneumónica também se chamava Gripe Espanhola.
MM – Era isso mesmo, que ainda agora a minha neta esteve numa coisa dessas... e o meu filho esteve agora por causa da Gripe Espanhola, que eles até lançaram agora um livro, na Universidade Nova.
A – E antes dessa gripe, da Pneumónica, foi a Gripe Asiática, de Hong Kong... e agora parece que vem aí outra... dessa Asiática! (risos)
MM – Dizem que aquilo é vírus... e aquilo parece que já está...
H – Já estão em quarentena... e tudo.
P – Está a bombar!

H – Quero saber o nome, esta senhoras conseguem dizer-me o nome, completo?
P – Ó madrinha, como é que é?
H – O seu nome completo, todo?
PC – Palmira da Conceição.
H – Em que ano é que nasceu? E em que dia? Sabe-me dizer? O seu dia de anos?
P – Qual é a sua data de nascimento?
H – Ela não ouve bem já...
P – Quando foi que você nasceu?
PC – Eu... eu sei lá! Já foi... há muito!...
(risos colectivos)
P – Então foi há quanto tempo? Nasceu há quantos anos?
MM – Quase há 101! (risos)
PC – Ah!... sei lá!
MM – E então ela, que tinha uma resposta para tudo!
H – Em que dia nasceu?
PC – Em que dia foi?
PC – Dia 14...
P – Não não!
PC – Dia 15...
H – E qual é o mês?
PC – Maio...
P – Que é o mês de Nossa Senhora, não é? Ela, isso aí, já não vai lá... 1919.
H – Já fez os 100 anos?!
PC – Já lá vai há muito... já foi há muito tempo...
H – Nasceu aqui na Seada?
PC – Foi na Seada...
H – Nunca andou na escola? Nunca foi à escola?
PC – Nunca!
H – Mas sabia ler? Escrever?
PC – Ainda fiz uma carta... fazia cartas...
H – Ao namorado?
(risos de toda a gente)
H – Ainda fez uma carta ao namorado!
PC – Escrevi aos rapazes...
H – E como é que fez a carta ao namorado? Se não foi à escola? Como é que sabia escrever?
PC – Não sei... eu aprendi... eu tinha muito boa cabeça para aprender...
H – Aprendeu... tinha uma boa cabeça?
PC – ... foi uma pena eu não ir à escola...
H – E teve pena de não ir à escola?
PC – Não havia...
H – Não havia... mas gostava de ter ido, não era? Gostava de ter ido aprender?
PC – Gostava muito de aprender... vinham lá os rapazes aprender... estudar para nossa casa... e depois pegavam em mim ao colo... e foi como eu aprendi alguma coisa...
H – Ah... os rapazes é que a ensinavam?
PC – Pois era!...
H – Ah pois era!...
(risos colectivos)
P – Pois, as raparigas não sabiam ler nem escrever, os rapazes é que sabiam!

H – E a Palmira era muito namoradeira?
MM – Ao menos alguns ainda iam à escola...
P – As raparigas, essas, é que não tinham oportunidade.
E – Essas é que não tinham!
H – Então sabia ler, e ainda escreveu uma carta ao namorado... não é?
P – Ou mais do que uma!
E – Mais de quantas!
H – E sabia ler nos livros? Conseguia ler?
PC – Escrevia cartas...
EC – E lia sempre, até há pouco... agora é que...
H – Pois, agora já não vê bem.
P – Já não vê bem.
PC – Agora também já não vejo...
P – Mas sabia fazer ligações telefónicas.
MM – Ela lia muito bem, e não havia nenhuma resposta... dava assim cada resposta! E ainda hoje. (risos)
H – E agora esta senhora? Aprendeu a ler? Não? Nada.
MM – Nunca teve tendência para isso.
H – Diga-me lá o nome completo, o seu?
EC – Elisa da Conceição.
H – Elisa da Conceição! Portanto, Palmira da Conceição e Elisa da Conceição... em que dia nasceu e ano?
EC – Ai! No dia 1 de Outubro... o ano agora...
P – Mas quantos anos é que fez?
EC – Fiz 96... e se eu chegar a Outubro, faço 97... e agora... não posso é falar... dói-me aqui uma coisa... não posso usar a placa... tenho-a ali... ai... fico com isto torcido...
P – Teve uma Zona na cabeça, teve a Zona e teve uma paralisia facial.
EC – Ao mesmo tempo.
P – A médica diz que... só em livros... nunca viu!
EC – A médica viu-se à rasca para me pôr em pé!
(risos colectivos)
H – Mas está aqui toda vivaça!
P – Mas tem uma boa memória... tem uma memória!
EC – Não posso é falar... custa-me tanto a falar...
P – Mas ela sabe tudo... os nomes, os aniversários.
H – Custa-lhe a falar. Mas diga-me lá, não foi à escola, não aprendeu a ler, nem a escrever... mas sabia assinar o seu nome, ao menos?
EC – Nunca.
H – E não gostava... ?
EC – E depois, aos namorados, tinha amigas que escreviam.
(risos colectivos)
H – Ah, pronto! Por isso nunca precisou... não é?
MM – Mas a tua irmã foi mais namoradeira do que tu! Teve para aí namorados que eu sei lá!
EC – Mas é que eu tive mais!
(risos colectivos)
MM – Ela e os namorados... aquilo era tão engraçado!
H – E então acha que deva jeito as raparigas escreverem por causa dos namorados, não era?

EC – Naquele tempo até diziam que as raparigas que nem deviam saber escrever...
H – Por causa disso, não era? Para não escreverem aos namorados, não era?
EC – Mas depois a gente escrevia à mesma!
P – Pediam às amigas!
EC – Depois vínhamos da Cabeça do Poço, ao domingo à tarde... a gente andava na horta a regar... e eles vinham lá e...
(risos colectivos)
H – E aquilo dava-se à mesma, não era? Ó Elisa, mas não teve pena? Fez sempre bem a sua vida, nunca precisou de ler?
EC – Trabalhávamos muito!... a acartar molhos de mato e a roçar... o mato... por aí...
PC – Roçar e acartar o mato...
H – E viverem sempre aqui na Seada, nunca daqui sairam para viver noutro sítio?
EC – Sempre aqui.
H – E foram casadas? Casaram?
EC – Não senhora...
(risos colectivos)
H – Então, tantos namorados!?
P – Quem muito escolhe, pouco acerta...
MM – Todos tinham defeitos!
H – Todos tinham defeitos...
MM – Então essa menina Palmira, aquilo era! Todos tinham defeitos!...
P – E depois, talvez, na altura de elas querem seguirem a vida delas, surgiu a doença dos pais... e na altura...
EC – E nunca os deixámos.
P – Agora, vai cada um para casa dos filhos, mas na altura, quem estava em casa dos pais é que tomava conta... e elas acabaram por...
H – Então, de 7 irmãos... eram quantas raparigas e quantos rapazes?
EC – 4 raparigas e 3 rapazes.
H – Mas depois estas coisas da família, de cuidar dos pais, ficavam sempre para as raparigas, não era?
EC – E a gente é que tinha de ficar em casa... a gente é que... e depois... chegava uma ‘macheia’ de cartas, ia aos 8 dias que nem as mandávamos ler...
P – E os namorados cansaram-se...
EC – E foi porque a gente não quis.
MM – Foi... tanto uma como a outra, foi porque não quiseram casar.
H – Olhe, Elisa, mas o ler e o escrever, também não o aprendeu porque não quis? Se tem querido, também tinha aprendido, não era?
MM – Eu acho que sim...
EC – Também...
H – Acha que não lhe fazia falta, aquilo?
EC – Ait!...
P – Ela era a mais nova.
H – Era a mais nova, a Elisa, dos irmãos todos?
P – Sim.
H – A Palmira, então era... ?
P – Eram as duas mais novas.
EC – O mais velho...
PC – O Manuel.
EC – Pois... e depois era a Maria... depois era o Zé do Abrunheiro...

EA – Era o Manel, era a Maria, era o Zé do Abrunheiro... a Deolinda, o Álvaro...
P – O meu pai.
EC – Esta e eu...
H – E todos eles ficaram por aqui, ou foram cada um depois à sua vida? E vocês ficaram?
EC – Um ficou no Abrunheiro...
P – No Abrunheiro Grande.
EC – Aqui ficou o teu pai...
P – Delas todas, só a Ti Deolinda é que foi para Lisboa. Eles ficaram todos aqui na aldeia. Depois ela ficou viúva, e ainda viveu com elas, porque não teve filhos... uns 10 anos.
EA – Está ali toda bonita Ti Palmira! (risos)
H – Está sim senhora! Ainda estão com muito boa cabeça! Ainda se lembram de muitas coisas.
PC – Naquele tempo diziam que as raparigas nem haviam de saber escrever... sabe porquê?
EC – Vinha cá um 'homme'... e eu tinha de ir buscar ovos galados ao fundo do casal... ovos, para pôr as galinhas...
EA – Ovos para terem os franguinhos.
EC – ... e aqui, ele: "Ah, você vai ao casal buscar ovos galados... porque na sua rua não há hommes!"... como a gente era solteiras... "Ai... não sabia que (imperceptível)... "
PC – ... pensava que era os 'hommes' que galavam as galinhas! E... eu também cheguei para ele!
(risos colectivos)
MM – Rico tempo...
EC – Com muito trabalho.
H – O que é que vocês faziam por aqui? Os trabalhos? Os trabalhos da terra?
EA – Apanhar a rosinda!
EC – Acarretar madeira à cabeça, chegávamos aqui os 7 debaixo de um madeiro... as mais altas quando era na subida... e quando era a descer, atrás de mim só vinha uma... se uma ia aflita, ia outro mais ao lado se fosse preciso alguma coisa... e às vezes para as auxiliar caía o carro todo em cima de mim...
H – Caía a carga toda para o seu lado?
A – Mas essa madeira era para quê? Era lenha ou era para a serração?
(vozes em coro) – Era para serração.
A – Era um trabalho duro...
P – Mas aqui toda a gente fazia isso, andavam aí no meio dos pinhais. O meu tio, o Ti Manel, o irmão mais velho, tinha bois. (vozes sobrepostas, imperceptível)
H – Vocês aqui, no vosso tempo, as pessoas aqui da aldeia, era muita gente?
EC – Era!
MM – Agora não se vê ninguém.
H – Assim, estimativa, mais ou menos, quantas pessoas eram aqui... 100, 200?
EC – Todos tinham muitos filhos.
P – Não sei, eu no meu tempo já não eram muitos...
H – As famílias assim, em média, eram 7 filhos, 8?
MM – Nesta aldeia nunca houve assim muitos... umas 70 pessoas.
P – Era para aí umas 60, 70 pessoas... lá em cima, a Ti Maria do Ribeiro teve quantos filhos?
MM – Essa teve uns 6.
P – Teve 6 vivos... mas ela teve uns 12 filhos.
EA – Uns 11 ou 12, ou mais!

H – Morriam muitos à nascença?
EA – Morriam muitos...
P – Porque era assim, as pessoas que não amamentavam, engravidavam logo... ela não amamentava, de maneira que, se calhar, cada ano tinha um filho... estava fragilizada e então morriam muitos à nascença. Como ela não tinha leite, eles eram alimentados sabe Deus como... e as condições higiénicas também não eram nenhumas... e era complicado.
H – Quando é que começou a vir aqui para a aldeia estas coisas... a electricidade?
P – A electricidade já eu estava casada quando ela veio para cá.
MM – Aí nos anos 77 ou 78.
H – Lembra-se de vir a luz para a aldeia, Palmira?
PC – Ai isso agora...
P – Mas eu casei em 74 e na altura não havia luz.
MM – 76, 77, não me lembro bem... até fizemos uma festa! (risos)
EC – Íamos buscar a água à cabeça... num barroco ali em baixo... e íamos ali em baixo, e com os cântaros à cabeça... e não caíamos!
MM – Mas namoravam!
EC – E os namorados lá...
H – E quando vocês tinham assim um problema de saúde, como é que era? Onde é que iam? Tinham médico, não tinham... como é que faziam?
P – Vinha aqui um médico a cavalo.
MM – Num cavalo, num cavalo, era.
A – E vinha de Vila de Rei?
P – O Dr. Pontes, esse ainda me lembro. E era o Dr Castro, mas esse já não me lembro.
EC – E depois o médico vinha a casa.
MM – E vinha a casa às vezes fazer os partos.
P – Eu, fui a única em que veio o médico... não sei o que é que foi...
MM – Quando tu nasceste levei-te ao colo para seres baptizada, porque a minha mãe é que era a parteira... e depois as parteiras é que costumavam levar à Pia, porque naquele tempo os padrinhos não. E eu é que te levei.
A – Sabe porque é que eram as parteiras? Porque eram as parteiras que tinham trazido a criança a este mundo... e então, eram as parteiras que levavam a criança ao mundo religioso.
MM – Pois, essa fui eu que a levei. Porque a minha mãe já não podia andar... e ir daqui 10 quilómetros... a pé! Eu levei-a no caminho, era muito pequenina e muito magrinha! (risos)
P – Dizem que eu cabia numa daquelas telhas de canudo...
A – Lá nas Corgas, que é uma aldeia de Proença-a-Nova (...), nas Corgas, eu às vezes conversava com as pessoas, e era igual. As Corgas também é uma aldeia que fica a 7 km de Proença... então foram fazer o baptizado, a Proença, à Igreja Matriz, foram todos numa carroça... a criança ia na carroça... chegaram a Proença tinham-se esquecido do bébé em casa!
(riso colectivo)
EC – Estávamos com o tifo, ou o que era... mas cada um era sulturizado, o meu irmão mais velho até tinha a boca negra, língua...
H – O tifo?! Passaram por isso?
EC – Era o tifo, e cada um era sultorizado... e a nossa mãe tinha depois apertado (imperceptível).
H – E como é que isso se curou, depois?
P – Veio o médico?
H – Veio o médico, ou vocês usavam algumas mezinhas?

EC – E eu era a mais nova, e gostava também muito de estar doente, "E então, o que te dói menina?", "Dói-me a minha cabeça, e a minha barriga... parece o rabo de um (imperceptível)"
H – O rabo de quê?
EC – "Dói-me as minhas costas, e a minha barriga e a minha cabeça é como o rabo de um (imperceptível)"...
H – O rabo do quê?!
P – Augador... jugador?
EC – E a minha mãe tinha tantos doentes em casa...
P – Era uma cabaça... e mais tarde era em folha de zinco.
EC – Eu queria dizer à minha mãe que a minha cabeça parecia um augador.
H – Agora já percebi... é assim uma das expressões daqui?
P – E depois como não havia televisão, iam brincando com isto pela vida fora... e não se esquecem. (...)
H – Então viveram uma vida inteira as duas, sempre uma com a outra?
P – Sempre!
EC – Eu estive na ribeira, e na lagoa... e estive na vila, gostava muito de lá estar.
H – Ia servir á vila?
EC – A servir.
P – Mas esteve lá um mês.
H – E o tempo que lá esteve, ganhava um ordenadinho?
EC – Já não sei o que é que era.
MM – Alguns 100 ou 150 escudos.
P – Nessa altura? Se calhar nem isso...
MM – Pois, se calhar, porque em Lisboa é que já era 100 ou 150 escudos.
A – Isso lá em Lisboa era diferente...
H – Trabalhou para quem? Quem eram os senhores que ia servir?
EC – O Manuel Amado.
P – Amado ou Amaro?
EC – Tinha 3 filhas, pequeninas ainda.
H – Era um senhor rico daqui?
P – Era de Vila de Rei.
EC – Íamos buscar água á fonte.
P – Eram vidas difíceis...
H – E daqui a Vila de Rei, quanto tempo é que demoravam? Era a pé que iam?
EC – Duas horas...
EA – Duas horas e a caminhar bem.
EC – E os namorados acompanhavam o mais das vezes.
H – Com os namorados atrás de vocês?!
(risos)
H – E nunca iam sozinhos, iam sempre com companhia?
EC – Nós íamos um rebanho de raparigas...
MM – É, aquilo ia um rebanho de raparigas, e depois iam os namorados... e ali a Palmira, é que lhes dava conversa primeiro, e depois cada um se punha ao pé da namorada... mas a Palmira é que dava sempre troco a tudo, o que eles diziam... primeiro era sempre ela que conversava!
P – Eram vidas... eram comunidades muito fechadas. Eram comunidades muito fechadas e para onde iam uns, iam os outros... eu já não apanhei isso.

MM – Pois, tu já é outra coisa, muito diferente. Já não era a mesma coisa. Tu já tinhas a escola aqui pertinho, era uma maravilha...
P – A Elisa já esteve aqui nesta escola, esta minha prima.
H – Já andou nesta, desde princípio?
P – Andou e acabou ali.
EA – Acabei ali.
H – E qual foi o ano em que foi para ali, lembra-se?
P – Ela foi para a escola com...
EA – Sei lá... 7 ou 8 anos.
A – Ali naquela escola deve ter a data de construção. Tem lá uma placa, tem.
P – 58... penso que sim, que é 58.
H – Em que data faz anos?
EA – Eu faço a 15-02-1940
H – Diga-me o seu nome completo, se faz favor.
EA – Elisa Alves Mateus
H – Sempre andou na escola da Seada?
EA – Na Seada.
H – Quem era a sua professora? Era regente?
EA – Era a Alice e a dona Maria do Rosário, uma da 1.ª e da 2.ª e outra da 3.ª e da 4.ª.
H – E era só uma salinha?
EA – É aquela que está ali.
MM – E eram rapazes e raparigas?
EA – Ali andei um ano...
H – Ali onde? Nesta? Mas essa aí era uma casa particular?
EA – Era.
H – E de quem era a casa particular?
MM – Era de uns donos que estavam em Lisboa, era de uma senhora que hoje tem netos médicos... Lurdes Cotrim.
P – Nesta casa aqui nunca ninguém morou em permanência, era de uns irmãos que vinham cá de férias.
H – Então, mas é esta casa que está já aqui... a cair?
MM – Sim.
P – Sim, era escola e era habitação... e era a habitação da professora.
H – A professora vivia lá também? Desculpe Palmira, então esta casa aqui funcionou como escola... embora fosse uma casa particular... funcionou em que alturas?
P – Eu não sei, eu já não me lembro disso.
H – Então você, andou aqui, não foi?
EA – Sim, sim.
MM – 1954... 50 e tal.
H – Anos 50, principio de 50's?
MM – Portanto, eu tinha 14 anos, em 56.
A – Vou lá fazer umas fotografias.
P – Não sei se está aberto... tenha cuidado, porque eu não sei se está lá alguma coisa em perigo de cair.
H – E lembra-se do primeiro dia que foi aqui à escola?
EA – Não.
H – Lembra-se dos materiais com que aprendeu? Era com uma lousinha, era com cadernos?
EA – Uma pedra.

H – Tinha livros e essas coisas? Eram seus?
EA – Tinha, tinha. Eram do meu irmão.
H – Passaram dos irmãos, uns para os outros, os livros?
EA – Sim.
MM – O meu ainda foi para quem? A Nazaré... lembro-me que foi dos primeiros daquela altura, que achavam imensa graça.
EA – E a gente também ainda os déramos a não sei a quem...
MM – O do meu irmão já não serviu para mim porque nós temos 9 anos de diferença.
H – E como é que era o livro?
MM – Tinha muitos desenhos!
H – Tinha uma capa cor-de-laranja? Mas isso já foi nos anos 60.
MM – O meu filho em África ainda estudou nesse livro.
H – E em que anos foi isso? Já foi nos anos 60's?
MM – Sim, o meu filho nasceu em 57, tem 62 anos... portanto, 57 mais 6, porque ele entrou aos 6 anos... até estávamos cá de Licença Graciosa, e ele entrou em Lisboa. (...) O meu filho na primeira classe ainda estudou nesse livro.
P – O meu livro de problemas era este, da 4.ª classe, do Pedro de Carvalho. Eu, como era a mais velha, os meus livros ficaram para os meus irmãos... ficaram todos estraçalhados...
H – E as professoras que tiveram, elas travam-vos bem? E ensinavam bem? Não davam muitos castigos?
EA – Ensinavam bem. Ah a Alice dava, dava!
MM – Se davam!
EA – Estávamos de joelhos lá à frente... mas a gente ria-se!
H – Mas punha-vos de joelhos para quê?
P – Então, quando não sabiam a tabuada!
H – E batiam? Davam assim uns tabefes? Com cana, com a palmatória?
EA – Era com uma régua, a Alice. A outra não.
MM – Isso era a Alice, a Maria do Rosário já não.
H – Aqui nesta escola eram rapazes e raparigas, tudo misturado?
EA – Era, era... eram da Isna, Fernandaires...
H – Vinham outras terras aqui à escola?
EA – Da Orgueira...
P – A Orgueira é aqui a 3 Km.
H – Que terras é que vinham aqui à escola?
MM – Na altura Fernandaires vinha.
P – Isna Velha, Alcamin...
H – Quanta gente, meninos, andavam aqui na escola?
EA – Eu sei lá, eram muitos!
H – E havia lugar para toda a gente sentados? Havia carteiras?
EA – Sim, havia carteiras.
MM – Havia carteiras, já havia carteiras. Eu é que ainda lá tenho uma mesa que o meu pai teve de comprar para a escola de Vale Velido, para o meu irmão.
EA – A gente era!
H – O quê? Uns 50?
EA – Alguns ficavam pelo caminho, alguns não vinham, traziam farnel, comiam-no no caminho e depois...
H – Voltavam para trás? Não vinham à escola, faltavam? Mas porque não gostavam, ou quê?
P – Porque antes queriam andar a brincar!

H – E os pais não descobriam essas coisas?
EA – Muitos folgavam muita vez. E ali de Fernandaires, os filhos do Ti Tóino... havia muitos assim...
H – E muita gente emigrava na sua época?
P – Ah sim sim!
MM – Muita que foi para a França.
P – África, para França foi mais tarde. Primeiro era Brasil e era América, nos anos 60 e 70 é que foi já para a França.
EA – A Teresa é que foi uma desgraçada com a Alice...
MM – A Teresinha, com a Alice? Ah embirrou com essa? Essa Alice quando embirrava com uma pessoa... era um caso sério.
EA – Embirrou com ela.
H – Não têm fotografiazinha nenhuma desse tempo da escola? Ás vezes uma fotografia ali ao pé?
P – Não, ninguém registava nada.
EA – Antigamente não havia.
MM – Então quando a gente ia à Feira da Vila, no dia 20 de Julho, é que a gente lá ia tirar as fotografias, vinha o fotógrafo.
P – O Professor António ainda no outro dia falou nessa Feira do 20 de Julho, que já vem das Memórias Paroquiais, já falam nessa feira.
EA – Eu a 4.ª classe fiz em Vila de Rei, com um professor do Milreu... não sei como ele se chamava.
MM – Ah esse professor do Milreu... era o doutor...
EA – Mateus não sei quê...
MM – Quando eu pedi o meu diploma da 4.ª classe, lá em África, pedi ao presidente das escolas, ao Delegado Escolar, lá me mandou o diploma da 4.ª classe.
H – Vocês já não têm essas coisas? Esses papéis, esses diplomas?
MM – Não não.
EA – O meu nunca mo deram.
MM – Pois, tu nunca precisaste, nunca saíste daqui.

– Rosa Maria Antunes Coelho Gonçalves –

Naturalidade: Chão de Lopes, Amêndoa (Mação)
Data de nascimento: 26-03-1952
Residência actual: Proença-a-Nova
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Curso do Magistério Primário.

Entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação áudio), Proença-a-Nova (24-10-2019).

– Fui fazer assim, uma certa pesquisa, porque eu queria saber exatamente a idade da minha avó, portanto, ela nasceu em 8 de fevereiro de 1902.
– É assim, vamos começar pelo princípio e já me diz essas coisas todas. Diga-me o seu nome completo.
– Ai quer saber essas coisas? Rosa Maria Antunes Coelho Gonçalves.
– A sua naturalidade?
– Freguesia, concelho, distrito, não é? Amêndoa... também quer a localidade? Portanto é Chão de Lopes, que é na freguesia da Amêndoa, Concelho de Mação, Distrito de Santarém. Mas vim para Proença com oito anos, não sei se quer depois anotar isso.
– Sim, queremos. A sua data de nascimento?
– 26 de março de 52
– Portanto, a Rosa é casada?
– Sou casada. (...)
– Não tem e-mail?
– Tenho, mas é raro usar, tenho que ir ver dele porque não (...).
– Então, a Rosa é professora do ensino primário?
– Exatamente, com o curso do antigo Magistério Primário.
– Certo, vamos lá já. Essa história que é, primeiro, dos seus pais... o seu pai que nível de escolaridade ou habilitações tinha?
– 4.ª classe.
– E a sua mãe?
– 3.ª classe.
– E a Rosa tem irmãos?

– Tenho. Tenho uma irmã que é licenciada em História e tenho um irmão que esse tem trissomia 21, portanto, é dependente e agora está ao nosso cuidado que já não temos nem pai nem mãe.
– Tem filhos?
– 3.
– Rapazes, raparigas?
– Quer os nomes?
– Não, pode ser só o género.
– Tenho um mais velho com 41 anos, o Gonçalo, é licenciado em Engenharia Mecânica e tem o doutoramento, a Catarina, que tem os 40, que é licenciada em Biologia e também tem um doutoramento em Entomologia e o mais novo, o Duarte, tirou arquitetura, na fase pior, como aquilo não dava nada, foi fazer uma pós-graduação... foi no auge do pior... uma pós-graduação em Programação e é onde ele está a trabalhar agora, pronto, foi o que valeu. Senão, como dizia... se não fossem os pais, ia viver para debaixo da ponte... ele tem 34 (...). Ele começou por concorrer para aeroespacial para o Técnico e ficou. Mas aquilo... ele não se deu, e ele andava de todo... e eu: "Pronto filho, muda! Desiste agora, se achas que não é isso que tu queres não fiques até ao fim do ano!", depois foi tirar Geometria Descritiva A, que acho que é necessária, e foi... porque só tinha a B e, portanto, parou... aqui não havia quem lha desse foi para Castelo Branco tirar, mas ele devia ter ido logo era para a Informática, era para onde ele devia ter ido. Ficou tão contente quando entrou para a Aeroespacial e eu pensei para os meus botões: "Não é isto que ele... ", não lhe disse nada, mas aquela intuição de mãe...
– Pois, depois as pessoas encontram o seu caminho, isto dá muita volta. (...)
– Agora é engraçado, agora há quinze dias convidaram-no para ir para Arquitetura e ele disse: "Se vocês me pagarem mais do que aquilo que estou a ganhar, eu vou."
– Pois, tem poder negocial!
– Pois, eu disse: "Agora tens essa vantagem, tens três cursos", fora o 3D que ele fez uma série, umas três... um, como é que se chama, não é estágio.
– Estágio... cursos de formação?
– Formação, sim, exato, três graus.
– É o que costumo dizer a toda a gente, para me conformar a mim própria, isto às vezes a gente começa numa coisa e vai parar a outra e, hoje em dia, isso de ter um curso é muito relativo.
– E a minha filha acabou por ter muita sorte. Primeiro, também o curso de Biologia não tinha grande saída, segundo, acabou por ir para entomologia que foi onde ela tirou a licenciatura na área de investigação, e eu pensei: "Como é que ela vai... investigação em Portugal, onde é que ela agora vai?" Depois, entretanto, teve um período de vida muito complicado porque arranjou um companheiro, entretanto, passados dois ou três anos ficou grávida e depois quando ainda não tinha escrito a tese, andava nessa fase...
– Foi na fase do doutoramento?
– Sim. E depois, acontece que se separaram e depois entrou naquela fase e... e eu digo: "Menina... ", ela estava em Lisboa na altura, "Tens que dar a volta, primeiro deixas isso", a separação foi muito complicada, vai já para casa, levas o menino, "Mas ó mãe, eu preciso de trabalhar", "Então vá, vai à procura, mas o menino está entregue, não te preocupes que o menino está entregue... "
– É dramático não é, isto? Quando as mulheres chegam a um certo patamar de exigência e depois a conjugação com esta vida de casamento, os filhos...
– É, é. Foi muito complicado para ela e, entretanto, através da internet lá descobriu em Aveiro, a Navigator. E então precisavam lá, no Centro de Investigação de raíz, que é ali

perto de Aveiro e dizia ela assim: “Oh mãe, isto é mesmo feitinho para mim, para mim, para mim... ”, “Então vá, inscreve-te!”, “Mas o menino?”, “O menino fica comigo e com o teu pai, a gente há-de resolver o problema, vens cá todos os fins de semana, pronto”, “Mas eu não vou ganhar nada de jeito”, “Nós estamos cá.” E então lá foi, no dia da entrevista, adoeceu com uma amigdalite com 40.ºC de febre, “E agora?”, “Agora mandas um mail e informas do que se está a passar”, depois, felizmente, disseram: “Não há problema, adiamos a entrevista.” Entretanto, lá passou, lá foi e quando chegou cá, de regresso, já tinha sido aceite, decidiram logo, porque ela disse assim: “Isto é mesmo feitinho para mim... ”

– Há coisas que são tão específicas, não é? São coisas raras não é?

– Foram dois aninhos que o menino esteve connosco e que ela esteve sem emprego...

– Então e agora que idade tem o netinho?

– Tem doze, já está no 7.º ano e ela já está com quarenta, é a tal menina que eu tenho aqui. (...)

– Muito bem, muito bem (...) já percebi que a Rosa tem aqui muito que contar, assim da família. Quer falar então um bocadinho dessa história da sua avó? Outra coisa que me estava a esquecer, o seu marido, tem estudos?

– O meu marido tem o antigo 7.º ano dos liceus e foi bancário, já está aposentado. Mas quando esteve em Lisboa também tirou, logo no começo, um curso de programação, de informática, de tal maneira... os bancários ganhavam muito bem nessa altura, e o ordenado do mês não chegou para pagar um mês ou o que era... depois, deu-se o 25 de Abril, ele já estava na informática no banco, aquelas revoluções todas, as forças armadas tomaram conta daquilo e depois puseram lá gente deles e os que lá estavam saíram todos...

– Qual era o banco?

– Na altura era o banco da Agricultura, depois passou para o BPI, mas nesta altura era o Banco da Agricultura.

– Pois, esta vida, esta vida...

– Mas ele também não se ralou muito porque ele não queria viver em Lisboa.

– A vida às vezes tem destas coisas. Então, conte lá essa história da sua avó, da sua mãe, do seu pai, se houver alguma.

– É assim... o meu pai não tem nada de especial, a minha avó Benvinda da Conceição Antunes, era o nome dela, era uma dos cinco irmãos, dos cinco filhos do casal de onde ela tem origem e pelo que me disse o meu tio, é das mais novas, portanto, nasceu a 8 de fevereiro de 1902, teria agora cento e dezassete anos.

– E era da Amêndoa? Daquela terra Chão de... ?

– Chão de Lopes, mas nós estamos em Chão de Lopes grande, e eles estavam numa aldeia pequena que era Chão de Lopes pequeno, mas eu acho que basta Chão de Lopes, que não é preciso mais.

– Então, era uma de cinco filhos, sendo das mais novas... irmãos mais velhos?

– Tinha três irmãos mais velhos. Não... como é que é? São cinco, duas irmãs e um irmão mais velho, depois era ela e depois um rapaz mais novo, portanto, eram três raparigas e dois rapazes. Segundo diz a minha mãe, lembrei-me disto hoje, diz que a mãe dela, que a avó da minha mãe dizia, que para a altura devia ser uma pessoa muito organizada. Tinha dois filhos e cada filho tinha as suas roupinhas separadas em cada lado, ora isto em 1800 e qualquer coisa, não sei se cómodas, se arcas, se qualquer coisa, não era gente rica, era gente da aldeia, não faço a mínima ideia, eu penso que estarão assim a meio, nem dos mais abastados, nem dos menos abastados.

– Tinham orientação, para se governarem a eles e à família?

– Sim, tinham as hortinhas e aquilo tudo. Se bem que a minha avó ainda ia às vezes trabalhar muitas vezes para casa de família, assim ainda novinha com oito anos, como era

costume, ia guardar as suas cabrinhas e aquelas coisas todas. Escola nada, porque era para os rapazes, era um privilégio dos rapazes. Não sei se as outras irmãs aprenderam mas... pelo que conheço delas, que eu lembro-me delas todas, de todos esses tios-avós eu lembro-me deles... só os rapazes é que devem ter estudado e acho que as outras não eram tão interessadas.

– Pois, basicamente, então ela aprendeu a ler e a escrever?

– É assim, segundo diz a minha mãe, quando os irmãos vinham da escola, deve ter sido principalmente o mais novo, porque ela era um bocadinho mais velha, ela ia e perguntava: "Oh Ernesto, que letra é que tu aprendeste hoje?" e eles, ou com paciência ou sem paciência, isso não sei se era com muita insistência ou não, lá lhe iam dizendo e ela foi aprendendo. Em casa não sei se escrevia na pedra, como se chamava antigamente, mas diz a minha mãe que ela quando ia guardar as cabritas, ou que andava lá nos trabalhos, aproveitava aquelas pedras... xisto, deve ser xisto... e depois desenhava as letras em cima, como se fosse uma pedra, com outra pedrita desenhava por cima, ou então no chão com um pauzito, e então assim andou. Andou, e conseguiu aprender a ler! Claro que com muitas deficiências, isso é normal, não é? Quem aprende assim, nunca chegará...

– Aquela história que me contou da outra vez?

– Pois. Entretanto, a vida foi passando, não é? E chegou a altura de a rapariga casar, e queriam-na casar com um primo. Aliás, o irmão mais velho já namorava também com uma prima, e então queriam que o meu tio casasse com essa prima, e um irmão dessa prima com ela. Portanto, queriam fazer uma troca, mas aquilo (risos) não havia muita vontade dela! E então começou a magicar: "Como é que eu me livro desta?" E então, como eles não viviam na mesma terra, namoravam muitas vezes escrevendo. E então ela começou a magicar: "Como é que eu vou resolver o problema?" Não sei como é que foi, pronto. Ela tinha a vantagem de não precisar de dar as cartas a ler, nem que lhas escrevessem. Portanto, ela conseguia gerir esta troca, esta situação e sempre em busca: "Como é que eu vou resolver o problema?" Agora, há aqui duas versões. Uma da minha mãe, que diz que houve um grande atraso de uma carta do namorado, do primo, e ela aproveitou essa grande demora para dizer: "Não isso assim não dá, vamos acabar com o namoro." O meu tio, que agora estou assim um bocadinho na dúvida, porque tem aquelas pequenas falhas, diz que ela que disse que não recebeu carta. Não sei qual é a versão certa, mas pronto, ela arranjou um estratagema para conseguir... e isto devido a saber ler e a saber escrever, e a gerir estas comunicações. Portanto, então assim acabou com o namoro! Mas o irmão lá casou...

– E ela casou com quem ela queria?

– Casou com quem ela queria, pois, que era da mesma terra que era o meu avô Ramiro, que era mais velho.

– Então, além daquilo que a Rosa se lembra, quem tem memória desta situação é o seu tio?

– Mas o meu tio tem oitenta e dois anos, por acaso está... é mais novo quatro anos que a minha mãe... não! Eles são nove irmãos, ela casou e teve nove filhos. Pronto, casou com o meu avô, com quem ela queria, o meu avô era sapateiro e além de trabalhar como sapateiro tinha na aldeia a taberna e a mercearia.

– Então, esta sua avó Benvinda teve nove filhos, foi isso?

– Sim. Nove vivos, porque morreu um e teve um aborto. Mas vivos, vivos eram nove.

– Pois, que a sua mãe é uma delas.

– A minha mãe é a segunda.

– E destes filhos dela, quem estudou?

– Só não foi o mais novo, que teve problemas, o outro anterior é que ainda tentaram que ele estudasse.
– Mas queriam que ele estudasse e não estudou?
– Queriam.
– Mas os outros filhos fizeram a 4.ª classe?
– 4.ª e 3.ª, todos estudaram, porque ela sempre disse: "Os meus filhos", ela teve tanta pena de não frequentar a escola, que ela sempre disse: "Os meus filhos vão todos à escola, sejam rapazes, sejam raparigas" e todos foram à escola e não havia na terra, tinham que se deslocar.
– E em que escola era?
– A minha tia mais velha foi para Amêndoa, estudou em Amêndoa, a minha mãe estudou em Chão de Codes, que é uma povoação que vem a seguir, os meus tios já não me lembro.
– A sua mãe, então, já não é viva?
– Não, teria noventa e dois anos agora, se fosse viva, e a minha tia mais velha, noventa e quatro.
– Que ainda é viva?
– Que ainda é viva. O meu tio, que veio aliás a seguir à minha mãe, porque eles nasciam de dois em dois anos, não sei se sabe como é que aquilo se processava. Nascia um bebé e amamentava-se, geralmente o bebé estava a mamar durante dois anitos, nessa fase, a mulher geralmente não tinha período fértil e então, quando acabava a amamentação, vinha outro de seguida, de modo que os meus tios são todos de dois em dois anos... à exceção da minha mãe para este meu tio, porque entretanto nasceu um que acabou por morrer, o tal que nasceu vivo, ainda viveu uns tempos e depois morreu. Este já tem mais quatro anos, mas os outros é tudo de dois em dois anos, de dois em dois anos e foi depois aquela parte do aborto. Esse meu tio, que acho era... era não, é!... que ele ainda é vivo... é também muito inteligente, ele foi trabalhar para Torres Novas, para a Renova, foi onde ele começou, foi trabalhar para lá e depois... e foi tirando também uns cursos por correspondência com muita vontade.
– Então, esse seu tio viveu sempre aqui nestas redondezas ou foi lá para Torres Novas?
– Não, não. Foi para Torres Novas e depois foi para África, para Angola.
– Tem casos de família mais próxima ou chegada, de emigração?
– Sim, vários. Aquela minha tia de noventa e quatro anos também foi, mas voltou muito cedo, esteve lá pouco tempo. Os cunhados foram, depois foi esse meu tio... depois quando se deu aquilo...
– Essa sua tia mais velha ainda está em condições?
– Se calhar ainda fala. (...)
– Mas essa sua tia, já agora, como é que se chama a senhora?
– Demicília, eu pensava que era Domícila, acho que não estou enganada.
– E essa era irmã da sua mãe?
– Era a mais velha dos nove filhos da minha avó.
– Muito bem, e tem noventa e quatro anos, é isso?
– É. Magrinha, rija! É demais! Querem fazer tudo, gostam de andar na horta, eh Jesus! Mas apanhou um susto muito grande agora há pouco tempo, e por isso é que a filha teve que a levar. Estava em frente a casa, ao sol...
– Então viveu autónoma até agora?
– Semi autónoma, em Chão de Lopes, a filha vinha todos os fins de semana e tinha ali cunhados, à volta da casa deles, eu tenho impressão que aquilo eram terrenos que pertenciam ao pai do meu tio, marido dela, e depois os irmãos fizeram todos casa por ali perto, e então ali à volta era só família. Já ia dormir a casa de uma cunhada, que ela tinha muito

medo, mas durante o dia estava por ali em casa. E então, suponho que foi a um domingo, estava assim a apanhar sol do outro lado da estrada, parou um senhor lá na estrada, em frente dela, ela julgou que fosse umas pessoas conhecidas, aproximou-se do carro e disse: "Ah, desculpe, julguei que era outra pessoa" e ele, mesmo assim, começou a meter conversa: "Ai, a senhora é capaz de me dizer o caminho para a Aboboreira?" e ela provavelmente deu-lhe as indicações, e entretanto, depois meteu ali mais conversa, mas entretanto estavam ali umas sobrinhas, das tais que vivem ali perto e começaram: "Mas com quem é que a tia está na conversa?" eu teria o bom senso, se calhar dirigia-me logo a ela, porque ela tem uma certa idade, bem, mas posicionaram-se de maneira a que vissem que elas estavam a observar. Entretanto, o fulano, que é que ele diz: "Ai, tenho aqui as minhas calças rotas, a senhora não mas cosia?", "Ai não, que eu já há muito tempo que não coso." O que é que o fulano queria? Ou queria roubar ou não sei, não faço a mínima ideia. Mas, entretanto, a sobrinha foi-se aproximando, ele viu pelo retrovisor que havia ali gente a observar, e então foi-se embora. Mas se não estivesse ninguém a observar ele ia... e depois: "Ah tia, mas isso não se faz!", "Então mas eu não fiz mal nenhum!", "Tia, não pode ser... " e depois quando ela caiu nela, ela já era um bocado medrosa, quando ela caiu nela já não foi capaz de dormir à noite...

– Coitadinha... isso é terrível.

– Porque ela não queria ir com a filha para Abrantes, não queria ir.

– Pois olhe, se conseguir falar com ela (...) depois a gente entra em contacto e combinamos (...).

– Deixe-me lá ver o que é que me lembro mais... ah, entretanto só posso dizer que o meu avô era sapateiro, tinha então essa taberna de aldeia, o Ramiro, o marido dela, e a loja e a mercearia e aquele sítio era à beira da estrada e acabou por se transformar no tal cruzamento, portanto, era um sítio rodoviário em Chão de Lopes. Em Chão de Lopes, sempre, casaram e ficaram ali, construíram ali a sua casa, não sei se a casa já era antiga se não, construíram ali a sua casa, tinha essa parte e era ali em frente que se faziam os transbordos das carreiras que vinham do Carvoeiro, que vinham de Proença e arredores, vinham de Cardigos e depois dali seguiam para Lisboa ou para Mação e depois, à tarde era o regresso, em que muitos desses... na altura havia os condutores e os ajudantes, e ficavam ali em casa da Ti Benvinda, como eles diziam, a Ti Benvinda era muito carinhosa com eles, tinha-lhes sempre a lareira acesa, eles tinham que levar o almoço, ali aqueciam a sua comida, ela muitas vezes fazia-lhes o cafezinho, quando eles acabavam, quando era de inverno... não sei se sabe que, antigamente, as mercadorias vinham em cima dos... e eu lembro-me perfeitamente de eles encostarem as camionetas uma à outra, ali bem encostadinhas, para depois passarem de um lado para o outro, a que ia para Lisboa, o que ia para Mação, aquilo era um ir e vir de movimento! Tudo, naquelas horas era ali... depois, de inverno, no fim daquilo tudo, de cada um seguir, ficavam ali à espera do regresso e esses então, lembro-me perfeitamente...

– Então, tem memórias disso?

– Tenho muitas.

– Não tem fotografias?

– Não, não tenho.

– Às vezes, uma notícia de um jornal, uma coisa qualquer?

– Que eu saiba... se eu vir alguma coisa nos entretantos, dir-lhe-ei. Mas tenho memória disso, dos senhores lá sentados, do respeito que sempre houve... porque, a minha mãe diz tanta vez: "Olha que fomos criados ali numa taberna onde se bebia à grande e à francesa", nenhuma das minhas irmãs pendeu para o alcoolismo e éramos muito, muito, muito respeitadas, mesmo eles que estavam ali, sempre num respeito que na altura era muito

apreciado, não é? Que se uma mocinha se deixasse ir... e então eles tinham uma adoração pela Ti Benvinda, porque a Ti Benvinda era... o meu marido é de Sobral Fernando, freguesia de Proença. (...)
– Então, estava a contar essa história fantástica da Mãe de Estrada, da sua avó Benvinda.
– Antigamente, toda a gente viajava de camioneta, era a carreira como as pessoas diziam. E a minha mãe lembra-se que às vezes umas senhoras de Cardigos, que tinham que vir muito cedo, não sei se para Lisboa, se para Mação, e então a minha avó: "Venha aqui para o lume... " e se era de inverno, as pessoas... falavam nisso. Ah, e era o que eu estava a dizer... o meu marido é da freguesia da Sobreira, de Sobral Fernando, uma terra muito bonita, se tiver oportunidade, vá lá... e no Sobral Fernando, viviam duas pessoas que trabalhavam nas carreiras que saíam da Sobreira, os dois, um era chofer e outro era ajudante. Entretanto conheci o meu marido e casei-me, era assim... um deles era o Sr. Ramos... lembro-me deles também em casa da minha avó, perfeitamente, e depois fiquei a conhecê-los depois de casada, e era assim para a minha sogra: "Vocês não sabem a família boa com quem o vosso filho foi casar... " (risos).
– Então o seu marido provavelmente tem alguma referência da Isilda, da professora Isilda?
– A professora Isilda trabalhou no Sobral Fernando.
– Pois ela deu aulas lá, é do tempo dele?
– Não. É depois disso. Não, só tem referências de ouvir falar e é assim, mais depressa se calhar a minha cunhada.
– Porque a Isilda, isto agora é uma grande história, ainda estou a tentar perceber porque...
– Ela tem montes de coisas para contar!
– Aquilo parece uma caixa mágica! Estão sempre a saltar coisas, e aquilo vai sempre parar a sítios que nem me ocorriam! E as perguntas que eu lhe queria fazer, já nem sei... ela vai lá pelo caminho dela... e então ela, basicamente, o que me conta, é que foi ela que inaugurou a escola... esteve numa altura a dar aulas no Sobral Fernando.
– E depois foi para os Maxiais.
– Numa casa que era pública, e depois foi para os Maxiais, para a parte de cima, que ela é que foi inaugurar a escola.
– Exatamente.
– E portanto, ali em baixo, acho que depois houve lá uma grande rivalidade naquela altura, porque depois os de baixo não queriam que ela fosse para cima, mas em baixo deixaram de ter alunos e foram para cima mais, e ela teve de andar ali numas manobras, mas contrariada porque ela não queria vir cá de baixo lá para cima, para Maxiais, e então acho que há lá tradições no Sobral Fernando, de ensino quase que doméstico, porque aquilo foi alguém que veio do Brasil e construiu ali uma escola...
– Aí já não chego. Está a ver? Mais depressa a minha cunhada, a minha cunhada que está lá...
– Que é mais velha que o seu marido?
– É mais nova, então, mas ela tem a história, diz que conhece... ela também aprendeu por si... ela está na Universidade Sénior.
– Quem é a sua cunhada?
– É a Nazaré, a irmã do meu marido. Mais depressa ela lhe expõe essas coisas todas. Eu só tenho dois anos de diferença, portanto, mais depressa...
– É que isto interessa também porque começo a ver que há aqui ligações, cruzamentos de coisas, de terras, de pessoas, que em alturas diferentes, um bocadinho antes ou depois, têm mais memórias daqueles sítios... acaba por ser um novelo isto... não é?
– Pronto, e a minha avó então, com a sua desenvoltura, conseguiu gerir isto tudo... porque eles depois lá faziam encomendas, uma pessoa podia mandar um cabaz para qualquer

lado, ou era ela que preenchia mas eu penso que aí seria mais o meu avô, que era mais desenvolto, que andou na escola... mas, a história do correio, ter que ser metido nuns sacos de lona que eram fechados e levavam uma espécie de selo, que era para ver se eram violados ou não no caminho, que ela recebia, devolvia, e depois era também um centro de comunicações porque eles tinham a zona de telefone público... e isso eu lembro-me mais das minhas tias, dos avós não, porque depois os filhos é que começaram a tratar disso. Vinha uma chamada e eles vinham para ali: "Olhe, queremos falar para este número" e depois é que ligava, percebe? Mas eram poucos telefones, eram dois ou três. Sei que na minha casa, o meu pai trabalhava para uma empresa, para a SOCER, que era uma empresa de resinas e não era o meu pai que pagava o telefone, era a empresa que tinha porque precisava de comunicar. O marido dessa minha tia que tem 94 anos, tinha uma serração e tinha camionetas, portanto, também precisava, também tinha telefone e não sei se mais alguém. (...)

– A Rosa lembra-se do primeiro dia de escola?

– Não, não me lembro, há tanta coisa que já se passou... tenho pena, lembro-me depois da mudança para aqui.

– Então, mas diz que vem de lá de Chão de Lopes?

– Fiz a 1.ª classe lá... na altura 1.ª classe.

– E qual era a escolinha?

– A escola é de lá, também Chão de Lopes e era uma regente, na altura não era uma professora oficial, era uma regente e eu já entrei um bocadinho mais tarde porque começou a haver mais alunos e essa regente era madrinha de casamento da minha mãe, davam-se muito bem, tanto que essa senhora ficou muito tempo em casa da minha avó porque não tinha onde ficar, ficava lá. A minha mãe diz que aprendeu muita coisa com ela, aprendeu a bordar, a minha mãe e as minhas tias... diz que passavam serões formidáveis, essa senhora era do Carvoeiro, serões magníficos, ela ensinava-as a bordar, ela fazia isto, fazia aquilo, e ela então acabou por convidá-la para o casamento. Entretanto, começou a ter mais alunos e estava com medo que ela...

– Então, espere lá, a sua avó Benvinda, esta senhora regente dava-se com a sua mãe, foi viver em casa da sua mãe?

– Durante uns tempos, da minha avó.

– Da sua avó Benvinda?

– Benvinda... ainda quando era solteira, que ela esteve lá muitos anos, ainda quando a minha mãe era solteira.

– E ficou madrinha de casamento da sua mãe?

– De casamento da minha mãe. E ensinou-lhe muita coisa, liam, a minha mãe gostava muito de ler, elas conversavam, tenho tanta pena que a minha mãe não esteja viva que ela contava-lhe...

– Não sabe o nome dessa senhora?

– Era D. Maria das Neves, ela já faleceu, e a minha mãe já faleceu, e tenho uma sobrinha... eram do Carvoeiro... e então como estavam a ter muitos alunos, ela dava-lhe jeito não entrarem muitos de cada vez, e então pediu à minha mãe se eu podia ficar mais um ano. Eu já podia ir naquela altura para a escola, mas ela pediu se eu podia ficar em casa para não... está a ver? Andar ali a gerir o número de alunos...

– Lembra-se se eram muitos na sua época, no seu ano? Quando entraram para a escola?

– Não... essa... depois fui-me embora.

– Então a Rosa tinha que idade?

– Eu devia ter entrado com sete, já, sete em março, já fiz os oito lá, os oito na escola.

– Mas lembra-se se levou alguma coisa, alguma roupa, se ia descalça?

– Não, descalça nunca andei. Nesse aspeto, o meu avô era sapateiro e acho que os meus tios também nunca andaram descalços... mas não, não me lembro, não.
– E a escola? Lembra-se do edifício?
– Lembro, então o edifício era grande, era bonito, era do Plano dos Centenário, mas era... agora está transformado em casa de...
– Mas lembra-se exatamente do ano em que foi para a escola?
– É uma questão de fazer contas. Eu nasci em 52, portanto, devo ter ido em 59, em 60, por aí. E depois vim para Proença, que era um mundo com muitos alunos e muitos professores, essa parte não...
– Eram poucos, então, na sua altura lá... só fez lá a 1.ª classe?
– Só fiz lá a 1.ª classe. Isto foi do Magistério, éramos os alunos todos do Magistério...
– Espere, já lá vamos... e depois veio para Proença.
– Vim para Proença, para a 2.ª classe, fiz cá a 2.ª, 3.ª e 4.ª, até ao 5.º ano foi sempre cá em Proença, porque, entretanto, começou o Colégio, não havia, mas começou aqui o Colégio, que apesar de se pagar num Colégio ficava mais barato do que mandar para Castelo Branco.
– Pois isso é muito importante, eu quero saber isso. Lembra-se da sua primeira professora, foi aqui na escola primária? Teve quantas professoras cá?
– Sim. A primeira professora... não sei se tive duas, se tive três, porque eu só me lembro da última, porque depois fomos colegas e demos escola no mesmo sítio e havia uma...
– Então foi da última?
– Da última e de uma outra Maria da Graça, mas não sei de onde é que a senhora era nem deixava de ser, porque repare, nessa altura foram tantas coisas novas para mim, tantas coisas novas! Vir de uma aldeia, onde podia andar ali à vontade...
– Então essa última como se chamava?
– Era a Milita Sequeira, muito conhecida cá em Proença.
– Já não é viva?
– Não, faleceu há relativamente pouco tempo. A Milita que me apanhou no seu segundo ano de professora, penso eu, fiz a 4.ª classe com ela. E depois, mais tarde, fui professora, fiquei sempre aqui no concelho, e tínhamos reuniões de conselho escolar em conjunto, e eu era para a D. Milita: "Ó professora, a D. Milita" e ela assim: "Ó Rosa, chama-me só Milita, trata-me por tu", "Mas eu não sou capaz!"... consegui chamá-la Milita, mas nunca a consegui tratar por tu...
– Pois, há essas coisas, esse respeito por quem foi professora... nosso professor, não é?
– Aquilo era engraçado, há assim certas fases que me lembro da escola em relação a ela, por exemplo, nós vínhamos almoçar a casa, tudo sozinho e ela vivia... deixe-me lá ver...
– Então essa senhora, desculpe lá estar agora a voltar... essa senhora regente foi a sua primeira professora, embora que era regente, não era professora, não se lembra assim nada de especial desta senhora? Se era boa se não era, se gostou se não gostou, ficou assim alguma memória?
– Era... ainda levei algumas! Ela era muito rija, era um defeito muito grande dela, batia, batia... aquilo era...
– Esta senhora regente, em geral batia muito?
– Muito, muito.
– E usava aquelas palmatórias?
– Usava as palmatórias, varas, eu lembro-me de ver no quadro... disseram-me alguns que não ficaram com boas recordações dela. E eu, como foi só a 1.ª classe, era muito nova... era uma aluna média, mas lembro-me de na tabuada levar uma palmada ou duas, isso lembro-me... não muito... mas lembro-me. Mas havia miúdos que nem eram capazes de se

sentar... com o rabo... e com as orelhas, puxava as orelhas, sangravam, muitos deles têm muito más recordações dela, muito, muito, muito más, dizem que nem querem ouvir falar dela... no nome dela!
– E depois das outras professoras?
– Das outras professoras não, não tenho qualquer problema.
– Eram professoras mesmo, ou eram regentes?
– Eram professoras, aqui em Proença eram todas professoras. Mas pronto, essa parte eu sei que me contaram mais tarde, lembro-me uma vez quando viemos para cá... entretanto, a aldeia construiu... ela saiu da casa da minha avó... agora voltando atrás... porque a aldeia construiu uma casinha pequenina para a professora lá perto e lembro-me...
– As pessoas da aldeia?
– As pessoas da aldeia. Essa casa agora está transformada num centrozinho de convívio, pequeno, porque a casa era mesmo pequenina, tinha um quarto pequenino, uma salinha pequenina, uma cozinha, casa de banho ainda não havia...
– Tenho que lá ir ver isso...
– Podemos lá ir um dia, se quiser ver a escola, se quiser falar com a minha tia, se quiser ir com o meu tio ver, se quiser diga e nós vamos lá eu levo-a lá, sem problema nenhum, até vamos ver se lá há bilhete de identidade...
– E lá em Chão de Lopes existem ainda estes edifícios, tudo igual?
– Acho que a casa da professora que está... há muito tempo que não a vejo, ela é por trás da casa da minha avó, que agora é de um primo meu, de um primo neto dela, que a pintou, arranjou, manteve mais ou menos a mesma estrutura porque depois mais tarde a casa, eu tinha tios em África que vieram retornados e que depois exploraram aquilo como café e ainda com uma tia minha que depois fez restaurante lá, ainda servia refeições e depois eles ficaram velhotes, saíram, e um primo meu começou a explorar aquilo e acabou por comprar a casa, porque toda a família facilitou a compra, porque gostavam muito de ver a casa bem entregue e agora tem um café jeitosinho bem arranjadinho.
– Então, a casa da professora agora é um café?
– Não, essa é a casa dos meus avós. A casa da professora é por trás, e não sei o que eles lá têm. As mães, os rapazes, vão para lá muitas vezes domingo, conviver. Se bem que a aldeia tem uma Casa do Povo, como eles lhe chamam, uma casa ao pé da capela, grande. Mas eles gostam também muito de ir para aquela.
– Hoje em dia a escola lá de Chãos é... ?
– É onde se faz o velório dos mortos, agora.
– É uma casa mortuária, a escola?
– É igualzinha. Quando alguém morre vai para lá...
– Ai, temos que ir lá, Rosa, porque hoje em dia as escolas estão todas transformadas em centros culturais...
– Então agora vou-lhe falar da minha escola, onde eu trabalhei vinte e nove anos, eu trabalhei, saí professora em 72. (...)
– Então, de lá veio para aqui para Proença, em Proença teve duas ou três professoras, só se lembra de uma, que foi a Milita, sua colega?
– Foi minha colega.
– A escola foi sempre a mesma?
– Sim.
– Depois de acabar a primária, então... ?
– Fomos para o Colégio aqui, que tinha começado um ano antes, era o Colégio Diocesano.
– Como é que se chama o colégio?
– Agora já não é colégio, era.

– Então foi um colégio inaugurado, quê? 50, 54?
– Isso é fácil... pergunte ao professor António, ele sabe. Ainda estudei no 1.º ano, numa casa aqui que pertencia à Misericórdia, tinha lá funcionários... uma espécie de hospital ou de centro de saúde, davam lá vacinas e ainda houve instalações provisórias, onde eu estive no meu 1.º ano, que na altura... eu fui para ali, eu fui das que inaugurou o Colégio, fui para o 2.º ano, era ao pé da igreja que nós tínhamos essas aulas... a minha irmã, que é bastante mais nova que eu, tem menos doze anos, ainda foi para esse colégio, entretanto deu-se o 25 de Abril e depois mais tarde como o Colégio Diocesano acabou, o Estado alugou as instalações e já funcionava como oficial, já deixou de ser um colégio privado, embora a gente continue a dizer o colégio (...). E depois mais tarde é que construíram ali a escola básica.
– Então, este colégio onde andou, do equivalente até ao 5.º ano?
– Até ao 5.º ano, que era o exigido.
– E depois disto é que foi para o Magistério, foi?
– Fui para esta escola, Escola do Magistério Primário, que era particular também, de Castelo Branco. Isto foi a comemoração dos 30 anos de professor... espere aí que talvez eu tenha aqui melhor.
– E então, esteve lá, qual foi o período?
– Em Castelo Branco foram dois anos, que era o tempo que demorava o Magistério... 72, 73, portanto, estive 71-72 e 70-71.
– Muito bem, foi o primeiro ano em que deu aulas, portanto, como professora?
– Em 72-73, a gente, a nível de ensino funciona assim.
– Nesse tempo todo que passou pelo Colégio ou pelo Magistério, destaca alguém, uma professora ou um episódio, memórias que tenha destes tempos de aluna, coisas que a marcaram mais, uma historieta qualquer, uma situação... de um castigo, um prémio, um elogio?
– Sempre fui uma aluna... nem muito má nem muito boa... digamos que um suficiente +, assim um bocadinho mais. Nunca me destaquei assim muito, fui sempre muito tímida... era e ainda sou um bocadinho... depois ponho-me à vontade, mas até que não conheça as pessoas gosto muito de estar no meu cantinho. De modo, que eu me lembre... as brincadeiras que a gente fazia na escola, lembro-me, a escola tem uma escadaria grande, não sei se já viu a escola primária cá?
– Aqui já vi tantas, deixe cá ver se me situo...
– É ali perto da Rodoviária, tem uma escadaria muito grande. Lembro-me de estar a jogar ao jogo das 5 pedrinhas. Conhece esse jogo? Sentávamo-nos nos degraus da escada a jogar, na altura havia separação de recreios, rapazes para um lado, meninas para o outro... o saltar à corda, fazíamos casinhas, porque havia as casas de banho e depois havia uns recantos e a gente juntava-se, fazia as casinhas, fazia canções de roda... é assim as recordações que tenho. Lembro-me de uma queda que dei, estava eu... havia a cantina e nós do recreio íamos para a cantina, para depois sair da cantina quando tocava a campainha, que era um sino, um badalo, a gente descia... no meio daquilo tudo fui empurrada, caí pela escada abaixo, esfacelei-me toda, mandaram-me para casa e isto antes de almoço. A minha mãe lá foi, lá viu, nada assim, quer dizer... fiquei assim esgadanhada, digamos, mas nada de preocupante. Sei que ela foi à farmácia, comprou não sei se foi borato de sódio, não sei, lavou-me a cara mas aquilo não arde nem nada, lavou-me a cara, depois lá almocei e diz assim a minha mãe: "Mas tu, dói-te alguma coisa?", "Não, mãe, está bom, eu vou." Mas, entretanto, o caminho que eu usava, não foi pela estrada, havia uma parede assim comprida, de um lado ao outro, agora há lá casas, e eu quando cheguei à escola, já tinham entrado, e então eu fui por cima desse muro e a professora cá em cima a observar-

-me, quando eu lá cheguei ela ralhou: “Então tu caíste e agora já vens assim?”, lembro-me dessa e lembro-me de outra também muito engraçada... está a ver onde é a farmácia?

– Estou a ver onde é a farmácia.

– Está a ver aquela fonte?

– Estou.

– Aquela fonte estava num desnível muito mais baixo. Em frente da fonte, que era a Fonte das Três Bicas, havia espaço onde as pessoas podiam circular, encher água, etc. e depois aí uns cinco metros, mais desnivelado, havia um grande tanque, onde os animais iam beber, principalmente os bois, porque havia aqui... isto foi uma zona com grande negócio de gado, de bois principalmente, todas as quintas feiras, há três, quatro feiras, são quatro feiras anuais, portanto, era muito de animais por ali, tanto para os da terra, quando vinham, bebiam. Ao lado, havia um lavadouro, isso já desapareceu, mas há para aí fotografias algures e eu acho que não tenho nenhuma. E então, o que é que aconteceu? E entretanto, para descer da Fonte das Três Bicas para o lavadouro havia umas escadas e ao lado das escadas havia assim uma espécie de um corrimão largo de granito. Nós vínhamos da escola, não sei o que fazíamos lá para ali, a deslizar pelo granito abaixo e as cuecas é que iam à vida! (risos) Pronto, são assim as recordações que me lembro... lembro-me de outra, muito traumatizante para mim, mas a professora foi impecável. Era de inverno e eu sei que a minha mãe comprou umas botas de borracha, que agora estão na moda... e quando era no fim, perto de sair da aula... olhe que eu acho que é a primeira vez que estou a contar isto (risos)... ”Ó professora posso ir lá fora? Posso ir lá fora?” e a professora começava a ver que aquilo era demais e então dizia: “Nós estamos para sair, agora não vale a pena ir lá fora, fica aqui tudo dentro da escola que a gente já vai embora”, mas a Rosa Maria chegou-lhe a vontade de fazer xixi...

– Vocês tinham casinha de banho?

– Tínhamos. Tínhamos, não, não, não, ali já havia casas de banho, até mesmo na escola de Chão de Lopes já havia casas de banho, daquelas de buraco, assim quando eu dei aulas também era de buraco, depois mais tarde, a da professora era de sanita, a dos alunos era de buraco... isto não interessa...

– Interessa, interessa!

– E então o que é que aconteceu?... já me perdi, já estou a ficar como o meu tio... eu estava a falar de quê?

– Estava a falar de um episódio que nunca contou.

– Ah! E entretanto chegou-me a vontade de fazer xixi... e eu aguentei-me, aguentei-me... à saída rezávamos sempre, era ao começo das aulas e à saída... quando foi a rezar, eu já não me aguentei mais, xixi por aí abaixo, os botins ficaram cheios de xixi... e eu muito atrapalhada e a professora notou e veio-me perguntar: “Então, o que é que te aconteceu?”, “Ah, entornei uma garrafinha de água”, mas ela não era tola, percebeu, fingiu que não percebeu. Pronto, e eu achei isso bonito que ela fingiu que não percebeu, e eu lá vim à minha vida, à minha mãe não disse de certeza, não sei o que é que eu fiz, já não me lembro o que fiz, se fui lavar as botas ou não... lembro-me desta história porque... ah! Agora lembrei-me...

– Isso foi onde?

– Foi cá em Proença. Agora lembrei-me de outra, com a Milita. Estávamos a aprender os graus dos adjetivos e a Milita, o pai dela tinha um café, e então naquele dia o que é que ela resolveu fazer? Levou um rebuçado e disse, “Quem acertar neste exercício, eu dou o rebuçado” e então ali devia ser mudar uma frase para vários graus, etc., e eu fiquei tão entusiasmada que até fiquei atrapalhada... eu até sabia aquilo... muito atrapalhada, e às

tantas lá consegui logo os primeiros dez ou não sei quê, lá consegui acabar a tempo e recebi o rebuçado!
– Que rebuçado era?
– Ai não... devia ser um rebuçado de fruta ou coisa do género.
– E ela era uma pessoa de dar castigos?
– Ah, não. Mas na altura toda a gente ralhava... toda a gente tinha que dar uns puxões de orelhas, toda a gente tinha que dar...
– Mas era das tais também que incentivava?
– Incentivava. Não, não... a única exagerada foi essa regente, foi. Essa foi muito exagerada. Mas aqui não me lembro... lembro-me com essa D. Maria da Graça, quer dizer, às tantas a gente vai-se começando a lembrar das coisas. Eu passei na rua e à janela de uma casa, lá perto da Câmara, da Casa das Associações, mesmo ali ao lado, estava uma senhora à janela que eu achei muito parecida com ela, isto foi no verão...
– Com essa professora Maria da Graça?
– Que não era ela, era parecida, e eu naquela coisa, disse: "Bom dia senhora professora", e ela diz: "Mas eu não te conheço!", "Não é a professora Maria da Graça?", fiquei muito embasbacada, muito envergonhada, "Mas eu conheço-a, deixa lá que eu vou-lhe dizer que mandaste... " (risos). Pronto, são aquelas recordações mais...
– De escola mesmo, não se lembra, sentava-se ao lado de um colega? No seu tempo a sala era só com meninas?
– Era, era.
– Não havia mistura?
– Não, não, havia masculino e feminino. No primeiro ano em que trabalhei, é que havia dois professores porque o número de aulas aumentou muito, mas só havia uma sala e então uma trabalhava de manhã e outra de tarde, e aí era obrigatório uma escola mista e outra masculina, que eu não percebo...
– Uma escola mista?
– Uma só com alunos, com rapazes.
– Mas eram muitos rapazes que iam à escola?
– Não, até dificultava, não percebo porque é que uma tinha que ser mista, bastava pôr lá dois ou três, pronto, já era mista e essa ficava. (...)
– Não se lembra de nenhum amiguinho de escola?
– Ai, tenho, tenho vários amigos de escola. Tenho, a Luísa, a Sãozinha, pronto, que foram ficando... há ali uma miúda na casa de repouso que tem problemas de atrasos, ainda assim que me vê: "Ó colega! Então não me vens cá dar um beijo?", pronto e eu acho engraçado e vou lá ver a Lurdes. Pronto, há umas que vêm da escola até ao fim, há outras que começaram só depois no 5.º ano, tenho, tenho assim as minhas amizades dessa altura.
– Então conte lá essa história... isso já foi quando começou a dar aulas, em 71, 72, 73 e qual foi a escola?
– Foi no Peral.
– Que coincidência! Estive a ver (...) o Auto da Criação da Escola do Peral. Uma coisa de 1902.
– E eu tenho ali uma fotografia minha, mas estou sozinha, só se vê um bocadinho da escola, só se vê um bocadinho e não sei quem é que me tirou. De modo que nesse ano, eu fui para lá trabalhar... isto foi...
– Escola Primária do Peral. E quantos anos esteve nessa escola?
– Só estive um aninho, só. Trabalhava de tarde, só tinha rapazes, tinha os 4 anos de escolaridade.
– Então, mas essa escola do Peral era uma escola mista, ou não, era masculina?

– De manhã era mista e à tarde era masculina.
– De manhã era mista e à tarde era masculina? Mas a Rosa nunca percebeu isso?
– Não. Era o que ali existia...
– Então, de manhã eram rapazes e raparigas, e à tarde só rapazes?
– Tinha que ser mista, nem que tivesse lá dois ou três rapazes, que era o que lá tinha, só dois ou três rapazes... agora não sei explicar isso!
– Diga-me lá uma coisa... não era as meninas mais velhas com os rapazes mais novos?
– Não, era do 1.º ao 4.º ano de meninas, e depois suponho que os meninos... a professora ainda é viva, com quem eu trabalhei, somos amigas até, essa acho que eram todos da 3.ª classe, que ela teve que levar e ela ficou com mais alunos do que eu.
– Então eram duas professoras na escola... uma que ficava com a turma dos rapazes?
– Exatamente. É a Hermínia Caseiro.
– E a outra colega que ficava... a Hermínia Caseiro, que dava à turma das meninas e rapazes... ?
– Rapazes.
– E é uma pessoa assim para a sua idade?
– Um bocadinho mais velha.
– Sabe se continua a dar aulas?
– Não, já está reformada. Ela depois ficou lá uns poucos de anos a trabalhar, ficou lá mais tempo, eu entretanto saí logo para o Pergulho e fiquei lá. Foi onde depois fiquei vinte e nove anos e foi para lá que fui, depois mais tarde, deixou de haver tantos alunos e começou outra vez uma escola unitária.
– Pois, mas isso era obrigatório? A Rosa tem ideia que essa diretriz, para ter uma turma mista e uma turma... ?
– Era obrigatório, era obrigatório.
– Mas não tem assim ideia de ser imposto pela Direção Escolar ou o Ministério?
– Não sei, aí talvez, o António ou o João, que foi... possa explicar.
– É que eu nunca ouvi falar disso...
– Não? Nos Montes, o professor António João, que foi delegado escolar aqui em Proença, talvez saiba explicar isso, ou o professor Santiago, não sei se o professor Santiago tem memórias disso. Posso tentar perceber, mas sei que tinha que ser escola mista. E cá em Proença, não me lembro se havia escolas mistas, salas mistas.
– No seu tempo, em Proença, quando foi aluna, era tudo separado?
– Eu fui a uma escola feminina, nem me lembro se havia alguma escola mista, penso que não.
– No seu tempo de professora, então?
– Só no 1.º ano é que eu trabalhei só com rapazes, porque havia duas professoras.
– Pois, estou a entender...
– E outra coisa que lhe digo, os homens, os professores, não podiam nessa altura dar aulas a meninas, não sei se mistas podiam, a meninas não podiam. Mas isso será uma coisa que se pode informar já com gente que esteve dentro desse...
– Ok, diga-me lá o nome desse senhor que me falou?
– O António João que vive nos Montes.
– António João quê?
– Mendonça. É muito conhecido. O professor, o Tó Manel é capaz de saber quem é. Ele foi delegado escolar, é capaz de lhe saber informar as razões dessas coisas acontecerem.
– Isto no Peral, não é?
– Peral, sim. E, nessa altura, no Peral, tinha uma casa para a residência da professora.
– E viviam lá as duas?

– Sim, dávamo-nos bem, ficámos lá. Depois não sei, depois ficou a Maria Hermínia.
– O nome dessa senhora?
– Maria Hermínia da Conceição Mendes Fernandes Caseiro... olhe, ponha só Maria Hermínia Caseiro, a casa é boa de indicar, ela vive ali perto, se quiser falar com ela.
– Só para ter esta referência que eventualmente vamos lá a ver, pode-se justificar ou não, tenho que falar com o António.
– Exatamente.
– Porque ele é capaz de saber aqui alguma coisa que me está a escapar.
– No ano seguinte, foi para lá um professor e aí já não partilhavam casa, claro. Não o conhecia, não sei para quem é que ficou a casa depois... um usufruiu de casa, outro não ou nenhum usufruiu, não sei.
– Então, a ideia que a Rosa tem é que neste tempo, em que começou a dar aulas, os professores homens não podiam dar aulas às turmas femininas?
– Não. Tanto que quando um professor concorria para uma escola masculina tinha prioridade sobre as mulheres, precisamente por estar limitado.
– Rosa, os seus professores e as suas professoras tiveram influência na sua vida à medida que foi crescendo?
– Eu acho que sim... toda a gente.
– Até teve uma grande influência porque uma foi sua colega. Passou de professora a colega!
– Sim, sim, a outra foi mais passageira. Eu acho que todos os professores acabam por ter uma grande influência nos alunos, penso eu que sim. A gente olha para o professor, pelo menos naquela altura, como quem olha para uma pessoa super importante, e lembro-me dos meus alunos também. Eu lembro-me de um miúdo meu... eu, felizmente, não é para me gabar, mas eu acho que o que é verdade, a gente tem que dizer... eu acho que com a maioria dos meus alunos, eu mantive muito boas relações, convidavam-me para casamentos, ainda hoje quando me vêm é uma festa que nós fazemos sempre e... e perdi-me outra vez... ia para dizer qualquer coisa... .
– Se os professores marcam a vida das pessoas? E estava-me a falar do seu exemplo.
– Ah, pronto, ia para dizer qualquer coisa que aconteceu na escola mas agora passou...
– Foi algum aluno que lhe fez algum reconhecimento ou alguma coisa?
– O reconhecimento fazemo-lo no dia a dia, "Eh, professora está boa? Não a via há tanto tempo... ", tenho aqui a fotografia do primeiro ano que trabalhei, numa viagem de estudo, no primeiro ano que trabalhei no Pergulho, isto foi em 73-74, foi no ano do 25 de Abril, esta miúda aqui, a Jacinta, é uma festa quando nos encontramos, "Ai, a minha professorinha! Falo da minha professora a toda a gente!" (risos). Olhe, este aqui, este rapaz, o Adelino...
– Lembra-se do nome deles todos?
– Acho que sim. O Adelino, a Manuela, a Conceição... este é o Joaquim, esta é a Fernanda...
– De casaquinho aqui azul, não é?
– Sim, este é o Fernandito, que já faleceu infelizmente. (...) O Zé Manel... o de vermelho é o Zé Manel... e a Jacinta... e esta era a minha irmã que foi comigo naquele ano.
– A sua irmã... pois, fez companhia?
– A que tem menos 12 anos. Não! Foi fazer a 4.ª classe.
– E a outra é? É a Rosa?
– Aqui sou eu!
– Eu pensei que a Rosa estivesse a tirar a fotografia.
– Não... não sei quem tirou a fotografia, isto já é muitos...
– Está a Rosa em pé, está a sua irmã ao lado, está este Adelino, não é? E a sua irmã que foi consigo para fazer a 4.ª classe.
– Foi... fez a 4.ª comigo.

– Mas foi consigo, foi sua aluna?
– Foi minha aluna na 4.ª classe.
– Está a falar a sério?
– Estou. A minha irmã teve um trauma aqui na escola com uma professora...
– E que diferença de idade têm as duas?
– Doze anos.
– Ai... que história! Então, foi professora da sua irmã?!
– Fui, no último ano. E fui professora do meu filho mais novo.
– Está a falar a sério?
– Estou.
– É que eu sou do tempo, isso foi há 40 anos, eu lembro-me expressamente que os professores da escola não podiam dar aulas aos filhos.
– Mas ele ia comigo e não havia mais professoras...
– Não havia outra forma, não era?
– Só a Catarina é que não foi comigo. (...)
– Eu vou querer falar com o seu filho e com a sua irmã.
– Ok, mas é que a minha irmã está a trabalhar no Palácio de Queluz, se lá quiser ir, fala lá com ela.
– Por exemplo, por exemplo... ou combinamos a meio caminho.
– Ela vem cá poucas vezes.
– Tudo bem, não faz mal, eu até posso pedir à Rosa se há alguma forma de lhe enviar um guião para ela responder ao guião, por exemplo, por escrito.
– É capaz de fazer.
– É que, até agora, não apanhei um caso destes, em que a professora era irmã e mãe!
– É, o meu filho mais velho também andou comigo. É assim, na altura não havia creche e eu muitas vezes tinha que o levar, se bem que a minha mãe vivia aqui no 1.º andar, esta casa agora é da minha irmã, está desabitada que os meus pais faleceram, mas a minha mãe foi sempre um grande apoio para mim. E o meu filho depois ...
– A sua mãe vivia consigo?
– Não, casas completamente separadas.
– Vivia por cima.
– As casas são precisamente iguais. Tinha a vida dela, eu tinha a minha, pronto. Embora nos reuníssemos muitas vezes, eu ia para a escola e ela ficava com os meus filhos, eu ia para a escola e ela ficava com eles. O Gonçalo, ainda fez a 1.ª classe comigo também, o 1.º ano. Mas depois fiquei grávida do mais novo, ia faltar e ele passou cá para Proença. O outro, acabou por ficar comigo sempre porque era assim: eu estava para o pôr na creche, na pré, e já tinha combinado com o meu pai, o meu pai era vivo, ia buscá-lo que ele era pequenino, ia levá-lo...
– A sua vida foi assim mais complicada em termos de ser mãe e dar aulas, se não fosse esse apoio familiar?
– Sim, sem dúvida. Agradeço todos os dias e tratei da minha mãe até ao fim, com muito prazer, não morreu em minha casa porque não calhou, porque entrou no hospital por uma situação, entrou hoje e morreu à meia noite no outro dia, pronto. E a médica: “Então mas quer tratar da sua mãe?”, “Quero’, “Mas não a quer nos cuidados continuados ou assim, veja lá”, “Não”, porque a minha mãe morreu de cancro, em consequência de um cancro, e eu disse: “Tenho lá esta senhora” que trabalhava nos idosos, “Eu tenho quem me apoie, de modo que fico com a minha mãe.” E sempre disse: “Se os meus filhos precisarem de mim, que eu possa fazer pelos meus filhos aquilo que a minha mãe fez por mim” e fiz pela minha filha, fiquei com o meu neto dois anos, vou lá sempre porque ela continua solteira,

não quis casar, a experiência foi má e por enquanto, está com 40 anos, não arranjou mais ninguém, e quando tem que sair, porque ela tem investigação e muitas vezes tem que sair, lá vou eu dar apoio, fico lá um dia ou dois, pronto. Essa situação, que faço com um gosto tremendo. Tenho um outro neto, esse não precisa tanto. Em homenagem até à minha mãe, percebe, o jardim da minha mãe, a minha mãe é que era louca por rosas...
– E aprendeu alguma coisa de escola com a sua mãe, ela era uma pessoa envolvida? Incentivou-a sempre, a estudar?
– Sim, incentivar, incentivou, ela sempre quis que eu estudasse.
– Era daquelas mães que queria que os filhos estudassem?
– Sim, sim, e o meu pai. Pessoas muito preocupadas, isso queriam. E então... já me perdi... é tanta coisa, tanta coisa... Ah, entretanto, este meu filho já o tinha matriculado na pré e o meu pai faleceu e fiquei sem quem mo transportasse, porque ele era pequenino. Então resolvi levá-lo comigo e acabou por depois ficar lá o tempo todo.
– Lembra-se dessa fotografia, do dia em que foi tirada?
– Nada, nada, eu sou uma patareca! A minha memória é como a das galinhas! Isto foi uma viagem de estudo que já estou aqui farta de puxar pela cabeça onde é que isto foi...
– Então, mas isto foi... há quantos anos dava aulas?
– No meu 2.º ano, isto já foi no Pergulho, no 1.º ano, foi no Peral.
– Pronto, então esteve no Pergulho... ?
– Vinte e nove anos. Agora a escola do Pergulho é que foi transformada numa oficina da tigelada.
– Espere lá... 73/74 foi para o Pergulho, não é?
– Sim senhora, no ano em que se deu o 25 de Abril. Fui em Outubro de 73, e o 25 de Abril foi em Abril de 74 e que era o dia da festa do Pergulho, porque o Pergulho tem o S. Marcos. Vinte e nove anos, criei uma relação muito grande com os meus alunos, com os pais dos meus alunos, com os professores.
– Em que dia foi para lá dar aulas, lembra-se?
– Deve ter sido no dia 7 de Outubro. Na altura era a 7 de Outubro que começava a escola.
– E então, logo a seguir, nesse mesmo ano, o 25 de Abril!
– Sim, eu fui em Outubro de 73, o 25 de Abril, é o ano letivo, 73/74 e foi o 25 de Abril. Se quiser ir a Chão de Lopes, podemos ir pelo Caniçal e depois a Pergulho, fazer aquele percurso que fica ali. A escola do Caniçal foi transformada em habitação, uma casa de habitação, devem ter vendido e é uma casa de habitação, também lá pode ir tirar uma fotografia se quiser.
– Quero. Então, estava a dizer que nesse ano, o 25 de Abril deu-se no dia em que se comemorava o dia do Pergulho, foi isso?
– Não, a festa do Pergulho é S. Marcos, e S. Marcos é no dia 25 de Abril. Na altura era fosse que dia fosse, agora foi adiado para o fim de semana a seguir porque as pessoas estão longe, mas era dia de festa na aldeia.
– Eu quero escrever Pergulho e o computador está sempre a pôr ‘mergulho’, é aquela coisa da escrita inteligente, uma chatice... que é o dia de S. Marcos, e lembra-se desse dia?
– Então não me lembro?!
– Deu aulas nesse dia?
– Acho que na altura a gente ainda estava um bocadinho presa àquilo e que ainda se deu escola a fingir, se fosse hoje estava-me nas tintas porque as crianças não assentavam, as crianças estavam na festa, estavam agora lá na escola...
– Então, mas houve festa, lembra-se disso?
– Então não houve?!
– O que é que aconteceu exatamente ali?

– Então, era um dia de festa, festa e feira, também metia gado ali...
– Mas as pessoas tiveram consciência? Do que se estava a passar?
– Um bocadinho. Eu não, na altura não. Não havia televisão, eu não tinha televisão, sei que me chamaram ao telefone, porque eu não tinha telefone em casa, não havia telemóveis e o vizinho era perto de casa onde eu vivia, chamou-me, era a minha mãe, que me queria qualquer coisa: "Olha tu sabes que se deu o 25 de Abril"... não, não se dizia 25 de Abril... "Deu-se uma revolução?", "O quê, mãe? Deu-se uma revolução?" Pois... o que era, ela não me sabia explicar e eu também não sabia porque eu de política não sabia nada! Nada! Zero, zero! Mas pronto. E então lembro-me, que um rapaz que vivia aqui em Proença, na festa, um miúdo no microfone: "Viva as Forças Armadas!" (risos). Pronto e as pessoas começaram a ter conhecimento, através da rádio e falou-se nisso, porque lembro-me desse rapaz falar de revolução, de gritar ali ao microfone da festa, isso eu lembro-me, de resto, a vida continuou normalmente, não houve assim mais do que isso...
– No próprio dia?
– No próprio dia.
– E como professora, como é que acha que isso teve influência nas coisas da profissão?
– Como professora naquela altura não teve influência nenhuma. Depois, mais tarde, acho que surgiram umas quantas coisas com as quais eu não concordo e se fosse hoje, não o tinha feito, por exemplo, recebemos ordens para queimar tudo quanto era livros que havia na escola.
– Receberam ordem de quem?
– Do Estado, superior, das direções escolares e daquilo tudo... que eles iam recebendo. Eram livros que eram mais dedicados às pessoas da aldeia, por exemplo, como...
– Ordem para queimar?
– Ordem para queimar.
– E a Rosa tem ideia como essa informação passou a si? De quem? De um colega, diretor escolar... ?
– Não, não! Escrito! Eram circulares.
– Não tem nenhuma circular dessas?
– É capaz de haver, não sei se na Delegação Escolar, guardaram, têm... como é que se chama?
– Isso em que ano?
– Isto foi logo nos anos a seguir, no outro ano logo a seguir.
– Então foram diretrizes escolares para...
– Para queimarem os livros, tirarem os livros e os quadros do Marcelo e do Presidente da República, também tiveram que se tirar.
– Quais eram os livros que eles mandavam queimar?
– Eram livros que vinham de uma biblioteca, alguns eram como tratar abelhas, eram mais de informação da agricultura, não eram tão dirigidos a crianças, eram mais dirigidos à população. Eu se fosse agora, a gente é que não sabe e a gente vivia numa... Ah, os outros não sei, mas sei que uma senhora onde eu estava dizia: "Ó senhora professora não faça isso", mas eu era nova, não tinha...
– Ah, isso competiu à própria... ?
– À própria, ter que fazer...
– E na altura fez?
– Fiz.
– E queimou como, como é que fez?
– No forno.
– Lembra-se que tipo de coisas é que pôs lá?

– Eram esse tipo de livros, pronto, eu agora não tenho... eu sei que, de abelhas, havia ...
– E depois vocês eram fiscalizados, havia assim alguma coisa?
– Às vezes... não, depois não apareceu. Outra grande diferença que depois apareceu mais tarde foi, começaram então a mandar muitos livros infantis, que eu gostei muito... da Alice Vieira, muitos livros, o Romance da Raposa, lembro-me.
– Mas isso ainda nos anos 70?
– Isto já depois do 25 de Abril, começaram a mandar mais material lá para as escolas, começou a aparecer, sim. Mas nós, nas aldeias, não sei se sabe, vou-lhe dizer... eram as professoras e os alunos e os encarregados de educação se tivessem vontade para isso, que faziam a limpeza da escola, nós não tínhamos quem a fizesse, varri a escola muita vez com os meus alunos. E quando era para lavar, era três vezes por ano, porque não podia andar a pedir às mães a toda a hora, lavava-se a escola. Pronto, em relação a essa coisa boa que foi virem muitos livros infantis, o Rapaz de Bronze, eu agora não tenho assim ideia porque a minha memória, infelizmente, vai...
– Não guardou nada?
– Não, isso ficou, quando a escola fechou, foi tudo entregue na Delegação Escolar ou aqui na escola de cá, a escola de cá é capaz de ter livros desses, dessa altura.
– Consegue saber se há aí alguém que tenha ou que dê acesso a esses materiais?
– Posso tentar. Eu posso perguntar. E eu lembro-me que, na altura, fazia o seguinte, quando começaram a vir esses livros, o que é que eu fazia? Portanto, isto já o rapaz é casado, já tem filhos crescidos... o que, depois mais tarde, me falou nisso... eu comecei a ler os livros maiores como se fosse uma novela, todos os dias quando começava a escola eu lia um bocadinho do livro, e às vezes: "Ó professora, mais!", "Não, temos que ir às aulas" e então íamos lendo assim vários livros. E houve um deles, já há uns quantos anos... e agora é casado... e conversando com ele: "Ó professora, conseguiu-me imprimir um gosto pela leitura", "É, Abílio, então como é que foi isso?", "Lembra-se de ler os livros? Lá na escola? Para mim era uma felicidade, estava sempre desejosa que chegasse a hora de ler os livros!" (risos).
– Pois essas memórias... Então, só para recapitular uma coisa que agora me surgiu, que é, a Rosa lembra-se, no seu tempo de criança, da escola primária, de ter esses rituais de entrada? Rezar? Havia mais alguma coisa que vocês... rezavam à entrada, rezavam à saída, havia algum ritual (...) cantar ou isso?
– Fazíamos festas de vez em quando, festas de Natal e assim, mas não era sempre sempre.
– E a Rosa, como professora (...), rezava com os seus alunos?
– No começo, rezávamos, assim uma oração ligeira, mais... não era um Pai Nosso nem uma Avé Maria, era mais pedir que Jesus nos ajude no nosso dia, para estarmos mais... assim mais uma coisinha assim ligeira, à saída não, à entrada.
– E lembra-se da sua educação primária, depois como professora do Magistério, essas referências religiosas e a ligação ser sempre muito forte?
– Sempre, até porque esta escola tinha, não deve ter ouvido falar, no Cónego Anacleto.
– Não me é estranho...
– O Cónego Anacleto era professor de Moral... onde é que eu tenho aquela fotografia grande? É aqui, na escola do Magistério, que era particular, é este senhor aqui... o Cónego Anacleto teve uma grande influência em nós todos, eu não sei se esta fotografia foi tirada no 1.º, se no 2.º ano, talvez no 2.º ano, eram os nossos professores.
– Você não tem o original disto?
– Não, isso foi tirado daqui, posso-lhe dar, o original não tenho.
– Nem sabe quem é a pessoa que tem o original desta cópia?
– Quem fez isto foi um colega, o Pires.

– Lembra-se de quem tirou a fotografia?
– Quem fez esta parte... agora onde ele foi tirar a fotografia foi este aqui, que foi professor, suponho que ainda deu aulas na Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
– Se eu lhe pedisse, sabia dizer o nome destas pessoas todas?
– Não. Mais depressa a Nazaré. Sei que eu estou aqui, sei que a Nazaré está aqui, que é a minha cunhada, lembro-me do nome de algumas, mas já passou... já não... a Filomena, a Maria Eugénia... não consigo, lembro-me das caras, consigo ver as caras. Isto foi a festa dos 30 anos, depois foi tirada, fomos ao parque em Castelo Branco e esta foram 30 anos depois...
– Eu posso tirar fotografia a isto, não posso?
– Pode, pode. Aqui agora já conheço melhor, este é o Manel...
– Isto foi em que ano? Esta foto?
– Esta foi aqui, agora não sei se foi 71/72 ou 70/71.
– Foi o ano em que acabou o curso?
– Foi o ano em que acabou... e tenho aqui outra também muito antiga.
– E então, esta a cores, foi tirada... ?
– Aos 30 anos depois.
– Fizeram uma festa dos 30 anos, foi?
– Foi, foi esta. Para a comemoração dos 30 anos.
– E então esta foi a fotografia que saiu deste encontro?
– É, foi a que saiu deste encontro. Deixe-me lá ver, mas eu também tenho aqui outra muito interessante, a Bênção das Fitas, em Fátima, fomos fazer...
– Foi no mesmo ano que esta... são as mesmas pessoas, basicamente.
– São sempre os mesmos, eu penso que será no mesmo ou no ano anterior, mas se calhar é no mesmo ano. Mas a Bênção das Fitas foi feita em Castelo Branco e depois devemos ter feito uma homenagem a Fátima. Portanto, lá está, o cariz religioso. Não sei se está aqui o senhor Cónego Anacleto, não está.
– E a Rosa, à medida que foi dando aulas, manteve sempre ligação, essa coisa simbólica, de fazer uma pequena oração quando entrava na escola, uma oração com os seus alunos... etc?
– Depois fui perdendo. É assim, eu já estou como uma pessoa que diz... religiosa, nunca fui uma pessoa demasiado apegada à religião... tenho as minhas crenças.
– Era uma questão social, também.
– Isso. Tenho as minhas crenças, tenho as minhas convicções, para mim, o essencial na vida, que é o meu... e sempre transmiti aos meus filhos... é, respeitar os outros. O respeito acima de tudo (...), faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti... não é: não faças aos outros... é: faz aos outros o que gostarias, respeita, do mais humilde... com os meus alunos, quando às vezes se falava de profissões e que somos todos importantes, eu fazia-lhes ver que o varredor de rua é tão importante para a vida das pessoas como um médico, porque se as ruas não forem varridas, se o lixo não for recolhido, há imensas doenças que o médico não consegue depois... não há ninguém mais importante que outros. Cada um ocupa o seu lugar na sociedade, porque isto é uma cadeia, todos dependemos uns dos outros, e é isso. Agora, uma coisa que lhe queria dar, tenho imensas fotografias da escola e não as acho. Encontrei esta. Mas eu tinha! Porque aquela escola era tão engraçada, tinha um mastro... quando eu lá cheguei.
– Se tivesse, essas fotografias de conjunto que... a partir dos anos 70, havia estas máquinas Kodak.
– Sim, eu tenho várias.

– Da escola e do edifício da escola, para ter esse registo, por mais que se vá lá agora tirar fotografias, ou até se descubram fotos antigas, é sempre diferente ter as suas.
– Pois, não é a mesma coisa. Eu vou aqui mostrar um dos meus trabalhos...
– Mas guardou coisinhas do seu tempo, de professora?
– Guardei, algumas. Nos últimos anos, já, estávamos numa escola isolada, o Vale de Água estava numa escola isolada e então fazia-nos falta a companhia. Eu e a professora do Vale da Água começámos a levar o carro em conjunto. Dávamos uma volta um bocadinho maior, numa semana levava uma, numa semana levava outra e depois começámos também... pensámos em juntar os nossos alunos uma vez por semana, era às quartas feiras de tarde, isto com autorização do inspetor. Então, juntávamo-nos e fazíamos atividades e então durante uns anos eu registei algumas dessas atividades onde entram alunos do Pergulho e do Vale da Água, alunos que tinham grandes inimizades uns com os outros nos primeiros anos, estava tudo muito bonito, mas quando cada um ia para a sua casa, era tudo à pedrada... uns com os outros!
– Então, os alunos do Pergulho e do Vale da Água eram rivais?
– Eram rivais. Depois passou.
– Então, a sua amiga dava aulas no Vale de Água?
– E eu dava no Pergulho. Íamos as duas de carro, quando ia eu, a gente dava a volta.
– Como se chamava essa senhora, ou como se chama?
– Foram duas, foi a Isabel Justino e a Ângela, depois mais tarde foi a Ângela, então algumas das atividades que nós... olhe, esta é a escola do Pergulho.
– Ai que fotografia boa!
– Eu tenho isto ilustrado... fazíamos assim, a gente refez estes registos. Estes são só os meus alunos e outros são... pronto, fazíamos os registos de avaliação, as planificações, tudo, atividades que a gente realizava, esta era sobre o Outono, uma história de Outono, que já nem me lembrava, até estive a ler, está engraçada. Isto foi um trabalho coletivo, portanto, não foi só um aluno, foi um trabalho coletivo. Eu vou ler-lhe esta, porque achei gira.
– Aposentou-se há quantos anos?
– Eu aposentei-me... comecei a trabalhar em 72/73 e aposentei-me 32 anos depois. Agora faça-lhe as contas que eu agora não sou capaz de chegar lá, já lá vão muitos anos. “Era uma vez uma folha que vivia no cimo de uma macieira. Ela vivia feliz porque respirava e purificava o ar. Transpirava nos dias de muito calor, fazia sombra para os animais, lavava-se nos dias de chuva. Brincava com as suas irmãs nos dias de vento, conversava com os passarinhos quando eles descansavam na árvore. A folha nasceu na Primavera, era muito verdinha, tornava a árvore bonita e ajudou-a a criar as maçãs. Num dia de outono, ela reparou que estava a ficar amarela. Olhou à sua volta e viu que acontecia o mesmo às suas irmãs e sentiu-se muito triste pois sabia que ia cair. Certa tarde de muito vento, caiu para o chão, juntamente com muitas das suas irmãs, mas ficou muito feliz quando um menino a apanhou e a levou para a escola.” Eu já não me lembrava disto! Tenho entrevistas que nós fazíamos, recolhíamos provérbios, são provérbios de Outono, as canções do Outono, depois isto era tudo...
– Então, isto são trabalhinhos...
– Que nós realizávamos na escola e que juntei só destes dias, não, alguns não são só destes dias. O jogo... nós também tentávamos fazer isto tudo de acordo com a época do ano, portanto, o caçador e os coelhos vinham bem na altura do Outono. Aqui era no Vale de Água, esta fotografia é no Vale de Água e tem a ver com esta macieira, como ela está no Outono, porque depois tenho nas outras estações todas menos no Verão. No Verão não deu para ir... isto era a minha escola por dentro, eu fiz uma árvore, aqui não havia nada e

os trabalhos manuais que íamos... esta árvore ia mudando consoante a estação do ano, isto são tudo folhas. E depois, outros trabalhos, trabalhos manuais que a gente fazia, ia pondo ali. Pronto, quando falámos na Roda dos Alimentos, que foi algo que nós... aquilo que se tratava mais na escola, às vezes havia certas temáticas que a gente tinha que explorar, esta acho que foi só...

– Lembro-me disto, claramente, a minha professora fazia isto tal e qual.

– Havia carimbos, isto era carimbos que distribuíam para as escolas e então a gente aproveitava. Aqui estamos a fazer marmelada, é na escola do Vale da Água, uma mãe e um grupo de alunos a fazer marmelada, nós fazíamos assim muitas atividades, pedíamos muito a colaboração dos pais. Aqui é na escola do Vale da Água, aqui há alunos dos dois lados, estão a lanchar depois das actividades, eu estou-lhe a mostrar isto, vou parar porque isto não interessa nada para o seu trabalho...

– Interessa!

– Isto é um trabalho de pesquisa que nós fizemos, ao senhor António Cardoso, que na altura tinha setenta e seis anos, já morreu, como se chama? "Quando eram novos também faziam magustos?" Ele dizia que sim. "Onde faziam os magustos?" Faziam pelos campos. "Quem ia aos magustos? Os rapazes, as raparigas e os pastores", eu aqui achei muita graça, se calhar os pastores, mesmo os mais velhos, entravam na coisa. "Como eram os magustos? Fazíamos os magustos com carqueja e estevas secas e púnhamos para lá as castanhas e bolotas, que ainda lá havia", "Onde iam buscar as castanhas para os magustos? Íamos aos castanheiros que havia por cá." Pronto.

– Rosa, vou-lhe pedir isso para fotografar, pode ser?

– Pode, mas então isto não tem nada de especial. Olhe aqui estamos a comer as castanhas, isto foi um magusto em que choveu, e tiveram de ser as mães a assar as castanhas, fomos lá na escola, no pátio do recreio do Vale da Água, porque nós depois ilustrávamos. Aqui são áreas vocabulares...

– É o único livro que tem?

– Tenho quatro, tenho quatro. Só fiz nos últimos anos. A árvore aqui transformou-se na árvore de Natal. Aqui, já foi da festa de Natal, a minha escola por dentro, é uma escola unitária, há bocadinho vimos o fundo da escola, aqui havia um aquecimento e esta é a parte de cima, o quadro, aqui era a carteira do professor e depois também tinha as paredes todas cheias das nossas coisas. Aqui um lanche no Natal, aqui toda a gente a comer! (risos)

– (...) Se puder emprestar os outros, eu agradeço.

– Ó isto não tem nada...

– É que isto depois é tudo referenciado com o seu nome e com o resto do seu trabalho e tudo e depois eu digitalizo... fica tudo digital. Tem fotos lindas.

– Este trabalho... aqui está no Inverno, aqui está a minha árvore no Inverno, "usos e costumes e tradições do entrudo", também é uma entrevista que nós fizemos, dos alunos de Pergulho e Vale de Água. Portanto, isto não é só meu... há uma parte que é, no começo.

– Já percebi, mas para todos os efeitos você é que é a dona destes materiais.

– Sim, ela tem igual, a Isabel tem igual. Tem igualzinho. Houve uma altura em que o inspetor foi lá à escola e eu mostrei-lhe... mostrei-lhe, não, falei-lhe, que eu não o tinha lá, só tinha lá uma parte do trabalho... e depois no fim do ano é que eu compilava. E ele diz assim: "Ah, vou para uma reunião, não dá para eu levar?", que ele gostou, e eu disse assim: "Ó senhor inspetor, não tenho cá, mas olhe, que eu acho que a Isabel no Vale de Água tem", e ele ia passar por lá e passou realmente e levou. Olhe, aqui foi a colaboração dos pais para arranjar os canteiros da minha escola, esta é a escola do Pergulho.

– É parecida com a da Fundada.

– São todas iguais, são todas iguais.
– Não são todas iguais. Vê-se que são da mesma época, do mesmo ano.
– Sim, sim. Pronto, tive aqui a colaboração dos pais, já tinha aqui umas árvores e eu gostava muito de jardinagem como está a ver ali o jardim está sempre muito bonito.
– E a Rosa sente que quando era professora era bem acolhida, pelas famílias?
– Muito bem acolhida, ainda hoje ao ir para lá, naquela travessa ao lado, encontrei duas mães, a mãe de um pequenito, ai, foi tão engraçado, ela já tinha um filho na escola e eles estavam na Alemanha, o casal, e os miúdos ficaram cá com os avós e o mais novato... pronto, esta é a minha escola, esta é... o mais novito entrou depois, entrou e era muito engraçado, e ainda é, já é pai, muito engraçado e quando foi depois das férias do Natal que ele chega à escola, ele era assim pequenito, agarra-se à minha cintura e ficava: "Ó professora, tive tantas saudades de você", é tão giro que eles eram assim muito... percebe?
– Sim, expressivos.
– Expressivos, mas eram tão engraçados, tão engraçados, pronto. E a gente fazia sempre uma área vocabular, provérbios, canções, olhe aqui está a árvore na Primavera com as flores.
– Está a ver eu preciso disto, preciso disto Rosa.
– As nossas viagens de estudo também estão registadas. Isto era um roteiro que nós... isto era a nível de Conselho Escolar, não era só das nossas escolas, era o Conselho Escolar todo.
– Que coisa bonita...
– Tinha estes roteiros e depois nós explorávamos...
– Vou fazer assim, vou acabar aqui umas perguntinhas (...). Então, tem ideia da opinião que a sua família tinha sobre a escola? E se era importante que fossem à escola, que tivessem um bom aproveitamento, era uma família que, de alguma forma, incentivava?
– Era, era, já começou na minha avó.
– E sente... já uma vez me disse, mas assim fora do microfone... sente que houve aqui quase que uma ladeira social não é?
– Houve. Eu vou-lhe mostrar a fotografia, já agora, eu pedi à minha filha, que ela tem no álbum dela e eu pedi-lhe, está aqui no whatsapp, e eu pedi-lhe: "Manda-me a fotografia que eu tirei."
– Fale-me dessa fotografia.
– Esta... eu dava, dávamos, as gerações na escola. E a minha filha tinha as quatro gerações e eu achei que era bonito para ela ter uma fotografia com as quatro gerações. Esta fotografia foi tirada um dia que fomos a Chão de Lopes, não sei quem é que a tirou, não faço ideia.
– Que data? 78?
– Mais ou menos, a minha filha tem agora 40 anos, devia ter uns cinco aninhos, mais ou menos, portanto, é a minha avó, já nos seus 80, a avó Benvinda, é a minha mãe, Maria.
– Que idade tinha aí? Diga o nome completo dela por favor.
– Benvinda da Conceição Antunes.
– Teria 82 anos, mais ou menos... estava nos 80s?
– Se eu for pelos cinco anos, eu chego lá. Imagine que ela tem cinco anos, passaram 35 anos.
– Como é que se chama a sua menina?
– Catarina Isabel Antunes Gonçalves.
– Teria 5 aninhos aqui?
– Acho que sim, não tenho a certeza, mas acho que sim, quatro, cinco, olhe lá para ela o que é que diz?

– Então... foi nos anos 1984, se calhar.
– Agora, a minha avó... a minha mãe teria agora noventa e dois anos, menos trinta e cinco.
– Oitenta e dois anos, setenta e dois, tinha sessenta e dois... a sua mãe teria sessenta e poucos.
– Rosa, eu vou-lhe pedir um favor...
– Eu dou-lhe a fotografia, passe-a.
– Vou-lhe pedir um grande favor...
– A Rosa tem facebook? É nossa amiga na página das memórias?
– Tenho. Não, que eu não ligo nada.
– Eu sei que não liga, mas faça-me esse favor, ponha da sua mão. Vá lá pôr essa foto com a legenda, quem é, o nome.
– Mas eu tenho que pedir à minha filha quando ela cá vier, ok? Porque eu vou, consulto, leio, agora mandar coisas...
– Tentamos outra coisa, consegue enviar isso para mim, por exemplo?
– Envio para si, tem autorização.
– Mas pelo facebook, isto está no seu facebook?
– Não, não está. Isso está no whatsapp. Não dá para mandar para si ou para o seu facebook? Eu depois mando-lhe, quando a minha filha cá vier.
– Mas esta fotografia existe em papel?
– Existe em papel.
– Então eu até preferia em papel porque assim digitalizo-a.
– Eu até pedi para ela digitalizar e a resposta dela foi esta, mas ela traz-me.
– Está emoldurada se calhar.
– "A digitalização não vai ficar melhor pois a foto tem pouca qualidade" mas pode ser. (...) Foi isto que lhe perguntei, se estava interessada nesta fotografia que eu tinha. Porque depois de falarmos nisso, digo: "Olhe, é engraçado porque eu tirei-a para ver as gerações", mas depois também a evolução... cultural, vá digamos assim, também do que aconteceu. Porque ela [a avó], aprendeu por ela, e ela a [mãe] tem a 3.ª classe, e eu tenho o Magistério, e ela [filha] tem licenciatura em Biologia e tem doutoramento, pronto, há também esta evolução, que eu acho que toda esta... isto pensei eu depois e se calhar pensei mal...
– Então isto desde 1902, não é?
– Sim, ela nasceu... casei em 77, o meu filho nasceu em 78 e ela foi em 79, junho de 79. (...)
– Vou publicar isto, com a sua autorização, no nosso website e sobretudo no facebook.
– Sim, sim.
– E provavelmente, é uma das imagens que vou selecionar para o livro, quando nós publicarmos o livro.
– Também tenho do meu filho Gonçalo, só que aí não é linha direta porque eu também tinha as quatro gerações... só que era o pai do meu pai, era o meu avô, bisavô dele, o meu pai, avô dele e depois era o meu marido, que não era da mesma linha mas era para ficarem as quatro gerações... também a quer?
– Quero tudo. (...)
– E também quer estas?
– Quero tudo, quero tudo. Então, as suas irmãs, toda a gente foi à escola também, porque os seus pais e a sua família, toda a gente, incentivou?
– Do lado do meu pai é que eu acho que foram só os rapazes. Da minha tia, eram quatro, dois rapazes e duas raparigas. As minhas tias não estudaram, já era de outro... o meu pai era da zona ali de Pedrógão Grande e a minha mãe deste lado. Mas do meu pai já não havia esta cultura. Ali a minha avó era uma pessoa muito inteligente, se vivesse, coitadi-

nha, era uma pessoa da aldeia, como pode ver ali na fotografia, uma pessoa que trabalhou no campo, tinha porcos, tinha galinhas.
– De certa forma, sentiu alguma vez na sua vida, não sei se tem essa perceção... de conversas que às vezes tenha apanhado... que ela tivesse algum tipo de desgosto, de não ter estudado, de não ter feito escola?
– Tinha muita pena de não ter estudado, a pena de não ter ido à escola. O estudar era mais o ir à escola, porque acho que não tencionaria, nem os meus bisavós teriam essa capacidade, porque nessa altura também havia poucos sítios... não tinham capacidade monetária mas nem pensar, nem pensar! Como lhe digo, viviam na aldeia, sempre viveram na aldeia e viviam das terras, das hortas, não sei se tinham pinhal, era provável que houvesse mais alguma coisa e pouco mais... nada. Não sei se o meu bisavô tinha uma outra atividade. Já o meu avô tinha porque, pronto, era sapateiro e tinha a loja para explorar, pronto aí... eles viveram o tempo da guerra, da 2.ª Guerra Mundial e da Guerra Civil Espanhola em que houve uma grande crise em Portugal e a minha mãe diz: "Não havia grande fartura mas nunca passámos mal, porque o avô sempre conseguia ter um bocadinho de açúcar, não abusávamos." Tinha um irmão no Crato e conseguia ir lá comprar trigo, que depois cá trocava por milho para dar mais para os filhos, percebe? Porque era uma família grande... os presuntos... sempre me lembro de os meus avós matarem três, quatro porcos sempre, era uma festa! O dia da matança era uma festa, era uma maravilha, aqueles quatro porcos pendurados, agora até faz pena! (risos) Mas pronto, aqueles quatro porcos, era... e então ia trocar presuntos por toucinho, percebe? Porque tinha uma família grande para sustentar, a minha mãe diz: "Nunca passámos fome." A minha avó era muito habilidosa, fazia um pãozinho muito bom, lembro-me dela cozer pão, lembro-me dela fazer broa, lembro-me de estar na casa dela a comer sopas de café com broa, não eram grande coisa mas eu achava graça... e dela fazer uns pãezinhos e pôr lá chouriço, lembro-me tão bem disso, tão bem... lembro-me de nas matanças...
– Isso quando era criança e ao longo de... ?
– Sim, que nós íamos lá muitos fins de semana.
– E vocês mantiveram essas tradições?
– Muitas tradições...
– Então, quando foi a da sua geração e a da seguinte, dos seus filhos, romperam com... ?
– Rompeu porque já era demais, porque a vida mudou, não é? A minha avó tem vinte e tal netos... se eu os contar todos são uns vinte e tal netos, que ainda não existiam todos na altura, mas estávamos a juntar ali doze, catorze netos... agora de volta... a minha mãe e as minhas tias era tudo a cortar a carne para os enchidos, está a ver? Não sei se viveu essa vida das matanças... e nós de volta delas: "Ó mãe dá-me uma febrinha para ir assar no espeto" e a mãe negava-se e então nós íamos às tias e elas davam sempre (risos). Era assim... olhe, eu tenho recordações de infância tão lindas, tão lindas, com o meu pai. Eu fui filha única durante doze anos, o meu pai foi um desgosto grande... sei que a minha mãe uma vez foi lavar a roupa e eu queria ir para a ribeira, ainda enquanto vivíamos lá e eu queria ir com ela e ela: "Não!" Estava frio, tinha razão para isso. Era na Primavera, já era tempo dos grilos, e o meu pai, o que é que ele fez? "Olha, vou-te ensinar a apanhar grilos." O que é que ele fez? Uma gaiola, duas placazinhas de cortiça, uma por baixo e outra por cima e depois araminhos que ele fez, depois foi-me ensinar a apanhar grilos! Acha que há recordações mais giras do que estas? Lembro-me de uma outra com o meu pai, em que a minha prima fez a primeira comunhão e foram para a Amêndoa, que era a sede, e a minha mãe enganou-me, eu queria ir e ela não me queria levar, porque não havia lugar ou uma coisa assim, e eu dormi em casa da minha avó. Ela fez de propósito. Dormiu lá, com as minhas tias mais novas porque a minha mãe era das mais velhas, e depois as

minhas tias eram muito mais novas. Eu cheguei a ir aos bailes com as minhas tias. E depois, quando foi de manhã, ela acordou e quando lá cheguei já se tinham ido embora e eu chorei, chorei! (risos). O meu pai na altura tinha uma motorizada, trabalhava nas resinagens, era assim uma espécie de... angariador, vigilante, vigiava, não resinava, vigiava... eu fui assim um bocadinho mimada... e diz ele assim: "Deixa lá, não te rales", fui ao guarda fato, lá escolhi a roupa, meteu-me na motorizada e fomos para uma feira, para Belver. Não me lembro muito depois na feira. Outra, e acho que foi nessa feira, feira ou festa, comprou-me uma rifa, saiu-me um foguete... eu deitava foguetes! (risos)

– Saiu um foguete na rifa?! Saiam foguetes nas rifas? Isso agora dava um processo criminal!

– Pois dava! (risos). E então quando chegou lá, isto eu tinha menos de 8 anos, andava nessa idade, e depois quando cheguei, quando chegámos a Chão de Lopes, à noite, o jantar de domingo era sempre em casa dos meus avós, juntavam-se os filhos todos e os netos todos... era sagrado! Na altura estavam casados lá três filhos.

– Os outros viessem de onde viessem... ?

– Não, já não, uma tia minha está em Cardigos, a outra estava em Alhandra, não, era mais os que estavam ali. O meu pai era caçador e na altura havia muita caça, no tempo da caça a minha avó não fazia o jantar sem o meu pai vir com a caça, porque o jantar era a caça que ele trazia. E então... mas voltando atrás, o meu pai chegou lá e teve que ir deitar o foguete, fechei-me no quarto da minha avó, chorei, chorei, chorei e enquanto não vi o foguete, não arrebentou! Olhe são lembranças...

– Muito boas histórias. Porque depois a vida tem isto, não é? A gente tem memórias de escola, mas às vezes o que é mais relevante é o que está à volta...

– É, as minhas memórias de escola foi o que lhe disse, se eu fosse uma miúda rebelde ou assim, se calhar teria... de resto foi uma vivência assim muito pacífica, tirando essas coisas que aconteciam, algumas bulhas que poderíamos ter, não digo que não, mas...

– Olhe, mas tem ideia... de pensar, em criança ou até mesmo já depois, se tinha alguma expectativa da escola ou uma antecipação... o que é que gostava de ser? Nunca pensou, não se lembra de ter esses pensamentos, quando era mais criança? Não lhe ocorre?

– Não, acho que sempre gostei de ser professora, era. Eu, se voltasse atrás, a viver nos tempos em que vivia, tornava a ser professora, nestes tempos já não sei.

– Pensar no futuro, o que é que gostava de ser quando fosse grande?

– Sempre se manteve. Olhe, a esse nível, tem fraca entrevista (risos), porque eu não fui assim de grandes ambições. Gostei sempre de viver uma vida assim calma, pacífica.

– E as maiores diferenças que a Rosa acha da escola do seu tempo para aquela que depois foi a escola dos seus filhos e, eventualmente, como já os tem, dos seus netos? Se há momentos de ruptura... coisas assim muito óbvias?

– Ah, acho que sim, aquela... como é que eu hei-de dizer... aquelas exigências de compostura que nos faziam na escola, no meu tempo, mesmo aqui em Proença... havia a Mocidade Portuguesa, era mais para os rapazes... aqui só havia para os rapazes. Uma diferença enorme entre o professor e o aluno, que o professor, uma distância muito, muito grande... que eu de certo modo compreendo. Eu fui para a aldeia com 21 anos, comecei a trabalhar com 20 anos, a dar aulas, fiz anos em março e comecei em outubro a dar aulas... era um desconhecido e eu como sempre fui uma pessoa tímida, tive sempre assim um bocadinho de medo que as coisas, pronto... e sempre mantive assim uma certa distância. Não tem a ver, como lhe digo, quem me conhece no fundo faz uma ideia diferente, aliás, já mo disseram, pessoas que começaram a conviver: "Ai, eu fazia uma ideia completamente diferente de ti", porque eu até que não tenho assim uma certa confiança com a pessoa, eu não me abro muito e isso aconteceu-me também na escola, mas pronto, depois fui...

lembro-me que no 1.º ano ou no 2.º ano que lá estive, partiram-me um vidro da escola, uns rapazolas...
– Mas na brincadeira ou foi coisa... ?
– Ah, já foi assim há muito... não sei se a maldade foi assim muito grande, mas era para intimidar ou coisa do género, penso eu que tinha a ver com isso. E eu fiquei muito aflita: "O que é que eu faço, o que é que eu faço?" e comuniquei à guarda, pronto. Porque eu tinha que manter um certo respeito, eu tinha 20 anos! E havia ali muita gente nova!
– Sentiu alguma vez alguma falta de respeito, por parte de alguém? De famílias, ou recusa, por causa de ser professora?
– Não, não. Só mais tarde, bem mais tarde é que tive assim um episódiozinho ligeiro, mas essa pessoa tinha episódios maus com toda a gente e eu então interiorizei o que aconteceu comigo. Já aconteceu (...). Entretanto chamei a guarda e a guarda foi lá, mandei, não sei se comuniquei com a delegação, acho que sim, que falei com a delegação e a delegação é que me disse, e depois perguntaram-me: "Mas quer que a gente investigue" e eu disse: "Não, não há necessidade disso, é apenas para eles saberem que é para respeitar, não é para chegar aqui... ", quer dizer, eu sempre quis que me dessem respeito, mais... não é porque eu me considerasse superior, mas pronto... tinha medo, era mais uma questão de medo! De resto, sempre me dei às mil maravilhas com toda a gente, todos, todos, todos tempos. Essa já foi bem mais tarde, ela tinha vários filhos, era uma pessoa pouco recomendável, em higiene e tudo, os filhos vinham a cheirar, eles faziam xixi na cama, aquilo a higiene não era nenhuma, aquilo era um cheiro e piolhos e mais não sei o quê, pronto. E então, tinha uma filha que tinha realmente muitos problemas de aprendizagem, muitos mesmo, as outras até eram razoáveis e passaram sempre, os outros passaram sempre, mas aquela não, pronto. E eu sei que tive uma visita do inspetor nessa altura e ela andava no 1.º ano e ele perguntou-me: "Então como é o nível dos alunos do 1.º ano?" E eu tinha uns três ou quatro e disse: "Olhe, esta menina tem muitas dificuldades e não consegue acompanhar os outros", e lembro-me de ele perguntar: "Então, mas faz os mesmos exercícios para uma e para outra?", e eu disse: "Não, então ela não é capaz de acompanhar, ela anda bastante mais atrás nas letras e bastante mais atrás, tenho que lhe fazer exercícios separados" e ele quis ver o caderno diário do que estava, dela, e depois disse: "Pronto, está a fazer bem, é assim mesmo que se faz", e eu: "Pois é senhor inspetor, mas a mãe já está farta de ralhar comigo."
– Ia à escola ralhar com a Rosa?
– E no fim do ano, uma das vezes foi. E eu disse que não chumbou, mas houve um filho mais velho num ano que chumbou, "Pois, porque ela não anda com eles... ", não sei quê, e eu disse-lhe assim: "Mas olhe que é assim que deve ser. Eu já cá tive o inspetor e o inspetor viu" e houve um ano que o filho mais velho chumbou e disse-me: "Pois, não chumbou o Nuno, porque o Nuno é rico, eu como sou pobre, chumbou-me"... percebe? Assim este tipo de coisas. Mas ela era má! Ela era tão má que depois foi para outras pessoas dizer assim: "Eu hoje deixei a professora que vai chorar toda a noite", percebe? E conseguiu, porque eu fiquei muito embatucada, fiquei muito enervada, mas depois passou-me.
– E a Rosa lembra-se, no seu tempo, enquanto foi estudante e depois já professora, esses contrastes sociais, isso ser acentuado?
– Existia.
– Ou como aluna?
– Como aluna... tem graça, são coisas que nos dizem mais tarde. Eu sempre procurei... pronto, faz parte da minha maneira de ser... ser simpática com as pessoas, sejam elas mais ricas, menos ricas... e enquanto andei, tanto na escola, como no colégio, não me fazia diferença, gostava da pessoa, convivia com ela e tudo bem. Mas mais tarde apercebi-me

que os meninos que vinham das aldeias eram, e pelas próprias pessoas que diziam, eram postos assim um bocadinho de lado e até marginalizados pelos próprios colegas, e sei que uma delas disse-me: "Mas olha que tu nunca me fizeste isso... "

– Uma aluna?

– Uma colega... mas havia essas diferenças, só mais...

– Sobretudo os que vinham das aldeias?

– De Proença.

– Porque vocês eram vistos já como os meninos da cidade?

– Meninos da Vila.

– Então havia essa discrepância entre aquilo que já era como sendo da aldeia?

– Era, era. Havia o: "Eu sou importante e tu não", havia, havia. No tempo em que eu fui estudante, tanto na primária como depois nas outras havia essa diferença.

– Em termos até de discrepâncias, nas aulas, a Rosa sentia que havia... essas coisas traduziam-se, sei lá, na sua turma alguém que fosse filho de alguém mais importante... ou era tudo mais homogéneo?

– Na minha turma nunca dei, se houve, eu não me apercebi que os meus professores, os que foram meus professores, discriminassem. Nunca vi. Essa discriminação havia mais entre os próprios alunos. A minha irmã notou, a minha irmã, e foi por isso que ela foi...

– Com uma diferença de 12 anos... já notou?

– Uma diferença de 12 anos, teve aqui numa escola, infelizmente, com uma colega que está, destas que foi minha colega de curso, a minha irmã chegou a ter febre e a não ir à escola, quando a minha mãe lhe dizia que ela que não ia à escola, a febre passava. E no rés do chão vivia um médico e a minha mãe falava com ele: "Ó Dr., veja lá... então a minha filha estava com febre!" e ele via: "E agora já está ali aos pulos!" A minha irmã se falar nisso, chora. E então, o que é que acontecia? Ela notava que a filha de um senhor que era tido como uma pessoa importante cá, que tinha um tratamento especial por parte da professora. Ela contou-me algumas, uma das vezes que me contou, ela chorou.

– Então a sua irmã fez só a primária aqui em Proença?

– E por isso é que eu a levei no 4.º ano comigo.

– Então, nunca tiveram professoras em comum?

– Não, não, eu é que fui professora dela.

– E isso a partir de que classe?

– Foi só no 4.º ano, na 4.ª classe, na altura era 4.ª classe.

– Então durante três anos ela teve essa professora e... ?

– Não, não, ela teve várias. Porque essa só cá esteve um ano, essa professora que fez grande diferença, mas ela sentiu-se, até inclusive por uma professora que estava cá, que ela uma vez, até para mim, perguntou: "Qual é o curso da sua irmã?", "Ah, é História", "Bah! Um curso de História... se fosse de Física ou Matemática... ", percebe?

– Mas uma professora?

– Uma professora, para mim, já colega, a falar da minha irmã, para mim que já era colega dessa professora com um certo desdém, como quem diz "Ah, é um cursozelho" como quem diz, percebe? Porque nunca a consideraram uma boa aluna e a minha irmã... pronto, tirou o seu curso, está a trabalhar.

– O que é que ela faz na vida, a sua irmã?

– A minha irmã tirou o curso de História, é licenciada em História e é... em Queluz, é técnica superior, nunca quis concorrer para conservadora, diz que gosta daquele trabalho, é técnica superior.

– Gostava muito de falar com ela, se possível, gostava de falar com ela. (...) Eu tinha aqui uma última pergunta que se dirige a si especificamente, mas eu talvez até lhe peça para a Rosa escrever um pouquinho sobre isto, não se importava?
– Eu não gosto muito de escrever, vou tentar, logo se vê.
– É um pouco dentro desta pergunta que já lhe fiz, que tem a ver com estes momentos de viragem, de um certo modelo de educação, ou de escola, que você tenha sentido que houve ali umas mudanças, em termos dos conteúdos?
– Sim, olhe por isso é que ...
– Até com os pais... se os pais vinham à escola exigir coisas ou não... ?
– Não, eu não tive esses problemas.
– Desde que você se lembra de quando foi aluna e comparando aquilo que foi o seu processo de ser aluna com aquilo que depois foi o seu processo de ensinar, como professora, e depois até de acompanhar a evolução dos seus filhos ou dos seus netos assim nas mudanças principais, sei lá... essa do 25 de Abril deve ter sido...
– Houve sempre muitas... foi.
– Depois, anos 80, o que é que se passou? Pense por décadas mais ou menos o que é que a Rosa acha.
– O que eu acho é assim de uma visão, enquanto fui aluna, o ensino era à base de memória, não havia cá a preocupação de explicar porque é que é isto, porque é que é aquilo, porque é aqueloutro. Aprendes a tabuada? Está aí, olha, 2x1,2, 2x2, 4, pronto, é isso. Aprendes os rios, aprendes isto, mesmo a nível de matemática, a conta é assim, e não havia aquela, pelo menos eu não me lembro, de me tentarem dar essas explicações. Até porque às vezes eram turmas enormes, com quatro anos de escolaridade nas aldeias, e não havia tempo para isso. Memorizas! Apelava-se à memória. Enquanto professora, eu notei que já começou a haver... vamos aprender a tabuada, vamos lá a ver, porque é que a gente diz 2x4? Não é só memorizar, temos que perceber porque é que é 2x4... ”Olha, imagina que tens aqui quatro maçãs e tens aqui quatro maçãs, mas eu não quero que tu as tragas todas de uma vez, vais lá buscar, foste lá uma vez, trouxeste quatro, foste lá outra vez, trouxeste quatro. O que é que aconteceu? Foste lá duas vezes e trouxeste quatro, quantas maçãs tiveste ao todo? 8, não é?” Tentar perceber porque é que é 2x4, porque é que é 3x9, porque é que é 9x5, isto a nível de tabuada e depois também relacionado com as adições... não me lembro de ninguém me explicar isso... entende? Quando foi, por exemplo, a adição com transporte... também é assim, é assim e acabou-se! Eu tentava inventar histórias, temos por exemplo, 17+25, 7+5 são 12, fazia-os perceber, 12, é uma dezena mais dois, não é? Ah, e depois pôr sempre as unidades debaixo das unidades, as dezenas debaixo das dezenas, não é? Agora, se tu tens aqui, 7 e 5 são 12, o 12 é das unidades, tem que vir para aqui para as unidades, e agora vamos deitar fora as dezenas? Temos que as levar para ali e depois no começo, começávamos a pôr um unzinho lá em cima, também tens que o somar e depois passar daí para a abstração, percebe? Acho que o ensino a este nível melhorou muito. Mais um cuidado maior pela leitura, pela interpretação, por ir em busca das tradições já das terras, isto mais para o fim, não digo que começasse logo no meu começo de professora, mais do meio... que ao fim e ao cabo, entrevistar as pessoas, fazer convívios com elas, portanto, estas coisas todas. Nos meus filhos... ah, outra coisa que achei mal no ensino enquanto professora, houve constantemente mudanças de programas que nunca chegavam ao fim. Ainda o programa não tinha chegado ao fim, ainda não tínhamos tirado conclusões se realmente valeu ou não valeu a pena, lá vinha outro!... Vinha um novo governo, vamos lá mudar o programa outra vez... vamos lá mudar isto!... Acho que isso foi péssimo, nunca se chegou, que eu desse por ela, nunca se chegou a conclusão nenhuma...

– E a Rosa nunca deixou de fazer o que fazia por causa dessa coisa contínua de mudanças de programa?
– Não, eu tentava! Lá tinha que me adaptar porque, entretanto, vinham coisas ligeiramente diferentes, olhe agora há coisas com os meus netos que eu não entendo...
– Como por exemplo?
– Eu sei lá, na matemática, números diferentes, na gramática... vejo ali coisas até em perguntas, e vejo no livro do meu neto que está no 7.º ano, "Ó Catarina, o que é isto?", "Ó mãe, sei lá, olha... ", a minha filha comprou uma gramática para ela estudar para perceber, mudavam a nomenclatura, mudavam aquilo tudo, mas baralham... e ao fim e ao cabo é o mesmo... e eu não percebo! Se as pessoas antigamente escreviam, se temos um Miguel Torga, temos um Alexandre Herculano, um Fernando Namora que escreveram tão bem usando este tipo de ensino... que eu acho que devem ser bem explicadas as coisas, e aí eu concordo... para que é que é preciso mudar os nomes das coisas, isso eu não percebo, não consigo entender. Tenho uma prima que é professora e que me diz assim: "Olha, se tu agora fosses ensinar, vias-te atrapalhada, já não percebias nada"... Portanto, são estas grandes mudanças que eu acho. No meu tempo, enquanto aluna, era tudo empírico, "Vai, aprende, isto é para aprender e acabou-se", coisas desnecessárias, não havia necessidade nenhuma de andar a decorar os rios todos e os afluentes e os subafluentes e as linhas de caminho de ferro e as serras... há coisas que eu acho, os principais rios e assim, acho que isso é importante, agora tudo, tudo, tudo, como era? E depois partiu-se realmente para uma coisa que acho muito, muito bom, que é tentar explicar às crianças porque é que é assim, principalmente a nível da matemática.
– E, basicamente, a Rosa sentiu esta transição desde que foi aluna para depois, com a sua prática quando foi professora?
– Exatamente.
– Sente que a Rosa foi uma daquelas professoras que conseguir quebrar com um certo modelo pedagógico?
– Tentei... tentei.
– Fez esse esforço consciente, ou foi uma coisa que já estava incutida na sua educação, talvez no Magistério, incutiram-lhe esse... ?
– Não, não. O Magistério para mim, pelo menos o Magistério, deu-me umas luzes, mas o aprender, aprender, está dentro de nós, está... eu acho que se se é professora, tem que se sentir, tem que se ter vontade, tem que... é vir para casa, muitas vezes, tantas vezes que isso me aconteceu...
– Sim, mas passou-lhe pela cabeça: "Eu, Rosa, agora sou professora, quero fazer igual àquilo que vi as outras professoras fazerem comigo ou quero fazer um esforço para... "?
– Quero fazer um esforço para modificar! Quero fazer um esforço, e não haver aqui ricos nem pobres, nem mais espertos, nem menos espertos... e houve sempre uma coisa... e eu orgulho-me disso comigo mesma, foi quando tinha um aluno com dificuldades... se tivesse que ralhar com eles, ralhava! Todos! Se tivesse que dar um elogio, dava, ai dava, dava! Tinha às vezes alunos com muitas dificuldades: "Eu não sou capaz, professora", "Ai, isso é que és, é assim. Sou capaz de ralhar contigo, e até de te dar uma palmada, se fizeres uma coisa errada e não me perguntas porque é que se faz. Agora se tu me disseres: 'Ó professora eu não percebo', eu até fico contente, fico triste se não me perguntares." E quando às vezes estavam a fazer um exercício que eu às vezes andava pelo meio deles e via que o miúdo tinha dificuldade nisto ou naquilo e que estava a fazer bem, eu dizia: "Ó pá, vês, conseguiste!... "
– Dava esse incentivo?
– Acho que é muito importante.

– Faziam-lhe isso, como aluna? Se calhar quando errava, castigavam-na.
– Nunca dei por isso.
– Nunca houve uma professora que a tivesse incentivado, olha fizeste bem ou... ?
– Não me lembro.
– Sem ser aquela do rebuçado, não é?
– (risos) A do rebuçado foi mais uma coisa engraçada, uma coisa simbólica que ela fez, não, ela até dizia que eu era muito boa aluna, que era muito certinha.
– Ah, mas dizia.
– Dizia que era certinha: "Ela era muito certinha", algum dia lhe perguntaram, na brincadeira: "Então ela foi tua aluna, como é que foi?", "Era uma miúda muito certinha."
– Ah, mas isso já foi depois, não lhe dizia a si lá enquanto era aluna?
– Não, não. Agora digo muita vez para o meu marido às vezes. "nós não podemos estar a derrotar uma pessoa, não podemos!", se um aluno faz mal, também não lhe podemos dizer que faz bem... "Olha, isto está mal! Agora vamos ver como é que se faz bem e agora vais--te esforçar." Lembro-me uma vez que mandei estudar um ditado: "Amanhã vou fazer um ditado desta lição, portanto, estudem em casa, não quero erros", apareceu lá uma aluna que ela não era muito inteligente, coitada, fazia o que podia, cada um tem as suas capacidades e ela chegou lá e aquilo foi só erros: "Ó Sandra, por amor de Deus, tu não estudaste em casa?" e dei-lhe umas palmadas, dei-lhe mesmo assim naquele rabo, dei-lhe umas palmadas... e depois disse-lhe assim: "Amanhã, vou-te fazer o mesmo ditado, quero ver o que é que daí vem", oh, no outro dia não teve erros: "Porque é que foi preciso isso, Sandra?", "Eu estava a merecê-las, pois, eu estava a merecê-las!" (risos), percebe? E eu acho que isto assim é que nos ajuda a criar relações com os alunos, não é só dizer está tudo bem...
– Os seus alunos fazem-lhe homenagens? Já lhe fizeram jantares ou almoços... ?
– Não, por acaso não, nunca fizeram, mas fazem-me homenagens quando me vêm e "Olha a minha professora!" e vêem-me cumprimentar. Há um deles que é meu aluno e está ali num ecocentro e eu vou lá muitas vezes levar coisas, é o Luís Manuel: "Olha a minha professora, Rosa Maria Antunes Coelho!" Faz-me sempre uma festa e se tem os filhos ao pé: "Olha, esta senhora foi minha professora, estás a ver, foi ela que me ensinou", isto para mim é uma homenagem suficiente, não preciso de mais, é essa história que o miúdo diz das leituras, é outra que diz que a professorinha dela foi a melhor professora da vida dela e só fui professora na 4.ª classe, é uma outra que é formada em Línguas e foi estudar, e diz que: "Se não dou erros, devo à minha professora", eles é que dizem, sabe? É um feedback que eu recebo, não quer dizer que seja tudo bom, que não foi tudo bom...
– Temos críticos às vezes onde menos merecemos!...
– Não, também fiz asneiras, pela certa que fiz asneiras, disso não tenho dúvida nenhuma. (...) Olhe, eu só quero pedir desculpa porque eu se calhar andei-me para aqui a auto elogiar...
– Porquê?
– Não diga isto a ninguém que eu disse isto... é aquilo que sinto, é aquilo que acontece.
– Então, as pessoas têm esses feedbacks, têm que os dar, têm que os devolver...
– Olhe tenho aqui 4. Olhe aqui com os alunos do Vale da Água no dia da criança, fomos à ribeira. Esta é a Isabel, está a ler uma história, depois estivemos a fazer barcos, a tomar banho...
– Rosa, eu prometo que lhe estimo estas... eu não queria estar a levar estas coisas só que realmente eu preciso de um bocadinho mais de condições para isto ficar como deve de ser, e ter um bocadinho mais de tempo... eu trago-lhe isto rapidamente, pode ser? Tudo isto.
– Está bem. (...)

– A gente ainda tem que falar porque depois, nem que sentemos à frente do computador e você a dizer-me o nome das pessoas que se lembra.
– Vamos fazer isso dos nomes com a Nazaré porque nós somos da mesma turma, ela é esta...
– É que eu agora estou com uma pena aqui de duas coisas... eu não quero estar a filmar, como disse que não se sente muito à vontade... eu geralmente ponho a máquina a filmar, porque quero fazer um apanhado das entrevistas... e esta parte em que você leu aquela historinha da redação e esta outra em que estava a falar do seu método... estou cheia de pena de não ter gravado, e talvez faça um encontro entre si e a Nazaré, e com o consentimento das duas, talvez para si seja mais desinibidor estar em conversa... para eu filmar, porque eu queria muito captar um excerto para fazer em documentário... pense nisso.
– Essas coisas, eu estou à vontade a falar, mas depois se sei que estou...
– Isto também não é para as pessoas se porem em papeis em que não se sentem confortáveis, mas lá está, estas coisas são únicas!
– Vou dizer à minha filha que traga as fotografias.
– Pronto, eu não a empato mais, já estou aqui, se calhar, a atrasar a sua vida.

– Rosalina Neves Martins –

Naturalidade: Roda (Cardigos, Mação)
Data de nascimento: 24-10-1930
Residência atual: Roda (Cardigos)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 3.ª classe (adulta)

Entrevista realizada por Ana Isabel Madeira (gravação audio), Roda, Cardigos, Mação (22-08--2019). Seguida de entrevista realizada por Helena Cabeleira (gravação audiovisual), Roda, Cardigos, Mação (07-11-2019), e integrada na série "Fotos Faladas" (disponível online no Canal Youtube *Memórias Resgatadas*).

– Então, Dona Rosalina, diga lá o que ia a dizer. Portanto, foi à escola, mas isso tem uma história?
– Tem uma história. Eu fui aos sete anos, para servir e guardar cabras, para Santo António de Marmeleiro e depois o meu pai, que sabia ler muito bem, ensinava-nos as primeiras letras: Aa, Bb, Dd... duas a duas isso ensinou-nos, já depois de vir de lá, estive lá dois anos, ensinava-nos. Mas ele tinha uma palmatória de cinco olhos... que a gente chamava 'a menina dos cinco olhos' e, então...
– O pai?
– Pois. Às vezes batia-nos. Não batia muito, porque ele não era muito batilhão. A minha mãe era mais batilhona que ele, com o canudo batia mais à gente que ele! (risos) E depois a gente... quando eu comecei a arrebitar, aí com os dez anos ou onze, acho que eu tive na escola só um mês, só um mês... não sei porquê... Ah, porque depois eu vim de Santo António de Marmeleiro fui além, para casa de um tio meu, guardar cabras. E depois juntei-me eu, mais aqui a Nazaré, a mãe da Anabela... ainda a conheceu, não? Aqui da tia Nazaré?
– Conheci, conheci. Que morreu o ano passado, ou há dois anos?
– Há dois anos ou três. Era eu e ela, uma rapariga que está no Casalinho, que era Maria, que está ali naquele cantinho logo à ponta em baixo... duas... estas aqui, não quis ir nenhuma...
– A Inácia e a Nazaré?
– A Nazaré não foi à escola. A Inácia acho que foi. Daqui a gente fomos... era eu, a Nazaré e a aquela... e a Maria do Casalinho, e eram além duas do Cabeço.
– Portanto, era uma data de miúdas, da mesma idade?

– Éramos umas cinco ou seis. Com que idade? Quando a gente começou a arrebitar, entre os treze ou catorze, por aí assim. E, então, trataram-nos de um primo meu, que é irmão lá em cima da Teresa. Conhece a Teresa? E o marido dela... e era o irmão também, o marido da Maria de além, da Maria Augusta. Primeiro foi o irmão Silvério que era mais velho, depois ele foi para carteiro, e foi o Manuel. Juntavam-se na minha casa ao serão, e esse então é que nos desemburrou bem... sabíamos lá o que era escrever, não sabíamos? E, então, lá lhe comprávamos um par de meias numa festa, uma gravata por outra e ele, então... éramos algumas cinco... já nos levou bem, já fazíamos bem uma carta... bem, bem, não... depois, pronto, já sabia... alguns três ou quatro anos, nos serões, que a gente ia para lá sempre embicar para a minha casa. E era assim, tinha lá o tear num salão como aqui este, porque lá era a casa do meu avô. e íamos para lá... com o candeeiro, ali fazíamos serões. Primeiro estudávamos, depois dizíamos anedotas, depois liam eles histórias e pronto. Depois, mais tarde, isto já a gente tinha uns vinte anos, estavam em Cardigos dois professores, que era a dona Adelaide que era a mãe do rapaz que está além e da Ana Maria que era de Cardigos... e era o professor Farias, nunca mais soube se esse professor... ela já morreu há uns poucos anos, ele não sei se já morreu se não. Então, eles lá contrataram ao Estado qualquer coisa, e depois das cinco horas, que eu trabalhava em Cardigos nos teares grandes, na dona Lurdes lá em cima, ao pé do cemitério. Trabalhei lá desde aí dos dezassete anos até aos vinte e oito, trabalhei lá uns poucos anos. Era naqueles teares grandes de fazer mantas, linhos, toalhas, fiz muita tralha aqui, fiz muitas coisas. Depois, então, a dona Adelaide e esse professor Farias, acho que eram pagos... aí das cinco ou das seis, então juntavam-se na escola, ele era com os moços, ela com as cachopas.
– Ela quem?
– A dona Adelaide que era a mãe além do Artur, de um que está além naquela casa. Ela era a dona Adelaide, e ele era o professor Farias.
– A dona Adelaide e o professor Farias eram contratados pelo Estado?
– Acho que sim, ela era professora na Chaveira.
– Ela era professora na Chaveira e ele?
– E ele não sei. Ele não era por aqui perto. Foi ali também dos moços uma temporada... era dos moços de cá, também era. Ela da Chaveira e ele era aqui dos moços.
– Dos moços? O que é ‘dos moços’?
– Dos rapazes!
– Ah! Ok! Fazia parte dos rapazes aqui de Cardigos.
– Pois. Andou no 3.º ou 4.º ano, pronto. Ela era professora... eram duas escolas, porque havia muita gente.
– Onde é que era essa escola?
– É ali. Ainda ali está. Ali no moinho de vento.
– Qual? Onde é agora a escola primária?
– Pois. Era... da parte de cima era as cachopas, e da parte de baixo eram os moços. Então, a gente, já não sei... a gente trabalhava até o sol posto, era só quando o sol dava as abaladas é que a gente saía. Então vínhamos para lá e ela levou-nos à 3.ª classe. Ela desemburrou muitas por aqui. Era eu, a minha irmã daqui, a Virgínia, era uma rapariga da Lameirocha.
– E quanto tempo é que levou até serem apresentadas a exame?
– Não sei. Isso foram uns dois anos. Eu foi mais. A minha irmã, esta que está aqui, foram três, esta, a da Lameirocha e uma do Carvalhal quiseram casar em Fevereiro e... espere... deixe ver se eu me lembro... talvez em 54. A minha irmã casou em 54. Acho que o meu marido foi para a tropa naquele ano... foi em 54. Casou em Maio de 54 aqui a Virgínia.
– Portanto, isso deve ter-se passado entre 51 e 53, claro.

– Por aí assim, não sei, já não me lembro.
– No início dos anos 50.
– Já não sei quantos anos a gente lá andou, se foi dois... talvez dois chegassem. Não sei se foi mais se não. Já não me lembro disso.
– E depois foram fazer o exame da 3.ª classe onde?
– Fomos a Mação.
– Passaram todas?
– Espere. A minha irmã e essas três que quiseram casar em Fevereiro, e ela não quis, não as levou todas, e a gente ficou já para o fim do Verão.
– E a dona Rosalina foi nessa leva?
– A minha irmã foi em Fevereiro, porque quis casar em Janeiro ou Fevereiro por aí assim, porque quis-se casar. E depois as casadas já lá não iam. Eram outras, levou acho que três. Foi aqui a Virgínia, foi uma irmã que era ali da Chica que já morreu (...). Só levou essas três. A da Lameirocha ainda está viva, a irmã Piedade e a do Carvalhal não sei. Como elas iam casar, levou-as assim só, porque elas casaram em Fevereiro. Levou-as, e depois então a gente ficámos mais esse Verão. Daqui por diante até ao fim do Verão. Então levou, eu não sei, mas acho que ainda ficaram ao fim para trás desta camada. Ela ensinou muitas, porque quase toda a gente por aí não tinham... não sabiam ler... e então ela levou quase toda a gente.
– Então, vamos voltar um bocadinho atrás, porque eu achei interessante aquilo que me contou. A dona Rosalina primeiro que tudo tem quantas irmãs?
– A gente éramos seis cachopas e dois moços. Só os mais novos é que foram à escola. Não, espere... foram mais. Eu tinha uma tia no Penhascoso, que era assim já meia alabardoada... faz de conta...
– Era quê?
– Uma tia minha, uma irmã do meu pai, do Penhascoso. Depois essa puxou para lá a mais velha. Levou-a lá, ensinou-a à escola... essa tinha a 4.ª classe. A escola, a costura.
– Uma das suas irmãs foi para casa da tia e a tia pô-la na escola, é isso?
– Pôs... isto no Penhascoso. Outra, a daqui, foi para a Tujira, para ao pé do Sardoal que ainda lá há uma prima... que tiveram uma queimada, uma vez que lá houve, não sei se ouviu falar no outro dia? Uma queima no Sardoal? Ela coitadinha, foi para a apagar, morreu lá queimada.
– Não me diga?
– Foi uma pena. A outra, a Virginia foi para lá também nova. Levou-a para lá, era a minha madrinha, era a tia Neves. Levou-a para lá também. O mais velho é que não foi à escola, também sabia ler, mas sabia pouco.
– Então, dos irmãos todos, eram oito?
– Eram oito.
– Oito. Foram todos à escola?
– Todos. Quase todos. O do Carrascal, o Tónho, não sei.
– Sim, eu conheço, o António.
– Esse tem a 4.ª. Depois atrás dele é uma que está na Alemanha, também a tem, mas essa não aprendeu com a gente, também foi na escola. A Assunção que é aquela que tem a casa ao pé da minha... todas sabem, já todas sabem... e a mais nova então, essa fez a 4.ª. As outras acho que foi a 3.ª para aí, mas a mais nova que está na França foi a 4.ª também.
– Muito bem. Mas a dona Rosalina disse, portanto, todos os irmãos ou foram à escola...
– Foram. Todos sabiam.
– Todos sabiam. Mas o seu pai também lhes dava umas luzes, não era?

– O meu pai sabia muito bem, porque o padrinho dele era padre. Era padre e ensinou-o, e ele era um dos melhores alunos... e esta aqui tem que se lhe diga! Ele era um dos melhores alunos de Cardigos, mas a professora daquele tempo quis levar um filho do senhor Mário, que era o "Ai Jesus" de Cardigos.
– Quem é o senhor Mário?
– Já morreu tudo. Já morreu tudo há muito. E deixou-o a ele para trás, não o levou. O padrinho teve muita pena. Mas o meu pai sabia ler muito bem, correctamente, até era um dos que por aí sabia mais! Não é gabá-lo, mas é o que era verdade. Ele sabia muito bem ler histórias, pronto, e tudo...
– E porque é que ela preferiu o outro?
– Não sei. Porque naquele tempo não podiam levar muitos, só levavam alguns três ou quatro e não o levou. Não sei.
– Mas naquele tempo estamos a falar dos anos 20. Não é? Ou menos?
– Pois. Não sei.
– Ou ainda seria no tempo da Monarquia?
– Não sei, eu acho que o meu pai que nasceu em 1880 para aí.
– Então ainda foi no tempo da Monarquia. E o seu pai foi ensinado por um padre?
– Foi, foi. Foi batizado por um padre e então...
– E aprendeu a ler e a escrever bem?
– Tinha a 4.ª classe, o que é... é que não a fez naquele ano. Fez-lo andar lá mais um ano. Mas no fim fez.
– Mas depois fez o exame ou não?
– Fez, fez, tinha o exame da 4.ª.
– Isso era uma coisa bastante rara aqui, não era?
– Era, era. Mas sabe que eles... por isso é que eu digo, do senhor Mário... então isso é uma história muito coisa, porque... muita gente nem gostava dele, porque uma vez esteve cá um professor e eles correram de cá com ele, por causa... não sei se foi por causa das velas, porque ele é que cá tinha naquele tempo a casa das velas... era ele o primeiro. Isso eu já não sei como foi que me contaram... como é que foi essa guerra. Só que eles sacudiram de cá o professor, e o professor disse: "Heita... atentarem-me, nem que seja no fundo do inferno!" e atentou-o sempre! Um filho dele foi para diretor, como é que se chama?! Daqueles da escola... mais que o professor.
– Do secundário? Foi diretor de escola do secundário?
– Ele era dos que mandava nos professores.
– Reitor? Foi reitor?
– Era isso. Esse dos professores e então...
– Desculpe lá que eu me perdi. Esse que foi reitor era quem?
– Era... este daqui? O outro que foi embora? Este daqui safou de cá um professor, e esse professor disse que o havia de atentar, e à gente dele, até ao fundo do inferno! A gente do senhor Mário. E atentou sempre. Depois, porque um filho dele... mas como é que se chama acima os professores que vinham à escola mandar naquele tempo?
– Inspetor?
– Era inspetor ou coisa assim. Um filho dele estudou para isso. E, então, os filhos deste daqui, não deixou estudar nenhum... chumbava-os todos! Só estudou um, porque estudou com o nome trocado com um da Amêndoa.
– Quer dizer, havia uma certa... barravam uns para deixar outros?
– Para deixar outros, era. E, então...
– Não havia igualdade no acesso ao ensino?
– Não, pois era isso.

– Uns iam, outros não iam.
– Pois. Então, esses filhos também já morreram, a família já morreu toda.
– Portanto, era muito importante saber ler... saber e ter educação... era ter poder?
– Pois. E o poder era ele... era ele que tinha o poder da freguesia de Cardigos. E, então, ele estudou. Esse filho estudou com um nome trocado de um rapaz da Amêndoa. Por acaso, calhou. Calhou e estudou, e ele não sabia... com aquele nome trocado, ele não foi lá.
– Não deu conta de quem era?
– Não deu conta de quem era. Depois, pronto, e...
– Isto estamos a falar do tempo do seu pai?
– Pois, do tempo do meu pai.
– E a história do seu pai é outra parecida com essa?
– É outra parecida com esta. Não... a professora acho que só podia levar até uma certa conta.
– E não o levou a ele?
– Não. Pois, acho que foi... não sei se foi ele, se foi outro parecido. Já nem sei quem é que foi que o levou, mas foi ele. Ou ele ou uma irmã que estava casada para Santarém. Para o levar a ele, deixou o meu pai para trás... e ele não foi. Ficou lá mais um ano. Mas foi.
– Mas ele depois fez a 4.ª classe? Pois, porque era no tempo já da República, se calhar. Já foi a exame crescido ou não?
– Já. Então, ele já tinha uns treze ou catorze anos se calhar, isso eu não sei quantos anos ele tinha, mas sei que foi.
– Portanto, o seu pai tinha uma ideia da educação diferente da dos outros pais. Tinha, não tinha?
– Ah pois tinha! Tinha, tinha, tinha, tinha.
– É por isso que sendo, apesar de tudo, uma pessoa modesta...
– A minha mãe também era esperta... isso eu digo. Mas ali em casa ele é que nos ensinou a maior parte das coisas daquele tempo. A gente ia para a escola e tinha o cabelo assim garalhão... eu só andei lá um mês... mas muitas andavam cheias de piolhos, mas olhe que aqui na minha casa nunca houve piolhos. Eu apanhei-os uma vez, tratou logo de me cortar o cabelo rente. Raios parta! (risos)
– Portanto ele é que ensinava não só as matérias... como também higiene?
– Tudo! A irmã dele era assim, era já uma pessoa fina e mais coisa... ela foi servir para Alferrerede e casou lá.
– A irmã do seu pai?
– Sim... pronto. Ela era assim já mais instruída!
– E era porquê?
– Não sei. Porque foi mais coisa... porque ele era um dos mais alfeirinhos que por aqui andava... era engraçado.
– Alfeirinho?! O que é alfeirinho?
– Então! Andava sempre bem arranjado e coisa assim! É, era isso.
– Era uma pessoa cuidada, instruída?
– Eu gostava de ouvir a mãe do Joaquim... esse é que sabia dizer. Ele era mais velho do que ela. Dizia que ele andava com uma casaquinha pequenina daquele tempo que se usava, que andava sempre... (risos).
– E qual era a profissão dele?
– Ai ele era trabalhador. Nunca teve...
– Era trabalhador da agricultura?

– Da agricultura, e ia para a cortiça nos primeiros anos, assim, lá para os Alentejos não sei para onde. Ia com os meus tios para a ceifa, para Palma, porque eu tinha cá dois tios que levavam para lá gente, ele ia com eles, com os cunhados. E andava por aqui na horta.
– Então, outra vez, vou-lhe pedir para repetir uma história que é: o seu pai juntava lá em casa uma série de raparigas aqui da aldeia era isso?
– As que iam estudar?
– Sim. Quantas eram ao todo?
– Pois, era eu, a Nazaré, a Maria do Casalinho, além a Patrocina e a Carminda... a Carminda está na Pracana, ainda está viva. Éramos umas seis. As outras não quiseram, ficaram para trás!
– Sim, claro. E como é que começava o serão, diga lá. Lembra-se como é que começava o serão?
– Então, eu era a primeira que para lá ia, porque a gente não estava na casa de habitação, era na parte de baixo. A minha casa era ali onde está a dona Clara, onde é da Maria Adelina ali para baixo, naquela casa que está arranjada era lá para o lado de trás, calhou à minha irmã do Carrascal que vendeu à Maria da Guia ainda, à cunhada da Clara.
– Nesse grupo também estavam os seus irmãos, não estavam? Ou não?
– Não, não. Era só eu.
– Eram só as meninas que não tinham ido à escola?
– As que sabiam ler não iam para lá. Era só eu... e íamos lá para aquela sala que era do meu avô e esteve lá sempre até se vender à Maria da Guia...
– E como é que faziam?
– Então, tínhamos lá o candeeiro, ia para lá, começavam a vir, ali estávamos a falar até que coiso e fazíamos ali serão. Depois ele ensinava.
– Mas como é que estudavam?
– Fazíamos a cópia, dávamos uma lição e fazíamos uma cópia.
– Lembra-se que textos é que fazia? Cópia de quê? Do jornal, de um livro?
– Ai... era do livro. Isso agora eu não sei.
– Era um livro de ensino da escola?
– Era o livro da escola, era. Porque eles tinham... o do 5.º já daquele tempo, o marido da Teresa e o irmão.
– E escreviam? Cada uma tinha o seu papel ou...
– Cada uma tinha o seu caderno! E a sua caneta cada uma! Mas já escrevíamos a sério.
– Tinham cadernos e canetas?... humm
– Pois.
– E começaram por juntar o quê? As sílabas, ou como é que fizeram?
– Não. As sílabas o meu pai ensinou... já a gente sabia juntar assim duas, três... muitas é que ainda não. Mas quando para lá fomos já sabíamos juntar algumas... eu já! Algumas ainda não.
– Então faziam uma cópia?
– Já, já. Eu já fazia, porque eu fazia com o meu pai, e aprendi ainda a juntar... o que é que também quis ir, também queria saber fazer uma carta melhor, por isso é que a gente contratou os meus primos.
– Então, o grande estímulo era poder escrever uma carta aos namorados?
– Uma carta para os moços! Porque eu tinha de andar a pedir. Havia... sabe quem é que me fez muitas? Foi a Nazaré, aquela que ainda morreu há dois anos lá em cima, a Nazaré da Ilha... aquela que tem um balcãozito que anda à volta. Foi essa que ainda me escreveu as primeiras cartas. Olhe, a primeira que ela me escreveu foi aqui para o irmão da Nazaré Rézia, um que já morreu em Elvas.

– E o que escreviam aos namorados?
– (risos) Então, olhe... respondíamos ao que eles perguntavam e quaisquer coisas que a gente arranjava para aí (risos).
– Era comum as pessoas escreverem-se, namorarem-se, por carta. Era isso?
– Era, era. "Desejo que te encontres sinceramente... ", olhe que eu já não sei isto, "... bem de saúde."
– Mas eles viviam aqui na aldeia, não é?
– Eu estava, mas eles estavam para longe! Ele era enfermeiro em Lisboa. Quando ele me escreveu era enfermeiro em Lisboa, ele era enfermeiro.
– Portanto, daí o "desejo que te encontres bem", porque estavam longe...
– Pois, era.
– ... não estavam aqui à porta?
– Não. E ainda namorei um do Penhascoso, esse moço também ainda me escreveu para lá duas, depois... isto foi engraçado, esse cabrão do Penhascoso, eu até gostava do moço. Andávamos lá numa festa uma vez... eu nem devia contar isto...
– Porquê? Faz mal a alguém?
– Não. Não faz a ninguém. Nem me fez mal.
– Já foi há tanto tempo...
– Depois eu tinha lá uma cachopa que era muito... eu também estive lá a servir, um ano ou dois, lá em casa dessa tia minha, a guardar cabras. Era muito amiga lá de uma cachopa e a gente andava para lá a vadiar a cabra, mas isto já eu tinha uns dezassete anos ou dezoito. Depois ele a outro dia, mas eu já não sei porquê, que foi dizer para a outra... porque lá, era a moda... no Penhascoso, nenhuma se casava que não levasse um filho! A minha irmã já levou de cá batizado o filho. E ele depois disse lá... eu sabia por essa tal, amiga minha... disse que depressa me saltava para cima. E eu disse: "Ai isso é assim?!", foi logo uma carta para trás: "Vai para o raio que te parta! Saltas para cima, não é para cima desta!" (risos).
– Ora bem!
– Foi a primeira carta. Essa foi a Nazaré que ma escreveu. Esta Nazaré a gente chamava Nazaré da Eira.
– Bom, era atrevido!
– Era atrevido! Andámos a dançar, então, porque... alguns de cá tinham o costume de apertar muito as cachopas e isso assim, mas este não, ele era atrevido, porque era a moda lá, assim. Não casava nenhuma que fosse honrada, todas já levavam os filhos às costas.
– Às costas... quer dizer, na barriga?
– Na barriga não... o meu já era grandinho. Eu é que cá o criei ainda. Ela teve-o lá até ele se desmamar, depois veio para cá... ah, isso já estava casado... ela teve-o aqui... até foi junto ali, onde é a Ti Prazeres, que ele é da idade do filho da Prazeres. A Prazeres, ele até ia lá para fazer-lhe os bibinhos, e os tecidinhos... e ela ia para lá fazer-lhe o enxoval dela junto comigo. Depois ela casou, já era grandito, não sei se tinha uns três, quatro meses para aí, depois pronto...
– Mas casou com o pai do filho?
– Casou, casou com o pai do filho.
– Portanto, era um costume aqui os rapazes... ?
– Lá no Penhascoso! Aqui não! No Penhascoso é que era a moda!
– ... namoravam as raparigas e casavam com elas já com os filhos.
– Todas! Já com os filhos, já. Nem olhavam, se esta vai de barriga, nem vai, não, não era estranho. Agora aqui era! Aqui era um pandemónio, pah! Se alguma já ia de barriga... faz de conta!

– Muito bem! Então, ficavam nesse serão a fazer cópias... ?
– Pois, até lá para as onze horas, meia noite e íamos para a cama, pronto. Cada um ia ao seu destino. Porque a casa dela... da Nazaré... não era aqui, era lá em cima num cantinho. Num cantinho por trás da Clara que vai para ali uma ruazita que vem ter a esta rua, a casa dela só tinha em cima um quartinho e uma casinha em baixo. Era pequenina. Quando morreu aqui o avô, a a casa era do avô dela, é que o filho a arranjou.
– Aqui, pelo menos aqui na Roda, a maior parte das pessoas sabia ou não sabia ler e escrever?
– A maior parte não sabia. Não sabiam, não.
– E, portanto, também não tinham ido à escola. Não sabiam nem ensinados pelos pais, ou pelos tios, ou pelos avós, ou pelo padre?
– Nem já no meu tempo. Olhe, a Lurdinhas... a gente chamava Lurdinhas à mãe da Paula. Essa não sabe ler, não sabe nada e muitas outras por aí também não sabiam nada. A Encarnação lá em baixo também não sabia nada. A Patrocina a que herdou a casa além também na... nenhuma foi, nenhuma irmã foi à escola.
– Então, mas aprenderam a ler e a escrever depois?
– Não queriam! Nunca foram. Quando a gente foi... como eu disse... elas todas, as que quisessem ir, as que quiseram ir foram. As que eram mais alfeirinhas foram, e as que não quiseram não foram.
– Havia alguma diferença entre os rapazes e as raparigas? As raparigas iam mais ou menos à escola que os rapazes? Havia alguma tendência nesse sentido?
– Os rapazes iam mais.
– Os rapazes iam mais à escola. Porquê? Porque os pais achavam... ?
– Não sei. Porque naquele tempo iam mais, iam. Não sei... eram os pais, que lá mandavam mais os filhos primeiro.
– E deixavam as filhas para trás?
– ... e as filhas iam para trás.
– E o que é que elas iam fazer? Guardar cabras... outras para servir?
– Pois, muitas foram para guardar cabras. Outras para servir. Umas para um lado, outras para o outro.
– Havia um investimento maior nos rapazes?
– Era, era. Muitas, eram muitas, quase todas! Não havia nenhuma que não fosse servir. Poucas, só ali a Zé Brito é que não foi servir.
– E era aqui na zona ou era em Lisboa? Era aqui na região ou era em Lisboa?
– As de Lisboa iam... estudavam para lá, e aqui era aqui as da região.
– Não. Onde é que elas iam trabalhar de servir?
– Ah, a servir iam para longe. Iam, iam.
– Como é que sabiam? Como é que funcionava isso? Havia sempre alguém que...
– Eram os patrões que levavam-nas e traziam-nas. E havia camionetas, não era como agora. Quando elas queriam iam de camioneta, iam e vinham.
– Mas vinham cá as pessoas buscar à aldeia as pessoas, ou era de boca?
– Não... havia sempre pessoas aí em Cardigos, aí dos mais coisas, que: "Vais servir para aqui, vais servir para além."
– Falavam com os pais?
– Falavam... e outras tinham família lá para longe e a família é que as puxava.
– E essas famílias cuidaram, de alguma forma, da educação dessas raparigas ou não?
– Algumas, por exemplo, esta Nazaré da Eira tinha a 4.ª classe. Olhe, o pai dela era carpinteiro... só que foi quando se fez aquela igreja lá em cima, velha, ele é que a fez toda, fez aqueles altares, aquelas coisas bonitas... ficou tonto da cabeça. E, então, ele tinha a

Nazaré, a Hortense, que era uma dona daquela casa que além está quando se vai para Borrega, algumas cinco, todas foram à 4.ª classe. Esse era carpinteiro, mas no fim também teve pouca sorte de ficar doente. A Maria também levou as filhas todas, o marido também era carpinteiro, mas essa as filhas são todas altas! Uma tem uma casa, é uma que tem a casa da parte de cima da Teresa, tem duas farmácias por conta dela em Coimbra. A outra está viúva já, e é uma que era a mulher do irmão ali da Carmita, está divorciada também, é quê? Não sei o que ela é...

– Pronto, mas fez uma licenciatura, é isso?

– Tudo! Essas estão todas bem formadas. E havia assim muitos que, pronto, estavam... havia outros que podiam melhor, outros que tinham muitos filhos... como, por exemplo o meu pai, que tinha um rebanho deles, eram... pronto.

– Há aqui uma coisa que se diz, que algumas pessoas dizem, que a Roda era a terra dos doutores, porque havia muita gente formada.

– Não... mas isso não. Isso é um apelido! O pai da Lúcia, chamavam-no "O maluco", o Ti Joaquim Maluco por alcunha... por alcunha porque ele não era maluco, graças a Deus! E havia outro que chamavam "os Valentes" que ainda estão vivos, muitos... é o Alberto, é o Lucas que são filhos dos Valentes e depois diziam: "Ah valentes!" como é que é? "Valentes como... ", olhe, eu já nem sei dizer... "Malucos com juízo e valentes com... fortes", não sei já como é que é. E havia outros que chamavam... porque havia aí alguns que tinham a alcunha de "Doutor", porque acho que antigamente só houve um doutor há uns seiscentos anos ou setecentos anos, parece que houve cá um doutor. Vivia ali naquelas casas barrondadas, logo ali à frente é que era a casa dele, desse doutor, mas isso eu não sei já explicar.

– Mas mesmo assim houve aqui muitas famílias...

– Houve famílias boas.

– ... que conseguiram educar os filhos até muito... ?

– Até lá para diante. É, havia. E havia além o Abílio Albardeiro, conhece? Esse, o pai desse... e depois o Abílio já estudou. Olhe, deu-se bem até porque foi para as alfândegas e o meu primo, o Sevério da Maria também lá esteve e também o tio Joaquim, também.

– Há aqui muita gente a trabalhar nas alfândegas, porquê?

– Porquê? Porque tinham lá... sabe porquê? Porque tinham lá... os donos desta casa, do tio António da Laginha, que era aqui este avô da Maria Augusta, esta casa... que tinha os filhos todos, que era um que tinha a casa lá em cima que foi vendida há pouco que era da dona Fernanda e ele era o Abílio... e tinha uns filhos muito bem educados. O senhor Abílio que era da dona Fernanda, o João que era um que casou na Moita Recome, e outro que era Virgílio que casou em Cardigos. Eram, já naquele tempo, lá com o 5.º ano, eu não sei, foram para lá, e foram empregados nas alfândegas, e então puxavam para lá tudo! E havia além destes, ainda havia um de Cardigos, ainda havia um de Cardigos que também era empregado na Câmara em Lisboa e também empregou lá muita gente. E depois por isso é que há de cá muita gente empregada na Câmara e nas alfândegas. (...) Tem uma história! Não sabe a história dele? A mãe dele era uma das mais pobrezinhas que cá havia, e ele era um morgadinho!

– O que é um morgadinho?

– Ele... era sozinho! Era sozinho. Portanto.

– Não tinha irmãos, portanto?

– Não tinha. Ele foi para estudar, para o Gavião, por intermédio de uma senhora de Cardigos. Uma senhora que lhe pagou os estudos. Não, ele primeiro ainda foi para padre... esteve no seminário. Depois quando... acho que era ela também que pagava os estudos lá para o seminário... depois quando andou, andou, depois não saía, depois não saía padre...

veio de lá para cá. Depois acho que essa senhora que ainda... ela não tinha filhos... de maneira que ela, não sei se ele no fim ainda lhe pagou alguma coisa se não... por isso é que ele ficou com o nome... da casa... que havia lá. Eles chamam-lhe o (...) porque a casa do senhor, que era lavrador, que ainda lhe pagou também os estudos, era na zona (...) eu não sei bem... é perto de lá de Gavião (...), e esse lavrador é que lhe pagou muitos estudos por isso é que no fim foi para alta. E ao fim daí... lá foi também para as alfândegas, pois. No fim já não foi para padre, saiu e pronto.

– Pois. Isso também acontecia quando alguma pessoa com posses se ocupava da instrução de algum miúdo daqui. Se interessava e acabava por financiar os estudos?

– Por isso é que a gente lhe chama sempre (...), por causa do senhor de lá (...), que era dessa Casa (...).

– E o que é que eles tinham?

– Essa gente levava para lá um rancho daqui. O meu pai foi para lá com a Ti Virgínia, e muita gente daí... ia um rancho de gente para lá apanhar azeitona. O meu pai foi para lá muitos anos. No inverno ia para lá.

– E, portanto, a senhora dessa propriedade... ? (...) Muito interessante essa história. Então, dona Rosalina, agora vamos saltar um bocadinho... depois de já terem nascido os seus filhos, os seus filhos nasceram cá ou já nasceram em África?

– Nasceu cá o Henrique, eu levei-o de cá já com três anos. O meu filho foi de cá com três anos. E ela foi lá. Ela tem oito anos de diferença dele. (...) Fui para Angola, para Nova Sintra, Silva Porto, Nova Lisboa. Nova Lisboa, Silva Porto... não! Nova Lisboa é o primeiro, depois é Silva Porto que é conselho ou isso... é perto já, para aí uns sessenta quilómetros de onde eu estava, ou trinta, é perto. De Silva Porto para Nova Sintra. É como de Mação para aqui.

– Pois. E o que foram fazer para lá?

– O meu marido tinha comércio. Quando lá chegou o meu... a dona Laurinda, a sogra da Lurdes... o marido dessa é que para lá chamou o meu. E chamou muitos.

– Ok. Já lá tinham ido. Os outros já... ?

– Já lá estavam! Sim, no mesmo ramo todos. Porque há muita gente lá dos Vales, e Carrascal, e Chaveira e do Azinhal... porque eram os pais da Laurinda, já o pai da Laurinda é que lá estava já. Mais um cunhado que era o dono das bombas (...). Depois já lá estavam e puxaram para lá muita gente daqui... daqui da região. Da Roda foi o meu pai primeiro... de Cardigos levou para lá muita gente, do Azinhal, da Chaveira e do Carrascal, era quase tudo de lá.

– Era tudo para o comércio ou eram outras coisas?

– Tudo, tudo para o comércio. Era comércio e era assim, eles tinham a casa grande, a gente em minha casa comprávamos... comprava-se café, croeira, sabe o que é? Mandioca. Era café, comprava-se tudo. Grão, feijão, depois vendia-se ao preto. Comprava-se as coisas para eles comer... peixe. Eles também comiam arroz, bebiam bebidas. Também comiam, também se gastava... muita gente conforme comprava também vendia.

– Sim, sim. E comprava-se a quem?

– A eles, aos pretos! Vinham vender. Aí era sempre o marido. Eu tinha uma loja. Na minha loja era assim, por exemplo, na minha casa era a loja, depois era o armazém... casa, loja e armazém, comprámos a um senhor do Porto.

– E o Estado ajudou em alguma coisa?

– Não, não, não. Naquele tempo não ajudava nada. Não, não, não. Ninguém ajudou nada.

– Então investiram as poupanças todas que tinham ali?

– Não. Ele foi para lá primeiro que eu, a casa estava feita, o Zé Domingos, o marido da Laurinda fornecia-lhe as coisas até que ele começou a aprender e a saber. E depois ele, o

Zé Domingos, é que recebia, é que mandava, tinha o armazém cheio, ia buscar uma camioneta de grão, de café, feijão, essas coisas todas e debitava-lhe. Chamava-lhe, quer dizer... uma coisa debitar ou acreditar é uma coisa. Acreditar é o que a gente deve e debitar é o que o outro deve. E, então, não custou... a gente sempre se desenrascou bem.
– Havia muita gente aqui da zona, lá vizinhos?
– Havia muita gente! Aqui do Carvalhal, muita gente... Epah isso nem tem conto!
– Cinquenta? Sessenta?
– Ai era! Só aqui de Cardigos e do Carvalhal era capaz de ser. Chaveira... havia muita gente. Os pais do Café Leão também lá estavam. Ali do Carrascal em diante e dos Vales havia muita gente. Muita gente que já morreram, até muitos lá.
– E vieram todos ou nem todos?
– Veio tudo. Veio tudo. Só os que morreram é que... o do Carvalhal morreu o sogro e o genro quando veio, morreu o meu, não sei se ainda morreu mais. Acho que foram só os três, porque o meu foi-me levar ao Machado, na volta para trás apanhou-o. E estes, estes do Carvalhal que foi o sogro e o genro foram levar uma camioneta carregada para lá, de Sá da Bandeira, quando se ia para a África do Sul... porque a gente foi para lá em caravana, para a África do Sul. Depois foram levar uma carrada e vinham buscar outra, no caminho morreram. Mataram-nos.
– Foram apanhados pela guerrilha ou foi outra coisa?
– A gente passou só por meio de diabretes. Eram filhas de pretos com armas apontadas na casa do Zé António de um lado e do outro. Olhe, eu nem sei como é que a gente escapou!
– Mas isso já no fim?
– Íamos a ir embora para a África do Sul... porque foi assim, quando se deu o 25 de Abril o meu homem pagou logo as quatro passagens.
– Para si, para os filhos... ?
– Pois, porque lá tínhamos de vir para...
– Saíram pela África do Sul então?
– A gente foi para a África do Sul em caravana, mas o avião era de Nova Lisboa e o barco era do Lubito. Nunca houve. Olhe que foi desde Abril...
– Não havia lugares?
– Foi o 25 de Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro. Foi só em Setembro, nunca houve lugar para ninguém! Quem estava ali ao pé apanhava, metia-se, apanhava. A Lúcia apanhou. Lá em cima a Lúcia mais o marido apanharam.
– Também estavam longe da costa, não é?
– Estavam lá onde eu estava. Também estavam longe. Estavam lá para cima onde eu estava, mas eu sei que muita gente apanhou e muita gente veio. Muita gente foi para a África do Sul.
– E voltou a partir da África do Sul?
– Da África do Sul é que apanhámos o avião. Estivemos lá dois dias num campo de concentração. A Pardalinha estava lá... que a gente chama ali a Pardalinha, a mulher do serralheiro que está ali naquela casa de além agora... a mãe ainda teve tempo de lhe escrever uma carta, que a gente ia para lá, ou lhe telefonámos, já não sei como é que ela fez isso... só que ela, quando lá foi ter, já a gente tinha abalado. Ainda lá foi ter a ver se me via, mas quando a gente foi lá ter já o avião tinha saído. Fomos lá bem tratados, olhe coziam milho, davam pão, davam-nos comida pronto.
– Isso foi na altura da descolonização, não é? Naquele momento ali da independência?
– Foi a independência.
– Mas agora, voltando um bocadinho atrás... esteve lá catorze anos, é muito ano.
– Pois, ainda foi muito ano.

– Bem... e, nesses anos, os seus filhos foram à escola lá?
– Foram. Ela andava na primária ainda, portanto, tinha oito anos, andava nas madres, nas freiras lá no colégio em Nova Sintra. Ele já andava em Silva Porto, ele já andava no 4.º ou no 5.º ano, tinha quinze anos... não sei se já andava no 4.º.
– E essa escola lá em Silva Porto era uma escola mista? Era para africanos e portugueses?
– Era, era. Não, era para portugueses todos! Portugueses.
– Não, mas digo eu, também era para os africanos ou não?
– Era... lá não havia distinção na escola. Os pretos também iam. Iam. O meu andava nos Maristas. O meu estudou só nos Maristas e além uns sobrinhos da Zé Brita que estavam lá também.
– Então, a sua filha estudou nas freiras e ele nos Maristas. Não se lembra do nome das freiras?
– Das freiras não sei. Ela andava lá na escola ao pé de mim. Em Silva Porto, em Silva Porto... ele estudava nos Maristas dormia lá, só ao fim de semana, ou sei lá, de quinze em quinze dias, é que o pai o ia buscar, mas dormia lá. Era interno era. Ele e além os sobrinhos da Zé Brita.
– E ele gostava?
– Ele estudou bem sempre, e depois quando veio para cá foi para Lisboa lá para casa das minhas irmãs, daquela que tem casa ao pé de mim e do meu Tóino...
– E acabou os estudos lá?
– Acabou. Fez o 6.º, fez o 6.º ano, o 7.º... o 7.º, o fim foi cá. Andou a estudar mais o filho da São, foram fazer a Santarém.
– Portanto, ele acabou o ensino secundário?
– Acabou.
– Na altura era 7.º ano?
– Era o 7.º... era o 9.º. Como é que se chamava? Era outro...
– O 9.º ano?
– Esse último foi... era, era! O 7.º fez em Lisboa e esse último fez cá, foi fazer a Santarém com o filho da São até quem veio foi um senhor do Freixoeiro que era família aqui da tia Isaura, dali da mãe da Leonor, eu pedi-lhe, ele era do Freixoeiro, pedi-lhe e ele dormiu lá em casa dele dois dias. Para fazer o exame.
– E teve sucesso e acabou o curso?
– Teve. Acabou e no fim foi para o banco.
– Foi trabalhar para o banco. Isso foi já em que altura?
– Sim. Eu não sei já. Ele antes do banco ainda esteve no Tribunal de Contas, que foi o irmão da minha tia Maria... que trabalhava lá e que puxou-o para lá. Era solteiro. Morreu em casa da Teresa, a Teresa é que acabou por o tratar, porque era primo como eu era. E esse puxou-o para o Tribunal de Contas, mas ele no fim começou a pensar, esse primo meu, esse primo meu que era solteiro, começou a pensar que se calhar era melhor: "Olha, se calhar era melhor futuro se quisesses mudar para o banco." Lá pensou e mudou para o banco.
– Foi um concurso, foi uma chamada?
– Foi, foi, foi. Foi chamado logo.
– E mais ou menos em que altura, sabe?
– Isso agora não sei...
– Anos 80? Ou mais, 90?
– Não sei já. Já não sei em que tempo foi.
– Há quanto tempo é que ele está no banco já?

– Sei lá, já está... a filha já tem trinta anos, ele já está casado há mais e ele ainda lá esteve muito tempo em solteiro.
– Então que idade tem ele agora? O seu filho.
– O meu faz cinquenta e nove em Novembro.
– Então deve estar lá há uns trinta anos, não?
– Mais! Há trinta está ele casado.
– Em que banco?
– No Banco de Portugal.
– E a sua filha também estudou lá e depois? Acabou?
– Essa fez aqui a 4.ª até porque ela estudou com o Tózé da Chaveira.
– Ela fez aqui a 4.ª classe?
– Fez. Fez aqui a 4.ª classe. E não quis estudar mais porquê? Porque eu até a levava! É que eu tive do IARN um subsidio até que ela teve os dezoito anos, mas ela toda alfeirinha com a cunhada, com a Izabelita, a mulher do Fernando lá de cima, era além a Lena do Miguel... alfeirinha: "Na na na na na na... ", não quis, saiu! Pronto. Não quis saiu. Não quis estudar.
– Então só fez a 4.ª classe.
– Só. Eu levava-a até ao 5.º ano.
– E agora, se calhar, arrependeu-se.
– É bem feita! Brincavam umas com as outras: "Ai não sei quê, não sei que mais... ", não quis estudar. Aquela além estudou. Não quis, não foi. Pronto. Porque dava, eu pagava, mas não era muito.
– O IARN dava um subsídio por filho, não era?
– Davam. Até que ela estudou. Ao fim ainda tive de pagar ainda um tanto... dos dezoito anos por diante, ali quando foi ainda... tive de pagar uma coisa qualquer, já não me lembro bem.
– Pagar a quem?
– Sei lá! Eles pediram-me.
– Ao Estado?
– A quem dava o dinheiro. Era o Estado. Pagaram até aos dezoito anos. Dos dezoito anos por diante já não me deram.
– Pois, se calhar teve de pagar, porque ela não fez nenhum... ?
– Pois, ela saiu. Se ela continuasse não me mandavam, ora ela saiu antes de...
– Se calhar havia qualquer contrapartida ou davam se ela estudasse, se ela não estudasse já não dava, não é?
– É. Davam se ela estudasse. Pois era.
– Pois, já percebi. E como é que foi com os seus irmãos? Os filhos deles foram à escola, não foram?
– Foram todos. O Tóino levou o dele, a de Lisboa também, a filha é a... está no Hospital de São Francisco, é analista, é minha afilhada, o irmão está na Câmara também.
– Portanto, há muita gente empregada no Estado.
– Está. A outra é francesa. É francesa e tem para lá os filhos também.
– É francesa, isto é, casou com um francês e ficou para lá, é isso?
– Não. A francesa casou com um irmão da dona Iria de Penhascoso, está para lá. Tem dois filhos que também estudaram bem. São todos estudados. Todos têm curso. (...)
– Tem lá alguma coisa em casa, alguma fotografia desses tempos de escola ou mesmo das raparigas daqui que iam lá a casa? Tem alguma fotografia ou algum livro, algum material relacionado com esse tempo?
– Só tenho fotografias das nossas, de gente de fora não.

– Alguma fotografia, alguma imagem que tenha a ver com o grupo das meninas que aprendiam lá em casa?
– Não, não. Nesse tempo não havia. A primeira fotografia que eu tirei ao meu, foi um irmão da Nazaré da Eira, também o namorei, que era Alberto que era também da tropa.
– Muito namoradeira a dona Rosalina!
– Esse é que veio cá. Olhe, que ele já estava em Macau nessa altura, e veio cá, e é que me tirou uma fotografia lá em baixo ao meu Henrique no quintal da Leonor. Pequenito. Acho que essa fotografia que ainda para lá anda. (...) Cá então, não havia nada. Havia Kodaks, no casamento da minha irmã tenho lá a fotografia dela que foi o senhor Abílio, em 54, que tirou a fotografia, tenho lá um grupo.
– Não tem nenhuma fotografia de África?
– De África tenho só com a gente de casa. Tenho-as no álbum, tenho um álbum grande... venha lá ver! Essa de 54, foi tirada pelo senhor Abílio... então só ele é que tinha uma Kodak (...). Da escola acho que não tenho. Andava para lá uma, das primeiras também, nem sei já quem é que ma tirou. (...)

[“Fotos Faladas” – entrevista realizada por Helena Cabeleira (07-11-2019)]

– Diga-me lá, então, explique-me lá esta fotografia.
– Esta é a mãe destes moços que estão aqui, logo, na primeira casa.
– Esta senhora da ponta?
– Encarnação. Esta é a mãe da Isabel, da parte de cima da casa da dona Ana.
– Como se chamava esta senhora?
– Visitação... não! Nazaré. Visitação era a avó.
– E essa, lembra-se do nome dela?
– Esta é a tia Lucília Mansa e esta é a Visitação, a avó da Isabel. Eu agora estava enganada. Esta é a dona da casa da dona Ana, que é a Virgínia, é minha irmã. E aqui está o meu filho e acho que são duas... é a Isabel, uma delas é a Isabel que já não sei qual delas é, e a outra é uma cachopa aqui da casa Fundeira.
– A que está de pé?
– Esta é a da Delfina Laginha.
– Tudo pessoas aqui da Roda?
– São vizinhas de lá da casa da Ana, da parte de cima. Esta é a mãe da Isabel, a avó é aquela, e esta é a outra da parte de cima que está por trás da casa que tem uma varanda.
– E estas pessoas eram alguma coisa à Rosalina?
– A mim? Esta era minha irmã. A Virgínia é a dona da casa da dona Ana.
– É esta senhora que está aqui de pé?
– É aquela. Aquela é que é a dona da casa da dona Ana, e esta é uma vizinha da parte de cima. São vizinhas daqui. Esta era dali. Eram vizinhos.
– Esta fotografia é mesmo sua?
– Esta fotografia já foi tirada depois de eu ir para África. Portanto, tenho-as aqui tiradas nos anos 50... 50 e pouco. Esta foi já mais tarde. Esta não sei, não tem ali data por trás... não sei. Esta aqui é que é... eu acho que esta tem lá a dona Ana. Não sei se a lá tem. Esta aqui foi onde eu andei na escola. A dona Ana não tem lá esta, porque esta trouxe a cachopa de Lisboa. Esta é a minha professora que aprendemos, com vinte e tal anos, que já queríamos escrever cartas aos namorados. Está é pequenina. Então pois... eu tinha lá, talvez, vinte e dois anos... vinte e um ou menos. Tinha vinte e um ou vinte e dois anos, portanto veja lá, nasci em 30, foi nos quarenta e tal que foi tirada. É tudo moças das que andámos na escola de noite. A professora era primeiro. A vida dela... esta... foi para

Portalegre para um seminário, vinham por aí as freiras apanhá-las. Depois veio de lá, estudou mais maneiras, e foi para professora regente. E, então, quando estava em regente, que andava por ali no Freixoeiro, mais o outro senhor que era o Farias, lembraram-se que havia muita cachopa do meu tempo que não tinham, pronto, que não tinham estudado, e ensinou então de noite. A gente ia trabalhar para um tear, para fazer mantas e panos, e eu quando de lá vinha é que íamos para a escola. Assim levou a gente quase todas à 3.ª e à 4.ª.

– Essa senhora então, nessa fotografia... a professora chamava-se Adelaide?

– Ela chamava-se Adelaide.

– Não sabe o nome dela completo?

– O nome? Espere... eles são Silvas. Mas agora já não sei... a mãe era Moita. Portanto não sei bem qual é o nome dela, se ela é Adelaide Silva, Silva era o marido... ela tem um filho aqui casado na Roda, mas agora não sei o nome dela todo. Sei que era, por todo o lado, a professora Adelaide. Toda a gente sabe, porque não havia cá outra. Pronto, e estas somos cá as moças da Roda, as que lá andavam na escola.

– E a Rosalina está aí?

– Estou. Onde é que eu estou? Olhe eu ali. Aquela do coiso preto.

– Com o bordado?

– Acho que é aquela... eu não vejo bem sem óculos. Não é não. É esta, aquela ali.

– A que tem uma golinha branca?

– É, é. Aquela é que sou eu.

– E, então, tirou esta fotografia, lembra-se do dia em que foi tirada a fotografia, quem é que tirou?

– Esta eu não sei quem é que foi... se foi o professor, qual é que foi o que tirou. Só que a gente puséramos todas à frente da escola.

– Aí é a escola?

– A escola é aquela que está além. Não sei já quem é que foi que tirou. Se seria o professor... que dava aos moços, e ela às cachopas.

– Isso é tudo gente que andou consigo no mesmo ano ali na escola?

– Tudo cachopas!

– Eram todas do mesmo ano na escola?

– Não, eram umas com mais um ano, outras com mais dois, por aí.

– Mas tudo da mesma altura em que a Rosalina andou lá na escola?

– Tudo, tudo!

– Lembra-se o nome dessas pessoas que estão aí? Ainda as consegue identificar?

– Os meus óculos... .já não dá para ver muito bem. Pois sei o nome delas todas, andaram todas comigo, só que agora... também elas são tantas! Até porque está aí a minha irmã Virgínia, essa daí, ela foi tirada... ela casou em 54, espere, já lhe digo quando é que ela foi tirada. Ela casou em maio de 54 e isto devia ter sido tirada em Fevereiro ou Março, porque quiseram ir quatro casarem-se naquele ano, uma era a minha irmã, outra... acho que já morreram todas... outra de Lameiras e duas de Cardigos. Ela levou-as primeiro a exame, e a gente só foi para o fim do ano, mais tarde. Portanto, esta fotografia foi aí em Março ou Abril de 54, elas casaram em Fevereiro ou Março, casaram no Carnaval, porque não era na Páscoa que costumavam casar muito. Foi nos anos 54. E está aqui outra. Esta foi no casamento de uma irmã minha, da mais velha. Ora aqui está o meu pai, o meu irmão e a minha mãe. São estes três aqui do fundo. E este é um primo meu de além que já morreu. Já morreu quase tudo. E estas aqui também. Uma era uma vizinha da parte de cima da dona Ana, aquela que tem uma varanda que foi para o Brasil também já morreu. Também já morreu tudo! Aquela não quer tirar?

– Quero, quero. Quero todas.
– Aqui está outra. Esta é de Moura, não é de cá. É da família da minha irmã que tinha lá os cunhados.
– Foi tirada em que ocasião? Num batizado, casamento?
– Pois foi. Batizou algum sobrinho de lá, que ela tem lá sobrinhos ainda. Acho até que aquele é um padre. Mas desta não... conheço as que são de cá, as pessoas de lá não.
– E esse rapaz que está aí nessa fotografia?
– Este aqui acho que é o meu filho. Foi tirada em África. Por trás está aqui, porque eu mandei-a de lá já para a minha irmã.
– E o seu filho fez lá a escola?
– Ele fez lá tudo. Ele foi de cá com três anos e meio... fez lá tudo, veio de lá com o 5.º. Está aqui, eu mandei-a de lá para cá para a minha irmã, por isso é que eu sei que foi de lá. E esta aqui sou eu. Foi um moço que ma tirou. Não conhece a dona Iria de Cardigos? (...) Foi o pai deles que ma tirou quando era moço como a mim... porque eu trabalhava lá nos teares em cima e pedi-lhe para ele ma ir tirar.
– Que idade tinha aí?
– Aqui? Aqui... deixe ver. Eu acho que já namorava o meu homem... ”como prova para... ”, depois ele foi para a tropa, depois da minha irmã casar, casou em 54, e ele foi em Maio, e ele também foi nesse maio. Portanto, seria 54, princípios de 55. Ele andava na tropa em Portalegre.
– A Rosalina qual foi a data em que nasceu? A sua data completa de nascimento?
– Então 1930. O dia a 24 de Outubro. Fiz há pouco 89. Esse, o Jú, então o meu padrinho era o mesmo do dele, que ele era o marido da dona Iria, o pai daqueles moços, é que me tirou a fotografa lá em cima, lá onde eu trabalhava nos teares. Lá em cima, trabalhei sempre naqueles teares de fazer coisas grandes, carpetes, essas coisas todas. E então ele tirou-me para eu mandar para Portalegre (risos).
– A Rosalina fez a escola primária sempre aqui em Cardigos?
– Eu não tinha escola em pequena. Eu fui à escola um mês ainda, aprendi só a contar e fui para servir e guardar cabras.
– Então nunca fez a 4.ª classe?
– Não, por isso é que a gente andou de noite, mulher! Por isso é que a gente andou de noite!
– Isso foi quando? Isso quando andou de noite foi quando? Já estava casada?
– Não! Namorava o meu marido.
– E depois estudou até à 4.ª classe? Ou fez mais?
– Eu só fiz a 3.ª. A minha irmã é que fez a 4.ª. Eu só fiz a 3.ª. Mas fomos a Mação fazer. Eu já namorava, já escrevia cartas ao moço e não sabia!
– Então foi na altura dessa fotografia, pouco mais ou menos, que a Rosalina andou a fazer à noite?
– Foi, foi. Eu já o namorava. Em Cardigos, naquela escola ali.
– Então davam lá aulas à noite.
– Dava a professora, ela trabalhava de dia no Freixoeiro, na escola na Chaveira ou nos Vales, para ali... e à noite, depois de acabar o serviço dela, quando a gente saía do trabalho, muitas trabalhavam, às cinco horas é que vínhamos para lá. Estávamos lá uma hora ou duas.
– Uma hora ou duas para ela vos preparar para o exame? Quantos anos andou, ou quanto tempo andou, a fazer isso à noite? Em quanto tempo é que ela vos preparou?
– Eu nem sei, para aí um ano se calhar.
– Num ano preparou-as para a 3.ª classe, foi isso?

– Não sei. Talvez não fosse mais do que um ano. Olhe também não sei já quanto tempo é que a gente andou. Porque ela começou com poucas. Por aqui eram quase todas as que não tinham exame, muitas não quiseram ir, davam-se por desprezadas... e começou só com três. Era uma senhora que está no Casalinho e que ainda não morreu, essa tem 92 anos, é da idade da minha irmã Virgínia. Uma outra que está na Pracana e era eu. Só que ao fim começaram a ir mais.
– Pois. E essa senhora que ainda é viva, 92 anos, do Casalinho, sabe o nome dela?
– Sei. Maria do Rosário e está lá o marido e tudo, quer lá ir? (risos) O Casalinho é a primeira casa... .e foi assim!

– Sofia de Jesus Martins –

Naturalidade: Carvalhal de Cardigos (Mação)
Data de nascimento: 11-06-1922
Residência actual: Roda (Cardigos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: Sofia frequentou a escola durante 15 dias, aprendeu a ler e a escrever por meios próprios (autodidacta).
* Indivíduos que não tendo frequentado a escola, adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal.

Entrevista realizada por Ana Isabel Madeira (gravação áudio), Roda, Cardigos, Mação (21-08-2019).

– Dona Sofia... então, estava-me a contar que andou na escola durante quinze dias, mas depois... ?
– Depois uma senhora pediu ao meu pai se ele me dava para casa de uma senhora, para lhe fazer companhia, porque ela também já era uma senhora de idade e estava sozinha. E o meu pai tirou-me da escola para ir fazer companhia a essa senhora. Mas eu chorava de noite e de dia, porque não queria lá estar, porque eu era ainda muito novita e tinha saudades da minha casa. Não queria lá estar.
– Com que idade é que foi?
– Com que idade? Eu tinha... eu estive lá por duas vezes. A primeira vez tinha seis anos.
– Para fazer companhia a uma senhora, com seis anos? Tão pequenina?
– É verdade! Tão pequenina, mas sabe? Enganaram o meu pai, porque levaram-me para lá para fazer companhia à senhora e depois ia para guardar uma cabra. Eles tinham lá uma herdade grande, lá pegada com o local onde se morava, e a cabra não comia se não estivesse ali alguém ao pé dela. E fui eu com seis anos, sentava-me ali todo o dia ao pé da cabra, e eu chorava de noite e de dia, porque não queria lá estar ao pé da cabra todo o dia. Queria-me vir embora. O meu pai foi-me buscar. Eu estive lá pouco tempo. No fim essa

senhora disse: “Tu agora vais-te embora, mas mais tarde hás-de vir para cá outra vez.” E assim foi. Eu vim mais tarde. Voltei para lá outra vez, mas a senhora estava doente. Quando eu fui, a senhora estava doente e morreu naquela altura. Já estive pouco tempo com ela, porque ela morreu naquela altura, e eu voltei para casa do meu pai.

– Foi a sua sorte dona Sofia!

– Pois, mas o meu pai não me meteu mais na escola. Começaram pessoas a perguntar-me para ir para aqui... uma senhora lá tinha partido um braço... e eu vim. Uma senhora aqui em Cardigos tinha partido um braço e depois o marido dela foi falar com o meu pai, eu já era maiorzinha, se eu ia para lá para olhar pela senhora, para a ajudar a vestir, para a ajudar a calçar, para andar sempre com ela. Quando ela ia fazer visitas às amigas dela eu ia com ela e vinha. Estive lá ainda muito tempo a fazer companhia, porque a senhora também já era de idade e não podia. Eu estive lá muito tempo.

– E a dona Sofia, nessa senhora teve algum contacto com a leitura e com a escrita? Aprendeu alguma coisa?

– Olhe, eu não aprendi. E quantos papéis apanhava, e via letras, perguntava a toda a gente: “Como é que se lê aqui? Que letra é esta? Que letra é aquela?”, e depois eu tinha tanta vontade de aprender, tanta vontade de aprender! O meu pai sabia muito bem ler e escrever, já naquela altura. E quando eu vinha a casa eu dizia assim: “O pai há-de-me fazer aí um rascunho, um rascunho qualquer, faz de conta que eu escrevo a uma irmã, e o pai faz-me o rascunho para eu puder escrever assim por baixo.” e ele fazia. Ele fazia-me o rascunho de uma carta e eu escrevia para as minhas irmãs... faz de conta! Depois quando ele lá vinha, tornava a escrever na letra redonda, e a perguntar sempre se eu tinha livros, se eu tinha a cartilha da escola: “Então como se lê aqui? Como se lê ali?”... eu com o meu pai aprendi muito. Aprendi, a bem dizer, o que sei. E no fim começaram... eu já era rapariga, começaram rapazes a escreverem-me e ainda mandei fazer algumas cartas, porque fazia mal, às vezes fazia mal. Então, pedia a quem me fizesse melhor, uma prima minha. Mas depois disse: “Não, isto não pode ser assim. Eu tenho de escrever!” e o meu pai, que Deus tem, quando lá vinha: “Oh meu pai como se faz isto, como se faz aquilo?” e foi assim. A minha força de vontade era tão grande que quando eu casei, tinha vinte anos, quando casei o meu marido fazia searas de arroz ao pé de Sesimbra, e eu estive dez anos fora do meu marido, sempre a escrever, sempre a escrever! Ele vinha todos os anos a casa um mês de férias, e depois voltava para lá. Se me fosse preciso pedir para escrever estas cartas... andava eu... era uma pobre pedinte! Comecei, a minha vontade foi tão grande, que comecei a escrever. Hoje até já há pessoas, aí raparigas da Roda, que namoraram rapazes, e me pediam para eu escrever e eu escrevi muitas cartas. Escrevi muitas cartas aí para raparigas da Roda que namoravam e não sabiam, e vinham a minha casa. E foi assim que aprendi à minha custa, com a minha força de vontade que era tão grande e tinha uma pena de não...

– De não ir à escola?

– ... de não ir à escola. Naquele tempo não era obrigatório e depois as pessoas... eu já não tinha mãe. A minha mãe morreu quando eu tinha dois anos e meio, e depois os homens, já sabe como é... são homens, e o meu pai era muito meu amigo e era muito boa pessoa. Fazia-me muitas vontades... todas as que eu lhe pedia. Mas ir para a escola... havia sempre pessoas: “Ai se me pudesse dar a sua filha lá para minha casa”, e o meu pai custava-lhe dizer que não, e lá vai a Sofia. Para mim era um desgosto!... No fim foi assim. Ainda hoje. Ainda há dias aqui o meu genro, o António, me pediu para assinar aí uns papéis, uns papéis que foi preciso assinar, e eu ainda assinei e tenho noventa e sete anos. Graças a Deus ainda assinei! Ainda assino todos os meus papéis quando é preciso.

– Pois, claro. Dona Sofia, diga-me uma coisa. O seu pai tinha ido à escola?

– O meu pai? Ai não sei. Nunca tive oportunidade de lhe perguntar. Não sei. Mas olhe, ele foi militar, era militar de cavalaria em Évora cidade onde estava o pelotão dos cavalos. Ele foi militar de cavalaria, e queriam que ele seguisse a vida. Já os comandantes dele queriam que ele seguisse a vida. Ele só não seguiu a vida, porque o pai dele também tinha morrido muito cedo e ele ficou como amparo de mãe, e depois disse: "Sou amparo de mãe, mas gostava de seguir a vida, então, mas sou amparo de mãe!" E depois não seguiu. E depois também teve uma vida atribulada. Morreu-lhe a primeira mulher com uma doença que veio e ficou com uma criancinha com quinze dias... como ele se viu para criar aquela criança! Depois... depois a minha mãe tinha casado com um irmão dele. A minha mãe era cunhada do meu pai. No fim, esse meu tio morreu, morreu também, e ficou a minha mãe viúva e no fim a minha avó disse assim: "Ai António... ", ele namorava uma rapariga, uma prima dele, e disse assim: "Olha, casa com a Filomena... ", a minha mãe chamava-se Filomena, "... é tua cunhada, tem uma menina, é tua afilhada e sobrinha, mas olha essa rapariga que tu namoras também era filha única, qualquer um rapaz, está livre e solta, qualquer rapaz casa com ela. Casa com a Filomena, é tua cunhada, tem aquela menina." E ele casou. E no fim falou-lhe, e ela disse: "Olha António, agradeço muito me perguntares, mas sofri um desgosto muito grande. Não penses em casar. Casa com essa rapariga que tu namoras. Eu não penso em casar." Bem, casou com a tal rapariga que ele namorava, que era prima dele também. De maneira que veio uma doença, ela tinha uma menina com quinze dias, todas as mulheres que estavam gravidas morriam. Todas as daquela doença, foi a Pneumónica, a Pneumónica, e ela tinha uma menina com quinze dias, morreu. Como ele se viu para criar aquela menina! No fim, a minha mãe estava viúva de um irmão dele e disse: "Olha António, tu perguntaste-me e eu disse-te que não, mas agora eu vou-te ajudar a criar a tua filha." Casaram. O meu pai ficou todo contente. Casaram. Olhe, nasceram mais três meninas, é uma que é mais velha do que eu, sou eu e outra mais nova.

– Os nomes delas. Como é que elas se chamam?

– A minha mãe esteve oito dias doente com um problema na barriga e ao fim veio lá, não havia médicos... o que lá ia assistir às pessoas quando estavam doentes era um rapaz que tinha sido enfermeiro na tropa e chamavam-no o Barbeiro, até lhe chamavam o Barbeiro. A minha mãe sentiu-se mal da barriga e foi falar com o Barbeiro e ele veio lá, deu-lhe uns comprimidos, mas não resolveu nada. Á segunda vez tornou a ir chamar: "Se a minha mulher... aquilo não resolveu nada, os comprimidos." Deu-lhe outros, conforme os tomou rebentou, morreu. Foi assim a morte da minha mãe. Tinha eu dois anos e meio e tinha uma irmã minha nove meses. Foi um infeliz também o meu pai, mas sempre foi nosso amigo, sempre (choro).

– Então ele depois não voltou a casar?

– Ainda voltou a casar. Para o fim. Eu já tinha doze anos e a minha irmã mais velha tinha catorze e a outra depois já tinha dez anos. No fim, andava lá uma comadre dele, que andava sempre a meter-se à frente dele. Bem, são coisas que a gente não pode explicar. No fim, em descargo de consciência casou com ela, foi grande o mal que ele fez. Aquilo só trouxe ruína lá para casa. O meu pai também morreu novo, tinha sessenta e nove anos. Deitou-se bom, e já não acordou. A minha mãe esteve oito dias doente da barriga, e eu também tenho problemas na barriga, sou muito... para fazer necessidades é com muita dificuldade, às vezes quatro, cinco dias. Agora, agora faço um batido todos os dias, as minhas filhas fazem-me um batido todos os dias de fruta, de uma certa fruta, e até couves, e como mais tudo à base de hortaliça, porque sou muito presa dos intestinos.

– Pois, pois. E às vezes mais vale os medicamentos naturais do que outras coisas.

– Ah pois. (...)

– Bem, portanto, a sua mãe também não foi à escola por isso?

– A minha mãe não foi à escola.
– Também não foi. E os seus irmãos?
– Eu não tinha nenhum irmão.
– E as irmãs?
– Também não foi nenhuma à escola.
– O que é que elas fizeram?
– O que é que elas fizeram? Ficaram sempre sem saber, nunca tentaram como eu tentei aprender. Nunca foram à escola, não foram, não sabiam, pediam tudo para escrever quando era preciso. Não sabiam. Mas eu tinha força de vontade... esta força de vontade... e enquanto não aprendi para me safar, não deixei de lutar.
– Muito bem. Dona Sofia, lembra-se onde era a escola? Onde, em que sítio?
– Em Cardigos.
– Era em Cardigos. E os seus amigos aqui da Roda e de outros sítios iam para a escola de Cardigos?
– Iam para a escola de Cardigos, sim.
– O que é que eles diziam da escola? O que é que eles falavam da escola, lembra-se?
– Ah, crianças o que é que eles falavam?! Olhe, lembro-me quando eu era assim, quando eu ia para a escola, aqueles quinze dias em que eu lá andei, chamavam-me Carochinha: "Olha, hoje temos cá uma Carochinha!... Uma Carochinha, lá vai a Carochinha, lá vai a Carochinha", chamavam-me a Carochinha. E depois eu disse à minha professora, eu vinha sempre com ela, eu era do Carvalhal, passava por Cardigos para vir para a minha terra, e ela ia almoçar a casa e eu vinha sempre com ela, e quando era a parte em que se saía, eu ia sempre com a professora e ela dizia sempre: "Uma pessoa que não sabe ler, é como um animal. É assim... a gente deve esforçar-se para saber ler, porque saber ler é muito bom"... e a senhora sempre me dava bons conselhos.
– Mas isso foi enquanto esteve lá na escola?
– Pois, mas depois disso nunca mais a vi. Fui lá para essa casa dessa senhora para o Peso, e passava o dia todo sentada à frente de uma cabra, eu chorava de noite e de dia, porque não queria lá estar nem por nada...
– Pois, cálculo.
– No fim, quando eu já era maior, fui para casa daquela senhora que tinha partido o braço. Estive lá ainda muito tempo... depois tornei a ir para a tal senhora, depois ela morreu.
– Mas tal como a dona Sofia, se calhar, houve também muitas meninas que não tiveram hipótese de ir à escola?
– Todas! Do meu tempo nenhuma sabia ler. Lá no Carvalhal nenhuma sabia ler.
– O que é que elas iam fazer?
– Guardar cabras e ovelhas por aqueles cabeços...
– E os rapazes?
– Os rapazes também!
– Com que idades?
– Com que idade? Oito, nove, dez anos, doze, por aí assim.
– E lembra-se de alguém que tenha ido à escola depois disso ou não?
– Que tenha ido à escola comigo?
– Depois disso? Depois de guardar as cabras.
– Ah depois. Depois de guardar as cabras? Conhecia uns rapazes que tinham ido comigo à escola. Havia um que ainda hoje... olhe, aquela casa que está em Cardigos cá em cima, que está destruída, aquela casa era uma casa... era uma casa de gente inteligente. Havia uma senhora que era bordadora. A mãe dela fazia bolos finos para pessoas que lhe pediam e ela era... e tinha um irmão que se chamava António e outro que se chamava Luís. Esse

Luís uma vez quando eu ia para a escola lá com a senhora, e eu vinha devagarinho: "Carochinha, Carochinha... ", e no fim disse: "Ai professora!" e a professora lá, então, nessa altura a senhora era professora e o marido também lá dava escola na mesma aula, era professor, professor dos rapazes e a senhora professora das meninas.

– Eram marido e mulher?

– Eu no fim disse à senhora professora: "Oh senhora professora, o menino Luís... " que era dessa casa que está destruída, "... o menino Luís quando eu passo chama 'Carochinha, Carochinha'", "Ai sim? Então anda cá?" No fim: "Oh senhor professor... ", fui à escola do senhor professor, era de um lado, nós no outro, no mesmo edifício: "Oh senhor professor, um menino dos seus anda aqui a chamar a uma menina das minhas 'Oh Carochinha, Carochinha'... sempre lhe chama por nomes... " E no fim, eu gostava que ela lhe desse doze bolos nas mãos. Bateu-lhe com uma régua, eu estava a tremer com medo, mas era com poucochita força, que eu tinha medo, e no fim o senhor professor não gostou. O senhor professor não gostou e disse para a senhora professora: "Oh senhora professora... ", eles eram marido e mulher, mas lá não se tratavam como tal, "Oh senhora professora, eu não gostei muito da senhora vir bater num menino dos meus à minha escola" diz o senhor professor para ela. Depois acabou assim. Ela ficou triste e depois pronto, passou.

– Portanto, ir à escola não era muito comum. A maior parte das crianças não iam?

– Não ia a maior parte. Iam poucas crianças, porque mesmo as pessoas que se consideravam ricas cá de Cardigos faziam a 4.ª classe e pronto, mais nada. Não adiantavam os estudos. E faziam a 4.ª classe. Fazendo a 4.ª classe, pronto, ficava tudo. Depois outros não chegavam a fazer, outros não chegavam a lá ir, era assim.

– E sabe de alguma criança que tenha sido educada em casa por algum professor particular ou pelo padre?

– Não, não.

– Isso não existia?

– Não conheço ninguém que fosse educada por uma pessoa particular. Não conheço ninguém. Quem ia à escola ia, quem não ia não ia. Pronto. Mas eram mais as que não iam do que as que iam.

– E o seu pai, lembra-se que material é que ele usava para a ensinar a ler?

– Que material é que ele usava?

– Tipo, era um livro, era o jornal, era o quê que ele usava?

– Era... ele ensinava-me no livro, no meu livro que ele comprou para ir à escola que era, naquele tempo chamavam-lhe a Cartilha, o primeiro livro.

– A Cartilha João de Deus?

– Não me lembro já. Era o livro, era o primeiro livro. Ele ensinava-me por ali a escrever, eu escrevia, eu sabia escrever quando ele me pedia para fazer os rascunhos, ele escrevia num papel e eu copiava.

– Já escrevia num papel, nunca escreveu na lousa? Era sempre no papel?

– Era sempre na pedra. Eu escrevi na pedra também. Contas e isso fazia na pedra.

– Que pedra era essa?

– Era uma pedra quadrada com um encaixezinho em volta. O encaixe era de madeira e a pedra era pedra.

– Então comprava-se esse material.

– Comprava-se a pedra.

– E com o quê é que se escrevia?

– A minha nora, uma senhora que mora aqui em baixo que casou com um filho meu, ainda tem uma pedra dessas na cozinha onde ela assenta às vezes muitas coisas para não se

esquecer, outras são precisas. Tem lá uma pedra dessas e eu lembro-me logo que ainda tem uma pedra da escola.

– Com o quê é que escrevia? Era giz ou era pedra?

– Era o lápis de pedra. Era sim.

– Muito bem. E, portanto, chegou a escrever na pedra, mas depois passou para o papel?

– Pois. Mais tarde.

– Então e dona Sofia, hoje se quiser ler um jornal e essas coisas consegue muito bem?

– Consigo. Depois eu quando tinha doze anos fui aqui para um sítio, não sei se a senhora conhece, para casa de um primo meu que era padre, que estudou nos Colos de Baixo mais quatro anos, era eu, uma irmã e uma sobrinha. E eu fui porque a irmã tinha feito uma operação numa perna e esteve um ano sem sair da cama. Na curva da perna havia muitos nervos e depois primeiro que aqueles nervos ganhassem, levou muito tempo. Esteve um ano sem sair da cama. E a sobrinha tinha sete anos, foi para a escola e eu fazia o comer, varria a casa, fazia tudo. Tinha doze anos. Estive lá quatro anos. Mas estive lá mais, porque ele depois foi mudado para Penha Garcia, lá para mais longe, e eu disse: "Para tão longe, eu vou para minha casa." Eu vim para minha casa, tinha casado uma irmã minha e eu também lá fazia falta. Vim para casa e eles foram lá para a Penha Garcia.

– Penha Garcia é quase na raia de Espanha.

– Pois, é a última freguesia da diocese de Portalegre. A última freguesia da diocese de Portalegre é a Penha Garcia. Ai e havia um rapaz, eu tinha quinze anos, ele tinha dezasseis. Ele tinha andado a estudar para padre também, e fez o 5.º ano, e depois saiu com o destino de ir para Angola. Com o destino de ir para Angola e foi. E eu gostava muito do rapaz. Eu tinha quinze anos, sem saber lá o que era namorar!... Acontece. Mas eu nunca vi um rapaz tão novo, e com uma afeição que ele... e eu sempre a afastá-lo, eu sempre me afastava porque era de muito longe. Daqui para os Escalos era muito longe.

– Escalos de Cima?

– Escalos de Baixo. E depois eu sempre o afastava, e ele tinha desgosto de eu afastá-lo. E depois eu um dia vim cá passados uns tempos a casa do meu pai, passar uma temporadita, e ele escreveu. Olhe que ainda sei parte da carta que ele me escreveu!

– Diga! Diga parte.

– Quer que ainda diga um bocadinho?

– Quero!

– Toda não, mas...

– O bocadinho que se lembrar.

– Um bocadinho da carta era assim: "Bem doloroso é para mim ter de escrever uma carta tão pessimista a respeito do meu namoro, mas como se trata de uma justificação, eu procurarei dar nas minhas palavras um tom de que realmente a amo, a considero a escolhida do meu coração. Mas realmente as suas palavras são tão vazias de esperança, que me deixam deveras espantado. Eis o motivo, porque acredito que a Sofia longe de mim se esqueceu e dedicou o seu amor a um rapaz mais rico, mais simpático, etc. Envergonhando-se agora, vou fazer uma despedida sem fundamento, porque foi de livre vontade que me aceitou como seu amado... "

– Caramba, como é que ainda se lembra dessa carta...

– "... Aceite agora um protesto que a ajude a abandonar-me. Eu como rapaz sério, como me prezo ser... ", passou-me aqui que eu sei... "Aceite agora um protesto que a ajude a abandonar-me. Eu como rapaz sério, como me prezo ser, de novo, lhe afirmo que a amo infinitamente. Se me abandonar que hei-de fazer? Sofrerei a perda de uma felicidade que nunca cheguei a possuir. Depois sinto a tristeza a pousar-se no meu coração e uma angús-

tia medrosa. Sofia, minha boa Sofia, se me amasse verdadeiramente não me vinha com essas coisas." Ainda decorei um bocado...

– Dona Sofia, quantas vezes é que leu essa carta? Muitas?

– Algumas, mas olhe eu não precisava de ler muito.

– Tinha boa memória?

– Tinha boa memória. Nosso Senhor deu-me uma memória que eu nem queria saber. Eu tinha uma prima que era professora, que era filha ali do senhor Alexandre de Cardigos, e ela dizia assim: "Há por aí tanta sabedoria que fica enterrada por não haver posses para ela se manifestar... "

– Incrível.

– Ela dizia sempre que gostava que eu lhe contasse coisas, e eu contava-lhe. Tudo quanto eu ouvia eu parece que aprendia.

– Dizia a professora?

– Dizia a professora. Olhe, aqui um senhor que era o mais rico de Cardigos, já tinha idade, era o pai do professor que dava, então, escola aqui em Cardigos. Era uma pessoa de idade e a senhora dele também, e depois carregou uma balada da campa à mulher. Eu só o vi uma vez e sabe quando é que eu o vi? Íamos à igreja ali a Cardigos, àquela igreja que agora é velha, mas então era nova, e à saída da missa puseram uma mesa cá fora, e uma neta dele subiu para cima dessa mesa e ele pediu para escutarem a neta, a balada da campa que ele escrevia para a mulher. Era assim... e eu só ouvi uma vez, e eu já estava casada e eu não me demorava em Cardigos, quando saía da missa fazia as minhas compras nunca perguntava companhia, vinha-me sempre embora, mas vinha sempre a pensar, naquele dia vinha sempre a pensar no que tinha ouvido, era assim... a senhora quer ouvir?

– Quero, quero!

– "Balada da campa, quando for o meu enterro não tenhas pena de mim, porque se o mundo é desterro, o desterro teve fim. E depois quando tu fores à minha campa rezar, fala baixinho, não chores, não me queiras acordar, porque o meu sonho será lindo, lá no alto junto de Deus, está-se ideal e findo, em plena glória nos céus. E vai com o teu carinho, amor, meu sonho embalar, reza e canta baixinho, deixa-me sonhar, sonhar."

– Tão bonito.

– Eu só ouvi a menina. Quando cheguei aqui à Roda já a sabia toda, e ouvi-a só uma vez.

– Isso é inacreditável, dona Sofia...

– Estes versos...

– Inacreditável.

– Eu vinha sozinha. Vinha a pensar naquilo. Ouvi a menina lá a dizer os versos que ele tinha escrito para a senhora dele. Cheguei a Cardigos peguei num fio, acabei no outro, já a sabia toda.

– Meu Deus. Mas isso é uma coisa extraordinária...

– E aprendia muito bem. Tudo quanto eu ouvia, eu aprendia.

– Olhe, como é que dizia a sua professora aquilo que disse atrás? Para repetir, "tanta sabedoria que não pode... ", o que é que ela dizia, a sua professora? De si?

– Como é que dizia a minha professora?

– Sim. Há pouco disse-me que a professora comentou que tanta sabedoria que não podia desabrochar. Como é que era?

– Era assim: "Há tanta sabedoria que fica enterrada debaixo do chão, por não haver possibilidades de a pôr em prática."

– E ela dizia isso da dona Sofia?

– Ela dizia isso para mim. Ela era minha prima e gostava de falar para mim. Eu dizia lá assim umas coisas que ela também gostava de contar aos alunos dela, e gostava de as aprender e no fim dizia assim: "Diga lá mais outra vez!" (risos).
– Por exemplo. Que coisas é que ela queria saber?
– Por exemplo: "Era uma vez uma velhinha quase cega, coitadinha. Já mal podendo andar, encostava o seu bordão, sempre olhando para o chão, indo na estrada a passar. Ouvindo um cão que ladrou, a pobrezinha parou, olhando em roda assustada, quis fugir, não conseguiu, tentou correr, mas caiu, a pobrezinha, coitada. Nisto surge uma menina, viva, formosa e dandina que ao vê-la cair no chão correu logo pezarosa e à velhinha deu a mão. 'Eu a levanto minha avózinha, e levo-a à sua casinha. O que lhe dói? O que tem? Diga que eu vou buscar qualquer coisa para a curar, vou pedir à minha mãe', 'Não é nada, meu amor. Tu és um anjo, uma flor. Ajuda-me só a andar. Deus te pague a tua bondade com muita felicidade', disse a velhinha a chorar." E a professora gostava que eu lhe dissesse assim as coisas.
– Sabe muitas?
– Sei. Algumas.
– Conte mais uma, a que se lembrar.
– "Se soubessem como eu gosto da minha boa avózinha, no mundo não há aposto uma avó como esta minha. Faz-me todas as vontades, satisfaz os meus desejos, perdoa as minhas maldades e ainda em cima me dá beijos. E quando eu estive doente foi ela a minha enfermeira, carinhosa, diligente, junto à minha cabeceira. E quando eu às vezes a via, muito triste, a meditar, olhava para mim sorria, para eu não a ver chorar. Com tantas rugas no rosto, com a pele engelhadinha, não calcula como eu gosto da minha santa avózinha."
– Tão bonito. Tão bonito...
– Pois...
– Se se lembrar de mais pode dizer. As quantas que quiser, dona Sofia...
– Várias. Também sei outras mais descabreadas.
– Descabreadas?
– "Sou de ouro e sou de prata, batizei-me em Nazaré, fui levando um corpo inteiro que se chamava José. São José levou-me um dia, do canteiro onde nasci, corri toda a Galileia, terras santas percorri. São José deu-me a virtude, São José deu-me o condão, de amparar quem é velhinho às folhas do meu bordão." Se mais fosse contar... Sei uma que também era assim: "Tenho casas avarandadas e de marfim são as telhas, mulas tenho cem parelhas, aí umas oitenta manadas. Tenho cem vacas afilhadas (não é afilhadas, é com filhos). Tenho cem vacas afilhadas, que tão linda criação, tenho força como só São, para vencer com a Turquia, tenho mais sabedoria, do que o sábio Salomão. Eu tenho por mim o Brasil e em Espanha trinta mil morcados!" (risos).
– Ena, essa pessoa tem muita coisa!
– Pois, pois tem! (risos) E outra que é assim... eu sei muito! "Para quem não sabe de costura, eu quero aqui explicar, como se faz um babete, e um lenço de assoar. Julgam que por ser pequeno, que é de pouco valor, dá mais trabalho a fazer do que dá um cobertor. Primeiro corta-se o pano, e para focar direitinho, tira-se apenas um fio e se o pano é de linho, dobra-se em volta uma tira, cose-se toda com linha, sabe depois o que fica? Fica um lenço com baínha. Mas um lençol, sim, não gosta de bailar por certo, então vai de fazer em toda a volta um ponto aberto. Agora tem muita graça. O ponto é mais delicado, mas não está ainda pronto, não está ainda acabado. Falta-lhe uma letrinha no meio, um raminho de flores bordado a *richelieu* com linha de várias cores. Agora todos sabeis o lencinho e o seu valor. Comprai para que sobre vós caiam bênçãos do Senhor."
– Essa está muito gira. Essa é tão engraçada.

– E é assim. A neve. A neve: "Bate leve e levemente como quem chama por mim. Mal se ouve, mal se sente. Será chuva, será gente? Gente não é certamente e a chuva não bate assim. Fui ver. A neve caia duas ursas entre os céus, branca e leve, branca e fria. Há tanto tempo que eu não via, e que saudades Deus meu! Por através da vidraça, pôs tudo da cor do linho, passa gente enquanto passa os passos em tremitaça, na brancura do caminho."
– Lindo!
– Estou a chatear a senhora.
– Não, não!!! Não, não, isso é que nunca. Isso a dona Sofia pode estar aí três dias que não me aborrece nem um bocadinho... ou mais, ou sete, ou vinte. Não sei, eu mudo-me para aqui para ouvir estas histórias. Dona Sofia, então, e onde aprendeu essas rimas e essas histórias?
– Tudo quanto ouvia aprendia. Eu ouvia uma coisa qualquer, a uma miúda qualquer, e depois a seguir àquela miúda "Ah nina, diz lá aquilo que tu disseste" e no fim ela dizia: "Bem, deixa-la ir embora, não a massava." Para outra vez dizia-lhe: "Tu ainda te lembras daquilo que tu me disseste?", "Lembro!", "Então diz lá!" e era assim. Era assim. Eu aprendia tudo.
– Dona Sofia, vamos fazer aqui uma pausa, para descansar 10 minutos, porque está a ficar muito cansada (...)
– Desde que me falta o ouvido, eu mal oiço a minha voz (...).
– Bem, dona Sofia, vamos lá terminar as nossas conversas.
– Olhe, quando eu estava na escola... andava lá também um rapazito, que por acaso até já morreu, ele era aqui da Roda, é a última casa quando se vai aqui pela estrada abaixo, é a última casa, era a casa dele, quando ele casou depois, porque até então estava na casa dos pais, mas agora tinha casado, mas já morreu. Chama-se José Henriques. O José Henriques. E ele estava lá ao fundo da escola, e disse assim para a senhora professora: "Senhora professora eu precisava de ir lá fora", "Não, agora não pode ir lá fora", "Oh minha senhora, mas eu tenho que ir" e ela deu-lhe com uma cana na cabeça. Uma cana comprida que ela tinha, e bateu-lhe na cabeça. E ele disse: "Oh minha senhora, olhe que eu tenho necessidade de ir lá fora", "Mas agora não vai!", "Olhe minha senhora, fiz as necessidades para as calças." E fez aquele serviço comigo lá. Eu vi. "Olhe, agora fiz as necessidades para as calças."
– Então, mas estavam juntos na sala?
– "Ah vá-se já embora! Vá-se já embora!"
– Depois zangou-se?...
– No fim pô-lo na rua a cheirar mal, pois ele fez as necessidades para as calças. Primeiro pediu-lhe para sair, "Ainda agora entraram já quer sair. Não sais!", deu-lhe com a cana na cabeça. Deu-lhe com a cana na cabeça...
– Então, era com uma cana que batia, a senhora?
– Havia uma palmatória e havia uma cana comprida que chegava ao fundo da escola, para a senhora não se levantar lá da cadeira onde estava, dava-lhe com a cana mais comprida na cabeça. E outras vezes mandavam-nos vir cá acima para levar bolos.
– Bolos?
– Bolos nas mãos.
– Bolos nas mãos é pancada nas mãos?
– Bolos é com uma palmatória de pau.
– Com buracos ou sem buracos?
– Isso é que eu já não me lembro... se tinha buracos ou não. Outras vezes mandava uma miúda ou um miúdo: "Vai lá dar quatro bolos a fulano", quando às vezes ela nos mandava calar e eles não... às vezes não respeitavam, outras vezes continuavam a falar.

– A dona Sofia é capaz de descrever a escola? Como é que era a escola?
– Então ainda lá está, hoje. É aquela escola.
– Mas era igual ao que é hoje, não?
– Não. Era mais pequena e, não sei... eu agora já há muito... nunca mais lá fui, e não tinha aquele alpendre tão grande, agora tem os alpendres por fora e fizeram agora... as meninas andam lá, comem lanches e tudo, e no outro tempo não.
– Como era no outro tempo?
– Eram só duas salas. Só duas salas. Uma para o senhor professor outra para a senhora professora.
– E casas de banho havia?
– Não. A gente quando queria fazer as necessidades pedia para sair fora. Era assim, e depois tinha de se pedir à senhora professora se podia sair, a senhora professora se por acaso tinha entrado há pouco dizia: "Ainda agora entraste já queres sair? Agora não sais!"... mas a vontade vinha, às vezes, já depois... vinha já depois disso... e aconteceu, daquela vez aconteceu.
– E como era lá dentro? Tinha carteiras? Tinha bancos?
– Tinha carteiras, tinha carteiras. Todos tinham a sua carteira. Às vezes quando não chegava carteiras para todos havia uns bancos lá ao fundo. Era assim.
– E um quadro?
– E o quadro grande de pedra, era assim ao pé da senhora professora. Ia-se ao quadro fazer o que a senhora mandava, claro, contas e assim...
– Estrado. Tinham estrado ou não?
– Tínhamos estrado, sim. Para estar mais alto.
– E na parede havia alguma coisa? Nas paredes havia alguma coisa?
– Não tenho ideia. Já não me lembro.
– E armários também não?
– Armários também não havia. Não. E era assim. Da escola, também me lembro ainda no meu tempo, mas eu já não andava na escola, eu já era maior já não andava na escola, mas estava lá um senhor professor que namorava uma rapariga ali dos lados da Moita Recome ou Arganil. Ele não era de cá, mas dava escola naquela escola de Cardigos.
– Lembra-se como é se chamavam?
– Ai não me lembro. Isso não me lembro como é que se chamava.
– Mas isso foi antes deste casal? Destes professores que eram casados?
– Depois, depois. Foi depois. Ele namorava uma rapariga lá daqueles sítios, Moita Recome ou Arganil... ele namorava e quando ela vinha a Cardigos punha um dos que andava na 4.ª classe a fazer de professor a ensinar e ele ia acompanhá-la até lá longe, longe...
– Ficavam os alunos sozinhos na escola?
– Sozinhos na escola. Aconteceu muita vez, muita vez. A gente às vezes ia a Cardigos e via o professor mais ela, e os gaiatos ficavam só.
– Sozinhos mesmo, na escola, sem ninguém a guardá-los?
– Pois, e ele lá dizia para os da 4.ª classe: "Vocês agora dão a lição aos mais novos, passam os trabalhos para amanhã, que eu já venho... ", eu já venho... mas ele esquecia-se, e andava por lá toda a tarde e quando vinha já...
– Já tinha acabado a escola.
– ... já tinha acabado a escola! (risos)
– Então e esse professor ficou na escola, ou teve de se ir embora?
– Não, ficou lá.
– Quanto tempo?
– Muito ou pouco já não me lembro.

– Anos ou... ?
– Anos, esteve lá ainda bastantes anos.
– Sempre nesse sistema?
– Olhe, quando o meu filho, na altura dos exames, quando o meu filho fez exame era assim, ele andava na 4.ª classe, ele arranjava uma moeda, naquele tempo era de dez tostões, era tostões... vinte e cinco tostões, e era assim: "Eu atiro esta moeda ao ar, se ficar com a cara para cima fazes exame, mas se ficar com ela para baixo já não fazes." Atirava a moeda ao ar... se ficasse com a cara para cima fazia, se ficasse com a cara para baixo não fazia.
– Então, mas isso era muito injusto.
– Era injusto! Isto já no tempo em que o meu filho andou na escola e o meu filho já tem setenta e três anos.
– Vamos falar disso agora um bocadinho. Dona Sofia, depois de casar teve filhos. Quantos filhos teve?
– Três. Tive a Maria Elvira, que mora aqui, e tive o meu filho e a Nazaré.
– Muito bem. E, então, eles foram à escola?
– Sempre. Sempre foram à escola.
– Os três? Foram os três?
– Foram os três.
– Porque é que decidiu isso?
– Então, porque era já obrigatório. No meu tempo não era, mas agora é obrigatório e eu também gostava que eles aprendessem, então eu tive tanto gosto em aprender e queria que os meus filhos não aprendessem? Foi a minha pena toda a vida deles não estudarem, porque o meu marido não era assim muito de trabalhar, queria era que os filhos trabalhassem! E ele era caçador, pegava numa espingarda... e eu não gostava. Para mim foi um desgosto de morte os meus filhos não estudarem. A Nazaré só tirou o 5.º ano, ainda tirou o 5.º ano, mas a Maria Luísa só tirou a 4.ª classe e o meu David só tirou a 4.ª classe. Grande desgosto foi o meu! Quando eu disse: "Então, eles agora continuam a estudar? Temos de ver como eles continuam a estudar." Tinham de ir para Mação ou para outro lado. Ele disse: "Tu estás parva?!" Eu fiquei para não viver...
– Isso foi o seu marido que disse?
– O meu marido nunca foi assim muito dos filhos. Era aquele vício de caçar, de caçar, de caçar, vamos lá. Pelos filhos nunca foi muito amado. Para mim era um desgosto de morrer. Sofri muito por isso.
– Mas foi dizendo, pelo menos à Nazaré, que gostava muito que ela seguisse, que ela continuasse?
– Gostava muito que ela seguisse. Essa ainda tirou o 5.º ano já depois de maior, porque o António andava a estudar também, nem sei se ele já estava empregado, se não, e disse assim: "Eu gostava... " porque nós tínhamos uma taberna e mercearia, e faziam-me falta também para estar na mercearia. A Maria Elvira casou também muito nova, já tinha casado, o Manuel David andava também já lá para Lisboa a aprender. Ele era para ir para a Setenave ou para a Lisnave ou não sei, andava para lá, e a Nazaré estava na loja... e ao fim o António escreveu de lá e dizia... Ah, e um padre que estava cá, quem para lá queria ir tirar o 5.º ano, ele era o professor, e um dia o António escreveu que gostava que a Nazaré tirasse o 5.º ano e ele pagava, se os pais não pudessem pagar o António pagava. E eu...
– O António? O António seu genro?
– O António meu genro. Gostava que ela tirasse ao menos o 5.º ano. E eu lá tanto andei, tanto andei, tanto andei... "Quem fica na loja?" dizia o meu marido. Tínhamos a loja, o David já cá não estava: "Então quem é que fica na loja?", "Olha, fecha-se até ao meio

dia!", a escola era até ao meio dia, "E está aberta da parte da tarde." E cá havia duas lojas, a minha fechava-se não se fazia negócio, compreende? Bem, mas ela foi e num ano... ela aprendia muito bem até teve bolsa de escola, de estudo, não foi preciso pagar nada. Ela aprendia muito bem, desde pequenita também. Aprendia muito bem. E ao fim, num ano tirou os dois, compreende? E no fim não foi preciso pagar nada. Mas eu tive muito desgosto... de eles não estudarem...
– Bom, mas a verdade é que fecharam a loja para ela ir à escola.
– Fechámos. Da parte da manhã estava sempre fechada para ela ir para a escola.
– Isso é um custo enorme, não é?
– Pois. E depois foi assim. No fim, casou a minha Nazaré, a minha Maria Elvira tinha dezassete anos. A Nazaré foi quando o António acabou os estudos e se empregou, é que casou, tinha vinte e dois. Casou a Nazaré a um mês e o Manuel David no outro a seguir. Casaram com um mês de diferença. (...)
– Então e o Manuel David?
– O Manuel David é o que mora ali em baixo também. Casou... tem uma filha que é professora. Tem outra que está empregada num banco. Então, tem duas filhas. Uma está empregada num banco, outra é professora.
– As professoras daqui, que se lembre, como é que se chamavam? As professoras que davam aulas aqui, tem ideia?
– Olhe, no meu tempo ela chamava-se Maria do Carmo. E o senhor professor era António Tavares. Era o senhor António Tavares. Eram os ricos da terra. Quer dizer, não sei se eles eram ricos, mas tinham nome disso.
– Mas eram daqui ou vinham de fora?
– Eram daqui. Aqui de Cardigos. Ele, pelo menos a mulher dele, chamavam-na: "A facadas", não sei de onde é que ela era. Ela veio para cá, mas eles eram daqui.
– Eram os dois daqui. E depois, lembra-se de outras professoras conhecidas aqui?
– As professoras, por fim, não sei, não me lembro de outras professoras que vieram.
– Falaram-me de uma dona Conceição, que já morreu.
– A menina Conceição. A menina Conceição era muito boa professora. Era muito boa professora e não sei se a minha filha Nazaré andou com a menina Conceição.
– É natural. Quando eu entrevistar a dona Nazaré ela há-de dizer.
– Pois. Ela era muito boa professora. Ainda tem duas irmãs vivas, em Cardigos. Uma é a Mariazinha, e outra é Lourdes e outra era a menina Conceição. Três meninas muito... Ah e tinham também um irmão que se casou não sei para onde...
– Elas não casaram?
– Elas as três não casaram.
– Porquê?
– As três, porque havia umas poucas de professoras em Cardigos e nenhuma se casou. Só casou a do professor Tavares, porque o professor Tavares era filho do senhor José Tavares. E depois esse senhor António Tavares era professor e casou, e a senhora dele andava grávida e veio uma tempestade, tombou a chaminé da casa para cima do quarto e ela estava na cama a dormir, morreu ela, o bebé e tudo.
– Oh meu Deus!
– Morreram lá no quarto com aquela tempestade. Destaparam-se os telhados todos, aquilo foi uma tempestade muito grande e essa senhora morreu. No fim, esse António Tavares, que era filho do senhor José Tavares é que casou com a dona Maria do Carmo que era filha desse senhor onde eu estive, onde eu estive, porque a mãe dele partiu um braço e eu estive lá muito tempo... essa senhora professora era filha desse senhor. Ele era viúvo já quando casou com ela, ela também era professora. Era viúvo já quando casou com a dona

Maria do Carmo. E tinha uma outra que era professora, a dona Natividade que dava aulas na Abrançalha, algures.
– Na Abrançalha?
– Sim.
– E era aqui de Cardigos?
– Era aqui de Cardigos.
– D. Natividade?
– Pois.
– Mas já morreu?
– Já. Deve ter morrido tudo. Já deve ter morrido.
– Eu ouvi dizer que aqui na Roda ouve muitas pessoas... chamavam-lhe até a Aldeia dos Doutores...
– A Aldeia dos Doutores? (risos) Veja lá...
– Já ouvi dizer várias pessoas: "Ali na Roda há outras pessoas que se licenciaram, acabaram os estudos" e chamavam-lhe a Aldeia dos Doutores.
– Ora veja lá. Pois... eu vim para cá com vinte anos. Casei com vinte anos, e depois foi assim a minha vida... foi sempre trabalhar no campo. Sempre trabalhei no campo e, claro, o meu marido nunca gostou assim muito de trabalhar, porque fazia searas de arroz lá para o Alentejo e traziam muito...
– Searas de arroz no Alentejo?
– Searas de arroz ao pé de Sesimbra. Pois, searas de arroz, e andou lá dez anos e ao fim do trabalho veio para cá e ele lá não fazia nada, porque ele era patrão e era encarregado, compreende? E depois trazia muitos homens a cavar a terra e trazia muitas mulheres a mondar o arroz, a plantar arroz. O arroz era feito em viveiros e arrancava-se e plantava-se muito. Muita gente, muita gente eles traziam por conta deles. E depois, mais tarde, mais tarde veio então para cá, mas não se adaptou muito a trabalhar cá muito, compreende?
– Pois, como mandava lá no outro lado, aqui já não lhe apetecia trabalhar.
– Pois. Lá também não trabalhava. Trabalhar só a mandar no pessoal.
– Está bem, D. Sofia... .agora vamos almoçar...
– Ainda lhe gostava de lhe dizer uma outra, mas não sei se a senhora...
– Diga!
– Noutro tempo as guerras não eram como agora. Iam para lá para a guerra, andavam 6, 7 anos sem vir a casa, e andavam muito tempo e às vezes quando voltavam já nem as famílias conheciam. E depois uma senhora, que era a dona Infante, a dona Infante o marido foi também para a guerra. Depois andou por lá alguns sete anos e depois um dia, estava a dona Infante no seu jardim sentada, com o pente de ouro na mão, seus cabelos penteava, deitou os olhos ao mar, lá veio uma grande armada. E o cavalheiro que vinha nela trazia a mãe governada. A senhora chegou-se ao pé dele e disse: "Cavalheiro viste tu o meu marido na armada?", "Não o vi nem o conheço. Nem sei se penacho levava", "Levava cavalo branco, selim de prata dourada, na ponta da sua lança a cruz de Cristo bordada", "Eu lá vi o seu marido. Eu lá o vi na armada. A maior força que lhe deixaram foi a cabeça cortada", "Ai triste de mim viúva, ai triste de mim coitada. De três filhas que eu tenho ainda nenhuma é casada", "Quando darias vós senhora, se eu o trouxesse agora aqui?", "Dava prata e dava ouro e também dava marfim." E ele disse: "Não quero prata nem ouro e nem quero marfim, quando darias vós senhora se eu o trouxesse agora aqui?", "Dava-lhe as minhas três filhas, para o vestir e para o calçar, e a mais bonita de todas para consigo casar", "Não quero as suas três filhas, não me estão dadas a mim, quanto me darias vós senhora se eu o trouxesse agora aqui?", "Não tenho mais que lhe dar, nem você que me pedir", "Peço a vossa real senhora, para consigo dormir?", "Vá-se embora seu malvado, que não abusa de

mim, vou chamar os meus criados que o arrastem às patas do meu cavalo em volta do meu jardim", "Deixa estar os teus criados, se são teus, também são meus (era o marido), que é daquelas sete pedras que te dei quando parti?", "Aquela nossa aliança, pois a minha vê-la aqui. Vinde cá oh minhas filhas, que o vosso pai é chegado. Abram-se os novos portões há tanto tempo fechados. Vamos dar graças a Deus por momentos tão desejados"... acabou.

– Oh dona Sofia, não havia melhor maneira de terminar... a história de quem volta a casa com a mulher e as filhas à espera dele, honradas, e com uma mulher sempre séria à espera do seu marido. Muito obrigada dona Sofia.

– Tinha esta história para contar à senhora!

– Teresa de Jesus Martins –

Naturalidade: Vales (Cardigos, Mação)
Data de nascimento: 06-01-1949
Residência actual: Vales (Cardigos, Mação)
Habilitações literárias / nível de escolaridade: 5.º ano dos liceus (completo), e fez disciplinas do 7.º ano: Português, Filosofia, Política, Geografia (no tempo da "passagem administrativa", manteve emprego diruno enquanto fequentava a escola em horário nocturno).

Entrevistas realizadas por Helena Cabeleira (gravação áudio e audiovisual), Vales, Cardigos, Mação (07/09-10-2019).

– Esta escola... isto foi uma fotografia que o António nos passou logo no início do projeto e a única identificação que a fotografia tinha era "Escola dos Vales... anos 60", acho que era isso.
– Deve até ser antes, anos 40 (...). A Escola feminina também foi a escola masculina. O meu pai andou nessa escola.
– O António disse-me que a escola feminina seria esta, e depois havia outra que seria a masculina.
– Não. O meu pai sempre me disse que andou naquela escola. Andou primeiro nas Cimadas, entretanto veio aquela escola e o meu pai andou lá naquela escola, fez lá a 4.ª classe.
– O seu pai se fosse vivo que idade tinha?
– O meu pai se fosse vivo teria... ora dezassete... cento e dois anos.
– Portanto, nasceu em... ?
– Em 1917.
– 1917, então, isto foi... o seu pai andaria na escola nos anos 30?
– Sim. Fins de 29, 30's.
– 29's, 30's. Portanto, ele não andou nesta escola que era a masculina, andou na outra que depois era feminina?
– Sim. Esta certamente ainda não existia.
– A Teresa não tem mais referências nenhumas... datas ou pessoas que tenham andado nesta escola?
– Não tenho. Não me lembro nunca de ninguém falar que andou. Lembro-me daquela que o meu pai falava, porque fez lá a 4.ª classe.
– Naquela que depois de o seu pai lá andar se transformou em escola feminina, foi isso?
– Certamente.

– Então para esta ser a masculina nos anos 40, quer dizer que a outra onde o seu pai andou provavelmente era a feminina, nos anos 40. Não conhece ninguém que saiba essa história melhor?
– Se seria isso não sei... não. Talvez um tio da Darlinda, que tem muito boa memória e sabe coisas muito antigas. Outra pessoa que também sabe muita coisa é o Zé Catarino. (...)
– Esta é uma outra que o António me passou, na escola dos anos 60... que é o António que está aqui...
– E esta sou eu!
– A sério?
– A sério. Toda esgargalhada... sempre fui desarranjada!
– Teresa, fale-me desta fotografia. Lembra-se de tirar esta fotografia?
– Quer dizer... de tirar esta fotografia não, mas lembro-me de irmos aí. Aí era... aliás, vínhamos aqui todos os dias à tarde ao lanche, porque acho que eram coisas que vinham da Cáritas, que traziam leite e queijo. Entretanto, a senhora que morava nesta casa, que era a dona Fernandes é que organizava, fazia os lanches todos os dias. As nossas mães coziam pão às vezes, de cada vez, com essa farinha coziam o pão, e nós à tardinha vínhamos aí lanchar. Penso que era à tarde, não sei se era a meio da manhã se era a meio da tarde, mas eu penso que era à tarde.
– A Teresa lembra-se do nome desta gente que está aqui? Eram aqui dos Vales?
– Eram cá de baixo, do Carrascal... eu conheço aqui alguns, mas a cara não identifico...
– A Teresa tem esta fotografia?
– Tenho.
– Consegue-me escrever num papel a ordem, da esquerda para a direita?
– Estes aqui da frente eu ainda identifico. Esta era a minha prima, a Odete, esta era a minha irmã Isabel. (...)
– Pronto, e esta aqui?
– Isso sou eu e a minha irmã.
– Não tem os originais disto?
– É como lhe estou a dizer, eu tenho. Vai levar tempo, mas esta fotografia já foi do fotógrafo. (...) Que saudades!
– Que coisa linda. Então, e este sítio qual é?
– A entrada principal da escola.
– Da escola onde a Teresa andou?
– Onde eu andei. Que é a escola que ainda lá está. É a mesma escola. Aparece aí noutras fotografias já melhor.
– Sabe dizer a data exata da fotografia? Que idade é que tinha aqui?
– Ora se está aqui a minha irmã...
– Como é que se chama a sua irmã?
– É Isabel... Maria Isabel Martins Vacas e agora já... com o apelido do marido Dias.
– Certo. E ela é mais nova ou mais velha?
– É mais velha.
– E a Teresa é esta da sacola?
– Sim.
– Esta é a sua irmã que é mais velha. Que diferença de idade têm?
– Ano e meio. Portanto, ela aí devia estar na 4.ª classe, eu estaria na 2.ª ou na 3.ª.
– Com que idade foi para a escola?
– Eu fui para a escola... eu faço anos em Janeiro. Fui para a escola com os sete, mas fiz logo os oito em Janeiro. Portanto, um ano atrasada. Portanto, eu aí teria talvez os meus oito anos... sim, oito, nove.

– Nasceu em 49?
– 49. Portanto isto foi em 56/57. Já não me recordo bem, mas eu penso que estaria talvez na 3.ª ou na 2.ª.
– Portanto é 59/60. Não se lembra de quem foi o fotógrafo? Tanto de uma como da outra?
– Não. E nessa altura eu penso que talvez a professora. E tenho muitas fotografias e foi mesmo ela, porque nós fizemos-lhe aqui um almoço aí há uns cinco anos, quatro ou cinco anos...
– É viva a senhora? Como é que se chamava a senhora?
– É viva. Maria Helena Aires da Silva Domingues.
– E ela é daqui?
– Não. Ela, salvo erro, sei que morava em Ponte Sor na altura, depois os pais foram para Vila Franca.
– E a Teresa acha que é fácil falar com essa senhora?
– Muito fácil. Ela telefona muitas vezes e gosta muito de conversar com as pessoas, e de falar destes tempos... neste momento ela vive em Castanheira do Ribatejo. (...)
– Que idade tem essa senhora agora? A Teresa não sabe? Era jovem quando foi vossa professora?
– Sim. Era muito nova.
– Então ela basicamente deve ter estado aqui uma vida inteira a dar aulas... ?
– Salvo erro doze anos ou mais... foi das professoras que esteve cá mais tempo. (...)
– Isto aqui? A Teresa não tem ideia? (...) É uma inauguração. Agora, não tenho datas, não tenho nada. Isto não lhe diz nada? Não conhece aqui ninguém?
– Conheço... foi a inauguração da igreja nova, é aqui nos Vales. Sim. Este senhor era o Dom Vassalo, hum... este senhor era o senhor António Fernandes. Não estou a identificar assim mais ninguém.
– Nem os miúdos, os cachopitos?
– Não.
– Mas é do seu tempo? Tem ideia se esta foto poderia ser do seu tempo de estudante da escola primária? Ou é posterior já?
– Sim, esta foto... posterior talvez.
– Se tivesse de dar uma data, mais ou menos?
– É difícil, para esta fotografia. Esta aqui até me parece a professora. Esta senhora era a Ti Maria Alvita... não tenho dúvida nenhuma que a fotografia é de cá. Agora, será da inauguração da nova igreja? Mas... estes cantos aqui... eu não estou a ver a paisagem...
– Não está a identificar?
– Não. É cá dos Vales, as pessoas são cá dos Vales. Esta, salvo erro, era a professora... a que foi minha. Mas os miúdos não estou a identificar nenhum. Esta talvez a Darlinda ajude melhor. Ah! Este senhor era aqui meu vizinho, era o senhor Américo...
– Estas pessoas que está a conhecer ainda são vivas, não são?
– Não! Já faleceram todas. As crianças é que eu não estou a ver, não estou a conhecer. Eu penso que esta fotografia deve ter sido isso, eu já não estava cá... deve ter sido na inauguração da igreja, da primeira pedra talvez. Deve ser... penso.
– Então a Teresa lembra-se da construção desta igreja?
– Sim.
– Foi em que altura? Anos 60?
– Anos 60's. Já estou a ficar baralhada. Eu depois... anos 60 de certeza. Agora é que me estou a lembrar, porque quando foi a inauguração eu tinha, salvo erro, dezasseis anos.
– Então foi no período em que a Teresa já não esteve cá, foi isso? Já não vivia aqui?
– Não, já estava para Lisboa.

– Então a Teresa viveu aqui em que idades?
– Eu vivi aqui até aos dez anos ou doze anos.
– E depois foi viver para Lisboa, foi isso?
– Não. Fui para Mação. Tive dois anos em Mação no Externato D. Pedro V., depois é que fui para Lisboa.
– Outra...
– Ah! Essa conheço! (risos) Sou eu! É a Rosarita, é uma senhora que mora ali assim, também já está reformada, é o Assis que também faleceu, este senhor era o Zé Mata também já faleceu e é a Nazaré que ainda é viva, a Nazaré Mata.
– Que idade tinha aqui mais ou menos?
– Esta senhora era a menina Arminda. Que idade tinha eu aqui? Deixe-me olhar bem para o vestido... devia andar nos dezanove, vinte anos.
– Portanto esta foto é dos anos 60.
– É.
– Incrível. E em que sítio foi, lembra-se? Quem é que tirou a foto?
– Não, não me lembro de quem tirou a foto, mas foi lá em cima, foi na igreja nova já que esta casa está lá tal e qual, e com o caminho que segue para Proença-a-Nova aqui em cima...
– Então, isto é no átrio da igreja?
– Sim, aquele espaço em frente da igreja. Esta senhora era minha vizinha, a menina Arminda.
– E lembra-se em que ocasião é que isto foi tirado? O que aconteceu? Foi um casamento, foi um batizado, foi uma festa?
– Eu penso que isto foi no casamento de uma prima minha, da Fernanda. Isto foi num casamento e eu penso que foi da Fernanda... Fernanda Martins Vacas. (...)
– E esta? Diz-lhe alguma coisa?
– Não, esta é que não me diz absolutamente nada. Nem conheço ninguém nem o sítio. Esta não deve ser aqui, pode ser esta zona, mas não aqui dos Vales.
– Isto aqui... diz-lhe alguma coisa?
– Esta fotografia está muito gira.
– Está não está? Devem ser raparigas do rancho folclórico ou alguma coisa assim...
– Exatamente. Eu estou a ver aqui caras que me... mas não sei pah... não.
– Esta não tem legenda nenhuma.
– Não sei se serão de cá... aqui não arrisco. (...)
– Esta também é outra que eu acho fantástica.
– Esta é cá dos Vales. (...) Depois há caras que tornam-se parecidas, porque naquela altura eram os mesmos trajes... esta senhora faz-me lembrar uma senhora que havia lá em baixo, a Ti Florinda, mas não tenho a certeza... pode não ser.
– Aqui, eu penso que não tenha nada a ver com a Teresa, até porque é uma coisa mais recente e foi tirada aí... esta senhora era uma senhora professora... Celeste Morgado. Foi um encontro que fizeram, tiraram esta foto aí numa escola.
– Aqui não estou a ver nada.
– E esta é a mesma foto que a Teresa já me disse, mas com uma legenda diferente, "Leite escolar da Cáritas em 59", acha que seria possível?
– Acho que sim. 59 ou antes.
– E este diz-lhe alguma coisa?
– Isto é a escola.
– É a escola dos Vales? Será a sua professora?
– Não. Não identifico ninguém.

– Mas podia ter sido aqui, não é? A escola até parece que tem aquela configuração... este edifício podia ser o do tempo da Teresa?
– Podia. Exatamente. Talvez. A escola pode ser igual, tenho a certeza que é. Mas as escolas na altura eram muito parecidas.
– Eram todas da mesma traça, sim. Então, de fotos, que eu queria que a Teresa falasse eram só estas. (...) Lembra-se do primeiro dia de escola? O primeiro dia em que a Teresa foi à escola, tem alguma memória?
– É assim, eu tenho memória... de fazer anos em Janeiro, e iria um ano atrasado. Os meus pais falaram com a professora que estava cá naquele ano, que era uma professora Alice, de Mação, portanto, se eu podia ir para lá, e se havia a possibilidade de eu no ano seguinte fazer aquelas provas, ou o que era, para ficar na 2.ª classe. Para não perder o ano. E eu fui para a escola com essa professora sem estar matriculada. Ainda cheguei a ir lá à escola nesse ano antes, e foi com ela que eu aprendi a ler.
– Então essa senhora chamava-se Alice?
– Alice e era de Mação. (...) Mas, entretanto, qualquer problema de inspeção, não sei quê, eu chego lá e ela disse, falou com a minha mãe e eu comecei a ir a casa onde ela morava que depois das aulas ela ensinava-me. Começou e foi com ela que aprendi as contas e a ler.
– Tudo já nesta escola que está aqui?
– Nesta escola. Mas depois eu fui lá a casa. Quando ela foi embora veio uma professora nova, que é a tal que foi minha professor da 3.ª à 4.ª. Não sei o que é que se passou, eu sei que fiquei realmente na 1.ª classe e lembro-me, como eu já sabia algumas coisas, de a professora me pôr a ensinar os mais atrasaditos a fazerem as contas... disso também me lembro, de ensinar alguns. Porque eu estava na mesma classe, mas como andava um bocadinho mais adiantada, era eu que lhes ensinava.
– Portanto, a Teresa tinha os oito anos, era isso?
– Exatamente. Eu depois fui praticamente com os oito anos. No ano letivo andei com os oito anos.
– Lembra-se, da primeira vez que entrou na escola para aulas, a roupa que estava a vestir, o que é que levou?
– Isso já não me lembro. Não.
– Não tem nenhuma memória... o que levou para a escola?
– Nada. Não me lembro. Do primeiro dia não me lembro.
– O nome da escola, além de ser a escola de Vales, tem algum outro nome atribuído?
– Pois... acho que era a Escola Primária de Vale de Cardigos. Na altura acho que era assim.
– O edifício da escola, o que está agora, é o que era no seu tempo, tal e qual, ou houve ali algumas modificações?
– Não, houve algumas alterações. Portanto, o recinto era muito maior, lá atrás aquilo era muito mais largo, não tinha aqueles campos da bola, não tinha nada disso. As casas de banho existiam, mas não funcionavam. Nós quando queríamos ir à casa de banho dizíamos "Minha senhora, posso ir ao monte?"... que era ir ao pinhal, lá atrás.
– Mas as casas de banho existiam e não funcionavam?
– Estavam todas estragadas.
– Estragadas como?
– Partido. Não foram arranjadas. Aquilo, o jardim... nós tínhamos jardins, fazíamos jardinagem já, nós é que regávamos e tratávamos do jardim, e tinha um poço lá atrás, no meio tinha uma roldana que... eu lembro-me, uma coisa que me ficou muito, foi uma vez que fizemos uma fila de girassóis, que eu fiquei a gostar de girassóis por causa disso,

naquela inclinação por trás da escola, e havia aí uma fila em que cada um tratava do seu girassol. Planta viva. Girassol mesmo.
– Lembra-se de miúda quando foi à escola a primeira vez, quando lá entrou o que é que pensou? Não tem assim ideia nenhuma do que é que sentiu? Se gostou, se não gostou? Teve alguma reação que tenha ficado na sua cabeça?
– Não.
– Lembra-se dos seus colegas de escola, dos companheiros de escola? Da sua turma?
– Sim, sim, lembro-me.
– Se tivesse de dizer os nomes deles ainda se lembrava?
– De alguns talvez, de todos não. Mas quando eu fui para a 1.ª classe a Odete, a Edite, a Ana Maria, o Aníbal, o Zé Tó... mesmo da minha classe.
– Eram quantos tem ideia?
– Da classe não tenho ideia.
– E da escola?
– Na escola andava aí à ronda talvez dos quarenta... e tal. Éramos muitos.
– Quem era a sua melhor amiga ou se tinha assim alguém mais próximo?
– A minha melhor amiga nessa altura com quem eu brincava mais era a Idalina Alvito da Silva que já faleceu. Era cá dos Vales.
– Há algum episódio ou alguma coisa que tenha acontecido na escola, alguma coisa que... contou essa do girassol, não é? Ficou sempre a gostar de girassóis. Não há nenhuma coisa com que tenha ficado, quando pensa na escola pensa naquilo... naquele episódio que aconteceu? Ás vezes há sempre pequeninas coisas, vinha um inspetor ou vinha um fotógrafo...
– Não sei de episódios que marcaram mais. Não.
– ... ou vinha alguém, ou havia um evento qualquer...
– Lembro-me das nossas traquinices, de andarmos à bulha umas com as outras e daqui a um bocado já está tudo bem... agora assim dos outros eventos mais, não me lembro.
– Não tem memória. (...) Lembra-se da sua professora, isso já me disse que sim.
– Perfeitamente, Maria Helena Aires da Silva Domingues.
– O que se recorda da sua professora, da sua relação com a ela? Portanto, teve outra primeiro...
– Pois, mas a outra não conta como sendo minha professora, porque eu não estava matriculada embora tivesse lá andado. A minha professora foi realmente esta, foi sempre a minha professora. A outra quanto muito teria sido uma explicadora.
– Foi antes de ir para a escola, não é?
– Sim. Exatamente. Nem eu estava matriculada.
– Quando era pequena o que é que a Teresa achava da professora? Como é que era a relação com ela?
– A professora tinha uma relação muito grande com a minha mãe. Quando veio para cá, antes de arranjar casa, ainda viveu aqui, esteve aqui uns dias na minha casa. Ficou uma relação sempre muito grande com a minha mãe. Portanto, o que eu me lembro é que, precisamente por isso...
– E porquê a sua mãe? Elas já se conheciam quando a senhora veio para cá?
– Não faço ideia. Não sei se se conheciam, se encontrou casualmente a minha mãe, se foi a primeira pessoa com quem falou. Isso não faço ideia.
– Mas foi alguém que se voluntariou para acolher a professora, porque ela não era daqui não tinha casa e tinha de haver alguém que lhe desse uma casa, ou que ela pudesse alugar, eventualmente, um sítio para ficar?

– Não sei... se ela veio aqui, se ela veio cá e teve aqui uns dias antes de arranjar casa... mas sei que ela esteve aqui. Sei que ficou uma relação muito grande com a minha mãe e isso. É que depois, quando eu fui para a escola, ela à noite ela vinha muito para aqui no inverno passar o serão, para a lareira. E, então, quando eu já andava na escola e quando tinha feito traquinices ou quando havia assim qualquer coisa... eu vinha da catequese, e ela estava aqui geralmente a essa hora, e eu chegava aqui à porta e ouvia que ela estava cá e, então, eu fugia para casa da minha avó! (risos)
– Então era uma relação, vá, familiar até... ?
– Sim, sim. E depois ela ajudou-me muito a mim, e gostava também muito da minha irmã mais velha. E a minha irmã mais velha fez-lhe muita companhia durante muito tempo, porque depois de ela arranjar casa e antes de trazer uma empregada, a minha irmã ia lá dormir com ela.
– Essa sua irmã vive aqui nos Vales? Tem duas, não é?
– Tenho duas. (...)
– Talvez essa sua irmã mais velha se lembre de algum episódio que tenha a ver com a professora? Teve mais vivência com ela, porque tinha essa proximidade com ela.
– É capaz.
– Essa sua professora, como é que tratava as crianças na escola? Era uma professora... rígida, aplicava castigos?
– Sim. Eu não tenho ideia nenhuma de ela me bater. Se calhar eu era esperta de mais, não sei! (risos). Não tenho ideia.
– Mas ela aplicava reprimendas, castigos?
– Sim, fazia muitos. E uma vez castigou-me. Castigou-me, não. Há um episódio que eu estava na 4.ª classe, e no dia de espiga ficávamos na escola, saíamos às três e meia, mas ficávamos lá. E nesse dia, numa quinta-feira de espiga, ela manda-nos sair: "Vão para casa. Vão estudar para casa." E eu de volta dela, eu e essa tal Idalina...
– Na véspera do exame de admissão à 4.ª classe?
– De véspera não. Num dia de espiga no ano de exame.
– O que é que é o dia de espiga?
– Quinta-feira de espiga? Quinta-feira da Ascensão... eu tenho fotografias disso.
– Pois, qual é o dia que vocês aqui têm isso?
– Quinta-feira... isso depende do calendário, exato. E eu e essa tal amiga minha Idalina, e a Edite, andávamos na 4.ª classe, encontrámos a Rosalita que já não estava na 4.ª classe, que já tinha saído, que ia para o Vale de Anta... já ouviu falar? Que essa altura já lá tinha cerejas.
– Cerejas no Vale de Anta?
– Sim. Tinha. E íamos nós para lá. A minha mãe é que não achou nada normal... até à hora de eu chegar a casa. Entretanto a professora veio cá, nessa altura ela morava numa casa aqui perto, e veio aqui, porque me queria tirar as medidas para fazer um vestido para uma sobrinha que era mais ou menos do meu tamanho, e chega cá: "Ai não, ela não está.", "Não está?! Então, mas elas saíram da escola às três e meia, mandei-as vir para casa", "Não está!". Da 4.ª classe a única que estava era uma prima minha que era a Odete. Entretanto eu chego a casa. Chego a casa já depois do pôr do sol e a minha mãe diz-me: "De onde é que tu vens?", "Venho da escola", "Mentirosa!!! Esteve aqui a professora. Não te dou uma tareia, porque quem te vai castigar é a professora!" A minha mão ficou negra!
– Então, mas foi um castigo que a professora deu à Teresa, mas não tinha nada a ver com a escola?
– Não... tinha a ver com a escola, porque ela mandou-me estudar. Era a 4.ª classe! Ela mandou-nos cedo, mas era para virmos para casa estudar, e a gente...

– A sua mãe é que autorizou a professora para a castigar?
– Não, não. A professora castigou-nos, para já, porque ela mandou embora os outros 5, iam quando quisessem, a nós as da 4.ª classe ficavam a estudar para a prova. Por isso fui castigada. A minha mãe foi pela mentira. A minha mãe não me bateu, mas foi a mando a professora. Entretanto eu nesse ano cantava as florinhas...
– Cantava o quê... ?
– As Florinhas. Cantar as Florinhas. Portanto, no mês de Maria.
– Em Maio?
– Sim, em Maio. Havia um grupo sempre de três meninas, vestidas de branco, com uma grinaldazinha e com uma bandeja, íamos pedir flores à igreja... portanto, fazia-se a oração, rezava-se o terço e no fim a gente saía a cantar as Florinhas. Cantávamos "Aceitai estas florinhas... "
– Era nessa altura que havia ali um programa que tinha a ver com a escola, mas que tinha a ver com um calendário que era religioso aqui local, não é?
– Sim. As Florinhas. E os meninos da escola iam às florinhas, tinham de ir lá cantar, à oração, aliás.
– Isso já não continua, não é?
– Continua até muito tarde...
– Tem memória disso, tem alguma fotografia dessa celebração... algum registo?
– Há fotografias da minha irmã vestida...
– Tem? A sua irmã terá essas fotografias, não?
– Ela é capaz de ter. Entretanto eu cheguei lá, era a Edite que cantava as flores comigo, eu contei-lhe e, então a gente nesse dia não estava lá. Era só rezar nem se ouvia o que os outros rezavam... nem sei como é que eu cantei! Estávamos a ver que íamos ser castigadas! No outro dia a gente chega à escola a professora chama-nos para o estrado, que era o que era: "A Teresa e a Edite venham aqui!" e a gente vai, em frente à secretária dela, ali assim... e ela ralhou connosco, não sei quê, e disse: "Por agora ficamos por aqui, mas que isto nunca mais volte a acontecer!", não nos bateu...
– Mas era comum ela bater ou usar aquelas palmatórias, as réguas?
– Sim. Ela tinha uma régua, tinha um pau. Batia muito com o pau, com a régua também.
– Aquela dos cinco olhos, não? Aquela palmatória?
– Eu tenho impressão de ver lá uma, mas nunca me bateu com essa. Portanto, é assim, as pessoas todas se queixam que ela batia muito. E às vezes até digo assim: "Porque vocês eram burros!", ela batia. (risos)
– Portanto, a si, calhou-lhe nunca bater. Nunca bateu... mas no geral as pessoas queixavam-se?
– Sim. No geral, a maior parte delas, dizem que ela batia muito, que era demasiado...
– Pois, a pergunta que eu tenho a seguir é um bocado em geral... se tivesse de descrever o relacionamento dos alunos com essa professora, qual era a imagem dessa professora em geral para os alunos? E o que é que pensava a sua família sobre a professora? No fundo a Teresa já me respondeu a isto. Portanto, as outras pessoas achavam que ela batia muito, em geral?
– Sim, sim.
– E a sua família pensava bem da professora?
– Sim.
– Até porque ela era assim um elemento aqui de casa, não é? Quase como se fosse uma pessoa da família, não Estamos aqui a falar muito da escola primária, mas a Teresa andou depois noutras escolas e teve outras experiências de escola que não foi só aqui da primária. Portanto, diga-me lá qual foi, a seguir à escola primária, onde é que andou e qual foi...

– Acabei e fui fazer o exame de admissão ao liceu a Castelo Branco. No Liceu Nacional de Castelo Branco. Depois fui para Mação para o Externato D. Pedro V.
– E aí fez o 5.º ano?
– Não. Aí fiz só 1.º e 2.º ano. Não gostei. Detestei.
– Conte lá isso.
– E disse à minha mãe que não queria ir mais e que acabava assim. Eu sempre tive más experiências. A primeira coisa...
– Lembra-se da escola? Ainda existe o edifício onde andou?
– É capaz de existir. Não sei o que é agora lá é, se é escola ainda, se não é.
– Portanto, teria a Teresa... isto foi depois... ?
– Doze, treze anos. Fui para lá com onze, fiz logo os doze em Janeiro, portanto, andei lá com doze, treze e depois treze, catorze.
– Fez o exame de 4.ª classe, diga-me lá outra vez a escola, como é que era?
– A 4.ª classe, a escola andei aqui, e fui fazer a Mação o exame. O exame era feito em Mação.
– Mas isso não foi em Castelo Branco?
– Admissão aos liceus é que foi em Castelo Branco.
– Então o exame de 4.ª classe?
– Foi em Mação.
– Lembra-se da escola?
– Perfeitamente. Anda lá está. Está lá perto da Câmara. Era a escola primária de Mação. Lembro-me que o diretor da escola, portanto, era o professor Baço, talvez tenha sido ele quando eu fiz o exame da 4.ª classe.
– Fez o exame da 4.ª classe em Mação e depois fez a admissão aos liceus?
– Em Castelo Branco. Liceu Nacional de Castelo Branco.
– Depois frequentou o Externato D. Pedro V em Mação. E depois disso o que é que aconteceu?
– Depois disso fui para Lisboa. Fui o primeiro ano, portanto nesse ano seria o 3.º ano, fui para o Liceu Dona Filipa de Lencastre. Eu penso que... como foi uma mudança muito grande, e eu andava um bocado baralhada e, portanto, no 1.º ano não dei nada... que seria o 3.º... e então a línguas eu era, era e continuei sempre a ser, um desastre! A Inglês e Francês. De modo que nesse primeiro ano quando chegou à Páscoa a professora de Inglês deu-me um 4. Portanto, não pude mais frequentar nesse ano o liceu. Isto no Dona Filipa de Lencastre.
– Lembra-se do ano em que isso foi? Que idade é que tinha a Teresa?
– Catorze para quinze sim, por aí assim. Saí de Mação com treze, catorze.
– Então teve só um ano... não terminou lá?
– Exato. Não cheguei a terminar. No ano seguinte, fui para Lisboa, mas fui morar para Algés e fui para o Liceu Nacional de Oeiras. Aí fiz o 5.º ano. Muitas saudades... muitas! Daí é que sim, daí é que tenho muitas saudades, tal como da escola primária.
– Fale lá nisso. Porquê? O que é que se passou? Gostou da escola?
– Gostei da escola, gostei dos colegas, achei que eram muito mais abertos do que aqui em Mação, portanto... o sítio era lindo, era uma maravilha.
– Descreva lá um bocadinho. Como é que era?
– Lembro-me do comboio. Eu ia de comboio, descia na estação de Santo Amaro e íamos a pé e íamos apanhando flores por aqueles jardins. Lembro-me de quando era... eu tinha um professor de Inglês que era o professor Palma Ferreira, que ele foi escritor, andava a escrever as "Três semanas e meia", nessa altura... e geralmente era Inglês, e eu andava nas aulas de manhã, era logo a primeira aula, e nós começámos a ver que ele faltava muito à

primeira aula e, então, o que é que fazíamos? Não entrávamos para o Liceu, porque se entrássemos já não saíamos, porque o porteiro já não nos deixava, se não tivéssemos uma autorização, ou a hora da saída. Porque quando havia furos, tínhamos de ficar lá. Então eu e uma amiga minha, o que é que fazíamos? Não entrávamos. Ficávamos cá fora até ver se o professor entrava. Se ele não entrasse a gente passava-se também e íamos até à praia... que ali é perto, do farol... a praia de Oeiras, e havia lá um que era o Pérola e íamos para lá muitas vezes. E depois andávamos por lá. Um dia fomos para lá e encontrámos o professor. E ele olhou para nós: "O que é que andam aqui a fazer? Então não deviam estar nas aulas?", "Mas é que o professor faltou", "Quem é que é o professor?" "É o sotôr!" (risos). E depois era... lá gostei delas, gostei. Arranjei lá também grandes amigas...

– Quanto tempo viveu lá?

– Em Oeiras? No Liceu de Oeiras? Estive lá quatro anos, porque fiz o 5.º em dois. Portanto, acabei por fazer o 3.º, o 4.º e o 5.º, três anos, mas como o 5.º ano fiz primeiro ciências e depois letras...

– Então, quer dizer, a Teresa não reprovou, mas fez um ano em dois, foi isso?

– Exato. Eu quando cheguei... eu lembro-me... quando cheguei ao terceiro período, eu estava muito mal na parte de letras, a Inglês e a Francês, estava bem a Português e estava razoável a História, mas eu estava a ver que a professora de Inglês e Francês podia não me dar a nota... que eu acho que era assim qualquer coisa... para passar, eu não fazia mesmo nada e, então, resolvi abandonar a parte de letras, mudei a parte de letras logo pela Páscoa e fui lá fazer só o exame.

– Então o 5.º ano fez... dois anos para disciplinas diferentes?

– Sim, porque na altura era a parte de ciências e a parte de letras e podia-se fazer. E eu fiz só a parte de ciências e deixei a parte de letras. E no ano seguinte voltei para lá e já só tirei a parte de letras.

– Destes professores todos, e destes sítios por onde passou, aquele que mais a marcou pelo negativo foi Mação?

– Sim, sim, sim. Tanto as professoras como certos colegas.

– Sim. E a que mais gostou foi esta última de Oeiras.

– Foi o Liceu Nacional de Oeiras.

– E desses sítios, até se calhar o mais dramático, e o mais alegre, teve a ver com os professores também. Há assim algum que tenha marcado a Teresa mais para positivo ou para negativo?

– Por exemplo, em Mação havia uma professora que eu aqui nunca me lembro de ter apanhado na escola, como já lhe disse, e em Mação ela batia como quem batia em sei lá em quê. Cheguei a apanhar vinte e tal reguadas. Eu e a turma inteira.

– Lembra-se do nome dela?

– Nós chamávamos-lhe a Tani. Não sei se ela era Antonieta, se o que é que era... era filha do diretor que era o... ai como é que se chama?

– Pense lá, pense lá se se lembra do nome do senhor... diretor dessa escola de Mação, não é? (...) Levou vinte e quatro reguadas, a Teresa e mais os colegas. O que é que se passou lá?

– Todos levaram! Havia duas turmas no 2.º ano...

– A Teresa é do tempo da escola separada feminino e masculino?

– Não. Andei sempre em misto. Só o Liceu de Oeiras é que era separado. Nós tínhamos aulas de manhã, as meninas, e os rapazes tinham aulas de tarde.

– Aqui nos Vales na escola primária?

– Já era misto, na mesma sala. O que é que eu estava a falar?

– As vinte e quatro palmadas.

– Tivemos... fizemos um exercício nesse dia, e havia outra turma lá, portanto, eram duas turmas do mesmo ano, e fazíamos o mesmo ponto com a mesma professora, e no intervalo dos dez minutos ou de um quarto de hora, ela disse: "Não saem, ficam aqui. Discutam uns com os outros o que fizeram e o que não fizeram", porque o ponto ia ser para a outra aula, mas não nos podíamos encontrar com os outros colegas, então ficámos na sala. O que é que se esperava? No fim do exercício, éramos para aí, sei lá, para aí uns vinte e tal ou mais, o que é que se espera? Que nós conversássemos uns com os outros, uma barulheira. Ela entrou na sala, do nada: "Que é isto? Que barulheira!", pega na régua: "Ponham-se em fila!"... nas mãos. Lembro-me perfeitamente. E mais, lembro-me de um rapaz que chegou às vinte e duas: "Professora pode parar, não aguento mais!" e ela disse: "Vá lá que só faltam duas!" A mim foi a professora que me marcou mais! Foi essa que me marcou mais. Ela era a professora de Matemática e Ciências, também deu Ciências, e também houve uma altura que chegou a dar Desenho, porque quem dava Desenho era uma irmã dela que era muito doente e era uma santa ao pé dela, gostava muito da Mariazinha, mas da Tani não.
– Tinham Desenho então, isso foi no 5.º ano?
– Não. No 2.º ano. No antigo 2.º ano.
– Lembra-se das disciplinas que tinha nessa altura?
– Português, Francês... Geografia, Ciências, Matemática... Trabalhos Manuais...
– Tinham Trabalhos Manuais? E o Desenho era integrado ou era à parte?
– Não. Os Trabalhos Manuais, eu digo trabalhos manuais, mas seria mais... lavores, porque eram bordados.
– Essa disciplina de Desenho vocês davam integrada em alguma outra disciplina do tipo da Matemática, por exemplo, ou era uma coisa com um horário à parte?
– Era só Desenho, com um horário à parte. Eu ontem estive aqui, e estes até gostava de lhos mostrar, eu guardei-os. (...)
– Houve algum professor ou alguma outra pessoa que a tenha incentivado a prosseguir os estudos? Pelos vistos houve um tio, certo?
– Houve um tio, a minha mãe que era analfabeta ela sempre incentivou.
– Como é que se chamava esse seu tio?
– Era Abílio Martins.
– E a sua mãe?
– A minha mãe também me mandava, assim, bitaites... por isto e por aquilo: "Filha, tu já viste se estudares... " e estas coisas assim.
– Então, a sua mãe era analfabeta... então, vamos aí, se calhar, recuar um bocadinho. A sua mãe era analfabeta, e se a sua mãe fosse viva que idade é que teria? Ou quando é que ela nasceu?
– A minha mãe nasceu em 18. Era um ano mais nova que o meu pai. Teria cento e um, o meu pai tinha cento e dois anos, e ela cento e um... se fossem vivos.
– Como é que se chamava a sua mãe?
– Laurinda Martins Vacas, vá, não sei se era, não devem ter tirado o nome de pai... se no bilhete de identidade está, mas dizem que sim.
– Nasceu em 1918. E o pai? Como é que era o seu pai, o nome?
– Carlos Martins.
– Nascido em 17?
– Em 17.
– A sua mãe foi a pessoa que, no fundo, mais a incentivava a ir estudar?
– Sim, que mais queria que eu estudasse.

– E lembra-se o que é que ela lhe dizia, e quais eram os argumentos que ela usava para a convencer a continuar a estudar?
– Era a vida dura que ela tinha. Porque sempre era melhor eu ir, e ter um futuro e depois... era mais ou menos estas coisas assim.
– E esse seu tio foi a pessoa que, no fundo, depois da escola primária que sustentou... ?
– Sustentou isso tudo. Se não fosse ele eu não tinha ido.
– Então, conte lá melhor essa história. O que é que aconteceu? Como é que foi essa situação dele a ajudar a estudar? Portanto, ele pagava-lhe... era as viagens, era a escola, era a estadia, era o quê?
– Era o externato mesmo.
– Pagava o externato. Portanto, havia uma espécie de uma mensalidade ou uma propina... ?
– Era uma mensalidade.
– Lembra-se quanto é que era?
– Não faço a menor ideia. Não, não sei. Isso não sei. Nunca soube.
– Portanto, ele pagava... isto foi o externato?
– D. Pedro V.
– D. Pedro V, Mação?
– Sim.
– Mas a Teresa estava lá a residir?
– Residia lá numa casa de uma senhora particular que a minha mãe é que mandava para lá a comida e a senhora fazia-me o comer e dava-lhe X por mês.
– Mas era a sua mãe que pagava a casa ou era o seu tio?
– A casa já era a minha mãe.
– Então o tio pagava o externato e a sua mãe é que pagava...
– A casa.
– Lembra-se da renda quanto é que era?
– Nem sei... penso que seria sempre muito barata, porque sei que a comida era a minha mãe que mandava para lá... chouriço, azeite, isso tudo.
– Mas estava a dizer que a senhora não a tratava bem, foi isso?
– Eu estive lá em duas, uma tratou-me mal a segunda é que não. Porque ele tinha um cão, eu gosto muito de animais, trato-os bem... mas nunca fui assim pegada a cães. Tinha um cão, que ele era o Tudo... andava para lá assim, mas eu acabava de almoçar ela pegava no meu prato e punha ao cão para o cão comer, até me dá vontade de chorar! O cão ia para a minha cama e eu cheguei a ir deitar-me e a cama estar molhada com xixi do cão.
– Vamos lá ver, no fundo foi a conjugação de vários fatores, não é?
– Exato.
– Que fizeram com que a Teresa não gostasse da experiência lá naquela escola?
– Uma das amigas que eu arranjei, eu tinha um relógio que me tinham oferecido e ela tirou-me o relógio...
– Foram várias coisas ali...
– Outra vez o livro... ou a selecta, como aquilo se chamava... apareceu o livro de Português com as folhas todas queimadas, foi uma dessas que tinha deixado cair um livro dela para a lareira e depois veio trocar pelo meu. Foi o primeiro ano que eu fui para lá, e a partir daí...
– Foi sempre uma estranha ali naquele meio?
– Sim, sim, sim.
– E sentia que as pessoas faziam essa...
– Mas foi assim que eu comecei também a aprender... ao mesmo tempo foi uma experiência. Sempre fui muito esquisita a arranjar amigos, não é à primeira que arranjo! (risos)

– Foi todo um processo... então esse tio sustentou, sustentou ou apoiou essa sua ida para continuar os estudos e depois continuou a ajuda-la quando foi para as outras escolas?
– Quando fui para Lisboa.
– Quando foi para Lisboa foi sozinha, foi isso?
– Fui para casa de outro tio. Ele tinha uma casa, na altura tinha uma casa pequenina e eu ia para lá...
– Esse seu tio, pai da Margarida Carpinteiro, é irmão do seu pai?
– Exato.
– E, então, quando foi para Lisboa foi para casa de outro tio, não é?
– Sim.
– Quem era esse tio?
– O irmão da minha mãe. A minha história...
– Como é que se chamava esse tio?
– Esse meu tio chamava-se Ti Xico, era Francisco Vacas. Que morava no bairro da SACOR. Ele trabalhava na SACOR... é um bocado complicada, porque tem assim muitas destas coisitas a minha história... Na SACOR, e eu fui para lá para casa dele. O outro meu tio, irmão do meu pai que me pagou os estudos aqui, continuou a ser o meu encarregado de educação lá, mas...
– Esse seu outro tio?
– O pai da Margarida, que morava em Moscavide, relativamente perto, mas tinha uma casa que era pequena... mesmo assim, eu ia para lá aos fins de semana sempre, dormia...
– Ele morava em?
– Moscavide. Relativamente perto, quase que se ia a pé.
– Então, durante esse período em que esteve em Lisboa ficava em casa de um dos tios e o outro é que era o encarregado de educação e que lhe ajudava com os estudos também, ou nessa altura já não?
– Lá já. No início aquilo era uma mensalidade... simbólica.
– Sim. Tudo isto, quando a Teresa esteve em Lisboa, foi ainda antes do 25 de Abril?
– Muito antes. No 25 de Abril já eu estava a trabalhar. Já estava no Magistério.
– Conte lá então. Portanto, quando esteve a estudar foi no... ?
– No Filipa de Lencastre. Eu vivia na casa desse tio, morava ali no bairro da SACOR. Foi quando chumbei na Páscoa. No ano seguinte, esse tio meu foi para Luanda, e eu tive de mudar para casa de outro tio que era de Algés, que era o César Martins Vacas, e fui para o Liceu de Oeiras. Mas aos fins de semana ia sempre para o tio Abílio. Foi a pessoa que conheci mais agarrada à família, mais para ajudar a família, para puxar pela família... foi o pai da Margarida. Foi uma pessoa extraordinária.
– E inclusive a incentivar estudos, não é?
– Sim, sim, sim.
– E a Teresa, da sua família, foi a única pessoa que ele ajudou mais diretamente ou houve outros casos?
– Sim, eu penso que fui a única, mas... porque depois a mais velha já não, a mais nova não deu, e tenho da parte dele tenho mais duas primas no Ribatejo, mas eu penso que este tio... não sei se chegou a ajudar essas primas, mas eu penso que não. Essas andaram no Entroncamento, moravam lá ao pé de Tancos. É uma zona muito bonita de que tenho muitas saudades, ia para lá passar férias.
– Agora o contrário disso. Estávamos aqui a falar de pessoas que contribuíram de alguma maneira para ajudar ou facilitar esse caminho da Teresa nos estudos... e houve alguém que a Teresa tenha sentido que a travou, ou que a impediu, ou que a desmotivou de ter estudado? Houve assim alguma situação?

– Não. Penso que não.
– Foi sempre do seu arbítrio? Sentiu sempre que se não foi mais foi porque a Teresa não quis ou porque... ?
– Eu era uma aluna mediana... nunca fui má aluna... mas era um bocado oscilante. Se a professora me agradava eu tinha bons, na Matemática cheguei a ter bons...
– Então a sua relação com a escola e com as disciplinas tinha muito a ver com os professores?
– Tinha muito a ver com os professores! Se eu gostava da professora eu agarrava nessa disciplina e tinha bons. Se eu não gostava, a coisa desleixava mais... então fui muito oscilante, e média, vá... nunca fui boa aluna.
– Sente que nunca foi boa aluna?
– Sim, sim.
– Então, a Teresa enquanto frequentou este último sítio, o Liceu de Oeiras, estava a trabalhar já?
– Não, não, não. Até ao 5.º ano foi só a estudar.
– Foi só a estudar. Então teria os seus... ?
– Dezassete, dezoito anos quando acabei. Depois, como eu não tinha idade para ter emprego, ainda vim para aqui dois anos. Ainda estive aqui... lembro-me da apanha da azeitona, das batatas, destas coisas assim. Entretanto comecei a trabalhar em 1971.
– Em 1971 e o que é que começou por fazer?
– Escriturária dactilografa, na Direção dos Serviços... Preparatório do Ensino Secundário do Ministério da Educação. Foi precisamente quando foi criada a direção dos serviços do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário. Fui das...
– Calma! Na direção geral... diga lá tudo. Como é que isso se chamava?
– Direção geral do ensino básico... ai não, desculpe. Direção geral do ensino...
– Preparatório?
– Sim... Direção Geral do Ensino Preparatório...
– Do Ministério?
– Do Ministério da Educação. Era o Ministério...
– E foi dactilografa lá quanto tempo?
– 71... um ou dois anos, salvo erro, talvez dois anos. Eu era escriturária eventual, a categoria. Escriturária eventual, eu era paga pela Escola Luís António Verney, mas trabalhava nos serviços centrais. É tudo um bocado assim... naquela altura as escolas tinham...
– Era paga pela Escola Preparatória?
– Direção de Serviços Preparatórios e Secundários, era assim. Isso é outra história...
– Não, isto é muito importante, porque você esteve lá quando isto foi criado.
– Exatamente.
– Isto é um período da nossa história da educação que é muito importante e a Teresa, provavelmente vou ter de lhe fazer outras perguntas... tenho de pensar nelas, sabendo isto... que não estão aqui agora no guião. (...) Então era paga pela Escola Preparatória... ?
– Luís António Verney. Foi uma professora de Inglês da minha irmã que arranjou, porque eu era educadora de infância, ai... responsável da minha irmã.
– Encarregada de educação?
– Encarregada de educação. E a professora de Inglês dela mandou-me lá ir para falar com ela, quando ela para lá foi... que ela tem nove anos de diferença de mim. E a professora, eu fui lá, e disse que estava desempregada, que precisava de emprego. E entretanto, veio uma professora de Oeiras, que tinha sido minha professora lá, e que me fez umas grandes festas, e que deu as melhores recomendações minhas à outra professora que dizia assim: "Ah eu arranjava-lhe emprego, você tem o 5.º ano já podia ir mais para outra coisa, mas...

como escriturária" e eu disse: "Oh neste momento onde houver é para onde eu vou!", naquela altura até haviam os serventes. Eu queria era começar a trabalhar! E, então, ela falou com o diretor da Escola Francisco Arruda e ainda lá andei. Estive oito dias na Francisco Arruda. Os serviços centrais, portanto, ali, disseram para a Escola Francisco Arruda que não tinha direito a lá andar, que não podia, mas que eles precisavam, para me mandarem lá. Então lá vou eu ao Preparatório, na altura ali em Santa Apolónia, e o chefe de secção do serviço de repartição, eu fui lá, eu entrei, mandaram-me fazer uma prova, para saber como eu escrevia à máquina... e deram-me um discurso do Marcelo Caetano (risos)... e eu lá escrevi, e eles dois ali...

– A prova de datilografia, para ser aceite no trabalho, era escrever um discurso do Marcelo Caetano?! Lembra-se qual era esse discurso?

– Não, não. Isso não me lembro. E o chefe de secção, assim mais coiso, disse: "Não, não. A senhora vai para casa, porque nós temos de ver em que escola é que a vamos meter. Fica aqui neste serviço, mas tem de ser paga por uma escola. Portanto, vai para casa para não lhe acontecer o mesmo que ali a menina Francisca que trabalhou lá oito dias e depois queria ver como é que lhes pagam" (risos). E, então, fui para casa e ainda andei uns oito dias ou o que é que foi, eu fui lá, já tinha lá, portanto, tudo pronto: "Sim senhora, pode ficar já a trabalhar."

– E então ficou lá dois anos, e depois o que é que se passou na sua vida de trabalho?

– E depois nunca mais dali saí. Depois aquilo deixou de ser ensino preparatório e passou a ser ensino básico... e depois mais tarde deixou de ser ensino básico e passou a ser Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário.

– Consegue ficar a pensar nas datas em que se lembra de haverem essas transições?

– Tenho documentação... tenho isso no currículo.

– Não tem de ser para agora, mas se a Teresa tiver aí um bocadinho para tentar fazer uma cronologia, a partir do seu currículo... quando entrei, na data X, ou no ano X, aquilo chamava-se isto, depois no ano X mudou para aquela designação... achas que conseguia fazer isto?

– Sim.

– Porque essa cronologia pode ser importante para vermos aqui mudanças, até em termos dessas transições que houveram nesse período, porque esse período foi central... houve uma mudança muito grande, não foi?

– Muito grande! E houve muitas...

– E quantos anos, ao todo, a Teresa esteve neste serviço? (...)

– Estive aqui até me reformar aos cinquenta e oito anos.

– Teve sempre só este trabalho?

– Só tive este trabalho e deste trabalho deixei de ser escriturária, porque, entretanto, fui subindo, e o trabalho que fiz sempre mais foi administração de pessoal e contabilidade. Eu estive só cinco anos também no Ensino Especial. Trabalhei também no Ensino Especial. O Ensino Especial eu não gostava muito, era mais documental... gostava mais do de pessoal e da contabilidade que aquilo já tinha legislação... já dava para fazer mais qualquer coisa. Mas mesmo assim estive cinco anos no Ensino Especial.

– Como administrativa? Ou a fazer algum trabalho educativo?

– Eu no Ensino Especial dava muito apoio, portanto aos professores, que havia muitos... ai como é que se chama? Ações de formação. Eu dava apoio às Ações de Formação, fui para o Porto, fui para Viseu, fui para... apoio administrativo, para preenchimento dos boletins itinerários por causa das deslocações deles, explicar como é que era, era esse apoiozito assim.

– Porque no fundo é assim... aqui interessa mais o seu percurso escolar, mas como a Teresa está ligada ao Ministério da Educação, quer dizer... tem aqui uma outra parte, já como profissional, que também pode interessar aqui em mais algumas outras questões do projecto... memórias que tenham mais a ver com a educação, ou com mudanças estruturais na educação. Mas isto é outra coisa, agora, em paralelo. Temos de ver com mais calma. Porque agora, a parte da entrevista onde nós vamos entrar, é para aqueles detalhes que a Teresa me estava ali a contar, sobre o quotidiano da escola... saber se vocês tinham alguma rotina na escola primária? Cantavam, rezavam, faziam assim alguma coisa?
– Gritávamos na porta da escola assim que víamos a professora: "Escola! Escola! Escola!"
– Gritavam "Escola! Escola!" os alunos?
– Em frente à porta da escola fazíamos duas filas. A professora chegava, entrava e começava... estávamos assim a mostrar as mãos...
– Mostravam as mãos?
– Sempre. Assim que a professora chegava ali, abríamos com os "Bons dias", para ela ver as unhas, se as mãos estavam lavadas, fazíamos isto. Fazíamos todos e depois entrávamos. Rezar lá dentro eu não tenho ideia, mas se calhar rezávamos. Não tenho ideia. E era a pedra... às segundas-feiras, a pedra... que eram os nossos 'tablets'!(risos) Tinha as ripas em madeira e ela obrigávamo-nos, tínhamos de lavar essas ripinhas todos os fins de semana. Ela às segundas-feiras ia também ver se as pedras estavam lavadas.
– A Teresa tem muitos detalhes, tem muitas memórias com detalhes. (...)
– Não sei se a Teresa se lembra do diário da escola, como é que era o dia a dia, as rotinas. (...) Quando chegavam como é que acontecia?
– Nós à entrada tínhamos de pôr-nos em duas filas... lado a lado na porta, e a professora passava ao meio e revistava as unhas, as mãos. Depois entrávamos e lá dentro cada um ia já para os seus lugares. Portanto, aquilo estava dividido por classes, cada um ia-se sentar... .
– A disposição da sala, lembra-se como é que eram as fileiras das cadeiras, como é que estavam organizadas?
– Sim, o quadro aliás... as cadeiras eram de dois lugares cada cadeira. Estavam assim, portanto...
– A escola tem duas salas, não é?
– Eram duas salas, sim, sim.
– Mas eram duas turmas ou eram rapazes e raparigas, separados?
– Separados... não! Era misto e quando eu entrei só uma delas é que funcionava. Depois, mais tarde, eu já cá não estava, veio uma professora regente e começou a funcionar outra.
– Então, no tempo da Teresa era só uma sala?
– Quando eu entrei era só uma sala, era tudo junto da 1.º à 4.ª classe.
– E o que é que faziam, a outra sala não era mesmo utilizada?
– Não, nessa altura não, não. Nessa altura não.
– Não se lembra as fileiras das carteiras como é que eram, vocês estavam dois a dois?
– Sim, dois a dois.
– E eram aquelas secretárias com tinteiro?
– Com tinteirozinho. Um tinteirozinho aqui, um tinteirozinho ali, sim.
– E a professora é que vos sentava uns com os outros ou eram vocês que escolhiam o colega com que se sentavam?
– Eu penso que era a professora logo no primeiro dia de aulas.
– Por ordem alfabética?
– Era por classe, mas devia ser ordem alfabética. Não sei, por classe, se calhar, não sei. Lembro-me que no liceu faziam isso e geralmente era por ordem alfabética, mas depois

olhavam para a turma e eu como era das mais baixas "Olha tu vens aqui para a frente", agora ali na escola não tenho assim ideia. (...)
– O horário da escola, aqui na primária, qual era o horário? De manhã à tarde?
– Das nove não me lembro se meio dia, se meio dia e meia hora, mas devia ser meio dia. Depois da uma às três e meia. Penso que era mais ou menos isso.
– No seu tempo terminavam a essa hora mesmo, ou as aulas por vezes prolongavam-se, ficavam mais tempo lá dentro?
– Raramente. Só ficavam mais tempo lá dentro os que estavam a fazer o exame de admissão para os liceus.
– A comida lembra-se? Levava para a escola a comida, vinha comer a casa? Como é que era?
– Não, vínhamos almoçar a casa. Levava... quando estava já na admissão e ficava lá, levava um lanchezito, uma banana, um pãozito com qualquer coisa.
– Porque tinha aqui a casa ao pé, não é?
– Sim, sim.
– Já contou essa história, e agora a propósito da fotografia, então havia a questão da alimentação que para algumas pessoas era garantida pela aldeia, havia alguma assistência, a Cáritas. Como é que funcionou?
– Havia. Eu lembro-me de umas pessoas que morava, não eram de cá, mas moravam cá numa casa que há além, que tinha muitos alunos aqui, geralmente havia aí pessoas que davam almoço, ainda eram uns quatro ou cinco.
– Que vinham de outra aldeia, era isso?
– De uma aldeia aqui, que pertence cá aos Vales, mas fica no campo. Fica fora da aldeia, e ainda é bastante. E, então, davam-lhes o almoço, as pessoas. Os do Carrascal traziam o almoço.
– Então, aqui para a escola dos Vales vinham... quais eram os sítios?
– Era o Carrascal só. Todos os outros que vinham eram Vales. Eram dos Vales só que moravam afastados dos Vales, porque andaram a fazer casas lá para fora do... eles já tinham uma casa... sou muito má para distâncias, mas seria talvez uns dois quilómetros. Era Vale da Cabra... que era longe daqui. E esses meninos geralmente traziam o almoço, e aos mais necessitados havia sempre alguém que lhes dava almoço.
– Mas era alguém da terra que os chamava lá a casa, ou era uma coisa... como essa história da fotografia do leite escolar?
– Não, eram as pessoas que queriam fazer isso. Diziam: "Olha, eu dou-te o almoço", penso eu, "Almoças aqui na minha casa" e já sabiam que todos os dias iam lá almoçar. Era sempre naquele sítio. Pessoas que diziam: "Olha, tu podes vir a minha casa todos os dias e eu dou-te o almoço enquanto andares na escola."
– Não se lembra de ninguém aí na terra, uma senhora ou, sei lá, uma família que tenha feito isso? Dado, por sistema, o almoço?
– Uma era a dona Nazaré Fernandes, essa eu sei que dava. Que era a senhora do lanche. Havia outro... como é que se chamava? Na Casal da Eira também costumavam dar.
– Essa senhora Nazaré Fernandes já não é viva?
– Não, não.
– E era essa e era mais quem? Estava a dizer que também dava... um senhor?
– O Ti Manel Casal da Eira e deve haver mais que não me lembro, mas agora assim de repente não me estou a lembrar.
– O que é que tinham de materiais lá na escola? Carteiras, tinham mapas, quais eram os instrumentos que havia lá na escola?

– Portanto... os santinhos! (risos) Tínhamos a fotografia do, acho que era do Américo Tomás e do Salazar... e depois havia por lá uns santinhos... que estão lá ainda! (risos) O que é que tínhamos mais? Tínhamos o mapa, tínhamos o quadro, a escola tinha lareira.
– Os seus materiais escolares Teresa, o que é que levava para a escola? Não se lembra?
– Portanto eram os livros da altura da 1.ª classe, o livro da 2.ª, o livro da 3.ª.
– E era seu o livro ou tinha de dividir?
– Era meu. Era meu. Eu tenho aqui os livros, já não são meus, mas estão aqui os livros dessa altura. Eram estes, olhe... primeiro aprendi neste livro. Este foi o da 2.ª, este foi o da 3.ª... e este foi o da 4.ª.
– E estes livros foram sempre seus, ou tinham vindo já de alguém para si?
– Eram meus na mesma altura, mas não eram estes. Eu depois entretanto não sei deles. Estes já os comprei recentemente: "Olha os livros!" e comprei-os. E havia a Caixa Escolar. Eu não sei já bem como é que funcionava, mas pagávamos uns tostõezitos, os nossos pais, e depois penso que era para comprar o lápis de pedra, que era na altura, e essas coisas. Não sei com esse material como é que era. Se era só para os mais necessitados. Porque eu lembro-me de ir comprar os lápis aqui, havia ali uma taberna que vendia tudo.
– Vocês compravam o material escolar na taberna?
– Era. Ainda existia a taberna, era mercearia, era tudo e íamos lá comprar.
– Essa taberna ou esse sítio onde compravam esses materiais...
– Eram só esses lápizitos e giz, porque livros e papel, pau, lápis de pau isso já não, era só aquelas coisitas assim.
– No tempo da Teresa não era muito hábito usar-se um caderno? Ou usava-se um caderno de folhas, ou mais a pedra, a lousa?
– Não, usava-se caderno. Portanto, tínhamos um caderno, como é que eu vou explicar, porque já me passou... para a caligrafia, que era uma linha estreitinha. Tínhamos um caderno que era o normal e tínhamos outro para caligrafia que eram os das linhas estreitinhas e tínhamos caligrafia.
– Já usavam isso. Mais coisas? Tinham intervalos e recreios e essas coisas assim?
– Sim, tínhamos.
– E lembra-se ao que é que brincavam?
– Muitas vezes, a maior parte das vezes, era ao 'mata'... portanto dois grupos iam com a bola matar-nos uns aos outros, o 'quem tem medo do homem negro'...
– Quem tem medo do homem negro?
– Sim. 'Quem tem medo do homem negro'! Portanto, a gente sei que andávamos a correr atrás uns dos outros, ou era numa roda, e estava lá um, não sei: "Aqui vai o lenço, aqui fica o lenço" e outras coisas que agora já me está a passar, mas estas três lembro-me.
– Sim. As instalações da escola... eram as salas e tinha, o que é que tinha à volta? Tinha um pátio?
– Tinha um grande jardim, tínhamos um alpendre lá atrás, que era para onde nós íamos no Inverno, no intervalo e, portanto, tinha um poço com uma roldana no tanque onde nós tirávamos a água para regar as flores e tratar do jardim, que éramos nós que fazíamos. E o espaço era muito maior, o espaço da escola... porque depois apanharam-no com aquela estrada que antes não estava lá.
– O poço que está a falar não tem nada a ver com aquele silo que está lá em frente à escola agora? Era da parte de trás?
– Não, não tem nada. Era da parte de trás, onde está o campo de basquete ou da bola. Era aí mais ou menos a meio.
– E as casinhas de banho não havia?
– Havia as casinhas de banho na altura estavam todas partidas e estavam fechadas.

– A Teresa tem desenhos, cadernos não tem, não é? Mas tem livros?
– Cadernos não, mas livros tenho.
– Tem redações ou ditados, algumas coisas dessas que tenha feito?
– Não. Tenho os livros em que eu, já depois no secundário, sublinhava tudo e fazia isso tudo. Tudo marcado, tudo sublinhado!
– Eu depois faço umas fotografias desses livros, porque eu vi que tem para aí coisas... tem exames?
– Não.
– Mas tem diplomas? De 1.ª classe, ou passagem de ano?
– Não. Eu até devia ter tudo, mas como dei muita volta... e depois deixava cá as coisas, e aquilo ia lá para baixo para uma garagem, e havia ratos, e deitavam muita coisa fora porque estava tudo estragado.
– Mas tem muitas coisas, porque tem muitas fotografias. (...) No total, quantos anos é que a Teresa andou na escola? Porque de facto não foi um percurso todo seguido, houve ali umas mudanças de escola...
– No total dessas escolas todas? Quatro e dois seis, seis e depois hum... sete, oito, nove... talvez dez. Nove ou dez. Portanto, em Mação dois, depois estive no Filipa três, em Oeiras foi onde fiz 4.º e 5.º, portanto, três como eu fiz o 5.º em dois são quatro, três e quatro sete com mais os quatro da 1.ª classe... nove, exatamente. É os nove.
– Nove anos. E houve aquela situação da Teresa fazer o equivalente a um ano em dois, porque fez num ano umas disciplinas, não é? Noutro ano outras.
– Exatamente.
– Mas em termos de reprovação, dizerem-lhe assim "Agora está reprovada, tem de repetir o ano", aconteceu?
– Sim. No D. Filipa de Lencastre deram-me um três, e três impedia-me de continuar.
– Isso só aconteceu uma vez? Repetiu o ano só uma vez. Então, nas escolas todas por onde passou, não só na primária, qual é que era a relação de rapazes e raparigas? Havia brincadeiras em conjunto? Eram separados nas aulas, não eram?
– Na primária era misto. No colégio também era misto. Mas não tenho assim muita ideia de andarmos a brincar... os intervalos também eram pequenos, não sei. As turmas eram mistas. No liceu já eram só raparigas de manhã, e rapazes de tarde. O liceu era misto, mas turmas separadas, rapazes de tarde, raparigas de manhã.
– Contaram-me uma história há pouco tempo, que eu até achei interessante, e não sei se a Teresa tem presente, se isso foi uma coisa que tivesse acontecido no seu tempo, ou que se lembre. Que era, houve ali um período quando fizeram essa separação das aulas por sexo que, às vezes, em certas escolas tinham muitas turmas, havia no mesmo ano raparigas... aliás, eles separavam as turmas, eram só turmas de raparigas ou só turmas de rapazes... mas depois, às vezes, sobravam uns quantos que não davam para fazer turma. E o que é que faziam? Iam buscar as raparigas mais velhas daquele ano, para juntar com os miúdos mais novos e faziam uma turma.
– Não, isso não.
– Não tem ideia disso?
– Não.
– Isso pode ter sido, lá está, um fenómeno de uma escola, ou de algumas escolas, pronto. E como foi a primeira vez que eu ouvi isto achei interessante, nunca tinha ouvido. A Teresa enquanto andou na escola tinha assim uma noção de que as pessoas, os ambientes onde andava ou frequentou, as escolas, as turmas... que as crianças tinham todas uma certa homogeneidade em termos sociais, económicos, ou havia discrepâncias? Nas suas turmas, portanto aqui da primária, havia a situação de, imagine, havia escolas que tinham várias

turmas às vezes e que faziam umas separações às vezes não só por sexo, mas também consoante eram crianças mais pobres ou mais privilegiadas?
– Não. Nada. Acho que não. Seria, talvez, pelas médias.
– Nunca sentiu que tivesse sido por uma questão económica?
– Não.
– Em lado nenhum. Pronto, do apoio social na escola... a única coisa de que a Teresa se lembra de haver, esse tipo de apoio, para si ou eventualmente para crianças que estavam nas turmas da Teresa... esse apoio social era basicamente comida? Não se lembra de haver algum tipo de apoio, ou pessoas que ajudassem com material ou com roupa?
– Não, isso não me lembro.
– Era mais com a comida, não é?
– Mas foi só aqui na primária, e era a Cáritas, e era o lanche só.
– A Teresa também disto já falou um pouquinho... esta relação da escola com as coisas mais culturais, a religião?
– Sim, a escola estava organizada...
– Naquelas épocas mais típicas do Natal, da Páscoa?
– ... por exemplo, quando cá havia uma festa que era o Sagrado Laus Perene, na igreja. O Sagrado Laus Perene era a festa da igreja assim mais importante aqui, e que se manteve.
– Isso é em que época do ano?
– Geralmente também era uma procissão que anda com a Páscoa e geralmente calhava no mês de Maio. Tem a ver com a Páscoa e depois fazem essa festa, não tem nada a ver com Cantar as Flores. Podia até calhar nos fins de Abril e não, não tem não.
– Então e esse Sagrado Laus Perene, que é uma procissão, fica sempre junto mais ou menos com a Páscoa, com a data da Páscoa?
– É também daquelas coisas que só pode ser... acho que era... quarenta dias depois da Páscoa ou assim qualquer coisa. Disso também tenho muitas fotografias. Tenho lindas, porque as pessoas enfeitavam as ruas e era uma maravilha. Eu adorava, e toda a minha vida eu adorei...
– Mas fazem ainda cá isso?
– Fazem, mas está já a acabar. Há dois anos que já não fazem a procissão... as pessoas perderam o interesse. Dantes vinham 3 ou 4 padres... para mim já não tem nada a ver, aquilo...
– Era para a aldeia toda, ou era especialmente para as crianças?
– Era para a aldeia toda! Era uma festa religiosa. Carrascal e Chaveira, vinha cá tudo!
– Então acha que a festa típica aqui da aldeia, era essa?
– Era essa... e as festas de verão. Religiosa era essa.
– Há alguma tradição, alguma lenda, algum conto aqui especifica aqui dos Vales? Aquelas histórias que se contam até às vezes ligadas com alguns mitos ou algumas figuras sagradas?
– Não, isso não me lembro. Aqui... casas assombradas, de falarem disto, de falarem daquilo, que apareciam... os medos! Isso há muita história dos medos...
– Pois. Essa ideia... é gira essa ideia. Nas férias da escola o que é que se passava aqui? Lembra-se de alguma coisa de especial que se passasse, ou mesmo o que era habitual?
– Da escola primária? Não me lembro de nada. Tínhamos trabalhos para fazer que ela marcava. Brincávamos aí uns com os outros. Íamos com os nossos pais para o campo. Lembro-me, e tenho saudades, porque funcionava mais do que estes agora, e quando os meus pais tinham de ir muito cedo... levantávamo-nos e o meu pai saía muito cedo.
– E os seus pais trabalhavam, o que eles faziam era aqui na terra ou tinham de ir para fora? O que é que eles faziam?

– O meu pai era motorista. E nas horas vagas ajudava aqui no campo também. Mas a história que ia contar é que o meu pai chegava lá, tirava o casaco, nós éramos ainda miúdas, ele punha o casaco e eu ficava a dormir no casaco. Lembro-me de acordar e de ouvir os passarinhos e o sol por entre a copa das árvores. Ficou-me cá sempre. A minha mãe trabalhava muito no campo. Muito, muito, muito.
– Mas era assim uma fonte de subsistência para a família só, ou também fazia negócio?
– Não, não. Servia para fazer negócio, porque tinha três ou quatro porcos e depois acabava por vender chouriços, se havia azeite e era demais também vendia. Portanto, assim estas coisas, mais sobrevivência.
– Mas, portanto, era uma pessoa que estava mais nessas lides, não tinha um trabalho fora disso?
– Não, não. Era só esse trabalho e a vida de casa.
– A Teresa contou-me ali, mas se me puder contar melhor a história do seu pai, ser motorista. Então o seu pai era motorista aqui nos Vales?
– Sim.
– E tinha carro próprio? Era um carro alugado?
– Era motorista das pessoas. Portanto, havia nessa altura as pessoas que estavam, sobretudo no Congo e em Angola, foi na altura da emigração...
– Estamos a falar de anos 60?
– Sim. E quando vinham cá traziam carros, porque na altura a minha mãe não tinha carta e o meu pai é que andava com eles, deixavam cá os filhos.
– O seu pai tinha carta, porque tinha tirado a carta na tropa?
– Na tropa.
– No fundo eles tinham carro, mas não tinham carta e o seu pai é que... ?
– Ao princípio era mais urgente. Depois eles regressaram. Estavam cá de férias uns mesitos e depois regressavam, e o meu pai é que ficava motorista a levar o filho aqui, a levar o filho ali... o meu pai estava quase permanente para o senhor Tavares, todas as semanas iam à Sertã quando estava cá a mulher, iam à Sertã comprar à Praça. Era o meu pai que fazia estas coisas para aqueles que tinham mais dinheiro.
– E também fazia esse serviço, então, para o caso de haver gente que ia estudar, não é? Fazer esse trabalho... de levar às escolas?
– Geralmente aqui, quando era preciso ir para a escola, o meu pai é que ia lá levá-los, mas ia lá levá-los e eles ficavam lá internos. Depois da escola daqui, era Abrantes.
– Quem ia continuar a escola?
– Muita gente daqui foi para Abrantes que era lá um colégio, já muito fino, La Salle. E depois teve um táxi também por conta dele e, entretanto, depois do táxi foi para o Colégio Diocesano de Proença-a-Nova como motorista e transportava os alunos... buscar e trazer os alunos. Depois do 25 de Abril o colégio passou a escola, ele ingressou e aí já eram as camionetas de outras companhias, e ele passou a contínuo. Ficou lá na escola como contínuo. Portanto, foi assim o percurso do meu pai mais ou menos.
– Teresa lembra-se... já me contou... de um episódio qualquer que se tenha passado na escola, que a Teresa ficou a pensar naquilo ou quando recorda os seus tempos de escola aquele episódio lhe venha à cabeça? Um motivo qualquer, um episódio com a professora, ou com os alunos, ou com os colegas?
– Não, já contei. Das vinte e quatro reguadas e dos girassóis. Das cerejas também já lhe contei, da professora nos castigar.
– Geralmente essas memórias têm sempre a ver com alguma reprimenda, com algum castigo que se tenha passado, não é? O que é que a Teresa sente aqui na aldeia, para as

pessoas que viviam aqui, a importância da escola? O que é que as pessoas... se é que falavam disso, se não, se achavam que era uma coisa importante, não fazia muita diferença?
– Nessa altura não tenho ideia.
– Ás vezes aqueles comentários do tipo "Ah a criança é bom aluno" ou devia estudar e os pais oporem-se ou até quererem, mas não poderem?
– Não me lembro.
– Nunca pensou em estudar mais do que estudou? Era uma coisa que gostava de ter feito?
– Não sei se também já falei nisso. Depois de trabalhar fui estudar à noite... e já disse as disciplinas que tinha feito. Depois lembro-me, portanto, que tinha colegas que andavam também e eles continuaram e eu disse: "Não, é assim, eu já não gosto de mais nenhuma disciplina do que aquelas que já fiz. Portanto, para que é que eu vou estudar mais?", "Depois sobes aqui e podes ir para o lugar de técnico", "Eu quero lá saber de técnico para nada!"... não me interessava. Para lá do 7.º só me dava para chefe de secção, de repartição, que também me dá agora com o tempo de serviço... nem sequer estou interessada porque é um lugar que eu não gosto, porque é assim: vou ficar encostada entre a espada e a parede, entre os cá de baixo e os de lá de cima. Então, não quero. Numa altura, era primeiro oficial, segundo oficial, terceiro oficial... o primeiro oficial era o topo, porque depois já eram os chefes. E eu disse: eu quero morrer primeiro! E não me interessava. E como não havia assim nenhuma disciplina que eu gostasse, como foi o caso do Português, da Filosofia mais ou menos também gostei...
– Portanto, no fundo a Teresa sentia que o único estímulo que tinha para estudar mais, assim justificado, até em termos sociais, era a progressão na carreira, mas como a Teresa...
– Eu não tinha esse estímulo, não tinha.
– Em termos pessoais?
– Nunca fui ambiciosa no trabalho. Estudei o Português que adorei, a literatura para mim, a literatura portuguesa... era a disciplina.
– Lembra-se de ir ao quadro? De fazer exercícios, de haver alguma rotina consigo na escola?
– Lembro-me de lá ir, mas assim nada de especial.
– Não havia uma hora do dia, por exemplo, em que a Teresa já soubesse que tinha de ir ao quadro?
– Não, porque a chamada era conforme calhava, tanto aqui como no liceu. A gente nunca sabia. Se era dia de chamada, a gente chegava lá e não sabia a ordem em que saía. Era: "Número não sei quantos!" Os meus números no liceu, no liceu só. Porque nos outros lados não tive número... eram sempre 43, 40 e 38... as turmas eram enormes, chegavam a ter 44, 45 alunos... geralmente eu era sempre a última, por causa do "T".
– Houve alguma matéria, já me disse que a disciplina desde a 1.º foi sempre o Português, não é? Uma matéria que tenha dado, um livro que tenha lido, alguma coisa que a Teresa se lembre em especial?
– Vou sempre para o Português, para o Gil Vicente, Camões... os dois que gostei mais... Pessoa! O Pessoa... que me estava a esquecer dele. De resto não. Lopes Vieira na 1.ª classe, António Lopes Vieira naquelas coisinhas da 1.ª e 2.ª classe, aqueles versinhos, muitos, que eram do António Lopes Vieira... o Augusto Gil também tinha a balada da neve. Recordo assim alguns. Lembro-me daquela que vinha no livro da 4.ª classe que era, não sei se era do Lopes Vieira se de quem era: "Olhem, lá vem o Gonçalo. A caminho da escola, além. Vamos de pressa apanhá-lo. Vamos com ele, também./ Tem sido meu companheiro. Da primeira à quarta classe. Pontual como primeiro. Nunca vi que ele faltasse./ É bondoso e aplicado. Cortês e respeitador. Por isso é tão estimado. Pelo nosso professor./ Não é tolo, nem se gaba. De saber sempre as lições. Conforme começa acaba.

Modesto, sem pretensões./ Lá vai, nunca se demora. No caminho a conversar. Chega sempre antes da hora. É aluno exemplar./ Meninos, vamos ver. Se podemos imitá-lo. Se podemos proceder. Em tudo como o Gonçalo" (risos)... pronto.
– Que giro.
– Havia outra que eu também gostava... gostava daquela história do livro da 2.ª classe que era a Emília que tinha duas bonecas, tinha uma boneca e uma gatinha. Mas essa já não sei. Sei contar, mas já não sei encarreirar...
– Está bem, mas diga lá.
– A menina tinha uma boneca e uma gatinha e a professora perguntou: "Gostas mais da gatinha ou gostas mais da boneca?" e ela respondeu: "Gosto mais da gatinha, mas não diga nada à boneca." Era assim... lembro-me perfeitamente. (...)
– Eu já perguntei à Teresa se achava que tinha sido boa aluna, e disse-me que achava que tinha sido mediana...
– Mediana... mais para o má! (risos)
– A Teresa trabalhou sempre em funções pública, não é? E sempre em Lisboa, basicamente, foi isso? Nunca teve outras experiências de ter ido para outros sítios, de ter mudado?
– Não, não, não. Sempre, sempre em Lisboa.
– Com que idade exata é que a Teresa começou a trabalhar, lembra-se?
– Vinte e um. Comecei em Abril tinha vinte e um. Tinha feito em Janeiro vinte e um.
– E a Teresa, então, sente que o facto de ter estudado até onde estudou foi uma coisa que foi imprescindível para a Teresa ter o seu trabalho?
– Sim, sim, sim. Se não não tinha tido. Esse trabalho na altura não conseguia. Podia ter esse trabalho, mas não o mesmo serviço, pronto. Pertencia ao mesmo sistema, mas não tinha o mesmo serviço. Naquela altura... agora já, já entram.
– E a sua família sempre viu isso com bons olhos?
– Sim, sim, sim. Sempre, sempre.
– E de alguma forma, naquilo que era a sua família, os seus pais faziam gosto que as filhas estudassem e no fundo sente que houve algum tipo de discriminação entre si e as suas irmãs? Ou que os seus pais de alguma forma queriam que vocês todas tivessem estudado?
– Eu penso que sim. A minha irmã mais velha talvez não quisesse e a mais nova ainda andou, ainda.
– Naquela fotografia em que estão duas...
– Sim, é a mais velha.
– É a mais velha. Essa sua irmã mais velha é aqui dos Vales?
– É, vive. (...)
– A Teresa não se lembra dos métodos que a professora usava para ensinar? Se havia uma coisa especifica que ela fizesse, a sua professora, para ensinar... as contas, a ler... a sequência, se ela começava com umas matérias durante o dia e depois ia para as outras... ?
– Não, não, não. Nada, nada, nada.
– Esta parte não é tanto para a Teresa... mas não conhece aí ninguém, na terra ou arredores, de gente aqui desta localidade, que tenha aprendido a ler e a escrever mas que nunca tivesse ido à escola? Não conhece casos desses? Não teve ninguém assim desses na família? Pessoas que aprenderam quase como autodidatas ou tiveram alguém que lhes deu apontamentos... ?
– Eu tenho impressão que tive uma tia que morava até aqui nesta casa. Ela não andou na escola, eu nem sei se ela sabia ler e escrever, se aprendeu depois ou como aprendeu, mas tenho a ideia que sim, que ela sabia, pelo menos assinar ela sabia. E sim, essa sabia e nunca andou na escola.
– Em todo o caso são sempre pessoas que já não são vivas, não é?

– Pois não.
– E a Teresa lembra-se disso com que idade?
– Tenho uma vaga ideia...
– Nunca se lembra de pensar alguma coisa sobre a escola como criança? De ter uma expectativa: "Eu vou estudar, porque quero ter uma vida melhor ou gostava de ter uma vida melhor e é isso que a minha mãe diz... ", mas era a Teresa que sentia, ou "Isto não serve para nada... "
– Sentia, sentia um bocadinho... eu própria a querer sair daqui. Sentia assim um sensaçãozinha de querer subir... voar!
– E quando era pequenina e andava aqui na escola o que é que a Teresa se imaginava a fazer, a ser, aquela coisa "O que é que queres ser quando fores grande?"
– Professora! (risos)
– Era professora. Mas porque é que acha que era professora?
– Não sei, porque se calhar o padre e a professora eram as pessoas mais importantes, não é? Se calhar, não sei.
– A Teresa... embora, se calhar não tem grande termo de comparação... mas não tem assim perceção nenhuma, nas várias gerações que também foi acompanhando, de crianças sucessivas, de familiares, de pessoas conhecidas, o que é que nota nas conversas ou naquilo que a Teresa lê... o que as pessoas dizem das diferenças que foram nas gerações das escolas, o que é que aconteceu? As maiores diferenças que se notam nas mudanças na educação e na escola com as gerações sucessivas que a Teresa já viu passar? Não há assim nada que alguma vez tenha ouvido, ou tenha pensado: "Isto agora é mesmo diferente do meu tempo ou é aqui uma grande diferença que aconteceu?"
– É tudo diferente. É tudo completamente diferente.
– Sim. (...) A Teresa assim estando de fora, e vendo...
– Eu lembro-me quando estava lá dentro, dizia-se: "Isto agora é quase de cinco em cinco anos a gente muda, anda aqui tudo de um lado para o outro! Tão depressa somos uma coisa como somos outra"...
– Portanto, a Teresa estava na educação, mas embora... não estava na escola propriamente dita... estava na parte de trás..
– Exato. E também não estava muito nessa parte de programas. Era mais contabilidade de apoio.
– Claro. Mas a sua carreira de alguma maneira estava ligada à educação em geral, por mais que não fosse uma coisa curricular, houve ali alguma transição qualquer que a Teresa tenha sentido: "Isto agora é outra coisa... notou-se aqui uma mudança"?
– Não. Na escola eu dizia sempre, já não sei em que altura foi, que eu dizia, foi quando começou a haver o 10.º e que mudaram também programas... e lembro-me de eu dizer, e muita gente dizer, que a 4.ª classe antiga valia mais que o 2.º ano e que o 5.º ano valia mais que o 7.º. Portanto, comparando os anos.
– Foi mais ou menos ali em que altura? 70's, 80's, 90's?
– 90's talvez, sim 90's, 90's e tais.
– Isso no fundo é aquela situação do ensino secundário ficar obrigatório, não é?
– Talvez... mas era mais referente às disciplinas e às matérias. Eu no 5.º ano, nós éramos obrigados a saber muita coisa. Nós tínhamos de saber ali o Camões completamente, tudo. O lírico, o épico, sei lá, tudo.
– A Teresa também sente que essa mudança foi muito ao nível dos conteúdos que eram ensinados, não é?
– Exatamente. E que no meu tempo obrigavam-nos a saber muito mais, assim como também tenho a noção, por exemplo, em relação ao primário que a nós nos ensinavam e

nos faziam decorar coisas que não têm interesse nenhum! Na 1.ª classe... rios e serras de Portugal nós sabíamos de norte a sul. Realmente não tem muito interesse.

– Isso foi importante na sua vida? Assim quando olha para trás: "Eu decorei aquilo"...

– Às vezes servia para orientação, saber olha é lá em cima... para orientação, mas pouco.

– Mas acha que o facto de ter decorado essas coisas lhe deu outras competências assim em termos mentais?

– Não, não me deu, não.

– Mas ainda se consegue lembrar de um poeminha da 3.ª classe... e quanto mais velhas são as pessoas, mais facilmente elas têm essas coisas decoradas. Uma senhora ali da Roda, estive no outro dia uma manhã inteira com ela só a dizer-me esse adágios e essas... porquê? Porque realmente... há ali um mecanismo qualquer nessa coisa do decorar, seja lá o que for, que fez com que essa competência tenha ficado para uma vida inteira, e de facto aqueles conteúdos que foram decorados, em muitos casos, como foram aqueles que foram decorados, e foram mesmo decorados à séria... a pessoa nunca mais se esqueceu. Sobretudo quando ela depois também ficou... no caso da Teresa não, ou casos como a Teresa que, no fundo, foram acumulando mais escolaridade... mas quem ficou na 4.ª classe, ficou ali, ficou para a vida com aquela memorização... porquê? Porque também há ali uma coisa que dá elasticidade ao cérebro, mas também a limita...

– Tanto que eu já não sei a metade das serras, já não sei afluentes... e esses nomes dos rios, que nós sabíamos todos. Sei o que passam aqui perto, o Ocreza, o Zêzere, e pronto! O resto passou. O rio Minho, sei lá agora quais são os afluentes do rio Minho! (risos) Na altura sabia. (...)

– Aqui dos Vales a Teresa não conhece nenhuma pessoa que tenha tido um percurso escolar, e de vida escolar, incomum?

– Não.

– Sente que também as histórias das pessoas com a escola são mais ou menos semelhantes?

– Sim, mais ou menos. Mais ou menos semelhantes. Há aqueles que foram para a frente, há aí muitos da minha idade que tiraram cursos superiores.

– Do seu tempo de escola, dos seus colegas que eram aqui das turmas da escola primária, quantos deles ficaram pela 4.ª classe? Não tem essa ideia?

– Ai isso não tenho. Éramos muitos, não tenho essa ideia.

– E a Teresa manteve, ao longo da sua vida houve alguns que foram ficando e que foi mantendo relação, contacto, de saber das vidas, o que é que foi a evolução da vida de cada um?

– Mais ou menos. Daqui da aldeia, eu vinha cá muitas vezes, sabemos a evolução da vida deles.

– Não houve assim ninguém que tenha ficado mais próximo de si? Com quem tenha uma relação mais chegada?

– Na juventude sim havia, mas depois quando eu comecei a trabalhar as minhas amizades ficaram lá mais para Lisboa. (...) Aqui era a Idalina. Já morreu. Era a Idalina a especial, mas depois tinha a Darlinda e a Rosarita, éramos as três aquele grupinho. Aos domingos juntávamo-nos quase sempre. Nós éramos certas sempre a brincar as três.

– E dessas três como é que foi o percurso de vida delas em termos de escola, não sabe?

– Em termos de escola... ai, era a Edite também... a Edite seguiu, esteve comigo em Mação e depois acho que acabou aqui em Proença-a-Nova. A Rosarita fez só a 4.ª classe. E a Idalina, a Idalina foi para Lisboa e foi para o ensino técnico, na altura era o ensino técnico.

– Sente que na sua geração havia muito aquela coisa nas mulheres, não é, do tipo ou casas ou estudas? De conciliar as duas coisas? Sentiu assim algum tipo de pressão nesse aspeto? Seria mais fácil, olhando assim para trás, para alguém que quisesse estudar casar ou não casar? Essa coisa do casamento sentiu que era uma coisa impeditiva de alguma maneira?
– O casamento... como é que eu vou dizer? O casamento para mim foi uma coisa, eu achei que aqui na aldeia e nas outras também, os casamentos eram muito feitos e eram muito de interesse. Eu era nova e já sentia isso. E logo aí... eu fui sempre um bocado adversa... pronto. Portanto, eu nunca... fui nova para me casar, namorei, mas não com aquela coisa das pessoas: "Tem de ser, porque se não for, depois... é o primeiro que vier." Não! Se gostar gosto, se não gostar não gosto. Enquanto gosto, namoro, e quando não gostar ou tu ou eu vamos à vida. Pronto, foi mais assim. A minha irmã... a minha mãe comprou duas malas grandes que era para o enxoval, e eu quando vi a mala... tinha aí uns dezanove ou vinte anos ou mais: "Para que é que eu quero isto?!" e a minha mãe ficou triste. Estava uma prima minha cá comigo: "Oh tia não ligue, já sabe como ela é. Olhe quando ela vier com as neuras enfie-a lá dentro!" (risos). Não sou daquelas pessoas que o casamento fosse importante, nunca foi. Eu namorava, claro, como toda a gente, eu divertia-me. Agora tem de ser casamento? Não.
– Eu percebo o que está a dizer, mas ao mesmo tempo sentia que, até em relação a colegas suas: "Olha a tantas podia ter estudado, mas como casou acabou por não ir", se havia muito esse tipo de situação?
– Acho que sim. Não sei, casaram novinhas. Há cá pessoas que casaram muito novinhas e podiam ter continuado e não continuaram.
– Mas de alguma forma, não estamos a falar de ninguém em particular, estou eu a falar assim, em geral. Situações em que de facto se percebia claramente que, aqui a norma era: se à partida a mulher se dedica ao casamento não tem tempo, não tem espaço, para se dedicar ao estudo, não é?
– Sim, sim, sim.
– E que, em muitos casos, a rapariga até podia ter tido ambições de estudar, mas como casou depois acabou por ficar assim, não foi?
– Exato. Há casos. Há dois casos.

– **ANEXO –**

GUIÃO ENTREVISTAS ORAIS MRIR

Protocolo da entrevista

Esta entrevista insere-se no **projecto de investigação: "Memórias Resgatadas: Percursos de Escolarização, Identidades e Dinâmicas Educativas Locais" – MRIR**, coordenado pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, e destina-se a produzir um arquivo de memórias sobre a relação das populações do Pinhal Interior Sul com a escola e a cultura escolar. Interessa-nos recolher testemunhos e histórias de vida que ilustrem percursos de educação, formação e de exercício da profissão docente que se tenham desenrolado nesta zona geográfica, tendo em conta que cada indivíduo poderá situar-se numa das seguintes categorias:

– Professores do ensino primário e secundário;
– Indivíduos que tenham completado a instrução básica e/ou secundária;
– Indivíduos que tenham frequentado a escola sem concluírem a escolaridade básica;
– Indivíduos que não tendo frequentado a escola, adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal.

NOTA: No caso de não se identificar com nenhuma das opções acima referidas, indique-nos a sua situação específica e procure responder de acordo com a sua trajectória particular. Sempre que necessário solicite esclarecimentos junto dos investigadores do projecto.
No caso de a sua profissão estar relacionada com a Educação (professor do ensino primário ou secundário/superior) indique os locais onde exerceu as suas actividades (datas, locais, níveis de ensino). Será contactado em data posterior à resposta ao presente guião.
Solicitamos àquelas **pessoas que optarem responder a esta entrevista em formato de papel (resposta manuscrita)** que, no caso de necessitem de utilizar mais espaço para redigir as suas respostas do que aquele que vos é facultado neste documento, anexem, para o devido efeito, o número de folhas de papel que entendam, desde que devidamente identificadas e numeradas segundo a ordem das perguntas a que essas mesmas respostas correspondem.

1. Identificação do entrevistado

Nome (poderá ser utilizado pseudónimo/nome fictício):
Naturalidade:
Nacionalidade:
Género (assinale com **X** a sua opção): Masculino / Feminino
Data de nascimento (dia/mês/ano):
Estado Civil
Contactos (estes contactos são confidenciais): Telefone / E-mail / Telemóvel
Residência actual (indique a sua morada):
Habilitações literárias / nível de escolaridade (assinale com **X** a sua opção):
Frequentou a escola? Sim / Não **Se frequentou a escola** indique o n.º de anos de escolaridade, locais e datas:

Indique qual das opções corresponde ao seu caso (assinale com **X** a sua opção):

Opção a) Professores do ensino primário e secundário

Opção b) Indivíduos que tenham completado a instrução básica e/ou secundária

Opção c) Indivíduos que tenham frequentado a escola sem concluírem a escolaridade básica

Opção d) Indivíduos que não tendo frequentado a escola, adquiriram competências de literacia por meios alternativos à escolarização formal

2. Agregado familiar

Habilitações literárias dos pais: Nível de escolaridade do pai / Nível de escolaridade da mãe
N.º de irmãos (idades, género e nível de escolaridade):
N.º de filhos (idades, género e nível de escolaridade):

3. Percurso escolar

a) "O 1.º dia de escola"

– Lembra-se do primeiro dia em que foi à escola? Pode relatar esse acontecimento? Recorda-se da idade que tinha? (sempre que possível indique locais e datas aproximadas)
– Lembra-se da roupa que usou nesse dia? O que levou consigo para a escola?
– Qual era o nome da escola, localidade (aldeia, vila, etc.)?
– Como era o edifício da escola? (características físicas, equipamentos, condições de trabalho na escola, paisagem)
– Lembra-se dos seus companheiros de escola? Quantos alunos tinha a sua escola? Que amigos de escola recorda?
– Houve algum episódio particular que recorda neste primeiro dia de contacto com a escola?

b) O professor primário

– Lembra-se do seu professor/professora? (Nome; Que tipo de professor(a)? (Ex: diplomado; regente, laico, religioso, etc.)
– O que recorda da sua relação com o(a) professor(a) primário? Foi sempre o mesmo professor(a), ou foram vários? Acha que era um bom, ou mau, professor(a) e porquê?
– O professor aplicava castigos? Que tipo de castigos? E incentivos, prémios, recompensas pelo desempenho dos alunos?
– Considera que o seu professor(a) teve influência na sua vida futura? De que modo?
– Como descreveria o relacionamento dos alunos com o professor/professora? Qual era a imagem do professor(a), em geral, para os alunos? O que pensava a sua família sobre o(a) professor(a)?
– Houve algum professor(a) que o tenha marcado particularmente ao longo do seu processo de escolarização? Porquê?
– Houve algum professor(a) (ou outra pessoa) que o tenha incentivado a prosseguir os estudos? Ou houve alguma circunstância que o tenha impedido, ou desmotivado, a prosseguir os estudos?

c) Quotidiano escolar

Como era o quotidiano (as rotinas) na Escola? Sempre que possível, forneça o maior número de informações detalhadas a respeito dos seguintes elementos:

– Distância de casa à escola (trajecto, transportes, localidades e km percorridos)
– Horário escolar (entrada e saída da escola)
– Alimentação (o que era o pequeno almoço, o almoço, a merenda?)
– Entrada na sala de aula (hábitos diários e regras)
– Aspecto físico da sala de aula (quadros, carteiras, mapas, janelas, portas, etc.)
– Materiais didácticos utilizados no ensino (lousas, cadernos, lápis, livros, manuais, etc.)
– Intervalos e/ou recreios (tempo de recreio e brincadeiras ou jogos mais frequentes)
– Instalações da escola (edifício, zonas envolventes, sanitários, refeitórios, recreio, sala de aula)

Tem na sua posse objectos e/ou materiais do seu tempo de escola que possa disponibilizar? (assinale a sua opção com **X**): Sim / Não
– Se respondeu "sim", indique os materiais que possui (assinale com **X**)? Desenhos / Cadernos / Livros / Mapas / Provas de exame / Redacções / Ditados / Sebentas / Certificados / Prémios / Réguas / Palmatórias / Outros (quais?)
– Tem conhecimento de alguém que tenha guardado, ou que seja proprietário, de algum tipo de materiais escolares? (assinale com **X**): Sim / Não
– Se respondeu "sim", indique quem:
– Tem na sua posse, ou tem acesso, a algumas fotografias que possa disponibilizar? (assinale com **X**): Sim / Não
– Se respondeu "sim", indique quais os tipos de fotografias que possui (assinale com **X**): Imagens de edifícios / Imagens de equipamentos e artefactos (carteiras, quadros, materiais didácticos, mapas, réguas, etc.) / Imagens de salas de aula, retratos de professores e alunos, de brincadeiras no recreio, jogos, festas, romarias, campeonatos, encenações teatrais, etc. / Imagens de artefactos usados no recreio e na sala de aula (réguas, palmatórias, etc.) / Filmes, vídeos.

d) Processo de escolarização

– Durante quantos anos frequentou a escola? Repetiu algum ano? (Motivos).
– Como era a relação dos alunos entre si? Os rapazes e as raparigas brincavam juntos? As aulas eram separadas ou juntas? Número de rapazes e raparigas na sua escola?
– Lembra-se se havia diferenças sociais, ou económicas, entre os colegas da sua classe? E na escola em geral?
– Havia alguma tipo de apoio social na escola que frequentou? (Ex: alimentação, vestuário, aquecimento). Descreva esse apoio e quem o fornecia.
– Como eram vividas, na sua escola, as épocas festivas (Natal, Carnaval, Páscoa)? Qual a relação entre essas celebrações e as tradições culturais da comunidade local (Ex: actividades agrícolas, festividades religiosas, costumes e rituais populares)?
– Lembra-se se existia algum tipo de actividade na escola durante os períodos de férias escolares? Se sim, exemplifique.
– Recorda algum episódio que o tenha marcado durante o seu percurso na escola primária?
– Qual era a importância da escola primária para a sua aldeia (vila)?
– Se tivesse tido oportunidade de estudar mais, o que gostaria de ter seguido? Por que razão isso não se concretizou?

e) Currículo escolar

– Como decorriam os rituais escolares? (as idas ao quadro, as provas escritas, os ditados, os exames...)
– Qual era a sua disciplina preferida? E aquela de que menos gostava?
– Lembra-se de alguma matéria, ou de algum episódio que o tenha marcado?

– Recorda-se dos métodos de ensino utilizados? (na aprendizagem da escrita e na leitura, na matemática)
– Lembra-se de algum livro em particular? Houve alguma história, lenda, personagem de que nunca se tenha esquecido?
– Considera que foi bom aluno(a)?

4. Percurso profissional

Qual é a sua situação actual (assinale com **X**): Activo / Reformado /Aposentado / Desempregado / Outra (qual?)
– Qual é, ou foi, a sua área de actividade principal? (agrícola, comercial, industrial, nos serviços, doméstica). Indique as instituições em que exerceu essas actividades, se aplicável.
– Modalidade de trabalho (trabalhador por conta própria, trabalhador por conta de outrem). Indique cargos ou funções exercidas.
– Em que local, ou locais, a exerceu? Indique o contexto profissional (em meio rural, em meio urbano), as zonas geográficas (no país, nas ex-colónias portuguesas em África, no estrangeiro)
– Com que idade começou a trabalhar? Como surgiu esse trabalho?
– A educação escolar teve alguma influência na escolha da sua carreira profissional?

5. Processos de formação experiencial (percursos de aprendizagem ao longo da vida)

– Caso **não tenha frequentado a escola**, explique com quem é que aprendeu a ler e a escrever. (Ex: através de um familiar, professor particular, vizinho, amigo, padre, aprendeu por si próprio, etc.)
– Como é que aprendeu a ler, a escrever e a contar? (sistema de aprendizagem, método)
– Quais os materiais que eram usados na aprendizagem da leitura e da escrita? (livros, jornais, catecismos). Outros materiais? (indique quais)
– Como decorreu a sua formação ao longo da vida? (a aquisição de saberes e competências efectuados fora da escola)
– Que importância teve a família, a sociedade (a comunidade) e/ou a profissão para a aquisição desses saberes e competências? Há algum momento ou episódio que queira destacar?
– Quem foram os indivíduos (ou as instituições) que tiveram mais importância na aquisição desses saberes?
– Comparando com as pessoas que foram à escola, como considera a sua trajectória de formação fora da "educação formal" (instrução e educação adquirida exclusivamente através da escola)?
– O que foi para si a "escola da vida"? Olhando para trás que momentos considera mais importantes na sua aprendizagem até à idade adulta?
– Quais as principais diferenças entre o seu percurso de aprendizagem (informal) e o das pessoas da sua geração que frequentaram a escola?

6. Memórias sobre a Escola, Instrução e Educação

– Lembra-se da opinião que a sua família tinha sobre a escola? Era importante que fosse à escola? Que tivesse bom aproveitamento?

– Quais os elementos do agregado familiar que frequentaram a escola? Quem foi à escola, e quem ficou em casa? (pais, irmãos, tios, primos)
– As pessoas do agregado familiar que **não** foram à escola aprenderam a ler, a escrever e a contar? Como? Através de que meios?
– Quais as expectativas que tinha da escola (enquanto criança)? O que representava para si, ir à escola?
– Que "futuro" imaginava para si? (O que queria ser quando fosse "grande"?)
– Quais são as maiores diferenças que aponta entre a "escola" do seu tempo e a "escola" dos seus filhos/netos?
– Se tivesse que assinalar um ponto de viragem na transformação do modelo escolar, qual seria esse momento? Esclareça a sua resposta. Ex: alterações nos métodos de ensino, na organização das instituições educativas, nos materiais didácticos, no currículo, na relação entre alunos e professores, no envolvimento das famílias na escola, etc.)

Agradecemos desde já a sua resposta e participação no Projecto MRIR.
Bem-hajam!
A equipa MRIR

COLIBRI – ARTES GRÁFICAS

Rua Major João Luís de Moura, Famões Park
– ARMAZEM **AB** – 1685 - 650 Famões
TELEFONE | (+351) **21 931 74 99**
www.edi-colibri.pt | colibri@edi-colibri.pt

Ao longo de quatro anos (Out.2018 - Set.2022), o projecto de investigação *Memórias Resgatadas, Identidades (Re)construídas: Experiências de escolarização, património e dinâmicas educativas locais* (MRIR) constituiu um Banco de Memórias sobre a educação e o ensino no Pinhal Interior Sul (Proença-a-Nova, Vila de Rei, Mação, Sertã e Oleiros), e produziu uma história sobre a escola e o património escolar daquela região. Desde o início, o Projecto MRIR teve como objectivo pensar a história da educação a partir de memórias e experiências de escolarização dos próprios indivíduos e comunidades locais. Este objectivo geral – designado por *Eixo Memória* – desencadeou um processo de resgate da memória através de auto-biografias e histórias de vida, no sentido de estudar as relações pessoais e comunitárias com a cultura escolar. Por via da história oral e, designadamente, por intermédio de entrevistas orais (semi-estruturadas) tratou-se de produzir uma memória sobre a escola em meio rural que pudesse contemplar a voz dos próprios indivíduos na produção de conhecimento histórico acerca de percursos educacionais até agora desconhecidos, ou simplesmente esquecidos, pela historiografia educacional.

Sob o título *Histórias com Vida & Vidas com História*, o presente e-book disponibiliza uma parcela restrita de testemunhos orais e materiais empíricos colhidos no território do PIS entre Agosto de 2019 e Fevereiro de 2020. Esta colheita permitiu a criação de um Banco de Memórias documentando biografias escolares e processos de alfabetização (formais ou informais), integrando também um conjunto de materiais iconográficos concedidos ao Projecto MRIR por um total de 83 indivíduos entrevistados na região do PIS. Com base nestes relatos autobiográficos será doravante possível trabalhar sobre objectos específicos ou aprofundar problemas de pesquisa até aqui pouco explorados, o que nos parece constituir um legado relevante para a comunidade científica.

Todo o volume de trabalho realizado pelo Projecto MRIR, e toda a riqueza de materiais empíricos (testemunhos orais, registos audiovisuais, iconografia, etc.) recolhidos ao longo de quatro anos – entremeados por dois anos de pandemia – jamais poderá ser comprimido num único livro. Também por esse motivo, assumimos a incompletude destas *Histórias com Vida & Vidas com História*, esperando com este e-book homenagear tanto 'os vivos' quanto 'os mortos' em reconhecimento e memória dos quais, de resto, dedicamos todo este trabalho – o que foi feito e o que fica por fazer.

Nada teria sido possível sem a inestimável entrega e dedicação por parte de toda uma massa humana, absolutamente espantosa, que encontrámos em cada canto e recanto do PIS. Agradecemos, por isso, a todas as pessoas que connosco co-laboraram, bem como a todas as instituições autárquicas, culturais e educacionais que sempre nos acolheram com o maior dos entusiasmos.

Sediado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL), sob coordenação de Ana Isabel Madeira (Investigadora Responsável) e de Justino Magalhães (Co-Investigador Responsável), e tendo como investigadora contratada Helena Cabeleira, o Projecto MRIR (PTDC/CED-EDG/29091/2017) foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., e cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) e pelo Programa Operacional Regional de Lisboa (PORL 2020).